

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS

Ana Isabel Arvelos Turíbio

Dissertação de Doutoramento em Línguas, Literaturas e
Culturas. Literatura Portuguesa Moderna
(JUNHO, 2010)

Ana Isabel Arvelos Turíbio
O caminho fica longe: matriz genética
do processo de construção romanesca
em Vergílio Ferreira
2010



À memória de Vergílio Ferreira

AGRADECIMENTOS

Início com o agradecimento aos que ao longo destes últimos anos me apoiaram na realização deste trabalho:

- aos meus orientadores Professor Helder Godinho e Professor Ivo Castro, pelo seu saber, confiança e amizade;
- a Regina Kasprzykowski e Virgílio Kasprzykowski;
- à Biblioteca Nacional Portuguesa;
- à Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira;
- à Dr^a Isabel Costa Marques, herdeira de Francisco Costa Marques, pela generosidade demonstrada na doação do manuscrito de *O caminho fica longe* à BNP;
- ao CEIL, pela aprendizagem e aprofundamento teórico resultante do debate científico;
- aos amigos Ana, Carina, Catarina, Sónia, Rita, Fátima, José e Humberto pelo apoio de retaguarda;
- às amigas Isabel Cadete Novais, pelo saber, espírito crítico, estímulo e amizade de sempre e Cátia Barroso pelo interesse e amizade;
- à minha família cujo apoio e incentivo incondicionais foram indispensáveis à concretização deste projecto.

***O caminho fica longe: matriz genética do processo de construção romanesca
em Vergílio Ferreira***

Ana Isabel Arvelos Turíbio

PALAVRAS-CHAVE: Vergílio Ferreira, edição crítico-genética, génese, romance, *O caminho fica longe*

RESUMO

A edição crítico-genética de *O caminho fica longe* de Vergílio Ferreira permite o acesso ao texto do primeiro romance apreendido pela censura e fora de circulação, e, ao mesmo tempo, à construção do próprio texto. O estudo do *dossier* genético determina o tempo de escrita do romance entre 1939 e 1943, reposicionando-o no contexto literário da época. O estudo do processo genético do primeiro romance, alargado a outros materiais do espólio, é um contributo para a elaboração da matriz genética do romance vergiliano.

KEYWORDS: Vergílio Ferreira, critical-genetic edition, novel, *O caminho fica longe*

ABSTRACT

The critical-genetic edition of *O caminho fica longe* allows the access to the text of the first novel seized by political censors and out of trading and, at the same time, the construction of the text itself. The genetic study of each situation appoints the time of writing the novel between 1939 and 1943 and places it in the literary context of that time. The study of the genetic process of the first novel, extended to different materials, is a contribution to the developing of the genetic scheme of the Vergílio's novels.

ÍNDICE

Introdução	19
------------------	----

Parte I: Edição crítico-genética de *O caminho fica longe*

1. Constituição do <i>dossier</i> genético	27
2. Definição dos critérios de edição	27
3. Edição	44

Parte II: Tessitura do manuscrito (testemunho A)

1. Materialidade do manuscrito	467
1.1 Cores da escrita	468
1.2 Articulação entre fólhos de versão primitiva e posteriores	469
2. Tipo e natureza da emenda	491
3. Caracterização das indicações de trabalho	548
4. Grandes transformações linguísticas	558

Parte III : Do manuscrito ao livro

1. Do texto privado ao texto publicado	597
2. Textos omissos no manuscrito	604
3. Últimas transformações linguísticas	615

Parte IV- Contributo para a elaboração da matriz genética do romance vergiliano

1. Relação do escritor com a sua escrita	623
2. Do <i>dossier</i> genético de <i>O caminho fica longe</i> ao de outros romances	636
3. Socialização da escrita	668
Epílogo	679
Bibliografia	681
Índice	707
Apêndice A: Levantamento dos cortes da Censura no testemunho A	711

LISTA DE ABREVIATURAS

<i>A</i>	<i>Aparição</i>	<i>Fig.</i>	figura
<i>AB</i>	<i>Alegria Breve</i>	<i>Fol(s).</i>	fólio(s)
<i>AF</i>	<i>Até ao Fim</i>	<i>fot.</i>	fotografia
<i>AN</i>	<i>Apelo da Noite</i>	<i>fragm.</i>	Fragmento(s)
<i>AT</i>	<i>Arte e Tempo</i>	<i>IMC</i>	<i>Invocação ao Meu Corpo</i>
<i>aut.</i>	autógrafo	<i>Il.</i>	<i>Ilustrado(a)</i>
<i>cap.</i>	capítulo	<i>Liv.</i>	Livraria
<i>CC 1, 2,3,4,5</i>	<i>Conta-corrente 1, 2, 3, 4, 5</i>	<i>M</i>	<i>Mudança</i>
<i>CC-ns I, II, III, IV</i>	<i>Conta-corrente nova série I,II, III, IV</i>	<i>MS</i>	<i>Manhã Submersa</i>
<i>CF</i>	<i>Cântico Final</i>	<i>ms.</i>	manuscrito(s)
<i>CFut</i>	<i>Carta ao Futuro</i>	<i>NTF</i>	<i>Na Tua Face</i>
<i>Cp</i>	<i>Capítulo</i>	<i>NN</i>	<i>Nítido Nulo</i>
<i>CS</i>	<i>Cartas a Sandra</i>	<i>OCFL</i>	<i>O Caminho Fica Longe</i>
<i>ACV</i>	<i>A Curva de uma Vida</i>	<i>OTFM</i>	<i>Onde Tudo Foi Morrendo</i>
<i>cf.</i>	conferir	<i>p(p).</i>	página(s)
<i>dact.</i>	<i>dactiloscrito</i>	<i>P</i>	<i>Pensar</i>
<i>DMO</i>	<i>Do Mundo Original</i>	<i>PS</i>	<i>Para Sempre</i>
<i>doc.</i>	documento	<i>Pr</i>	<i>Promessa</i>
<i>E</i>	<i>Escrever</i>	<i>r.</i>	rosto
<i>Ed.</i>	Edição; Editora	<i>RS</i>	<i>Rápida, a Sombra</i>
<i>EI 1, 2, 3, 4, 5</i>	<i>Espaço do Invisível 1, 2, 3, 4, 5</i>	<i>SS</i>	<i>Signo Sinal</i>
<i>ENT</i>	<i>Em Nome da Terra</i>	<i>Test.</i>	testemunho
<i>EP</i>	<i>Estrela Polar</i>	<i>UEA</i>	<i>Um Escritor Apresenta-se</i>
<i>Esp. E31</i>	<i>Espólio de Vergílio Ferreira</i>	<i>v.</i>	ver; verso
		<i>VJ</i>	<i>Vagão J</i>
		<i>v. tb.</i>	ver também
		<i>Vol.</i>	volume

contre tout rêve de totalité, contre toute quête de l'origine, il demeure que la transmission la plus complète n'est que la partie visible d'un processus cognitif mille fois plus complexe et que l'origine comme telle, la naissance du projet mental, est innatteinable.

Almuth Grésillon

Escrever é, pois, fundamentalmente, tentar esclarecer e fixar uma inquietação.

Vergílio Ferreira

Introdução

Introdução

No período compreendido entre Setembro de 1998 e Abril de 2005, integrada no ACPC, organizei, classifiquei, descrevi e cotei o espólio de Vergílio Ferreira, a que foi atribuída a cota BNP Esp. E31. Na dissertação de mestrado, mostrei como a generosidade de Regina Kasprzykowski, viúva do escritor, tendo consciência do valor do espólio de Vergílio Ferreira como património cultural, ao doá-lo à Biblioteca Nacional de Portugal, tornou a oficina do escritor acessível à comunidade científica.

Na abertura do catálogo da exposição *As mãos da escrita*, Luiz Fagundes Duarte descreve três atitudes face ao manuscrito:

Olhar para os manuscritos autógrafos poderá facilmente conduzir ao perigo de se cair no *voyeurismo* (se o olhar do sujeito não ultrapassar a simples contemplação indiscreta de gestos que são, por definição, íntimos e privados) ou até mesmo na área da magia (entendendo-se o manuscrito como uma «imagem» ou uma «parte» visível de uma entidade desaparecida, que é o autor); mas poderá ser também um gesto motivado por razões científicas, e enquadrado por modelos epistemológicos que possibilitem um conhecimento do autor *in actu et in itinere*, e na medida em que a sua acção se torna observável no plano dos conhecimentos naturais (por exemplo, a explicitação de uma gramática estilística, baseada na observação e na análise dos materiais estilísticos e narrativos sucessivamente eliminados, acrescentados, transformados ou substituídos ao longo do processo genético da obra).¹

Se discrição e respeito pela intimidade de Vergílio Ferreira permanecem como base deste trabalho e o segundo olhar, o que projecta no manuscrito o prolongamento da presença do Homem/Escritor, muitas vezes evocando o homem, outras o escritor, inicialmente prevaleceu, o último olhar, mais distanciado, foi-se impondo e exigindo o aprofundamento científico e o enquadramento teórico inerentes à tarefa da edição crítico-genética.

Durante o tempo que medeia a realização dos dois trabalhos, a dissertação de mestrado e a presente tese, tive oportunidade de participar em encontros nas duas áreas de estudo, a crítica textual e os estudos vergilianos, nomeadamente, no Porto com o Professor Helder Godinho com a comunicação “O Espólio de Vergílio Ferreira:

¹ *As mãos da Escrita: 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea Biblioteca Nacional de Portugal*; (org. Luiz Fagundes Duarte, António Braz de Oliveira), Lisboa, BNP, 2007, pp. 19-20.

algumas questões relativas à sua edição”, nos Ciclos Vergilianos em Gouveia com “Estudo da génese do espaço na ficção de Vergílio Ferreira”, e, em Berkeley, com duas comunicações sobre “Vergílio Ferreira: o escritor e o seu tempo”. Tive também a oportunidade de participar no Encontro de Arquivística literária (1999), e em algumas exposições organizadas pela Biblioteca Nacional, em particular, *As Mãos da escrita*. De igual modo, destaco as conferências de Almuth Grésillon e Philippe Willemart, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Inventariar o espólio de Vergílio Ferreira facultou a relação entre os documentos do *dossier* genético do romance em estudo e os materiais dispersos em outras categorias do acervo: manuscritos do autor, correspondência da época da feitura do romance e posterior e documentos biográficos. Essa experiência estabeleceu laços que enriquecem e, por ventura, abrem novas perspectivas de estudo, e mesmo a ausência de peças é reveladora de outros caminhos, outros destinos, que os papéis tiveram. Foi o que sucedeu ao manuscrito do romance em estudo, recentemente oferecido à BNP.

A inventariação do acervo teve como objectivo disponibilizar os materiais genéticos da obra vergiliana para que a equipa de trabalho, dirigida pelo Professor Helder Godinho, pudesse proceder ao seu estudo e à publicação da edição crítico-genética. A Equipa Vergílio Ferreira, beneficiária do percurso que a Equipa Pessoa efectua desde 1988 (tal como previra Ivo Castro, o trabalho efectuado nos papéis do espólio implicou o desenvolvimento da Crítica Textual entre nós e a nível internacional²) tem vindo a promover estudos e edições dos materiais do acervo. Viram a luz as seguintes edições: *Espaço do invisível 5* e *Escrever* (de Helder Godinho), *Diário* inédito (de Fernanda Irene Fonseca), *A curva duma vida* (por mim e Cátia Barroso) e *Promessa* (de Fernanda Irene Fonseca e Helder Godinho). A ordem não é arbitrária, corresponde à sequência editorial. A edição da novela, efectuada por mim e por Cátia Barroso, foi o culminar dum processo de aprendizagem que contou com decisões anteriores, no entanto, foi um desafio imposto pela especificidade de cada manuscrito e respectivo *dossier* genético.

Entre as figuras de filólogos, críticos literários e linguistas, destacamos o trabalho de Almuth Grésillon, Ivo Castro (edição de Fernando Pessoa e Amor de

² “A própria teoria geral da ciência, em pontos que são actualmente objecto de debate entre os especialistas (nos meios anglo-saxónicos e francês sobretudo), poderá beneficiar com os resultados da sua aplicação a um espólio tão rico, tão variado e denso de documentação como é o de Pessoa.” *Editar Pessoa*, Lisboa, IN-CM, 1990, p. 19.

Perdição de Camilo Castelo Branco³), Willemart, Luiz Fagundes Duarte, Carlos Reis, Maria João Reynaud, Isabel Cadete Novais, entre outros.

Este estudo utilizará como metodologia os critérios adoptados no domínio da Crítica Genética, em geral, e principalmente os seguidos pela Equipa Vergílio Ferreira. Os fundamentos teóricos necessários ao tratamento e estudo dos documentos terão subjacente a pesquisa nas áreas da Crítica Genética e dos estudos vergilianos.

Apesar da pesquisa documental se basear principalmente no Espólio do escritor (Biblioteca Nacional), e na Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira (Gouveia), a inexistência, nos materiais do espólio E31, de versão dactiloscrita e de prova tipográfica para a edição do romance implicou uma pesquisa pelos espólios de editoras, revisores e amigos, com o objectivo de reconstituir os vários momentos da escrita de *O caminho fica longe*.

A presente tese enquadra-se nas actividades que tenho desenvolvido: no estudo de *dossiers* genéticos de romances e ainda na edição crítico-genética no âmbito da equipa. Mas foi sobretudo durante a realização da dissertação de mestrado intitulada *O Traçado da Escrita em Cântico Final, de Vergílio Ferreira* que se abriram novos desafios necessitando de um estudo mais prolongado e mais aprofundado.

Por conseguinte, esta tese de doutoramento pretende ser um contributo para o conhecimento do processo de escrita de Vergílio Ferreira, por um lado, ao realizar a edição crítico-genética de *O caminho fica longe* e, por outro, ao estudar as alterações genéticas desse primeiro romance enquadradas num estudo mais amplo, contemplando os *dossiers* de outros romances pertencentes ao espólio do escritor.

A edição de *O caminho fica longe* e respectivo estudo só foi possível graças à doação do manuscrito principal por Isabel Costa Marques, sobrinha do amigo desde os tempos estudantis de Coimbra, Francisco Costa Marques.

³ A edição da novela camiliana por Ivo Castro foi um espaço de encontro e revisita constantes durante a execução desta tese, cumprindo aquela o destino que João Dionísio apontara na recensão crítica à obra: “Em primeiro lugar, porque preenche uma lacuna do campo bibliográfico do *Amor de Perdição*, sem deixar de retomar o que de mais sólido a linhagem editorial em que se integra (em especial a edição crítica e fac-similada da responsabilidade de Maximiano de Carvalho e Silva, saída em 1983) deu ao público leitor. Em segundo lugar, porque se trata de uma edição que, além de fornecer um texto e as suas diferentes redacções, faz doutrina e propõe terminologia a propósito do *corpus* estudado e fixado. Neste sentido, estamos perante um trabalho exemplar de Ivo Castro, isto é, que ilustra bem o seu modo de cultivar a crítica textual, um modo longínquo da representação auto-suficiente do texto e adepto da reflexão histórica, doutrinária e técnica” “Camilo Castelo Branco - *Amor de perdição* (edição genética e crítica de Ivo Castro)”. Recensões Críticas. Colóquio Letras

A edição de 1943 apreendida pela Censura, que a mutilou em vários passos e decorridos doze dias a apreendeu, nunca foi reeditada pelo seu autor. Mas a presente edição, além de colmatar essa falta na bibliografia do escritor, permite pela primeira vez a decifração integral do manuscrito, inserindo-o no conjunto de materiais que, até ao momento, constituem o *dossier* genético do romance, e pretende ser um contributo para o conhecimento da “linguística da produção textual do autor”, ou seja para a criação de uma “gramática” da criação em Vergílio Ferreira, em particular, e da literatura de uma época, em geral.

Por conseguinte, os objectivos deste trabalho são:

- Realizar a edição crítico-genética do romance *O caminho fica longe*;
- Estudar o percurso da escrita do romance, a partir da colação dos vários testemunhos genéticos, tendo em conta a análise dos suportes e das alterações genéticas: supressões, riscados, acrescentos, correcções, substituições e anotações;
- Comparar o processo de escrita de *O caminho fica longe* com o presente na restante produção romanesca de Vergílio Ferreira.

O *corpus* do trabalho é constituído por oito peças documentais do *dossier* genético de *O caminho fica longe*: uma versão escrita em Coimbra e Melo, em 1939; fragmento de texto em folhas encontradas dispersas; um capítulo publicado em *Via latina*, um exemplar da 1ª edição (1943) apreendido pela Censura e que inclui algumas emendas autógrafas de Vergílio Ferreira e ainda fotocópia de outro exemplar da mesma edição do romance com emendas e acrescentos posteriores a 1943.

Esta dissertação desenvolver-se-á nos seguintes aspectos:

A **Parte I** será dedicada ao **Dossier genético de *O caminho fica longe***, descrição dos materiais e respectiva edição.

Na **Parte II**, que intitulei **Tessitura do manuscrito**, darei conta da sua materialidade, primeiro incluo dois quadros, um intitulado “Cores da escrita” e outro “Diversidade de registos da numeração dos fólhos”, a que se seguirá a articulação existente entre fólhos de uma versão primitiva e posteriores (1). Em seguida, apresentarei as emendas mais relevantes, emenda imediata, mediata e o tipo de emenda (2). Ainda neste ponto, mostrarei as indicações de trabalho inscritas nos fólhos (3) e as grandes transformações linguísticas presentes no manuscrito: nome, adjectivo, verbo, advérbio, interjeição (4).

Na **Parte III**, intitulada **Do manuscrito ao livro**, partindo dos testemunhos, darei ainda conta da publicação de excertos em periódico situados numa fase intermédia

do texto (2); na ausência de dactiloscrito enviado à tipografia ou de prova tipográfica, tentarei reconstituir o percurso do texto através do estudo dos segmentos textuais ausentes no manuscrito e presentes no livro (3) e, por último, analisarei as transformações linguísticas efectuadas em D (4).

Na **Parte IV, contributo do estudo da génese de *O caminho fica longe* para a definição da matriz genética romanesca vergiliana**, recuperando a análise efectuada no capítulo anterior, reflectirei sobre a relação de Vergílio Ferreira com a sua escrita (1), destacando as hesitações quanto à decisão de editar o romance e se sob pseudónimo ou nome próprio (1.1) e sobre o processo que vai da incubação à realização da obra (1.2). O segundo ponto espelhará a génese, relacionando-a com os materiais do espólio do escritor, partindo do *dossier* genético de *O caminho fica longe* para outros romances (2). Ainda nesta parte, apresentarei uma breve reflexão sobre a socialização da escrita de Vergílio Ferreira, dando particular relevo aos amigos, editores e à censura (3).

Em forma de **Epílogo**, farei a síntese das ideias principais expostas ao longo do trabalho, mostrando como a edição e o estudo da génese de *O caminho fica longe* são contributos basilares para a elaboração da matriz genética da produção romanesca de Vergílio Ferreira.

Seguir-se-ão as referências bibliográficas e o índice remissivo.

Parte I

A edição crítico-genética de *O caminho fica longe*

Constituição do *dossier* genético

Escrever é abrir um sulco de sinais por onde o que somos ou que sentimos há-de passar. Uma enunciação verbal [...] é uma ordenação dos sinais de trânsito por onde o espírito há-de passar.

Vergílio Ferreira

O *dossier* genético do romance *O caminho fica longe* é, até então, constituído por oito peças documentais, sete delas integrando o acervo de Vergílio Ferreira, pertença da Biblioteca Nacional de Portugal: um projecto de romance (test. 1); quatro fragmentos de folha encontrados dispersos no espólio do escritor (test. 2-4); uma versão escrita em Coimbra e Melo, em 1939, oferecida à BNP pelos herdeiros de Francisco Costa Marques, amigo e colega a quem o escritor oferecera o manuscrito (test. A); capítulo publicado em *Via latina* (1942) (test. B); um exemplar da 1ª edição (1943) apreendido pela Censura que inclui emendas autógrafas de Vergílio Ferreira (test. C) e ainda fotocópia de outro exemplar da mesma edição do romance com algumas emendas e acrescentos posteriores a 1943 (test. D).

Organizámos e classificámos os documentos em duas ordens, tendo em conta a sua natureza e a sua cronologia: com numeral os textos que podemos considerar antecedentes e com letras em maiúsculas os outros testemunhos.

Critérios da Edição

Para a edição, tomámos decisões que seguem as das edições anteriores da equipa: actualizámos a grafia; desenvolvemos as abreviaturas assim como alguns numerais por extenso, dando em aparato a forma do manuscrito; as palavras não decifradas são assinaladas em aparato. Em caso de falta de letras ou de algum elemento

sintáctico, estes serão acrescentados a negro no texto, apresentando em aparato a forma do manuscrito.

Os símbolos utilizados são os que a Equipa Pessoa, coordenada por Ivo Castro, adaptou e que Helder Godinho e Fernanda Irene, eu e Cátia Barroso utilizámos nas edições de Vergílio Ferreira e na edição dos materiais preparatórios do romance *Cântico final*, incluída na tese de mestrado:

<...> segmento riscado pelo autor

<...>/...\\ substituição por sobreposição na relação <substituído> /substituto\\

[↑] adição na entrelinha superior

[↓] adição na entrelinha inferior

[←] adição na margem esquerda

[→] adição na margem direita

† palavra ilegível

<†> segmento riscado e ilegível

□ espaço deixado em branco pelo autor

/*/ leitura conjecturada

⌈ início da nota de aparato.

Descrição física dos testemunhos

O **Testemunho 1**, com a cota BNP Esp. E31/194, pertence ao manuscrito intitulado *Viagem*, constituído por folhas com 220x70mm. Há no espólio de Vergílio Ferreira um conjunto de poemas diversos organizado pelo autor, com o título *Viagem* e que contém um romance em verso intitulado *Sol do Deserto*¹ Começamos por descrever de forma sumária o conjunto de poemas inéditos a que acima nos referimos. É um conjunto constituído na maioria por dactiloscritos e alguns autógrafos a tinta, com emendas. A capa, em cartão pardo, contém a tinta azul a menção de autoria, e, quanto às variantes de título, apresenta a primeira versão muito riscada *O Sarro*, a segunda *As 3 Moradas*:

¹ Transcrevemos a descrição presente no inventário do espólio do escritor na BNP:

(*poemas*), também riscada, seguida de *A Viagem*, cancelando o artigo e emendando para *Viagens* que decalca e a que sobrepõe *Viagem*. Na margem inferior, apresenta as menções de local e de data, respectivamente, *Coimbra e 1939*. Os poemas inclusos não pertencem todos à mesma fase de elaboração, pois variam na data, sendo alguns de 1942.

Viagem é composto por duas partes com folhas de rosto distintas, uma primeira intitulada *Contemplação (poesia)* e assinada *Vergílio AntFerreira*, a tinta verde, e outra com projecto de romance intitulado *Sol do deserto*.

Poemas inclusos em *O caminho fica longe*

Como iremos ver mais adiante, o autor recorre aos poemas incluídos neste manuscrito *Viagem*, ao longo da sua vida literária. Alguns dos poemas que aparecem no corpo de *O caminho fica longe*, como produção das personagens, principalmente de Rui Antunes, pertencem, *grosso modo*, ao documento *Viagem*, acima descrito. Incluímos alguns desses poemas.

<LONGE...> [↓ Segrêdo]

Canta a canção triste
daquela pobre estrela
que anda[,] sei lá bem por que paragens[,]
a olhar a luz
d'outras estrelas...

Canta a canção magoada
da menina que ficou sôbre a rocha da praia
com o manto branco ondulado ao vento
e os olhos pisados como quaisquer nuvens de chuva...

Canta a canção do desalento
das florinhas que nasceram tão cedo
num jardim hostil.

MOMENTO LÍRICO

Canta,
virgem de carne fresca e moça,
como a relva dos prados,
onde os novilhos brincam...
Virgem,
canta!
nesta angustiosa tarde
que estendeu o dia não se sabe como
<os> e levou os olhos dêstes homens fortes
e o fumo branco
dos ca<†>/sais\ dispersos...
Canta!
e faz rolar das rochas
as canções vibrantes de ribeiros novos...

Canta a canção...

Mas deixa que a lua suba

e sonhe sobre o mar...

Mas deixa que a lua suba...

e sonhe sobre o mar...

MISSÃO

Eu vim sozinho

Mas vim<.>/!\

Minha voz se rasgou em mil gritos de pregão

morto

E todos os homens me ouviram apenas nos seus olhos[,]

Porque viram os [↑meus] gestos

a minha b<o>/ô\ca rasgada,

meus olhos esgazeados,

mas a palavra caíu como em rocha negra e estéril,

Por isso vim sozinho.

Mas vim!

E é só essa a minha glória...

<q>/Q\ue os homens continuarão

a beber o ar infecto

E a roer os seixos duros,

Que deviam ser as armas.

Eu vim sozinho

Mas vim,

porque eu nascera p'ra vir<.>/...\

Canta!

e baloiça, manso, árvores de ferro...

Canta, menina pura, <de carne>

de carne branca e linda!

E renova tudo...

E envolve tudo na onda do sonho

Dum sonho brando e novo

Que eu não sei dizer...

CONSUMATUM EST> <† consumatum est

Quando eu nasci ninguém me perguntou

se queria nascer.

Só tarde, muito tarde, é que me deram

essa tal liberdade de escolher...

Projecto *Sol do Deserto* (romance)

A folha de rosto, em dactiloscrito, tem como autoria o pseudónimo Paulo Marco, corrigido a azul para Paulo Vasco, posteriormente riscado o segundo nome e substituído por Norberto, com a mesma tinta. Esta última versão também foi riscada e corrigida, a preto, para *Vergílio Ferreira publicará brevemente Sol do Deserto (romance).*

O projecto do romance em verso compreende três momentos: *A partida*, *O Caminho* e *A Chegada*, títulos centrados nos fólios, a tinta preta. O primeiro momento contém apenas o poema *A partida*, a tinta preta, cujo título *fora continuação duma velha história*, riscado a tinta azul. O segundo momento <A>/O\ *Caminho* inclui os seguintes

títulos: *O jogo das escondidas, Poema de amor, Diurno, Velha luta, Poema da esperança- posse, Rasto, Poema do isolamento, Paradoxo, Estrelas, Cântico dos cânticos, Consolação fria, Continuação duma velha história, O poema negro da esperança, O filho pródigo, Naufrágio sentimental, Rajada, À minha alma, O sol da meia noite*. E o último, intitulado *A chegada*, é composto por dois poemas: *Balada* e *O fim*, este com duas versões de título anteriormente riscadas *A chegada* e *Fim de viagem*.

Todos os poemas são dactiloscritos, com emendas a tinta preta e verde e ainda grafite, com excepção do poema *Paradoxo*, a tinta preta. O *Poema da esperança-posse* inclui a vermelho a indicação *nota: Raúl Mário foi publicado na Via Latina (?)*. Confirmamos a indicação dubitada, este poema foi publicado no nº4 de *Via latina* de 15 de Maio de 1941, com a menção de autoria Raul Mário². Em alguns dos poemas, o autor recorre ao uso do pseudónimo Raul Mário e dos atrás mencionados. Helder Godinho fez a apresentação e a análise destes poemas no Colóquio realizado no Porto, em 1977, “Uma leitura dos poemas inéditos de Vergílio Ferreira”³. Estes caracterizam-se por influências presencistas, sobretudo exibindo algumas semelhanças com a poesia de José Régio, não apenas no uso do pseudónimo, mas também nos títulos (como a primeira versão do título *A Partida*, riscado, *continuação duma velha história*, entre outros) e nas temáticas.

O romance incluía inicialmente, como epígrafe, a meio do fólio, em dactiloscrito, um verso de José Régio, do poema “Canção de guerra”, do livro *As encruzilhadas de Deus*, publicado em 1936:

<Deixa que os mortos fechem os seus mortos

<(José Régio)> >

posteriormente riscado e substituído pelos abaixo transcritos. Ainda quanto ao riscado, parece-nos tratar-se primeiro da supressão da autoria, e depois do verso. O autor substituiu o verso, ficando como epígrafe, na parte superior do fólio, a tinta preta, uma citação do poema *O fértil desespero* da mesma obra⁴. Apresentamos, na coluna esquerda, o texto presente no manuscrito e, no lado direito, a edição regiana:

² Poema também publicado em *Conta-corrente 3*, Lisboa, Bertrand editora, 1983, pp. 369-370.

³ *Estudos Sobre Vergílio Ferreira*, (prefácio e organização de Helder Godinho), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, pp. 389-398.

⁴ O exemplar que consultámos na BMVF, em Gouveia, apresenta comentários em alguns poemas, mas no que diz respeito aos poemas epigrafados não existe o registo de qualquer manifestação de Vergílio

O próprio à vida	Todo o bem que vier..., - é lucro. O próprio à
-----	vida
-----	É a unha que agatanha, arranha, risca, raspa
	Na parede com estuque,
	Ou na cabeça com caspa;
É o vinho azedo<>... <e o batuque>	É o vinho azedo, e o batuque;
É, depois do vinho, o sarro	É depois do vinho, o sarro; ⁵
(José Régio)	

Tendo em conta os segmentos cancelados, parece-nos que Vergílio Ferreira terá inicialmente escrito estas epígrafes de memória. O excerto do poema “O fértil desespero”, acima transcrito e incluído no romance, ao ser cotejado com o livro regiano, apresenta, como podemos observar, ausência de versos, alteração na métrica e pontuação. A citação de memória ocorre várias vezes nos manuscritos do acervo do escritor. Por exemplo, aquando da edição da primeira experiência literária de Vergílio Ferreira *A curva duma vida: novela*, constatámos que também aí o autor tinha inserido uma epígrafe de *As encruzilhadas de Deus*, cujos versos são citados de cor⁶. Esta apropriação da poesia regiana é um reflexo da sua admiração pelo poeta, sendo um dos escritores mais apreciados por Vergílio Ferreira no tempo estudantil.

Alguns dos versos de Vergílio Ferreira destinaram-se à publicação nas “Pastinhas de Coimbra”, por exemplo, no poema *Quadro*, existe a nota a lápis, na parte inferior da folha, *Versos publicados nas pastinhas das crianças do Elísio de Moura*, outros foram publicados na *Via Latina*.⁷

Se a temática vergiliana se encontra já presente nos poemas dos anos 30-40, como Helder Godinho mostrou, não menos verdade é que *Viagem* contém já algumas características genéticas da obra futura, quer pelo projecto de romance intitulado *Sol do*

Ferreira. Pensamos que Vergílio Ferreira deverá ter possuído um outro exemplar da 1ª edição. Trata-se da 3ª edição: José Régio, *As encruzilhadas de Deus*, 3ª ed. ilustrada por Manuel Ribeiro Pavia, 1957, p. 98.

⁵ José Régio, *As encruzilhadas de Deus*, Coimbra, Tip. Atlântida, 1936.

⁶ Cf. Ana Isabel Turíbio “Introdução”, Vergílio Ferreira, *A curva de uma vida : novela*, (ed. Ana Turíbio e Cátia Barroso), Lisboa, Quetzal, 2010, pp. 14-15.

⁷ Cf. Fotobiografia *Vergílio Ferreira : fotobiografia* (org. Helder Godinho, Serafim Ferreira), Lisboa, Bertrand, imp. 1993. p. 60.

deserto, cuja relação com *O caminho fica longe* demonstraremos em momento apropriado, quer porque *Viagem* é um repositório como descrevemos na introdução da novela *A curva duma vida*⁸. Voltaremos a estes documentos quando reflectirmos sobre as marcas presencistas no romance *O caminho fica longe* e na utilização que Vergílio Ferreira fez dos poemas de *Viagem*.

O **testemunho 2**, cota BNP Esp. E31/8702, é constituído por uma folha com as dimensões 223X167 mm, com indícios de separação nas margens superior, inferior e esquerda (considerando o rosto a face que tem o texto aqui implicado), e com três manchas acastanhadas no quarto inferior esquerdo. Apresenta-se escrito a tinta verde, com traço ondulado com lápis vermelho sobre o texto. A mancha textual está redigida no sentido inverso da última folha que integra o conjunto constituído por 29 folhas com apontamentos, envoltas em folha de papel pardo, intitulada *Garrett/ Herculano (e continuadores do romance histórico) / Castilho ____ João de Lemos/ João dos Passos/ Camilo/ João de Deus*. Os nomes Garrett, Herculano, Castilho e Camilo estão a tinta azul e os restantes em acrescento, a preto.

Trata-se do início do capítulo V da primeira parte de *O caminho fica longe* que narra o episódio relacionado com o romance redigido pela personagem Fernando.

O **testemunho 3**, com a cota BN Esp. E31/552, é constituído por dois fragmentos de folha dispersos, conservados na pasta *UU*, classificação de Regina K. no inventário prévio. Esta pasta de cartão continha sobretudo escritos das décadas de 30 e 40, juntamente com a fotocópia da primeira edição do romance e outros papéis⁹.

⁸ Cf. *Op. cit.*, p. 18.

⁹ A pasta *UU* contém sobretudo escritos das décadas de 30 e 40: as duas peças referidas que fazem parte do *dossier* genético de *O caminho fica longe*; nota à 2ª edição “Sobre o humorismo de Eça de Queirós”, de 1945 (BNP Esp. E31/146); alguns termos e expressões e ditos de Melo (Serra da Estrela) (BNP Esp. E31/642); apontamentos, exercícios escolares; apontamentos e planos de conferências. Inclui também temas para contos, ensaios, crónicas, teatro e romances. Apenas um texto datado de 1954. Fialho de Almeida : [notas] e O neo-realismo : [notas] [ca 1945 que estão junto a rascunho de carta do autor a Virgílio Godinho. (BNP Esp. E31/782, BNP Esp. E31/783); [Coimbra]; uma carta de Alfredo Saraiva a Vergílio Ferreira (autor como gerente da “Coimbra Editores”. Inclui contrato de edição.) Tem junto cópia de carta de Vergílio Ferreira ao autor BNP Esp. E31/938. A pasta *UU* inclui ainda um conjunto de versos que V. F. identifica com a seguinte menção autógrafa *Este palavreado não é meu, é de um padre que me ditou (Dr. Abranches)* antecedida de título ilustrado, *Que amor me tens!* [ca 1926-1932]; [Fundão], tudo reunido em capa de cartão também ilustrada perfurada e atada. (BNP Esp. E31 /555). Está ainda na mesma pasta *UU* uma imagem religiosa com dedicatória de Eduarda Oliveira ao *sobrinho Virgílio* [1935

A primeira folha, com as dimensões de 201x163 mm, encontra-se amarelecida e tem as margens laterais e superior com vestígios de separação e o canto superior esquerdo dobrado. Tem igualmente vestígios de ter estado dobrada em quatro sem ser simétrica, tendo no verso, com a folha desdobrada e em sentido inverso ao da escrita da outra página, no espaço dos quartos do lado esquerdo, as indicações a grafite, no superior, *O caminho fica longe* e, no inferior, *De «O caminho fica longe»*, título do impresso, diferente do manuscrito. Está redigida a tinta verde, com algumas emendas e acrescentos interlineares na mesma tinta e, no verso, a grafite, as indicações referidas.

O outro fragmento de folha, com as dimensões de 840x165 mm, corresponde a papel diferente, mais queimado, com vestígios de separação em todas as margens com excepção da direita, e com vestígios de três dobras na vertical. Encontra-se também escrito a verde.

Podemos situar o fragmento textual que compõe este testemunho, na economia da narrativa, no capítulo X da 3ª parte. Trata-se do episódio do namoro das personagens Rui e Joana e interferência do pai desta como opositor àquela relação.

O **testemunho 4**, cota BNP Esp. E31/8702, é composto por uma folha com vestígios de dobras e integra o conjunto de apontamentos, é a 18ª em 22 folhas, envoltas em folha de papel pardo em forma de capa com os títulos: *Realismo e Naturalismo/Júlio Dinis/ Eça de Queirós/ Antero/ João Penha/ <Antº Nobre>/Ramalho\ outros (<Cesário>/ <Parnasianismo>*. Na frente do fólio, a tinta verde, apontamentos intitutados *Hist. Das Conferências do Casino* ocupam a metade superior do fólio. Na margem direita, as palavras encontram-se cortadas *A literatura nova (o realismo como nova expressão da arte) – conf. de*. Apresenta sublinhado a lápis roxo a nota *Cf C. Alegre*.

No verso, e com a folha disposta na horizontal, na metade direita, contém frases em latim com várias hipóteses interrogadas para o nome do autor e operações aritméticas. Apresenta ainda a indicação em baixo: *Biblos*. Inclui, no rectângulo esquerdo em baixo, um desenho que foi feito com o fólio dobrado em quatro. Podemos

ou post.], no verso, inclui a nota autógrafa de Regina Kasprzykowski: *A tia Eduarda era freira* BNP Esp. E31/1667.

considerar este desenho como um estudo para a folha de rosto do manuscrito do romance *O caminho fica longe*. Aí, está representado um cruzamento de caminhos ou estradas em X, em que, no sentido ascendente da esquerda para a direita, um braço com uma mão ocupa a estrada em direcção a uma flor desenhada mesmo no centro do cruzamento.

Passemos, então, ao outro patamar de testemunhos genéticos:

O **testemunho A**, cota BNP Esp. E31/9249, é constituído pelo manuscrito do romance completo. Inicialmente, esta peça não se encontrava no acervo do escritor, como referimos anteriormente. Relatemos o nosso encontro com o manuscrito.

História do manuscrito: de Coimbra até à BNP

Dia 16 de Outubro de 2003, na sala reservada à Equipa Vergílio Ferreira, na BNP, a Professora Fernanda Irene Fonseca, o Professor Hélder Godinho e eu própria tivemos o privilégio de observar e manusear o manuscrito autógrafo completo de *O caminho fica longe*, que o escritor oferecera ao seu grande amigo Francisco Costa Marques e cuja família cedeu à Equipa, para efectuar a edição crítico-genética do romance.

O encontro com o manuscrito de *O caminho fica longe* foi um momento muito importante e emocionante¹⁰: por um lado, por aceder ao primeiro escrito de

¹⁰ Cf. o episódio narrado por Vergílio Ferreira no diário, durante a visita à Biblioteca Municipal, integrada nos colóquios sobre a sua obra, organizados em Bordéus por Sylviane Sambor, em Setembro de 1991, seguindo as palavras emocionadas ao manusear os *Ensaios* profusamente emendados e anotados por Montaigne: “E foi ainda Montaigne que eu «visitei» no dia 23 na biblioteca municipal – (...) O mais prodigioso dessa visita foi ter *nas mãos* um exemplar dos *Ensaios* emendado e cheio de acrescentos *pelo autor*. (...) Ora *ver* o que foi escrito pelo punho de Montaigne, *tocá-lo* mesmo, é ser seu contemporâneo, quase seu amigo íntimo, estender assim a nossa vida para quatro séculos antes de nós... Montaigne é um dos raros autores da minha teogonia. E eu vi-o. Ele foi real de uma realidade que se desvanece na leitura

grande fôlego, publicado e assumido por Vergílio Ferreira, e, por outro, por ser uma peça documental primordial na área dos estudos genéticos vergilianos, cuja edição permitirá a aproximação ao texto e à especificidade dos diversos momentos de escrita-leitura-escrita, trabalho constante de revisão e de reescrita. O manuscrito encontrava-se acondicionado em caixa de cartão comercial atado com fita de nastro, preservado durante cerca de 60 anos.

Em 13 de Outubro de 2004, foi assinado o termo de doação por Isabel Costa Marques e o Director da BNP, Dr. Pires Aurélio. Como, à data, o tratamento do espólio do escritor já se encontrava na fase terminal, e como qualquer estudo do *dossier* genético é elaborado pelo investigador com vista à reconstituição do processo de redacção, em que a cota é apenas uma indicação topográfica, o manuscrito de *O caminho fica longe* recebeu a cota BNP Esp. E31/9249.

O **testemunho A** é formado por folhas de papel lisas, sem traçado de pauta, de dimensão de 240x163 mm, com indícios de separação em todas as margens excepto na superior, cujo papel se apresenta amarelecido, com manchas. Inclui ainda, a seguir à folha de rosto, folhas mais escuras com vestígios de dobra em quatro, com margens irregulares, intituladas *Notas* medindo cerca de 223x167mm. O fol. 91 assim como o fôlio sem numeração situado entre os fols. 71 e 72-75, cujo papel é mais amarelecido, apresentam as mesmas dimensões.

Trata-se de versão constituída por [259] páginas em 205 folhas, escritas a tinta preta, azul e verde, incluindo também texto dactiloscrito e colagem de um recorte de imprensa no fol. 160. Apresenta muitas emendas e acrescentos com os mesmos instrumentos de escrita e também a grafite. Possui folha de rosto ilustrada pelo autor (a grafite e predominantemente a verde), tendo, na margem superior, a menção de autoria, primeiro o pseudónimo *RAUL MÁRIO*, em letra de imprensa, antecédida da assinatura *Vergílio Ferreira*, em tamanho menor. No quarto inferior direito da folha, inscreve a menção de título *O caminho/ fica longe...*, seguida da categoria de género *romance*,

da sua obra. Ele existiu e eu pude comprová-lo porque o conheci vivo.” *Conta-corrente nova série III*, Lisboa, Bertrand, 1994, p. 150.

inserida num rectângulo. Na margem inferior e ao centro, contém a menção de local: *Coimbra*.



BNP Esp. E31/9249 folha de rosto

As três primeiras folhas não têm numeração, começando esta na primeira página do romance. A última com texto tem o número 199. Todavia, a numeração não é

sequencial: tem um fólho numerado com 14-15; ausência de folhas com numeração 19 e 20; um numerado com 25 e 26; ausência de folhas com a numeração 35 a 37 e 41-42; um numerado com 67A; um sem numeração, a seguir ao fol. 71; um numerado com 72-75; um não numerado entre os fols. 79 e 80; outro entre os fols. 95 e 96; cinco intercalados entre os fols. 121 e 124, numerados de 1 a 5; um não numerado entre os fols. 129 e 130; outro entre os fols. 142 e 143; seis numerados de 1 a 6 e intercalados entre os fols. 156 e 160; e outro não numerado entre os fols. 188 e 189. No final do texto, tem menção de local e data: *Coimbra 11-I Melo 29-XII 1939*. A penúltima folha está em branco e a última contém a nota, a lápis, assinada em autógrafo de Francisco Costa Marques: *Do Vergílio Ferreira. Of. em Abril de 1944 a...*

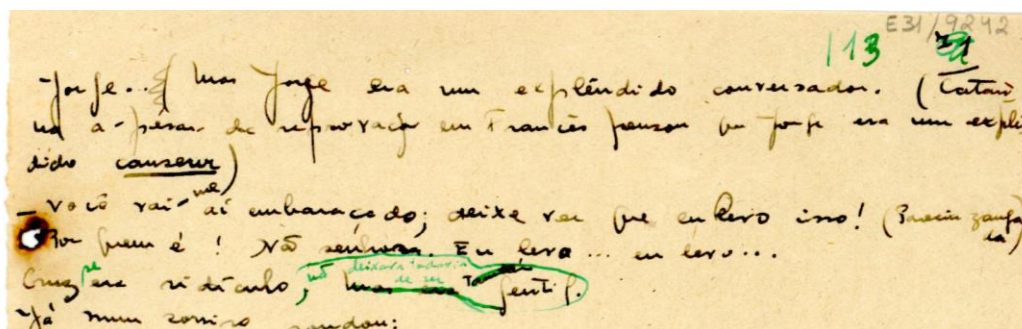
A mancha textual ocupa a página de rosto, sendo o verso utilizado aquando de acrescentos ou substituições de texto cuja dimensão ultrapassa a exígua entrelinha e, na ausência de margem, é aí que as novas intervenções são registadas, é o caso dos fols: 6, 7, 11, 12, 14, 15, 30, 43, 44, 54, 56, 62, 66, 81, 82, 83, 84, 88, 92, 94, 95, 99, 103, 109, 110, 112, 115-117, 120, 2, 130, 137, 139-141, 143, 145, 150, 151, 152, 169, 170, 180, 183, 188-189, 191-193, 195-196, 199.

Há algumas particularidades, quer no suporte quer nos utensílios de escrita presentes neste testemunho, que passaremos a descrever. Alguns destes aspectos serão desenvolvidos mais adiante.

O fol. 1 manifesta vestígios de duas dobras verticais e uma horizontal a meio. Os fols. 1-5, situados entre os fols. 121 e 124, mostram vestígios de dobra horizontal a meio e o quinto, que inclui no verso o título, serviu de capa ao dactiloscrito para publicação.

Há fólhos que apresentam falta de papel na margem, provocada por cortes, assim, há fólhos que foram danificados na margem superior (como, por exemplo, fols. 9-10) e outros na inferior (como, por exemplo, fols. 8, 11-13).

O fol. <71>/113\ exhibe, como podemos verificar na imagem, um orifício resultante de queimadura de cigarro junto à margem esquerda, na quinta linha de texto, com deterioração do sinal gráfico - travessão. Esta queimadura deixou também rastros de mancha castanha nos dois fólhos seguintes, fols. <72>/114\ e <73>/115\.

**BNP Esp. E31/9242**

Situação semelhante no fol. 71, redigido a verde, embora aí não tenha provocado orifício.

BNP Esp. E31/9242

Há fólhos que exibem, no canto superior esquerdo, furos de agrafe: fols. 100-156 (cap. 4 da 2ª parte - cap. 4 da 3ª parte). Os fols. 120 e 129 têm rasgão na margem superior esquerda, junto ao canto. O fol. 130 apresenta ausência de papel no canto superior esquerdo devido ao uso de vários agraferes ou tentativas de agrafar, pois nos fólhos seguintes existem os orifícios no mesmo local e na mesma posição.

No fol. 96, observam-se falhas de tinta da fita da máquina de escrever na palavra reconstituída *Aquelas?*.

Apresentam-se com manchas acastanhadas os fols. 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 102-104 e o fol. 161 está tingido. O fol. 197 exhibe na margem esquerda, nas primeiras nove linhas do texto, a tinta diluída. Também os fols. 198 e 199 estão manchados no mesmo local. O fol. 57, dactiloscrito, também ele ostenta na margem inferior mancha de tinta azul, embora esta não tenha sido utilizada nesse fólio.

Este testemunho inclui fólhos dactiloscritos, fólhos ou partes de fólhos a tinta preta, verde, azul e grafite. O lápis vermelho é utilizado noutro tipo de intervenção autoral, não sendo a redacção propriamente dita, como nas indicações de trabalho e sublinhados.

O **testemunho B** corresponde ao texto publicado na p. 8 do nº 2 de *Via latina*, de 15 de Abril de 1941, sob a indicação “um capítulo dum romance inédito” e assinado RAÚL MÁRIO. Corresponde ao capítulo XIV do romance *O caminho fica longe*.

Quanto ao **testemunho C**, com a cota BN Esp. E31/553, trata-se de um exemplar da 1ª edição, da Editorial Inquérito (1943), apreendido pela censura, conforme nota do escritor na folha que antecede a folha de rosto, a lápis, realizada na diagonal: *Os traços a vermelho são Cortes da Censura*. É constituído por 317 páginas em 159 folhas. O exemplar possui encadernação em pele azul completa (capa, contracapa e lombada), no entanto, não tem as capas da brochura e foi aparado. Sabe-se que a encadernação foi posterior à sua apreensão pela censura, visto terem sido aparados os sinais de supressão textual da margem exterior, como na p. 32. Ostenta na lombada ferros a ouro, no sentido descendente: duas nervuras, motivo geométrico, entre nervuras o título O CAMINHO/ FICA LONGE, motivo geométrico e nome do autor VERGÍLIO FERREIRA entre nervuras, data 1943, seguida de três nervuras. A capa possui ferros dourados a formar desenhos. A folha de guarda contém o número 1, a grafite, no canto superior direito, e ainda na parte de cima da folha, a tinta verde, na diagonal, a assinatura de Vergílio Ferreira.

1. A intervenção da Censura neste documento é constituída por riscados no corpo do texto e respectiva sinalética na margem, a tinta férrea, nas páginas: 26, 32, 35, 43, 49-50, 54, 56-58, 60, 71-73, 81, 92, 94-95, 112, 119, 129-130, 132, 136, 146-148, 150, 153, 157, 162, 164, 172-173, 202, 204, 218, 234, 238, 240, 261-263, 267, 283, 299, 307-308, 316.¹¹

Há, contudo, uma correcção efectuada pelo censor, suscitada pelo corte de texto, no seguinte fragmento: <Só quando> Rodrigues <o> vergastava<: >[-o] (p. 267). O censor¹², ao eliminar a expressão adverbial *Só quando*, transformando a oração condicional, desloca o pronome pessoal complemento directo proclítico para a posição de enclítico.

¹¹ V. levantamento dos segmentos cortados pela censura, em anexo.

¹² Cf. depoimento do censor, p. 675 deste estudo.

2. Quanto às intervenções de Vergílio Ferreira, podemos apresentá-las do seguinte modo:

a) a grafite, um destaque, com um traço vertical na margem esquerda e outro a seguir ao ponto final:

- Recebe cem escudos e uma carta cheia de erros: «por agora... vê se te remedeias...» Espalma a nota na mesa de estudo. (30)

b) a grafite, na margem esquerda, um traço:

- Começava agora a sentir que o mundo tinha, afinal, vários caminhos. E que as cores não esmaltavam apenas o campo julgado seu.

Em si mesma, no fundo de si mesma, o mundo desdobrava-se com as florestas espessas e os mares fundos, e as madrugadas dos dias que se esperam sempre... (65)

c) a grafite, riscado e acrescento, na margem superior:

- <despediu> [↑ propôs] (236)

d) a tinta vermelha, riscado e acrescento, na entrelinha superior:

- sab<o>[↑ur]roso (68)
- <Mais vale> [↑ melhor é] (91).

e) a tinta verde

- risca o artigo definido masculino e corrige a contracção da preposição com o artigo no título:

«<O> Menino d<o>/e\ Engenho» (198)

- acrescenta pontuação e assinala na margem com traço

[¿] Sabem que este homem é o poeta encoberto... Poeta de poesia sumida[!]... (199)

Vergílio Ferreira, no dia 19 de Setembro de 1970, no diário, referencia dois momentos de revisita ao exemplar¹³.

O **testemunho D**, cota BN Esp. E31/554, é formado por fotocópia de um exemplar da 1ª edição em capa de cartolina ocre e argolas pretas, com [158] páginas em [79] folhas, com emendas e acrescentos autógrafos. Na primeira folha, no lado

¹³ V. (CCI, 78-79).

esquerdo, apresenta, a grafite, o comentário em nota autógrafa: *Livro piegas e aflitivamente pueril mas com indícios do que mais tarde acontecerá em melhor.*

O autor utilizou vários instrumentos de escrita nas operações realizadas neste documento: tinta preta nas páginas 11- 14; grafite nas páginas 15-20, 24- 25, 28, 31, 32, 47, 60, 70, 72-74, 79 e 267 e tinta azul nas páginas 81, 88-91, 97 e 99. Parece-nos, pela sucessão dos instrumentos utilizados nas intervenções, sem que estes tenham sido usados nas mesmas folhas, que se trata de uma releitura realizada sequencialmente, em três etapas demarcadas no tempo. Cada fólio (isto é, cada folha A4 da fotocópia, compreendendo duas páginas do livro no rosto) será mencionado recorrendo ao número das páginas aí incluídas, como, por exemplo [fol.12-13]. O [fol. 120-121] não ficou bem enquadrado e a p. 240 tem uma mancha preta no canto superior direito.

Vergílio Ferreira efectuou dois exemplares de fotocópias do livro, aquela de que nos ocupamos e uma outra igual, com a mesma encadernação e as mesmas falhas de cópia já anteriormente mencionadas, mas sem intervenção escritural e que ofereceu a Lúcio na segunda metade da década de 80 (1985-1990).

[Testemunho 1] BNP Esp. E31/194

<PAULO> <MARCO> [↑ <VASCO>] [↑ <NORBERTO>]
[VERGÍLIO FERREIRA]

publicará breve[mente]

SOL DO DESERTO
(romance)

O próprio à vida

É o vinho azedo <,>...<e o batuque;>

É, depois do vinho, o sarro

(José Régio)

<Deixa que os mortos fechem os seus mortos

<(José Régio)>>

A partida

[A partida]

<continuação duma velha história>

... Depois foi muito lento, muito lento o acordar
e enquanto eu não sabia das verdades como punhos
e os dados, que então tinha[,] não eram mais que rascunhos
das fôrças tão potentes que me haviam de dobrar[,]
seguia aquelas luzes[,] que me iam apontando.

Adiante mil caminhos iam-se <desdobrando> [↑ desenrolando
e eu dorido de ainda nada ter que fôsse meu
encontrei-me a andar de braços errantes pelo céu.
(Ai de mim
que não sabia
que um dia
seria apático diante do que eu julgava o fim...)

Mas numa noite veio estranha fôrça despertar-me
Era uma realidade minha, <só> [↑ bem] minha: era a carne.
E entendi uma metade daquilo, que eu era então.
Depois naturalmente que surgiu a reacção
e o pólo contrário começaram a medrar
fôrças que com as deste pudessem batalhar.
Eis o mundo! Eu ser senhor de mil lutas e vitórias
flutuar indeciso, ser responsável, ter pois glórias
<e sentir-me> julgar-me [↑ ser o] dono da fôrça de escolher!

Mas o mundo alargou-se-me para além da Mulher
e ás dores brandas e às molezas dos Romantismos:
Dum lado as realidades, as razões fortes e sãs
e do outro os anseios e as luzes frouxas das manhãs...

Eis por onde me reparto à mercê nem sei bem de que destino
queimando-me na verdade, ou tornando-me pior do que um menino
nas tolices,
nas chochices,
em que tanta vez me firmo...

Extremos tão distantes!

Mas antes eu me ficasse na DUREZA ou no ANSEIO
e não parasse no MEIO...

<A>/O\ caminho

O jogo das escondidas

Achar-te é sempre achar-me e eu queria
perder-me p'ra te achar e compreender
o que ando a procurar de noite e dia
sem descansar

e nunca encontro,
porque lhe ponho
o “eu”, que nem em mim queria ver...
De mim, porém, eu sei demais quem sou,
que sou oco,
como um côco
dum imbecil.

E mil vezes que faça um desvio
p'ra achar realidades,
volto vazio
outras mil.

Assim, p'ra que te busco, ser ideal?
Se tu és bom, eu sujo-te no mal,
que é meu;
se tu és belo, <eu sujo-te>
eu lanço-te o negrume dum véu,
que é meu.

Assim, p'ra que te busco, ser ideal?
Mesmo que eu queira, nunca posso amar-te
perfeitamente,
pois te transformo;
só posso desejar-te
<imbecilmente...> [↑ infantilmente]

Mas na desilusão,
ferve a ilusão.
E assim eu tenho sempre de buscar-te.
... E eu gosto desta dor de insatisfeito:
a esp'rança, que se ilude e sempre volta
ao peito.

Poema de amor

Nesse fatal momento,
quando eu ficar sòzinho e ficares sòzinha
irei buscar-me ao triste isolamento
para encostar a tua face à minha
erguer-te, leve, as pálpebras nos dedos
e secar os teus medos
ao enxugar-te os olhos humilhados
os teus olhos molhados...

Velha luta

Fugir de mim... a tentação
que me agarra
mascarra
a vida de decente cidadão

Fugir de mim... dor inconsútil
loba de fome
que me come
a febre de eu querer 'inda ser útil

Fugir de mim... queixam-se tantos...
a gota
que se esgota
a chorar
no alto mar,
quantos a ouvem, quantos?...

Fugir, fugir... Lá longe a vida
dansa em loucuras
duras,
ondeando em carne, em fogo, em seiva, em vida...

Fugir de mim... A vida ao longe
dorme em sossêgo,
como um pego,
em sonhos mornos de menino, ou monge.

Fugir de mim... A vida além
revolve pus
feito em cruz,
delira em nojo, angústia, em dor, desdém...

Tudo tão bom! A vida! A vida!

quem dera vê-la
conhecê-la
no fogo... sonho... pus de cada f'rida...

Mas o Destino, em cada madrugada,
me prende a mim.
Assim,
nem, do que em nós se vive, eu vivo nada...

Diurno

Só.

Quatro muros que se apertam
aos encontros,
p'ra verem o que eu faço.
Mil olhos me despertam
(olhos longínquos, distantes no tempo e espaço)
olhos de avejões,
olhos, que me olham,
que eu sei que me olham e que me não vêem
que eu sei que me não sabem de qualquer sêgrêdo,
mas que me metem
assim como que medo...

Só.

Sinto a presença dos meus inimigos
e dos grandes amigos;
sinto o dó
e olhar altivo,
a hipocrisia do sabido,
o ar
familiar
de quem me dá palmadinhas nas costas;
sinto a franqueza
de quem me faz em postas
com naturalidade...

E fujo deste mundo em grande correria
(P'ra quê, se eu sei que volto <sempre> [↑ a ele,] cada dia...<)>
e quando julgo tê-lo eu sinto ainda o pranto
de quando 'inda o não tinha?...)

...E fujo deste mundo
porque hoje o vento longe...
Mas lá no fundo

a sua sedução treslouca-me o pensar
e eu chego a ter desejo
de me ir a rebolar
daqui, donde eu o vejo
até me rebentar
nele,
p'ra me faltar
dele.

E fujo em correrias...
Mas eis que tu chegaste
branda visão de brandas alegrias,
e te sinto presente
a envolver-me
como um nevoeiro mole.
Sinto-te presente
a repuxar-me anseios
fechados
que não chegam a abrir...
(Tantos enleios...<)>
Quem cegará os olhos do meu quarto,
que vêem o que eu faço?...)
Ah! o cansaço
de tudo o que nos segue a todo o lado!
Farto!
P'ra que me segues visão de sossego?
Eu quero as pedras
e os vôos de morcego
A vaguidão do teu olhar
faz-me sonhar
(P'ra quê sonhar?...
Antes fincar as minhas mãos doridas
nas rijeiras da vida
beber a<s> realidade<s>
a verdade)

Canso.

Visão não vás embora!

(Que longos e difíceis os caminhos,
que nos levam de dentro para fora!...)

Porém não vás, que nós, só nós, sozinhos.

fecharemos a vida num punhado
de razões fúteis...

E o resto não será mais que espectáculo
da externa e vã loucura...

-Ficaste? Que ventura!

...E os quatro muros apertam-se
aos encontrões,
p'ra verem o que eu faço.
Alargam mais os olhos os mil avejões,
que me não sabem ao menor segrêdo
mas que me metem
assim como que medo...

- Ficaste? Que degredo!...

Poema da esperança-posse

Minha menina linda
de olhos brandos, da côr branda do céu...
Minha menina inocente,
que esperas que eu te diga a tal palavra <linda> para te erguer o véu...
Minha menina de sorriso <brando> manso
manso de fazer descansar...
Minha branca menina, não venhas já.
Tarda lá longe nos confins do mar,
lá onde eu te sonhe alv<inha>/a\ e pura como a neve
dos cimos das montanhas onde ninguém chegue.
Deixa vir apenas o teu sorriso no clarão da manhã,
quando tudo espera em silêncio que o dia vá começar...
Deixa vir o teu corpo ondulante nas ondas lentas do mar
e manda-me na aragem fresca do teu murmúrio leve
sem altos nem baixos como a planície sem fim...
Minha menina linda,
não venhas já.
Tarda um pouco mais nessa pureza de <†>/irreal\ flor
de que ninguém teve o perfume nem nunca soube a côr.
Tarda um pouco mais, tarda, porque, ai! quando vieres
tudo terá morrido e só eu serei.

RASTO

Esse álbum velho dos meus rostos velhos
(caras dum menino tenro e meigo)
anda não sei em que mãos estranhas e distantes
e reza a minha volta em negras sombras pairantes...

Minha mãe lá de longe
(ai de tão longe!)
quando me dá conselhos
é sempre a olhar o álbum desses meus rostos velhos.
Amigos que não vejo há <tanto> [↑ muito] tempo
(há <muito> [↑ tanto] tempo!)
e que também ficaram
com alguns meus retratos,
se me encontram agora quasi morto e nu,
antes de abrir os braços,
preguntam a hesitar:” mas afinal...és tu?
E a minha doce menina,
que me espera lá longe do mundo e de mim!
(ai tão longe de mim)
percorre todos os dias o álbum até ao fim
<e tem-me puro, inocente,
junto ao seu corpinho quente>

Meu álbum velho dos meus rostos velhos
teem-no mãos estranhas e distantes,
que eu de mim tenho apenas o último retrato,
e me perdi dos outros que tirara antes.

Poema do isolamento

Nasci fonte
clara e pura
lá na altura
não sei bem já de que monte.
Que a minha água era limpa
bem sabia;
mas ali ninguém m'a via...
E quis vir até cá baixo
ser visto da[s] muita[s] gente[s]
e arranjei fortes correntes,
que ia pedindo aos ribeiros
(Ai se eu não pedisse nada aos companheiros!...)
Depois foi êste rolar
bruto e forte (e tão cèguinho...)
sem me poder agarrar
aos salgueiros do caminho
até me afogar no mar...

Paradoxo

Em sonhos

eu fui

lá onde mora esse Outro

lá onde mora Aquela, que nunca há-de vir

onde moram as horas da saúde, que não veem nem acabam

onde a Beleza não tem palavras e se sente

onde se goza tudo o que se <há-de> [↑ quer] ter

e se não tem ainda,

nem se virá a ter.

Aí tudo era vago sem forma nem côr

e o Ideal arrojado, era o Real

com a existência bela do que é ainda Ideal.

Encontrei-me tal qual me namorara

Encontrei-a Impossível tal qual a imaginara.

Tinham-se calado as ânsias na inutilidade.

Mas cá dentro, fatídica e cruel

senti a velha lei.

E eu fui triste quando disse ao descansar:

cheguei!

Estrelas

Gritei o *eureca*

e os de boa vontade se calaram

e ruminaram <surdas invejas>

[surdas invejas.]

O grito enlanguesceu

e morreu.

Mas nos ecos das montanhas doutras vidas

renasceu,

recrudesceu.

E no saibo das esperanças desmentidas

eu tive inveja

das almas renascidas...

<Claro-escuro> [↑ Cântico dos cânticos]

Amo-te

nas mãos bentas,

que me pões brandamente sobre as chagas.

Amo-te

na negação p'ra o sonho,

que me desfaz os sonhos tumultuosos.

Amo-te

na palidez do rosto

que me dá <páginas> [↑ notícias] de novas dores.

Amo-te

no sorriso mártir

com que dizes à vida: "como queiras..."

Amo-te

na mansidão e bênção

que fluem das tuas palavras brandas

Amo-te

na cinturinha <flébil> [↑ débil]

que te <desgasta> [↑ evapora] a condição humana...

Amo-te

na transparência

de tudo o que tu fazes, dizes e és.

Amo-te

no lento e fino suspiro

com que decerto tu vens a morrer.

<Amo-te...

(perdoa, meu amor, de eu ser assim!)

amo-te...

<†>

Tudo tão pouco, amor, tudo tão pouco
que essas razões de vida que deitaste
no poço da minha alma,
perderam-se no fundo...

<E eu que um dia de febre te julguei
que me eras todo o mundo...>

[E tu queres ser-me todo o mundo...]

Consolação fria

Noite.

Uma noite que se perde<u> entre as infindas
dores do mundo,
escureceu-me. E eu sofro.
É triste e é ridículo.
O mundo é vasto.
Há no seu mecanismo complicado
mil dependências
e algumas sãs.

E eu não me lembro...

O mundo, que eu soletro é revirado
por uma dor pequena,
mas que me absorve
o mundo, que em mim tenho.

Noite.

À hora em que das casas doutros mundos
transborda luz,
há no meu quarto
o cheiro de cadáveres
que ficassem da batalha
e fizessem o horizonte
dum romântico.

Gotejam trémulas de frio
as cores claras.

Eu já sorrio. Agora não.

Tive a riqueza já das ilusões,
e os outros
(eu sou feliz)
ainda não tiveram a ventura

duma ilusão.

P'ra quê...

Suspender todo o mundo duma dor

é luxo de felizes...

Continuação duma velha história

...e depois de crescer

quis saber das certezas, que haviam de guiar-me

e toda a gente me dava apenas uma:

hás-de morrer.

Poema negro da esperança

Um sôpro de vento
abriu as cortinas
(espessas, opacas)
do meu pensamento.

(Afeito já à noite
eu não distinguia
se era noite ou dia)

Mas no mesmo instante
um fio de luz
coou-se vibrante.

Essa luz que entrevejo há tanto tempo
embaraçada não sei por que névoa
tem-me suspenso
e ri-se do meu riso
quando penso
que a névoa se desfez e que eu cheguei ao paraíso

Assim ando há tantos anos
medroso
desconfiado
duvidoso
de sorriso a cada passo cortado;
assim ando
nesta tarde longa e triste, nesta madrugada fria
que ainda sonham <no> [↑ co'o] parto
duma noite negra[, negra,]
ou dum formoso dia...

Um sôpro de vento
fechou as cortinas
do meu pensamento.

Agora é que é noite
a noite cá dentro...

O filho pródigo

Saio aos trambolhões,
bufando em vendaval,
mordendo-me, arranhando-me,
roendo no meu mal

Que me importa o que fica?
[-Eu sonho com uma estrela que bruxuleia entre névoas -]
(Ai a avareza
das mil lamentações,
que eu gasto apenas com meus aleijões!)
Cerro os meus olhos para me sugar
e me estudar,
e monto num cavalo poderoso;
arranco a toda a brida.

-Eu quero o destrambelho e a noite na distância -

(Ai a ganância
de em mim me enrodilhar...
E os mil pedintes cujo sol é lama
de se viverem tanto a rastejar?)

Que me importa e que me fica?

A luz, o gozo, o fel, todas as vidas,
nem as entendo pela minha vida...

-----*-----

Par<ei>/o\ exausto da fadiga
e as sombras dançam tétricas á minha volta
e em terras tão estranhas
um enjoo revolta

minhas entranhas...

Mordi a terra, mordi as rochas, mordi o pó...

e achei-me sempre inútil

e achei-me sempre só.

E entre as borbotões deste sangue assassino

(dos outros e de mim)

vem-me a saudade da paz de menino,

que tinha nessa luta

de ver alguma coisa,

de fazer alguma coisa...

TALVEZ!

E volto a medo,

sem saber afinal o que me fez

fugir-me p'ra o degrêdo.

Sinto que quero,

mas ando de mãos vagas pelo ar,

tropeçando nas coisas, que procuro,

indeciso entre as coisas, que procuro.

(que a minha vida é só de inconsistência[s]...)

Por isso o meu regresso não deixo festejar,

mas quero que me vão matar vitelos,

mas que me vistam fatos dos mais belos,

enquanto o pai me não disser:

“meu filho,

eis o teu trilha!”

Naufrágio sentimental

Sei que tudo se foi e não mais vem.
Sei que tudo me é longínquo e vago como o porto dum naufrago
Sei que as minhas realidades são êsse além
feito da névoa que outros dissiparam.
Sei que os meus braços longos me abarcaram
quando abarcavam o que a vida tem.
Sei que os meus pensamentos são o princípio e o fim
de tudo quanto existe e não existe em mim.
Sei que os dias me desgastam e que este meu querer morre
como um fiozinho de rio no areal do leito onde corre
Sei que o meu grito agudo, se não for bem estudado,
será um lamento a mais, lamento já gasto e usado,
e que se o mundo o ouvir (que aos gritos está afeito)
será para murmurar que “isto não está mal feito”
Sei que às rosas que são minhas as esmago
à cata de perfumes doutras rosas,
que nas minhas não cabe.
Sei que o círculo fechado que percorro
é o zero desta vida, o bôrdô dêste poço em que morro

Sei além disso que o sei [↑ e que] se o não sei, que o sinto
se o não sinto que pressinto
que a tôda a hora me minto
com gôsto nesta certeza,
de que [↑ me] minto.
E assim teimo na esperança de poder sonhar
com brancas velas
sulcando arminho...
e no bem que me seria
se um vendaval me afundasse

e as quebrasse
a elas,
a meio do caminho,
quando o sonho fôsse em meio...

Rajada

‘Stou cansado de parar
já tanta vez,
de esbarrar
na dúvida, no anseio, no revés.
Ai a luta que se acaba!
Anda, corpo.
anda, alma,
fura a vida, fura a fôrça!
que eu já estou farto de calma!
Fôrça, fôrça,
mata aqui.
vinga ali,
fura, mata, rompe, avança,
como a lança
dum maluco
que se lança
para a frente
e que a gente chama herói.
Anda, vida,
vamos, anda,
que eu já canso
desta anda <e desanda.>
[e desanda.]
Rasga os veios da verdade!
Põe os ferros na vontade,
que tem feito os imortais.
Anda, alma<!/>;\
mais! mais!
Anda, corpo semi-morto,

MAIS!

À minha alma

sorrir... já não; eu quero a gargalhada
doida... sonora... brusca de pavor,
que me embriague ⁱtodo no calor
de sonhos torpes numa luz cansada.

Sorrir... já não; antes febril, irada
espumes em delírios de rancor
e chicoteies toda a minha dor
com rasgos numa fera endiabrada

Depois... depois... que ficasses doente
num ninho de algodões bem fofo, quente
e eu te adorasse por te ver sofrer...

Depois... o estrabuchar desta loucura,
que seja morte ou vida ou a fartura
de não saber que mais hei-de querer...

O sol da Meia Noite

Estou cansado de tudo o que nunca hei-de ter
- bens da minha esperança (a ânsia de desejar)
Estou cansado de ser o rei do mundo,
de possuir tôda e qualquer mulher
de ser <rei> Crespo, Nero, Calígula, Platão
cansado de ser todo o Sim e Não
cansado...
Eis-me tal qual morto no comêço,
a procurar um não sei quê de inúti,
porque ao ante-gôzo do gôzo de [↑ tudo] o que peço e não peço
não dou sequer agora, vazio de bens,
<o mínimo aprêço>
o mínimo aprêço

A chegada

Balada

Ai génios maus não acordeis

minha alma <antiga> [↑ antiga]

o meu amor

Ai génios bons não me mal trateis

a minha dor

Deixai-me estar aqui sozinho

assim partindo

só para a ver... só para a ver...

Ela não sabe, ela não sabe

já não fui eu...

E ela não gosta que eu me mendigue

às outras portas.

E ela não gosta que eu me castigue

(que eu não sabia que era castigo)

com vidas mortas...

<Fim de viagem> [↑ <A chegada>] [O fim]

Quando eu parti ainda era correcto
E era moldável e tinha verniz.
(Por dentro ideais, que fariam feliz
Qualquer romântico ‘inda e mais completo...)

Gastaram-me isso, que se chama afecto,
Embebedaram-me com rum e anis,
E a sorte, caprichosa, quando quis,
Foi-me arrancando ideais pelo trajecto.

E roto e bêbedo, de riso alvar,
Eu não deixei jamais de caminhar,
Arrasado de tropas e fadiga...

Ceguei. E ao veres-me tão pobre e só,
Troçaste muito mais: – tiveste dó
E disseste-me que eras...minha amiga.

[Testemunho 2] BNP Esp. E31/8702

<6>/5\

Fernando quer escrever um romance novo. Romance que fale <das mágoas> [↑ daqueles] que vivem sofrendo. Mas Fernando não <pretende que os> quer que os seus heróis chorem. <Porque o pranto> ou sonhem com estrelas e lua e flores. Porque o pranto e o sonho <é>[↑ são] luxo[s] de felizes. Homens de aço.

[Testemunho 3] BNP Esp. E31/552

[Fl-1] Por que o deixara ela? Ela que dissera «nem que me matem, juro-te; nunca te deixarei!» ζ Por que o deixara? E todavia êle queria justamente que tudo acabasse. Mas <que>/não\ que fôsse ela a acabar. Nem êle. Queria afinal não ser esmagado por aquela certeza de que não valia nada, de que Joana o intrujara. Por isso lhe apetecia comovê-la ou insultá-la, fazer-lhe ver que ela mentira, dizer-lhe que ela era como tôdas, calculista, intrujona. Sair airoso do apêto. Sentia-<†>/se\ humilhado, ¹fundamente humilhado porque o Cosme não reparava ²que Rui seria médico, ¹que Rui era um rapaz inteligente. Todos o aceitavam, todos se curvavam <quando> lá na terra quando Rui discutia sobre política, religião... Êle era entendido. Êle sabia. Por [↑ tudo] isso Joana e o pai deviam querê-lo, aceitá-lo de braços abertos, com orgulho. Mas Joana despedira-o. E Rui chorou sobre si! <Rui sabia que> Reconhecia agora que as mulheres o não poderiam amar porque lhes faltava qualquer coisa necessária. O defeito era seu. Triste. De uma tristeza sem fim.

Rolava sobre a cama revolta, dilacerando-se gostosamente <mas>/com\ aquela dor amarga de se ver desprezado. ζ Que importava que êle fizesse sentir a Joana a intrujice do seu procedimento? Ela não o entenderia, ela havia de rir-se porque Rui parecia ignorar que o amor é um negócio <onde a mentira> [como] qualquer outro que não dispensa a mentira<.> [convencional].

Para tôda a gente, Rui quisera também negociar. Joana era rica e êle um «pobretana». Isso o humilha também. Mas o desgosto mais fundo vem-lhe de Joana o ter deitado fora. Rui não prestava para mulher alguma. Porque Rui não sabia rir, ser alegre, ser malandro como convém. Ser mau. Gozar, <disfru> deliciar-se friamente com a carne da mulher, intrujar, levá-las <†>/à\ rendição, fa<zer-lhes>/zê-las\ sentir, coxa contra coxa, beijos vorazes<,> e depois deitá-las <fora> [↑ para o esterco.] Elas se humilhariam então. Elas amariam. Porque a mulher não entende senão <a>/o\ gôzo da carne.

Mas êle é uma bêsta, sempre longe do mundo. Por isso lhe apetece insultar-se a si mesmo, insultar Joana, vomitar a ambos o seu fundo rancor.

«Nunca mais! Eu seja cão! Você é uma p. como as outras! Mas garanto-lhe, que não <c>/v\olto a ser burro. Se eu <voltar> [↑ tornar] a ser anjo, <dou-lhe> [↑ você] [↑ pode<r>] descarrega[r]-me no focinho <com> montes de trampa. Sua reles! Estupor!»

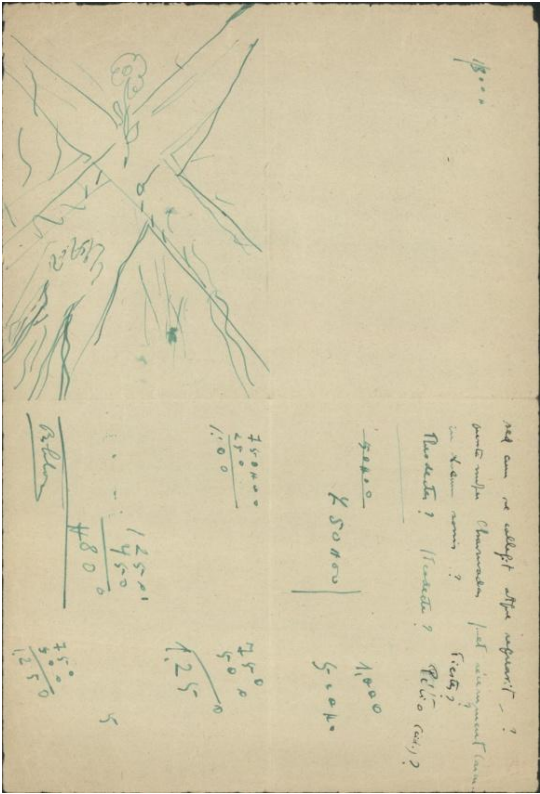
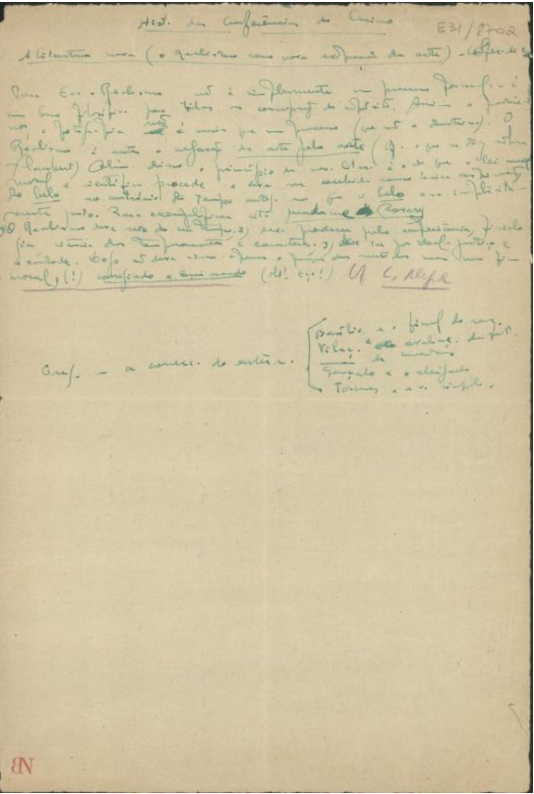
<...>/Rosto\ anguloso da raiva que lhe cerrava os dentes. «Burro! Grande cavalo! Eu seja cão se tornar! Qualquer mulher que me apareça, eu ponho-a debaixo e mando-a depois à merda! Com tôdas as letras. Cambada de estupores!» Cansado. Nervos ao rubro num furor inútil. Para quê? Tudo se fazia com calma e raciocínio. Rui não podia mudar o mundo mas

adaptar-se a êle. Valorizar-se pelo trabalho [fl. 2] embora soubesse que tôda a gente lhe mentia quando o aconselhava: «Isso, Rui! Estude que você há de ser alguém! Você é um rapaz com qualidades. † *certo, de que há-de vencer!» Trampa para a vitória! Pois que raio de vitória era essa que não se<g>/d\uzia ninguém? ¿ Que lhe não dava compensação alguma? [↑ Trampa para a vitória.]

Em todo o caso Rui iria virar-se para os livros. Para os livros que esperavam...

Mas por sôbre tudo, <R> o dedo espetado de Rodrigues continua a garantir: «és uma bêsta!»

[Testemunho 4] BNP Esp. E31/8702



O caminho fica longe

└A ti jovem amigo,¹

PRIMEIRA PARTE

└Amigo!

A estrada é larga e segura

porque foi construída apenas pela experiência dos homens.

Não percas mais os teus passos

pela areia movediça

e estéril...²

¹ [omisso em A]

² [omisso em A]

「³

「Na quietude morna da noite, Coimbra adormecia.⁴ 「Lâmpadas tristes expeliam o bafo de clarões moles que magoavam a espessura do nevoeiro parado. Eléctricos gemiam na arrancada da subida, fendendo o torpor que enlanguescia o ar. Música recolhida ondeava pelo céu.⁵

「- Hum! Não aliso tanto o cabelo...⁶ Pareço mais magro. Diabo de colarinho... 「Eh, pá!⁷ Vê lá 「estas calças que tal...⁸ Parece que me 「ficam largas...⁹

Rodrigues, sem levantar os olhos 「dos sapatos¹⁰ que limpava, esclareceu:

- A calça, propriamente a calça, não está mal. A largueza... 「(deixa ver a tua escova...)¹¹ 「a largueza é das tuas pernas,¹² das flautas...

Rui 「sentia-se vazio, achatado,¹³ quando lhe diziam que estava magro. E para arrasar o Rodrigues, aquele 「grandão¹⁴ sem estética, arregaçou logo as calças:

「- Mas que história!¹⁵ 「Então não terei umas pernas bem feitas, hem?¹⁶ Olha para aqui.

「- Dá cá a tua escova...¹⁷

Rodrigues não olhava. Já tinha visto. As pernas eram 「uns espetos peludos, com saliências de músculos medrosos.¹⁸ 「Ossos, ossos¹⁹ e pêlo.

³ [A] [fol.1] Primeira Parte

⁴ [A] Na flacidez morna da noite, <ador>/Coi\mbra <começava a dormir.> [↑ adormecia.] [D] Na quietude <morna> da noite, Coimbra adormecia.

⁵ [omisso em A] [D] Lâmpadas tristes <expeliam o bafo de clarões moles que magoavam a espessura> [↑ abriam o seu halo] <d>/n\o nevoeiro parado. Eléctricos gemiam na arrancada da subida, <fendendo o torpor que enlanguescia o ar.> [← e uma] <M>/m\úsica recolhida ondeava pelo céu.

⁶ [A] - <amh>/Hum!\ Não aliso tanto o cabelo.

⁷ [A] Eh pá!

⁸ [A] est<a>/as\ calç<a>/as\ que tal...

⁹ [A] <estão> [↓ ficam] largas...

¹⁰ [A] do sapato

¹¹ [A] deixa ver a tua escova.<.>/...\\

¹² [A] <.A>/... a\ largueza é das [↑ tuas] pernas,

¹³ [A] senti<u>/a\ -se <mole,> [↑ <*vexado>/vencido,\\] achatado, [D] <vazio,>

¹⁴ [D] grand<ão>[← alhão]

¹⁵ [A] - Mas que gaita! [D] <- Mas que história!> [-]

¹⁶ [A] <Olh> Então não te<n>/r\ei umas pernas bem feitas *amh?

¹⁷ [A] - Dá cá a tua escôva. [D] <...>/\\

¹⁸ [A] uns espetos peludos com saliências [↑ de músculo] raquític<as>/o\\. [D] [↑ apenas] uns espetos peludos [.] <com saliências de músculos medrosos.>

¹⁹ [A] Ossos. Ossos

- A escova?

E Rui, segurando a calça, exibindo a canela, disse que a escova estava debaixo da cama. Desalentado, largou as pernas e pensou nos braços. «Músculos razoáveis».²⁰ (Que pena não ser um Tarzan, amplo, grande, bem modelado! Poderia então falar de alto, de poleiro, gozar os fracos, «ser amado sem receio de que os outros»²¹ troçassem dele ou lhe roubassem «a dama sonhada».²² Mas o destino fora cruel e entretivera-se, numa hora de borracheira, a espetar-lhe os «ossos uns nos outros e a atirá-lo depois, assim mesmo, magro, pernudo, ao mundo fútil»...²³

«- Mas que tal esta planta, hem?»²⁴ «Hoje, filhinho, se não estivesse preso, era vê-las cair como tordos».²⁵ «Mas trinta escudos»²⁶ por um baile é puxado que se «farta!»²⁷

E a mãe, a sr.^a Joana, tinha poucos trinta escudos para mandar ao filho Rui, que «andava, em Coimbra, a estudar para doutor».²⁸ «Era talvez por isso que ela trazia quase»²⁹ sempre os olhos tristes pelo «chão. Onde havia pedras e tojos...»³⁰

Rui mirava-se e remirava-se «naquela»³¹ doce certeza de que o *smoking* emprestado lhe apagava a nudez «repelente».³² Mas queria que o Rodrigues, o seu amigo íntimo, o Rodrigues galhofeiro, garantisse sério: ««estás um mimo!»»³³ Mas Rodrigues disse apenas:

- Dá cá um cigarro.

«E cantou, com o seu violão, que ia resistindo heroicamente, nos tempos sólidos, a todas as provações».³⁴

Ó meu amor, minha vida...

²⁰ [A] <Bons músculos.> [↑ Músculos razoáveis.]

²¹ [A] se<m>/r\ amado, sem receio de que <ou> [↑ os] outros

²² [D] a <dama sonhada> [← amada]

²³ [A] ossos <nos>/uns\ <ou>/n\os outros e [↑ a] deitá-lo depois, assim mesmo, magro[,] <e> pernudo, a[o] <<mundo> /mundo> [↑ mundo] fútil...) [D] <fútil> [→ infame)]...

²⁴ [A] – Mas que tal esta planta, h<ai>/e\m? [D] – Mas <que tal> [← vê-me] esta planta <,,>/. \ <hem?>

²⁵ [A] Hoje filhinho, é vê-las cair como tordos. [D] Hoje, <filhinho,> [→ menino,] se não estivesse [← já] prêso,

²⁶ [A] Mas 30\$00

²⁷ [A] farta

²⁸ [A] 30\$00 para mandar ao [↑ seu] filho Rui que andava [, ↑ em Coimbra,] a estudar para Doutor. [D] andava<,> em Coimbra<,>

²⁹ [D] <Era> <t>/T\alvez por isso <que> ela trazia qu<á>/a\s<i>/e\

³⁰ [A] chão <, o>/. O\nde havia pedras e tojos... [D] <Onde havia pedras e tojos...>

³¹ [D] <naquela> [↑ na]

³² [A] <cadav>/repel\ente.

³³ [A] "estás um primor".

³⁴ [A] E cantou com o seu violão que ia resistindo heròicamente <ao pontapé e ao vinho> [↑ nos tempos sólidos:] [D] resistindo[,] <heròicamente,>

「Rui abriu³⁵ o maço de tabaco. (Comprara até 「tabaco.³⁶ Para quê? Se ele nem tinha o vício de fumar...) Mas logo 「remocou:³⁷

「- Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não tenho dinheiro para te sustentar...

Rodrigues ergueu-se de um repelão:

Dinheiro?! Tu falas em dinheiro? Tu? o chique, o homem que compra cigarros feitos, que veste *smoking*, camisa pau?...

Mas o Rui não achou graça nenhuma àquele esforço humorístico do Rodrigues. E bramiu:

- Ora vai-te quilhar! Que diabo! Tu não sabes que é por causa da rapariga que vou ao baile?

- Ah!³⁸

「Uns segundos de silêncio religioso. Rui³⁹ continua em monólogo:

「- ... tem um vestido de *soirée*... quer mostrá-lo, se não rebenta. E eu que pague as favas...⁴⁰

- Mas ouve lá uma 「coisa!⁴¹ (Rodrigues agora 「falava⁴² a sério. Já 「espetara⁴³ mesmo o ar com aquele dedo enorme que abria fontes de verdade 「qual vara de

³⁵ [A] Rui <<, desconte>/abriu\>

³⁶ [A] tabaco[.] <feito>

³⁷ [A] resmoncou: [D] <remocou:> [↓ refileu:]

³⁸ [A] [fol.2] <_ Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não <estou para> tenho dinheiro para te sustentar...

<->/Ro\drigues acendia pachorrentamente <o> <o> *Paris*.

- ... dinheiro... <Dinheiro> An?... Dinheiro?... Disseste [↑ tu?] <dinheiro?> [↑ (Bocejo)] É boa... (pausa) Com que então não tens dinheiro?... Tem uma certa laracha... Ninguém ... havia... de... dizer...: *smoking*, cigarros feitos, bailes...

- <Ó pá> [↑ Ó pá] Mas [↑ para] <que prazer tens tu em estares> [↑ que é que [↑ tu] hás-de estar [↑ < tu>] sempre] <sempre> a xatear-me?...²<tu> <n>/N\ão sabes que eu vou ao baile por causa da rapariga? ¹Que raio!>

- Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não <estou> [↑ tenho dinheiro] para te sustentar...

Rodrigues ergueu-se de um repelão:

- Dinheiro?! Tu falas em dinheiro? Tu[,] <?> o *chic*, o homem que compra cigarros feitos, que veste *smoking*, camisa pau?...

Mas Rui não ach<ando>/ou\ graça ne<m>/nh\uma àquêlê esforço humorístico do Rodrigues. E bramiu:

- Quilha-te! Que diabo! Tu não sabes que é por causa da rapariga que eu vou ao baile?

- Ah!

[D] <- Ora> <v>/V\ai<-te quilhar> [→ bardamerda]! <Que diabo!> Tu <não> [→ bem] sabes que é por causa da rapariga que vou ao baile<?>!/\\

³⁹ [A] um minuto de [↑ silêncio] religioso[.] <de> Rui

⁴⁰ [A] tem <fatos caros...> [↑ [um] vestid<os>/o\ de *soirée*...] quer exhibi<r-se...>/i-lo,\ <Vaidades!> <<E eu> [↑ O pior] é [↑ ter eu] <que tenho> de pagar as favas...> [↑ se <se>não rebenta! E eu que pague as favas.] [D] quer<e> [...] que <pague as favas> [→ me lixe]...

⁴¹ [A] coisa.

⁴² [A] fal<ou>/av\ a

Moisés)⁴⁴ Tu não vês que a 「cachopa」⁴⁵ 「te não serve?」⁴⁶ 「Não vês que aquilo não é para falinhas doces, que é só o que tu sabes dizer?」⁴⁷ 「Não vês que o que ela quer é um homem teso!」⁴⁸ 「E, que diabo, tu bem sabes o que para aí se diz da rapariga...」⁴⁹

- És um asno!

Rodrigues não discutiu. Mas Rui, de si para 「consigo, ia remoendo」⁵⁰ a opinião do amigo: 「«tu bem sabes」⁵¹ o que para aí se diz...」 Na verdade, 「Amélia tinha qualquer coisa de mulher de aço flexível. Áspera. Soberba. E bela.」⁵² No dia em que a 「beijara pela primeira vez...」⁵³ 「Oh! o beijo! A fúria dos lábios esborrachando-se!」⁵⁴ 「Mas ela voltou tão depressa à serenidade macia dos sonhos repousados!」⁵⁵

「De resto,」⁵⁶ Rui talvez não casasse... 「Que diabo!」⁵⁷ Lá porque a namorava... Mas ele não queria convencer-se disso. 「E, com um esforço desesperado da imaginação,」⁵⁸ 「esbatia」⁵⁹ sempre os contornos 「duros do amor」⁶⁰ que 「adivinrava」⁶¹ em Amélia.

「Enfim, fosse como fosse, Rui ia dançar com ela.」⁶² E dançar com ela era senti-la perto de 「si,」⁶³ era ver-lhe de perto 「aqueles olhos mais negros que as noites」⁶⁴ 「sem estrelas... (Poesia!)」⁶⁵ Quando a olhava 「nos olhos, no negrume dos olhos vivos e

⁴³ [A] espet<ou>/ara\

⁴⁴ [A] <como a> [como] vara de Moisés) [D] <_i>

⁴⁵ [D] <cachopa> [-> rapariga]

⁴⁶ [A] não te serve? [D] <_i>

⁴⁷ [A] <Aquilo> [↑ Não vês que aquilo] não é <tipa de> [↑ para] falinhas doces, que <o>/è\ [↑ só] o que tu sabes dizer?

⁴⁸ [A] <Quere> [↑ Não vês que o que ela quere é] um homem? [D] quer<e>

⁴⁹ [A] E, que diabo, tu ... ²sabes ¹bem o que para aí <se diz> <[↑ corre]> [↓ se diz] da rapariga... [D] <rapariga> [-> sujeita]

⁵⁰ [A] consigo ia moendo

⁵¹ [A] "Tu sabes bem

⁵² [A] <a>/A/mélia tinha um tic de mulher <f>/d\e aço flexível. Áspera. Soberba. E bela. [D] Amélia tinha <qualquer coisa de mulher de aço flexível.> [-> no curvado do corpo uma sinalização para a cama.] Áspera. Soberba. E bela. [← naturalmente]

⁵³ [A] beijara <...>/p\ela primeira vez...

⁵⁴ [omisso A] [D] <o> [-> que] beijo! A fúria dos lábios <esborrachando-se!> [← dos dois!]

⁵⁵ [A] Mas ela voltou t<am>/ão\ depressa à serenidade macia dos sonhos <de algodão!...> [brandos...] [D] [...] <à>/ao\ <serenidade> maci<a>/o\ dos sonhos[!] <repousados!>

⁵⁶ [A] De resto

⁵⁷ [A] Diacho!

⁵⁸ [omisso em A] [D] E<,> com um esforço desesperado da imaginação<,>

⁵⁹ [A] E esbatia

⁶⁰ [D] <duros> do amor [↓ duro]

⁶¹ [A] ele adivinhava

⁶² [A] Uma realidade: Rui ia dansar com ela. [D] <Enfim,> [↓ Mas]

⁶³ [A] si era

⁶⁴ [A] aqueles olhos mais negros que a noite... [D] <aquêles> [↑ os seus] olhos <mais> negros [...] <que as> [↑ como uma] noite<s>

⁶⁵ [omisso em A]

fundos...⁶⁶ (「Estupidez!⁶⁷ Que importavam os 「olhos?⁶⁸ Que importava a negrura dos olhos?... A verdade é que ele andava a fazer 「figura⁶⁹ de parvo! Toda gente dizia coisas da 「rapariga, e ele⁷⁰ «com cara de 「anjinho», todo suave, todo melífluo... 「«Não vês que o que ela quer é um homem?» Porque nasceria Rui tão débil, tão enfezado?»⁷¹

⁷²- Não vou ao baile!

「Rodrigues cantarolava escovando as calças:

Ó minha esguia andorinha...

「- Estás ouvindo? (Ouvia lá agora). Não vou ao baile!

- Mas... quê? Não vais ao baile? (Bocejo) Não vais então ao baile? Acho bem...

...toma lá, faz o teu ninho
na minha capa velhinha.⁷³

Rui calara-se um momento. Que pena o Rodrigues ser 「assim...⁷⁴ Não se importar com as dores dos 「outros...⁷⁵ Sempre 「satisfeito...⁷⁶ Que pena! 「Se ele tivesse outro feitio, seriam mais amigos! Haviam de comunicar um com o outro, haviam de contar-se mutuamente os desgostos!... Assim...⁷⁷

「Rui, para lhe chamar a atenção, tem de falar como quem fala só para si:⁷⁸

「-... esses boatos! Não me ajeito com isto! Não tenho feitio... (mas que feitio?)⁷⁹

⁶⁶ [A] <assim> nos olhos, na negrura dos olhos vivos e fundos...

⁶⁷ [A] <Larachas!> [↑ <Parvoices!>] [Estupidez!]

⁶⁸ [A] olhos?... [D] olhos? <...>

⁶⁹ [A] uma figura

⁷⁰ [A] rapariga e el<a>/e\] <<>cara de anjinho <>> todo suave, todo melífluo...)

⁷¹ [omisso em A]

⁷² [A] [fol.3]

⁷³ [A] <Rodrigues cantarolava esfregando os sapatos:

ó minha esguia andorinha...

- Não ouves? (Ouvia lá agora...) Não vou ao baile!

... toma lá faze o teu ninho>

- mas... quê? <(N)ão vais ao baile? (bocejo) Não vais então ao baile? É <um>/o\ diabo, é o diabo...
...na minha capa velhinha.

⁷⁴ [D] assim <...>/.\

⁷⁵ [D] outros <...>/.\

⁷⁶ [D] satisfeito <...>/.\

⁷⁷ [A] [↑ Se ele tivesse outro feitio] <S>/s\eriam <am>/mais\ amigos <,>/!\ [↑ Haviam de comunicar um com o outro, haviam de contar][se], mutuamente] <contariam> os desgostos <dum ao outro>!... Que pena! [D] [...] desgostos!<...> Assim...

⁷⁸ [A] Rui para lhe chamar a atenção tem de falar em monólogo:

「Sinto-me⁸⁰ mal, caramba! E 「depois, ainda por cima, esta coisa de fazer figura com smoking alheio...⁸¹

- É grave...

Rui sentiu-se de pedra. Para que tentar mais? 「Negra vida!⁸² Ainda se ele conseguisse ser outro. Outro!⁸³ Mudar! (Mudar...) Felizes os que nascem talhados como convém! Que o mudar é 「tão difícil!⁸⁴

Rodrigues acorda. Pesado e sério:

- 「Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? 「Não sabes dançar? (Rui dançava mal). Envergonhas-te Esta é de primeira ordem! E fui eu pôr o relógio no prego? Hem? Porque diabo não disseste então que não querias ir? Sim, porque não dizias?

Rodrigues já não ria. De testa engelhada, caía sobre o amigo com fragor e com domínio. Rui temia-o, porque Rodrigues, naquele aparente não-te-rales que o punha por cima de tudo, tinha o sentido justo de equilíbrio na vida. Ele perguntara: «porque não disseste então que não querias ir?» Para Rodrigues, o smoking emprestado os ditos acerca de Amélia, não tinham nada que ver com o baile. E, achatado sob o peso das palavras do Rodrigues grande, de pernas entroncadas e opiniões sólidas, Rui gemeu e recomeçou, em silêncio, os trabalhos da ornamentação.⁸⁵

⁷⁹ [A] -... esses boatos! Não me ajeito <a> [↑ com] isto! Não tenho feitio! <([↑feitio] <<P>/p\ara> [de] quê?)> [↑ (Mas que feitio?)]

⁸⁰ [A] <*Devia não> Sinto-me

⁸¹ [A] depois ainda por cima <f> esta coisa de fazer figura com <o>/os\ smoking[s] dos outros...

⁸² [A] <Mas Rodrigues> Negra vida!

⁸³ [A] Ainda se ele conseguisse, ser outro<,>/. \ <o>/O\utro!

⁸⁴ [A] tam difícil!...

⁸⁵ [A] [fol.4] <baile? porquê? Sim porquê? Envergonhas-te? É boa! Não sabes dansar? E fui eu pôr o relógio no prego? einh? E foste tu pedir 40\$00 emprestados ao Faustino... Para quê? Dize lá para quê?

Rodrigues engelhava a testa. Rui amornava, <e> enrodilhando as pernas para se sentar na cama torta.

- Bem. Põe lá a couraça [↑ ... <ou> [↑ quere dizer] o laço...] ou o que é que te falta, rematou Rodrigues.

A "couraça" era a camisa de pau, a camisa engomada.

Rui recomeçou a tarefa do embelezamento.

- Mas tu...

"Que foi?" perguntaram os olhos fundos de Rui.

- Vestiste o [↑ meu] smoking <antes da camisa> [↑ em vez do teu].

- Ando bêbedo.>

<Truz! Truz! Batem à porta do quarto.>

- Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? ² Envergonhas-te? <É boa!>

¹ Não sabes dansar? [↓ (Rui dansava mal)] <É boa!> [↑ esta é de primeira ordem!] E fui eu pôr o relógio no prego? einh? Porque diabo não dizias <log> então que não querias ir? <Ora a história!> Sim, porque não dizias?

Rodrigues engelhava a testa <,>/. \ Rui amornava, enrodilhando as pernas para se sentar na cama torta. Era o acordo. Rodrigues rematou:

- Bem. Põe lá a couraça, ou... o que é que te falta<,>/. \ [e deixa-te de maluqueiras.]

「Justamente nessa altura alguém bateu à porta. Rodrigues lembrou-se, por instinto, da patroa e da conta, a conta atrasada que punha sempre, na alma de Rui, uma tristeza nevoenta.⁸⁶

⁸⁷ - Abre lá isto!

「Rui, com um oh! na boca e nos olhos, mirou o Rodrigues.

- É o Ferraz!

Era, era o Ferraz, colega de Rui. O Ferraz que emprestara ao Rui 100\$00 e que vinha reaver o dinheiro para ir também ao baile. Rodrigues parou o golpe:

- Ouve!

- Ó menino, não tenho nada que ouvir; eu preciso da massa: já ta emprestei há...

- Mau! Ouve lá primeiro, e deixa-te de armar em pravo! Tu precisas de ir ao baile, não é?

- Pois claro.

- E não tens bago?

Claro que não tinha. Ele era rico (o pai tinha «muito caroço»), mas derretera a mesada ao king e ao burro.

- Pois eu arranjo-te entrada à borla. Tu esperas à porta, aí pela meia-noite, e não se fala mais nisso.

Ferraz era redondo e fofo. Duvidou ainda das palavras do Rodrigues, mas acabou por se mostrar convencido. E saiu. Para escanhoar a barba e enfardelar-se como cumpria. Rui...

- Vamos a isto. Deixa-te de mirar o astro.⁸⁸

A "couraça" era a camisa de pau, a camisa engomada.

Rui recomeçou a adornar-se.

- Mas tu...

"Que foi" perguntaram os olhos fundos de Rui.

- ... vestiste o meu smoking em vez do teu. É que vestiste, mesmo!

- Ando bêbedo.

Truz! Truz! Batem à porta do quarto.

[D] E, <achatado> [← esmagado]

⁸⁶ [A] - A patrôa! Aí vem a patrôa e a conta, a conta e a patrôa. Mete-te na cama... vá; assim mesmo como estás.

Truz! Truz!

Rodrigues ia já resmoneando que o dinheiro não viera ainda... o rapaz, o Rui, o doutor Rui estava doente... enfim [(ç mas que tinha que ver a doença com...)] [D] <uma> [← um negrume de] tristeza[.] <nevoenta.>

⁸⁷ [A] [fol. 5]

⁸⁸ [A] - Oh!...

Entreolharam-se.

<- Vai já, vai já!> [↑ - Lá vai! <Lá vai!>]

Um rapaz de estofos balofos preencheu o rasgão da porta.

‘Mas Rui não se despegou do peitoril da janela, mãos nos bolsos, costas viradas para o Rodrigues e o credor Ferraz. Sentia-se triste.

Sobre o frescor áspero do vale tenro caía o sopro da maldição que ia mirrando as flores e secando o riso claro dos ribeiros. Ondas túmidas desenrolavam-se pelos campos, aos gorgolões. E foi o fim. Depois o sol ergueu-se e olhou a desolação do areal. Lá longe, a linha ténue do horizonte falava de uma tristeza branda que alastrava molemente.

Foi então que o grito se levantou, vincando o ar, e se crisparam as mãos afiladas de unhas compridas. Porque todo o mundo acudiu em roldão, berrando a vida que fervilhava em terras ignoradas.

Rui! Se ele fosse rico, se ele tivesse bens, poder, oh! poder, domínio, força! Ter o poder de amassar o mundo na sua mão frenética. Esmagá-lo! Esmagar toda a gente, toda! Mas não; ele havia de andar eternamente dobrado! Sem dinheiro! Hoje, para Rui, a falta de dinheiro era a única tristeza sentida. Se fosse rico! Mas ele nascera pobre. Caramba, pobre! A vida era dura, dura! E Rui tinha o direito de poder gozar também, gozar, gozar a vida em toda a amplitude, gozar, possuir, viver como tantos outros... Fora o pai, fora a mãe que o tinham parido pobre, para andar ali aos pontapés de um Ferraz

- O[] Ferraz!...

E o Ferraz <informou-se> [↑ delicado] informou-se logo da doença do Rui.

- Estás de facto pálido... Come-lhe, bebe-lhe bem<.>/;<Q>/q\ue tu afinal bebes-lhe que nem um alarve. Olha: não bebas; o vinho talvez te faça mal. Mas...

[(] Cravou os olhos no pescoço de Rui.[)] - ... de colarinhos à <"beef"> [↑ bife]...

Rui aconchegou a roupa atarantado. Depois voltou um olhar imbecil a Rodrigues, que auxiliou.

-... vê tu que o tipo queria ir ao baile.

[(]Achara a ponta perdida.[)] - ... doente como está. Qual baile? ... P'ra a cama. E meti-o na cama <de colarinhos>. [<- Não tiraste ainda os colarinhos?>] [↑ Mas lá os colarinhos... Pois tu não tiraste os colarinhos!]

- ... e de smoking.

- Anh? Sim, quer dizer... [↑ talvez...] de smoking, <isso... isso... e até... não sei... mas creio que até está de sapatos> [↑ é boa! Mas com quê, de smoking? É de primeiríssima ordem! Então tu <dormes>/dormes\ de smoking? É boa? Esta é boa! <Ah! Ah!>]

[fol.6] Foi um desastre. Rui fulminou-o. Saltou da cama, nevado de pêlo dos cobertores.

- De sapatos, de smoking, do diabo! Que é que tu queres afinal, vá dize lá[,] o que queres?

- Está têsso o homem! Einh? Que queres? Isto é o bonito... Que hei-de querer? O bago que te emprestei há quatro meses... os cem paus...

- Os cem<...?> [↑ paus?] Mas tu julgas que sou algum pelintra? Eu pago, <filho.> [↑ menino, <não te aflijas, que diabo!>] Eu não preciso do teu dinheiro para nada. [↑ Não te aflijas que eu pago...] Eu... o Rodrigues... <enfim eu tenho,> eu hei-de arranjar...

Rodrigues remendou:

- Amanhã, ou antes, depois de amanhã, quer dizer<,>[...] <isto é...>

- Fico a apitar, é o caso.

- Dentro de quatro dias garanto-te que tens a massa.

Rodrigues garantira. Ferrás safu esferoidal e embatucado. Rui...

- Vamos a isto. Deixa-te de admirar os astros. [D] <e enfardelar-se> [→ alindar-se]

qualquer.⁸⁹ 「(Lixem-se aquele pai, aquela mãe!⁹⁰ 「Se não podem, que arreiem!⁹¹ Já um telegrama: 「dinheiro!⁹² Não digo mais nada. Ou uma carta. 「Espera;⁹³ uma carta: ando para aqui feito farrapo sem um tostão. Assim mesmo: um farrapo. E 「escreveu).⁹⁴

「- Tens⁹⁵ um sêlo?

「Rodrigues, com um sorriso vagaroso, mergulhou a mão pachorrenta nas profundezas da algibeira e sacou o porta-moedas.⁹⁶

- Um... dois.... oito de meio tostão. No correio nunca há meios-tostões.⁹⁷ 「Se te servem...

- Claro que servem...⁹⁸

「Pouco depois saíram afogados nos sobretudos que a morrinha polvilhava.⁹⁹

E a carta, com os selos formando um mapa, caiu fúnebre no marco do correio.

O baile estava frouxo. Não 「admirava,¹⁰⁰ porque 「eram onze horas e a gente chique¹⁰¹ só por volta da meia-noite 「se dignava aparecer.¹⁰²

「Rui chegou a censurar Rodrigues:

- Para que diabo a gente veio tão cedo? Andas sempre com umas pressas...

⁸⁹ [A] <Rui chorava.

- Ah! Ah! Ah! Chora filho que a maré vai boa.>

[Mas Rui sentia-se triste, triste. Vinha-lhe de longe uma quási saudade branda que o cercava de <vazio> [↑ solidão]... Triste vida! Se ele f<o>/ô\sse rico, se ele tivesse bens, pode<res>/r\ Ah! poder<!>/\ domínio, fôrça! [↑ Ter o] <P>/p\oder [de] enrodilhar o mundo na sua mão frenética. Esmagá-lo! Esmagar tôda a gente, tôda! [↑ Mas não:] <E>/e\le havia de andar eternamente dobrado! Sem dinheiro! <↑>/Hoje\ para Rui a falta de dinheiro era o pior mal que <lhe> o podia atingir. Se fôsse rico! Ele nascera pobre! <E na fúria que o sacode a> Caramba, pobre! A vida era dura, dura! [↑ E] <E>/e\le <<havia de > [↑ devia] poder> [↑ tinha o direito a poder] gozar, <ter,> [↑ também gozar, gozar a vida em tôda a amplitude, gozar] possuir, viver como tantos<.> [↑ outros...] Fôra o pai, fôra a mãi que o [↑ tinham] gera<ra>/do\ pobre, para andar ali aos pontapés d<o>/um\ Ferrás<:> qualquer:] [Nota: acrescento no verso, referido a este local pela ordem Volte.] [D] <áspero> do vale <tenro> [...] <mirrando> [← secando] [...] <secando> o riso <claro> [...] <túmidas> [...] <e olhou> [→ por sobre] [...] <Lá> <L>/L\ongue [...] <Foi> <e>/E\ntão <que> o grito <se> levantou[↑-se], vincando o ar <e>/e\ 2as mãos 1se crispavam <afiladas de unhas compridas.> [...] <P>/p\orque [...] <berrando> [← clamando] [...] rico<,>/\ <s>/S\e

⁹⁰ [A] [(Q)Lixem-se<!> <Aquele pai,> [↑ aquele pai] aquela mãi!

⁹¹ [omisso A]

⁹² [A] dinheiro.

⁹³ [A] Espera:

⁹⁴ [A] escreveu.[.])

⁹⁵ [A] [fol.7] - Tens

⁹⁶ [omisso A]

⁹⁷ [A] [↑ - Deixa ver: um, dois...] <-O>/o\ito de meio tostão. No correio nunca há meios tostões.

⁹⁸ [omisso A]

⁹⁹ [A] <À>/N\essa noite <com> <uma>/de\ [↑ <com uma>/com uma\] chuva miudinha, os dois saíram.

¹⁰⁰ [A] admirava porque

¹⁰¹ [A] eram apenas II horas e a massa <"chic"> [↑ chique]

¹⁰² [A] <vinha a público.> [↑ se dignava <mostrar> aparecer.]

- Está caladinho, menino, está caladinho... Vai comendo uns bolos, vai comendo... Mas cala-te.

Um bando de meninas entrava no salão. Claridades frouxas poisavam, de leve, na vaporosidade ondeante dos vestidos que se alongavam. Cinturinhas débeis. As ponteiros pequeninas dos sapatos ocultos punham no andar das meninas uma delicadeza subtil. Amélia vinha no grupo. Trazia o rosto, os gestos, o todo transfigurado, num disfarce de névoa esparsa e diáfana. Rui olhou-a encantado e sentiu-a, como nunca, longe de si. Porque Amélia já não era aquela rapariga áspera, de flexibilidade de mola de aço. Tudo nela amortecia em brandura líquida. Anjo. E foi um tremor de arrepios que lhe eriçaram a pele, quando, num sorriso medroso, ele lhe perguntou:

- Estás boa?

E desafojado, satisfeito, voltou logo, a correr, num susto, para o pé do Rodrigues, que inquiriu:

- Então? Já viste a senhora?

Lá de longe e lá do alto Rodrigues adejava sobre o luxo das sedas roçagantes e a frescura das meninas pintadas.

Ó pá, tu também por aqui?

Era o Vaz, o Vaz «dos futebóis».

- Porquê? Estás admirado? Achas-me sem planta para bailes finos, não?

Mas o grupo refazia-se em breve. O Fernando das literaturas, o Justino, o fofo Justino, e o António Cruz das elegâncias. Todos num luxo...

- Ó Cruz, tu vens um mimo! (O Rodrigues).

O Cruz preferia que lhe não falassem assim... E que lhe não chamassem Cruz, mas António. («Adeus, António!» «Ó António, estás mesmo bom?»). Porque diabo andariam sempre a chamar-lhe ponney, dandy? Lá, a casaca bem feita; lá a calça bem vincada...

- Não é só isso, menino (aí voltava o Rodrigues). É esse aplomb, é esse jeito galã, caramba! Estás bonito que te fartas!

- Vai-te despir!...

Mas, no fim de contas, o Cruz estava convencido de que era bonito. De sapato ferrado e cachimbo em saxofone, ganhara fama de ponney nos chás das cinco que as meninas pelintras lhe bebiam, a goles circunspectos, na Central. Era um luxo para o Cruz pagar ao sábado, às Fifis sem cabedais, chás e cacaos que lhe custavam os olhos da

cara. Um riquíssimo ponto, o Cruz. (Dizia o Rodrigues). Já o Fernando era outro... Viera ao baile (afirmava ele) «só para estudar».

Fernando era, afinal, um cínico (isto lhe dizia justamente o Rodrigues, mas por outras palavras). Namorara uma rapariga apenas para lhe analisar a alma, e colher dados de que havia de servir-se numa novela, que não chegara a publicar.

O dandismo do Cruz aborrecia-o:

- ... também é das poucas coisas que lhe não tolero - garantia depois. - Que no resto é um tipo gramável. Tu conheces bem...

Rui falava pouco. Ao Fernando conhecia-o por intermédio do Rodrigues. Quanto aos outros, eram «palermas». Que toda a gente, afinal, era palerma.¹⁰³ 'Por instinto, receava os outros, os desconhecidos que podiam trocar dele impunemente, não coravam tinham à-vontade. (Porque havia Rui de corar? Era uma coisa estúpida).¹⁰⁴ 'Por isso aconchegava-se¹⁰⁵ ao vasto Rodrigues, entalando-se-lhe em todos os

¹⁰³ [A] [Rui chegou a censurar Rodrigues:

- Para que diabo a gente veio/o\ <tão>/tam\ cedo? Andas sempre com umas pressas...

- Está caladinho menino, está caladinho... Vai comendo uns bolos, vai comendo... <Olha>

<- Parece mal> Um bando de meninas entrava no salão. Os vestidos <em tufe> caíam em tu<fos>/fos\ <[↑ no chão]> e mal deixavam assomar as pont<inhas>/as\ dos sapatos. <E> Rui ficou preso de Amélia [↑ (ela vinha no grupo)] que parecia deslizar sobre o soalho<,>/. \ <<v>/V\inha> [↑ <Deslizava>] [,] vaporosa, subtil. Dir-se-ia que se lhe tocasse <se>/ir\ia desfazer-se como a espuma...

Rui cumprimenta. Rodrigues lá <de> longe e lá do alto adeja sobre o luxo das sedas roçagantes <das bonecas> e a frescura das meninas pintadas...

- Ó pá tu <[↑ o Va]> também por aqui?

Era o Vaz, o Vaz <do> "dos futebois".

- Porquê, estás admirado? Achas-me sem planta, [↑ para bailes,] não?

Mas o grupo refazia-se em breve. O Fernando [↑ das literaturas], o Justino, [↑ o fofa Justino] e o Cruz<.> [das ↑ elegâncias] Todos <*luxuosos> num luxo...

- Ó Cruz, tu vens um mimo! (O Rodrigues não perdoava)

O Cruz <não gostava> [↑ preferia] que lhe [↑ não] falassem assim... Porque diabo é que <o acha<vam>/riam> [↑ <o> andariam sempre a cham<ar>/á\lo] ponney? <O>/Lá\ o smoking bem feito; lá a calça bem vincada...

- Não é só isso, menino (aí voltava o Rodrigues) É esse aplomb esse jeito galã, caramba!

- [↑ Ora] Vai-te despir!...

Mas no f<im de>/im\ de contas o Cruz estava convencido de que era bonito. Já o Fernando era outro <rapaz...> <E por isso <o>/lhe\ <não> aborrecia <que> <a>/aquela\ mania do Cruz> [↑ ... <Ele> Viera ao baile (dizia ele), só para estudar. [↓ <N<um>/o\ fim de contas> [↑ Ele] era [,↑ afinal,] um cínico. Namorara uma rapariga [↑ apenas] para lhe estudar a alma, para colher dados de que havia de servir-se numa novela, que não chegara a publicar.

Aquela mania do Cruz aborrecia-o:]

- ... <mas> [↑ também] <†>/é\ d<os>/as\ <*únicos> <defeito,> [↑ poucas coisas que lhe não <†>/tolero\], garantia depois<,>. <d>/D\ e resto é um tipo esplêndido. Tu conheces bem...

<O Rui <†> [↑ falava pou] > <Já dera umas voltas...> Rui falava pouco[.] <e aconchegava-se etc> [↑ Ao Fernando quási só o conhecia de vista. E os outros eram ["]parvos["]. Por isso aconchegava-se etc...] [Nota: *acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem Volte.*] [D] E foi [↓ n]um tremor [...] eriça<†>/v\am [...] <quando, num sorriso medroso,> [↑ que]

¹⁰⁴ [omisso A]

¹⁰⁵ [A] <Rui aconchegava-se> [Por isso aconchegava-se]

movimentos. Se Rodrigues bebia, Rui ¹⁰⁶bebia; se ia ¹⁰⁷dançar, Rui dançava. ¹⁰⁷ Sozinho não sabia tomar conta de si.

Amélia estava ¹⁰⁸encravada num círculo de amigas, ¹⁰⁹e Rui, tímido acobardado, suava ¹¹⁰para lhe falar. Quando a convidava ¹¹¹à dança, todos os olhares o perfuravam (que ele bem percebia), e até que se sumisse no conchego ¹¹²morno da namorada, tremia, sorria com idiotice, corava. ¹¹³

Que diriam aquelas raparigas? Achá-lo-iam feio, miúdo, enfezado... ¹¹⁴A Catarina, ¹¹⁵pelo menos, achava. Costumava alfinetá-lo ¹¹⁶com «gracinhas»: «Você está cadavérico!» ¹¹⁷«Que magro agora anda!» ¹¹⁸Por isso, Rui ¹¹⁹deitava teimosamente furtivos olhares aos espelhos, ¹²⁰que lhe devolviam uma cara molenga e escavada. ¹²¹

Depois endireitava-se para que a cabeça lhe subisse ¹²²altiva acima do par, numa ambição de domínio irrefutável. Ele era alto. Isso ninguém podia negar. ¹²³

No redemoinho das sedas e cores, perdeu o Rodrigues e, durante largo tempo, farejou-o inutilmente. ¹²⁴Lá o achou depois ¹²⁵dependurado sobre o par, comovido, de olhos fechados em gozo fundo. ¹²⁶

Amélia enrugava o rosto, ¹²⁷descontente. De vez em quando ¹²⁸desdobrava o franzido da testa e abria um sorriso às amigas, que lhe passavam à ilharga, risonhas, ditosas. ¹²⁹

¹⁰⁶ [A] bebia,

¹⁰⁷ [A] dansar, Rui dansava

¹⁰⁸ [A] <Depois> [↑ De resto] a "cachopa" estava]

¹⁰⁹ [A] amigas

¹¹⁰ [A] e Rui suava

¹¹¹ [A] para dansar,

¹¹² [A] furavam até que se sumisse no conchêgo [D] <conchêgo>

¹¹³ [A] tremia com arrepios.

¹¹⁴ [A] feio... pequeno, enfezado.

¹¹⁵ [A] A Catarina

¹¹⁶ [A] azedá-lo

¹¹⁷ [A] cadavérico!..."

¹¹⁸ [omisso A]

¹¹⁹ [A] Rui,

¹²⁰ [A] <um> furtivo[s] olhar[es] ao[s] espelho[s],

¹²¹ [A] devolvia[m] uma cara chocha e molenga.

¹²² [A] altiva e dominadora acima do par

¹²³ [A] <(Alto era ele...)>

¹²⁴ [A] perdeu <por algum tempo> [→ o Rodrigues] e durante algum tempo rebuscou-o <por entre <os manequins altos.> [↑ as sedas e penas.]> [↑ sem resultado.]

¹²⁵ [A] [↑ depois]

¹²⁶ [A] o par [,] com os olhos fechados comovidamente.

¹²⁷ [A] <²A namorada[,] ¹porém, a> Amélia, enrugava <o>/o\ <rosto> [↑ rosto]

¹²⁸ [A] <desenovelava> [↑ desdobrava]

- Estás «aborrecido»?

Rui sorriu imbecilmente e abanou a cabeça. Não, não estava aborrecido.¹³⁰

Amélia tinha vontade de o compor, de lhe dizer como havia de sorrir, de falar, «enfim»,¹³¹ de ser como os «outros, alegre, despreocupado».¹³²

- Estás, bem vejo que estás. Não dizes nada...

«- Não»,¹³³ aborrecido não estou. Basta estar ao pé de «ti».¹³⁴

«Franziu os lábios num sorriso medroso e sentiu, uma vez mais, dentro de si, a impotência desanimadora para viver, divertir-se, ser sociável. E esta certeza de que não sabia lidar com ninguém, de que o seu feitio era o de gebo, um mono, um sonso, lançou-o, por vingança e prudência, num daqueles longos silêncios que Amélia ia conhecendo, com tédio».¹³⁵

«- Desculpa»,¹³⁶ não sei «dançar».¹³⁷

«Pisava constantemente os pés da namorada, naquele passo de valsa saltitante e embaraçoso».¹³⁸

- Hei-de ensinar-te, sim?!

«Amélia reparou que nada ganhara¹³⁹ com o jeito brejeiro daquele «sim».

«A valsa acabou. Palmas, duas palavras para se dizer qualquer coisa, e a orquestra a repetir a música».¹⁴⁰

«Aí voltava o tormento».¹⁴¹

- Eu não sou para estas coisas... Sinto-me «mal»,¹⁴² pronto, sinto-me mal...

«Desabafara. Desabafara de um repelão, cretinamente. Mas apeara-se-lhe do lombo a carga que o esmagava».¹⁴³

¹²⁹ [A] às amigas

¹³⁰ [A] aborrecido?... segredou, <ela>.

¹³¹ [A] enfim...

¹³² [A] outros.

¹³³ [A] - Não[;]

¹³⁴ [A] ti...

¹³⁵ [A] O galanteio saíu-lhe frouxo. Desanimou.

Depois <enterrou-se no> [↑ fechou-se em] silêncio, pisando <[↑ -lhe]> os pés <<a>/de\ Amélia> [↑ à namorada.]

¹³⁶ [A] - Desculpa[;]

¹³⁷ [A] dansar.

¹³⁸ [omisso A]

¹³⁹ [A] Nada ganhou

¹⁴⁰ [A] Acabou a "marcha". Palmas. Duas palavritas e a música repete-se.

¹⁴¹ [A] Aí volta[va] o tormento[.] <de Rui.>

¹⁴² [A] mal[.]

¹⁴³ [A] [fol.9] Desabafara. Apeava-se-lhe do lombo uma carga. [D] Mas <apeara-se-lhe> [← aliviara]

「Ela, porém, começava a irritar-se. Que aborrecido! Parecia que não estava habituado a ver gente! Bicho de mato!¹⁴⁴

- Melhor fora que não viesses. Para isto...

「Depois calou-se também.¹⁴⁵

Agora era ele 「que procurava tirá-la¹⁴⁶ daquele silêncio enervante. Rodrigues passava-lhes à ilharga em requebros lentos e ligados, num gozo mudo.

A orquestra calou-se. Todos os cavalheiros conduziram os seus pares até aos lugares, 「debruçando-se, risonhos e fúteis,¹⁴⁷ sobre o desdém airoso das damas.

Rui achou-se depois com Rodrigues, que lhe 「confiou:¹⁴⁸

「- Ó filho, gozei que nem um negro! Que boa mulher!¹⁴⁹ 「E como ela se colava! Parecia que queria passar para o lado de trás... Que boa!¹⁵⁰

「Secavam a goela com um cigarro, quando o acordeão ondulou as primeiras notas de um tango langoroso.¹⁵¹

Rui não sabia 「dançar¹⁵² o tango. Lá do canto da 「sala,¹⁵³ Amélia atirou-lhe um olhar interrogador: 「«Vens dançar?».¹⁵⁴ Rui não soube responder-lhe. 「Era lamentável tudo aquilo. Ele devia ter pensado melhor aquilo. Ele devia ter pensado melhor. Para que viera ao baile? Rui não sabia dançar e a mãe tinha poucos trinta escudos para ele derreter em luxos inúteis.¹⁵⁵

「- Dança,¹⁵⁶ minha senhora?

¹⁵⁷Amélia ainda pensou: 「«Que atrevido!¹⁵⁸ Sem apresentação nem nada...» 「Rui viu-a procurá-lo com olhos necessitados, pedindo autorização. Mas ficou-se à

¹⁴⁴ [A] [← Mas] <E>/e\la <irrit<ava>/ou\se:> [↑ começava a irritar-se:]

¹⁴⁵ [A] <E>/De\ [↑pois] calou-se<.> [também.]

¹⁴⁶ [A] que a desenterrava daquele silêncio <maldito.> [↑ enervante.]

¹⁴⁷ [A] debruçando-se risonhos e fúteis

¹⁴⁸ [A] <garantiu:> [↑ confiou:]

¹⁴⁹ [A] "ó filho, <gozei que nem um negro!> [↑ <dansei com uma mulher;>] [↑ gozei que nem um negro.] [<que> [↑ Que] <linda> [↑ bela] mulher!]

¹⁵⁰ [omisso A]

¹⁵¹ [A] Mais um cigarro que lhes secou <as golas> [↑ a goela] e o acordeão lançou as primeiras <lascívia> [↑ notas] dum tango <mole.> [langoroso.]

¹⁵² [A] dansar

¹⁵³ [A] sala

¹⁵⁴ [A] "Vens dansar[?] <<ou> [↑ Senão...] danso com outro?">

¹⁵⁵ [A] <Entretanto as ancas esculturais e nítidas de Amélia tinham chamado outro comparsa.> [↑ Era ridículo tudo aquilo... Ele devia ter pensado <bem>/mel\hor... Para que viera ao baile? Ele não sabia dansar e a mãe tinha poucos 30\$00 para lhe mandar...]

¹⁵⁶ [A] - Dansa,

¹⁵⁷ [A] [↑ (Era outro comparsa) <que a belez>

¹⁵⁸ [A] "É atrevido o homem."

espera «para ver». E viu Amélia,¹⁵⁹ conformada, adiantar os seios no jeito de abrir os braços para o novo par.

¹⁶⁰Pouco depois «a namorada»¹⁶¹ passava-lhe perto, com um valentão, que se entornava sobre ela. Rui tremeu. O olhar miúdo fugiu-lhe a «extrair ciúmes da dança lasciva».¹⁶² O vinho latejava-lhe no cérebro fervente. «As luzes brilhavam com um brilho novo, cheias de um riso de sol metálico. Tudo porque Amélia, aquela Amélia de formas rijas que Rui apetecia, saboreava, com outro, o gozo viril necessário, que Rui não sabia dar».¹⁶³ «Ele estava para ali, derreado, murcho, como os maridos ridículos de mulheres ricas de seiva».¹⁶⁴ «Que pena não ser Rui um verdadeiro homem, que pudesse fazer frente aos outros: «Eh! Lá, amigo», e atrás: um murro de arromba!»¹⁶⁵

Dir-se-ia: «Belo homem! Valente! É preciso cuidado com «ele»».¹⁶⁶ Assim... bolas!

Ela dissera-lhe em tempos: «O meu ideal era um rapaz alto (Rui era alto), forte (Rui não era «forte»)¹⁶⁷ sem ser gordo, moreno, cabelo «ondulado...»¹⁶⁸ E ele «não era»¹⁶⁹ nada disso, ou quase nada.

Mas... «(é verdade)»¹⁷⁰ se ele não era o ideal de «Amélia»,¹⁷¹ tinha de a deixar. «Justamente: deixá-la».¹⁷² Mas com dignidade. «Virilmente».¹⁷³

Escrever-lhe-ia uma «carta»¹⁷⁴ com fatura de «vocês»: «Você é uma intrujona. Pobre do homem que casar com você: é aquela velha conta».

Não; isso de «velha conta» era chulice do Rodrigues.

¹⁵⁹ [A] Rui viu-a catá-lo [↑ <<a ele seu namorado> /a pedir aprovação\ por entre a massa <e>/.>] [↑ <a pedir> para lhe pedir <aprovação>/autorização\ <.>[↑ m\as] <E>/e\le ficou-se à espera "para ver..."] [→ E viu Amélia],

¹⁶⁰ [A] [fol.10]

¹⁶¹ [A] Amélia

¹⁶² [A] fugiu-lhe a <dissecar> [↑ extrair] <pormenores, cravando-se na cruz que as pernas de ambos formavam.> [↑ <nos passos e> ciúmes da dança <langorosa>] [→ lasciva,]

¹⁶³ [A] As luzes brilhavam-lhe truanescas, canalhas. Amélia parecia-lhe sorver <delambida,> [↑ com frenesi] gozos crus. [D] saboreava<,> com outro <,>

¹⁶⁴ [A] E ele para ali estava entalado num papel ridículo de ludibriado.

¹⁶⁵ [A] Ah! Que se fôsse um verdadeiro homem, se pudesse fazer frente aos outros: "Eh! Lá, amigo!" e tr<az>/ás\; um sôco potente.

¹⁶⁶ [A] ele.

¹⁶⁷ [A] forte),

¹⁶⁸ [A] ondulado...

¹⁶⁹ [A] [↑ não era]

¹⁷⁰ [A] é verdade,

¹⁷¹ [A] Amélia...

¹⁷² [A] <Isso mesmo: DEIXÁ-LA> [↑ Justamente: deixá-la].

¹⁷³ [A] Airosamente.

¹⁷⁴ [A] carta longa

Arrependia-se. Melhor seria queixar-se romanticamente¹⁷⁵ (aí voltava o romantismo!), com muitos ais: «ai, quem me dera não¹⁷⁶ a ter conhecido! «Ai,¹⁷⁷ para que me iludi eu!» Etc. Depois veria.

Mas Amélia passava de novo na sua frente de «olhos baixos e muda. Muda! Se falassem, se ao menos eles falassem. Mas não. Mudos, cerrados no gozo estreito do contacto premente. (O Rodrigues a dizer: «gozei que nem um negro! Que boa mulher!») Rui sente nojo de Amélia e de si.¹⁷⁸

«Irá virar as costas à namorada.¹⁷⁹ «Mas quer que ela o veja a virar-lhe as costas.¹⁸⁰ «Ela, porém, segue de olhos baixos, teimosamente baixos, boca pregada em mudez de pedra. Pouco a pouco, a vaporosidade deixava a nu a mulher. E as faces róseas readquiriam a cor vigorosa da carne sã. Da carne...¹⁸¹

Rui sai da sala de baile. Segue a rua cabisbaixo, furtando-se à luz dos candeeiros. «A chuva engrossara.¹⁸²

«Aos cantos escuros das ruas rodopiam alegres raparigas. Nenhuma música... Só a noite. Ligeiras e airosas, as meninas vergam como juncos débeis e os candeeiros dão-lhes de longe claridades breves e tristes... Lampadários fúnebres... Só a chuva chora nos cantos escuros, enquanto as meninas morrem devagar e a rir... Rui não quer olhar para os cantos escuros. Olhará em frente, só em frente, só em frente, aquela fita cinzenta do passeio. Mas as meninas vêm bailar-lhe diante, em sonhos ásperos que Rui não entende... Longa a noite, longa, longa... Sumir-se-ão as meninas naquela noite longa e a noite continuará. E a chuva continuará. Valerá a pena que as meninas não dancem na noite longa?

- Eh, pá! Então tu vens-te embora e não dizes nada?...

Era o Rodrigues que lhe vinha no encalço, medindo a rua a passos de metro.

¹⁷⁵ [A] romanti[fol.11]camente

¹⁷⁶ [A] «ai quem me dera nunca

¹⁷⁷ [A] Ai

¹⁷⁸ [A] olhos baixos <.>/\ <Lembrou-se da frase do Rodrigues. Aquela infame estava a "gozar que nem uma negra".> [↑ e muda. Muda! Se falassem, se ao menos eles falassem<,>[...]] <para disfarçar...> Mas não<.>/\ <E>/e\ aquela mudez era bem significativa: <aquela> malandro... <(Rui lembra-se de uma frase <q> de Rodrigues.> [↑ (o Rodrigues a dizer: gozei que nem um negro.") <E>/R\[\↓ui] sen<tiu>/te\ nojo <de si e> de Amélia e de si.]

¹⁷⁹ [A] [← <Iria>/Irá\] Vir<ou>/ar\[\↑-lhe] as costas.

¹⁸⁰ [A] Mas quer<ia>/e\ que ela v<isse>/eja\ que lhe vira<va> as costas.

¹⁸¹ [A] Ela porém seg<uia>/u\<iu>e\ de olhos baixos <e quando os levantou para o par, Rui virou-lhe definitivamente as costas, porque a julgara a olhar para ele, para o seu namorado.> [, ↑ teimosamente baixos e teimosamente muda. Pouco a pouco a vaporosidade deixava a nu a mulher. E as faces róseas readquiriam a cor vigorosa da carne sã... Da carne...]

¹⁸² [A] <Cá fora> <a>/A\ chuva engrossara.

- Estou doente.¹⁸³

「- Doente? Só se fôr dos cascos... Ou já vais bêbedo?»¹⁸⁴

- Não, sério. 「Sinto-me mal, não sei que fosse isto...」¹⁸⁵

- Bem, filho, vai-te lá embora. Eu achava que devias ficar. A Amélia anda lá... enfim; tu desculpa que te diga estas coisas, mas...

「- Homem! Fala à vontade que a mim já me não interessa nada...」¹⁸⁶

¹⁸⁷O tom de voz, superior, 「desdenhoso, de Rui,¹⁸⁸ animou-o.

- É que anda 「a divertir-se grandemente com um tipo, tu conheces... aquele gajo da livraria... afinal viste...」¹⁸⁹

「- Que se lixe, que goze, que emperne à vontade.」¹⁹⁰

「- Olha, menino, não lighes... Que tu é que és burro, não sabes aproveitar... Aquilo eram favas contadas...」¹⁹¹

「Aproveitar... Ele devia «aproveitar»... Felizes dos que nasceram talhados como convém! Rui era assim. Aproveitar... mas porque não havia ele de ser como os outros?»¹⁹²

¹⁸³ [A] <E Rodrigues?. Voltou atrás. Mas Rodrigues vinha-lhe no encalço, medindo a rua com passos de metro.

- Então? Vens-te embora, não dizes nada...

- Estou doente.

- Dos cascos?>

[Aos cantos escuros [↑ das ruas] rodopi<o>/a\ [↑m alegres] <dan>/ra\parigas [...] <dansavam...> N/en\huma música... [↑ Só/Só\ a noite.] Ligeiras e airoas, as meninas verg<avam>/am\ como juncos <.>/e\ os candieiros públicos d<avam>/ão\lhes [↑ de longe] claridades breves e tristes... Lampadários fúnebres... Só a chuva chor<ava>/a\ nos cantos escuros enquanto as meninas morr<iam>/em\ devagar e a rir... Rui não quer olhar para os cantos escuros. Olhará em frente, só em frente aquela fita cinzenta do passeio. Mas as meninas v<eem>/êm\ bailar-lhe na frente <nos>/em\ sonhos ásperos que Rui não entende... <Se ele não receasse que se> [↑<Lon>] <Que> Longa a noite, longa, longa... Sumir-se-ão as meninas naquela noite [↑ longa] e a noite continuará. E a chuva continuará. Valerá a pena que as meninas dansem na noite longa?

- É pá! Então tu vens-te embora, não dizes nada...

Era o Rodrigues que lhe vinha no encalço medindo a rua a passos de metro.

- Estou doente] [Nota: *acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem Volte.]*

[↑- Doente? Só se for dos cascos. Ou já vais bêbedo?] [D] <débeis> [...] quer<e>

¹⁸⁴ [A] [↑ - <Estás> <d>/D\oente? Só se fôr dos cascos. Ou já vais bêbedo?]

¹⁸⁵ [A] <Sinto-me mal> [↑ <Não estou bem da> Sinto-me mal, não sei que fôsse isto...]

¹⁸⁶ [A] <- Dize.> [↑ - Homem, podes falar! Desembucha;]> [↓ Homem! Fala à vontade que a mim [↑ já me não] <não me> interessa<... >/na\da...]

¹⁸⁷ [A] [fol. 12]

¹⁸⁸ [A] desdenhoso, de Rui,

¹⁸⁹ [A] lá a <emperrar> [↑ divertir-se] grandemente com um tipo<.>/\ [tu conheces... aquele <gajo> [↑ <tipo>] [<↑sujeito>] [↑ gajo] da Livraria...] <<[Tu *não viste?!]>/Tu\ > [Tu afinal viste...]

¹⁹⁰ [A] - Que se lixe.

¹⁹¹ [A] - O melhor será não lighes e acabares com aquilo.

¹⁹² [A] Não ["ligar"]... <Se ele pudesse... Fingia> [↑ Ele não devia "ligar"... Felizes os que nasceram talhados como convém! <Não>/Ele\ era assim... Não ligar... Se ele pudesse...]

Fingiu[:] <e->* <d>/De\spediu sêco:

「- Não me interessa. Que se amole!¹⁹³
- Mas ouve lá: 「se eu fosse a ti ia lá para dentro. Diabo! Sempre queria ver a lata dela...¹⁹⁴
- Não. Estou farto, estou 「cansado.¹⁹⁵ Vou-me embora. Vou-me deitar.
「Quando Rodrigues regressava à folia, um vulto redondo estacou-lhe os passos.
- Então essa borla? Tenho-me farto de esperar por ti...
- E eu farto de te procurar, olha a espiga! Esta é já a terceira vez que saio por tua causa.

Ferraz duvidou do zelo de Rodrigues. Mas não quis discussões. A verdade é que Ferraz só naquele momento largara a porta para ir beber um cálice.

- E então? Arranja-se?
- Não se arranja nada, menino. Julguei que o Vladimiro viesse ao baile, mas não veio. Ele é que arranja tudo, é conhecido do organizador da festa. Um canudo! Tu nem imaginas como fiquei aborrecido! Vim à rua umas poucas de vezes para te avisar e não estares à espera. Mas não te encontrei. Menino, a vida é assim... Não pude, que é que queres? E pensou: «vai para o raio que te parta!»

Ferraz embatucou encolarinhado, de caracóis lambidos, e Rodrigues voltou ao baile.¹⁹⁶

Rui, à mesa de estudo, com o sobretudo molhado, 「espremeu versos dolorosos:

E a noite não acaba nunca, nunca...¹⁹⁷

Ao outro dia, quando se dirigia para a 「Universidade, Rui¹⁹⁸ encontrou Amélia, que lhe mandou um sorriso tímido. Ele julgou entendê-la. 「Queria dizer-lhe: «estás de mal comigo?»¹⁹⁹ Ou então: «Porque saíste do baile sem nada dizeres?»

¹⁹³ [A] <- Já resolvi isso mesmo.> [↑ - [↑ Pois] <C>/c\laro que não ligo. <Então se ligasse> Que me interessa cá agora a mim a mulher... Pbb!]

¹⁹⁴ [A] <porque não vais tu> [↑ eu se fôsse a ti ia] lá para dentro? <Gozavas a piada...> [↑ Diabo! Sempre queria ver a lata dela...]

¹⁹⁵ [A] cansado, <ch>/x\ateado.

¹⁹⁶ [Omisso A] [A] Rodrigues ainda discutiu poderosamente com o porteiro, para regressar á folia. [D] <espiga> [↑ gaita] [...] <aborrecido> [→ chateado]

¹⁹⁷ [A] fez versos<.>/:\

[E a noite não acaba nunca, nunca...]

X
XX

¹⁹⁸ [A] Universidade, [↑ Rui]

¹⁹⁹ [A] Queria dizer-lhe: "estás a mal comigo?"

「Ela tinha o olhar triste de animal abandonado... E ali estava, humilde, a perguntar-lhe em silêncio... «ficaste de mal comigo?» Rui sentiu uma lassidão doente que lhe derramava na alma ternuras compadecidas. Mas desde que se conhecia, lutava com desespero por ser forte uma vez, uma vez só que fosse! E agora devia sê-lo. Amélia não podia amá-lo. Não. Nunca! Ela tinha ficado uma noite inteira a rodopiar com o outro.

²⁰⁰Justamente o outro, o sujeito forte, abeirara-se²⁰¹ de Amélia, cavaqueador. Um aperto de 「mão,²⁰² uns trejeitos da rapariga...

「Então²⁰³ Rui abalou, bamboleando-se com cinismo fadista.

「- Dás-me²⁰⁴ licença?

Cortou-lhes a conversa. O outro atarantou umas ninharias e por fim despediu:

- Até 「logo!²⁰⁵

Rui ficara a sós com a namorada. 「Afastara o rival e isso enchia-o de um orgulho enfunado.²⁰⁶

Amélia explicou:

- Um sujeito²⁰⁷ que conheci ontem...

- Bem sei.

- Mas afinal que tens tu? Porque fugiste 「do baile?²⁰⁸

Havia um ar de aflição em Amélia. Dois estudantes passavam 「perto,²⁰⁹ inspeccionando o par. Rui embaraçou-se. Por fim decidiu:

²⁰⁰ [A] [fol. 13]

²⁰¹ [A] <Rui porém desviou-lhe o olhar com um desprêzo. Até que enfim. Tinha sido forte. [→ Mas quando] Antunes, <um> [↑ seu] colega <dele>, indagou:

[fol. 12]- Já acabaste?

Rui explicou com naturalidade:

- Não. Já lhe vou falar. >

<Mas o homem do baile, o sujeito forte,>

[El<e>/a\ tinha o olhar <murcho> [↑ triste] de animal abandonado... E [→ para] <estava> ali [↑ estava,] humilde[,] a perguntar-lhe em silêncio: "<estás> [↑ ficaste] a mal comigo?" Rui sentia uma compaixão doente <na>/que\ se lhe derramava na alma como hipnótico. Mas desde que se <p>/c\onhecia andava a procurar ser forte uma vez, uma vez que fôsse! E agora devia sê-lo. Amélia não podia amá-lo. Não, nunca. Ela tinha ficado uma noite inteira a rodopiar com o outro.

Mas... o outro, o sujeito forte abeirara-se etc.]] [Nota: acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem Volte.] [D] alma [↑ uma] ternura<s> compadecida<s>

²⁰² [A] mão

²⁰³ [A] [← Então]

²⁰⁴ [A] - Dão-me

²⁰⁵ [A] logo.

²⁰⁶ [A] Aquele triunfo de afastar o rival, enchera-o de orgulhos.

²⁰⁷ [A] sujeito,

²⁰⁸ [A] <ontem?>[↑ do baile?]

²⁰⁹ [A] perto[,]

「E se fossemos andando?...²¹⁰
「E venceram alguns metros silenciosos.²¹¹
- Mas 「diz, diz alguma coisa -²¹² teimava Amélia.
- Pois 「bem,²¹³ há isto: acho melhor... enfim tu sabes que gosto de ti, que te
「amo (amo.... que ridículo!), basta²¹⁴ lembrares-te de quando estivemos para acabar
²¹⁵há tempos, o que eu fiz... e quando 「adoceste, aquele dia, mas tu...²¹⁶
「Pararam.²¹⁷ O olhar de Amélia 「repuxava, sôfrego,²¹⁸ as últimas palavras.
「... Mas²¹⁹ tu, é claro, eu não sei ao certo ou sim... sei... 「(tanta hesitação) sei
que tu afinal não gostas,²²⁰ tens até como que... 「assim,²²¹ vergonha de mim.
- De ti?!
「Rui talvez devesse dizer:
- Sim, de mim. Então tu julgas que sou parvo, hem? Julgas? Então tu pensas que
não vi a pândega do baile? Hem? O outro é melhor macho do que eu, não é?
Mas deteve-se. Seria um desforço estúpido. Ele queria vingar-se doutra forma. E
achou uma resposta branda:
- Se não gostas de mim, parece... Não te vejo entusiasmo. Andas aborrecida.
- Ó Rui! (a voz estrangulava-se-lhe).
Ali estava! Uma só exclamação iria desmentir os juízos de Rui. Mas ele sentia já
roer-lhe o coração uma íntima certeza: havia razão para se falar de Amélia. Havia.
Amélia não estava pura, como ele a sonhara, como ele a sonhara sempre, antes de a ter
encontrado. (E Rui sonhava-a há tanto tempo! Mas ela não viera. Não viera ainda, nem
viria nunca, decerto. Amélia tinha revestido, a princípio, a forma daquela que Rui anda
esperando).
Amélia intrujava-o.
Agora Rui fixa-a com um olhar agudo que lhe desfibra a alma. Sente um
cinismo estranho que o torna calmo. Amélia espera. Olha os olhos dele e aguarda, em

²¹⁰ [A] - <Vamos> [↑ E se fôssemos] andando<.>/?/[...]

²¹¹ [A] E venceram silenciosos alguns metros.

²¹² [A] dize, dize alguma coisa,

²¹³ [A] bem

²¹⁴ [A] amo, basta

²¹⁵ [A] [fol. 14-15]

²¹⁶ [A] adoeceste, mas tu...

²¹⁷ [A] <p>/P\araram

²¹⁸ [A] repuxava sôfrego

²¹⁹ [A] -... mas

²²⁰ [A] [↑ (tanta hesitação) sei] que tu afinal não gostas, <de m>

²²¹ [A] assim

ânsia, uma palavra amiga. Mas Rui, apesar de cínico, não a encontra. No seu cérebro riscara-se apenas um propósito negro e feroz: tentar, ter uma certeza certa. Ele havia de saber, por si próprio, até que ponto era verdade o que de Amélia se dizia. Por enquanto, aguardava ocasião azada. E foi a custo que sossegou os olhos sôfregos da namorada:

- Desculpa! (O quê?)

Ela não percebeu. Mas o Rui tinha falado e isso era-lhe prazer suficiente. «Desculpa». O Rui falara, meu Deus! O Rui era seu amigo, muito amigo e a vida abria-se, de novo, em perspectivas belas. O Rui não estava a mal...

Rui entra no quarto. Rodrigues, indiferente, geme no violão, ajustando-lhe, em voz grossa, um fado desesperado.

De que cor seria a vida do Rodrigues?²²²

²²² [A] <Aí voltava o tormento. Ou "sim ou sopas", pensou Rui. Ganhou alento.>

<- Sim de mim; não gostas de mim. Vale mais acabarmos.

Guardaram um embaraçoso silêncio[,] passeando os olhos pelo chão. Rui lembrou-se<: "isto é que eu sou> [↑ de que era um] imbecil<![>[" / \ Nem sequer lhe falei d<o>/a\ <gôzo> [→ história] de ontem. Mas <... não; fiz bem; deixá-la lá."> [↑ ela bem sabe que eu tenho olhos e que não sou parvo..."]

<- Bem, então...>

↑ - Mas isso não é razão! Rui! Tu...

- Não, não; é melhor... (outro silêncio). [↑ E] Amélia ²a custo<:> ¹[→ atou:]

- Bem então...]

A voz partia-lhe as palavras por cada sílaba

- ... adeus, concluíu.

Rui estendeu a mão que achou a de Amélia inerte. E, desligados, um atrás do outro [↑ (não era estúpido?)], regressaram murchos a casa. <Um molho de raparigas passava barulhento.> Amélia ainda <folgou> [↑ se deteve] com <elas em sorrisos e palavras metálicas.> [↑ um <molho> [↑ grupo] de raparigas que folgavam metálicas.] Rui [→ nem se] voltou<-se e pensou: "a tipa não gosta de mim">

[<<Ele ia já a dizer>/Talvez devesse> [↑ Ele talvez devesse dizer:]

- Sim de mim<,>/\ [↑Então tu] julgas que sou parvo, ainh? Julgas? Então tu pensas que não vi a pândega do baile?

Mas susteve-se. <(>Seria um desfôrço estúpido.<)>/E\le queria vingar-se doutra forma. E achou uma resposta branda:

- Se não gostas de mim, parece... Não te vejo entusiasmo. Andas aborrecida

- Oh! Rui (a voz estrangulava-se-lhe)

Ali estava. Uma só exclamação [↑ iria] desmenti<a>/r\ os juízos de Rui. Mas ele sentia já ver-lhe o coração uma íntima <↑> certeza: havia razão para se falar de Amélia... Havia... Amélia não estava pura, purinha como ele a sonhava, como ele a sonhara sempre antes de a encontrar (<Há tanto tempo já que ele a esperava...> [↑ Ele sonha<r>/v\ a-a há tanto tempo. E <>/e\la [↑ não] viera. <Ou não;> <n>/N\ão viera ainda<, e> Amélia tinha revestido a princípio a forma daquela que Rui espera)

Amélia intrujava-o.

Agora ele fixa-a com um olhar agudo que lhe lê a alma. Sente um cinismo estranho que [↑ o] torna <cal> calmo. Amélia espera. Ela olha os olhos dele e espera [↑ em ânsia] uma palavra amiga. Mas Rui apesar de cínico não [↑ a] acha. No seu cérebro riscara-se apenas num propósito negro e feroz: <experim>/t\entar<.>/\ <Ele havia de <experimental.>> [↑ ter uma certeza certa.] Ele havia de saber [↑

por ele próprio até que ponto era verdade o que de Amélia se dizia.] <p>/P\or enquanto aguardaria ocasião a<z>/s\ada. E foi a custo que sossegou os olhos sôfregos d<e>/a\ <Amélia:> [↑ namorada:]

- Desculpa! (de quê?)

Ela não percebeu. Mas o Rui tinha falado e isso era-lhe prazer suficiente. “Desculpa”. O Rui falara, o Rui era [↑ seu] amigo, [↑ muito] amig<uinho>/o\ e a vida abria-se<[↑ -lhe]> de novo em perspectivas belas. O Rui não estava a mal...

X

XX

Rui entra no quarto. Rodrigues, indiferente geme no violão ajustando-lhe <um fado> em voz grossa um fado desesperado.

De que côr seria a vida de Rodrigues?] [Nota: acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem Volte.]

「II²²³

「JOANA, a senhora Joana,²²⁴ recebera carta de Coimbra. 「Quase todos os dias, às 11 horas,²²⁵ ela saía à rua a perguntar:

- Senhor Augusto 「(o carteiro)²²⁶ tenho...

「Mas ele atalhava-a também quase todos os dias:²²⁷

「- Não, não²²⁸ tem nada.

Nada! ... Aquele Rui! 「Sentava-se então de novo à máquina de costura. Seus olhos apagados erravam brevemente pelo monte que ao longe retalhava o céu. Triste. Mas logo o amor renascia. Um amor sem razões, que lhe brotava da alma, assim mesmo, estupidamente. Que o Rui não era seu amigo. Quer dizer, não se mostrava. Sim, que amigo, oh! era com certeza. Muito e muito. Aquilo era feitio. O seu Rui! Ele valia mais que tudo, tudo. Mas nascera desgraçado. Por isso se revoltava e trazia lá consigo um ódio concentrado que a senhora Joana entendia... «Rui! Filho!» Oh! Mas ele seria alguém. Sim. «Nem que eu estoire, querido!». Um dia...

Era um sonho que só ela entendia e guardava, avaramente, do marido, que esbugalhava os olhos à pretensão da mulher. Médico! Como se Rui não tivesse nascido na enxerga encodeada. Que importava? Ninguém podia saber quanto valia o seu Rui. Ninguém. Só a senhora Joana. Só, só ela.²²⁹

「- Ora,²³⁰ que agarre numa enxada!

Meu Deus! O Rui de enxada! Não, não! 「Ele morreria logo!²³¹ Ele era tão fraquinho...

- Senhora do Carmo, credo, homem! Que modos os 「teus.²³²

²²³ [A] [fol. 16] 2

²²⁴ [A] Joana, a Snr^a Joana

²²⁵ [A] [↑ Quási] <T>/t\odos os dias às 11^h

²²⁶ [A] (o Augusto era o carteiro)

²²⁷ [A] <Ele sabia já> Mas ele atalhava-a [↑ também] quási <sempre:> [todos os dias:]

²²⁸ [A] - Não [,↑ não]

²²⁹ [A] Horas <amargas> [↑ prolongadas] passava a Snr^a Joana presa à máquina de costura <.>/,\ por causa do seu Rui... [↑ E<ela amava-o louc>] <A>/a\quele amor pelo filho nascia-lhe lá no fundo da alma sem razões, estupidamente. Se o Rui fôsse muito, muito amigo da mãe... Quere dizer, se ele se mostrasse amigo<,>/\ Sim, que amigo era. A<i>/h\! era, [↑ era] de certeza. A Snr^a Joana não acreditava que o seu Rui lhe não quisesse bem. Ele queria, sim, e muito. [↑ Mas não [↑ o] mostrava.] Aquilo era feitio... Desde sempre o seu sonho <era>/fôra\ ver o [↑ seu] Rui médico. Mas êste sonho era dela, só, só dela, guardado avaramente do marido que a não entendia: [D] na [↑ sua] enxêrga[.] <encodeada.>

²³⁰ [A] - Ora

²³¹ [A] [↑ Ele] morr<ia>/eria\ logo!

Mas²³³ José do Casal via apenas na sua frente o filho 「pedir」²³⁴

- Dinheiro.

Outra vez:

- Dinheiro.

E a vida era tão difícil! 「Tanto... Por longos serões a senhora Joana, dobrada sobre a máquina, cosia, cosia...」²³⁵ Enxovais para meninas que iam casar, meninas lindas... 「(lindas como aquela que seria sua nora. Ela o sabe do seu amor pelo filho. Desse amor que lhe nascia lá bem no fundo da alma. Desse amor)」²³⁶. Baptizados, casamentos... 「Em costura a senhora Joana era incomparável.」²³⁷ E o Rui consumia todo o lucro. Todo... De vez em quando a senhora Joana tinha de pedir dinheiro 「adiantado.」²³⁸ 「Dinheiro que ia atrasando...」²³⁹ Dívidas. Que importava? Um dia o Rui seria médico. Por isso trabalhava com prazer. Por isso não 「atentava」²⁴⁰ no marido fechado no seu 「egoísmo, nem na gente lá da aldeia que achava pretensiosa a sua teimosia.」²⁴¹ (Um filho doutor... 「Isto é lindo!」²⁴²) Que importava? Se ninguém a 「entendia!」²⁴³ Se ninguém mais era capaz de compreender aquele 「sonho!」²⁴⁴ Se era só ela, só, 「só ela,」²⁴⁵ quem sabia quanto valia o seu Rui... O seu Rui...

「Naquela」²⁴⁶ manhã a senhora Joana recebeu carta de 「Coimbra que veio à porta receber do carteiro e levou」²⁴⁷ escondida sob o avental. 「No quarto」²⁴⁸ de costura, 「bem sozinha (o marido saíra para a courela), a senhora Joana luta com o sobrescrito que a tesoura não rasga bem depressa. (Tanto selo!).」²⁴⁹ Ela sabe que o Rui raro escreve que

²³² [A] teus...

²³³ [A] Mas <o Snr>

²³⁴ [A] a pedir, a pedir:

²³⁵ [A] [↑ Por] <L>/\ongos serões a Snr^a Joana dobrada sôbre a máquina cosia, cosia...

²³⁶ [A] <delicadinhas> (O seu Rui <havia de> um dia havia de ter uma assim. E a Snr.^a Joana faria o enxoval)

²³⁷ [A] <De>/Em\ costura a Snr^a <ganhava a to> era incomparável.

²³⁸ [A] adiantado...

²³⁹ [A] E este dinheiro adiantado fora-se atrasando...

²⁴⁰ [A] aten<dia>/tava\

²⁴¹ [A] egoísmo. A gente lá na aldeia achava pretencios<a>/o\ <a>/o\ seu intento.

²⁴² [A] Isto é o lindo!

²⁴³ [A] entendia!...

²⁴⁴ [A] sonho!...

²⁴⁵ [A] [↑ só] ela,

²⁴⁶ [A] [fol. 17] Naquela

²⁴⁷ [A] Coimbra. Ela veio à porta recebê-la do carteiro e levou-a

²⁴⁸ [A] <Era a carta> N<a>/o\ quarto

²⁴⁹ [A] a sós <que>/(\ o marido <fora amanhar> saíra para a courela<.>/)\ a Snr.^a Joana, radiante (ah! ninguém saberia quanto) fura com <o>/a\ <dedo>/teso\ura o sobrescrito. (Tanto sêlo...)

não seja a pedir dinheiro. Mas toda a sua angústia é não poder arranjá-lo 'Logo, logo, aos montões.²⁵⁰ A senhora Joana lê:

Mãe:

Mande-me alguma coisa. Ando para aqui feito farrapo, sem um tostão.

'Ficou de olhar parado no ar, enquanto metia no bolso a carta do seu filho. («Rui! Querido!»)²⁵¹

'Feito farrapo!... Ele não podia, pois, acamaradar com os colegas.²⁵²

'Teria de viver só, porque não tinha dinheiro!²⁵³ 'Tão difícil a vida!²⁵⁴ E desde longe 'essa vida se desenrolava²⁵⁵ uniformemente triste. Triste! 'Os sonhos iam morrendo atrás de outros sonhos!²⁵⁶ 'Era assim... Construir²⁵⁷ sonhos novos sobre as ruínas 'dos outros...²⁵⁸ Meu Deus! A luta era a vitória! Trabalhar, trabalhar e recalcar as lágrimas. Trabalhar sempre! E achar 'no mesmo esforço²⁵⁹ a recompensa!

Pelas ruas de Coimbra Rui 'vagueia tristemente.²⁶⁰ 'A senhora Joana vê-o erguer os braços em desespero. («Rui... meu filho!»)...

Rui²⁶¹ não tinha paciência. 'E era a senhora Joana quem tinha de lhe idealizar um rumo certo e fácil para o Rui não sofrer.²⁶² Que ele não 'visse nunca²⁶³ a realidade! Que ele estudasse apenas 'e que lá, de um longe vago, as moedas lhe viessem regulares e fáceis.²⁶⁴ Para trás 'daquelas cartas²⁶⁵ que ao fim do mês lhe traziam um 'vale de correio, ficava o pranto da mãe que nunca os olhos verteram. Porque as lágrimas são luxo de felizes.

Longas noites de vigília.²⁶⁶ 'Preso à máquina de costura que lhe embalava o sonho e enchia a noite de promessas.²⁶⁷ 'Como um sol nítido de verão.²⁶⁸ Mas o Rui

²⁵⁰ [A] depressa.

²⁵¹ [omisso em A]

²⁵² [A] Feito farrapo... O seu Rui não podia pois acamaradar com os <seus> colegas...

²⁵³ [A] Não tinha dinheiro!

²⁵⁴ [A] A vida era tam difícil!

²⁵⁵ [A] esta vida se vinha desenrolando

²⁵⁶ [A] Um sonho vai morrendo atrás d<um>/outro\ sonho!

²⁵⁷ [A] E construir

²⁵⁸ [A] do outro...

²⁵⁹ [A] no [↑ mesmo] esforço

²⁶⁰ [A] passeia triste.

²⁶¹ [A] A Snr^a Joana vê-o. E <vê-o> [↑ ouve-o] <a> bramir (Rui era nervoso)... O Rui

²⁶² [A] E a Snr^a. Joana tinha de lhe tecer ela mesma os sonhos macios para o Rui se não magoar.

²⁶³ [A] visse

²⁶⁴ [A] e que lá de longe, dum longe desconhecido e vago as moedas [↑ lhe] viessem regulares e fáceis...

²⁶⁵ [A] das cartas

²⁶⁶ [A] vale do correio, ficavam <noites> lágrimas que não chegaram a ser choradas<,>/. Longas noites <veladas> de vigília.

não tinha necessidade de saber da máquina de costura que embalava as longas noites da mãe. A vida para «ele não devia conter passado. Rui tinha o amanhã.»²⁶⁹

«Recebe cem escudos e uma carta cheia de erros:»²⁷⁰ «por agora... vê se te «remedeias...»²⁷¹ «Espalma»²⁷² a nota na mesa de estudo. «Curioso: ele esquecera-se dos termos em que pedira dinheiro à mãe.»²⁷³ «Tudo passara. Fôra um dia... Só agora, porém, ele se lembra de tudo. E pensa.»²⁷⁴

«Rui já tem 23 anos, e ainda não angariou um tostão sequer.»²⁷⁵ Nunca «ganhou»²⁷⁶ um tostão. Mas «vive.»²⁷⁷ «Tem agora ali cem escudos para gastar.»²⁷⁸ «Se quiser, poderá emborrachar-se naquela mesma noite. Poderá ser boémio, amar... Basta ele quer.»²⁷⁹ «Pois se tem ali os cem escudos...»²⁸⁰ «E o dinheiro viera-lhe à mão como coisa a que tivesse direito.»²⁸¹ A mãe não «se lamentara.»²⁸² «Nem»²⁸³ o repreendera. Parecia que a mãe «tinha achado os cem escudos.»²⁸⁴ «Mas Rui sabe que a mãe não

²⁶⁷ [A] A máquina de costura embalava docemente [↑ a Snr^a. Joana] com o seu matra<quear>/car\ constante enchendo a noite.

²⁶⁸ [omisso em A]

²⁶⁹ [A] ele [↑ não] devia [con]ter <outra...> o passado. Só à frente a perspectiva bela do sonho. <Ah! e a Snr^a. Joana também de vez em quando fugia da [↑ branca] roupa <branca que> que a máquina cosia e punha-se embevecida ante o sonho d<e>/o\ longe. Tão longe... Parecia que a vida se <apostava> [↑ comprazia] em lh'o afastar mais e mais. E a Snr^a. Joana voltava tristemente à roupa branca que a máquina cosia... <De resto a Snr^a. Joana> [Início de parágrafo anulado] De resto a Snr^a. Joana mal chegava a sonhar porque todos os ideais se lhe cifravam naquele anseio ardente: Rui médico. E isto não era afinal um sonho: era uma realidade que se traduzia naquela fôrça que a prendia à máquina de costura durante os prolongados serões.>

²⁷⁰ [A] [Fol. 18-21] Rui recebe 100\$00 e uma carta breve:

²⁷¹ [A] remedeias...etc.”

²⁷² [A] <Ele> <e>/E\spalma

²⁷³ [A] É curioso que ele se tenha quasi es<†>/queci\do dos <†>/termos\ em que pedira dinheiro.

²⁷⁴ [A] Mas agora recorda-se bem.

²⁷⁵ [A] [↑ <E>] <<E>/e\>/E\le Rui, indivíduo <sem <colocação> emprêgo, estava> com 23 anos <já>[, ↑ ainda não tinha emprêgo.] <e> <a>/A\inda não angariara um tostão.

²⁷⁶ [A] ganhara

²⁷⁷ [A] vivia.

²⁷⁸ [A] Estavam agora ali os 100\$00 para ele gastar.

²⁷⁹ [A] Se ele quis<er>/es\se podia <naquela mesma noite> emborrachar-se naquela mesma noite. Podia <levar> [↑ ser] boémio, amar...Podia.

²⁸⁰ [A] Se ele tinha ali os 100\$00...

²⁸¹ [A] E eles <lhe> tinham-lhe chegado às mãos como uma coisa a que ele tivesse direito.

²⁸² [A] chorara.

²⁸³ [A] A mãi não

²⁸⁴ [A] achara os 100\$00.

achou dinheiro algum. Já idosa e cansada, ela sofrera privações para que ele tivesse ali aqueles cem escudos.²⁸⁵

「- Ouve lá, tu queres ir²⁸⁶ ao cinema?

Não era o diabo das tentações? Para que vinha o Rodrigues desafiá-lo?

「- Sabes²⁸⁷ que o filme é brutal?

「(Brutal, bom, esplêndido filme...)²⁸⁸

- ... Com a 「Greta²⁸⁹ Garbo.

「(Boa artista! Já há muito tempo que não aparecia em filmes...)²⁹⁰

-... Compro-te o bilhete? (pausa) Compro?

- Não!

「Foi estoiro de um murro na mesa.²⁹¹ 「Rodrigues, porém, já²⁹² se não amedrontava.

- Que diabo tens tu, homem? Bicho? Quarto de lua?

「Mas Rui, em silêncio, ferrava os dentes uns nos outros,²⁹³ escavando mais a cara magra. Ele não sabia porque 「procedia²⁹⁴ assim. 「Não²⁹⁵ sabia. Sentia apenas dentro de si 「a vibração nervosa que o sacudia, lhe punha ardores nos olhos.²⁹⁶ Não pensou que o Rodrigues o examinava de perto. 「Que, se pensasse, não teria decerto rebentado em soluços, entalando a cabeça nas mãos pálidas e 「expurgadas.²⁹⁷

²⁸⁵ [A] Todavia, <quando> [↑ à hora em que] ele <<bebia>/bebesse\ à noite> [↑ continuasse a beber] um café no Pirata...

²⁸⁶ [A] - <Ó pá> [↑ Ouve lá] tu queres ir logo

²⁸⁷ [A] -... Sabes

²⁸⁸ [A] [(] Brutal, bom, esplêndido o film...[)]

²⁸⁹ [A] <†>>/Greta\

²⁹⁰ [A] [(] Bela artista! Já há muito que não aparecia em films[)]

²⁹¹ [A] Foi <um> [↑ o estoiro dum] soco<.>/,\ <Tremendo que est> na mesa.

²⁹² [A] Mas o Rodrigues já

²⁹³ [A] <... o dia> Mas Rui[,][↑ em silêncio,] <silen<cio>/ciava> ferrava os dentes uns nos outros

²⁹⁴ [A] <†>/procedia\

²⁹⁵ [A] Ele não

²⁹⁶ [A] estremecimentos nervosos que o sacudiam e lhe punham [↑ ardores] nos olhos

²⁹⁷ [A] Se pensasse não explodiria. <†> Não rebentaria em soluços histéricos apertando a cabeça nas mãos pálidas. [D] expurgadas. [↓ esmagadas]

AMÉLIA era aluna da Faculdade de Letras. Como tantas 「outras, também ela」²⁹⁹ viera 「até」³⁰⁰ Coimbra buscar o curso que lhe havia de dar o pão. 「Tanto como ansiara」³⁰¹ pelo momento em que pisaria a 「Faculdade! Tanto como Coimbra lhe enchera os sonhos!」³⁰² Mas Coimbra não era apenas a cidade dos cursos que 「dão o pão.」³⁰³ Era também a terra das serenatas e dos estudantes. 「Lá para o alto, no céu dessa Coimbra sonhada, a lua seria mais triste. Triste.」³⁰⁴ 「E rolaria pela noite fora, banhando-se nas águas frouxas do rio...」³⁰⁵ Pelo ar erraria 「decerto uma」³⁰⁶ canção muda 「de um」³⁰⁷ anseio passivo. Estudantes e guitarras. 「Guitarras gemendo uma saudade sem fim.」³⁰⁸ 「Olhos doces de」³⁰⁹ poetas. O êxtase que 「levanta」³¹⁰ e faz pairar... 「Seria bela a vida. Aquela vida que torcia para a noite de outras horas. Mas agora a cor da serenata alagaria o céu. E a espuma fervente das marés toldaria as pedras do chão. Música de embalo vogaria pela noite. E as estrelas dormiriam no seio do rio fluente. Línguas de seda, em afago de delícia, correriam o corpo liso de plumas suaves. Seria bela a vida. Porque iria começar... Sim, iria começar.」³¹¹

Quando chegou à 「Faculdade,」³¹² viu raparigas de pasta e 「outras de fitas azuis. Soube que eram colegas adiantadas. E」³¹³ admirou-lhes os lábios marcados a fogo, os encontros 「desempenados,」³¹⁴ o ar petulante. 「Decerto」³¹⁵ a olhariam com 「desdém,」³¹⁶

²⁹⁸ [A] [fol. 21] 3

²⁹⁹ [A] outras ela

³⁰⁰ [A] a

³⁰¹ [A] <<Mas>/Em\ Coimbra> Ansia<va>/ra\

³⁰² [A] Faculdade e longo tempo Coimbra lhe encheu os sonhos.

³⁰³ [A] dão pão.

³⁰⁴ [A] No céu de Coimbra a <↑>/lua devia ser mais triste.

³⁰⁵ [A] E <as estrelas> sonharia pela noite fora nas águas do rio... [D] <frouxas> do rio...

³⁰⁶ [A] de certo <a> [↑ uma]

³⁰⁷ [A] dum

³⁰⁸ [omisso A]

³⁰⁹ [A] Olhos de

³¹⁰ [A] desprende do mundo

³¹¹ [A] A vida assim seria bela... <Em cada> Desfeita na côr maga duma serenata eterna e longa e mansa... Fazer das horas amargas em que a vida se senta ao nosso lado num poema de fumo como aquele que o comboio deixa depois de passar em turbilhão... Assim Coímbra <tinha> [↑ <era>/tinha\] para Amélia <um repouso> <tinha> o encanto d<o>/e\ [↑ tudo o] que é misterioso e tranquilo. Tinha o meigo descanso de estrêla no seio do rio fluente... Ela descansaria em Coímbra[.] <<e>/E> [↑ Coímbra] teria olhos ternos <que>/para\ afagá-la. E serenatas tristes vadiando pelos recôncavos de noites negras... Coímbra era assim. [D] do rio <fluente>.

³¹² [A] Faculdade viu raparigas belas

³¹³ [A] <f> algumas de fitas azues. Fitas que voavam como a quererem desprender-se a prolongar-se... Ela viu que eram colegas mais adiantadas[.] <e>/E\

³¹⁴ [A] desempenados

porque Amélia andava encolhida 「num casaco velho, drapejando.³¹⁷ Eram belas as
「colegas.³¹⁸ Ela precisava de enfeitar-se também. 「Não atrair olhares desdenhosos.³¹⁹
Não ser espiolhada. Ela devia enfeitar-se. 「(Catarina, justamente, recomendara isso
mesmo). E³²⁰ comprou sapatos 「altos. E³²¹ ajustou às 「coxas nítidas uma³²² saia nova.
Agora 「as pernas, delineadas pela saia, tinham as vibrações estranhas³²³ que os sapatos
empinados lhes davam. E os lábios foram berrando num rosto 「branco, muito branco,³²⁴
enodado de 「rouge...³²⁵ Mas 「Amélia³²⁶ por dentro não 「mudara.³²⁷ 「Porque o sonho
das estrelas mergulhadas no rio tinha ainda, e sempre, a mesma beleza antiga. E as
noites eram doces ao afago da música das suaves serenatas.³²⁸

Mas a *malta* via apenas uma «mulher boa». E uma turba lasciva 「a abafou³²⁹
com cartas e pedidos de namoro. 「Quase nenhum rapaz³³⁰ queria namoro a sério. 「Tão
somente queriam gozar as tardes nos jardins ou ver fitas de cinema bem colados à
menina, a coberto do escuro. De resto, era notório que Amélia, no Liceu, já tivera as
suas coisas... Tudo se sabia... (Portugal era um país pequeno). Havia quem conhecesse o
caso com fartura de pormenores. Feliz do que a namorasse...³³¹

「Em³³² poucos dias Amélia 「conhecera meia Academia.³³³

「Porque em³³⁴ Coimbra havia a mania da apresentação («Você fazia o favor de
me apresentar àquela 「rapariga?»),³³⁵ 「«Eh! Pá, tu conheces?»³³⁶ Então és capaz de me

³¹⁵ [A] De certo

³¹⁶ [A] <e>/c\om desdem

³¹⁷ [A] <com> [n]um casaco <a>/v\elho aflanado à tona do corpo.

³¹⁸ [A] colegas...

³¹⁹ [A] <De>/Não\ atrair as vistas desdenhosas das colegas.

³²⁰ [A] [↑ (Catarina recomendara-lhe isso) [.] <e>/E\

³²¹ [A] altos[.] <e>E\

³²² [A] coxas uma

³²³ [A] as coxas [.,↑ delineadas pela saia] tinham vibrações <novas> [↑ estranhas]

³²⁴ [A] branco

³²⁵ [A] rouge...

³²⁶ [A] ela

³²⁷ [A] mudava, não.

³²⁸ [A] Queria ainda os sonhos mansos das estrelas no seio <r>/d\o rio... Queria ainda a serenata afagando a noite.

³²⁹ [A] <lhe> a abaf<ava>/ou\

³³⁰ [A] Quási nenhum

³³¹ [A] Aquilo era só para passar[↓em] tardes nos jardins ou ver[↓em] fitas de cinema <encostados> chegados à menina. De resto <era fama que já> [↑ dizia-se que Amélia] no Liceu <Amélia> tivera coisas... E tudo se sabia... (Portugal era um paiz pequeno). <Quem a namorasse seria um felizardo[...]> Havia quem contasse o caso com boa soma de pormenores. Feliz o que a namorasse...

³³² [A] [fol. 22] Em

³³³ [A] conhece<u>/era\ meia academia.

³³⁴ [A] Em

³³⁵ [A] rapariga?»

³³⁶ [A] «Tu conheces?

apresentar?») Por isso Amélia «bem depressa conhecera meia Academia.³³⁷ E Catarina invejava-a, porque Catarina não «tivera³³⁸ a sorte de achar «tantos pretendentes.³³⁹ «Catarina também³⁴⁰ não tivera a sorte de ser «bonita.³⁴¹ Havia mesmo quem dissesse «dela, em termos decisivos,³⁴² que era «um canhão». Seria por inveja que Catarina se tornou amiga de Amélia? «Por inveja?³⁴³ A verdade é que elas se davam bem. E Catarina, porque era do «segundo³⁴⁴ ano, «elucidava³⁴⁵ Amélia em tudo o que era «necessário.³⁴⁶ E tanto «eram³⁴⁷ amigas que se juntaram. Amélia pagou «dez escudos³⁴⁸ para lhe «transportarem a trouxa para o quarto³⁴⁹ de Catarina. «Um quarto de boas vistas e³⁵⁰ boa vizinhança:

«(- ...³⁵¹ uns rapazitos. Muitos «sossegados...»)³⁵²

«Ao longe, o Mondego...³⁵³

(-«Além,³⁵⁴ o Mondego)

... espreguiçava-se por entre os choupos. (Seria bela a «noite. Ali. Bela:³⁵⁵ o céu picado de estrelas, a lua chapada na fita do rio...)

Catarina adiantara «até a sua abalizada opinião³⁵⁶ sobre os homens:

- Os homens ideais são os altos, «secos e³⁵⁷ fortes...

- Porquê?

(Amélia queria uns olhos doces de poeta. Queria «lua³⁵⁸ no rio e «serenatas³⁵⁹ repassando a noite. Seria preciso um homem «alto, forte...?)³⁶⁰

³³⁷ [A] conhecia meia academia.

³³⁸ [A] tinha tido

³³⁹ [A] tant<o>/os\ pretendent<e>/es\.

³⁴⁰ [A] <Também> Catarina também

³⁴¹ [A] bela.

³⁴² [A] dela em termos decisivos

³⁴³ [A] Seria?

³⁴⁴ [A] 2º

³⁴⁵ [A] <ensinava> [↑ elucidava]

³⁴⁶ [A] preciso.

³⁴⁷ [A] foram

³⁴⁸ [A] 10\$00

³⁴⁹ [A] mudarem a trouxa para junto

³⁵⁰ [A] <Tinham> <um>/O\ quarto tinha boas vistas. E

³⁵¹ [A] - ...

³⁵² [A] sossegados...

³⁵³ [A] <E>/A\o longe o Mondego

³⁵⁴ [A] (-... além

³⁵⁵ [A] noite dali:

³⁵⁶ [A] mesmo opiniões

³⁵⁷ [A] secos, e

³⁵⁸ [A] <a> lua

³⁵⁹ [A] <a> serenatas

³⁶⁰ [A] alto<.>/\,[forte...?)

「A mãe³⁶¹ de Amélia morrera há muito tempo. Ela não conhecera a mãe. E tinha pena. Uma pena 「funda³⁶² que lhe amolecia a alma. Uma 「dor que³⁶³ ficara a marcar-lhe todas as voltas 「da vida.³⁶⁴ 「Se tivesse tido mãe...³⁶⁵ 「E para quê pensar nisso?³⁶⁶ Se 「tivesse tido³⁶⁷ mãe... O pai também lhe morrera. Mas o pai conhecera-o. Era alto e forte. Áspero:

(-「Rapariga!³⁶⁸

Ela tremia:³⁶⁹

- Manda-me buscar um litro!)

「Era³⁷⁰ alto e forte. E bebida. Dizia-se que fora muito amigo da 「mulher,³⁷¹ da mãe de Amélia. 「E que a chorara muito, muito. (Seria que ele a chorava ainda nos «litros» que bebia?)³⁷² Era alto e forte.

Mas nem sempre era áspero e 「os olhos então banhavam-se-lhe num carinho doce e passivo...³⁷³

(- Minha menina...)

E olhava os olhos de Amélia. E lia coisas que ele não dizia, coisas misteriosas que falavam de outros tempos, dos tempos da mulher.

Um dia morreu. E morreu como 「toda a gente...³⁷⁴ Um corpo frio que o coveiro cobriria de terra. Um corpo frio e pálido e grande, metendo terror. E a casa vazia, com as salas 「negras, as³⁷⁵ portas fechadas, um rumor de rezas, 「o caixão³⁷⁶ que desce e a casa mais 「vazia...³⁷⁷ Só 「a um canto³⁷⁸ uma garrafa suja de 「vinho, que³⁷⁹ a criadita

³⁶¹ [A] A mãe

³⁶² [A] profunda

³⁶³ [A] dôr <, †> que

³⁶⁴ [A] da <sua> vida.

³⁶⁵ [A] Se tivesse mãe teria um peito amigo.

³⁶⁶ [omisso em A]

³⁶⁷ [A] tivesse

³⁶⁸ [A] Rapariga!<>

³⁶⁹ [A] Ela tremia:

-Meu pai!

³⁷⁰ [A] Ele era

³⁷¹ [omisso em A]

³⁷² [A] <Seria por <isso> [↑ esque] que ele bebi> E que chorara muito, muito (Seria que ele a chorava ainda nos «litros»?)

³⁷³ [A] e tinha então uns olhos dum carinho [fol. 23] parado, passivo...

³⁷⁴ [A] todos, todos...

³⁷⁵ [A] negras das

³⁷⁶ [A] <a>/o\ caixão

³⁷⁷ [A] vazia, vazia...

³⁷⁸ [A] a<os> [↑ um] cant<os>/o\

³⁷⁹ [A] vinho que

não 「enxaguara, larga ao ar vozes³⁸⁰ ásperas («rapariga») e 「olhares³⁸¹ doces («minha menina»).

Viera logo nessa noite uma tia de Viseu. 「Uma tia³⁸² expurgada de 「carnes, que³⁸³ tinha a espinha em arco. Amélia iria 「viver na cidade³⁸⁴ com a tia 「solteirona, que recebia hóspedes. Estudaria³⁸⁵ no Liceu (ainda 「iria a tempo, apesar dos 13 anos³⁸⁶). Demais a tia 「empilhara³⁸⁷ algum dinheiro e poderia preencher uma parte do vazio que inutilizava a vida de Amélia.

Mas o vazio não se preencheu. Nem 「uma³⁸⁸ parte.

「Talvez fosse³⁸⁹ por isso que Amélia queria uns olhos 「brandos e luz tremeluzindo³⁹⁰ na chapa do rio...

- Então em que curso está?

- Românicas.

- 「Ah! Sim?³⁹¹ Então somos colegas 「em³⁹² francês.

Catarina reprovara 「no³⁹³ Francês. Por isso 「as duas raparigas³⁹⁴ se conheceram 「depressa. Mas Amélia não votava a Catarina uma estima³⁹⁵ muito 「forte, porque, enfim, a outra era, antes de mais,³⁹⁶ uma aluna mais velha. 「E, porque era mais velha,³⁹⁷ Amélia sentia-se lisonjeada 「com³⁹⁸ a amizade de 「Catarina, que³⁹⁹ conhecia Coimbra, 「professores,⁴⁰⁰ estudantes e 「fundia a⁴⁰¹ cidade e 「a⁴⁰² vida académica num pronome 「desdenhoso: «isto».⁴⁰³

380 [A] enxagua<v>/r\ a<.>/, \ enche o ar de vozes

381 [A] de olhares

382 [A] E a tia <es>/era\

383 [A] carnes e

384 [A] para Viseu viver

385 [A] solteirona[,] [↑ que recebia hóspedes.] <e>/E\studaria

386 [A] ía a tempo a-pesar- dos 1<5>/3\ anos

387 [A] tinha

388 [A] <ess>/uma\

389 [A] E era

390 [A] suaves e <a>/l\ua tremeluz<ente>/indo\

391 [A] Ah, sim?

392 [A] [<↑ a>/em\]

393 [A] /no\ [↑ a]

394 [omisso em A]

395 [A] depressa<, e>/. Mas\ [↑ não] se <estimavam> votavam uma estima

396 [A] forte porque Catarina era acima de tudo

397 [A] E porque era mais velha

398 [A] pela

399 [A] Catarina<.>/, \ <E Catarina> que

400 [A] <os> professores,

401 [A] <falava >[↑ fundia] <da>/a\

402 [A] <da>/a\

403 [A] <pobre “isto”> desdenhoso «isto».

- Isto não é mau, vai ver. O pior são alguns 「professores...」⁴⁰⁴

Falou dos professores. Eles eram 「injustos. Davam」⁴⁰⁵ notas «por simpatias». Tanto assim que a tinham reprovado. E ela sabia 「bastante」.⁴⁰⁶ 「Se sabia...」⁴⁰⁷ Fora uma 「injustiça, uma tremenda injustiça que bradava aos céus」.⁴⁰⁸ Porque Catarina 「era mais velha」,⁴⁰⁹ Amélia devia moldar-se pelas opiniões 「da amiga」.⁴¹⁰ Ela sabia 「mais」.⁴¹¹ Se Amélia dissesse que um homem não 「precisava」⁴¹² de ser alto e forte para ser belo, 「incorreria」⁴¹³ no grave risco de ser julgada uma 「tola」.⁴¹⁴ Catarina diz que devem ser altos. E que devem ser fortes. Ela 「sabe bem...」⁴¹⁵ Também Catarina acha que os lábios de Amélia devem berrar. E Amélia não tem necessidade nenhuma de que 「lhe chamem」⁴¹⁶ tola. 「Por que」⁴¹⁷ não há-de pintar-se, ajustar a saia e empinar-se nos 「saltos」?⁴¹⁸ Se Catarina era mais 「velha...」⁴¹⁹ Se ela sabia... 「Por isso Amélia mudara por fora. E tinha agora a flexibilidade da verga」.⁴²⁰ E vibrava como 「peixe vivo saído」⁴²¹ do mar. Quando 「sorria」,⁴²² os riscos vermelhos dos lábios realçavam, distendidos, a brancura dos dentes 「pequeninos」⁴²³ e certos. E o seu garbo sadio e 「rijo」⁴²⁴ arrancava feras admirações:

- Que boa lasca!

「Foi a companhia de Catarina que ajudou」⁴²⁵ a determinar-lhe o tipo:

- Deve ser como a outra. Tem pinta.

Catarina não sabe bem como arranjou aquela fama. Ela fala, sim, fala com muitos rapazes e ri alto. Mas 「será isso」⁴²⁶ motivo forte? Se ela 「fala」⁴²⁷ só por falar...

⁴⁰⁴ [A] professores que...

⁴⁰⁵ [A] injustos<,>/. \<d>/D\avam

⁴⁰⁶ [A] bastante...

⁴⁰⁷ [omisso em A]

⁴⁰⁸ [A] injustiça. [omisso em A] <Agora que Amélia [↑ e Catarina] vivia[m] <com>/na\ mesma casa,>

⁴⁰⁹ [A] <m>/era\ mais velha,

⁴¹⁰ [A] d<e>/a\ C>/am\iga.

⁴¹¹ [A] mais...

⁴¹² [A] precisa

⁴¹³ [A] <Cat> incorreria

⁴¹⁴ [A] <atrasada>/tôla\.

⁴¹⁵ [A] sabe...

⁴¹⁶ [A] a chamem

⁴¹⁷ [A] Porque

⁴¹⁸ [A] sapatos?

⁴¹⁹ [A] velha!

⁴²⁰ [A] <Por isso Amélia adquirira uma flexibilidade>

Por isso Amélia mudara por fora. E tinha agora a flexibilidade de vêrga.

⁴²¹ [A] sardinha viva saída

⁴²² [A] sor[fol. 24]ria

⁴²³ [A] pequenos

⁴²⁴ [A] riço,

⁴²⁵ [A] A companhia de Catarina ajudava

「Haverá⁴²⁸ algum mal em ser alegre? Em rir? Mas Coimbra era assim. Que coisas se não 「disseram, santo Deus! Dela e do Jorge!⁴²⁹ (O Jorge era alto, forte, etc.).

Por isso 「uma colega avisou Amélia a medo.⁴³⁰

-... boa rapariga, a Catarina, coitada. Mas aqui p'ra se falar... Nem há! E da fama é que ninguém a livra. Já vê...

Comia as 「palavras.⁴³¹ Mas Amélia entendeu. Ela tinha já mudado 「as malas e ficou, desde essa hora, a odiar⁴³² as línguas de Coimbra. (Coimbra de noites quietas e 「lua no rio).⁴³³ 「E teve dó de Catarina.⁴³⁴ 「Um dó sentido e fundo.⁴³⁵

Porque seria que nessa noite ela sonhou que embarcava numa casca de noz e que a mãe lhe dizia adeus com um lenço tabaqueiro? 「(Como ela era linda, a mãe! Que pena não a ter conhecido! Um lenço tabaqueiro tal qual como o do pai. Justamente).⁴³⁶ A casca de noz voltou-se e Amélia não 「soube⁴³⁷ nadar. Foi preciso dar um grito surdo e acordar para se sentir de novo 「ali,⁴³⁸ mergulhada na noite quieta de Coimbra...

「Tem⁴³⁹ um exercício de 「latim⁴⁴⁰ e o dicionário gordo 「verga-lhe⁴⁴¹ o afilado aprumo de *vamp*. Passam 「rapazes enrolados⁴⁴² nas capas. Alguns já usam fitas, 「que esvoaçam ao sopro brando do vento.⁴⁴³ Fitas vermelhas, amarelas, 「azuis...⁴⁴⁴ 「(Um⁴⁴⁵

⁴²⁶ [A] isso será

⁴²⁷ [A] falava

⁴²⁸ [A] <A não ser que> <Seria>/Haveria\

⁴²⁹ [A] disseram meu Deus, dela e do Jorge!

⁴³⁰ [A] <as>/uma\ coleg<as>/a\ avisou a medo Amélia.

⁴³¹ [A] frases.

⁴³² [A] a trouxe e ficou a odiar

⁴³³ [A] l<†>/ua\ no rio...).

⁴³⁴ [A] <Não mudaria> [↑ <Ficaria> <A> <S>] <a>/E\ te<ria>/ve\ dó de Catarina.

⁴³⁵ [omisso em A]

⁴³⁶ [A] (A mãe era bonita. (Que pena não a ter conhecido). E o <lenço>/pai\ <taba>usara um lenço tabaqueiro assim.).

⁴³⁷ [A] sabia

⁴³⁸ [A] ali

⁴³⁹ [A] Ela tinha

⁴⁴⁰ [A] Latim

⁴⁴¹ [A] entortava-lhe

⁴⁴² [A] rapazes à beira enrolados

⁴⁴³ [A] fitas que voam ondulando...

⁴⁴⁴ [A] azues...

mundo de cores. 「Como seria belo o mundo⁴⁴⁶ se fosse feito de 「cor. E de som. Só.⁴⁴⁷ Cor para os 「olhos,⁴⁴⁸ para a bebedeira dos 「olhos,⁴⁴⁹ e som para os 「nervos, para a tontura dos nervos).⁴⁵⁰ As fitas passam fugidias e Amélia segue-lhes o rasto de luz.

É curioso que 「atrás dela vem um rapaz que não passa, fugidio, com fitas. Amélia⁴⁵¹ já quis 「olhar bem de frente.⁴⁵² 「(Quem será? Será de facto⁴⁵³ um rapaz, um estudante de fitas?) 「Amélia⁴⁵⁴ há-de achar 「ocasião azada para saber quem é. Bom será que ela aproveite⁴⁵⁵ o dobrar da esquina 「para⁴⁵⁶ ver.

「- Vossência⁴⁵⁷ dá-me licença?

「(Mas ele estava, afinal, ali ao pé dela).⁴⁵⁸

- Faça favor.

- Eu...

(Para que 「baixaria⁴⁵⁹ ele os olhos?)

- ... 「Eu⁴⁶⁰ não conheço a senhora...

(「É um rapaz alto e seco. Mas fraco.⁴⁶¹ Catarina dissera «alto e forte»):

- ... 「E como não tenho⁴⁶² quem me apresente...

「(Mas⁴⁶³ tinha olhos fundos. 「Ela os vira quando ele os ergueu).⁴⁶⁴

- ... 「Se⁴⁶⁵ me dá licença tomo eu a 「liberdade...⁴⁶⁶ Rui Marcos Antunes.

- Muito prazer... Amélia Campos.

「Dias depois,⁴⁶⁷ namoravam-se.

⁴⁴⁵ [A] Um

⁴⁴⁶ [A] [(]e o mundo seria belo

⁴⁴⁷ [A] cor e de som. Nada mais.

⁴⁴⁸ [A] olhos

⁴⁴⁹ [A] olhos

⁴⁵⁰ [A] nervos<.>/\ para o amolecimento dos nervos.[]]

⁴⁵¹ [A] [↑ vem] um rapaz <q> atrás dela e <que> não passa fugidio com as fitas. <C>/A\mélia

⁴⁵² [A] olhar.

⁴⁵³ [A] (<Será>/Quem\ será? Será[↑ de facto]

⁴⁵⁴ [A] Ela

⁴⁵⁵ [A] <†> /ocasião\ <†>/as\ada <.> [↑ para saber quem é.] <Melhor> <*O>/Bom\ será [↑ que ela] aproveit<ar>/e\

⁴⁵⁶ [A] <e>/p\ara

⁴⁵⁷ [A] [fol. 25] - Vossência

⁴⁵⁸ [A] [↑ (Mas) <(>E>/e\le [,↑ afinal] estava ali ao pé dela[])] <afinal)>

⁴⁵⁹ [A] baix<ou>/aria\

⁴⁶⁰ [A] eu

⁴⁶¹ [A] é um rapaz alto <.>/e\ seco mas fraco.

⁴⁶² [A] e como não <tenho> conheço

⁴⁶³ [A] (mas

⁴⁶⁴ [A] Ele levantou os olhos)

⁴⁶⁵ [A] se

⁴⁶⁶ [A] liberdade...:

⁴⁶⁷ [A] <†> /Dias\ <Nam>/depois\

E Amélia acreditou que nunca mais haveria vazio à sua roda.⁴⁶⁸ Nunca mais.⁴⁶⁹

⁴⁶⁸ [A] volta.

⁴⁶⁹ [omisso em A]

「IV⁴⁷⁰

「Era um namoro estúpido.⁴⁷¹ 「Porque Amélia tinha uma beleza sã e plena no corpo firme e maciço.⁴⁷² 「E ele, positivamente, não passava de «uma figura reles».⁴⁷³ 「Foi⁴⁷⁴ justamente isto que 「intrigou⁴⁷⁵ deveras 「António⁴⁷⁶ Cruz, o Cruz das elegâncias e do bom gosto. A verdade é que ele fora *tampado* por Amélia (pelo menos dizia-se isso). E 「todavia,⁴⁷⁷ 「António⁴⁷⁸ Cruz veste bem e 「é⁴⁷⁹ uma bela figura. 「Por isso se admirou de que Rui tivesse sido aceite, Rui, de quem ele dizia categoricamente que era «um tipo sem planta nenhuma».⁴⁸⁰

「Mas⁴⁸¹ depois de conhecer 「Rui,⁴⁸² no baile, julgou 「conveniente não tornar a falar dele.⁴⁸³ 「De resto,⁴⁸⁴ o dissabor da tampa ia-se desfazendo 「com o tempo.⁴⁸⁵ (se já nem era a primeira... 「Nem a segunda. Dizia-se).⁴⁸⁶

「Todavia,⁴⁸⁷ a *malta*, os outros, continuavam a 「estranhar.⁴⁸⁸ 「Rui⁴⁸⁹ seria facilmente destronado. Era questão de tempo. Ela deixá-lo-ia. E Rui sentia 「já, dentro de si,⁴⁹⁰ esta mesma certeza 「amarga.⁴⁹¹ Ela 「deixá-lo-ia.⁴⁹² (Se ainda ao menos

⁴⁷⁰ [A] [fol. 27] 4

⁴⁷¹ [A] Estranhou-se aquele namôro.

⁴⁷² [A] Amélia era soberbamente bela (Rui não a queria tam bela).

⁴⁷³ [A] [↑ E] <E>/e\le <era> positivamente, [↑ era] uma figura reles.

⁴⁷⁴ [A]<Era>/Foi\

⁴⁷⁵ [A]intrig<ava>/ou\

⁴⁷⁶ [A] Mário

⁴⁷⁷ [A]todavia

⁴⁷⁸ [A] Mário

⁴⁷⁹ [A]<tem>[↑é]

⁴⁸⁰ [A] <<Raro usa gabardina ou sobretudo. O fato de casaco apertado, cinta-o e delinea-lhe o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina não se lhe <co>/di\stinguiriam as linhas do corpo. Em tudo isto pensa Mário Cruz. Mas para que <n>/se\ não julgue que ele não possui uma gabardina usa-a dependurada no braço e com o forro [↑ lustroso] para fora. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata<.>/(\ gravata boa , cara. <M>/U\m caixeiro usa bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se distinguem <muitas> [↑ as] pessoas <de categoria> [↑ chiques]) <Às vezes passa> Quando o vento sopra forte, receia que o cabelo acamado sob as abas do chapéu, se <levante e se descom> erice, desgraciosamente. É por isso que ele <vai>/lev\ a [↑logo] a mão leve e solícita tateando o cabelo. Mário Cruz <s>/e\ra sem dúvida uma boa figura. Por isso não esperava ser tampado. (<Por isso> “/Vá lá\ a gente entender as mulheres. Como é que aquela caloiira *gamou o tipo?”> [Por isso se admirou de que Rui fôsse aceite, Rui de quem ele dizia categoricamente que era “um tipo sem planta”]>

⁴⁸¹ [A] <Mas>/Só\

⁴⁸² [A] Rui

⁴⁸³ [A] decente não mais falar da sua «figura de lascar».

⁴⁸⁴ [A] De resto

⁴⁸⁵ [omisso em A]

⁴⁸⁶ [omisso em A]

⁴⁸⁷ [A] Todavia

⁴⁸⁸ [A] estranhar...

⁴⁸⁹ [A] <†>/Rui\

⁴⁹⁰ [A] dentro de si

fosse rico...) Às vezes via bem 「a nulidade dos seus interesses.⁴⁹³ Ele amava, sonhava, fazia girar as suas ambições à volta de uma ridicularia que outros 「mal conheciam: um namoro.⁴⁹⁴ 「Sim ele via. E via, sobretudo, quando pensava na mãe que lá longe tanto e tanto ia sofrendo.⁴⁹⁵ 「Oh!⁴⁹⁶ Mas era forçoso! Tinha de fechar o cérebro às angústias da vida e abrir a imaginação ao 「sonho apetecido.⁴⁹⁷ Vidas 「frias.⁴⁹⁸ Vidas de pedra com músculos... 「Nunca compreendera.⁴⁹⁹ 「Não nascera para isso, porque o grito que lhe deram pedia a vida fácil e ligeira.⁵⁰⁰ Como não havia de prender-se aos sonhos do namoro? Como?

Por isso todas as aspirações se lhe fundiam naquele 「desejo⁵⁰¹ ardente de ser 「belo, «ter planta», despertar funda paixão numa rapariga, na futura companheira. Assim ele poderia apaixonar-se também e não correria o risco de ser destronado. E tudo seria bom.⁵⁰² Mas 「Rui⁵⁰³ era pobre e tinha uma «figura de lascar». Porque gostaria Amélia dele? Se ela 「tinha tido⁵⁰⁴ outros pretendentes... Rapazes fortes. 「(Se ele fosse um Tarzan!)⁵⁰⁵ Rapazes elegantes... 「Não⁵⁰⁶ compreendia bem. E tinha um medo enorme 「que alguém o apeasse.⁵⁰⁷ Por isso evitava 「falar, na rua, à namorada.⁵⁰⁸ Envergonhava-se. Quem os visse havia de 「abrir os olhos⁵⁰⁹ espantados e trocistas. Amélia repararia nisso e havia de 「ler, nos olhos espantados,⁵¹⁰ censuras mudas e sorrisos desdenhosos. Sorrisos que seriam uma 「apresentação. («Pois não valho mais eu? Hã?⁵¹¹ 「Você sempre foi bem parva!).⁵¹² Ela começaria a ver os sorrisos, os olhares,

⁴⁹¹ [A] amarga...

⁴⁹² [A] deixá-lo-ia...

⁴⁹³ [A] o nojo da sua vida.

⁴⁹⁴ [A] <nem>/mal\ conhecem<.>/\ [↑ um namôro...]

⁴⁹⁵ [A] E todavia ao fim do mês os suores da mãe traziam-lhe...

⁴⁹⁶ [A] Ah!

⁴⁹⁷ [A] sonho... Ele não compreendia as vidas metódicas e reguladas.

⁴⁹⁸ [A] frias<.>[...]

⁴⁹⁹ [A] Ele não compreendia.

⁵⁰⁰ [A] <A vida para ele> Queria uma vida ligeira e fácil feita de coisas irreais e vaporosas.

⁵⁰¹ [A] anseio

⁵⁰² [A] belo<.>/\ [↑ "ter planta",] <A>/a\paixonar as raparigas. Apaixoná-las, <só>/não\ <para>/por\ <ele>/de\sejo de triunfo, não; ele queria apaixoná-la para se apaixo[fol. 28]nar também [↑ com segurança] e deixar correr a vida serenamente. Ser amado, absorventemente amado, para amar.

⁵⁰³ [A] ele

⁵⁰⁴ [A] ti<vera>ti/nha\ tido

⁵⁰⁵ [A] (Ah! que se fôsse um Tarzan!...)

⁵⁰⁶ [A] Ele não

⁵⁰⁷ [A] de ser destronado: [↑ Amélia diz-lhe: E é simpático]

⁵⁰⁸ [A] falar-lhe na rua.

⁵⁰⁹ [A] abrir olhos

⁵¹⁰ [A] ler nos olhos espantados

⁵¹¹ [A] representação ("Pois [↑ não] valho mais eu<.>/?/ an?")

⁵¹² [omisso em A]

as 「censuras. E Rui, a pouco e pouco, iria assumindo as proporções de um mono.⁵¹³ Por isso preferia não 「lhe⁵¹⁴ falar à vista de toda a gente.

Quando um dia Amélia o encontrou na rua, 「Rui⁵¹⁵ embaraçou-se. E fez esforços 「sobre-humanos para se não embaraçar:⁵¹⁶

- Está boa?

- Estás bom? Então para onde 「ias tu?⁵¹⁷

「Rui⁵¹⁸ andou pelo cérebro à cata 「de uma resposta ajeitada.⁵¹⁹ 「E não a achou. Por isso encolheu apenas os ombros. Num enfado:⁵²⁰

- Olha... ia para 「aqui! (indicava o universo).⁵²¹

Amélia 「ficara, como sempre, de mãos no ar,⁵²² abarcando o 「vazio.⁵²³ Que teria o Rui? Sempre tímido, mas 「de uma timidez dorida.⁵²⁴ Ela 「forçou, todavia, um sorriso complacente⁵²⁵ e pelas pestanas reviradas resvalou-lhe um olhar brejeiro:

- Vens comigo?

「Rui⁵²⁶ sentiu calafrios.

- Vou.

「Oh! a calçada que se ia alongando para não mais acabar!⁵²⁷ À 「beira de Rui⁵²⁸ passavam estudantes que ele reconhecia 「apenas pela⁵²⁹ sombra negra da capa. Queria olhá-los, queria conhecê-los, ver se sorriam, se 「o fixavam,⁵³⁰ mas tinha medo. Medo de 「corar⁵³¹ (uma coisa estúpida, caramba! Porque diabo havia ele de corar? Mas corava). Por isso franzia 「a testa para arranjar uma⁵³² expressão dura que o não deixasse corar.

⁵¹³ [A] censuras<,> e Rui, pouco a pouco andaria a seu lado como um <imbecil>[↑mono] ridículo[.] <mono.>

⁵¹⁴ [A] [↑ lhe] falar <com ela na rua> [↑ à vista de toda a gente].

⁵¹⁵ [A] ele

⁵¹⁶ [A] sobrehumanos.

⁵¹⁷ [A] ias?

⁵¹⁸ [A] <Ele>/Rui\

⁵¹⁹ [A] de resposta.

⁵²⁰ [A] E não achou. Depois encolheu os ombros:

⁵²¹ [A] aqui (indicava o universo)

⁵²² [A] ficava como de mãos no ar

⁵²³ [A] vazio...

⁵²⁴ [A] duma timidez desconfiada, uma timidez quase indiferença(?)

⁵²⁵ [A] forçou todavia um sorriso

⁵²⁶ [A] <Ele>/Rui\

⁵²⁷ [A] A calçada era interminável.

⁵²⁸ [A] sua beira

⁵²⁹ [A] [↑ apenas] <na>/pela\

⁵³⁰ [A] <os>/o\ fixavam<.>/,\

⁵³¹ [A] corar.

⁵³² [A] a testa<.> [↑ para arranjar] <Queria> uma

Testa franzida. Quem o visse de testa 「franzida, num jeito de superior desdém,⁵³³ havia de garantir:

「- O tipo mal lhe liga. Bem se vê...⁵³⁴

Ora ele queria justamente isso. Queria-o 「a⁵³⁵ toda a força. (Iria 「até, talvez,⁵³⁶ habituar-se a fumar. O cigarro 「ajuda muito o tom másculo de airoso desdém).⁵³⁷ «O tipo mal lhe liga... Anda ali a fazer um 「frete. Com⁵³⁸ mil demónios, é preciso que ela o grame a 「valer!»⁵³⁹ Rui não 「seria pois um maricas.⁵⁴⁰ 「Seria forte, seria⁵⁴¹ um homem. E esta ideia 「enfunava-o.⁵⁴²

Mas Amélia começava a sentir-se à vontade. A princípio, não. 「Não,⁵⁴³ porque Catarina a moía («tu podias ter arranjado outra 「coisa, menina»),⁵⁴⁴ porque não estava habituada ao ambiente de Coimbra. 「Mas agora⁵⁴⁵ começava 「a sentir-se dona do mundo e, alheia⁵⁴⁶ a quem passava, 「ria⁵⁴⁷ e gesticulava num à-vontade que incomodava Rui. 「A⁵⁴⁸ vida abria-se-lhe, a vida ria-lhe 「de um modo desconhecido;⁵⁴⁹ 「por isso Amélia sentia vontade de declarar a toda a gente a sua ventura.⁵⁵⁰

「Tinha⁵⁵¹ a sensação de que um caminho novo se lhe desdobrava dia a 「dia, como um tapete rolado. Um⁵⁵² caminho virgem de pegadas estranhas. Rui 「dava-lhe a certeza de que havia, para ela, uma razão forte de existência.⁵⁵³ Uma razão. Não era já o caminhar à toa por nenhuns 「caminhos, com estrelas distantes.⁵⁵⁴ Não era 「já⁵⁵⁵ o sonho

⁵³³ [A] franzida num jeito de superior desdem

⁵³⁴ [A] -... o tipo mal lhe liga.

⁵³⁵ [A] <com> [↑ a]

⁵³⁶ [A] [↑ até talvez]

⁵³⁷ [A] [↑ ajuda muito a] <até>/ter\ um tom de [↑ airoso] desdem.)

⁵³⁸ [A] frete... <v>/Com\

⁵³⁹ [A] valer..."

⁵⁴⁰ [A] era pois <consequência> um maricas.

⁵⁴¹ [A] Era forte. Era

⁵⁴² [A] inchava-o <de>[.]

⁵⁴³ [A] [↑ E] <N>/n\ão,

⁵⁴⁴ [A] coisa menina")

⁵⁴⁵ [A] Agora

⁵⁴⁶ [A] [fol. 29] a viver mais livremente<.>[e] <A>/a\lheia

⁵⁴⁷ [A] ela ria

⁵⁴⁸ [A] Mas a

⁵⁴⁹ [A] duma maneira <estranha:>/desconhecida:\

⁵⁵⁰ [omisso em A]

⁵⁵¹ [A] - Rui, vivo tam contente, sou tam feliz...

(<Como é> Tinha

⁵⁵² [A] dia <u>/U\m<,>[.].

⁵⁵³ [A] <garantia-lhe> [↑ dava-lhe a certeza de] que havia uma razão de existência para ela.

⁵⁵⁴ [A] caminhos com estrêlas distantes, distantes...

⁵⁵⁵ [A] [↑ já]

do caminho 「tão procurado⁵⁵⁶ e que alguns encontram 「tão cedo.⁵⁵⁷ Não era. 「Amélia percebia agora, com nitidez,⁵⁵⁸ que o encontrara, 「que⁵⁵⁹ o pisava na areia fina que rangia sob os seus pés calejados e que as estrelas baixavam sonhando num céu 「liso e fino...⁵⁶⁰

Catarina 「tentara⁵⁶¹ (de boa mente, decerto) desviá-la do caminho:

- Ó 「menina, podias ter⁵⁶² arranjado coisa melhor.

Ela tentara, sim. Mas Amélia 「descobrira aqueles olhos fundos que procurava.⁵⁶³ Tinha-os descoberto. Era feliz. 「E a Coimbra, de luar doente,⁵⁶⁴ não era só a cidade que dava cursos para 「se⁵⁶⁵ ganhar o pão.

Amélia não se envergonha de passear com o Rui. Porque se 「envergonhará⁵⁶⁶ ele? 「Se⁵⁶⁷ Amélia o ama, se ela o ama absorventemente. Se ela o 「sorve⁵⁶⁸ com os olhos 「sôfregos, embebidos⁵⁶⁹ em prazer... 「Porque se envergonhará ele?⁵⁷⁰

Porque não 「vai⁵⁷¹ Amélia 「sossegadinha,⁵⁷² quando anda com o Rui? O verdadeiro amor é 「sossegado e medroso.⁵⁷³ 「Não⁵⁷⁴ conhece palavras nem 「gestos de teatro.⁵⁷⁵ Só a 「adoração, o afecto estreito, a ternura...⁵⁷⁶ A menina recatada tem pejo de

⁵⁵⁶ [A] que todos procuramos

⁵⁵⁷ [A] tam cêdo...

⁵⁵⁸ [A] Ela tinha agora a sensação de

⁵⁵⁹ [A] de que

⁵⁶⁰ [A] manso...

⁵⁶¹ [A] tentava

⁵⁶² [A] menina tu podias <arr>/ter\

⁵⁶³ [A] tinha descoberto aqueles olhos fundos de poeta (Rui faria versos?) que ela procurava.

⁵⁶⁴ [A] E <a> Coimbra d<e>/o\ luar doente

⁵⁶⁵ [A] [omisso em A]

⁵⁶⁶ [A] <envergonhar> <embaraçará> [↓ envergonhará]

⁵⁶⁷ [A] <Não há razão.> Se

⁵⁶⁸ [A] bebe

⁵⁶⁹ [A] sôfregos nadando

⁵⁷⁰ [omisso em A] Em prazer... Se ela o ama...

Não! o amor é uma arte. Como arte tem uma técnica. Tem!

⁵⁷¹ [A] <anda>/vai\

⁵⁷² [A] sossegadinha

⁵⁷³ [A] tímido e sossegado.

⁵⁷⁴ [A] Pelo menos não

⁵⁷⁵ [A] gestos: <s>/S\ó

⁵⁷⁶ [A] <afeição> [↑ adoração,] <do>/o\ afecto, <d>um afecto estreito, <dum> [↑ <d>um] carinho feito de meiguice.

falar muito e de fazer gestos largos. Mas o seu amor é terno e sincero. Serão precisas
「palavras?⁵⁷⁷

A menina recatada sorri a medo e cora.

(A mãe de Rui ainda lhe não mandou a mesada. E o prazo chega-se. É
「lamentável que esta história do dinheiro lhe roube a inspiração dos seus poemas.⁵⁷⁸
Poemas 「belos, embebidos de amor...」.⁵⁷⁹

「Pode⁵⁸⁰ reparar-se que Amélia 「ria alto,⁵⁸¹ que gesticule. 「Pode reparar-se.⁵⁸²
Ela já fez o propósito de ser mais comedida, 「mas, dentro de si, a vida ferve em
vulcão.⁵⁸³ 「Se ela achou⁵⁸⁴ o caminho, se as estrelas baixaram ao seu mundo, se já não
há vazio à sua roda... Poderá 「Amélia⁵⁸⁵ abafar aquela 「alegia?⁵⁸⁶

(O Rui talvez não saiba o que é um caminho encontrado. 「Nem talvez tenha
procurado o seu).⁵⁸⁷ Não percebia pois porque é que o Rui a repreendia asperamente:

- Ó menina, que modos esses!

Mas antes assim. Ai, antes, antes assim do que secar-lhe 「o riso⁵⁸⁸ com um gesto
de enfado. Era 「mais⁵⁸⁹ cruel, sim, era 「muito cruel ter de ficar-se aparvalhada⁵⁹⁰ com
um sorriso 「dorido, gelado⁵⁹¹ nos lábios 「vermelhos, quando o Rui embrulhava⁵⁹² o
rosto 「aborrecido.⁵⁹³ 「Antes a censurasse com palavras ásperas.⁵⁹⁴

⁵⁷⁷ [A] palavras? Não bastará um sorriso?

⁵⁷⁸ [A] Horrível que esta história d<as>/o\ <meza> dinheiro lhe <tire> [↑ roube] a inspiração
<<desses>/dos> [↑ dos seus] poemas.

⁵⁷⁹ [A] belos <onde> [↑ em] que <se> fala de amor)

⁵⁸⁰ [A] [fol. 30] Pode

⁵⁸¹ [A] se ria <de> alto,

⁵⁸² [A] É horrível que se repare.

⁵⁸³ [A] mas dentro dela há vulcões de vida.

⁵⁸⁴ [A] Pois se achou

⁵⁸⁵ [A] ela

⁵⁸⁶ [A] alegria [?] <que nem>

⁵⁸⁷ [A] <Ele> Terá ele procurado o que é seu?)

⁵⁸⁸ [A] <a>/o\ <a>/r\iso

⁵⁸⁹ [A] [↑ mais]

⁵⁹⁰ [A] [↑ muito mais] cruel [↑ ter de] ficar-se <ali> aparvalhada

⁵⁹¹ [A] imbecil gelado

⁵⁹² [A] vermelhos quando o Rui enovelava

⁵⁹³ [A] num enjoo.

⁵⁹⁴ [A] <Era cruel, mas era <preferível> [↑ melhor.]> [↑ Antes a censurasse com palavras ásperas.]

Ela queria emendar-se, queria o Rui satisfeito. Ele pedira-lhe para deixar de usar *bâton*. Custara-lhe, custara-lhe muito 「aceder: Catarina afirmara:」⁵⁹⁵

- Ó menina, sem *bâton* ficas horrível! 「Que」⁵⁹⁶ mania foi essa de deixares de usar o *bâton*? Foi 「ele que te proibiu? Foi?」⁵⁹⁷

- Não! Que ideia! 「Ele importa-se lá agora com isso... Fui eu...」⁵⁹⁸ (Mentira! É 「verdade:」⁵⁹⁹ para que mentira Amélia? Porque não tivera ela coragem de afirmar: 「sim,」⁶⁰⁰ foi ele! E eu fiz-lhe a vontade. Vai mal nisso?)

O Rui era esquisito. Queria-a 「calada e」⁶⁰¹ sem *bâton*. 「Amélia tinha um sonho doce que lhe absorvia as horas.」⁶⁰² Mas quando 「Rui」⁶⁰³ estava a seu 「lado,」⁶⁰⁴ sentia necessidade de 「lhe dizer muitas, muitas vezes, que ele era tudo para ela, que achara um caminho diferente e que a vida」⁶⁰⁵ já não tinha vazio.

Mas o Rui parecia não entender 「isso.」⁶⁰⁶ 「O Rui」⁶⁰⁷ tinha descoberto outra alma em Amélia. Outra! 「(Tão outra...)」⁶⁰⁸

「Rodrigues」⁶⁰⁹ contou-lhe pormenores da vida dela. Afinal essa história do 「Liceu」⁶¹⁰ parecia ser 「verdadeira.」⁶¹¹ 「A rapariga」⁶¹² tinha tido um namoro demasiado chegado... A tia recebera-o como hóspede. Pelos 「vistos,」⁶¹³ a cachopa já era espigadota. O 「diabo?」⁶¹⁴ Estas coisas dão-se 「assim mesmo,」⁶¹⁵ naturalmente, estupidamente. De 「resto, bastava olhar para o todo dela: Olhos de víbora. Coxas vibrantes. Lábios sensuais.」⁶¹⁶

⁵⁹⁵ [A] aceder. <(> Catarina afirma<v>/r\ a: ó menina

⁵⁹⁶ [A] <Por> <que>/Que\

⁵⁹⁷ [A] o menino que proibiu?

⁵⁹⁸ [A] Ele é que se lá importa com isso!... Fui eu...<)>

⁵⁹⁹ [A] verdade,

⁶⁰⁰ [A] sim

⁶⁰¹ [A] calada<, > [↑ e]

⁶⁰² [A] <Se *falas>/Amélia\ <se queria que> tinha também um sonho <maci>/suave\ que ela saboreava em silêncio.

⁶⁰³ [A] o Rui

⁶⁰⁴ [A] lado ela

⁶⁰⁵ [A] deixar transbordar o sonho[,] <de lhe>/qu\eria dizer[-lhe] muitas, muitas vezes que ele era tudo para ela, que <encont> achara um caminho diferente e que <o p> a vida

⁶⁰⁶ [A] isto.

⁶⁰⁷ [A] Ele

⁶⁰⁸ [A] (Tam outra)

⁶⁰⁹ [A] O Rodrigues

⁶¹⁰ [A] Liceu

⁶¹¹ [A] verdade.

⁶¹² [A] Ela

⁶¹³ [A] vistos

⁶¹⁴ [A] diabo!

⁶¹⁵ [A] assim

⁶¹⁶ [A] resto basta[↓ va] olhar para a cara da rapariga (olhos de víbora, coxas vibrantes, lábios sensuais)

- Tu tiveste algum namoro no Liceu?
- Porque é que perguntas isso?
- 'Porque gostava⁶¹⁷ de saber. Disseram-me que 'sim, que⁶¹⁸ tinhas tido...
- Pois tive! Mas 'ainda era uma garota...⁶¹⁹ Nunca te falei nisso... 'Julguei que não tinha importância... Andava eu no 3º ano...

- No 3º ano?!...
- Sim, no 3º ano. Mas porque te admiras?⁶²⁰
'Rui reparou. Não devia admirar-se.

(Amélia tivera namoro. Afinal era certo. «Em todo o erro há sempre um fundo de verdade». Já um filósofo qualquer o afirmou).

Amélia podia ter namorado outro rapaz. Um rapaz forte e galã. Mas Rui tinha cara de parvo. Não o intrujaria mais facilmente a ele?

(O Rodrigues tem o dedo no ar e garante: «és uma besta!»).⁶²¹

⁶¹⁷ [A] <Por curiosidade.> /Porque\ <Gostava>gostava\

⁶¹⁸ [A] [↑ sim, que]

⁶¹⁹ [A] <foi> ainda era garota...

⁶²⁰ [A] <(Amélia tivera um namoro.)>

Julguei que não tinha impor<tância...> portância... Andávamos ambos no 3º ano...

[↑ - No 3º ano?!...]

<(Amélia tivera um namoro.)>

<-... mas porque te admiras?>

- Sim no 3º ano. Mas porque te admiras?

⁶²¹ [Rui parou. Não <tinha> devia admirar-se.

(Amélia tivera namoro. Afinal era certo. "Em todo o erro há sempre um fundo de verdade". Qual foi o filósofo que disse isto?)

Amélia podia ter namorado outro rapaz, um rapaz forte e galã. Mas Rui tinha cara de parvo. Não o intrujaria pois mais facilmente a ele?

(O Rodrigues tem o dedo no ar e garante: "és uma besta") [Nota: acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem (Volte).]

「V⁶²²

O Fernando 「quer⁶²³ escrever um romance. 「Romance novo,⁶²⁴ cheio de força 「e heroísmo,⁶²⁵ 「com o sangue em fogo que lhe corre nas veias.⁶²⁶ Homens de aço. 「Aço temperado em lutas milenárias.⁶²⁷ 「Pode a vida rolar de encontro aos homens de aço, porque eles têm músculos valentes e hão-de vergá-la no sentido que quiserem. Músculos de pedra rasgados por sangue fresco. A vida.⁶²⁸ Ela há-de vir com 「sonhos de estrelas e tristezas doentes nos olhos magoados.⁶²⁹ 「Mas os homens de aço não percebem os sonhos nem entendem a compaixão. Olhos enxutos presos nas faces endurecidas, e lábios pregados em fixidez de sepulcro. Olhos enxutos. Secos nas longas horas de fome e angústia que os homens de aço roeram. Por isso todos os sentidos esqueceram a beleza decorada pelos filhos da ventura. E ficaram encruados num ódio surdo acumulado, que lhe garantia que a vida não findara. Rodas gigantescas, rolando de vagar, tinham moído os homens em pó. Mas o pó arrancou um grito desesperado e ergueu-se de novo em bloco de granito.⁶³⁰ O Fernando anda a escrever um romance 「novo⁶³¹ 「com o sangue em fogo que lhe queima as veias. Pelo menos ele pensa que o seu romance é novo. E parece que só ele o entende. Todas as escolas literárias se tinham esquecido da nobre missão da Arte, descurando a realidade viva dos interesses colectivos e a sua interpretação rigorosa. Como se a Arte se bastasse a si mesma.

- Vê tu - dizia ele a um literato de forma antiquada - a Antiguidade, salvo um caso ou outro, raro pensou nisso. O que eles queriam era gozo para si mesmos, um gozo de poleiro. Os medievos eram chochos e falsos; os renascentes, coitados, alambazaram-se de espanto e não tiveram tempo para mais; os seiscentistas...

- Caramba, menino, sabes disso a potes!

⁶²² [A] [fol. 31] 5

⁶²³ [A] anda a

⁶²⁴ Ele quer um romance novo

⁶²⁵ e de heroísmo.

⁶²⁶ [omisso A]

⁶²⁷ [omisso A]

⁶²⁸ [A] Que a vida venha contra eles aos trambolhões <que>/e\ eles a apararão. Duros músculos de pedra regados p<elo>/or\ <coração> sangue fresco <agarrará> [↑ hão de agarrar] na vida e hão-de dar-lhe socos valentes.

⁶²⁹ [A] os afagos e os êxtases passivos. Ela há-de vir <deitar-lhe aos pés> [↑ pôr-lhes à frente dos olhos] a tristeza do mundo para lhes pedir lágrimas<.> [, ↑ ou sonhos brandos a pedir sorrisos.]

⁶³⁰ [A] Mas os homens d'aço terão os olhos [↑ enxutos] presos nas faces de pedra[.] <e não chorarão.> Seu gume <perfurará> <rasgará> dissecará as tristezas do mundo e as lágrimas não enublarão os olhos. [↑ Os sentidos estarão feitos para sorver todos os gozos da vida.] O amor será o desejo e a posse. E a vida animal e dura sentirá as pisadas d<os>/e\ <seus> pés enormes e brut<ai>/o\s.

⁶³¹ [A] novo.

E era um gosto para Fernando estadear a sua cultura. Por isso continuou, com convicção:

- ... os seiscentistas comeram os restos dos de dezasseis; os de dezoito requentaram-lhes o classicismo. E eis-nos, meu caro, no século das luzes! Mas quê? Os senhores românticos, que repararam no povo e na sua miséria, fugiram estupidamente, aterrados, para a torre de marfim. Não compreenderam o povo. Os realistas viram; mas não viram tudo e não lhes interessava senão ver bem, por fora. Ficaram na rua, sem interpretar, sentirem, e, é claro, voltou-se à contradança do interior, agora com análises microscópicas e refinadas. Hoje, vamos nós outra vez à rua, mas com a alma aberta para entendermos os que sofrem e lutam. E só isto vale, meu caro, só isto: o sentido heróico da vida. Falta, entre nós, quem se abalance à empresa, mas eu vou tentar. Creio mesmo que vou ser original, isto parece-me, não sei... Não quero interpretar, choramingando como tantos, mas sentindo os músculos endurecidos, os... como hei-de dizer? Os calos que a vida fez.

Fernando não poupava ninguém às suas exhibições, desdobrando, diante de qualquer, teorias, sínteses, produções literárias. Por isso Rui e Rodrigues tiveram de gemer sob o peso da ideia nova de Fernando.⁶³²

- Não gosto!

O Rui tinha uma constituição delicada. Meio 「mulherica」.⁶³³ Não admirava 「pois」⁶³⁴ que não gostasse.

- Hás-de ouvir! E 「tu também. Vocês vão ver...」⁶³⁵

O Rodrigues era um turista nestas coisas de literatura. Vadiava pela Arte como vadiava pelo mundo: por turismo. Por isso assentiu:

- Fixe!

「- Bom, vocês já sabem o」⁶³⁶ que é que eu pretendo fazer. Claro que isto é uma tentativa. Há-de ter muitos defeitos. 「Mas isso importa-me pouco」.⁶³⁷ 「No entanto, não sei, mas parece-me que consegui um pouco o que pretendia, que era pôr máquinas」⁶³⁸ em acção. 「Ou antes: carne, sentidos, músculos duros」.⁶³⁹ 「Que diabo! A vida de hoje não

⁶³² [omisso A] [↑ Ele explicou o programa que se traçara]

⁶³³ [A] efeminada

⁶³⁴ [omisso A]

⁶³⁵ [A] tu[,] <...>/Também. V<am>/o\cês vão ver...

⁶³⁶ [A] /-\ Bom! Vocês já sabem <do>/o\

⁶³⁷ [omisso A]

⁶³⁸ [A] Mas creio que consegui um pouco <aquil>o que <queria> pretendia que era pôr máquina[s]

⁶³⁹ [A] <Puras máquinas.> [↑ Ou antes: carne, sentidos, músculos.]

suporta um lirismo à Veríssimo e quejandos (Rui gosta tanto de ler Veríssimo). A luta, a luta verdadeira e forte não pensa em estrelas nem em lírios. Luta é força. Vejam vocês por exemplo um Jorge Amado. Sem dúvida ele apanhou o sentido heróico da vida. Mas, canudo! Sonha de mais, põe muito lirismo no pescador. Quem rói a côdea não entende as estrelas, não tem vagar para isso.⁶⁴⁰

「Rodrigues estava farto da prelecção. Sobretudo estava a ver que o Fernando nunca mais acabaria com aquela música. Palrador que nem um algarvio. Parecia que «engolira uma dúzia de grafonolas».

Tarde cinzenta. Vento de Outono. Casas pálidas de frio, amodorrando sob o céu opaco. Rodrigues não sabia que fazer. Por isso aturava Fernando. Mas estava a ver que ele não mais acabaria e por isso pediu:⁶⁴¹

「Acaba lá o palanfrório e lê aí umas larachas, para a gente ver como é essa coisa.⁶⁴²

Fernando pigarreia. Depois começa em voz arredondada:

「Bom, lá vai então:⁶⁴³ «A mulher ficara à porta...

- O título?

- 「O título?⁶⁴⁴ Ainda não tem título definitivo, mas já pensei no de... É 「verdade, vocês é que vão dizer que tal acham.⁶⁴⁵ Eu pensei 「em lhe dar justamente o título de «Máquinas».⁶⁴⁶

- É seco! (Rui 「gosta dos títulos-frases).⁶⁴⁷

- Homem! Estamos na mesma. Pois eu quero justamente tudo seco e duro.

Rodrigues mascava o cigarro (Máquinas... Para que é que este Fernando se preocupava com a vida? Máquinas... E 「afinal,⁶⁴⁸ só no pensar que os homens eram máquinas ia já 「muito de literatura e de lirismo.⁶⁴⁹ Rodrigues nunca pensara que os

⁶⁴⁰ [A] É claro que isto é um aspecto diferente da mesma decadência em que vivemos. Mas que diabo! Em vez dêsse lirismo passivo dum Jean Giono, dum Veríssimo (Rui gosta tanto de ler o Veríssimo e o Giono) Que ma joie demeure... <demeure> o campo dos junquinhos...) eu acho preferível a acção mecanizada de quem não [↑ tem] sent<e>/i/[↑ mento], de quem é feito de pedra e aço de quem voltou à luta de animal. Ora, ²vocês ¹estão a ver que...

⁶⁴¹ [omisso A]

⁶⁴² [A] - <Não>/Não! Lê lá, [↑ lê lá] umas larachas que é melhor.

⁶⁴³ [A] [← - <->/Bom\ [↑ lá vai então:]]

⁶⁴⁴ [A] [↑ O título?]

⁶⁴⁵ [A] verdade [↑ vocês é] que [↑ vão] dizer [↑ que tal acham?]

⁶⁴⁶ [A] em <lhe>/dar\lhe <este título:> [↑ justamente o título de] *Máquinas*

⁶⁴⁷ [A] gostava dos títulos frases)

⁶⁴⁸ [A] afinal

⁶⁴⁹ [A] muita literatura e lirismo.

homens 「podiam ser⁶⁵⁰ máquinas. 「E, todavia, ele mesmo, ⁶⁵¹ com a sua vida de autómato e de 「boémio, era, de certo modo, ⁶⁵² uma máquina também).

「- Bem! Lê lá sem o título.⁶⁵³

«A mulher ficara à porta (Fernando recomeçava) com um sorriso que não acabara no seu rosto frio. Tinha uma criança nos 「braços, que mamava no seio achocalhado⁶⁵⁴ A mulher não movia os olhos 「inexpressivos, fixos no cotovelo do caminho que o marido dobrara. ⁶⁵⁵ Todas as manhãs ela vinha vê-lo sair. E 「Zeferino⁶⁵⁶ raro deixava 「cair⁶⁵⁷ uma palavra pelo bigode frondoso que lhe escorria dos cantos da 「boca.⁶⁵⁸ 「Pegava no peso da enxada ou do mangual e, de casaco ao ombro,⁶⁵⁹ saía membrudo e vagaroso. Às vezes avisava:

「«- Jantar a horas!⁶⁶⁰

「«Marta⁶⁶¹ não respondia. Não por 「medo, mas⁶⁶² porque entendia que não valia a pena falar. (O dom da fala era 「um dom quase⁶⁶³ inútil).

«Zeferino calcorreava a calçada 「rija, onde as sapatorras⁶⁶⁴ ferradas retiniam. Vinha-lhe na brisa o cheiro 「activo da terra que fecundara em frutos saborosos e de que ele se penetrava sofregamente, pleno e são.⁶⁶⁵ Pelos olhos 「entrava-lhes⁶⁶⁶ o gozo do triunfo da manhã e todos os sentidos se refastelavam no vigor daquele dia 「fértil⁶⁶⁷ que se erguia 「forte e⁶⁶⁸ vibrante. Seus músculos latejavam numa ânsia 「bruta de socar,⁶⁶⁹ pontapear alguém, para despejar a fartura de vida que 「os⁶⁷⁰ inundava. Se o Parvalheira

⁶⁵⁰ [A]eram

⁶⁵¹ [A] E todavia ele mesmo

⁶⁵² [A] boémio era de certo modo [D] boémio, era<,> de certo modo<,>

⁶⁵³ [A] [fol. 32] <<-> Mas acudiu:>

- Bem! <*Só>/Lê\ [↑ lá sem] <o> título[.] <não interessa por enquanto.> <Lê lá umas larachas...>

⁶⁵⁴ [A] braços. E a criança mamava no seio duro.

⁶⁵⁵ [A] <pregados> inexpressivos <que> prega<m>/dos\ n<o>/a\ <fundo> <dobra> cotovelo do caminho que o marido dobrara.

⁶⁵⁶ [A] <ele>/Zeferino\

⁶⁵⁷ [A]escapar

⁶⁵⁸ [A] boca. <E a mulher pensava que a <linguagem> fala era um dom inútil.>

⁶⁵⁹ [A] Pegava na enxada pesada [↑ ou no mangual] e de casaco ao ombro

⁶⁶⁰ [A] - Jantar a horas

⁶⁶¹ [A] <Ela>/Marta\

⁶⁶² [A] medo<, por>[.] Mas

⁶⁶³ [A] [↑ um dom] quási <[↑ um do]>

⁶⁶⁴ [A] rija onde as <botas> [↑ sapatorras]>

⁶⁶⁵ [A] <*puro>/áspero\ da terra <molhada pela chuva da noite> [↑ que fecundara em frutos saborosos]. E ele aspirava sôfregamente <o> [↑ êsse] cheiro activo da terra.

⁶⁶⁶ [A] entrava-lhe

⁶⁶⁷ [A] f<ecundo>/értil\

⁶⁶⁸ [A] [↑ forte e]

⁶⁶⁹ [A] abrupta de socar, <*al peito.>

⁶⁷⁰ [A] o

agora lhe 「aparecesse, Zeferino rasgar-lhe-ia as carnes, fibra a fibra, com a navalha de ponta recurvada, sorvendo com lentidão o prazer de esfacelar⁶⁷¹ o malandro que lhe abandalhara a filha mais velha».

- Ó pá! Esse «abandalhara»... (O Rui tinha uma constituição 「delicada」).⁶⁷²

- Os comentários são para o fim. 「Siga viagem. Quem não gosta não come. E, afinal,⁶⁷³ que querias tu? «Que lhe desflorara a filha?» 「«que lhe perdera a filha?»⁶⁷⁴ Ora não sejas 「tão meigo, menino」.⁶⁷⁵ Continua e deixa lá o poeta.

Rui encolheu-se. O Rodrigues 「tinha sempre um modo de falar⁶⁷⁶ que arrasava. Às vezes o Rui 「descobria uma boa resposta mesmo⁶⁷⁷ na ponta da língua. Mas era raro.

「«Porém⁶⁷⁸ os seus músculos 「apenas consumiam então o seu frescor a esmagar as espigas de pão⁶⁷⁹ que fartos donos possuíam. (Fernando continuava). O sol 「já rebentara⁶⁸⁰ no bico do monte e lampejava nas lâminas luzidas das folhas de árvores e nas águas fugidias dos regatos. 「E Zeferino, sentindo a força do dia que estalava, percebia em si um instrumento mecânico, que a energia do sol movimentasse⁶⁸¹ num destino cego.

«Àquela hora da 「manhã,⁶⁸² seis homens duros, de tez 「denegrida,⁶⁸³ erguiam e baixavam 「pesados manguais num ritmo violento que monossílabos⁶⁸⁴ acompanhavam num arranque bruto de forças:

«- ... A...ap! A..ap!

⁶⁸⁵«O sol ia subindo. A fralda da camisa dos malhadores começava a despegar-se das calças com 「os sacões bruscos⁶⁸⁶ do baixar e levantar do tronco. 「Perto dos⁶⁸⁷

⁶⁷¹ [A] aparecesse ele rasgar-lhe-ia as carnes fibra a fibra <sorvendo com lentidão> com a navalha de ponta, sorvendo com lentidão o prazer de <ver morrer> [↑esfacelar]

⁶⁷² [A] delicada...)

⁶⁷³ [A] <E, que diabo, > [↑ Siga viagem. Quem não gosta não come] <o “abandalhara” está mesmo a matar...> [↑ E afinal]

⁶⁷⁴ [A] [↑ Que lhe perdera a filha?

⁶⁷⁵ [A] <menin<a>/a\, > [↑ tam meiguinho,] <filho.> [↑ menino.]

⁶⁷⁶ [A] <tinha uma> [↑ falava duma] maneira <de falar>

⁶⁷⁷ [A] tinha uma resposta

⁶⁷⁸ [A] <Mas>/Porém\

⁶⁷⁹ [A] [↑ apenas] consumiam [↑ então] o seu frescor a <fender> [↑ esmagar] as <entranhas dos *grãos> [↑ espigas de pão]

⁶⁸⁰ [A] [↑ já] rebentara em luz

⁶⁸¹ [A] <Z>/E\ Zeferino que sentia a fôrça do dia que começava, percebia <dentro de si uma luta brutal> em si um<a> instrumento <de> que a energia do sol movimentasse também

⁶⁸² [A] manhã

⁶⁸³ [A] denegrida

⁶⁸⁴ [A] <enxadas num ritmo seguro> [↑pesados manguais em ritmo seguro] que <...>/mono\ssílabos surdos

seis homens, à sombra 「de uma⁶⁸⁸ figueira, o capataz 「pousara⁶⁸⁹ uma garrafa de vinho encapuçada por um copo de vidro grosso com o fundo marcado a borras. 「Para eles, as horas tinham apenas a expressão que lhes dava a regularidade com que, de três em três,⁶⁹⁰ o copo de vidro grosso lhes derramava na goela vinho barrento. O sol 「batia⁶⁹¹ agora de chapa na eira e os 「revérberos⁶⁹² incendiavam o rosto dos malhadores. Zeferino sentia as costas molhadas e a roupa colada ao corpo. De vez em quando o ar 「desfraldava as abas da camisa, pegada como adesivo, mas⁶⁹³ Zeferino não saberia dizer se a sensação 「de frescura lhe era agradável ou não. Demais,⁶⁹⁴ os seus pensamentos não podiam fixar-se em 「nada.⁶⁹⁵ À sua frente 「bailava o mangual,⁶⁹⁶ sacudindo-se aos esticões. O calor 「sufocava.⁶⁹⁷ E 「os braços de Zeferino,⁶⁹⁸ sem que ele os movesse, sem que ele 「os comandasse, erguiam-se,⁶⁹⁹ e baixavam-se como membros de um palhaço de pau a que 「tivessem⁷⁰⁰ dado corda».

(- Tens 「um⁷⁰¹ cigarro?

「Este Rodrigues agora dava em não comprar tabaco.⁷⁰² Fernando dá-lhe um *definitivo*. (Porque não há-de 「Rui⁷⁰³ habituar-se também a fumar?

- 「*Thanks*⁷⁰⁴).

⁶⁸⁵ [A] <E de cada vez um torrão que a enxada descolava, era <jogado> [↑ sacudido e as batatas jogadas] por entre as pernas[.] <e caía esfacelado.> O sol subia. À frente dos seis homens o <dono>/capa\taz coloc<ou>/ara\ uma garrafa de vinho encapuçada por um copo de vidro grosso com o fundo marcado a bôrras. [↑ Para eles] <A>/a\s horas não tinham expressão a não ser pela regularidade com que de 3 em 3 o copo de vidro grosso lhes escorria na goela vinho barrento. Mulheres secas esperavam atrás [fol. 33] dos homens as batatas que [↑ eles lançavam] <escolhiam> separando[-↑as] <em montes> pel<a>/o\ <forma.>/tamanho.\>

⁶⁸⁶ [A] o movimento rítmico

⁶⁸⁷ [A] <O capataz> [↑ Perto dos]

⁶⁸⁸ [A] duma

⁶⁸⁹ [A] colocara

⁶⁹⁰ [A] <As horas> <p>/P\ara eles [↑ as horas] tinham apenas [↑ a] expressão <sem> [↑ que <lhes> dava a] regularidade com que de <<3>/2>/3\ em <<3>/2>/3\

⁶⁹¹ [A] dava

⁶⁹² [A] <reverboros>/revérberos\

⁶⁹³ [A] <fresco> furava pelas abas da camisa que flutuavam mas

⁶⁹⁴ [A] <lhe>/de\ <era>/fres\cura lhe era agradável ou não [.] <porque> [↑ De resto]

⁶⁹⁵ [A] nada e ele sentia-se apenas um ser em movimento <com>/dota\do <olhos e ouvidos> [↑ de sentidos].

⁶⁹⁶ [A] ²o mangual ¹bailava

⁶⁹⁷ [A] afogueava-lhe a cara.

⁶⁹⁸ [A] os seus braços,

⁶⁹⁹ [A] os comandasse erguiam-se

⁷⁰⁰ [A] <davam>/tivessem\

⁷⁰¹ [A] aí um

⁷⁰² [A] <O>/Este\ Rodrigues <há>[↑ agora] <uns dias que> [↑ dava em] não compr<ava>/ar\ tabaco

⁷⁰³ [A] <o> Rui

⁷⁰⁴ [A] Thanks

「«Torrada pelo calor, a terra estorcia-se em angústia de secura acortçada. O sol requemava a eira, e do rosto denegrado dos malhadores um suor grosso corria em fonte.

- A ...ap! A...ap!

«Estilhaços de palha moída voejavam em nevoeiro, cravando-se nos braços, no rosto, no corpo dos homens que berravam o seu desespero de forçados, largando ao trigo a fúria do seu ódio rouco. Zeferino parou. Tinha a boca enxuta como cardos e os rosto lavado em água. Sacou de um lenço encarvoado e passou-o pela fronte.

«- Então? Vamos lá a isso! Nada de fazer cera...

«- Vai já, senhor António.

«O capataz era a força que fazia dobrar, vergar. Diante dele, Zeferino tinha a submissão do junco. E, todavia, odiava aquele homem que lhe extraia dos músculos todos os restos de energia e o tornava um cobarde quando lhe berrava uma ordem. Para quê reagir? Ossos na cadeia, fome em casa. Não valia a pena. O ódio ia-se acumulando, recalcado, numa opressão ofegante. Mas Zeferino domava-o a golpes duros de uma força bruta, porque os filhos tinham de se criar. Ficava-lhe assim, no fundo de si mesmo, o cansaço de uma luta estéril. Para quê reagir? Toda a vitória se reduzia agora a aguentar, no seu corpo triturado, o rancor surdo que lhe ferrava os dentes uns nos outros, quando pensava na vida.⁷⁰⁵

「«Em lufadas francas, entrar-lhe-ia pelos sentidos o gozo pleno e animal de tudo quanto houvesse de bom e de mau. Viver era sentir, não pensar. Viver era ter músculos e sentidos. E ele sente. Seria capaz até de entender os sonhos de um céu liso semeado de estrelas, se a vida lho consentisse. Mas, agora, Zeferino arrebanha toda a potência dos seus músculos de ferro para carregar a vida enquanto tiver de carregá-la.⁷⁰⁶

⁷⁰⁵ [A] Ele podia barafustar ou entristecer-se. Podia pegar no manguel e atirá-lo à cara do capataz, atirá-lo à cara do mundo. De que servia? Se Zeferino se <distraísse> [↑ esquecesse], ele sentiria em si também aqueles sonhos doces que outros têm. Ele [↑ também] entendia as estrêlas e as flores débeis que se baloçam ao vento. Talvez <o> não soubesse mostrar esses sonhos. Mas <sentia-os.> era capaz de senti-los. <*A vida>/Ele\ porém preferia caminhar sobre a terra pedregosa de lutas furadas. Em cada volta dos caminhos esperava a vida porque a vida é falsa e arma emboscadas a cada passo. Esperava-a calmo. Toda a vitória para ele era suportar com seus músculos de ferro o jugo da vida. Barafustar? Para quê? A luta [↑ havia antes de] se<ria>/r\ prolongada. Seus músculos suportariam por longos meses, largos anos a dureza dessa luta. Até que um dia... E se o dia não viesse? Que importava? Um rancor surdo lhe poria em cada hora fôrça nova nos seus membros.

⁷⁰⁶ [A] Pelos sentidos lhe entraria o gozo pleno e animal de tudo quanto a vida tinha de <mau>/bom\ e mau. Viver era sentir. Viver era ter carne e sentidos. E ele sentia. Tinha uma mulher bela (tam bela que o brasileiro lh'a requestara) que lhe fazia de comer e <se> lhe oferecia amor. Tinha a inteligência e a imaginação abafada em músculos e <sentia> [↑ percebia] em si uma potência brutal para carregar a vida enquanto tivesse de carregá-la

(Rui pensa: não valerá a pena regressar ao homem primitivo? Força, gozo, carne. A luta! Mas uma luta brutal que rompa serena e potente. 「Ele, Rui,⁷⁰⁷ era um chocho e um molengo. 「Ou não teria isto nada que ver com o romance de Fernando?⁷⁰⁸)

⁷⁰⁹(Rodrigues não compreende que se faça 「literatura nenhuma.⁷¹⁰ Como⁷¹¹ se poderá descobrir interesse 「artístico⁷¹² onde não há arte? 「Rodrigues⁷¹³ não compreende. Para ele a vida 「tem apenas significado palpável tirado do⁷¹⁴ gozo quotidiano, 「gozo⁷¹⁵ que não é pensado, que 「não é⁷¹⁶ artístico, que não é aproveitável 「para literatices.⁷¹⁷ A vida 「vai⁷¹⁸ desenrolando sensações diferentes, surpresas agradáveis 「ou⁷¹⁹ desagradáveis e Rodrigues 「deverá⁷²⁰ apenas ser levado na 「corrente.⁷²¹ 「Sempre ele e a vida se gozavam sem atropelos,⁷²² como bons amigos. Por isso se não 「enfadaram ainda⁷²³ um do outro. Quando Rodrigues raciocinava, pensava 「isto mesmo.⁷²⁴ Por isso acreditava que 「sempre se entenderia com a 「vida).⁷²⁵

「"Uma tarde,⁷²⁶ quando Zeferino regressava do 「trabalho, encontrou⁷²⁷ um rapaz magro, estirado num degrau, de barriga para o ar. 「Olharam-se.⁷²⁸ No alto, junto à 「porta da casa, a mulher aguardava,⁷²⁹ de olhos fixos e 「lábios pregados.⁷³⁰ O rapaz franziu 「o sobrolho,⁷³¹ investigando. Zeferino queria convencer-se de que 「tinha, na verdade, diante de si, ⁷³²o filho que desaparecera e mandara mais tarde notícias de

⁷⁰⁷ [A] Ele Rui

⁷⁰⁸ [omisso em A]

⁷⁰⁹ [A] [fol. 34]

⁷¹⁰ [A] literatura com coisas que não têm literatura nenhuma.

⁷¹¹ [A] <*Quem>/Como\

⁷¹² [A] <onde>/artístico\

⁷¹³ [A] Ele

⁷¹⁴ [A] tinha um significado real tirado d<um>/o\

⁷¹⁵ [A] um gozo que

⁷¹⁶ [A] <é>/n\ão é

⁷¹⁷ [A] para a literatura.

⁷¹⁸ [A] ia-lhe

⁷¹⁹ [A] <†> [† ou]

⁷²⁰ [A] <devia>/deveria\

⁷²¹ [A] corrente...

⁷²² [A] Ele [† e a vida] gozavam <a vida>[†-se mutuamente]

⁷²³ [A] enfadavam

⁷²⁴ [A] isto <just> [† mesmo.]

⁷²⁵ [A] <se havia de> [† sempre se\ entender[ia] bem com a vida.)

⁷²⁶ [A] "Um dia

⁷²⁷ [A] trabalho encontrou no balcão

⁷²⁸ [A] Eles olharam-se.

⁷²⁹ [A] porta<, > [† da casa,] a mulher aguardava

⁷³⁰ [A] boca pregada.

⁷³¹ [A] <a>/o\ <testa>/sobrolho\

⁷³² [A] tinha na verdade diante de si

Espanha. Mas o António estava 「muito mudado, e a cicatriz que agora⁷³³ lhe riscava a face esquerda 「chupada dava-lhe um ar vago⁷³⁴ de bandido. Zeferino indaga.

"- Então?

「"Ele⁷³⁵ sentou-se e encolheu os ombros:

"- Cá estamos... E por cá, como têm passado?

"Zeferino 「examinou, com mais atenção, a máscara do filho, que usava agora⁷³⁶ uma gorra tombada sobre o olho direito e falava pelo canto esquerdo da 「boca, refegando a vista num jeito vadio".⁷³⁷

「Fernando⁷³⁸ parou. Depois esclareceu:

- Ainda não escrevi mais. Mas vocês já viram mais ou menos o que eu 「quero⁷³⁹ fazer. E 「que⁷⁴⁰ me dizem? 「Hem?⁷⁴¹ Que tal acham?

「Rodrigues não tinha visto nada do que Fernando queria fazer. Mas bateu a ponteira do sapato. E explicou vagamente:⁷⁴²

- Tem uma certa laracha...

(Fernando pensa que é uma crítica estúpida: 「"uma certa laracha"⁷⁴³...) 「Rui compõe:⁷⁴⁴

- Eu acho que está bom. 「É claro que isso já não é bem novo. Além disso, creio que a escolha desse Zeferino para figura central não foi muito feliz. Porque a verdade é esta: tu não entendes o homenzinho, tu põe-lo a pensar coisas que não devem ser exactas. Mas enfim, tem⁷⁴⁵ força, tem dinamismo, tem... (como diabo hei-de dizer?) tem 「vida⁷⁴⁶. Mas para mim não gosto. 「Evidentemente que⁷⁴⁷ gostos são gostos... Eu falo 「das minhas preferências pessoais.⁷⁴⁸ (Rui lembra-se: há quem goste 「de⁷⁴⁹ cheiro de

⁷³³ [A] <agora> [↑ muito] mudado e a cicatriz que [↑ agora]

⁷³⁴ [A] chupada, dava-lhe um <[↑ar]> [↓ ar] vago <ar>

⁷³⁵ [A] <- Cá> [↑ Ele]

⁷³⁶ [A] <olhou> [↑ examinou] com mais atenção a máscara do filho. Ele tinha

⁷³⁷ [A] boca <fechada> <repregando> [↑ refegando] a vista <com>/num\ jeito <fadista.> [↑ vadio.]”

⁷³⁸ [A] <- Pronto.> [↑ Fernando]

⁷³⁹ [A] que<ria>/ro\

⁷⁴⁰ [A] <o>/q\ue

⁷⁴¹ [A] Amh?

⁷⁴² [A] Rodrigues bateu a ponteira do sapato:

⁷⁴³ [A] Uma certa laracha

⁷⁴⁴ [omisso A]

⁷⁴⁵ [A] [↑ É claro que isso já não é novo. Além disso creio que a escolha desse Zeferino para figura central não foi uma ideia muito feliz... de resto] <T>/t\em

⁷⁴⁶ [A] vida...

⁷⁴⁷ [A] Evidentemente...

⁷⁴⁸ [A] d<o>/as\ m<eu>/inhas\ <gosto> [↑ preferências] pess<oa>/ais\, <(Ha>

⁷⁴⁹ [A] do

morrão de candeeiro... 'Posso eu ser desses...)'⁷⁵⁰ 'E depois, meu caro, essa coisa desse ódio todo cheira valentemente a esturro... Talvez te quilhaes...

O rosto de Fernando incendiou-se num instante. Todos os nervos se lhe puseram ao rubro, vibrando miudamente. Depois sossegou. E riu, cínico:

- Sim, talvez... olha: eu, se fosse arranjista, podia dizer-te simplesmente como os romanos: os escritos nada têm que ver com a vida do escritor. São coisas diferentes. Ora eu não estou disposto a vestir, em Arte, pelo figurino académico e bolorento. Logo, escrevo como julgo que se deve escrever *hoje*. Mas não: assumo a responsabilidade moral do que escrevo. Tenho a certeza absoluta de que *vivo* o meu momento. Compreendes?

Rui não entendeu. Mas viu bem no rosto esbraseado de Fernando um fogo estranho, o fogo de um entusiasmo e de uma intolerância que o fazia pular, ricochetear como pela de borracha. Vivo. Olhos injectados de sangue. Lábios trementes.

- Homem, eu não supunha que te ofendia. Desculpa...

- Não ofendeste nada. Nem eu falei para ti. Falei para aquilo que fala em ti, para esse ramerrão estúpido, para essa teimosia aferrada ao classicismo, ao academicismo, à lamachice...

Rui teve medo de continuar. Falava muitas vezes com Fernando, mas nunca o vira assim, esbracejando, de novo furioso, como se alguém lhe apertasse a garganta. Pálido, enfiado, Rui calou-se e esperou que a loquacidade tempestuosa de Fernando se extinguísse como trovoadas de chuva. Ele compreendeu que se excedera. Sobretudo quando Rodrigues advertiu:

- Ó menino, mas por favor tem dó da gente... Não nos escangalhes os ossos.⁷⁵¹

'E então compôs um auto-elogio frouxo e calmo:⁷⁵²

- Vocês compreendem... 'Uma estética nova, quer dizer, diferente, não se impõe assim do pé para a mão.⁷⁵³ Isto é 'uma tentativa. Nova, nova, bem sei que não é: *nihil novi*...⁷⁵⁴ É claro que se eu quisesse escrever um romance com esses subjectivismos microscópicos ou um romance lírico... 'bom,⁷⁵⁵ não digo que fosse capaz. Mas, enfim,

⁷⁵⁰ [A] Não será o Rui dêsses?)

⁷⁵¹ [omisso em A]

⁷⁵² [A] Fernando sente necessidade de fazer auto-elogio:

⁷⁵³ [omisso em A]

⁷⁵⁴ [A] [↑ a-pesar-de tudo] uma tentativa... <De resto não é novidade.> [↑ Bem sei que não é de todo uma novidade... meu caro... *nihil novi*...

⁷⁵⁵ [A] Bom;

「dar-lhe-ia um jeito e, claro está, seguiria um método completamente⁷⁵⁶ diferente. Mas eu não quero isso! E é preciso, vocês não imaginam, é preciso um tipo estar sempre com 「atenção,⁷⁵⁷ quando não, pumba! 「Está⁷⁵⁸ a fazer lirismo. 「Ora as minhas personagens quero-as duras, brutais. O sentimentalismo é para os felizes. Quem rói a côdea rija, não vive do coração. Isto é o que me parece... E se vocês lerem estes modernos, hão-de ver que eles andam equivocados. Com lágrima no olho estamos na mesma, é um romantismo transplantado às personagens da classe baixa. E isso é falso. Eu, pelo menos, penso assim...⁷⁵⁹

O Fernando é um literato. Vem a ter futuro. 「E que adiantará o mundo⁷⁶⁰ com o romance de Fernando?

De que serve 「espiolhar a⁷⁶¹ vida, coscuvilhando-lhe os segredos? Não é a literatura sempre arte, arte inútil, socialmente inútil?

(O Rui gostaria talvez de não ter ouvido o romance de Fernando).

⁷⁵⁶ [A] dar-se-lhe-ia um jeito e seguia um método <absolutamente> [↑ completamente]

⁷⁵⁷ [A] atenção

⁷⁵⁸ [A] está

⁷⁵⁹ [omisso em A]

⁷⁶⁰ [A] adiantará o mundo alguma coisa

⁷⁶¹ [A] andar aos encontrões à

「VI⁷⁶²

Desde o baile dos 「trinta⁷⁶³ escudos, Rodrigues não mais falara de Amélia. A verdade é que Rui garantira que 「ia acabar. E não acabara.⁷⁶⁴ Rodrigues pensava que o amor 「era, afinal, uma coisa bem estranha.⁷⁶⁵ 「Coisa que ele não era capaz de entender. Como é que um indivíduo são de juízo se poderia prender à menina ao ponto de se tornar ridículo? Mistério.⁷⁶⁶

「Rodrigues fundira todos os complicados problemas do amor numa costureirinha simples e higiênica.⁷⁶⁷ Por isso não entendia bem o caso de Rui. Para que dissera ele que ia acabar? Porque 「não tinha então acabado?⁷⁶⁸

「Rui⁷⁶⁹ receava o Rodrigues e foi por isso 「que, naquele dia, lhe murmurou⁷⁷⁰ a medo:

- Afinal ainda não acabei 「aquilo.⁷⁷¹

O Rodrigues não ligou muita importância. E lançou distraidamente:

- Ó menino, governa-te...

「Mas, por detrás destas palavras,⁷⁷² Rui 「ouvira censuras ásperas:⁷⁷³ 「«És uma besta!⁷⁷⁴ 「Não⁷⁷⁵ te fias no que eu digo... Tu não vês 「que, se casas com a mulher,⁷⁷⁶ é aquela velha 「conta?...»⁷⁷⁷

Mas Rui podia responder-lhe. 「Ah!⁷⁷⁸ Podia! Desta vez tinha um argumento forte para contrapor à opinião 「de⁷⁷⁹ Rodrigues: ele não «gramava» 「a Amélia,⁷⁸⁰ ele

⁷⁶² [A] [fol. 38] 6

⁷⁶³ [A] 30\$00

⁷⁶⁴ [A] iria acabar, quando afinal...

⁷⁶⁵ [A] <devia ser> [↑ é] uma coisa muito <forte> [↑ estúpida], caramba!

⁷⁶⁶ [A] Como é que um indivíduo são de juízo se prendia duma forma <estúpida> ao ponto de se tornar ridículo? Ele não entendia.

⁷⁶⁷ [A] <Para Rodrigues> [↑ ele fundira] tôdas as complicadas questões de amor numa costureirinha simples e higiênica.

⁷⁶⁸ [A] é que não <não acabara então?> [↑ tinha então acabado?] [Não compreendera ainda muito bem.]

⁷⁶⁹ [A] O Rui

⁷⁷⁰ [A] que <um> [↑ naquele] dia lhe murmur<*ou>/ara\

⁷⁷¹ [A] aquilo...

⁷⁷² [A] Mas por detrás d<as>/es\tas palavras

⁷⁷³ [A] ouvia uma censura áspera

⁷⁷⁴ [A] “és uma besta...

⁷⁷⁵ [A] não

⁷⁷⁶ [A] que se casas com a mulher

⁷⁷⁷ [A] conta...”

⁷⁷⁸ [A] <Ah!>

⁷⁷⁹ [A] do

⁷⁸⁰ [A] Amélia,

não namorava 「a Amélia,⁷⁸¹ ele andava só para 「a «experimental».⁷⁸² Um 「dia,⁷⁸³ poderia dizer dela com ar 「cínico e enfartado:⁷⁸⁴ «gozei 「aquilo».⁷⁸⁵ Se o Rodrigues soubesse... 「Sim,⁷⁸⁶ que o Rodrigues estava decerto convencido de que ele, Rui, 「andava derretido de amor.⁷⁸⁷ Pbb! 「Amor!⁷⁸⁸ 「Por isso esclareceu, com um franzir de lábios que devia traduzir cinismo.⁷⁸⁹

「- Anda-se a ver se se consegue⁷⁹⁰ alguma coisa...

O Rodrigues tinha desferido já os primeiros acordes no violão para cantar 「um fado.⁷⁹¹ Mas abafou o som:

- Se se 「consegue o quê?⁷⁹²

E riu. Este 「Rui...⁷⁹³ Naturalmente estava convencido de que estas coisas se 「conseguem⁷⁹⁴ com versinhos.

「Mas⁷⁹⁵ Rui explicou sério:

- O caso é este. Tu sabes o que para aí se diz da rapariga. Ora eu hei-de 「verte,⁷⁹⁶ hei-de saber se isso é verdade.

- Para quê?

「(Para quê? Pergunta cavalar).⁷⁹⁷

- Homem, para ver se 「posso⁷⁹⁸ ou não casar com ela...

「- Ah, casar!⁷⁹⁹

「E riu. Em gargalhada clara. De metal.⁸⁰⁰

「Rui enfureceu-se.⁸⁰¹ Era sempre, sempre assim. Mas agora queria dar uma resposta 「rasa ao Rodrigues. E⁸⁰² havia de 「dá-la.⁸⁰³ Para tanto bastava que fôsse visitar

⁷⁸¹ [A] Amélia,

⁷⁸² [A] “experimental”.

⁷⁸³ [A] dia

⁷⁸⁴ [A] cínico:

⁷⁸⁵ [A] aquilo...”

⁷⁸⁶ [A] Sim

⁷⁸⁷ [A] <<†para*>> andava “derretido” de amores...

⁷⁸⁸ [A] Amores!

⁷⁸⁹ [A] Foi por isso que <respondeu> [↑ esclareceu] com um sorriso de triunfo:

⁷⁹⁰ [A] - <Vamos> [↑ Anda-se] a ver se <se arranja> [↑ se cons<igo>/egue\

⁷⁹¹ [A] o “cochicho”.

⁷⁹² [A] <arranja?!> [↑consegue [↑<o>] quê?]

⁷⁹³ [A] Rui<!>...

⁷⁹⁴ [A] <arranjam> [↑<conseguem>]/arranjam\

⁷⁹⁵ [A] <†>/Mas\

⁷⁹⁶ [A] ver,

⁷⁹⁷ [A] (Para quê?! Este Rodrigues tinha perguntas estúpidas)

⁷⁹⁸ [A] devo

⁷⁹⁹ [A] - Ah! Casar...

⁸⁰⁰ [A] Olha o cochicho que se farta de apitar...

[omisso em A]

Amélia àquela hora. Bateria à porta. A miúda loira (「engraçada⁸⁰⁴ a garota) viria logo a correr. Rui perguntaria: «- A Sra. D. Amélia está?» - «Está, sim, senhor doutor» - «Podes fazer o favor de a chamar?» Era tudo 「tão⁸⁰⁵ simples. Era tudo 「tão⁸⁰⁶ fácil. Depois... 「Mas, no fundo,⁸⁰⁷ Rui 「ainda acredita⁸⁰⁸ que a sua atitude é a 「de um⁸⁰⁹ cobarde. Ele 「tem⁸¹⁰ medo do mundo. Ele 「curva-se aos outros.⁸¹¹ 「E apenas se decidiu quando se lhe fincou, de novo, no cérebro, a ideia de que Amélia não mais queria dele falas maléficas e versos tristes, tressuando meladice.⁸¹²

「Rui sai.⁸¹³ A «cabra» toca. Anda no ar a moleza do nevoeiro que se engolfa nos canais das 「ruas,⁸¹⁴ repassando tudo. Os cafés da Alta começam a acender as luzes. Rui agora tem pressa, muita pressa de chegar. 「E todavia, nada resolveu ainda, nada decidiu.⁸¹⁵ Prefere não 「decidir nada e caminhar às cegas,⁸¹⁶ para a frente. Ele não sabe ao certo se irá esbarrar-se. 「Ele não sabe.⁸¹⁷ Vê apenas na sua frente 「a sua vaidade ferida.⁸¹⁸ E 「era tão fácil a reabilitação!⁸¹⁹ Amanhã havia de dizer-se: «afinal, o Rui era uma boa bisca... O tipo fartou-se de gozar aquilo». Rui poderá passar 「então, de frente erguida,⁸²⁰ pelos amigos e conhecidos. 「Poderá⁸²¹ arranjar um ar superior e 「cínico,⁸²² e decerto as raparigas o 「olharão para lá⁸²³ da sua magreza esquelética, cochichando e fungando risinhos: «malandrote...」 「Havia tantas que preferiam um malandrote...⁸²⁴

⁸⁰¹ [A] Rui calou-se.

⁸⁰² [A] prática ao Rodrigues<,>./\ <e>/E\

⁸⁰³ [A] <lha> dar-lha.

⁸⁰⁴ [A] era <†>bonita

⁸⁰⁵ [A] tam

⁸⁰⁶ [A] tam

⁸⁰⁷ [A] Mas no fundo

⁸⁰⁸ [A] <continua*> [↑ ainda acredita]

⁸⁰⁹ [A] dum

⁸¹⁰ [A] tinha

⁸¹¹ [A] curvava-se aos outros.

⁸¹² [A] E ²foi preciso tentar convencer-se de que <[↑a]>/à\ Amélia não bastavam já cartas maléficas e versos tristes, ¹para se decidir.

⁸¹³ [A] Rui sai à pressa.

⁸¹⁴ [A] ruas

⁸¹⁵ [A] E afinal ele ainda não resolveu nada, não decidiu nada.

⁸¹⁶ [A] decidir e caminhar como um cego

⁸¹⁷ [A] Ele não sabe se <a>/o\ seu propósito <é>/va\go é justo. Ele não sabe.

⁸¹⁸ [A] <o> s<eu>/ua\ <orgulho> [↑ vaidade] ferid<o>/a\.

⁸¹⁹ [A] era-lhe fácil reabilitar-se.

⁸²⁰ [A] de frente erguida

⁸²¹ [A] Poderia

⁸²² [A] cínico

⁸²³ [A] admirariam para além

⁸²⁴ [A] E havia muitas que prefeririam um malandrote.

「A casa de Amélia está na frente de Rui.⁸²⁵ Ele olha instintivamente para 「as janelas⁸²⁶ do último andar. 「Mas logo se queda fixo como bloco.⁸²⁷ 「Apenas porque⁸²⁸ uma cabeleira solta 「pairou lá no alto e foi depois absorvida⁸²⁹ pela janela que se fechou com estrépido. 「Rui⁸³⁰ quer reconhecer aquela cabeleira mas 「a atenção escapa-se para a voz rija que ficou parada no ar, martelando as sílabas:⁸³¹

- Hoje não, já lhe disse!

Na janela em 「frente, o rapaz moreno não acabou ainda de sorrir.⁸³² 「Na cabeça máscula, ondas empoladas desenrolam-se vigorosas. Tal qual como no baile, quando o corpo de Amélia se colara ao corpo dele.⁸³³ Mas o sorriso 「vai decerto rebentar em gargalhada.⁸³⁴ Gargalhada 「forte,⁸³⁵ gargalhada de rancos. 「Súbito, à volta de Rui,⁸³⁶ centenas de caras conhecidas 「riram⁸³⁷ perdidamente. 「Quis⁸³⁸ passar, romper aquela barreira de 「riso.⁸³⁹ 「Socar⁸⁴⁰ o das ondas, Amélia, o 「Rodrigues.⁸⁴¹ 「E não soube.⁸⁴² 「Amélia...⁸⁴³ 「Adivinhara ela o propósito vil⁸⁴⁴ de Rui? 「Quantas coisas se não adivinham... Fora decerto por isso que ela o tinha sujeito àquele vexame.⁸⁴⁵ 「Sim,⁸⁴⁶ que Rui vira bem que ela se rira 「dele.⁸⁴⁷ 「Amélia quisera fazer-lhe sentir quanto o desprezava, o aborrecia.⁸⁴⁸

⁸²⁵ [A] A casa de Amélia iria estampar-se-lhe logo que ele dobrasse a primeira esquina. Rui para. Reconstitui : “<a miúda>/chamar\ [;] a miúda vem... [↑ Depois...] /b\em; lá se verá.”

⁸²⁶ [A] a janela

⁸²⁷ [omisso A]

⁸²⁸ [A] Parece-lhe que

⁸²⁹ [A] <voou> flutuou indecisa <†> e foi absorvida

⁸³⁰ [A] Ele

⁸³¹ [A] a <sua> atenção <está inerte e> escapa-se-lhe para a voz metálica que ficou [↑ parada] no ar martelando as sílabas:

⁸³² [A] frente um rapaz moreno <não acabou de sorrir> não acabou ainda de sorrir.

⁸³³ [A] Ele tem ondas no cabelo. Ondas... <Mas Rui> /Ondas como\ as que seu corpo fazia quando dansou com Amélia.

⁸³⁴ [A] vai rebentar decerto em gargalhada. <<Vais sem dúvida.> Rui <percebe>[↑ adivinha] isso mesmo.>

⁸³⁵ [A] forte, <vibr>

⁸³⁶ [A] <†>/À volta de Rui <*passam>/pairam\ [↑ pairam]

⁸³⁷ [A] que riem

⁸³⁸ [A] Ele quere

⁸³⁹ [A] troça impiedosa.

⁸⁴⁰ [A] Quere socar

⁸⁴¹ [A] Rodrigues...

⁸⁴² [omisso em A]

⁸⁴³ [A] Amélia!...

⁸⁴⁴ [A] <Ela> <a>/A\divinhara [↑ ela] o propósito reles

⁸⁴⁵ [A] <Amé> Adivinham... [↑ ? Há coisas que se adivinham...] e [↑ era] por isso [↑ que ela] o sujeitou àquele vexame?

⁸⁴⁶ [A] Sim

⁸⁴⁷ [A] dele...

⁸⁴⁸ [A] <†>/Ela\ quisera fazer[↑-lhe] sentir bem o desprêzo que lhe votava.

Rui pára. As gargalhadas cessam.⁸⁴⁹ Pensa agora, mais a frio, e tudo lhe aparece mais claro:⁸⁵⁰ «ela grama o outro. Talvez até já o namore»⁸⁵¹ («És uma besta... Aquela⁸⁵² mulher não é para falinhas doces...»)

É uma saudade funda a que Rui sente por ela. Porque Rui a ama do coração.⁸⁵³ Sente que seria⁸⁵⁴ capaz de lhe querer com uma ternura nova, um carinho tão doce⁸⁵⁵ como no mundo não há.⁸⁵⁶ Sente que seria capaz de se debruçar sobre a mágoa⁸⁵⁷ de Amélia (a mãe... o pai... o vazio...) e de encostar a namorada⁸⁵⁸ meigamente ao peito. Sente... Ele o sabe agora bem. Sim, ele o sabe agora bem.⁸⁵⁹ Fora uma loucura⁸⁶⁰ o seu propósito. Fora.⁸⁶¹ Mas o mundo era culpado.⁸⁶² O mundo que exigia⁸⁶³ o máximo de crueldade e cinismo.⁸⁶⁴ O mundo, os outros. (O Rodrigues... Ele tinha, decerto,⁸⁶⁵ uma consciência bem negra.⁸⁶⁶ E vivia tranquilo. E doutrinava de dedo espetado). Que importava o mundo, que importavam os outros, que importava não ter Rui cometido a acção que premeditara?⁸⁶⁷ Nada... Amélia deixara-o decerto.⁸⁶⁸ E ele nem ao menos agora⁸⁶⁹ conseguia vê-la, senti-la, no gozo felino do seu belo corpo de mulher.⁸⁷⁰ E teimava em querer-lhe bem, querer-lhe muito bem, ser muito amigo dela, assim mesmo, passivamente.⁸⁷¹ Tinha⁸⁷² a certeza de que, pela janela imprudente,⁸⁷³

⁸⁴⁹ [A] cessaram.

⁸⁵⁰ [A] Ele pensa a frio e vê melhor:

⁸⁵¹ [A] até <o> [↑ já o] namore <já>.”

⁸⁵² [A] A[↑quela]

⁸⁵³ [A] Rui tem uma saüdade funda funda de Amélia. Ele afinal ama-a com o coração.

⁸⁵⁴ [A] <era>/seria\

⁸⁵⁵ [A] dispensar uma ternura um carinho

⁸⁵⁶ [A] havia.

⁸⁵⁷ [A] as dôres

⁸⁵⁸ [A] a encostar

⁸⁵⁹ [A] <e>/E\le nem sabe ao certo de quanto amor suave seria capaz.

⁸⁶⁰ [A] um[a] <ataque> loucura

⁸⁶¹ [A] Fôra. Ah!

⁸⁶² [A] é que era o culpado!

⁸⁶³ [A] exige

⁸⁶⁴ [A] de cinismo.

⁸⁶⁵ [A] tinha [↑ decerto]

⁸⁶⁶ [A] negra.

⁸⁶⁷ [A] <Felizmente Rui acordara<...>[↑ a tempo.] E não cometera a acção que premeditara... Felizmente...> Que importava o mundo, que importavam os outros, que importa<.>[va] <Felizmente... ↑> não ter o Rui cometido a acção que premeditara (felizmente...) Que importava?

⁸⁶⁸ [A] Amélia <morre> deixara-o decerto.

⁸⁶⁹ [A] menos

⁸⁷⁰ [A] ver Amélia <pelo> através do belo corpo que ela tinha.

⁸⁷¹ [A] [↑ muito] amigo dela.

⁸⁷² [A] Todavia tinha

⁸⁷³ [A] que <as>/pe\las ta<bu>/li\scas

os vizinhos rebuscavam a beleza nua de Amélia. «Beleza que eles desfrutavam. Eles, os outros, os que nasceram talhados como convém.⁸⁷⁴ Rui pensa: «Não faria eu o mesmo?». «Se a rapariga fosse boa?» (Boa... «Boa» sabia-lhe a carne e magoava-lhe a sensibilidade. Para ele, Amélia não era «boa»: - era bonita; e meiga; e tudo, tudo o mais que ele não sabia dizer. Mas que não lembrava a carne).⁸⁷⁵

Rui «segue»⁸⁷⁶ para a Baixa. «Mal se lembrara da Baixa e todavia dir-se-ia que pensara maduramente nisso.⁸⁷⁷ Bate os pés na calçada num ritmo «regular, esforçando-se, inconscientemente, por fazer coincidir o bico dos sapatos com a junta das pedras da calçada. A tarde morre. As luzes da cidade vêm saindo à rua.⁸⁷⁸

«Rui sente, mais que nunca, as dores antigas que o não abandonarão jamais e virão sempre engrossar as dores novas:⁸⁷⁹ a mãe, o dinheiro, os olhos fundos nas faces escavadas... «E acredita»⁸⁸⁰ sinceramente que ninguém no mundo «pode sofrer tanto como ele.⁸⁸¹ «O graxa»⁸⁸² que ali perto «se verga, quase beijando o pé do freguês,⁸⁸³ não lhe inspira «hoje»⁸⁸⁴ dó. O graxa assobia. O graxa é feliz.

Acreditará «Rui de»⁸⁸⁵ verdade que Amélia namora o outro? Ele não «sabe»⁸⁸⁶ talvez. Nem isso lhe importa agora muito. Porque toda a atenção lhe foge para aquela brandura que o amolece tristemente, suavemente.⁸⁸⁷ «Para aquela»⁸⁸⁸ tristeza que ele ama

⁸⁷⁴ [A] Ela tinha sido disfrutada idealmente.

⁸⁷⁵ [A] «Mas não sucede[rá] [↑ <No fundo>] isso a <tôda a>[↑ qualquer] mulher boa?» (Aquele «boa» ficou <<a><-lhe> <azedar-lhe*> [↑ magoar-lhe] <a> <.*securumando> [↑ a saber-lhe] a carne e [↑a] magoa<ndo>/r/-lhe a sensibilidade.)

⁸⁷⁶ [A] <m>/se\gu<iu>/e\

⁸⁷⁷ [A] Ele [↑ mal] <pensara na> [↑ se lembrara de vir à] Baixa e todavia dir-se-ia que pensara maduramente <em vir à Baixa.> nisso.

⁸⁷⁸ [A] regular. É curioso que <já> desde a casa de Amélia tem feito [↑quási] sempre coincidir o bico do sapato com o limite das pedras da calçada. raro pisa as juntas. Há boa luz.

⁸⁷⁹ [A] Rui sente mais que nunca as dôres antigas que <nunca o> [↑ o não] abandona<m>/rão\ [↑ jamais] e <voltam> [↑ virão] sempre <nas> <a acompanhar> [↑ engrossar] <outras> as dôres novas<.>/\ <Às vezes, no meio da alegria>

⁸⁸⁰ [A] <Eram*> <†>/Rui\ hoje acredita

⁸⁸¹ [A] [↑ pode] sofre[r] <mais> tanto <.>/c/[↑omo ele]

⁸⁸² [A] E <os>/o\ <pobres> graxa

⁸⁸³ [A] <dele> se verga quási beijando <o sapato> o pé do freguê<z>/s\

⁸⁸⁴ [A] hoje <o>

⁸⁸⁵ [A] [↑ Rui] <se>/de\

⁸⁸⁶ [A] saberá

⁸⁸⁷ [A] Mas sente na alma uma náusea que o envolve numa tristeza branda e deleitosa.

⁸⁸⁸ [A] Uma

e quer. 「Que⁸⁸⁹ o fecha em si mesmo 「e de si mesmo⁸⁹⁰ o faz enamorar-se. 「Para aquela tristeza...⁸⁹¹ Sente que faria agora um belo poema. Um poema doente. Duma saudade dispersa e vaga e 「mansa.⁸⁹² Qualquer coisa de subtil e de longínquo:

Canta a canção triste
daquela pobre estrela
「que anda, sei lá bem por que paragens,⁸⁹³
a olhar a luz
d'outras estrelas!
Canta a canção do desalento
das florinhas
que nasceram tão cedo num jardim hostil!
Canta a canção...
Mas deixa
que a lua suba e sonhe sobre o mar...
Mas deixa
Que a lua 「suba⁸⁹⁴
e sonhe sobre o mar...
sobre o mar...
o mar...

「O⁸⁹⁵ poema não acabou. E continua 「num som⁸⁹⁶ estranho que se 「desfaz⁸⁹⁷
pouco a pouco no nevoeiro 「esparso,⁸⁹⁸ 「e se alonga para lá do papel em que Rui o
escreveu, agachado à luz de um candeeiro.⁸⁹⁹

「VII⁹⁰⁰

⁸⁸⁹ [A] Uma tristeza que

⁸⁹⁰ [A] <gostosamente *o> [↑ e de si mesmo]

⁸⁹¹ [omisso A]

⁸⁹² [A] Longa.

⁸⁹³ [A] Que anda sei lá bem por que paragens

⁸⁹⁴ [A] Suba <...>

⁸⁹⁵ [A] (O

⁸⁹⁶ [A] <††>/num som\

⁸⁹⁷ [A] desfaz

⁸⁹⁸ [A] esparso)

⁸⁹⁹ [omisso A]

⁹⁰⁰ [A] 7

「Catarina doutrina⁹⁰¹ Amélia:

- É preciso seres mulher. Nada de pieguices. As coisas são como são... Este rapaz vale-te muito 「mais.⁹⁰² 「Está colocado, é uma bela figura, simpático, forte...⁹⁰³

「Amélia medita. As palavras de Catarina vêm-lhe de longe, moles, subtis, quase desfeitas, e envolvem-na como um véu de seda fina:

- ... tem com certeza mais juízo que esse magrizela («Não uses *baton*. Não quero que uses». Não quero! - Domínio! Força!)

-... gosta de ti, não sai daqui da porta...

(Um amor suave... O carinho doce dos olhos meigos do pai: «minha menina». Haverá outro caminho para Amélia? Será a lua bela nas águas de outros rios? Pois não faz Deus sempre as almas aos pares?)

- E tu vinhas também a gostar dele, com certeza.

- Eu?!!! Tu és tola!⁹⁰⁴

⁹⁰¹ [A] <A essa hora> Catarina doutrin<ava>/a\

⁹⁰² [A] mais...

⁹⁰³ [A] [↑ está colocado; é uma bela figura, simpático, forte.

⁹⁰⁴ [A] [Amélia <pensa>/medita\]. As palavras de Catarina vêm-lhe de longe moles, tenras, quási desfeitas e envolvem-na como um véu diáfano de sêda fina:

- ... <e decerto mais> tem com certeza mais juízo do que êsse magri<c>/z\ela
("Não uses baton. Não quero que uses." Não quero... Domínio! Fôrça!)

-... gosta de ti, não sai daqui da porta...

(<O>/U\[\downarrow m] amor suave... O carinho doce dos olhos meigos do pai "minha menina". Haverá mais <do>/do\ <que> [↑ que] um caminho para Amélia? <)>[/S\erá a lua bela nas águas doutros rios? Não faz Deus sempre as almas aos pares?)

-... e tu vinhas [↑ também] a gostar dele <também> com certeza

- Eu?!!! Tu és tôla!] [*verso da folha com a indicação "(Volte) (1)"*]

<Amélia recalrava-se a si mesma. Mas sim... Catarina tinha razão. Amélia sentia que Catarina tinha razão mas interiormente não acreditava nessa mesma razão.>

「VIII⁹⁰⁵

O Mondego. Luzes 「frouxas malhando a⁹⁰⁶ neblina. Homens apressados, eléctricos gemendo. Lá para 「cima,⁹⁰⁷ as casas da cidade acavalavam-se 「picadas de luz doente.⁹⁰⁸ Rui encostara-se ao paredão do Parque 「espiando a vida para lá do fundo do rio.⁹⁰⁹ Agora lia o passado com mais clareza. «Se eu tivesse gozado aquilo...» Mas não gozara: 「beijos fundos, abraços longos⁹¹⁰ e nada mais.

「E agora tinha a certeza de que Amélia esperara sempre dele um amor carnal e sentido. Esta certeza lia-a Rui nas palavras dela, nos seus mínimos gestos, cujo significado não descobrira até então. Lia-a no *bâton*, nos sapatos, na saia justa. Lia-a no namoro que ela tivera em Viseu e lia-a sobretudo nas relações com o rapaz da livraria. Rui talvez não acredite que haja entre eles verdadeiro namoro. Talvez não acredite. Porque, enfim, seria o cúmulo. Por isso fora asneira não ter tido a coragem de bater à porta e de chamar Amélia.

Rui tenta convencer-se. Às vezes lembra-se de que está a convencer-se. E sente-se de novo triste. Ele devia reagir. Devia pensar que a vida é dos fortes e que o mundo não está disposto a aturar os débeis da vontade. Devia sentir que só a luta vale, uma luta continuada, persistente. Ele devia. E quase o sente. Quase o compreende.

Mas o mundo e a Vida jogam-no como bola de trapos. Bem sabe que tem em si vontade, inteligência, sensibilidade... Peças de um todo que vão correndo o seu destino isoladas entre si. Raros conseguem engrená-las num funcionamento de relógio caro. Raros... Que importa que a razão pregue, se a vontade não quer?

Rui sabe que nunca poderá dizer ao mundo: sou isto! Nunca poderá! Quando pensa, ouve em si um tumulto de vozes desencontradas. Queria ser feito de pedra, de carne, de sentidos... (o romance de Fernando). Ser qualquer coisa que não era, qualquer coisa que não sabia o que fosse... Mas não ser bola de trapos que todo o mundo jogasse.

⁹⁰⁵ [A] 8

⁹⁰⁶ [A] que <se > [↑se] <morrem> [↑<ferram>/morrem\] na [D] frouxas ma<lh>[↑go]ando

⁹⁰⁷ [A] cima

⁹⁰⁸ [A] <co> marcadas com pint<inhas>/as\ de luz.

⁹⁰⁹ [A] agarrando-se ao fundo <do fundo> do rio<,>/. \ <ou mais longe ainda.>

⁹¹⁰ [A] uns beijos... uns abraços dos que cansam...

Ninguém levava Rui para a baiúca. Mas agora repara que está sentado a uma mesa e que bateu as palmas:

- Vinho!

- Quanto?

- Vá trazendo... um copo, dois... um litro... não sei.

Ele sente que vai embebedar-se. E que embebedar-se é uma estupidez. Mas as suas faculdades não trabalham em conjunto, como peças de um relógio caro.⁹¹¹

「O criado,⁹¹² trouxe um litro 「do⁹¹³ branco. Um... dois... três copos dos grandes. 「Do⁹¹⁴ fundo do quarto copo 「ergueu-se⁹¹⁵ um mundo de 「imagens, que se

⁹¹¹ [A] <Amélia porém parecia-lhe fugir para um mundo de prazeres, de desejos. Rui lembra-se de que tinha de a chamar <a si> [↑ para] se regressar a si. Depois invadia-a uma tristeza indefinida... Rui chamava-se então "besta" e "mau"...

"Besta - pensava agora - e bem besta porque lhe não fui absolutamente agradável... Ah! que se fôsse hoje... Mas pronto, acabou-se.

Leva de esquecer! Esta coisa de se andar amarrado a uma ideia... Ora... 5\$00... chegam.

-Vinho! [(socou a mesa numa baiúca)]

- Quanto?

- O que quiser...>

[E agora tinha a certeza de que Amélia esperara sempre dele um amor carnal. Esta certeza lia[↑-a] ele <nas>/em\ tôdas as palavras [↑ dela], nos [↑ seus] mínimos gestos cujo significado <só>/não\ não deslindara até então. Lia-a no bâton, nos sapatos, na saia justa. Lia-a no namoro que tivera em Viseu e via-a sobretudo nas relações com o rapaz da Livraria. <>Rui [↑ talvez] não acredit<a>/e\ que <en>/ha\ ja entre eles verdadeiro namôro. Talvez não acredite. Diacho era o cúmulo! Por isso fôra asneira não <ter>/ter\ [↑ tido] a coragem de bater à porta e [↑ de] cham<á-la>/r Am\élia.

Rui tenta convencer-se. Às vezes <esquece-se> [↑ lembra-se] de que está a convencer-se. E sente-se de novo triste. Ele devia reagir. Ele devia pensar que a vida é dos fortes e que o mundo não está disposto a aturar os débeis da vontade. Devia sentir que a luta é o <músculo m> que de mais humano existe. Ele devia. E quási o sente. E quási o compreende.

Mas o mundo e a Vida jogam-no como bola de borracha. <E>/O\ homem é feito de vontade, de inteligência, de sensibilidade... Cada faculdade gira sòzinha, desligada das outras. <Poucos> [↑ Raros] conseguem engrená-las num funcionamento de relógio caro. Raros... Que importa que a razão pregue se a vontade não quere? (Isto já é velho spiritus promptus... caro antem...)

Rui sabe que nunca poderá dizer ao mundo: sou isto! Nunca poderá! Quando pensa, ouve em si um tumulto de vozes<.> [↑ desencontradas.] Ele queria não pensar para não sentir vozes <desencontradas> [↑ <tumulto>] desencontradas. Queria ser feito de pedra, <ou> de carne, de sentidos... (o romance de Fernando). Queria ser qualquer coisa que não era, [↑ qualquer coisa] que não sabia o que fôsse... Mas não ser bola de borracha que todo o mundo jogasse.

Ninguém levava Rui para a baiuca. [↑ E] <E>/e\le reparou que estava sentado <numa> [↑ a uma] mesa e que tinha dado um sôco:

- Vinho!

- Quanto?

- Vá trazendo... um copo, dois... um litro... não sei <bem>[...]

Ele sente que vai emborrachar-se. E que emborrachar-se é uma estupidez. Mas <ele não tem> as [↑ suas] faculdades não trabalham em conjunto como peças de um relógio caro.] [*acrescento no verso com a indicação (Volte) (2)*]

⁹¹² [A] O criado farfalhado e apimentado

⁹¹³ [A] d<e>/o\

⁹¹⁴ [A] No

⁹¹⁵ [A] havia

alongavam⁹¹⁶ do passado ao futuro. Rui estava no meio 「delas, silencioso⁹¹⁷ e apático, olhando-as 「imbecilmente.⁹¹⁸ O quarto copo secara-se. Outro. Agora 「tudo era mais nítido, desembulhando-se da névoa, que toldava os olhos.⁹¹⁹

「Rui não ia adivinhar que mundo andaria na sua bebedeira. Suporia talvez que o vinho branco lhe iria falar do caminho sonhado que nunca procurara.

Mas afinal Amélia erguia-se devagar. E Rui não estranhou. Se ela lhe povoava todas as ideias e lhe provocara a filosofia das «peças do relógio caro». Se ele filosofava cōnscio disso mesmo...

Bela! Lá bem no fundo do copo seu corpo ondeia de leve! De olhos semi-cerrados, toda ela se entregava num abandono pleno. Então Rui sentiu de novo que a amava de outro modo. De um modo estranho. De um modo que o mundo jamais toleraria. O mundo e ela mesma. Tinha vontade de gritar o seu mundo diferente ou de fugir...

Mas Amélia não quererá acompanhá-lo. E preferirá continuar a entregar-se em requebros de volúpia. Não será caso para chorar?

Um vulto pergunta:⁹²⁰

⁹¹⁶ [A] ideias, que se abraçavam

⁹¹⁷ [A] delas silencioso

⁹¹⁸ [A] com imbecilidade.

⁹¹⁹ [A] as ideias eram mais nítidas, desembulhando-se dos feitiços, que as escondiam.

⁹²⁰ [A] <Lá estava Amélia, (sempre Amélia) de olhos fechados) <a beijar... a gozar A gozar!> [↑ comovida... sensual] Era verdade! Amélia sentia! Pois claro! <Isso já ele concluíra> [↑ Não tinha ele concluído já isso mesmo] há muito tempo. Ele e os outros que falavam dela<.>/? Mas<... não devia ter> [↑ se ele tivesse] podido <ter concluído<.>[...]> [↑ não concluído, se ele tivesse podido...] Quantos copos já? Que interessa isso! Era feliz... ou não... não era feliz... Chorava infantilmente. Um vulto perguntou mais ou menos:>

[Rui não <↑>/ia\ talvez adivinhar que mundo andaria na sua bebedeira. Não ia com certeza. Suporia talvez que os copos de vinho lhe iriam mostrar o tal caminho... Isto se ele tentasse adivinhar.

<Mas> afinal Amélia erguia-se lenta. E ele não estranhou. Dir-se-ia que ela lhe povoava tôdas as idéias e lhe provocara até a filosofia das "peças do relógio caro". E que ele filosofava cōnsci<ente>/o\ disto mesmo.

X
XX

Amélia [↑ no fundo do copo] está bela. Tem o corpo [↑ todo] feito de curvas suaves. Move-se com lentidão num abandono <preguiçoso> [↑ franco] e [↑ cerra] os olhos <om>/em\ preguiça morna. Rui sente que a ama. Que a ama duma forma <diferente> [↑ estranha], duma forma que o mundo não tolera. O mundo e ela mesma. Tinha vontade de criar <↑>/um\ mundo <diferenet>[↑ novo] ou de fugir... fugir...

Mas Amélia não quererá acompanhá-lo. E preferirá continuar a entregar-se em movimentos <↑>/lentos\ Não <*é> [↑ será] caso para chorar?

Um vulto pergunta mais ou menos:

- Que tem... (etc)] [*acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)]*

- Que tem o 「senhor doutor」?⁹²¹

Devia ter sido o criado.

「- Ouça lá,⁹²² você conhece-me? 「Hem?! Conhece? Diga!⁹²³ Quando é que lhe fui apresentado? 「Diga! Diga já,⁹²⁴ ou racho-o...

O criado devia ter-se 「sumido,⁹²⁵ porque ninguém respondeu. Rui regressou 「ao⁹²⁶ fundo do copo.

「Amélia, risonha e trocista.⁹²⁷ Agora 「dizia-lhe⁹²⁸ canalhices: «tiveste o pássaro na 「mão». Ela, a Amélia, o seu ideal,⁹²⁹ a dizer como qualquer 「mulher imunda: «tiveste o pássaro na mão...»⁹³⁰

「«A⁹³¹ Amélia era uma sebenta... afinal era uma sebenta... enta... nta「...»⁹³² Rui deve ter sono ou o 「quer⁹³³ que é. 「Pega-se-lhe ao⁹³⁴ cérebro um 「u... u... á... á... continuo.⁹³⁵ Os ouvidos 「apitam.⁹³⁶ Diante dos olhos 「rodopia⁹³⁷ um grande disco de gramofone. Mas o disco não é 「de uma⁹³⁸ cor só. Há manchas vermelhas, brancas, amarelas... que se misturam como no disco de Newton. De vez em 「quando, o zumbido pegado é ferido por um arrastar lento⁹³⁹ de cadeiras., um buzinar forte de automóvel, que 「logo se perdem desfeitos no u... à... à⁹⁴⁰ do cérebro.

Pela cabeça em febre passam-lhe 「agora figuras que ele a custo reconhece.⁹⁴¹ 「Procura segurá-las, sôfrego, mas elas⁹⁴² escorregam-lhe como peixes vivos. Tenta varias vezes. Inútil. Melhor será deixá-las correr imprecisas e velozes. Ainda conheceu

⁹²¹ [A] Snr. Dr.?

⁹²² [A] - <Eu... eu? Mas> [↑ Ouça lá,]

⁹²³ [A] Ein? [↑ Conhece? Diga!]

⁹²⁴ [A] <ein?> Diga! Diga já

⁹²⁵ [A] sumido

⁹²⁶ [A] à vida do

⁹²⁷ [A] Amélia lá estava ainda... Risonha e trocista...

⁹²⁸ [A] dizia-lhe em

⁹²⁹ [A] mão"... Ela[,] a Amélia, o seu ideal[,]

⁹³⁰ [A] <bandalho> [↑ mulher da rua] : "tiveste o pássaro na mão..." Ele conhecia até um calão imundo muito parecido...

⁹³¹ [A] A

⁹³² [A] ...

⁹³³ [A] <que> quer

⁹³⁴ [A] Canta-lhe no

⁹³⁵ [A] <">u... u... á... á...<"> [contínuo.]

⁹³⁶ [A] apitam...

⁹³⁷ [A] gira-lhe

⁹³⁸ [A] duma

⁹³⁹ [A] quando <há> [↑ ouve] no zumbido pegado, um arrastar <forte> [↑ lento]

⁹⁴⁰ [A] depois se perdem definhados no <"u... á... á...<">

⁹⁴¹ [A] [↑ agora] figuras <[↑ : silhetas*]> que ele [↑ acusto] <deve [↑ porém]> [re]conhece<r>.

⁹⁴² [A] Agarra-se a elas com sofreguidão, mas

o Rodrigues com o violão. Devia ser 「o Rodrigues,⁹⁴³ pela altura e pelo violão. 「Amélia desaparecera. Mas breve surgiu de novo, como por encanto.⁹⁴⁴

「Rui coou os olhos alucinados pelo⁹⁴⁵ vestido transparente 「da namorada. E viu-lhe as pernas requebrando-se ainda languidamente. De repente Amélia soltou os braços e prendeu com força o peito débil de Rui.⁹⁴⁶

- Não quero! Não quero!

E pontapeava.

「- Pronto, senhor Doutor! Se⁹⁴⁷ não quer, fica assim mesmo.

Rui estava num quarto de 「baiuqueiro.⁹⁴⁸ O criado 「desistiu de⁹⁴⁹ cobri-lo com a capa. Rui suava.

- Água das pedras, já deste?

Era o patrão delicado. Rui não era mau freguês.

- Já sim, senhor.

- Então fecha as janelas e deixa-o dormir.

⁹⁴³ [A] ele

⁹⁴⁴ [A] <De repente nítida e por encanto surgiu ela. Ela!> [Amélia tinha desaparecido por momentos. Mas ela surgiu de novo como por encanto.]

⁹⁴⁵ [A] Outra vez! Rui coou os olhos pelo

⁹⁴⁶ [A] d<e>/a\ <Amélia> [↑ namorada. <Via-lhe as pernas requebrarem-se lânguidas.> [↑ As pernas requebravam-se ainda <com> Lânguid<ez>/a\mente.] Os braços em movimentos de voluptuosidade lenta <chupavam-no.> [↑ sorviam-no.]

⁹⁴⁷ [A] - Pronto<!> <Snr. Dr.> /Senhor. Doutor! <s>/S\e

⁹⁴⁸ [A] baiuqueiro.

⁹⁴⁹ [A] queria

「IX⁹⁵⁰

Amélia pensa de olhar perdido no longe. Não compreende bem 「porque⁹⁵¹ razão Catarina lhe martela o ouvido todos os dias: «deixa-o; não te serve». Catarina⁹⁵² bem devia saber que ela amava o Rui. Nunca Amélia lhe dissera coisa alguma que mostrasse o contrário. E todavia Catarina era teimosa. Logo de manhã:

- Pois 「ainda⁹⁵³ não pões *bâton*?

Daqui era fácil passar 「ao Rui:⁹⁵⁴

- ... mas que exigências 「as⁹⁵⁵ do rapazinho.

- Ó menina, eu já te disse que não foi 「ele! Credo!⁹⁵⁶

(Catarina tinha decerto um dedo que adivinhava. Ela sabia 「tudo).⁹⁵⁷

「Ao almoço:⁹⁵⁸

- Onde ficaste toda a manhã?

(Para que perguntava Catarina? Pois não 「a tinha visto com o Rui na Biblioteca?)⁹⁵⁹

E à noite e a toda a hora e todos os 「dias,⁹⁶⁰ Catarina achava motivos para falar do «magrizela».

Mas 「o mais curioso era Amélia não se zangar e admirar-se disso mesmo.⁹⁶¹ Ela devia ter coragem. E ordenar de uma vez para sempre:

- Não te admito que voltes a falar-me assim do Rui. Tu sabes que o namoro e que gosto dele.

Mas não 「era capaz.⁹⁶² 「Por⁹⁶³ cobardia. Tinha medo de ir contra a opinião de Catarina. 「Porque⁹⁶⁴ a opinião de Catarina 「era, decerto, a⁹⁶⁵ opinião de toda a gente...

⁹⁵⁰ [A] [fol. 47] 9

⁹⁵¹ [A] por que

⁹⁵² [A] <Mas o que ela menos compreende ainda é> Catarina

⁹⁵³ [A] <continuas> ainda

⁹⁵⁴ [A] a[o] <falara de> Rui:

⁹⁵⁵ [A] [↑ as]

⁹⁵⁶ [A] ele

⁹⁵⁷ [A] de tudo...

⁹⁵⁸ [A] <↑>/Ao al\moço:

⁹⁵⁹ [A] os tinha visto a namorarem na Biblioteca?)

⁹⁶⁰ [A] dias

⁹⁶¹ [A] o que era mais curioso é que Amélia se não zangava. E [↑ se] admirava de se não zangar.

⁹⁶² [A] Conseguia.

⁹⁶³ [A] Era uma

⁹⁶⁴ [A] <E> [↑ Porque]

⁹⁶⁵ [A] era [↑ decerto] a

「Começava⁹⁶⁶ agora a sentir que o mundo 「tinha, afinal,⁹⁶⁷ vários caminhos. 「E que as cores não esmaltavam apenas o campo julgado seu.⁹⁶⁸

「Em si mesma, no fundo de si mesma, o mundo desdobrava-se⁹⁶⁹ com as florestas espessas e os mares fundos, e as madrugadas dos dias que se esperam 「sempre...⁹⁷⁰

「Quase chegou a⁹⁷¹ acreditar que junto da tia (uma tia seca, enfiçada) a vida seria mais tranquila. 「O⁹⁷² lado negro não deixaria ver o lado 「branco. E⁹⁷³ o lado branco às vezes 「fere.⁹⁷⁴

Mas 「a tia⁹⁷⁵ era seca e enfiçada. E Catarina 「rir-se-ia dela talvez.⁹⁷⁶ Catarina, o mundo, os rapazes... E o *rapaz*...

Amélia admirava-se de si mesma. («Eu?! Tu és tola!»).

「(Quem lhe andava traçando tantos caminhos na vida?)⁹⁷⁷

「Batem à porta.⁹⁷⁸

「E logo a miúda metralha as escadas numa correria.⁹⁷⁹

- A senhora D. Amélia de Campos está?

「- D. Amélia quê?

- Amélia de Campos.⁹⁸⁰

- A 「senhora⁹⁸¹ D. Amélia de Campos não está.

⁹⁶⁶ [A] XX
X

Começava

⁹⁶⁷ [A] Tinha afinal

⁹⁶⁸ [A] E que muitos deles corriam sob o céu de estrelas. <Nem>[↑ E que] as cores <lhe> [↑ não] esmaltavam <só> [↑ apenas] o campo que <era> /jul[↑gava <o>] seu.

⁹⁶⁹ [A] <Sentia> E o mundo estava em si

⁹⁷⁰ [A] sempre.

⁹⁷¹ [A] <Às vezes> [↑ Quási chegou a]

⁹⁷² [A] <†>/O\

⁹⁷³ [A] [.] <e>/E\

⁹⁷⁴ [A] fere...

⁹⁷⁵ [A] <seria> a tia

⁹⁷⁶ [A] rir-se-ia talvez.

⁹⁷⁷ [A] ("Quem é que traçava os caminhos da vida?)

⁹⁷⁸ [A] [fol. 48] <mal á vista. Se a tia viesse...

Já que a acompanhara no Liceu, também... Mas não. Era o que faltava passar pela vergonha de acompanhar a múmia da tia pelas ruas da cidade. Logo os rapazes diriam: "aquilo é mãe dela."

Aí vinham os rapazes. Depois vinha o rapaz... E ela admirava-se...

Tum! Tum!

Batem á porta.

⁹⁷⁹ [A] Brrrrrrrr. A meúda metralhava as escadas.

⁹⁸⁰ [A] [↑ - D. Amélia quê?

- D. Amélia de Campos.

- Para que é que mentes, pequena? Eu sei que está...

「- Ai sabe? Pois quem está é a senhora D. Amélia Campos. Sabe agora? E quem é o senhor?⁹⁸²

- Muita graça, pequena; tens muita 「graça. (o diabo da miúda é atilada!) Não sabes quem eu sou?⁹⁸³ Vê se te lembras...

「- Não⁹⁸⁴ me lembro, pronto.

- Ora a menina vai então fazer o favor de dizer à 「senhora⁹⁸⁵ D. Amélia Campos que está aqui o Domingos Costa que deseja falar-lhe. É capaz?...

Lucília (「a⁹⁸⁶ criadita) 「franziu o rosto com enfado e⁹⁸⁷ subiu pausadamente as escadas. 「Domingos era-lhe antipático. E era-o justamente desde aquele dia em que o Dr. Rui lhe fizera muitas perguntas desconfiadas sobre ele.⁹⁸⁸

Amélia, 「que⁹⁸⁹ despertara, adivinhou a visita. Que diria? que faria? Aquela perseguição contínua, aquelas frequentes visitas aos vizinhos da 「frente traziam-na perturbada.⁹⁹⁰

Não. Rui 「amava-a, amava-a muito. E ela... meu Deus! Pois não o amaria ela também, muito, muito?⁹⁹¹

- Menina!

(Era a Lucília, a 「Cilita).⁹⁹²

- Que é?

「- Ai! A⁹⁹³ menina parece que está aflita! Não é nada de cuidado. É aquele 「senhor⁹⁹⁴ que ali costuma...

「- Bem sei. (Era ele!) - Vou já.⁹⁹⁵

⁹⁸¹ [A] Snr.

⁹⁸² [A] <-Não. A Snr. D: Amélia de Campos não está;> [↑ - Ai sabe? Pois] quem está é a Snr. D. Amélia Campos<;>,\ [↑ sabe agora?] <e q> <e>/E\... quem é o senhor?

⁹⁸³ [A] graça... [↑ (o diabo da miúda é atilada!)] Não sabes então quem eu sou?

⁹⁸⁴ [A] - <Sei, mas> <n>/N\ão

⁹⁸⁵ [A] Snr.

⁹⁸⁶ [A] era o nome da

⁹⁸⁷ [A] enrodilhando o rosto num enfado,

⁹⁸⁸ [A] O Domingos era-lhe antipático<.>,\ [desde que o Dr. Rui lhe fizera muitas perguntas sobre ele.]

⁹⁸⁹ [A] que eu

⁹⁹⁰ [A] frente, tinham-na [fol. 49] abalado.

⁹⁹¹ [A] amava-a <ainda> <, devia amá-la ainda... E ela...> [, ↑ amava-a muito. E ela... Meu Deus! Pois não o amaria ela também, muito, muito?]

⁹⁹² [A] Cilita, como lhe chamavam)

⁹⁹³ [A] -Ai[!] <a>/A\

⁹⁹⁴ [A] <sujeito> [↑ senhor]

⁹⁹⁵ [A] -Bem sei.

Era ele! Era ele!

- Vou já.

Cilita 「desandou e Amélia foi ao espelho.⁹⁹⁶ Um pouco de pó de arroz... Um sorriso 「leve,⁹⁹⁷ de sossego...

Desceu.

「- Boa tarde.⁹⁹⁸

- Como 「está,⁹⁹⁹ Amélia?

- Que ventos o trouxeram?

Amélia sorriu. Mau 「começo:¹⁰⁰⁰ o sorriso daria confiança ao Domingos. Devia portar-se séria, mas... 「e se ele a supusesse mal educada?...¹⁰⁰¹

「Domingos¹⁰⁰² estava seguro. Tentara por vários processos 「conquistar¹⁰⁰³ Amélia, desde o baile em que a conhecera. Mas ela escapara-se-lhe sempre 「sem convicção.¹⁰⁰⁴ Por isso 「Amélia não iria estranhar a visita de Domingos.¹⁰⁰⁵

- Se se não 「zangasse, dir-lhe-ia que vim para saber hoje, de certeza,¹⁰⁰⁶ se sim ou se não...

「Falava sorrindo, trejeitando gaiatamente. Ela achou graça. E sorriu também.¹⁰⁰⁷

- Você é teimoso. Não lhe 「dei¹⁰⁰⁸ já a certeza? Veja 「lá! Há¹⁰⁰⁹ quanto tempo andamos nisto... Desde o baile. A sério: não tente mais que é escusado.

- Sério, sério?

Ele amornava os olhos. Suas mãos tocaram nas mãos dela. 「 (Decerto por acaso).¹⁰¹⁰

Correu um silêncio. Amélia cortou 「sem energia:¹⁰¹¹

- A sério.

⁹⁹⁶ [A] desceu pachorrenta. Amélia foi ainda ao espelho.

⁹⁹⁷ [A] leve...

⁹⁹⁸ [A] - Boas tardes

⁹⁹⁹ [A] está

¹⁰⁰⁰ [A] início:

¹⁰⁰¹ [A] podia julgá-la mal-educada...

¹⁰⁰² [A] Ele

¹⁰⁰³ [A] <captar> [↑ conquistar]

¹⁰⁰⁴ [A] equivocadamente

¹⁰⁰⁵ [A] não julgou <estranhável> [↑ que pudesse estranhar-se] a visita que [↑ lhe] fazia.

¹⁰⁰⁶ [A] zangasse dir-lhe-ia que vim para saber hoje de certeza

¹⁰⁰⁷ [A] <Domingos falava trejeitan>

Domingos falava trejeitando gaiatamente.

Ela achou graça. E tornou a sorrir.

¹⁰⁰⁸ [A] dei eu

¹⁰⁰⁹ [A] lá há

¹⁰¹⁰ [A] (Devia ter sido por <descuido...> [↑ acaso...])

¹⁰¹¹ [A] com enfado:

Mas Domingos teve um estremeção. Ainda ʔarqueou¹⁰¹² os braços e tocou o ombro de Amélia.

- Não... não... ʔSaia já, faça favor...¹⁰¹³ ʔ(Áspera. Soberana).¹⁰¹⁴

Domingos ʔfez-se pálido. Cá fora serenou, murmurando em alívio:¹⁰¹⁵

- Livra!

¹⁰¹² [A] arcou

¹⁰¹³ [A] Saia [↑ já] faça favor...

¹⁰¹⁴ [omisso em A]

¹⁰¹⁵ [A] embatucou. Cá fora reapossou-se da sua tranquilidade murmurando para consigo:

「X¹⁰¹⁶

Não 「que¹⁰¹⁷ Rodrigues fosse homem 「para¹⁰¹⁸ aborrecimentos. 「No fim de contas, sempre fizera girar a vida sob o seu comando.¹⁰¹⁹ 「Quando muito, caminharia a par dela, não se lhe submetendo nunca.¹⁰²⁰

「Rui, porém, pensava muitas vezes que o Rodrigues é que andava debaixo da vida: só não se aborrecia.¹⁰²¹ A vida é que o dominava, mas ele 「aguentava-a sem gemer.¹⁰²²

Naquele 「dia,¹⁰²³ Rodrigues 「acordou¹⁰²⁴ melancólico. O violão 「quedava-se¹⁰²⁵ à cabeceira da 「cama e o Rodrigues,¹⁰²⁶ sem música, era 「«um fenómeno».¹⁰²⁷ Rui erguia-se 「remoendo o travo amargo e saboroso¹⁰²⁸ da véspera. 「Mas Rodrigues, grande, sólido como um bloco de granito, caía, quieto e pesado, na dor que o molestava.¹⁰²⁹ 「Rui, subtil e débil, vibrava interiormente como corda fina de arame.¹⁰³⁰

「Viera um dia triste para ambos.¹⁰³¹ 「Naquele silêncio desusado e espesso, a vida da rua entrava pela janela do quarto em lufadas francas, na claridade fresca das casas caiadas e dos pregões sonoros. Rui e Rodrigues miravam-se de soslaio, desconfiados e tímidos.¹⁰³² Rui ainda se não queixara. Fizera há muito o propósito de se não queixar. Acreditava 「até que Rodrigues¹⁰³³ não entendia de dores. 「Rodrigues

¹⁰¹⁶ [A] [fol. 51] 10

¹⁰¹⁷ [A] <porque>[↑ que o]/que\

¹⁰¹⁸ [A] <de> [↑ para] [decalcado a verde]

¹⁰¹⁹ [A] A vida <sempre> [↑ no fim de contas era] ele [↑ que] a comanda<r>/v\ a.

¹⁰²⁰ [A] <Lá de baixo, passivamente? Nunca.> [↑ Pelo menos caminhava<[m]> a par [↑ dela], <†>/sem\ ↓ jamais se submeter como autor, passivamente.]

¹⁰²¹ [A] <Mas a verdade é que ele era o de baixo; o que é, nunca se aborrecia.> <[↑ Às vezes quási chegava a pensar: mas não serei eu o de baixo!]> [Rui [↑ porém] às vezes pensava que o Rodrigues [↑ é que] andava debaixo da vida mas que se não aborrecia nunca.]

¹⁰²² [A] não gemia.

¹⁰²³ [A] dia <porém>

¹⁰²⁴ [A] acordara

¹⁰²⁵ [A] quedava-se [↑ inútil]

¹⁰²⁶ [A] cama. Ora o Rodrigues

¹⁰²⁷ [A] um fenómeno.

¹⁰²⁸ [A] <mascando> [↑ digerindo] o desg<o>/ô\sto

¹⁰²⁹ [A] De resto a bebedeira, no fim, era desg<o>/ô\sto também. Mas Rodrigues acaçapava-se na dor[,] molengão.

¹⁰³⁰ [A] Rui vibrava interiormente.

¹⁰³¹ [A] Viera pois um dia triste para ambos<<,>[:] <talvez <que> assim>> [↑ Quem sabe se <assim> [↑ dêste modo] se [↑ não] senti<sse>/ria\m mais juntos[?]

¹⁰³² [omisso em A]

¹⁰³³ [A] mesmo que <Rui> [↑ Rodrigues]

amodorrava sobre o cigarro lento que ia enrolando.¹⁰³⁴ Ainda se Rui lhe perguntasse «o que tinha...»¹⁰³⁵ Mas não. Rui afundava-se em si «próprio, remexendo reminiscências da véspera: o das ondas, a gargalhada, a baiúca. Rodrigues julgava humilhante queixar-se e por isso apenas resmoneou por entre os dentes:»¹⁰³⁶

-... uma destas...

«Mas»¹⁰³⁷ Rui ficara inerte. «E Rodrigues, como quem «perguntava por perguntar», inquiriu sem aparente interesse:»¹⁰³⁸

- Então não queres saber?

Rui olhou. Agora já Rodrigues retesava a curiosidade¹⁰³⁹ do amigo:

- A mim sempre me acontece cada uma...

- Que foi?

- Vê tu que a Rosalina «(a costureira), ontem,»¹⁰⁴⁰ não me quis receber. Falou-me da janela com ares importantes. Afinal vim a saber que tinha arranjado «outro, um futrica qualquer, um sebento da Baixa.»¹⁰⁴¹ Que eu «até gostava»¹⁰⁴² da pequena... «Quis contar-te»¹⁰⁴³ isto ainda ontem, mas tu dormias que nem um porco...

Tinha desabafado. «Talvez estivesse satisfeito.»¹⁰⁴⁴ Talvez lhe parecesse «até já não sofrer»¹⁰⁴⁵. Rui pasmava. Aquele Rodrigues enxotado por uma mulher, «uma costureira...»¹⁰⁴⁶

- Mas logo arranjo «outra, menino.»¹⁰⁴⁷

Rodrigues não era homem para se incomodar. Mulher a mais, mulher a menos, que importava? Afinal Rodrigues dominava a vida. Se ele assim fosse, ele, Rui... Ser chicoteado, «ser sacudido, e não ligar...»¹⁰⁴⁸ «Feliz aquele Rodrigues», pensou.

¹⁰³⁴ [A] <Rodrigues porém rebentava.> [↑ Rodrigues estalava.]

¹⁰³⁵ [A] “o que tinha...”

¹⁰³⁶ [A] próprio<;>/e\ com tintas gastas revia <a véspera.> [↑ os acontecimentos do dia anterior.] <Rodrigues não se agüentou:> [↑ Rodrigues julgava humilhante queixar-se e por isso [↑ apenas] resmoneou por entre os dentes:]

¹⁰³⁷ [A] [← Mas]

¹⁰³⁸ [A] [↑E] Rodrigues <tentou o último recurso:> [↑ como quem “falava por falar” perguntou:]

¹⁰³⁹ [A] [fol. 52]

¹⁰⁴⁰ [A] (era a costureira) ontem

¹⁰⁴¹ [A] outro.

¹⁰⁴² [A] até já gostava

¹⁰⁴³ [A] Quis<-te> contar[↑-te]

¹⁰⁴⁴ [A] <Agora estava> [↑ Talvez estivesse quási] satisfeito.

¹⁰⁴⁵ [A] mesmo já não sofrer.

¹⁰⁴⁶ [A] uma costureira... coitado...

¹⁰⁴⁷ [A] outra<.>/,\ [menino.]

¹⁰⁴⁸ [A] ser sacudido... e não ligar...

「Feliz? Sim, talvez. De uma felicidade idiota.¹⁰⁴⁹ 「Não meteria dó o Rodrigues?¹⁰⁵⁰

「Calaram-se de novo. Mas agora a vida da rua começava a sair do quarto, porque o Rodrigues, enfiado no pijama, depenicava já nas cordas do violão cansado, sondando-lhes a afinação. (Quem é que afinal metia dó?). Rodrigues, cigarro colado na beíça descaída, e olho franzido, ronronou num enfado:¹⁰⁵¹

「- Mas que é tu tens, pá? Parece que também estás aborrecido?¹⁰⁵²

Só agora! Apre! Este Rodrigues! Não há mal que lhe chame a atenção. Rui 「sorriu-se¹⁰⁵³ intimamente.

「- Aborrecido? Não! (Longa pausa). Não há razão alguma para estar aborrecido.¹⁰⁵⁴

As cravelhas do violão rangiam. Rodrigues iria tocar. Mas Rui não esperou e saiu sepultado no sobretudo 「azul, sempre nevado de uma penugem teimosa.¹⁰⁵⁵ 「Se ele não saísse, Rodrigues insistiria:¹⁰⁵⁶ «não; tu tens alguma coisa». Ou talvez não 「insistisse. Que¹⁰⁵⁷ o Rui variava de disposição, com os 「quartos de lua. (E Rodrigues já estava habituado àquelas «variações»¹⁰⁵⁸

「Dez¹⁰⁵⁹ horas da manhã. A carroça do lixo ainda solavanca pelas ruas. No café 「do Pirata,¹⁰⁶⁰ estudantes 「enxugam¹⁰⁶¹ à pressa copos de leite. 「Fora,¹⁰⁶² gumes de frio. 「Cigarro a ardendo. Olhos¹⁰⁶³ papudos de sono. 「Raparigas pintadas de fresco

¹⁰⁴⁹ [A] Mas não <. Aquilo era> [↑ seria aquilo] felicidade de parvo<.>/?\

¹⁰⁵⁰ [A] <E teve dó.> [↑ <Mas>/Não\ metia [↑ dó] o Rodrigues[?] <dó?>

¹⁰⁵¹ [A] <Rodrigues> [↑<Mas> <E o> Rodrigues, porém] reagia molemente. O violão atraía-o. <''>/(\ Dó do Rodrigues? <Essa agora! [d]um> [↑ Mas afinal homem que ri a-pesar-de de sofrer um desastre, <mete dó?> [↑ poderá ter-se dó?] Quem metia dó [↑ não] era ele, ele Rui[?]]

¹⁰⁵² [A] - Mas <tu o> que [↑ é que tu] tens, pá? [↑ Parece que] <E>/e\stás <ch>/x\X\ateado?

¹⁰⁵³ [A] sorriu-se dorido

¹⁰⁵⁴ [A] - [↑ xateado?] Não<;> /\ (Longa pausa) Não tenho nada [por que esteja xateado.]

¹⁰⁵⁵ [A] azul.

¹⁰⁵⁶ [A] Se <tal não sucedesse> [↑ ele <assim> não <fôsse>/saísse\, <o amigo> [↑ Rodrigues] insistiria[:] <decerto:>

¹⁰⁵⁷ [A] insistisse, que

¹⁰⁵⁸ [A] quartos de lua<,> <e> [(] Rodrigues estava habituado áquelas “maluqueiras”[)].

¹⁰⁵⁹ [A] x

xx

10

¹⁰⁶⁰ [A] Pirata,

¹⁰⁶¹ [D] [↑ bebem] <enxugam>

¹⁰⁶² [A] Cá fora há

¹⁰⁶³ [A] Cigarros que aquecem<,>/O\lhos

desengonçavam-se nos sapatos empinados e Lentes austeros descem preciosamente dos eléctricos,¹⁰⁶⁴ suspendendo pastas de viajantes.

A Faculdade de Letras. Rui entra. E entra «furiosamente»,¹⁰⁶⁵ impelido por qualquer coisa que o repuxa aos esticões. Amélia. «Amélia! Ele tem de encontrá-la, não pode assim ficar-se estupidamente, sem nada dizer, sem nada perguntar.»¹⁰⁶⁶ Os corredores estão tristes «e abandonados.»¹⁰⁶⁷ Só um par guloso «se liquefaz, em sorrisos, lá ao fundo.»¹⁰⁶⁸ «Rui avança espavorido. Fura à esquerda. Depois sobe as escadas três a três.»¹⁰⁶⁹ «(Quem o visse admirá-lo-ia: «Que agilidade!») E ele um rapaz tão quebradiço, tão pálido... Era realmente para admirar! Mas ninguém o via).»¹⁰⁷⁰

Lá em cima quedou-se ofegante. «Cachos»¹⁰⁷¹ de raparigas «passavam por grupos de rapazes, num corredor curto e largo.»¹⁰⁷² «Havia ainda um corredor longo e estreito, mas aí passeavam apenas os namorados.»¹⁰⁷³

E Amélia? Ela? Ela? Rui esbugalhava os olhos, e mal «se ouvia perguntar-se: «ó menino, mas para que é essa fúria?»»¹⁰⁷⁵ «Catou»¹⁰⁷⁶ a colega «dela»,¹⁰⁷⁷ a Catarina. «Lá a achou, a desconjuntar-se em gestos para um quintanista de medicina que sorvia um cigarro distraído.»¹⁰⁷⁸ «Rui ladeou-os. Mas ela não o viu. Por fim, conseguiu achar-lhe os olhos.»¹⁰⁷⁹

- Com licença. (Catarina «afastou-se».)¹⁰⁸⁰

E para Rui:

¹⁰⁶⁴ [A] Passam raparigas pintadas de fresco e <os> <l>/L\entes descem dos eléctricos

¹⁰⁶⁵ [A] <estupidamente> [↑ furiosamente],

¹⁰⁶⁶ [A] <Nada> [↑ Ele não pode ficar-se assim estupidamente, sem nada dizer, sem nada perguntar.]

¹⁰⁶⁷ [A] como um doente.

¹⁰⁶⁸ [A] delambe, lá ao fundo, em sorrisos. [D] se liquefaz<, > em sorrisos<, > lá ao fundo.

¹⁰⁶⁹ [A] <Mas> Rui avança... devasta... Fura á esquerda<Há> Há uma penumbra deserta. Depois sobe as escadas interiores <quatro a quatro> [↑ três a três.]

¹⁰⁷⁰ [A] «(Quem o visse admirá-lo-ia: «Que agilidade!...» E ele um rapaz tão quebradiço, tão pálido... Era realmente para admirar... [Mas ninguém o via])

<Mas ninguém o via.])>

¹⁰⁷¹ [D] <Cachos> [← Grupos]

¹⁰⁷² [A] passavam-se por cachos de rapazes.

¹⁰⁷³ [A] Havia também um corredor longo e estreito: aí segredavam-se os namoros.

¹⁰⁷⁴ [A] [fol. 54]

¹⁰⁷⁵ [A] «<porquê> [↑ haverá razão para] êste destempêro?»

¹⁰⁷⁶ [D] <Catou> [← Procurou]

¹⁰⁷⁷ [A] dela[.]

¹⁰⁷⁸ [A] Lá a achou desconjuntando-se em gestos< > [↑ para] <U>/u\m quintanista, <fuman> [↑ que] chupa<ndo>/va\ superiormente um cigarro, <atendia-a.> [↑ e a ouvia com enfado.]

¹⁰⁷⁹ [A] Rui passou-lhes á ilhargá. Ela não o viu. «Doida! É por causa dela... se não fosse ela... ela é que tem a culpa» Rui pensava ódios. Contornou Catarina. Por fim achou-lhe os olhos.

¹⁰⁸⁰ [A] afastou-se do comparsa)

- Que é? Que foi? Que aconteceu? Homem, você vem passado de medo...
「Não¹⁰⁸¹ vem?... Então que foi? Ah! 「A Amélia. Espere...¹⁰⁸² Mas que é que você lhe quer? Não acabaram já o namoro? Ela não tem já outro?

「- Outros? - os olhos de Rui saltaram apavorados da cova das órbitas.¹⁰⁸³

- Pois! Mas... quer dizer... sim talvez ainda se não 「namore.¹⁰⁸⁴ Nós não tivemos aula. Ela foi a casa ver o correio.

「Um aperto de mão breve e nervoso.¹⁰⁸⁵

「Afinal, era¹⁰⁸⁶ verdade... 「Amélia tinha outro. Ele estava posto de lado. E todavia sentira que tudo isso viria a acontecer. Rodrigues avisara-o. O mundo avisara-o e até a *pinta* dela lhe dissera que «ele não era homem para Amélia». Suas faces escavadas, os seus olhos encovados, todo o seu corpo sumido não podia emparelhar com a namorada. Sim, ele é um enfezado, um rapaz sem apresentação. Mais do que nunca, agora o sente com amargura. Amélia era linda e sã. Bom seria que a sorte a fulminasse com uma doença. Tísica. Aleijada. Então ele poderia amá-la sem receio dos outros. E Amélia compreenderia como Rui era seu amigo, doido por ela. À cabeceira do leito, ele adoçaria as horas longas da enferma, falando de um futuro de rosas. Ela o olharia com olhos reconhecidos e esqueceria os outros, os que nasceram fortes e belos e tudo o mais. Porque só o Rui a amava.

Mas Amélia é forte e linda. Por isso pode escolher entre tantos que a desejam. Por isso ela o deixou. Para que teimara o Rui? Com aquela teimosia estúpida. Uma coisa apenas deveria ter feito: gozá-la. Gozá-la e deixá-la depois. Mas Rui não tivera coragem. Confortava-se e mentia-se com a ideia de que «fora melhor assim: que ele não deveria cometer tal falta; que seria uma acção infame de consequências tremendas». A verdade, porém, é que ele fora cobarde. Sim... não tivera coragem.

Mas agora, não podia ficar-se, calado, entupido. Iria insultá-la. Iria chamar-lhe estafermos e outros nomes feios. Iria despejar-lhe uma gargalhada cínica na cara. Vingá-la. Todavia, Amélia podia não o receber. Aí estava. E depois? Sim, e depois? Lá ficaria Rui outra vez com cara de parvo. Ah! Mas ao menos vê-la, encontrá-la. Olhar-lhe o rosto para ver se ela corava, se se envergonhava, se... (e se risse? Depois?)

¹⁰⁸¹ [A] Ai não

¹⁰⁸² [A] a Amélia... espere...

¹⁰⁸³ [A] - OUTRO? – Os olhos de Rui nadaram á flor das órbitas

¹⁰⁸⁴ [A] namorem

¹⁰⁸⁵ [A] Um aperto de mão. Catarina sentiu um choque eléctrico.

¹⁰⁸⁶ [A] [↑ Afinal] <E>/e\ra

Mas Rui podia ir ter com ela muito a bem e aconselhá-la, falar-lhe como amigo... Não havia necessidade de ficarem zangados, pois não era?

Rui atravessa a Rua Larga. Não pode passar pelas montras sem olhar os vidros para ver se está magro. Hoje, mais do que nunca, tem necessidade de olhar os vidros. E hoje mais do que nunca se vê murchando, desaparecendo. Tanta certeza amarga. Nunca uma dor vinha sozinha. Sentia agora a presença da Morte na sua cor pálida e nos olhos fundos.¹⁰⁸⁷ O peito cavava-se-lhe mais e «mais».¹⁰⁸⁸ Às vezes diziam-lhe («a rir»,¹⁰⁸⁹ já se vê): «estás quase pronto». «Ele ria também. A fingir».¹⁰⁹⁰ Mas lá dentro «corria-o uma dor infinda».¹⁰⁹¹ «Assim»,¹⁰⁹² mulheres... para que pensar em mulheres? Não as faria felizes. Havia de morrer «cedo».¹⁰⁹³ «Se casasse»,¹⁰⁹⁴ iria deixar filhos descarnados, de olhos luzentes em covas roxas... «Valeria a pena ir ter com Amélia? Valeria a pena pensar na vida, se ela havia de durar tão pouco?»¹⁰⁹⁵ «Para quê? Tudo findaria em breve. Cansado... Olhos grandes iluminavam o mundo no clarão breve do sonho. Depois a noite voltava cheia do silêncio parado. Para quê?»¹⁰⁹⁶ Mas a esperança é «vizinha»¹⁰⁹⁷ da

¹⁰⁸⁷ [A] <o outro era o tal... o do baile... o das ondas no cabelo.

Lançou um olhar aos vidros duma montra. Lá estava ele o Rui. Viu-se espurgado. Tanta certeza <rija!> [↑ dura! N] Ele morreria cedo... Aquela côr era indício.>

[Amélia tinha outro. Namorava outro. Ele estava posto de lado. <Rodri> E todavia senti<*u>/ra\ que tudo isto se <*iria>/ia\ dar. Rodrigues avisara-o. O mundo avisara-o e até a pinta dela lhe tinha dito que «ele não era homem para Amélia». As suas faces escavadas os seus olhos afundados, todo o seu corpo aflautado não podiam emparelhar com a bela mulher que era <Am> a namorada. E ele teimara. Teimara estupidamente. Uma coisa apenas ele devia ter feito: gozá-la. Gozá-la e deixá-la depois. <Ela curvar-se-ia> Mas Rui não tivera coragem. Ele <dizia de si para> confortava-se com a ideia de que “era melhor assim [↑ que] ele não devia <desfrutar> cometer uma tal falta; que era uma infâmia, uma responsabilidade <moral> tremenda etc etc” Mas a verdade é que ele <era>/fora\ cobarde. E não <tinha>/tivera\ coragem.

[<Mas> Agora, [↑ porém] não podia ficar-se calado entupido. Iria insultá-la. Iria chamar-lhe estafermo e outros nomes feios. Iria despejar-lhe uma gargalhada na cara. Vingar-se.

Todavia Amélia podia não recebê-lo. Aí estava. E depois? Sim, e depois? Lá ficaria Rui outra vez com cara de parvo. Ah! Mas ao menos vê-la, Encontrá-la. Olhar-lhe o rosto para ver se ela corava, se se <cor>/env\ergonhava se... (<↑>/E\ se ri<r>/ss/e? <E> <D>/d\epois?)

Mas Rui podia afinal ir ter com ela muito a bem, aconselhá-la, falar-lhe como amigo... Não havia necessidade de ficarem zangados, pois não era?]

Rui <desce> atravessa a Rua Larga. Não pode passar por uma montra que não olhe os vidros para ver se está magro. Hoje mais do que nunca tem necessidade de olhar os vidros. <Nunca *um dá-lhe> E hoje mais do que nunca se viu espurgado. Tanta certeza dura. Nunca uma dôr vinha sôzinha. Sentia agora a presença da Morte <††> /na sua\ côr pálida e nos olhos fundos.] [*acrescento no verso do fólio com a indicação (Volte)*] [D] sô<zinha>.

¹⁰⁸⁸ [A] mais...

¹⁰⁸⁹ [A] a rir

¹⁰⁹⁰ [A] Ele ria... a fingir.

¹⁰⁹¹ [A] desenovelava-se-lhe um nojo infinito.

¹⁰⁹² [A] Assim

¹⁰⁹³ [A] cedo...

¹⁰⁹⁴ [A] Se casasse

¹⁰⁹⁵ [A] <Não> [↑ <Valia > [↑ valeria] a pena] ir<ia> ter com Amélia<...>/?\ [Valeria a pena pensar na vida se ela havia de durar tam pouco?]

¹⁰⁹⁶ [omisso em A]

dor. Rui despertava. Ao menos aconselhá-la-ia como amigo. 「Não era preciso zangar-se. Como amigo, como bom amigo:¹⁰⁹⁸ «Veja 「lá,¹⁰⁹⁹ tome cuidado com esse sujeito...」
「Amigo ele, o Rui? Mas pode o homem ser amigo, a não ser de outro homem ou da família?¹¹⁰⁰ Que mesmo da família... 「O outro bem dizia:¹¹⁰¹ no fundo só há sexualidade. O pai gosta mais da filha e a mãe do filho. 「Aí está:¹¹⁰² só sexualidade; até no mamar da 「criança. De uma¹¹⁰³ mulher estranha não se é amigo. Rui queria enganar-se: ele amava. 「E amava estupidamente, como um inofensivo trovador.¹¹⁰⁴

Mas a casa de Amélia era ali. 「Cilita¹¹⁰⁵ atendera-o. 「Quer dizer:¹¹⁰⁶ Rui atendera Cilita:

- A menina? A menina Amélia? 「Não está, senhor doutor.¹¹⁰⁷ Mas espere um bocadinho. Entre. 「Ora; para que há-de ficar à porta?¹¹⁰⁸ Faça o favor de entrar. A menina vem já. Foi ali a casa duma senhora...

- Não é preciso, Cilita; espero aqui.

「Mas Rui, por fim, sempre entrou, espiolhando o chão.¹¹⁰⁹ 「Pouco depois Amélia chegava.¹¹¹⁰ Cilita estralejou um recado. Escadas corridas à pressa, passos rápidos no 「corredor. O trinco estalou e Amélia apareceu:¹¹¹¹

「- Tu? ¹¹¹²(Sorria em êxtase).

As mãos de um e outro 「encontraram-se,¹¹¹³ apertando-se. 「Coisa estranha: antes mesmo de Rui pedir explicações, já ambos se tinham ajustado num abraço fundo e mudo.¹¹¹⁴ Rui percebia o coração 「cavalgando.¹¹¹⁵ Uma vibração 「sacudiu-o e, no [fol. 56]marulhar dos nervos, reparou que tinham colado os lábios com gula.¹¹¹⁶

¹⁰⁹⁷ [A] parceira

¹⁰⁹⁸ [A] [↑ Lá zangar-se <†> Mas como amigo, como bom amigo:

¹⁰⁹⁹ [A] lá...

¹¹⁰⁰ [A] <Amigo ele o Rui?> [↑ Amigo ele o Rui? Mas pode] <Amigo> o homem <?> [↑ ser amigo a não ser] <Só> doutro homem ou da família[?]

¹¹⁰¹ [A] Lá diz o outro que

¹¹⁰² [A] <†> [↑ Aí] está:

¹¹⁰³ [A] criança<...>/Duma\

¹¹⁰⁴ [A] [E amava <amava duma forma estu> estupidamente como um inofensivo trovador...]

¹¹⁰⁵ [A] Cilita <a criadita>

¹¹⁰⁶ [A] Mentira:

¹¹⁰⁷ [A] Não está Snr. Dr.

¹¹⁰⁸ [A] Entre.

¹¹⁰⁹ [A] Mas Rui por fim entrou sempre entrou catando o chão.

¹¹¹⁰ [A] Amélia chegava pouco depois.

¹¹¹¹ [A] corredor, o pinc[↑ h]o que estala e Amélia que aparece:

¹¹¹² [A] - Tu? <Mas...>

¹¹¹³ [A] encontraram-se[,]

¹¹¹⁴ [A] Era curioso: antes mesmo de <se explicarem mutuamente> [↑ Rui pedir explicações], já se tinham ajustado num abraço fundo<./,\> e mudo.

- ...mo-te (「Amélia falou baixinho,¹¹¹⁷ comendo sílabas).

「- E eu...¹¹¹⁸

E num 「repente:¹¹¹⁹

- Amo-te, tanto, tanto... 「(Ela vincava o abraço aos estremeções).¹¹²⁰

「(Meu Deus, que tentação! Afinal, amo-o, amo-o muito! Cada um tem no mundo um caminho só. E só esse caminho tem estrelas e lua e cores... Deus faz as almas aos pares...)

Rui, depois do primeiro entusiasmo, ficou-se a olhar Amélia e, como parvo, a olhar-se a si. Nada entendia do que se passava. Viera para insultar, viera para aconselhar, e ali estava calado e murcho, já sem vontade de dizer nada, de falar em nada, como se tudo o que acontecia fosse realmente esperado. E todavia as palavras de Catarina caíam-lhe ainda na cabeça como marteladas: «ela não tem já outro?» (A mulher é um ser muito complicado). Rui não percebe, não entende nada, nada. Está assim à espera, de olhos espantados. Amélia perguntar-lhe-ia o que tinha, se não estivesse já habituada àquele feitio do Rui. (Do Rui! Meu Deus! O caminho é só um, só, só um! E as estrelas não baixam ao caminho de outros sonhos!)

Depois quebrou o silêncio. Falou do Domingos Costa.

- Tenho-me visto atrapalhada.

Rui ficou recolhido. Sentiu dentro de si aquela força que costumava empurrá-lo para a frente, às cegas. Sentiu dentro de si uma pergunta estupidamente brutal: «mas que raio de comédia é esta?» Que admira pois que ele inquirisse?

- Mas antes de mais, uma coisa: tu namoras ou não namoras esse tipo? (*tipo... tipo... Estaria ele a falar com o Rodrigues?*).

Amélia devia responder prontamente: «Não, Rui! Tu não estás bom. Como é que te veio isso à cabeça? Meu Deus!» Mas não responde assim. Rui julga até que ela se embaraçou. 「É¹¹²¹ que respondeu a medo:

- Eu?... Não! Mas...

Ele tinha o olhar fixo, espetado.

¹¹¹⁵ [A] cavalgando<.>/...\
¹¹¹⁶ [A] sacudiu-o e no [fol. 56][↑ m]a[ar]ulhar dos nervos viram-se de lábios colados.

¹¹¹⁷ [A] Ela falava baixinho

¹¹¹⁸ [A] - E eu... <Foi uma loucura>

¹¹¹⁹ [A] frenesi:

¹¹²⁰ [A] (<Ela> [↑ Ela] <v>/V\incava o abraço com os estremeções):

¹¹²¹ [D] <É> [← E]

- ... mas quem foi que te disse isso?

- A Catarina.

Amélia parou. Depois explicou vagamente:

- Ele, de facto... tem andado de volta da casa... passa por cá. Mais nada. A Catarina é que se convenceu, é que... Aquilo se calhar é mais para entrar contigo... Tu já sabes como ela é... Mas vê tu como elas se arranjam. Mau Deus! Até me tenho visto atrapalhada com ele. Já até cá veio ter comigo umas duas vezes, e eu cada vez mais aborrecida com aquilo...

- Mas dizias-lhe logo redondamente que não...¹¹²²

- Isso fiz eu, mas ele não havia forma... 「Olha,¹¹²³ ainda ontem teimou comigo para lhe traduzir lá qualquer coisa. Aquilo era só para meter conversa. 「Tive de lhe dizer que não.¹¹²⁴ E depois sempre com uns 「té-tés...¹¹²⁵

¹¹²² [A] <- Para sempre agora, sim?

- Sim para sempre.

Depois desataram-se e conversaram sossegadamente. Falou-se do Domingos Costa.

- Tenho-me visto atrapalhada.

-Mas dizias-lhe logo redondamente que não> [(Meu Deus que tentação! Afinal amo-o, amo-o muito muito! <No mundo> <há> [↑ <onde um †>] [↑ cada alma tem no mundo] um caminho só. <†>/E\ só esse caminho <é>/t\em estrel<a,>/as\ [↑ e lua] e côres... Deus faz as almas aos pares...)

Rui, depois do primeiro entusiasmo ficou-se como parvo a olhar Amélia e a olhar-se a si. Ele não entendia nada. Viera para insultar, viera para aconselhar e ali estava calado e murcho já sem vontade de dizer nada, de falar em nada como se tudo o que acontecia fôsse naturalmente esperado. E todavia as palavras de Catarina caíam-lhe ainda na cabeça como marteladas: «ela não tem já outro?» (A mulher é um ser muito complicado). Rui não percebe, não entende nada, nada. Está assim, à espera, de olhar espantado. Amélia perguntar-lhe-ia o que tinha, se não estivesse já habituada àquele feitio do Rui. (Do Rui! Meu Deus! O caminho é só um, só, só um! E as estrelas não baixam ao caminho que não são nossos!)

x

xx

Foi ela que quebrou o silêncio. Falou do Domingos Costa.

- Tenho[↑ -me] visto <†>/atrapalhada\.

Ele ficou em silêncio. Sentiu dentro de si aquela força que o [↑ costumava] empurra<va>/r\.

<OuvIU>/Sentiu\ dentro de si uma pergunta estupidamente brutal: «mas que raio de comédia é esta?» Que admira pois que ele inquirisse?

- Mas antes de mais uma coisa: tu namoras ou não namoras esse tipo? (tipo... tipo... <†>/Estaria\ ele a falar com o Rodrigues?)

Amélia devia responder prontamente, fortemente: «Não! <<Não>/Homem!\> <†>/Rui!\ Tu estás bom? Como é que te veio isso à cabeça? Meu Deus!» Mas não responde assim. Rui <m> julga até que ela se embaraçou. É que respondeu a medo:

- Eu?... Não! Mas...

Ele tinha o olhar fixo, espetado.

- ... mas quem foi que te disse isso?

- A Catarina.

Amélia parou. Depois explicou vagamente:

- Ele de facto... tem andado de volta da casa... passa por cá. Mas mais nada. A Catarina é que se convenceu, é que... Aquilo se calhar é mais para entrar contigo... Tu já sabes como ela é... Mas olha que na verdade, lá com o Domingos tenho-me visto atrapalhada. Já [↑ até] cá veio ter comigo umas duas vezes...

- Mas dizias-lhe logo redondamente que não...]

「Rui, já calmo, indagou:¹¹²⁶

- E que é que queria dizer aquilo ontem de tu fechares a janela na cara a esse 「cavalheiro e de lhe dizeres que não sei quê, que não, naquele dia que não?¹¹²⁷

「- Pois foi isso... isso da tradução.¹¹²⁸ 「Disse-lhe que não, só para ele me não aborrecer mais. Ao outro dia, claro, dizia-lhe o mesmo...¹¹²⁹

Rui 「calou-se. Se Amélia não mentia, talvez fosse conveniente que ele se mostrasse forte:

- «Ora; deixa tudo por minha conta»:¹¹³⁰

Mas em breve se lembrou de que o outro era 「bem fornido de músculos duros.¹¹³¹ 「Domingos, ainda que não tivesse razão,¹¹³² se quisesse, podia socá-lo, podia pontapeá-lo... Pouca sorte! 「(Porque não havia Rui de ter nascido forte, um Tarzan? Assim...)¹¹³³

「De resto, haveria¹¹³⁴ outros meios. Bastava que Amélia o enxotasse, pronto. A uma mulher não se bate. A Rui 「também se não¹¹³⁵ batia. Ele não tinha culpa, que diabo! 「(Seria cobarde a atitude. Seria reles). Mas Rui não sabe se Amélia está a mentir. Ele não sabe pensar. Não sabe nada. E por isso sorri. Como se acreditasse. E sorri sem querer.¹¹³⁶

「- Bem, tenho de ir para a aula.¹¹³⁷ Vens para cima?

「Rui pensou logo responder-lhe: «Não,¹¹³⁸ vou para baixo».

Mas 「arrepende-se. Se aquele era o dia da reabilitação...¹¹³⁹

- Vou; vou para cima.

¹¹²³ [A] Olha

¹¹²⁴ [A] Tive que dizer <<redondamente> que não.> [↑ que não[.] <e fechar-lhe a janela na cara.>]

¹¹²⁵ [A] ~~té-tés~~... <(Amélia lembra-se de que talvez esteja a mentir. A verdade porém é que ela hesitava entre o másculo <feitio> [↑ corpo] de Domingos e as palavras brandas de Rui.)>

¹¹²⁶ [A] Rui já <senhor da situação> [↑ calmo], indagou em atitude de polícia:

¹¹²⁷ [A] <tipo> [↑ cavalheiro] e de lhe declarares alto e bom som...

¹¹²⁸ [A] - Ah! já sei: foi isso da tradução.

¹¹²⁹ [omisso em A]

¹¹³⁰ [A] calou-se[.] <pesando o caso e por fim decidiu.> [↑ Se o que Amélia dizia fosse verdade, talvez aparentasse uma atitude forte:

- [“]Ora deixa <isso> [↑ tudo] por minha conta.[”] [fol. 57]

¹¹³¹ [A] forte.

¹¹³² [A] Domingos mesmo que não tivesse razão,

¹¹³³ [A] Ah! que se fôsse um Tarzan... Assim... bolas!

¹¹³⁴ [A] [↑ De resto] <H>/h\av<ia>/eria\ <porém>

¹¹³⁵ [A] também não

¹¹³⁶ [A] (<Era>/Seria\ cobarde a atitude, e <era>/seria\ reles)[. Mas Rui não sabe se Amélia está a mentir. Ele não sabe pensar. Não sabe nada. E por isso sorri. Como se acreditasse. <Mas>/E\ sorri sem querer.]

¹¹³⁷ [A] - Bem vou para a aula.

¹¹³⁸ [A] Ele ainda pensou dizer-lhe: “não;

¹¹³⁹ [A] logo <no dia da sua reabilitação amorosa...> [↑ se arrependeu:]

- Então...

‘Sorriu-lhe. Ia fazer-lhe um pedido, um pedido que nem devia fazer: - Vens comigo? - Claro que devia ir. Mas Amélia vai conhecendo a timidez do Rui. Ele compreendeu o «então». Mas tantas vezes já fizera a experiência. Inútil. Era forçoso corar, atrapalhar-se, aborrecer-se. Amélia acudiu.¹¹⁴⁰

- Custa-te? Não venhas. Se quiseres não venhas...

- Não; não me custa nada. Vou contigo... Porque é que não havia de ir?

‘Porquê? Amélia sabia-o. Ele sabia-o. Pois porque havia de ser? Por causa dos outros. Dos sorrisos, das gracinhas, dos olhares dos outros.¹¹⁴¹

De repente, nova e forte, voltou a suspeita: ele era um fraco de vontade, que continuava a ir no embrulho. Foi talvez por isso que empalideceu mais, ao ponto de Amélia lhe perguntar:

- Que tens tu? Vais tão pálido...

Rui sentiu o gelo de um gume.

- Hum! Nada... Não é nada. Sinto-me bem... (Sorriu para disfarçar, para mostrar tranquilidade).

Amélia ficou-se. E olhou-o nos olhos. E sorriu também.

¹¹⁴⁰ [A] Sorriu-lhe [...] <e talvez se tivesse arrependido do pedido que <fizera> [↑ ia] fazer-lhe.> [↑ Ela ia fazer-lhe um pedido: <(> “Vens comigo? Ele percebeu) <O> [↑< <É que o> Mas o >] [(O)] Rui era assim como que acanhado...[]]

¹¹⁴¹ [A] “Porquê? - <pensou ele-> [↑ pois porque havia de ser?] Por causa dos outros<,>[...]<do>/(\ Que di<ze>/ria\m os outros<,>/?\ []) <do que dirão os outros”> <[↑ Que] Nos círculos da malta já se comenta<va:>/ria\ [↑ talvez: a tipa já namora outro.] “afinal deixou-a o Rui. Fez bem. Aquilo tinha pinta: - olhos de víbora... <marmelos> [↑ seios] crescidos... a fama que trazia do Liceu... [(E nada de positivo se sabia do que Amélia fora no Liceu.)]

Mas agora? Em se sabendo que ele tornara a pegar enxovalhá-lo-iam. Mas isso era o menos. Podiam pensar que a gozava mais uns tempos. O pior era o outro, o das ondas do cabelo.>

「XI¹¹⁴²

- Está cá a 「D.¹¹⁴³ Catarina?

「- Está,¹¹⁴⁴ sim, minha senhora. Faça favor de entrar.

「- Ó¹¹⁴⁵ menina Catarina! Está aqui... 「aquela menina que...¹¹⁴⁶

- Sou eu.

Viram-se.

- Entra, Celina.

Estalaram dois beijos junto das faces. Depois 「outro e outro.¹¹⁴⁷ Animaram-se.

「- Olha, vamos aqui¹¹⁴⁸ para a sala. A Amélia tem amanhã exercício... 「Quer estudar...¹¹⁴⁹

- Pois sim.

Celina era morena. Tinha olhos inquietos e marotos. Era esguia.

- Pois eu vinha ver se me emprestavas aqueles pontos de 「malha,¹¹⁵⁰ de que te falei.

- Pois 「sim,¹¹⁵¹ filha. Mas conta lá primeiro coisas.

「- Que queres que te conte?¹¹⁵² 「Olha,¹¹⁵³ a Albertina disse que ia à Baixa e que talvez passasse por aqui.

- Também 「me¹¹⁵⁴ saiu uma boa 「peça,¹¹⁵⁵ a Albertina. 「(E riu).¹¹⁵⁶

「Catarina sabia de pormenores:¹¹⁵⁷ A Albertina contara-lhe. Dissera-lhe até que teve dó do Pedro. Coitado! Que atrapalhão a dele!

- Eu muito dava para ver. Olha o Jorge...

- Qual Jorge?

¹¹⁴² [A] II

¹¹⁴³ [A] [↑ D.]

¹¹⁴⁴ [A] - Está

¹¹⁴⁵ Cilita voou.

- Ó

¹¹⁴⁶ [A] <E> aquela senhora que...

¹¹⁴⁷ [A] outro<s dois>[e ↑ outro.]

¹¹⁴⁸ [A] - Olha vamos [↑ aqui]

¹¹⁴⁹ [A] [↓ Quere estudar...]

¹¹⁵⁰ [A] malha[,]

¹¹⁵¹ [A] sim

¹¹⁵² [A] - Que é que queres que te conte<.>/?\

¹¹⁵³ [A] Olha

¹¹⁵⁴ [A] [↑ me]

¹¹⁵⁵ [A] peça

¹¹⁵⁶ [A] [→ (E riu)]

¹¹⁵⁷ [A] <Celina> [↑ Catarina] <desenrolou> [↑ sabia de] pormenores.

- O rapaz que namorei.

- Ah! Sim.

- Que delicadeza!... E sempre tão meigo, tão amigo...

Os olhos de Catarina faziam-se pequeninos. Os de Celina buliam.

- Mas senta-te, filha! Sempre de pé...

Os sofás desmaiavam. Molas folgadas ʔespirravam,¹¹⁵⁸ desnivelando o assento.

Algumas flores aos cantos da sala. Sob a mesa ʔpé-de-galo,¹¹⁵⁹ um corno de marfim.

Celina ʔdançaricava¹¹⁶⁰ irrequieta.

- Mas senta-te.

- Pronto. Apre!

Depois vinham as novidades em turbilhão: «a Cremilda vai casar-se. A Joana casou. ʔA D. Felícia,¹¹⁶¹ a da Sofia (havia outra ʔD. Felícia),¹¹⁶² teve mais um filho. O Justino não me ʔlarga...»¹¹⁶³

- Qual Justino?

- Aquele rapaz alto, loiro, de ʔMedicina...¹¹⁶⁴

- O do nariz de papagaio?

- Sim. Mas não ʔfaças troça.¹¹⁶⁵ Ele não é ʔfeio de todo.¹¹⁶⁶ O que ʔé,¹¹⁶⁷ é assim um pouco papudo... balofo...

Riram.

A teoria de Catarina em função: «homens fortes e secos».

Celina concordava.

- Olha: há aí um rapaz simpático, mesmo simpático.

- Quem?

- Conheces um sujeito alto, de gabardina, chapéu... que ʔàs vezes anda¹¹⁶⁸ com o Justino?

ʔ- O António Cruz?¹¹⁶⁹

¹¹⁵⁸ [A] espirravam

¹¹⁵⁹ [A] pé-de-galo

¹¹⁶⁰ [A] dansaricava

¹¹⁶¹ [A] <a>/A\ D<:>/.\ Felícia,

¹¹⁶² [A] D. Felícia)

¹¹⁶³ [A] larga...

¹¹⁶⁴ [A] Medecina...

¹¹⁶⁵ [A] troces do rapaz.

¹¹⁶⁶ [A] feio<.> [ʔ de todo.]

¹¹⁶⁷ [A] é[,]

¹¹⁶⁸ [A] anda às vezes

- Esse mesmo. Aí está. 「Mas conversado, menina, ui! Um horror!¹¹⁷⁰ Que eu, claro, disse simpático, livre de interesse. Mas aí está: o ideal; seco, forte, e alto, naturalmente.

Cilita nas escadas é um elevador. Dir-se-ia que o ofício de Cilita 「era¹¹⁷¹ subir e descer escadas. Ela já as salta de duas a duas. A patroa gasta-a: Cilita, 「rapariga! Pequena!...¹¹⁷² Cilita despacha, Cilita 「decide.¹¹⁷³ Cartas para o correio, bilhetes para as meninas, jarros de 「água,¹¹⁷⁴ *bâtons*, cremes, Cilita em tudo 「mexe, tudo resolve. Agora¹¹⁷⁵ a patroa faz rolar um vozeirão:

- Eh! Pequena!

Celina ultimava a conversa:

- E a D. Marcelina?

- A professora?

- Pois. Não sabes 「nada do que para aí disseram?¹¹⁷⁶

Catarina não sabia e Celina falou em intimidades...

Passos 「rápidos¹¹⁷⁷ na escada. Cilita 「avança; abre¹¹⁷⁸ a porta.

- É a menina...

- Sou eu.

Que memória a de Cilita: sempre «a menina...» sem dizer o nome. Mas a cabeça de Cilita não esticava como 「borracha.¹¹⁷⁹

- Entra cá. 「Já julgava¹¹⁸⁰ que não viesses...

Era a Albertina, a gorda Albertina. Catarina estudou-a:

- Eh! Mulher. Tu rebentas.

E reproduziu-lhe a largura com o arco dos braços. Albertina sorriu triste. Queria informar-se dos estudos. Mas Catarina atalhou-a:

- Tens aí uma cadeira; 「senta-te primeiro.¹¹⁸¹

¹¹⁶⁹ [A] - O Mário Cruz?

¹¹⁷⁰ [A] <<.>/,>/. \ <Mas> [↑ <capaz> mas] <c>/C\onversado, <menina? Ui[!]> [↑ menina, ui! <é>] um horror.

¹¹⁷¹ [A] é

¹¹⁷² [A] rapariga, pequena!...

¹¹⁷³ [A] resolve.

¹¹⁷⁴ [A] água[,]

¹¹⁷⁵ [A] mexe<.>/,>/. \ [tudo resolve.]

Agora

¹¹⁷⁶ [A] nada<?>[/do\ que para aí disseram?]

¹¹⁷⁷ [A] fortes

¹¹⁷⁸ [A] avança<va>; abr<iu>/e\

¹¹⁷⁹ [A] a borracha.

¹¹⁸⁰ [A] [↑ Já] Julg<uei>/ava\

- Bem hajjas, menina, bem hajjas. Então o Francês?

「Catarina, no Francês, julgava-se mestra (se ela tinha reprovado...)」¹¹⁸²

- A lição de amanhã é fácil. Já estou farta de saber aquilo. E o latim? Ó menina!

Aquelas poesias de Catulo... já as traduziste?

Catulo era 「indecente. Mas Catarina parecia achar-lhe」¹¹⁸³ graça. A Albertina já tinha 「traduzido. Por isso ria-se, ria-se.

- E a *Bucólica II* de Vergílio?」¹¹⁸⁴ Tu lembras-te? Não a traduzimos.

Catarina exultava:

- Ah! Ah! Ah! Pois 「não!」¹¹⁸⁵ E não sabes 「porquê?...」¹¹⁸⁶

「Albertina não sabia. E exibia um olhar interrogador. Catarina explodiu em franca gargalhada que lhe pôs, nas faces, uma vermelhidão de vinho. Celina segurava-a:

- Ó menina! Que riso é esse?!

Mas Catarina teimava:

- Já ouviste a história do que queria café se passasse homem e leite se passasse 「mulher?...」¹¹⁸⁷

Não pôde continuar. E o riso rebentou-lhe de novo, sonoro e aberto. Celina esperou um pouco e por fim atou:

- Bem, mudemos de assunto. Vai-me lá buscar o tal ponto. Ando agora a fazer uma camisola em laranja, a cor da moda. Viste a da Gracinda? Pois é igual.

- Essa camisola fica-lhe mesmo bem com aquela saia de xadrez de uma fazenda que tem o Robles. (Albertina gostava da camisola).

- Bem sei! Eu já estive para fazer também uma saia. Mas queria arranjar saia e casaco. O casaco só em castanho. Mas a minha costureira disse-me que agora se usava mais aquele verde aberto e que me ficava melhor... (Catarina verificara que a fazenda em xadrez era caríssima).

Celina acudiu:

¹¹⁸¹ [A] senta-te [primeiro]

¹¹⁸² [A] Catarina <reprovara> <a>/no\ Francês <. Por isso> julgava-se mestra [↓ (se ela tinha reprovado...)]

¹¹⁸³ [A] indecente. <Mas> [↑ Mas] Catarina [↑ parecia] acha<v>/r\ a-lhe

¹¹⁸⁴ [A] traduzido <:>/.\ <<sabia até versos inteirinhos.> Fungavam risos...> [↑ Por isso ria-se, ria-se.]

[<-] <Mas>/E\ a /B\ucólica II de Vergílio <fizera-lhe espécie.>

¹¹⁸⁵ [A] não [!]

¹¹⁸⁶ [A] porquê [?]>...<Não sabes?>

¹¹⁸⁷ [D] mulher? [→ e acabou por pedir café com leite?]>...

- Esse verde, gosto de o ver mas é em casacos compridos. Agora em vestidos, não. Um casaco como o da Francelina e que fica bem. Aquele das pregas, que tem assim uma espécie de alamares. Mas em verde...

Albertina corta:

- É verdade: a Amélia?¹¹⁸⁸

- Está a estudar, Porquê?

- Queria dar-lhe uma «novidade».¹¹⁸⁹

- Que é?

- Que foi?

Celina e Catarina somavam «a curiosidade».¹¹⁹⁰ Albertina «ia dar uma gorda nova».¹¹⁹¹

- Afinal aquele «pobre»¹¹⁹² magrizela...

¹¹⁸⁸ [A] <Celina num escrúpulo de limpeza ainda murmurou:

- Deixem lá isso...

Mas Catarina fez uma comparação:

- Já ouviste a história do que queria café se passasse homem e leite se passasse mulher? e que depois teve que beber café com leite?

- Se eu te entendo...

Celina acudiu de novo:

- Deixem lá isso

Albertina encolheu os ombros. Depois indagou:

- A Amélia?>

<[↑ Albertina não>< [Albertina não sabia. E exibia um olhar interrogador. Catarina explodiu <numa> [↑em franca] <gargalhada franca> [↑ gargalhada] que lhe pôs nas faces rechonchudas uma vermelhidão de vinho. Celina segurava-a.

-Ó menina! Que riso! esse!

Mas Catarina teimava:

- Já ouviste a história do que queria café se passasse homem...

- Não p<ou>/ô\de continuar. E o riso rebentou-lhe de novo sonoro e aberto. Celina esperou um pouco e por fim atou:

- Bem mudemos de assunto. Vai-me lá buscar o tal ponto.

<Albertina concordou:> Ando agora a fazer uma camisola em laranja<...>/Viste\

<- Sim é melhor> a da Gracinda? Pois é igual

- Essa camisola fica-lhe mesmo bem com aquela saia xadrês duma fazenda <do> [↑ que tem] Robles. (Albertina gostava da camisola)

- Bem sei! Eu já estive para fazer [↑ também] uma saia. Mas queria arranjar saia e casaco. O casaco só em castanho. Mas a minha costureira <qu>/di\sse-me que agora se usava mais aquele verde aberto e que me ficava melhor... (Catarina verificou>/ara\ que a fazenda xadrês era caríssima) <Celina>

[↑ <↑> Celina acudiu:]

- Esse verde gosto de <o> ver mas é em casacos compridos. Agora em <fa>/ves\tidos não. Um casaco como o da Amélia<...>/é que\ [↑ ficava bem] <a>/A\quele das pregas e <ma>/das\ passadeiras que parecem alamares. Mas em verde...

Albertina corta:

-É verdade: a Amélia? (segue na pag. 63)

¹¹⁸⁹ [A] <novidade> [↑ novidade]

¹¹⁹⁰ [A] as curiosidades.

¹¹⁹¹ [A] <disfrutava-as:> [↑ ia dar uma gorda [↑nova] <novidade>:

¹¹⁹² [A] [↑ pobre]

「- Quem?

- O Rui.¹¹⁹³

- Sim... que foi? Mas... fala baixo.

- Veio a mãe dele. Devia ser a mãe. Ai, meninas! Uma saloiinha... Coitado. Ele até ia envergonhado.

Catarina já aconselhara Amélia. Falaram sério: de facto o rapaz era pobre e um ninguenzito... E lamentaram-no. Assim esqueciam o mal próprio: elas também eram pobres.

Catarina vai ao quarto buscar a amostra da malha de lã.

¹¹⁹³ [A] - Quem?

<- Sim... que foi? Mas... fala baixo.>

- O Rui.

「XII¹¹⁹⁴

「- Então, adeus!¹¹⁹⁵

「- Adeus, jóia!¹¹⁹⁶

Beijaram-se. Rodrigues era lento nas 「despedidas e os seus beijos, fundamente sorvidos, alongavam-se numa sofreguidão insatisfeita.¹¹⁹⁷ 「Conceição gostava dos seus beijos longos.¹¹⁹⁸ De resto tratava-se de um rapaz novo (aparecera-lhe há dois dias) que ainda tinha o viço de um desejo intenso. E parecia rico. (O Rodrigues rico!...)¹¹⁹⁹ E que não 「fosse: era¹²⁰⁰ uma ajuda. 「Sim, que o emprego no cabeleireiro¹²⁰¹ dava pouco. 「Além de tudo o mais, amava muito o Rodrigues. Muito. E nem sabia como aquilo fora.¹²⁰² Passara-lhe em frente da casa algumas vezes... 「Tinha¹²⁰³ apresentação: alto, forte...

A mãe de Conceição adoecera. Fora por isso que a filha não trabalhara naquele sábado.

Rodrigues vai para a Baixa. 「Arejar, caramba! «Diabo de espiga esta...» (Lembra-lhe a mãe¹²⁰⁴ de Conceição gemendo no catre desengonçado, 「a janelita¹²⁰⁵ de vidros partidos, dois frascos numa mesa. 「Um nojo).¹²⁰⁶

「A Baixa. Uma embrulhada de eléctricos que passam uns pelos outros, de carros buzinando, de pacotinhos de compras aos molhos nos passeios. Olhos vítreos em faces lascadas, cigarros chupados às esquinas, ancas papejando sob o gozo deliciado dos olhos que as remiram gulosos. Um borrão de cores que se passam e misturam e

¹¹⁹⁴ [A] [fol. 64] 12

¹¹⁹⁵ [A] - Então adeus!

¹¹⁹⁶ [A] - Adeus joia!

¹¹⁹⁷ [A] despedidas. Tinha beijos muito preguiçosos.

¹¹⁹⁸ [A] <<Mas> [↑ E]> Conceição <não: despachava.> [↑ <ainda não conhecia bem> [↑ gostava dos seus beijos preguiçosos]].

¹¹⁹⁹ [A] <Também se> [↑ De resto] tratava[↑ -se] dum amante novo <.> (<A>/a\parecera-lhe há dois dias...) Mas parecia rico. (O Rodrigues rico[!])...

¹²⁰⁰ [A] fôsse<.>:/\ <E>/e\ra

¹²⁰¹ [A] Sim que o <ofício> [↑ emprêgo] <de cabeleireira> [↑ no cabeleireiro]

¹²⁰² [A] <De resto> [↑ <E> <a>/A\lém <† mais> de tudo o mais] <gostava> [↑ amava] <bastante> [↑ muito] <do>/o\ Rodrigues<.>:/\ [<†mas>] <N>/n\em sabia porquê.> [↑ E nem sabia como aquilo fôra.]

¹²⁰³ [A] <E depois> <t>/T\inha

¹²⁰⁴ [A] <De vez em quando mascara nojos: "Diabo!..."> [↑ Arejar, caramba! <"que> "<d>/D\iabo de espiga esta..."] ([Lembra-lhe <a velhota -> a mã<i>/e\

¹²⁰⁵ [D] <a>/o\ janel<ita>/o\

¹²⁰⁶ [A] E <Rodrigues> sente um indefenido <fastio...> [↑ nojo...D]]

desfazem sob o ruído esparsos que rola pelo canal. De um passeio para o outro, vénias e sorrisos: «Passou bem?» «Tá bom?» «Adeus, pá!»¹²⁰⁷

«Rodrigues vagueava ao sabor do vento, quando reparou em Amélia e Catarina que se desengonçavam no passeio oposto. Mas logo à sua beira, nascida lá do chão, uma voz o despertou»¹²⁰⁸

- Eh! Pá. Ainda bem que te encontro. Ouve lá: que é feito do «Rui»?¹²⁰⁹ Que é que lhe quero?!... Não sabes?... «Hem? Não sabes?... Essa é boa...»¹²¹⁰

Rodrigues encavara os polegares no colete e erguia superiormente o sobrolho:

- Aí vens tu outra vez. São os cem «paus»? São?¹²¹¹ «Homem, já»¹²¹² cheiras mal com essa «gaita!»¹²¹³ Eles aparecerão, que raio!

Ferraz «vergou ao peso das palavras de Rodrigues. E lamuriou uma súplica recolhida»¹²¹⁴

«- Bem... então vê lá... Tu bem sabes que se não andasse teso...»¹²¹⁵

Rodrigues especara-se. Depois afastou-se a passo apressado: tinha visto o Rui. Ferraz descobrira-o também. «(Não valia a pena falar-lhe: o Rodrigues lá lhe diria).»¹²¹⁶

- Sabes quem vi agora?

«Se Ferraz o ouvisse, garantiria decerto:»¹²¹⁷ «vai falar de mim».

- Quem?

- A Amélia e a amiga.

- Ah! «(Deu de ombros).»¹²¹⁸

Já as tinha visto. Quis fingir desdém, mas Rodrigues soubera já de tudo e por isso «gracejou: (Era preciso arejar, caramba!) «afinal quando é que casas com a

¹²⁰⁷ [A] Chegaram á Baixa<:>/\ [↑ E a Baixa era aquela embrulhada dos] eléctricos que se passam uns pelos outros<:>/\ [↑ dos] carros buzinando<:>/\ [↑ dos] pacotinhos <das>/de\ compras. <Há> [↑ Eram os] ociosos <aos molhos> postados nos <:>/\ [↑ os] Olhos vítreos em faces lascadas<:>/\ [↑ os] <C>/c\igarros chupados ás esquinas, [↑ as] ancas [fol. 65] papejando [↑ latejando?], [↑ <devoradas> [↑ gozadas] pelos] olhos [↑ gulosos dos] que as vêem. <Um> [↑ Era aquele] borrão da vida. <Movimento.> [Cumprimentos. A gente tem de ser delicada e cumprimentar] "Passou bem? Tá bom? Adeus pá!" <Rodrigues distribuía cumprimentos.">

¹²⁰⁸ [A] No <">passeio<"> de lá Amélia e Catarina desengonçavam-se nos sapatos empinados.

O Ferraz atalhou<-o> [↑ Rodrigues] com a barriga:

¹²⁰⁹ [A] Rui?...

¹²¹⁰ [A] Ein? não sabes?... Essa <agora...> [é boa...]

¹²¹¹ [A] paus<,>/\ <não?> [São?]

¹²¹² [A] Homem já

¹²¹³ [A] <história!> [↑ gaita!]

¹²¹⁴ [A] enrodilhara-se. <Mas ainda achou despejo:> [↑ E desdobrou palavras de meia-côr:]

¹²¹⁵ [A] - Bem. Então vê lá... <vê lá...> [↑ Tu bem sabes que se eu não <estivesse> [↑ andasse] teso...]

¹²¹⁶ [A] <Mas> <lá> [(l) <n>/N\ão valia a pena falar-lhe: o Rodrigues lá lhe diria)]

¹²¹⁷ [A] [← <Se>] Ferraz <se> [↑ o] ouvisse <Rodrigues> <pensaria:> [↑ garanti<a>/r\ia [decerto]]

¹²¹⁸ [A] <- e encolheu> [↑ (Deu) <os>/de\ ombros.[]]

pequena?» E soprou, negligentemente, o fumo do cigarro, mirando, distraído, as gentes que rolavam à sua beira. Rui não estava para graças. E reagiu. Mas na sua reacção apenas encontrou uma resposta estúpida:

- Ó menino, vai-te quilhar! Hás-de estar sempre a armar em parvo.

Rodrigues não respondeu. E continuou marchando, de venta erguida, brandindo as pernas compridas. Na Baixa também era um castigo para se conversar. A torto e a direito se andava aos empurrões.

Rodrigues vai um pouco à frente. Rui mede-o. Sem querer, começa a ver nele uma espécie de símbolo, qualquer coisa como um porta-voz de todo o mundo. Toda a gente queria dizer que ele era «um trouxa», e servia-se de Rodrigues para o fazer. E Rui podia não ser trouxa. Podia. Bastava um pequeno esforço de vontade. Bastava sentir fortemente que Amélia era mulher. «A mulher é um ser muito complicado». De resto, a vida, a verdadeira vida, não era feita apenas dos longes do sonho. A vida era a sensação. Era o gozo pleno de todos os sentidos em delícia calculada e funda. Era a luta continuada e violenta. «O romance de Fernando». Ele deturpava a vida. Por isso toda a gente se ria dele e lhe chamava trouxa. E o mundo pasmava diante daquele fenómeno.

Rodrigues é alto. Demasiado alto. A natureza descuidara-se com ele e deixara-o crescer pr'a ali. Por isso Rui vê-se embaraçado para lhe perguntar esta coisa simples e desanuviadora: «que tens feito?» Tem de lhe arremessar a pergunta lá de baixo. Pergunta que não fica nada natural. De resto, o Rodrigues vai longe dali.

Mas, pegada ao Rui, vinha ainda a sua voz naquela tola reacção: «vai te quilhar». O Rui não sabe reagir com laracha, reagir com superioridade. Às vezes pensa que essa deficiência provém justamente do muito meditar sobre como reagir.

- Mas afinal que tens tu feito hoje em todo o dia?

Rodrigues pensa na velhota. Ela tossia debilmente através do tapume que separava o seu quarto de Conceição. A vida! Mas Rodrigues compreendia perfeitamente. Perfeitissimamente. Era tudo tão natural...

Compreendia. Porém uma força bruta punha-lhe agora na alma um nojo estranho por aquela música delirante que a velha recebia de outros tempos, através do quarto de Conceição. Música distante. De outros tempos, de outros doutores, de outra vida.

Agora a velha tinha os olhos sumidos. Conceição terá um dia os olhos sumidos. Ou talvez não... Rodrigues assobia. (Esta vida tem de se levar de assobio, não é assim?... Diabo! Está frescote... E eu não trouxe o sobretudo...)

Rui tenta uma vez mais.

- Mas que tens tu feito hoje, afinal?

- Fui ver a miúda (Seco).¹²¹⁹

¹²¹⁹ [A] [↑ gracejou (Era preciso arejar, caramba!) "afinal quando é que casas com a pequena? [↑ sempre casas com a pequena?] <<atanizou-o: "com que en[fol. 66]tão outra vez? Homem deixa aquilo. Até já chateia: era pegar ora largar...">

<Rui sentia as picadas. Tanto mais que os boatos, que corriam acêrca de Amélia perturbavam-no deveras. Um dia dissera-lhe: "mas <tu de facto estás..." Mas envergora-se de acabar. Ela porém rematou: "inteira, limpa? Ó Rui! Estou; juro-t'o"> [↑ afinal <o> que é isso que se diz ... não sei quê,... do Liceu... Ela porém respondeu embargada por soluços : "Ó Rui; juro-te.. Nada é verdade. Nem nunca namorei outro.] (Amélia sabia [d]o que corria a seu respeito: dissera-lh'o uma colega para a "avisar". Por isso <adivinhara> [↑ compreendera] a pergunta de Rui. E fôra franca.)>

Ele agora andava a experimentar. Havia de ver se <a "levava"> [↑ ela era segura,] Claro que tentaria apenas. Só para ver... Talvez que falassem verdade... talvez que não... Ele veria.

- E tu?

Pergunta vaga. Rui precisou:

- ... que fazes, que fizeste, donde vens...

- Rodrigues embarçou-se de novo no catre e nos frascos.

- Fui ver a miúda...

Fernando passava-lhes á ilharga

- Ó menino não te demores muito que são quási horas de jantar

Mas Rodrigues agarrou-os e o galheteiro (Rodrigues era o mais alto) vasculhou a Baixa: o Cruz pedante e oco (chamaram-no), O Vaz das forças e dos futebois; o balofo Justino. Um lente bafiento saía duma Livraria.

- Ó Fernando, tu é que estavas bom para lente.

A Baixa desenrolava-se-lhes. Eles comentavam.

Mas Rui andava dentro de si. A Amélia, a palidez, os outros... Sobretudo a palidez revoltava-o. Por isso é que afinal <era re> [↑ se] irritava tanto. Por isso se fugia. Os sonhos morriam se o achassem doente. Mas um fio de esperança era uma vida barulhenta. Por isso exultava em dias claros; e era boémio. (Assim teria fama) Mas a Snra. Joana tinha medo: "não <ande sem> [↑ andes em] noitadas" Rui explodia irado. Depois arrependia-se: era sempre assim.>

[fol. 66] [<<Se sempre> casas com a pequena?>

Rui sentiu a picada.

<Mas Rodrigues era apenas um símbolo.>

E na sua <primeira> reacção <do>/a\ penas encontro[u] <aquela> [↑ <uma>/esta\] resposta estúpida:

- Ó menino vai-te quillhar!

Rodrigues <<andava>/d\and\lava\>...[↑ sacudia] a perna soprando uma espiral de fumo.

Depois passearam em silêncio. (Na Baixa também era um castigo para conversar... A torto e a direito anda<m>/va\ um indivíduo aos empurrões)

Rodrigues vai um pouco à frente. Rui mede-o. Sem querer começou a ver nele uma espécie de símbolo, qualquer coisa como um porta-voz <sim,> [. ↑ Justamente:] um porta-voz. Um porta-voz de todo o mundo. A vida queria dizer-lhe que [↑ ele] era um trouxa <E>/e\ servia-se do Rodrigues para o fazer. E ele podia não ser trouxa. Podia. Bastava um [↑ pequeno] esforço da vontade. Bastava sentir fortemente que Amélia era mulher. (A mulher <é>/era\ um ser muito complicado). De resto a vida, a verdadeira vida, não era feita apenas dos longes do sonho. A vida era a sensação[.] <e>/E\ra o gôzo pleno de todos os sentidos em delícia calculada e funda. [↑ (O romance de Fernando)] Ele deturpava a vida. Por isso a vida ria-se dele e <achava-o>/chamava-o\ trouxa.

E o mundo pasmava diante daquele fenómeno.

xx

Rodrigues é alto. Demasiado alto. A Natureza descuidara-se com ele e deixara-o crescer <e>/p\`ra ali. Por isso Rui vê-se embaraçado para lhe perguntar <o que tens feito> esta coisa simples: que tens feito? Tem de lhe lançar a pergunta cá de baixo. E [↑ não] fica nada natural. De resto o Rodrigues vai <j> longe dali.

Mas <*pregada>/pegada\ ao Rui vinha [↑ ainda a] sua voz naquela <estúpida> [↑ tôla] reacção: "vai-te quilhar". <E>/O\ Rui não sabe reagir com laracha. Reagir com superioridade. Às vezes pensa que <a>/e\ssa <sua> deficiência provem <afinal> [↑ justamente] do muito meditar sôbre como reagir.

x

xx

- Mas afinal que tens [↑ tu] feito <tu> hoje em todo o dia?

Rodrigues <ia a> pens<ar>/a\ na <m>/v\elhota. Ela tossia dèbilmente através do tapume que separava o seu quarto do de Conceição. A vida<:>/!\ <mas> Rodrigues compreendia perfeitamente. Perfeitíssimamente. Era tudo t<ão>/am\ natural... Compreendia. Mas uma fôrça bruta punha-lhe <naquela hora> [↑ agora na alma] um nojo estranho por aquela música delirante que a velha recebia doutros tempos, através do quarto de Conceição. Música distante. Doutros tempos, doutros doutores, doutra vida. Agora <resistiam à tosse> [↑ tinha apenas] os olhos enterrados. [Conceição terá um dia os olhos enterrados. <E>/Ou\ talvez não...]

Rodrigues assobia (<Devemos percorrer a vida a assobiar,> [↑ <<↑>/↑\> [↑ Esta] vida tem de se levar <a>/de\ assobio] pois não é amigo Rodrigues? ... Diabo! Está frescote... E eu <esqueci-me> [↑ não trouxe] <de>/o\ sobretudo...)

O Rui tenta uma vez mais:

- Mas que tens tu feito hoje, afinal?

<Rodrigues> - Fui ver a miúda (Sêco)

- (O Rodrigues está hoje xato como burro).]

「XIII¹²²⁰

「A senhora Joana viera de gosto.¹²²¹ Ir para 「ao¹²²² pé do seu Rui... A voz roufenha do marido tinha-lhe 「dito, uma vez mais, que aquilo assim não podia continuar.¹²²³

- dívidas e mais dívidas! Onde é que ele se há-de ir cavar? Não se pode, não se pode. Que 「trabalhe!¹²²⁴

- Ó homem! 「Isso era¹²²⁵ o que esta gente invejosa queria.

- Mas que 「me importa cá isso?! Essa é boa!...¹²²⁶

Não importava. 「E a senhora Joana viu, num terror, que o seu antigo sonho ia morrer ali com as palavras do marido.¹²²⁷ 「Via¹²²⁸ o Rui 「pálido, cavando na courela¹²²⁹ ou carregando caixotes numa loja de comércio.

- Com os estudos que tem pode arranjar 「emprego.¹²³⁰

「É¹²³¹ verdade! Um emprego! No Grémio dos Vinhos, na Câmara da Vila, no 「cartório do advogado.¹²³² 「Mas... («Diga-me cá: então o seu Rui¹²³³ já não vai para doutor?»)

Ela teve uma 「ideia que a fez estremecer de alegria:¹²³⁴

- E se eu fosse para Coimbra? Punha pensão...

「O¹²³⁵ Rui não quer que a mãe venha para Coimbra. 「Antes desistir do curso e trabalhar!¹²³⁶ 「Pensa que seria mais humano¹²³⁷ pegar numa enxada e rasgar a terra

¹²²⁰ [A] [fol. 67] 13

¹²²¹ [A] A Snr^a Joana <acabara> [↑ viera] <*em>/de\ gôsto.

¹²²² [A] o

¹²²³ [A] repetido uma vez mais que [↑ aquilo] assim <era>/não\ <impossível> podia continuar:

¹²²⁴ [A] trabalhe.

¹²²⁵ [A] <††>/Isso era\

¹²²⁶ [A] <nos>/me\ importa <a nós[.] <isso>> [↑ cá a mim isso?!]

¹²²⁷ [A] E a Snr^a Joana viu [↑ morrer ali] <aquele> [↑ o seu] sonho antigo <morrer ali> com as palavras de José do Casal.

¹²²⁸ [A] Viu

¹²²⁹ [A] pálido cavando n<o>/a\ <qui> courela

¹²³⁰ [A] um emprêgo.

¹²³¹ [A] <(><Era>/É\

¹²³² [A] escritório do ...

¹²³³ [A] [↑ Mas...] (- <Com que então o doutor> [↑ Diga-me cá: então o seu Rui]

¹²³⁴ [A] idéia:

¹²³⁵ [A] X

XX

<Porque não <aceitara o Rui> [↑ teria o Rui aca] aquela idéia>

O

como qualquer labrego. 「Terra que ele rasgaria com o ódio acumulado desde que se reconheceu nascido pobre e doente.¹²³⁸ 「O que não¹²³⁹ pode tolerar é a ideia de que amanhã tem de dizer aos seus colegas:

- É minha mãe!

A mãe dele. Gorda, de andar pesado e um lenço atando-lhe o queixo papudo.

「Rui¹²⁴⁰ conhecia as mães de alguns colegas. (Senhoras. Chapéu. Piano).

- É minha mãe!

「E os olhos admirados dos outros? «É minha mãe!»¹²⁴¹ E ele não vestia 「mal...¹²⁴² A Amélia 「ia rir-se¹²⁴³ com certeza e havia de ficar envergonhada quando lhe dissessem:

- É a mãe do rapaz que tu namoras.

E todavia Rui sente bem que essa mulher gorda, de andar pesado, trabalha até alta noite. 「Por causa dele.¹²⁴⁴ E 「manda moedas¹²⁴⁵ ao fim do mês para Rui pagar a pensão e tomar café no Pirata. Ela trabalha, ela paga. Ela trabalha, caramba! 「Ela sofre. Por causa dele... E ele não consegue amá-la, ser agradecido,¹²⁴⁶ ter a coragem de passear na rua da cidade de braço dado com 「ela. Não consegue! Não! Não consegue! O defeito não é dele. É da natureza. A natureza fizera-o assim!

Rui não nascera para ser doutor. A sorte deitara-o ao mundo pobre, filho de pais pobres. O seu lugar era lá na terra agarrado a uma enxada, camisa suja, ensopada em suor. Seria feliz. À noite, na taberna, cantaria com os aldeões aquelas tristes canções da fadiga que enchiam a aldeia. Seria capaz de sonhar. De pensar no azul de outros céus. E tudo nele seria natural, sem as retorcidas filosofias do café.

Rui não nascera para ser doutor, que os doutores são filhos de ricos e ele era pobre. Rui deve voltar para o seu meio ou, pelo menos, para um meio mais próximo do seu. Talvez aí se não envergonhe já do lenço que a mãe traz atado sob o queixo papudo. É por tudo isto que escreve:

¹²³⁶ [A] <Preferia>/Antes\ trabalhar.

¹²³⁷ [A] Ele pensa que seria humano

¹²³⁸ [A] <Mas>/Ele\ rasgá-la[↑-ia] com ódio.

¹²³⁹ [A] <Não com <o> [↑ um] ódio lento.> O qu<↑>/e\ <ele> não

¹²⁴⁰ [A] Ele

¹²⁴¹ [A] E a cara aparvalhada dos colegas. [(↑ É minha] Mãe!)

¹²⁴² [A] mal<,>./.\ [↑ <(É minha] Mãe!)>

¹²⁴³ [A] <havia de> [↑ ia]

¹²⁴⁴ [omisso em A]

¹²⁴⁵ [A] manda<-lhe> moedas<.>./.\

¹²⁴⁶ [A] <E tudo> [↑ Ela sofre.] <p>/P\ or causa dele. <*Ama *sem obrigação> ... E ele não consegue amá-la, ser agradecido,

Mãe:

É melhor não vir para Coimbra, porque eu vou deixar de estudar. Quero ver se arranjo emprego em qualquer parte. Seu filho muito amigo

Rui¹²⁴⁷

「O Rodrigues respondeu à senhora Joana que sim, que viesse, pois tudo estava arranjado: casa e hóspedes.

Rodrigues é que tratara da casa e dos hóspedes e Rui seguira-o mole e triste, como um cão doente. Sentia agora, como jamais sentira, que era um covarde e um ingrato.

- Homem, tu és burro! Porque raio não acabas o curso? A tua mãe vem para aí ... São mais dois anos...

O Rodrigues dissera isto com naturalidade. Franzira a testa. E Rodrigues bem sabia que a mãe do Rui era gorda e trazia o lenço a atar-lhe o queixo papudo. Mas

¹²⁴⁷ [A] ela[.] <e de dizer> Não consegue! Não! <Meu Deus> Não consegue!
<A vida toda era madrasta. E ele queria convencer-se de que a vida era boa mãe. Julgava *que era. Ele não devia ter dito nada. [É horrível] <E>/e\le não devia ter *estudado. O estudo era para os ricos. Porque lhe não teriam metido uma enxada nas mãos?

Mãe:

É melhor não vir porque [↑ vou] <deixarei> /*desistir\ de estudar. <Vou>/Quero\ ver se arranjo emprêgo em qualquer parte.

Seu filho

Rui>

[<Às vezes> O defeito não é dele. É da natureza. A Natureza fizera-o assim!

Rui não nascera para ser doutor. A Sorte deitara-o ao mundo pobre, filho de pais pobres. O seu lugar <é>/era\ lá na terra agarrado a uma enxada, camisa suja, ensopada em suor. Seria feliz. À noite na taberna cantaria com os aldeões aquelas tristes canções da fadiga que enchiam a aldeia. Seria capaz de sonhar. De pensar no azul doutros ceus. [E] <t>/T\udo nele seria natural sem a[s] <filosofia> retorcidas filosofias do café.

Rui não nascera para doutor, que os doutores são filhos de ricos e ele era pobre. <Pobre. E sem coragem para se confessar pobre.>

Rui deve voltar para <a>/o\ seu meio ou pelo menos para um meio modesto. Talvez aí se não envergonhe já do lenço que a mãe traz atado <ao>/sob\ o queixo papudo.

É por tudo isto que escreve num postal:

mãe:

É melhor não vir para Coímbra, porque eu vou deixar de estudar. Quero vêr se arranjo emprego em qualquer parte

Seu filho m.to amigo

Rui]

[acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem Volte.]

dissera: «tua mãe vem para aí...» Rodrigues não via inconveniente algum na vinda da senhora Joana.

Rui percebe agora mais nitidamente que é um cobarde e um ingrato. Rui é um cobarde. Um fraco. Ele sente que não tem aquele mínimo de coragem necessário para a luta. (De resto o mundo com Rui? Ele é que julgava. Sim, ele é que julgava. Se estivesse do outro lado, havia de encolher os ombros: «Pbb! Que me interessa cá agora que o tipo seja filho de B ou de C!» Não era Rodrigues o mundo?)

Rui olha o Rodrigues de alto a baixo. E vê-o sempre pairando sobre os problemas da vida com um à-vontade pasmoso. Rui não. Não! Rui é feito de contradição. Um disparatado.

Pois não será uma coisa estúpida aquela vontade forte que ele agora tem de chorar, como qualquer menina histérica?

- Esse jantar ainda demora?¹²⁴⁸

¹²⁴⁸ [A] [fol. 67A]<^X
xx

O Rodrigues respondeu à Snr^a Joana que sim, que viesse. Já tinha arranjado mais dois <rapazes> hóspedes.

Fôra preciso ser duro:

- Homem, tu és burro! Porque raio não acabas o curso? A tua mãe vem para aí ... São mais dois anos...

<E aquela naturalidade do Rodrigues fazia bem mesmo [↑ com] <nos>/os\ insultos> [↑ O Rodrigues falava com uma naturalidade... Rodrigues era um bom mesmo nos insultos.]

Rui fixa o Rodrigues. E sente a idéia vaga de que o Rodrigues é amigo, um amigo equilibrado com o justo sentido da vida.

Rui é um cobarde. E um fraco. Ele sente que <é>/não\ <fraco> [↑ tem] aquele mínimo de coragem necessário para a luta. E o Rodrigues está ali a dizer-lhe com naturalidade: "homem tu és burro! <↑>/A\ tua mãe vem para aí..." Ele disse isto com naturalidade. E Rodrigues sabia bem que a Snr^a Joana era gorda, <de>/e\ usava um lenço atado no queixo papudo... E disse que ela poderia vir...

Rui fixa o Rodrigues. <E tem uma vontade estúpida de chorar> sentido da vida<,>.\ <sem> E não parece.) O mundo é estúpido e ele não <tem> <von>/é\ capaz de lutar com o mundo.

<Rui>

E prefere o desabafo do chôro, como qualquer menina histérica.>

[fol. 67A][O Rodrigues respondeu à Snr^a Joana que sim, que viesse, pois tudo estava arranjado: casa e hóspedes.

O Rodrigues é que <tratara>/tinha\ tratado d<e>/a\ <tudo e> [↑ casa e dos hóspedes.] Rui seguira-o inerte e triste <,>.\ [↑ como um cão.] Sentia agora mais <nitidamente> fortemente que era um cobarde e um ingrato.

- Homem, tu és burro! Porque raio não acabas o curso? A tua mãe vem para aí ... São mais dois anos...

O Rodrigues dissera isto com naturalidade. Franzira a testa. Deitara ao largo aqueles seus braços compridos. E Rodrigues [↑ bem] sabia que a mãe de Rui era gorda e trazia um lenço a atar-lhe o queixo papudo. E dissera: «tua mãe vem para aí...» <Para> Rodrigues não <ha>via <sequer> inconvenien<cia>/te\ algum<a> /na\ vinda da Snr^a Joana.

- É um instante, filho! 「(Vá, rapariga! Mete-me¹²⁴⁹ lenha nesse fogão: Já puseste a mesa?).

Fernando, Vaz, Rui e Rodrigues. A 「senhora¹²⁵⁰ Joana não queria mais hóspedes porque os 「três¹²⁵¹ já davam que fazer. Fernando e Rodrigues eram colegas de curso e o 「Vaz, apesar de chocho, tolerava-se,¹²⁵² 「naquele rabeio teimoso à volta do Fernando.¹²⁵³ Por isso se juntaram. Já o Cruz (e o Cruz suportava-se 「talvez¹²⁵⁴ melhor que o Vaz) 「não encontrara¹²⁵⁵ em casa da 「senhora¹²⁵⁶ Joana aquele mínimo de conforto que julgava indispensável. Por exemplo: nos quartos havia apenas uma cadeira de pau, o catre, 「o lavatório¹²⁵⁷ e a velha mesa de pinho. Faltava o guarda-fatos, faltava o jogo de espelhos para 「o hóspede¹²⁵⁸ se mirar de frente, 「dos lados.¹²⁵⁹ 「Era uma valente estopada.¹²⁶⁰

Comem e discutem. Vaz 「é¹²⁶¹ mole e vagaroso nos argumentos 「tolos¹²⁶² que lhe saem com aperto. Fernando 「esbarra no Rodrigues, que é teimoso e se mete a discutir coisas de que não percebe¹²⁶³ patavina.

Rui <sente> [↑ percebe] agora mais <fortemente> [↑ nitidamente] que <era>/é\ um cobarde e um ingrato. <Rodrigues> <E afinal nem o mundo <o censurara> [↑ se ri<ria>/a\] de [↑ ele] de filho da Snr^a Joana. Não era Rodrigues o mundo?> Rui é um cobarde. <E> <u>/U\m fraco. Ele sente que não tem aquele mínimo de coragem necessário para a luta. (De resto o mundo nem se ria dele. <Mas>/Que\ se importava o mundo com ele? Ele é que julgava. Sim ele é que julgava. Se estivesse do outro lado havia de encolher os ombros «Pbb! Que me interessa cá agora que o tipo seja filho de <A>/B\ ou de /C\!> Não era o Rodrigues o mundo?)

<Tudo isto é nojento.>

Rui olha o Rodrigues de alto a baixo. <Ele> <v>/V\ê-o a pairar sempre sôbre todos os problemas da vida com um à-vontade pasmoso. Rui não. Não! Rui é feito de contradições e de chochices.

Pois não será uma <estupidez> coisa estúpida aquela vontade forte que ele agora tem de chorar como qualquer menina histérica?

x

xx

<- o jantar depressa>

- Esse jantar ainda demora? [com a indicação segue na pág. 68]

¹²⁴⁹ [A] (Vá rapariga; <alimen>/mete\ -me

¹²⁵⁰ [A] Snr^a

¹²⁵¹ [A] <qua> [↑ três]

¹²⁵² [A] Vaz a-pesar-de chocho tolerava-se.

¹²⁵³ [omisso em A]

¹²⁵⁴ [omisso em A]

¹²⁵⁵ [A] já o Cruz não encontrava

¹²⁵⁶ [A] Snr^a

¹²⁵⁷ [A] [↑ o lavatório]

¹²⁵⁸ [omisso em A]

¹²⁵⁹ dos lados...

¹²⁶⁰ [A] Era uma [↑ valente] estopada. [D] <Era> <u>/U\ma <valente> estopada.

¹²⁶¹ [A] <era>/é\

¹²⁶² [A] tolos,

- Eu? Ó menino, mas tu julgas que és um ser superior? Se julgas isso, estou-me...

「Não acabou, porque a senhora Joana assomou à porta.¹²⁶⁴

- A literatura moderna? Uma estupidez... Andam 「aí¹²⁶⁵ vocês a armar que sofrem com os pobres e o diabo a 「quatro...¹²⁶⁶ Qual sofrem nem qual 「carapuça?¹²⁶⁷ O que vocês querem é explorar a desgraça 「dos outros¹²⁶⁸ para fazerem arte com ela. 「Arte... Mas que raio de arte terá a vida de um desgraçado?¹²⁶⁹ 「E, depois, que é que vocês sentem? Que é que vocês remediavam? Isso é uma grande cantiga! Bananas, menino, para tal arte social!¹²⁷⁰

É boa! O Rodrigues nunca tinha dito destas coisas 「tão sérias e, aparentemente, pelo menos, tão verdadeiras!¹²⁷¹ Tanto assim que o Fernando 「se sente embaraçado para lhe¹²⁷² responder. E respondeu uma coisa qualquer para ali:

- A gente o que pretende afinal é... é... (como dizer?) é interpretar, 「traduzir em palavras o que os pobres sentem e¹²⁷³ não podem manifestar... Por consequência (agora já apanhou o fio) a arte não é nossa, propriamente não é 「nossa,¹²⁷⁴ mas deles. De resto nem há arte nenhuma no caso. 「Nem isso se pretende fundamentalmente.¹²⁷⁵ Diz-se o que se sente, o que se 「vê...¹²⁷⁶

Rui comia. Era preciso comer. Já acreditava que não mais engordaria e que dentro dele havia um aspirador que lhe chupava as carnes pelos interstícios dos ossos. Amélia 「dissera-lhe uma vez:¹²⁷⁷ «estás magro, magro. Tu não comes?» Ele 「impou de

¹²⁶³ [A] esbarr<ava>/a\ no Rodrigues que <era>/é\ teimoso e se met<ia>/e\ a discutir coisas de que não perceb<ia>/e\

¹²⁶⁴ [A] [↑ Não <disse>/acabou\ porque] a Snr^a Joana assomava à porta. <Ela servia à mesa <porque> [↑ enquanto] a <miúda> [↑ creadita] [↑ não aprendera] em novata no ofício e a pouco mais se prestava do que aos mandados.>

¹²⁶⁵ [A] para aí

¹²⁶⁶ [A] quatro<.>/...\

¹²⁶⁷ [A] carapuça. [D] <carapuça> [← raio]?

¹²⁶⁸ [A] [↑ do outro]

¹²⁶⁹ [omisso em A]

¹²⁷⁰ [A] Agora sentir? Remediar? Bananas, menino!

¹²⁷¹ [A] tam sérias<.> [↑ e] <T>/t\am verdadeiras!

¹²⁷² [A] <está atrapalhado> [↑ se sente embaraçado] para [↑ lhe]

¹²⁷³ [A] é traduzir <por>/em\ palavras o que os <que f> [↑ pobres sentem e]

¹²⁷⁴ [A] nossa

¹²⁷⁵ [omisso em A]

¹²⁷⁶ [A] vê.

¹²⁷⁷ [A] dizia-lhe às vezes:

valentia:¹²⁷⁸ «Se como? É cada pratada que até parece mal». Depois pensou que
「dizer¹²⁷⁹ isto é que parecia mal: 「«pratada», como qualquer labrego...

「Não estivera com a namorada em todo o dia¹²⁸⁰ e sentia uma saudade funda,
uma vontade estranha de a ver e de ficar-se diante 「dela, mudo e sereno,¹²⁸¹ de sorriso
de êxtase nos lábios... 「Acreditava agora, de novo,¹²⁸² na sua dedicação por Amélia. E
「sentia-a, uma vez mais, junto de si, com a face encostada à sua,¹²⁸³ olhando ambos uma
paisagem infinita 「como a planície ou o mar...¹²⁸⁴ Fernando 「acordou-o:¹²⁸⁵

- Não te parece?

- O quê?

- Isto que eu disse da arte.

- Sei lá bem o que dissesse da arte. Se 「tivesse¹²⁸⁶ tanto que estudar como eu,
「incomodavas-te¹²⁸⁷ menos com isso.

「- Olha¹²⁸⁸ que diabo! Então tu não andas também sempre a fazer versinhos?

「Mas Rui falara da dificuldade de curso e a conversa iria virar-se:¹²⁸⁹

- (Ó pequena, 「traz¹²⁹⁰ mais arroz.

- Dá-me água a mim).

Agora já 「o Rodrigues¹²⁹¹ se encostava ao Fernando.

- As 「Matemáticas? Só o Cálculo, meu caro,¹²⁹² só o Cálculo arrasa!

- O Cálculo... o Cálculo! Vocês enchem 「todos a boca¹²⁹³ com o Cálculo!

「Era¹²⁹⁴ o Vaz. 「Ele, intimamente,¹²⁹⁵ queria dizer mais alguma coisa e dizia na
verdade. 「Foi, decerto, por isso,¹²⁹⁶ que o Rodrigues o desancou:

¹²⁷⁸ [A] fingia-se forte:

¹²⁷⁹ [A] o dizer

¹²⁸⁰ [A] “pratada”... <"Pratada"> <Cheiarava a> [↑ como qualquer] labrego... <e>/E\m todo o dia não
vira a [fol. 69] namorada

¹²⁸¹ [A] dela mudo e sereno

¹²⁸² [A] <↑>/Acreditava\ agora de novo, [D] Acreditava<, > agora de novo<, >

¹²⁸³ [A] sent<e>/ia\ -a uma vez mais junto de si <de>/com\ [↑ a] face encostada à sua [D] sentia-a-<, > uma
vez mais<, > junto de si<, > com a face encostada à sua,

¹²⁸⁴ [A] <... Ele não quiere> [↑ como a planície ou o mar...]

¹²⁸⁵ [A] acorda-o

¹²⁸⁶ [A] tive<ssem>/sses\

¹²⁸⁷ [A] <não> incomodava[s-te]

¹²⁸⁸ [A] - <Então>/Olha\

¹²⁸⁹ [A] [↑ Mas Rui falara de dificuldade de curso e a conversa iria virar-se]

¹²⁹⁰ [A] traz

¹²⁹¹ [A] Rodrigues

¹²⁹² [A] Matemáticas<, meu caro.> [↑ ? Só o cálculo,] meu caro[,]

¹²⁹³ [A] a boca

¹²⁹⁴ [A] <<>Era

¹²⁹⁵ [A] Ele [↑ intimamente] [D] Êle<, > intimamente<, >

- Oh! Mas és tu que falas? 「Tu, o da¹²⁹⁷ «Peneira?» Uma Faculdade onde só há mulheres (Rui 「põe os olhos no¹²⁹⁸ prato). (「A «Peneira» era a alcunha¹²⁹⁹ da Faculdade de Letras). E 「ainda para mais tu, que estás¹³⁰⁰ num curso em que é preciso meter cunhas para 「se chumbar?!¹³⁰¹

Vaz tem a boca atulhada de arroz e não pode esmagar o 「Rodrigues, como é de seu desejo.¹³⁰² Por isso tem de aguentar:

- ... 「um¹³⁰³ curso dos refugiados de Direito. Há tipos que basta 「mudarem¹³⁰⁴ de Direito para Filosóficas para 「irem¹³⁰⁵ a lentes.

- Quem é que foi a lente?

「Agora não pôde¹³⁰⁶ segurar-se. E Rodrigues 「teve de¹³⁰⁷ lhe recomendar:

- Põe lá o guarda-lamas 「(Sacudiu um grão de arroz que lhe atingira a face).¹³⁰⁸

- Quem 「foi,¹³⁰⁹ não sei (o Fernando acorre) mas quem vai, olha, 「vai o Marcos e o Cadinha.¹³¹⁰ 「Tanto um como o outro¹³¹¹ são acanhados. 「De resto, para se ser lente,¹³¹² é preciso ser um tanto ou quanto 「empedernido, impermeável¹³¹³ às belezas da vida... 「Olha, eu estive para ser convidado a doutorar-me. Pois sabes porque desistiram? Porque eu era dado a literatices modernas e esgalhava o meu romance... Grande cambada! Para ser lente é preciso usar sebo arqueológico nas abas do chapéu e do casaco, andar sempre derreado com livros e ser bronco. Podeis ter a certeza. E é que são uns parvalhões! Um dia o Soeiro, que é assistente, quando falou de eu escrever romance, sabeis o que me disse?: «Não se banalize...» Grande besta! Claro que eles não são banais, são aves raras.

Calou-se um instante para logo recomeçar:

¹²⁹⁶ [A] Foi decerto por isso [D] Foi<,> decerto<,> por isso<,>

¹²⁹⁷ [A] <Então> <t>/T\ u o da

¹²⁹⁸ [A] <ergue> [↑ põe] os olhos <d>/n\o

¹²⁹⁹ [A] <A> “Peneira” era o cognome

¹³⁰⁰ [A] <tu> ainda <-> para mais <[↑ tu que] estás> que estás

¹³⁰¹ [A] chumbar...

¹³⁰² [A] Rodrigues como [↑ é seu] desej<aria>/o\.

¹³⁰³ [A] é um

¹³⁰⁴ [A] <de>/mu\darem

¹³⁰⁵ [A] ir[em]

¹³⁰⁶ [A] <(>Agora não pode

¹³⁰⁷ [A] <de>/te\ve de

¹³⁰⁸ [A] (Sacudiu <o>/uns\ grão[s] de arroz que lhe atingira[m] a face)

¹³⁰⁹ [A] foi<?>[.]

¹³¹⁰ [A] <quem> vai o Areosa e o Teive.

¹³¹¹ [A] <De resto> E tanto um como outro

¹³¹² [A] De resto para se ser lente

¹³¹³ [A] burro, impermeável<is>/l\

- Que a mim não me interessa. Mas vê tu a estupidez destes tipos: amesquinham a arte literária e afinal os artistas... Enfim, a posteridade encarrega-se de fazer justiça.

Rodrigues sacudiu:

- Descansa, Fernando. Terás o teu monumento, a tua coroa zinha de louros.

- Mas é que as coisas 「são assim, mesmo.¹³¹⁴ Não falo por mim, mas as coisas são assim.

- Pois são... E se não tiveres louros, não te aflijas. Como é que se diz no Leão?

「Mais vale¹³¹⁵ merecê-los sem os ter

Que possuí-los sem os merecer.

Os louros, claro.¹³¹⁶

「Fernando, compenetrado das verdades que dizia, apoucou ainda mais¹³¹⁷ o valor intelectual do lente. Afirmou 「que¹³¹⁸ o professor universitário é uma espécie de 「fóssil, um bruto que estacou, firme como rocha, nos conhecimentos enfardelados, à pressa, para o exame de doutoramento.¹³¹⁹ Rodrigues e Rui acham 「esplêndido¹³²⁰ que o Fernando faça as despesas da conversa enquanto 「comem.¹³²¹ Fernando, por seu turno, 「sente-se bem,¹³²² divagando pelos seus altos pontos de vista. 「«Também querias ser lente! Por isso grunhes» - pensou o Rui. Ou o Rodrigues.¹³²³

¹³²⁴O jantar findara e a 「senhora¹³²⁵ Joana avisou:

- Ó Rui, não vás embora sem 「vires aqui¹³²⁶ dentro.

Cigarros ardendo. Sobretudos. Rui 「vai à cozinha:¹³²⁷

- Que é?

¹³¹⁴ [D] são assim<,> mesmo.

¹³¹⁵ [C] <Mais vale> [↑ melhor é]

¹³¹⁶ [omisso em A] (- Gaita para as filosofias deste gajo. Tem a mania de que é culto, pensou <(ou o) Rui ou o Rodrigues)

¹³¹⁷ [A] Fernando continuou ainda a dissertar sobre

¹³¹⁸ [A] <vagamente> que

¹³¹⁹ [A] fóssil que encalhou <nos conhecime> no rol de conhecimentos ensacados para o [↑ exame de] doutoramento. [D] enfardelados<,> à pressa<,>

¹³²⁰ [A] <esplêndido> [↑ explêndido]

¹³²¹ [A] eles comem.

¹³²² [A] sente-se bem

¹³²³ [omisso em A]

¹³²⁴ [A fol. 70]

¹³²⁵ [A] Snr^a

¹³²⁶ [A] [↑ vires] aqui <vires>

¹³²⁷ [A] <fica só e pergunta:> [↑ vai à cozinha:]

- Era para lewares este cesto à camioneta. São umas coisas para 「teu¹³²⁸ pai.
「Depois mandava-o outra vez para cá com feijão...¹³²⁹

(Feijão, cestos, feijão... Tudo tão chato, 「tão¹³³⁰ prosaico... Mas o que 「mais¹³³¹
o incomodava era a ideia de que tinha de ir à Baixa com o cabaz. Cá estava a
「espiga.¹³³² Se a 「mãe¹³³³ não tivesse vindo, já não era nada disto. Quem o visse de
「cesto, como qualquer magala,¹³³⁴ havia de achar-lhe um piadão. 「Tinha por isso de
evitar as ruas concorridas e de disfarçar o cabaz debaixo da capa, convenientemente
enrolada, de modo que lhe ocultasse¹³³⁵ o rosto magro.

Saiu. A lua nadava 「no mar manso do céu e em todas as coisas caía uma
lassidão de sonho que a neblina subtil espalhava.¹³³⁶ Só os eléctricos 「quebravam o
sossego,¹³³⁷ enchendo a Avenida de gemidos. Rui tem na sua frente um trajecto
interminável a 「percorrer,¹³³⁸ e pela primeira vez 「maldiz a ideia de terem arranjado
casa em Montarroio,¹³³⁹ longe da Baixa, longe da Alta (sobretudo longe da paragem da
camioneta). A garota tinha de aprender o caminho 「para¹³⁴⁰ trazer ela os 「cestos.¹³⁴¹
Mas a mãe pensava que lhe roubavam a 「criada, se a deixasse ir à rua.¹³⁴² Como se
「todos os homens andassem a ganir com¹³⁴³ falta de mulheres...

A camioneta.

- ... para fazer o favor de entregar em 「S. Romão, na outra camioneta.¹³⁴⁴

- São vinte e cinco tostões.

(«Bolas! A mãe só lhe dera dois escudos! Lá tinha 「ele de pôr mais¹³⁴⁵ uma
coroa...»)

¹³²⁸ [A] o teu

¹³²⁹ [A] <E ele> <d>/D\epois [↑ <o>] manda<*ria-o>/va-↑ o]outra vez com feijão...

¹³³⁰ [A] <↑>/tam\

¹³³¹ [A] [↑ mais]

¹³³² [A] <gaita>/espiga\.

¹³³³ [A] mã<i>/e\

¹³³⁴ [A] cesto como qualquer magala impedido,

¹³³⁵ [A] <<E todavia> Procuraria> [↑ Tinha por isso de] evitar as ruas concorridas e disfarçar o cesto
debaixo da capa<.>/\ convenientemente enrolada de forma a ocultar-lhe

¹³³⁶ [A] [↑ no] <num>/mar\ [↑ manso do] ceu <manso> e [↑ <caía>] <sôbre>/em\ tôdas as coisas [↑ caía]
uma lassidão de sonho que o nevoeiro [↑ débil] espalhava.

¹³³⁷ [A] <roubavam> [↑ quebravam] o sossêgo

¹³³⁸ [A] percorrer

¹³³⁹ [A] maldisse a idéia de arranjar [↑ a] casa para Montarroio,

¹³⁴⁰ [A] <e>/para\

¹³⁴¹ [A] cestos<.>/...\

¹³⁴² [A] criada se a deixasse andar na rua...

¹³⁴³ [A] o mundo inteiro <andasse com> [↑ tivesse]

¹³⁴⁴ [A] S. Romão [omisso em A]

¹³⁴⁵ [A] [↑ ele] de pôr <ele> [↑ mais]

Em vez de voltar já para casa, Rui prefere vir até à Alta, porque o Rodrigues ainda deve estar no café do Jesuíta, atracado ao velho cálice da «rija». De resto passaria pela casa de Amélia. Se ela estivesse à janela... Mas àquela hora não era 「fácil」.¹³⁴⁶ Com a subida da calçada, Rui começa a esquecer-se do Rodrigues e de 「Amélia」,¹³⁴⁷ para pensar apenas 「no cansaço que vai sentir quando tiver chegado」¹³⁴⁸ à Alta. Em Coimbra era assim: não se podiam dar dois passos 「que se não subisse ou descesse」.¹³⁴⁹ (Aquele piada do ministro que queria todas as ruas a descer, 「era」¹³⁵⁰ boa...)

A casa de 「Amélia」.¹³⁵¹ 「Mas」,¹³⁵² das janelas fechadas, nem 「luz」¹³⁵³ saía. É verdade: porque não há-de Rui bater à porta? Haverá mal nisso? Se há tanto indivíduo que namora àquela hora. 「«Não o gargarejo, que isso incomoda e é ridículo」」.¹³⁵⁴ E Amélia havia de gostar 「de o ver, depois de tanto tempo de separação」.¹³⁵⁵

Bateu. 「Ela perguntou」.¹³⁵⁶

- Quem é?

「Tanto」¹³⁵⁷ melhor ser ela a perguntar 「«quem é?»」¹³⁵⁸ Se fosse a 「patroa」,¹³⁵⁹ teria de pedir-lhe: «podia fazer o favor de chamar a D. Amélia?» E talvez ela 「o despedisse: «não está」」.¹³⁶⁰

Fora melhor assim. Agora nem precisava de dizer quem era. Bastava mostrar-se. 「Amélia」¹³⁶¹ porém insistiu:

- Quem é?

¹³⁶²- Eu...

「Resposta acanhada, de colegial」.¹³⁶³ 「Por que」¹³⁶⁴ raio não havia ele de ter respondido francamente, galhardamente, com 「graça até?»¹³⁶⁵ 「Podia, por exemplo」,¹³⁶⁶

¹³⁴⁶ [A] <*natural>/fácil\.

¹³⁴⁷ [A] Amélia

¹³⁴⁸ [A] n<a>/o\ <disposição> [↑ cansaço] que <p>/v\ai <ter>/sen\tir para <subir> chegar

¹³⁴⁹ [A] <que não fôsse> sem subir ou descer.

¹³⁵⁰ [A] <é>/era\

¹³⁵¹ [A] Amélia era ali.

¹³⁵² [A] Mas

¹³⁵³ [A] <a> luz

¹³⁵⁴ [A] hora... [↑ (Não o gargarejo, que <o> isso o incomodava)

¹³⁵⁵ [A] <de vê-lo> de o ver depois de tanto tempo.

¹³⁵⁶ [A] El<e>/a\ perguntou:

¹³⁵⁷ [A] <(> Tanto

¹³⁵⁸ [A] “quem é”.

¹³⁵⁹ [A] patroa

¹³⁶⁰ [A] <retorquisse que:> [↑ <ela>/o\ despedisse: “não está.”]

¹³⁶¹ [A] <Ela>/Amé\lia

¹³⁶² [A] [fol. 71]

¹³⁶³ [A] Foi uma resposta acanhada <de menino> de colegial.

¹³⁶⁴ [A] Porque

ter dito: «um polícia» ou qualquer outra coisa. (「Sim,¹³⁶⁷ que essa do «polícia» também não tinha grande piada...)

Amélia veio abrir a porta:

- Boa noite. Entra.

Apertaram as mãos. Uma ideia varou o cérebro de Rui e fê-lo 「estremecer, pregando-o ao chão.¹³⁶⁸

- Estás a tremer... que tens?

Foi um gume de frio. Rui procurou ainda uma resposta, mas Amélia antecipou-se-lhe com um convite natural:

「- Anda, entra,¹³⁶⁹ que está frio.

- Está frescote, está...

Ela a mandá-lo 「entrar.¹³⁷⁰ Todo o problema se lhe apresentava agora sob aquele aspecto que ele não costumava ver, que ele 「costumava não¹³⁷¹ querer ver: Amélia era mulher. Mas o que 「Rui¹³⁷² não conseguia 「entender bem¹³⁷³ era aquela naturalidade com que Amélia se 「mostrava¹³⁷⁴ mulher, mulher feita de carne, mulher que espera o abraço fecundo do 「homem,¹³⁷⁵ com a mesma necessidade consciente e justificada com que se espera a luz ou o pão.

Ela mandara-o entrar. Se Rui 「quisesse.¹³⁷⁶ Sim se ele quisesse... O nó dum abraço, um beijo 「prolongado¹³⁷⁷ e pronto. Mas ela não esperava o abraço 「de¹³⁷⁸ Rui nem o seu 「beijo,¹³⁷⁹ e empurrou-o docemente:

- Sobe.

Depois indagou:

-... mas afinal porque vieste tu a estas horas?

¹³⁶⁵ [A] graça?

¹³⁶⁶ [A] Podia por exemplo

¹³⁶⁷ [A] Sim

¹³⁶⁸ [A] estremecer. <E fê-lo> prega<vam>/ndo\[\↑ -o] ao chão.<†>

¹³⁶⁹ [A] - Anda entra

¹³⁷⁰ [A] entrar...

¹³⁷¹ [A] não costumava

¹³⁷² [A] <o>/R\ui

¹³⁷³ [A] <ent> compreender

¹³⁷⁴ [A] mostra

¹³⁷⁵ [A] homem

¹³⁷⁶ [A] quisesse...

¹³⁷⁷ [A] prolongado...

¹³⁷⁸ [A] <†> de

¹³⁷⁹ [A] beijo

「Não¹³⁸⁰ era costume: Rui falava-lhe sempre de 「dia.¹³⁸¹ 「Ele, porém, não necessitou de procurar resposta, porque a tinha desde o jantar.¹³⁸²

- Tinha-te 「saudades...¹³⁸³ (「disse isto com os olhos moribundos e um tom¹³⁸⁴ de voz dengoso). Ela sorriu:

- ... fizeste bem.

Tinham entrado na sala. No clarão da porta que ficara entreaberta, a patroa 「passou¹³⁸⁵ a resmonear 「uns¹³⁸⁶ sons ininteligíveis. Rui e Amélia tinham-se calado um 「pouco,¹³⁸⁷ olhando-se nos olhos, no fundo dos olhos. As mãos tinham-se pegado inconscientemente e 「agora ambos se contemplavam mais de perto.¹³⁸⁸ Todo o rosto 「de um e de outro se perdia no brilho dos olhos, que tomavam grandes proporções,¹³⁸⁹ alargando-se para além das faces e da 「boca. Olhos enormes que só voltaram ao tamanho natural, depois de beijos fundos. Falaram.¹³⁹⁰ Amélia sobretudo 「falou:¹³⁹¹

- Fui à Baixa... estive com a Celina e disse-me que o Justino 「tal, etc, tu já sabes.¹³⁹² 「Tenho um fato de saia xadrez a fazer. Falaram-me de ti...¹³⁹³ Já há dias.

- Quem?

- A Catarina. Disse-me que veio a tua mãe.

(A mãe. Gorda. Andar pesado e lenço 「atando¹³⁹⁴ o queixo 「papudo):¹³⁹⁵ Rui corou e empurrou a conversa:

- Sim. E que mais?

- Mais nada, pronto. Agora diz lá tu...

E Rui dizia. Pensara nela... Tinha muito que estudar... E 「pronto: daqui¹³⁹⁶ não arrancava. 「Causava-lhe¹³⁹⁷ desespero aquela 「dura¹³⁹⁸ impotência para conversar.

¹³⁸⁰ [A] (Não

¹³⁸¹ [A] dia).

¹³⁸² [A] Ele porém não necessitou de <procurar> procurar a resposta porque a <formulara já ao> [↑ tinha já desde o] jantar:

¹³⁸³ saüdade...

¹³⁸⁴ [A] <suas> disse isto com <os> olhos moribudos e <um tom> [↑ um tom]

¹³⁸⁵ [A] passou,

¹³⁸⁶ [A] <uns>

¹³⁸⁷ [A] pouco

¹³⁸⁸ [A] <agora> [↑ eles] olhavam-se [↑ agora] <de> mais [↑ de] perto.

¹³⁸⁹ [A] dum e doutro se <↑>/per\dia no brilho dos olhos que tomavam grandes proporções

¹³⁹⁰ [A] boca<.>/\ [↑ só voltando ao seu tamanho natural] <E só> depois do beijo <rápido> fundo <os olhos voltavam.> [↑ que os assimilou.] <Depois> <↑>/F\alaram.

¹³⁹¹ [A] falava:

¹³⁹² [A] tal etc, tu já sabes, <

¹³⁹³ [A] <↑>/Tenho\ um fato de saia xadrês a fazer. Falaram-me de ti...

¹³⁹⁴ [A] atando-lhe

¹³⁹⁵ [A] papudo).

¹³⁹⁶ [A] pronto. Daqui

「Junto das outras,¹³⁹⁹ tinha sempre uma fieira de coisas a dizer. Mas 「ao pé de¹⁴⁰⁰ Amélia era um penedo. E para ali 「estava,¹⁴⁰¹ entupido, olhando-a, olhando-a, 「remirando-a, sorrindo.¹⁴⁰² Tinha-se esquecido da ideia que o 「trespassara,¹⁴⁰³ quando entrava em casa da namorada. Tinha-se esquecido. E o 「beijo¹⁴⁰⁴ que o unira a ela não fora calculado nem intencional. Mas 「agora, que a beijava de novo,¹⁴⁰⁵ essa ideia regressava-lhe à mente com teimosia. Tomou conta de si mesmo e os seus olhos 「abriram-se, olhando os dela fechados.¹⁴⁰⁶ Suas mãos correram ao longo do corpo de Amélia e quebraram-no pela cinta, 「suavemente.¹⁴⁰⁷ 「O¹⁴⁰⁸ sofá... Ela tinha a leveza 「de uma pena de ave e à volta de Rui pairava uma tontura de perfumes e sedas...¹⁴⁰⁹

「O *rouge*, como noutros dias,¹⁴¹⁰ fugia agora das faces 「tenras¹⁴¹¹ e deixava a nu a 「carne forte de uma mulher sã.¹⁴¹² Rui tremia... A vida...

Mas uma forte mola 「de aço¹⁴¹³ pinchou dentro dele e fê-lo pular. Sentiu-se reles, 「envergonhado de si mesmo,¹⁴¹⁴ e um arrependimento sincero pôs-lhe nos olhos um ardume de lágrimas. 「Corria-lhe a alma um dó que o esmagava de tristeza.¹⁴¹⁵ 「Por isso se lembrou de pedir¹⁴¹⁶ perdão. (De quê? 「Se ele, afinal,¹⁴¹⁷ não tinha de quê...) Via-se preso 「de um¹⁴¹⁸ embaraço horrível 「e a custo despregou os¹⁴¹⁹ olhos do chão para os poisar em Amélia. Ela tinha o braço sobre os olhos e a cabeça levemente

¹³⁹⁷ [A] Causa<r>/v\ a-lhe

¹³⁹⁸ [A] [↑ sua]

¹³⁹⁹ [A] Era curioso: <que> para as outras

¹⁴⁰⁰ [A] junto [fol. 72-75] de

¹⁴⁰¹ [A] estava

¹⁴⁰² [A] sorrindo...

¹⁴⁰³ [A] <vasava>/trespas\sava

¹⁴⁰⁴ [A] <a>/o\ <atração> beijo

¹⁴⁰⁵ [A] agora que a beijava de novo,

¹⁴⁰⁶ [A] abriram-se olhando os olhos [↑ dela] fechados [...] <dela.>

¹⁴⁰⁷ [A] levemente, suavemente...

¹⁴⁰⁸ [A] <El>/O\

¹⁴⁰⁹ [A] duma pena de ave <...>/e à\ <sua> volta [↑ de Rui] pairava um[a] <enaltecimento> <tontura> [↑ tontura] de perfumes e sêdas...

¹⁴¹⁰ [A] O <carmim>/rouge\, como no[↑utros] dias[s],

¹⁴¹¹ [A] [↑ tenras]

¹⁴¹² [A] <face de rouge.> [↑ carne] forte duma mulher.

¹⁴¹³ [omisso A]

¹⁴¹⁴ [A] sentiu-se vil

¹⁴¹⁵ [omisso A]

¹⁴¹⁶ [A] E quis pedir-lhe

¹⁴¹⁷ [A] A falar verdade,

¹⁴¹⁸ [A] dum

¹⁴¹⁹ [A] <e [↑ a custo] seus olhos pregavam-se no chão> e a custo despregou os

tombada. Poisara-lhe nas faces um outro *rouge* 「mais¹⁴²⁰ carregado. Feia. O cabelo 「decomposto.¹⁴²¹ Brutalmente feia... Rui teve-lhe asco.

A luz da sala redobrava de intensidade. E berrava para todos os cantos do mundo o cabelo descomposto de Amélia e o seu *rouge* carregado. Por isso ela tapava os olhos com o braço...

「Sobre a terra escalavrada, nunca mais as árvores se balouçaram. Nunca mais. E a flor débil morreu sobre a rocha em que nascera.

Canta,
Virgem de carne fresca e moça
Como a relva dos prados
Onde os novinhos brincam...
Virgem, canta!
Nesta angustiosa tarde
Que estendeu o dia não se sabe como
E levou os olhos destes homens fortes
E o fumo branco
Dos casais dispersos...
Canta,
Menina pura
De carne branca e linda!

Na curva larga do céu rolos de nuvens espessas toldaram a velha canção. E o vento calou-se. Por isso não veio o eco da canção que se perdeu.

Vieram ladrões de olhar torvo enquanto o uivo dos cães ecoava pela noite e a lua subia ao céu. Tranças lhe rolavam pelos ombros modelados. E sobre o leito de lírios, de olhos semi-cerrados, ela falou de outras terras, de outro azul, do requebro de outras

¹⁴²⁰ [A] muito

¹⁴²¹ [A] descomposto.

ondas. Era uma voz estranha riscada de sons agudos como lâminas. Ela falou... Numa voz desconhecida.

O Rui tem diante de si o sexto cálice de cachaça.¹⁴²²

¹⁴²²[A] X

XX

As canções não morrem nunca no céu. E o céu cobre toda a terra e vê toda a terra... Só às vezes as nuvens tapam as canções do céu e fecham a terra em si mesm<o>/a\ . E nesses dias, e nessas noites o vento traz as canções perdidas...

X

XX

É bom fugir da rua húmida e fixar-se junto das estrelas onde a canção não morre... Onde não há o grito estridente do sol nem noite... Onde ficaram os sonhos da humanidade inteira <...>/, \ para [↑ que] toda a humanidade os veja... E os sonhe...

X

XX

O <Rodrigues>/Rui\ tem diante de si o qu<arto>/into\ cálice de cachaça...

[x

xx

Sobre a terra escalavrada, nunca mais [↑ <oh! nunca mais>] as árvores se balouçaram. <Nunca mais.> [↑ Nunca mais.] E a flor débil morreu <<ao> /de\ <sôpro> secura dêsse vento que lá de longe soprou. onde no> [↑ sobre a rocha em] que <lhe deram.> [↑ nascera.]

<Virgem canta!

Virgem de carne branca

Rolarão talvez depois da curva larga do céu as canções que se perderam.>

<Virgem>/Canta\,

Virgem de carne fresca e moça

como a relva dos prados

onde os novinhos brincam...

Virgem, canta!

<D>/Na\ cur/v\ a larga do céu <as canções que se perderam> [↑ rolos de] nuvens espessas toldaram a velha canção. E o vento se calou. Por isso não veio o eco da canção que se perdeu.

x

xx

Vieram ladrões de olhar torvo enquanto os cães uivavam e a lua subia [a]o <ar...>/céu.\ Tranças. <derramadas <cobriam->lhe [↑ cobriam] <membros> os seus mem-> lhe rolavam pelos ombros modelados. E sobre o seu leito de lírios, de olhos semi-cerrados ela falou de outras terras de outros mares, do requebro de outras ondas. Era uma voz estranha cheia de sons agudos <que retalhavam> como lâminas. Ela falou... Numa voz desconhecida. Tanto...

X

pelos seios, lisos redondos e duros. Sua boca de veludo não chorou.]

「XIV¹⁴²³

Domingo preguiçoso. 「 (A cidade acorda tarde).¹⁴²⁴ 「O sol chalhava, esfuzilando¹⁴²⁵ pelas frinchas do quarto. Rui abrira os olhos, mas aquela espada de luz a espetar-lhe a parede irritou-o. Já tinha dito à mãe: «「Mas por que¹⁴²⁶ diacho não 「manda,¹⁴²⁷ compor isto?» Ela embrulhara-se: «pois sim, meu filho, há-de-se arranjar 「tudo». ¹⁴²⁸

「Do relógio da torre, sonoras e amplas, tombavam¹⁴²⁹ as 10 horas. Rui virou-se. Agora fitava a cal estilhaçada, mas as coisas navegavam-lhe 「inconscientemente¹⁴³⁰ no cérebro: havia baloiços, subidas e 「descidas.¹⁴³¹ Num repelão 「esticou-se, e enquanto enfiava as meias entre bocejos, Amélia surgiu-lhe, de novo, tal qual a vira na véspera: perfumes, nojo, a realidade...¹⁴³² Chegara ao fim, ou quase ao 「fim.¹⁴³³ Pronto; estava provado: «se casasse com 「ela, era aquela velha»...¹⁴³⁴ Aí voltava a chulice do Rodrigues. Mas 「se¹⁴³⁵ era verdade...

「Abriu as janelas e um vento fresco se vazou.¹⁴³⁶ O sol rebrilhava. 「Rui, pregado ao chão, começou¹⁴³⁷ a meditar. (Aqueles constantes meditações eram afinal um 「vício).¹⁴³⁸ No 「telhado, em frente,¹⁴³⁹ dois pombos arrulhavam. Debicam-se. Rui apanha-os e fixa-os. A pomba é débil e o pombo 「orgulha-se,¹⁴⁴⁰ entumecido. Mas ela 「erguera-se-lhe¹⁴⁴¹ subtil; ele humilha-se, volteia. Há naquele intróito a intrujice

¹⁴²³ [A] I4

¹⁴²⁴ [A] [(A cidade acorda tarde.)]

¹⁴²⁵ [A] <A luz >/O Sol\ <charlava> [↑ pardalejava] esfusian<do>/te\

¹⁴²⁶ [A] mas porque

¹⁴²⁷ [A] manda

¹⁴²⁸ [A] tudo.»

¹⁴²⁹ [A] O relógio da torre despedia

¹⁴³⁰ [A] [↑ inconsistentemente]

¹⁴³¹ [A] descidas <inconsistentes>.

¹⁴³² [A] esticou-se <: estava livre.> [↑ e enquanto enfiava as meias entre bocejos <Um bocejo e buscou as meias.> Amélia, <porém surgia:> [↑ surgiu-lhe de novo tal qual a vira na véspera:] perfumes, nojo, [↑ a] realidade<s>.

¹⁴³³ [A] fim...

¹⁴³⁴ [A] ela era aquela velha..."

¹⁴³⁵ [A] [↑ se]

¹⁴³⁶ [A] Abriu as janelas e um vento fresco vasou-se. [C] Abriu as janelas <e>/a\ um vento fresco[.] <se vazou.>

¹⁴³⁷ [A] Rui espetara-se a meditar.

¹⁴³⁸ [A] vício.)

¹⁴³⁹ [A] telhado em frente

¹⁴⁴⁰ [A] orgulha-se

¹⁴⁴¹ [A] esgueira-se-lhe

humana: a 「táctica¹⁴⁴² é a mesma (Rui 「assim o pensa).¹⁴⁴³ Mas a pomba cede. 「(Como sempre...)¹⁴⁴⁴ 「Porém¹⁴⁴⁵ os seus olhitos não estão incendiados como os do pombo. Parece calma. 「Amélia? ...¹⁴⁴⁶ (Rui faz confrontos). Mas o pombo chega à tristeza final. Espaneja-se e esquece. É assim: o pombo esquece. Cumpriu a missão. Rui 「desesperava-se;¹⁴⁴⁷ ele não; ele não esquecera. Fervia-lhe no cérebro a cena da véspera: 「perfume... seda lisa... se ele tivesse querido).¹⁴⁴⁸ Sentia-se triste. 「Agora¹⁴⁴⁹ já não havia mais nada. É-se feliz enquanto se quer, enquanto se duvida.... 「Quando¹⁴⁵⁰ este querer alcança, quando a dúvida se desfaz, pronto. Felizes os 「pombos!¹⁴⁵¹

.....
Ó minha esguia andorinha

Rodrigues trovejava. Logo que acordasse tinha de 「«gorjear».¹⁴⁵² Mas a culpa não era dele: a culpa era do Vaz. O Vaz era um imbecil; dissera-lhe que tinha boa voz...

Toma 「lá,¹⁴⁵³ faz o teu ninho
Na minha capa velhinha...

Rui socou a taipa que os separava:
- Cala lá a buzina!

¹⁴⁴² [A] táctica

¹⁴⁴³ [A] pensa nisso)

¹⁴⁴⁴ [A] (É sempre assim.)

¹⁴⁴⁵ [A] <Agacha-se e> [↑ Porém]

¹⁴⁴⁶ [A] <E> Amélia<?>...

¹⁴⁴⁷ [A] desesperava-se:

¹⁴⁴⁸ [A] perfumes<,>[↑ ...] <rendas> [↑ <perfumes>/sedas\]... se ele tivesse querido... (Para Rui porém tudo se passava como se tivesse querido de facto). Às vezes associavam-se o desejo e a repulsa.

¹⁴⁴⁹ [A] Agora...

¹⁴⁵⁰ [A] quando

¹⁴⁵¹ [A] pombos.

¹⁴⁵² [A] «gorjear».

¹⁴⁵³ [A] lá

Também eram dias. Às vezes aturava-o; gostava até de o ouvir. E o Rodrigues, enfim, «lá a voz»¹⁴⁵⁴ não tinha, mas sentimento... «De resto»,¹⁴⁵⁵ o violão não ajudava: velho e cansado, dava às cordas apenas um vago som de chocalho.¹⁴⁵⁶ Bastava recordar aquela história da «serenata na noite de nevoeiro»¹⁴⁵⁷ (Rui atava o nó da gravata). Fora um desastre. A Amélia falara nisso... A Amélia! Aí voltava a Amélia! Mas não admira: a serenata tinha sido para ela. E ele (parvo) a julgar que ela gostava. Ela... Do que ela gosta é... Mas Amélia tivera razão: O Rodrigues não cantara bem. «O Rodrigues...»¹⁴⁵⁸ é verdade, ainda não dissera nada ao Rodrigues. Ele havia de querer saber. «De resto»,¹⁴⁵⁹ ia dar-lhe razão, porque Rui diria: «é claro, agora continuo, mas venho a acabar depressa; é só arranjar «um motivozito»».¹⁴⁶⁰ «TU?» Já estava a ver o Rodrigues: «tu?»¹⁴⁶¹ acabares? Julgas que acredito?» Rodrigues era «céptico».¹⁴⁶² E tinha razão: Rui era flexível, demasiado dobradiço. «Andas sempre a dizer que largas, que largas, e afinal...»¹⁴⁶³

Rodrigues tinha «muita razão».¹⁴⁶⁴ Ah! «Mas»¹⁴⁶⁵ agora largaria. E tinha pena. Também foi capricho de quem fez os homens. (Pensou nos pombos). «Sempre foi capricho... Porque é que os homens se haviam «de sentir»¹⁴⁶⁶ tristes com a visão nua da realidade?»

A Amélia... quem diria? Afinal era verdade: Amélia cedia. Ele é que fora burro. Não via logo? Ao menos podia ter «gozado».¹⁴⁶⁷ Se alguém soubesse do sucedido, havia de chamar-lhe nomes feios... «Mas amava-a».¹⁴⁶⁸ Quando se ama não se pode ser burro. Quem ama não é responsável.

- Abre lá isto!

¹⁴⁵⁴ [A] lá voz

¹⁴⁵⁵ [A] De resto

¹⁴⁵⁶ [A] era velho.

¹⁴⁵⁷ [A] serenata.

¹⁴⁵⁸ [A] O Rodrigues... <o Rodrigues...>

¹⁴⁵⁹ [A] De resto

¹⁴⁶⁰ [D] um motivo<zito>».

¹⁴⁶¹ [A] «tu? E havia de espetar aquele dedo enorme: "tu?"

¹⁴⁶² [A] céptico.

¹⁴⁶³ [A] <"Ora pegas, ora largas..." [↑ "Andas sempre a dizer que largas, que larga, e afinal..."

¹⁴⁶⁴ [A] <razão> muita razão.

¹⁴⁶⁵ [A] mas

¹⁴⁶⁶ [A] de <se> sentir

¹⁴⁶⁷ [A] gozado.

¹⁴⁶⁸ [A] Mas não: amava-a

Era o vozeirão do Rodrigues. Rui abriu e 「o companheiro¹⁴⁶⁹ entrou em fumaradas largas.

- Muito fumas; isto faz-te mal.

Rui era sensitivo... 「Aquela advertência sobre o fumo dava-lhe, uma vez mais, um tom chocho de mulherica.¹⁴⁷⁰ Mas não tinha culpa: era 「assim mesmo, franzino,¹⁴⁷¹ delicado por natureza. Porém, Rodrigues arrasou-o:

「- Ora,¹⁴⁷² faz-me mal o 「diabo!¹⁴⁷³ - E num refrão: - Muito gozas; 「isto faz-te pessimamente.¹⁴⁷⁴ 「Olha para esse cadáver! Parece que te desenterraram.¹⁴⁷⁵

Era cruel. Rui não reagiu, engolindo a pilhéria. Depois 「riu,¹⁴⁷⁶ forçado. Era o prelúdio. Contaria tudo ao Rodrigues. Tomaria mesmo ares de quem se fartou e talvez tirasse até uma 「conclusão rasa:¹⁴⁷⁷ «ora mulheres, pbb! 「Há-as¹⁴⁷⁸ aos cardumes».

Mas Rodrigues quebrou-o::

- Então 「quando¹⁴⁷⁹ casas com a pequena?

「Era a velha graça já azeda.¹⁴⁸⁰

Rui ia estostrar. Rodrigues preveniu-se:

「- Homem? Não vês que estou a entrar contigo?¹⁴⁸¹ 「Está-se mesmo a ver que não casas nada. Andas a gozar... E de saúde estás bom, estás gordo...¹⁴⁸²

「Nem chegava a ser desculpa. Mas Rui¹⁴⁸³ conformou-se. Chegou mesmo a dizer: «Sabes que estive lá ontem À noite?»

- Ontem à noite? Ah! 「Conta, conta...¹⁴⁸⁴

Rodrigues parecia reconstituir um crime.

- À noite e...

Sempre contaria. E contou. Rodrigues, enfiado num pijama solto, ouviu-o com pachorra e cigarros. No fim 「concluiu, sério:¹⁴⁸⁵

¹⁴⁶⁹ [A] Rodrigues

¹⁴⁷⁰ [A] Aquele conselho do fumo tornava-o imbecil.

¹⁴⁷¹ [omisso em A]

¹⁴⁷² [A] - Ora

¹⁴⁷³ [A] diabo.

¹⁴⁷⁴ [A] isso faz-te mal.

¹⁴⁷⁵ [omisso em A]

¹⁴⁷⁶ [A] riu

¹⁴⁷⁷ [A] conclusão <:;> [↑ rasa:]

¹⁴⁷⁸ [A] há-as

¹⁴⁷⁹ [A] sempre

¹⁴⁸⁰ [omisso em A]

¹⁴⁸¹ [A] - Homem não vês que estou a gozar?

¹⁴⁸² [omisso em A]

¹⁴⁸³ [A] Era sempre a desculpa. Rui porém

¹⁴⁸⁴ [omisso em A]

- A velha história, 「menino:¹⁴⁸⁶ tu não aproveitaste? Outros 「aproveitarão.¹⁴⁸⁷
Olha, arranja-me mas é uma costureirinha 「ou coisa que o valha. É o melhor, ainda
assim. Eu cá nestas coisas já assentei de vez...
Empedernido, o Rodrigues. E cru.¹⁴⁸⁸

¹⁴⁸⁵ [A] concluiu:

¹⁴⁸⁶ [A] menino;

¹⁴⁸⁷ [A] aproveitarão...

¹⁴⁸⁸ [A] <e verás que não enjoas... > [↑ É o melhor, ainda assim...] <Ah! Ah! Ah!> [↑ Eu cá nestas coisas já assentei de vez...

[<Cruel.> <Empedrenido o Rodrigues. E cru.>/ Empedrenido o Rodrigues. E cru.\]

SEGUNDA PARTE

「A gota
que se esgota,
a clamar no alto mar,
quantos a ouvem, quantos?»¹

¹ [omisso em **A**]

I

「Luísa.² Era branca. Tinha mãos longas. 「FACES menineiras onde o riso cavava duas covinhas.³ 「Muito engraçadas, no dizer do Cruz.⁴ E ria 「muito,⁵ a Luísa. 「Às vezes⁶ o riso era 「nervoso, sacudido.⁷ Luísa tinha então 「medo⁸ de si e 「ficava-se⁹ parva, a pensar: «falta-me uma aduela». 「E tornava a rir. Para trocar de si mesma.¹⁰ Mas 「quase sempre o seu riso tinha a transparência do¹¹ bem. 「Era pequena.¹² 「Olhos azuis, de um azul ténue e doce, e cabelos amarelos tombando-lhe em desalinho sobre os ombros.¹³ 「Quando conversava, todo o corpo franzino de menina doente se punha também a conversar, vibrando como lâmina de aço. E assim, aquela figura delicada teimava em negar, na sua fragilidade, a luta serena e potente que Luísa ia travando. Luta quase impensada contra o mundo injusto que os homens tinham criado.

Luísa. Até mesmo as colegas a achavam diferente de todas as raparigas. E boa. Porque ela tinha um riso transparente onde a inveja se quebrava. Com o tempo.¹⁴

Já era quintanista de 「Letras e por isso usava fitas azuis. Fitas sem um significado que fosse além do da praxe. Era assim: quintanista, fitas. Como a saia e o casaco. Vestido completo: saia, casaco. E fitas.¹⁵

Cruz conhecia-a. 「E, se a conhecia, tinha de tirar dela mais uma certeza que lhe garantisse a utilização palpável da sua vida sonhada. Porque o destino traçou ao Cruz o rumo certo da conquista. Assim ele se declarou:¹⁶

² [A] <Luiza> [↑ Luiza.]

³ [A] Nas faces havia duas covinhas, que o riso cavava.

⁴ [omisso em A]

⁵ [A] muito

⁶ [A] Às <vezes> [↑ vezes]

⁷ [A] nervoso.

⁸ [A] m<e>/ê\do

⁹ [A] ficava-se doente,

¹⁰ [omisso em A]

¹¹ [A] geralmente o riso era transparente como o

¹² [omisso em A]

¹³ [A] <Tinha> [↑ Seus] olhos [↑ eram] azuis [↑ dum azul aguado] e [os] cabelos amarelos [↑ caíam-lhe] em roscas <.> [↑ Sobre os ombros.]

¹⁴ [A] Mexia-se em contracções eléctricas, e fulgia na conversa <trasudante> [↑ tressuando] alegria. Luiza. Achavam-na boa <colega> pequena mesmo as colegas. Tinha um grande poder comunicativo e o á-vontade claro, limpido, <abafava <os> desejos> [↑ sós falava ao espírito] <a>/d\os que <falavam> [↑ conversavam] com ela.

¹⁵ [A] Letras.

- Ora o Cruz para o que lhe havia de dar...

「Ficou triste. Porque António Cruz deveria colher noutras a certeza de que era belo. A estrada era diferente. Cruz devia perceber que se não poderiam encontrar. Porque Luísa não veio para dizer a ninguém que era belo.

Ele embaraçou-se:¹⁷

- É verdade, pode crer. Amo-a e...

「Ridículo. Sim, ele o reconhece no rosto franzido de Luísa, no seu espanto e tristeza. E essa distância, a que Luísa se colocara, fez sentir a António Cruz o fracasso inexplicável do bom talhe do seu corpo másculo, do estilo rectilíneo nas posturas, dos sorrisos que lhe pregueavam cinefilamente uma banda da boca... Ridículo. Não por si, mas por causa de Luísa. Destoava, era o caso. Ela tinha um rumo diferente e não entendia os sorrisos que pregueavam a boca do António Cruz.

Mas animou-o. Para desanuviar:¹⁸

- Você fala comigo quando quiser... 「Somos¹⁹ bons amigos e... 「pronto:²⁰ está bem assim?

Cruz não 「percebia como podia estar bem assim.²¹ Mas concordou. 「Fácil.²²

- ... e desculpe.

「Gentil o Cruz. E para quê? Não reconduzia os sorrisos e o bom talhe ao preço de outras mercados... Luísa rematou, num ²³sorriso franco:

- Ora 「essa!²⁴

Como 「o Cruz,²⁵ outros. Mas Luísa revirava-os e 「quase todos ficavam amigos, de uma amizade franca de camaradas. Ela era mulher. Mas isso não a impedia de roubar à vida, com os outros, a sua útil significação. Todavia alguns não a entenderam e

¹⁶ [A] Um dia chegou a declarar-se-lhe. Ela achou-o oco e sorriu.

¹⁷ [A] (Se o Cruz não fôsse vaidoso, teria pena talvez)

Ele sentiu [↑ que [↑ se] lhe] <es<g>/c\orrega<r-se-lhe>/va> [↑ quebrava] o aprumo:

¹⁸ [A] Era ridículo. Ele que se julgava de bom talhe<. E[↑ le] <aquele>>[↑ que tinha um] estilo rectilíneo nas posturas<.>/?/[...] E <os> sorrisos que lhe arrepanhavam cinefilamente uma banda da boca<.>/?/[...] Era ridículo, francamente... <<Ele> Cruz> [↑ Ele] chegou a pensar nisto.

Luíza estava serena. Conhecía a fatuidade do Cruz, mas animou-o:

¹⁹ [A] somos

²⁰ [A] pronto,

²¹ [A] sabia [↑ ao certo] se estava bem.

²² [omisso em A]

²³ [A] Era gentil o Cruz. Luíza lançou um

²⁴ [A] essa<.>/!\

²⁵ [A] [↑ o] Cruz[,]

chamaram-lhe *sempre virge*, e *zuca*. Nomes que esperavam também uma significação. Depois tudo foi passando, à medida que Luísa mostrava outros caminhos ignorados.²⁶

O Fernando discutia com ela literatura. «Aquilo da literatura era mania do 'Fernando', pensava-se.²⁷ «Ele não percebia nada do assunto, mas queria armar em tipo culto». Luísa julgava-o de outro modo. Maneiras de ver. Um dia, ao sair de uma aula de Literatura Portuguesa, Fernando encontrou-a:

- Então donde é a vinda?

- De uma aula... É verdade, você que anda sempre com literatices... Sabe que fui hoje chamada? E estendi-me rasamente. Foi sobre o século XVII. Que lhe parece a você, decadência ou não houve decadência?

Fernando desfiou imediatamente a sua opinião. Decadência sim, tinha havido. Decadência literária, paralização científica, decadência filosófica. As causas devia conhecê-las a Luísa. A decadência literária parecia estar na sequência lógica do século anterior. Pois não era o Renascimento a fusão do material novo com o tradicional? E não havia na tradição o chamado gongorismo medievo? Aí está. Por isso (e não só por isso) é que Camões foi pré-gongórico. Se ele realizou o tipo de homem renascente...

- Mas onde leu você isso?...

Fernando não a ouvia. Não podia desperdiçar esta ocasião soberana para estadeiar conhecimentos:

- E uma coisa curiosa: esta observação é minha, pelo menos não a li em parte alguma. A Luísa ainda não reparou talvez num facto que parece mostrar que o século XVII português (o literário, bem entendido) é uma continuação lógica do XVI. Você veja que entre nós todas as escolas literárias se apresentam com um carácter, como dizer? reaccionário... isso: reaccionário. E até agressivo. No século XVII não há nada disto e os literatos de então sentem-se tranquilamente na continuação de uma estética que não morrera... Não lhe parece?

(Não; a literatura não era «mania» do Fernando. Ele raciocinava. Mal ou bem, mas raciocinava).

- Onde aprendeu você estas coisas?

²⁶ [A] ficavam amigos. Por fim convenceram-se. Alguns ainda a cognominaram <[↑ dúbiamente]> de “Sempre-<v>/V\irgem”. <Era um cognome <atrevido> [↑ dúbio]> [↑ (A boa graça do estandarte...)]. Mas isso passou. Muitos rapazes conheciam-na de perto e achavam-na franca e lhana.

²⁷ [A] Fernando” Pensava-se.

- Leio, estudo. Não me interessam apenas os *x* e os *y*. Pois que julga? Vê que eu frequentei os dois anos de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras. Não me ensinaram muito, mas estudei alguma coisa.

Por isso Luísa não o julgava como a maioria.

Um dia a conversa fixou-se na arte moderna. No *forte*, na paixão de Fernando.

- Ando agora a escrever um romance (dizia esta coisa enorme com uma naturalidade espantosa). Você há-de ver. Já lá não há nada desses subjectivismos ociosos que para aí se lêem. A Luísa sabe que isso já passou...

Ela não sabia:

- Sim?

- Estava a ser preciso. Não havia humanidade, honestidade...

E disse outros motivos pesados que deviam afastar a escola modernista.

Luísa concordava.

- Sim, senhor, toda a razão.²⁸ É claro que o motivo da *arte*²⁹ deve ser universal, de interesse colectivo... *Muito*³⁰ bem. *Dizer-se alguma coisa de útil, socialmente útil. Ser-se humano. Absolutamente*³¹.

²⁸ [A] Assunto". <O certo porém é que se agüentava. Sabia de escritores (ele citava muito Dostoiowski e Tschekoff) e conhecia até vários sistemas filosóficos. Ma o seu *forte* eram as concepções sobre a literatura nova. Tinham mesmo ideias sólidas. E andava, dizia ele, há que tempos a ver se criava uma Revista. Luiza concordava muita vez com ele:> [mas Luiza não o julgava do mesmo modo. <Ela tinha a> Um dia ao sair duma aula de <L>/L\iteratura [↑ Portuguesa,] Fernando encontrou-a:

- Então? Onde é a vinda?

- Duma aula... É verdade você que anda sempre com literatices... Sabe que fui chamada? E estiquei-me rasamente. Foi sobre o século XVII. Que lhe parece a você decadência ou não houve decadência?

<->Fernando desfiou imediatamente a sua opinião. Decadência, sim tinha havido. Mas essa decadência estava na sequência lógica d<e>/o\ <renascimento> [↑ <*peso> /século\ <†>/anterior\]. Pois não era <Você de> [↑ o Renascimento] a fusão do material novo com o tradicional? E não havia na tradição o chamado "gongorismo medieval"?

- <Você sabe> [↑ Por isso é] que o Camões foi pré-gongórico. Se ele realizou o tipo de homem ↓ renascente...

- Mas onde leu você isso?...

Fernando não a ouvia. <F†>/Não\ podia desperdiçar esta ocasião soberana para estadeiar <leituras feitas <há> dias antes:> [↑ conhecimentos:]

- E uma coisa curiosa: <(>esta observação é minha, pelo menos não a li em parte alguma.<)> <†>/A Luísa\ ainda não reparou talvez num facto que mostra à evidência que <[↑ entre nós]>o século XVII [↑ português] é uma continuação lógica do XVI. Você veja que [↑ entre nós] todas as escolas foram introduzidas com [↑ um] carácter <agressivo> reaccionário e até agressivo. No século XVII não há nada disto <:>/e\ os literatos de então sentem-se tranqüilamente na continuação duma estética que não morrera... Pois não é?...

(<†>/Tem graça\! Afinal o Fernando percebe umas coisas disto...)

<[- Onde aprendeu você estas coisas]- Onde aprendeu você estas coisas?

「Porém Luísa, tal como o Rodrigues, achava que não eram os artistas que compreendiam a vida, aquela vida que só vivida se entende. Por isso murmurou com tristeza. Numa tristeza que lhe repassava o corpo franzino e os olhos de um azul ténue e doce:³²

- Mas sabe, Fernando? Isto de a gente andar entretido com poesias, 「com literatices,³³ quando a vida afinal é 「tão diferente, tão diferente... Eu não acredito muito na humanidade e muito menos na utilidade de uma obra de arte qualquer... Ninguém é capaz de nos dizer o que é uma criança com fome, ainda que seja um grande artista... Meu caro Fernando, a vida vive-se e os artistas são uns intrujões.³⁴

「Fernando concordava em parte. Mas Fernando parecia querer sacrificar a vida vivida ao gozo artístico. Por isso fala, gesticula, rebate miudamente a afirmação de Luísa. Fala como um possesso.³⁵ 「O Rodrigues costumava dizer dele que era «um chato

- Leio, estudo. Vê que eu frequentei os dois anos de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras]

Por isso Luísa o não julgava como a maioria.

Mas a conversa fixou-se na arte moderna [...] <[(o meu romance foge. [↓ já] à[o] subjectivismo estéril)] por tudo e por nada falou no romance]> E <Luísa sorria vagamente perante o entusiasmo de Fernando:

- Sim senhor... etc>

[- Ando agora a escrever um romance (Dizia esta coisa <i>/e\|norme, com uma naturalidade espantosa.) Você há-de ler. [↑ Já] <N>/n\|ão é nada dêsses subjectivismos ocos que para aí se lêem. A Luísa sabe que isso já passou...

Ela não sabia:

- Sim?!

[↑ - Estava a ser preciso... Não havia humanidade, sinceridade...]

E disse outros motivos [que deviam afastar a escola modernista

Luísa concordava:]

- Sim, senhor, tôda a razão etc] [*acrescento no verso (Volte)]*

²⁹ [A] <poesia> [↑ arte]

³⁰ [A] muito

³¹ [A] <O factor psicológico? Sim senhor. O problema das reacções individuais? Absolutamente.> [↑ Dizer-se alguma coisa de novo. Ser-se humano. Absolutamente.]

³² [A] <<m>/M\|as intercalava quási sempre uma seriedade> [↑ Porém Luísa, <tal como Rodrigues> [↑ tal como o Rodrigues], achava que <a vida m> [↑ não eram os artistas] que compreendiam a vida, aquela vida que só vivida se entende. Por isso murmura numa abstracção]:

³³ [A] [↑ com literatices,]

³⁴ [A] tão <... tão... <(como dizer?)> tão prosaica, pronto.> [↑ diferente, tam diferente... Eu não acredito muito na humanidade duma obra de arte qualquer... <Complexo!> ↓ Ninguém é capaz de [↑ nos] dizer <e>/o\| que é uma criança com fome, ainda que seja <a>/um\| grande artista... meu caro Fernando, a vida vive-se e os artistas são uns intrujões]

³⁵ [omisso em A]

- Não[,] mas ouça... [<†††>]

Fernando era inesgotável.

que se não calava senão com uma rolha». ³⁶ Mas Luísa ouvia-o com «prazer». ³⁷ «Porque Fernando, apesar de tudo, parecia tirar da vida um significado semelhante ao que ela encontrara. ³⁸ Era incansável e era elástica. Falava de tudo e com todos. «Uma ³⁹ enciclopédia de maneiras e «de ⁴⁰ assuntos. « (Dizia o Fernando). ⁴¹

Um dia apresentaram-lhe «Amélia. ⁴²

Luísa foi amável.

- E gosta disto?

«- Oh! Muito, muito!

Amélia falou num arrombo afogueado, fervente do entusiasmo que achava na alegria do caminho novo. Por isso Luísa sorria. De leve. Num espanto e dúvida. Então Amélia hesitou... Lia no rosto de Luísa uma repreensão muda ao seu entusiasmo. Ninguém afinal era capaz de descobrir o seu mundo. Só ela. Só, só ela. E no entanto parecia-lhe que toda a gente devia compreender a alegria do caminho achado... Toda a gente devia saber que a noite e a chuva e os uivos do vento eram terríveis e punham na alma um terror de cadáver. E que a manhã é uma esperança e a noite calma de estrelas um sonho suave... Mas o mundo não compreendia. E não compreendia, porque toda a gente abalava, como louca, às escuras e às cegas... Era tão fácil dar-mo-nos as mãos... Tão fácil debruçarmo-nos sobre os outros e ver, abrir um pouco os olhos... O mundo era assim, fechado, egoísta, estupidamente egoísta. Amélia não devia mostrar a ninguém a sua alegria. Que os outros não entendem.

Mas Luísa não a repreendera mudamente, não... Tinha apenas admirado o princípio de uma vida. E a aurora nada diz do sol e da chuva do dia... (Amélia era calóira).

Pouco tempo depois, ⁴³ as colegas abafaram Luísa

³⁶ [A] [(] O Rodrigues [↑ costumava] diz<ia>/er\ <que> [d]ele <"demasiado fundo"> [↑ <que> [↑ que] era "um xato que se não calava senão com uma rolha")

³⁷ [A] paciência.

³⁸ [omisso em A]

³⁹ [A] Era uma

⁴⁰ [omisso em A]

⁴¹ [omisso em A]

⁴² [A] Amélia. <Já Rui reatara relações.>

⁴³ [A] <- Ah! Muito!

Amélia era extremista. Gargalhava e parlava francamente. Luíza achou-a boa "por dentro".

Um dia chegaram a conversar durante muito tempo. Primeiramente vieram a campo banalidades: F. um bom professor... o Latim é puxadito... Poil de Carote um belo film Depois vieram os ideais, os anseios. Luíza fôra sêca:

- Olhe, minha amiguinha, a vida é isto, o dia a dia...

- Quem 「ta⁴⁴ apresentou?

- Olha que não é grande companhia; pelo que dizem...

- Sabes o que para aí corre dessa rapariga com quem falaste?

E todas, uma por uma, 「vieram depor o aviso,⁴⁵ com a consciência de 「que⁴⁶ cumpre um dever. Luísa sossegava-as:

- 「Ai,⁴⁷ menina, tu és 「uma tonta!⁴⁸ Então a pobre da rapariga havia de ser o que vocês pensam? Qual 「história!⁴⁹ Esta gente de Coimbra é terrível, é o que é.

Dias depois Joana - a maior amiga de Luísa - chamava-a 「misteriosamente, rosto passado de terror.⁵⁰

「- O que é?⁵¹

Amélia ficou-se perturbada intimamente. Julgava que tôdas as raparigas tivessem aspirações, ideais nítidos... <E sem saber como sentiu dentro de si uma espécie de vaidade. E julgou-se superior. (A teoria de Catarina)

- Um rapaz alto, forte...>

Luíza sorriu. Depois acordou num repente:

- Mas... Você... <E>/e\nfim desculpe, são coisas com que não tenho nada, mas você não namora um rapaz que...

Descreveu o Rui. Amélia sobressaltou-se:

- Não; já acabámos.

Mentira. Mas fôra necessário mentir. Quem sabe se Luíza não acharia o Rui um namorado relesito...? De resto Amélia devia não namorar o Rui. Se ele fugia ao ideal que [↑ há pouco] expusera... (Para quê aquela constante sujeição à opinião de Catarina?)>

[- Ah! Muito, muito

Amélia abri<u>/ra\>-se numa expansão de entusiasmo que achava na alegria do caminho <achado.> [↑ recuperado.] Por isso Luíza sorriu um pouco espantada. Amélia hesitou... Lia no rosto de Luíza uma repreensão muda naquêlo espanto. Ninguém afinal era capaz de <entender> [↑ descobrir] o seu mundo. Só ela. Só, só ela. E todavia parecia-lhe que tôda a gente devia compreender a alegria do caminho achado... Tôda a gente devia saber que a noite e a chuva e os uivos do vento eram terríveis e punham na alma <o>/um\ terror de cadáver... E que <o>/a\ <dia> [↑ manhã] é uma esperança e a noite calma de estrêlas um sonho suave... Mas o mundo não compreendia. E não compreendia porque tôda a gente corria como louca, às escuras e às cegas... Era t<am>/ão\ fácil dar-mo-nos as mãos... Era tam fácil debruçarmo-nos sôbre os outros e ver, abrir um pouco os olhos... O mundo era assim fechado, egoísta, estupidamente egoísta... Amélia não devia mostrar a ninguém a sua alegria.

Mas Luíza não [↑ a] repreendera mudamente. Não... Tinha apenas <visto que> admirado o princípio duma vida... E a <na>/au\ror nada diz do sol e da chuva do dia... Amélia era calouira...

<Pouco tempo depois, etc (pag 83)>

Pouco tempo depois etc (pag 83)] [*A crescento no verso da folha com a indicação (Volte)*]

⁴⁴ [A] t'a

⁴⁵ [A] lançaram o aviso

⁴⁶ [A] quem

⁴⁷ [A] Ai

⁴⁸ [A] [↑ uma] tontinha.

⁴⁹ [A] <carapaça!> [↑ história!]

⁵⁰ [A] chamava-a<. Tinha> [com ↑ um] ar de mistério:

⁵¹ [A] - Que é?

「Luísa⁵² intrigada.

- Uma novidade. É por causa daquela rapariga caleira, que tu conheces.

E contou uma tremenda novidade. O namoro dela...

「- Mas ela tem namoro?⁵³

- Se não tem, 「teve-o.⁵⁴

「Tanto dava...⁵⁵

O caso é que ele saía de casa dela, 「sozinho, às tantas da noite, pelo escuro.⁵⁶

Tinha ouvido dizer, claro...

- O quê? Ó meninas! Mas como é que se podem afirmar coisas 「destas?⁵⁷

「E ficou triste. Luísa desculpava sempre, duvidava sempre, duvidava sempre. «Gente perversa! Má!» E, ainda quando os factos lhe davam as certezas que não queria, gostava de atenuar o mal, de diluir as cores vivas: «não, meninas, não foi nada disso... Lá está esta a exagerar. O caso não foi bem assim».⁵⁸ 「Apesar disso,⁵⁹ à medida que os «ditinhos» cresciam e 「encorpavam⁶⁰ Luísa começava a suspeitar, a acreditar em silêncio... Era certo que acerca de Amélia nada se 「afirmava⁶¹ de concreto a não ser a visita nocturna do namorado. E isso que tinha? 「A patroa estava, com certeza, presente,⁶² discretamente presente. 「Que tinha a visita? (Se fosse ela... Que lhe importariam os ditos? Que importava o mundo? Luísa traçou um caminho e sabe o que quer. É um caminho recto, claro. Para tudo ela traça um caminho. Ela era a lei e o juiz. Que importavam os outros?)⁶³

「Em Coimbra era fatalmente assim:⁶⁴ rapariga que chamasse a atenção trazia já 「história.⁶⁵ Se se tratasse 「de uma pobre rapariga, apagada, mal vestida,⁶⁶ ninguém dizia

⁵² [A] Luíza estava

⁵³ [A] - [↑ Mas <E>/e\la <não> tem namoro<,/>\ <menina.>

⁵⁴ [A] teve-o; <é o mesmo.>

⁵⁵ [A] <E era.> [↑ Tanto dava...]

⁵⁶ [A] [↑ sozinho] <já seriam onze da> [↓ à meia-]noite.

⁵⁷ [A] destas?...

⁵⁸ [A] No íntimo porém ficou triste. Na alma de Luíza <nadava> [↑ havia] uma bondade sempre pronta a desculpar, a duvidar. E ainda quando os factos lhe davam certezas duras e se conversava sobre eles, esbatia com ternura as côres vivas: "não, meninas, não foi bem assim... não é bem assim..."

⁵⁹ [A] Por isso

⁶⁰ [A] encorpavam,

⁶¹ [A] dizia

⁶² [A] De resto a patroa estava <[↑ com certeza> ↓ com certeza] presente,

⁶³ [omisso em A]

⁶⁴ [A] Mas em Coímbra era assim:

⁶⁵ [A] história.

「nada,⁶⁷ porque ninguém reparava nela. 「Com as outras, tudo se passava de modo diferente.⁶⁸ As outras, as bem vestidas, de lábios pintados 「(para que havia Amélia de pintar-se?)⁶⁹ traziam sempre, pegada, fatalmente 「pegada,⁷⁰ uma história. «Veio do Liceu X. Diz-se que já lá...» «É filha de Z. Namorou um primo. Conheci-a na praia e disseram-me que...» Diz-se. Disseram. Depois o aspecto da rapariga remata a 「crónica:⁷¹ «Vê-se bem pela pinta. Só os olhos, caramba!»

Amélia entrara no catálogo. Agora 「já ninguém hesitava.⁷²

E Luísa, que a 「medo⁷³ balouçara a opinião, começou a sentir por Amélia um indefinido sentimento de dó.

Ter dó. 「Aí estava. Afinal Luísa tinha dó. E à volta dela havia raparigas que também tinham dó. Mas outras embebiavam o rosto num enjoo devoto. E tinham nojo.⁷⁴

⁶⁶ [A] duma enoveladinha, duma sonsa mal vestida,

⁶⁷ [A] nada

⁶⁸ [A] As outras não.

⁶⁹ [A] <(Amélia ao fim de dois meses, vestia bem e pintava-se) [↑ (para que havia Amélia de pintar-se?)]

⁷⁰ [A] pegada

⁷¹ [A] <história> crónica:

⁷² [A] ninguém hesitava já.

⁷³ [A] medo,

⁷⁴ [A] [Aí estava. Afinal Luísa tinha dó. E á volta dela havia raparigas que também tinham dó. Outras enrodilhavam a cara. E tinham <asco.> [↑ nojo...]] [*Acrésceto no verso com a indicação (Volte)*]

¶II⁷⁵

- Já viste, ¶hem?⁷⁶ Aquilo é que é um regabofe...

- Ó menina, isto de raparigas que estudam são piores que as outras.

¶- O namoro, um dia destes, saiu de lá de manhã...⁷⁷

¶A⁷⁸ vizinhança de Amélia. ¶Batendo-lhe a vida como roupa em lavadouro.⁷⁹

Mas a patroa abriu a porta da rua. Ia ¶à Baixa.⁸⁰ Cilita ¶levava o cabaz⁸¹ ¶velho, esbarrigado, com guitas segurando as tampas.⁸²

- ¶Muito⁸³ bons dias!

¶Embaraço. Quase.⁸⁴

- Bons ¶dias,⁸⁵ senhora Aurora.

¶Então uma das vizinhas aventou uma pergunta necessária:⁸⁶

- A senhora também dá de comer a rapazes?

¶Todas descansaram, sobre a lavadeira obesa que sorria, com delícia, e iria decerto entreter aqueles minutos de ócio apetecido.⁸⁷ A senhora Aurora ¶ficou⁸⁸ de pedra. ¶Pregada, como cepo, na rua negra.⁸⁹ ¶Depois amoleceu. E disse:⁹⁰

- Não, não dou. Porque é que ¶pergunta⁹¹ isso?

¶- Ora,⁹² porque pergunto. Porque ¶vejo entrar um⁹³ lá para ¶sua⁹⁴ casa. ¶E eu tinha dito ali à Jesuína: agora come lá, que eu vi-o para lá entrar e sair. E ela, que não e que não. Mas eu como o vi ir para lá...⁹⁵

⁷⁵ [A] [fol. 85] 2

⁷⁶ [A] einh?

⁷⁷ [A] - <E êle> <um>/O\ palito <coitado! Ah! Ah! Ah!> [↑ um dêstes dias saíu de lá de manhã...]

⁷⁸ [A] Era a

⁷⁹ [omisso em A]

⁸⁰ [A] á Praça.

⁸¹ [A] levava-lhe o cabaz:

⁸² [omisso em A]

⁸³ [A] <m>/M\uito

⁸⁴ [A] [↑ Embaraço[:] <Espanto:>

⁸⁵ [A] dias

⁸⁶ [A] Uma das vizinhas<, em febre, lançou-lhe:> [↑ não se conteve:]

⁸⁷ [A] [↑ Agora já <A>/a\s outras go<s>/Z\<r>/v\am[, ↑ à vontade,] a malícia da pergunta.

⁸⁸ [A] sentiu-se

⁸⁹ [omisso em A]

⁹⁰ [A] Mas depois recuperou a flacidez de espírito.

⁹¹ [A] a senhora pergunta

⁹² [A] - Ora

⁹³ [A] <o> vejo entrar [↑um]

- Ai viu? Ora vejam! O que 「vossemecês⁹⁶ são de espertas. (Cilita ajudava).
「Julgam naturalmente que não sabemos onde quer chegar.⁹⁷

A senhora Aurora sentiu 「que devia insultar a lavadeira. Porque ela entrava em domínio estranho.⁹⁸ 「Mas para quê? Aquela visita... Tinha necessidade, sempre eram 600\$00 e com ia de graça. Devia insultar a lavadeira. Sim, devia... Mas⁹⁹ explicou naturalmente:

「- É conhecido¹⁰⁰ lá das meninas.

- O estudante magrito?... Eu vi-o para lá entrar...¹⁰¹

「- Sim. O senhor Dr. Rui...¹⁰²

- 「E que¹⁰³ é que vossemecê tem com isso? (「Cilita).

- Olha lá, garota, acaba lá a música, que a conversa ainda não chegou à retrete.

Era uma graça que merecia resposta dura.¹⁰⁴

Mas Cilita cortou:

- Ora! 「Vamos embora e não lhes dê corda.¹⁰⁵

Uma mulher seca e anegrada ciciou uma 「obscenidade!¹⁰⁶ 「«Corda queres tu. E pião...»¹⁰⁷ As outras partiram-se a rir 「e a senhora Aurora,¹⁰⁸ amarfanhada, seguiu para a 「Baixa.¹⁰⁹ Cilita ainda olhou a vizinhança num desafio.

⁹⁴ [A] a sua

⁹⁵ [omisso em A]

⁹⁶ [A] vocês

⁹⁷ [omisso em A]

⁹⁸ [A] amargura.

⁹⁹ [A] Aquelas vizitas <dos rapazes...> [↑...] Mas tinha necessidade<s>/\.. Sempre eram 600\$00, que <elas> [↑ as duas raparigas] lhe davam. Quási sentiu vontade de contar a [→ sua] dôr. Mas não convinha. E

¹⁰⁰ [A] - <São>/É\ conhecid<os>/o\

¹⁰¹ [A] <E> [fol. 86]<a>/A\quele estudante magrito...[?] [↑ <(então não se vê que é namorado?)>]

¹⁰² [A] [(Que aborrecidona!...)]

- <Ah!> O Snr. Dr. Rui... <Também, sim, também...> Mas porque é que a senhora está com tantas perguntas?

¹⁰³ [A] Que

¹⁰⁴ [A] (Cilita era enérgica)

Já passava a mais. A Snra. <Joana> [↑ Aurora] tinha a bÍlis funda. <mas tantas provocações [↑ começavam a] faz<iam-n>/ê-l\ a aflorar. A vizinha amansou-a:

- Por nada. Perguntei por perguntar

¹⁰⁵ [A] <Não lhes ligue, minha senhora> [↑ Vamos embora e não lhes dê corda].

¹⁰⁶ [A] Obscenidade.

¹⁰⁷ [omisso em A]

¹⁰⁸ [A] rir<.>/e\ <A>/a\ Snra. Aurora

¹⁰⁹ [A] Praça.

Amélia ouvira 「palavras dispersas. Mas entendera tudo.¹¹⁰ Sentiu-se 「desolada.¹¹¹ Domingo não vira o Rui. Desculpou-o com o futebol 「(¹¹²Rui devia ter ido ao 「futebol.)¹¹³

「Mas os¹¹⁴ ditos mordentes redemoinhavam 「agora, mais nítidos,¹¹⁵ à sua volta.

「Era um murmúrio estranho que a princípio não compreendia. Por isso encolhera os ombros. Se não havia, afinal, razões para murmurarem...¹¹⁶ 「Mas agora¹¹⁷ que até as vizinhas falavam da vida dela, uma tristeza 「doente a repassou.¹¹⁸ E julgou-se 「com direitos a rapariga infeliz. A¹¹⁹ mais infeliz do mundo. Uma vergonha indefinida começava a ensombrar-lhe a vida. Como havia de passar na 「rua,¹²⁰ ir à Faculdade?... 「Todavia o Rui amava-a, decerto, ainda, e isso lhe prestava para se ir consolando.¹²¹ A sua garantia de mulher digna estava no Rui, no seu Rui.

Mas Rui não 「viera, e o futebol já não explicava, cabalmente, o seu procedimento.¹²² Ele podia muito bem ter vindo antes. 「Sim,¹²³ podia ter vindo. E se não veio... 「Oh! se não veio... Amélia treme, apavorada. Lembra-se de que Rui lhe perguntara misteriosamente:¹²⁴ 「«Tu tiveste algum namoro no Liceu?»¹²⁵ (Meu Deus! 「No¹²⁶ Liceu! Mas que 「importância teria o namoro do Liceu?!)¹²⁷ Rui não viera. Talvez... (meu Deus!) talvez 「o¹²⁸ aborrecesse 「(A cena de sábado. O sofá. Amélia tombada, rendida. E a luz da sala iluminava tudo. Rui pulara, vivo, e deixara-a longe dali, lá onde ela se apetecia. Por isso tapara os olhos, porque a luz da sala teimava em

¹¹⁰ [A] tudo.

¹¹¹ [A] abalada.

¹¹² [A] [(

¹¹³ [A] futebol.[..])

¹¹⁴ [A] Os

¹¹⁵ [omisso em A]

¹¹⁶ [A] A princípio sentira-se estranha, nada compreendendo. Depois encolheu os ombros<:/>(\<s>/S)e não havia afinal razões para <falarem...> [↑ murmuraram...)

¹¹⁷ [A] Agora porém

¹¹⁸ [A] mole repassava-a.

¹¹⁹ [A] a rapariga

¹²⁰ [A] rua...

¹²¹ [A] <Certamente porém que> [↑ Todavia] o Rui <a> amava[↑ -a decerto] ainda e isso era-lhe suficiente<:/>[↑ consolação.]

¹²² [A] viera e o futebol não explicava afinal cabalmente a sua falta.

¹²³ [A] Sim

¹²⁴ [A] Ah! A conclusão! Amélia lembrou-se de que Rui lhe perguntara:

¹²⁵ [A] "<Afinal que vêm a ser esses ditos do Liceu?> [↑ Tu tiveste algum namoro no Liceu?"]

¹²⁶ [A] <D>/N\o

¹²⁷ [A] <fizera ela no Liceu?! [↑ importância teria o namôro <n>/do\ Liceu?!)]

¹²⁸ [A] a

dizer que Amélia tombara no sofá). Rui! Triste.¹²⁹ Que teria 「pensado?」¹³⁰ Não! Não! Rui... Ela havia de escrever-lhe: «Rui, meu querido, acredita que te amo, que só a ti amei, que te fui franca por isso, demasiado franca... Acredita-me só a mim, 「acredita-me».

Era o fim.¹³¹

「O」¹³² fim! 「Sentia agora um pavor estranho. E uma vergonha imensa.¹³³ Como se sentia mudada! Na terra a tia... (pobre tia!) Se ela soubesse 「o」¹³⁴ que diziam da sua Amélia... Se ela 「soubesse...」¹³⁵

Catarina ressonava e 「Amélia,¹³⁶ em estremeções miúdos, fundia-se em lágrimas. Depois saiu até à sala deserta.

Pouco a pouco começou a 「nascer-lhe um ódio fundo」¹³⁷ a Rui. Ele era bem capaz de a deixar. 「Cobarde!」¹³⁸ Ela era fraca, era mulher e amava-o, 「ou」¹³⁹ amara-o doidamente. 「(Não o amava ela ainda?)」¹⁴⁰ 「E, porque o amara,¹⁴¹ entregara-se-lhe para o que ele quisesse. 「Mas Rui não」¹⁴² quis, não quis nada e acordou-a naquela posição de rendida. Rui era um cínico. Amélia sentia agora uma 「vergonha」¹⁴³ que a afundava. Ah! 「O」¹⁴⁴ mundo! Começava a compreender. Era tarde. Todos os 「desejos,¹⁴⁵ todas as forças da alma se concentravam agora numa ânsia insofrida de sair, despenteada, tal como 「estava,¹⁴⁶ e ir, ir por aí fora até o encontrar. Que importava o que dissessem? Havia de encontrá-lo e cuspir-lhe na cara: 「«és」¹⁴⁷ um cínico e um 「cobarde...」¹⁴⁸

¹²⁹ [A] [(] A cena de sábado reavivava-se-lhe na imaginação[)]. Rui aborreceu-a. De facto notara nele uma alteração brusca. Tinha o rosto enrugado quando se despediu. E saíu triste.

¹³⁰ [A] pensado ele?

¹³¹ [A] 「acredita-me.」 Era o fim. [*seta a tinta verde a fazer o parágrafo*]

¹³² [A] Ah! O

¹³³ [A] Congestionavam-na receios e vergonhas.

¹³⁴ [A] do

¹³⁵ [A] soubesse.[..]

¹³⁶ [A] Amélia <estremece>

¹³⁷ [A] <crescer-lhe> [↑ nascer-lhe] um ódio [↑ desconhecido]

¹³⁸ [A] <E fôra um> <c>/C\obarde<.>/!\

¹³⁹ [A] ou...

¹⁴⁰ [A] [↑ (Não o amava ela ainda?)]

¹⁴¹ [A] E porque o amara

¹⁴² [A] [↑ Mas] Rui <porém> não

¹⁴³ [A] vergonha,

¹⁴⁴ [A] o

¹⁴⁵ [A] desejos

¹⁴⁶ [A] estava

¹⁴⁷ [A] és

¹⁴⁸ [A] cobarde...

Olhou por momentos, 「cansada, os tectos¹⁴⁹ das casas da cidade. Todo o mundo vivia... Por todos os cantos a vida! 「A vida que se traduzia num¹⁵⁰ redemoinho de alegrias. Os outros eram alegres. Viviam. 「Ela não.¹⁵¹

「Mas Amélia lembra-se de que pode viver também.

Viver! Gritar a sua fatura de vida pelos olhos, pela boca, pelo corpo em febre. Mas viver, para ela, significava vingança. E vingar-se era fácil. Bastava querer! Ah! querer! Todo o seu ódio rolaria aos gorgolões...¹⁵²

「A rua. Direito e sólido, a passo repousado, o rapaz moreno, de cabelo em ondas, caminha seguro do seu destino.¹⁵³

Então Amélia sente-se esmagada pelo conselho de Catarina:¹⁵⁴ «deixa-me esse 「sujeito; és muito tola.¹⁵⁵ Porque não aceitas 「namoro¹⁵⁶ ao outro?» Ao outro... 「Ela podia vingar-se.¹⁵⁷ Ao outro! Ah! o Rui havia de saber! E o outro era mais homem, mais... mais tudo afinal. 「O¹⁵⁸ rapaz de cabelo ondeado aproxima-se da casa de 「Amélia.¹⁵⁹ Ela 「estremece.¹⁶⁰ «Virá para cá?» 「Suspende-se.¹⁶¹ Depois 「perde o olhar em paragens distantes: «não vem...»

¹⁴⁹ [A] <como> cansada, os te[c]tos

¹⁵⁰ [A] <E a>/A\ vida <para ela significava agora um> [↑ que se traduzia num]

¹⁵¹ [A] <Amélia> [↑ Ela] não. <Mas...>

¹⁵² [A] <O <r>/R\ui não viera era certo. O futebol... Mas de facto por causa do futebol ele não poderia... O Rui não viera no domingo. Hoje porém... Amélia de testa encostada á janela, perde os olhos na esperança vaga de que o Rui, o seu Rui <havia de vir> há-de vir hoje. E há-de ir ter com ela. Talvez se desculpe, contristado, aflito, numa daquelas expansões que ele costumava ter. E se não viesse? Se não viesse...>

[<De repente>/Mas\ Amélia lembra-se de que quer viver também. Viver! Gritar a sua fatura de vida pelos olhos pela boca pelo corpo em febre. Mas viver para ela <era> [↑ significava <a>] vingança. E vingar-se era fácil. Bastava querer. Ah! querer! E tôd<a>/o\ <a>/o\ s<ua>/eu\ ódio se despejaria em tufão...

x

xx]

[*acrescento no verso com a indicação (Volte)*]

¹⁵³ [A] Na rua passa um homem moreno, de cabelo ondulado.

¹⁵⁴ [A] O conselho de Catarina:

¹⁵⁵ [A] sujeito. És tôla.

¹⁵⁶ [omisso em A]

¹⁵⁷ [A] Ao OUTRO! E<r>/l\|a <a vingança.> [↑ podia vingar-se.]

¹⁵⁸ [A] (O

¹⁵⁹ [A] Amélia)

¹⁶⁰ [A] estremeceu.

¹⁶¹ [A] Suspendeu-se.

Não fora.¹⁶² 「O rapaz alto,¹⁶³ moreno, seguira descuidoso. Amélia 「prendera-se a ele.¹⁶⁴ 「Sugara-o com o olhar, esperando que ele olhasse, e sorrisse.¹⁶⁵ Mas a esquina quebrou-lhe o fito. Ânias 「novas¹⁶⁶ despertavam. 「Seu corpo vibrou no desejo que ela aquecia com a ânsia de libertação e vingança. Os seios soergueram-se-lhe.¹⁶⁷

«Um dia... quem sabe?» 「Mas logo se arrependeu. Porquê afinal? Não tinha o Rui a culpa?¹⁶⁸

「Do alto da torre, as 11 horas caíram.¹⁶⁹ 「Amélia acordou¹⁷⁰ de si e saiu. Na rua andavam pregões 「sonoros¹⁷¹ de hortaliças. Amélia desempenada. Numa esperança furou as ruelas: 「talvez o¹⁷² rapaz moreno... Mas não. Os olhos 「esbarravam em pessoas desconhecidas.¹⁷³ 「Seguiu, perturbada, aos encontrões em pensamentos os mais diversos.¹⁷⁴ À porta da 「Faculdade,¹⁷⁵ havia punhados de 「rapazes que a fuzilavam com desejos que luziam nos olhos agudos.¹⁷⁶ Ela sentiu-se alvejada. Vincou 「as rugas¹⁷⁷ da testa, agarrou 「as abas do casaco, soltas ao vento,¹⁷⁸ e entrou impassível.

As colegas cumprimentaram-na. 「Que frieza!¹⁷⁹ Amélia estranhou. (Ela 「não reparara nunca na frieza das colegas).¹⁸⁰ Acercou-se de um bando:

- Há aula?

- Parece que sim.

「Logo a abandonaram, circunscrevendo¹⁸¹ a conversa 「(Só agora repara que as colegas a repelem. Só agora... meu Deus! Porquê isto?)¹⁸² Amélia sentiu-se arredada.

¹⁶² [A] <lançou um lamento> [↑ perdeu o olhar <numa> [↑ em] paragens distantes]: "não vem..."
[Indicação para a parágrafo, a tinta verde] Não fôra.

¹⁶³ [A] O tal rapaz alto,

¹⁶⁴ [A] <agarrara-o.> [↑ prendera-a a ele.]

¹⁶⁵ [A] Suga<v>/r\ a-o com o olhar.

¹⁶⁶ [A] [↑ novas]

¹⁶⁷ [A] E <inesperadamente> [↑ mágicamente], sonhos <novos> [↑ estranhos e] inesperados [↑ a] entusiasmaram<-na>. Os seios [so]ergueram-se-lhe.

¹⁶⁸ [A] Arrependeu-se. "Porquê afinal?" <O> [↑ Não tinha] Rui <é que tinha> a culpa[?]

¹⁶⁹ [A] O relógio da torre mandou-lhe as 11 horas.

¹⁷⁰ [A] Acordou

¹⁷¹ [omisso em A]

¹⁷² [A] talvez que o

¹⁷³ [A] esbarraram-se-lhe em pessoas <conhecidas> [↑ desconhecidas.]

¹⁷⁴ [A] E seguiu.

¹⁷⁵ [A] Faculdade

¹⁷⁶ [A] rapazes<.> [↑ que a] <F>/f\uzilaram<-na>.

¹⁷⁷ [A] os regos

¹⁷⁸ [A] a aba do casaco solta ao vento

¹⁷⁹ [A] <friamente> <Mas> [(E] que frieza!)

¹⁸⁰ [A] <já há dias que notara a frieza das colegas.> [↑ não reparara nunca na frieza das colegas)

¹⁸¹ [A] E[↑las] circunscreveram

「Porquê isto? Não devia perguntar. Pois não sabia porquê? Afastou-se. O Rui. Não tinha o cínico Rui a culpa disto tudo?»¹⁸³

Subiu a escadaria. De cima vinham duas condiscípulas. Não tinha que 「dizer-lhes,¹⁸⁴ mas quis dizer alguma coisa. Quis 「vingar-se.¹⁸⁵ Aquelas haviam de falar-lhe. E as outras haviam de ver que estas 「lhe falavam.¹⁸⁶ Queria que vissem. Chamar-lhes-ia mesmo a atenção.

- Bons dias; então têm estudado muito latim?

Elas traziam uma conversa qualquer:

- ... e eu, claro, disse-lhe que não...

Pararam. Amélia estava ali à espera de resposta:

- Latim? Pouco...

A outra interrompeu-a:

- ... e ele?

- Oh! ele... olha... que havia ele de dizer?

Tinham continuado a descer e a conversar. E Amélia corou... Todos contra ela. Amélia era pois uma indesejável. E esta certeza lançou-lhe à volta uma triste solidão. Só! Voltavam os uivos do vento e o vazio doutros tempos. À frente, estendia-se aquele deserto imenso onde se não distinguiam os caminhos. Onde se andava à toa, sempre em frente, sempre à espera que o deserto acabasse... E o deserto não acabava nunca... A vida morrera à sua volta. Só o deserto infinito... E ela tinha, por isso, de fechar-se em si mesma e de gozar, consigo apenas, a própria desventura.

Lançou um olhar doente ao longo do corredor, mas ninguém lho recebeu. Estava triste, de uma tristeza mortal. Um desânimo fundo correu-lhe a alma e deixou-lha prostrada.

Seria para se consolar que ela começou a acreditar fortemente no amor de Domingos? («Gosta! Gosta de mim!... E eu esmagarei o mundo, as línguas do mundo»). Foi quase convencida da sua alegria que topou a Catarina. Ela estava pensativa, ruminando regras de gramática. Depois ergueu os olhos e saudou:

¹⁸² [A] <Falava-se de praias.> [↑ (Só agora repara que as colegas a repelem. Só agora... Meu Deus! porquê isto?)]

¹⁸³ [A] <"Porquê meu Deus?"> [↑ (Porquê isto, meu Deus? Porquê?<)> Ela sabia porquê)] <E> <a>/A\fastou-se. O Rui. <O cínico Rui é que tinha a culpa.> [↑ Não tinha o cínico Rui a culpa disto tudo?]

¹⁸⁴ [A] lhes dizer,

¹⁸⁵ [A] <desferrar-se> [↑ vingar-se].

¹⁸⁶ [A] falavam.

- Adeus, mulher!

- Então que fazes? Nem te ouvi sair do quarto. (Era tão bom perguntar numa distração «então que fazes?» como se se corresse por sobre todas as coisas... Tão bom... Toda a vida íntima ficava entulhada a um canto... Como lixo...)

- Vem daí.

- Eu não, menina; tenho agora chamada.

-Ora! Tu já sabes isso...

(É que, se Catarina ficasse, toda aquela vida, arrumada como lixo, se espalharia de novo pela alma).

Ela dissera que Catarina «sabia aquilo». E Catarina julga que sabe.¹⁸⁷ Briga até muitas vezes por causa das notas. 「É¹⁸⁸ «sempre prejudicada» pelos professores. Amélia diz que 「ela¹⁸⁹ «sabe aquilo». 「Por¹⁹⁰ isso Catarina condescende:

¹⁸⁷ [A] [sem. Chamar-lhe-ia mesmo a atenção.

- Bons dias; então têm estudado muito latim?

- Elas traziam <c>/u\ma conversa qualquer:

... e eu, claro, disse-lhe que não...

Pararam. Amélia estava ali à espera de resposta:

- Latim? Pouco...

A outra <interpelou> interrompeu-a

... e êle?

- Oh! êle... olha... que havia ele de dizer?...

Elas tinham continuado a descer e a conversar. E Amélia corou...

Todos contra ela... Amélia era pois uma indesejável. E esta certeza lançou-lhe à volta uma trista solidão. Só! Voltavam os uivos do vento e o vazio doutros tempos. À frente estendia-se aquele deserto imenso onde <os caminhos se não desf> se não distinguiam os caminhos. Onde se anda[va] <às>/à\ toa sempre em frente sempre à espera de que o deserto acab<e>/a\sse... E o deserto não acaba nunca... <Tôda> <a>/A\ vida morre<u>/era\ à sua <(> volta. Só deserto <†>/infinito\...E el<e>/a\ tinha por isso de fechar-se em si e [↑ de] gozar consigo mesma a própria desventura.

<Ela> <l>/L\ançou um olhar doente <p> ao longo do corredor e ninguém lh'o recebeu... Estava triste duma tristeza mortal<, >/. \ . Um desânimo fundo correu-lhe a alma e deixou- <la>/lh\'a prostrada.

Seria para se consolar que ela começou a acreditar fortemente no amor de Domingos? («Gosta! Gosta de mim!... E eu esmagarei o mundo, as línguas do mundo»). <E> <f>/F\oi quasi convencida da sua alegria que topou a Catarina. Ela estava pensativa, ruminando regras de gramática. Depois ergueu os olhos e [↓ saudou:]

- Adeus mulher

- Então que fazes? Nem te ouvi sair do quarto.

(Era tam <agradável>/bom\ perguntar numa distração, «então que fazes?» como se se corresse por sôbre tôdas as coisas... T<am>/ão\ bom... Tôda a vida íntima ficava entulhada a um canto... <>> Como lixo...)

- ... vem daí

- Ele não, menina; tenho agora chamada

-Ora! Tu já sabes isso...

- Mas afinal que é que tu me queres dizer?

(É verdade: que é que Amélia queria dizer? Mas... ah! sim!... Era justamente isso... isso do Domingos...)

- Sabes quem passou agora à porta?

- Quem foi?

- Aquele rapaz que tu sabes... o Domingos.

- Ah! sim? Mas falou contigo?

- Não; ele olhou, 「e¹⁹¹ eu fiz que o não vi... Ele percebeu e não falou.

Mentira. Aquele hábito de mentir ia-se-lhe infiltrando aos poucos. Para quê mentir? 「Oh!¹⁹² Mas seria tão bom que ele olhasse e que ela, senhora dele, senhora do mundo, lhe desviasse o olhar com um oculto desprezo!...

- És parva.

- («Onde 「estarão, afinal, as estrelas e as canções que vêm¹⁹³ do mundo novo?»)

Rui achara-a. Ela achara Rui. Tinha de ser.

- Tem de 「ser, pá; já¹⁹⁴ me viu. 「Bem,¹⁹⁵ adeus.

- Não sejas burro! Manda-me aquilo à...

Rui já não ouviu a recomendação de Rodrigues. Cumprimentou as duas raparigas.

- Bons dias. Estás boa?

Amélia alvoroçou-se. O Rui! O Rui voltava! 「Ele,¹⁹⁶ ali a dizer-lhe «estás boa?» Ele! 「O mundo abria-se de novo!¹⁹⁷ E foi a medo que ela repreendeu:

- Então ontem não te dignaste aparecer...

Rui ultimava os cumprimentos:

- Passou bem você?

(É que se Catarina ficasse, tôda aquela vida arrumada como lixo se espalharia de novo pela alma[...]).

Ela dissera que Catarina «sabia aquilo». E Catarina julga que sabe] [Brig<ava>/a\ até etc pag. 91]

¹⁸⁸ [A] <"> É

¹⁸⁹ [A] <">ela

¹⁹⁰ [A] E é por

¹⁹¹ [A] mas

¹⁹² [A] Ah!

¹⁹³ [A] estarão afinal as <canções> estrêlas e as canções que vêm

¹⁹⁴ [A] ser; já

¹⁹⁵ [A] Bem

¹⁹⁶ [A] Ele

¹⁹⁷ [A] O <muro> [↑ mundo] abria-se!

Catarina entalou-o em sanduíche:

- Você está doente? 「Que magro que anda...」¹⁹⁸

「De um」¹⁹⁹ lado Amélia, 「do outro」²⁰⁰ Catarina. 「Porém,」²⁰¹ a repreensão da namorada não o abalou. 「«Estás doente?»」 Era fatal a pergunta. Rui²⁰² sentiu arrepios de frio por todo o corpo. E explodiu:

- Doente? Mas você 「acha-me」²⁰³ com cara disso? Que diacho! É sempre a mesma história...

- Homem, não se zangue... Isto é por amizade.

Ele pensou que se exaltara sem razão. E acabou por sorrir condescendentemente.

Deste lado arrumara-se o caso. Faltava liquidar a questão de Amélia.

Mas Rui não se 「preocupava muito com isso.」²⁰⁴

- 「Ontem...」²⁰⁵ disseste tu? 「O futebol... foi por causa disso... do futebol; era para veres logo que tinha sido por causa do futebol...」²⁰⁶

「O Rui atrapalhava. O Rui mentia.

Amélia adiantou:」²⁰⁷

- E o futebol 「durou」²⁰⁸ o dia inteiro?

「- Bem vêes; de manhã... estavas na cama e à noite...」²⁰⁹

Amélia não se atreveu a dizer: «fosses 「à」²¹⁰ noite». Rui também não explicou a sua 「ausência」²¹¹ à noite.

「- Bem, adeus meninos,」²¹² são horas.

Catarina despediu-se. Rui acudiu numa esperança:

- Então tu não tens aula?

Amélia 「pensou qualquer coisa. Rui insistiu:」²¹³

¹⁹⁸ [omisso em A]

¹⁹⁹ [A] Dum

²⁰⁰ [A] doutro

²⁰¹ [A] Porém

²⁰² [A] "Est<ás>/á\ doente?["...] Era <a> fatal [↑ a] pergunta. Ele

²⁰³ [A] ach<ou>/a\ -se

²⁰⁴ [A] <importava> [↑ preocupava] muito [com isso.]

²⁰⁵ [A] Ontem?

²⁰⁶ [A] [O futebol... foi por causa disso<, > [↑...] do futebol, era para veres logo que tinha sido por causa do futebol...]

²⁰⁷ [A] [↑ O Rui atrapalhava. O Rui mentia. (<*Amélia> adiantou:]

²⁰⁸ [A] <demorou> [↑ durou]

²⁰⁹ [A] - Bem vêes; de manhã[...] estav<as>/as\ na cama<ma> e à noite...

²¹⁰ [A] <ao>/à\

²¹¹ [A] <f†>/ausência\

²¹² [A] - Bem adeus meninos

- Não tens?

- 'Tenho;²¹⁴ pronto. Vai-te embora... não te prendas, não te prendas.

Ele sossegou-a:

- Não; não tenho nada 'para²¹⁵ fazer. Não tenho pressa... perguntei por perguntar...

Humilhara-se. 'E Amélia preferia que ele não se humilhasse. Antes lhe respondesse «Vou! Vou-me embora». Antes a chicoteasse, para a fazer pular de raiva. Mas ele cedera cobardemente. Rui queria ir-se embora, fugir, deixá-la, e dissera-lhe que não... que não tinha pressa. Para quê esta comédia? O Rui era um torpe, um mole, um cínico! E ali, baixo, reles, sem coragem para tomar uma atitude decisiva (não... ora essa! Eu ter pressa! Nada disso). Amélia sentia vontade de enxotá-lo, espancá-lo até.

Foi triste e séria que lhe assegurou:

- Afinal tenho aula.²¹⁶

Depois 'sorriu, num estranho sentimento de dó.²¹⁷ E 'acabou mentindo-se também.²¹⁸

- ... foi só para ver o que dizias.

E foi para a aula.

Rui 'sentia-se morno, ralasso, de geleia.²¹⁹ A presença de Amélia 'estimulara-o, mas agora voltava-lhe um tédio indefinido, um nojo.²²⁰ 'Porque a via de novo,²²¹ para

²¹³ [A] pensou<.> [↑ qualquer coisa.] <Mas> Rui insisti<a>/u\:

²¹⁴ [A] <Não> <t>/T\enho;

²¹⁵ [A] que

²¹⁶ [A] <Era o que Amélia queria. Desde que isso conseguira, estava satisfeita. Ou não estava. Amélia queria dominar. Se dominasse, queria não ter (ainda) dominado. A princípio Rui irritara-a. Aquela maneira de alheado, de desinteressado, roeu-a E quis que ele a amasse. E quis que ele <†>/se\ <†>/A\lambicasse: "<pronto> não tenho pressa... perguntei por perguntar..." Tinha conseguido dele o que queria. Agora <queria> apetecia-lhe enxotá-lo, espancá-lo mesmo.> [↑ E Amélia <†>/prefe\ria que ele se não humilhasse. Antes lhe respondesse [acrescento no verso] «Vou! Vou-me embora». Antes a chicoteasse para a fazer pular de raiva. Mas ele <humilhara-se.> [↑ cedera cobardemente.] E a †>/Ele\ queria ir-se embora, fugir, deixá-la, e dissera-lhe que não... que não tinha pressa. Para quê esta comédia? <Rui>/O\ Rui era um torpe, um mole, um cínico. Um cínico! E ali, baixo, reles, <alambicado fi> [↑ com fingido] alambicado (não oh!> ora essa! eu ter pressa! Nada disso) Amélia sentia vontade de enxotá-lo, espancá-lo mesmo.

<E> foi triste e séria que lhe assegurou:

- Afinal tenho aula]

²¹⁷ [A] sorriu <. (O sorriso era mentiroso.)> [↑ num estranho sentimento de dó.]

²¹⁸ [A] acabou<:>/,\ [mentindo-se também:]

²¹⁹ [A] senti<u>/a\>-se morno. Relaxava-se-lhe o espírito.

²²⁰ [A] estimula<r>/v\>a-o<.>/,\ Mas agora voltava[↑-lhe] o tédio.

²²¹ [A] E viu-a

além do pó de arroz. Para além do *rouge*... 「Vergava, como junco, ao sopro dos ventos. E para ali estava passado, murcho, à espera que dos nervos lhe rebentasse o berro decisivo. O berro veio e sacudiu-o como chicote:²²²

«Tem de ser hoje. Já estou farto 「... Farto, caramba!²²³»

- Não viste 「por aqui o Vaz?²²⁴

Era o Justino. 「Nascido do chão ou do tecto.²²⁵

- Não.

「Justino²²⁶ duvidou. E 「foi-se, de abalada, vasculhando os corredores.²²⁷ Daí a pouco 「ele voltou com Celina. Vinham enfiados nos olhos um do outro, alheios a tudo, alheios ao Rui que os mirava sem nada compreender.²²⁸

- Mas isso não é razão. Os 「seus²²⁹ pais... Então os seus pais não devem 「opor-se...²³⁰

Celina bebia-lhe as palavras 「(mole, lácteo, nariz de papagaio, sim, tudo seria o Justino. Oh! mas era simpático)²³¹. 「Rui não ouviu mais nada, mas Celina rematou a meio da escadaria:²³²

「- Bem. Está bem,²³³ sempre aceito. Mas agora veja lá 「como²³⁴ se porta.

Justino abriu a torneira das juras e promessas:

- Juro-lhe, Celina... prometo-lhe que hei-de esforçar-me por compreendê-la... 「que hei-de...²³⁵

Celina atalhou, 「céptica, como cumpria. Porque a mulher séria deve duvidar:²³⁶

「- Hum!²³⁷ Vamos ver... vamos ver...

²²² [omisso em A]

²²³ [omisso em A]

²²⁴ [A] por <Vaz> aqui o Vaz?

²²⁵ [omisso em A]

²²⁶ [A] O flácido Justino

²²⁷ [A] <partiu> [↑ foi-se] de abalada <à rebusca dos> [↑ vasculhando os] corredores.

²²⁸ [A] passava com Celina <perto> [↑ perto] de Rui. <Ainda lhes ouviu:> [↑ Eles iam absorvidos um no outro:]

²²⁹ [A] [↑ seus]

²³⁰ [A] op<or>/ôr\ -se

²³¹ [A] (<A>/a\final o Justino era mole e lácteo mas ... era simpático).

²³² [A] [Rui não ouviu mais nada mas Celina rematou <frente> /a\ [↑ meio] da escadaria:]

²³³ [A] - Bem; está bem;

²³⁴ [A] <se me>/como\

²³⁵ [A] [que hei-de...]

²³⁶ [A] céptica.

²³⁷ [A] - <U>/Hu\m!

「Rui martela²³⁸ o ladrilho do corredor. «Tem de ser hoje... já estou farto... mas farto 「porquê²³⁹? 「Sim, farto porquê²⁴⁰?」 Não 「se²⁴¹ respondia a si mesmo. 「Sentia-se entediado e pronto.²⁴² 「Ele criara um mundo diferente, e não podia aceitar aquele que lhe davam.²⁴³ Tinham-lhe morrido os 「sonhos, porque Amélia surgia agora, mais do que nunca, lasciva e carnal, cobra ondeada em desejo agudo.²⁴⁴ 「Por²⁴⁵ isso os sorrisos dela, os jeitos 「brejeiros,²⁴⁶ eram mentira. Mas ele era 「mole e precisava de²⁴⁷ muitas energias para se fixar numa atitude 「definida.²⁴⁸ E tinha pena. 「Porém²⁴⁹ agora estava decidido. Havia dentro dele uma repulsa por 「Amélia, que sentia bestializada, que revia continuamente na posição de rendida. (A cabeça tombada. O cabelo descomposto. O *bâton* alastrando...)²⁵⁰

Rui 「martela os ladrilhos²⁵¹ do corredor. Um empregado 「aninha-se²⁵² a um 「canto, olhos ensonados sobre um vago jornal.²⁵³ Raros sobem 「a escadaria.²⁵⁴ Raros furam o corredor ermo. 「Em breve estalou um trinco e uma sala se despejou.²⁵⁵ Rui olhou os 「alunos, espalhados e palreiros.²⁵⁶ Não eram colegas de Amélia. Esperou. Daí a pouco 「outras salas se vazaram e os estudantes saíram em jorro, alagando o corredor largo. Remexeu toda aquela massa que escorria dos salões até chegar Amélia.²⁵⁷ Ela vinha risonha. Não o supunha ali à espera. Mas ele estampou-lhe o motivo:

²³⁸ [A] <Tinham saído da Faculdade.> Rui martelava

²³⁹ [A] <de>/por\quê

²⁴⁰ [A] Sim farto <de>/por\quê

²⁴¹ [omisso em A]

²⁴² [A] A verdade é que se sentia entediado.

²⁴³ [omisso em A]

²⁴⁴ [A] sonhos. <Agora>/Amélia\ renascia carnal e lasciva.

²⁴⁵ [A] <↑>/Por\

²⁴⁶ [A] brejeiros

²⁴⁷ [A] mole<. Eram> /e eram\ precisas

²⁴⁸ [A] def<e>/i\nida.

²⁴⁹ [A] <Mas>/Porém\

²⁵⁰ [A] Amélia<.>/\ <S>/s\entia-a bestializada<.>/\ <Re>/re\via-a continuamente na <postura> [↑ posição] de sábado. [(A cabeça tombada. O cabelo descomposto. O *bâton* alastrando...) pelas]

²⁵¹ [A] martelava o ladrilho

²⁵² [A] aninha<va>/a\se

²⁵³ [A] canto. [omisso em A]

²⁵⁴ [A] as escadarias.

²⁵⁵ [A] <<De repente...> <e>/E\stalou> [↑ Depois estalou] um pincho. Uma <aul> [↑sala] despejou-se.

²⁵⁶ [A] alunos.

²⁵⁷ [A] <fundiam-se> [[↑ outras <aulas> salas se vasaram] e] <o>/O\s estudantes [↑fundiam-se] numa só massa. Rui coscuvilhou, rebuscou e conseguiu achar Amélia.

- Preciso de 「te falar.²⁵⁸

Amélia 「quedou-se e olhou-o²⁵⁹ espantada.

- Mas o que é?

Rui calou-se para tomar fôlego e coragem. 「(Diabo de chatice! Tanta gente a vê-los...)²⁶⁰

- Que é? 「Diz,²⁶¹ meu Deus... 「diz lá. - E num esforço: - Sê franco.²⁶²

「Rui precisava de uma vitória sobre si, sobre o mundo que lhe chamava *trouxa*.²⁶³

- É 「isto, pronto: quero acabar...²⁶⁴ é melhor acabarmos...

As palavras 「saíram-lhe num repelão.²⁶⁵ 「Rosto de ferro. (Vitória! Ele era um forte).²⁶⁶

Amélia sentiu um abalo profundo. E chorou. 「Porquê, se ela preferia que ele a deixasse, a andar a iludi-la?²⁶⁷ 「Mas agora, não pensava em nada. Não via nada.²⁶⁸ Via apenas 「o²⁶⁹ Rui. Via-o a 「decidir, com ares de senhor de escravos: «quero acabar».²⁷⁰ 「Do alto da sua prosápia, Rui sacudia-a como poeira.²⁷¹ Ele deixara-a. Aborrecera-a. 「E, num turbilhão, precipitaram-se sobre Amélia²⁷² as recordações de sábado.

「- Amei-te muito. Fui demasiado franca e agora deixas-me...²⁷³

「Fulminava-o²⁷⁴ com rancor. Ele explicou:

- Não, podes crer: juro-te que não foi por isso.

²⁵⁸ [A] falar contigo.

²⁵⁹ [A] quedou-se. Olhou-o

²⁶⁰ [omisso em A]

²⁶¹ [A] Dize,

²⁶² [A] diz lá. <(> E um esforço sê franco

²⁶³ [omisso em A]

²⁶⁴ [A] isto<:> [↑ pronto:] quero acabar<,>[↑ ...]

²⁶⁵ [A] sai[r]am-lhe <com aperto.> [→ num repelão.]

²⁶⁶ [omisso em A]

²⁶⁷ [A] [↑ Porquê se ela <queria> [↑ preferia] que ele a deixasse, a andar a iludi-la?]

²⁶⁸ [A] <Não pensava > <a>/A\gora <no Domingos.> [↑ porém não pensava em nada. Não via nada. <Nem o Domingos.>]

²⁶⁹ [omisso em A]

²⁷⁰ [A] de<d>/c\idir ele, ele só: quero acabar.

²⁷¹ [A] <E fosse ela a resolver... mas não: fora o Rui.> [↑ Do alto da sua prosápia ele sacudia-a como poeira de fato]

²⁷² [A] E num turbilhão precipitaram-se sobre ela

²⁷³ [A] - <Conseguiste tudo o queria e agora deixas-me... <e>> [↑ Amei-te muito. Fui demasiado franca e agora deixas-me...]

²⁷⁴ [A] <E > <f>/F\ulmivava-o

「Aí voltava o tormento das juras e dos esclarecimentos. Para quê isso? Tudo se complicaria assim. Não importam os meios, o que importa são os resultados. Rui queria acabar. Para quê jurar, esclarecer? Isso o tornaria de novo uma bola de trapos. Há uma razão clássica para acabar o namoro. Essa bastaria.²⁷⁵

「- Acabo, porque²⁷⁶ nos não entendemos.

「Não nos entendemos... Meu Deus! Mas seriam os caminhos tão difíceis, que dois seres se não pudessem encontrar? Dois seres que vivem tão perto... Era forçoso caminhar só, calcar sozinha a areia do deserto. Trambolhar na ladeira, ensanguentar os pés e as mãos. Rastejar ofegante, de olhos esgazeados, pedindo a gota de água, enquanto outros rastejam também e se babam na aflição... Não nos entendemos... Não nos entendemos... Será que a não entendem a ela, só a ela? E que, por isso, tem de caminhar abandonada? Não a entendem... Ela traz vozes estranhas nos olhos e risos histéricos nos lábios... Ela tem o mistério dos loucos e todas a olham espantados. Vem de longe. E o mundo não a conhece. Traz uma vida diferente e sonhos diferentes... Por isso a não entendem... Por isso lhe fazem ver que ela não é daqui... E que o seu mundo é outro e que a sua voz é outra... Ninguém a entende... Nem a Luísa, nem as colegas, nem o Rui... Ninguém...²⁷⁷

²⁷⁵ [A] Aquela preocupação das juras e esclarecimentos torna-lo-iam de novo uma bola de borraça. <Ele> <a>/A\percebeu-se disso e fez-se sério.

²⁷⁶ [A] - Acabo porque

²⁷⁷ [A] <Não era razão. [↑Se eles nunca tinham procurado entender-se...] Mas Amélia não pensou nisso. Já não era o corte de relações que a preocupava. Isso era o menos. O orgulho, <é> [↑ um orgulho é] que se sentia amachucado. Ele dizer-lhe: quero acabar. <e>/E\le, ein? ELE. Assim Amélia era uma boneca. Sua Excelência o Snr. Rui desfazia-se dela. Amélia era pois espezinhada. E por quem Meu Deus, por quem?>» Pelo <sêco> [↑ressequido] do Rui. Ela «que podia ter tido bons namoros. Agora... pronto. Mesmo que quizesse vergastá-lo com o desprezo superior não podia: ele é que a tinha deixado<,>/\<e>/E\le é que dissera: queuo acabar. O outro havia de saber que fora ele que a deixara. Toda a gente havia de saber...> [“Não nos entendemos...” Meu Deus! <m>/M\as seria[m] <o>/os\ <mundo> [↑ caminhos] t<am>/ão\ difíceis que dois seres se não pudessem encontrar? Dois seres que vivem tam perto... Era forçoso caminhar só. <Amélia> [↑ Calcar] so[↑zinha] a areia do deserto. Trambolhar na ladeira, ensanguentar <as> [↑ os pés. E as] mãos. Rastejar ofegante de olhos esgazeados pedindo a gota de água, enquanto outros rastejam também e se babam <de>/na\ aflição... Não nos entendemos... Não nos entendemos... Será que a não entendem a ela, [↑ só] a ela? <a> E que tem de caminhar abandonada enquanto as outras passam apressadas?... Não a entendem... Ela traz vozes estranhas nos olhos e risos histéricos nos lábios... Ela tem o mistério dos loucos e todos a olham espantados. <†>/Vem\ de longe. E o mundo [↑ não] a conhec<ia>/e\]. Traz<ia> uma vida diferente e sonhos diferentes... Por isso a não entendem... Por isso lhe <dizem> fazem ver que ela não é daqui... E que o seu mundo é outro e a sua voz é outra... Ninguém a entende... Nem a Luíza, nem as colegas nem o Rui... Ninguém...]

Amélia chora em silêncio.] [Nota: acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem (Volte)]

Amélia 「chora²⁷⁸ em silêncio. Rui não a 「perturba.²⁷⁹ Por fim 「decide.²⁸⁰

- 「Bem,²⁸¹ adeus. Se quiseres trocar as coisas...

Ela não 「responde.²⁸² Rui 「embaraça-se²⁸³ 「(Há-de deixá-la ali?) Tenta uma vez mais:²⁸⁴

「- Então que²⁸⁵ dizes?...

「Amélia chora. E não responde. Depois, tira o lenço da malinha, apaga as lágrimas e sentencia:²⁸⁶

- Nada; não tenho nada a dizer. Faça favor de mandar tudo o que é 「meu,²⁸⁷ e eu depois mandarei o que é 「seu.²⁸⁸

²⁷⁸ [A] chor<ava>/a\

²⁷⁹ [A] perturb<ou>/a\.

²⁸⁰ [A] <atou:> [↑ decide:]

²⁸¹ [A] Bem

²⁸² [A] respon<deu>/de\.

²⁸³ [A] embaraç<ou>/a\ -se

²⁸⁴ [A] [(] H<avia>/á\[-] de deixá-la ali[?)] <- São horas> <Ainda> <t>/T\ent<ou>/a\ <de novo:> [↑ uma vez mais:]

²⁸⁵ [A] - Então?... Que

²⁸⁶ [A] <Ela>/Amélia\ no borbulhar das lágrimas <assoava-se.> [↑ assoa-se profundamente.] Depois <decidiu:> [↑ resolv<eu>/e\:]

²⁸⁷ [A] meu

²⁸⁸ [A] seu.

<E <despediram-se.> [↑ foram-se:] <E>/e\le ia aturdido<.>/\ <E>/e\la <ia> <rancorosa.> [↑ triste]

「III」²⁸⁹

Amélia estava livre. Tina agora 「de novo a vida」²⁹⁰ na sua 「frente, a vida que ela julgava ter vencido」.²⁹¹ 「A vida que lhe riscava」²⁹² todos os caminhos do 「mundo」,²⁹³ para ela escolher. À sua 「volta」,²⁹⁴ andava o desprezo das colegas e o 「cinismo」²⁹⁵ de Rui. Até 「então」,²⁹⁶ ela tinha uma situação 「legal」,²⁹⁷ porque o namoro justificava tudo ou quase tudo. Que dava que se beijassem, que falassem mesmo a horas mortas? Eram namorados... Um dia casariam e o casamento seria 「um rasoiro」...²⁹⁸ Um dia casariam. Mas assim...

Assim todas a olham de soslaio. Luísa 「fala-lhe, é verdade, mas」²⁹⁹ a sua vontade seria falar-lhe 「apenas」³⁰⁰ quando ela mudasse 「ou pedir-lhe que mudasse」.³⁰¹ Por isso a aconselha:

-... Veja lá... É preciso cuidado... Em 「Coimbra, para se murmurar」...³⁰²

「Não era bem isto que desejava dizer. Mas não podia perguntar-lhe francamente: «A Amélia sabe o que quer, não é assim? Então deixe falar...» Comia palavras」.³⁰³ 「Amélia」³⁰⁴ sorria. 「Sorriso dorido」.³⁰⁵ Era a 「tristeza」³⁰⁶ de ter falhado e de pisar agora 「a

²⁸⁹ [A] [fol. 95] 3

²⁹⁰ [A] [↑ de novo a vida]

²⁹¹ [A]frente<.>/\ [↑ <*a vida><A>/a\ vida que ela julgava ter vencido.]

²⁹² [A]E a vida riscava-lhe

²⁹³ [A]mundo

²⁹⁴ [A]volta

²⁹⁵ [A]<sorriso> cinismo

²⁹⁶ [A]então

²⁹⁷ [A]<*nova> [↑ legal]

²⁹⁸ [A]<o>/um\ rasoiro[...] <que rivalaria todos estés desvios da boa moral.>

²⁹⁹ [A]fala-<se>/lhe, <sim> /é verdade\. Mas

³⁰⁰ [A] [↑ apenas]

³⁰¹ [A]mudasse [↑ ou pedir-lhe que mudasse].

³⁰² [A]Coimbra paar se <falar...> [↑ murmurar...]

³⁰³ [A] [↑ Falava por meias palavras.]

³⁰⁴ [A]<†>/A\mélia

³⁰⁵ [A]A princípio sorria doridamente.

³⁰⁶ [A]tristeza da solidão. Era a certeza

areia do deserto, do deserto que não findava.³⁰⁷ Era a angústia que lhe ³⁰⁸ria secando o choro dos olhos.

Para todas as colegas (sobretudo para ³⁰⁹ todos os colegas) Amélia ³¹⁰ entrava definitivamente no rol ³¹¹ das inutilizadas. Os pedidos de namoro choeriam agora ³¹² mais do que nunca. (Era um namoro que ³¹³ convinha. Sem responsabilidades.) Não seria ³¹⁴ isto também uma consolação para as que nunca tinham namorado? Nunca!.. ³¹⁵ Algumas já no 3º ano. ³¹⁶ E, 3º ano sem namoro, era indício de que nenhum rapaz viria ³¹⁷ já bater à porta. (Que ³¹⁸ seria a vida fora dos livros ³¹⁹ maçudos e dos bolorentos professores? Fora daquela prisão? Longe? Longe, num mundo de ³²⁰ poesia, de cor desconhecida? Onde os dias e as noites ³²¹ seriam mais apetecidos e as horas se ³²² alargariam para além das ³²³ horas?...)

Só ³²⁴ Catarina continuava, serena, a apontar-lhe um caminho ³²⁵ em que Amélia não reparava. Era um caminho estranho e diferente de todos ³²⁶ outros, onde a poesia não chegava.

- Dá-te para ³²⁷ boa, ligares agora importância ao que dizem...
(«ao que ³²⁸ dizem!»)

³⁰⁷ [A] <apenas> [↑ a areia] do deserto.

³⁰⁸ [A] <*tornava> [↑ enchia] os olhos de água. <Depois...>

<Só Catarina continuava serena a apontar-lhe <o outro> um caminho que a vida <lhe> não mostrara.>

³⁰⁹ [A] [↑ todos]

³¹⁰ [A] entr<va> d<i>/e\definitivamente

³¹¹ [A] <onde *cobriam-na> [↑ das inutilizadas.]

³¹² [A] mais.

³¹³ [A] convinha... Sem responsabilidade...).

³¹⁴ [A] também isto

³¹⁵ [A] (Algumas

³¹⁶ [A] E 3º ano sem namoro

³¹⁷ [A] [↑ já] bater-lhes à porta<,)> Que

³¹⁸ [A] <maçudos> [↑ massudos]

³¹⁹ [A] poesia onde a tristeza <

³²⁰ [A] são

³²¹ [A] alargam

³²² [A] horas?... Que <†>/seria\?...)

³²³ [A] <a> Catarina continuava serena

³²⁴ [A] [↑ em] que <†> não mostrara a Amélia.> [↑ Amélia não reparava.]

³²⁵ [A] os outros. Onde a poesia tinha as formas duras d<a>/U\ma dor.

³²⁶ [A] boa

-... ou ao que possam dizer...

(«ao que possam dizer...»)

E neste 「não-te-roles com o³²⁸ que diziam ou 「poderiam³²⁹ dizer ia toda a razão que Amélia 「teria, para andar cá neste mundo, e³³⁰ não ir juntar-se à mãe e ao pai. (O pai 「era alto³³¹ e forte. E chorava a mãe nos copos de vinho...)

Às vezes ela falava. 「Falava, sobretudo, quando sentia³³² fortemente que o deserto era longo e 「o³³³ caminho se perdera. Mas Catarina não via deserto nenhum e 「tinha, decerto, razão³³⁴ para viver. Não poderia Amélia viver também?

Ela percebe 「que³³⁵ a sua dor 「se fora concentrando, enrijecendo.³³⁶ E que a sua tristeza não 「é³³⁷ já aquela mágoa 「desfeita³³⁸ que a enternecia. 「Agora,³³⁹ anda-lhe na alma qualquer coisa endurecida que lhe crispa a sensibilidade e a faz olhar de longe e com desprezo todo o mundo e toda a vida. Para a frente... Agora precisa apenas de romper como um furacão! Para quê 「fazer³⁴⁰ dos outros a maior parte da 「sua³⁴¹ vida? Se a vida 「estava nela,³⁴² só nela... Os outros 「nada podiam entender.³⁴³ 「Fora de si mesmos, o mundo ficava-lhes como³⁴⁴ coisa vaga, sem sentido.. Para a frente! (Teria ela culpa de entender assim 「a vida?)³⁴⁵

³²⁷ [A] dizem...

³²⁸ [A] [↑ não-te roles com o]

³²⁹ [A] podiam

³³⁰ [A] <↑>/teria\ para andar neste mundo. E

³³¹ [A] <a>/e\ra alto

³³² [A] Falava sobretudo quando <pensava> [↑ sentia]

³³³ [A] <a>/o\

³³⁴ [A] tinha [↑ deceto] razões

³³⁵ [A] agora que

³³⁶ [A] [↓ se] fôra <enrijecendo> [↑ concentrando] e enrijecendo.

³³⁷ [A] <era>/é\

³³⁸ [A] preguiçosa

³³⁹ [A] Agora

³⁴⁰ [A] fazermos

³⁴¹ [A] nossa

³⁴² [A] esta[↓ va] [↑ n]ela,

³⁴³ [A] não entendem.

³⁴⁴ [A] O <f> mundo fora <delas> [↑ dos outros] é uma

³⁴⁵ [A] a vida?)

³⁴⁶X

XX

Agora Amélia era 「encontrada, a cada passo,³⁴⁷ com uns e com outros. Às vezes ria, ria 「alto,³⁴⁸ num destempero. E sacudia-se na gargalhada com um 「frenesim³⁴⁹ estonteante. Era a exaltação, o delírio. 「E ela ambicionava o delírio.³⁵⁰ Chá das 5 「no Central Cinema.³⁵¹ Passeios. Viver! 「Sentia-se³⁵² tonta. Havia uma febre de loucuras que a 「embriagavam.³⁵³ O cérebro era um vulcão. As lições atrasavam-se. A vizinhança 「continuava a falar.³⁵⁴

Mas 「uma tarde, ao passar à porta de uma casa desconhecida, um cavalheiro, que lhe tinham apresentado havia dias e a acompanhava, convidou:³⁵⁵

「- Não quer entrar?³⁵⁶

Falava 「tranquilamente. Amélia suspendeu-se:³⁵⁷

- Mas... para quê?

「O³⁵⁸ homem estranhou. Para quê? Essa agora... Ela não sabia? 「Decerto³⁵⁹ Amélia não sonhava que 「ele viesse a namorá-la.³⁶⁰ Já andara com tantos! Por isso repreendeu:

-... então?! Tomar alguma 「coisa... e...³⁶¹

xx

<tinha tentado ainda recomeçar o namoro:>

Segue na pág. 96

³⁴⁶ [A] [fol.96]

[x

xx]

³⁴⁷ [A] encontrada a ca<p>/d\ a passo

³⁴⁸ [A] alto

³⁴⁹ [A] frenesi

³⁵⁰ [A] [↑ E ela ambicionava o delírio:

³⁵¹ [A] n<a>/a\ <St.^a Cruz.>[↑ Central.] Cinema.

³⁵² [A] <Mas um dia à porta dum hotel> Sentia-se

³⁵³ [A] embriagavam.

³⁵⁴ [A] [↑ continuava a] fala<va>/r\.

³⁵⁵ [A] um[a] <dia,> [↑ tarde] <um cavalheiro> [↑ ao passar] à porta <dum hotel> [↑ duma casa desconhecida], um cavalheiro que ela conhec<ia>/era\ h<á>avia dias e a acompanhava, convidou-a a entrar:

³⁵⁶ [A] - <Entre>/Não\ [quere entrar?]

³⁵⁷ [A] <naturalmente> [↑ tranquilamente. Amélia suspendeu-se:]

³⁵⁸ [A] <<->/O\> O

³⁵⁹ [A] De certo

³⁶⁰ [A] ele a namorasse.

「Sorriu³⁶² maliciosamente.

Amélia abriu muito os 「olhos,³⁶³ sentiu-se imbecil. Depois rodou vivamente e 「andou...³⁶⁴ 「Tão³⁶⁵ longe que ficava a casa, a sua casa, o seu quarto. Só! 「Queria-se³⁶⁶ só. O barulho dos 「eléctricos, o³⁶⁷ vozear das 「pessoas, carros³⁶⁸ buzinando. Era tudo um ruído longínquo e indeciso. Só! Ah! o mundo!

E momentos depois estava só, no seu 「quarto,³⁶⁹ a chorar. Ela quisera esquecer! Ser alegre! Abafar a vida! Mas os homens eram cruéis! Exigiam-lhe logo o 「sacrifício!³⁷⁰ E julgavam-se no direito 「de exigir-lo!³⁷¹ Triste sorte! Nem uma tábua para se agarrar na ânsia de afogada! Tudo se esvaía. Para quê viver? Para quê? 「- Pela primeira vez fez a si mesma esta pergunta. E teve medo. Terror.³⁷²

A patroa; 「a senhora Aurora,³⁷³ andava triste. Cilita 「falava pouco.³⁷⁴ E tudo isto 「gravava fortemente em Amélia uma ânsia bruta de fugir.³⁷⁵ Para quê viver? 「E o Rui³⁷⁶ é que tivera a culpa. 「Ele fora-se. Abandonara-a.³⁷⁷ Agora ninguém mais a queria reabilitar.

「Mas... o Domingos. É verdade! O Domingos amava-a,³⁷⁸ o Domingos nunca mais lhe falara, nunca mais se dirigira a ela! Tantos rapazes a tinham procurado (os homens são cruéis!) Ele 「não, porque a não amava como os outros. (Porque a não amaria como os outros?)³⁷⁹

³⁶¹ [A] coisa...

³⁶² [A] <Amé> Sorriu

³⁶³ [A] olhos. E

³⁶⁴ [A] <*<desan> [↑ andou], andou...

³⁶⁵ [A] Ai tão

³⁶⁶ [A] queria-se

³⁶⁷ [A] elé[c]tricos. O

³⁶⁸ [A] pessoas. Carros

³⁶⁹ [A] quarto

³⁷⁰ [A] sacrifício:

³⁷¹ [A] de o exigir!

³⁷² [A] [(] Era a primeira vez que [↑ se] fazia a si esta pergunta. E teve medo. Terror.[)]

³⁷³ [A] a Sn^a Aurora

³⁷⁴ [A] mal falava.

³⁷⁵ [A] lançava na alma de Amélia uma <nausea> [↑ enjo] do mundo.

³⁷⁶ [A] <R>/E\ o Rui

³⁷⁷ [A] E[le] f<oi>/ôra\ -se. E <deixou-a> [↑ tinha-a abandonado.]

³⁷⁸ [A] <De repente> <Mas> ... O Domingos! <e>/E\ra verdade<;>/. \ O Domingos amava-a.

³⁷⁹ [A] Ele não. Afinal o Dmingos <*<como>/era\ como o Rui.

³⁸⁰Amélia deita-se sobre a cama. 「Aperta a cabeça entre as mãos.³⁸¹ Sobre a 「travesseira,³⁸² espalha-se a sua cabeleira solta. A noite 「torna-se³⁸³ cada vez mais 「densa e pela³⁸⁴ janela entreaberta 「passam palavras erradias, vindas lá de fora.³⁸⁵

O Domingos não voltara 「mais, nunca mais.³⁸⁶ 「E Amélia não sabe, afinal, ao certo, se ele não voltou por a ter amado, se por tê-la esquecido.³⁸⁷ 「Naquela tarde em³⁸⁸ que ele tentara 「abraçá-la...³⁸⁹ Felizmente 「Amélia³⁹⁰ sacudira-o. 「Ele ficara³⁹¹ aturdido. Coitado! Talvez 「tivesse³⁹² feito aquilo sem pensar... Ele ficara embaraçado. Os cínicos, 「os experientes, não se teriam³⁹³ perturbado. Talvez ele não tivesse pensado. 「Talvez.³⁹⁴ Mas por que não voltou? A não ser que... Achara! 「Oh! achara!³⁹⁵ Mas logo 「uma³⁹⁶ tristeza 「espessa³⁹⁷ a envolveu de novo. 「Era tarde!³⁹⁸ O Domingos 「amara-a.³⁹⁹ E não 「voltou,⁴⁰⁰ porque a vira com os outros. E os outros não a amavam; desejavam-na. Domingos era puro. Por isso não voltou. Agora era tarde. Não viria mais! E ele era, 「(quem sabe?) fora o seu verdadeiro e único amigo.⁴⁰¹ Triste sorte! Negros caminhos os da vida! E se ela...? (Amélia soergueu-se na cama) Não se tornaria notada. Naturalmente, como qualquer outra pessoa, entraria na livraria. Pediria um livro. Era tudo tão natural... Não havia de 「sorrir.⁴⁰² Séria. Um 「vestido simples, ligeiro...⁴⁰³ Pouco *bâton*. Uma expressão de amargura mal disfarçada. Gestos comedidos e até

³⁸⁰ [A] [fol. 97]

³⁸¹ [A] <toma> [↑ Aperta] a <mão> ↓ cabeça na mão.

³⁸² [A] travesseira

³⁸³ [A] tornava-se

³⁸⁴ [A] espessa. Pela

³⁸⁵ [A] entravam palavras <†>/erradias\ <e <gritos> [↑ brados] de pregão>.

³⁸⁶ [A] mais. Afinal todos os homens são iguais. Ela já devia ter concluído isso.

³⁸⁷ [omisso em A]

³⁸⁸ [A] Bastava pensar naquela vez em

³⁸⁹ [A] abraçá-la.

³⁹⁰ [A] ela

³⁹¹ [A] sacudira-o. [↑ E] <E>/e\le ficou

³⁹² [A] [↑ ele] tivesse

³⁹³ [A] os experientes não se <pe>/te\riam

³⁹⁴ [omisso em A]

³⁹⁵ [A] Achara!

³⁹⁶ [A] <uma> [↑ a]

³⁹⁷ [omisso em A]

³⁹⁸ [A] "Era tarde!"

³⁹⁹ [A] amava-a

⁴⁰⁰ [A] voltou

⁴⁰¹ [A] fôra o único que a amara.

⁴⁰² [A] sorrir. Grave.

⁴⁰³ [A] <fato> [↑ vestido] <leve> [↑ simples,] ligeiro.[..]

talvez cansados. Pouco brilho nos olhos. ⁴⁰⁴「Tudo isto era tão hipócrita, tão cobarde! Mas ela ⁴⁰⁵「queria reabilitar-se. E tinha ⁴⁰⁶「direito de fazê-lo. ⁴⁰⁷「(Porque não forçar agora, só um pouquinho, a sua sorte? depois... tudo iria bem. Era só torcer um pouco o destino. Para além dessa pequena ⁴⁰⁸「curva, estavam decerto as alegrias da vida. Porque não ⁴⁰⁹「buscá-las? Transpor este pequeno muro? Seria tudo tão natural... De resto ela ⁴¹⁰「mudara intimamente. Onde ⁴¹¹「estava a mentira do seu ⁴¹²「porte externo, se ela o mudasse também?

Iria à livraria. Era fácil. ⁴¹³「Não havia nisso nada de extraordinário.

- Queria um livro.

- ?!

- A ⁴¹⁴「Sintaxe de Riemann, tem? Procurei em todas as livrarias... Não havia. ⁴¹⁵

- E porque não veio logo cá? ⁴¹⁶

- Olhe, porque... porque não ⁴¹⁷「calhou, afinal.

- Não; não foi por isso... ⁴¹⁸「diga lá... A Améliezinha, não sei porquê, tem-me assim um odiozito, não tem?

⁴⁰⁴ [A] (Tudo

⁴⁰⁵ [A] <†>/queria\ reabilitar-se.

⁴⁰⁶ [A] <o> direito de o fazer.)

⁴⁰⁷ [A] Porque

⁴⁰⁸ [A] curva estava[m] de certo [↑ as alegrias] <a>/d\[a] vida.

⁴⁰⁹ [A] buscá-la

⁴¹⁰ [A] <Amélia> [↑ ela]

⁴¹¹ [A] <haveria> [↑estava]

⁴¹² [A] porte<,> [↑ externo,] se ela o mudasse?

⁴¹³ [A] E não

⁴¹⁴ [A] sinta<sse>/xe\ do <Riemann> Riemann,

⁴¹⁵ [A] <estivera sequer em <†> [↑ casa].

Amélia afundava-se. <Em casa> Catarina não podia ver lágrimas. E [↑ um dia] chama<->/r\ o a <[↑ um dia]> "parva". O mundo inteiro de Amélia [↑ vinha à superfície], <a palavra>; <A>/o\ <an>/ex\terior sumia-se-lhe. Catarina tinha <o>/g\[↑ randes] do<m>/ns\ Bastara uma palavra para transformar a amiga. "Parva"; era o suficiente. Amélia começava nesta censura o seu raciocínio: "parva... e com razão. Aquele' Domingos pode vir a amar-me a casar comigo. Há tanto tempo que ele me persegue... Mas... (era Verdade) <†>/entre\ o bando de rapazes que a procuravam, não andava o Domingos. Nem admirava afinal. Primeiro não saberia que <†>/ela\ acabara namoro<,>/;\ <S>/s\egundo <o>/a\ <<emprêgo <do Banco> [↑ na Livrari]> [↑ Livraria] (Domingos era o proprietário d<a>/u\ma Livraria) não lhe dava tempo a procurá-la. Mas iria ela. É certo que nunca lá fôra sózinha desde aquela cena. (Amélia lembrou-se de quando Domingos lhe tocou no ombro...) Era preciso mostrar-se digna. Pois? Que julgava ele? Heim? Pensava talvez que ela era uma... como tantas? Lá por ser bonita e etr um físico voluptuoso... Não. E não ia [↑ nunca] sózinha. Mas agora iria. "Há mil pretextos". "Olhe, procurei em tôdas as livraria a Sintasse do Rieman" (Amélia precisava da Sintasse de Reiman)>

⁴¹⁶ [A] (segue.)

⁴¹⁷ [A] calhou

Aqueles diminutivos insinuavam-no. Mas ódio? Não, isso é que não. Amélia queria a todo o custo desfazer essa impressão desagradável.⁴¹⁹

- Nunca! Pode crer.

「- Quer então a Sintaxe? Sim, senhora.⁴²⁰

- Quanto custa?

- 50\$00

- Ah! (e sorriu) Não trouxe dinheiro que chegue. Eu venho cá 「amanhã,⁴²¹ então.

- 「Não, senhora!⁴²² Ora 「essa! Por⁴²³ quem é! Leve o 「livro,⁴²⁴ faça favor. Pague 「amanhã,⁴²⁵ pague depois...

- Não; então logo trago o resto. Aqui tem 「40\$00.⁴²⁶

Domingos fundia-se em amabilidades:

- Leve o 「dinheiro. (E⁴²⁷ empurrou-lhe a mão. Amélia sentiu-lhe o calor). Eu passo lá pela sua rua e quando calhar...

「- Por favor, não. Então vou já buscar o resto.

- Pronto. Como queira. Deixe então ficar o dinheiro e paga depois o que falta.⁴²⁸

Apertaram as mãos nervosas. 「A do⁴²⁹ Domingos não tanto. Para 「ele,⁴³⁰ uma mulher já 「pouco⁴³¹ contava. Passavam-lhe na vida como 「os cigarros que fumava. Que fumava até meio. (Domingos era rico e, sobretudo, fora rico). Amélia seria mais uma, se fosse.⁴³² 「E depois estava achando um interesse guloso em namorar⁴³³ uma estudante.

⁴¹⁸ [A] Diga lá... <am?>

⁴¹⁹ [A] impressão

⁴²⁰ [A] Fôra solene. Não devia ter sido tão clara. Mas Domingos não se surpreendeu. Já estava habituado. <Não era> <c>/C\ontudo não era conveniente insistir na mesma nota.

- Quer então a Sinta<sse>/xe\? Sim senhora.

⁴²¹ [A] amanhã

⁴²² [omisso em A]

⁴²³ [A] essa, por

⁴²⁴ [A] livro

⁴²⁵ [A] àmanhã,

⁴²⁶ [A] <3>/4\0\$00.

⁴²⁷ [A] dinheiro (e

⁴²⁸ [A] - <<Está> <Eu chamo-o Está bem. Muito obrigada. Adeus.> [↑ Por favor, não. Então vou já buscar o resto

↓ - Pronto. Como queira. Deixe então ficar o dinheiro e paga depois o resto]

⁴²⁹ [A] <O>/de\

⁴³⁰ [A] ele

⁴³¹ [A] <não> [↑ pouco]

⁴³² [A] [↑ os] cigarros [↑ que] fuma<dos>/va\, [↑ (Domingos era rico e sobretudo fôra rico) <Amélia *fosse> [↑ Amélia seria] mais uma, se fôsse.

⁴³³ [A] De resto <o>/era\ interessante namorar

Que ele 「já⁴³⁴ não era o primeiro... Sim, porque as havia (e muitas) que preferiam um homem colocado. Que interessava o curso? Isso era para 「as outras. Isso⁴³⁵ era para as que nunca tinham saído da aldeia. Agora as que estudavam? Ou, ou! Sobretudo as 「brincas (esta parecia-o). Além disso Amélia tinha pinta... E aqueles passeios, com este e com aquele, eram bem significativos. Ele não a procurara (chamara-se burro por isso) mas também a Livraria lho não tinha permitido ultimamente. Afinal o que tem de ser nosso... Ela voltou. Em tempos ele convenceu-se de que raparigas estudantes não ligavam importância a rapazes sem curso. Depois corrigiu-se dessa asneira. Raparigas estudantes? Pff!... E então quando elas percebiam tanto dos livros tanto como ele de lagares de azeite?⁴³⁶ 「Essas não desejavam rapazes cultos.⁴³⁷ O que lhes interessava era 「o físico do macho.⁴³⁸ E havia-os que não estudavam e 「tinham belo corpo.⁴³⁹ Por isso, Domingos não era o primeiro. Já muitos tinham arranjado desses namoros. Dizia-se até que uma aluna de 「medicina namorava um caixeiro...⁴⁴⁰ 「E se encontravam, de noite, num quarto da baixa. Quarto que ela pagava.⁴⁴¹

Amélia olha o céu. Foi devagar que a noite caiu macia e 「fina⁴⁴² e a lua veio banhar-se no rio. Foi devagar que a terra se embrulhou e os candeeiros vieram para a

⁴³⁴ [omisso A]

⁴³⁵ [A] as outras<;>/.<i>/I\ssso

⁴³⁶ [A] brincas<.> [↑ (esta parecia-o. - no verso Além disso Amélia tinha pinta... E aqueles passeios com este e com aquele, <↑>/e\ram bem significativos. Ele não a procurara. (chamara-se burro por isso) mas também a Livraria não <tem>/lho\ tinha permitido ultimamente. Afinal o que tem de ser nosso... Ela voltou. Em tempos ele convenceu-se de que raparigas estudantes não ligavam importância a rapazes sem curso. Depois corrigiu[↑-se] <essa>dessa asneira. Raparigas estudantes? Pbb! E então quando elas perceb/iam\ tanto d<e>/os\ livros como ele de lagares de azeite?]

⁴³⁷ [A] <Para> <e>/E\ssas <um rapaz culto nada valia.> [↑ não que<rem>/riam\ rapazes cultos.]

⁴³⁸ [A] o físico.

⁴³⁹ [A] que <eram de corpo potente.> [↑ tinham belo corpo.]

⁴⁴⁰ [A] medecina namorava um caixeiro.[..]

⁴⁴¹ [omisso em A]

<Por outro lado Amélia <pensava o mesmo> [↑ <conven> ↑ começou a convencer-se d<e>/a\ sua <↑> ↑ superioridade]. <Além disso> <e>/e\la (uma universitária!) valia muito. Qual não era o futrica (não! o Domingos era no fim de contas um futrica) que a não queria para mulher? Só esta coisa de se ser educada! Só isto de se lerem alfarrábios! Só isto Por conseguinte Domingos havia que querer desposá-la. Que felicidade! [↑ Amélia quasi acredita já na sua felicidade] <N>/n\ão fala<v>/r\ia[m]> [↑ <De resto nunca falariam> mas não fala<v>/r\iam nunca] Não falariam de ciências nem dessas maçadoras literaturas!>

⁴⁴² [A] <fina> [↑ fina]

rua... Suave como 「as mãos de uma fada,⁴⁴³ o sonho nasceu para o mundo com a primeira estrela. Lá em 「baixo, o rio corre sereno, como quem já sabe todas⁴⁴⁴ as voltas do destino. O rio não pensa. Se ele pensasse... Bastava que 「se debruçasse, um pouco, sobre si, para cavar poços fundos... Para quê pensar?⁴⁴⁵

Mas Amélia olha o céu e pensa. Seus pensamentos têm a ligeireza da asa que perpassa num sopro leve. 「E o encanto que lhes⁴⁴⁶ dá todo o seu desejo. Se ela parasse em cada pensamento, sofreria. Ela não pode lembrar-se de que amou o Rui e que procura 「o Domingos. Não⁴⁴⁷ pode lembrar-se de que o seu caminho é outro que ela não conhece. Sente apenas dentro de si o seu desejo forte de 「viver,⁴⁴⁸ de poder gritar ao mundo inteiro a sua chegada... De dizer-lhe que veio... 「Oh! Se o céu a deixasse viver! Esse céu⁴⁴⁹ de estrelas onde Deus está...

O rio corre sereno. E deixa 「de si⁴⁵⁰ o rasto de luar onde andam vidas distantes do amor e 「de⁴⁵¹ paz. Uma casa 「pequenina, longe,⁴⁵² bem longe daquelas casas imensas, blocos sem expressão com uma vida afadistada de cidade... Uma casa pequenina... Dois beijos floridos todas as manhãs à porta da rua... E uns olhos cheios de riso no adeus da esquina... O sol 「lavando a casa e despejando⁴⁵³ canções fortes e sadias. Aos cantos do 「quintal, as roseiras crescendo⁴⁵⁴ e o menino que vai aspirar o perfume das rosas no espinhos do ramo delgado...

Virão os dias feitos da noite. Virá o vento, enraivecido, sacudir a porta para entrar, e a chuva dirá a sua monótona tristeza. Tudo será 「uma sombra vaga,⁴⁵⁵ porque ele há-de gritar no seu 「silêncio: estou!⁴⁵⁶

⁴⁴³ [A] <os>/as\ <pés> [↑ mãos] duma fada

⁴⁴⁴ [A] baixo o rio corre sereno, <*manso>/como\ quem já sabe de tôdas

⁴⁴⁵ [A] <concentrasse> [↑ debruçasse] um pouco sôbre si para cavar poços fundos. <E os meninos afogar-se-iam neles.> Para q<†>/uê\ pensar?

⁴⁴⁶ [A] E têm o encanto <†>/que\ <tod> <†>/lhes\

⁴⁴⁷ [A] <outro,> [↑ o Domingos] não

⁴⁴⁸ [A] viver

⁴⁴⁹ [A] Ah! que o ceu a deixe viver... <E o>/Esse\ ceu

⁴⁵⁰ [A] atrás de si

⁴⁵¹ [A] [↑ de]

⁴⁵² [A] pequenina longe, ai!

⁴⁵³ [A] lava a casa e despeja

⁴⁵⁴ [A] quintal ²as roseiras ¹crescem

⁴⁵⁵ [A] <*fez vã e inútil> [↑ uma sombra vaga]

⁴⁵⁶ [A] silêncio<;>/\ <no fumo quieto do> [↑ estou.]

- Em que 「pensas,⁴⁵⁷ Cardial?

Catarina lembra-se de que Amélia pode responder-lhe:

- Em 「ti,⁴⁵⁸ meu grande animal.

Mas Amélia murmura apenas num 「ciclo:⁴⁵⁹

- Em nada...

A lua, as estrelas, o rio, o 「Domingos... não são, afinal, nada e nada dizem.⁴⁶⁰ O mundo 「está⁴⁶¹ por descobrir. 「E, se já foi descoberto, é inútil.⁴⁶²

Inútil como um 「poema⁴⁶³ de sonho...

⁴⁵⁷ [A] pensas

⁴⁵⁸ [A] ti

⁴⁵⁹ [A] ciclo:

⁴⁶⁰ [A] Domingos não <eram>/são\ [↑ afinal] nada e nada afinal diz<iam>/em\.

⁴⁶¹ [A] <estava>/está\

⁴⁶² [A] <e>/E\ se [↑ já] foi descoberto é inútil.

⁴⁶³ [A] <belo> poema

IV⁴⁶⁴

「- TRUNFO⁴⁶⁵ é ouros!

- ... e *ourina* é mijo.

O ar 「é⁴⁶⁶ espesso do fumo dos cigarros. E então o Rodrigues 「que, enquanto joga,⁴⁶⁷ é uma perfeita chaminé... O Fernando já lhe não 「confia mais a onça do tabaco, porque o Rodrigues, muito calmamente, lhe mete até ao meio o dedo em gancho e arrasta, na saída,⁴⁶⁸ matéria prima para uma tocha. Agora 「tem de aparar, na mortalha,⁴⁶⁹ a esmola 「duns pozitos,⁴⁷⁰ e é se 「quer. Mas ele quer... (Se quer...)⁴⁷¹

Lá fora o vento 「zune e a chuva, em bátegas grossas, vergastas⁴⁷² as janelas. 「Fora⁴⁷³ por isso que eles não tinham saído. E preferiram ficar-se à volta da mesa do quarto do Rodrigues 「a bater uma suecada.⁴⁷⁴ Dava um conchego morno sorver tranquilamente um 「cigarro, após o jantar, e ouvir a tempestade lá fora.⁴⁷⁵ Sobre a cidade morta caía a desolação e a 「tristeza, com a noite fechada, de uma negrura espessa⁴⁷⁶.

- Corto.

「- O filho, se fazes renúncia. Já sabes:⁴⁷⁷ são quatro jogos. Isto é para todos. 「Ou⁴⁷⁸ bem que se joga a sério, 「ou bem que é a⁴⁷⁹ brincar. Eu já estou a perder 「mil e tal...⁴⁸⁰

「- Pronto,⁴⁸¹ caramba! Nunca mais 「acabarás com essa música?...⁴⁸²

⁴⁶⁴ [A] [fol.101] 4

⁴⁶⁵ [A] - Trunfo

⁴⁶⁶ [A] <es>/é\

⁴⁶⁷ [A] [↑ que] enquanto joga

⁴⁶⁸ [A] <fornece> [↑ confia] mais a onça [↑do tabaco] porque o Rodrigues muito calmamente [↑ lhe] mete <[↑ lhe]> <o>/até\ [↑ao meio] [o] dedo em gancho <na funda do tabaco> e arrasta na saída

⁴⁶⁹ [A] <se quiser> tem de aparar na <folha> mortalha

⁴⁷⁰ [A] duns po<z>/s\itos,

⁴⁷¹ [A] quere. Mas ele quere... (oh! se quere...)

⁴⁷² [A] zum<†>/be\ e a chuva em bátegas grossas vergast<am>/a\

⁴⁷³ [A] (Fôra

⁴⁷⁴ [A] <, †> [↑ a] bater uma suecada)

⁴⁷⁵ [A] cigarro após o jantar, e ouvir a tempestade.

⁴⁷⁶ [A] tristeza com a noite <espessa> duma negrura espessa.

⁴⁷⁷ [A] -<Se>/Ó\ filho, s fazes renúncia<:>/\ [↑ já sabes:]

⁴⁷⁸ [A] <ou>/Ou\

⁴⁷⁹ [A] <†>/ou\ [↑ bem] <†>/que\ [↑é a]

⁴⁸⁰ [A] <doze paus>[.] <††>

Mas Rui 「falava com razão.⁴⁸³ É que o Rodrigues tinha o hábito velho de fazer batota. 「Depois,⁴⁸⁴ ainda se ria com a piada. Ora o 「Rui, quando está a perder,⁴⁸⁵ «é uma fera». O Rodrigues 「disse-lhe um dia:⁴⁸⁶

- Tu não podes perder um tostão que não fiques logo a arder... 「Chíça que é seres fuinha...⁴⁸⁷

「- Eu???⁴⁸⁸

Ele admirava-se e não tinha razão, porque a verdade é que se 「desequilibrava quando estava⁴⁸⁹ a perder. Ou a ganhar.

Vaz jogava com 「o Rui, mas não barafusta, «embora goste⁴⁹⁰ de ver as coisas pelo direito».

「- Arre, gaita...⁴⁹¹ Hoje!

Era o grande defeito do Vaz. Vagaroso que nem lesma. 「Pensava e repensava,⁴⁹² e toda a gente iria julgar que saía uma jogada de truz. 「Qual quê? Asneira que se parta...⁴⁹³

- E para isto pensaste tu uma vida... Porque 「diacho⁴⁹⁴ não jogavas trunfo?

「- Chute!!!⁴⁹⁵ A sueca foi inventada por quatro mudos.

Era por isso que ninguém queria ficar com o 「Vaz, e «se deitava a reis»⁴⁹⁶ para ver com quem 「calhava.⁴⁹⁷ Ele já se aborrecia valentemente com o caso.

「- Mas,⁴⁹⁸ se vocês não querem, não jogo!

- Homem! Tu estás doido! Qual não jogas? Jogas tal...

⁴⁸¹ [A] - Pronto;

⁴⁸² [A] acab<†>/as\ com <a>/essa\ <†> [↑ música]...

⁴⁸³ [A] <†>/falava\ [↑ com] razão.

⁴⁸⁴ [A] Depois

⁴⁸⁵ [A] Rui quando está a perder

⁴⁸⁶ [A] <já>/disse-\lhe <dissera:>/um dia:

⁴⁸⁷ [A] Arre [↑ que é seres] fuinha...

⁴⁸⁸ [A] - Eu?!!!

⁴⁸⁹ [A] desequilibrava quando <†>/es\tava

⁴⁹⁰ [A] Rui mas não barafusta embora «goste

⁴⁹¹ [A] - Arre gaita...

⁴⁹² [A] Pensava, repensava

⁴⁹³ [A] <Nada.> <O *conhecido> [↑ Qual quê?] <†>/asneira\ que <†>/te\ parta...

⁴⁹⁴ [A] diabo

⁴⁹⁵ [A] - Schiu!!!

⁴⁹⁶ [A] Vaz<.> e <o>/se\ deitava «a reis»

⁴⁹⁷ [A] [↑ <ele>]> calhava.

⁴⁹⁸ [A] - Mas

「Se⁴⁹⁹ não havia outro parceiro... Ainda 「assim,⁵⁰⁰ o Fernando não se 「aborrecia muito por⁵⁰¹ ficar com ele. O Vaz era reconhecido e por isso lhe dizia logo de princípio:

- Já sabes que eu não percebo nada disto... Se fizer asneira, desculpa...
- Pronto, homem. Está tudo fixe. Vamos ganhar isto com certeza.

Lá fora a chuva 「chapinhando na calçada, retinindo no zinco dos telhados. Rolos de vento folgando⁵⁰² nos canais das ruas. As lâmpadas da cidade 「mirando tristemente, através das trevas brutas, a Natureza morta.⁵⁰³ O quarto de Rodrigues é um poço de fumo que sobe 「constantemente, em fios azulados, dos cigarros em brasa.⁵⁰⁴ Fernando quer a janela aberta.

- Abre aí essa janela!

Mas Rui teme logo a corrente de 「ar, a⁵⁰⁵ consequente constipação ou pneumonia.

- Qual pneumonia! Ar! Ar puro!

A sueca também começava a aborrecer. Mas 「quem poderia sair⁵⁰⁶ com um tempo daqueles?

- Só mais uma negra.

O Rodrigues, ainda assim, jogaria mais umas 「vazas.⁵⁰⁷ Mas os 「outros, desinteressados, acompanhavam⁵⁰⁸ «para não fazerem desfeita».

- Já sabes que eu e o 「Vladimiro⁵⁰⁹ vamos criar um jornal literário? 「Tu conheces o Vladimiro? um tipo baixo...⁵¹⁰

O Fernando não estava a ligar importância nenhuma ao jogo. 「Por isso,⁵¹¹ Rodrigues repreende:

⁴⁹⁹ [A] <E>/Se\

⁵⁰⁰ [A] assim

⁵⁰¹ [A] importava muito com

⁵⁰² [A] continua a chorar lùgubrememente e o vento em *roldão folga

⁵⁰³ [A] espreitam tristemente através das trevas brutas e olham a Natureza morta.

⁵⁰⁴ [A] constantemente em rolos grossos dos cigarros <que ardem.> [↑ em brasa.]

⁵⁰⁵ [A] ar [↑ e] a

⁵⁰⁶ [A] <sair como?> [↑ quem podia] sair

⁵⁰⁷ [A] vasas.

⁵⁰⁸ [A] outros [fl. 102] desinteressados acompanham

⁵⁰⁹ [A] <Ramiro>/Vladimiro\

⁵¹⁰ [A] [Tu conheces o Ramiro? Um tipo baixo...]

- Mau! Vamos lá a estar com atenção a isto... Deixa lá agora as literaturas.

Mas 「Rui, que se sentia também farto de jogar,⁵¹² retomou:

- Ah, sim? E quem 「são⁵¹³ os colaboradores?

(Oferecia-se-lhe agora uma boa oportunidade para publicar umas versalhadas).

- Colaboradores...

- Ai que espiga... ou vocês se 「calam,⁵¹⁴ ou acabamos com isto.

- É melhor.

O Vaz também achava preferível «acabar com 「aquilo»; e por isso Rodrigues, pachorrentamente,⁵¹⁵ reuniu as cartas. Não sem 「resmonear:⁵¹⁶

- ... Se vos fosseis 「cozer...⁵¹⁷

- Mas quem são os colaboradores? 「- teimava⁵¹⁸ Rui.

「Rodrigues, despeitado,⁵¹⁹ ainda murmurou:

- Agora temos injeção de literatura...

Mas acabou por se estender ao longo da cama de 「ferro,⁵²⁰ enquanto Fernando esclarecia que isso de colaboradores 「era coisa que⁵²¹ ainda não estava assente.

「- ... Agora sabes uma coisa esplêndida⁵²² que a gente vai arranjar?

- Que é?

- Chás 「literários.⁵²³

- Chás literários? Mas que raio vem a ser isso?

- A gente reúne-se no quarto 「desse tal Vladimiro. Lê produções nossas, verso ou prosa, e ao fim toma uma chazada⁵²⁴ com bolos...

Rodrigues, lá do fundo do 「quarto, perguntou⁵²⁵ ansioso:

- E quem paga isso?

⁵¹¹ [A] Por isso

⁵¹² [A] Rui que se sentia [↑ também] farto de jogar

⁵¹³ [A] s<†>/ão\

⁵¹⁴ [A] calam

⁵¹⁵ [A] aquilo» e por isso Rodrigues, pachorrentamente

⁵¹⁶ [A] <barafustar> [remoer:]

⁵¹⁷ [A] cozer...

⁵¹⁸ [A] Teimava

⁵¹⁹ [A] Rodrigues despeitado

⁵²⁰ [A] ferro

⁵²¹ [A] <q> era coisa que

⁵²² [A] -... agora [↑ sabes] uma coisa <*primeirissima> [↑ esplêndida]

⁵²³ [A] literários<?>

⁵²⁴ [A] d<o>/ê\sse [↑ tal] <Ramiro>/Vladimiro\ . <Recita>/Lê\ <composições> [↑ produções] nossas, <ou>/verso\ <†>/ou\ prosa e ao fim <bebe>/toma\ uma cházada

⁵²⁵ [A] quarto <†>/perguntou\

- Pagamos todos.

- Ora gaita...

Fernando continuou para Rui:

- É um processo 「da gente se distrair,⁵²⁶ sem ser a falar de futebol...

「- Estás a entrar com o Vaz.⁵²⁷

Rodrigues desarrolhara a piada, mas Vaz chapou-lhe logo:

- Não te queres ir...

Disse qualquer coisa 「em segredo ao Rodrigues, que só ele ouviu e todos entenderam.⁵²⁸

「Fernando⁵²⁹ continuava:

- Como 「vês,⁵³⁰ é uma espécie de círculo literário. Não achas esplêndido?

A pergunta não era 「feita⁵³¹ ao Rodrigues. Mas foi ele que respondeu:

- Acho. Acho, mas era bem melhor que em vez de chá fosse 「vinho e tudo de borla.⁵³²

Nem Fernando nem Rui 「lhe deram⁵³³ atenção e Rodrigues agora só ouvia:

- ... estás a ver que isto é 「óptimo.⁵³⁴ Há ali tipos de vários 「gostos.⁵³⁵ 「Um indivíduo, assim,⁵³⁶ tem possibilidades de se aperfeiçoar. Eu por 「exemplo, na primeira sessão,⁵³⁷ vou ler uns trechos do meu romance. Tu podes ler um poema. No fim fazem-se os comentários...

- Que é o principal (Rui estava já interessado. 「Leria⁵³⁸ os seus poemas. Saberia o que valiam).

- Bom. O que é preciso é que todos se compreendam e ninguém se aborreça com o que lhe disserem.

⁵²⁶ [A] de a gente se distrair

⁵²⁷ [A] - <Isso>/Estás\ <não é> [↑ a entrar] com o Vaz <(Rodrigues não>

⁵²⁸ [A] em <voz> segrêdo ao Rodrigues que <se fez responder:> [↑ só ele ouviu e todos entenderam.]

⁵²⁹ [A] <[↑ Como]> Fernando

⁵³⁰ [A] vês

⁵³¹ [A] <para>/feita\

⁵³² [A] vinho e tudo <de borla> <↓ de borla.>/de borla.\

<Nem Fer>

⁵³³ [A] <*>/lhe\ deram

⁵³⁴ [A] esplêndido.

⁵³⁵ [A] gostos e feitos.

⁵³⁶ [A] Um indivíduo assim

⁵³⁷ [A] exemplo na primeira sessão

⁵³⁸ [A] <↑>/Leria\

- Pois claro.

Rodrigues acode com um entusiasmo que o faz sentar na cama:

- Eu também quero ir a 「essa⁵³⁹ coisa. Só para fazer comentários... Posso ir?

Fernando condescendeu:

- Creio que sim...

- E quando é isso?

- Não sei... qualquer dia... 「há-de-se⁵⁴⁰ combinar...

A conversa ia 「morrendo,⁵⁴¹ e o relógio do Vaz garantia 「serem apenas dez e tal.⁵⁴² Para 「dormirem,⁵⁴³ ainda era cedo. 「Por isso, das frases soltas que ficavam no ar, procurava-se uma que rendesse bom assunto para conversação.⁵⁴⁴

「Assim⁵⁴⁵ se esperou que o 「Vaz, atravessado na cama do Rodrigues,⁵⁴⁶ lançasse:

- Então vocês já sabem que apanharam no Jardim 「botânico⁵⁴⁷ aquela tipa que ...

O Fernando fica 「envenenado⁵⁴⁸ que fulana fez e aconteceu:

- Vocês são levados do diabo para a má língua. Eu cá então não posso ouvir certas coisas... Que raio terão vocês com a vida de cada um?

- Então 「tu, que és um malandrão...⁵⁴⁹ (Era o Rodrigues. E as palavras do Rodrigues 「pesam, quase sempre,⁵⁵⁰ como chumbo), tu que tens culpas no 「cartório, que exploras as rapariguinhas para escreveres novelas, ainda pias?⁵⁵¹

⁵³⁹ [A] <essas>/essa\

⁵⁴⁰ [A] há-de-se <[↑ †]>

⁵⁴¹ [A] morrendo

⁵⁴² [A] que eram apenas 10 e tal.

⁵⁴³ [A] <†>/dormir\

⁵⁴⁴ [A] Por isso das frases soltas que ficavam [fl. 103] <no ar procurava> <("está um tempo levado do canudo...>

no ar procurava-se uma que rendesse bom assunto para conversarem.

⁵⁴⁵ [A] Foi assim que

⁵⁴⁶ [A] Vaz atravessado na cama do Rodrigues

⁵⁴⁷ [A] Botânico

⁵⁴⁸ [A] en[↑ vene]nado

⁵⁴⁹ [A] tu que és um malandrão[...]

⁵⁵⁰ [A] pesam quási sempre como chumbo). Tu

⁵⁵¹ [A] cartório, <ainda falas?> [que exploras as rapariguinhas para [↑ escreveres] novelas, ainda pias?]

- Ó senhores! Essas coisas fazem-se e não se fala nelas, pronto. 「Cada qual é senhor de si e não tem que dar satisfações a ninguém. Que raio terão vocês com a vida de cada um?⁵⁵²

Rodrigues via que o caso estava a ser levado a sério. Por isso 「olhou o Vaz:⁵⁵³

「- Conta,⁵⁵⁴ Vazito, conta...

Mas Vaz queria justificar-se.

- Isto são coisas que toda a gente sabe... 「Se não,⁵⁵⁵ também não falava... Olha: 「eu tive⁵⁵⁶ um namoro...

- Conta, Vazito, conta a tua vida desde criança...

E o Vaz contou uma longa história de amores em que havia uma menina de olhos ternos, 「(⁵⁵⁷ muito séria, de muito boas 「famílias), que lhe não consentia⁵⁵⁸ a mais ligeira 「manifestação⁵⁵⁹ do seu afecto. No fim de contas: a menina já tinha tido uma boa meia dúzia de namoros 「que não tinham andado ali à borla...⁵⁶⁰

- Eu, claro, quando soube disso, já não fui na 「fita e fiz também a minha obrigação...⁵⁶¹

- E qual era a tua obrigação? Conta, Vazito, conta...

O Vaz cortou os gracejos do Rodrigues com um palavrão feio. E as 「onze horas vieram.⁵⁶²

- Vou-me deitar.

- E eu também... Tenho amanhã aula às oito...

「Rui ainda ficou. Sua mãe estava ali, bem presente, a dizer-lhe a medo, com um sorriso forçado, no rosto enegrecido e rugoso:

- Vê lá se o doutor Rodrigues dá algum dinheiro... Há mês e meio que não paga... Já tive até de pedir cinquenta mil réis à vizinha de baixo...

À vizinha... Fora por isso que ele não mais olhara a vizinha, quando a saudava com os bons dias ou as boas tardes. A vida era negra. Bem negra. Bem negra. Daí a

⁵⁵² [omisso em A]

⁵⁵³ [A] <aconselhou> [↑ olhou o] <†>/Vaz\;

⁵⁵⁴ [A] - Conta

⁵⁵⁵ [A] Se não

⁵⁵⁶ [A] eu uma vez tive

⁵⁵⁷ [A] «

⁵⁵⁸ [A] famílias» que [↑ lhe] não consentia <ao Vaz>

⁵⁵⁹ [A] manifestação activa

⁵⁶⁰ [A] "que não tinham andado ali à borla<">..."

⁵⁶¹ [A] fita<.>/e\ fiz a minha obrigação...

⁵⁶² [A] <*&ouze>/onze\ horas <chega>/vieram\

pouco, o mundo inteiro conheceria, de perto, aquela vida negra, aquela negra miséria. (Se a mãe não tivesse vindo...)

- Ó pá! Eu queria dizer-te uma coisa. Tu desculpa, mas bem vês que estas coisas são assim... A minha mãe queria-te dizer isto, mas custou-lhe. Tu compreendes... Enfim, se pudesses dar algum dinheiro...

- E para isso estás tu aí com essas cerimónias? As coisas são o que são. Mas agora é que é uma espiga. Estou tesíssimo. Diz à tua mãe que faça favor de esperar mais dois ou três dias. O meu pai deve estar a mandar dinheiro... Eu escrevi-lhe há uma semana...⁵⁶³

A chuva cai mais 「docemente」⁵⁶⁴ e o vento suspira nas físgas da janela. Aquela música derrama-se na alma de Rui e acorda-lhe um poema triste que ele não sabe exprimir. Seria bom poder 「mostrar essa」⁵⁶⁵ vaga sensação 「de uma」⁵⁶⁶ melancolia parada de êxtase. Despertar um estado emocional sem transmitir ideias...

A noite entra no quarto de Rui. E nos seus 「pensamentos」⁵⁶⁷

「... que se diluem na música plangente da chuva」⁵⁶⁸

⁵⁶³ [A] [<Ficaram apenas Rui e Rodrigues>

Rui ainda ficou. Sua mãe estava ali bem presente a dizer-lhe a medo com um sorriso forçado no rosto enegrecido e rugoso:

- Vê lá se o doutor Rodrigues dá algum dinheiro... <Há mês †> Há mês e meio que não paga... Já tive até de pedir cinquenta mil reis à vizinha ali de baixo...

<† desde>

<(>À vizinha... Fora por isso que ele não mais <†>/olhara\ a vizinha quando a <*lhe dava>/saudava\ [† saudava] [† com] os bons-dias ou as boas-tardes. A vida era negra. Bem negra... Daí a pouco o mundo inteiro conheceria de perto aquela vida negra, aquela negra miséria. (Se a mãe não tivesse vindo...)

- Ó pá! Eu queria dizer-te uma coisa. Tu desculpa, mas bem vês que estas coisas são assim... A minha mãe queria-te dizer isto, mas custou-lhe. Tu compreendes... Enfim, se pudesses dar algum dinheiro...

- E para isso estás tu [†aí] com essas cerimónias? As coisas são o que são. Mas agora é que é uma espiga... Estou tesíssimo. Dize à tua mãe que faça favor de esperar mais dois ou três dias. [† Só mais 2 ou 3 dias] O meu pai deve estar a mandar dinheiro... Eu escrevi-lhe <†>/há\ <oito dias...> [↓ uma semana...]

x

xx

A chuva cai.... etc (segue)] [acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)]

⁵⁶⁴ [A] mansamente> [† docemente]

⁵⁶⁵ [A] <†a quente> [† essa]

⁵⁶⁶ [A] duma

⁵⁶⁷ [A] pensamentos<.>/,\

「V⁵⁶⁹

「- SABES⁵⁷⁰ com quem a viram ontem?

- Sabes onde esteve no domingo?

-... afinal a tipa é da boa marca...

Rui trazia 「constantemente atrás de si⁵⁷¹ estes ditos dos conhecidos. Ele às vezes irritava-se:

- Mas 「porque raio me andam⁵⁷² vocês sempre a moer com essa história? Eu quero que a mulher se trabalhe...

「Não queria nada.⁵⁷³ 「E, às horas caladas da noite,⁵⁷⁴ Amélia entrava-lhe por todos os nervos, por todos os pensamentos. 「Rui vibrava, então,⁵⁷⁵ sob desejos violentos. Desejos capazes de o 「fazerem⁵⁷⁶ andar de rastos, virar-se, negar-se a si próprio. E todavia fora o desejo que o afastara. Porque a carne é 「brutal. E nela⁵⁷⁷ os olhos são 「duros e⁵⁷⁸ perdem a doce acalmia dos longes infinitos. E os 「braços⁵⁷⁹ têm a violência que estrangula. E 「as canções⁵⁸⁰ choram na angústia do limite. Fora o desejo que o afastara. 「E por isso os seus olhos desnudavam⁵⁸¹ o corpo esbelto de Amélia quando 「poisavam⁵⁸² sobre ele. Por isso 「a sua⁵⁸³ febre lhe moldava 「para si⁵⁸⁴ as coxas duras e os seios ovantes 「de Amélia...⁵⁸⁵ Mas ela...

⁵⁶⁸ [A] <... que se diluem > [²↑ na música] <no som> [¹↑ plangente] da chuva [...] <que chora...> ... que se diluem na música plangente da chuva...

⁵⁶⁹ [A] [fol. 104] 5

⁵⁷⁰ [A] <Rui trazia>

- Sabes

⁵⁷¹ [A] ²atrás de si ¹constantemente

⁵⁷² [A] [↑ por] que raio [↑ me] andam

⁵⁷³ [A] [↑ -] <n>/N\ão queria nada[.] <disso.>

⁵⁷⁴ [A] E às horas caladas da noite

⁵⁷⁵ [A] [↑ Rui] Vibrava [↑ então]

⁵⁷⁶ [A] fazer[em]

⁵⁷⁷ [A] brutal [.] <e>/E\ nel<e>/a\

⁵⁷⁸ [A] duros<,>/e\

⁵⁷⁹ [A] abraços

⁵⁸⁰ [A] os cantos

⁵⁸¹ [A] E o desejo o atraía. <-> Por isso seus olhos <lhe> desnudavam

⁵⁸² [A] <o encontravam> [↑ poisavam]

⁵⁸³ [A] [↑ a] sua

⁵⁸⁴ [A] [↑ para si]

⁵⁸⁵ [A] <†>/de\ Amélia...

Amélia quer agora reconstruir o primeiro sonho. Sua alma 「vazou-se⁵⁸⁶ como quem depõe 「uma⁵⁸⁷ coisa roubada. E 「revestiu-se⁵⁸⁸ das flores dos montes e das palmas dos vales para receber o seu 「novo bem-amado.⁵⁸⁹ Todo o chão foi 「limpo com a água cristalina,⁵⁹⁰ onde apenas se banhou o sol. Onde 「nem as aves⁵⁹¹ do céu nem os lírios dos campos mataram 「jamais⁵⁹² a sede. Tudo está preparado para a festa de mágoa. 「Sua⁵⁹³ alma está fechada. 「E, lá dentro,⁵⁹⁴ só os perfumes e flores falam da hora que vem. 「Sua⁵⁹⁵ porta dá para um caminho estreito. E curto. Onde só 「ela caberá!⁵⁹⁶ Longo tempo 「gastou⁵⁹⁷ a vedar outros caminhos. 「(Tantos caminhos...)⁵⁹⁸ Por onde passaram tantos sonhos. E tantas vidas 「vivas...⁵⁹⁹ Despregaram-se os olhos do céu. Meu Deus! Do céu da luz e da cor...

「Sua⁶⁰⁰ alma está 「fechada,⁶⁰¹ e nua da vida antiga. O chão 「atapetou-se⁶⁰² de flores silvestres e o ar 「lavou-se⁶⁰³ em perfumes estranhos. Será bom esperar à porta da casa e ouvir o rumor dos passos. 「Porque... E se não for ele a bater?⁶⁰⁴

「- ... que⁶⁰⁵ os rapazes é 「que fazem as raparigas⁶⁰⁶ doidas. A gente dedica-se a um, depois ele deixa-nos... Lá temos 「nós⁶⁰⁷ de arranjar outro. Se este faz o mesmo, pronto, é uma rapariga que 「só anda a namorar,⁶⁰⁸ etc. etc...

A Celina dissera isto em tempos, cheia de uma funda 「tristeza.⁶⁰⁹ (O Justino era o número cinco. E já se dizia que não gostava 「dela).⁶¹⁰

⁵⁸⁶ [A] <se> vasou[↑ -se]

⁵⁸⁷ [A] uma <de>

⁵⁸⁸ [A] <se> revestiu[↑ -se]

⁵⁸⁹ [A] [↑ novo] bem amado.

⁵⁹⁰ [A] lavado com a água cristalina

⁵⁹¹ [A] [↑ nem] a[s] aves

⁵⁹² [A] [↑ jamais]

⁵⁹³ [A] <T>/S\ua

⁵⁹⁴ [A] E lá dentro

⁵⁹⁵ [A] <T>/S\ua

⁵⁹⁶ [A] ele caberá.

⁵⁹⁷ [A] <se>gastou

⁵⁹⁸ [A] Muitos caminhos...

⁵⁹⁹ [A] vividas.

⁶⁰⁰ [A] <T>/S\ua

⁶⁰¹ [A] fechada

⁶⁰² [A] se atapetou

⁶⁰³ [A] se lavou

⁶⁰⁴ [A] Porque... ¿ E se não for ele a bater?

⁶⁰⁵ [A] - ... Que

⁶⁰⁶ [A] que <as> fazem [↑ as raparigas]

⁶⁰⁷ [A] [↑ nós] <†>

⁶⁰⁸ [A] [↑ só anda a] namorar

Por isso Amélia sente que não mais será capaz de preparar a sua casa para receber outra vida. 「Porque⁶¹¹ as paredes se vão impregnando dos perfumes antigos e as folhas 「secas⁶¹² de prendem aos recantos da sala...

「Rui⁶¹³ deseja Amélia. Pelo menos sente a sua presença como a de um 「sinapismo, que dói,⁶¹⁴ mesmo depois de descolado. Por isso, quando 「um dia⁶¹⁵ encontrou Cilita, teve de 「dizer:⁶¹⁶

- Então, pequena...

Ele queria atacar a questão de frente. E 「perguntar «Quando é que a tua patroa se casa?»⁶¹⁷

Mas Cilita adiantou um cumprimento:

- Passou 「bem,⁶¹⁸ senhor doutor?

- Como 「estás... então⁶¹⁹ para onde ias?

- Ia ali à mercearia... Então o senhor doutor nunca mais apareceu por lá!...

「- Já lá⁶²⁰ não tenho nada que fazer...

「Curioso. Rui, já um homem,⁶²¹ era para ter mais senso. («Pois não era, senhor Rui?») Não se pôr a conversar 「com uma⁶²² criança... Como se fosse uma criança também. Mas ele precisa de saber, de dizer o que sente, de falar...

⁶²³Cilita acha natural que ele fale com 「ela,⁶²⁴ como quem fala como quem fala com pessoa crescida. Por isso continua:

⁶⁰⁹ [A] tristeza, talvez.

⁶¹⁰ [A] dela.)

⁶¹¹ [A] < *Mas> / Por\ que

⁶¹² [A] sêcas < das flores>

⁶¹³ [A] X

XX

Rui

⁶¹⁴ [A] sinapismo que doe

⁶¹⁵ [A] [um dia]

⁶¹⁶ [A] < perguntar: > dizer:

⁶¹⁷ [A] < *dizer> [↑ perguntar, < embora>] "quando é que a tua patroa se casa a sério?"

⁶¹⁸ [A] bem

⁶¹⁹ [A] está[s]... Então

⁶²⁰ [A] < †† > /- Já lá\

⁶²¹ [A] < Era> < c> / C\ curioso. Rui [↑ já] um homenzinho,

⁶²² [A] [↑ com] < as> / uma\ criança... < D† > ! < † > / Como\ < que> / se\

⁶²³ [A] [fl. 105]

「- Ai, senhor doutor,⁶²⁵ aquilo...

- Que é?

- Hum! (Cilita deitou os olhos pequenos ao vago) Nada...

- Nada quê? Tu tens coisa...

Ela quedou-se um pouco. Depois lançou 「numa⁶²⁶ revelação:

「- É que anda lá agora sempre de volta um homem alto, conhece?⁶²⁷

- Ah sim? Pois... claro que conheço...

「«Ora⁶²⁸ aí está como 「tudo se simplifica.⁶²⁹ Mas que raio de estupidez esta a minha. A dar corda a uma garota».

「- Ó pá, tu queres vir até à Baixa?⁶³⁰

- Que vais tu fazer à Baixa? (Era o Rodrigues e um outro estudante 「que⁶³¹ Rui conhecia de vista).

- Dar uma volta... É verdade, nós podíamos mas era jogar uma bota-fora os 「três...⁶³²

(Rui 「olhou⁶³³ os dois. Este 「Rodrigues, lá para jogar «bota-fora» ao bilhar, tem⁶³⁴ sempre dinheiro. Para pagar a pensão é que 「era um sarilho. Sempre «teso»).⁶³⁵

- ... é verdade, vocês não se conhecem?

⁶²⁴ [A] ela

⁶²⁵ [A] - Ai senhor doutor

⁶²⁶ [A] como numa

⁶²⁷ [A] <- Eu cá <[↑ não] gosto nada> julgo que <*ela> a senhora já tem outro...>

- É que <me parece que a senhora já arranjou outro namôro...> [↑ anda lá sempre de volta de casa um homem alto, conhece?

⁶²⁸ [A]X

XX

«Ora

⁶²⁹ [A] <se † a pólvora.> [↑ tudo se simplifica.]

⁶³⁰ [A] - Ó pá que vais tu fazer à Baixa?

<(A mãe de Rui dissera-lhe de manhã que visse se o Rodrigues podia dar algum dinheiro. O mês já lá ia... No fim de contas era valente espiga essa da pensão)>

⁶³¹ [A] qu/e\

⁶³² [A] três... <Vocês>

⁶³³ [A] olha

⁶³⁴ [A] Rodrigues [↑ lá] para jogar bota-fora tem

⁶³⁵ [A] era uma gaita)

Eles 「murmuraram⁶³⁶ timidamente:

- ... de vista.

「- Vladimiro Calado e Rui Antunes.⁶³⁷ Bom... vamos então jogar?

Rui preferia não jogar. Ele andava 「sem dinheiro,⁶³⁸ porque a mãe não tivera 「tostões, no domingo,⁶³⁹ para lhe dar. 「(Aquilo era uma valente espiga...⁶⁴⁰ 「Se Rui⁶⁴¹ fosse a pensar a sério na vida...)

- Por mim, confesso, preferia ir até à Baixa.

「- A Baixa⁶⁴² sim, é melhor.

「Vladimiro⁶⁴³ preferia a Baixa.

「(O Vladimiro era baixo,⁶⁴⁴ redondo e empertigado. 「Tinha o ar duro e fazia versos.⁶⁴⁵ O Rui conhecia-o pelos 「versos que achava berrões, de uma inspiração retorcida.⁶⁴⁶ Em Coimbra os poetas 「eram⁶⁴⁷ às dúzias. Nem cogumelos). Mas o Rodrigues 「ciciou-lhe, à socapa, que o tipo queria ir à Baixa por causa da «pega».⁶⁴⁸

- Que se coza! A gente segue... isso que 「tem?

O rio⁶⁴⁹ Mondego corre placidamente, sulcado por raras barcas embandeiradas de velas. 「No cais,⁶⁵⁰ homens anegrados 「descarregam pilhas de lenha,⁶⁵¹ enquanto outros, noutras barcas, roem um naco de 「pão,⁶⁵² mais negro que eles. Seus músculos frouxos 「esperam, de novo, o cansaço das longas horas, na subida do rio caudaloso,⁶⁵³ vergados sob o peso do céu cinzento...

⁶³⁶ [A] murmuraram ambos

⁶³⁷ [A] <Ramiro>/Vladimiro\ <Valadares>/Calado\ e Rui...qualquer coisa.

⁶³⁸ [A] «têso»

⁶³⁹ [A] tostões no domingo

⁶⁴⁰ [A] (<*Tudo>/Aquilo\ <o>/era\ uma espiga...

⁶⁴¹ [A] Ele se

⁶⁴² [A] - à Baixa,

⁶⁴³ [A] <Ramiro> [↑ Vladimiro]

⁶⁴⁴ [A] (<²<Ele>/Ramiro\> [↑¹era ³↑ Vladimiro] baixote

⁶⁴⁵ [A] Fumava cigarros caros e fazia versos.

⁶⁴⁶ [A] versos. <Versos> criados duma inspiração retorcida> [↑ berrões duma inspiração retorcida].

⁶⁴⁷ [A] <são> [↑ eram]

⁶⁴⁸ [A] ciciou-lhe à socapa que o «o tipo queria ir à Baixa por causa da pêga»

⁶⁴⁹ [A] tem?

[X

XX]

O rio

⁶⁵⁰ [A] <[↑ Junto]> No cais,

⁶⁵¹ [A] <↑> [↑ descarregam] pilhas de lenha

⁶⁵² [A] pão

⁶⁵³ [A] esperam de novo o cansaço das longas horas na subida do rio caudaloso

「 Ó pá, como é que estes tipos, só com uma côdea de pão, puxam ali pelo barco, que nem toiros? (Rui estranhava).⁶⁵⁴

- Tu és um anjo... Precisavas de andar ali a 「gemer,⁶⁵⁵ para veres o que custa a 「vida.⁶⁵⁶

「- Então,⁶⁵⁷ e tu, que levas isto flauteado?

Mas Rodrigues não o ouvia. Trespassara-o uma ideia nova:

「- ... e⁶⁵⁸ esse Fernando que anda para aí sempre a apregoar literatices sociais... Vem para 「ali,⁶⁵⁹ menino e depois mia... Tu 「conhece-lo, Vladimiro?⁶⁶⁰

- Então não conheço? Mas vocês nisso estão enganados. A literatura não pode ser arte pela arte. A literatura 「moderna...⁶⁶¹

- Outro! Estou 「quilhado...⁶⁶²

「Vladimiro⁶⁶³ interrompeu-o:

- Um instante...

Quatro raparigas saíam do Parque.

- Eu não te disse? O tipo o que queria era que a gente o trouxesse 「à pêga...⁶⁶⁴

Mas 「Vladimiro⁶⁶⁵ chamava-o de novo:

- Venham daí, que diacho. Eu apresento-os (Rui torce o nariz). São 「umas pequenas até muito engraçadas.⁶⁶⁶ Damos uma volta e depois vamos todos embora.

Foram. As raparigas 「esperavam, conversando aos poucos,⁶⁶⁷ e olhando os rapazes que se aproximavam. Rui vinha altamente aborrecido. 「Primeiro,⁶⁶⁸ porque as apresentações lhe 「batiam⁶⁶⁹ com os nervos. («As pessoas que conheço chegam para me

⁶⁵⁴ [A] - Ó pá como é que estes tipos só com uma côdea de pão puxam ali pelo barco que nem toiros. (Rui estranhava)

⁶⁵⁵ [A] gemer

⁶⁵⁶ [A] vida...

⁶⁵⁷ [A] - Então

⁶⁵⁸ [A] -<e>/.\.. e

⁶⁵⁹ [A] ali

⁶⁶⁰ [A] conhece-lo <Ramiro?> [↑ Vladimiro?]

⁶⁶¹ [A] <*nova> /mo\derma...

⁶⁶² [A] cozido...

⁶⁶³ [A] [fl. 106] Ramiro

⁶⁶⁴ [A] à pêga.

⁶⁶⁵ [A] Ramiro

⁶⁶⁶ [A] pequenas fixes.

⁶⁶⁷ [A] espera<r>/v\am conversando aos poucos

⁶⁶⁸ [A] Primeiro

⁶⁶⁹ [A] <†>/buliam\

「chatear⁶⁷⁰»). 「Segundo,⁶⁷¹ porque agora via bem o ridículo papel de 「pau de
cabeleira⁶⁷² que estava a desempenhar 「ali...⁶⁷³

- Fulano... Cicrano... Fulana...

- Foi assim que Rui 「travou relações com Luísa.⁶⁷⁴

- Sabe que já o conhecia?

「- Ah sim?⁶⁷⁵ É possível...

O Rodrigues precisa de ter graça. Por isso esclarece:

- Todo o mundo conhece esse homem.

Rui 「riu⁶⁷⁶ condescendentemente. Luísa continuou serena:

- Não foi você que namorou a 「Amélia? Uma rapariga do primeiro ano?...⁶⁷⁷

Ele empalideceu. Aborrecia-o, sobretudo, que a conversa se concentrasse nele 「e
se não dispersasse⁶⁷⁸ por todo o grupo. Até o 「Vladimiro⁶⁷⁹ e a namorada o 「olhavam,
em silêncio,⁶⁸⁰ à espera da reacção. Rui 「responde,⁶⁸¹ vagamente:

- Sim... de 「facto,⁶⁸² houve uma espécie de namoro...

Rodrigues atalhou-o:

- Uma 「espécie...?⁶⁸³ Se isso foi uma espécie...

「Decididamente,⁶⁸⁴ o Rodrigues hoje 「não estava com sorte.⁶⁸⁵ É sempre assim:
quando se 「quer ter graça...⁶⁸⁶ Rui 「pensou nisso⁶⁸⁷ mesmo. E 「achou, sobretudo,⁶⁸⁸
estupidamente indiscreta a conversa de Luísa. Que 「diacho tinha ela de saber⁶⁸⁹ se ele

⁶⁷⁰ [A] xatear

⁶⁷¹ [A] Segundo

⁶⁷² [A] pau de cabeleira

⁶⁷³ [A] ali.

⁶⁷⁴ [A] conheceu Luiza.

⁶⁷⁵ [A] - <†>/Ah sim\?...

⁶⁷⁶ [A] sorria

⁶⁷⁷ [A] Amélia, uma rapariga do primeiro ano...?

⁶⁷⁸ [A] e <<*isso>/se\ o fizesse> não disp<†>/ersasse\

⁶⁷⁹ [A] Ramiro

⁶⁸⁰ [A] olhavam em silêncio

⁶⁸¹ [A] responde

⁶⁸² [A] facto

⁶⁸³ [A] espécie...

⁶⁸⁴ [A] Decididamente

⁶⁸⁵ [A] estava chocho.

⁶⁸⁶ [A] <quere> [† quere] ter piada...

⁶⁸⁷ [A] <†>/pensou\ <†>/nisso\

⁶⁸⁸ [A] achou sobretudo

⁶⁸⁹ [A] diabo tinha ela que saber

namorou ou deixou de namorar? (O Rodrigues 「pensa que o Rui não ficará a gostar de Luísa só por ela lhe ter perguntado⁶⁹⁰ se estava doente.

- Quando te dizem que estás magro, vais-te abaixo das tíbias que é uma lindeza.

- Eu?!!! Pbb! 「Ó menino, estou-me marimbando para a magreza!)

Apesar de tudo...⁶⁹¹

Apesar de tudo, Rui fixara Luísa. Estudara-a. Apanhara-lhe o jeito do riso franco. Não era uma rapariga vulgar. Tinha um *quid* atraente.

Luísa fixara Rui. Estudara-o. Apanhara-lhe o jeito de franzir a testa com ar superiormente aborrecido. Medira-lhe os gestos. 「E, sem saber bem porquê,⁶⁹² achara-o 「curioso.⁶⁹³ Não era talvez um rapaz vulgar. Tinha um *quid* interessante.

Por isso se encontraram frequentemente. Por isso conversaram uma, duas, várias vezes...

「A face⁶⁹⁴ do mundo é sempre igual a si mesma. Os rios correm sempre, as árvores dão os seus frutos e as estrelas vivem eternamente pregadas 「ao⁶⁹⁵ céu. Os cantos das aves 「têm uma cor que morre e a distância uma flor subtil de um perfume⁶⁹⁶ longo e doentio... 「Os risos⁶⁹⁷ são de sol e de sangue virgem. E a saudade das horas não tem princípio nem 「fim.

O homem mudou a terra e o céu.⁶⁹⁸

⁶⁹⁰ [A] garante que o Rui não ficara a gostar de Luísa sobretudo por ela lhe perguntar

⁶⁹¹ [A] [↑ Ó menino] Estou <cagando> [↑-me marimbando] para a magreza...) A pesar de tudo...

⁶⁹² [A] E sem saber bem porquê

⁶⁹³ [A] curioso.

⁶⁹⁴ [A] x

XX

<*Será impossível> A face

⁶⁹⁵ [A] <no>/ao\

⁶⁹⁶ [A] têm uma côr <eterna> que não morre e a distância uma flôr subtil dum perfume

⁶⁹⁷ [A] <†> Os risos

⁶⁹⁸ [A] fim. <Sa>

[<*Se> <o>/O\ homem <*muda>/mudou\ a terra. E o céu. <E pões>

X

XX

- Sabe que eu tinha uma impressão muito diferente de você, Luísa?

- Melhor ou pior?

- Pior, sem dúvida.

- Antes assim. Mas agora o que interessa é que você «acabe, de uma vez para sempre,⁶⁹⁹ com essas coisas que ainda traz na cabeça...

As coisas que ele trazia na cabeça não tinham importância nenhuma. Ele é que «fingia.⁷⁰⁰ E fingia, porque gostava de ter Luísa ao pé de si. «Luísa, de palavras meigas como o luar e olhos brandos como um riso que não começa...⁷⁰¹

- Não «imagina.⁷⁰² às vezes penso que «enlouqueço. (Que enlouquecia por causa de Amélia. Da dor que ela lhe causara).⁷⁰³

Dizia esta «barbaridade, para sentir caírem sobre si⁷⁰⁴ as palavras de Luísa como flores desfolhadas:

- Mas não pense nisso! O Rui tem uma vida larga na sua frente... Veja lá se não é uma tolice regular um futuro por uma dor tão pequena...

Ela pensava noutras dores do mundo. E via a infantilidade «de um⁷⁰⁵ desgosto amoroso.

⁷⁰⁶Foi talvez por isso que Rui se mostrou magoado «de outras⁷⁰⁷ mágoas mais humanas. E falou da mãe, das dificuldades «por que⁷⁰⁸ passavam... Mas falava aos repelões:

- Veja «você, Luísa,⁷⁰⁹ não será uma coisa estúpida a vida? Um homem e uma mulher lembram-se de se amar e «pronto; aí⁷¹⁰ está um indivíduo posto no mundo... E ele que «se⁷¹¹ aguenta... Não há o direito! É uma injustiça. Um filho que ainda não

⁶⁹⁹ [A] acabe de uma vez para sempre

⁷⁰⁰ [A] fingia[.] <dá-la.>

⁷⁰¹ [A] Luíza <das>/de\ palavras meigas como luar e olhos <brandos> [↑ azues] como um <sorriso>/riso\ que não <*morre.> [começa...]

⁷⁰² [A] imagina

⁷⁰³ [A] enlouqueço.

(Que enlouquecia por causa de Amélia. Da dor que ela lhe causara)

⁷⁰⁴ [A] barbaridade para sentir caírem sobre a si

⁷⁰⁵ [A] dum

⁷⁰⁶ [A] [fl. 107]

⁷⁰⁷ [A] doutras

⁷⁰⁸ [A] que

⁷⁰⁹ [A] você Luíza

⁷¹⁰ [A] pronto. Aí

⁷¹¹ [A] [omisso em A]

「tenho mas⁷¹² que posso vir a ter, é um ser feliz. Não sofre. Eu podia ser também feliz. Bastava que me não pusessem no mundo. Mas quê? O mundo é uma corja de 「egoísta...⁷¹³

- Não diga isso... Você é um vencido.

- 「Talvez, mas tudo⁷¹⁴ se evitava se eu não tivesse vindo ao mundo. Porque a verdade é esta. 「Só tem o direito de pôr um filho no mundo que é rico e tem saúde.⁷¹⁵

「- Não diga isso! Como você está... Então você queria chegar, ver e vencer, não? Bem instalado na vida, só com o encargo de viver? Os outros que se aguentem, e você dormindo, refastelando-se... E que interesse tinha isso para si?

- Que interesse?

- Sim, que prazer sentia você?

- Todo... Se me puseram cá, sustentem-me.

- E os outros que digam o mesmo, não é?

- Que os não ponham cá...

- E que se acabe o mundo?... Você é do melhor...⁷¹⁶ 「Não, meu caro, a vida somos nós que a fazemos. Viver é conquistar. Não repare neste tom mais ou menos retórico, mas as coisas são assim mesmo. Para mim a vida significa apenas conquista. E, se nós não conquistamos, sujeitamo-nos a que os outros nos ultrapassem... Compreende você isto? A vida é luta. Ceder é ser cobarde. Devemos aceitar o combate, ainda que tenhamos a certeza de gastar depressa o último cartucho. Meu caro, a vida é bela. Mas é da luta que saem as belezas da vida.⁷¹⁷

-... que hão-de depois fazer as delícias do burguês da corrente de ouro 「na barriga em balão... O Camões⁷¹⁸ escreveu coisas bonitas e o Gama 「ensinou⁷¹⁹ o caminho da pimenta. Mas quem se diverte com o Camões e engordou com a

⁷¹² [A] tenho, mas

⁷¹³ [A] egoístas...

⁷¹⁴ [A] Talvez... [↑ Mas] <T>/t\udo

⁷¹⁵ [A] <Só deve existir quem tem dinheiro.> Só tem direito de pôr um filho no mundo quem é rico e tem saúde.

<(> Será que Luiza também concorda? <mas>/E\ não deve concordar[?]) <e por isso murmurei:>

⁷¹⁶ [A] [omisso em A]

⁷¹⁷ [A] - Você é um vencido... A vida somos nós que a fazemos. <†> Você não tem o prazer da <vitória> luta? Pois olhe que é da luta que nascem as grandes belezas da vida.

⁷¹⁸ [A] e barriga em balão... <Você>/O\ Camões

⁷¹⁹ [A] ensi< *na>/nou\

「pimenta⁷²⁰ tinha lutado tanto como eu. Histórias! No fim uma tabuleta: «Bendita Pátria que tais filhos teve...» Não vou nisso.

- Pois não vá! Grite contra isso. Quem lhe diz o contrário? Mas não cruze os braços, nem diga que quer gozar de palanque...

「Porém,⁷²¹ tudo tem um fim. As conversas teriam também um fim. Conversas sobre a vida íntima, 「conversas sobre a vida das relações,⁷²² tudo tem um fim. Por isso Rui tinha medo, um medo horrível de um dia aparecer diante de Luísa sem um assunto. 「Falar⁷²³ sobre quê? Sobre o tempo? Tudo se esgotava. E Rui 「sentia, cada vez mais,⁷²⁴ uma necessidade estúpida de falar com Luísa, de lhe ouvir as palavras 「meigas, de lhe ver os olhos azuis...⁷²⁵ Olhos da cor do céu 「distante,⁷²⁶ onde a alma descansa da terra e tem sonhos tranquilos. Do céu... Do céu tão longínquo e tão procurado. Tão longínquo e tão inacessível às vozes cá deste mundo, que as estrelas são ainda o repouso mais certo...

Rui tem medo de não ter assunto para conversar. Quer convencer-se intimamente de que dois amigos (pois não eram Rui e Luísa apenas dois amigos?) podem conversar 「à vontade⁷²⁷ sobre qualquer coisa.

(- Então você tem agora aula?

- Tenho.

- Latim?

- Latim, não. Tive de manhã.

- Mas afinal para que serve o Latim?

E pronto. Fala-se sobre a utilidade do 「Latim, etc. etc.).⁷²⁸

⁷²⁰ [A] pimenta,

⁷²¹ [A]X

XX

Porém

⁷²² [A] Conversas com pretensões a profundas...

⁷²³ [A] Falas

⁷²⁴ [A] sentia cada vez mais

⁷²⁵ [A] meigas e ver os olhos azues...

⁷²⁶ [A] distante

⁷²⁷ [omisso em A]

Mas será 「Rui na verdade,⁷²⁹ amigo de Luísa?

(«Amigo o homem? Só 「de outro⁷³⁰ homem ou da família. Que mesmo da família...»)

「- Não, Luísa,⁷³¹ a vida é uma luta do mal com o bem. Um mal e um bem que 「caem⁷³² sobre o mundo não se sabe 「donde⁷³³ nem como. Vindos de qualquer 「parte, do céu ou do inferno, da⁷³⁴ carne podre de cada um. 「Que⁷³⁵ vale a gente reagir? 「O melhor⁷³⁶ é deixar correr. Assistir impassível a essa luta. 「Assistir,⁷³⁷ sem ligar importância...

「(«Que pensar deste esforço eterno para interpretar,⁷³⁸ para escolher? 「Há tantos séculos que esta multidão imensa anda aos empurrões a si mesma para achar uma via segura.⁷³⁹ E só encontrou bonecos de pau... E a inutilidade da sua ânsia 「eterna...»)⁷⁴⁰

「- Para⁷⁴¹ quê ideais? 「Lutar⁷⁴² por um ideal... para quê? 「No fim de contas,⁷⁴³ os ideais são um 「meio⁷⁴⁴ egoísta de sofismar a vida. Cria-se um bem, porque o mal 「magoa.⁷⁴⁵ Cria-se um bem para o qual se passa a viver inteiramente e assim se pôr de lado o mal que nos rodeia. Histórias, Luísa!

⁷²⁸ [A] Latim<>>[. Étc., etc.]

<que então>

⁷²⁹ [A] <Rui>/na\ verdade Rui

⁷³⁰ [A] doutro

⁷³¹ [A] - Não Luísa,

⁷³² [A] ca<i>/em\

⁷³³ [A] <*quando>/donde\

⁷³⁴ [A] parte[.] <d>/D\o céu <ou>/e\ do inferno[.] <d>/D\o

⁷³⁵ [A] Que

⁷³⁶ [A] <†>/O melhor\

⁷³⁷ [A] Assistir <e aguentar> sem

⁷³⁸ [A] (<Deus deve divertir-se> [↑ Que dirá Deus] <com>[d]êste esforço eterno <de>/pa\ra interpretar<.>/,\

⁷³⁹ [A] Anda <a>/por\ <aí>/cá\ há tantos séculos esta multidão imensa aos empurrões a si mesma para achar uma via segura.

⁷⁴⁰ [A] eterna<>>/...)

⁷⁴¹ [A] -... para

⁷⁴² [A] <†>/Lutar\

⁷⁴³ [A] De resto

⁷⁴⁴ [A] <p†>/meio\

⁷⁴⁵ [A] magoa...

┐- Mas o bem e o mal é você e os outros que o arranjam. De vocês, de todos nós é que depende, em grande parte, o mal e o bem... Claro que os ideais não valem nada se cruzarmos os braços. Mas quem o manda pôr de parte o mal que o rodeia? Lute! Lute pelo bem.

- Histórias, Luísa. Ser herói era muito bom, mas era preciso que eu vencesse. Herói para morrer, trabalhando pelos outros? Não vou nisso. A vida, para mim, vale enquanto eu a sentir. Eu vivo porque vejo, ouço... Os outros vivem porque vêem e ouvem... Fora de cada um, a vida morreu. É o que lhe digo...

- Ouça, Rui. Você já se lembrou de como teria de viver hoje, se os que o precederam pensassem da mesma forma? Não lembrou, claro está. Pois pense nisso. Se os que viveram antes de nós fizessem o que você diz, veja lá de quantos benefícios a gente estaria privada. Não, meu caro, você faz parte de um todo que se vai renovando continuamente. Você deve trabalhar por esse todo e não tem o direito de ficar eternamente a olhar para si...

Mas Rui não discutia ideias. Falava com Luísa, e era tudo. Porque Luísa tinha os olhos azuis de um azul ténue e doce... Por isso respondeu, por responder:

- Histórias, Luísa...⁷⁴⁶

⁷⁴⁶ (Histórias!)
[omisso em A]

「VI⁷⁴⁷

「NAQUELA noite⁷⁴⁸ Rodrigues aturou. Rui vinha esbraseado. 「Enfurecia e cínico.⁷⁴⁹

- Já era de 「esperar...⁷⁵⁰

「De mãos dadas nas costas, bufava, magoando o soalho com passadas valentes.⁷⁵¹ Rodrigues sorvia fumaças.

- Afinal a tipa já me namora o tal... 「Namora, bem entendido...⁷⁵²

「- Qual tipa?⁷⁵³

- Qual tipa?! Essa agora... 「O estafermo⁷⁵⁴ que eu namorei.

⁷⁵⁵「- Ah, sim! Mas⁷⁵⁶ quem é que ela namora, quem é?

- O das ondas... o mulato... o do baile.

Rodrigues chupava 「cigarros. Rui ruminava:⁷⁵⁷

「- Que estafermo... Que⁷⁵⁸ canhão...

Rodrigues 「pergunta:⁷⁵⁹

- Que te interessa a mulher?

- Nada; mas tenho pena, que 「canudo!⁷⁶⁰ Sempre fui eu que a namorei 「primeiro...⁷⁶¹

- E agora namora outro, isso que tem? Vale mais assim. Ou era melhor andar atrelada a uma dúzia deles? 「Que diabo! Não aproveitaste tu, aproveitam os outros.⁷⁶²

⁷⁴⁷ [A] <5>/6\

⁷⁴⁸ [A] Naquela tarde

⁷⁴⁹ [A] <Que furor!> [↑ Estupidez] E <ria> <c>/C\ínico. <E passeava <batendo> magoando o soalho.>

⁷⁵⁰ [A] esperar... <já era de esperar...>

⁷⁵¹ [A] [↑ De mãos dadas nas costas, bufava, magoando o soalho com passadas valentes] <Rodrigues> [↑ Rui] bufava.

⁷⁵² [A] [Namora, bem entendido...]

⁷⁵³ [A] - <<Qual>/Quem\> Qual tipa?

⁷⁵⁴ [A] <A>/O\ estafermo

⁷⁵⁵ [A] [fol. 109]

⁷⁵⁶ [A] - Ah [↑ sim!] mas

⁷⁵⁷ [A] <o> cigarros. [Rui ruminava:]

⁷⁵⁸ [A] - <O>/Q\ue estafermo... <o>/Que\

⁷⁵⁹ [A] pregunt<ou>/a\:

⁷⁶⁰ [A] diabo!

⁷⁶¹ [A] <...>/pri\meiro...

⁷⁶² [A] [Que diabo! ↓ Não aproveitaste tu, aproveitam os outros.]

Rui 「encostou-se⁷⁶³ à janela. A noite era lisa. As estrelas 「bruxuleavam, e a lua, bem lavada,⁷⁶⁴ boiava no céu frio.

Rui fala. Parece que fala só por si:

- O pior não é o namoro. Que 「história!⁷⁶⁵ Namore lá 「quem quiser, mas não ande por todos os cantos com ele. Dizem que até lá vai à noite a casa dela...⁷⁶⁶

- E tu não ias?

- Eu? Fui lá uma vez. Mas não... 「não aconteceu nada.⁷⁶⁷

Rodrigues interrompe:

- Não aconteceu nada, porque és burro.

Mas Rui continua, como se Rodrigues não tivesse falado:

- ... com aquele foi um ar. Hoje disseram-me que os viram para os lados da Quinta Agrícola.

「- Ah, sim?⁷⁶⁸ Quem disse? Como foi isso?

「Rui desfiou pormenores lúbricos.⁷⁶⁹

Rodrigues 「sentia-se já interessado na conversa.⁷⁷⁰ 「Quase nem via mesmo as estrelas do céu, que brilhavam lá no alto.⁷⁷¹ 「As casas, picadas de luzes, sumiam-se-lhe em mancha⁷⁷² confusa. Rui falava, contava, 「ganhava ânimo.⁷⁷³ 「Rodrigues⁷⁷⁴ penetrava numa casa. 「À porta,⁷⁷⁵ uns olhos meigos que ele não via, uns beijos

⁷⁶³ [A] encostara-se

⁷⁶⁴ [A] bruxuleavam e a lua[,] bem lavada[,]

⁷⁶⁵ [A] <diabo>/história\!

⁷⁶⁶ [A] quem quiser. <O>/m\as que não ande por todos os cantos com o <†> [↑ tipo.] [↑ <Dizem que>/Dizem que\] <<A>/a\até lá> [↓ Dizem que até ← lá] vai <a>/à\ <casa>/noite\ <d>/a\ casa dela...

⁷⁶⁷ [A] não acontecia nada. <Com aquele foi um <rufo.> [↑ ar.] <†>/Hoje\ disseram-me que os viram <† dos> para os lados da Quinta Agrícola...>

[Rodrigues interrompe

- Não acontecia nada porque eras burro.

Mas Rui continua como se Rodrigues não falasse:

- ... com aquele foi um ar. Hoje disseram-me que os viram para os lados da Quinta Agrícola.

- Ah, sim? Quem disse] [*Acrescento no verso com a indicação (Volte)*]

⁷⁶⁸ [A] -Ai sim?

⁷⁶⁹ [A] [↑ Rui desfiou <lúbricidades> pormenores lúbricos.]

⁷⁷⁰ [A] <estava> [↑ sentia-se] interessado <*nessa>/pela\ conversa. <R>

⁷⁷¹ [A] Já nem via mesmo as estrelas <que>/do\ ceu, que <cont> <[↑ admirava.]> [↑ brilhavam lá no alto.]

⁷⁷² [A] As casas picadas de luzes sumiam-se-lhe /numa\ mancha

⁷⁷³ [A] contava[,] <pormenores.> [↑ ganhava ânimo.]

⁷⁷⁴ [A] R<u>/o\drigues

⁷⁷⁵ [A] À porta

「chupados com⁷⁷⁶ ânsia. Depois subia as escadas 「carcomidas, encavando, no sovaco,⁷⁷⁷ uma cabecita vibrátil. 「Fremia-lhe⁷⁷⁸ o corpo. Rodrigues já mal sentia a cabecita sob o braço. Tateava um corpo quente, cerrava os olhos, esborrachava os lábios nuns lábios. Caíra-lhe o cabelo sobre 「os cabelos⁷⁷⁹ dela. 「Rolava⁷⁸⁰ sob os cobertores que se 「enrugavam, enquanto⁷⁸¹ os ferros da cama velha chocalhavam músicas furiosas.

Mas Rodrigues via apenas o montão das casas que se lhe dobavam diante dos olhos. Agarrou 「a cana do braço de Rui e sacudiu-a.⁷⁸² Tinha a voz 「alterada.⁷⁸³ Rui estremeceu. Não lhe disse nada 「e começou a meditar sobre as estrelas e a cidade.⁷⁸⁴

Rodrigues 「envolveu-se⁷⁸⁵ na capa e saiu. 「Tinha frio ou o quer que⁷⁸⁶ fosse parecido, porque 「os queixos lhe batiam⁷⁸⁷ um no outro. Se pensasse 「em si, rir-se-ia do seu nervosismo⁷⁸⁸ de colegial. Andara dez metros se tanto. 「Sentia-se carregado, como nunca, de um apetite burro que lhe cerrava a cabeça, lhe absorvia toda a atenção, todos os nervos, todos os desejos. Por isso se dirigia à casa da amante. Rolava sob os seus pés uma calçada interminável, feita de penedos brutos que lhe prendiam os movimentos. Seu corpo pendia para a frente, na ânsia forte de chegar, de chegar o mais depressa possível.⁷⁸⁹

Iria a casa de Conceição. Mas (caso curioso) nunca a procurara 「em⁷⁹⁰ tal desequilíbrio de nervos. 「Que o Rodrigues⁷⁹¹ era um pachorrento em tudo. 「(O céu⁷⁹²

⁷⁷⁶ [A] <*ch> <com>/chu\pados com

⁷⁷⁷ [A] <c>/c\arcomidas encovando no sovaco

⁷⁷⁸ [A] <Ru> Fremia-lhe

⁷⁷⁹ [A] o[↑ s] cabelo[s]

⁷⁸⁰ [A] Rolava-se

⁷⁸¹ [A] enrugavam<.>/e\

⁷⁸² [A] <o>/a\ [↑ cana <do>[↑ do]] braço <a>/d\ e Rui e sacudiu-a.

-Bem, vou sair. [fol. 110]

⁷⁸³ [A] <nervosa.> [↑ alterada.]

⁷⁸⁴ [A] e <continuou> [↑ começou] <a> <[↑ as]>/a\ <meditaç<ão>/ões> [↑ meditar] s<o>/ô\bre as estrêlas e a <↑>/cidade\.

⁷⁸⁵ [A] enrolou-se

⁷⁸⁶ [A] T<↑>/inh\ a frio ou o <que> quer que

⁷⁸⁷ [A] o[s] queixo[s] <matraqueava[m]> [↑ batiam]

⁷⁸⁸ [A] em si rir-se-ia do seu aspecto

⁷⁸⁹ [A] <la a casa de Conceição> [↑ Dentro <*de si>/dele\ borbulhavam] ansias carnaís. A história de Amélia espicaçara-lhe frenesis.> [Sentia como nunca um apetite carnal que lhe absorvia tôda a atenção, todos os nervos, todos os desejos. Por isso se dirigia a casa da amante. Rolava sob os seus pés uma calçada interminável feita de penedos brutos que lhe <<tolhiam> prendiam os movimentos.> [↑ prendiam os pés.] E seus braços <se> lançavam[↑-se] para a frente na ânsia forte de chegar.

Iria a casa de Conceição. Mas (caso curioso)]

⁷⁹⁰ [A] <com>/em

era liso e calmo. As estrelas ⁷⁹³「bruxuleavam, e lua pálida, doente, parecia uma calva de ⁷⁹⁴「tísico).

「Quando Rodrigues chegou a casa da amante, não viu ninguém. Mas a porta estava aberta, escancarada até. Olhou as janelas e não viu luz. Bateu as palmas.⁷⁹⁵ Conceição iria espirrar ⁷⁹⁶「já de qualquer canto, irrequieta e folgazã. Ou talvez não: a mãe ⁷⁹⁷「dela estava doente. Talvez por isso descesse as escadas devagarinho, para não fazer barulho. Esperou. A carne fervia-lhe. Necessitava de Conceição, as vibrações cansavam-no e galgou as escadas com ímpeto.

- Conceição!

A voz era trémula e imperiosa.

Mas ⁷⁹⁸「à porta, que ficava ao fundo de um corderzito, surgiu um rosto indeciso. ⁷⁹⁹「Aproximou-se. Devia ser a amante. E era. Rodrigues ⁸⁰⁰「formou o laço dos braços que lhe iria prender o pescoço débil. Mas ⁸⁰¹「Conceição limpou duas lágrimas no novelo do lenço. Rodrigues estranhou a amante a chorar. Iria ⁸⁰²「perguntar alucinado: «que é isso, hemm?» Mas Conceição empurrou-o suavemente:

- Entra.

Entrou. O ar era morno e bafiento. Havia cheiro a cera. Uma velhota enroscava-se a ⁸⁰³「um canto, chocalhando o rosário. ⁸⁰⁴「Em dois castiçais de vidro derreavam-se duas velas que iluminavam um cadáver vestido de preto. A mãe de Conceição morrera. Rodrigues esbugalhou os olhos ⁸⁰⁵「e sentiu uma navalha ⁸⁰⁶「de gelo desfibrá-lo. As

⁷⁹¹ [A] De resto Rodrigues

⁷⁹² [A] O ceu

⁷⁹³ [A] bruxuleavam

⁷⁹⁴ [A] tísico.

⁷⁹⁵ [A] Rodrigues <bateu à porta> [↑ chegou a casa] d<e>/a\ <Conceição.> [↑ amante.] <Ninguém respondeu.> [↑ Não viu ninguém. Mas a porta estava aberta, escancarada mesmo.] Olhou as janelas e não viu luz. <Tornou a bater.> [↑ Bateu as palmas.]

⁷⁹⁶ [A] já[, ↑ de qualquer canto] irrequieta

⁷⁹⁷ [A] <da>/de\la estava doente<,> [...] <t>/T\alvez [↑ por isso] descesse as escadas /<de> <vaga>/devagarinho\

⁷⁹⁸ [A] à porta que ficava ao fundo dum corredorzito

⁷⁹⁹ [A] Aproximou-se<...>/.\ <D>/D\evia

⁸⁰⁰ [A] <formou> [↑formou]<-lhe> o laço dos braços que lhe iria[↑m] prender

⁸⁰¹ [A] conceição <duas>/lim\pou duas

⁸⁰² [A] perguntar alucinado: que é isso? hein?"

⁸⁰³ [A] um canto <tilintando> [↑ chocalhando]

⁸⁰⁴ [A] [↑ Em] <D>/d\ois castiçais

⁸⁰⁵ [A] <†>/e\

⁸⁰⁶ [A] [↑ de gelo [a]] desfibrá-o.

ondulações morriam-lhe no corpo. 「O apetite abrandava estupidamente.⁸⁰⁷ Sentiu arrepios de 「terror.

Sua respiração prendeu-se em ânsia de afogado, e, sem uma palavra, de olhos perdidos no escuro, Rodrigues rodou sobre os tacões e saiu cheio de medo.

Uma rapariga bem vestida e uma garota subiam, pouco depois, as escadas.⁸⁰⁸ 「Conceição, que viera iluminar o caminho,⁸⁰⁹ suspirou por entre lágrimas:

- Ai! A 「menina Luísa⁸¹⁰ a estas horas! 「Santo Deus!...⁸¹¹

⁸⁰⁷ [A] [↑ O apetite abrandava estupidamente]

⁸⁰⁸ [A] terror. <<Os seus olhos especara> <[↑ Especou a sua respiração<.>/;\ <D>/d\epois q<uis>/ueria\ desprendê-la e não [fol. 111] <poude>[↑podia]> E saíu atabalhoadamente. À porta cruzou com uma rapariga bem vestida, acompanhada duma miuda. Rodrigues assustou-se. > [↓ Sua respiração <se> prendeu-se em ânsia de afogado e ↑ sem uma palavra, de olhos perdidos no escuro saiu <amedrontado.> [↑ cheio de mêdo.] <A>/uma\ rapariga [↑ bem vestida e uma garota] <porém> subia[m] [↑ pouco depois] <calmamente> as escadas.

⁸⁰⁹ [A] Conceição[,] que <ficara a> [↑ viera] alumiar o caminho[,]

⁸¹⁰ [A] <Lu>/me\nina Luiza

⁸¹¹ [A] Santo Deus!...

<Rodrigues cá fora percebeu-se a ranger os dentes. Ódio? Aborrecimento? Só desesperado? Uma bola negra interrompeu-o. O Ferrás! - É pá! (era ele, era o Rodrigues) Então esses cem paus? Rodrigues afastou-o com o braço férreo e não lhe respondeu.>

「VII⁸¹²

「CATARINA⁸¹³ era uma rapariga estranha. 「Falavam dela, apontavam-na a dedo,⁸¹⁴ mas ninguém tinha dados seguros para afirmar fosse o que fosse 「acerca do seu comportamento.⁸¹⁵ 「Demais,⁸¹⁶ era feia. Tinha o cabelo 「liso, escorrido.⁸¹⁷ A pele da cara era grossa. Vestia mal. As ancas eram 「fartas, mas⁸¹⁸ as canelas frágeis. O 「António Cruz⁸¹⁹ dissera um dia:

- Ali está uma rapariga que eu não namorava nem 「por um decreto...⁸²⁰

Catarina andava no 2º ano de Românicas. 「E⁸²¹ era estúpida. Por isso reprovava em Francês.

Namorara o Jorge. 「(O Jorge era um atleta alfabeto).⁸²² Disseram-se coisas, 「contaram-se coisas, mas o que é certo é que ela⁸²³ nunca mais dera nas vistas. Também ninguém a 「desejava.⁸²⁴ Não era isso que ela dizia:

- Sabes quem 「andou toda a tarde⁸²⁵ atrás de mim na Baixa? Sabes quem anda agora a perseguir-me? Sabes quem gosta de mim?

- Esse não é mau rapaz... Oh! esse? Belo rapaz! Simpático. 「O Daniel... porque não aceitas?⁸²⁶ Também o Frederico? Esse, sim...

Catarina torcia a cara:

「- Ai, meninas! São⁸²⁷ todos uns palermas. Namorem vocês, namorem...

Dava conselhos. Ensinava 「piadinhas.⁸²⁸ Chilreava anedotas.

⁸¹² [A] <<†>/6\>/7\

⁸¹³ [A] Catarina

⁸¹⁴ [A] Falava-se dela, criticava-se, apontava-se a dedo,

⁸¹⁵ [A] <(acêrca dela)> [↑ sôbre o seu comportamento.]

⁸¹⁶ [A] De resto

⁸¹⁷ [A] <corrido> [↑ liso,] escorrido.

⁸¹⁸ [A] <largas> [↑ fartas] mas

⁸¹⁹ [A] Mário Cruz

⁸²⁰ [A] <que ela quizesse...> [↑ por um decreto...]

⁸²¹ [A] <Mas>/E\

⁸²² [A] [(O Jorge era um atleta alfabeto.)]

⁸²³ [A] <†>/cont\aram-se coisas<....>/M\as <O>/o\ que é certo é que Catarina

⁸²⁴ [A] queria. <[↑ para namorar.]>

⁸²⁵ [A] <hoje> [↑ andou] <na>/ho\je tôda a tarde

⁸²⁶ [A] O Daniel? Porque lhe não aceitas?

⁸²⁷ [A] - Ai filhas! <Já>/São\

⁸²⁸ [A] *picuínhas[.] <sensuais.>

「Embora de Catarina nada se pudesse afirmar de seguro,⁸²⁹ com ela só conviviam as 「que se dizia que frequentavam⁸³⁰ os recantos do Jardim Botânico 「ou passeavam pela⁸³¹ estrada da Beira fora... 「Catarina parecia não se aborrecer com o que dela diziam.⁸³² Às vezes lembrava-lhe o 「Jorge, lembravam-lhe⁸³³ cenas com o Jorge. 「(Seria nesses dias que ela trazia os olhos pisados?)⁸³⁴ 「Lembrava-lhe o Jorge que era alto, forte e tudo o mais, e que beijava tão bem... Como sanguessuga. E então sentia-se triste porque, enfim, se nesse tempo falavam, ela tinha, pelo menos, uma compensação. Agora via-se abandonada. Queria dar uma significação à vida. Aquela única significação que sempre achara útil: ser amada, sentir no amor de um homem apetecido a certeza de que ela valia alguma coisa. Teria depois, talvez, um filho e seria totalmente mulher. Por isso lutava, porque a conquista realizada nada significa e só vale aquela que ainda se não realizou. Mas, porque o tempo ia passando e ela nada conseguia, ladeava a barreira. E mentia: «são todos uns palermas».⁸³⁵

「Catarina⁸³⁶ vem da Baixa. E vem só. Dependuram-se-lhe dos braços três pacotes nítidos. Poderia 「vir de eléctrico,⁸³⁷ mas prefere poupar os sete tostões. Subirá a 「Couraça⁸³⁸ de Lisboa, e em breve estará em casa.

「António Cruz vai ultrapassá-la, António Cruz, o elegantíssimo Cruz. Um sujeito que raro usa gabardina ou sobretudo. O seu belo casaco de fazenda inglesa cinta-o e delinea-lhe o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina, não se lhe distinguiriam as

⁸²⁹ [A] <*A>/E\mbora [↑ de] Catarina <não fosse <<encontrada> [↑ apanhada]> [↑ nunca surpreendida em flagrante,> [↑ nada se pudesse dizer de seguro]

⁸³⁰ [A] <que>/que\ frequentavam

⁸³¹ [A] <ou as matas da> [↑ e passeavam pela]

⁸³² [A] <Havia más línguas que a apodavam ambigualmente de patrão.> <Mas>/E\ Catarina, <rigorosamente,> [↑ sentia-se] bem no seu papel.

⁸³³ [A] Jorge. E lembra<r>/v\am-lhe

⁸³⁴ [A] [↑ Seria]<N>/n\esses dias [↑ que ela] trazia os olhos pisados<.>/?\ [() Os rapazes eram maliciosos e reparavam nas olheiras. E as raparigas sabiam que os rapazes reparavam<.>/\ [↑ sobretudo <†>/em\ certos dias...[]] <Amélia pergunta<v>/r\ a isso a Rui. - Conhece-se (não conhece?) Quando a gente anda tal et coetera?...

Rui envergonh<ara>/ou\se de confessar ignorância:

- Pois conhece, claramente.

Mas ele não com<p>/h\ecia. Nem os outros. Uma noite mal dormida provoca os mesmos sinais.>

⁸³⁵ [omisso em A]

⁸³⁶ [A] X

XX

Catarina

⁸³⁷ [A] <<ir>/subir\> [↑ vir] de eléctrico

⁸³⁸ [A] <Calçada> [↑ Couraça]

linhas do corpo. Em tudo isto pensa, aturadamente, António Cruz. Mas, para se não julgar que ele não possui gabardina, usa uma dependurada do braço, com o forro lustroso virado para fora. Sua mão esquerda, enfiada na luva, segura a luva da mão direita e enfeita com ela seus gestos de *gentleman*. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata. (Gravata boa, cara. Um caixeiro usa um bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se conhece a categoria das pessoas. Da gravata e das camisas.) Quando o vento sopra forte, receia aflitivamente que o cabelo, acamado sob as abas do chapéu, se erice desgraciosamente. É por isso que ele o tateia com a sua mão leve e solícita.⁸³⁹

「António⁸⁴⁰ Cruz conhece 「Catarina, que costuma⁸⁴¹ dizer dele:

- Rapaz simpático, não há dúvida. Mas 「falado, meninas? Ui! (passava⁸⁴² a mão espalmada sobre o rosto) Um horror!

「António⁸⁴³ Cruz cumprimenta:

- Boa tarde. Vai casar-se? (olhou os pacotes).

「O gracejo⁸⁴⁴ era banal. Era mesmo enxabido.

「- Não; vou baptizar um menino!⁸⁴⁵ Quer ser o padrinho?

⁸³⁹ [A] <Mário Cruz vai ultrapassá-la. Mário Cruz <é>/j\[\↑ulga-se] elegante<.>/e\ Mário Cruz <não> [\↑ raro] <usa>/veste\ gabardine <nem> [\↑ ou] sobretudo. O fato de casaco apertado cinta-o e <torna-lhe> [\↑ delinea-lhe] o busto. Se vestisse sobretudo na gabardine não se lhe conheceriam os traços do corpo. Em tudo isto pensa Mário Cruz. Mas para que não julguem que ele não tem gabardine, dependura-o de quando em vez no braço. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia. o nó da gravata. <De>/Âs\ <vez>/vezes\ passa a mão leve sobre o cabelo acamado <sob> [\↑debaixo] [d]a aba [\↑ esquerda] do chapéu. Basta encontrar um cabelo desnivelado para se não sentir <embaraçado.> [\↑ mal[.] <disposto.>]>

[Mário Cruz vai ultrapassá-la<.>/\ Mário Cruz o elegantíssimo Mário Cruz. Um sujeito que raro usa gabardina ou sobretudo. O <fato de> [\↑ seu belo] casaco apertado, cinta-o e delinea-lhe o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina, não se lhe distinguiriam as linhas do corpo. Em tudo isto pensa <Már>/atur\adamente Mário Cruz. Mas para <que>se não julgar que ele não possui uma gabardina, usa-a dependurada no braço, com o forro lustroso virado para fora. Sua mão esquerda enfiada na luva, segura a luva da mão direita e enfeita com ela seus gestos de gentleman. Tem um jeito crónico de compôr trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata. (Gravata boa, cara. Um caixeiro usa um bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se conhece a categoria das pessoas. Da gravata e das camisas.) É pela qualidade da gravata que se conhece a categoria das pessoas. Da gravata e das camisas.) Quando o vento sopra forte receia aflitivamente que o cabelo acamado sob as abas do chapéu se erice desgraciosamente. É por isso que ele o tateia logo com a sua mão leve e solícita. Mário Cruz conhece Catarina] [acrescento no verso com a indicação (Volte)]

⁸⁴⁰ [A] Mário

⁸⁴¹ [A] Catarina<.>/\ que costum<ava>/a\

⁸⁴² [A] falado<?>/m\eninas? Ui (pass<ava>/a[\↑va]

⁸⁴³ [A] Mário

⁸⁴⁴ [A] <[\↑ A pilheria era atraída dos pacotes.]>

O gracejo

- Porque 「não?...」⁸⁴⁶

- Então seja amável. Ajude a levar a tenda do afilhado - e despachou-lhe um pacote.

Cruz sentiu-se arrasado. Era o cúmulo! 「Ele,⁸⁴⁷ de pacotinho! 「Ele,⁸⁴⁸ o impecável Cruz! Que ridículo! E era ridículo o 「Cruz, teso no fato castanho, suspendendo de um braço a gabardina e do outro o negredado⁸⁴⁹ pacote num dlam-dlam irregular e nervoso. Catarina ajudou-lhe a compostura moral. Medira o Cruz. 「Gozara-lhe⁸⁵⁰ o perfil. Lembrara-se 「de⁸⁵¹ 「Jorge.⁸⁵² Mas Jorge era um esplêndido conversador. (Catarina apesar da reprovação em 「Francês,⁸⁵³ pensou que Jorge era um esplêndido *causeur*).

- Você 「vai-me⁸⁵⁴ aí embaraçado; deixe ver que eu levo isso! 「(Parecia zangada).⁸⁵⁵

- Por quem é! 「Não, senhora.⁸⁵⁶ Eu levo... eu levo...

「Cruz, se era ridículo, não deixava, todavia, de ser gentil.⁸⁵⁷

Já num sorriso, sondou:

- Quero ver depois a paga que me dá...

- Que paga quer? 「Hã?⁸⁵⁸ Diga lá...

「António⁸⁵⁹ Cruz pensou na brejeirice de Catarina. E achou-a simpática.

- Que paga quero? E você dá a que eu pedir?

- Conforme...

- Cruz ia 「a dizer já⁸⁶⁰ cretinamente: «a paga que quero é o seu amor».

「Lembrou-se, porém, de que era tolice. E calou-se.⁸⁶¹ Catarina adianta:

⁸⁴⁵ [A] - Não; vou batizar um filhito!

⁸⁴⁶ [A] não...

⁸⁴⁷ [A] Ele

⁸⁴⁸ [A] Ele

⁸⁴⁹ [A] Cruz teso no fato castanho suspendendo dum braço a gabardine e <doutro> [↑ do outro] o <malfadado> [↑ negredado]

⁸⁵⁰ [A] Gosara-lhe

⁸⁵¹ [A] d<o>/e\

⁸⁵² [A] [fol. 113] Jorge...<(>

⁸⁵³ [A] Francês

⁸⁵⁴ [A] vai[↑-me]

⁸⁵⁵ [A] [(Parecia zangada)]

⁸⁵⁶ [A] Não senhora.

⁸⁵⁷ [A] Cruz [↑ se] era ridículo<./,\ [↑ não deixava todavia de ser] <<mas era> [↑ também]> gentil.

⁸⁵⁸ [A] An?

⁸⁵⁹ [A] Mário

- Mas olhe que pagas minhas... Hum! (exibiu um ⁸⁶² desalento; depois ri, ⁸⁶² para desanuviar).

「Olha para o Cruz, medindo ⁸⁶³ o efeito. Ele espera. Catarina explica:

- ... se eu fosse a Dulce...

「Da Dulce recebera o Cruz ⁸⁶⁴ a última tampa. 「Ele sorriu, ⁸⁶⁵ chocho:

- Eu não ligo peva a essa tipa. Já liguei... Já liguei...

「«É indecente: ⁸⁶⁶ «peva», «tipa»... O Cruz fala em calão» (pensou Catarina).

Mas ela medira-o. Gozara-lhe 「o perfil, e o calão esbateu-se nas suas formas de Apolo. ⁸⁶⁷ Ele também se arrependera de 「dizer *peva* ⁸⁶⁸ e *tipa*. 「Mas era urgente encobrir a nódoa da tampa. Foi por isso que perdera o tino. ⁸⁶⁹ Cruz compôs:

- ... e agora... 「olhe: é isto. Para ⁸⁷⁰ aqui ando... - e num sorriso vaidoso - ninguém me quer.

Catarina estava entusiasmada. Tentou:

「- Ora, ninguém o quer... isso sim... o Cruz ⁸⁷¹ é uma boa figura...

Aí Cruz! Um elogio! Apre! «Boa figura»! Ele era pois simpático, elegante, donairoso! Isso fez que olhasse Catarina com outros olhos. Não que ele a visse. (Cruz deitara os olhos 「ao chão). Mas pensava ⁸⁷² nela para a ver melhor. 「Começou a levantar-lhe os cabelos, a enrolá-los, a fazer um tufo onde lhe enfronhava o rosto. ⁸⁷³

Entesou-lhe 「a pele, para a alisar. ⁸⁷⁴ 「Arqueou-lhe ⁸⁷⁵ os cílios. 「Acendeu-lhe os olhos ⁸⁷⁶. Desbastou-lhe as ancas. Depois decidiu-se a olhar Catarina, a Catarina 「real e feia que ia ali ao lado. ⁸⁷⁷ Tinham-se calado algum tempo.

⁸⁶⁰ [A] [↑ já] a dizer <já>

⁸⁶¹ [A] [↑ Lembrou-se porém de que] <E>/e\ra imbecil... E não disse.

⁸⁶² [A] desalento<>>; depois riu

⁸⁶³ [A] Olh<ou>/a\ [↑ para o] Cruz <*para>/medi>ndo

⁸⁶⁴ [A] <<<A>/De\>/Da\>/De\ Dulce <dera>/rece\bera o Cruz

⁸⁶⁵ [A] <O Cruz.> Ele sorriu

⁸⁶⁶ [A] "<Era>/É\ indecente:

⁸⁶⁷ [A] o perfil e o calão esbatia-se nas [↑ suas] formas d<o>/e\ Apolo.

⁸⁶⁸ [A] dizer [↑ ligar>]

⁸⁶⁹ [A] Mas o entusiasmo de encobrir a nódoa da tampa fizera-lhe perder o ti<†>/no\

⁸⁷⁰ [A] olhe<.>/;\ é isto. P'ra

⁸⁷¹ [A] - Ora ninguém o quer... Isso sim... O Cruz

⁸⁷² [A] ao chão e quási corara) mas pensou

⁸⁷³ [A] <Depois decidia-se olhar a Catarina, a Catarina real.> [↓ Começou a levantar-lhe os cabelos, a enrolá-los a fazer um tufo onde <escondia a c>[↑ lhe enfronhava o] rosto.

⁸⁷⁴ [A] [fol. 114] Entesou-lhe a pele para a ali<<s>/z\>/s\ar.

⁸⁷⁵ [A] Ar<cou>/queou>-lhe

⁸⁷⁶ [A] Acendeu-lhes os olhos<,>/.\

- Em que vai você a pensar?

- Em nada...

A voz de Catarina 「soou, aos ouvidos de Cruz,⁸⁷⁸ como um fio de mel. Ele sorriu. Mas afinal Catarina 「não era nada feia.⁸⁷⁹ O cabelo 「era arredio, sim, mas dava-lhe um ar gracioso⁸⁸⁰ de garota. As ancas não se abriam tanto como à primeira vista parecia. 「De resto,⁸⁸¹ eram francas e apetitosas. 「Cruz lembrou-se de que⁸⁸² uma mulher deve ter as ancas largas 「para que o parto seja fácil.⁸⁸³ E as 「ancas⁸⁸⁴ quebradiças davam-lhe 「um *quid* de subtil finura⁸⁸⁵ e elegância. 「Afinal, Catarina não era nada feia.⁸⁸⁶ Rodrigues dissera 「um dia⁸⁸⁷ ao Cruz:

「- Tu,⁸⁸⁸ em vendo uma burra de saias, 「ficas logo pela beija.⁸⁸⁹

Cruz pensa: «será a Catarina uma burra com saias?»

- Olhe o que lhe caiu...

- Que foi?

- O lenço.

「- Obrigado!⁸⁹⁰

E Cruz atrasou-se. Catarina ia subindo. Quando 「Cruz levantou os olhos do chão,⁸⁹¹ cravou-os nas ancas de Catarina. O jeito de subir retesava-lhe a saia que se ajustava 「às coxas, vincando o rego das nádegas.⁸⁹² Cruz ia devagar... «Que 「boa mulher,⁸⁹³ não é nada feia, nada 「mesmo...»⁸⁹⁴ Catarina surpreendeu-o.

- Então? Vamos...

⁸⁷⁷ [A] real<, >/e\ feia que ia ali ao seu lado.

⁸⁷⁸ [A] soou aos ouvidos de Cruz

⁸⁷⁹ [A] "não era nada feia".

⁸⁸⁰ [A] <sim>/era\ corredio, sim, mas <†>/dava\ -lhe <a>/u\m <g>/a\ r gracioso

⁸⁸¹ [A] De resto

⁸⁸² [A] <Mas>/Cruz\ <†>/lem\brou-se [† de] que

⁸⁸³ [A] para o parto ser fácil.

⁸⁸⁴ [A] canelas

⁸⁸⁵ [A] <um ar>/um\ <tom> [† quid] de <f> subtil finura

⁸⁸⁶ [A] Afinal[,] Catarina não era nada feia."

⁸⁸⁷ [A] [† um dia]

⁸⁸⁸ [A] - Tu

⁸⁸⁹ [A] fi<t>/c\as logo pela beija<o>/a\.

⁸⁹⁰ [A] - Obrigado

⁸⁹¹ [A] <Ca>/Cr\uz <cravou>[† levantou] os olhos <n>/d\o chão,

⁸⁹² [A] às coxas vincan<<<o o *eleva>do vértice> [† vincando-lhes o]> [† do-lhes o *<rigor> [† rêgo] das nádegas].

⁸⁹³ [A] boa<!>/m\ulher;

⁸⁹⁴ [A] mesmo[...]"

「Juntaram-se.⁸⁹⁵ A casa de Catarina estava já à vista.
「- sempre⁸⁹⁶ lhe preguei uma partida... 「Ande⁸⁹⁷ lá que você com o embrulho desde a Baixa...
Cruz guardou silêncio. Depois respondeu:
「- Não⁸⁹⁸ tem importância...
Falava para ela, mas parecia olhar para trás dela, como quem olha por um vidro. Catarina percebeu-lhe a abstracção.
- Sabe que tinha outra impressão de si? 「- disse ela de olhar maroto.⁸⁹⁹
- De mim?
- É verdade. Você desculpe a franqueza, mas julgava-o um [fl. 115] rapaz antipático.
- Mas a Catarina já tinha falado mais vezes comigo...
「- Por⁹⁰⁰ isso mesmo. Deu-me 「a impressão sempre de um vaidoso... Ah! Ah! Ah!⁹⁰¹ Não se zangue, não?
- Absolutamente nada. 「Mas olhe que você também me parecia outra.⁹⁰²
- Oh! Isso agora 「já é copiar... Não é?⁹⁰³
- Verdade, não é. Você tinha uns ares imperiais e foi talvez por isso que eu lhe parecia vaidoso. Eu cá com raparigas de 「proa...⁹⁰⁴ Mas hoje não... (pausa; 「Cruz⁹⁰⁵ amorna os olhos) você é uma rapariga simpática...
- Ah! Ah! Ah! 「Deixe-me⁹⁰⁶ cá rir. 「Ó Cruz,⁹⁰⁷ você francamente... Olhe que eu já me conheço... Tenho espelho...
Cruz estava romanticamente sério.
「- Pode crer...⁹⁰⁸ pode crer... Você tem direito a um rapaz que...

⁸⁹⁵ [A] -Diabo do lenço...

Juntaram-se.

⁸⁹⁶ [A] - Sempre

⁸⁹⁷ [A] <a>/A\nde

⁸⁹⁸ [A] <-Cr>- Não

⁸⁹⁹ [A] - <fez> [↑ disse] ela <.>/d\e olhar maroto.

⁹⁰⁰ [A] - Pois por

⁹⁰¹ [A] sempre a impressão dum vaidosão... Ah! Ah! <!/>/AH\!

⁹⁰² [A] Mas <deixe-me que lhe diga que> [↑ olhe] <também a julgava> [↑ <que você>/que você\ também me parecia] outra.

⁹⁰³ [A] [↑ já] é copiar... <†? Não é?

⁹⁰⁴ [A] pr<ôa>/ao\...

⁹⁰⁵ [A] <e>/C\rüz

⁹⁰⁶ [A] Deixe<m>/-\me

⁹⁰⁷ [A] Ó Cruz

- Não diga nada, 「Cruz,⁹⁰⁹ não diga 「nada.⁹¹⁰

Catarina 「pegou os olhos e pô-los no chão. Depois continuou:⁹¹¹

- ... não nasci para ouvir essas coisas.

- Nasceu; nasceu tal. Porque não?

Catarina 「pensa afogueada: «é meu! Achei!»⁹¹² Mas diz, triste:

- Não faço ninguém feliz (e 「alça⁹¹³ um olhar magoado para os olhos de Cruz).

- Não 「faz⁹¹⁴ ninguém feliz? 「E se⁹¹⁵ eu lhe dissesse que fazia?

「- A quem?⁹¹⁶

Cruz recolheu-se a si. Estremeceu e talvez tivesse corado. 「Depois, gestos tímidos, ciciou:⁹¹⁷

- Fazia-me feliz a mim.

「Catarina reforçou ao Cruz a certeza de que era belo. António Cruz triunfou. Todas o amam. E Catarina, afinal, não é nada feia.

Cruz achou aquilo que procurava. Catarina também.⁹¹⁸

⁹⁰⁸ [A] - <Já lhe disse>/Pode crer\...

⁹⁰⁹ [A] <*Ó Cruz>/Cruz\,

⁹¹⁰ [A] nada.<(>

⁹¹¹ [A] olh<ava>/a\ as unhas. <Cruz de mãos nos bolsos da> [↑ Depois continua:]

⁹¹² [A] pensa: «está quási no papo».

⁹¹³ [A] <olhou> <[↑ alçou]>/alça\

⁹¹⁴ [A] f<†>/az\

⁹¹⁵ [A] [← E] <S>/s\e

⁹¹⁶ [A] - <Q>/A\ Quem?

⁹¹⁷ [A] corado. [↑ mais.] Depois em gestos <claros> [↑ tímidos] ciciou <envergonhado>

⁹¹⁸ [omisso em A]

Mário Cruz é namôro de Catarina.

「VIII⁹¹⁹

「QUANDO⁹²⁰ Luísa entrou 「na câmara ardente⁹²¹, a velhota que se 「enovelava⁹²² ao canto murmurou:

- Que santinha 「que⁹²³ a menina é!

- Ora! Não há 「santos,⁹²⁴ nem santas!

A velhota zangou-se 「e pensou: «que pecado!⁹²⁵ 「Não há santos...»

「Luísa conhecia Conceição, porque era da sua terra. Quer dizer: quem era da terra de Luísa era Felícia, mãe de Conceição. Como a aldeia não ficava muito longe de Coimbra, Felícia passava por lá, um dia por outro. Conceição, às vezes, acompanhava-a. Por isso Luísa a conhecia e naturalmente a saudava:

- Bons dias. Como vais?

Mas nada queria saber da sua vida particular, que adivinhava desgraçada como a de quase todas as raparigas deitadas aos baldões da sorte.

Naquela manhã encontrou-a toda de preto:

- Morreu-te alguém?⁹²⁶

⁹¹⁹ [A] <<<***>7>/9\>/8\

⁹²⁰ [A] Quando

⁹²¹ [A] <em casa de Conceição> [↑ na câmara ardente]

⁹²² [A] <enrolava>/enovelava\

⁹²³ [A] [↑ que]

⁹²⁴ [A] santos

⁹²⁵ [A] <.>/e\ pensou: «que <*pessoa>/pecado\!

⁹²⁶ [A] <Luíza conhecia Conceição desde que fôra sua criada. (Já lá iam <†>/bem\ dois anos) Diziam[↑-lhe] que não devia falar para uma mulher de má <fama>/nota\ [...] <E>[↑ Mas] ela <não> [↑ lá ↑ ia] fala<va>/ndo\ quando a encontrava. [↑ <À casa de Conceição porém não ia>] [<Nunca todavia a procur<ou>/ava\ em casa>] <A mãe de Conceição> [↓ Felícia (era a mãe da amante do Rodrigues)] morre[fl. 116]ra e não havia dinheiro para nada. <Lembrou-se> O Rodrigues havia dois dias que não aparecera. Mas o Rodrigues... coitado, também andava sempre a abanar.> [<[↑ Foi assim que] Luíza [, ↑< <pela>/de\ manhã,>] encontrou Conceição de luto <pela manhã>] Luíza perguntou-lhe:> [↓ lhe perguntou de manhã quando a <encontrou> [↑ viu] tôda de preto:>

<>>[/N\ão há santos...»]

[Luíza conhecia Conceição porque eram da mesma terra. <Ou antes> [↑ Quere dizer:] quem era da terra de Luíza era Felícia, mãe de Conceição<,>/.\ Como a aldeia não ficava muito longe de Coimbra, Felícia passava por lá um<a> <vez>/dia\ por outr<a>/o\ Conceição [→às vezes] acompanhava-a. <Luíza por *temor não lhes falava. Nem Luíza>

<††>/Por isso\ [↑ Luíza a conhecia e] <que> naturalmente <Luíza> a saüdava quando a via:

- Bons dias! Como vais?

Mas nada queria saber da sua vida particular, que adivinhava pôdre como a de [↑ quási] tôdas.

- Morreu, sim, menina (chorava). Morreu minha mãe.

Depois contou a «miséria: não havia dinheiro, não tinha ninguém... Por isso Luísa foi a casa dela como nunca fizera.»⁹²⁷

A velhota chocalha o rosário. As velas caem de cansaço. Luísa «resolve»⁹²⁸

- Agora vens comer. Tu ainda não «jantaste»⁹²⁹ com certeza.

- Ai a «menina, que se»⁹³⁰ esteve a incomodar... Rainha Santa...

«A miúda abriu o cabaz que trazia.»⁹³¹ Conceição comeu pouco. A casa era tacinha e o ar «empestava»⁹³² cada vez mais. De vez em quando «entrava uma vizinha que desdobrava»⁹³³ duas consolações e «saía logo depois.»⁹³⁴

A mãe de Conceição dorme tranquila o último sono. Fora sempre pobre. A filha sustentara-a com o dinheiro dos «amantes, que o emprego só»⁹³⁵ tarde aparecera. Mas Conceição cumpria apenas um dever tradicional. «Se a mãe tivesse vivido sempre em Coimbra, teria sustentado»⁹³⁶ a avó com o dinheiro dos amantes. A avó «teria sustentado»⁹³⁷ a bisavó. Em Coimbra os Fados «eram»⁹³⁸ assim. Eles «mandavam, eles decretavam.»⁹³⁹ Por «isso, quase todas as raparigas como ela nasciam»⁹⁴⁰ com a profissão destinada. E os doutores ainda «viam nisso uma poesia que só eles entendiam, porque só eles podiam passar e esquecer.»⁹⁴¹ «Era um crime não deixar um filho, como se dizia, mais ou menos, na cantiga:»⁹⁴²

Estudante que não deixa

Naquela manhã encontrou-a [↑ tôda] de preto:

- Morreu-te alguém? [Acrésceto no verso da folha com a indicação a este lugar com (Volte)]

⁹²⁷ [A] «miséria<.>/\» [↑ <(> «<N>/n\» não havia dinheiro, não tinha ninguém...)] Por isso Luíza [↓ (<como>/coisa\ [↑ que] nunca fizera)] foi <*\lá> a casa dela<.>

⁹²⁸ [A] resolve: <despeja>

⁹²⁹ [A] «jantaste

⁹³⁰ [A] menina que <es>/se\

⁹³¹ [A] [↑ A miúda abriu o cabaz, que trazia]

⁹³² [A] <infectava-se> [↑ empestava-se]

⁹³³ [A] entra uma vizinha<.>/que\ <Des>/des\ dobra

⁹³⁴ [A] sai.

⁹³⁵ [A] <empregos e dos amantes.> [↑ amantes, que o emprego] só

⁹³⁶ [A] [↑ Se] <A>/a\ mãi [↑ tivesse vivido sempre em Coimbra teria] sustenta<ra>/do\

⁹³⁷ [A] [↑ teria] sustenta<ra>/do\

⁹³⁸ [A] <são>/eram\

⁹³⁹ [A] manda<m>/vam\, eles decreta<m>/vam\.

⁹⁴⁰ [A] «isso quási tôdas as raparigas nascem

⁹⁴¹ [A] <riem por cima.«Elas é que querem, elas é que dizem:> [↑ vêem nisso uma poesia que só eles entendem porque só eles podem passar e esquecer]

⁹⁴² [omisso em A]

Um filho do coração
É como erva⁹⁴³ bravia
Que não dá palha nem grão⁹⁴⁴

E deixam filhos. E deixam filhas. 'Filhos sem rumo, nascidos para o ódio, filhas que hão-de amar, que hão-de ter filhos e hão-de ser esquecidas dos filhos e dos que amaram.⁹⁴⁵

Conceição não podia fugir à lei. Quando nasceu, sua mãe pensou nisso com certeza. Que dava que fosse aos 14? Que dava que fosse aos 16 anos? Havia de cair. Havia de 'amar na fogueira breve e devoradora dos breves dias das aulas.⁹⁴⁶

Conceição não era má rapariga. 'Não recebia vários⁹⁴⁷ homens por prazer. 'Ninguém poderia chamar-lhe devassa. Ninguém.⁹⁴⁸

'Ela amava o Rodrigues, embora o amor, que lhe roubara o seu segredo de virgem, tivesse passado, há muito, num turbilhão de fogo. Parecera-lhe que as palavras de ternura ouvidas então na Praça, na Baixa, em todo o lado, vinham de uma alma nascida para a sua. E a alma era tão estranha... Só viu isso quando o mundo lhe apareceu criado de novo. Tudo então foi diferente. Já não tinha senão que adaptar ao mundo novo a sua alma nova. E, quando o vento lhe levou a luz que a cegara, viu-se sozinha e aniquilada. Por isso buscava agora, no Rodrigues, a defesa dum sonho que em breve se apagaria...

Às vezes, na gelada velhice, vem um dia diferente que traz a vida das horas mortas. Para quê? Os olhos voltarão depressa às pedras do chão... Foi assim que Felícia...

Era em Julho. Havia reunião de curso e os doutores, já velhotes, vieram a Coimbra reviver os bons tempos. Bons...⁹⁴⁹

⁹⁴³ [A] <*palha>/erva\

⁹⁴⁴ [A] grão»

⁹⁴⁵ [A] <Os> <f>/Filhos <são vadios> [↑ sem rumo <pa>/na\scidos para o ódio. <e as> <f>/Filhas <seguem a profissão das mãis.> [↑ que hão-de amar, hão de ter filhos e hão de ser <[↑ talvez] esquecidas dos filhos e dos que amaram.]

⁹⁴⁶ [A] <ter um doutor.> <E teve-o.> [↑ amar na fogueira breve e devoradora <*das>/dos\ breves dias das aulas.]

⁹⁴⁷ [A] De resto não recebia [↑ vários]

⁹⁴⁸ [A] <Nem>/Nin\guem <se> <podia> [↑<lhe>/a\ chamar<->/ia\ <-se-lhe uma devassa.> [↑ devassa. Ninguém.] [↑ Devassa a Conceição?] *Ela? Não. <senhor.>

⁹⁴⁹ [A] <A Conceição> [↑ Ela] era digna. Se o não fosse, não se importava que o Rodrigues soubesse que ela recebia outros às <†>/ocultas\, D mais o Rodrigues não tinha dinheiro. [↑ Mas que importava isso?:] <Deixá-lo,> Rodrigues era o amante<.>/... \ <Rodrigues [↑ era] o

「As vizinhas velhas avisaram Felícia.

- Sabes quem cá está? O doutor Bagas e os do ano dele.

- Ai, sim? Então também devia ter vindo o doutor Esteves (O doutor Esteves fora o tal que houvera de passar...)

E Felícia saiu azafamada.

Do pátio da Universidade saíam carros luzidios. Sedas, pinturas, perfumes.

Felícia pôs-se à espera. O doutor Esteves havia de lá estar, com certeza. Varara os vidros dos automóveis à cata do doutor Esteves. De repente, Felícia furou a massa dos curiosos e brandiu a cana do braço:

- Senhor doutor, senhor doutor Esteves!

Dentro do automóvel seguia um gorducho. Ao lado ia a mulher e uma rapariga com o rosto num borrão.

O doutor Esteves deitou a mão fora com vinte escudos.

A mulher do doutor ficou sabendo que se tratava de «uma antiga sopeira, muito boa rapariga, muito ajuizada, coitadita».

fulcro<,>/.\[[↑ Rodrigues era] a defesa e o meio *seguro de fazer pensar à gente conhecida: ela tem homem. [E acima de tudo Rodrigues agradava-lhe.] Conceição não era devassa. Como ela muitas outras. A Alta está pejada de raparigas assim. Cada uma tem o seu doutor. Isto já vem de longas eras. [↑Depois eles passam e raro se lembram delas.] A mãe de Conceição recebera no ano [fol. 117] passado<3>/2\0\$00. Era em Julho. Houve reunião de curso. Doutores velhos.

<- Mora aqui a Felícia

(Felícia era a mãe de Conceição)

- Mora sim Snr Dr - <apa>/res\pondeu <a>/u\ma vizinha- Ó Felícia! Ó mulher!

<A>Felícia furou <a>/o\ postigo:

- Ah! O Snr. Dr.

E recebeu os 50\$00. O Dr. tinha sido amante dela.> [Felícia <†> [↑ soube disso]. (Felícia era a mãe de Conceição)

Conceição não era uma devassa. Muitas raparigas da Alta não eram devassas. Luiza tinha pena de Conceição.>

[Ela amava o Rodrigues embora o amor que lhe roubara o seu sêgrêdo de virgem, tivesse passado há muito num turbilhão de fogo. Parecera-lhe que as palavras de ternura ouvidas então na Praça, na Baixa, em todo o lado, vinham duma alma criada para a sua. E a alma era tão estranha... Só viu isso quando <a ocasião> [↑ o mundo] lhe apareceu criado de novo. Tudo então foi diferente. Já não tinha senão que adaptar ao mundo novo a sua alma nova. E quando o vento lhe lev<ara>/ou\ a luz que a cegara, viu-se sòzinha e aniquilada. Por isso busc<ara>/ava\ [↑ agora] no Rodrigues a defesa <*dessa>/dum\ <luz> [↑ sonho] que em breve se apaga<va>/ria\...

Às vezes na gelada velhice vem um dia diferente que traz a vida das horas mortas. Para quê? Os olhos voltarão depressa às pedras do chão... Foi assim que Felícia, a mãe de Conceição...

Era em Julho. Havia reunião de curso e os doutores, já velhotes, vieram a Coimbra reviver os bons tempos. Bons...

As vizinhas avisaram<-na> /Felícia:'] [*acrescento no verso da folha referido a este lugar com (Volte)]*

E as vizinhas de Felícia comentaram:

- Lá lhe deu vinte escudos. Grande paga, não haja dúvida. Amantes desses...

Luísa está diante de Conceição e sente a alma cheia de pena:

- Vá, anda, come, mulher...⁹⁵⁰ Não podes ficar assim...

- Ai, muito obrigada,⁹⁵¹ menina! Não posso mais. Tenho um nó na garganta...

Lá dentro as velas ardem. Um silêncio de cemitério.⁹⁵² A velhota sentara-se à porta com o rosário, que não abandonava.⁹⁵³ Ficaram de vir duas vizinhas para velarem o cadáver, mas⁹⁵⁴ ainda não vieram. Conceição come uma laranja. Luísa medita. No rés-do-chão alguém resmoneia:⁹⁵⁵

- Pelo contrato de arrendamento segundo o qual o arrendatário tinha...

- Qual contrato de arrendamento? Aqui não se trata de contrato nenhum.⁹⁵⁶

⁹⁵⁰ [A] [As vizinhas [↑ velhas] avisaram<-na> /Felícia:\

- Sabes quem cá está? O Dr. Bagas e os do ano dele.

- Ai sim? Então também devia ter vindo o Dr. Esteves. [→ (O Dr. Esteves fôra o tal que houvera de passar...)]

E Felícia saiu azafamada.

Do pátio da Universidade saíam carros luzidios. Sêdas, pinturas perfumes.

Felícia p<oz>/ôs\ -se <†>/à\ espera. O Dr. Esteves havia de <passar.> [↑ lá estar com certeza.]

Varara os vidros dos automóveis à cata do Dr. Esteves. <Por f>/De\ repente Felícia furou a massa dos curiosos e brandiu a cana do braço:

- Snr. Dr.! Snr. Dr. Esteves!

Dentro d<o>/um\ automóvel seguia um gorducho. Ao lado ia a mulher e <a filha - uma filha rascunho de mulher.> [↑ uma rapariga com o rosto num borrão.]

O Dr. Esteves deitou a mão fora com 20\$00.

A mulher do Dr. ficou sabendo que se tratava duma [↑antiga] sopeira «muito boa rapariga, muito ajüizada, coitadita».

As vizinhas de Felícia comentaram:

- Sempre lhe deu 20\$00. <Não pagou o que lhe ficou a dever...> [↑ grande paga, não haja dúvida.] Amantes d<e>/ê\sses...

[x

xx

Luísa está diante de Conceição e sente a alma cheia de pena:

- Vá anda come mulher...]]

-Vá[,] anda[,] come[,] mulher!

⁹⁵¹ [A] obrigada

⁹⁵² [A] <Há>/Um\ silêncio<.> [↑de cemitério.]

⁹⁵³ [A] <chocalhando> <o>/com o\ rosário<.>/\ [↑ que não abandonava.]

⁹⁵⁴ [A] cadáver<.>/\ <M>/m\as

⁹⁵⁵ [A] <rez>/res\ -do-chão alguém resmonca:

⁹⁵⁶ [A] [omisso em A]

「São duas vozes.
Luísa fica absorta.⁹⁵⁷
- Quem vive lá em baixo?
- Dois estudantes.
- Dois estudantes? 「(Luísa abre muito os olhos azuis).⁹⁵⁸
- Dois, sim, menina. 「Coitados,⁹⁵⁹ também passam mal... Minha mãe é que lhes
ia lá fazer a limpeza. Já aqui 「vieram.⁹⁶⁰ 「Disseram⁹⁶¹ que não podiam ficar mais
「tempo, porque eram chamados amanhã...⁹⁶²
Luísa 「delirava,⁹⁶³ decerto. Dois estudantes! 「Dois⁹⁶⁴ rapazes que amanhã
seriam alguém, a viverem num cortelho! Não podia ser!
- E já aqui vivem há muito tempo?
- Já cá estão há 「uns dois anos.⁹⁶⁵ Olhe, menina, necessidades! 「Enfim,⁹⁶⁶ em
todo o lado há 「pobres!...⁹⁶⁷
「Luísa⁹⁶⁸ mal a ouve. Tem os olhos muito abertos. Risca-se-lhe no rosto uma
dor profunda. E indaga. Quer pormenores:
- E... ouve lá. 「Onde é que eles⁹⁶⁹ vão comer?
- Oh! coitados! O 「comer, muitas vezes⁹⁷⁰ fazem-no eles. 「Outras vezes vão aí a
uma casa adiante...⁹⁷¹

-... 163 do Código Penal... <[↑ dá-se neste caso?]> <Absolvido porque>... <Já no>/No\ artigo
1<5>/3\1...

- Qual 131?

⁹⁵⁷ [A] São duas vozes. Luiza fica absorta.

⁹⁵⁸ [A] Luiza abre muito os olhos azues.

⁹⁵⁹ [A] Coitados

⁹⁶⁰ [A] <estiveram> [↑ vieram].

⁹⁶¹ [A] Disse[ram]

⁹⁶² [A] tempo por[↓que] <causa> [↑ eram] chamados àmanhã...

⁹⁶³ [A] delirava

⁹⁶⁴ [A] Dois homens cultos! Dois

⁹⁶⁵ [A] <dois>/uns\ [↑ dois] an<os>/os\.

⁹⁶⁶ [A] Enfim

⁹⁶⁷ [A] pobres.

⁹⁶⁸ [A] <Conceição queria dizer que <havia pobres em tôdas as classes.> [↑ O dinheiro <p>/n\ão
marca a categoria.]> <Mas> Luiza

⁹⁶⁹ [A] <Quem>/Onde\ é que <<lhes>/eles> [↑ eles]

⁹⁷⁰ [A] comer [↑ muitas]

⁹⁷¹ [A] <Às vezes [↑ <<até nos> ↑ até]> vinham<-nos> > [pedir um ramito de carqueja...> [↑
Outras vezes vão aí a uma casa adiante...]

A noite ia caminhando. Era tarde já. Luísa saíu. Cá fora havia uma tranquilidade meiga e dormente. As estrelas picavam o céu 7liso, agrupadas em bandos. Eléctricos gemiam.⁹⁷²

⁹⁷² [A] liso <espalha> [↑ agrupadas] em bandos. Eléctricos gem/iam.\ <na Avenida.>

「IX⁹⁷³

「QUANDO⁹⁷⁴ Domingos Costa lhe 「ofereceu namoro e Amélia lho aceitou, ela teve uma esperança forte⁹⁷⁵ de que as má-línguas ficariam aferrolhadas na sua inutilidade. Mas logo esta esperança se 「abalou,⁹⁷⁶ quando ele preveniu:

- É possível que lhe digam muito mal de 「mim, mas eu⁹⁷⁷ aviso-a já, porque aqui em 「Coimbra,⁹⁷⁸ para se falar... (Era curioso: toda a gente 「via este defeito.⁹⁷⁹ Se se percorresse a cidade inteira, toda a gente menearia a cabeça: 「«Ui,⁹⁸⁰ Coimbra!... parece uma aldeia». 「Quem eram as má-línguas?）」⁹⁸¹

- ... 「e a Amélia bem sabe que, se as minhas intenções não fossem boas,⁹⁸² eu não lhe falava. Já não estou em idade para brincadeiras...

Ela acorreu, ansiosa:

- Nem eu, Domingos. 「Já⁹⁸³ não tenho pai nem 「mãe e...⁹⁸⁴

「(Domingos pensou: «Já sei, vens armar ao sentimento...»）」⁹⁸⁵

「- Não⁹⁸⁶ posso andar com passa-tempos...

「E,⁹⁸⁷ porque o namoro não 「era para⁹⁸⁸ passa-tempo, 「pôs-se de parte a⁹⁸⁹ praxe que estabelecia uns tantos dias para o tratamento do «tu» e tantos para o beijo, etc.

(- A gente podia mudar de tratamento, 「Amélia...⁹⁹⁰

-... pois... 「sim.⁹⁹¹

⁹⁷³ [A] [fol. 118] 9

⁹⁷⁴ [A] Quando

⁹⁷⁵ [A] <pediu>/ofereceu\ [↑ de novo] namôro e <Amélia> [↑ Amélia] lh'o aceitou ela <sentiu>/teve\ uma esperança <ansiosa>/forte\

⁹⁷⁶ [A] abalou

⁹⁷⁷ [A] mim mas <†> eu

⁹⁷⁸ [A] Coimbra

⁹⁷⁹ [A] <concordava que havia mais> [↑ via] <†>/êste\ defeito. <Ele †>

⁹⁸⁰ [A] «<†>/Ui\

⁹⁸¹ [A] <Mas afinal> ¿<quem>/Quem\ eram as más-línguas?)

⁹⁸² [A] <†††>/e a Amélia\ bem sabe que se as minhas intenções não fôsem boas

⁹⁸³ [A] <Você>/Já\

⁹⁸⁴ [A] mãe<...>/, e\...

⁹⁸⁵ [A] (Domingos pensou:

- <Vens a>/Já sei\; vens <a> armar ao sentimento...)

⁹⁸⁶ [A] -... não

⁹⁸⁷ [A] <->/E\

⁹⁸⁸ [A] <era>/era\ <pass>/para\

⁹⁸⁹ [A] deu-se um ponta-pé nas praxes que estabeleciam tantos dias para o tratamento de "tu" e <outros> tantos para o <†>/beijo\<:>/etc\

⁹⁹⁰ [A] Amélia

⁹⁹¹ [A] sim.<)>

E o beijo nasceu 「de⁹⁹² duas conversas à porta 「da casa).⁹⁹³

「Amélia⁹⁹⁴ começou a notar que este namoro evoluía de uma forma bem diferente 「da do namoro com o Rui.⁹⁹⁵ Todos os actos, todos os projectos se simplificavam 「com⁹⁹⁶ o sorriso franco e sereno de 「Domingos,⁹⁹⁷ que parecia achar tudo natural. 「Também Amélia⁹⁹⁸ não se sentia com coragem para impedir que este namoro, «a sério», caminhasse até ao ponto em que ficara 「com o Rui.

E colhia uma confiança desconhecida nos olhos calmos de Domingos, no seu aspecto⁹⁹⁹ de homem feito, que busca 「finalmente¹⁰⁰⁰ o concheiro do lar.

Num 「sábado,¹⁰⁰¹ Domingos pergunta:

- Queres amanhã dar um passeio?

- Aonde?

- Não sei... 「ao¹⁰⁰² Jardim Botânico... ao Penedo...

- Mais quem?

Ali estava uma pergunta que ele não esperava. 「Esclareceu:¹⁰⁰³

- Mais ninguém... Então? Que mal há nisso?

(Se ela tinha andado com tantos, estava agora a armar em séria...?)

「- Desculpa,¹⁰⁰⁴ mas sozinha contigo não vou.

Tinha agora de novo um 「medo¹⁰⁰⁵ pavoroso dos 「ditos, e o mundo que ela decidira desprezar¹⁰⁰⁶ voltava a esmagá-la com a sua opinião.

Domingos quase perdeu a calma:

- Mas não sei por que não 「venhas...¹⁰⁰⁷ Eu às 「vezes, quando te via com este e com aquele,¹⁰⁰⁸ até gostava. Bem... claro que agora 「já não gosto. Mas até admirava, porque eras uma rapariga livre, sem preconceitos...¹⁰⁰⁹

⁹⁹² [A] d<as>/e\

⁹⁹³ [A] da casa...)

⁹⁹⁴ [A] <Mas> Amélia

⁹⁹⁵ [A] do namôro com Rui.

⁹⁹⁶ [A] <*perto> com

⁹⁹⁷ [A] Domingos

⁹⁹⁸ [A] De resto Amélia

⁹⁹⁹ [A] o de Rui. E [↑ <†>/colhia\] uma confiança desconhecida <[↑ que] *lhe observava> <dos>/nos\ olhos calmos de Domingos e <do>/no\ seu aspecto

¹⁰⁰⁰ [A] <por> finalmente

¹⁰⁰¹ [A] sábado

¹⁰⁰² [A] <A>/a\o

¹⁰⁰³ [A] Por isso esclareceu:

¹⁰⁰⁴ [A] - Desculpa

¹⁰⁰⁵ [A] <temor> mêdo

¹⁰⁰⁶ [A] ditos <.>/e\ o mundo que ela <pensava> [↓ decidira] desprezar,

- Mas bem vê... com esses rapazes não namorava e contigo já é outro caso.

- Mais uma razão...

No fim de contas: um passeiozito pelo Jardim dos Patos não tinha mal nenhum.¹⁰¹⁰ (Os bancos estavam à vista de toda a gente). Para o Penedo também iam tantos pares. No Jardim Botânico, afinal, também há sempre gente... Depois...¹⁰¹¹

┐- Anda lá, se alguém nos visse...

Eles beijavam-se.

- Ninguém vê... E se visse?¹⁰¹²

┐Foi num¹⁰¹³ domingo logo após o almoço:

- Hoje vamos dar um passeio comprido, queres? ┐(Para os outros eles já tinham dado muitos passeios compridos).

O passeio era usual.

Mas¹⁰¹⁴ sempre acharam suficientes a comodidade e garantia que lhes davam o Penedo ou o Jardim Botânico. Por isso ela inquiriu:

- Mas... para onde é que queres ir?

- Não sei... Eu lembrei-me de irmos pela estrada de Lisboa fora... Tu já viste Coimbra da estrada de Lisboa?

- Não, porquê?

- É uma vista linda. Vê-se a cidade toda desde o Calhabé até à Conchada... ┐Vais ver...¹⁰¹⁵

Vais ver... Ela via sobretudo o Domingos a falar-lhe ┐um pouco embaraçado, e a rir, a sorrir como quem procura remediar, com os sorrisos,¹⁰¹⁶ a falta de palavras francas

¹⁰⁰⁷ [A] venhas.

¹⁰⁰⁸ [A] vezes quando te via andar com <┐> este e com aquele,

¹⁰⁰⁹ [A] já não <é>/... já não gosto. Bom. Mas até admirava porque eras uma rapariga <sem>/livre, sem preconceitos...

¹⁰¹⁰ [A] Patos <.>/n não tinha mal algum.

¹⁰¹¹ [A] No Jardim Botânico, afinal, também há sempre gente... Depois... <depois...>

¹⁰¹² [A] <(- E se os vissem a beijar?

- Ninguém vê... E se vissem?)>

(- Anda lá se alguém nos visse...

Eles beijavam-se.

- Ninguém vê... E se <vissem>/visse\?)

<->

¹⁰¹³ [A] [f0l. 120] <-Queres ²vir ¹amanhã dar um passeio mais longo?> [┐ Depois...]

<->/F\oi num

¹⁰¹⁴ [A] O passeio era usual. [┐ (Para os outros eles já tinham dado muitos passeios compridos.)]

Mas

¹⁰¹⁵ [A] [→ Vais ver...]

e simples... Ela via. Mas sentia bem que toda a sua alma lhe fugia para aquele rapaz alto e forte (「teria¹⁰¹⁷ razão a Catarina?) que a 「beijava¹⁰¹⁸ com a mesma naturalidade com que se bebe um copo de água. Por isso tinha medo de si. Medo 「sobretudo¹⁰¹⁹ de Domingos. Se ele não fosse bom... Há momentos em que a lama se cobre de rosas... E a vida se fecha em beleza 「única, nuns segundos¹⁰²⁰ estreitos... A carne nasceu com um destino estranho.

«Vais ver...» Ela ia ver e sobretudo sentir o seu bem-amado perto de si. Bastava-lhe 「a presença dele¹⁰²¹ para que todo o mundo 「florisse.¹⁰²² 「E os seios vibrassem¹⁰²³ sob o casaco cintado.

A estrada era longa e negra. 「Para trás, ficara a cidade com as casas empilhadas,¹⁰²⁴ batidas 「de um¹⁰²⁵ sol vivo e novo. 「Ficara o Parque onde¹⁰²⁶ formigavam já raparigas pintadas e caixeiros com o nó da gravata alagando o colarinho e a camisa. Ficaram as lojas fechadas, a *matinée* dos cinemas, as pessoas conhecidas... Sobretudo as pessoas 「conhecidas... Todo¹⁰²⁷ esse mundo tão próximo se esbatia agora naquele montão de casas 「mortas, recostadas na colina.¹⁰²⁸ Afinal 100 ou 200 metros bastavam para amassar toda a rede de caminhos onde a gente se embaraça... A distância...

A estrada era longa e negra. Por ela 「fugiam, cada dia, centenas¹⁰²⁹ de pessoas. Lá 「estava ainda bem nítido o rasto dos¹⁰³⁰ que fugiam... Pegadas, rodados... Era por aquela estrada que Amélia agora caminhava. E fugia. De todo o mundo 「antigo,¹⁰³¹

¹⁰¹⁶ [A] [↑ agora] um pouco embaraçado. E a rir, a sorrir como quem procura remediar com os sorrisos

¹⁰¹⁷ [A] ； teria

¹⁰¹⁸ [A] beijara

¹⁰¹⁹ [A] <de que> sobretudo

¹⁰²⁰ [A] única <nesses>/nuns\ <momentos> [↑ segundos]

¹⁰²¹ [A] <a sua> presença [↑ dele]

¹⁰²² [A] florisse.

¹⁰²³ [A] E o[s] seu[s] <corpo> [↑ seios] vibrasse[m]

¹⁰²⁴ [A] Para trás fica<ram>/ra\ a cidade com as casas empilhadas

¹⁰²⁵ [A] d<o>/u\m

¹⁰²⁶ [A] <No> [↑ Ficara o] <†>/P\arque [↑ onde]

¹⁰²⁷ [A] conhecidas[.] <de> <t>T\odo

¹⁰²⁸ [A] mortas recortadas à colina.

¹⁰²⁹ [A] fugiam cada dia <milhares> centenas

¹⁰³⁰ [A] esta<vam>/va\ ainda <†>/b\em <marcadas> nítid<as>/o\ <as>/o\ rasto d<as>/os\

¹⁰³¹ [A] antigo

apenas a acompanhavam os passos de Domingos, porque as palavras eram erradias e mal «apagavam, de vez em quando, o som ritmado desses passos.¹⁰³² Por isso a acompanhavam «só eles...¹⁰³³ «Às vezes,¹⁰³⁴ o som parecia vir-lhe de longe, confuso e débil, porque a lembrança do mundo «antigo¹⁰³⁵ a assaltava em turbilhão. A Catarina, o «António¹⁰³⁶ Cruz, o Rui. O Rui! Meu Deus! Mas ela olhava o Domingos, que lhe sorria em silêncio, e a lembrança de Rui «desfazia-se¹⁰³⁷ sozinha...

- Vais cansada?

(Eles caminhavam depressa)

... podemos ir mais devagar.

Amélia acudiu, risonha:

- Não; não vou cansada...

Porque não havia o Domingos de falar mais vezes? Era tão bom ouvi-lo... Sua voz tinha um som diferente naquele «lugar¹⁰³⁸ sossegado. Porque enchia todo o «mundo, e não tinha outras vozes,¹⁰³⁹ para estorvo... Todas as vidas estranhas fugiam daquele «ermo.¹⁰⁴⁰ Os carros corriam mais e deixavam atrás de si a estranha presença «de um fantasma que se sentisse¹⁰⁴¹ depois de desaparecido.

- Olha agora a cidade... Daqui ainda se não vê bem.

«Ela parou, sacudindo as luvas.¹⁰⁴²

- Bonito...

«- Já agora,¹⁰⁴³ vamos um pouco mais à frente. «De além¹⁰⁴⁴ vê-se melhor...

E via. Toda a cidade se desdobrava «agora e punha, com o seu alvo casario, uma longa mancha branca na margem do Mondego.¹⁰⁴⁵ «Mas¹⁰⁴⁶ Domingos entendeu que a cidade estava suficientemente vista e admirada. Por isso inquiriu:

¹⁰³² [A] apagavam de vez em quando o som <dos passos...> ritmado d<o>/ê↑sse passos.] <caminho.>.

¹⁰³³ [A] só <os passos do Domingos...> [↑ eles...]

¹⁰³⁴ [A] Às vezes

¹⁰³⁵ [A] <velho> [↓ antigo]

¹⁰³⁶ [A] Mário

¹⁰³⁷ [A] desfazia[↑-se]

¹⁰³⁸ [A] <sítio>/lugar\

¹⁰³⁹ [A] mundo e não tinha outras vozes

¹⁰⁴⁰ [A] <†>/ermo\.

¹⁰⁴¹ [A] Dum fantasma que <[↑ só]> de sent<e>/isse\

¹⁰⁴² [A] Ela parou <†>/sacudindo\ as luvas

¹⁰⁴³ [A] - Já agora

¹⁰⁴⁴ [A] Dalém

- Não queres sentar-te?

- Onde?

¹⁰⁴⁷ - Ali.

- Pode ser...

Subiram uma «moita»¹⁰⁴⁸ de suave declive, onde algumas árvores dispersas teciam «malhas»¹⁰⁴⁹ de sombra. O terreno «húmido» revestia-se, aqui e ali,¹⁰⁵⁰ de ervas rasteiras e fofas. Não se perdera de todo a vista de Coimbra, mas a estrada negra «sumira-se»¹⁰⁵¹ com o ruído dos carros nas ramas dos arbustos e troncos das árvores.

- Meu amor...

As palavras eram sempre as mesmas, as «novidades»¹⁰⁵² sempre iguais. Só o sabor delas «mudava»,¹⁰⁵³ ainda mesmo quando eram mentirosas. E se sabia que o eram... Mas a primeira realidade forte e sentida foi o beijo longo e fundo («se alguém me visse...») «que os fundiu».¹⁰⁵⁴ Foi então que Amélia «se lembrou, de repente, do seu medo antigo».¹⁰⁵⁵ E procurou ligar fios partidos... O passeio, o mundo distante, o isolamento... Se Domingos não fosse «bom... E se o não fosse?...»¹⁰⁵⁶

Ela pensava em «tudo, olhando serenamente»¹⁰⁵⁷ o chão. Ele «brincava-lhe»¹⁰⁵⁸ distraidamente com as mãos finas de dedos «compridos, ou afagava-lhe, em silêncio, as faces tenras».¹⁰⁵⁹ Depois nasceu outro beijo fundo, mais longo e calculado...

«A mão suada de Domingos tateia carnes de cetim e Amélia compreende num instante que tudo em breve estará consumado.

Por isso, na sua alma, na sua carne, no seu sangue em fogo, nasce um grito agudo e desesperado:

- Não, não, Domingos. Isso nunca...»¹⁰⁶⁰

¹⁰⁴⁵ [A] agora <[↑ e punha] com o seu alvo casario uma longa mancha branca <†>/na\ [↑ margem] do Mondego.> [, ↑ <†> branca e serena, bela adormecida na margem do Mondego.]

¹⁰⁴⁶ [A] <Mas>

¹⁰⁴⁷ [A] [fol. 120]

¹⁰⁴⁸ [A] <rampa>/moita\

¹⁰⁴⁹ [A] <†>/malhas\

¹⁰⁵⁰ [A] húmido, sempre húmido, revestia-se [↑ aqui e ali]

¹⁰⁵¹ [A] <perdera-se> sumira-se

¹⁰⁵² [A] novidades

¹⁰⁵³ [A] mudava

¹⁰⁵⁴ [A] que [↑ lhe] uniu a carne <no>/ao\ espírito.

¹⁰⁵⁵ [A] Se lembrou <dere> de repente do seu medo antigo...

¹⁰⁵⁶ [A] bom [↓ ...] Mas se o não fôsse...

¹⁰⁵⁷ [A] tudo olhando <†>/serenamente\

¹⁰⁵⁸ [A] brincava-lhe

¹⁰⁵⁹ [A] compridos ou afagava-lhe em silêncio as faces <tenras> [↑ <†>] tenras.

Quebrara-se o silêncio 「e que¹⁰⁶¹ se fechara todo aquele retiro. Os carros voltaram a buzinar e a deixar a estrada cheia de ruídos. Mas Domingos ouvia sobretudo uma 「voz dura, de uma firmeza estranha,¹⁰⁶² que rebentava de todos os cantos da moita e o gelava imbecilmente:

- Não! Nunca...

Vieram-lhe à lembrança os seus músculos 「de aço, que podiam domar, vergar...¹⁰⁶³ Mas sentia-se acobardado perante 「ela, que se sentara,¹⁰⁶⁴ de mãos atadas à frente dos joelhos e olhos 「semi-cerrados,¹⁰⁶⁵ perdidos no horizonte. Ele sabia bem que aquelas vozes 「fortes, que o acordavam de todos os lados, tinham partido da boca dela, cerrada agora¹⁰⁶⁶ numa mudez de pedra. 「E, no meio daquele combate surdo, achou, inconscientemente, como única solução, ficar-se também calado,¹⁰⁶⁷ de olhos perdidos no longe.

Amélia quebrou o silêncio com uma pergunta fácil:

「- Tens horas certas?¹⁰⁶⁸

- São quatro e um quarto.

Como se nada tivesse 「acontecido.¹⁰⁶⁹ Mas Domingos sentia-se agora bem no papel de menino amuado que espera mimos... 「Por isso¹⁰⁷⁰ Amélia insiste:

- Olha lá, e se a gente fosse andando?

「Ele respondeu, seco:

- Como quiseses...¹⁰⁷¹

¹⁰⁶⁰ [A] <x
xx>

[A mão suada de Domingos tateia carnes de cetim e Amélia <per> compreende num instante que tudo em breve estaria consumado. <Por isso grita com a sua alma, a sua> Por isso na sua alma, [↑ na sua carne e] no seu sangue <, na sua carne <†>> [↑ em fogo nasce] um grito agudo e desesperado:

- Não, não Domingos... Isso nunca...] [*Acrescento no verso com a indicação “(Volte)”*]

¹⁰⁶¹ [A] em que

¹⁰⁶² [A] voz <estranha> [↑ dura] duma firmeza estranha

¹⁰⁶³ [A] de aço que podiam domar.

¹⁰⁶⁴ [A] Ela que se sentara

¹⁰⁶⁵ [A] semi-cerrados

¹⁰⁶⁶ [A] fortes que o acordavam de todos os lados tinham partido da boca dEla cerrada [↑ agora]

¹⁰⁶⁷ [A] E no meio daquele combate surdo achou inconscientemente <<†>/como> [↑ como] única solução <de> ficar[-se] também calado

¹⁰⁶⁸ [A] <Que>/Tens\ horas <tens>/certas,\ [?] <Domingos?>

¹⁰⁶⁹ [A] acontecido...

¹⁰⁷⁰ [A] <E Amélia> Por isoo

¹⁰⁷¹ [A] Ele respondeu sco:

- Como qu<iseres>/eiras\...

E levantou-se. Amélia sacudiu 「da saia os vestígios da terra¹⁰⁷² barrenta. Ajeitou o cabelo e suspendeu a malinha. Apesar de tudo, tinha pena do Domingos. Ela não saberia explicar porquê, mas a verdade é que lhe custava muito, 「muito,¹⁰⁷³ não poder fazê-lo feliz. Por isso lhe acariciava a face:

- Domingos, olha para 「mim!¹⁰⁷⁴ (sorriu).

Desceram. A estrada era 「curta, e em breve os levaria, de novo, para o mundo, onde se agitavam vidas em febre e os pés apressados pisavam, na carreira,¹⁰⁷⁵ outras vidas em febre.

Domingos sente-se ainda embrulhado, mas a facilidade das palavras e dos gestos de Amélia começa a mostrar-lhe tudo noutras cores. 「Todavia,¹⁰⁷⁶ o seu desejo inútil acorda ainda uma esperança.

E uma explicação:

- Tu não tens confiança em mim...

Ela 「olhou-o, numa¹⁰⁷⁷ tristeza doente:

- Julgas-me assim?... Também está bem...

O dia era claro, iniludível, sem 「sombras.¹⁰⁷⁸

「Ao longe,¹⁰⁷⁹ estendia-se a múmia da cidade.

¹⁰⁷² [A] [↑ da saia] os vagos vestígios d<e>/a\ terra

¹⁰⁷³ [A] muito

¹⁰⁷⁴ [A] mim.

¹⁰⁷⁵ [A] curta e em breve os levaria de novo para o mundo. <Para> <o>/O\nde se agitavam vidas em febre e os pés apressados pisavam na carreira

¹⁰⁷⁶ [A] <*Um desejo inútil,> Todavia

¹⁰⁷⁷ [A] olhou-o <com>/numa\

¹⁰⁷⁸ [A] sombras...

¹⁰⁷⁹ [A] Ao longe

Manhã fusca. À porta de Conceição 「para a carreta dos mortos.¹⁰⁸¹ Um padre seco 「roronha¹⁰⁸² latins. Um caixão preto. Descem pelas escadas gemidos fundos. Pela rua passam pessoas que olham o caixão e pensam: 「«Mau encontro;¹⁰⁸³ logo um morto pela manhã». 「A carreta¹⁰⁸⁴ põe-se em andamento 「com¹⁰⁸⁵ a mãe de Conceição. Não há acompanhamento. 「O padre, adiante, segue indiferente, percorrendo pela milésima vez o pranto dos salmos.¹⁰⁸⁶ 「Dois garotos, enfraldados numa saia vermelha, seguram¹⁰⁸⁷ tochas. Não há acompanhamento. Só uma rapariga branca, de 「olhos azuis, segue, um pouco atrás, com uma garota.¹⁰⁸⁸

A mãe de Conceição vai 「a enterrar. Ninguém sente isso, a não ser a filha e Luísa¹⁰⁸⁹. O Rodrigues tinha medo de voltar. Arranjaria outra amante. Felícia vai 「a¹⁰⁹⁰ enterrar. E vai 「tão só!¹⁰⁹¹ Que importa? Se ela foi sempre só, mesmo quando os amantes lhe diziam: «não vêes que estou aqui bem junto de ti?» 「Bem junto de ti... Nos breves momentos necessários... Que tudo se renovava, se mudava dia a dia, ano a ano, e pela rua a pique se escoavam as gerações como as águas das chuvas... Pais, filhos... E eram sempre os mesmos olhos que olhavam a negra curva da rua, e os filhos dos filhos, que por ela se escoam. Morrerá um dia também, e terá, a lamentá-la, o pranto doente dos salmos, se uma longa velhice a purgar, no seu gelo, dos sonhos que teve em nova.

¹⁰⁸⁰ [A] [fol. <79>/121\]

XXX

<9>/10\

¹⁰⁸¹ [A] <estaciona> [↑ pára] a carreta dos mortos.

¹⁰⁸² [A] <†>/ronro>nha

¹⁰⁸³ [A] “<pouca sorte,> [↑ mau encontro<.>/\

¹⁰⁸⁴ [A] <Para além> [↑ E] a cidade redemoinha<.>[...] A <†>/carreta

¹⁰⁸⁵ [A] e transporta

¹⁰⁸⁶ [A] O padre [↑ adiante] segue indiferente percorrendo pela <centési> milésima [↑ vez] <a>/o\ <lam> pranto dos salmos.

¹⁰⁸⁷ [A] Dois garotos enfraldados numa saia vermelha, <pingam> [↑ seguram]

¹⁰⁸⁸ [A] olhos azues e cabelo <louro,> em rolos<,> louros, segue, um pouco atrás, com uma <miúda.> garota.

¹⁰⁸⁹ [A] <para o Cemitério da Concha> a enterrar. Ninguém sabe disso<.>/\ a não ser <L>/a\ filha e Luísa.

¹⁰⁹⁰ [A] <j>/a\

¹⁰⁹¹ [A] tão só.

O coveiro rasga a terra¹⁰⁹² com enfado. É um enterro que nada rende. Luísa vê sumir-se o caixão entre os torrões. †Depois¹⁰⁹³ sai. †Bem perto, um cauteleiro apregoa a sorte grande.¹⁰⁹⁴]

¹⁰⁹² [A] <Conceição também há-de morrer. E [↑ também] há-de ir só. <Só>/O\ padre, [↑ só o padre] a acompanhará, <por>/se\ <não>/mo\rrer velha [↑ já] sem vida escandalosa. <Felícia [↑ vai para a vala comum] nunca teve número. Agora tê-lo-á. Será o 121. Amanhã não será sequer o 121. Os números mudam de poiso como nos quartéis.> <Mas que interessa? Quando Felícia não fôr [↑ <já>] o 121,> <nem>/as\ antigas vizinhas dirão: “a Conceição? Coitada! <Já> Morreu p’ra aí”.> [Bem junto de ti...” Nos breves momentos necessários... Que tudo se renovava e mudava dia a dia, ano a ano e pel<as>/a\ ru<as>/a\ a pique se escoavam as gerações como as águas da chuva... Pais, filhos<,>... [↑ <talvez netos>] E eram sempre os mesmos olhos que olhavam a negra curva da rua... Agora será Conceição que fica olhando a rua <. E>/e\ os filhos dos filhos, que por ela se escoam. Morrerá um dia também e terá a lamentá-la, o pranto doente dos salmos, se uma longa velhice a <prugar> [↑ purgar], no seu gêlo, dos sonhos <de neve> que teve em nova.

x

xx

O coveiro rasga a terra ...etc] [*acrescento no verso, referido a este local pela ordem (Volte).1 com o número de ordem riscado.*]

¹⁰⁹³ [A] E

¹⁰⁹⁴ [A] <Cá fora dois namorados gargalham. [↑ Bem perto um cauteleiro apregoa a sorte grande.] <Lá baixo a cidade redemoinha.>

[À noite um dos estudantes que vivem no rez-do-chão desculpa-se triste:

- [↑ Desculpe-me Conceição, mas] <N>/n\ão pude acompanhar sua mãe, <Conceição.> [↑< Desculpe-me>] – E chora.

No dia seguinte um gaiato tr<ouxe>az-lhe os sapatos compostos. Ele não fôra ao entêrro porque tinha os sapatos a compôr. E só tinha um par de sapatos. Por isso ficou no quarto. E sentiu estoirarem-lhe as escadas quando desciam o caixão de Felícia. S<ó>/e\ <à>/ele\ <não> morresse também, e o <descessem> [↑ encaixassem em sêgrêdo] em 4 táboas! – pens<a>/ou\.] [*indicação (Volte) 2 riscada e no verso o número 2 riscado*]

「XI¹⁰⁹⁵

LUÍSA vem 「apressada, varando¹⁰⁹⁶ o denso jardim de Santa Cruz. Naquele dia não houve 「aulas, (ela¹⁰⁹⁷ não sabe ao certo porque não houve aulas, nem isso lhe interessa muito). Do campo de futebol sobe um *bruá...á* como de um 「mar e, à beira de Luísa, passam dois garotos que se desengonçam na caminhada, esfregando¹⁰⁹⁸ as mãos:

- Eh! Pá! Hoje é que vai ser. São nove 「a zero, como ginjas...¹⁰⁹⁹

Vaz vem apressado. Alcança Luísa:

- Passou bem?

- Como está você? Então? Ao futebol, claro...

- Pois... Não pode 「perder-se um desafio com o Benfica...¹¹⁰⁰

No campo estralejam palmas.

- Oh! Já estão a entrar no campo. Desculpe. Até 「logo!¹¹⁰¹

- Vá lá, vá lá ao seu futebol.

Noutros dias 「quentes,¹¹⁰² o jardim está pejado de estudantes que 「resmoneiam sebentas, adensando o ar com um saber enciclopédico.¹¹⁰³

Naquela 「tarde¹¹⁰⁴ não: o futebol reduzira o Jardim 「a uma condição inútil.¹¹⁰⁵ Luísa vai cansada e 「por isso¹¹⁰⁶ abranda a marcha. Num recanto do 「jardim, dois estudantes¹¹⁰⁷ debruçam-se sobre folhas de papel. Luísa 「ouve:¹¹⁰⁸

¹⁰⁹⁵ [A] [fol. 1] <Cap.> <10>[11] (2ª parte)

¹⁰⁹⁶ [A] apressada<.>/,\ <Fura>/varando\

¹⁰⁹⁷ [A] aulas<.>/,\ (<E>/e\la

¹⁰⁹⁸ [A] mar<.>/e\ [↑ à beira de Luísa ← passam dois] <Dois> garotos [↑ que se] desengonça<ndo-se>/m\ na caminhada, esfreg<m>/ndo\

¹⁰⁹⁹ [A] a zero como <ginja> ginjas...

¹¹⁰⁰ [A] perder-se <o>/um\ desafio<.> [com o Benfica...]

¹¹⁰¹ [A] logo. 「

¹¹⁰² [A] quentes

¹¹⁰³ [A] resmoneiam sebentas: "... nem a civilização helénica é autóctona; há elementos orientais, que...", "substituindo X pelo seu valor temos..." "<os ulcerosos hiper-clorí<d>dicos são...> [↑ medicina...)", "pelo artigo de.? fica o devedor obrigado a..". Há uma enciclopédia adensando o ar.

¹¹⁰⁴ [A] tarde,

¹¹⁰⁵ [A] <à>/a\ [↑ uma condição] inútil<idade>.

¹¹⁰⁶ [A] [↑ por isso]

¹¹⁰⁷ [A] jardim dois estudantes <pálidos>

¹¹⁰⁸ [A] capta:

- Há uma disposição que 「permite ao arrendatário...」¹¹⁰⁹

Queda-se 「alarmada (Aquele voz...) e」¹¹¹⁰ fixa os estudantes. 「Curioso: à hora em que os outros gritavam no futebol, aqueles dois rapazes sumiam-se a um canto do jardim, estudando.」¹¹¹¹

(Uma sopeira de avental 「branco. Risonha.」¹¹¹² Um soldado 「dirige-lhe um galanteio que a faz corar.」¹¹¹³

Luísa põe um dedo na testa:

- São estes! (e num receio): ¹¹¹⁴também podem não ser...

Agora tinha vontade de voltar 「atrás, para certificar-se.」¹¹¹⁵ Iria 「reconhecê-los,」¹¹¹⁶ embora nunca os tivesse visto. Há rostos que se adivinham. Se Luísa tivesse ouvido falar de Rui antes de 「lho indicarem, conhecê-lo-ia em qualquer」¹¹¹⁷ parte. Luísa conhece a mãe de Rui. 「(É」¹¹¹⁸ uma mulher gorda que 「traz sempre os」¹¹¹⁹ olhos baixos e tristes... 「)」¹¹²⁰ E nunca a viu. Por isso 「conclui definitivamente:」¹¹²¹

- São estes! Tenho quase a certeza!

E eram.

Conceição ficara a arrumar-lhes o quarto. 「(Eles tencionavam arranjar nova serviçal, mas, enquanto a não encontravam, Conceição vinha substituir a mãe naquele trabalho tão pouco lucrativo).」¹¹²² Por isso saíram para estudar. 「Eles, porém,」¹¹²³ notaram a curiosidade de Luísa:

- Tu conheces aquela pequena?

「Luís estava afundado na leitura. Lúcio insistiu:

¹¹⁰⁹ [A] permite, <aos> arrendatário[...]

¹¹¹⁰ [A] alarmada<.>[(] Aquele voz...[)] <Pára indiscretamente> e

¹¹¹¹ [A] Era curioso: à hora em que outros [fol. 2] <berravam> [↑ gritavam] no futebol, aqueles dois rapazes enterravam-se num canto a estudar.

¹¹¹² [A] branco passa risonha.

¹¹¹³ [A] <intercepta-lhe o passeio. Ela> [↑ dirige-lhe um galanteio que a faz] cora[r]

¹¹¹⁴ [A] <†> também

¹¹¹⁵ [A] atrás<. Queria> [↑ para] certificar-se

¹¹¹⁶ [A] reconhecê-los

¹¹¹⁷ [A] lh'o indicarem, <teri> conhecê-lo-ia <emq> em qualquer

¹¹¹⁸ [A] [(] É

¹¹¹⁹ [A] <anda> [↑ taz sempre] <de>/os\

¹¹²⁰ [A] [)]

¹¹²¹ [A] conclue def<e>/i\ nitivamente:

¹¹²² [A] (Eles tencionavam arranjar nova serviçal, mas enquanto a não encontravam, Conceição <s>/v\inha substituir a mãe naquele trabalho tão pouco lucrativo) [*acrescento no verso, referido a este local pela ordem (Volte)*]

¹¹²³ [A] Eles porém

- Conheces?
- Quem?
- Aquela pequena.
- Não.¹¹²⁴
- Estava a olhar tanto para aqui...
- 「E deitaram, de novo, os olhos às *sebentas*...¹¹²⁵

Luísa seguiu lépida e encontrou Conceição a ultimar o arranjo do quarto dos estudantes. Havia qualquer coisa que a 「empurrava, de vez em quando,¹¹²⁶ àquela visita. E ia 「transformando,¹¹²⁷ com vagar, o 「cortelho¹¹²⁸. Já sabia de cor a vida de ambos. Quando se deitava, revia-a. Do 「Lúcio¹¹²⁹ não tinha tanta pena. Ele sofria, era 「certo, mas¹¹³⁰ tinha ilusões. Por isso era feliz. (Felizes os que 「têm¹¹³¹ a ventura de uma ilusão!) A Conceição dissera-lhe, apontando a fotografia 「de uma doce rapariga:¹¹³²

- É a namorada.

Lúcio tinha 「um namoro.¹¹³³ Às refeições, no estudo, entre 「a capa e batina remendadas, o Lúcio achava, pois,¹¹³⁴ uma visão luminosa. 「E quem nas dores encontra um esteio, frágil que seja,¹¹³⁵ não sofre muito.

Mas 「Luís,¹¹³⁶ não. (Curioso: Luís, Luísa). A Conceição dissera-lhe que o Luís 「era um belo rapaz, alto, forte, e que¹¹³⁷ falava pouco; o Luís estava quase sempre 「a estudar;¹¹³⁸ não tinha namorada, 「nem mãe, nem irmãos.¹¹³⁹ E que era muito inteligente, segundo diziam.

¹¹²⁴ [A] <- Não.> [↑ Luiz estava afundado na leitura. Lúcio insistiu:

- Conheces?
- Quem?
- Aquela pequena
- Não.

¹¹²⁵ [A] [↑ E deitaram de novo os olhos aos tratados.]

¹¹²⁶ [A] empurrava de vez em quando

¹¹²⁷ [A] transformando<, > / ; \

¹¹²⁸ [A] *cortelho*

¹¹²⁹ [A] [fol. 3] Lúcio (era o nome de um deles)

¹¹³⁰ [A] certo<. M> / , m\as

¹¹³¹ [A] tiveram

¹¹³² [A] duma rapariga meiga:

¹¹³³ [A] pois uma namorada.

¹¹³⁴ [A] a capa e a batina remendada, o Lúcio achava pois

¹¹³⁵ [A] De resto, quem <não> nas dôres tem um esteio, mesmo vão,

¹¹³⁶ [A] Luiz

¹¹³⁷ [A] [↑ era <alto> um belo rapaz, alto, forte e que

¹¹³⁸ [A] <no quarto> [↑ a estudar];

¹¹³⁹ [A] nem mãi nem irmãos.

O Luís!

Rodrigues dissera um dia a Conceição:

- Esse tipo forte que mora ali em baixo (era o Luís) tem uns ares de importância, mas tenho a impressão que deve ser um pobre diabo.¹¹⁴⁰ Agora o outro...

Chegou a ter ciúmes do outro. Deixasse-se de histórias! Conceição «era uma como as mais».¹¹⁴¹ Não era o Rodrigues parvo nenhum que a julgasse absolutamente fiel.

- Não, não; juro-te. Nunca!

E não. Conceição era, apesar e tudo,¹¹⁴² uma desventurada como eles, e por isso se lhes quebravam os desejos.¹¹⁴³ Que Lúcio¹¹⁴⁴ chegara um dia dizer:

- Ouve lá: nós afinal podíamos...

Mas Luís cortou-lhe a sugestão, com duas palavras lentas:¹¹⁴⁵

- É uma desgraçada.¹¹⁴⁶

Lúcio, contudo, ainda pensou no caso.¹¹⁴⁷ Mas as tristezas¹¹⁴⁸ emurcheceram-no.

Luísa, agora, sabia de cor a vida deles, e o Luís, na sua dor despida,¹¹⁴⁹ atraía-lhe uma compaixão imensa. Gostava de conhecê-lo e¹¹⁵⁰ gostava de o não conhecer nunca: o bem vale por si e a si mesmo se completa.¹¹⁵¹

Luísa dá retoques no arranjo do quarto. Entusiasmava-a aquela ocupação e, dias¹¹⁵² após dias, fora acrescentando, abolindo, compondo. Lúcio já estranhara:

- Tu não vês? A Conceição enfeita isto, hem?¹¹⁵³

¹¹⁴⁰ [A] <o Luiz, parece bom rapaz. Sempre encolhido, coitado, enfim...> [↑ forte que mora ali em baixo (era o Luiz) tem uns ares de importância, mas há-de ser um pobre diabo]

¹¹⁴¹ [A] Dia/ch\o! A Conceição era uma... [<<] como as <outras> [↑ mais]].

¹¹⁴² [A] era, <†> a-pesar-de tudo,

¹¹⁴³ [A] como eles<. E>/, e\ [↑ por isso se lhes quebravam] os desejos <quebravam-se-lhes>.

¹¹⁴⁴ [A] o Lúcio

¹¹⁴⁵ [A] [← Mas] <O>/o\ Luíz cortou-lhe a sugestão<:>/,\ [com duas palavras lentas]

¹¹⁴⁶ [A] [fl. 4] <-És parvo! Deixa lá a rapariga...>

[↓ - É uma desgraçada]

¹¹⁴⁷ [A] Lúcio[,] contudo, ainda pensou no <casso> caso.

¹¹⁴⁸ [A] as <as> tristezas

¹¹⁴⁹ [A] deles<. E>/, e\ o Luíz[,] na sua dôr despida[,]

¹¹⁵⁰ [A] Gostava de o conhecer<. E>/, e\

¹¹⁵¹ [A] nunca<: podia ele envergonhar-se.> [. ↑ o bem vale por si e a si mesmo se completa.]

¹¹⁵² [A] ocupação<.>/e\ <D>/d\ias

¹¹⁵³ [A] einh?

Luís «olhou com uns olhos parados e frios que nada diziam do que ele pensava. Lúcio embirrava com o mutismo de Luís. Às vezes passavam-se tardes inteiras sem que ele desse uma palavra. Parecia que não entendia o mundo. Ou o não queria entender.¹¹⁵⁴

Luísa fita o retrato da namorada de Lúcio. Luís não tem «namorada. Luís¹¹⁵⁵ deve sofrer muito. E deve ser bom. «Porque não teria ele, pois, acompanhado Felícia ao cemitério? Luís é bom. Se não foi é porque não pôde. Sim, porque não pôde... Já o Lúcio¹¹⁵⁶ talvez seja um «revoltado soberbo.¹¹⁵⁷ Se não, teria ido. «Sim,¹¹⁵⁸ teria ido.

«(Donde todo este romance criado à volta dos dois estudantes?)¹¹⁵⁹

Dois vultos. Luísa mal os reconhece. Mal tem tempo de os reconhecer.

«- Mas...¹¹⁶⁰

Era o Lúcio, «admirado e indeciso.¹¹⁶¹

«- Ai,¹¹⁶² desculpe... desculpem...

«- Ora essa!¹¹⁶³

-... passei por aqui, «vi a¹¹⁶⁴ Conceição... A Conceição «é da minha terra. Quer dizer, a mãe é que era. De forma que...¹¹⁶⁵

«Luísa saiu. Lúcio e Luís, sozinhos.¹¹⁶⁶

- Ai tens a reformadora «do quarto.¹¹⁶⁷ Julgas que não? - despertou Lúcio.

«Luís pensa. Pensa eternamente. E a sua boca é muda como um sepulcro.

- Mas esta pequena não é aluna de Letras?... E não foi ela que passou há bocado no jardim?

¹¹⁵⁴ [A] <sorriu sem saber porquê. E perdeu o olhar para além das paredes do quarto.> [↑ olhou com uns olhos parados e frios que nada diziam do que pensava. Lúcio embirrava com o mutismo de Luís. Às vezes passavam-se tardes inteiras sem que ele desse uma palavra. Parecia que não entendia o mundo. Ou o não queria entender...]

¹¹⁵⁵ [A] namorada<<.>/> [.] <<E>/e> [↑ Luiz]

¹¹⁵⁶ [A] <Se ele tivesse os sapatos compostos teria ido ao entêro de Felícia. O Lúcio é que não foi.> <E>/e\ e podia ter> [↑ ¿ Porque não teria ele pois acompanhado Felícia ao cemitério? Luiz é bom. Se não foi é porque não pôde. Sim porque não pôde...] <ido.>/Já\ <O>/o\ Lúcio

¹¹⁵⁷ [A] revoltado, e um soberbo.

¹¹⁵⁸ [A] Sim;

¹¹⁵⁹ [A] [↑ (¿ Donde todo êste romance criado à volta dos dois estudantes?)]

¹¹⁶⁰ [A] <- Então?!...> [↑ -mas...]

¹¹⁶¹ [A] admirado, <a perguntar> [↑ e] indeciso.

¹¹⁶² [A] -Ai

¹¹⁶³ [A] - Ora essa! <<...> [Mas...]>

¹¹⁶⁴ [A] <via> vi a

¹¹⁶⁵ [A] <foi minha criada em tempos...> [↑ é da minha terra. Quere dizer, a mãe é que era. De forma que...]

¹¹⁶⁶ [A] Luísa saíu. Lúcio e Luiz, <<as> a sós, pensam.> [↑ sòzinhos]

¹¹⁶⁷ [A] do nosso quarto.

Luís não responde. Não responde nunca. E prende os olhos frios nas cortinas lavadas da janelita.¹¹⁶⁸

¹¹⁶⁸ [A] <Luíz não respondeu. E prendeu-se, triste, às cortinas lavadas do janelito...> [↓ Luiz pensa. Pensa eternamente. E a sua boca é muda como um sepulcro
- Mas esta pequena não é aluna de Letras?... E não foi ela que passou há bocado no jardim?
Luiz não responde. [(]Não responde nunca.[)] E prende os olhos frios nas cortinas lavadas do janelito]

「XII¹¹⁶⁹

AGORA já Catarina lhe não falava. 「Que Rui, no fim e contas, não se importava muito com isso.¹¹⁷⁰ Relações dessas... 「Catarina¹¹⁷¹ nunca fora sua amiga. 「Cumprimentava-a, sem dúvida, mas por¹¹⁷² ser companheira de Amélia. 「Companheira e das boas...¹¹⁷³ 「Sim, que Amélia, a princípio, era ingénua.¹¹⁷⁴ E o parvo do Cruz a clamar:

「- A Catarina? Bela¹¹⁷⁵ pequena, podes crer. Também eu julgava que não... Coitada! 「Isto,¹¹⁷⁶ Coimbra... para se falar...

Pobre Cruz. O Rodrigues blasfemava:

- Ora bananas! Um canhão!

¹¹⁷⁷Que 「dava ao Rui que Catarina lhe não falasse?¹¹⁷⁸ Tudo passava. Agora sentia uma vida nova. Amélia morrera-lhe. 「Nem sequer era amigo dela.¹¹⁷⁹ 「Reconheceu isso quando o Vaz lhe garantiu que sabia de fonte limpa coisas e coisas.¹¹⁸⁰

「- Viu-a um tipo meu amigo, que não mente.¹¹⁸¹ 「Seguiu-a mais o Ferrás¹¹⁸² (Rui pensa de relance: e os 100\$00 desse 「estupor?)¹¹⁸³ Foi para a estrada de Lisboa com o da 「Livraria, e estás a ver que eles não iam para ali só para passearem...¹¹⁸⁴

Nem esta declaração o 「moveu.¹¹⁸⁵ Rui sentia-se outro. Só de quando em vez 「resmungava, em parêntese,¹¹⁸⁶ para o Rodrigues:

¹¹⁶⁹ [A] <11>/12\

¹¹⁷⁰ [A] De resto Rui não se importava com isso.

¹¹⁷¹ [A] Que afinal Catarina

¹¹⁷² [A] Cumprimentava-a por

¹¹⁷³ [A] [↑ Companheira e] <<E> <deitara-a a perder...> [↑ das boas...]

¹¹⁷⁴ [A] Sim que Amélia, a princípio era ingenuazita.

¹¹⁷⁵ [A] - [↑ A Catarina? bela

¹¹⁷⁶ [A] Isto

¹¹⁷⁷ [A] [fol.125]

¹¹⁷⁸ [A] se <importava> [↑ dava] a<o> Rui <com isso!> [↑ Catarina lhe não falasse?] Pbb!

¹¹⁷⁹ [A] <Já nem [↑ era] amigo> <↑>/Nem\ sequer amigo era dela.

¹¹⁸⁰ [A] <*Marcou para ele †> [↑ Reconheceu isso quando] o Vaz lhe <di<zer>/sse\ <mesmo> [↑ garantiu] <que vira...> que sabia de fonte limpa ↓coisas e coisas.]

¹¹⁸¹ [A] - Vi[u]-a <eu, pá> [↑ um tipo meu amigo que não mente]. <(Exibiu esgares lascivas)>

¹¹⁸² [A] Segui[u]-a mais o <Vaz>/Fe\rrás

¹¹⁸³ [A] diabo?)

¹¹⁸⁴ [A] Livraria e <... olha... tivemos de fechar os olhos e [↑ de nos] sentirmos<-lhe> na Rua Direita...> [↑ estás a ver que eles não iam para ali [↓ só [↑ para] passear...]

¹¹⁸⁵ [A] movera.

¹¹⁸⁶ [A] resmungava em parêntese

- A Amélia 「é que saíu¹¹⁸⁷ um estafermo... Há-de ter um lindo enterro, 「deixa lá.¹¹⁸⁸

Mas isto eram 「apenas¹¹⁸⁹ palavras. Outrora vibrava alucinado. Agora não. Amélia morrera-lhe. Para 「ele,¹¹⁹⁰ nascia uma vida calma. Passava-lhe 「a cada hora,¹¹⁹¹ 「teimosa e quieta,¹¹⁹² uma visão de sossego. Rui estranhava-se a si mesmo. 「Começara a fechar-se para o Rodrigues.¹¹⁹³ 「Que o Rodrigues, afinal, nem sequer¹¹⁹⁴ reparava nele. A velha 「Felícia, seca e transparente,¹¹⁹⁵ no meio das velas sombrias, atormentava-lhe as noites. 「Por isso, muitas vezes, era o Rodrigues que, em silêncio, ia ouvindo, com pachorra, as verdades rijas marteladas pelo Rui.¹¹⁹⁶

- É isto a vida, meu caro. Que é que queres?...

「Mas Rodrigues não era homem para tristezas e lamentações. Por isso, em breve pôs de parte a velha e o caixão.¹¹⁹⁷ Só num ponto reagia:

- Voltar lá? Nunca! 「Perdia o...¹¹⁹⁸

Rodrigues disse um 「palavrão grosso.¹¹⁹⁹ Era brusco nas afirmações.

E não 「voltou a casa de Conceição.¹²⁰⁰ 「De resto, uma sopeirita de uma rua próxima¹²⁰¹ trazia-o morno.

「O Cruz pouco ia já a casa de Rui, e a sua boca abria-se apenas para falar de Catarina:¹²⁰²

¹¹⁸⁷ [A] <?>/é\ [↑ que saiu] <É>

¹¹⁸⁸ [A] <<deixá lá...> [↑ deitada...]> [↑ deixa estar...]

¹¹⁸⁹ [A] [↑ apenas]

¹¹⁹⁰ [A] ele

¹¹⁹¹ [A] <em todos> [↑ a cada hora,]

¹¹⁹² [A] teimosa e quieta

¹¹⁹³ [A] [↑ Começara a] <F>/f\ech<*ara>/ar\ -se para Rodrigues.

¹¹⁹⁴ [A] De resto Rodrigues nem

¹¹⁹⁵ [A] Felícia sêca e transparente

¹¹⁹⁶ [A] Por isso dava-se <o>/u\m caso curioso: [↑ era] o Rodrigues [↑ que agora se] deixava<-se> <p>/m\oldar pelas verdades rijas que o Rui lhe martelava:

¹¹⁹⁷ [A] [↑ Mas Rodrigues não era homem para tristezas e lamentações. Por isso em breve pôs de parte a velha e ↓ o caixão]

¹¹⁹⁸ [A] Perdi o [...] <entusiasmo.>

¹¹⁹⁹ [A] palavrão.

¹²⁰⁰ [A] volt<ara>/ou\, [↑ a casa de Conceição.]

¹²⁰¹ [A] De resto uma sopeirita da Rua <dos Militares> [↑ Antero de Quental],

¹²⁰² [A] <*Via-se>/Havia\ pois [↑ agora] um<a> <cisão entre> [↑ ligeiro afastamento] [d]os dois amigos. <O Cruz, a-pesar-de viver em casa do Rui, afastava-se cada vez mais> [↑ O Cruz pouco ia já a casa de Rui]<.>/,\ (<Eles afinal nunca se entenderam>) e <só abria> [↑ a] [su]a bôca [↑ abria-se apenas] para falar de Catarina

-... Tal e qual como a Catarina... Já a Catarina me tinha dito isso... A Catarina é mais esperta... Comparava, exaltava, admirava Catarina.

「Uma vez, Rodrigues sacudiu-o.¹²⁰³
- Diabo! Deita-me a Catarina para trás das costas!
E 「quase¹²⁰⁴ se bateram. Mas o 「Cruz, por fim,¹²⁰⁵ encolheu-se.
Rui vivia 「quase só.¹²⁰⁶ Apenas o Fernando lhe 「falava, de quando em vez, do
jornal literário, mas Rui a custo deixava aquela vida nova que dentro dele se gerava.¹²⁰⁷
A Celina 「roubava todo o tempo ao Justino e o Vaz continuava a massacrá-los a
todos, durante as refeições, com lições demoradas sobre futebol.¹²⁰⁸
「A mãe de Rui, porém, a senhora Joana, sentia-se contente. O filho já não¹²⁰⁹
bramia: 「«preciso de um sobretudo», «quero dinheiro». ¹²¹⁰ Rui 「agora¹²¹¹ era mole nos
pedidos: «precisava tanto 「de uma camisa! Há¹²¹² dinheiro, mãe? Veja 「lá,¹²¹³ se não se
pode, 「paciência, fica para outra vez...»¹²¹⁴ Falava até do pai: 「«ó pai, coitado, sabe
Deus¹²¹⁵ como anda por lá...» Às vezes desenrolava um futuro macio: «em me
「formando, mãe,¹²¹⁶ há-de ir comigo. Havemos de ter dinheiro; vossemecê há-de usar
chapéu, 「hem? Pois então!¹²¹⁷ E hei-de arranjar-lhe uma ¹²¹⁸nora toda catita, muito sua
amiga...»
「A nora, a noiva dele, de Rui.¹²¹⁹ 「Aqui se atavam¹²²⁰ todas as mudanças que
「ele sofrera.¹²²¹ E a figura idealizada 「de uma¹²²² rapariga meiga, amiga, ia-se
concretizando num rosto branco de cabelos loiros 「em desalinho.¹²²³

¹²⁰³ [A] [↑ Uma vez] <O> [o] Rodrigues sacudi<a>/u\o:

¹²⁰⁴ [A] <iam-se> [↑ quási]

¹²⁰⁵ [A] Cruz por fim

¹²⁰⁶ [A] pois [↑ quási] só.

¹²⁰⁷ [A] falava de quando em vez d<a>/o\ [<[↑ sua] Revista que viria <a aparecer.> [↑ à luz.]> [↑
jornal literário, mas Rui a custo deixava aquela vida nova que [↑ dentro dele] se gerava <dentro
dele.>

¹²⁰⁸ [A] roubava<-lhe> todo o tempo<. Só o> [↑ ao Justino e o] Vaz continuava <a temperar as>
[↑ a massacrá-lo a todos durante as] refeições com lições secas de futebol. <E o <Rodrigues> [↑
Cruz] *aparava-o com troças.>

¹²⁰⁹ [A] <Porém> <a>/A\ mãi de Rui, porém, a Snr^a Joana<.>/\ <S>/s\entia-se contente[.]
<o>/O\ filho <nã>/já\ não

¹²¹⁰ [A] <”eufaixa-me os sapatos<,> <e> [“] preciso dum sobretudo” <compra>/”quero\
dinheiro”.

¹²¹¹ [A] [↑ agora]

¹²¹² [A] duma camisa; há

¹²¹³ [A] <se>/lá;

¹²¹⁴ [A] [↑ paciência] fica para outra vez”.

¹²¹⁵ [A] “o pai<zinho> coitado; sabe <deus>/Deus\

¹²¹⁶ [A] formando, [↑ a] mãi<,>

¹²¹⁷ [A] einhh? Pois<,>, então.

¹²¹⁸ [A] <nói> nora

¹²¹⁹ [A] A nora! A noiva dele, do Rui

Rui pensara já: «faço girar tudo à volta de uma mulher. 'É uma chochice». Sentia bem como a sua vida se lhe cifrava nesta ninharia:¹²²⁴ uma mulher. Se 'atentasse apenas na mulher, que¹²²⁵ pode ser esta ou aquela indiferentemente, estaria talvez bem. 'Que diacho!¹²²⁶ Tratava-se 'de um¹²²⁷ complemento natural 'da vida.¹²²⁸ Hoje uma, amanhã 'outra,¹²²⁹ iria esquecendo. O corpo 'pede.¹²³⁰ Pois bem, 'dê-se-lhe¹²³¹ uma mulher. Assim, 'a inteligência¹²³² e a imaginação calar-se-iam. E 'ele, Rui, todo inteiro, passaria, sem deixar preso, a ninguém, nada de si.¹²³³ 'Mas se fosse necessário que a mulher, toda a mulher, tivesse de ser reduzida a uma só mulher, mesmo¹²³⁴ então ele seria feliz, seria verdadeiramente homem, se 'lhe não atasse toda a sua¹²³⁵ vida interior e exterior. A mulher pedia 'carinho,¹²³⁶ pedia mesmo inteligência? 'Sim, senhor:¹²³⁷ dar-se-lhe-ia 'tudo isso. Mas¹²³⁸ Rui não 'devia¹²³⁹ fazer da mulher o depósito desse carinho, dessa inteligência. Faria como a patroa faz 'à criada¹²⁴⁰ quando lhe dá 'só¹²⁴¹ o dinheiro necessário 'para as¹²⁴² compras: o resto, o grosso, o depósito 'não o vê a sopeira.¹²⁴³

A vida é larga. O mundo é vasto. Há 'dores,¹²⁴⁴ há teorias científicas, há valores universais. Rui absorveria a vastidão, o valor, numa chochice: um amorico. De resto, *le*

¹²²⁰ [A] <Da>/A\qui <partiam> se atavam

¹²²¹ [A] [↑ ele] <Rui> <acusava> [↑ sofrera.]

¹²²² [A] duma

¹²²³ [A] enrolados

¹²²⁴ [A] <Tolice." > [↑ É uma chochice] <Afinal> [↑ Sentia bem como a sua] <havia> <a> vida [↑ se lhe] cifrava<se-lhe> <numa> [↑ nesta] ninharia:

¹²²⁵ [A] <se liga> [↑ atentasse] apenas na <m>/M\ULHER, <*Q>/q\ue

¹²²⁶ [A] [↑ Que] <Diabo!> [diacho!]

¹²²⁷ [A] dum

¹²²⁸ [A] d<a>/o\ <vida.> [↑ homem.]

¹²²⁹ [A] outra<.>/,\

¹²³⁰ [A] ped<ia>/e\.

¹²³¹ [A] <dava>/dê>-se-lhe

¹²³² [A] <o>/a\ <espírit> [↑ inteli]gência

¹²³³ [A] ele Rui, todo inteiro, passaria sem deixar preso a ninguém nada de si.

¹²³⁴ [A] <Suponhamos mesmo> [↑ Mas se fosse necessário] que a <MULHER> [↑ mulher] Toda a mulher, <<tem>/tinha>[↑ tivesse] de ser seduzida a uma só mulher<.>/,\ <M>/m\esmo

¹²³⁵ [A] [↑ lhe] não atasse <a sua>/toda\ a sua

¹²³⁶ [A] carinho, <inteli>

¹²³⁷ [A] <P>/S\im, senhora

¹²³⁸ [A] isso tudo. Mas... <(eis o fatal mas">) (Ele)

¹²³⁹ [A] *devia*

¹²⁴⁰ [A] à criada<:> <[↑ (e o patrão à patroa)]>

¹²⁴¹ [A] [↑ só]

¹²⁴² [A] às

¹²⁴³ [A] <está com> [↑ não o vê] a sopeira.

¹²⁴⁴ [A] <pobres> [↑ dores],

monde marche. Não estamos em tempos de futilidades. 「Aí estavam verdades como punhos... Mas, perante Luísa, julgava tudo uma coisa sem sentido, sem humanidade.¹²⁴⁵ Bastava que ele 「disse,¹²⁴⁶ em sorrisos:

- Então como 「vai¹²⁴⁷ essa cabecinha?

Era o suficiente. Todas as teorias se 「lhe¹²⁴⁸ derretiam como coisas geladas. Mas Rui achara desculpa: 「«aqui está uma mulher¹²⁴⁹ que afinal pode servir-me uma causa sã: amanhã ajudar-me-á nos meus estudos, nos meus anseios intelectuais».

Rui agora vivia só. 「Que ele afinal vivera sempre só. Amélia não o *acompanhara*. Rodrigues não o *acompanhara*. Ninguém o *acompanhara*.¹²⁵⁰ 「Tudo isto ele pensava e sentia, talvez porque agora Luísa lhe era companhia suficiente.¹²⁵¹ Mas os dias 「passavam.¹²⁵² (Os dias não deviam 「passar...)¹²⁵³ E depois de terem¹²⁵⁴ vazado toda a vida 「íntima... (Rui tremeu). Ele previra¹²⁵⁵ o fim.» 「Quando nada tivermos que dizer...」¹²⁵⁶ Tinham chegado aí. Amélia já não era motivo de 「conversa nem mesmo era¹²⁵⁷ pretexto. Tudo acaba.

- Passou bem, Luísa?

「- Como está?¹²⁵⁸

「- Então,¹²⁵⁹ você?...

「E ficava-se¹²⁶⁰ à espera. Rui lembrou-se: diante de Amélia era o mesmo 「sarilho: não sabia que dizer.¹²⁶¹ Mas um 「dia, na Faculdade de Letras,¹²⁶² Luísa

¹²⁴⁵ [A] [<Estas eram ver> Aí estavam verdades como punhos...]
<Isto pensava Rui. <E julgava ter>> Mas perante Luísa julgava tudo uma <abstruside.> [↑ coisa sem sentido nem humanidade.]

¹²⁴⁶ [A] dissesse

¹²⁴⁷ [A] <e>/v\ai

¹²⁴⁸ [A] [↑ lhe]

¹²⁴⁹ [A] <a quem sabe se e> [↑ aqui está uma] mulher

¹²⁵⁰ [A] (Que ele afinal vivera sempre só. Amélia não [fol. 127] o *acompanha*<v>/r\ a. Rodrigues não o *acompanhava*. Ninguém o *acompanhava*.)

¹²⁵¹ [A] <[↑ Como dizia: Rui não vivia bem só o> Tudo isto ele o pensava e sentia talvez porque agora] Luísa [↑ lhe] <era-lhe> [↓ fazia] suficiente companhia.

¹²⁵² [A] Passa<r>/v\am.

¹²⁵³ [A] Passar[...])

¹²⁵⁴ [A] se terem

¹²⁵⁵ [A] íntima<, >[... (] Rui tremeu.[)] Ele previ<<ra>/ia>/ra\

¹²⁵⁶ [A] <E>/Q\quando <quand> [↑ nada] tivermos que dizer...! <[↑ † em terminar]>

¹²⁵⁷ [A] conversa<: não era>/já nem\ era

¹²⁵⁸ [A] - <†>/Como está?]

¹²⁵⁹ [A] - Então

¹²⁶⁰ [A] <*Que>/E\ ficava-se

¹²⁶¹ [A] sarilho<.>/:\ [↑ não sabia que dizer.]

¹²⁶² [A] dia [↑ na Faculdade de Letras]

escapou-se depois do cumprimento habitual. Rui ficara-se no 「«então,¹²⁶³ você?» E ela 「despediu,¹²⁶⁴ seca:

- Vai-se vivendo. 「Olhe, desculpe, Rui, tenho muito que fazer. Até logo, sim?¹²⁶⁵

Rui 「viu-se desamparado.¹²⁶⁶ Chegou mesmo a sentir-se ridículo. Mas Luísa quedara-se cumprimentando uns rapazes. De vez em quando abria-se em 「trejeitos¹²⁶⁷ e risadas claras.

Rui pensou: «talvez seja como as 「outras». ¹²⁶⁸ E 「rodou, marcial,¹²⁶⁹ sobre os tacões. Depois saiu. 「Quis¹²⁷⁰ convencer-se de que era parvo. Assim arranjará uma razão forte de se envergonhar de si mesmo e talvez conseguisse não mais fazer girar o mundo à volta 「de umas ¹²⁷¹saías. De resto ele 「censurava outros¹²⁷² do mesmo defeito. E achava que fazia «um figurão» comentando superiormente:

「- Imbecil! Sempre a cheirar mulheres...¹²⁷³

Isto dizia ele do 「Cruz,¹²⁷⁴ por exemplo.

«Mas gostarei eu de 「Luísa?¹²⁷⁵ Afinal simpatizo 「com ela apenas.¹²⁷⁶ Que diabo! Pode-se ser amigo. Há tantos rapazes que são amigos de raparigas... 「Mesmo Luísa é amiga de tantos rapazes!¹²⁷⁷ 「Se¹²⁷⁸ ela soubesse que eu a amava 「(amava?...)¹²⁷⁹ era capaz de se rir de mim. Sem 「dúvida, ria-se. E com razão.¹²⁸⁰ Ela não é como as outras. Nunca gostou de ninguém. E fala para tantos...»

¹²⁶³ [A] “então

¹²⁶⁴ [A] despediu

¹²⁶⁵ [A] Olhe desculpe tenho que fazer. Até logo.

¹²⁶⁶ [A] <especou-se aparvalhado.> [↑ viu-se desamparado.]

¹²⁶⁷ [A] gestos

¹²⁶⁸ [A] outras...

¹²⁶⁹ [A] rodou marcial

¹²⁷⁰ [A] qui<z>/s\

¹²⁷¹ [A] dumas

¹²⁷² [A] <aconselhava os> [↑ censurava] outros

¹²⁷³ [A] - Imbecil!... Sempre a cheirar mulheres.

¹²⁷⁴ [A] Cruz

¹²⁷⁵ [A] Luíza?... – pensava. [↑ calmo.]

¹²⁷⁶ [A] apenas.

¹²⁷⁷ [A] [↑ [Mesmo] L<*Rui>/uiza\ <mesmo> é amig<o>/a\ de tantos rapazes]]

¹²⁷⁸ [A] De resto se

¹²⁷⁹ [A] [↑ (amava!?...)]

¹²⁸⁰ [A] dúvida; ria-se.

Os dias passavam. Rui procurava disfarçadamente Luísa. E achava-a «sempre franca, simples,¹²⁸¹ quase indiferente. Ele prometera-se falar de coisas sãs. Assim encobriria o seu íntimo. Mostrar-se-ia tranquilo.

- Bons «dias,¹²⁸² Luísa, para onde vai com essa pressa?

«- Olhe,¹²⁸³ vou ver se estudo alguma coisa.

¹²⁸⁴Rui queria segurá-la. E lançou atabalhoadamente:

- Já vai. Converse lá um bocadinho. Queria «saber a sua opinião¹²⁸⁵ sobre uma coisa que me tem preocupado bastante.

- Diga. Mas depressa que hoje não posso descuidar-me.

Rui desnor-teou-se:

- Você também está sempre com pressa.

Luísa arrependeu-se e «quis emendar¹²⁸⁶ o que dissera:

«- Não quero que você se zangue. Já não tenho pressa nenhuma, pronto.¹²⁸⁷

Mas Rui perdera o fio da conversa. E a transição do íntimo desgosto sofrido para o pretendido «sossego que a seriedade¹²⁸⁸ do assunto exigia, «afigurava-se-lhe difícil.¹²⁸⁹ Por isso lançou a custo:

- Era por causa desta coisa da religião.

Luísa percebeu que Rui mentia. «Interessar-lhe-ia, a ele, de facto, falar do¹²⁹⁰ problema religioso? Decerto não. Nem a ela. «Pelo¹²⁹¹ menos naquela ocasião não interessava. «Assim, representavam ambos. E, sobre este fingido interesse, nadava uma dialéctica inútil como¹²⁹² bocados de um casco de navio:

- Geralmente não se liga importância a esta questão.

Caminhavam lentamente pela Avenida.

¹²⁸¹ [A] [↑ sempre] <simples, franca> [↑ franca, simples,]

¹²⁸² [A] dias

¹²⁸³ [A] - Olhe

¹²⁸⁴ [A] [fol. 128]

¹²⁸⁵ [A] <preguntar-lhe uma> [↑ saber a sua] opinião

¹²⁸⁶ [A] qui<z>/s\ <re>/e\mendar

¹²⁸⁷ [A] - Vamos lá. Pronto. [→ <não>/Já\ [↓ não] tenho pressa nenhuma] Não quero que [↑ você] se zangue.

¹²⁸⁸ [A] <serenidade> [↑ sossego] que a serenidade

¹²⁸⁹ [A] afigura<r>/v\ a-se-lhe dif<i>/îcil.

¹²⁹⁰ [A] <Queria> [↑ Interessar-lhe-ia a] ele de facto d<e>/o\

¹²⁹¹ [A] <E representaram> Pelo

¹²⁹² [A] Assim representaram ambos. <Por dentro falavam na língua muda dos olhos.> E s<o>/ô\bre <e>/ê\ste <verdadeira linguagem> [↑ fingido interesse] nadav<am>/a\ <os problemas> [↑ <†> uma] dialéctica <†> [↑ inútil] como

- Pois não - respondia Luísa. - Nem vale a pena.
- Não vale a pena? Essa agora! Pois devia valer. O problema religioso é afinal o que há de mais importante.
- Parece-lhe.
- Não parece nada. Então a vida não seria mais racional 「se pudéssemos¹²⁹³ chegar a uma conclusão definitiva? Aí 「estaria¹²⁹⁴ a principal razão de existência.
- Ah, sim! Se pudéssemos... Mas é 「que nem¹²⁹⁵ eu, nem você, nem ninguém pode chegar a essa conclusão.
- 「- Lá poder, pode. A questão¹²⁹⁶ é estudar-se o problema a fundo.
- Nem estudando, Rui, nem estudando. E sabe porquê?
- Não.
- Por 「isto...¹²⁹⁷
- 「- Então,¹²⁹⁸ Luísa! Isto é que é 「palavra?¹²⁹⁹
- Era a Joana, a colega de estudo.
- ¹³⁰⁰Luísa tinha faltado ao compromisso que assumira: «às 「duas e um quarto¹³⁰¹ estou em tua casa». E já eram três e meia.
- 「- Desculpa,¹³⁰² mulher. 「Agora tens de ter paciência:¹³⁰³ tenho de falar aqui com este cavalheiro. É 「verdade,¹³⁰⁴ vocês não se conhecem? (Fulano... Fulana... 「frases¹³⁰⁵ da praxe). Mas afinal porque 「saíste?¹³⁰⁶
- Fui a tua casa. Como não aparecias...
- Joana abalou.
- Mas dizia você... 「reatava¹³⁰⁷ Rui.

¹²⁹³ [A] <desde> [↑ se] pudessemos

¹²⁹⁴ [A] esta<va>/ria\

¹²⁹⁵ [A] que <nós> nem

¹²⁹⁶ [A] -[↑ Lá] <E> Poder, pode<-se>. <O>/A\ questão

¹²⁹⁷ [A] isto<.>/... \ <É que a religião de X ou de Y <é>/m\etade é produto ou instinto e a outra metade...>

¹²⁹⁸ [A] - Então

¹²⁹⁹ [A] palavra!

¹³⁰⁰ [A] [fol. 129]

¹³⁰¹ [A] três menos um quarto,

¹³⁰² [A] - Desculpa

¹³⁰³ [A] Agora, tens de ter paciência

¹³⁰⁴ [A] verdade

¹³⁰⁵ [A] - <as> frases

¹³⁰⁶ [A] saíste tu?

¹³⁰⁷ [A] - reatava

- Dizia eu que não vale a pena procurar saber qual a religião 「verdadeira, porque, no fim de contas,¹³⁰⁸ todas o são...

Ela olhava os seus pensamentos para além do céu azul.

- Todas?

「- Todas,¹³⁰⁹ Rui. 「Pois onde encontra você... É verdade, não sei se o ofendo: você é religioso?

Rui corou. Era religioso e não era. Habituar-se a cumprir... Mas não teve a coragem de o confessar. Porque Rui era um cobarde, incapaz de se aguentar numa posição definida.

- Religioso eu? Não...¹³¹⁰

「- Bom; então repare: (Rui pensa: nunca mais posso ir à missa das onze, quando não arrisco-me a passar por mentiroso. Porque não nasci eu como os outros?) onde encontra você a força que leva os outros a crerem? Na razão? Não. Nem isso assim seria crença. Acredita-se, porque se foi educado num credo. Entre vocês numa igreja protestante e veja o fervor daquela gente. Vá lá você dizer-lhes que é uma asneira seguir a doutrina de um despeitado... Tremem de pavor e têm dó de si. Faça o mesmo com um maometano ou um budista e verá. Pode crer, é tudo questão de educação...¹³¹¹

- Mas bem 「vê, Luísa:¹³¹² que há qualquer 「coisa, há.¹³¹³ Isto teve um princípio... Todos os povos tiveram uma 「religião... Isto é instintivo...¹³¹⁴

Não era já sem interesse que Luísa conversava. Ela tinha criado para si uma 「quase¹³¹⁵ religião estranha, feita 「de uma espécie de panteísmo lírico,¹³¹⁶ e desejava expô-la.

「- De acordo, Rui. Acredito que haja qualquer coisa.¹³¹⁷ 「Admito que um princípio governe¹³¹⁸ esta máquina. 「Admito,¹³¹⁹ porque senti-lo, sinto-o muito mais.

¹³⁰⁸ [A] verdadeira porque no fim de contas

¹³⁰⁹ [A] - Todas

¹³¹⁰ [omisso em A]

¹³¹¹ [A] Eu já meditei um pouco no assunto, porque enfim, nós as mulheres somos mais dadas às práticas religiosas... Eu, confesso-lhe, vou à missa, cumprio os preceitos da religião católica porque fui educada nela. Mas só por isso. Porque se me tivessem educado no maometismo ou budismo era maometana ou budista. Questão de educação...

¹³¹² [A] vê Luísa<,> :

¹³¹³ [A] coisa há.

¹³¹⁴ [A] religião com prémios, castigos e milagres...

¹³¹⁵ [A] [↑ quási]

¹³¹⁶ [A] <dum> [↑ duma espécie de] panteísmo lírico

¹³¹⁷ [A] - <†>/Pois\ há qualquer coisa Rui.

¹³¹⁸ [A] Eu compreendo bem que há um princípio que rege

「Acredito que a religião seja instintiva, mas a concretização numa crença com os actos miúdos depende da educação. Mas, veja você: donde veio a maior parte das religiões? Do Oriente. Isto é significativo. Do Oriente, das terras do êxtase, do misticismo. Mas para que pensar nisto, afinal? A vida, temos nós de lhe dar uma solução. A vida é isto: a luta do dia a dia. Não há tempo para pensar noutras coisas.¹³²⁰

「- Mas, afinal, a Luísa tem pensado um pouco¹³²¹ no assunto...

「- Sim... na verdade tenho. Eu¹³²² já lho disse há pouco. 「Tenho, mas olhe... no fim de contas,¹³²³ eu só me sinto capaz de amar isto... o mundo, o sol, as flores. Gostava que toda a gente fosse boa e se desse bem... O mundo, apesar de 「tudo, é belo...¹³²⁴ Eu sei que todas as religiões mandam amar o tal princípio de tudo isto. Mas a natureza humana é assim. A gente só ama o que vê, 「ouve,¹³²⁵ palpa... Você repare: uma pessoa tem os pais no 「estrangeiro,¹³²⁶ que lhe mandam o dinheiro para se sustentar. Pois tal pessoa não ama os pais bem com o coração; ama-os com a inteligência. Quer dizer: compreende bem que deve amá-los. 「Aí tem.¹³²⁷ Eu estou na mesma. Gosta das flores, das crianças...

「Rui pensa: bom sintoma, «das crianças...»¹³²⁸ Depois acode:

- Você é uma rapariga curiosa, Luísa.

Sentia um prazer guloso em pronunciar aquele nome «Luísa». Por isso o 「pronunciava¹³²⁹ sempre que era possível.

「- Curiosa,¹³³⁰ sem dúvida. Veja lá que perdi uma tarde de estudo por causa de você. Agora volte a dizer-me que 「nunca quero conversar...¹³³¹

「Rui, a sós, no quarto. Pensando. Sente-se envergonhado de si mesmo ao lembrar-se que os outros, todos os outros têm certezas na vida. Ele não. Empurrado

¹³¹⁹ [A] Compreendo,

¹³²⁰ [A] Mas às vezes parece-me que <tudo prove> a[s] religi<ão>/ões\ nasce[ram] duma inclinação para o êxtase, para o misticismo... Não sei se me faço entender... Você repare que quasi tôdas as religiões nasceram no Oriente...

¹³²¹ [A] - Afinal <*você>/a Luisa\ tem pensado <um>/um\ pouco

¹³²² [A] - Pois tenho Rui, eu

¹³²³ [A] Tenho e, olhe, no fim de contas

¹³²⁴ [A] tudo é belo<,>/...\< <Rui.>

¹³²⁵ [A] <sente>/ouve\,

¹³²⁶ [A] estrangeiro

¹³²⁷ [A] Aí tem...

¹³²⁸ [A] <(>Rui pensa: bom sintoma<)> [↑ "das crianças..."]

¹³²⁹ [A] proferia

¹³³⁰ [A] - Curiosa

¹³³¹ [A] <não>/nunca\ quero conversar <com ↓você.>[↑...]

pelas palavras de uns e de outros, vagueia aos tropeções, sem que ninguém o aceite, porque ninguém lhe sabe a cor. Ali estavam agora as palavras de Luísa sobre um problema que Rui se habituara a não discutir, rolando na onda. Nunca lera livro algum sobre as questões com que tantos outros vibravam. Pensava apenas. Às vezes. Raciocínios que ele se esforçava por julgar concludentes. Tinha de definir-se, achar um rumo, para marcar uma posição na vida.

«Sim, ele não tinha obrigação alguma de seguir *uma* religião. Se tivesse nascido no tempo dos romanos, por exemplo, teria um Baco, teria uma Vénus, encheria o papo de gozo e morreria sem conhecer outra lei que o vergasse a obrigações incómodas. Não haveria injustiça em o terem posto no mundo sujeito a tal lei? Tanto mais que essa lei surgira há tão pouco tempo em relação à idade do Homem? Mas havia mais. Suponhamos que alguém se lembrava de exigir a toda a gente mil escudos para que toda a gente jogasse na lotaria. Era uma violência: a taluda podia sair ou não sair. Não saindo, perdiam-se 1.000\$00. Ora aí está, foi o que lhe fizeram a ele, Rui, obrigando-o a existir; ou cumpria a lei e tinha o prémio, ou não cumpria e tinha o castigo. Mas que satisfação tinha ele a dar a ninguém de viver, fosse como fosse, uma vez que o tinham posto no mundo à força?»

Eis aí argumentos que não colhera em livros e que deviam ajudá-lo a seguir um rumo seguro. Argumentos curiosos. Iria apresentá-los a Luísa. Luísa... Mas que importavam argumentos, que interessavam os problemas da vida, se Luísa era linda e dizia coisas tão interessantes e tinha uns olhos tão engraçados?

Naquele domingo, foi à missa das nove.¹³³²

Todos os caminhos são longínquos e 「difíceis」,¹³³³ porque a luz os procura. Quando a noite 「descer, as estradas」¹³³⁴ serão lisas e fáceis. E as pedras iguais às flores...

... bonecos de pau... Só; mais nada. E a tal ânsia inútil. Mas o Rui julga que achou... Tudo está em ela querer.

¹³³² [omisso em A]

¹³³³ [A] difíceis

¹³³⁴ [A] descer <do>/as\ estradas

「E¹³³⁵ ela não quer nem em sonhos. E começa a compreender que o Rui está curado e 「apto¹³³⁶ para adoecer outra vez. Se é que não anda já doente...

¹³³⁵ [A] <*Mas>/E\

¹³³⁶ [A] <pronto>/apto\

INTERVALO

「*Diz o poeta*

Que nos é doce parar na encosta da colina.

*Pois paremos.*¹³³⁷

¹³³⁷ [omisso em A]

As luzes acenderam-se e o filme parou. Num sujeito 「redondo, que¹³³⁸ se levanta na minha 「frente,¹³³⁹ reconheço um amigo meu, crítico de peso 「em assuntos de cinema, que estira por¹³⁴⁰ todos os periódicos da cidade as suas abalizadas opiniões sobre as fitas que vão aparecendo. Toco-lhe amigavelmente no ombro:

「- Ó¹³⁴¹ meu caro!...

- Então 「você?¹³⁴²

Depois convido:

「- Quer vir¹³⁴³ até lá fora fumar uma cigarrada e tomar qualquer coisa?

Em frente 「dos cálices, já bebidos até meio,¹³⁴⁴ pergunto naturalmente:

- Que tal acha você o filme?

É possível que o meu amigo não saiba que 「fui¹³⁴⁵ eu o autor do 「argumento e ajudei a realização da fita. Se sabe, finge que¹³⁴⁶ não sabe. E é bom que finja.

- O filme? Bastante fraco... Há ali um defeito tremendo que estraga tudo: 「a falta¹³⁴⁷ de ordem e de unidade. Não sei se você reparou que até agora já apareceram trinta mil histórias. Primeiro foi a do Rui e da Amélia. Depois vem a mãe do Rui e toda gente 「pensa¹³⁴⁸ que ela viria a desempenhar um papel 「importante.¹³⁴⁹ Depois vem a história do 「Domingos, depois a dos estudantes pobres; há cenas que não têm interesse; enfim, dá a impressão de uma revista; quadros, quadros e mais quadros desligados.¹³⁵⁰

「- Pois eu¹³⁵¹ tinha visto as coisas doutra forma. Julguei naturalmente que o realizador não quisesse prolongar as 「cenas,¹³⁵² para tornar o filme 「menos pesado,¹³⁵³ mais... ligeiro. Você sabe como se tem abusado das cenas longas...

¹³³⁸ [A] redondo <a pesar do> que

¹³³⁹ [A] frente

¹³⁴⁰ [A] em <†> assuntos de cinema<,>/\ <Toco-lhe no ombro> que <*emana>/por\

¹³⁴¹ [A] - <†>/Ó\

¹³⁴² [A] você? etc...

¹³⁴³ [A] - Não quer vir

¹³⁴⁴ [A] d<o>/os\ <*doce[s]> cálice[s] já bebido[s] <†>/até\ meio

¹³⁴⁵ [A] sou

¹³⁴⁶ [A] argumento<...> [<<e em grande para o> e o realizador do> e o ajudante na realização da fita. Se sabe finge que] [*acrescento no verso com a indicação (Volte 1)*]

¹³⁴⁷ [A] <é> a falta

¹³⁴⁸ [A] <p†> pensava

¹³⁴⁹ [A] importante <na acção>[.]

¹³⁵⁰ [A] Domingos<.>... /\ [↑ depois a dos estudantes pobres]<H>/h\á cenas que não têm interesse, enfim, <†>/dá\ a impressão duma Revista: quadros, quadros <.>/e\ [↑ mais quadros] desligados.

¹³⁵¹ [A] - <*Assim não>/Pois eu\

¹³⁵² [A] cenas

- Mas você 「compreende¹³⁵⁴ que os factos hão-de ser suficientemente explicados. Calcule 「que, em quatro ou cinco meses,¹³⁵⁵ a Amélia tem dois namoros, ambos puxados, não sei se me entende, 「e não há cenas que expliquem o caso.¹³⁵⁶ Depois, veja, as personagens não são bem iguais a si mesmas 「do¹³⁵⁷ princípio ao fim. Amélia por exemplo...

- Homem, então você não admite que as circunstâncias mudem as pessoas? E acha que cinco meses não chegam para uma rapariga ter dois namoros? 「Que, de resto, se você reparou bem, Amélia só teve *um* namoro. O segundo inclui-se no primeiro. Ela namorava o Rui, mas, inexplicavelmente, gostava um pouco do Domingos. Depois julga que não, que só gosta do Rui e por fim o despeito, a quase necessidade e a inclinação, que na verdade existia, levam-na ao segundo namoro.

- Você lá tem as suas razões,¹³⁵⁸ 「acabou-se.¹³⁵⁹ Mas mostre-se isso... 「No fim de contas, estas histórias de namoricos são sempre enfadonhas. Eu sei que a rapaziada, no geral, só se preocupa com banalidades. Mas há excepções e era preciso mostrar essas excepções. («Sim - pensei - isso é verdade. Mas havia razões para ter feito o que fiz».) Olhe, meu caro...¹³⁶⁰ 「O cinema¹³⁶¹ português está pelas ruas da amargura. O pouco de bom que ainda aparece é copiado... 「Neste filme copia-se alguma coisa, mas mal.¹³⁶² É isto, meu caro...

Eu 「estava¹³⁶³ arrasado. O meu amigo tinha 「a¹³⁶⁴ tremenda loquacidade do genuíno crítico nacional.

¹³⁵³ [A] <mais leve>/menos pesado\,

¹³⁵⁴ [A] <bem> compreende

¹³⁵⁵ [A] que em 4 ou 5 meses

¹³⁵⁶ [A] e não <se dá> há cenas que expliquem convenientemente o caso.

¹³⁵⁷ [A] de

¹³⁵⁸ [A] [Que de resto, se você reparou bem, Amélia só teve um namoro. O segundo inclui-se no primeiro. Ela namorava o Rui mas inexplicavelmente gostava um pouco do Domingos. Depois julga que não, que só gosta do Rui e por fim o despeito, <e a inclinação que na verdade existia> a quasi necessidade e de <inclinação> [↑ inclinação] <*atra> que na verdade existia levam-na ao segundo namoro.

- Você lá tem as suas razões] [*acrescento no verso da página com a indicação (Volte 2)*]

¹³⁵⁹ [A] - <Prefeitamente.> [↑ Você lá tem as suas razões, acabou-se.]

¹³⁶⁰ [A] [No fim de contas estas histórias de namoricos são sempre enfadonhas. Eu sei que a rapaziada no geral <não tem> só se preocupa com banalidades. Mas há excepções e era preciso mostrar essas excepções. Olhe, meu caro...] [*acrescento no verso da página com a indicação (Volte 3)*]

¹³⁶¹ [A] <o filme>

¹³⁶² [A] [↑ Neste filme copia-se alguma coisa mas mal]

¹³⁶³ [A] est<aria>/ava\

¹³⁶⁴ [A] <†>/a\

- E há outra coisa que não sei se você notou. (Ele continuava como grafonola de corda perpétua). Não há equilíbrio nas diversas partes. Passa-se uma vida à volta 「de um baile,¹³⁶⁵ logo no princípio, e 「resolvem-se, com duas palhetadas,¹³⁶⁶ situações que exigiriam 「mais longo estudo.¹³⁶⁷

- Sim... em parte isso é verdade. Mas afinal você não achou nada bom...

- Não... com mil demónios, há alguma coisa aproveitável. 「Olhe, o diálogo,¹³⁶⁸ por exemplo. Bem 「urdido e natural.¹³⁶⁹ 「Abusa-se um pouco do calão, mas enfim, o diálogo não é mau.¹³⁷⁰ E olhe que é coisa que pouco se vê. No geral os diálogos dos filmes portugueses são teatrais, são falsos, não têm 「naturalidade... mas,¹³⁷¹ bem vê, isso só não chega. Olhe, estou a lembrar-me 「de um outro defeito.¹³⁷²

- Outro? 「(Eu já desanimava)¹³⁷³

「- Sim, senhor. Outro.¹³⁷⁴

- Mas você é um crítico de arrasar...

「- Pode crer¹³⁷⁵ que é preciso. Há por aí agora uma 「chusma¹³⁷⁶ de realizadores. Toda a gente se julga capaz de fazer 「argumentos, de fazer tudo... e¹³⁷⁷ a verdade é que o cinema nacional está 「uma¹³⁷⁸ vergonha....

- Mas falava você noutra defeito...

- Ah! sim... o outro defeito é 「isto:¹³⁷⁹ há personagens que não são absolutamente verdadeiras. 「Há pessimismo no ambiente feminino.¹³⁸⁰ Luísa 「é

¹³⁶⁵ [A] dum baile

¹³⁶⁶ [A] resolvem-se com duas palhetadas

¹³⁶⁷ [A] <longo> mais longo estudo.

¹³⁶⁸ [A] Olhe o diálogo

¹³⁶⁹ [A] urdido<.>/e\ [↑ natural.]

¹³⁷⁰ [omisso em A]

¹³⁷¹ [A] <a> naturalidade... Mas

¹³⁷² [A] dum<a> outro ↓defeito

[↑ <Ele olhava mas era>]

¹³⁷³ [A] (Eu <já desanimava>/suava\)

¹³⁷⁴ [A] - Sim senhor, outro

¹³⁷⁵ [A] - <Olhe> [↑ Pode crer]

¹³⁷⁶ [A] <falsa> <†>/chus\ma

¹³⁷⁷ [A] <A>/a\rgumentos<.>/\ de fazer tudo... [fol. 131] e

¹³⁷⁸ [A] <uma>/uma\

¹³⁷⁹ [A] isto...

¹³⁸⁰ [A] [↑ Há pessimismo no ambiente feminino]

exceção, mas¹³⁸¹ não se compreende bem. 'E depois, meu caro, aquelas teorias todas...¹³⁸²

- Não se 'compreende,¹³⁸³ porque não é bem conhecida. Mas 'pode ter a certeza de que há raparigas daquele tipo. E do das outras...¹³⁸⁴

- E aquele Luís e o companheiro. 'Forçou-se um bocado a nota da pobreza.¹³⁸⁵ Você sabe que em Coimbra há uma Sociedade Filantrópica Académica 'que não consente¹³⁸⁶ estes casos de miséria... 'Etc. etc. Se fosse a dizer todos os defeitos não acabava por esta hora.¹³⁸⁷

- Ah! Mas você aqui pensa mal. Eu pelo menos compreendi 'o problema de outra maneira.¹³⁸⁸ Bom, em primeiro lugar a gente não sabe se a tal Sociedade os vem 'depois ajudar (Eu bem sabia que não).¹³⁸⁹ Mas a verdade é que a luta 'desses rapazes,¹³⁹⁰ sem o auxílio de ninguém, tem muito mais valor, 'e¹³⁹¹ está mais de acordo com o temperamento deles, pelo menos com o de Luís. '(Podia ainda referir as injustiças cometidas na divisão de qualquer bolo... mas para quê?)¹³⁹²

O amigo mascava a ponta do cigarro apagado. Eu mascava 'desilusões.¹³⁹³ Foi por isso que, dorido e 'machucado, lancei, num ¹³⁹⁴desalento:

- Você diz que o cinema nacional está uma miséria. E talvez seja verdade. Mas o que é certo é que 'vocês, os críticos,¹³⁹⁵ também não ajudam nada.

- Nada?

- Nada. Vem um filme novo e vocês, perdoe-me 'a comparação, e¹³⁹⁶ vocês lançam-se logo a ele como cães esfomeados a um bocado de 'carne, e¹³⁹⁷ esfarrapam

¹³⁸¹ [A] [↓ é exceção mas]

¹³⁸² [omisso em A]

¹³⁸³ [A] compreende

¹³⁸⁴ [A] <parece> [↑ pode ter a certeza] que há raparigas daquel<as>/e\ tipo <e>[.] do das outras...

¹³⁸⁵ [A] [↑ Forç<a>/ou\ -se um bocado a nota da pobreza.]

¹³⁸⁶ [A] <e> que não com<c>/s\ente

¹³⁸⁷ [A] [Etc. etc. Se fôsse a dizer todos os defeitos não ↓ acabava por esta hora.]

¹³⁸⁸ [A] <o>/a\ <caso> [↑ questão] doutra <forma.> [↑ maneira.]

¹³⁸⁹ [A] [↑ depois] <aj> a ajudar. [↑ (Eu bem sabia que não)]

¹³⁹⁰ [A] [↑ dêses rapazes]

¹³⁹¹ [A] <digni> e

¹³⁹² [omisso em A]

¹³⁹³ [A] desilu<sões.> <Cada vez sentia mais <forte> o pêso daquela frase das escrituras> sões.

¹³⁹⁴ [A] machucado, <me> lancei <†>/num\

¹³⁹⁵ [A] vocês os críticos

¹³⁹⁶ [A] a comparação, mas

¹³⁹⁷ [A] carne:

osso e tudo. Não se deve fazer crítica 「por fazer crítica.¹³⁹⁸ Deve-se criticar 「com¹³⁹⁹ boa vontade. E é isso que se não vê.

O meu amigo 「desenrolou imediatamente¹⁴⁰⁰ mil frases para me contradizer. 「Pelos vistos,¹⁴⁰¹ já estava habituado a esta observação e 「colhera, noutras pugnas, argumentos de peso.¹⁴⁰² Mas a campainha 「tocou¹⁴⁰³ e a fita 「ia¹⁴⁰⁴ recomençar. Pago os cálices 「(delicado, o meu amigo¹⁴⁰⁵ não se opôs a que eu pagasse) e regressámos aos nossos lugares. Fico ainda uns minutos de pé a olhar a assistência e, não sei porquê, 「leio agora em todos os rostos¹⁴⁰⁶ um enfado que me desola. 「À minha beira,¹⁴⁰⁷ uma senhora quarentona murmura para a vizinha que há partes no filme verdadeiramente indecentes 「e¹⁴⁰⁸ que não sabe como 「se deixaram passar algumas cenas indiscutivelmente porcas.¹⁴⁰⁹ Mas esta crítica pesa-me menos porque eu sei que esta senhora é viúva e recebe regradamente 「vários amantes¹⁴¹⁰ por ano, consoante as estações. 「A sós,¹⁴¹¹ toda a gente mexe calmamente na 「lama.¹⁴¹² Conversa-se sobre a vida de X ou de Y, contam-se pormenores sombrios. 「Mas, se¹⁴¹³ em vez de se conversar, se escrever sobre o mesmo caso, logo os factos adquirem uma fealdade nova e nojenta. Enfim, curiosidades da natureza humana...

As luzes apagaram-se. O filme recomença. 「E eu, que já conheço bem¹⁴¹⁴ tudo o que vai seguir-se, adivinho perfeitamente a crítica do meu amigo ao resto da 「fita e¹⁴¹⁵ uma vez mais me entristeço. 「Para que vim eu ao cinema?¹⁴¹⁶

¹³⁹⁸ [A] por... fazer crítica.

¹³⁹⁹ [A] <de> [↑ com]

¹⁴⁰⁰ [A] desenrola [↑ imediatamente]

¹⁴⁰¹ [A] Pelos vistos

¹⁴⁰² [A] colhe<u>/ra\ noutras pugnas argumentos de <força.>/pêso.\

¹⁴⁰³ [A] toca

¹⁴⁰⁴ [A] vai

¹⁴⁰⁵ [A] <[↑ *mas como]> (delicado o meu amigo:

¹⁴⁰⁶ [A] ²em todos os rostos ¹leio agora

¹⁴⁰⁷ [A] À minha beira

¹⁴⁰⁸ [A] <:>/e\

¹⁴⁰⁹ [A] a censura deixou passar <certas>/algumas\ cenas indiscutivelmente imorais.

¹⁴¹⁰ [A] dois amantes

¹⁴¹¹ [A] A sós

¹⁴¹² [A] lama. <Em público... Enfim, curiosidades da natureza humana.>

¹⁴¹³ [A] [↑ Mas] <S>/s\e

¹⁴¹⁴ [A] E eu que <sei> [↑ já conheço] bem

¹⁴¹⁵ [A] <.>/e\

¹⁴¹⁶ [A]¿ Para que vim eu ao cinema?

Esta mania de caçar de ouvido as opiniões dos vários públicos...

「XIII¹⁴¹⁷

「CONCEIÇÃO¹⁴¹⁸ desaparecera misteriosamente havia quase oito dias. 「E, no entanto,¹⁴¹⁹ os dois estudantes vizinhos não se admiraram muito, como se 「isso fosse já¹⁴²⁰ esperado. Conceição, nos breves dias em que lhes arrumou o quarto, costumava monologar:

- ... triste vida a minha... triste 「vida!¹⁴²¹

- Porquê? - perguntou um dia Lúcio.

Ele não devia perguntar porquê. Não veria bem que a vida de Conceição era triste? Mas ela 「esclareceu:¹⁴²²

- Ora porquê... Então isto é lá viver?...

「Pr'aqui¹⁴²³ sozinha. Desde que a minha mãe morreu (borbulharam-lhe lágrimas) tem sido uma desgraça...

Por isso eles não estranharam o desaparecimento da Conceição. Tinham arranjado já uma velhota para lhes fazer 「a cama¹⁴²⁴ e os despejos, mas todas as mudanças que a vida deles sofria não alteravam 「em nada o caminho¹⁴²⁵ de Luís. 「Era um rumo certo que se lhe podia ler na firmeza do olhar, nas palavras que tombavam como lajes.¹⁴²⁶ Havia 「agora, por sobre o quarto,¹⁴²⁷ um silêncio estranho que só as tropelias dos ratos acordavam durante a noite. Silêncio bom, apesar de 「tudo,¹⁴²⁸ porque afastava 「para¹⁴²⁹ mais longe o mundo fútil e egoísta.

(«Que bela mulher...» «Bom 「filme! Já foste¹⁴³⁰ ver?...» «Está-se a progredir em futebol...» 「Vozes da rua encruada nas pedras rijas¹⁴³¹ e estúpidas...)

¹⁴¹⁷ [A] [fol. 132] 13

¹⁴¹⁸ [A] Conceição

¹⁴¹⁹ [A] E no entanto

¹⁴²⁰ [A] <*também> [↑ isso] fôsse [↑ já] esperado <já>[.] <<.>/E\les tinham arranjado já uma velhota para lhes arrumar o quarto>

¹⁴²¹ [A] vida

¹⁴²² [A] esclarecia:

¹⁴²³ [A] Pra aqui

¹⁴²⁴ [A] <as>/a\ cam<as>/a\

¹⁴²⁵ [A] <em par> [↑ em nada] o caminho

¹⁴²⁶ [omisso em A]

¹⁴²⁷ [A] agora por sôbre o quarto

¹⁴²⁸ [A] tudo<.>/,\

¹⁴²⁹ [A] [↑ para]

¹⁴³⁰ [A] filme, já f<oi>/oste\

「Bom,¹⁴³² o silêncio. Sobretudo para o Luís. O mundo nascera-lhe igual ao de todos, com sol novo pelas manhãs 「e¹⁴³³ cantos de esperanças impensadas... 「Seus pés nus tinham pisado flores e nelas se tinham perfumado.¹⁴³⁴ Correrá 「ao ar livre, por montes e vales,¹⁴³⁵ e beberá 「a¹⁴³⁶ água virgem 「das¹⁴³⁷ fontes escondidas. 「Mas¹⁴³⁸ o professor começara a dizer que 「o rapaz era uma inteligência¹⁴³⁹ e que era uma pena ficar para ali aos paus...

「Fora por isso¹⁴⁴⁰ que a vida se lhe complicara e 「ele se tornou¹⁴⁴¹ de pedra. 「A¹⁴⁴² pensão «ao farnel» num liceu da província, 「as¹⁴⁴³ bolsas de estudo e uns empurrões da sorte 「tinham-no arremessado¹⁴⁴⁴ para o primeiro ano de Direito. Foi lá que achou 「o Lúcio. Um rapaz bem diferente. Que¹⁴⁴⁵ podia ser igual... Suas forças se uniram para melhor vencerem a vida. Todos os 「subterfúgios¹⁴⁴⁶ se tentaram para um passadio barato: o 「«secativo», a «república...¹⁴⁴⁷» E todavia...

Agora, naquele 「cubículo,¹⁴⁴⁸ a vida ia cedendo. Algumas 「leccionações¹⁴⁴⁹ (as leccionações não apareciam 「facilmente,¹⁴⁵⁰ porque os alunos procuravam os especializados nas Letras, Matemáticas, Ciências... O Direito não 「ajudava),¹⁴⁵¹ algumas leccionações iam amparando a barca... Aquela barca do inferno. E todavia a serenidade do Luís parecia achar tudo fácil e bom. Todas as pedras do caminho eram feitas de espuma que ele 「pulverizava¹⁴⁵² num sopro... As angústias e os 「insucessos¹⁴⁵³

¹⁴³¹ [A] Vozes da rua... Da rua feita de pedras duras

¹⁴³² [A] Bom

¹⁴³³ [A] de

¹⁴³⁴ [A] <*Os seus>/Seus\ pés <nus>/nus\ [↑ tinham] pisa<ram>/do\ <as> flores e <perfumaram-se nelas.> [↑ nelas se tinham per] fumado.

¹⁴³⁵ [A] <ar>/ao\ ar livre por montes e vales

¹⁴³⁶ [A] [↑ a]

¹⁴³⁷ [A] <*dos>/das\

¹⁴³⁸ [A] <Depois>/Mas\

¹⁴³⁹ [A] <<> <*era>/o\ rapaz era uma inteligência<>>

¹⁴⁴⁰ [A] [E] <Era>/fô\ra <assim> [↑ por isso]

¹⁴⁴¹ [A] [↑ ele] se torn<ou>/ara\

¹⁴⁴² [A] <*Duma>A\

¹⁴⁴³ [A] [↑as]

¹⁴⁴⁴ [A] tinham[↑-no] <deitado aquele *belo> [↑ arremessado]

¹⁴⁴⁵ [A] o Lúcio<,>/.\ <u>/U\m rapaz [↑ bem] diferente[. ↑ E] que

¹⁴⁴⁶ [A] subterfúgios <p†>

¹⁴⁴⁷ [A] secativo, a república...

¹⁴⁴⁸ [A] cubículo

¹⁴⁴⁹ [A] leccionações[...]

¹⁴⁵⁰ [A] facilmente

¹⁴⁵¹ [A] ajudava)

¹⁴⁵² [A] desfazia

explicavam-se tão bem como os deleites sossegados. Tudo era natural... E fácil...
「Era¹⁴⁵⁴ isto o que Lúcio pensava dele. 「Que¹⁴⁵⁵ o Luís não abria a boca senão para falar dos livros e das lições. Quando a mãe lhe morreu (já ele andava na Universidade) e voltou da 「terra,¹⁴⁵⁶ de luto, o Lúcio deu-lhe uns pêssames tristes, sinceramente tristes. Mas Luís aceitou apenas meio braço 「e, mordendo o lábio inferior, logo¹⁴⁵⁷ perguntou tranquilamente:

- Que explicou o de Civil?

O Lúcio era um rapaz diferente. Porque escrevia cartas de amor e 「bramia, às vezes,¹⁴⁵⁸ de punhos cerrados:

「- Ah! Quando¹⁴⁵⁹ acabará 「esta¹⁴⁶⁰ miséria!?!...

Mas sofria e 「ajudava¹⁴⁶¹ a empurrar a vida. 「Nem o seu grito de revolta morria¹⁴⁶² no ar vazio... Ou nascia sozinho...

Só não valia a pena gritar. 「O¹⁴⁶³ grito pode acordar nos outros fingidas 「compaixões ou, pelo menos,¹⁴⁶⁴ um dó que só serve para humilhar. Luís é orgulhoso, 「de um orgulho que lhe põe a vida nas suas¹⁴⁶⁵ próprias mãos e o obriga a lutar sozinho. Nunca acreditou que alguém fosse bom desinteressadamente e 「esquecesse, no próprio momento da boa acção,¹⁴⁶⁶ o benefício feito. Não. Porque 「todos se deliciam ao saberem-se benfeitores e olham o pobre de cima,¹⁴⁶⁷ como quem adquiriu direitos de senhorio... 「Depois os jornais fazem o reclame:¹⁴⁶⁸ «foi servido um bodo aos pobres...» 「O bodo¹⁴⁶⁹ era 「na rua,¹⁴⁷⁰ à vista de toda a gente. Quem quisesse podia certificar-se de

¹⁴⁵³ [A] <†>/insucessos\

¹⁴⁵⁴ [A] <O Lúcio> Era

¹⁴⁵⁵ [A] <†>/Que\

¹⁴⁵⁶ [A] terra

¹⁴⁵⁷ [A] e mordendo o lábio inferior [↑ logo]

¹⁴⁵⁸ [A] bramia <de>/às| vezes

¹⁴⁵⁹ [A] - <Quando>/Ah!| Quando

¹⁴⁶⁰ [A] <a>/esta\

¹⁴⁶¹ [A] ajuda<d>/v\ a

¹⁴⁶² [A] <O> [↑ Nem] o seu grito de revolta <não> morria

¹⁴⁶³ [A] [fol. 133] <Luiz> O

¹⁴⁶⁴ [A] compaixão<.>/\ ou pelo menos

¹⁴⁶⁵ [A] dum orgulho que lhe <†, >/põe\ a vida <p† †>/nas suas\

¹⁴⁶⁶ [A] esquecesse no próprio momento da boa acção

¹⁴⁶⁷ [A] tôda a gente se delicia ao saber-se benfeitor e olha o pobre de cima

¹⁴⁶⁸ [A] <Os jornais <que>> As esmolas aos famintos eram> Depois <vinham> os jornais <com> [↑ faziam] o reclame:

¹⁴⁶⁹ [A] <†> <†>/O\ bodo

¹⁴⁷⁰ [A] na rua

que Fulano era um desgraçado. Porque ele estava 「ali, cheio de vergonha,¹⁴⁷¹ a comer o bodo farto... Uma vez na vida 「foi esse¹⁴⁷² pobre servido por uma alta figura da sociedade. Alta figura que havia de vir depois fotografada 「nos jornais¹⁴⁷³ com o pitoresco avental e o guardanapo na mão... 「Sua¹⁴⁷⁴ Excelência dignou-se servir os 「pobrezinhos...」¹⁴⁷⁵ E o livro 「simples do Evangelho¹⁴⁷⁶ - simples e bom - lá dizia: «que a mão esquerda não saiba o que faz a direita...» 「E de que serviam esmolas? Nada se resolvia... Paliativo.¹⁴⁷⁷

Por tudo isto Luís não queria 「esmolas¹⁴⁷⁸ de ninguém. Preferia que todo o mundo passasse 「apressadamente¹⁴⁷⁹ à sua beira e não reparasse nele. Talvez um dia chegasse ao fim 「daquele caminho¹⁴⁸⁰ duro. Mas não pensava em chegar. O grito da sua vinda era surdo e perdia-se em si 「mesmo.¹⁴⁸¹ Porque não era 「necessário¹⁴⁸² que alguém o ouvisse...

「Para¹⁴⁸³ que viria pois aquela rapariga enfeitar-lhe gulosamente o quarto?

Ele via-a de 「longe, uma que outra vez,¹⁴⁸⁴ mas não se dera ainda o caso de se encontrarem de frente. 「Um¹⁴⁸⁵ dia tinha de ser.

- O colega dá-me licença?

Ela deixara amortecer a impressão desagradável do encontro no 「cortelho.¹⁴⁸⁶ Mas agora estava 「ali, franca e fácil, diante dele, que a olhava com olhos¹⁴⁸⁷ parados do alto do tronco forte.

- Fazia o favor...

Tinha uma voz 「pesada, soturna e rasa como um cantochão.¹⁴⁸⁸ Luísa esperava um sorriso de condescendência que não apareceu no rosto duro de Luís. Por isso ela se

¹⁴⁷¹ [A] ali envergonhado

¹⁴⁷² [A] <esse>/foi\ esse

¹⁴⁷³ [A] [↑ nos jornais]

¹⁴⁷⁴ [A] "Sua

¹⁴⁷⁵ [A] pobresinhos..."

¹⁴⁷⁶ [A] <singelo> [↑ simples] do Evangelho

¹⁴⁷⁷ [A] [omisso em A]

¹⁴⁷⁸ [A] <que>/esm\olas

¹⁴⁷⁹ [A] apressado

¹⁴⁸⁰ [A] da[↑quele] <viag> caminho

¹⁴⁸¹ [A] mesmo...

¹⁴⁸² [A] <pre>/ne\cessário

¹⁴⁸³ [A]j Para

¹⁴⁸⁴ [A] longe uma que outra vez

¹⁴⁸⁵ [A] Mas um

¹⁴⁸⁶ [A] cortelho.

¹⁴⁸⁷ [A] ali <diante> franca e fácil diante dele que a olhava <<com <[↑uns]>>/de\> [↓ com]

embaraça um pouco. Ela que nunca se embaraçava e tinha dentro de si a certeza de que Luís era bom...

- Se pudesse dispor de uns minutos...

- Muito tempo?

(Será possível que as pedras falem? Ou os montes? E tenham uma voz soturna?)

- Não... cinco... dez minutos.

Ele olhou o relógio da torre e pensou em silêncio. Depois convidou:

「- Faça o favor de dizer...¹⁴⁸⁹

Luísa estava nervosa como nunca. E lembrou-se de 「que, na verdade,¹⁴⁹⁰ lhe faltava uma aduela... Mas agora tinha uma ânsia forte 「de explicar,¹⁴⁹¹ de ser franca:

「- Olhe, colega,¹⁴⁹² desculpe esta minha... este 「à-vontade,¹⁴⁹³ mas não sei... 「o colega parece-me¹⁴⁹⁴ desconfiado... Não sei...

Ele franziu a testa e sorriu 「com um sorriso frio.¹⁴⁹⁵ Quase cínico:

- Não. Desconfiado de quê? Não há razão...

「- Pois eu também julgo.

Ela calou-se um pouco. Depois alvitrou abruptamente:¹⁴⁹⁶

- ... E se a gente se sentasse?

「- Pode ser...¹⁴⁹⁷

Daquele banco do pátio da 「Universidade,¹⁴⁹⁸ os olhos estendiam-se por longas paragens. 「À frente, o céu era barrado¹⁴⁹⁹ pela rampa íngreme que levava a 「Santa Clara, onde algumas casas brancas¹⁵⁰⁰ se tinham acumulado imitando a Alta. 「Ao longo da colina verde, que amparava desse lado o Mondego, tresmalhavam-se¹⁵⁰¹ outras casas

¹⁴⁸⁸ [A] pesada[,] <e> soturna <sem altos nem baixos> [↑ e rasa] como um canto chão.

¹⁴⁸⁹ [A] - <Tenha a bondade>/Faça o favor\ de dizer...

¹⁴⁹⁰ [A] que na verdade

¹⁴⁹¹ [A] de explicar

¹⁴⁹² [A] - Olhe colega

¹⁴⁹³ [A] à-vontade

¹⁴⁹⁴ [A] [↑ o colega] parece[↑-me]

¹⁴⁹⁵ [A] <e>[↑ com] <com>/um\ <o> sorriso <qua> frio.

¹⁴⁹⁶ [A] -Pois [↓ ...] eu também julgo. <Ela calou-se um pouco depois <preguntou> [↑ alvitrou] abruptamente: >

[Ela calou-se um pouco depois <preguntou> [↑ alvitrou] abruptamente:]

¹⁴⁹⁷ [A] - <Porque não?>/Pode ser\...

¹⁴⁹⁸ [A] Universidade

¹⁴⁹⁹ [A] À frente o céu era <p> barrado

¹⁵⁰⁰ [A] <s>/S\anta Clara onde <<as>[↑ algumas] casas brancas> algumas casas brancas

¹⁵⁰¹ [A] <*Por trás>/Ao longo\ da colina verde que ²dêsse lado ¹amparava o <rio>/Mon[↑dego] dispersavam-se

que não tinham chegado à cidade. 「E, ao fundo, o rio, sempre o rio, plácido e moroso, que apontava ao longe numa curva lenta, a «curva sumptuosa».¹⁵⁰²

¹⁵⁰³ - É possível que o Luís...

Ela proferira o nome dele! E num instante reparou que fizera mal. Agora 「só¹⁵⁰⁴ tinha 「de¹⁵⁰⁵ explicar e 「remendar. Eu já sabia o seu nome. A Conceição disse-mo...

Ele ouvia e parecia ouvir atentamente.¹⁵⁰⁶

-... de forma que só tenho a dizer 「o meu,¹⁵⁰⁷ que é parecido com o seu. Bom, chamo-me Luísa. Mas ia eu a dizer... ah! sim; é possível que o Luís saiba 「porque¹⁵⁰⁸ me dirigi a si...

「- Não,¹⁵⁰⁹ não sei...

Ela desnorteava-se. Mas conseguiu ainda atinar com o caminho.

- Bom; o Luís conhece-me... 「quer dizer,¹⁵¹⁰ lembra-se de me ter visto no seu quarto...

- Pois lembro. (Depois fez um gesto antes 「de outras¹⁵¹¹ palavras que apareceram mais tarde). A colega ainda agora falou na Conceição...

- Perfeitamente. Eu não sei se ela lhes disse que eu fui lá mais vezes... Bem, mas não tornei lá porque... Sabe...

「Queria¹⁵¹² chegar ao fim mas não sabia como. Por isso explodiu:

「- ... sabe,¹⁵¹³ eu queria dizer-lhe com franqueza uma coisa, mas não sei, não sou capaz... não é bem não ser capaz...

Ele convidou lhanamente:

- Faça favor...

¹⁵⁰² [A] E ao fundo o rio, sempre o rio plácido e <†>/moroso\ que apontava ao longe numa curva lenta<.>/\ [a «curva sumptuosa»]

¹⁵⁰³ [A] [fol. 134]

¹⁵⁰⁴ [A] <†>/só\

¹⁵⁰⁵ [A] que

¹⁵⁰⁶ [A] remendar:

- É verdade, nós ainda nem nos tínhamos apresentado. Eu já sabia o seu nome. <Foi> <a>/A\ Conceição <que me> disse<...>/-\mo...

Ele ouvia. E parecia ouvir atentamente.

¹⁵⁰⁷ [A] o meu [...]

¹⁵⁰⁸ [A] <por que>/porque\

¹⁵⁰⁹ [A] <†>/-\ Não,

¹⁵¹⁰ [A] quer dizer, lembra-se de mim...

¹⁵¹¹ [A] <<das>/†> [↑ doutras]

¹⁵¹² [A] Ela queria

¹⁵¹³ [A] - ... sabe

- Bom; eu sei que você e o Lúcio... Mas não leve a 「mal,¹⁵¹⁴ Luís, creia que é sinceramente que 「lhe¹⁵¹⁵ falo e não sei, tem-me custado vir ter consigo, mas não 「pude andar¹⁵¹⁶ mais tempo... É que vocês, eu sei que vocês não passam bem e eu queria ajudá-los. Eu não tenho dinheiro, nem 「era¹⁵¹⁷ bem isso que eu queria. Mas... enfim, não sei... mas... nós podíamos ser amigos...

Um rapaz alto e magro 「subiu¹⁵¹⁸ as escadas da Minerva:

「- Boa tarde,¹⁵¹⁹ Luísa.

Ela 「não¹⁵²⁰ tinha reparado nele. Mas 「correspondeu¹⁵²¹ logo, pronta e risonha:

- Olá, João!

「O outro já ia um pouco distante,¹⁵²² quando se lembrou de vir 「indagar:¹⁵²³

- Eu precisava de falar com você. Quando é que está disposta?

「- Amanhã.¹⁵²⁴ Apareça ali 「pela¹⁵²⁵ Faculdade.

「Mas, pouco depois,¹⁵²⁶ outro estudante de fitas amarelas 「saudava-a¹⁵²⁷ também:

- Como 「está,¹⁵²⁸ Luísa?

「- Olá , Rosado!¹⁵²⁹

Depois outro e outro.

Luís pensa: «esta rapariga conhece toda a gente». Ela voltava-se de novo para 「Luís,¹⁵³⁰ como se ninguém a tivesse interrompido:

- Não lhe parece?

「Luís¹⁵³¹ achava tudo aquilo bem estranho. Uma rapariga 「qualquer¹⁵³² tinha-se-lhe metido na vida e estava agora ali a pedir-lhe amizade. E todavia ele compreendia e

¹⁵¹⁴ [A] mal

¹⁵¹⁵ [A] [↑ lhe]

¹⁵¹⁶ [A] <*<podia>/pude\ [↑ andar]

¹⁵¹⁷ [A] <é>/era\

¹⁵¹⁸ [A] subia

¹⁵¹⁹ [A] - Boa tarde

¹⁵²⁰ [A] n<ão>/em\

¹⁵²¹ [A] [cor]respondeu

¹⁵²² [A] Ele já ia um pouco distante

¹⁵²³ [A] <preguntar:> [↑ indagar:]

¹⁵²⁴ [A] Amanhã...

¹⁵²⁵ [A] na

¹⁵²⁶ [A] <<*<Pouco tempo>/Mas\> Mas pouco depois

¹⁵²⁷ [A] saudá<r>/v\ a-a

¹⁵²⁸ [A] está

¹⁵²⁹ [A] - Olá Rosado

¹⁵³⁰ [A] Luiz

sentia bem que todos os homens deviam ser 「amigos, mas¹⁵³³ nunca achara um que o fosse francamente, simplesmente. 「Por isso começava¹⁵³⁴ a desconfiar do juízo de Luísa. A rapariga devia ser meio zuca. Porque a verdade 「é¹⁵³⁵ que ninguém se lembra de ser amigo 「de outrem¹⁵³⁶ metendo-se-lhe no quarto e pretendendo espiolhar-lhe a vida. Naturalmente a 「rapariguinha pertencia¹⁵³⁷ a alguma congregação de beneficência e queria levar à sede a notícia de que conhecera «dois estudantes pobres, coitadinhos, que 「viviam num curral...¹⁵³⁸ Lá entrei com a mulher que o arrumava, enfeitei aquilo e agora vou abrir uma subscrição para lhes comprar umas 「botas»...¹⁵³⁹ Não, Snr.^a Luísa! Não!

- A colega está enganada. (Ele dizia sempre «colega». E era mais doce dizer «Luísa»). Nós não vivemos tão mal como julga... (Ela olhou-lhe os sapatos cambados de cor dúbia). Enfim, todos 「nós nos vemos, um ou outro dia, em apuros... Mas vai-se vivendo.¹⁵⁴⁰ Agradeço-lhe sinceramente o seu interesse (calou-se, 「franziu¹⁵⁴¹ a testa, fez primeiro o gesto 「e...). Mas não¹⁵⁴² vejo por que razão não possamos ser amigos...

¹⁵⁴³Ela estava admirada. 「(Afinal, ¹⁵⁴⁴quem era o revoltado soberbo? 「Não era o Lúcio?).¹⁵⁴⁵ Achava todavia em Luís um espírito de luta e decisão que a deslumbrava 「e lhe fazia compreender perfeitamente a inutilidade, a quase insolência¹⁵⁴⁶ da sua acção benéfica. 「Percebia bem que aquela vida¹⁵⁴⁷ estava hermeticamente fechada, e que todas as tentativas para a 「perscrutarem¹⁵⁴⁸ morreriam à sua volta como 「de um¹⁵⁴⁹ mistério profundo.

¹⁵³¹ [A] Ele

¹⁵³² [A] <estudante> [↑ qualquer]

¹⁵³³ [A] amigos. Mas

¹⁵³⁴ [A] <Por isso> [↑ Por isso] começ<ou>/ara\

¹⁵³⁵ [A] <era>/é\

¹⁵³⁶ [A] doutrem

¹⁵³⁷ [A] cachoupa <†>/pertencia\

¹⁵³⁸ [A] <*nos>/num\ curral... <Fiz-lhe>

¹⁵³⁹ [A] botas..."

¹⁵⁴⁰ [A] [↑ nós] nos vemos um ou outro em apuros... <mas luta-se e vence-se> Mas vai-se vivendo.

¹⁵⁴¹ [A] franzi<a>/u\

¹⁵⁴² [A] e...) [↑ Mas] <N>/n\ão

¹⁵⁴³ [A] [fol. 135]

¹⁵⁴⁴ [A] (Afinal

¹⁵⁴⁵ [A] não era o Lúcio?)

¹⁵⁴⁶ [A] deslumbrava<a> <e lhe mostava claramente> <a>/lhe\ fazia compreender perfeitamente a quási inutilidade e <†>/insolência\

¹⁵⁴⁷ [A] <† que> Percebia bem que aquel<e>/a\ <terreno era *rebelde> vida

¹⁵⁴⁸ [A] prescrutarem

Quase todos os rapazes eram acessíveis e as suas almas abriam-se à primeira chamada. Mas logo aparecia que dentro delas os desgostos e as alegrias eram fúteis como «fumo».¹⁵⁵⁰ Fora aí que Luísa actuara sempre. «Namoricos...»¹⁵⁵¹ más notícias... e pouco «mais»,¹⁵⁵² era tudo o que todos sentiam. Agora que deparava com dores «verdadeiramente humanas, o seu desejo esbarrava»¹⁵⁵³ contra um bloco de pedras... «E compreendeu, uma vez mais»,¹⁵⁵⁴ que as dores humanas são de pedra. E não de fumo...

O Rui! «Ou não?...»¹⁵⁵⁵ Era ! Era ele!

«- Boas tardes, Luísa.»¹⁵⁵⁶ Desculpe interrompê-la... é um instante...

- Viva... Não se conhecem?...

Não se conheciam. E ela apresentou-os.

A conversa entre os três torna-se difícil. Por isso Luís despede-se.

- Se me dá licença... (Tinha olhado primeiro o relógio).

«Depois acrescentou:»¹⁵⁵⁷

- Pois quando a colega quiser... Ah! Já me ia a esquecer. Sabe que a Conceição já cá não está?...

«(Ele falava, como se a Conceição não fosse a rapariga que era, e as relações de Luísa com ela»¹⁵⁵⁸ nada tivessem de extraordinário).

- Já cá não está?

- Não. Desapareceu, não se sabe para onde...

Luís abalou. Luísa teve pena. O Rui é que tivera a culpa e por isso ela aturou-o com um pouco de enfado.

- Mas queria você...

-... que a Luísa me «desse aquele livro que lhe emprestaram.»¹⁵⁵⁹ «O que trata»¹⁵⁶⁰ daquela questão de que nós há dias falámos.

¹⁵⁴⁹ [A] dum mistério profundo. <Quasi>

¹⁵⁵⁰ [A] o fumo.

¹⁵⁵¹ [A] <†> Namoricos...

¹⁵⁵² [A] mais[.]

¹⁵⁵³ [A] <humanas> verdadeiramente humanas <a>/o\ seu desejo <parava> esbarrava

¹⁵⁵⁴ [A] E compreendeu uma vez mai<z>/s\

¹⁵⁵⁵ [A] Ou não...

¹⁵⁵⁶ [A] - Boas tardes Luiza<...>/!\

¹⁵⁵⁷ [A] Despedia-se. Depois <adiantou> acrescentou:

¹⁵⁵⁸ [A] <(Para quê aquela observação? Como se Conceição fosse>

(Ele falava, como se Conceição [↑ não] fôsse a rapariga que <*com>/era\ e a[s] <má companhia> [↑ relações de Luiza] com ela

¹⁵⁵⁹ [A] <l>/\esse <o>/este\ livro que me emprestaram.

¹⁵⁶⁰ [A] Trata

- Que questão?

- Isso de religiões.

- Ah!...

Rui sentiu-se impertinente. Mas conseguiu acrescentar num desabafo:

- Você nunca mais se dignou conversar comigo...

「- Ó Rui...¹⁵⁶¹ Aí volta você...

- Sim, 「mas¹⁵⁶² quero dizer: conversar doutra maneira. 「Como costumava...¹⁵⁶³

- Tudo tem fim, meu caro. Já não há nada a dizer. Você está curado do seu desgosto, desse desgostozinho amoroso...

「Aí estava,¹⁵⁶⁴ pensou Rui. «Quando 「já¹⁵⁶⁵ não tivermos nada que dizer...» Ele 「previra o fim.¹⁵⁶⁶

Luísa atou:

「- Bem, adeus.¹⁵⁶⁷ Tenho de ir à Baixa.

E 「desceu a¹⁵⁶⁸ Baixa. No caminho encontrou 「Amélia. E perguntou:¹⁵⁶⁹

- Então que tem feito? Não tem aparecido...

Ela respondeu triste:

「- Olhe, nada, ou quase nada...¹⁵⁷⁰ E a Luísa? É verdade, 「ainda não lhe dei os parabéns...¹⁵⁷¹ (Disse isto com um sorriso magoado e uma tristeza 「funda¹⁵⁷² na alma). Já sei que 「tem namoro...¹⁵⁷³

- Namoro? (「riu¹⁵⁷⁴ prazenteira) com quem?

- Com o Rui...

- Com o 「Rui?¹⁵⁷⁵

¹⁵⁶¹ [A] - <Oh>/Ó\ Rui...

¹⁵⁶² [A] mas...

¹⁵⁶³ [A] [Como costumava[↓ ...]

¹⁵⁶⁴ [A] <<>/Aí\ estava -

¹⁵⁶⁵ [A] [↑ já]

¹⁵⁶⁶ [A] previra <:/o\ fim.

¹⁵⁶⁷ [A] - Bem adeus.

¹⁵⁶⁸ [A] Desceu para a

¹⁵⁶⁹ [A] Amélia <:/E\ perguntou:

¹⁵⁷⁰ [A] - Olhe, nada. Ou quási nada...

¹⁵⁷¹ [A] ainda lhe nem dei os parabéns<:/...\

¹⁵⁷² [A] <mais> funda

¹⁵⁷³ [A] <arranjou> <um>/tem\ namôro...

¹⁵⁷⁴ [A] <r>/R\iu

¹⁵⁷⁵ [A] Rui?!...

「XIV¹⁵⁷⁶

「FERNANDO¹⁵⁷⁷ entreabriu a porta do quarto:

- Pode-se?

- Ó meus 「caros¹⁵⁷⁸ amigos!... 「Entrem! Entrem¹⁵⁷⁹ e sentem-se para 「aí. Olhem, ali na cama... ou na mala...¹⁵⁸⁰ Eu estou aqui a acabar uma carta...

- Acaba lá a carta 「à vontade, homem...¹⁵⁸¹

「Vladimiro¹⁵⁸² Calado voltou a vergar a larga testa sobre a carta, 「rasgando¹⁵⁸³ a boca num esgar horrendo, como se estivesse a insultar a pessoa a quem a dirigia. Fernando estirou-se regaladamente na cama de ferros barulhentos, enquanto Rui 「se pousava, mimoso, na borda da mala ajoujada de livros e revistas.¹⁵⁸⁴

O quarto era 「amplo, mas as três¹⁵⁸⁵ janelas por que respirava estavam quase sempre fechadas, enfrascando o fumo que saía continuamente dos alentados cigarros do 「Vladimiro.¹⁵⁸⁶

- Não se pode abrir uma janela? Está isto cheio de 「fumo.¹⁵⁸⁷ Quem vem de fora é que nota...

- Podes abrir aquela lá do fundo.

Por todos os cantos andavam semeados livros 「de que o Vladimiro¹⁵⁸⁸ não lia senão as primeiras 「páginas.

Ao fundo,¹⁵⁸⁹ uma estante alta barrava a parede até meio com grossos tratados que acumulavam o saber de todas as gerações... E sobre a mesa de estudo, 「mesa¹⁵⁹⁰ de cabeceira, 「guarda-roupa e no chão, empilhavam-se, numa desordem babélica,

¹⁵⁷⁶ [A] [fol.136] 14

¹⁵⁷⁷ [A] Fernando

¹⁵⁷⁸ [A] car<†>/os\

¹⁵⁷⁹ [A] Entrem[! ↑ Entrem]

¹⁵⁸⁰ [A] aí<...>[↑ Olhem ali] na cama... <†>/ou| ns mala...

¹⁵⁸¹ [A] à vontade<...>/,\ [homem...]

¹⁵⁸² [A] Ramiro

¹⁵⁸³ [A] <*a bo> rasgando

¹⁵⁸⁴ [A] se pousava com delicadeza na borda da mala ajoujada <*<por uma>/de\ <barafunda>> jornais, revistas e folhas de sebenta.

¹⁵⁸⁵ [A] amplo[. ↓ Mas as] três

¹⁵⁸⁶ [A] Ramiro.

¹⁵⁸⁷ [A] fumo...

¹⁵⁸⁸ [A] [↑ de] que o Ramiro

¹⁵⁸⁹ [A] páginas. Ao fundo,

¹⁵⁹⁰ [A] [↑ mesa]

romances do Eça, diálogos de Platão, trovas do Bandarra, varias edições do «*Discurso do Método*» de Descartes...

Nas paredes¹⁵⁹¹ que resistiram à invasão dos livros, chapava-se um ror de fotografias de flores, de meninas e de touradas...

「Rui,¹⁵⁹² que não tinha ainda muita confiança com 「Vladimiro,¹⁵⁹³ folheava timidamente 「um¹⁵⁹⁴ ou outro livro: «*O Menino do Engenho*» 「¹⁵⁹⁵ José Lins do Rego, 「Padre António Vieira - «*Sermões*» Vol. II, «*Le Feu*» - Henri Barbusse...¹⁵⁹⁶

- Pronto! Estou às vossas ordens... Podem começar...

Rui 「meteu¹⁵⁹⁷ discretamente a mão 「ao bolso,¹⁵⁹⁸ para se certificar de que 「não tinha esquecido as¹⁵⁹⁹ suas produções literárias.

Fernando era de opinião que se 「lessem¹⁶⁰⁰ primeiramente uns trechos de qualquer 「escritor.¹⁶⁰¹

- Tu não tens aí 「nada à mão¹⁶⁰² que seja interessante?

「Vladimiro¹⁶⁰³ lançou um olhar redondo por sobre os depósitos da 「ciência e da arte.¹⁶⁰⁴

「- Meus senhores, muito boa noite!¹⁶⁰⁵

- Ó tu! Entra. Ah! Ah! Estamos a iniciar os tais «chás». Ah! Ah! Vocês não se conhecem?

- De 「vista...¹⁶⁰⁶ disseram.

- Abel Faria e Fernando qualquer coisa 「(Cunha, emendou o outro), grande romancista,¹⁶⁰⁷ e aqui é o nosso amigo... desculpe, mas... o seu nome...

¹⁵⁹¹ [A] guarda roupa<,>/e\ no chão <†>/empilhavam-se\ numa desordem babélica romances <com [↑ livros de] filosofia> [↓ do <†>/Eça\, <com os>] diálogos de Platão, Trovas de Bandarra, <†> [↑ várias edições do] discurso do Método de Descartes... <Pelas>/Nas\ paredes

¹⁵⁹² [A] Rui

¹⁵⁹³ [A] Ramiro,

¹⁵⁹⁴ [A] <†>/um\

¹⁵⁹⁵ [A] <de>-

¹⁵⁹⁶ [A] <Sermo> P^e António Vieira – Sermões Vol. II...

¹⁵⁹⁷ [A] <palpou> [↑ meteu]

¹⁵⁹⁸ [A] ao bolso

¹⁵⁹⁹ [A] <se> não tinha esquecido <das>/as\

¹⁶⁰⁰ [A] lesse

¹⁶⁰¹ [A] <pensador> [↑ escritor].

¹⁶⁰² [A] ²à mão ¹nada

¹⁶⁰³ [A] Ramiro

¹⁶⁰⁴ [A] ciência...

¹⁶⁰⁵ [A] - [↑ Meus senhores muito] /b\oa noite!

¹⁶⁰⁶ [A] Vista-

- Rui Marcos Antunes.

- Rui; justamente... Pois julguei que não vinhas... 「Sabem que este homem é o poeta encoberto... Poeta de poesia sumida...」¹⁶⁰⁸

O novo 「«literato»」¹⁶⁰⁹ era um rapaz alto e 「amplo」,¹⁶¹⁰ com óculos doutorais e cabelos brancos na cabeça 「levantada」.¹⁶¹¹ 「Chamavam-lhe a «irmã siamesa» do Vladimiro. Ele indagou:」¹⁶¹²

- Então os 「ilustres」¹⁶¹³ confrades já apresentaram as suas produções?

E ria lhanamente, 「paternalmente, como a abarcar, com o seu riso」,¹⁶¹⁴ tudo o mais da «Confraria».

- Aqui o Fernando preferia ler 「primeiro」¹⁶¹⁵ qualquer coisa de um 「filósofo」.¹⁶¹⁶

¹⁶¹⁷Ele emendou:

- Pode não ser de um filósofo... 「E, se queres que te diga, cada vez embirro mais com os filósofos. Palavreado, habilidades e a vida continua na mesma...」¹⁶¹⁸

- Então lê lá umas coisas do Nietzsche - pediu Faria.

Leu-se Nietzsche. Pesou-se Nietzsche. 「Quase se diria que se saboreou Nietzsche...」¹⁶¹⁹

- Bom. Agora vamos lá ao resto.

Rui, que era por assim dizer o único hóspede, foi o primeiro 「a ser」¹⁶²⁰ convidado. Ele acedeu. Procurou sorrir como quem levava o caso para a *laracha* 「e...」¹⁶²¹

- Bem. Lá vai então...

¹⁶⁰⁷ [A] (Cunha - <†>/acrescentou\ o outro) grande romancista

¹⁶⁰⁸ [B] [¿] Sabem que este homem é o poeta encoberto... Poeta de poesia sumida[!]....

¹⁶⁰⁹ [A] “<rom>/lite\rato”

¹⁶¹⁰ [A] amplo

¹⁶¹¹ [A] alevantada

¹⁶¹² [A] <Ele indagou:>[↑ Chamavam-lhe a “irmã siameza de Ramiro. Ele indagou:

¹⁶¹³ [A] [↑ ilustres]

¹⁶¹⁴ [A] <†>/paternalmente,\ como a abarcar <no>/com o\ seu riso

¹⁶¹⁵ [A] [↑ primeiro]

¹⁶¹⁶ [A] filósofo

<E *repôs o *parecer de Fernando quanto à ordem da leitura>

¹⁶¹⁷ [A] [fol. 137]

¹⁶¹⁸ [omisso em A]

¹⁶¹⁹ [A] <Deu a impressão>[↑ Quási se diria] que se sabore<ava>/ou\ Nietzsche...

¹⁶²⁰ [A] [↑ a ser]

¹⁶²¹ [A] e <começou:> [...]

A HISTÓRIA QUE FICOU DE TODAS AS TERAS¹⁶²² PERDIDAS

Sempre igual

E sempre estúpida...

Sempre igual!

Era uma vez

Um homem e uma mulher...

*Não é preciso mais:*¹⁶²³

Que a chaga rebentará

E com ela aquela Luz

*Que a há-de conhecer*¹⁶²⁴

A cada instante da vida...

- Dão licença?

O Rodrigues. «Oh! que valente espiga!»¹⁶²⁵ Aquele indivíduo parecia trazer o azar «no corpo.»¹⁶²⁶ Porque diabo não viria «ele»¹⁶²⁷ uns segundos mais «tarde»,¹⁶²⁸ quando Rui tivesse acabado de recitar? Agora... «favas!»¹⁶²⁹ O silêncio acabou, toda a gente se virou para o Rodrigues e o Rui ali estava com a papeleta na mão e o ar compenetrado de quem sente profundamente aquela triste história que contava.

«- Homem»,¹⁶³⁰ tu vens hoje com os adornos todos... (o alfinete da gravata, o anel com uma pedra «amarela»¹⁶³¹ que ele garantia «ser»¹⁶³² topázio, e o relógio de pulso).

- Tudo resgatadinho hoje das mãos dos infiéis... (Do «prego...»¹⁶³³) Vocês imaginam lá o que me aconteceu?... Eu dou em doido!... É fantástico!... («espalmava, na testa, a mão aberta, com os dedos grandes espetados».)¹⁶³⁴

«- Homem»,¹⁶³⁵ conta antes de endoideceres...

¹⁶²² [A] <†>/eras\

¹⁶²³ [A] mais;

¹⁶²⁴ [A] <[← para]> que <sempre> [↑ a há-de] <a conheça> [↑ conhecer]

¹⁶²⁵ [A] <Que azar tremendo.> [↑ Oh! Que valente espiga.]

¹⁶²⁶ [A] <nele> [↑ no corpo.]

¹⁶²⁷ [A] <†> [↑ ele]

¹⁶²⁸ [A] tarde

¹⁶²⁹ [A] favas

¹⁶³⁰ [A] - Homem

¹⁶³¹ [A] [↑ amarela]

¹⁶³² [A] <de>

¹⁶³³ [A] prego

¹⁶³⁴ [A] espalmava na testa a mão aberta com os dedos grandes espetados.

¹⁶³⁵ [A] - Homem

Era Fernando que sustentava o diálogo.

- Conheci hoje uma 「inglesa, uma coisa boa!¹⁶³⁶ Vocês não fazem ideia... Ui!...

Eu nem sei como hei-de contar...

Tornava a espalmar a mão. Tornava a «dar em doido».

「- Homem, conta de qualquer maneira!¹⁶³⁷ Mas conta...

- É uma mulher que é um 「colosso...¹⁶³⁸ Tem bago como cisco... Calculem que está no Astória... Pois hoje vou lá dormir... É uma coisa 「brutal!... Eu ando doido...¹⁶³⁹

「- Lá dormir?!!!¹⁶⁴⁰

Todos invejaram 「surdamente¹⁶⁴¹ o Rodrigues. 「E viram, para além dele, uma rapariga áspera e sadia, de carne e aveludada e morna, gemendo baixinho entre sedas e rendas...

- Mas como é que arranjaste tu isso?¹⁶⁴²

- Não 「sei.¹⁶⁴³ Foi assim uma coisa do pé para a mão. Mas é um 「colosso!¹⁶⁴⁴

Vocês não imaginam. Um colosso! Não imaginam! Não podem imaginar...

O Faria, calmamente, 「garantiu:¹⁶⁴⁵

- Cá por mim, 「pode ficar descansado que imagino...¹⁶⁴⁶

- Ah! Ah! Ah!

- Ah! Ah! Ah!

「Ele nem por isso deixou¹⁶⁴⁷ de «dar em doido» e de espalmar a mão na testa.

- É brutal... Mas só às 「11 é¹⁶⁴⁸ que vou para baixo. Vim para 「aqui fazer horas...¹⁶⁴⁹

¹⁶³⁶ [A] inglesa... uma coisa boa!

¹⁶³⁷ [A] - [↑ Homem,] <C>/c\onta de qualquer maneira, <homem>!

¹⁶³⁸ [A] Colosso<, >...

¹⁶³⁹ [A] brutal... [Eu ando doido...]

¹⁶⁴⁰ [A] [↑ Lá dormir?!!!]

¹⁶⁴¹ [A] <surd> surdamente

¹⁶⁴² [A] <[*E viram para alem dele uma mulher fresca e fl<†>/exível\, [↑de carne aveludada e morna] suspirando sobre os lençóis perfumados]> [E viram [↑ (ouviram)] para além dele uma rapariga <fresca> [↑ áspera] e sadia, de carne aveludada e morna, gemendo baixinho entre <<os>/as\> <lençóis perfumados...> [↑ sedas e rendinhas...]

- Mas como é que arranjaste tu isso? [Acrecento no verso da folha com a indicação (Volte)]

- Mas como é que arranjaste [↑ tu] isso?

¹⁶⁴³ [A] Sei...

¹⁶⁴⁴ [A] colosso,

¹⁶⁴⁵ [A] explicou:

¹⁶⁴⁶ [A] <††>/pode ficar\ descansado que imagino...

¹⁶⁴⁷ [A] <Ele> [↓Mas Rodrigues] <não> [↑ nem por isso] deixou

¹⁶⁴⁸ [A] 11 <horas> é

「Vladimiro¹⁶⁵⁰, já feito do espanto, pediu:

- Continue lá 「você¹⁶⁵¹ a ler o poema.

¹⁶⁵²Rodrigues tinha-se sentado na cama. Rui 「repetiu¹⁶⁵³ apressadamente a leitura 「da poesia até onde tivera de parar. Depois continuou,¹⁶⁵⁴ erguendo o sobrolho e ciciando em segredo:

Se ao menos viesse a noite

Com seu manto de bondade

E ocultasse a estrada negra

Por onde correm os homens

Naquela esperança inútil

Da Fonte Miraculosa

E Encoberta...

Mas não.

Quando a noite descer,

De todos esses mundos restarão apenas

Montões de carne podre

Que fedem...

- Que quê? 「Que quê? -¹⁶⁵⁵ perguntou Rodrigues.

Era a piada rançosa. Mas a pergunta 「inutilizou-se no ar,¹⁶⁵⁶ porque 「Vladimiro¹⁶⁵⁷ acudiu:

「- Razoável. No género, claro.

Fernando, porém, era intolerante. Não admitia que aquele chalado do Rui se pusesse a lacrimejar sobre a sua sorte. Caramba! Todos os abraços, todos os músculos eram necessários na luta, na grande luta. Esperança inútil? Não, não, mil vezes não!

¹⁶⁴⁹ <*fa> aqui fazer ↓horas...

¹⁶⁵⁰ [A] Ramiro,

¹⁶⁵¹ [A] [↑ você]

¹⁶⁵² [A] [fl. 138]

¹⁶⁵³ [A] <leu> [↑ repetiu]

¹⁶⁵⁴ [A] d<o>/a\ <poema> [↑ poesia] até onde [↑ tivera de] para<ra>/r\ <e> [.] <d>/D\epois continuou

¹⁶⁵⁵ [A] [↑ que quê? -]

¹⁶⁵⁶ [A] <ficou>[↑ inutilizou-se] no ar,

¹⁶⁵⁷ [A] Ramiro

- Canudo! Saí de ti! Vem para a rua estudar a vida e verás que tu és um ponto, uma molécula... Uma molécula que não vale tanta lágrima. Não gemas, menino! Sê teso! Deixa-te de lamúrias!

Rodrigues começava a perceber que o Fernando ia embalado na pregação. Por isso advertiu:

- Põe lá a rolha.

Ninguém achou graça e Fernando não precisou de se irritar. Vladimiro abriu:

- Lê lá agora tu umas páginas do romance.¹⁶⁵⁸

「Mas Fernando não quis. Aquele Rodrigues era intolerável:

- Não, lê tu...¹⁶⁵⁹

「- Ai,¹⁶⁶⁰ vocês estão com cerimónias? Pois vou ler eu! (era o Faria).

(- Dá licença, senhor doutor?

- Entra!

A criada 「entrou, e logo todos os olhos (menos os do patrão Vladimiro)¹⁶⁶¹ lhe contornaram as nádegas e 「os seios¹⁶⁶², que afirmavam exageradamente a sua presença. 「Ela segurava na mão esquerda uma bandeja de bolos e equilibrava, na direita, um tabuleiro meio¹⁶⁶³ coberto por um guardanapo.

- É um amor...

- Que lindos olhos...

「Vladimiro¹⁶⁶⁴ cortou os galanteios:

- Põe-te lá na 「rua, num instante!¹⁶⁶⁵

Ela 「recalcitou,¹⁶⁶⁶ meigamente:

- Oh!...)

¹⁶⁵⁸ [omisso em A] No género não é mau... Claro, gostos são gostos. Que este poema [↑ ainda assim] tem um certo sentido <*moral> [↑ humano], bastante humanidade <...>/\ [↑ mesmo...] Lê lá agora tu umas páginas do romance.

¹⁶⁵⁹ [A] Fernando <†>/delegou\ em Ramiro:

- Não lê tu...

¹⁶⁶⁰ [A] -Ai

¹⁶⁶¹ [A] entrou e [↑ logo] todos os olhos [↑ (menos os do patrão Ramiro)]

¹⁶⁶² [A] os seios

¹⁶⁶³ [A] [↑ Ela] <Equilibrava>/Segurava\ na mão esquerda <†> [↑ uma] bandeja de bolos e equilibrava na direita um tab<o>/u\leiro [↑ meio]

¹⁶⁶⁴ [A] Ramiro

¹⁶⁶⁵ [A] rua<:> [, num instante!]

¹⁶⁶⁶ [A] recalcitou

Faria puxou ʃde um *dossier* onde o Vladimiro¹⁶⁶⁷ lhe ia acumulando as produções poéticas. Depois leu um ʃpoema longo,¹⁶⁶⁸ que falava de porões de navio, de aço e carvão. Foi ele mesmo que fez ʃa crítica,¹⁶⁶⁹ logo após a leitura:

- Isto, meus caríssimos amigos, é do que há de melhor... ʃ(Riu).¹⁶⁷⁰

ʃVladimiro atacou de voz dura¹⁶⁷¹ e gestos rijos:

ʃ*Eu vim sozinho*

Mas vim!

Minha voz se fendeu em mil brados de pregão

E os homens me ouviram apenas nos seus olhos,

Porque viram os meus gestos, a minha boca rasgada,

Meus olhos esgazeados,

Mas as palavras caíram como em rocha negra e estéril...

Por isso vim sozinho

Mas vim!

E é só essa a minha glória...

Que os homens continuarão a beber o ar infecto

E a roer os seixos duros

Que deviam ser as armas...

Vim sozinho.

Mas vim,

Porque eu nascera pra vir...¹⁶⁷²

¹⁶⁶⁷ [A] dum “Classificador” [ʃ dossier] onde o Ramiro

¹⁶⁶⁸ [A] poema longo

¹⁶⁶⁹ [A] a crítica

¹⁶⁷⁰ [A] (Ria).

¹⁶⁷¹ [A] Ramiro atacou de voz empolada

¹⁶⁷² [A]

Eu vim sozinho (Pausa)

Mas vim! (A afirmação fazia-o vibrar todo)

Minha voz se <rasgou>/fendeu\ em mil brados de pregão

E todos os homens me ouviram apenas nos seus olhos

Porque viram os meus gestos,

a minha boca rasgada,

meus olhos esgazeados, (esgazeava os olhos)

mas as palavras caíram como em rocha negra e estéril...

「Rui reparou que Vladimiro vibrava com a mesma fúria de Fernando. Os olhos reluziam-lhe com um ódio delicado e, através da leitura, quase se adivinhava um ranger de dentes e um fogo devorador. Sim, Vladimiro sentia, Vladimiro tinha posto na sua composição a voz tempestuosa do seu sangue e dos seus nervos em brasa.¹⁶⁷³ 「Mas Rui comentou apenas:¹⁶⁷⁴

- Você recita formidavelmente bem...

Fernando emendou:

- Não, não. O poema é bonzinho... muito bonzinho mesmo...

A irmã siamesa de 「Vladimiro advertiu:¹⁶⁷⁵

「- Ai¹⁶⁷⁶ você disse-lhe que era bom? Está perdido... Nunca mais o larga enquanto lhe não ler os poemas todos. Você já viu o volume da papelada? É uma coisa 「tremenda!¹⁶⁷⁷ Tem dias de fazer 「catorze¹⁶⁷⁸ poemas. Veja que fecundidade...

「Vladimiro ria, contemporizando. Ele censurou:¹⁶⁷⁹

- Homem, 「isto não é nada para rir.¹⁶⁸⁰ Este poema que leste é uma grandessíssima 「droga...¹⁶⁸¹ «Eu vim sozinho...» Mas quem te mandou vir sozinho? Vinhas de 「comboio,¹⁶⁸² que traz sempre muita gente... Depois, sabem, 「onde¹⁶⁸³ ele nos leva é na recitação. Incha a garganta, faz aqueles gestos que vocês viram, e pronto. 「Mas comigo¹⁶⁸⁴ já não arranjas vida...

Por isso vim sozinho.

Mas vim!

[fol. 139] (Com tristeza) : *E é só essa a minha glória...*

Que os homens continuarão a beber o ar infecto

E a roer os seixos duros

Que deviam ser as <†>/ armas\...

(Quási alquebrado) - *Vim sozinho.*

Mas vim,

porque eu nascera pra vir...

¹⁶⁷³ [omisso em A]

¹⁶⁷⁴ [A] Imediato comentário de Rui:

¹⁶⁷⁵ [A] Ramiro <discordou:> [↑ comentou]

¹⁶⁷⁶ [A] <Você>/Ai\

¹⁶⁷⁷ [A] <†>/tremenda\!

¹⁶⁷⁸ [A] 14

¹⁶⁷⁹ [A] Ramiro ria. [Ele advertiu:]

¹⁶⁸⁰ [A] <†>[↑ isto não é] nada <†>/para\ rir.

¹⁶⁸¹ [A] <merda>/me...\

¹⁶⁸² [A] combóio

¹⁶⁸³ [A] <†>/onde\ <é que>

¹⁶⁸⁴ [A] Mas <ele> comigo

「Todos compreenderam que Faria brincava. Porque Faria também trouxera, na sua mensagem, um grito forte e sadio.¹⁶⁸⁵

O trecho do romance que Fernando 「leu¹⁶⁸⁶ veio publicado no jornal literário que lançaram daí a dias. 「Ele explicara pela centésima vez que se tratava de um romance novo, ou melhor, de uma novela construída em moldes novos. (Qual a diferença entre uma novela e um romance? Problema em aberto). Havia um camponês que lutava na esperança forte de melhores dias, que haviam de chegar. O filho, que levava uma vida de aventureiro (tinha andado por Espanha e dizia-se até que combatera na revolução), lutava de outra forma. Queria que a terra lhe desse tudo quanto é necessário como dá aos outros, e não apenas flores e tojos. Por isso rouba.

- No fim, morre na cadeia. Mas o seu desespero não foi útil. O trecho que lhe vou ler e...

- Lê lá, e deixa-te de explicações, se não, nunca mais acabas. (Pela segunda vez o Rodrigues dava acordo de si).¹⁶⁸⁷

Foi no primeiro 「chá que¹⁶⁸⁸ se resolveram alguns problemas 「respeitantes¹⁶⁸⁹ ao jornal:

- Quem é que colabora no primeiro número? - 「Indaga¹⁶⁹⁰ Fernando.

「Vladimiro explica:¹⁶⁹¹

- Então... colaboras tu, o Rui, 「(era um favor extraordinário que Rui não sabia como agradecer)¹⁶⁹² o Abel, eu, e talvez uns dois ou três indivíduos mais... 「É

¹⁶⁸⁵ [omisso em A]

[x

xx]

¹⁶⁸⁶ [A] leu

¹⁶⁸⁷ [A] [Ele explicara <cen>/pela\ centésima vez que [↑ se tratava] dum romance novo, ou melhor, duma novela construída em moldes novos. Havia um camponês que <†>/lutava\ na esperança [↑ vaga] de melhores dias, que nunca chegaram. O filho que <†>/tivera\ [↓ levava] uma vida de aventureiro <,> [↑ (tinha) andado por Espanha e dizia até que combatera na revolução), lutava de outra forma. Queria que a terra lhe desse tudo o que é necessário como dava flores e tojos. No fim morre na cadeia. O trecho que <vo<>/lhe\ vou ler é...

- Lê lá, que é melhor. (Pela 2ª ou 3ª vez o Rodrigues dava acôrdo de si) [*Acrecento no verso da folha com a indicação (Volte)]*

¹⁶⁸⁸ [A] “chá” [↑ que]

¹⁶⁸⁹ [A] <que> respeita<vam>/ntes\

¹⁶⁹⁰ [A] Indagou

¹⁶⁹¹ [A] Ramiro explicou:

¹⁶⁹² [omisso em A]

verdade:¹⁶⁹³ e se a gente pedisse ao 「Miranda¹⁶⁹⁴ Serrano que nos desse qualquer coisa...
Hã?

- Qual 「Miranda!...¹⁶⁹⁵ tu és doido. Um sujeito que já passou a escrever vidas de santos...

Fernando não concordava. Para ele, escrever *vidas de santos* era 「dizer *Amen*.¹⁶⁹⁶

- lembra-te do Eça: 「vidas de santos, e acabou-se.¹⁶⁹⁷ Coisas novas! Gente nova!

- Mas afinal (era o Rui) 「qual¹⁶⁹⁸ é o nome do jornal?

Ele 「está inchado com a aceitação que o seu poema vai ter num jornal¹⁶⁹⁹ literário. Por isso mostra-se interessado, curioso...

「Vladimiro¹⁷⁰⁰ esclarece que o jornal propriamente não era novo...

- Você sabe lá o dinheirão que custa mudar o título a um jornal? É uma coisa fantástica... 「Ora¹⁷⁰¹ é claro, havia aí um jornal que tinha morrido, «*O Combatente*», não 「sei¹⁷⁰² se já conhecia, e nós aproveitámos. É já a segunda ou terceira série, porque já 「morreu duas ou três vezes...¹⁷⁰³ Não imagina o que custa aguentar um jornal. É uma coisa aflitiva... Imprimem-se 500 exemplares...

-... e vendem-se 50 (O Faria). E porquê? 「Vocês arranjam-me¹⁷⁰⁴ sempre uns jornais literários que são uma 「droga... Autenticamente uma droga...¹⁷⁰⁵ Vocês vão ver. Sai o primeiro número com duas ou três coisas que 「se¹⁷⁰⁶ salvam, o segundo já não traz nada que preste, e ao terceiro acabou.

¹⁶⁹³ [A] É verdade,

¹⁶⁹⁴ [A] <†>/Miranda\

¹⁶⁹⁵ [A] <†>/Miranda!\

¹⁶⁹⁶ [A] <††>/dizer Amen.\

¹⁶⁹⁷ [A] Vidas de Santos e acabou.

¹⁶⁹⁸ [A] <como>/qual\

¹⁶⁹⁹ [A] est<ava>/á\ inchado com a aceitação que o seu poema <ia>/vai\ ter n<o>/um\ jornal

¹⁷⁰⁰ [A] Ramiro

¹⁷⁰¹ [A] <†>/Ora\

¹⁷⁰² [A] [↑ sei]

¹⁷⁰³ [A] <†††[↓ que] †...>/morreu duas ou três vezes...

¹⁷⁰⁴ [A] [↑ Vocês] <†> /Arr\[anjam-me]

¹⁷⁰⁵ [A] mer... <a>/A\utênticamente uma mer...

¹⁷⁰⁶ [A] [↑ se]

「Fosse como fosse, o certo é que o primeiro número de «*O Combatente*» estava ali, carregado de boa prosa e boa poesia.¹⁷⁰⁷ (O Faria afirmava que a «melhor coisinha 「do jornal,¹⁷⁰⁸ ainda assim, era o papel e os seus versos. Isto sem favor...») Mas a atenção da maioria prendeu-se 「aos versos do Vladimiro e à novela do Fernando, que já fora romance...¹⁷⁰⁹

«Agora, António (começava assim o trecho da novela) olhava a vida dura ao golpe fundo e áspero 「de uns¹⁷¹⁰ olhos frios que tinham 「morrído, aos poucos,¹⁷¹¹ na aventura de longas fomes mordidas... 「Seu riso afiado dissecava as fibras dos camponeses da sua aldeia que refocilavam na terra sórdida e inútil, podres da crosta que o suor lhes acumulava no lombo, e da prisão escura carregada de um ar denso e pestoso».¹⁷¹²

- Adjectivos... mais adjectivos. Voltámos ao século dezanove. 「(Era um literato das *psicologias*).¹⁷¹³

「- Não.¹⁷¹⁴ Isto agora já se lê com um certo agrado: períodos longos... 「Enfim... (Era um literato dos de *conserva*).¹⁷¹⁵

«E todavia António sabia que aqueles homens da aldeia podiam lavar o suor, lavar as feridas e levantar os olhos da lama do chão. Estirado 「num banco da taberna, sentia-se um apóstolo, quando, pelo canto da boca, onde se pegava uma ponta de cigarro apagado, dizia, em voz fadista e cansada, para os homens que o olhavam espantados:¹⁷¹⁶

«- Vocês são uns trouxas! 「Serão sempre uns miseráveis...¹⁷¹⁷

¹⁷⁰⁷ [A] Fôsse como fôsse o que <era>/é\ certo <era>/é\ que o primeiro <††> [↑<número>] [↓ número] [↑ de «*O Combatente*»] estava ali carregado de boa prosa e <de> boa poesia.

¹⁷⁰⁸ [A] [↑ do jornal]

¹⁷⁰⁹ [A] <à>/a\os versos o Ramiro e <ao>/à\ <romance>/novela\ do Fernando.

¹⁷¹⁰ [A] duns

¹⁷¹¹ [A] morrido aos poucos

¹⁷¹² [A] Seu riso era afiado e disse<†>/cava\ as fibras dos <aldeões>[↑ camponeses] da sua aldeia que refocilavam na terra sórdida e inútil, pôdres da crosta que o suor lhes <punha> acumulava no lombo e da prisão escura <onde>/que\ nem o sol [↑ distante] nem o <sol>/ar\ [↑ pestoso] lavavam.

¹⁷¹³ [A] [<(Todavia> (Era um literato das *psicologias*)]

¹⁷¹⁴ [A] -Não...

¹⁷¹⁵ [A] [Enfim... (Era um literato [↑ dos] de “*conserva*”)]

¹⁷¹⁶ [A] num <- Vocês são uns trouxas...> banco da taberna <olhav-o> [↑ ele] sentia-se o apóstolo de ideias novas quando pelo canto da boca onde se pegava uma ponta de cigarro apagado dizia em voz fadista [e cansada para os <†>/hom\ens que ↓ o olhavam espantados]

¹⁷¹⁷ [A] Andam para aí uma vida inteira agarrados à enxada... E para quê? O trabalho é bom prò preto...

「«A terra que paria¹⁷¹⁸ as rochas ventradas cobria-se aqui e ali de mansas oliveiras e 「de¹⁷¹⁹ searas fulvas que davam o pão negro e o pão branco... 「Mas¹⁷²⁰ os muros fechavam as oliveiras e o pão...»

(- Cá está a notazinha 「política...¹⁷²¹ Mas quando é que esta gente porá de lado a porca da politiquice? Faça-se política em artigos políticos e deixe-se a arte livre... 「Carambinha!¹⁷²² Cada coisa no seu lugar!

Neste ponto estava muita gente de acordo. 「O Rui não compreendia sobretudo, muito bem, a razão por que este vago António, que andara por Espanha, estava agora ali na aldeia, a chamar trouxas aos outros).¹⁷²³

«Quando as casa tivessem um só andar e os muros 「se esfarelassem como torrões ressequidos,¹⁷²⁴ todas as bocas entoariam canções sonoras que abalariam os montes e fecundariam as rochas. Os homens 「caminhariam abraçados¹⁷²⁵ e a terra daria frutos sem que a enxada lhe rasgasse o ventre».

(- Influência de Vergílio... A idade 「do¹⁷²⁶ oiro, lembrás-te? - eram dois clássicos). 「Etc.¹⁷²⁷

「Apenas saíram dois números de «*O Combatente*». As poesias de Abel Faria tomaram de novo o caminho do *dossier* de Vladimiro, que falava agora na «crassa estupidez destes senhores que só entendem de futebol...»¹⁷²⁸

¹⁷¹⁸ [A] A terra <dos>/que\ <*serros a>

¹⁷¹⁹ [A] <por>/de\

¹⁷²⁰ [A] mas

¹⁷²¹ [A] vermelhusca...

¹⁷²² [A] <<Carambinha!>/Caramba!> [↓ Carambinha!]

¹⁷²³ [A] <E>/O\ [↑ que] Rui não compreendia <bem porque é que este> [↑ sobretudo muito bem a razão por que este] vago António, que andara /por\ Espanha estava ali agora na aldeia a chamar trouxas aos outros.)

¹⁷²⁴ [A] <se esboroassem> se esfarelassem como um torrão ressequido

¹⁷²⁵ [A] <dariam †> [↑ caminhar] <enlaçados> abraçados

¹⁷²⁶ [A] de

¹⁷²⁷ [A] Etc. Etc. Etc.

x

xx

¹⁷²⁸ [A] <- O teu <artigo> [↑ romance] não agradou... Na verdade há ali umas frases que cheiram a esturro...

- Ó pá! Mas eu não era nada disso que queria dizer. Tu [↑ bem] sabes como acaba a história... O rapaz morre na cadeia... <†> Eu tenho outras ideias... Que diabo...

-
- [↑ Foi uma espiga...] <*Mas>/que\ eu, claro, não gramo [↑ a] arte pela arte... mas <evidentemente que> [↑ para mim] humanidade é uma coisa bem diferente <do que se julga> [↓ ... é... como dizer?]
- Eu sei, eu sei bem...> [x

xx

Apenas saíram dois números de O Combatente. As poesias de Abel Faria tomaram de novo o caminho do <Classificador> [↑ dossier] de <Ramiro> [↓ Vladimiro] que falava agora na «crassa estupidez dêstes senhores que só <pensam em> [↑ entendem] de futebol...»] [*A crescenta no verso da folha com a indicação (Volte)*]

Um dia Lúcio adoeceu.

Logo na manhã seguinte lhe bateu à porta um sujeito de meia idade que 「a serviçal mandou¹⁷³⁰ entrar.

- Não é aqui que mora um estudante que está doente?

O médico.

- Mas fazia-me o favor 「de explicar, senhor doutor. Eu não o mandei chamar... como é que...¹⁷³¹

- Não se preocupe com isso... Trate mas é de fazer o que lhe disse. E não se levante...

Era estranho aquilo. Quando Luís chegou das 「aulas,¹⁷³² logo o companheiro o informou:

- Veio aí um médico... 「Foste tu que o chamaste?¹⁷³³

- Não. Eu pensava até em ir ter com um quintanista de medicina para ver se era coisa de gravidade... E ele que disse?

- Disse 「que, por agora,¹⁷³⁴ ainda não podia saber ao certo o que era. Mas que ia experimentar um tratamento...

- E a receita?

- É verdade... A receita... Chama aí a 「senhora Ana (a serviçal)¹⁷³⁵ a ver se lhe deu alguma 「receita.¹⁷³⁶

Lúcio estava pálido. Sentia uma dor vaga nos 「intestinos, mas parecia-lhe que isso não explicava, com segurança, aquela temperatura que subia incessantemente e lhe acelerava a cada instante o ritmo das pulsações.¹⁷³⁷

¹⁷²⁹ [A] [fol.141] 15

¹⁷³⁰ [A] a velh<ota></a\ <introduziu> [↑ serviçal] <na>/m\andou

¹⁷³¹ [A] de me explicar<...> [, ↑ senhor doutor] Eu não [↑o] mandei chamar <o senhor doutor...>< [↑... como é que...]

¹⁷³² [A] aulas

¹⁷³³ [A] <[↑ Fôste]><Tu chamas> Fôste tu que o chamaste?

¹⁷³⁴ [A] que por agora

¹⁷³⁵ [A] Snr^a Ana (era a serviçal

¹⁷³⁶ [A] a ela

¹⁷³⁷ [A] intestinos mas parecia-lhe que isso não <era sufi> bastava para explicar aquela <†>/temperatura\ que subia <†>/imparà\velmente e lhe ²acelerava ¹<constantemente> [↓ a cada instante] ritmo das pulsações

Luís ia a 「sair, mas logo parou, surpreendido,¹⁷³⁸ porque um garoto de bata branca lhe 「perguntou¹⁷³⁹ se ali é que morava o Sr. Dr. Lúcio.

「- É, é aqui, porquê?¹⁷⁴⁰

- Era para entregar estes remédios...

(Essa agora!)

- Mas quem te deu os remédios?

- Foi o meu patrão que me mandou... O senhor 「Nunes..., que tem uma farmácia além aos Arcos...¹⁷⁴¹ Disse que vinha aí um bilhete a dizer como é que havia de fazer...

- Sim... fica entregue...

Mistério. Outro mistério. Ainda se o médico fosse rapaz 「novo...¹⁷⁴² Mas assim... O homem havia de ter consultório, alguém o havia 「de ter chamado, alguém lhe¹⁷⁴³ havia de pagar...

「Ao meio-dia,¹⁷⁴⁴ batem de novo à porta. 「A senhora Ana¹⁷⁴⁵ foi abrir e logo uma miúda de cabaz suspenso lhe pergunta se era ali a casa do Sr. Dr. Lúcio. Que era - respondeu.

- Trazia-lhe aqui o 「almoço!...¹⁷⁴⁶

Lúcio e Luís já se não admiravam. 「Tudo¹⁷⁴⁷ se ligava. Só não compreendiam porque é que o médico mandara tomar apenas leite, caldos de 「farinha e de legumes, e¹⁷⁴⁸ traziam ali «o almoço».

Mas Luís abriu o cabaz e verificou que 「o almoço, afinal, era¹⁷⁴⁹ constituído pelos tais caldos e pelo tal leite.

- Quem és tu, pequena?

- Oh!... A minha senhora disse-me logo que não dissesse nada...

- Onde mora a tua patroa?

- Mora na praça da República... Aí... mas eu já disse...

¹⁷³⁸ [A] sair. Mas logo parou, <parou> surpreendido

¹⁷³⁹ [A] perguntava

¹⁷⁴⁰ [A] - É<.>, <Porquê> é aqui, porquê?

¹⁷⁴¹ [A] Nunes[↓ ..] que tem <Farm> uma Farmácia alem Arcos [↓ ..]

¹⁷⁴² [A] novo<.>[↓...]]

¹⁷⁴³ [A] de ter chamado e lhe

¹⁷⁴⁴ [A] Ao meio-dia

¹⁷⁴⁵ [A] <E uma miúda> [↑ A Snr^a Ana]

¹⁷⁴⁶ [A] almoço[!]....

¹⁷⁴⁷ [A] <†>/Tudo\

¹⁷⁴⁸ [A] farinha, e de legumes, e <até>/lhe\

¹⁷⁴⁹ [A] o almoço era afinal

- Não. Tu não disseste nada...

「E todavia, Luís sabe, por intuição, que desvendou¹⁷⁵⁰ o mistério. Desvendara-o logo quando soube da vinda do médico. Os homens são diferentes talvez. Pode ser que nem toda a gente se meça pela mesma medida... Pode ser... 「E ele¹⁷⁵¹ deseja saber se é verdade. Por isso 「busca uma *certeza certa*.¹⁷⁵²

Foi assim que à 「tarde, quando a miúda levava o cesto do jantar, ele lhe disparou à queima roupa, já fora do quarto do Lúcio:¹⁷⁵³

- Disseste à tua patroa que muito obrigado?

- Disse, sim.

- E a menina Luísa? Disseram-me que estava muito doente; já está melhor?

- A menina Luísa não está 「doente.¹⁷⁵⁴

¹⁷⁵⁵O Lúcio anda bem de saúde. Felizmente tudo passou em dez dias. O médico fora 「de uma¹⁷⁵⁶ solicitude extrema e os ligeiros sintomas 「de uma¹⁷⁵⁷ longa e grave doença desapareceram cedo.

Luís estuda afincadamente. Passa os dias na Biblioteca devorando tratados e acumulando notas, 「e por isso, bem contra o seu desejo, não teve tempo ainda de procurar Luísa.¹⁷⁵⁸ Esperá-la-á um dia à saída da 「Faculdade,¹⁷⁵⁹ se o acaso os não aproximar mais depressa.~

「Foi o acaso que os aproximou. Ela caminhava apressada. Luís interrompeu-a:¹⁷⁶⁰

- A colega dá-me licença?

「- Viva,¹⁷⁶¹ Luís! Há já tanto tempo que o não via...

¹⁷⁵⁰ [A] E todavia Luiz <tem a certeza> <tem a <†> de> [↑ sabe por intuição] que desvendou

¹⁷⁵¹ [A] <†>/E ele\

¹⁷⁵² [A] <*quere <tornar-se>> [↓ busca uma certeza certa.]

¹⁷⁵³ [A] <†>/Foi\ assim que à tarde quando a miúda <trouxe> [↑ levava a cesta] do jantar ele lhe disparou à queima roupa<:;>/\ já fora do quarto de Lúcio:

<- <Era a>/A\ <menina Luiza> [↑ tua patrôa] <†> /ficou\ bem?

~*Oh bem muito obrigada...>

¹⁷⁵⁴ [A] doente...

¹⁷⁵⁵ [A] [fol. 142]

¹⁷⁵⁶ [A] duma

¹⁷⁵⁷ [A] duma

¹⁷⁵⁸ [A] <sem> e por isso não teve tempo ainda de procurar Luiza, como é seu desejo.

¹⁷⁵⁹ [A] Faculdade

¹⁷⁶⁰ [A] <Fora> [↑ Foi] <o>/o\ acaso <que os> [↑ que os] aproxim<ara>/ou\. Ela caminhava apressada [.] <e foi> Luiz <que a> ↓ interrompeu[↑-a]

- Como 「sabe, o Lúcio esteve doente...」¹⁷⁶²

- Doente? (Parecia ignorar). Mas esteve muito mal? E agora como 「está?」¹⁷⁶³

Ele não se perturbou:

- Esteve um pouco doente e eu venho agradecer-lhe os seus favores.

「- Favores?... Mas, ó Luís...」¹⁷⁶⁴

- Eu sei... Tenho a certeza de que foi a 「colega」¹⁷⁶⁵ que arranjou tudo. 「O Lúcio está convencido」¹⁷⁶⁶ de que não desvendei o mistério. Se lhe dissesse que 「tinha sido a colega, ele ficava a envergonhar-se de si eternamente...」¹⁷⁶⁷ E 「lá」¹⁷⁶⁸ teria as suas razões... Portanto sou eu que lhe venho 「agradecer... Mas」¹⁷⁶⁹ há uma coisa que eu não poderei consentir: é que a colega tenha gasto dinheiro e a gente o não restitua.

Ela acudiu 「viva:」¹⁷⁷⁰

- Não gastei um tostão...

Só depois reparou que se traíra. Luís continuou:

- Não gastou?

- Não. Nem me pergunte 「como fiz isso...」¹⁷⁷¹ Só tenho pena de você ter sabido que fui eu... Falharam-me os 「planos...」¹⁷⁷²

「Passeou, em silêncio,」¹⁷⁷³ os olhos tristes pelo chão. Depois concluiu:

「- Eu」¹⁷⁷⁴ não o queria ofender.

「Luís não respondeu. Ela continuou:

- Eu sei que você tem razão para se sentir ofendido...

Ele permanecia em silêncio, de olhos parados e inexpressivos.

-... porque enfim, a esmola ofende. Mas repare, Luís, eu não dei esmola alguma.

Eu apenas quis... como dizer? eu apenas quis emendar um pouco, corrigir na medida das

¹⁷⁶¹ [A] -Viva

¹⁷⁶² [A] sabe o Lúcio esteve <mal> doente...

¹⁷⁶³ [A] está?...

¹⁷⁶⁴ [A] - Favores? Mas ó Luiz...

¹⁷⁶⁵ [A] <Luiza> colega

¹⁷⁶⁶ [A] <Convenci> <o>/O\ Lúcio [↑ está convencido]

¹⁷⁶⁷ [A] <foi> [↑ tinha sido] a colega, ele [↑ ficava a] envergonha<*va>/r\ -se de si <.> [↑ eternamente...]

¹⁷⁶⁸ [A] [↑ lá]

¹⁷⁶⁹ [A] agradecer<.>[...] <m>/M\as

¹⁷⁷⁰ [A] <num repente:> [↑ viva:]

¹⁷⁷¹ [A] pergunte<...>/como\ <foi> fiz...

¹⁷⁷² [A] planos... <Eu não o queria ofender...>

¹⁷⁷³ [A] Passeou [↑ em silêncio]

¹⁷⁷⁴ [A] -... E

minhas possibilidades uma coisa que não estava certa. Mas, por favor, Luís, ouça, por favor: eu não *queria* dar esmola, compreende? Que remediei eu? Bem pouco... Eu sei. Não dei esmola, juro-lhe. Vocês tinham direito a que eu fizesse o que fiz. Eu pensei assim, pelo menos. Mas talvez tivesse errado...

(- Vais à Baixa?

- Vou. Se quiseres, aparece na Central. Está a Rute, a Filomena, o Seixas...

Dois estudantes. Vozes da rua)

Luís sente-se estremunhado, batendo as pálpebras à luz crua do sol. Luísa fala.

Depois Luís estirou a mão aberta:

- Até logo, colega. E obrigado!

Desatou a mão. E ficou ainda um momento à procura de qualquer coisa que ainda tinha a dizer. E que disse:

- Eu compreendo-a. Por isso lhe agradeço muito sinceramente o que fez. (Sorriu um pouco).

Luísa desandou pela calçada. Contenta. Feliz.¹⁷⁷⁵

¹⁷⁷⁵ [omisso em A]

TERCEIRA PARTE

Que importa que tu não chegues,
se o caminho é já limite?

¶¹

Vésperas de férias de Páscoa.

Amélia pensa: «como passarei tantos dias sem o Domingos?»

¶Ele, porém, fora-lhe dizendo: «vamos a ver... Talvez lá dê um salto». «Lá» era a terra de Amélia.²

Rui medita: «as férias fazem-me bem. Ando com os nervos desequilibrados».

Um médico avisa Luísa:

- A senhora está muito, muito fraca. Descanse em férias. Faça repouso.

- Ora! Já há três anos que me dizem ¶isso.³ E ainda vivo. Mulher doente, mulher para ¶sempre...⁴

- Fie-se nisso...

¶Luís não iria a férias, se tivesse dinheiro para ficar em Coimbra a resolver tratados e revistas jurídicas. E todavia, é com ardor que ele deseja ir abraçar o seu «velho» que o espera sempre em ânsia, de olhos risonhos e coração em festa. O seu velho... Que há-de perguntar se ainda «falta muito para seres doutor» e há-de sentir-se o senhor da sua terra, quando as pessoas gradas murmurarem:

- Aquele Luís é que é uma inteligência...

O seu velho... Fora sobretudo depois da morte da mulher que ele olhou para o seu filho com olhos cheios de esperança, e acreditou que Luís poderia ainda vir a ser (quem sabe?) pessoa de grande importância na vida, a quem os magnates falassem de dorso vergado... Tudo era possível...

Luís não tem de despedir-se de ninguém.⁵ Levanta-se cedo. (O Lúcio já saíra de Coimbra). ¶Enfiado num sobretudo desbotado e curto, desce a calçada deserta, (a cidade

¹ [A] [fol.143]

² [A] Ele porém <dissera-lhe: " Vamos ver se> [↑ fôra-lhe dizendo: Vamos [↑ a ↓ ver...] Talvez] lá d<ou>d/ê\ um salto<;>,\ <para matar saúdaes".> (Lá era a terra de Amália.)

³ [A] isso<.>

⁴ [A] sempre<.>/...\\

⁵ [A] <Luiz está triste. Que férias as dele! Sozinho! Sem ninguém... Não tem despedidas a fazer. Nem a Luíza se despede. Ele não quere mais ver Luíza. Para quê?... As esperanças não são para ele. Intrujar a vida?... Isso era para os outros. <Luiz não tem que se despedir de ninguém>> [acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)] [Luiz não iria a férias se tivesse dinheiro para ficar em Coimbra a revolver tratados e revistas jurídicas. E todavia. <não> é com ardor que ele deseja ir abraçar o seu «velho» que o espera sempre com ânsia de olhos risonhos e coração [↑ em] <*ansi>/fes\ta. O seu velho... Que há-de

ainda dorme) húmida do nevoeiro da noite. Sua mão forte suspende a mala a que as viagens tinham roubado a cor.⁶ À portagem entrará na camioneta. Irá sempre calado. Dar-lhe-ão o bilhete em silêncio. 「(Já o conhecem). Ele tirará⁷ moedas do bolso do colete e seguirá 「mudo, olhando friamente a paisagem obscurecida.⁸

Vésperas de férias de Páscoa. Os estudantes veteranos fazem 「troupes.⁹ É um gozo. Uma 「distracção.¹⁰ Os caloiros andam com 「medo.¹¹ Não tem graça nenhuma aparecerem na terra 「com o¹² cabelo raso. Há-os imbecis que aprovam: «acho bem. É praxe, acabou-se. Para o ano somos nós». Mas a maioria reprova: «Para se fazer 「troupe¹³ basta ser estúpido e 「chumbar¹⁴ no primeiro ano. Não é preciso ser mais velho. Não é preciso ser mais expedito: basta 「ser burro e¹⁵ reprovar. 「Grosseiro. Medieval». ¹⁶

Férias. A Alta é estéril. Os cafés abrem tarde. Há polícias inúteis no cruzamento das ruas. Eléctricos vazios. Soldados anegrados namoraram sopeiras. Estudantes oriundos de Coimbra bocejam: «que 「chatice¹⁷!» Há-os que pensam nos exames e

preguntar se ainda «falta muito para ser doutor» e [↑ há-de] sentir-se o senhor da sua terra quando as< pessoas gradas murmur[*arem:]

- Aquele Luiz é [↑ que é] uma inteligência...

-<↑>/O\ [↑ seu] velho... Fôra sobretudo depois da morte da mulher que ele olhara para o filho com olhos de esperança<.>/\ e acreditara que Luiz pod<erá>/eria\ vir ainda [↑ a ser] (quem sabe?) <<a ser alguém na vila> <: presidente da Câmara>>

pessoa de [↑ grande] importância na vila a quem magnates falassem de dorso vergado... Tudo era possível...

x

xx

Luiz não tem que se despedir de ninguém... etc]

⁶ [A] Enfi<a-se>/ado\ num sobretudo desbotado /<[,]>\ <[(] a cidade ainda dorme[)]>\> [↑ desce a calçada deserta]> [↑ e curto, desce a calçada deserta (a cidade ainda dorme) húmida do nevoeiro da noite. <*Segura>/Sua\ mão forte suspende a mala a que as viagens tinham roubado a côr.] <Luiz vai pálido . Suspende uma saca de riscado. Encovado no braço leva um maço de livros.>

⁷ [A] [(] Já o conhecem[)]. Ele ti[fol. 144]rará

⁸ [A] mudo olhando <tristemente> [↑ friamente] a paisagem [obscurecida].

x

⁹ [A] trupes.

¹⁰ [A] distracção.

¹¹ [A] m<e>/ê\do.

¹² [A] de

¹³ [A] troupe <não>

¹⁴ [A] reprovar

¹⁵ [omisso em A]

¹⁶ [A] É grosseiro, é atrasado. <Isto diz a maioria.>

¹⁷ [A] <chati>/xati\ce

「estudam, passeando nos¹⁸ jardins desertos. A Universidade está fechada. Algumas bibliotecas estão fechadas. Outras estão nuas: só os livros pesados e inexpressivos nas estantes. 「A desolação... Um cheiro pálido a morte.¹⁹

Férias.

¹⁸ [A] estudam[,] passeando os

¹⁹ [A] <A cabra calou-se.> [↑ A desolação...] <Há> >um>/Um\ cheiro triste <de>/a\ morte.

¶II²⁰

Quando Luísa regressou a ¶Coimbra,²¹ pensou: «agora tenho de estudar... estou ¶atrasadíssima»...²² Sentia-se ¶forte e desmontava alegremente as resmas de livros empilhados na estante.²³ Galgou páginas e páginas num trabalho doido. ¶Mas um dia, olhos tristes e vagos, sorriso dúbio nos lábios finos, ela perguntou-se, franzindo a testa: «e para que estudo eu, afinal?»²⁴ ¶Que venho eu a resolver com toda esta maçada?»²⁵ Mas logo dentro dela ¶responderam:²⁶ «Então... para seres alguém...» Para seres alguém... Riu. E afinal a sua doutrina era aquela mesma, ou ¶outra muito²⁷ parecida: lutar! Porque a vida somos nós que a ¶fazemos.²⁸ Lutar, lutar sempre. ¶ («Mas para que lutar daquele modo?»).²⁹

Um dia Joana, a colega de estudo, avisou-a:

- Tu dás cabo de ¶ti, menina.³⁰

Ela consolou-se:

¶- A vida é isto, menina.³¹

¶Luísa, nas longas noites e dias de férias, quando se dobrava sobre si, pensava tristemente que afinal era uma inútil, pois levava a vida a intrujar o mundo e a intrujar-se a si própria.³² «O destino fadou-me para ensinar meninos de Liceu. E eu perco-me em teorias vãs. ¶Preciso de estudar. Esta é a realidade. A única realidade. Tudo o mais é desejo vazio»...³³

²⁰ [A] 2

²¹ [A] Coimbra

²² [A] atrasadíssima...»

²³ [A] forte. E desmontava facilmente as resmas de livros.

²⁴ [A] Foi a meio deste entusiasmo que um dia se descobriu a perguntar-se: «Mas afinal para que estudo eu?»

²⁵ [omisso em A]

²⁶ [A] lhe responderam:

²⁷ [A] [↑ outra muito]

²⁸ [A] fazemos...

²⁹ [omisso em A]

³⁰ [A] ti.

³¹ [A] - <É isto> <a>/A\ vida <.>/É\ isto<.>/,\ menina.

³² [A] Luísa <reflectiu em férias: <«sou uma inútil; passo a vida a»> [↑ nas longas noites e dias de férias, quando <pensa<r>/v\ a> [↑ se dobra<r>/v\ a sobre si] [↑ pensava tristemente que] afinal era uma inútil e levava a vida a] intrujar [↑ o mundo] e a intrujar-<me>/se\ [↑ a si própria]

³³ [A] <Sou amiga deste, daquele... para quê?» [↑ Preciso de estudar. <Era>/Esta\ [↑ é a ↑] realidade.] [A única realidade. Tudo o mais é desejo vazio...»]

Mas um dia, 「ao levantar-se, sentiu uma dor³⁴ no peito. Arfou a custo. Abriu as janelas e esprou os olhos. O ar 「animou-a «Meu Deus, que aflição!» Depois subiu à Faculdade, risonha,³⁵ como de costume.

Rui procurava encontrá-la a toda a hora. Ela fingia não o ver. 「Não porque o aborrecesse.³⁶ 「(«O mundo era bom... Rui era bom... tudo era bom»...)」³⁷ 「Mas Rui ia adoecer, e ela seria a causa da doença... Por isso, umas vezes sentia desejos de falar com ele, fazer-lhe compreender que a vida não devia ser aquele fluir e refluir constante da vontade que para si mesmo criara. Outras vezes, quando Rui lhe aparecia enrolado nos seus sonhos novos e vãos (e vãos...) preferia abandoná-lo, fugir dele, não lhe falar durante alguns dias. Também Luísa se não podia esquecer nunca do rosto confrangido de Amélia, que lhe deu tristemente uns parabéns fingidos e inúteis... («Já sei que tem namoro...»)

Por isso Rui não a entendia.³⁸ 「Nem se entendia. Às vezes irritava-se consigo mesmo: «para que ando eu com isto?»³⁹ 「«Afim não sei o que quero.⁴⁰ Eu gosto lá de ninguém! Eu sei lá gostar!... 「Eu sei lá de nada! Nem sei para que nasci! Para morrer, afinal!» (A velha conclusão). «Não. Eu gosto, sim, eu gosto. De Luísa, não sei, mas gosto. É o meu ideal: é culta, é inteligente... Não, sem dúvida, Luísa é o meu ideal... O⁴¹ meu ideal... Qual ideal, nem qual raio! O meu ideal sou eu! É o mundo! É a Amélia! Amélia?! Também Amélia? Pois claro! 「Quando⁴² a encontro olho-lhe logo as pernas e os seios. 「À Luísa,⁴³ não: olho-lhe o rosto, os cabelos. Bem entendido que se a visse

³⁴ [A] <parou>[↑ ao levan]tar-se, sentiu um[a] <peso> [↑ dor]

³⁵ [A] animou-a. [↑ Meu Deus que aflição] <E>/Depois\ subiu à Faculdade, risonha

³⁶ [A] <O>/N\ão porque [↑ ele] <o>/a\ aborrecesse.

³⁷ [A] <(Ela aborrecê-lo!)> [↑ («O mundo era bom... Rui era bom... Tudo era bom»)]

³⁸ [A] < Talvez que <↑>/ele\ [↑<↑>] †, não desviasse o olhar> [Mas Rui ia adoecer e ela seria a causa da doença... Por isso umas vezes sentia desejos de falar com ele, fazer-lhe compreender que a vida não <era>/devia\ [↑ ser] aquele fluir e refluir constante da vontade que ele para si mesmo criara. Outras vezes, quando Rui lhe aparecia enrolado nos seus [↑ sonhos] novos e vãos (e vãos...) preferia abandoná-lo, fugir dele, não lhe falar durante alguns dias. De resto, ela não podia esquecer-se nunca <daque> do rosto confrangido de Amélia quando lhe <↑>/deu\ tristemente <os parabéns...> [↑ uns parabéns fingidos e] [↓ inúteis...]] <(Parabéns que>/Já sei\ que tem namoro...»)

Por <tudo> isso Rui não a entendia. Etc] [↑ Por <tudo> isso] [*Acréscito no verso da folha com a indicação (Volte)*]

³⁹ [A] [↑ Nem se entendia.] <e> [↑ às vezes] zangava-se consigo mesmo: «para que ando eu nisto?»

⁴⁰ [A] <<Iludo e iludo-me.> [↑ Afim não sei o que quero.]

⁴¹ [A] <<Não nasci para> [↑ Eu sei lá de] nada! Nem sei p'ra que nasci! P'ra morrer, afinal!» [↑ (A velha conclusão:)] Não: eu gosto. sim eu gosto. <Gosto de Luíza.> [↑ De Luíza não sei, mas gosto.] É o meu ideal: [↑ é culta, é inteligente...Não, sem dúvida, Luíza é o meu ideal... <e>/O\]

⁴² [A] Quando a vejo não <tremo> [↑ fico <*mesmo nervoso>/logo nervoso\?] Sim <tremo> [↑ fico]. Mas... <é doutra forma.> [↑ isso é um gostar diferente.] <Eu não> Quando

⁴³ [A] À Luíza

nua... sim, 'É claro, se a visse nua... talvez lhe não olhasse primeiro para o rosto.⁴⁴ Ora aí está. 'Por consequência,⁴⁵ gostarei de Luísa como gosto de Amélia. É questão de tempo. 'Logo, aborrecê-la-ei.⁴⁶ Mas... que parvo! Eu não duro muito. Hei-de morrer cedo». Mas a vida sem esperanças não era vida 'afinal.⁴⁷ E 'concluíu, mentindo-se:⁴⁸ «deixar correr»...

Mas Rui não «deixava correr». Procurava Luísa. Havia mil pretextos: «vou ver se encontro o Vaz». «Vou 'até⁴⁹ à Biblioteca ler um romance». «Que será feito do 'António Cruz? Talvez Catarina esteja com ele. Sempre lhes quero ver a cara». E procurava Catarina para encontrar Luísa. Outras vezes eram os conhecidos:⁵⁰

- Queres vir até à 'Peneira ver as pequenas?⁵¹

Rui ia 'logo. E tinha sempre⁵² que dizer a Luísa. Coisas de nada.

'Tornava-se, decerto, importuno:⁵³

'- Tem aula de tarde?

- Tenho, tenho. Adeus.⁵⁴

Ele voltava outra vez.

- Sabe que a Catarina e o 'Cruz casam breve?⁵⁵

- Não. Não sabia. Tem horas?

'- Tenho. São quatro⁵⁶ e um quarto.

- Então desculpe. 'Até logo, sim?⁵⁷

Rui era teimoso. 'E gostava de não ser teimoso, de acabar com aquilo:⁵⁸

⁵⁹- Já viu as notícias do jornal? Está isto bonito...

- Já vi, já. 'Rui,⁶⁰ eu queria dizer-lhe uma coisa.

⁴⁴ [A] é claro<.>/\ [↑ se a visse nua] <T>/t\alvez [↑ lhe] não <visse>/olhasse\ primeiro [↑ para] o rosto.

⁴⁵ [A] Por consequência

⁴⁶ [A] Logo <hei-de> aborrecê-la-ia. Deixá-la-ia.

⁴⁷ [A] [↑ afinal]

⁴⁸ [A] concluíu<:> mentindo-se:

⁴⁹ [A] <†>/até\

⁵⁰ [A] d<a>/o\ [↑ <<Catarina>/Justino> ↑ António Cruz?] Talvez <que o Justino> [↑ Catarina] esteja com ele. Sempre [↑ lhes] quero <ver-lhes>/ver\ <a cara>/a cara\...». E procurava Catarina para encontrar Luísa. E ía à Biblioteca para ver Luísa. Outras vezes eram os conhecidos:

⁵¹ [A] Peneira<?>/v\er as pequenas?

⁵² [A] <sempre.>[↑ logo.] E tinha <†>/sempre\

⁵³ [A] Tornava-se [↑ talvez] importuno:

⁵⁴ [A] - Já leu o livro?

- Já, já. Adeus.

⁵⁵ [A] <Justino> [↑ Cruz] <...>/casam\ breve?

⁵⁶ [A] - Tenho; são <*6,5> [↑ quatro]

⁵⁷ [A] Até logo<.>/\ [sim?]

⁵⁸ [A] E <não> gostava de [↑ não] ser teimoso, de «acabar com aquilo»:

⁵⁹ [A] [fol. 146]

「- Diga lá...⁶¹

- Temos que andar menos vezes um com o outro.

Rui estremeceu. E perguntou alvoroçado:

- Porquê?

「(Luísa ia decerto mentir-lhe. Não queria ofendê-lo. Se não, diria com verdade: «Porque você é um aborrecidão. Não vê que eu não gosto de si? Para que anda pois a importunar-me?» Mas ele desculpar-se-ia: «ando consigo como os outros andam: por amizade, por...»)⁶²

Luísa cortou-lhe as cogitações:

- Porque... porque é preciso, pronto.

- Isso não é razão.

- Enfim... você sabe bem porque é.

Joana interrompeu-os:

- Queres então vir à Biblioteca?

- Vou, vou. Boa tarde, Rui.

- Boa tarde.

「Ele embatucou.⁶³ Queria mil coisas. Mas não sabia que mil coisas eram. Joana e Luísa tinham desaparecido já. Rui ficara-se. Iria atrás dela. Chamá-la-ia. 「Ele⁶⁴ havia de saber: 「«não, Luísa, diga-me. Ah! Diga-me, por favor!»⁶⁵ Era dramático. Portanto era ridículo. Seria melhor fingir desinteresse. «Não há nada mais grotesco para uma mulher do que um homem 「apaixonado⁶⁶ que ela não ama». Desinteresse! Superioridade! Talvez mesmo desprezo! Rui lembrou-se de Amélia. Afinal ele estava a pensar as mesmas coisas. A seguir o mesmo sistema. A ser o mesmo, o mesmíssimo Rui.

Foi tomar café. Se Luísa passasse, vê-la-ia. 「Era ridículo⁶⁷ tudo aquilo.

⁶⁰ [A] Olhe Rui

⁶¹ [A] - Diga lá.

⁶² [A] [(] Luísa ía decerto <responder-lhe †> [† mentir-lhe. Não] queria ofendê-lo. <†>/Senão\ diria com verdade: «Porque você é um aborrecidão. Não vê que eu não gosto de si? Para que anda pois a importunar-me?[...]» Mas ele <responderia> [† desculpar-se]-ia: «<†>/ando\ consigo como os outros andam: por amizade[,] por...»[)]

⁶³ [A] <Mas Rui esperou> [† Ele embatucou.]

⁶⁴ [A] <Depois>/Ele\

⁶⁵ [A] «não, não Luísa, diga-me. Ah! diga-me, por favor»

⁶⁶ [A] apaixonado,

⁶⁷ [A] Era <triste> [† imbecil]

Em tempos 「ele⁶⁸ quis valorizar a sua vida. Ligá-la a ideias, a problemas sérios. Para ser actual, Rui devia 「pensar.⁶⁹ O amor? Phb! Os homens fortes não se preocupam com isso. Ele devia ser assim - 「(já tanta vez resolvera ser assim...) - Agora desconfiava de si.⁷⁰ - (Já tanta vez desconfiara de si!) Por isso caía de novo na máxima: «deixar correr».

「Lembrou-se do que um dia Fernando lhe dissera a propósito de Educação:⁷¹ 「«Torçe-se⁷² a Natureza. Mas a Natureza lá está...» A Natureza de Rui lá estava. Para que torcê-la? Sobre o amor 「havia⁷³ mil teorias. Rui tinha uma também. Ou não era 「dele,⁷⁴ talvez. 「Sim, não era; era de toda a gente, afinal.⁷⁵ Que dava que fosse dele ou não? A verdade é que o amor para ele era uma 「«necessidade».⁷⁶ «O homem tem em si uma fonte de carinho. É preciso que esse carinho se 「dê⁷⁷ a alguém. Se o deixamos em nós, andamos às cegas, inquietos, perturbados. Acha-se uma mulher? Dá-se-lhe o carinho, às cegas. É uma necessidade. Porque vamos 「às cegas,⁷⁸ enganamo-nos. Voltamos atrás. Recomeçamos. Até acertarmos».

Rui lembra-se: «eu já pensei 「uma vez que⁷⁹ o carinho se não devia dar, mas emprestar. Ou assim uma coisa parecida...» «A gente muda. O homem muda. Se não mudasse... Sim, se não 「mudasse,⁸⁰ era como 「qualquer animal: a aranha faz a teia sempre da mesma forma, a andorinha o ninho. Sim, era uma besta.⁸¹ «Às vezes diz-se: fulano mudou de política: não tem carácter, É estúpida a afirmação...» 「Onde o Rui ia já. Políticos, amor...⁸² «Diacho de cabeça. Este vício de meditar...»

「- Senhor doutor, o café...⁸³

Era um criado.

⁶⁸ [A] [↑ ele]

⁶⁹ [A] pensar.

⁷⁰ [A] [(l já tanta vez resolvera ser assim...)] Agora desconfiava de si.

⁷¹ [A] Lembrou-se <do artigo de M. Fernando> [↑ do que um dia Fernando dissera a propósito de Educação:]

⁷² [A] «... Torçe-se

⁷³ [A] <há>/há\via

⁷⁴ [A] dele

⁷⁵ [omisso em A]

⁷⁶ [A] «necessidade...»

⁷⁷ [A] <dedique>/dê\

⁷⁸ [A] às cegas

⁷⁹ [A] [↑ uma] <↑>/vez\ que

⁸⁰ [A] mudasse

⁸¹ [A] qual[fol. 147]quer <besta:> [↑ animal: a aranha faz a teia sempre da mesma forma, a andorinha o ninho.] Sim era uma besta.

⁸² [A] Onde <ia>/Rui\ ia já. Políticos é amor...

⁸³ [A] - O <Snr Dr.>/Senhor Doutor:\ <não toma> o café<?>/.\

「- Obrigado.⁸⁴

O café estava frio. Rui pensa: «o café frio não faz tão mal. 「Não,⁸⁵ o café quente é que... como é? Bem, não interessa. Sim, não interessa. Ou interessa? Este açúcar... É verdade: deve-se deitar muito açúcar no café, por causa do nervoso. Ora o nervoso... Bananas! Basta de nervoso. Mas a Luísa, (é verdade!) a Luísa estava nervosa e...»

- *Buenas!* Estás a viver bem! 「Sim, senhor!⁸⁶

O Ferraz.

- Tinha aqui sete tostões...

- Bem, mas... uma coisa: tu estás resolvido a não pagar 「os cem *paus*?⁸⁷

- A não pagar?

- Pois claro. 「Emprestei-tos⁸⁸ no princípio do ano e até à data...

- Mas que culpa tenho eu de que tu não apareças quando tenho dinheiro? Ainda um destes dias...

Ia mentir. De repente sacudiu-se. E explodiu:

- Olha. 「Eu, afinal,⁸⁹ estou a intrujar-te.

Ferraz entupiu-se. E pensou: «o tipo está maluco».

「- Estou a intrujar-te. Eu não tive ainda dinheiro. Nunca tive dinheiro. Nunca tenho dinheiro. Agora, se tu precisas...⁹⁰

- ?!

- ... ponho umas coisas no prego.

Ferraz era mole. E condescendeu:

「- Bem, pá; arranja lá⁹¹ a tua vida. Paga quando puderes... 「Mas vê lá...⁹²

「Ferraz foi jogar o bilhar.⁹³ Rui não deu por tal. Luísa! A LUÍSA! Rui deu um pulo. Cá fora 「segurou-se a custo.⁹⁴ Abeirou-se das raparigas.

- Luísa!

⁸⁴ [A] - <Obrigado!> <[↑ Ah! Sim!>] Obrigado.

⁸⁵ [A] Não

⁸⁶ [A] Sim senhor!

⁸⁷ [A] <os 100\$00?> [↑ os cem paus?]

⁸⁸ [A] Empréstei-<t'os>/tos\

⁸⁹ [A] Eu [↑ afinal]

⁹⁰ [A] - Estou a intrujar-te <,já te disse>. Eu não tive ainda dinheiro. Nunca tive dinheiro. Nunca tenho dinheiro. [↑ <(Não era absolutamente verdade. A Snr.^a Joana ia-lhe dando uns *cobres)>] Agora se tu precisas...

⁹¹ [A] - Bem pá<.>/\ <A>/a\rranja [↑ lá]

⁹² [A] [Mas vê lá...]

⁹³ [A] <O> Ferras foi jogar bilhar.

⁹⁴ [A] Segurou-se<.>/a\ [↑ custo]

Ela estremeceu.

- Que é? Santo Deus! 「Você assustou-me.⁹⁵

- Preciso de falar consigo, 「de necessidade, venha...⁹⁶

- Mas assim com tanta pressa?

「- Olhe, desculpe-me; julguei que a não apanhava já... mas eu preciso de falar, sim... preciso... pode crer.⁹⁷

Joana desviara-se. E olhava Rui espantada. Luísa observou-lhe:

- Vai indo que eu já vou ter a tua casa.

E para Rui:

- Bem. Diga lá.

⁹⁸Ele olhou em redor. Não se sentiu à vontade:

- Vamos para o jardim.

- Que jardim?

- Que jardim?⁹⁹ Sim... quer dizer: para qualquer parte, qualquer 「sítio¹⁰⁰ onde se esteja melhor.

- Bem. Vamos...¹⁰¹ espere; vamos até à Avenida.

Rui começou:

- Luísa, porque não quer você falar comigo?

「- Consigo?¹⁰² Mas eu já lhe disse alguma vez que não queria falar consigo?

「- Não,¹⁰³ de facto... Sim... isso não disse, 「mas... mas¹⁰⁴ é como se dissesse

「- Como se dissesse, não.¹⁰⁵ Vá; seja razoável. O que eu disse foi que não devíamos andar tantas vezes juntos.

Os freios de um eléctrico gemiam numa descida.

「- Mas porquê,¹⁰⁶ afinal? Que eu ultimamente mal tenho visto a Luísa...

- Pois ainda nos devemos ver menos. Que quer você? Coimbra é assim...

⁹⁵ [A] Você <fez-me estremececer.> [↑ assustou-me.]

⁹⁶ [A] de necessidade. Venha...

⁹⁷ [A] - Olhe desculpe-me; <eu sou um ... um maluco.> [↑ Julguei que a não apanhava já...] Mas... eu preciso de falar, [↑ sim...] preciso<,>[↑ ...] pode crer.

⁹⁸ [A] [fol. 148]

⁹⁹ [A] - <<Qual>/Que\> [↑ Que] jardim?

¹⁰⁰ [A] Sítio,

¹⁰¹ [A] <†>/Vamos\...

¹⁰² [A] - Meu Deus!

¹⁰³ [A] - Não

¹⁰⁴ [A] mas [↑... ↑ mas]

¹⁰⁵ [A] - Como se dissesse não.

¹⁰⁶ [A] - Mas porquê

「Que importava a Luísa a língua de Coimbra? Nada... Mas Rui ia adoecer. Era preciso enxotá-lo com as únicas razões que ele podia compreender e aceitar.¹⁰⁷

Rui pensa «lixo-se tal terra!» É calmo a custo. Agora é a curiosidade que o incita:

- Mas alguém 「disse¹⁰⁸ alguma coisa?

Luísa baloiça a cabeça. Depois responde:

- É verdade.

- Quem?

- Veja se adivinha.

「- Foi o Rodrigues?¹⁰⁹

- Quem é o Rodrigues?

«É verdade. Ela nem conhece o Rodrigues. Mas como diabo me lembrei do Rodrigues?»

- Ah! Sim. Você não conhece o Rodrigues. 「Ou conhece? É aquele rapaz alto, meio vadio, que um dia lhe apresentaram no parque... mas espere...¹¹⁰ não foi o Rodrigues, claro. Foi... espere. Foi a Catarina.

- Não.

- Então não sei. Diga lá. Quem foi? Que disseram?

Ou conhece? É aquele rapaz alto, meio vadio, que um dia lhe apresentaram no parque... mas espere 「(«Que disseram... que disseram. Que haviam de dizer? Nem devia perguntar...»)¹¹¹

- Mas ouça lá, Rui. 「Porque¹¹² lhe interessa saber? Sim; não interessa nada, não é verdade? A questão é só esta: já se fala de nós. Dizem que nos namoramos.

Luísa falou segura. Rui explodiu:

「- Quem foi que disse?¹¹³ Quem foi?

Ninguém.

「- Diga, por favor. Quem foi?¹¹⁴

¹⁰⁷ [omisso em A]

¹⁰⁸ [A] lhe disse

¹⁰⁹ [A] - <O> [↑ Foi o] Rodrigues?

¹¹⁰ [A] [↑ Ou conhece?] É <um>/aque\le rapaz alto, meio vadio<.>/, [↑ que um dia lhe <†...>/apresentaram\ no parque...] Mas espere...

¹¹¹ [A] [(「Que disseram... que disseram. Que haviam de dizer? Nem devia perguntar」)]

¹¹² [A] <*Que>/Porque\

¹¹³ [A] - Quem <di>/foi\ que disse?

¹¹⁴ [A] - Diga, por favor quem foi?

- Bem, pronto. Aí tem: foi a Amélia.
- A Amélia? 「(Boiaram-lhe os olhos no vago).¹¹⁵
- 「(«Amélia! Ela! Sempre ela! Mas que pretendia Amélia dele?»)¹¹⁶
- Mas que pretende a Amélia de mim? Sim. 「Porque se mete na minha vida? Porque a indispôs comigo esse estafermo?¹¹⁷
- 「- Rui! Seja prudente. Não se fala assim...¹¹⁸
- Eu estoiro-a!
- Ora! Isso não se diz! Então?!
- Desculpe. Sou maluco. Mas veja se uma coisa destas é para menos...
- 「- Claro que é. Trata-se de uma ninharia...¹¹⁹ Mas ouça lá: e se for eu que lhe disser que não quero andar consigo? Que nem sempre gosto de conversar consigo? Que gosto de falar para todos igualmente?
- 「Rui desnordeou-se. Tudo se lhe embrulhava. E de dentro de si deixou romper aos borbulhões:¹²⁰
- Não, Luísa, não. Eu... eu amo-a. 「Pode crer. Amo-a...¹²¹
- 「- Ah! Ah! Ah! Ora o Rui... (assustou-se). Ai desculpe. Não foi por mal que me ri... Desculpe. Não foi por mal que me ri... Mas de que me ri eu, Santo Deus? Não faça caso. Por favor, não faça caso.¹²² Rui, não ligue importância.
- Rui sentiu-se 「gelado.¹²³ Luísa ainda arrastava... «não repare, por favor... nem sei como isto foi...» 「(depois retesou-se, em respiração difícil).
- Meu Deus... que falta de ar... Sentemo-nos. Rui, sente-se, por favor. Meu Deus ... sinto-me doente... Rui! Meu Deus! Sinto-me mal... eu morro!¹²⁴
- Um 「sinaleiro¹²⁵ fazia gastos automáticos numa encruzilhada.

¹¹⁵ [A] - <Esbugalham> [↑ Boiaram-lhe] os olhos no vago.

¹¹⁶ [A] Amélia! Ela! Sempre ela! Mas que pretendia Amélia dêle?

¹¹⁷ [A] Porque se mete na minha vida[?] <esse estafermo?> [↑ Porque a indispôs comigo esse estafermo?]

¹¹⁸ [A] [fol. 149] - [↑ Rui!] Seja prudente. Não [↑ se] fãl<e>/a\ assim...

¹¹⁹ [A] - [↑ Claro que é. Trata-se de uma ninharia...]

¹²⁰ [A] [↑ Rui desnordeou-se. Tudo se lhe embrulhava. E de dentro deixou romper em borbulhões:]

¹²¹ [A] Pode crer, amo-a...

¹²² [A] <- Ora, Rui. Não diga tal>[↑ - Ah! Ah! Ah! Ora o Rui... (assustou-se).] Ai desculpe. Desculpe. <Eu a rir-me?> [↑ Não foi por mal que me ri...] Desculpe. Mas de que me ri eu, <s>/S\anto Deus? Não faça caso. Por favor não faça caso.

¹²³ [A] <na lama> [↑ gelado].

¹²⁴ [A] [↑ (Depois retesou-se em respiração difícil)] Meu Deus... que falta de ar... Sentemo-nos. Rui sente-se por favor. Meu Deus <eu morro... eu morro.> [↑ ... sinto-me doente... Rui! Meu Deus! Sinto-me mal... eu morro!]

¹²⁵ [A] <polícia> [↑ sinaleiro]

「Rui, espavorido,¹²⁶ amparou Luísa. Não sabia que dizer. Olhou em volta amedrontado. 「Depois¹²⁷ perguntou a custo:

「- Que tem, Luísa?¹²⁸ Você está... chama-se um médico.

「Ela contorcia-se. Depois sorriu branco e sossegou:¹²⁹

- Nada (respirou fundo). Já está a passar... 「uma pontada... Já de manhã...¹³⁰

- Talvez mau jeito... Que susto! Mas veja! Você está pálida! 「Veja, se é preciso¹³¹ chama-se um médico.

「- Não...

(Olhou o chão. Para lá da terra dos canteiros andavam fantasmas que traziam outra vida como de um mundo distante.¹³² O Rui a balbuciar grotesco: «amo-a». Não; grotesco não! Pobre Rui! Ele era assim volúvel! Não sabia o que queria 「(ou talvez soubesse).¹³³ Atrás de Rui vagueava uma bata branca (Quem era o da bata branca?). «A senhora está muito, muito fraca». Que tinha isso? Ela fora sempre fraca. Lá repouso, sim. Não era preciso muito. Curava-se depressa. 「O Rui havia de custar a curar. E talvez não custasse. Não, não custava. O Rui era movediço. Qualquer impressãozita o transformava. Amanhã esqueceria. Amanhã estaria bom).¹³⁴

- Você vem comigo, Rui?

- Sem dúvida. Para onde vai?

- Para casa.

Seguiam calados. Ele não sabia pensar. Todas as ideias lhe fugiam sub-repticiamente.

「Já à porta,¹³⁵ Luísa pediu:

- Não fique a mal comigo. Não me ri por mal. Não sei porque me ri...

- Ora! 「Porque hei-de ficar a mal?¹³⁶ Tudo passou.

¹²⁶ [A] Rui espavorido

¹²⁷ [A] <†>/Depois\

¹²⁸ [A] - Que tem Luísa?

¹²⁹ [A] Ela <sossegou-o:> [† contorcia-se. Depois s<†>/orriu\ branco. E sossegou:]

¹³⁰ [A] uma pontada[†... Já de manhã...]

¹³¹ [A] Veja[,] se é preciso,

¹³² [A] - Não. (olhou o chão.) Para além da terra dos canteiros andavam fantasmas.

¹³³ [A] <Mas Luísa amava-o muito, muito<.>/\ assim mesmo, como ele era.> [† (E talvez soubesse)]

¹³⁴ [A] O Rui é que precisava de cura, de muito repouso. O Rui havia de custar a curar. [E] <T>/t\alvez não custasse. Não<.>/\ não custava. O Rui era movediço. Qualquer impressãozita o transformava. Amanhã esqueceria. <Estaria>/Amanhã\ estaria bom.[]]

¹³⁵ [A] - Já à porta

¹³⁶ [A] Porque hei-de ficar a mal.

- Tudo passou... 「Olhe, Rui, (falava estranhamente) trabalhe, lute, seja um homem...¹³⁷ Só com o trabalho se 「faz¹³⁸ alguma coisa.

Rui perguntou-se: «a que propósito vem isso?»

¹³⁹Luísa deita-se. A pontada ainda dura. Talvez da caminhada... Rui! 「Ele¹⁴⁰ a dizer de novo «amo-a... pode crer». Porque 「se rira¹⁴¹ Luísa? Porque seria? Que estupidez! Rir-se. De quê? 「Se ela se sentisse mal junto dele... Mas não. Apesar de tudo, sentia por Rui qualquer coisa de diferente.¹⁴² Talvez uma amizade maior. 「Ele era um rapaz aproveitável. Só não sabia o que queria. E rolava aos tropeções...¹⁴³

Luísa está triste. 「«Porque me ri?... Fui grosseira... Coitado do Rui...»¹⁴⁴

De repente... Há 「nela¹⁴⁵ qualquer perturbação esquisita. A cabeça! Talvez a cabeça. Ou não... o peito. A pontada. Revolvem-se-lhe todas as entranhas. 「Asfixia. Pesos. Uma corda atando-lhe o pescoço.¹⁴⁶ Fúrias no cérebro. Ligeira tosse. Um gorgolejo. A inexistência...

- Dá licença?

Silêncio.

「- Dá licença, menina?¹⁴⁷

Silêncio.

A criada desloca 「a porta.¹⁴⁸ Traz um frasco de tintura.

Luísa derrama-se da cama. 「Os rolos de cabelo dlandam-lhe rentes ao chão. O soalho tingira-se de um vermelho vivo.¹⁴⁹

- Minha senhora! Acudam!

A criada de olhos esgazeados. 「A patroa que acorre. Ordens desencontradas. A angústia. Tropeções. Por fim, uma ideia segura: o médico. E o médico veio, impermeável à dor. Se se tratasse de um caso invulgar, de um «caso interessante»,

¹³⁷ [A] Olhe Rui (falava estranhamente) estude. Seja um homem...

¹³⁸ [A] <é>/faz\

¹³⁹ [A] [fol. 150]

¹⁴⁰ [A] <†>/Ele\

¹⁴¹ [A] se riria

¹⁴² [A] Se ela <o não amasse!> [† se sentisse mal junto dele...] Mas não. [† Apesar de tudo] <S>/s\entia por <ele>/Rui\ qualquer coisa [† de] diferente.

¹⁴³ [A] [omisso em A]

¹⁴⁴ [A] Porque <††>/me ri>!...» [Fui grosseira... Coitado do Rui...»]

¹⁴⁵ [A] [† nela]

¹⁴⁶ [A] <Perturbações.> Asfixia. Pêsos. Um[a] <laço> corda atando-lhe o pescoço.

¹⁴⁷ [A] - Dá licença menina?

¹⁴⁸ [A] A porta[.] <com cui>

¹⁴⁹ [A] Os <ca> [† rol]os de cabelo dlandam-lhe rentes ao chão. O soalho? Tingira-se dum vermelho vivo.

sentiria curiosidade talvez. Assim, não. Nem curiosidade. Uma hemoptise? Coisa banal. De todos os dias. Por isso o médico examina a doente com indiferença. Nada de novo: a mesma doença, os mesmíssimos sintomas, o mesmíssimo remédio; «comer e repouso».¹⁵⁰ E o médico sai. O mesmo médico. A mesma indiferença. O mesmo gesso.

「O receio de contágio apartou as roupas e as louças de Luísa e uma esperança de rápido desenlace se desprende de uma observação que o médico lançara daí a dias:

- Forma progressiva... Fibras elásticas... O diabo!

- Como, senhor doutor?

- Nada... Cá falo. E, ouça... A pequena é natural que morra dentro de pouco tempo. Devem estar preparadas para isso.

A patroa considera:¹⁵¹ «coitadinha, mais vale assim. Escusa de sofrer 「muito¹⁵² tempo». Luísa agora pensa apenas em morrer. A morte é um bem. 「Para ela,¹⁵³ é um bem. O Rui viverá. Luís viverá. Viverão todos. Ela, porém, morrerá em breve. Isso que tem? Ela sentia-se deslocada 「no mundo.¹⁵⁴ Deve morrer. Toda a gente tem uma razão de existência. Ela não tinha. 「No fim de contas, não tinha. Para que viver?¹⁵⁵ Rui dissera-lhe um dia: «os ideais são um processo de sofismar a vida. A vida é a luta do bem com o mal. Devemos assistir impassíveis a essa luta». Curioso: Rui 「preconizava¹⁵⁶ uma atitude passiva; e era um idealista. Luísa não concordava com a

¹⁵⁰ [A] <Os †>/A pa\trôa <††> /que acorre. Ordens desencon\tradas. A <aflí>/na\gústia. Tropeções. Por fim uma ideia segura: o médico. E o médico chega impermeável à dor. <[† quase desinteressado.]> Se se tratasse dum caso invulgar, dum «caso interessante» <...> [† sentiria curiosidade<.> Talvez.] <†>/Assim\ não. [† Nem curiosidade.] Uma hemoptise? Coisa banal; de todos os dias. Por isso o médico examina a doente com indiferença. Nada de novo: a mesma doença, os mesmíssimos sintomas, o<s> mesmíssimo<s> remédio: «comer e repouso».

¹⁵¹ [A] <† sempre o receio de contágio. Há quem duvide:

- Será de facto o que o médico disse? Não seria melhor chamar-se outro?

E chamou-se outro. Luísa estava inerte. <Andava tão longe dos médicos e da doença> [† No seu cérebro *parara-se um decreto: morrer. E aceitava-o com gosto.

O novo médico. As mesmas perguntas. A mesma máscara. O mesmo exame. A conclusão porém foi [† um pouco] diferente:

- Tuberculose galopante.>

[O receio de contágio apartou as roupas e as louças de Luísa e <††>/uma\ esperança <dum>/de\ rápido desenlace se desprende duma observação que o médico lan<çou>/ara\ [† distraidamente] <À saída> [† daí a dias:]

- <É provável> [↓→Esta análise... Fibras elásticas...] <que seja>/Deve ser\ galopante... <Daqui a dias se verá...>

A patroa considerou... etc] [*acrescento no verso da folha com a indicação (Volte) – 1*]

¹⁵² [A] <tanto>[† muito]

¹⁵³ [A] Para ela

¹⁵⁴ [A] <.>[† no mundo.]

¹⁵⁵ [A] [† No fim de contas não tinha] P’ra que viver?

¹⁵⁶ [A] <proclamava> [† preconizava]

teoria dele. E seguia-a. Mas seguia-a involuntariamente. Quis reagir. Quis ter 'ideias.¹⁵⁷
'Quis arranjar uma razão forte de existência. E não a achou. Quisera ser boa e ajudar os outros na caminhada longa e triste cá desta vida. Seria esse o seu ideal, o seu grande ideal. Mas, afinal, mais do que nunca, ela percebia, agora, que fora uma inútil, porque todo o seu desejo e toda a sua acção se tinham perdido como o grão de areia no deserto... Julgara que vinha revolucionar o mundo. Mas o mundo ficava igual... E no entanto, dentro dela, existira também uma vida semelhante à de todos, feita de outras ilusões e esperanças, que o seu desejo novo, a sua ânsia nova tinham escondido num canto da alma... Porque as esperanças eram fúteis e as ilusões eram vazias...

Para quê tudo isso, se o caminho ficara sempre longe, sempre inacessível e obscuro? Todas as estradas eram parecidas. Só no fim eram diferentes... Quando se dizia: «falhei!»¹⁵⁸

'Tudo porém agora acabaria...¹⁵⁹ Era feliz por isso.

O Rui ficaria talvez zangado com ela. 'Oxalá ficasse.¹⁶⁰ Afinal tinha feito bem 'em rir-se dele.¹⁶¹ 'Esquecê-la-ia¹⁶² mais depressa.

Luísa sentia-se contente. Agora só queria partir, partir depressa. O mundo ficaria. Ficariam os conhecidos, os amigos... Ela partiria. 'E que diriam dela?¹⁶³ Como seria o enterro? Romantismo 'tolo.¹⁶⁴ 'Que importava o enterro?¹⁶⁵ Que importava o

¹⁵⁷ [A] ideais.

¹⁵⁸ [A] Qui<z>/s\ arranjar uma razão de existência <e não a achou. <Afeiçãoara-se ao Rui e não quis confessar essa afeição.> [↑ Daquela ânsia de fazer bem não calhou afinal o prazer *achado.] <Julgava tudo uma intrujice da vida.> [↑ Porque a sua necessidade de cura, não morria curando os outros. Ela tinha uma vida também. Vida que era <[↑ sua]> dela, só dela. Mas sempre [fol.151] <tinha> [↑ tivera]> medo da ilusão <,e\ das esperanças. E tinha medo de si próprio. Às vezes julgava-se conformada. Era um engano: dentro dela havia a revolta muda, a indisciplina.> [E não a achou. Quisera boa <,e\ ajudar os outros na caminhada longa e triste cá desta vida. Seria êsse o seu ideal, o seu grande ideal. Mas afinal <ela percebe agora> mais [↑ do] que nunca ela percebia agora que fôra uma inútil, p <e>/por\que todo o seu desejo e tôda a sua acção se tinham perdido como o grão de areia no deserto... Julgara que vinha revolucionar o mundo. <E>/Mas o mundo ficava igual...

<Fora aquele desejo que lhe tinha>

E no entanto, <†>/dentro\ dela existira também uma vida <igual> [↑ semelhante] à de todos feita <de> doutras ilusões e esperanças, que o seu desejo novo a sua ânsia nova [↑ tinham] escondido num canto da alma... <Porque as ilusões eram vãs e as> Porque as esperanças eram fúteis e as ilusões eram vazias...

Para quê tudo isso se o caminho ficara sempre longe, sempre inacessível e obscuro? Tôdas as estradas <são>/eram\ parecidas. Só [n]o fim <as distinguia...> [↓eram diferentes...] Quando se dizia <«errei!»> [↑ «falhei!»]] [*Acréscito no verso da página 150 com indicação (Volte) 2*]

¹⁵⁹ [A] <Agora tudo acabava.> [↑ Tudo porém agora acabaria.]

¹⁶⁰ [A] Oxalá ficasse zangado.

¹⁶¹ [A] Ao rir-se dele.

¹⁶² [A] Esquec<eria>[ê-la-ia]

¹⁶³ [A] <Para onde?> [↑ E que diriam dela?]

¹⁶⁴ [A] <pacóvio> [↑ tolo].

¹⁶⁵ [A] Que importava o enterro?!

que diriam dela? Partiria. E para onde?... «A religião, metade é instinto, a outra metade... Que religião é a minha?... 「Deus, princípio de tudo... religiões, fragmentos de uma lei...¹⁶⁶ 「Que religião é a minha? Que importa a religião?¹⁶⁷

Noite. Tantos fantasmas! Gente conhecida! Gente desconhecida! Ruídos lá de fora. Ruídos abafados. Não há ruído nenhum afinal. Sossego. Sossego de 「serenata.¹⁶⁸ Quem dera agora uma serenata! 「Tolice;¹⁶⁹ uma serenata! Para quê a serenata? 「Sobretudo, para quê esta moleza de espírito?¹⁷⁰ Única realidade: a vida acabará depressa. E isso que importa? Noite. 「Uma dor no peito.¹⁷¹ Outra vez 「a dor¹⁷² no peito. Angústia. A criada corre. (A criada velava). Acende a luz. A luz 「espalha¹⁷³ uma claridade que fere. Tanta luz! Para quê tanta luz? «Apaguem...ai! 「(funda respiração)¹⁷⁴ apaguem a luz...»

Luísa piora. Alguém que 「chega,¹⁷⁵ angustiada:

- A minha filha! Meu Deus, que tem a minha filha?

「É a mãe de Luísa.¹⁷⁶ O pai andava longe pelos negócios.

Noite de suores. 「Noite para os outros...¹⁷⁷

¹⁶⁶ [A] <Não sabia as certezas.> [↑ Deus, princípio de tudo... religiões, fragmentos duma lei...]

¹⁶⁷ [omisso em A]

¹⁶⁸ [A] serenatas.

¹⁶⁹ [A] <Estúpidez:> [↑ Tolice:]

¹⁷⁰ [A] [↑ Sobretudo, para quê esta moleza de espírito?]

¹⁷¹ [A] Um[a] <peso> [↑ dor] no peito.

¹⁷² [A] <o>/a\ <peso>[↑ dor]

¹⁷³ [A] <derrama> [↑ espalha]

¹⁷⁴ [A] [↑(funda respiração)]

¹⁷⁵ [A] chega

¹⁷⁶ [A] <*A>/É\ [↑ a] mã<i>/e\ de Luísa.

¹⁷⁷ [A] Noite <dos>/para\ [↑ os] outros...

III¹⁷⁸

- Sabes quem está mal?

「- Quem?¹⁷⁹

- A Luísa. Coitada. 「Tem uma galopante. Aquilo, mais dia menos dia...¹⁸⁰

Catarina soubera-o pelo Cruz. Amélia 「respondeu:¹⁸¹

- Não era má rapariga.

Julgava-a perdida. Por isso dizia «não era».

- Já foste vê-la?

- Não.

- Temos de lá ir.

E foram.

「Amélia não visitava Luísa por julgá-la amiga sua, mas apenas porque eram colegas de Faculdade. E não era amiga dela porque a achara sempre intrusa, coscuvilheira, incapaz de se calar como faziam as outras raparigas conhecidas, e de se conservar longe do que lhe não dizia respeito. «Porque andou com A e com B? Bem sabe como Coimbra é... Não devia andar com eles... vê? Depois levantam-se coisas...» «Você sabe de certeza o que quer, Amélia? Você já pensou bem?».

Quando Luísa lhe falou assim pela primeira vez, Amélia teve vontade de lhe referir os sonhos perdidos e a sua ânsia de viver. Não teve coragem. Depois achou que tinha procedido bem, porque afinal ninguém tinha nada com a sua vida. (Pois não seria?) Ainda se lhe dessem razão e a lamentassem...

Veio o namoro do Domingos (outro sonho que se perdia) e Luísa não mais lhe tocou na sua vida particular. «Passou bem? Está boa? Então esse latim?» e pouco mais...

Foi assim que Amélia a esqueceu também. Só quando a Catarina lhe anunciou «Sabes que a Luísa namora o Rui?», só talvez ela lhe sentiu de novo a presença viva. Talvez por uma questão de despeito. Talvez... Se ela o namorava, tinha sido uma intrujona e tê-lo-ia até instigado a ele a deixá-la, pintando-lhe, a seu gosto, essa história do Liceu, que Amélia nunca chegara a entender.¹⁸²

¹⁷⁸ [A] 3

¹⁷⁹ [A] - Quem<?>/!/?

¹⁸⁰ [A] [↑ Tem uma galopante.] Aquilo mais dia menos dia...

¹⁸¹ [A] condeu-se:

¹⁸² [A] <Amélia não aturava Luísa. Porque dissera pois «não era má rapariga»? Achou-a sempre intrusa, coscuvilheira. Se passeava com um rapaz conhecido Luísa dizia[↑ -lhe]: «p'ra andou com ele?» [↑ não

「A um namorado de uma pessoa amiga, ou até mesmo conhecida, ninguém devia «pegar»... Ainda que o namoro tivesse acabado. Eram¹⁸³ hábitos firmados. Luísa ia de encontro ao costume. 「Logo, ofendia Amélia. Porque dissera, pois,¹⁸⁴ de Luísa que «não era má rapariga?»

「- Eu vou vê-la, mas,¹⁸⁵ a falar-te francamente, nunca simpatizei muito com ela - acordou Catarina.

- Olha. Ia a pensar o mesmo. Já não morremos hoje.

- Mas na morte não há inimigos. Enfim...

Amélia achara: 「«Luísa não era má rapariga», porque «estava a morrer, e na morte «não havia inimigos»」.¹⁸⁶

「Chegaram.¹⁸⁷ O quarto está cheio de visitas. 「A Celina,¹⁸⁸ Joana e outras. Há um ar empestado. Por isso Amélia e Catarina 「tencionavam demorar-se pouco tempo.¹⁸⁹

- Então como está?

Luísa sorri.

devia andar com ele...] Vê? Depois falam...» Por isso Amélia aborrecia-a. <Tanto mais que> [↑ Que afinal] Luíza «também andava com uns e com outros. Diziam que era amizade... <Qual amizade?»>

Agora porém que namorava o Domingos, Luíza apagara-se-lhe. Só quando Catarina lhe disse: «a Luíza anda sempre com o Rui», é que Amélia sentiu a presença dela, talvez por uma questão de orgulho. Se Luíza andava [↑ muito] com o Rui é porque gostava dele. Se gostava dele, Rui valia alguma coisa. Ora Rui não [fol. 152] devia valer nada. <Ninguém> [↑ Nenhuma rapariga] lhe devia olhar para a cara. Se Amélia o achava «reles de físico», ninguém devia gostar dele. Logo Luíza <↑> ultrajava Amélia, porque não era da mesma opinião.> [Amélia não visitava Luíza porque <seja>[↑ fosse] sua amiga, mas <por> [↑ apenas] por[↑que] <camaradagem.> [↑ eram colegas de Faculdade.] E não era sua amiga porque a achava sempre intrusa, cuscuvilha, incapaz de se calar como faziam as outras <colegas> [↑ <cama>raparigas conhecidas] de se conservar longe do que lhe não dizia respeito. «Porque andou com A <↑>/e\ com B? Bem sabe como Coimbra é... <Depois fala-se> Não devia andar com eles... Vê? Depois <falam...> [↑ levantam-se coisas...>]

Quando Luíza lhe falou assim pela primeira vez, Amélia teve vontade de lhe <falar>/contar\ dos sonhos perdidos e da ânsia de viver. Não teve coragem. Depois achou que tinha procedido bem porque afinal ninguém tinha nada com a sua vida. (Pois não seria? Ainda <se se condoeu> [↑ se lhe dessem razão e a lamentassem...)

Veio o namôro do Domingos (outro sonho que se perdia) e Luíza não mais <lhe perguntou nada s> [↓ lhe tocou] na sua vida particular. «Passou bem? Está boa? Então êsse latim?» e pouco mais...

Foi assim que Amélia a esqueceu também. [E] <S>/s\ó quando Catarina lhe <anunci> anunciou: «Sabes que a Luíza namora o Rui?...», só então ela lhe sentiu de novo a presença viva. Talvez por uma questão de <orgulho> [↑ despeito]. Talvez... Se ela o namorava tinha sido uma intrujona e tê-lo-ia <insti> até instigado a ele a deixá-la[,] pintando-lhe[,] a seu gosto[,] essa história do namôro do Liceu, que Amélia nunca chegara a compreender.

De resto a um namorado...etc] [*acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)*]

¹⁸³ [A] <Demais> [↑ De resto] a um namor<o,>[↑ado] <mesmo antigo,> duma pessoa amiga, [↑ ou até mesmo conhecida] ninguém dev<e>/ia\ «pegar»... Mesmo que o namoro <tinha>/tivesse\ acabado. <São>/Eram\

¹⁸⁴ [A] Logo ofendia Amélia. Porque dissera pois

¹⁸⁵ [A] - Eu vou vê-la mas

¹⁸⁶ [A] «Luísa não era má rapariga porque estava a morrer<.>/,\ [↑ e na morte, não <há>/há\via] inimigos»

¹⁸⁷ [A] Chegara. Luíza mor<ava>/a\ na Praça da República.

¹⁸⁸ [A] <A Albertina,> <a>/A\ Celina,

¹⁸⁹ [A] <demoram-se> [↑ tencionam demorar-se] pouco<.> [tempo.]

- Isso passa depressa. Qualquer dia está fina...

Luísa mal reage. «Passa depressa... Se passasse... Talvez passe. Sim... Qualquer dia»... A conversa tornava-se difícil. Há quem fale de livros e de aulas. Mas Luísa não ouve falar de aulas nem de livros. Agora pensa em Amélia: «esta rapariga vem a ter um fim trágico... Di-lo toda a gente» Sente vontade de a avisar: «tenha cuidado, Amélia, veja lá.¹⁹⁰ Já conhece bem o seu namoro? Olhe que o mundo...» Diluem-se-lhe os pensamentos. O mundo... Que pensava ela do mundo?

「A criada diz:¹⁹¹

- Esteve ali um senhor a perguntar se a menina estava melhor...

Luísa pensa «quem seria o senhor?»

Amélia e Catarina despedem-se.

- Então adeus. Estimo as melhoras.

「- O... briga... da. - Depois lembra-se de qualquer coisa e murmura: - Amélia! Eu queria dizer-lhe... duas palavras.¹⁹²

「Luísa pede às outras colegas «que façam o favor de sair um pouquinho».

Amélia a sós diante de Luísa. Metem-lhe medo aqueles olhos orlados a roxo, aquele rosto branco enodado de rosetas vermelhas.

- Olhe, eu queria dizer-lhe...

Fala a custo. Sua voz mortiça parece que vai apagar-se definitivamente de um momento para o outro.

- Veja lá, não se canse...

- Estou bem... Queria dizer-lhe que eu... eu não namoro o Rui... Juro-lhe...

Não era preciso jurar. Àquela hora da vida a palavra de Luísa era mais forte que todos os juramentos. Como tudo agora era diferente...

- Eu disse isso porque mo tinham dito. Eu por mim...

- Não faz mal... Outra coisa... sabe... Não era por mal... que eu lhe dizia às vezes... que tivesse... cuidado... Creia...

Como tudo agora era diferente! Aquele rosto de cera, parado na almofada branca, recebia, de qualquer longe desconhecido, um vago resplendor de uma auréola de

¹⁹⁰ [A] Talvez passe., <Mais dia menos dia>> [↑ Sim... Qualquer dia...] A conversa torna-se difícil. Há quem fale de livros<,>/e\ d<as>/e\ aulas. Mas Luísa não ouve falar de livros <e>/nem\ de aulas. [↑ Agora] <P>/p\ensa em Amélia: «esta rapariga vem a ter um fim trágico... Di-lo toda a gente» Sente vontade de <lhe dizer:> [↑ a avisar:] «Tenha cuidado Amélia veja lá.

¹⁹¹ [A] <†>/A criada\ diz:

¹⁹² [A] -<O[...]brigada> /O... briga... \ da. - [Depois lembra-se de qualquer coisa e <pede:> [↑ murmura:] - Amélia! Eu queria dizer-lhe... duas... palavras]

santa... Aquele rosto de cera... Floco de névoa que os raios do sol atravessassem e em breve levaria que a cova o suave murmúrio da sua mensagem... A alma de Amélia sente agora uma vontade estranha de dizer tudo, tudo o que não disse a Catarina, porque Luísa era um anjo bom... Por isso conta... Fala das encruzilhadas a que o seu caminho a levaria. Da casa branca entre as flores do jardim e de um amor novo que preenchesse o vazio, o vazio de sempre... Fala, porque Luísa era o anjo bom...

- Desculpe... mas julgava-a outra... Julgava-a mal... Amélia...

Nunca nos encontramos... E a vida põe-nos tão perto uns dos outros... Os olhos da alma eram cegos, porque só viam o que os olhos da carne lhes mostravam...

- Obrigada, Luísa... Estimo-lhe as melhoras... Eu espero que há-de melhorar.

Ela sorriu de manso.¹⁹³

「Cá fora há sol vivo,¹⁹⁴ 「retinindo na calçada, na chapa dos telhados. Grito forte de primavera clara que estala de alegria. Catarina reparou que o sol vivo do seu mundo repelia a angústia daquele quarto. Por isso advertiu:¹⁹⁵

¹⁹³ [A] [Luiza pede às outras colegas <para> [↑ que] fa<zer>/çam\ o favor de sair um pouquinho».

Amélia a sós diante de Luiza. Mete[m]-lhe mêdo ²aqueles olhos orlados a roxo. <[↑ e]> ¹aquele rosto branco<.> [↑ enodado ↓ de ↑ rosetas vermelha<†>/s\ <faces>

- Olhe, eu queria dizer-lhe...

Fala a custo. [Sua voz mortíça parece que vai apagar-se definitivamente ↓ de um momento para o outro.]

- Veja lá, não se canse...

- Estou bem... Queria dizer-lhe que eu... eu não namoro o Rui... [Juro-lhe...]

Não era preciso jurar. Àquela hora da vida a palavra de Luiza era mais forte que todos os juramentos. Como tudo agora era diferente...

- Eu disse isso porque mo tinham dito. Eu por mim...

- Não faz mal... Outra coisa... sabe... Não era por mal... que eu lhe dizia às vezes... que tivesse... cuidado... <Crei> Creia...

Como tudo agora era diferente! Aquele rosto <branco> de cera parado na almofada branca recebia de qualquer <parte>/longe\ desconhecido<a>/o\ <o>/um\ vago resplendor duma auréola de santa<.>/... \ <Ou de anjo bom. Vaga morreria em breve.> [↓ Aquele rosto de cera... Sombra] de nuvem que os raios d<e>/o\ sol atravessa<sse>/Va\m e em breve levaria que a cova o <†> suave murmúrio da sua mensagem... A alma de Amélia sente agora uma vontade estranha de dizer tudo, tudo o que não disse a Catarina, porque Luiza era um anjo bom... Por isso conta... Fala das encruzilhadas a que o seu caminho a levaria. Fala dos sonhos perdidos e da sua ânsia de ser feliz. Da casa branca entre [↑ as] flores do jardim e dum amor novo que preenchesse o vazio, o vazio de sempre... Fala, porque Luiza era o anjo bom...

- Desculpe... mas julgava-a outra... Julgava-a mal... Amélia...

Nunca nos encontramos... E a vida põe-nos tão perto uns dos outros... Os olhos da alma eram cegos, <†> porque só viam o que os olhos da carne lhes mostravam[...]

- Obrigada, Luiza... Estimo-lhe as melhoras... Eu espero que há-de melhorar.

Ela sorriu de manso.

- Ó menina. Isto precisamos de nos 「desinfectar... - Depois indaga: - Afinal que é que ela te queria?

- Nada... pediu-me desculpa de às vezes dizer o que sabes...

- Coitada...¹⁹⁶

O Cruz assalta-as:

「- Boa tarde. Passou bem? Estás boa, tu? Então?... Onde é a vinda?

- Fomos ver a Luísa.

- Ah! e que tal?¹⁹⁷

- Coitada... Está pronta...

Calaram-se. 「Por dentro,¹⁹⁸ Cruz remoía: «que diabo! 「Não há forma de largar esta companhia!» Já há tempos ele dissera a Catarina: «vê se andas menos com a Amélia. Tu devias mas era sair de lá de casa. Bem sabes o que dizem dela». Mas Catarina segurava-o: «Ora! Coitada! É uma infeliz...» Curioso: o Rui dissera em tempos (há que tempos) o mesmo a Amélia: «vê lá as companhias. Não me andes com toda a gente. O melhor será até andares sozinha. Essa Catarina... Disseram-me umas coisas... Talvez fosse melhor saíres daquela casa».¹⁹⁹

Cruz 「só²⁰⁰ de quando em vez dizia uma chochice. E apertava mais o nó da gravata. Catarina ouvia-o com enfado. Mas era forte, o Cruz. 「E dava beijos ardentes.²⁰¹

²⁰²Amélia segue 「alheia²⁰³ ao que 「António Cruz²⁰⁴ e Catarina vão a dizer. Outrora, quando passeavam os três, tinha sempre o cuidado de tomar parte na conversa,

¹⁹⁴ [A] Cá fora há sol vivo.

¹⁹⁵ [omisso em A]

¹⁹⁶ [A] desinfectar. [- Depois indaga - Afinal que <††>/é que\ ela te queria?

- Nada... Pediu-me desculpa de às vezes dizer o que sabes...

- Coitada...]

¹⁹⁷ [A] - Boa tarde; passou bem? Estás boa tu? Então... donde é a vinda?

- Fomos ver <uma colega, que está mal. Conheces? A Luíza?> [† a Luísa.]

<- Não estou certo.> [† - Ah! E que tal?]

¹⁹⁸ [A] Por dentro

¹⁹⁹ [A] não há forma d<a>/e\ <amiga> [† largar] <†>/esta\ companhia!» [† Já há] tempos <que> ele <dizia>/dissera\ a Catarina: «Vê se andas menos com a Amélia. [† Tu devias mas era sair lá de casa] Bem sabes o que dizem dela». Mas Catarina segurava-o: «ora! Coitada! É uma infeliz...» <«[† ††† casa]> <é> <c>/C\urioso[:] <que> <Domingos> [† o Rui dissera [† em tempos (há que tempos!)] o mesmo a Amélia: «vê lá as companhias. Não me andes com toda a gente. O melhor será até andares sózinha. <Mesmo a> [† Essa] Catarina... [Disseram-me umas coisas... ↓Talvez fosse melhor saíres daquela casa».]

²⁰⁰ [A] [† só]

²⁰¹ [A] <E já beijava menos mal. Catarina sabia beijar. De olhos baixos sorvia gozos surdos como a Greta Garbo do> [E dava beijos ardentes.]

²⁰² [A] [fol.153]

²⁰³ [A] <†>/alh\eia

²⁰⁴ [A] Mário Cruz

「porque,²⁰⁵ se alguém a visse afastada e estranha ao que os namorados diziam, julgá-la-ia o pau de cabeleira de Catarina e rir-se-ia 「dela.²⁰⁶ 「Uma rapariga «pau de cabeleira», no geral, é feia, inútil, e desvia-se delicadamente um pouco da amiga e do namorado, quando os acompanha pela rua ou com eles repousa nalgum jardim, para que eles conversem à vontade.²⁰⁷ As raparigas enfeitadas e de bom 「corpo²⁰⁸ têm quase sempre um «pau de cabeleira» que lhes ouve as confidências amorosas e saboreia assim, de longe, as delícias de um namoro. Em tudo isto pensava outrora Amélia, apesar de se julgar mais bela do que a amiga. Sobretudo quando passava 「alguma pessoa conhecida.²⁰⁹ 「Mas hoje vai alheia a tudo, porque Luísa lhe enche os pensamentos.²¹⁰ 「Porém, a conversa que com ela tivera cedia bem depressa à sua tétrica imagem no leito.²¹¹ Ela estava de cera. Os olhos 「tinham-se²¹² arroxeados e perdiam-se em covas fundas. 「Quando franzia²¹³ um sorriso, viam-se-lhe as gengivas esbranquiçadas. 「O que a vida era... Luísa, que ainda há dias sobraçava, alegre,²¹⁴ a pasta de fitas azuis, Luísa ia morrer...

E se Amélia morresse também?

「Meu Deus,²¹⁵ que ideia! Todos temos de morrer, é certo. Mas Amélia duraria muito. Era forte, nunca tinha tido doença 「nenhuma... Tinha esperança de ainda²¹⁶ vir a conhecer os netos. Netos dela e do Domingos. Do Domingos... Sabia-se lá... Ele agora andava tão frio! Desde que Amélia não mais quisera acompanhá-lo em longos passeios 「(com que dificuldade... mas a carne nascera com um fim estranho),²¹⁷ Domingos mudara. A princípio ele julgou ainda aquilo um capricho da namorada:

- Mas que mania a tua... É o que eu digo, não tens confiança em mim...

²⁰⁵ [A] porque

²⁰⁶ [A] <†>/dela\.

²⁰⁷ [A] Uma rapariga pau de cabeleira no geral é feia, inútil e <incapaz de arranjar namoro.> [↓ desvia-se delicadamente um] pouco da amiga e do namorado, quando os acompanha pela rua ou <repousam nalgum> com eles repousa nalgum jardim<.>/\ [↑ para que eles conversem à vontade.]

²⁰⁸ [A] corpo

²⁰⁹ [A] <alguém conhecido.> [↓ alguma pessoa conhecida.]

²¹⁰ [A] Mas hoje <Amélia> vai alheia <de>/a\ <†> tudo, porque Luísa <não> lhe enche o pensamento.

²¹¹ [A] <†>/Porem\ a conversa que ²com ela ¹tivera ced<e>/ia\ <bem> <[↑ porems,]> [↑ bem] depressa à [↑ sua] tétrica imagem <de Luísa afundada> no leito.

²¹² [A] tinham

²¹³ [A] Quando <[↑ †]> franzi<u>/a\

²¹⁴ [A] O <que>/que\ <†>/a\ vida era... Luísa, que ainda há dias sobraçava alegre

²¹⁵ [A] Meu Deus

²¹⁶ [A] nenhuma!... <A>/T\inha esperança de ainda

²¹⁷ [A] (com que <custo> dificuldade... Mas a carne nascera com um fim estranho!)

Não, não tinha! Não tinha confiança 「nele²¹⁸ nem em si. Porque a vida muda num momento.

- Mas vê lá, Domingos. Achas que é muito bonito andarem a falar de nós?

「Francamente: parece²¹⁹ que até devias gostar de eu não querer ir...

Por isso ele sentiu vontade de lhe dizer, algumas vezes, abertamente:

- Mas então tu julgas que eu não sei o que tens feito para aí com todos?

Era pior. Amélia encher-se-ia de raiva e não cederia jamais.

Catarina acorda-a:

「- Ouve lá: tu não compraste²²⁰ os números que saíram do «*Combatente*»?

- Comprei. Tenho-os em casa.

- Era para emprestar aqui ao 「António.²²¹

「António Cruz reflecte: «Afimal²²² escusava de pedir os jornais. O Fernando emprestava-mos. Que eu também não sei o que fiz aos meus...»

Amélia prossegue 「a sós: «Para que penso eu hoje²²³ tanto no Domingos?» E havia razão para perguntar-se. Já chorara. Já rira. 「Tinha-se conformado, afinal, há tanto tempo,²²⁴ com tudo o que viesse... E todavia a visita que fizera a Luísa 「mudara-lhe²²⁵ o mundo e a vida. Assim, percebia agora como nunca 「a tristeza do seu futuro.²²⁶ Porque o Domingos mentira quando lhe prometeu casamento «para breve». Tristeza que ela cobrira já de risos claros de esperança. Vaivém... vaivém... A cada momento 「o mundo²²⁷ renasce e morre!... 「Ele mentira.²²⁸ Os homens mentem. Toda a gente mente. E foi preciso 「ver Luísa moribunda para concluir isto.

Amélia voltava atrás.²²⁹ Sentia-se mole como antigamente. 「Se já estivesse sozinha²³⁰ no quarto, choraria decerto. Ela que já não chorava há tanto tempo. 「E, em plena rua, sentiu²³¹ uma vontade doente de chorar.

²¹⁸ [A] nele,

²¹⁹ [A] Francamente; <†>/parece\

²²⁰ [A] -Ouve lá. Tu não <pens> compraste

²²¹ [A] <Cruz> Cruz.

²²² [A] Mário Cruz reflecte : «<a>/A\final

²²³ [A] a sós. «<Porque>/Para\ [↑ que] penso [↑ eu] hoje

²²⁴ [A] Tinha-se conformado [↑ afinal] há tanto tempo

²²⁵ [A] mudara-lhe <agora>

²²⁶ [A] a tristeza d<a>/o\ s<ua>/eu\ <vid> futuro.

²²⁷ [A] <a vida> [↑ o mundo]

²²⁸ [A] [fol. 154] Ele mentira.

²²⁹ [A] ver Luíza <a morrer,> [↑ moribunda] para <*pensar> [↑ concluir] isto. <Amélia vo> Amélia voltava atrás.

²³⁰ [A] Se [↑ já] estivesse <[↑ já]> sózinha

²³¹ [A] E em plena rua <†> [↑ sentiu]

- Queres tu ir hoje ao cinema?

「- Aonde?²³²

- Ao cinema.

- Mas porque é que te lembraste hoje de ir ao cinema?

- A ver se me distraio. Venho cá a 「pensar²³³ na Luísa. 「Faz-me aflição pensar...²³⁴

Cruz 「continuou.²³⁵

- Não tem falado noutra coisa. 「Daqui a pouco,²³⁶ vou para casa a julgar que também já estou tuberculoso...

Catarina reflectiu que o gracejo era de parvo. 「Depois defendeu-se:²³⁷

「- Sem falar noutra coisa, não. Mas olha que, de facto, mesmo quando te falava em alhos,²³⁸ pensava em bugalhos. É uma impressão...

Amélia anuiu ao pedido. Fora mesmo uma excelente ideia essa 「de irem ao cinema.²³⁹ Chamaria o Domingos. E o Domingos iria também. Haviam de conversar. 「Ela havia de perguntar-lhe²⁴⁰ de novo: «ainda gostas de mim?» Mas estava já a ouvi-lo aborrecido: «ó menina! 「Mas²⁴¹ então é preciso que eu te diga a toda a hora e momento: gosto, gosto?!» E ela calar-se-ia. O Domingos 「estava, de facto,²⁴² mudado.

- Nesse caso vamos 「pela²⁴³ Livraria chamar o Domingos.

- Pois sim.

「Domingos Costa, sorridente, cumprimentou. Amélia, animada, despediu:²⁴⁴

- Queres ir hoje ao cinema? Vamos todos.

Domingos mediu o Cruz e Catarina. Não quis ser «desmancha prazeres».

- Prontinho, menina. Vamos lá ao cinema.

Para consigo próprio, porém, resmungou: «lá vou eu gastar mais oito *paus* 「com esta espiga.²⁴⁵ 「Ora mas²⁴⁶ quem me mandou a mim meter-me nestes sarilhos?»

²³² [A] - <Sim?> Aonde?

²³³ [A] <matutar> [↑ pensar]

²³⁴ [A] Faz-me aflição <ver assim> [↑ pensar...]

²³⁵ [A] <*ajudou> [continuou...]

²³⁶ [A] Daqui a pouco

²³⁷ [A] <†>/Depois\ defendeu-se:

²³⁸ [A] - <†>/Sem\ falar noutra coisa, não. Mas olha que <†>/de facto\ [↑ mesmo quando te] falava <†> em alhos <†>

²³⁹ [A] do>/e\ [↑ irem] ao cinema.

²⁴⁰ [A] [↑ E] ela havia de <lhe> perguntar[↑-lhe]

²⁴¹ [A] <†>/Mas\

²⁴² [A] estava de facto

²⁴³ [A] <à>/pela\

²⁴⁴ [A] Domingos Costa sorridente, cumprimentou. Amélia animada despediu: [C] <despediu>[↑ propôs]

Amélia ata:

- Bem; então apareces lá 「por casa」²⁴⁷ para irmos todos juntos.

Despediram-se. 「António Cruz,²⁴⁸ atrelado, ainda as acompanhou. Depois pretextou uma visita necessária à Biblioteca Geral. Catarina lembra:

「- Então não queres os jornais?²⁴⁹

「- Ah!²⁵⁰ É verdade. Já me esquecia.

「E, junto à porta²⁵¹ de casa, ao fundo da escada, Catarina emprestou-lhe 「os jornais.²⁵²

「Amélia, no quarto, espera-a.²⁵³ Dissera-lhe:

- Não te demores, porque preciso de te dizer uma coisa.

「Catarina, ansiosa,²⁵⁴ ainda repuxou:

- Diz lá já.

- Não. Agora não. 「Dá lá primeiro isso ao Cruz.²⁵⁵

「Para que procurar refúgio²⁵⁶ em Catarina? Se fosse outrora... Outrora, quando tudo se desfazia com uma simples palavra da amiga («não é nada disso menina, 「tu estás²⁵⁷ tola...») Mas agora... Agora que Amélia começa a sentir que pode pensar sozinha e achar dentro de si uma vontade para escolher e querer...

「E, todavia,²⁵⁸ a solidão é-lhe penosa ainda. Quando está sozinha, Amélia 「tece²⁵⁹ um mundo estranho e os horizontes da vida alargam-se ou estreitam-se com uma facilidade espantosa. E uma palavra amiga tudo muda... Mentirosa que seja, isso que importa, se do mar revolto fica um lago e dos cardos inúteis nascem flores perfumadas?

²⁴⁵ [A] com este diabo.

²⁴⁶ [A] <Mas>/Ora\ mas

²⁴⁷ [A] em casa

²⁴⁸ [A] <Justino> [↑ Mário Cruz]

²⁴⁹ [A] - Então <já> não queres <a revista?> [↑ os jornais?]

²⁵⁰ [A] - <Ts!> [↑ Ts!]

²⁵¹ [A] E [↑ junto] à porta

²⁵² [A] <a revista.> [↑ os jornais.]

²⁵³ [A] Amélia, no quarto espera-a[.] <ansiosamente.>

²⁵⁴ [A] Catarina, curiosa

²⁵⁵ [A] <↑>/Dá\ [↑ lá] primeiro [↑ isso] isso ao Cruz.

<Amélia espera. Há já muito tempo que espera. <↑> uma dor aguda. «Para que vai...?» Amélia quer odiar alguém. De dentro dela>

²⁵⁶ [A] Para quê procurar [↑ refúgio] em Catarina[?] <um refúgio>

²⁵⁷ [A] tu és

²⁵⁸ [A] E todavia

²⁵⁹ [A] [↑ tece]

「Amélia fechava agora todo o seu mundo em ódio e desespero.²⁶⁰ Outrora era o Rui que tinha a culpa. Mas agora que Rui se 「distanciara e Amélia pressente que o sonho se vai desfazer de novo, sua alma²⁶¹ desolada compreende que tudo provém do cinismo de Domingos. Ele julgara-a outra e ela nunca o supusera... Casamento... casamento «para breve»... Feliz 「a Luísa,²⁶² que ia morrer. Tudo se lhe acabaria. Se o Domingos morresse... todos morressem... Todos, para quê? Bastava que a morte a levasse a ela. 「Oh!²⁶³ E nada disso seria preciso se 「Domingos²⁶⁴ a amasse. Mas Domingos...

Quando Catarina subisse 「ao quarto,²⁶⁵ mudar-se-ia tudo talvez. Um gesto superior, um franzir 「de olhos negligente:²⁶⁶

- És tola... Andas sempre com 「umas ideias...²⁶⁷ Se o rapaz não gostasse de ti, não te namorava...

Mudar-se-ia tudo talvez... 「(Se fosse outrora...)²⁶⁸ Uma coisa 「Amélia não faria.²⁶⁹ Não! Não; com toda a potência de uma vontade que acorda. Nunca! («「Não,²⁷⁰ Domingos! Isso nunca!») Se ele a amasse 「verdadeiramente, gostaria tanto, tanto, que ela procedesse assim...²⁷¹ Mas o mundo dele era a carne 「que tem uma vida estranha...²⁷²

Catarina galga as escadas 「cantarolando,²⁷³ e entra no quarto distraidamente. Depois recorda:

「- É verdade:²⁷⁴ afinal que é que tu me querias dizer?

A pergunta era lançada 「de uma²⁷⁵ alma tão distante... Mas Amélia aproxima-a com um desabafo comedido:²⁷⁶

²⁶⁰ [A] <†>/Era\ assim que <desde a *cara de Luiza>, Amélia fech<ou>/ava\ [↑ agora] todo o seu mundo em ódio.

²⁶¹ [A] Distanci<ou>/ara\ e Amélia <†> pressente que tudo vai ruir de novo <e o vazio do deserto a vai envolver de novo>, sua alma

²⁶² [A] a Luíza

²⁶³ [A] Ah!

²⁶⁴ [A] O Domingos

²⁶⁵ [A] ao quarto

²⁶⁶ [A] do olhos <de olhos> negligente:

²⁶⁷ [A] umas ideias.

²⁶⁸ [A] [↑ (Se fosse outrora...)]

²⁶⁹ [A] <não> <fa>/Am\élia <†>/não\ faria.

²⁷⁰ [A] Não

²⁷¹ [A] verdadeiramente gostaria tanto, tant <de> que ela <procedesse> procedesse assim...

²⁷² [A] [que tem uma vida estranha...]

²⁷³ [A] cantarolando

²⁷⁴ [A] - <Mas>/É\ [↑ verdade] afinal

²⁷⁵ [A] duma

²⁷⁶ [A] desabafo comedido. <Desabafo que só agora lhe acode à morte:>

- Tu não «reparastes»?²⁷⁷ Não sei... mas... «não reparastes que o Domingos disse²⁷⁸ que ia ao cinema assim, não sei como... contrafeito?

- Aí tornas tu... Mas porque se te meteu isso na cabeça?

- Tenho a certeza... Sabes, ele queria que eu desse passeios com ele para fora... E eu não, não, nunca mais...

- Também não vejo porquê... É teu namorado... Logo «casa²⁷⁹ contigo...

- Não, não! Ele não quer casar comigo! «O que ele quer é...²⁸⁰

Todos os nervos fremiram (Não!) e arrancaram uma explosão de lágrimas a Amélia que «se prendeu, angustiada,²⁸¹ ao pescoço de Catarina.

- Não! Ele... (sua voz estrangula-se-lhe), ele não me ama... (soluça) «ele só quer... ele... e depois deixa-me.²⁸²

²⁸³Catarina chora. Nem sabe porque chora. Sentiu uma comoção natural e abrupta. O que vale é que Amélia chorava também, «se não julgar-se-ia ridícula: ela a chorar, ela, a Catarina, a mulher forte...²⁸⁴

«Cilita²⁸⁵ chama para o jantar.

«Sobre a cidade caía uma tarde mansa. Céu azul, de um azul frouxo que repousa. Silêncio de bonança que os zirros riscam em todas as direcções com seu grito. Grilos serrilhavam o ar com o seu trilo crespo.²⁸⁶

Amélia e Catarina lavam os olhos para que a vermelhidão não vá espevitar curiosidades.

E descem à sala. Jantar morno com palavras medrosas...

Batem à porta. «O Cruz.²⁸⁷

- Espera um bocadinho. Vamos já. O Domingos ainda não veio?

Catarina mastigava e falava. «António Cruz²⁸⁸ asseverou que Domingos não devia demorar. Rapazes debruçados nas janelas «em frente olhavam sem olharem.²⁸⁹

²⁷⁷ [A] reparaste?...

²⁷⁸ [A] não <viste> reparaste que o Domingos <†> disse

²⁷⁹ [A] cas<am-se>/a\

²⁸⁰ [A] Ele quere...

²⁸¹ [A] se prendeu angustiada

²⁸² [omisso em A] <explosão de lágrimas atando-se ao pescoço de Catarina:

- Não, Não... não quero... não quero! Eu morro!>

²⁸³ [A] [fl.156]

²⁸⁴ [A] senão <sentir-se-ia> [† julgar-se-ia] ridícula: «ela a chorar, ela a Catarina, a mulher forte...»

²⁸⁵ [A] <A patroa> [† Cilita]

²⁸⁶ [A] <†> Sobre a cidade caía uma tarde mansa com <andoriscos(?)> [† Zirros] silvando pelo espaço.

²⁸⁷ [A] É o <Jus>/Cruz\.

²⁸⁸ [A] Mário Cruz

Agora já não riam nem faziam comentários indiscretos. 「(Tudo se normalizara). Por isso Amélia e Catarina eram apenas raparigas que eles cumprimentavam:²⁹⁰ «Bons dias!» «Boas tardes!»

- Vê tu que 「demora!... É bem o que eu penso... Tão certo...²⁹¹ (Amélia entristecia-se).

Mas Domingos surgiu daí 「a pouco, amplo, corado, tranquilo.²⁹²

- Tu não lhe dizes nada 「sobre isso²⁹³, ouviste? (Catarina preceituava). É melhor esperares. Por agora põe-te 「alegre...²⁹⁴

- Alegre...

Foram-se.

À porta do cinema volteavam os contratadores em azáfama ciosa. Estudantes olhavam 「gulosamente a flexibilidade dura das mulheres bem modeladas, que passavam, elásticas e soberbas.²⁹⁵ Amélia ia contente (「Ela²⁹⁶ que julgara isso impossível). Olhava 「Domingos,²⁹⁷ mirava-o num orgulho 「ciumento.²⁹⁸ Ele era o seu namorado; e estava ali, ao pé dela, bem junto 「de si,²⁹⁹ à vista de todos. 「Que olhasse toda a gente, e todos se certificassem de que era bem dela...

Foi³⁰⁰ um momento de triunfo 「sobre o mundo,³⁰¹ sobre os mal-dizentes... 「Ao Domingos, porém, a custo resvalava um olhar de sobre os ombros para os olhos de Amélia,³⁰² que brincavam lá em baixo... 「Entraram.³⁰³ 「O salão estava cheio. Bom filme.³⁰⁴

²⁸⁹ [A] em frente, olhavam calmamente.

²⁹⁰ [A] (<Domingos era amigo delas> [↑ Tudo se normalizara.]). <E>/P/[↑or isso] Amélia e Catarina eram [↑ apenas] raparigas que eles <apenas> cumprimentavam:

²⁹¹ [A] demora! <É o que eu digo...> [↑ É bem o que eu penso. Tão certo...]

²⁹² [A] a pouco amplo, corado, tranquilo...

²⁹³ [A] [↑ sobre isso]

²⁹⁴ [A] alegre e...

²⁹⁵ [A] voluptuosamente a flexibilidade dura das mulheres bem feitas<.>/\ que passavam soberbas.

²⁹⁶ [A] ela

²⁹⁷ [A] o Domingos

²⁹⁸ [A] cioso.

²⁹⁹ [A] dela,

³⁰⁰ [A] Que olhasse<m> [↑ tôda a gente], que se certificassem <que>/de\ que era bem ele e de que era bem dela... Foi

³⁰¹ [A] sôbre o mundo, [↑ sôbre] a sociedade,

³⁰² [A] Ao Domingos porém a custo <lançava> [↑ resvalava] um olhar [↑ de] sôbre os ombros para os olhos d<a>/e\ Amélia

³⁰³ [A] [Entraram.]

³⁰⁴ [A] <No>/O\ salão <havia calor>/estava cheio\, <As luzes apagaram-se e nas trevas um namoro mais extremo continuou-se. Ninguém via (talvez os vizinhos...) Nem Amélia via. Que Amélia só via a sua dor...> [↑ Bom filme.]

「IV³⁰⁵

「- Queres vir dar um giro?³⁰⁶

Rui encolheu os ombros.

- Que diabo! Andas-me sempre com cara de enterro. 「Vamos ali pela Rua Antero de Quental; quero mostrar-te aquilo.³⁰⁷ Também quero ouvir a tua opinião...

「 («Aquilo» era a sopeira que o Rodrigues trazia de olho).³⁰⁸

- Mas... para quê?... o quê?...

「- Homem, estás a ouvir, ou rachas lenha?³⁰⁹ Eu desconfio que andas pior...

Rui sorriu frouxo:

「- Está bem, pronto; vamos lá.³¹⁰

Depois estoirou-lhe qualquer coisa dentro que o fez soprar com força:

「- Caramba! É horrível...³¹¹

- Mas o quê?

「- Eu não queria contar-te; tinha feito o propósito de te não contar nada, porque tu...³¹²

- Olha que gaita! Se não queres contar, não contes; quem é que te obriga?

- Não; é que tu levas sempre tudo para a piada...

Mas 「Rui ia longe³¹³ no desabafo. Tinha de contar. Algumas vezes 「se tinha lembrado já de que o vício de contar tudo o que sentia era fragilidade; era mesmo de mulherico.³¹⁴ Por isso aguentou o segredo durante alguns dias. Mas 「«não podia mais». ³¹⁵ E contou o caso de Luísa. É certo que Rodrigues já sabia que 「Rui «era amigo dela», QUE Luísa «era muito boa rapariga», mas que ele, Rui, «não pensava nada noutras coisas» «e gostava de conversar com ela,³¹⁶ porque era uma rapariga que pensava», etc.

³⁰⁵ [A] [fol.1] 4

³⁰⁶ [A] - Queres vir dar um giro? - desafiou Rodrigues

³⁰⁷ [A] Vamos ali pela Rua <dos Militares> [↑ de....?]; quero mostrar-te aquilo...

³⁰⁸ [A] [↑ («Aquilo» era a sopeira que o Rodrigues conquista<r>/v\ a)

³⁰⁹ [A] - Homem estás a ouvir, ou <...?> [↑ rachas lenha?]

³¹⁰ [A] - Está bem<;>/, \ [↑ pronto;] vamos lá.

³¹¹ [A] - Caramba! <Não posso mais...> [↑<É impossível>] [É horrível...]

³¹² [A] - Eu não te queria contar; tinha feiro o propósito de te não contar porque tu...

³¹³ [A] Rui <já> ia longe

³¹⁴ [A] se tinha lembrado <que aquilo> [↑ já de que o vício] de contar tudo [fol. 2]o que sentia, era fragilidade; era mesmo de mulherica.

³¹⁵ [A] <[↑ já]> não «podia mais».

³¹⁶ [A] Rui «era amigo dela» que Luísa «era muito boa rapariga» mas que ele, Rui, «não pensava nada noutras coisas», <que> [← e] gostava de conversar com ela,

「Rui ambicionara «ser homem, ter pensamentos profundos,³¹⁷ ser forte». 「Passar por Luísa - uma mulher - e admirar-lhe o valor, independentemente do sexo.³¹⁸ Mas afinal... Luísa, porém, estava à morte. Que importavam os triunfos de homem forte? Agora todas as ideias, todas as emoções se concentravam nesta certeza horrível: Luísa ia desaparecer para sempre! 「Que dava pois que contasse tudo?!³¹⁹

- Ó pá! Isto custa brutalmente! 「A gente a perguntar a nós mesmos: então nunca mais a verei, lhe falarei?...³²⁰ E termos a certeza...

- Espera aí... Vês aquela pequena... além... vês?

Rui acenou com a cabeça. Via.

- É aquela. 「Para o ano, naturalmente,³²¹ passo a viver com ela. Mas dizias tu...

Era difícil continuar. 「Rodrigues fora brusco; rachara abruptamente o entusiasmo de Rui. Mas ele, pacientemente, reataria:³²²

³²³- ... é assim a vida. (Eu também não devo 「durar muito - pensou).³²⁴ E se a gente fosse 「por lá?³²⁵

- Por onde?

- Por casa dela. É um salto... Vamos só saber como está...

Rodrigues respeitou a dor de Rui. E foi. 「Demais, a casa ficava perto.³²⁶

Rodrigues seguia delicadamente consternado, chupando um grosso cigarro. 「Aquele enovelamento do amigo, sobre si mesmo, intrigava-o, de certo modo, sem que, porém,³²⁷ deixasse de pensar que Rui sofria de veras. 「É claro que «tudo aquilo passaria». Disso não tinha Rodrigues a mínima sombra de dúvida.³²⁸ Curioso: Rui também assim pensava. Quantas vezes 「se lembrara já:³²⁹ «como é que aquela história

³¹⁷ [A] Rui ambiciona<v>/r\ a «ser homem<>», <pensar> ter pensamentos profundos,

³¹⁸ [A] Passar por <†> Luísa - uma mulher - e admirar-lhe o valor independentemente do sexo, era um triunfo.

³¹⁹ [A] <Tinha> [↑ Que dava] pois <de>/que\ contar tudo<:>/?\

³²⁰ [A] A gente [↑ a] pergunta<va>/r\ a nós mesmos: então nunca mais <lhe> a verei, lhe falarei?...

³²¹ [A] Para o ano, naturalmente

³²² [A] Rodrigues fôra brusco<:>/,\ rachara abruptamente <a>/o\ entusiasmo de Rui. Mas ele, pacientemente reataria:

³²³ [A][fol. 3]

³²⁴ [A] durar muito, pensou)

³²⁵ [A] por <já>/lá?

³²⁶ [A] [Demais[,] a] <A casa era de f<> casa <era> [↑ ficava] perto... <R>

³²⁷ [A] Aquele enovelamento do amigo sôbre si mesmo<,> intrigava-o de certo modo[,] sem que[,] porém[,]

³²⁸ [A] <É claro que era ponto assente> [↑ É claro] que «tudo aquilo passa<va>/ria\». [↑ Disso não tinha Rodrigues a mínima sombra de dúvida.]

³²⁹ [A] se lembra<r>/v\ a:

da Amélia me passou?» 「outro que não fosse o caso de Amélia: tudo passava. Mas, enquanto não passava, sofria,³³⁰ e julgava que sofreria eternamente.

Rui vai pálido. Poisa os olhos levemente sobre as coisas. Dentro dele os pensamentos 「entrechocam-se, e, à dor pela morte de Luísa,³³¹ associam-se outras dores vagas e moles. 「Nasce-lhe no fundo de si mesmo um tédio estranho pela vida. Um tédio modorrento como aquele que o invadia em dias fusclos.³³² 「Vagueia-lhe pelo espírito uma tristeza e náusea que lhe pintam a morte - morte suave³³³ e brandamente desejada. «Para quê sonhar? Para quê chorar?» Tudo acaba depressa. Rodrigues costumava [fl. 4]dizer-lhe: «homem! 「Não³³⁴ tens razão para andar triste!»

Rui pensava: 「«de facto, não tenho.³³⁵ Ou tenho! Falta-me! Falta-me muita coisa. Mas não sei o que é». 「Queria ter certezas,³³⁶ muitas certezas: vida, saúde, inteligência. 「Saúde! (Olhava a ponta do nariz,³³⁷ para ver se estava pálido). Rui pensava em tudo num ápice. Agora arrependia-se de ter dito ao Rodrigues que viesse. 「Não queria ir ver Luísa, não queria³³⁸ saber de Luísa. 「Luísa ensopava-o de um terror gelado.³³⁹ 「Se fosse vê-la,³⁴⁰ ficaria doente aquela noite. 「Antes calar as dores e fechar os olhos.³⁴¹

- E se nós voltássemos para trás?

- Essa agora! Porquê?

「Rui não queria dizer porquê; Rodrigues moê-lo-ia,³⁴² se dissesse. Não respondeu e continuaram.

A casa de Luísa dormia de janelas 「cerradas.³⁴³ 「Transpunha³⁴⁴ a porta uma criada de olhos vermelhos.

³³⁰ [A] <O caso> Outro que não fôsse o caso de Amélia: tudo passa<r>/v\ a. Mas enquanto não passava, sofria,

³³¹ [A] entrechocam-se e à dôr pela morte de Luiza

³³² [A] <E sent<e>/iu\ tédio <pela>/da\ vida. Mas o > [↑ Nasce-lhe <↑>/no fundo dà\ alma um tédio estranho pela vida. [← Um] tédio modorrento como aquele que <sentia> [↑ o invadia] em dias fusclos.

³³³ [A] Vagueava-lhe [↑ pelo espírito] uma tristeza e náusea <pela alma>, que lhe desenhavam a morte - <uma> [↑ uma] morte suave<s>

³³⁴ [A] não

³³⁵ [A] - de facto não tenho.

³³⁶ [A] Queria ter certezas[,]

³³⁷ [A] Vida! (Olhava a ponta do nariz

³³⁸ [A] Não queria ir ver Luiza<.>/\ <Não> [↑ não] queria

³³⁹ [A] Luiza espicaçava-lhe pensamentos tétricos.

³⁴⁰ [A] Se fosse vê-la

³⁴¹ [A] Antes calar as dores <<.>/\> [↑ e] <F>/f\ echar os olhos<.>/\ <<S>/s\ empre como um furacão para a frente até *<até>/... \ rebentar.>

³⁴² [A] Rui não queria dizer porquê<.>/\ Rodrigues moê-lo-ia

³⁴³ [A] <fechadas> cerradas.

³⁴⁴ [A] <Saía> [↑ Transpunha]

- Já morreu? - indagou Rui 「com alvoroço.³⁴⁵

「Por entre lágrimas, ela soluçou.³⁴⁶

- Está a findar...

Rodrigues sorvia o cigarro e batia a ponteira do sapato. 「Se falasse, diria decerto: «é o diabo! Isto é o diabo!»³⁴⁷

Rui rodou sobre 「os tacões,³⁴⁸ mordendo os lábios. Depois embrulhou um cigarro nervoso e queimou-o.

「Daí a uma hora, os quintanistas³⁴⁹ começavam a recolher as fitas. Eram cinco da tarde.

「Rui³⁵⁰ leu a notícia da morte de Luísa na porta da Associação Académica.³⁵¹ O enterro teve grande acompanhamento. Houve quem anotasse: 「«Formidável, caramba! Há muito que não via um enterro assim». Rui seguira a urna de perto. Ia seco, passado de um palor de cadáver. E ia só, desligado de toda a gente. Dir-se-ia que ninguém mais acompanhava Luísa. À roda dele, estabelecera-se o vazio; à roda dele e à roda de Luísa: eles sós ali. Mas ela não ia no caixão, e aquele fatinho branco com que a vira vestida, havia minutos, dava-lhe a vaporosidade de um ser ideal. Luísa erguera-se, andara, e ia ali ao pé dele. Na cor branca de cal das faces, alastrava um tom róseo, medroso. Os olhos azuis readquiriam meiguice. Linda, a Luísa! E toda vestidinha de branco, com a massa loira dos cabelos espumosos em que pousava um véu de renda subtil! E o véu crescia, rolava... Já lhe caía aos pés, e, por um capricho estranho, começava a alongar-se, rastejando em cauda. Luísa noiva, de braço dado agora. Braço fino. Cinturinha débil. À volta deles, circulavam ondas de um murmúrio espaiado. Toda aquela gente que ali vinha formava, afinal, o cortejo de convidados para o festim. Luísa risonha e ele... tão feliz. Vinham-lhe de longe recordações de amargura: a incerteza do dia a dia, as privações, a mãe que tanto sofrera, tanto... Agora Luísa tudo curava e escondia. Ela tinha a doçura plumosa de um sonho bom; a seu lado, a vida correria fácil. Ele, formado, (consultório repleto, todos os dias), ela muito meiga, muito carinhosa, de um trato muito macio. Luísa, a virgem, a rapariga que ele arredava escrupulosamente, da

³⁴⁵ [A] alvoroçado.

³⁴⁶ [A] [Por entre <as> lágrimas ela soluçou.]

³⁴⁷ [A] Se falasse diria de-certo: «é o diabo! é o diabo!

³⁴⁸ [A] os tacões

³⁴⁹ [A] Daí a uma hora os quintanistas <de Letras>

³⁵⁰ [A] [fol. 5]

³⁵¹ [A] Rui <viu>/leu\ a notícia da morte de Luiza, <afixada> na porta da <a>/A\ssociação. [sinalefa de parágrafo +]

imaginação, nas noites de sábado, Luísa ia ser dele. Cândida e mansa, quase teria medo de tocá-la. Ele feliz! Oh! feliz! Depois das longas tristezas, depois da solidão, oh! depois... Que importava o passado, se agora...? O fim! Luísa ali ao lado dele, já sua, de véu de noiva.

- *Requiem aeternam...*³⁵²

Mas Luísa ia no caixão. À porta 「do cemitério,³⁵³ o sinistro coveiro. 「E o vestido branco era, afinal, a mortalha.³⁵⁴

「Luís acompanhara também Luísa. Era uma dívida de gratidão que ele procurava pagar com a mesma calma com que de manhã estudara Direito. Talvez Luísa fosse boa, de uma bondade singular, no meio do mundo fútil. Talvez. Porque, se o não fosse (quem sabe?), não teria passado pela vida com a ligeireza de um sonho. Mas a morte de Luísa não era mais do que um ponto na compilação dos fins que a ânsia universal procurava. Em terras distantes, a vida era feita das mortes doutras Luísas ou de angústias mais dolorosas. Tudo se compreendia. Porque a força que as aspirações do mundo inteiro totalizavam era a única força humana, onde o esforço pessoal se perdia como o de um soldado na guerra. Luísa morreu, outras Luísas morrerão talvez. Tombou

³⁵² [A] <“Foi> [“] <f>/F\oi formidável!” <Luís lá fora também.> <Luís> [↑ Rui] seguira a urna de perto. Ia sêco, <[↑ e]> transparente. E ia só, desligado do conjunto. Dir-se-ia que ninguém mais acompanhava Luíza. À roda dele estabelecera-se o <vácuo.>./;> [↑ vazio;] à roda dele e à roda de Luíza<.>./;> <E>/e\les sós ali. Mas ela não ia no caixão<.>./;> [↑ e] <E>/a\quele fatinho branco com que a vira vestida, havia minutos, dava-lhe <uma ↑> [↑ <↑>/a\] vaporosidade <de puro> dum ser ideal. Luíza erguera-se, andara e ia ali ao pé dele. <Não> Na côr branca de cal das faces alastrava um tom róseo, medroso. Os olhos azues readquiriam meiguice. Linda a Luíza! E tôda vestidinha de branco, com os <caracóis> [↑ caracóis] loiros em que caía um véu de renda fina! E o véu crescia, crescia... Já lhe chegava aos <pése> pés, e por um capricho <da> esquisito começava a atra<z>/s\ar-se formando cauda<.>./;> Luíza noiva: de braço dado agora. À volta deles andavam ondas de murmúrio leve. Tôda aquela gente que ali vinha formava afinal o cortejo de convidados <<pa>/do> [↑ para [o]] festim. Luíza ia risonha e ele... tão alegre. Vinham-lhe recordações de longe: <um postigo com cortinas... As mão bentas de Luíza tinham enfeitado tudo.> [↑ dores e privações, a mãe que tanto sofrera, tanto... Agora Luíza tudo <tinha> cura<do>/va\ e escondi<do>/a\.] Ela tinha a macieza dos sonhos<.>./e\ [↑ a seu lado] <A>/a\ vida <correr-lhes-ia> [↑ correria] fácil; ele Snr. Dr, ela muito meiga e carinhosa, dum trato muito <aveludado.> [↑ macio.] Luíza, a virgem, a rapariga que ele arredava escrupulosamente da [fl. 6] imaginação nas noites de sábado, Luíza ia ser dele. Cândida e mansa, quási teria medo de a tocar. Ele feliz! Depois d<os>/as\ <sapatos cambados> [↑ longas tristezas], <depois da vida do cortelho,> depois da solidão, ah! depois... Que importava o passado<?>[.] [↑ se agora...] <E ele que até então nunca tinha sonhado! Lindo o primeiro sonho! Caminhando só, prosseguindo só <po> através dos cigarros <dos cigarros> caros dos colegas, de tantas bolas de bilhar carambolando lá para dentro dos cafés, da estúrdia, do dinheiro, ele sòzinhos (o Lúcio era outro) ele que passava e que via apenas... Ah!> <o>/O\ fim! Luíza ali ao lado dele, já sua, de véu de noiva.

- *Req[u]iem aeternam...*

³⁵³ [A] do cemitério

³⁵⁴ [A] <E o véu,> [↑ E] o vestido branco er<am>/a\ afinal a mortalha. <O vazio regressou maior ainda.>

a meio do caminho. E foi pena, porque os seus olhos pareciam ver para além de si mesmos.³⁵⁵

「Rui olha Luís de soslaio, mas Luís não o vê, porque está enterrado no mais fundo do cemitério, ou de si...³⁵⁶

Foi uma hora depois que Lúcio lhe perguntou em voz neutra:

「- Que tal, o enterro?³⁵⁷

³⁵⁵ [A] Luiz acompanhara também Luiza. Era uma dívida de gratidão que ele <satisfazia> [↑ procurava] pag<*ando>/ar\ com a mesma calma com que de manhã dera lição. Talvez Luiza fôsse boa duma bondade singular no meio do mundo fútil. Talvez. Porque se o não fosse (quem sabe?) não [↑ teria] passa<ria>/do\ pela vida com a ligeireza d<o>/um\ sonho. Mas a morte de Luiza não era mais que um ponto na complicação dos fins que a ânsia universal procurava. Em <*lugares>/terras\ distantes a vida era feita [↑ das] <doutras> mortes doutras Luizas ou de angústias mais dolorosas. Tudo se compreendia. Porque a fôrça que a[s] aspira<ção>/ões\ do mundo inteiro totalizava[m], era a única [↑ fôrça] humana, onde o esforço pessoal se perdia como o dum soldado na guerra. Luiza morreu, outras Luizas morrerão talvez. <†>/T\ombou a meio do caminho. E foi pena, porque os seus olhos pareciam ver para alem d<os>/e\ si mesmos.

Rui olha Luiz de soslaio. Mas Luiz] [*com a indicação... etc (segue)*] [*acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)*]

³⁵⁶ [A] Rui olh<ou>/a\ Luiz de soslaio. [↑ Mas] Luiz não <o> [↑ o] v<iu>/ê\ <e ficou-se enterrado> [↑ porque está enterrado] no mais fundo do cemitério<.>/,\ [ou de si...]

³⁵⁷ [A] - Que tal <foi> o enterro?

V

Queima das fitas!

O ar andava pejado de alegrias e balbúrdias.

「Logo de manhã cedo, os zabumbas trovejavam,³⁵⁸ espalhados por todos os cantos da cidade como praga. Rapazes novos e vermelhos despejavam fúrias 「sobre bombos valentes que abafavam, com os estoiros,³⁵⁹ a melodia débil da gaita de foles. Alguns tocadores eram velhos, de arte longamente provada, 「que procuravam, no tremular dos dedos,³⁶⁰ ondulações maviosas para músicas já gastas como os buracos da gaita.

Chegara o dia da bacanal, do regabofe. Às vezes, ainda nos dias de festa menor, 「surgia, aqui ou acolá,³⁶¹ logo de manhã, um estudante, exibindo-se em difíceis exercícios de equilíbrio.

Mas a festa, propriamente a festa, era no dia do cortejo. Era então que 「a *malta* se embebia de vinho, se ensopava, na ânsia de uma penetração funda de zurrapa.³⁶² 「Estudantes havia que se emborrachavam apenas pela festa da Queima, num arranque a ferros de alegrias desconhecidas.³⁶³ 「O champanhe, refervendo, extravasava em nuvens brancas e regava o chão, babujando a boca e a batina dos estudantes, como o líquido que transborda dum vaso repleto.³⁶⁴

Havia um barulho ensurdecador de tambores e berros.

Enovelado na mole de gente, 「um estudante,³⁶⁵ de colarinho desapertado e de gravata solta, 「escorrida³⁶⁶ como um nalgão, sacudia-se em movimentos 「cansados,³⁶⁷ a protestar, a exigir...

Do pátio da Universidade foram 「saindo, em fila,³⁶⁸ os carros alegóricos, enfeitados, luxuosos, 「traçando, em breve, sobre a rua, uma fita longa, bêbeda de cor.³⁶⁹

³⁵⁸ [A] Logo de manhã cedo os zabumbas trovejavam

³⁵⁹ [A] sôbre <os> bombos valentes que abafavam com os estoiros

³⁶⁰ [A] que procuravam no tremular dos dedos

³⁶¹ [A] surgia aqui ou acolá, logo de manhã, um estudante

³⁶² [A] a *malta* se <embebia> [↑ ensopava] em vinho como um <lameiro em água> [↑ mata—borrão].

³⁶³ [A] [→ Estudantes havia que se emborrachavam apenas pela festa da Queima num arranque a ferros de alegrias <perdidas> [↓ desconhecidas]]

³⁶⁴ [A] O champanhe refervendo extravasava-se em nuvens brancas e regava o chão babujando a boca e a batina dos estudantes como o líquido que transborda dum vaso cheio.

³⁶⁵ [A] um estudante

³⁶⁶ [A] escorrid<o>/a\

³⁶⁷ [A] cansados

Empoleirado no alto 「de um³⁷⁰ dos carros de medicina, um caloiro entornava-se mole, babando-se sobre o vestido negro, que o obrigava a representar a 「Morte³⁷¹ - uma morte razoavelmente nutrida.

Nos cafés próximos havia um reboiço desusado e 「os criados, perdidos entre garrafas,³⁷² moviam-se eletrizados. Soltavam-se gargalhadas, berrava-se, diziam-se disparates entre golfadas de vinho.

E o cortejo seguia.

「Das janelas sobranceiras,³⁷³ as raparigas sorriam dos gracejos dos estudantes. Havia-as inquietas, que tinham vindo de longe e 「buscavam, sôfregas,³⁷⁴ o olhar complacente 「de algum³⁷⁵ doutor. 「Outras, tesas de importância, alongavam soberanamente o dedo,³⁷⁶ para indicarem à vizinha o seu noivo que queimara 「o grêlo.³⁷⁷

Os zabumbas perdiam-se 「entre a algazarra, e os estoiros dos bombons não feriam já o ouvido de ninguém.³⁷⁸

- Viva a pândega! Viva eu!

「O pescoço de um estudante esticava-se, de um café próximo, e perdia-se na multidão.³⁷⁹

「Dos carros, pouco a pouco, ia aparecendo o esqueleto de madeira, porque as flores, que os enfeitavam,³⁸⁰ cediam aos repelões dos que caminhavam a pé, e na Baixa a fita de cores vivas mais parecia uma aguarela suja de borrrões.

「Mas aqueles senhores doutores, metidos nas carcaças dos carros, faziam inveja, mesmo assim, bêbedos, ou fingidamente bêbedos, de fitas a voar...³⁸¹

「Entretanto, os heróis iam caindo, pouco a pouco,³⁸² no campo de batalha. Havia-os que se embebiavam de vinho 「antes do cortejo, e ficavam desconjuntados,

³⁶⁸ [A] saindo em fila

³⁶⁹ [A] traçando em breve s<o>/ô\bre a rua uma fita longa bêbeda de cor <e luz>.

³⁷⁰ [A] dum

³⁷¹ [A] morte

³⁷² [A] os criados perdidos entre garrafas,

³⁷³ [A] Das janelas sobranceiras

³⁷⁴ [A] buscavam sôfregas

³⁷⁵ [A] dalgum

³⁷⁶ [A] Outras tesas de importancia alongavam soberanamente o dedo

³⁷⁷ [A] o <gelo>. [→ grêlo]

³⁷⁸ [A] entre a algazarra e os estoiros dos bombons não feriam o ouvido de ninguém.

³⁷⁹ [A] Era um estudante que esticava o pescoço, dum café proximo, e se perdia na multidão.

³⁸⁰ [A] Dos carros pouco a pouco ia aparecendo o esqueleto de madeira porque as flores, que os enfeitavam,

³⁸¹ [A] [→ Mas aqueles senhores doutores metidos nas carcassas dos carros <metiam> faziam, mesmo assim, inveja, bêbedos, ou fingidamente bêbedos de fitas a voar...]

ressonando a algum canto.³⁸³ 「Outros deitavam-se de braços sobre os bancos do jardim da Universidade, e ficavam-se, inânimes, de braços bamboleantes, como ramos de árvore partidos, e suspensos apenas pela casca.³⁸⁴

Fernando achava tudo aquilo estupidamente 「grosseiro.³⁸⁵ 「Já António Cruz assim não pensava, e, de perna nervosa, a oscilar, declarava a Catarina que a³⁸⁶ «Queima era uma coisa piadética».

As *troupes* dos conhecidos e amigos 「desconjuntavam-se³⁸⁷ nesse dia. Por isso Rui vadiava só, imbecil e pálido. Rodrigues ficara-se 「numa baiúca, celebrando a festa com uma inofensiva bebedeira.³⁸⁸ Rui andava «em seu juízo», mas o seu isolamento, entre o charivari dos outros, desgostava-o. 「Sentia-se um estranho naquele ambiente de berros e vinho. Por isso desapareceu. Já tarde, Fernando foi encontrá-lo dobrado,³⁸⁹ sujo, com dois fios de baba aos cantos da boca roxa. Avançou lépido e abanou-o. A cabeça dlandou-lhe inerte. 「Novo sacão.³⁹⁰ Rui entreabriu os olhos e deixou rolar duas lágrimas. 「Depois rosnou algumas palavras ininteligíveis. Fernando, esbaforido, dirigiu-se a uma farmácia!³⁹¹

- Água das Pedras, amoníaco, qualquer coisa!... Mas depressa.

- Perdão, mas é para...

-... um 「bêbedo,³⁹² é para um bêbedo. Depressa, depressinha!

- Só se levar amoníaco. Água das Pedras não temos.

「- Amoníaco,³⁹³ venha amoníaco!

E levou amoníaco.

O cheiro activo do líquido espevitou Rui. Fernando insistia. E Rui despertou lentamente.

³⁸² [A] Entretanto os herois iam caindo pouco a pouco

³⁸³ [A] antes mesmo do cortejo e ficavam desconjuntados res[↑ s]onando a algum canto.

³⁸⁴ [A] [fol. 161] [<†>/Outros\ deitavam-se de braços sôbre os bancos do jardim da Universidade e ficavam-se inânimes, de braços bamboleantes como ramos de árvore] partidos e suspensos apenas pela casca.

³⁸⁵ [A] <†.> [↑ grosseiro.]

³⁸⁶ [A] Já Mário Cruz assim não pensava<.>/e\ de perna nervosa a oscilar declarava <†>/a\ <†> [↑ Catarina] que <†>a

³⁸⁷ [A] desconjuntava-se

³⁸⁸ [A] numa baiuca celebrando a festa com uma <tremenda> [↑ forte] e inofensiva bebedeira.

³⁸⁹ [A] Sentia-se estranho no ambiente. E sumiu-se. Já tarde <Rodrigues>, [↑ Fernando] <já recomposto>, foi encontrá-lo dobrado,

³⁹⁰ [A] Novo <saculão> [↑ sacão].

³⁹¹ [A] <†>/D\epois rosnou [↑ algumas palavras] ininteligívelmente [↑ qualquer coisa.]>[↑veis.] Fernando, esbaforido dirigiu-se a uma Farmácia:

³⁹² [A] bêb<a>/e\do;

³⁹³ [A] - Amoníaco;

- Isto é uma «estupidez!» - bramiu Fernando - isto é crasso!³⁹⁴

Rui entendeu-o, e o mundo branco de neve, «que abandonava deixava-lhe no peito uma amargura sem fim. Concordava que tudo aquilo³⁹⁵ era «estúpido, crassamente estúpido». E envergonhava-se da figura que «fazia».³⁹⁶ «Por isso suplica».³⁹⁷

- Desculpa, pá! «É o diabo»,³⁹⁸ que é que tu queres?! (Olhos tristes). Esta «chatice»³⁹⁹ de vida! Deu-me para aqui.

«Ao Rodrigues»⁴⁰⁰ não diria apenas isto. E desabafaria. Falaria na morte, «preferia «estoirar»».⁴⁰¹ Mas «ao Fernando»,⁴⁰² não. Se lhe tocasse em morte, «o amigo desancá-lo-ia».⁴⁰³ «homem, cumpre o teu dever, caramba! Sê útil, produz e depois estoirar». Ora Rui concordaria com Fernando. «Ele»⁴⁰⁴ afinal concordava com todos e com nenhum. Andava há tanto tempo para traçar um programa de vida e ainda o não traçara. «No fundo, sabia»⁴⁰⁵ o que devia fazer. Mas a Natureza, a sua Natureza mandava mais. «O Fernando»⁴⁰⁶ «... mas a Natureza lá está...» «Pronto»,⁴⁰⁷ acabou-se - pensou Rui. - Deu-me para a bebedeira? Muito bem. Dá-me para «amar Luísa na cova?»⁴⁰⁸ Muito bem. Leva de ser o que calha: hoje imbecil e ridículo «amanhã...»⁴⁰⁹ No fundo sou sempre «imbecil... imbecil...»⁴¹⁰

⁴¹¹Fernando atazanava-o ainda:

«- Linda figura»,⁴¹² não há dúvida!

Dois futricas tinham-se aproximado. Um deles ainda emitia:

- Que grande rosca!

³⁹⁴ [A] estupidez - bramiu Fernando - Isto é crasso.

³⁹⁵ [A] que abandonava, sumi<ra>/a\~se-lhe <pouco †† de> [† quási por completo. No fim de] contas concorda<*do>/va\ que tudo aquilo

³⁹⁶ [A] f<i>/a\z<era>/ia\.

³⁹⁷ [A] Rui <desculpava-se> [† suplica:]

³⁹⁸ [A] É o diabo,

³⁹⁹ [A] <chatice>/xatice\

⁴⁰⁰ [A] <††>/Ao Rodrigues\

⁴⁰¹ [A] estoirar; *pensativo».

⁴⁰² [A] Ao Fernando

⁴⁰³ [A] [† o amigo] desancá-lo-ia:

⁴⁰⁴ [A] E ele

⁴⁰⁵ [A] No fundo <entendia> [† sabia]

⁴⁰⁶ [A] <A «Luz» <†>/bem\ dizia:> [† O Fernando:]

⁴⁰⁷ [A] Pronto;

⁴⁰⁸ [A] <chorar> [† amar Luísa] na cova?

⁴⁰⁹ [A] E amanhã...

⁴¹⁰ [A] imbecil...[. imbecil...]

⁴¹¹ [A] [fl. 162]

⁴¹² [A] - Linda figura[,]

「Mas Rui, tomado de consciência,⁴¹³ procurava «portar-se sério». 「Fernando, providente,⁴¹⁴ intimou:

- Vamos mas é jantar.

「- Pois é,⁴¹⁵ são horas. Mas não digas lá nada a minha 「mãe.⁴¹⁶

- Estás hoje com muito medo...

Aí estava outra coisa estúpida: as birras com a 「mãe.⁴¹⁷ 「«Mas agora já tudo ia passando»⁴¹⁸ - pensou Rui. 「E sentiu, vagamente, uma onda de ternura no peito.⁴¹⁹ Sentado na relva do jardim da 「Avenida,⁴²⁰ um estudante «curtia» uma bebedeira. Fernando 「indignou-se e sentiu vontade de declarar ao mundo inteiro que afinal a Queima⁴²¹ não era senão bebedeira: «Nada de graça fresca, nada de original: só vinho! E havia asnos que achavam aquela cornucópia de álcool engraçadíssima! 「Grandes bestas!»⁴²²

「Rui ia silencioso, entesando-se no corpo magro, mas quem o visse pálido e ainda descomposto⁴²³ di-lo-ia borracho. (Outrora Rui gostava que o soubessem um borrachão; era uma glória). Raparigas sorriam à socapa. (Outrora Rui gostava que sorrissem; era sinal de que gostavam dele. 「Sim, que muitas preferiam⁴²⁴ os vadios. Lá os sonsos... não 「prestavam⁴²⁵). Afinal Rui estava mudado 「e aquele deslize, no dia da Queima, fora para esquecer...⁴²⁶

Chegaram. 「A senhora⁴²⁷ Joana, aflita, indagou:

- Que tens, meu amor, que estás tão pálido?

«Meu amor, meu amor...» Rui ía indispor-se por causa 「daquela mimalhice estúpida. Mas atou brusco:⁴²⁸

- Nada.

⁴¹³ [A] Mas Rui, tomado de consciência

⁴¹⁴ [A] Fernando providente

⁴¹⁵ [A] - Pois é;

⁴¹⁶ [A] mãe.

⁴¹⁷ [A] Mãe.

⁴¹⁸ [A] [↑ Mas] <A>/a\gora <porém> já tudo [↑ ia] passa<*ra>/ndo\

⁴¹⁹ [A] E indefinidamente sentiu uma onda de ternura <pelo> [↑ no] peito.

⁴²⁰ [A] Avenida

⁴²¹ [A] indignou-se. E sentiu vontade de declarar perante o mundo inteiro que afinal a «Queima»

⁴²² [A] Bolas!»

⁴²³ [A] Rui ia silencioso <↑>/entesando-se\ no corpo magro: mas quem o visse pálido e ainda descomposto,

⁴²⁴ [A] Sim que muitas prefer<*e>/i\<m>/am\

⁴²⁵ [A] presta<m>/vam\

⁴²⁶ [A] e aquele deslize no dia da «Queima» fora... para esquecer.

⁴²⁷ [A] <E>/A\ Srm^a

⁴²⁸ [A] daquela dengue estúpida mas <recalcou-se e atou semi-> [↑ apenas atou] brusco:

Depois compôs uma resposta mais suave:

「Não é nada (A senhora Joana encolhia-se de olhos consternados),⁴²⁹ pode crer; não é nada.

O Rodrigues faltava ainda. 「E, só depois de começado o jantar, é que dois rapazes o trouxeram, amparando-o a custo. De cabeça derramada sobre o peito, ainda resmungou:⁴³⁰

- ... quero-me deitar.

Fernando 「repetiu:⁴³¹

- Bonito! Isto é uma indecência.

Mas Cruz ria 「aos rancos.⁴³²

- Homem! Não tem piada nenhuma! – arguiu Fernando.

E não tinha. 「Para ele não tinha. Rodrigues emborrachara-se,⁴³³ ⁴³⁴Rui emborrachara-se, Vaz emborrachara-se (mas Vaz era imbecil). Ao Justino vira-o Fernando a esbracejar, berrando para uma janela da Baixa. 「Guiou os olhos à janela e viu Celina que achava imensa graça ao desalinho do namorado.⁴³⁵ Em todo o canal da Baixa vadiavam estudantes esguedelhados a dizerem «gracinhas» 「às raparigas⁴³⁶ de longes terras. 「Raparigas que, ao regressarem às suas casas, haviam de dizer: «Os estudantes? Ó menina, que piada!» E as vizinhas, as amigas aconselhariam sabiamente: «é preciso mas é cuidado com as cantigas deles. Têm uma treta»...⁴³⁷

Fernando revolia tudo isto no seu íntimo. 「E concluía: «Tudo uma estupidez, uma estupidez crassa!⁴³⁸ 「Fitas, Tropes, Queimas, tudo antigualhas!⁴³⁹ Coisas novas, espírito novo!»

⁴²⁹ [A] - ... não é nada (A Sr^a Joana encolhia-se de <†>/olhos\ consternados)

⁴³⁰ [A] E só depois de começado o jantar é <†>/que\ dois rapazes o trouxeram <*amparado a eles>/amparando-o\ [† a custo.] De cabeça derramada sobre o peito ainda resmungou:

⁴³¹ [A] comentou:

⁴³² [A] aos rancos.

<Acabara a festa. Cruz porém não dera por tal>

⁴³³ [A] Para ele não tinha: Rodrigues emborrachara-se

⁴³⁴ [A] [fol. 163]

⁴³⁵ [A] Olhou a janela e viu Celina que <ria do> [† achava imensa graça ao] desalinho do namorado.

⁴³⁶ [A] às <mulheres> [† raparigas]

⁴³⁷ [A] Decerto que elas, ao regressarem às suas casas haviam de dizer: «Os estudantes? Ó menina, que piada!» e as vizinhas e as amigas aconselhariam sabidamente: «é preciso mas é cuidado com as cantigas deles. Teem uma treta...»

⁴³⁸ [A] E concluía forçando a lógica: «Tudo uma grosseria, tudo uma estupidez!

⁴³⁹ [A] [† Fitas,] <T>/t\rupes, Queimas, <fitas> - tudo antigualhas!

Por isso espraíara um olhar de dó sobre o *bruáá* da Queima das Fitas. E todo o aparato, toda a cor, todo o barulho 「se reduziram então⁴⁴⁰ a esta verdade triste: O Vaz, o Justino, o Rodrigues e o Rui tinham-se 「emborrachado.

E a Queima pareceu-lhe uma borra de vinho.

Nas ruas sem sol, os homens magoados pensaram que o enfeite de um só daqueles carros luxuosos lhes mataria a fome por um mês. A eles e aos filhos empilhados no esterco do rés-do-chão...

Nas ruas sem sol, os homens magoados pensaram que uma só garrafa daquele vinho caro, trocada por zurrapa, lhes calaria muito tempo a pavorosa ânsia de esquecer.

Nas ruas sem sol, os homens magoados pensaram.⁴⁴¹

⁴⁴⁰ [A] Se reduziam [↑ agora]

⁴⁴¹ [A] emborrachado. <E a>

E a Queima pareceu-lhe uma borra de vinho.

「Apesar de⁴⁴³ Luísa os ter apresentado, nunca se dera o caso de Rui e Luís terem conversado uma vez sequer. Costumavam saudar-se quando se encontravam: «Tá bom?» «Tá bom?» 「A vontade de Rui não se tinham conhecido.⁴⁴⁴ A verdade 「é que⁴⁴⁵ das apresentações «apresento-lhe Fulano, 「apresento-lhe Cicrano»,⁴⁴⁶ nada mais resultava que o acréscimo de um «Tá bom?» Por isso Rui prevenia os amigos: «Vocês não me apresentem 「a ninguém;⁴⁴⁷ os conhecidos que tenho chegam-me». Às vezes alargava-se em considerações: «de uma apresentação, vem mais um 「conhecido,⁴⁴⁸ e um conhecido é um tipo a mais que sabe dos nossos desastres e um tipo a menos que nos acode».

「No caso de Luís, porém,⁴⁴⁹ as coisas passavam-se diferentemente. 「É certo que, depois de conhecê-lo, Rui⁴⁵⁰ ficou a dirigir-lhe o cumprimento-abreviatura-sem-resposta «Tá bom?», mas a intimidade com que o vira falar para 「Luísa fazia-lhe⁴⁵¹ olhá-lo com interesse e curiosidade. Dias 「tinham rolado 「⁴⁵². Luísa 「morrera⁴⁵³ e aquela concentração e ensimesmamento, que se 「espelhara⁴⁵⁴ em Luís 「durante o enterro,⁴⁵⁵ fizeram adivinhar a Rui 「relações com a morta,⁴⁵⁶ que ele não supusera. 「Nessa noite⁴⁵⁷ todos os mistérios se lhe tinham desvendado: afinal eles eram 「namorados.⁴⁵⁸ Daí a recusa de Luísa, daí tudo, tudo.

E 「naquela manhã⁴⁵⁹ Rui martelou o Rodrigues sonolento:

「- Sabes o que me tem lembrado há dias?⁴⁶⁰

⁴⁴² [A] 6

⁴⁴³ [A] <Desde que> [↑ A-pesar-de] Luiza os [↑ter] apresenta<ra>/do\, nunca [↑ se dera o caso de] Rui e Luiz <tinham> </terem> conversa<do>/rem\.

⁴⁴⁴ [A] À vontade de Rui, não [↑ se] <tinha>/teriam\ <sido apresentado.> [↑ conhecido.]

⁴⁴⁵ [A] <era esta:>/é que\

⁴⁴⁶ [A] apresento-te Cicrano”

⁴⁴⁷ [A] ninguém,

⁴⁴⁸ [A] conhecido

⁴⁴⁹ [A] <Com> [↑No caso de] Luiz porém

⁴⁵⁰ [A] É certo que depois de conhecê-lo [↑ Rui]

⁴⁵¹ [A] Luiza fazia

⁴⁵² [A] [↑ tinham] rolado.

⁴⁵³ [A] morreu

⁴⁵⁴ [A] espelhava

⁴⁵⁵ [A] <durante> [n]o en[fol.<118>/164\têrro,

⁴⁵⁶ [A] intimidades com a morta

⁴⁵⁷ [A] E nessa noite

⁴⁵⁸ [A] namoros.

⁴⁵⁹ [A] <logo de>/naquela\ manhã

⁴⁶⁰ [A] - Sabes <de>/o\ que <descobri> [↑ me [↑ tenho] lembr<ei>/ado\] <esta noite>/há dias\?

「- Hã?⁴⁶¹

Rodrigues rebolou-se:

「- ... ó pá!⁴⁶² ainda é cedo; deixa-me dormir.

Mas Rui, na velha ânsia de despejar, teimou:

- Homem! 「São quase dez horas!...⁴⁶³ 「O Fernando já se foi...⁴⁶⁴

「- O quê? Dez horas? Ó diacho,⁴⁶⁵ que tenho agora uma aula e já não posso 「dar faltas!⁴⁶⁶

Rodrigues nem sequer pensou na notícia 「que⁴⁶⁷ Rui lhe queria dar. Por isso ele tornou:

- Mas sabes o que descobri?

- Vai dizendo, vai dizendo... (Rodrigues vestia-se com desembaraço).

- Tu conheces 「um tipo⁴⁶⁸ que anda em Direito...

Descreveu o Luís.

- Bem sei, bem 「sei.⁴⁶⁹

- Pois sabes o que descobri?

- ?

「- A Luísa namorava⁴⁷⁰ com ele. Agora já se explica a atitude dela e...

Rui ia prosseguir entusiasmadíssimo, mas Rodrigues, 「num desaforo,⁴⁷¹ descarregou:

- Ó pá! 「Manda-me isso à outra banda! Arre, gaita! A rapariga já morreu e tu ainda te não calaste.⁴⁷² Põe essa história de 「parte, canudo!⁴⁷³

Rui murchou. A resposta 「pesada de Rodrigues rasgara-lhe os olhos num repelão: «de facto, era pacovice remoer coisas mortas».⁴⁷⁴ Por isso desculpou-se:

⁴⁶¹ [A] - Anh?<!>...

⁴⁶² [A] - [...] ó pá!

⁴⁶³ [A] <Já> <s>/S\ão quási 10hoas...

⁴⁶⁴ [A] [O Fernando já se foi...]

⁴⁶⁵ [A] - Anh! O quê? 10 horas? Ó diabo

⁴⁶⁶ [A] faltar!

⁴⁶⁷ [A] <de>/que\

⁴⁶⁸ [A] um tipo

⁴⁶⁹ [A] sei. É um <anjinho> [↑ <lorde (?)> pobre-diabo] que morava por baixo da Conceição. Um desgraçado afinal, coitado.

⁴⁷⁰ [A] -<Na>/A\ Luíza namorava

⁴⁷¹ [A] <pachorrento> [↑ num desforo]

⁴⁷² [A] <Cagar nisso ainda é pouco!> [↑ Manda-me isso à outra banda!] Arre gaita! A rapariga já morreu <e tu nisso!> [↑ e tu ainda te não calaste.]

⁴⁷³ [A] parte<!>/\ [canudo!]

⁴⁷⁴ [A] <irrequ> pesada de Rodrigues <fizera> <abrira-lhe> rasgara-lhe os olhos num repelão: «de facto era parvoice remoer uma coisa morta».

- ... 「foi mais⁴⁷⁵ uma questão de curiosidade que falei. 「Que eu, a dizer a verdade,⁴⁷⁶ não sei a certeza.

Dentro dele uma voz explodiu: 「«acaba, caramba!»⁴⁷⁷ E de olhos tesos, Rui rodou para o seu quarto e estudou com fúria, 「desmontando, como um louco,⁴⁷⁸ as resmas de livros. Mas quando Rodrigues, já 「pequeno-almoçado, lhe abriu a porta «vens?»⁴⁷⁹, Rui sacudiu-se num gesto de decisão e pensou: 「“Só tenho que fazer⁴⁸⁰ às onze, mas... vou, pronto”.

- Vou, vou, espera aí.

- Então avia-te.

Saíram. 「Um sol vivo⁴⁸¹ brincalhava com estridência nos vidros das 「janelas, e uma vida prenhe de força e de frescura⁴⁸² invadia a cidade. 「Para Rui,⁴⁸³ um dia novo era uma vida inteiramente nova. 「No passado, tudo se emaranhava, dores e gozos⁴⁸⁴ numa amálgama inexpressiva. Mas os dias futuros pesavam-lhe como chumbo. «Como me sentirei hoje?, amanhã?» E tinha pena de não ser, como tantos, um autómato. Que importava um dia? Ele passaria por si, sem que do autómato houvesse um gesto, um pensamento 「para⁴⁸⁵ o dominar ou estudar. Os dias 「passariam⁴⁸⁶ sozinhos, independentes. Mas 「Rui, em cada manhã, tinha uma preocupação,⁴⁸⁷ e em cada tarde uma esperança de que a preocupação fosse um zero no dia seguinte. 「Às vezes, bastava uma observação de alguém para que, em si,⁴⁸⁸ tudo voltasse à normalidade. Foi o que sucedeu naquela manhã. 「Por isso⁴⁸⁹ chegou mesmo a 「iniciar⁴⁹⁰ uma conversa calma:

- Que aula tens agora?

- Mecânica. 「Aquele gajo, não sei porquê, ainda não pôs férias.⁴⁹¹

- Mas afinal, que tencionas tu seguir? 「Engenharia...?⁴⁹² Matemáticas...?

⁴⁷⁵ [A] <era>/foi\ mais <por>

⁴⁷⁶ [A] Que eu a dizer a verdade

⁴⁷⁷ [A] <«BASTA!»> [↑ «basta!»]

⁴⁷⁸ [A] desmontando como um louco

⁴⁷⁹ [A] pequeno-almoçado lhe <bateu> [↑ abriu] <à>/a\ porta: «vens?» <para>

⁴⁸⁰ [A] ««Oh! só>/Só tenho\ aula

⁴⁸¹ [A] <O>/Um\ sol vivo

⁴⁸² [A] [fol. <119>/165\] janelas e <a>[↑ uma] vida, prenhe de [↑ fôrça e] frescura,

⁴⁸³ [A] Para Rui

⁴⁸⁴ [A] No passado tudo se emaranhava, dôres e gozos

⁴⁸⁵ [A] de

⁴⁸⁶ [A] passa<vam>/riam\

⁴⁸⁷ [A] Rui em cada manhã tinha uma preocupação

⁴⁸⁸ [A] Às vezes porém, bastava uma observação de alguém para que em si

⁴⁸⁹ [A] <E> <p>/P\or isso

⁴⁹⁰ [A] encetar

⁴⁹¹ [omisso A]

- Eu sei lá, 'homem. Eu⁴⁹³ sei lá. Os tipos não me deixam passar, como 'é que queres⁴⁹⁴ que eu escolha?

- Os tipos não te deixam passar... Se tu não estudas nada, 'como é que hás-de passar?⁴⁹⁵

É o diabo! Tst! Depois tudo se 'junta.⁴⁹⁶ Para que raio me havia de emborrachar na Queima? Para mim então que uma borracheira é uma doença...

Rui pensa que também se embebedara. Sem querer, associa ideias e Luísa 'poisa⁴⁹⁷ de novo, teimosa e suave, na sua 'imaginação!⁴⁹⁸ O Rodrigues fala ainda, 'porém⁴⁹⁹ Rui percebe-lhe apenas um zunzum inútil. Mas breve recai em si e rebenta o fio da imaginação. 'Também⁵⁰⁰ os exames estavam à porta e era preciso estudar. 'Por isso, fez bem em sair com⁵⁰¹ o Rodrigues. Se ficasse 'em casa, não estudaria, e as letras da sebenta baralhar-se-iam,⁵⁰² enevoando-lhe a vista de cinzento. Cá fora, no jardim da 'Universidade,⁵⁰³ por exemplo (é verdade: estudaria no jardim da Universidade) olho no livro, olho em quem passasse, sempre aproveitaria alguma coisa. ('às⁵⁰⁴ vezes não aproveitava nada. Precisava de silêncio e regressava 'a casa. E em casa acabava⁵⁰⁵ por se enrodilhar na cama, magicando).

- Você dá-me licença?

Rui olhou. 'Diante dele, um rapaz forte espera calmamente.⁵⁰⁶

- Faça favor.

(- Bem, ficas? – indagou Rodrigues.

'- Fico,⁵⁰⁷ fico.

- Então, até logo).

⁴⁹² [A] Engenharia<?>...

⁴⁹³ [A] homem<,> eu

⁴⁹⁴ [A] é queres

⁴⁹⁵ [A] como é que <(não)> hás-de [↑ passar ?] <(apanhar chumbo?)> <(mas Rui já reprovara também.)>

⁴⁹⁶ [A] junta[.] <também.>

⁴⁹⁷ [A] poisa-se-lhe

⁴⁹⁸ [A] imaginação.

⁴⁹⁹ [A] <mas>/porém\

⁵⁰⁰ [A] De resto

⁵⁰¹ [A] Por isso saíra

⁵⁰² [A] em casa não estudaria e as letras da sebenta <fariam> baralh<o>[↑ ar-se-iam]

⁵⁰³ [A] Universidade

⁵⁰⁴ [A] Às

⁵⁰⁵ [A] a casa. <>/E\ em casa <gostaria de> [↑ acabava]

⁵⁰⁶ [A] <Era> [↑ Diante dele] um rapaz <magro, e <ofegante> e ligeiramente cansado, espera.> [↑ forte espera calmamente.]

⁵⁰⁷ [A] <(>- Fico,

Rui ficara a sós com Luís. «E, a passo vagaroso,⁵⁰⁸ foram ambos vencendo a «Ladeira dos Jesuítas.

Luís, lentamente, expôs:⁵⁰⁹

- Desculpe tê-lo interrompido, mas já há dias que «desejava⁵¹⁰ falar-lhe.

Rui revolve-se interiormente. «Mas não.⁵¹¹ Não acha motivo... Se eles nunca mais tinham falado...

«- Ainda pensei não lhe dizer nada,⁵¹² mas achei depois que era melhor dizer. Há o seguinte:

(- O senhor «Dr.⁵¹³ dá-me lume? Era um futrica poupando um fósforo no cigarro de Rui). Luís reatou:

«- ... você⁵¹⁴ sabe que quando se está «bêbedo,⁵¹⁵ e mesmo quando se sonha, o que se diz, sente-se. Quer dizer, quando um bêbedo fala numa coisa (que significa «isto?⁵¹⁶ pensa Rui) é porque pensou nessa «coisa⁵¹⁷ quando estava sério. Ora bem...

«Rui estremece. Já sabe do que se trata. Já sabe... ou supõe. Mas não... Ele só falara nisso ao Rodrigues... Diabo! À cautela,⁵¹⁸ previne:

- Nem sempre isso é assim...

Luís não responde e continua:

-... ora «você, um destes dias,⁵¹⁹ no Quebra Costas...

- No Quebra-Costas?

... vinha embriagado, ou... contente.

Luís estava seguro «de si.⁵²⁰

- Mas... embriagado? Quando? e que disse?

Rui estava ansioso. Já não tinha dúvidas: afinal não falara só para o Rodrigues. Não... não falara só para ele. Agora lembrava-se. «De facto,⁵²¹ no dia da Queima, no Quebra-Costas...

⁵⁰⁸ [A] <Ambos enleados> E a passos vagaroso,

⁵⁰⁹ [A] <su>/ladei\ [fol. 166] <bida> [↑ ra dos Jesuítas.] Luiz <calmamente expôs:> [↑ , devagar expôs:]

⁵¹⁰ [A] desejo

⁵¹¹ [A] Mas não...

⁵¹² [A] -... ainda pensei <nada>/não\ dizer<-lhe>/nada,\

⁵¹³ [A] [↑ Dr.]

⁵¹⁴ [A] - você

⁵¹⁵ [A] bêbedo

⁵¹⁶ [A] isto?

⁵¹⁷ [A] coisa,

⁵¹⁸ [A] <(Rui estremece. Já sabe do que se trata. Já sabe... ou supõe. Mas não... Ele só falara nisso ao Rodrigues... Diabo!<)>/À\ cautela

⁵¹⁹ [A] você um destes dias

⁵²⁰ [A] de si. <Bailava-lhe nos lábios um sorriso dorido.>

-... No dia da Queima das Fitas... Eu afinal talvez fizesse melhor 「em nada dizer.⁵²²

- Não; diga. Mas insultei-o? (Rui a intrujar-se) você sabe; um tipo 「meio alegre...⁵²³

- 「Insultar⁵²⁴ não insultou. Mas... 「Bem,⁵²⁵ o caso é este: você afirmou em voz alta que eu 「(Luís sorri triste) e⁵²⁶ aquela rapariga que morreu, a Luísa, nos namorávamos.

- Desculpará mas eu não dizia isso.

- Note que o caso não tem 「importância, mas como ela⁵²⁷ morreu...

- Não está certo... de facto. Ela não namorou ninguém... Nunca namorou ninguém. É um falso testemunho. Mas eu não disse. Se disse, não sabia o que dizia. Estava bêbedo. Você desculpe. Diacho! Eu era amigo da rapariga. 「Se estivesse sério,⁵²⁸ não dizia nem pensava. 「Quer dizer: pensar, é possível, sim, é possível que pensasse...⁵²⁹

- Mas pensava mal.

「- De facto, pensava mal, mas para que mentir? Pensei, sim, pensei. Que é que quer? No fim de contas, por uma estupidez, porque eu gostava da rapariga e creia...⁵³⁰

「Luís⁵³¹ não se alterou, talvez porque Rui lhe não 「dava⁵³² novidade alguma. Rui, desde que começou a despejar, desabafaria 「completamente, mas⁵³³ Luís rematou:

「- Bem, desculpe-me; tenho que estudar. Desvendou-se⁵³⁴ a questão. Obrigado. Bom dia!

Bom dia...

Rui seguiu 「enervado, pachorrento e meditabundo, furando a calçada com os olhos. «É miserável!⁵³⁵ É reles!» - pensava. - «E tudo por um capricho da vaidade».

⁵²¹ [A] De facto

⁵²² [A] melhor [↑ em] nada dize<ndo>/r\.

⁵²³ [A] <a quent> meio alegre...

⁵²⁴ [A] Insultar,

⁵²⁵ [A] Bem

⁵²⁶ [A] (Luiz <talvez tenha corado agora> [↑ sorri triste]), <que> [↑ e]

⁵²⁷ [A] importância. Mas como a <rap>/Luiza\

⁵²⁸ [A] <↑> Se estivesse sério

⁵²⁹ [A] <Ou> [↑ Quero dizer:] pensar. - <Mas>/É\ possível, sim, é possível <.> [que pensasse...]

⁵³⁰ [A] <m>/D\e facto. <Mas... pensei, sim pensei, para que mentir? > [↑ Pensava mal, mas... para que mentir? Pensei, sim, pensei. Que é que quer?] No fim de contas por uma estupidez, porque eu gostava da rapariga e creia...

⁵³¹ [A] [fol. 167] Luiz

⁵³² [A] desse

⁵³³ [A] completamente. Mas

⁵³⁴ [A] - <Sim coisas com que nada tenho> Bem desculpe-me. Tenho que estudar. Deslindou-se

Onze horas. Rui tem 「de ir à morgue.⁵³⁶ Meneia-se airosamente e murmura-se: «Ora! Tudo uma ninharia! E eu 「a⁵³⁷ preocupar-me... Passou, andou!» Diacho! Se a teoria dele era essa mesma: «deixar correr». As coisas passam, os factos sucedem-se; ele tinha apenas que vê-los passar. Suponhamos mesmo que tem de pensar sobre esses factos. Muito bem: pensa, mas pensa como um turista que vê, acha ou não acha curioso e segue. 「«Mas afinal para quê tanta teoria? Andar para a frente!»⁵³⁸

No Largo da Feira, porém, Catarina arrancou-o às cogitações:

- Ó Rui, você faz-me um favor?

Ele ficou aparvalhado. 「Se ela nunca mais lhe falara...⁵³⁹

- Ora essa! Está boa? Que tem feito? Nunca mais se deixou ver...

「(Rui a falar⁵⁴⁰ como se nada tivesse havido... 「Porque⁵⁴¹ este à-vontade? Ele não sabe).

- Isso digo 「eu!⁵⁴²

- Mas que há?

- Tem muita pressa?

- Tenho agora 「que fazer, às onze.⁵⁴³

- Bem... então fica para outra vez.

Rui, na curiosidade, era pior que as mulheres. Por isso insiste:

- Não, diga lá agora.

(Rui pensa: «hoje é o dia das surpresas. Que virá daqui?»)

「- olhe,⁵⁴⁴ passa-se o seguinte: disseram à Amélia que você tem dito dela 「o pior que se pode dizer... Ora...⁵⁴⁵

- Eu?! Palavra de honra que não disse nada. Nunca mais, juro-lhe, 「nunca mais⁵⁴⁶ toquei nela a ninguém.

(«Para quê tanta jura?» - dizem dentro de Rui – Não liguês patavina»).

⁵³⁵ [A] [↑ enervado, pachorrento<,>/e\ meditabundo, furando [↑ a calçada] com o olhar <a calç>[.] «É miserável!.

⁵³⁶ [A] uma aula na morgue.

⁵³⁷ [A] [a]

⁵³⁸ [A] «Mas afinal...[↑ Para quê] tanta teoria? Vamos para a aula»

⁵³⁹ [A] <<>Se ela nunca mais <m>/lhe\ falara...<>>

⁵⁴⁰ [A] (Rui a falar,

⁵⁴¹ [A] Porquê

⁵⁴² [A] eu! <Você>

⁵⁴³ [A] aula às 11.

⁵⁴⁴ [A] - olhe

⁵⁴⁵ [A] o [↑ pior que <de>/se\ pode dizer. Ora... <não esta>]

⁵⁴⁶ [A] nunca mais,

- Pois não foi isso que disseram. 「Ora,⁵⁴⁷ coitada da rapariga... Você sabe o que é este meio de Coimbra para se falar. Você não quis namorá-la, 「pronto. Mas lá dizer mal...⁵⁴⁸

- Eu gostava de saber quem me 「anda a meter em sarilhos... Rachava-o!⁵⁴⁹

(«Tu podes lá com uma gata pelo rabo!» - continuam entro de Rui. - «Agacha-te, submete-te e não 「fales em⁵⁵⁰ rachar ninguém...» «Ah! que se pudesse! Diacho! Trata-se de uma infâmia!» De facto Rui falou de Amélia. Mas foi só para o Rodrigues e o Rodrigues ia lá dizer nada...).

「- Bem, eu lá lhe digo a ela⁵⁵¹ que é mentira.

- Pode 「dizer, e creia, Catarina, a minha vontade era ver Amélia feliz.⁵⁵²

「Fora⁵⁵³ sincero: a sua vontade era ver Amélia feliz. Mas 「queria, no entanto,⁵⁵⁴ tê-la como que debaixo, submissa, dependente. Uma vez só não pensou assim. Foi quando a leveza de Luísa o seduziu. Mas então Amélia era-lhe 「quase⁵⁵⁵ indiferente. 「E até⁵⁵⁶ agora continuava indiferente. Mas quando entrou na morgue 「e viu um cadáver de rapariga espernegado sobre a mesa, o seu pensamento não voou para Luísa mas para Amélia.⁵⁵⁷ 「Não que se tratasse de uma associação íntima de imagens, porque o banho de formol dava ao cadáver o vago aspecto de estátua.⁵⁵⁸ Mas foi um relâmpago. O nojo de si 「mesmo e o nojo do confronto abafaram em Rui toda a exaltação.⁵⁵⁹

「À tarde, António Cruz⁵⁶⁰ diz a Rui:

- Sabes que a Amélia ainda te não esqueceu? Disse-mo a Catarina.

⁵⁴⁷ [A] Ora

⁵⁴⁸ [A] pronto<,>/. mas lá<falar...> [↑ dizer mal...]

⁵⁴⁹ [A] [↑ anda a] mete<u>/r\ em sarilhos...<o>/R\ach<o>/ava\o.

⁵⁵⁰ [A] fales <de>/em\

⁵⁵¹ [A] [fol. 168] Bem eu lá [↑ lhe] digo <a Amélia> [↑a ela]

⁵⁵² [A] dizer. E creia, Catarina, <que só queria> [↑ a minha vontade era] ver a Amélia feliz. <E olhe que o que se diz>

⁵⁵³ [A] Rui fôra

⁵⁵⁴ [A] queria no entanto

⁵⁵⁵ [A] [↑ quási]

⁵⁵⁶ [A] <Até>/E\ até

⁵⁵⁷ [A] e [↑ viu] um cadáver de rapariga <e> espernegad<a>/o\ <na>/sobre\ [↑ a] mesa <a sua>/o seu\ <imaginação> [↑ pensamento] não <tocou já em >/voou para\ Luíza, mas /para\ Amélia.

⁵⁵⁸ [A] De resto não se tratava duma associação íntima de ideias, porque o banho de [formol (?)] dava ao cadáver o aspecto [↑ frio] de estátua <de gesso>.

⁵⁵⁹ [A] mesmo, o nojo do <*pensamento,> [↑ confronto] abafaram <as exaltações> tôda a exaltação. <E quando um colega profanou o cadáver com ditos ignóbeis, Rui revoltou-se indignado:

- Lembra-te de que é uma morta, caramba!>

⁵⁶⁰ [A] <À noite,> [↑ <Ao jantar>] [↑ À tarde], Mário Cruz

「E nessa noite, um véu diáfano de espiritualização envolveu Amélia, que passou medrosa nos sonhos de Rui.⁵⁶¹

⁵⁶¹ [A] E [↑ essa noite] num véu diáfano de espiritualização Amélia passou medrosa nos sonhos de Rui.

「VII⁵⁶²

- Não está, não, minha senhora. Talvez esteja em casa.

Na livraria não 「estava, mas Amélia agora já duvidava, porque o rapazelho parecia ter sido industriado⁵⁶³ por Domingos. Doutras vezes 「dissera «não está», e⁵⁶⁴ dois minutos depois estava. 「No entanto,⁵⁶⁵ foi a casa dele. Domingos vivia com a mãe e uma irmã (o pai morrera e deixara-lhe a livraria) numa casa lavada, soalheira, para os lados do Penedo da Saudade. Amélia vai triste. Já lhe custa tanto arrastar aquele peso! 「Oh!⁵⁶⁶ Como os sonhos foram morrendo. Tanto entusiasmo, tanto anseio! 「Tudo morrendo!⁵⁶⁷ A princípio 「houve talvez, no amor de Amélia,⁵⁶⁸ um pouco de carne e um pouco de 「despeito.⁵⁶⁹ Domingos era másculo 「(Catarina tinha, talvez, razão...)」⁵⁷⁰ e Rui deixara Amélia. 「No fim de contas,⁵⁷¹ fora uma questão de vaidade. Mas depois... 「Oh!⁵⁷² depois! Quando os sonhos 「foram morrendo e a realidade aflorando,⁵⁷³ quando Domingos deitava jarros de água fria nos anseios de Amélia! Oh! depois!... Os braços vagueavam-lhe pelo ar 「à busca de esteio, e dentro do peito, calos enrijeciam mais.⁵⁷⁴ À volta de Amélia foram escasseando 「as relações. Primeiro o Rui, depois as colegas...⁵⁷⁵ Só Catarina 「continuava a mesma mulher prática,⁵⁷⁶ segura, mas sensualona. Agora era o Domingos que desertava. Só! Horivelmente só! 「Era ponto⁵⁷⁷ assente a sua má conduta. 「Oh!⁵⁷⁸ E ela 「não tinha cometido.⁵⁷⁹ Só fora imprudente. Para quê aquele passeio, aqueles passeios? E Domingos aborrecera-a desde então. 「Desde que ela não mais quisera passear. Não mais quisera... Às vezes, no auge do desespero, quase se

⁵⁶² [A] 7

⁵⁶³ [A] estava. Mas Amélia agora <já> [↑ já] duvidava porque o empregado parecia <já> [↑ ter sido] industriado

⁵⁶⁴ [A] dissera: «Não está» e

⁵⁶⁵ [A] No entanto

⁵⁶⁶ [A] Ah!

⁵⁶⁷ [A] Tudo morre<u!>/ndo! \<†>/Era\ assim a alma toda que Amélia se abria, se mostrava.>

⁵⁶⁸ [A] houve talvez no amor de Amélia

⁵⁶⁹ [A] <orgulho> [↑ despeito].

⁵⁷⁰ [A] [↑ (Catarina tinha razão...)] <†>]

⁵⁷¹ [A] No fim de contas

⁵⁷² [A] Ah!

⁵⁷³ [A] iam morrendo e a realidade aflorava

⁵⁷⁴ [A] à busca de esteio e dentro, bem dentro do peito [↑ calos] enrij<avam>/eciam\[.] <calos>

⁵⁷⁵ [A] <††.>/as\ [↑ relações. Pri]meiro o Rui, [↑ depois] as colegas, rapazes...

⁵⁷⁶ [A] na mesma mistura de mulher prática,

⁵⁷⁷ [A] Era †

⁵⁷⁸ [A] Ah!

⁵⁷⁹ [A] [fl. 169] n<ada>/ão\ tinha cometido falta alguma.

arrepentia de não ter querido, de não ter cedido. Perdida a reputação, perdidas as amizades, perdido o amor de Domingos, que valia não ter cedido? Ninguém a acreditaria jamais. E o romance, à volta da sua vida, continuaria, como se a flor tivesse morrido... Morrido para sempre...⁵⁸⁰ «Só, horivelmente só!»⁵⁸¹ Quando passava «pelas colegas»,⁵⁸² ainda as saudava por cortesia, mas elas correspondiam secamente. «De uma»⁵⁸³ vez que Amélia conseguira entrar num grupo de raparigas conhecidas, viu-as desaparecer uma por uma: «vou estudar, com licença»; «vou à biblioteca». Sentiu uma vontade enorme de chorar; de fugir para casa.⁵⁸⁴ Várias vezes se perguntara: «como é que as outras, de quem se fala»,⁵⁸⁵ se não importam?» Depois lembrava-se de que ela também se «não importara. A princípio.»⁵⁸⁶ Mas a onda de idealismo «e pudor»⁵⁸⁷ abafara-lhe os nervos. E importara-se.

Amélia vai a casa de Domingos. É a primeira vez que dá tal passo. «Oh!»⁵⁸⁸ Mas hoje tinha de ser! Havia de falar claro: «não, Domingos, diz-me de uma vez para sempre, queres-me deixar?» Estava já a vê-lo e a ouvi-lo: «tu não tens confiança em mim...» «É»⁵⁸⁹ melhor acabarmos». Não tens confiança... Como havia ela de tê-la? «Se cedesse»,⁵⁹⁰ Domingos deixá-la-ia. «Era a lei fatal.»⁵⁹¹ «Como a minha vida mudou num ano apenas!» «- pensa Amélia. -»⁵⁹² «O Rui... a Catarina... o Domingos...» «A estes três nomes se prendiam»⁵⁹³ todas as mudanças. «E afinal, para que vinha ela a casa de Domingos, sim, para que vinha?»⁵⁹⁴ Não sabia demais que ele se ficaria imóvel e cínico

⁵⁸⁰ [A] <<†>/Domingos\ não mais quis passear. Se quisesse, ela [↑ (quem sabe?) talvez] cede<ria>/esse\.

Perdida a reputação, perdida[s] a[s] amizade[s], perdido o amor de Domingos... que importava <†>/não\ ter cedido?> [Desde que ela não mais quisera passear. Não mais quisera... Às vezes, no auge do desespero, quasi se arrepentia de não ter querido<.>/\ <D>/d\ e não ter cedido. Perdida a reputação, perdidas as amizades, perdido o amor de Domingos, que valia não ter cedido? Ninguém a acredit<ava>/ária\ jamais<...>/\ E o romance <à sua volta> [↑ à volta da sua vida] continuaria como se a flor tivesse morrido... Morrido para sempre...

Só<,>/\ Horivelmente só... etc] [*acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)*]

⁵⁸¹ [A] Só! Horivelmente só!

⁵⁸² [A] pelas colegas

⁵⁸³ [A] Duma

⁵⁸⁴ [A] «vou estudar», «com licença», «vou à biblioteca»<,>/\ <<e *então>/Sentiu> [↑ Sentiu] então uma vontade enorme de chorar e fugiu para casa.

⁵⁸⁵ [A] «como é que as outras de quem se fala

⁵⁸⁶ [A] não importara a princípio.

⁵⁸⁷ [A] pudor,

⁵⁸⁸ [A] Ah!

⁵⁸⁹ [A] sim é

⁵⁹⁰ [A] Se cedesse

⁵⁹¹ [A] Era a lei fatal [.] <†>

⁵⁹² [A] pensa Amélia.

⁵⁹³ [A] Era a estes três nomes que se prendiam

⁵⁹⁴ [A] E afinal para que vinha ela a casa de Domingos, sim para que vinha?

entre o dilema «ou sim... (este «sim» tinha 「abismo⁵⁹⁵) ou então...» Amélia optaria pelo «então». E voltaria triste... Que importava? Em Lisboa... E se mudasse para Lisboa? Acabar-se-ia a má-língua. Começaria uma vida nova e nunca a tia 「(pobre tia!)⁵⁹⁶ saberia de nada. «Os professores de Coimbra são muito exigentes... em Lisboa tudo é mais fácil...» Seria a desculpa.

Amélia sobe a rua do Penedo. 「Ao longe, as cores esbatem-se, e o rio flui em fita de água modorrenta.⁵⁹⁷ Noutros dias, sentada num banco, gostava de admirar o panorama com 「Domingos.⁵⁹⁸ 「E, imperceptivelmente, despertava⁵⁹⁹ dentro dela uma vaga nostalgia que lhe perdia os olhos no longe. Os pinheiros... a terra barrenta... a linha mansa e negra 「das colinas...⁶⁰⁰ 「Para o outro lado, agachavam-se casebres atordoados, fumegando. Às vezes, ela e o namorado quedavam-se, mudos, olhando o bicho negro do combóio que minava, aos zigue-zagues,⁶⁰¹ os pinheiros afilados no lombo dos montes. E Amélia sentia-se contente com aquele borbotar de mansidões e quietudes de alma.

Hoje, porém, Amélia não repara 「em nada.⁶⁰² À frente dela 「divisavam-se apenas os paralelepípedos da rua, com os dois⁶⁰³ riscos negros das linhas do eléctrico. Avança. A Companhia de Saúde. 「Olha em redor. A casa⁶⁰⁴ de Domingos é ali próximo. Alça um olhar inquieto 「para as janelas e esbarra com... Será ele? Colada ao Domingos, uma rapariga esbelta cavaqueia. Amélia pára, indecisa.⁶⁰⁵ 「Mas Domingos cicia⁶⁰⁶ qualquer coisa à rapariga e desaparece. Amélia cora. Embarça-se. 「E se⁶⁰⁷ voltasse para trás? 「A porta da casa roda e Domingos, sorridente, aparece.⁶⁰⁸ Ainda troca um

⁵⁹⁵ [A] um abismo

⁵⁹⁶ [A] (pobre tia!...)

⁵⁹⁷ [A] Ao longe as côres esbatem-se e o rio <<*estira> [↑ flue]> [↑ flue] <↑>/em\ fita de água modorrenta.

⁵⁹⁸ [A] o Domingos.

⁵⁹⁹ [A] E imperceptivelmente despertava<-se>

⁶⁰⁰ [A] [↑ do alto] das colinas...

⁶⁰¹ [A] Para o outro lado [↑ agachavam-se] casebres [↑ atordoados] fumega<vam>/ndo.\ <at> Às vezes quedavam-se[,] mudos[,] <a> olha<r>[↑ndo] o bicho negro do comboio [↑ que] mina<ndo>/va\ aos zigue-zagues

⁶⁰² [A] em nada<: olha mas não vê.>

⁶⁰³ [A] <só> <se> divisava[↓m[↓-se]] [↑ apenas] <↑>/os\ <↑>[↑ paralelo]pípedos da rua, com [↑ os] dois

⁶⁰⁴ [A] Olha em redor: a casa

⁶⁰⁵ [A] <↑>/para\ as janelas e esbarra com[↓ ...] <o namorado.> [↑ Será ele?] Colada ao Domingos uma rapariga esbelta cavaqueia. [sublinhado ondeado a verde riscado] <Será ele?>Para indecisa.

⁶⁰⁶ [A] Domingos porém, cicia [fol. 170]

⁶⁰⁷ [A] [E] <S>/s/e

⁶⁰⁸ [A] Mas [↑ <o fecho>] <<a>/da>/a\ porta da casa abria e Domingos, <cabisbaixo> [↑ sorridente,] aparece.

olhar com a rapariga da janela. Amélia dá dois passos titubeantes. 「Domingos indaga,⁶⁰⁹ cínico:

- Então?... Que há?...

- Que há?... vê lá o que há-de haver... Há 「três⁶¹⁰ dias que não apareces...

「Noutras circunstâncias, talvez⁶¹¹ Domingos pusesse de novo o dilema: 「«ou tens confiança em mim, ou não tens...»⁶¹² 「Mas hoje não faria tal,⁶¹³ porque dissera à da janela: «são 「dez⁶¹⁴ minutos apenas... Está tudo mais que resolvido».

「Ela respondera, brejeira:

- És um cabeça no ar...

Mas rira, porque sabia que tudo aquilo fora mais uma rapaziada do Domingos. Um *flirt*.⁶¹⁵

Por isso 「ele deseja «resolver tudo bem depressa»,⁶¹⁶ tanto mais que os pais da rapariga da janela querem o casamento para daí a um mês.

「Mas, no fundo de Domingos, há uns restos de carácter: era preciso, pois, dar a Amélia razões plausíveis.⁶¹⁷ De seguida desfechar...

-... há 「três⁶¹⁸ dias que não apareço... Mas tu não sabes a minha vida?

(«Bom prenúncio? Mau prenúncio?» - pensa 「Amélia」)⁶¹⁹

- Eu perdoo-te sempre tudo... como sabes. Mas... com franqueza, Domingos, diz-me (tinham-se sentado num dos bancos do 「Penedo」, diz-me se tencionas continuar assim...⁶²⁰ se já me não amas...

(«Eu perdoo-te tudo...» Domingos reflecte que 「as coisas⁶²¹ vão mal encaminhadas. Ele não queria que ela perdoasse. 「Precisa de decidir」.⁶²²

⁶⁰⁹ [A] Domingos indaga

⁶¹⁰ [A] 3

⁶¹¹ [A] Noutras circunstâncias talvez <que>

⁶¹² [A] «ou tens confiança em mim ou não tens; se tens...»

⁶¹³ [A] Mas hoje não faria tal

⁶¹⁴ [A] 10

⁶¹⁵ [A] [Ela respondera, brejeira:

- És uma cabeça no ar...

Mas rira porque sabia que tudo aquilo fôra mais uma rapaziada do Domingos. Um *flirt*.] [*primeiro tem a indicação “(Volte)” riscada, pois o verso já está escrito, e com seta faz o acréscimo a meio da página, do lado direito, no espaço deixado por um diálogo.*]

⁶¹⁶ [A] <Domingos> [↑ ele] está ansioso por «resolver tudo»

⁶¹⁷ [A] Mas no fundo de Domingos há uns restos de carácter: era preciso pois dar <razo> a Amélia razões plausíveis.

⁶¹⁸ [A] 3

⁶¹⁹ [A] Amélia [] <Vai sabê-lo:>

⁶²⁰ [A] Penedo) diz-me se tencionas continuar assim

⁶²¹ [A] as coisas

⁶²² [A] <>/É\ preciso decidir)

- Amo-te (que bom, diz-se Amélia) amei-te... 「mas tu não quiseste corresponder...⁶²³

- Eu? Mas porque dizes isso?

- Não quiseste e eu procurei esquecer-te. Não consegui, porque te amo ainda, mas entendo que devemos...

- Acabar?

(Se Amélia sabia 「já⁶²⁴ que iriam acabar... Para quê aquela ânsia?') Domingos, friamente, calmamente, confirmou:

- Sim. E até é melhor para ti. Nós não nos havíamos de entender.

(Sempre a mesma desculpa! Já Rui se não 「entendia⁶²⁵ com Amélia... Ninguém se entendia. Nem ela talvez...)

「Amélia sentiu, viva e pesada, a realidade.⁶²⁶ E quis chorar. Mas recalcou-se e 「despediu,⁶²⁷ rígida:

「- Pois bem. Tudo está então acabado. Boa tarde...⁶²⁸

- Mas ficarei teu amigo para o que quiseres...

「Ela agradeceu, triste:⁶²⁹

- Obrigada...

「Naquela noite Amélia mal dormiu. À Catarina nada contara. E para quê? Ela ficava-lhe tão longe e as suas consolações eram tão de cálculo! Na vida de sentimentos não há cálculo. Catarina, com a sua frieza matemática, era uma estranha que se intrometia na alma da amiga. Que dava que falasse com lógica? Que dava que tivesse razão? Era uma estranha, não sentia.

Assim, por exemplo, Catarina falava do Rui a frio: «Se o Domingos te não quer, pode ser que o Rui...»

- Como o Rui?

- Tu sabes lá se ele não gosta ainda de ti?

«Ele gostar... Se a tinha deixado...» Catarina continuara:

- Ó menina, tudo se consegue neste mundo: a questão é jeito e tempo.

⁶²³ [A] mas tu não <soubeste ou não quiseste> [↑ quiseste corresponder...]

⁶²⁴ [A] [↑ já]

⁶²⁵ [A] entendia [*sublinhado riscado*]

⁶²⁶ [A] Amélia sentiu viva e pesada a realidade.

⁶²⁷ [A] despediu

⁶²⁸ [A] - [↑ Pois bem] Tudo está [↑ então] acabado. B<om>/ao\ <dia...>/tarde\...

⁶²⁹ [A] Ela agradeceu cínica:

Aí estava: «jeito». Tratava-se, pois, duma habilidade. Catarina era assim. Fazia tudo pela razão fria. Pois se ela namorava o Cruz e dissera dele que era «um horror»... Mas o mais curioso é Catarina dizer-se amiga de Amélia e, como tal, querer «ajudá-la»:

- Deixa lá estar isso comigo.

Fria. Estranha. Por isso Amélia nada disse e, de noite, remoeu pensamentos negros. Chegou mesmo a surgir-lhe, discreto e racional, o do suicídio. O Rui dissera-lhe em tempos (há que tempos!...) que o suicídio lhe não parecia condenável. É certo que os compêndios de filosofia, a moral apregoada afirmavam que era uma cobardia fugir à luta com a vida, etc., etc. (O Rui nesse dia sofrera de tristeza. Amélia não o entendera porque estava alegre. Mas agora entendia-o. E, como ele, queria dar-se razões plausíveis de tão tenebroso pensamento). Mas será cobardia o suicídio? E Deus (Amélia cria em Deus) castigá-la-ia? O Rui dizia que não. Que era o instinto que mandava. E o instinto, se Deus existe (dizia Rui. Ele não podia deixar de acreditar em Deus), foi dado por ele. O lacrau cercado de fogo suicida-se. O pássaro que vê o filho encarcerado na gaiola, mata-o. Trata-se, não do infanticídio, mas de um auxílio dado pelos pais, ao instinto do filho que não pode cumprir a sua missão: suicidar-se. Além disso, se para virmos ao mundo ninguém nos pede autorização, teremos nós de dar satisfações a alguém para dele nos retirarmos? (Amélia lembra-se claramente da exposição de Rui. Ela queria dar uma satisfação à sua crença. Talvez por isso a memória lhe recordava tudo tão bem). Alta manhã, Amélia adormeceu.⁶³⁰ «E, no dia seguinte,⁶³¹ reprovou a Latim. «Para ela,

⁶³⁰ [A] [Naquela noite Amélia mal dormiu. À Catarina nada contara. E para quê? Ela ficava-lhe tão longe e as suas consolações eram <de>/tão\ de cálculo! Na vida de sentimentos não há cálculo. <Se Catarina chorasse com <Amélia> [↑ ela] (bastava que chorasse, sem nada dizer) o conforto seria mais profícuo para Amélia. Seriam duas vidas atadas numa só. Mas Ca> [Cat]arina com a sua frieza matemática era uma estranha que se intrometia na alma da amiga. Que dava que falasse com lógica? Que dava que tivesse razão? Era uma estranha; não sentia.

[Assim, por exemplo, Catarina falava do Rui com cálculo: «Se o Domingos te não quere, pode ser que o Rui...

- Como o Rui?

- Tu sabes lá se ele não gosta ainda de ti?

«Ele gostar... Se [↑ele]a <deixara...> [↑ tinha deixado...]>] <E a> Catarina continuara:

- Ó menina, tudo se consegue neste mundo, a questão é jeito e tempo.

Aí estava: «jeito». Tratava-se pois duma habilidade. Catarina era assim. Fazia tudo <↑> [↑ pela razão] <a> fri<o>/a\]. Pois se ela namorava o Cruz e dissera dele que era «um horror»... Mas o mais curioso é Catarina se dizia amiga de Amélia e como tal queria «ajudá-la»:

- Deixa [↑ lá] estar isso comigo.

<Mas> <n>/N\o fundo, [↑ porém] tudo aquilo <↑>/era\ antipático a Amélia[,] <apesar> [↑ No entanto Rui] renasce em cores brandas...>]

Por isso Amélia nada disse e, de noite, remoeu pensamentos negros. Chegou mesmo a passar-lhe discreto e racional o do suicídio. O Rui dissera-lhe em tempos (há que tempos!...) que o suicídio [↑ lhe] não <lhe> parecia condenável. É certo que os compêndios de filosofia afirmam que é uma cobardia fugir à luta com a vida etc. etc. (O Rui nesse dia <andara> [↑ sofreu] <com>/de\ tristeza. Amélia não o entendera porque

porém,⁶³² a reprovação pouco contou. (Que era uma nuvem negra num céu de chumbo?) Catarina procurou animá-la: 「«deixa lá,⁶³³ eu também reprovei. 「Faz-se mais uma cadeira⁶³⁴ no último ano». 「Mas as palavras de Catarina já abriam sorrisos magoados⁶³⁵ nos lábios de Amélia. Outrora chorava, explodia, 「aliviava...⁶³⁶ 「Agora, não: os factos iam-se acumulando, comprimidos, recalcados,⁶³⁷ e em Amélia começava a desenvolver-se um pessimismo conformista. «Sou como as outras... As outras também são assim...» frases sem sentido já... A vaidade afundara-se-lhe nos 「desgostos sofridos.⁶³⁸ Agora o Rui rir-se-ia (「porquê⁶³⁹ esta teimosa presença do Rui há alguns dias?) Mas que importava que o Rui se risse? 「(Se toda a gente se ria...)⁶⁴⁰ A ideia do suicídio, porém, amorteceu. Não era preciso; bastava que fosse para Lisboa. 「Por agora,⁶⁴¹ ela suportaria 「os sorrisos⁶⁴² e passaria serena. De olhos mortícios, magoados, 「arrostará, com calma,⁶⁴³ as troças do mundo. 「De resto,⁶⁴⁴ eram apenas alguns diazitos. As férias grandes estavam à porta 「e Coimbra, com a sua gente e a sua língua venenosa, fundir-se-ia nos restos de memórias longínquas.⁶⁴⁵

estava alegre. <Hoje> [↑ Mas agora] entendia-o. E[,] como ele, queria dar-se <†> razões plausíveis de tão tenebroso pensamento) Mas será cobardia o suicídio? E Deus (Amélia cria em Deus) castigá-la-ia? O Rui dizia que não. <Diabo!> [↑ Que] <E>/e\ra o instinto que mandava. E o instinto, se Deus existe (dizia Rui) foi dado por ele. O lacrau cercado de fogo suicida-se. O pássaro que vê o filho encarcerado na gaiola, mata-o. Trata-se não do infanticídio mas sim dum auxílio dado pelos pais, ao instinto do filho que não pode cumprir a sua missão: suicidar-se. [Alem disso[,] se para <nos porem> [↑ virmos] <no>/ao\ mundo ninguém nos pede autorização, teremos que dar satisfações a alguém para dele nos <“tirar” retirarmos?> (Amélia lembra-se claramente da exposição de Rui. Ela queria dar uma satisfação à sua crença.<)> Talvez [↑ que] por isso a memória lhe recordava tudo tão bem)

Alta manhã, Amélia adormeceu.] E no dia seguinte... etc (segue) [*acrescento no verso da folha com a indicação <(Vid. Verso)> /(Volte)\ corrigido a tinta verde*]

⁶³¹ [A] [↑ E] <N>/n\o dia seguinte <Amélia>

⁶³² [A] Para ela[,] porém[,]

⁶³³ [A] «deixa lá;

⁶³⁴ [A] Faz-se [↑ mais] uma cadeira <mais>

⁶³⁵ [A] Mas <Catari> as palavras de Catarina [↑ já] abriam <já> sorrisos magoados

⁶³⁶ [A] aliviavam.

⁶³⁷ [A] Agora não: os factos iam-se acumulando comprimidos, recalcados

⁶³⁸ [A] desgostos.

⁶³⁹ [A] Porquê

⁶⁴⁰ [A] (Se toda a gente se ria...) <Ela suportaria>

⁶⁴¹ [A] Por agora

⁶⁴² [A] [fol.171] <†> os sorrisos

⁶⁴³ [A] arrostará com calma

⁶⁴⁴ [A] De resto

⁶⁴⁵ [A] à porta <.>/e\ <o ambiente> [↑ Coimbra], com a sua gente [e] a sua língua venenosa, fundir-se-<iam>/ia\ com os restos de memórias longínquas. <Tudo isto pensara Amélia enquanto se não *consumiu>

「VIII⁶⁴⁶

「- Ele⁶⁴⁷ disse-me que não, que nunca tinha falado 「de ti e⁶⁴⁸ que só queria verte feliz. É o que eu te digo: tu podes arranjar outra vez namoro com ele.

「- Não, não... olha, se és minha amiga,⁶⁴⁹ não me voltes a falar nisso.

Amélia fora decidida e Catarina admirou-se. Chegou até a fingir-se ofendida:

- Ó menina, lá por causa disso...

É que Amélia endurecera e começava a ter vontade. Agora, toda aquela maquinação de Catarina 「a enojava.⁶⁵⁰ É certo que se Rui voltasse... 「Mas não assim,⁶⁵¹ não por cálculo, a frio. 「E Amélia, no entanto, amava Rui, e pensava que talvez ele a amasse também.⁶⁵² 「Sim, sem dúvida,⁶⁵³ namorara o Domingos mas... devia ter sido por uma questão de 「orgulho.⁶⁵⁴ 「Sim, por orgulho. Domingos era a carne, sem dúvida.⁶⁵⁵ Não que Amélia não sentisse também a carne 「fremir-lhe.⁶⁵⁶ Mas era por instantes e no fim voltava a vergonha. As palavras de Catarina tinham-na queimado. (Quem se queima não sente logo a dor). Mas tudo fora accidental. Os idealismos, os véus do sonho voltavam sempre. Ora Rui fazia-a sonhar. Tinha palavras de veludo 「e ela gostava tanto de palavras de veludo...⁶⁵⁷ Mas os comentários da amiga 「tinham-na mudado.⁶⁵⁸ 「Outrora Amélia não tivera vontade. Mas hoje, oh! hoje...⁶⁵⁹ Não voltava do sonho, era certo, porque 「tinha medo⁶⁶⁰ e uns longes de cepticismo calavam-lhe as aspirações. Se Rui voltasse... Sim, se ele voltasse... Mas se voltasse porque 「quisera⁶⁶¹ voltar. 「Porém, Rui não voltaria mais, nunca mais. Rui não lhe ia perdoar⁶⁶² o namoro com o

⁶⁴⁶ [A] 8

⁶⁴⁷ [A] -... E ele

⁶⁴⁸ [A] /de\ ti, e

⁶⁴⁹ [A] - <† olha>/Não, não\... Olha se és minha amiga,

⁶⁵⁰ [A] [a] enojava<-a>.

⁶⁵¹ [A] Mas não assim;

⁶⁵² [A] E Amélia no entanto amava Rui e talvez <que> ele a amasse também.

⁶⁵³ [A] Sim sem dúvida,

⁶⁵⁴ [A] <orgulho> [† orgulho].

⁶⁵⁵ [A] Sim por orgulho. Domingos era carnal.

⁶⁵⁶ [A] fremir-lhe. [*parcialmente sublinhada com pontos a tinta verde e depois riscado o sublinhado a vermelho.*]

⁶⁵⁷ [A] e ela gostava tanto<...> /de\ [† palavras de veludo...]

⁶⁵⁸ [A] mudavam-na. E <no fundo> sentia [† então] vergonha[.] <de ser assim.>

⁶⁵⁹ [A] Amélia não ti<nha>/vera\ pois vontade. Hoje [† sim,] tinha-a.

⁶⁶⁰ [A] tinha medo dele

⁶⁶¹ [A] quisesse

⁶⁶² [A] <Mas>/Rui\, porém, não voltaria. Rui nunca lhe havia de perdoar

Domingos. E no entanto... ele é que tivera a culpa. 「Se ele a não tivesse deixado, decerto Amélia o não deixaria também,⁶⁶³ apesar dos comentários das amigas.

Mas tudo tinha passado. Agora só Lisboa. LISBOA! 「Oh!⁶⁶⁴ a vida nova! O Renascimento! A multidão dos 「factos passados,⁶⁶⁵ arrumá-los-ia a um canto. 「Quem iria conhecê-la em Lisboa?⁶⁶⁶

Uma tarde 「na biblioteca da Universidade.⁶⁶⁷ À porta dos exames, os estudantes cansam os empregados, que desmontam 「os livros⁶⁶⁸ acamados nas estantes, orgulhosos, de lombadas inscritas. Medicina, Direito, Letras... 「Tratados de⁶⁶⁹ Anatomia, colecção de Diários do Governo, edições francesas 「de filósofos e autores latinos.⁶⁷⁰

「Durante quase todo o ano, a Biblioteca pouca utilidade tem.⁶⁷¹ Raros entram na sala de leitura e só de quando em vez o empregado desentala um romance para um entediado ou espalma o jornal do dia 「a um ou outro que não tem tostões para comprá-lo.⁶⁷² Às vezes 「entram raparigas no salão e os olhares dos que remoem romances⁶⁷³ ou jornais agarram-se, avaros, aos meneios da visitante. Mas é 「um momento.⁶⁷⁴ Breve a nova estudiosa 「se afunda⁶⁷⁵ na cadeira larga, na cadeira de braços, que espera, 「paciente, diante de cada carteira.⁶⁷⁶ 「Quando,⁶⁷⁷ porém, a rapariga traz, atrelado, o namoro, os olhares curiosos são muito mais importunos e pegadiços. Há quem julgue isso estupidez (「que interessam, afinal,⁶⁷⁸ os cochichinhos dos namorados?). 「No fim de contas, a coisa é velha e sabida.⁶⁷⁹ Ninguém vem para 「a Biblioteca,⁶⁸⁰ com o namoro,

⁶⁶³ [A] Se ele a não deixasse <talvez que> [↑ decerto] Amélia o não deixasse também,

⁶⁶⁴ [A] Ah!

⁶⁶⁵ [A] factos <passados> [↑ passados,]

⁶⁶⁶ [A] Quem a conheceria em Lisboa?...

⁶⁶⁷ [A] na Biblioteca<.> [↑ da Universidade.]

⁶⁶⁸ [A] <↑> [↑ <↑>/livros\]

⁶⁶⁹ [A] Tratados <de:>/de\

⁶⁷⁰ [A] de filosofias e latim...

⁶⁷¹ [A] [fol. 172] Durante <o ano> [↑ quási] todo o ano a Biblioteca <<é> [↑parece] inútil.> [↑ pouca utilidade tem.]

⁶⁷² [A] <aos> [↑ a um ou outro] que não tem <*quem cre> <[↑ três tostões]> [↓ tostões] para comprá-lo.

⁶⁷³ [A] entram <[↑ uma]> rapariga[s] no salão e os olhares d<e>/os\ <meia dúzia> [↑ que] remoem romances

⁶⁷⁴ [A] um <instante.> [↑ momento.]

⁶⁷⁵ [A] se <enterra> [↑ afunda]

⁶⁷⁶ [A] paciente em frente de cada carteira.

⁶⁷⁷ [A] <*Geralmente> [↑ Quando],

⁶⁷⁸ [A] que interessam lá

⁶⁷⁹ [A] De resto é coisa velha e sabida.

⁶⁸⁰ [A] a Biblioteca

para estudar. O Fernando achava 「que era «grossa indecência» virem para ali os meninos «alambicados, derretidos» a despertar⁶⁸¹ invejas surdas aos outros. O Rodrigues 「concordava (chegava até a menear a cabeça em⁶⁸² grande amplitude). 「Mas no fim de contas desculpava:⁶⁸³

- 「Homem,⁶⁸⁴ que é que tu queres? Está-se lá tão comodamente... E com uma segurança... Tudo vedado, tudo 「tão tapadinho...⁶⁸⁵ 「(Era obsceno o Rodrigues. Mas ele traduzia apenas o sentir geral).⁶⁸⁶

「Porém agora que se estava no fim do ano e a Biblioteca se enchia (o Cruz irritava-se quando tinha de ficar de pé),⁶⁸⁷ os namorados contentavam-se com estarem 「muito pegados, dizendo coisitas breves a jeito de parêntesis.⁶⁸⁸ A aproximação 「bastava-lhes.⁶⁸⁹ Às vezes 「trocavam olhares ternos e atrevidos.⁶⁹⁰ Mas era 「de relâmpago e mergulhavam, de novo, nas imensas páginas dos tratados, emaranhando-se na frieza das doutrinas.⁶⁹¹

Amélia entrou vaga e triste. Os olhos 「frios e duros não se desviaram para observarem a assembleia.⁶⁹² 「Vinha para estudar, mas⁶⁹³ o seu desejo seria antes ficar-se no quarto a remoer surdamente desgostos. 「Todavia,⁶⁹⁴ por descargo de consciência... 「Um empregado⁶⁹⁵ dá-lhe um livro volumoso. 「Perscruta⁶⁹⁶ os lugares vagos e descobre, lá para a frente, uma clareira. (Os lugares da frente são os piores porque se não vê quem está na sala). Cai 「fatigada⁶⁹⁷ na cadeira e sonda o livro sonolento. Nem

⁶⁸¹ [A] <uma estupidez> [↑ que era «crassa parvoíce» virem para ali os meninos «alambicados, derretidos» a despertarem]

⁶⁸² [A] concorda<r>/v\ a (cheg<ou>/ava\ até a menear a cabeça <com> [↑ em] [acrescento a lápis vermelho e decalcado a tinta verde]

⁶⁸³ [A] Mas [↑ no fim de contas] desculpa<ou>/ava:\

⁶⁸⁴ [A] <*Acorda>/Homem\;

⁶⁸⁵ [A] tão bem tapadinho...

⁶⁸⁶ [A] Era obsceno o Rodrigues. Mas ele traduzia apenas <a>/o\ <†>/sentir\ geral.

⁶⁸⁷ [A] Agora porém, que se estava no fim do ano, e a Biblioteca se enchia (o Cruz irritava-se quando tinha de ficar de pé)

⁶⁸⁸ [A] muito juntinhos a dizerem coisitas breves ao jeito de parênteses.

⁶⁸⁹ [A] Basta<r>/v\ a-lhes.

⁶⁹⁰ [A] <*um>/troca\vam olhares ternos ou atrevidos.

⁶⁹¹ [A] <num ápice> [↑ de relâmpago] e mergulhavam de novo nas imensas páginas dos tratados emaranhando-se na frieza das doutrinas.

⁶⁹² [A] <direitos> [↑ frios] e duros não <de>/se\ desviavam para <estudar> [↑ olhar] a assembleia.

⁶⁹³ [A] Vinha para estudar mas

⁶⁹⁴ [A] <Mas>/Todavia,\

⁶⁹⁵ [A] <O>/Um\ [emenda a tinta da redacção e decalcada a tinta verde]

⁶⁹⁶ [A] <Presc<ur>/ru>ta> [↑ Prescruta]

⁶⁹⁷ [A] lassa

repara nos olhares curiosos que a estudam. 「São uns imbecis. O mundo é um⁶⁹⁸ poço de imbecilidade. É preciso desprezar o mundo. 「À volta dela,⁶⁹⁹ não existe ninguém: só na frente 「lhe dançam⁷⁰⁰ as letras mortas do livro. 「Para trás,⁷⁰¹ fica o marulho indistinto de folhas que se voltam, cadeiras que se arrastam. Sai gente, entra gente... Quem será? Isso que tem? É preciso 「acabar com⁷⁰² aquele fadário. Que passe com 「onze⁷⁰³ valores, que passe com 「dez⁷⁰⁴... que importa lá isso? 「Ainda⁷⁰⁵ que reprovasse... mas isso não. Ao menos tiraria algumas cadeiras. Era um sacrifício enorme... meu Deus! Que infelicidade! Todo o mundo, todo o futuro parecia querer afundar-se na dor que a atormentava. 「Procurava reagir.⁷⁰⁶ Era preciso. Depois... ah! fugir! partir! Sumir-se 「em⁷⁰⁷ onda desconhecida!

- Dá-me licença?

A cadeira de Amélia entravava a passagem 「a Rui que queria ocupar a que estava à beira dela.⁷⁰⁸ Amélia empalideceu. Rui também fizera esforços sobre si. 「Mas foi, foi para a frente, quase sem pensar,⁷⁰⁹ numa atitude forte. (Ele 「às vezes tinha⁷¹⁰ atitudes fortes e admirava-se de si. Por isso chegava a pensar que isto de sangue frio é questão de sorte. 「Umas vezes está-se calmo e dizem-se coisas boas;⁷¹¹ outras vezes cora-se. É questão de sorte). Claro está que 「a primeira coisa que Rui fez, depois de se ter sentado,⁷¹² foi afundar-se no livro de estudo. Amélia quis 「levantar-se.⁷¹³ Talvez se tivesse até soerguido. Mas a 「aparente tranquilidade de Rui segurou-a.⁷¹⁴ Ambos sentados, ambos enterrados nos livros, tinham medo de se moverem, medo de se olharem mesmo assim como quem olha 「por acaso.⁷¹⁵ 「E entalavam-se então numa

⁶⁹⁸ [A] São uns imbecis... O mundo é [fol. 173] um

⁶⁹⁹ [A] <Há>/À\ volta dela

⁷⁰⁰ [A] na frente <de> lhe dansaricam

⁷⁰¹ [A] Para trás

⁷⁰² [A] acabar [↑ com]

⁷⁰³ [A] 1<0>/1\

⁷⁰⁴ [A] 10

⁷⁰⁵ [A] <Mesmo>/Ainda\

⁷⁰⁶ [A] <E> [↑ Procurava] reagi<a>/r\.

⁷⁰⁷ [A] <na>/em\

⁷⁰⁸ [A] <de>/a\ Rui que queria ocupar a que <lhe> estava à beira dela.

⁷⁰⁹ [A] Mas foi, [↑ foi] para a frente, [↑ quâsi] sem pensar,

⁷¹⁰ [A] <ti>/às\ vezes tinha

⁷¹¹ [A] <Às>[↑ Umas] vezes está-se calmo e dizem-se coisas boas

⁷¹² [A] <†> a primeira coisa que Rui fez <ao>/de\ [↑ pois de se] sentar

⁷¹³ [A] <†>/leva\ntar-se.

⁷¹⁴ [A] <tran-> aparente tranquilidade de Rui segurou-a. <(Catarina animara-a.)>

⁷¹⁵ [A] por <curiosidade.> [↑ acaso.]

fixidez, numa imobilidade de estátuas.⁷¹⁶ Melhor fora ter ficado «em casa. Seria preferível⁷¹⁷ ir embora. Os curiosos que os estudavam «desanimaram. Ali⁷¹⁸ não havia nada. «Rui, porém,⁷¹⁹ percebia um suave carinho a amolecer-lhe os nervos. Coitadita da Amélia! Torturada! Apontada! Coitadita! E eles podiam ter sido felizes! Ela é que não quis. «Já trazia, afinal, o vício no corpo.⁷²⁰ Paciência! Mas pronto... acabou-se. Ele «nunca⁷²¹ aceitaria o que os outros deixavam. Era uma glória: «até então, as suas namoradas, menos Amélia decerto,⁷²² tinham-lhe vindo às mãos puras, «novinhas em folha» («elas, pelo menos,⁷²³ garantiam-lhe isso, juravam «até),⁷²⁴ mas Amélia precisava «de uns⁷²⁵ conselhos, precisava «de uns⁷²⁶ avisos. Era um dever. «Quem sabe se não viria a modificar-se?⁷²⁷ E depois, que diabo, «Rui⁷²⁸ não consentia que ela o julgasse um mal-dizente, um gabarola. Ele «nunca⁷²⁹ dissera nada a ninguém. Só se fosse ao Rodrigues. Às vezes, por uma questão de vaidade, enfim... para ele saber, claro, dizia, «sim,⁷³⁰ ⁷³¹ dizia umas coisitas, estas coisitas que se dizem sempre: «beijei-a, e isto e «aquilo», mas⁷³² acudia sempre:

«- Acredita que gosto dela a valer. Se não fosse o que dizem para aí...⁷³³

Só quando Rodrigues o vergastava:

«- És um imbecilóide!, só então é que se mostrava forte:⁷³⁴

- Eu... enfim, vou gozando o que posso. Depois devo deixá-la.

Fora tudo uma cobardia. As opiniões do Rodrigues vergavam-no sempre. E ele tinha concluído muitas vezes que o Rodrigues era «um «tipo sem sensibilidade», era um

⁷¹⁶ [A] E <tinham> [↑ entalavam-se] então <uma>/numa\ fixidez <uma>/numa\ imobilidade de estátuas. Ali estava um estudo inútil. Para que tentar? Amélia fizera asneira.

⁷¹⁷ [A] em casa[.] <ou...> [↑ Seria prefe]rível

⁷¹⁸ [A] desanimaram<.> <A>/a\li

⁷¹⁹ [A] Rui porém

⁷²⁰ [A] [↑ Já trazia, afinal, o vício no corpo.]

⁷²¹ [A] nunca

⁷²² [A] até então as suas namoradas[,] [↑ menos Amélia <talvez> decerto]

⁷²³ [A] Elas pelo menos

⁷²⁴ [A] até)

⁷²⁵ [A] duns

⁷²⁶ [A] duns

⁷²⁷ [A] [↑ Quem sabe se não viria a modificar-se?]

⁷²⁸ [A] [↑ Rui]

⁷²⁹ [A] <nunca> nunca

⁷³⁰ [A] sim

⁷³¹ [A] [fol. 174]

⁷³² [A] aquilo» mas

⁷³³ [A] - Acredita, que gosto dela a valer. [→ Se não fôsse o que dizem para aí...]

⁷³⁴ [A] - És um imbecilóide!.

só então é que se mostrava forte: [D] -És um imbecilóide!.,§

só então é que se mostrava forte:

«cru». Mas⁷³⁵ só ao Rodrigues falara. A ninguém mais dissera nada. Pelo menos não se lembrava. Por isso queria desabafar, queria perguntar a Amélia quem é que tinha tido 「o atrevimento...

Sem saberem como,⁷³⁶ os olhos de ambos encontraram-se. Amélia ia a desviá-los, mas os de Rui seguraram-nos.

「- Tem horas certas?⁷³⁷

(Ele pergunta as horas... O relógio da torre tinha acabado de dar as 「onze⁷³⁸). Ela respondeu calma:

- São 「onze e três.⁷³⁹

- Obrigado.

「Rui não adiantou mais palavra.⁷⁴⁰ Não sabia mesmo que mais dizer. É certo que 「podia, por exemplo,⁷⁴¹ ter acrescentado: 「«onze... já onze? O tempo passa tão depressa...»,⁷⁴² ou qualquer coisa semelhante. Assim ela teria de retorquir uma banalidade que fosse. Mas não. Rui parara. 「Agora olhou de soslaio. Talvez⁷⁴³ ela o olhasse também. Nada. Amélia era muda e queda. Melhor seria desistir, ou então esperar ocasião azada. Mas Rui tinha pressa, muita pressa 「e, por mais que quisesse, nunca era capaz de simular!⁷⁴⁴ Sim, que o ideal seria simular. Perguntara as horas por acaso, por mero acaso. 「Necessitara⁷⁴⁵ naturalmente de saber as horas. E lá 「por tê-las perguntado⁷⁴⁶ a Amélia, nada adiantava. Eles não eram inimigos... 「De repente,⁷⁴⁷ teve uma ideia:

- Amélia...

Ela não ouviu talvez. Rui pensa que ela não 「«quis ouvir»⁷⁴⁸ e num ímpeto chama de novo.

⁷³⁵ [A] um < «cru»> «tipo sem sensibilidade», era um «cru».

Mas

⁷³⁶ [A] o atrevimento... <Sem>

Sem [↑ se] saber como,

⁷³⁷ [A] - Tem horas <?> [→ certas?]

⁷³⁸ [A] 11

⁷³⁹ [A] 11 e 3.

⁷⁴⁰ [A] <Ele>/Rui\ não adiantou [↑ mais] palavra[.] <alguma>

⁷⁴¹ [A] podia por exemplo

⁷⁴² [A] «11, já 11? Isto o tempo passa tão <devagar>» [↑ depressa...],

⁷⁴³ [A] Agora <↑> era-lhe mais difícil recomeçar. Ainda olhou de soslaio. Talvez <que>

⁷⁴⁴ [A] e por mais que quisesse <nunca>/não\ era capaz de simular.

⁷⁴⁵ [A] Necessita<v>/r\ a

⁷⁴⁶ [A] por <as ter> [↑ tê-las] perguntado

⁷⁴⁷ [A] De repente

⁷⁴⁸ [A] «quis ouvir»<./,\

- Amélia... (ela olha) eu queria... (ia a dizer: eu queria «falar-lhe»⁷⁴⁹ Suspendeu-se). Eu queria que você me traduzisse aqui esta palavra em francês.

Amélia traduziu. (Diabo, pensa Rui; tanta treta por causa⁷⁵⁰ de uma coisa «sem importância»⁷⁵¹).

«- Olhe, o que eu queria⁷⁵² era falar com você.

- Comigo? (Meu Deus, que será?!)

- Sim, consigo. É por causa de umas coisas que a Catarina me disse.

- Ah! Sim... mas isso... Não vale a pena incomodar-se. É mentira, eu sei... (sorria, num sorriso leve e dorida). Não se incomode... «(Aquele sorriso torcia-o mais fortemente)»⁷⁵³.

- Não, eu é que não podia consentir...

- Schi...u! Schiu!... (pediam silêncio. «Rui, irritado,⁷⁵⁴ olhou. Todos mergulhavam nos livros. Quem seria? A velha «piada»⁷⁵⁵ Já é costume).

- E se saíssemos?

- Para quê, Rui? Não vale a pena.⁷⁵⁶

- Não! Não! Vale tal! Amélia, peço-lho...

«Tudo»⁷⁵⁷ na mesma! Aí estava já o Rui frenético, delirante. Tudo na mesma. Onde estava a «outra»⁷⁵⁸ Amélia? Onde estava Luísa? A vida era o dia a dia. Aí estava! Se Rui pensasse, concluiria: tudo egoísmo, tudo vaidade. Talvez se lembrasse até do «*vanitas vanitatum*, que o Fernando costumava citar.»⁷⁵⁹

Saíram. Cá fora «corria uma aragem fresca, e estudantes desabotoados»⁷⁶⁰ resmungavam sebatas, passeando à sombra.

- Para além? (Rui indicou um banco discreto).

Amélia encolheu os ombros. E mudos, compenetrados, apararam heroicamente os olhares curiosos.

- Ora bem; a questão é esta:

⁷⁴⁹ [A] falar-lhe<>>

⁷⁵⁰ [A] duma [fol. 175]

⁷⁵¹ [A] <sem>/in\significância)

⁷⁵² [A] - Olhe eu o que queria

⁷⁵³ [A] Aquele sorriso torcia-o mais fortemente.

⁷⁵⁴ [A] Rui irritado

⁷⁵⁵ [A] piada<...>/.\

⁷⁵⁶ [A] a pena...

⁷⁵⁷ [A] <>Tudo

⁷⁵⁸ [A] outra [sublinhado riscado]

⁷⁵⁹ [A] *vanitas vanitatum*[.] <*de.Salomão> <[↑ do Fernando]> [↑ que o Fernando costumava citar.]

⁷⁶⁰ [A] <havia> [↑ corria] uma aragem fresca e estudantes desabotoados,

(Rui tinha a mania de disciplinar a exposição. Primeiro o sumário, depois.. Mas 「embaraçava-se⁷⁶¹).

- ... a Catarina encontrou-me...

- Bem sei.

- Pois creia, Amélia, eu nunca seria capaz de dizer de si a mínima coisa.

「- Olhe, Rui, quem me veio com esses ditos foi a Celina, sabe?⁷⁶² A namorada do Justino (o malandro do Justino! 「Pensa Rui. Foi ele⁷⁶³). Mas, creia, não me importei. Já nada me importa. Estou cansada de tudo e de todos... (Rui olha-a sinceramente consternado. Há uma coisa que ele não percebe: Amélia é, sem dúvida, sincera; mas se assim é, para que andava ela em passeios com o outro?). Já nada me importa. Para o ano... (hesita).

- Para o ano...?

- ... não devo voltar.

- Isso é que não. 「Essa agora!⁷⁶⁴ Mas você 「prejudica-se por⁷⁶⁵ uma questão sem importância. 「Passou,⁷⁶⁶ andou. (Ferira a nota: 「«passou, andou». Não devia ter dito: passou, andou.⁷⁶⁷ Amélia entristeceu-se). Que nem toda a gente acredita no que se diz, Amélia.

- Sim, está bem. Tudo isso pode ser verdade, mas não devo voltar. Para o ano devo ir para Lisboa.

- Lisboa?

Rui alarga os olhos. Lisboa, para ele, 「era a Babilónia⁷⁶⁸ refundida com Sodoma e Gomorra. Perdida! Amélia 「está perdida.⁷⁶⁹

- Mas quem lhe meteu essa na cabeça? 「(Sorri,⁷⁷⁰ o sorriso desanuvia).

- Ninguém. Já sou capaz de pensar por mim, não acredita?

「- Sim, mas...⁷⁷¹

「- Infelizmente os outros já pensaram⁷⁷² demais por mim...

⁷⁶¹ [A] embaralhava-se)

⁷⁶² [A] - Olhe Rui. <Eu sinto-me mudada.> Quem me veio com êsses ditos foi a Celina. Sabe?

⁷⁶³ [A] Pensa Rui. Foi ele!

⁷⁶⁴ [A] Essa agora?

⁷⁶⁵ [A] <††> [† prejudica-se por]

⁷⁶⁶ [A] <(>Passou,

⁷⁶⁷ [A] [† passou, andou. Não devia ter dito: passou, andou.)

⁷⁶⁸ [A] <é>/era\ a Babilónia.

⁷⁶⁹ [A] <não se salvara> [† está perdida]

⁷⁷⁰ [A] (Sorri<)>[;]

⁷⁷¹ [A] - Sim mas...

Rui «⁷⁷³estranha. Amélia mudada! Completamente «⁷⁷⁴mudada! Há no seu rosto uma constante «⁷⁷⁵sombra que lhe segura o riso e quebra a estridência do olhar. Amélia «⁷⁷⁶está sem dúvida mais bela. Coitadita! Se ele pudesse... Mas não! Nunca! «⁷⁷⁷Tudo acabou...

- Mas você já pensou no que é Lisboa? Aquela barafunda? Toda aquela vida?

- Já pensei nisso tudo. Mas tem de ser. Aqui toda a gente me olha com... Enfim: «⁷⁷⁸já decidi.

Os olhos de Amélia «⁷⁷⁹reluzem embaciados. É o drama que vai «⁷⁸⁰explodir, rebentando «os travões. Rui perturba-se e toca ainda no braço de Amélia:⁷⁸¹

- Então... que é isso?

Amélia «⁷⁸²saltou, viva:

- Adeus, desculpe. (Ele ia a pedir-lhe que não «⁷⁸³fosse já: «por quem é, Amélia»). - Agradeço-lhe todo o seu interesse... tardio.

- Tardio? «⁷⁸⁴Mas você...

- «⁷⁸⁵Não vale a pena. Desculpe. Não venha comigo. Adeus.

- «⁷⁸⁶Não percebo; francamente, não percebo nada.

«⁷⁸⁷- Nem vale a pena perceber.

Amélia «⁷⁸⁸abalara, resoluta. «⁷⁸⁹Para que iludir-se mais? O Rui não «⁷⁹⁰gostava dela; deixara-a. «⁷⁹¹Para que, pois, tentar de novo? A história repete-se, a vida repete-se. «⁷⁹²Rui amanhã será o mesmo. De resto, ele nada «⁷⁹³lhe dissera. Sim, que o interesse,

⁷⁷² [A] - Infelizmente, <pensei de> [↑ os outros já] pensaram

⁷⁷³ [A] estranha<,>[.]

⁷⁷⁴ [A] mudada.

⁷⁷⁵ [A] Sombra,

⁷⁷⁶ [A] está, sem dúvida

⁷⁷⁷ [A] <C'est fini<e>.> [→ Tudo acabou...]

⁷⁷⁸ [A] [↑ já decidi]

⁷⁷⁹ [A] <↑>/reluzem\

⁷⁸⁰ [A] explodir

⁷⁸¹ [A] os travões [.]<do auto-domínio> [↑ Rui perturba-se] e toca ainda o braço de Amélia:

⁷⁸² [A] saltou

⁷⁸³ [A] fôsse já<>[: ↑ «por quem é, Amélia»)]

⁷⁸⁴ [A] <Mas...> [↑ Mas você...]

⁷⁸⁵ [A] Não vale a pena, não vale a pena.

⁷⁸⁶ [A] <Mas eu > <n>/N\ão percebo[.] <nada> [↑ francamente]

⁷⁸⁷ [A] [↑ - Nem vale a pena]

⁷⁸⁸ [A] abalara resolutamente.

⁷⁸⁹ [A] Para quê

⁷⁹⁰ [A] gostara dela; deixara-a<,>[.]

⁷⁹¹ [A] Para quê pois

⁷⁹² [A] Rui[, ↑ [amanhã,]]

os cuidados com que tentou desviá-la⁷⁹³ de Lisboa, nada significavam. Questão de amizade, questão de acaso. 「Lembrou-se de dizer que não fosse. Como podia muito bem lembrar-se de dizer o contrário.⁷⁹⁴ Enfim... 「a vida. Ponto final no assunto.⁷⁹⁵

⁷⁹³ [A] <†>/lhe\ dissera. Sim, que lá o interêsse, <manifestado> [↑ os cuidados] com que a tentara [fol. 177] desviar

⁷⁹⁴ [A] Lembrou-se de dizer que não fosse, como podia muito <†>/ lem\brar-se de dizer que fôsse.

⁷⁹⁵ [A] [↑ a vida.] <p>/P\onto final, no assunto.

「IX⁷⁹⁶

Claro que o Rodrigues havia de saber. Já por 「duzentas e tal vezes Rui formulara o propósito feroz de se fechar hermeticamente⁷⁹⁷ no desejo de se tornar insondável. Havia muitas razões 「para fazê-lo⁷⁹⁸ e entre elas duas eram 「fortes:⁷⁹⁹ porque seria mais homem e seria mais admirado. Quem o conhecesse, diria: «é um tipo 「já⁸⁰⁰ maduro». 「Por outro lado, as opiniões sóbrias, as manifestações reservadas deixariam aos outros largas margens para adivinharem conceitos profundos e ideias sólidas.⁸⁰¹ 「Inútil:⁸⁰² à primeira interpelação, vazava logo tudo: novidades, 「ideias,⁸⁰³ sensações; e era chocho. 「Para o Rodrigues, que malhava sempre nele, reservava a confissão de todas as manifestações da sensibilidade.⁸⁰⁴ O Fernando, por exemplo, 「aguentava-lhe, com paciência infinita, os produtos da arte literária, e até o Vaz recebia, para seu gozo, uma que outra vez, opiniões consideradas sobre futebol.⁸⁰⁵

E Rui 「tinha⁸⁰⁶ pena de se ver assim repartido por toda a gente, com um bocado de si em cada 「canto.⁸⁰⁷

Mas tão depressa se detinha neste 「desgosto como passava logo a outro, esquecido⁸⁰⁸ já do primeiro. Agora, 「por exemplo,⁸⁰⁹ estava arrependido de 「se ter dirigido⁸¹⁰ a Amélia. 「É verdade⁸¹¹ que ele não esperava 「aquele⁸¹² desfecho. 「E, a

⁷⁹⁶ [A] 9

⁷⁹⁷ [A] <200 ou 300> [↑ duzentas e tal] vezes <que> Rui <fizera> [↑ formulara] o propósito de se fechar hermêticamente,

⁷⁹⁸ [A] para o fazer

⁷⁹⁹ [A] <fortíssimas> <[↑ potentes]:> [↑ fortes:]

⁸⁰⁰ [A] já

⁸⁰¹ [A] As opiniões sóbrias, as manifestações reservadas deixariam por outro lado, [↑ aos outros] largas margens para <[↑ †]> adivinharem conceitos profundos, ideias <*>vastas>/sólidas\ e vastas.

⁸⁰² [A] <†>/Mas\ não:

⁸⁰³ [A] id<e>/é\ias,

⁸⁰⁴ [A] Para o Rodrigues <reservava> [↑ reservava] <a manifestação de> a confissão de todas as manifestações [↑ da] sens<íveis>/ibilidade\.

⁸⁰⁵ [A] [↑ agüentava-lhe] [↑ com os] <com as teorias e <manifesta>> [↑ produtos] d<e>/a\ [↑ sua] arte [↑ literária], e até o Vaz recebia, para seu gozo, [↑ uma que outra vez] opiniões <futebolísticas> [↑ sobre futebol.]

⁸⁰⁶ [A] <sentia> [↑ tinha]

⁸⁰⁷ [A] <lado> [↑ canto.]

⁸⁰⁸ [A] desg<o>/ô\sto, como passava [↑ logo] a outro, esqu<è>/e\cido

⁸⁰⁹ [A] por ex.,

⁸¹⁰ [A] <te>/se\ ter dirigido

⁸¹¹ [A] *<Feito>, [↑ É verdade]

⁸¹² [A] [↑ aquele]

princípio, chegou até a censurar-se.⁸¹³ «É bem feito! Ninguém te manda meter o nariz onde não és chamado. Que⁸¹⁴ tinhas tu que ver com a vida dela?» Depois contara ao Rodrigues. Fora uma estupidez. «De resto, ele sabia bem que o Rodrigues o iria desancar.⁸¹⁵ Deixá-lo. Era uma necessidade. Tinha de desabafar sempre.⁸¹⁶

Agora sentia-se vazio: «as sensações, as ideias, as aspirações não eram dele: tudo inútil, tudo estéril e retalhado pelos outros.⁸¹⁷ Mas,⁸¹⁸ sobre o areal do seu íntimo, um sol desconhecido e vivo⁸¹⁹ continuava a arder como num inferno. E Rui debatia-se sufocado. Há muito já que ele lhe sentia o ardor.⁸²⁰ Refrescara-se em tempos na arte.⁸²¹ E fizera⁸²² versos. Mas quando Fernando lhe tomou conta dessa manifestação de vida, Rui abandonou-se, frenético, a um desejo único:⁸²³ publicar um livro de poesias.⁸²⁴ E passou⁸²⁵ horas e horas a perscrutar-se,⁸²⁶ a arranjar motivos de poemas conceituosos. Mas Fernando, frio e retorcido, gostava apenas de uma que de outra composição:⁸²⁷

- Isto não presta. Já é tema batido. Esta expressão não é poética... Depois tens a mania do lirismo anémico...⁸²⁸ Vai trabalhando, vai trabalhando... e espera. Tens tempo de aparecer em público.⁸²⁹

Desistiu de publicar o livro de poemas.⁸³⁰ O sol, porém,⁸³¹ rebrilhava sempre. Para lhe cortar o ímpeto,⁸³² o melhor seria tornar-se ele, Rui, imbecil, idiota como criança.⁸³³ Tolice. Porque se moldaria irracional, anti-humano.⁸³⁴ E o outro propósito

⁸¹³ [A] E a princípio chegou até a res<†>/m\ungar-se a si mesmo:

⁸¹⁴ [A] chamado<.”>/, \ que

⁸¹⁵ [A] De resto ele sabia que o Rodrigues o moeria.

⁸¹⁶ [A] Desabafar.

⁸¹⁷ [A] <nem> [↑ as] sensações, as ideias, as aspirações, <††> <nada> [↑ não] era[m] dele: tudo [↑ inútil, tudo estéril e] retalhado pelos outros<, >/, \ <estéril>

⁸¹⁸ [A] <†>/Mas\

⁸¹⁹ [A] o areal <estéril> d<a>/o\ seu íntimo, um sol desconhecido e vivo,

⁸²⁰ [A] <Rui> [↑ ele] [↑ lhe] sentia o calor.

⁸²¹ [A] Refrescara-se, em tempos, na arte.

⁸²² [A] fez

⁸²³ [A] de vida[,] Rui abandonara-se frenético a um desejo:

⁸²⁴ [A] poe<mas>/sias\.

⁸²⁵ [A] [↑ passou]

⁸²⁶ [A] perscrutar-se,

⁸²⁷ [A] duma ou outra composição:

⁸²⁸ [A] tens-me <[↑ de vez em quando]> a mania do <conceito...> [↑ lirismo anémico<...>/e do\ conceito....]

⁸²⁹ [A] [Vai trabalhando, vai trabalhando... e espera. Tens tempo de aparecer em público.]

⁸³⁰ [A] poemas.

⁸³¹ [A] O sol pore

⁸³² [A] o ímpeto

⁸³³ [A] frio como um[a] <imbecil> criança imbecil.

surgia de novo (teimoso, persistente):⁸³⁵ aceitar tudo com 「calma,⁸³⁶ não correr para 「nada⁸³⁷ e tornar-se impenetrável. Nas horas de descanso, nas horas 「dos⁸³⁸ nervos, faria poemas. Muito bem: eram as suas férias. Mas ninguém saberia desses poemas, 「que iria empilhando, soturnos e mudos, ao canto da gaveta.⁸³⁹ Mais tarde, já 「velho,⁸⁴⁰ lê-los-ia com sorrisos maduros. Ninguém devia saber das suas dores (「que afinal um poeta é sempre tido como maluco ou, pelo menos, meio maluco⁸⁴¹). 「A realidade, a dura realidade, de agora, impunha-lhe um dever brutal e cerrado: estudar, trabalhar para a formatura.⁸⁴² Não era 「um dever⁸⁴³ novo, um dever cujo peso ele sentisse pela primeira vez. 「Mas sempre⁸⁴⁴ que a vaidade (sim que este era o móbil principal) o empurrava para os livros, a sua imaginação galgava os anos que lhe faltavam para acabar o curso, 「e punha-o, aterrado,⁸⁴⁵ perante a distância do futuro. «Tudo tão ⁸⁴⁶longe... Tudo tão vago!... chegarei eu lá?» 「E desanimava.

「Mas agora⁸⁴⁷ as coisas iriam 「de outra⁸⁴⁸ forma. Tudo longe? Que importava? Maior era o mérito. 「E,⁸⁴⁹ para que o desalento lhe não abafasse os voos, havia apenas um recurso: não voar. 「Justamente:⁸⁵⁰ não voar. O mundo, a vida com todo o cortejo de aspirações, que a ela 「se atrelavam sempre, com teimosia,⁸⁵¹ fechá-los-ia no momento presente. Com um pouco de benevolência, 「poderia⁸⁵² deixá-los expandir até ao fim do dia. Mas nada mais. Portanto estudaria, não para se formar, não para ficar aprovado no fim do ano: todo 「o gozo do trabalho se resumiria⁸⁵³ naquela fria consolação de quem

⁸³⁴ [A] <Isso>/Mas\ isso também não, <seria tornar-se> [↑ porque se moldaria] <anti> irracional, anti-humano.

⁸³⁵ [A] outra esperança surgia (esta era teimosa <e>/\ persistente):

⁸³⁶ [A] calma, <e>

⁸³⁷ [A] nada<.>/,\

⁸³⁸ [A] de

⁸³⁹ [A] que iria empilhando soturnos e mudos, <no>/ao\ canto [↑ da] gaveta.

⁸⁴⁰ [A] vèlho,

⁸⁴¹ [A] de resto um poeta é sempre tido como maluco ou pelo menos meio maluco

⁸⁴² [A] <†> <De resto> <a>/A\ realidade, a dura realidade de agora, impunha-lhe apenas um dever brutal e <*se>/ce\rrado: estudar, <[↑, para a]> <formar-se.> [↑ trabalhar] para a formatura.

⁸⁴³ [A] Um <dever> dever

⁸⁴⁴ [A] <††> [↑ Mas sempre]

⁸⁴⁵ [A] e punh<am>/a\-<no>/o\ aterrado

⁸⁴⁶ [A] longe!...

⁸⁴⁷ [A] Agora porém

⁸⁴⁸ [A] doutra

⁸⁴⁹ [A] E

⁸⁵⁰ [A] <Claro:> [↑ Justamente:]

⁸⁵¹ [A] se atrelavam teimosamente,

⁸⁵² [A] <deixa> [↑ poderia]

⁸⁵³ [A] o gôzo <disfrutado> [↑ do trabalho] <*no>/se\ resumiria

julga ter cumprido o dever. À noite, 「por exemplo,⁸⁵⁴ quando 「se deitasse,⁸⁵⁵ havia de
⁸⁵⁶sentir-se contente por 「não ter passado um dia inútil.⁸⁵⁷ O futuro não interessaria
nada. Suponhamos mesmo que ele não chegaria a ser alguém, a gozar a vida como
tantos. Não interessava. 「As alegrias⁸⁵⁸ passadas eram um zero na sua vida. Se chegasse
aos 「oitenta anos,⁸⁵⁹ farto e feliz, as alegrias passadas 「seriam então um zero também.⁸⁶⁰
Diabo! Partindo do princípio que ele, Rui, em vez de 「vinte⁸⁶¹ e tal anos, como tem, já
anda nos 「noventa e cinco,⁸⁶² tudo o que 「formasse o passado seria perfeitamente
igual.⁸⁶³ Sim, que esta vida 「(Rui já pensou em registar esta ideia num poema) pesa-se
pelo maior ou menor número de esperanças.⁸⁶⁴ Em se alcançando 「o que pertence a
essas esperanças,⁸⁶⁵ pronto. Um velho não diz: «sinto-me feliz por ter gozado»; mas diz:
«só queria 「gozar⁸⁶⁶ o que gozei». É isto! Ora bolas! (Sobretudo «bolas!» para 「tanto
raciocínio!⁸⁶⁷ Assentou-se; pronto). Mas o Rodrigues, que nesse dia 「também⁸⁶⁸
filosofou sobre a vida (não se sabe porquê) 「ouviu a teoria do Rui:⁸⁶⁹

- Pois não te parece? 「Um velho, que já viveu,⁸⁷⁰ está nas mesmas
circunstâncias...

- Sim, de facto, um velho... Mas, é o diabo! Um velho... que raio! Já gozou, já
encheu Um velho, que já viveu 「o papo. Agora um tipo novo...⁸⁷¹

- É o mesmo, pá, é precisamente a mesma coisa.

- É precisamente a mesma 「coisa - asseverava Luís.⁸⁷²

Lúcio discordava:

⁸⁵⁴ [A] por ex.,

⁸⁵⁵ [A] <pensasse> [↑ se deitasse]

⁸⁵⁶ [A] [fol. 179]

⁸⁵⁷ [A] por [↑ não] ter <rido útil> passado o dia inútilmente.

⁸⁵⁸ [A] <Os>/As\ <bens> [↑ alegrias]

⁸⁵⁹ [A] 80 anos

⁸⁶⁰ [A] <não> seriam então um zero<.>/t\ambém.

⁸⁶¹ [A] 20

⁸⁶² [A] 95,

⁸⁶³ [A] <já> [↑ formasse o] *pass<asse>/ado\ [↑ seria] perfeitamente igual.

⁸⁶⁴ [A] ([↑ Rui] já pen<sara>sou em registar esta ideia num poema)<>> pesa-se pela maior ou menor
certeza das esperanças.

⁸⁶⁵ [A] <essas esperan> [↑ o] que pertence <as>/a\ essas esperanças,

⁸⁶⁶ [A] gozar outra vez

⁸⁶⁷ [A] tanto raciocínio! <Bando de maluqueiras!>

⁸⁶⁸ [A] <já> também

⁸⁶⁹ [A] - ouviu <de>/a\ teoria de Rui

⁸⁷⁰ [A] Um velho que já viveu

⁸⁷¹ [A] o papo.< †> Agora um tipo novo...

⁸⁷² [A] coisa, assegurava Luiz

- Esta questão já se não pode resolver por esse artigo. Então se 「o indivíduo A exigisse do indivíduo B a parte da propriedade que B diz pertencer-lhe pelas razões que já sabemos, como é que tu querias...」⁸⁷³

- Pronto; não se discute 「mais」.⁸⁷⁴

Luís, aparentemente, não 「mudara. Não mudava nunca」.⁸⁷⁵ Já no dia seguinte ao do enterro de Luísa, ele estudara com afinco 「os tratados」⁸⁷⁶ de Direito. 「A sua vida reduzia-se apenas àquela realidade agreste:」⁸⁷⁷ «tenho de estudar». Mas não discutia consigo mesmo as razões por que tinha de estudar. ⁸⁷⁸ Aceitava o dever 「às cegas e cumpria-o às cegas; e se distraidamente e de relance nele pensava,」⁸⁷⁹ não era para achar uma conclusão desconhecida e nova. Conclusões 「novas? ...」⁸⁸⁰ Se os raciocínios feitos sobre a sua vida se 「lhe」⁸⁸¹ achatavam, de princípio ao fim, 「sem uma saliência, numa lisura de vidro...」⁸⁸²

E toda a sua alma era 「assim,」⁸⁸³ afinal: chata e nua. 「Naquele deserto longo e triste, o sol chapava-se como em folha retesada, sem a sombra de uma areia... E a planura distante, que se confundia, encolhida numa linha ténue, havia decerto de aparecer-lhe também, nua e chata, quando chegasse o tempo de a pisar. Por isso não havia pressa em alcançá-la, que o deserto é sempre igual, e a areia que o vento ajuntasse, em elevações, aqui e além, não deixaria de ser areia...」⁸⁸⁴

「Mas a vida, a vida real e útil, era superior aos desertos de cada um...」⁸⁸⁵

⁸⁷³ [A] <um>/o\ indivíduo A <mata> <[↑ reclamasse]> exigisse do indivíduo B. a parte da propriedade, que B <diz> [↑ B. diz] pertencer-lhe [↑ pelas razões que já sabemos,] como é que tu querias...

⁸⁷⁴ [A] <Fica lá com a tua, que eu fico com a minha.>

⁸⁷⁵ [A] muda<r>/v\ a. [↑ Não mudava nunca.]

⁸⁷⁶ [A] <as>/os\ <sebentas> [↑ Tratados]

⁸⁷⁷ [A] <O>/A\ sua vida, era apenas aquela realidade agreste:

⁸⁷⁸ [A] [fl. 180]

⁸⁷⁹ [A] <sem di> [↑ às cegas], e <exec> [↑ cumpria-o] às cegas. E se distraidamente [↑ e de relance] nele pensava <de relance>,

⁸⁸⁰ [A] novas?!

⁸⁸¹ [A] [↑ lhe]

⁸⁸² [A] <claros e lisos> [sem uma saliência, <[↑ numa]> <clareza e> [↑ numa] lisura de vidro...

⁸⁸³ [A] assim

⁸⁸⁴ [A] < Naquele deserto longo e triste o sol chapava-se <sem fazer sombra> [↑ numa folha retesada,] sem a sombra de uma areia... E a plan<*icie>/ura\ [↑ distante] que se confundia encolhida numa linha ténue, havia de certo de aparecer-lhe também nua e clara, quando chegasse o tempo de a pisar. <E> [↑ Por isso] não havia pressa em alcançá-la<.>/\ que o deserto é sempre igual <.>/e\ a areia, que o vento ajuntasse, em elevações, aqui e além, não deixaria de ser areia...> [riscado anulado pela indicação lateral esquerda APROVEITAR, no verso inclui um acrescento riscado, pressupomos que teria sido para substituir o riscado anterior que foi posteriormente anulado.] [<Nem a elevação dum sonho! Nem o sorriso do amanhecer dum dia novo! Longa a planura! Nítidos os dias! Sem a ilusão duma sombra! Luiz não tinha pressa de chegar <ao futuro.> [↑ ao dia de amanhã]. Para quê?>]

⁸⁸⁵ [A] [<<Mas> Pois se a vida era>

Mas a vida era superior aos desertos de cada um...]

「X⁸⁸⁶

... E o pai de Rui, durante as férias grandes, achou «o rapaz mudado». Quase todas as manhãs 「tinha de ir chamá-lo ao quarto, pois Rui «tinha muito que estudar»」.⁸⁸⁷

- Quero ver se tiro uma nota boa em Outubro.

A sra. Joana andava contentíssima. O marido 「dissera-lhe,⁸⁸⁸ em pesado meneio de cabeça:

- Não haja dúvida. O rapaz é outro. Tens que ir outra vez com ele. 「Mesmo se não fosse a pensão, não sei onde é que⁸⁸⁹ havíamos de ir buscar o dinheiro.

「Um dia,⁸⁹⁰ a Sra. Joana, depois de se despegar lentamente 「da janela, veio à varanda do lado oposto,⁸⁹¹ a passo medido e com ares de problema. O pai de Rui (o Sr. José do Casal), 「em mangas de camisa, fumava repousadamente⁸⁹² um «forte». 「Joana pegou-se-lhe⁸⁹³ à ilharga numa mudez de cálculo. Depois despertou a medo:

- Sabes quem ali passou agora na estrada?

- Quem foi?

- A Joaninha, a filha do Sr. Cosme.

「José do Casal⁸⁹⁴ não percebia que de extraordinário houvesse nisso. Mas calou-se. 「Joana, porém, tentou⁸⁹⁵ de novo atar a conversa:

- Pois digo-te que 「está⁸⁹⁶ uma senhora.

「Ele⁸⁹⁷ concordou:

「- Não haja dúvida...⁸⁹⁸ Está uma mulher.

「- E tem sempre tão boas maneiras...⁸⁹⁹

「- Gente educada, não haja dúvida...⁹⁰⁰ Já o Sr. Cosme, muito boa pessoa...

⁸⁸⁶ [A] 10

⁸⁸⁷ [A] <se fechava> [↑ tinha de ir chamá-lo] ao quarto, pois <↑ estudar:> [↑ Rui «tinha muito que estudar»:]

⁸⁸⁸ [A] dissera-lhe

⁸⁸⁹ [A] Mesmo, <porque> se não fôsse a pensão, não sei onde [↑ é que]

⁸⁹⁰ [A] <De>/U\m dia,

⁸⁹¹ [A] da janela veio [↑ à varanda do lado oposto]

⁸⁹² [A] em mangas de camisa fumava repousadamente,

⁸⁹³ [A] Joana, pegou-se-lhe

⁸⁹⁴ [A] O Snr. José do Casal

⁸⁹⁵ [A] Joana porém <ainda> [↑ tentou] de novo atar [fol. 181]

⁸⁹⁶ [A] está <até>

⁸⁹⁷ [A] José do Casal

⁸⁹⁸ [A] [- <De facto...> [↑ Não há dúvida...]

⁸⁹⁹ [A] <- E <sempre tão agradável> <[↑ tem sempre [↑ tão] <boas> maneiras...> [→- E tem sempre tão boas maneiras...]

⁹⁰⁰ [A] - Gente educada, [↑ não haja] <sem> dúvida...

E um novo silêncio caiu de manso. Mas José do 「Casal, num repente, varado por uma ideia,⁹⁰¹ explodiu:

- Mas 「porque⁹⁰² é que tu vens hoje com isso?

A Sr.^a Joana lançou num gesto mole:

- Por nada. Às vezes a gente... (depois animou): 「Ouve lá,⁹⁰³ tu já te lembraste... enfim são coisas cá entre nós, mas...

José do Casal adivinhou o que a mulher 「ia dizer, mas⁹⁰⁴ uma modéstia grave encalhou-o numa fingida ignorância:

- Mas quê, mulher? Tu hoje tens mistério...

- Não há mistério, nem meio mistério. O caso é que o nosso Rui caía ali bem! Uma menina toda de casa, bem educadinha, com alguma coisa de seu...

- Ó mulher, mas tu endoideceste! Então tu pensas que se o Rui... 「Tu não estás no teu juízo.⁹⁰⁵ Uma gente toda emproada...

Mas a senhora Joana, na defesa do seu 「Rui,⁹⁰⁶ era violenta:

- Gente emproada? Essa 「é⁹⁰⁷ boa! 「Então,⁹⁰⁸ e um doutor não vale nada? Anda o rapazinho a queimar as pestanas 「naturalmente para casar com alguma filha do Cipriano?⁹⁰⁹

(A filha do 「Cipriano⁹¹⁰ era uma rapariga seca 「e anegrada que se enfiava, aos domingos, vaidosamente,⁹¹¹ num vestido de crepe da china).

José do Casal ponderou gravemente as razões da mulher. Não que ele 「não⁹¹² julgasse o Rui da «forma do pé» de Joaninha. Mas enfim, o mundo era assim mesmo, ele, 「José do Casal,⁹¹³ era um proprietário pobre, 「além disso a filha do senhor Cosme⁹¹⁴ tinha muitos pretendentes, e, claro está, hoje as raparigas não casam pelos

⁹⁰¹ [A] Casal num repente, <↑> [↑ varado por] uma ideia

⁹⁰² [A] <afinal> porque

⁹⁰³ [A] Ouve lá

⁹⁰⁴ [A] i<ria>/a\ dizer. Mas <↑>

⁹⁰⁵ [A] Tu <és maluca,> [↑ não estás no] teu juízo.

⁹⁰⁶ [A] Rui

⁹⁰⁷ [A] está

⁹⁰⁸ [A] Então

⁹⁰⁹ [A] [↑ naturalmente] para casar <natural> [↑ com] alguma filha do Crispino.

⁹¹⁰ [A] Crispino

⁹¹¹ [A] [e] <e>/a\negr<a>[↑ ada], que se enfiava aos domingos [↑ vaidosamente]

⁹¹² [A] [↑ não]

⁹¹³ [A] José Casal

⁹¹⁴ [A] <depo> [↑ além] disso a filha do Snr. Cosme

lindos olhos 「de um⁹¹⁵ rapaz. Intimamente, 「porém, sentia engodo⁹¹⁶ pela sugestão da mulher:

- Ele, vistas bem as coisas, não sei em que ela valha mais... O rapaz 「daqui amanhã⁹¹⁷ é médico. E é que era um casamento de estalo. A casa do 「senhor Cosme⁹¹⁸ é farta. E boa gente, não haja dúvida...

Por isso, ao jantar, foi 「o pai que abriu a desejada conversa:⁹¹⁹

⁹²⁰- Pois rapaz, 「ando⁹²¹ a gostar disto. 「Estou a ver que desta vez⁹²² entraste na ordem. É preciso estudar, é preciso estudar...

Rui sentiu-se 「contente, como se recebesse do trabalho⁹²³ aquele prémio que ele arremessava lá para o futuro indistinto e longínquo. E confirmou:

- Tem que ser... A vida é isto!

E era uma vaidade gulosa que ele sentia ao mostrar-se «「já⁹²⁴ maduro, já conhecedor da vida». «A vida é isto!» Caía 「bem,⁹²⁵ soava bem. José do Casal coroou:

- Com a mandriice ninguém se governa. 「Agarra-te aos livros⁹²⁶ que é o que dá pão. O resto virá a seu tempo. Isso de borgas 「não dá nada.⁹²⁷

- 「E ouve cá, Rui.⁹²⁸ Ainda há pouco eu falava nisso a teu pai.

A senhora Joana estava impaciente. Queria chegar depressa ao fim. Mas José do casal atalhou-a.

- Ora; coisas da tua mãe...

- Coisas minhas? Então o rapaz...

- Bem; o caso é que a tua mãe pensou que quando tu quisesse arrumar... enfim, isto de rapaziadas trazem sempre a cabeça no ar, endoidam-se à primeira. Ora tu...

- Ó meu pai! Mas então eu sou alguma criança? 「Ora,⁹²⁹ com franqueza! Estão-me 「agora⁹³⁰ com essas coisas... 「Eu ainda⁹³¹ estou novo, não penso por ora em nada.

⁹¹⁵ [A] d<o>/u\m

⁹¹⁶ [A] [↑ porém] sentia <tem> engodo

⁹¹⁷ [A] daqui àmanhã

⁹¹⁸ [A] Snr. Cosme

⁹¹⁹ [A] José do Casal que abri<a>/u\ a desejada conversa: <enquanto a Snr. Joana espiava-o>

⁹²⁰ [A] [fl. 182]

⁹²¹ [A] <estou> [↑ ando]

⁹²² [A] <Já vejo que agora> [↑ Estou a ver que] desta vez

⁹²³ [A] contente como se recebesse do trabalho,

⁹²⁴ [A] [↑ já]

⁹²⁵ [A] bem.,

⁹²⁶ [A] <Nem os fidalgos.> [↑ <Deita-te> Agarra-te] aos livros, agarra-te aos livros

⁹²⁷ [A] <e de raparigas> [↑ não dá nada.]

⁹²⁸ [A] E ouve cá Rui <- adiantou a Snr.^a Joana>

⁹²⁹ [A] Ora

- Deus o queira, Deus o queira. 「Mas então...⁹³² Se fores pensando, também se não perde nada. E o caso é que 「tu casasses⁹³³ cá na terra... Tu sabes o ditado: «quem fora da terra vai casar...

-... ou vai enganado ou vai enganar» - concluiu a mãe.

「Já Rui, porém, se encristava, carregando o sobreceño:⁹³⁴

- Na terra?!

- E então? Não tens aí a filha do senhor Cosme, uma menina que até faz 「gosto vê-la?⁹³⁵

- Quem? A Joana?

- 「Sim, a Joanhinha.⁹³⁶ Queres dizer que ias mal?

- Ora! Uma sonsa! Por favor não me voltem a 「falar nisso!⁹³⁷

E não voltaram.

「Nessa noite, porém, já a imagem de Joana, com o seu sorriso claro e sossegado, amoleceu os nervos de Rui.⁹³⁸ 「Ele era pobre, doente e, por mais que fizesse, não conseguia desprender-se de si. Ele o sabia. Corria-lhe assim a vida triste e estéril, porque ninguém o olhava de modo a fazer-lhe sentir que ele era uma realidade. Vago, impreciso, esbatia-se na confusão dos que passavam anónimos. Era uma vida inútil sem significação. Daí que lutasse desesperadamente por alguma coisa, uma coisa definida, concreta... Mas nada na vida lhe dissera ainda que ele era alguma coisa. Por isso tinha inveja ao Fernando, ao Cruz, a todos os que se sentiam interessados por um ideal. Sim, ele bem sabia que o Fernando, com todo o seu ímpeto fumegante, se ajustara a uma vida útil e sentida. Mas sabia também que o Cruz, apesar da sua futilidade, tinha igualmente definido o seu querer. Nunca Rui o conseguira.

Vinha-lhe agora a sugestão do pai:

-... E o caso é que se casasses cá na terra...

Pouco adiantava. Mas se Joana o aceitasse, Rui sentiria o sabor gostoso de uma conquista. Ele valia alguma coisa. Porque ali estava a filha do ricoço abrindo-lhe os

⁹³⁰ [A] [↑ agora]

⁹³¹ [A] <Eu estou> <Demais eu> [↑ Eu ainda]

⁹³² [A] Mas <que diabo!> [↑ então]

⁹³³ [A] tu se caíesses

⁹³⁴ [A] [← Já] Rui porém <perfilava-se> [↑ se encristava] <já> carregando o sobre<†>/cenho\:

⁹³⁵ [A] gôsto vê-la.

⁹³⁶ [A] Sim a Joanhinha<, >/. \

⁹³⁷ [A] falar [↑ mais] nisso!

⁹³⁸ [A] Nessa noite porém já a imagem de Joana, com o seu [sor]riso cla<†>/ro\ e sossegado amoleceu os sonhos de Rui.

braços, dizendo-lhe que ele se não perdia na confusão dos sem nome. Joana lhe daria a certeza de que era apetecido. Sua vida tinha agora alguma significação. Não nascera para rolar ao acaso por caminhos pedregosos. Sua vida tinha agora alguma significação.

Por isso receava que tudo morresse em breve. Porque a sorte lhe arranjava uma fachada que em muito desdizia do que ele era bem por dentro.

Joana escrevera: ⁹³⁹ «... Muito nova; meus pais não consentem 「por enquanto」⁹⁴⁰.

「Não, nunca! Rui não podia ficar-se com aquela certeza amarga de que nada valia. E teimou, escreveu de novo, ansioso, mentindo-se a si próprio, olhos fechados para tudo mais... Por tudo o mais, para aquela mãe que de noite ia pedalando na máquina de costura. Para a luta desesperada da gente lá da aldeia, gente amargurada que rilhava a côdea do duro sofrimento. E dizia que a vida era bem diferente...

Mas Rui precisa de saber que vale alguma coisa. Por isso, insiste, luta, mente. E Joana cede.

Logo Rui se apavorou, porque agora teria de aguentar. E ele bem sabe que lhe falta muita coisa para fazer Joana feliz, para aceitar a felicidade que Joana lhe traria. Doente, sempre adoentado, sempre em susto, metido em si mesmo, perscrutando-se, olhos fechados à vida que o rodeia.

Mas dentro dele rompe a fúria de vencer, de se vencer a si próprio, de vencer aquele Rui amolentado, inútil, que nunca conseguira integrar-se na vida real, na vida que joga com os interesses de uma colectividade. Então despiu-se, fez ginástica, fez projectos complicados (casar, estudar a fundo os problemas sérios da vida, publicar um livro...)

「Dez⁹⁴¹ dias depois veio o cansaço. Pronto. Nada de novo. 「Nada de novo sobretudo porque Joana lhe dera a certeza de que ele valia alguma coisa. Mas essa

⁹³⁹ [omisso em A] De resto os pais não <†>/lhe\ <a>/ti\ nham <acordado> [† sugerido] uma ideia nova, Rui, muitas [fol. 183] vezes, <já> tinha pensado [† já] na suavidade e doçura das maneiras de Joaninha. Dentro de si, porém o orgulho imperializava-lhe o busto numa atitude altivamente digna. «Tinha piada que o Cosme viesse um dia a gabar-se de que eu lhe queria a filha» <†>/Depois\ reconsiderava melhor: «a gabar-se? Sim! A gabar-se de ter um pretendente <dot> médico... Está boa! Eu é que sou parvo. Esta mania de ter medo» <A ve>

Dias depois <Rui recebia uma carta> <[† uma rapariga de]> Rui recebia <uma carta> [† a resposta] de Joana

⁹⁴⁰ [A] por enquanto...»

⁹⁴¹ [A] [Omisso A] Era um estímulo. E Rui pela <<8>/9^a ou 10^a vez> [† nona ou décima vez] recomeçava todos os trâmites [† do namôro com] <dos>/os\ anseios, nervosismos<,>/e\ <sonhos do namoro> [† noites mal dor]midas. Mas Joana cedeu.<A>/O\s primeiros entusiasmos! Eh! Livros, ginástica, projectos<,>/... ([Vaidade...]) Tudo igual. Dez

certeza nada pudera, afinal, resolver. A angústia da sua inutilidade, aquela angústia que só ele entendia, continuava a roê-lo por dentro.⁹⁴² 「Também Joana não era bela (baixa, estofada, manteiguda). E Rui acreditou que essa fora a razão do seu cansaço. 「Tal como acreditara que isso lhe dava a certeza de que amava seriamente a rapariga, visto como a aceitava «independentemente do físico». Agora, ia arrastando o namoro, desinteressado, pensando em si, afogando no escuro o pedalar da máquina de costura...

Um dia o Cosme recebeu o que se passava. Raios, coriscos, socos na mesa - «o badameco! O badameco!» - as lágrimas de Joana, e uma criada batendo à porta de Rui:

- A menina manda dizer que fizesse o favor de lhe mandar tudo...⁹⁴³

- Tudo?!

- Sim, senhor.

「Dias depois, Rui⁹⁴⁴ sentia-se satisfeito: fora melhor assim. 「Amanhã, decerto, abandonaria Joana, se tivesse a coragem de o fazer.⁹⁴⁵ Fora melhor assim. 「Mas, no fundo,⁹⁴⁶ esta satisfação 「era⁹⁴⁷ de tristeza. 「Negra,⁹⁴⁸ surgia-lhe a pergunta: porque me deixaria ela? Ela que tinha dito: «Sempre! Ainda que meus pais não queiram. Decidi.» Tudo num instante ruíu. Porquê? Pouca sorte! Vive dignamente orgulhoso aquele que não pede. Rui 「pedira.⁹⁴⁹ 「Aos olhos⁹⁵⁰ de Cosme, das criadas, 「da aldeia, Rui pedira.⁹⁵¹ E tinham-lhe fechado a porta. Negra sorte! Restavam os livros, os livros que 「esperavam sempre, pacientes e amplos,⁹⁵² atestando a mesa. Mas 「daquela tristeza penetrante levantava-se mole, espreguiçado, o tédio de tudo⁹⁵³ e a desconfiança no futuro, que sempre o envolviam em dias pesados. Para quê?...

「E os pais de Rui, amarfanhados, a custo estimularam o filho:

⁹⁴² [A] Ainda se [se] falassem <e va> <[↑ talvez]> as emoções variariam. Assim...

⁹⁴³ [A] De resto Joana pouco devia à beleza: estofada, baixa, enrolada... Rui porém viu nisso um indício certo de que «gostava a valer». <†>/Ama\va-a (ele dizia <[↑ que]> <se> «gost<o>ava») independentemente do físico. + Um dia o Cosme percebeu o que se passava. Raios, coriscos, sôcos na mesa «o badameco! o badameco!» <a vizinhan> [↑ as lágrimas] de Joana, e uma criada batendo à porta de Rui:

- A menina manda dizer que fizesse o favor de lhe <*dar>/mandar\ tudo... [*riscado posteriormente anulado pela indicação Aproveitar na margem lateral esquerda e no fim do texto*]

⁹⁴⁴ [A] <Rui,> <d>/D\ias depois, [↑ Rui]

⁹⁴⁵ [A] Àmanhã decerto se aborrecer<á>/ia\ de Joana e não teria coragem de lho dizer.

⁹⁴⁶ [A] No fundo porém

⁹⁴⁷ [A] <vinha-lhe> [↑ era]

⁹⁴⁸ [A] Negra

⁹⁴⁹ [A] pedira.

⁹⁵⁰ [A] <Para>/Aos\ olhos

⁹⁵¹ [A] <da>/da <po>[↑ al]deia, Rui pedira.

⁹⁵² [A] <ele abandonara.> [↑ esperavam sempre] pacientes e amplos

⁹⁵³ [A] <n>/d\aquela [↑ tristeza] penetrante, levantava-se mole, espreguiçado <um>/o\ tédio [↑ de tudo]

- Não te importes! Aquilo é gente cheia de soberba. Há muita rapariga!
- Eu, importar-me? Pbb!⁹⁵⁴

⁹⁵⁴ [A] [E os pais de Rui, amarfanhados, a custo estimularam o filho:
- Não te importes. Aquilo é gente cheia de soberba. Há muita rapariga
- Eu, importar-me? Pbb!
<Mas> *[acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)]*

Meu caro Rodrigues:

「Caí⁹⁵⁶ outra vez. 「Tu, confessor implacável e duro, irás, decerto, riscar a testa a regos fundos, e estender aquela teu dedo enorme para me dizeres que sou uma besta.⁹⁵⁷ 「Mas que queres? Caí⁹⁵⁸ outra vez. E vê tu o meu esforço de imaginação para tecer fluídas vaporosidades à vota 「de uma⁹⁵⁹ rapariguinha anafada, rubicunda, que 「suja⁹⁶⁰ a óleo e desafina ao piano. 「É uma espiga.⁹⁶¹ A 「cachopinha parecia tão meiga⁹⁶² e tinha olhares 「tão ternos,⁹⁶³ que eu caí. 「Alguns dias depois,⁹⁶⁴ o romance findava. 「O pai, bojudo e labregório, expulsou-me e mandou pedir-me os documentos da filha. Mandei-lhos altivo, digno, sem uma letra e, garanto-te, se fosse ele que se dirigisse a mim, vomitava-lhe nas ventas com ar albínico-forjaico-sampaio: «toma...»⁹⁶⁵ 「Tu subentendentes o resto.⁹⁶⁶ Mas o pior não é isso. Vê tu que 「esta espécie de doença⁹⁶⁷ que se derramou pelo meu espírito deu-me para 「fazer versos.⁹⁶⁸ É a convalescença. Ainda bem. Estas andanças do meu juízo levaram-me já à ideia de construir um 「sistema filosófico (!!!)

Tu⁹⁶⁹, rebelde e avesso a estas larachas, estás já a torcer o nariz e a perguntar-te se não terás 「necessidade de ir ao WC.⁹⁷⁰ Mas 「espera⁹⁷¹, homem. A coisa é simples. Tu sabes que 「todos, ou quase todos, os maduros dos filósofos têm feito a sua interpretação⁹⁷² da vida e do

⁹⁵⁵ [A] 11

⁹⁵⁶ [A] <Outra vez entalado entre> Caí

⁹⁵⁷ [A] Tu confessor implacável e duro irás decerto riscar a testa a regos fundos, <e espetar-me aquele teu dedo direito como a vara de Moisés a abrir fontes de verdade.> [↑ e erguer aquele teu dedo enorme para me dizeres que sou uma besta.]

⁹⁵⁸ [A] [↑ (já di) Mas que queres?]<Pois meu caro,> <c>/C\Caí

⁹⁵⁹ [A] duma

⁹⁶⁰ [A] <pinta> [↑ suja]

⁹⁶¹ [A] <Mas que queres?> [↑ É uma espiga.]

⁹⁶² [A] cachopi<ta>/nha\ parecia tão meigueta

⁹⁶³ [A] tão ternos

⁹⁶⁴ [A] Dez dias depois

⁹⁶⁵ [A] O pai bojudo e labregório expulsou-me e mandou pedir-me os documentos da filha. <Agora por cá ando> [↑ Mandei-lh'os al]tivo, digno, sem uma letra e, garanto-te, se fôsse ele que se dirigisse a mim vomitava-lhe nas ventas com ar albinico-forjaico-sampaio: toma...

⁹⁶⁶ [A] <+++!> [↑ Tu subintendentes o resto.]

⁹⁶⁷ [A] <a lazeira> [↑ esta espécie de <lazeira>] <sentimental> [↑ doença]

⁹⁶⁸ [A] fazer[↓...] versos.

⁹⁶⁹ [A] sistema filosófico (!!!)

Tu

⁹⁷⁰ [A] vontade de ir ao... WC.

⁹⁷¹ [A] espera

⁹⁷² [A] todos <[↑(sic)]>[.] <os>/ou\ [↑ quási todos os] maduros dos filósofos [↑ t<ee>/ê\m<arranjado> [↑ feito] as suas interpretações

mundo sob uma rigorosa inspecção ⁹⁷³ *「intellectual*. *Ora eu procuraria em cada ser, em cada* ⁹⁷⁴ *「facto, apenas* ⁹⁷⁵ *uma razão de emoção, mais ou menos legalizada pelo manto diáfano da* ⁹⁷⁶ *lógica. Assim* ⁹⁷⁷ *「a vida seria* ⁹⁷⁸ *para mim um desenrolar de sensações sem* ⁹⁷⁹ *「a dureza da* ⁹⁸⁰ *verdade (que eu entreveria apenas) e sem a fantasia* ⁹⁸¹ *「de um aéreo. Percebes?* [fl. 185] ⁹⁸² *「No fim de contas* ⁹⁸³ *eu queria, afinal, era achar em todo o mal uma razão de bem, sabendo* ⁹⁸⁴ *porém que se trata de um mal,* ⁹⁸⁵ *e viver com a convicção emocional de que é um bem. Que* ⁹⁸⁶ *diabo será isto?*

A propósito de letras e tretas, o Fernando das literaturas escreveu-me há dias ⁹⁸⁷ *contando-me projectos e mais projectos. Por ex.: «O Combatente», que deixou de combater,* ⁹⁸⁸ *irá fazer esforços sobre humanos para voltar às armas. Fernando trabalha agora, com* ⁹⁸⁹ *afinco, no* ⁹⁹⁰ *romance social. Ai,* ⁹⁹¹ *meu caro! Fantasia! Parvoíces! E um tipo* ⁹⁹² *「saber* ⁹⁹³ *que* ⁹⁹⁴ *mais dia menos dia há-de* ⁹⁹⁵ *esticar*. *Bananas para a vida! É verdade, tu já algum dia pensaste* ⁹⁹⁶ *a sério no problema da vida?* ⁹⁹⁷ *Sim, para que vives tu?* ⁹⁹⁸ *É o diabo!* ⁹⁹⁹ *「E no fim de contas,* ¹⁰⁰⁰ *é* ¹⁰⁰¹ *por tudo isto que eu nem* ¹⁰⁰² *ligo* ¹⁰⁰³ *muita importância ao abandono em que me deixou a minha* ¹⁰⁰⁴ *última senhora.*

「Agacha-te, e deita o ar fora, ¹⁰⁰⁵ *para te atar o peito nas correias dos meus braços.*

Rui

E Rodrigues, num postal, em letra vaga, imprecisa, apenas respondeu:

⁹⁷³ [A] intellectual. <Por isso, na frase do Fernando das literaturas, isto de filosofias passaram de moda.>

[↑ Sim que hoje a imaginação...]

⁹⁷⁴ [A] facto [↑ apenas]

⁹⁷⁵ [A] <Mas>/Assim\

⁹⁷⁶ [A] <+>/seria\

⁹⁷⁷ [A] <+>

⁹⁷⁸ [A] dum aéreo.

⁹⁷⁹ [A] <No fim de contas> Percebes?

⁹⁸⁰ [A] No fim de contas eu [↑ também] não percebo <também>: pressinto, adivinho.

⁹⁸¹ [A] O que eu queria afinal era achar <que s>> [↑ em todo] o mal uma razão de bem, <não du> sabendo porém que se trata dum mal,

⁹⁸² [A] a <«Luz» > /O Combatente\, que <passou à treva> [↑ deixou de combater] irá fazer esforços sobrehumanos para <renascer> [↑ voltar às armas].

⁹⁸³ [A] agora com afinco <um>/no\

⁹⁸⁴ [A] Ai

⁹⁸⁵ [A] sabe

⁹⁸⁶ [A] esticar

⁹⁸⁷ [omisso em A]

⁹⁸⁸ [A] E no fim de contas

⁹⁸⁹ [A] lig<uei>/o\

⁹⁹⁰ [A] Agacha-te e deita o ar fora

Há-os em Rilhafoles por muito menos.

Qualquer dia apareço.

Rodrigues

「Mas, no fundo,⁹⁹¹ a carta de Rui 「surpreendera-o.⁹⁹² Era curioso: 「Rui desta vez parecia alegre, despreocupado, quando, afinal, um desastre de amorico costumava deixá-lo arrasado, a abarrotar de tristezas.⁹⁹³ É certo que no fim lá vinha a velha nota «e um tipo saber que mais dia menos dia 「há-de esticar⁹⁹⁴». Não que Rodrigues não pensasse também na morte. Diabo! Isto de 「se ir⁹⁹⁵ para a cova, isto de os anos passarem num 「instante...⁹⁹⁶ Velhos, já velhos, dizem que «tudo passa num ar». 「Sim,⁹⁹⁷ Rodrigues pensava. Mas não martelava a ideia. Leva de gozar! Há tempo para se pensar em coisas tristes quando se chegar a velho. [fl. 186] 「A⁹⁹⁸ frase vinha lançada 「na carta,⁹⁹⁹ ao abandono, despida, quase desinteressadamente. O Rui era um X.

⁹⁹¹ [A] Mas no fundo

⁹⁹² [A] <fizera-lhe impressão> [↑ surpreendera-o].

⁹⁹³ [A] Rui, desta vez parecia alegre, despreocupado, quando afinal, um desastre de amorico costumava deixá-lo arra<z>/s\ado, a abarrotar de trist<†>/ezas\.

⁹⁹⁴ [A] [↑ há-de] estica[r]

⁹⁹⁵ [A] <morte> [↑ se ir]

⁹⁹⁶ [A] instante<.>/...\

⁹⁹⁷ [A] Sim

⁹⁹⁸ [A] Mas Rui, ainda neste ponto, parecia mudado. A

⁹⁹⁹ [A] na carta

「XII¹⁰⁰⁰

Coimbra. Novo ano, novas fitas, novas caras. Isto 「nos primeiros dias.¹⁰⁰¹
 「Porque depois¹⁰⁰² já as fitas são as mesmas e as caras também. 「O Luís,¹⁰⁰³ visto ao
 dobrar de uma esquina. 「A Celina, o Justino, a Catarina.¹⁰⁰⁴ E Amélia? 「É verdade:
 Amélia?¹⁰⁰⁵ Rui não a vira ainda. Mas um dia 「o Cruz, pachorrento, lançou, num
 enfado:¹⁰⁰⁶

- Sabes que a Amélia 「vai casar?¹⁰⁰⁷

- 「Casar?¹⁰⁰⁸ Com quem?

- Não sei. 「Com um tipo¹⁰⁰⁹ lá da terra. Parece-me que 「é¹⁰¹⁰ africano. Quem
 「mo¹⁰¹¹ disse foi a Catarina. Mas 「ela¹⁰¹² soube-o cá também! 「A Amélia não¹⁰¹³ lhe
 tornou a escrever.

Amélia, 「casar!¹⁰¹⁴ 「À ideia¹⁰¹⁵ de que as carnes rijas da antiga namorada iam
 ser conhecidas, tocadas por outro, 「Rui vibrou de novo miudamente. Mas foi por
 instantes.¹⁰¹⁶ 「O noivo! O noivo de Amélia. Um africano, segundo dissera o Cruz,
 decerto um esboicelado, negro e estúpido.¹⁰¹⁷ Amélia viveria sempre descontente. 「Os
 beijos, as carícias do futuro marido haviam de enjoá-la¹⁰¹⁸ pela babosice pegajosa.
 「Amélia,¹⁰¹⁹ rija, áspera, de vibrações duras, requeria no trato conjugal um homem, 「um
 verdadeiro homem.¹⁰²⁰ (Rui 「penteia-se ao espelho e mira, com terror,¹⁰²¹ as suas faces

¹⁰⁰⁰ [A] <***>/12\

¹⁰⁰¹ [A] à primeira vista.

¹⁰⁰² [A] Dias depois

¹⁰⁰³ [A] O Luiz

¹⁰⁰⁴ [A] <O>/A\ Celina, o <Vaz<.>/,> [↑ Justino,] <A>/a\ Catarina <, e o Cruz a dedilharem as primeiras músicas...>

¹⁰⁰⁵ [A] [↑ É verdade] Amélia?

¹⁰⁰⁶ [A] o Cruz pachorrento <e triste> lançou<:/,\ num enfado:

¹⁰⁰⁷ [A] <casou?> [↑ vai casar?]

¹⁰⁰⁸ [A] Cas<ou>/ar\?

¹⁰⁰⁹ [A] [↑ Com] <U>/u\m tipo

¹⁰¹⁰ [A] <era>/é\

¹⁰¹¹ [A] m<e>/o\

¹⁰¹² [A] [↑ ela]

¹⁰¹³ [A] <Ela> [↑ A Amélia] <não <mais>> [↑ não]

¹⁰¹⁴ [A] casar<?>/!\ <Melhor fôra assim.>

¹⁰¹⁵ [A] A ideia

¹⁰¹⁶ [A] trouxe-lhe em <visão> [↑ passagem] <n>/r\ápida <a visão> estremecimentos antigos.

¹⁰¹⁷ [A] Demais o noivo - um africano, rico decerto - era <possivelmente> [↑ talvez] um esboicelado, negro e estúpido.

¹⁰¹⁸ [A] <e os>/Os\ beijos as carícias do [↑ futuro] marido <seriam> <eram> haviam de enjoá-la

¹⁰¹⁹ [A] Além disso Amélia,

¹⁰²⁰ [A] <sadio e domina> um verdadeiro homem.

¹⁰²¹ [A] pentea-se ao espe<†>/lho\ e <<mira>/vê\> [↑ mira] com terror

lascadas. Se ele tivesse casado... 「Ele¹⁰²² não devia pensar em casamento. Só, 「avaramente só,¹⁰²³ mordendo calmamente 「os dias,¹⁰²⁴ ir-se-ia gastando à sombra dos versos e da medicina).

「- Dás licença?¹⁰²⁵

- Entra.

E 「o Ferraz,¹⁰²⁶ mais redondo, mais afogado, entrou.

- Ó Ferraz! Caramba! Já sei ao que 「vens...¹⁰²⁷ desculpa o atraso, mas tu bem sabes... Depois meteram-se as férias...

¹⁰²⁸- Não faz mal, 「pá!¹⁰²⁹ Também 「olha que¹⁰³⁰ se não precisasse... mas foi uma espiga. 「Gastei¹⁰³¹ a massa das matrículas... 「E agora¹⁰³² olha: têm que nem um carapau.

「Rui, que conseguira arranjar os 100\$00, esfolhou quatro notas de vinte e tilintou a garantia de duas moedas. Ferraz¹⁰³³ saíu. Rui 「acompanhou-o às escadas.¹⁰³⁴

- ... não te incomodes... não é preciso desceres, eu já conheço...

Só. Mas ... 「é verdade; o casamento. Isso:¹⁰³⁵ não vale a pena. É uma estupidez. Um indivíduo 「sozinho,¹⁰³⁶ sem encargos, pode gastar-se, pode estoirar, que a vida dele é dele apenas. 「Desembaraçado¹⁰³⁷ de mil enfadonhices e longe da chata e trivial banalidade do dia a dia. A mulher 「ficaria¹⁰³⁸ para ele distante e confusa sem aquele contacto permanente que 「traí¹⁰³⁹ a idealização. E, que diabo, 「como poderia ele blindar-se com a santa paciência, para não reagir perante a realidade¹⁰⁴⁰ da mulher?

¹⁰²² [A] <E> <e>/E\le

¹⁰²³ [A] egoistamente só

¹⁰²⁴ [A] <o o> os dias,

¹⁰²⁵ [A] - D<á>/ás\ licença?

¹⁰²⁶ [A] o Ferraz

¹⁰²⁷ [A] v/ens\... Desculpa

¹⁰²⁸ [A] [fol. 187]

¹⁰²⁹ [A] pá <Que diabo>!

¹⁰³⁰ [A] [↑ olha que]

¹⁰³¹ [A] <Deixei>/Gastei\

¹⁰³² [A] <estou> e agora,

¹⁰³³ [A] Rui que conseguira angariar os 100\$00, bateu 4 notas de vinte e tilintou <<2 moedas> [↑ a garantia de] 2 moedas de <boa> [↑ <garantida>] liga.> [↓ a garantia de duas moedas.]

Ferraz

¹⁰³⁴ [A] <despachou-o> [↑ acompanhou-o] <ao cimo das> [↑ às] escadas.

¹⁰³⁵ [A] é verdade<:>,\ o casamento<,>,\ <i>/\sso:

¹⁰³⁶ [A] só

¹⁰³⁷ [A] <A><E>/De\ resto é livre, anda desembaraçado

¹⁰³⁸ [A] ficará

¹⁰³⁹ [A] trāi

¹⁰⁴⁰ [A] onde é que iria ele arrebanhar a suficiente <bene> condescendência para <a>/não\ reagir perante a <<f>/h\umanidade> [↑ realidade]

「Perante¹⁰⁴¹ a maçada, 「caramba?¹⁰⁴² A valente 「maçada?¹⁰⁴³ 「Dinheiro para a mercearia,¹⁰⁴⁴ dinheiro para a renda da casa, os miúdos a berrarem de noite e a molharem a cama, a mulher a 「ressonar em grosso bordão...¹⁰⁴⁵ 「Decididamente:¹⁰⁴⁶ estudar, ganhar a vida e depois seguir o velho 「*carpe diem* - goza o dia de hoje.¹⁰⁴⁷ Era egoísmo, mas que diabo, 「quem, neste mundo desolador, não era egoísta?¹⁰⁴⁸ Aquele Fradique Mendes do Eça 「encantava-o.¹⁰⁴⁹ Ser calmo e fruir 「o interesse de cada facto, de cada emoção que, boa ou má, sempre contém qualquer parcela de curiosidade e de gozo.¹⁰⁵⁰

「A¹⁰⁵¹ porta que geme. Rodrigues alto, 「inacessível, avisa:¹⁰⁵²

- Esteve comigo um teu colega e disse-me que tinhas acto 「amanhã.¹⁰⁵³

「- Amanhã? Isto é que é um serviço!¹⁰⁵⁴ Mas que diabo de disciplina! Ainda ontem me tinham dito que só entrava para a semana.

Ele a falar em disciplina! Mas era verdade: em 「Medicina, pelo menos, não se sabia o que vinha a ser isso de disciplina.¹⁰⁵⁵ 「Marcavam-se¹⁰⁵⁶ assim os actos «do pé para a mão». Deixá-lo, pronto, acabou-se. Toca a estudar.

E no dia seguinte Rui obteve 17, numa cadeira que ele dizia ser «difícil 「como burro». ¹⁰⁵⁷ 「Rodrigues encolheu os ombros, indiferente, superior. Porque, em primeiro lugar, em Medicina, havia apenas duas ou três cadeiras: - o resto eram *bancos*, um chorrilho de *bancos* miúdos. Em segundo lugar, um dezassete não era nota que esmagasse ninguém:

- Vocês lá em Medicina, se tiram menos de catorze, é porque são chapados.

Rui olhou-o longamente. E sorriu.¹⁰⁵⁸

¹⁰⁴¹ [A] Depois

¹⁰⁴² [A] caramba!

¹⁰⁴³ [A] maçada!

¹⁰⁴⁴ [A] “Dinheiro para mercearia,

¹⁰⁴⁵ [A] <ressonar...> [↑ ressonar.]»

¹⁰⁴⁶ [A] <Carpe diem> Decididamente:

¹⁰⁴⁷ [A] <dito> *carpe diem* <↑>/- \ [↑ <de Horácio>] goza o dia de hoje.

¹⁰⁴⁸ [A] quem não é egoísta?

¹⁰⁴⁹ [A] seduzia-o.

¹⁰⁵⁰ [A] <<a>/o\ <bele>> [o] prazer de cada facto, de cada <aven> [↑ emoção], que boa ou má, sempre <contem> [↑ contém] qualquer parcela de curiosidade e <entusiasmo> [↑ gozo].

¹⁰⁵¹ [A] <->/A\

¹⁰⁵² [A] inacessível avis<ou>/a\:

¹⁰⁵³ [A] àmanhã

¹⁰⁵⁴ [A] - Àmanhã? <Esta>/Isto\ <organização> é que é uma <história> [↑ gaita]<?>!

¹⁰⁵⁵ [A] <percebia> [↑ sabia] o que era organização certa, segura.

¹⁰⁵⁶ [A] <↑>/Marcavam-se\

¹⁰⁵⁷ [A] <um>/o\ diabo».

¹⁰⁵⁸ [omisso em A]

「Porque a sua vida nova, metódica, se estava a iniciar.¹⁰⁵⁹

「Das experiências amorosas tinham-lhe ficado os braços estendidos... Braços estendidos numa atitude inútil. Por isso Rui os recolheu. A Amélia, nítida, requebrada e bela, era de carne, só de carne; Luísa, espertinha e sobretudo inteligente, desaparecera num sopro e rira-se dele; por fim Joana, que na sua simplicidade lhe parecera delicada e meiga, dissera-lhe que o amava e afinal deixara-o, empurrada pelo pai. E de tudo lhe ia ficando uma solidão que o tornava, apesar disso, feliz. Fora melhor assim... E esta consolação, que a princípio tinha sido forçado refúgio, tornou-se, pouco a pouco, racional e sentida. Para quê embarçar-se em empecilhos? Os dias que vivesse gastá-los-ia só, avaramente só, e em vez de se entregar à tutela doutrem governar-se-ia a si mesmo com dureza e gozo.¹⁰⁶⁰

O Rodrigues pouco ou nada sabia daquela transformação que 「prometia remeter¹⁰⁶¹ as rédeas da vontade. O mundo, 「com o tempo, ir-lhe-ia correndo¹⁰⁶² diante dos olhos como 「fita de cinema¹⁰⁶³ que se vê com indiferença: factos, mulheres, 「sensações alheias começariam¹⁰⁶⁴ agora a ter uma inexpressividade imbecil. 「E quando o Cruz¹⁰⁶⁵ desenrolava ideais vagos, Rui não 「fazia comentários.¹⁰⁶⁶ 「Ser-lhe-ia¹⁰⁶⁷ agradável murmurar soberanamente: «chochices!» Mas tinha receio de si próprio. Outrora dizia coisas semelhantes e tudo era mentir-se. 「Era, sem dúvida, preferível acreditar¹⁰⁶⁸ na valia dos ideais do Cruz. 「De resto,¹⁰⁶⁹ a vida é tão diferente 「de uma pessoa para outra!¹⁰⁷⁰ 「Não seria, para o Cruz, aquela a vida real,¹⁰⁷¹ a vida

¹⁰⁵⁹ [A] [fol.188] E a vida nova, metódica, iniciou-se a m<e>/ê\do.

¹⁰⁶⁰ [A] [Das experiências amorosas <ficara-lhe> tinham-lhe ficado os braços estendidos... Depois reconheceu-se numa atitude inútil e recolheu-os. A Amélia, nítida, requebrada e bela <desiludira> <não o completara;> [↑ era de carne, só de carne]; Luísa espertinha e sobretudo inteligente desaparecera num sopro e rira-se dele; por fim Joana, que [↑ na sua simplicidade] lhe parecera delicada e meiga, dissera-lhe que gostara<,>/e\ [↑ afinal] deixara-o empurrada pelo pai. E de tudo lhe restava um[a] <vazio> [↑ solidão] que, <↑>/o\ tornava, apesar disso, feliz. Fôra melhor assim... E esta consolação que a princípio era forçado refúgio, tornou-se pouco a pouco racional e sentida. Para quê <andar a> embarçar-se em empecilhos? Os dias que vivesse, gastá-los-ia só, avaramente só <,>/e\ em vez de se entregar à tutela doutrem, governar-se-ia a si mesmo com dureza e gozo.] [*acrescento no verso da folha com a indicação Vid-Verso corrigida por Volte*]

¹⁰⁶¹ [A] remeti<am>/a\ ao Rui

¹⁰⁶² [A] pouco a pouco, ia-lhe passando

¹⁰⁶³ [A] uma fita de cinema

¹⁰⁶⁴ [A] sensações [↑ alheias] começavam

¹⁰⁶⁵ [A] E <ao>/à\ <jantar> [↑ <refeições>], [↑ E] quando <o Cruz> [↑ o Cruz]

¹⁰⁶⁶ [A] <respondi> [↑ fazia] coment<ava>ários.

¹⁰⁶⁷ [A] Ser-lhe-ia agora

¹⁰⁶⁸ [A] <*Era> [↑ <Seria>] <pre > [↑ Talvez fôsse] preferível, <à cautela,> acreditar <mesmo,> [↑ até,] [↑ à cautela,]

¹⁰⁶⁹ [A] <Que>/De\ resto

¹⁰⁷⁰ [A] dum para outro.

racionalmente útil, a vida que contava como um valor? Questão de pessoas... Para Rui era uma 「chochice, porque a inteligência lhe dizia¹⁰⁷² que o bem e a verdade 「estavam¹⁰⁷³ em tornar-se senhor de si, estudar, cultivar-se. Faltava-lhe apenas 「levar a¹⁰⁷⁴ sensibilidade a achar nisso mesmo uma razão de entusiasmo. Era questão de tempo... A sua «teoria filosófica» havia de ter aplicação um dia, muito tarde talvez, mas 「UM DIA.¹⁰⁷⁵ 「Oh!¹⁰⁷⁶ este «um dia» 「teimoso, persistente,¹⁰⁷⁷ e sempre tão distante... Por 「um estranho capricho, do *carpe diem* esgueirava-se subtilmente o *diem*,¹⁰⁷⁸ enovelando-se em gaze que 「esmoía¹⁰⁷⁹ a rijeza da lógica. 「E¹⁰⁸⁰ como poderia ele seguir agora à risca o preceito do latino? 「Se o sujeitasse¹⁰⁸¹ às condições da vida actual, saíam logo os livros, a falta de dinheiro, 「as incertezas,¹⁰⁸² como bichos 「que se tinham acoitado¹⁰⁸³ ao rumor de passos. 「Certamente que o gozo do dia a dia não podia excluir uma dose forte de¹⁰⁸⁴ intelectualidade. 「Era do que dispunha por agora: vida intelectual. (Intelectual!)¹⁰⁸⁵

「Assim o seu programa se ia realizando: da realidade viria um dia o corte dos sonhos; da adaptação da sensibilidade à vida real¹⁰⁸⁶ viria o entusiasmo, a febre. E o primeiro triunfo estava 「já ali na¹⁰⁸⁷ elaboração deste programa, calculado, 「frio, que lhe revolvía o mundo das emoções.¹⁰⁸⁸ Um dia...

¹⁰⁷¹ [A] Quem sabe se, para o Cruz, não era aquela a vida real,

¹⁰⁷² [A] chochice e a inteligência dizia-lhe

¹⁰⁷³ [A] estava[m]

¹⁰⁷⁴ [A] <ac> levar a

¹⁰⁷⁵ [A] <um dia>/UM DIA\.

¹⁰⁷⁶ [A] Ah!

¹⁰⁷⁷ [A] teimoso e persistente,

¹⁰⁷⁸ [A] uma estranh<a>/o\ <metamorfose,> [↑ capricho,] do <<>carpe diem<>>, <exqui> esgueirava-se subtilmente o <<diem<>>

¹⁰⁷⁹ [A] <*esbatia> [↑ esmoía]

¹⁰⁸⁰ [A] De resto

¹⁰⁸¹ [A] <Um dia> [↑< Reduzi-lo>] <se>/Se\ o <reduzi> [↑ sugeita]sse

¹⁰⁸² [A] a[s] incerteza[s],

¹⁰⁸³ [A] [↑ que se tinham] acoitad<os>/o\

¹⁰⁸⁴ [A] Cert<o>[↑amente] <que> o <gôzo> gôzo do dia a dia, não podia excluir uma dose <sã> [↑ sadia de]

¹⁰⁸⁵ [A] <*Fora>/Era\ [d]o que <lhe restava:> [↑ <possui> dispunha por agora:] vida intelectual. <Para o sentimento exaltado <e rematado> para que o prazer f<o>ô\sse máximo e <*remata> [↑ <cortado>] [↑ eliminado] abruptamente para [afim de] <que ele não dominasse,> [↑ se não tornar o senhor absoluto,] [↑ de Rui] para isso esperaria o dia...>

¹⁰⁸⁶ [A] <E> <o>/O\ seu programa, [↑ assim,] realizava-se: da realidade viria [↑ um dia] o corte<,> [↑ dos sonhos;] da adaptação da sensibilidade à vida real,

¹⁰⁸⁷ [A] <na>/já\ na

¹⁰⁸⁸ [A] frio <e> que <ao mesmo tempo ia <bulir> <[↓ revolver]>> [↑ lhe revolvía o mundo] <nas>[d]/as\ emoções.

「UM DIA...

*Teus olhos são bem pequenos,
Se neles não cabe o mundo.*

... E um dia reparou que todo o passado se fora diluindo como tintas da manhã. Porque a vida lhe pisava os ouvidos com um grito bem estranho, como ele nunca supusera. Fábricas gigantescas vomitavam grossos rolos de fumo, arquejando na luta colossal que abarcava milhares de operários macilentos, engolidos, cada manhã, pelos largos portões. Cavadores denegridos largavam à terra o seu esforço bruto, removendo inutilmente o pedregulho que resistia aos caminhos fáceis... Olhos vidrados gemiam o lamento mudo da aflição abatida. Enquanto, no céu azul, o sol rolava esplendoroso, abrindo a promessa de sempre.

«E você, amigo Rui, queria apenas passar, indiferente, gozando talvez de poleiro? Lutava como um negro, apenas para se dominar e ficar-se impassível perante a fita que se ia desenrolando. Sim, Você julgava ter razão. Que lhe importava o mundo se ele nascera com você e consigo mesmo havia de morrer? No fim de contas, os seus nervos não tinham sido feitos senão para sentirem quando tocados. Se tivesse fome, você a roeria. Se estivesse doente, a amargura era sua. Ora você está doente. E então? Pense agora em tantos outros que também adoeceram e não podem tratar-se. Você pode. Enganou-se, Dr. Rui, quando pensou que o mundo acabaria com você. Não, não acaba. Você é um ponto no mundo, um ponto geométrico, sem dimensões. Você precisa de toda a gente e tem de ajeitar-se numa engrenagem total. Percebe?»¹⁰⁸⁹

「Um cigarro. Da cadeira de verga (felizardo que você é: - cadeira de verga para se recostar) Rui espraia um olhar longo pela encosta da serra escalavrada que rompe até ao céu.¹⁰⁹⁰

¹⁰⁸⁹ [omisso em A]

¹⁰⁹⁰ [A] A Acabar

Rui <estirado> <enterrado> [↑ entornado] <num> <num sofá> sorve com lentidão um cigarro feito. Pela janela aberta entra o ar <fresco> [↑ afiado] daquela tarde de <Outono> [↑Inverno] mansa e luminosa. Lá para o longe a serra escalavrada galga poderosamente até ao céu que murcha. Cá em baixo, casebres arrepiados de frio enrolam-se ao lume e o fumo em <rolos> [↑novelos] espreguiça-se <†>/lento <em

nuvens> [↑ esbatendo as] coisas. [↑A tristeza, o desamparo do mundo...] Há uma sonolência vaga [↑e fria] entorpecendo tudo. Ramos sêcos malfeitos, <aconhec> [↑<estendem-se>] [↑adiantam-se <no>/ao\ tronco] medrosos, com ar pedinte e por tôd<o>/a\ <a>/o\ <planície> [↑ vale] que escorre da montanha paira um[a] <†>/d\oença indefinida de frio e fome.

Rui que fechara o consultório, descansava, «fazendo horas» para o jantar. No seu quarto, <sêco, esterelizado> [↑nu], apenas avultavam os livros, que se ajeitavam às cotoveladas numa estante alta e se equilibravam <numa> [↑em] resmas sobre [↑a secretária e sôbre] a mesa de cabeceira. [Lá estava, num canto, esmagado pelos outros, o último livro de Fernando, que <ninguem> a crítica <achara> lançara no lixo da inutilidade.] *[Acrésceto no verso da página, referido a este local pela ordem (Volte)]*

Naquela vila serrana <†> serrana, convivia com poucos. <Apenas> [↑Quási só] o Julião - advogado novato - o aturava de quando em vez. <Mas> [↑E era] curioso ouvi-los discutir por exemplo sobre o casamento. Julião acreditava no benefício do conchego do lar. E [↑talvez] para ser coerente com as suas teorias, casara justamente havia oito dias. <*Mas>/Raro\ falara na noiva e Rui apenas sabia que se tratava duma vaga Joana que estudara em Coimbra <e desistira depois.> [, ↑mas não acabara o curso.] <Acabava-se> [↑Ia-se-lhe] pois a última companhia e para desaf<o>/ô\go lia, lia. De resto o consultório pouco lhe interessava. A princípio ainda se deliciava no trabalho e para conforto ia sorvendo uns amores com uma filha do Administrador, sempre doente, sempre em consultas médicas e a tomar injeções. <A rap> [↑ Um dia] o escândalo ia rebentando. (A Rosinha - era <a filha do Admi> [↑o nome dela e tinha] ares de boa rapariga[.], [↑ e vinha] <)>/de\ boas famílias) Resultado: o achego acabou, Rui entediou-se mais e Rosinha engordou. <Das mulheres apenas o fruto em si lhe interessar> Outras mulheres passaram. Rui <sorvia o gôzo> [↑cada vez mais] rígido, sorvia o leite e arrumava-as impotentes e inúteis. [fl.190] Mas dos livros, do gôzo a frio, do auto-domínio não lhe nascia aquele prazer que sonhara e lhe devia dar a suficiente razão de existência. E em longas <es> noites de insónia terrível e brutal estoirava-lhe com uma fatalidade estonteante a pergunta de sempre: para quê? Bons sonhos os de rapaz! <Dez anos!> <Havia>/Há\ [↑< justamente dez anos.> [↑ quantos anos isso fôra...]] Aí Julião<, que> [↑costumava] de quando em vez perguntar uma distração: <és feliz?>

- És feliz?

-Ó <filho.> [↑ Menino!] Vai-se vivendo, que <o>/é\ que <tu> [↑a] gente há-de fazer?]

<O>/Mas\ Rui dentro de si, numa ânsia cansada, <ainda se murmuram:> [↑ murmurava-se continuamente:]

«Mais! mais!... O mundo! A distância! A beleza de todos os horríveis! Alcool!» Julião um dia acordara-o:

- Casa-te, homem. Tu não acreditas no que eu te digo!

Mas para Rui o casamento, pouco a pouco, [↑foi-lhe]<aparece<u-lhe>/ndo> aparecendo como uma infantilidade [↑ em que nem valia a pena falar] Casar!... Ridículo! <O Rodrigues quando > [↑Das raparigas do seu tempo apenas Rodrigues] lhe escrevia, <era já> [↑<era>/e\ sempre] num encolher de ombros de enfado e álcool: «... meu caro por cá ando. A Conceição voltou de Lisboa cheia de maus hábitos: rouge, baton... uma perdulária. Eu cá vou arranando uns cobres com leccionações. Uma <ch>/x\atice!... E cá estamos os dois... Mas há sempre um meio de esquecer... [Diabo, quando se cansa...!]

Rodrigues não chegara a formar-se[.]. <e>/N\aquela vida de indefinido estudante, que por Coimbra ia arrastando, não era mais feliz que o Rui. E a boa disposição, <de> que sempre o caracterizara, ia amortecendo entre <†>/o\ <†> morno amor de Conceição e os copos de vinho. Afinal o Rodrigues também tinha [↑ um caminho e] um Sol, que <o havia de queimar> <dentro dele rebrilhava.> [↑ o iluminava.] Agora era tarde. Se ele tivesse arredado as névoas... se ele o tivesse querido conhecer... [↑ Ou se tivesse podido conhecer...] Agora era tarde e o ardor [↑do <†> Sol] apenas lhe mordida, <tambem> [↑como ao Rui,] as areias do deserto.

«Bons tempos!» - murmurava <Rui> [↑ele]; «bons tempos!» - <e a sua vista>

Trágica e <†> [↑ persis]tente martelava-se-lhe no cérebro a ideia de que afinal era um inútil. «Todo o homem deve acrescentar alguma coisa. Que dá que essa «alguma coisa» não seja afinal coisa nenhuma? Ao menos que se esteja convencido de que o é. O Julião, por ex., está convencido de que, casando, produz: cria, educa. E sobretudo pensa que será feliz. Tem uma razão para viver. Razão chocha? Que importa? <E>/Mas Rui não sente por isso entusiasmo algum. A sua vida esté[fol. 191]ril e inadaptável, seria um fardo para quem o aturasse. E ele havia de sofrer por isso. [De resto ficaria atado a uma vida apenas. Ah! mas o mundo era tão largo. A vida era tão vasta. Fechar-se no casamento era encurralar-se] [[E <A>/a\ vida era outra coisa. Um sonho grande. Uma fogueira grande. Artérias lamacentas. Crianças porcas esgadanando. Mortes. Invenções. E por toda a parte a ânsia de esquecer, a pavorosa ânsia de esquecer <*de>/e\ de gozar. [↑(Onde † lera ele este?)] A vida era outra coisa. Passar de olhos cerrados, corpo nu, para que os sois e os ventos e as chuvas e as carnes o mo<†>/dessem\, o gastassem. <Anda[r]>

/B\alou<ndo>/r\[-se] em águas desertas e abrir os braços num cântico ardente para aquela estrêla que seduz e que a <d>/g\ente não deve querer atingir. [↑Porque ela nunca se atinge...] Depois baixar num estrondo às fezes que enrodilham a ululante massa grossa das gentes. E depois estoirar. [↑E ele havia de ficar agachado, trôpego ao pé duma mulher?] <A vida era outra coisa...maluqueiras! [↑maluqueiras] A vida está aqui nesta luta. É preciso enfrear o cavalo. Só assim se pode fazer alguma coisa de útil. É uma tristeza. Mas é isto. Pouca sorte: não atino mais com o caminho> [Duma mulher que lhe poria no mundo filhos doentes e tristes, cheios da mesma ânsia eterna e inútil? Filhos que <hoje> eram <[↑ ainda]> felizes [↑ agora] porque não tinham [↑ ainda] nascido. E não sabiam, por isso mesmo, que era a derrota sob o pêso d<as>/a\ <religiões> [↑ ideia], <dos*naufrágios> [↑ que morre, † tem de morrer.

A vida era outra coisa... Se fôsse... Acendeu a luz...]] [*Acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem* (Verso) *corrigido para* (Volte 1)]

Lenta, a noite descera e invadira o quarto. Rui deliciado com a escuridão, pegava cigarros [↑ *meditabundos] uns atrás dos outros<.>/e\ <os> foram os pés enregelados que o fizeram pular em liberdade. Acendeu a luz e <†> começou a leitura de «O Sucesso pela Vontade de Marden. <Tudo porém... era teórico. <Romances eram> [↑ Até mesmo os liv]ros sólidos e profundos eram teoria e estupidez.> [Tinha consumido já muitas horas com a leitura de livros que o ensinariam a querer. Mas da frieza da lógica e dos factos não brotava afinal a vontade nova que tanto sonhara e lhe havia de mostrar o caminho procurado.

Depressa abandonou o Marden.] [*Acrescento no verso da página, referido a este local pela ordem* (Volte 2)] Versos... era melhor ler versos agora antes de jantar. <Apetecia-lhe um Régio.> Mas logo se enfadou: humano, anti-humano, carne - espírito... sempre a mesma história. Cansado. E resolveu definitivamente compôr ele um poema. Mas sôbre quê? Tudo dito. De resto a ninguém interessa<[m]>[↑vam] as <que> lamentações de cada um. Mas, justamente, não se lamentaria. <Agora que tinha lido> [↑(Tinha sido <um>/por\ isso mesmo] <exemplo> uma estupidez <ter publicado> [↑ a publicação] [d]aquela versalhada o «Sarro».) Agora porém que <tinha> l<ido>/era\ muito, que tinha pensado muito, comporia um poema único, duro, <solene> [↑ humaníssimo] e sumarento: «Homo»<.>/,\ [↑ que falasse das angústias eternas e universais] mas o assunto era tão vasto; um dia pensaria.

- Truz! Truz! (a sopeira) Faça favor de vir jantar

Lavou-se, penteou-se, compôs-se. [↑ <†>/Sem\ saber porquê] <T>/t\inha agora um esmêro desmedido no arranjo externo. <E>/Mas\ aquele sobrolho carregado ensombra<r>/v\ a-se-lhe mais e mais. Não havia já o propósito de se mostrar altivamente aborrecido e todo o aspecto do rosto encalha<r>/v\ a [↑ instintiva e] definitivamente em expressões duras, como se qui<z>/s\esse <castigar> [↑ julgar] o mundo inteiro.

Na pensão havia poucos comensais <distanciados e graves:> [↑ que Rui punha a distância:] empregados de Bancos, das Finanças<.>/e\ <†> da Câmara. <†>/E\le julgava-os todos <«uns chatarrões» [↑ em calão aca]démico «uns chatarrões». O Julião andava em viagem de negócios ou coisa que o valha, pois, <havia oito dias que> [↑ casara havia 8 dias] e ainda não regressara com a mulher. <Por isso Rui comia> [↑ Sem essa compa]nhia, Rui debruçado sobre a mesa comia a um canto silencioso e apressado<.>/,\ <Lá para longe mal> [↑ mal se dando cont]a da piada *charra <dos funcionários> [↑ dos outros.]

- Você hoje traz olheiras... (Era um empregado da Câmara baixote, <†>/estafado\, afagando as nádegas da criada)

- Foi comigo que sonhou, foi?...

A rapariga mal sorria já, habituada como estava às gracinhas dos fregue<z>/s/es. Se a <R>/m\ãe de Rui ainda fosse viva, talvez [↑ ele] a trouxesse-[fl.192]se para junto de si. [↑ Era um conforto.] [↑ <(†††)> Conforto que ele não entendera noutros tempos <quando>]] Mas a Snr^a Joana numa tarde afogueada de Agosto, finara-se <†> [↑ quieta] e risonha, <talvez por> [↑ <lá>/já\ lá iam uns] <bons 4> [↑ dois] anos. O seu Rui era médico, estava lançado na vida, que lhe importava pois morrer? Nem ao marido, ao José do Casal, fazia muita falta, porque a Carolina [↑ (uma moçoila de seios em balão)] conhecia-lhe o génio, <e> sabia tratar dele. Não lhe passara despercebida aquela ligação do marido com a <embaloada> [↑ gorda] Carolina. Mas nada dissera. Para quê<.>[?] Se durante uma <tão> vida de casados nunca se tinham entendido muito bem?...

<Rui tivera pena da mãe e por algum tempo [↑ se lhe calou] a inquietação que o revolia <sempre> [↑ infernalmente,] <se calou> para lhe deixar livres lágrimas sentidas. Depois tudo passou. E a lembrança da Snr^a Joana <ap> avivavam-lhe ainda mais a perturbação antiga:> [Durante dias e dias Rui trouxera [↑ diante de si] riscada a fundo a imagem da mãe no caixão. Muitas vezes, de noite, tinha de acender a luz. <A Snr^a Joana> [↑ O cadáver, as] velas, o cheiro morno <de>/a\ defunto. Sobre o fundo preto do fato, <avultava> a cara redonda e branca da mãe<.>/,\ [↑ as mãos gelatinosas.] Moscas voejavam e outras

(O apito da fábrica varou o ar num lamento doloroso. Bandos de operários espremidos pelo portão estreito).

Para baixo, casebres arrepiados de frio enrolam-se ao lume, tiritando. Frouxa música de embalo fala de um repouso longo, longo, músculos abandonados, corpos moles, soltos como odres mal cheios, e uma flor de ramo delgado balouçando à viração, e um véu liso de seda, recamado de estrelas e tudo... Mas o homem triste falou da hora da madrugada e o fogo daquele apito angustiado da fábrica veio queimar a flor e tudo o mais. Madrugada metálica, de uma claridade crua...

- Senhor doutor! Faça favor de vir jantar.

Árvores secas, de ramos expurgados, estorcendo-se numa súplica de aflição. Sonolência vaga entorpecendo tudo. E por todo o vale que escorre da montanha, a aridez crua da desolação.

«... sim, cabrito assado, batatas de molho. E eu sem apetite».

- Faça favor de vir...

Quarto amplo, carregado de livros. Teorias. Os homens escreviam, para se convencerem das suas opiniões. A vida andava ali, fervendo à sua volta, esbracejando em angústia estrangulada nas palhoças esburacadas, nos quartos térreos atulhados de crianças que se ensopavam no esterco das ruas onde os porcos fossavam e as galinhas bicavam vorazmente a imundice. A vida sentia-se agora Rui, porque os livros tinham apenas ideias que se não palpavam.

(Serra negra cravejada de rochedos, forrada de cardos e tojos. Que a vegetação fresca não aguentava a subida da serra pedregosa).

Podia agora escrever um livro succulento, enfartado de vida, vida real, exacta. Podia... Não, nunca seria capaz. A realidade seria sempre incoercível, quando pretendesse vergá-la à palavra escrita ou falada. E era pena. Oh! sim, era pena. Porque Rui, depois da sua experiência de médico, conhecia agora, como poucos, a luta de

<fincavam-se> <[†]> [† fincavam-se] aos cantos da boca e dos olhos <sugando> [† chupando] humidade. Às vezes batia a meia-noite e Rui, acordado, via, via realmente erguer-se o caixão com o peso do cadáver e empinar-se-lhe ali de frente, como uma <esta> [† senti]nela. Aterrado abria a luz. E assim a lembrança da mãe morta calou-lhe por algum tempo a perturbação interior. De dia tinha pena, muita pena da Snr^a Joana. Mas pouco a pouco a lembrança da mãe começou a exacerbar-lhe [† ainda] mais a luta velha] *[Acrecento no verso da folha com a indicação + (Vid. Verso) riscada e substituída a tinta verde (Volte)]* <<se ela fôsse vi<d>/v\ã, viria comigo, viveríamos ambos, agora que já tenho vida desafogada... Era um auxílio. Era uma razão para gostar disto....>>

x

xx

inferno contra a sorte negra. Sorte má. (Rosto chupados, músculos afrouxando, amolecendo. E o céu era azul, alagado de sol esplendoroso).

Sorte negra como naquela casita térrea onde a pobre tísica se ia secando. Aquela pobre tísica que Rui visitara essa manhã. Ela estava repassada de brancura e tinha a carne enxuta a coar-se pelos ossos. Sobre o corpo magro, aplanava-se a coberta quadriculada feita de trapos inúteis. De vez em quando, uma tosse débil estalava-lhe o peito seco e então os olhos vidrados emergiam um pouco das órbitas fundas. Quando Rui chegou, a velhota, recolhida num banco raso, levantou-se lesta e poisou no médico um olhar amortecido. Rosto pregueado como casca rugosa. Boca cerrada na mudez da angústia comprimida. Tinha as mão dadas sob o avental onde o menino viera limpar o rancho. Depois o menino foi de novo sentar-se à cadeira, para acabar o desenho a cores que andava fazendo laboriosamente. Rui olhou a enferma. Nada a fazer. Injectou o cálcio inútil. E pensou como a vida era diferente de tudo quanto supusera. Tanto tempo perdido em ninharias, olhando o mundo só através dos seus olhos.

- Que estás tu a fazer?

- Um desenho...

O pequeno voltara-se no banco, mordiscando o lápis. Rui debruçou-se. Numa folha enodada, cores tristes ensombravam a paisagem. Pendidas sobre um carreiro, árvores esburgadas meditavam longamente. E, abarcando as árvores e o caminho, o arco-íris vincava o seu grito nítido.

- Mas que é isto?

- Oh!... É o arco-da-velha.

Carita suja. Placas de côdeas malhando a face tenra. Da cabecinha pequena, cabelo encruado rompia, em espetos, para lá das orelhas. Olhos buliçosos e agudos. Rui envolveu o garoto num olhar terno e longo. Aquele menino que entendia a angústia da vida estreita que abafava no casebre, e a desenhava tão bem nas cores tristes do papel sujo.

- Então tu que é que queres ser?

O miúdo largou ao ar o sorriso claro dos seus dentes alvos:

- Eu quero ser um homem!

Sim, tu serás um homem. Tu, menino nascido do grito da aflição. E levarás à vida a tua mensagem ardente.

Súbito, uma sombra toldou a claridade da porta e uma voz mazorra grasnou:

- Atão isso vai ou racha?

Rui pulou, vivo.

- Cale-se, seu asno!

O outro arrastou com enfado e cansaço:

- Hã! O ... senhor Doutor chama-me asno? Hã? Mas vamos lá a saber como é que isso é...

- Pois você não vê que sua mulher está à morte? Não vê? Não tem vergonha de gastar o dinheiro em vinho? Seu miserável!

Rui não se acobardou. E aquele vigor fulminou o homem que se abateu, parvo, de cabeça pendida e olhar moribundo:

- Vossência desculpe... A gente p'ra espairecer...

Para espairecer abalara da casita pequena, onde um cheiro adocicado se adensava como líquido pastoso. Fugira espavorido, com o palor da mulher cravado no crânio férreo que estoirava. Desembocou na taberna e afogou-se em vinho. Estava farto daquela opressão. Todo o dia esguichando suor, músculos como veios de aço, berrando, em desespero, por melhor sorte, numa luta brutal e inútil. Comia um almoço esviandado e largava logo as mãos grossas à enxada ou ao mangual, para gritar de novo a sua luta desesperada. Para quê? Ao menos o álcool falava de uma casa soalheira, de um talhão de horta fresca, de uma roseira brotando no canto do quintal. E a mulher que se mirrava na brancura dos lençóis alargaria o seu viço à casita e à roseira viva. Sim, ela havia de sarar.

- Atão isso vai ou racha?

Mas a cura demorava e o álcool, pouco a pouco, começou a falar de um enfado estranho. Depois gritou um cansaço maior, uma tortura sem fim que esbracejava, louca, espavorida e arrancava um desespero rancoroso. Cansado, oh! cansado... Que a sorte bruta esfrangalhasse, por uma vez, aquela vida que tão devagar se ia escoando.

- Vai ou racha?

Rui saiu. Pensativo e vagaroso, balouça os passos lentos ao sabor da meditação funda. Tanto tempo gasto inutilmente! Vadiando ao acaso, de sonho em sonho, vazio e disperso... Tanto tempo! Só agora ele entendia bem a Luísa, o Luís, sua mãe que trabalhara, que lutara, que lutara como negra. Para ele ali estar recamado de luxo.

A senhora Joana... Numa tarde afogueada de Agosto, ela findara, sem um queixume, havia justamente dois anos. Tudo estava concluído. Por isso ela partiu. O seu Rui já era médico e o marido, o José do Casal, pegara-se de amores serôdios com a imunda Carolina, de seios em balão. Tudo estava concluído; por isso ela partiu. Só

muito tarde Rui compreendeu a luta serena da mãe. Talvez por isso ela lhe viera castigar as noites, entaipada no caixão, de sorriso brando nos lábios sem cor. Cara branca, mãos gelatinosas poisadas sobre o vestido preto, onde se tresmalhavam as contas do rosário. Moscas voejavam; outras fincavam-se aos cantos da boca sugando humidade. E por todo o quarto, velas enormes lançavam labaredas aos panos pretos suspensos do tecto, e um cheiro morno a defunto penetrava o ar. Uma vez, pela noite calada, Rui viu erguer-se o bloco do caixão com o corpo abandonado as mãe. Então ele deu um grito e acordou. Logo acendeu a luz, mas, na cal branca da parede, o sorriso sossegado da mãe continuou falando de uma luta serena. Depois tudo passou. E as noites começaram a contar apenas os dramas que Rui ia conhecendo e gravava, dia a dia, em fichas que se empilhavam na gaveta da secretária.

Tinha acabado de escrever a última: «casa térrea, mulher tuberculosa. Marido bêbedo. Um menino desenha uma paisagem triste e diz que quer ser um homem. Abril de 19...»

「Um domingo, Julião apontou no limiar da porta do quarto:¹⁰⁹¹

「- Ó Julião!¹⁰⁹²

「- Ó meu grande Rui! Então você?

- Cá estamos; e você? Sente-se. Conte lá coisas!

Logo se arrependeu do pedido. Conte lá coisas... Que tinha ele a contar? Se Julião regressava da viagem de núpcias...

Tinham-se conhecido na vila. Julião cursara Direito em Lisboa e casara com uma vaga Joana que andara por Coimbra e Rui não recordava. Era um rapaz alto, largo de ombros, que assentava na vida com a segurança de um bloco de granito. À mesa da pensão, a estreiteza da vila tornara-os amigos. Julião tinha ideias calmas que se concentravam na tranquilidade de um lar cheio do frescor da mulher e do chalar dos garotos. Mas Rui via nesse ideal apenas o grotesco do burguês na engorda, ventre contornado pela corrente de ouro, grossa como amarra, barulhenta dos penduricalhos suspensos.

- Mas que diabo pretende você?

¹⁰⁹¹ [A] Um domingo Julião despontou ao limiar do <†> do quarto de Rui.

¹⁰⁹² [A] - Ó Julião

Rui não sabia ao certo. Sentiu apenas que a vida era uma longa aventura, um sonho grande. Uma fogueira imensa. Artérias lamacentas, crianças porcas esgaravatando. Fechar-se no casamento era fugir, aterrado, da vida que fervia à sua roda. A vida. Luta de sangue contra forças que rebentavam de todos os cantos, num tormento de inferno.

_ Pois você acha que um homem casado, trabalhando, educando, é um indivíduo inútil?

Rui não respondeu. Sim, inútil não era, afinal. Mas Rui sentia nascer em si a ardência de um apóstolo que vivesse para os outros, entendendo-lhes o sofrer. Lutar com eles no arranque pleno de força virgem, ajudá-los na viagem imposta cá neste mundo hostil.

- Mas é um indivíduo inútil?

- Não, decerto... Mas é preciso que alguém se sacrifique para se fazer um pouco mais.

E que diabo quer você fazer, homem?

Rui deu de ombros.

- Sim, que diabo hei-de eu fazer? Nada, afinal...

Sorriu triste. E ele podia ter realizado já alguma coisa. Oh! podia! Não se deixar jogar como bola de trapos. Balouçando-se ao sabor dos ventos, perdido em si mesmo, na filosofia fácil de café preguiçoso... Tanto tempo deitado à rua!

- Mas sente-se, homem! (Rui)

Obrigado. Eu saio já. Bem vê, chegado ontem... A mulher à espera. E é isto, meu caro. Agora, vida nova. E é verdade: você tem de ir lá por casa, hem?

À noite, para uma chazada. Qualquer dia... Espere: quinta-feira; não, sexta; pode ser?

- Fixe!

- Bom; então às nove horas? Quer dizer: eu venho por cá. Assente?

- Assente.

Julião saíu e Rui ficou esperando a hora do almoço.

Tanto tempo perdido! Que seria feito dos companheiros de Coimbra? Do Cruz, da Catarina, de Amélia? Fernando! Ele compreendera a vida mais cedo. Esmagado pela crítica suja, ali estava o seu último romance que não vingara. O Luís! Ele tentara o doutoramento em Direito. Fora brilhante e seguro na defesa dos seus estranhos pontos de vista. Mas teve de desistir, não se sabe bem porquê.

Pela mente de Rui ia-se desenrolando a vida que fora sua e lhe custava a reconhecer. Mas tantos outros tinham falhado, afinal. O Rodrigues, por exemplo, que lhe escrevia de longe em longe e sempre num encolher de ombros de enfado e álcool:

... Mau caro, por cá ando. A Conceição voltou de Lisboa cheia de maus hábitos: rouge, baton... uma perdulária. Eu cá vou arrançando uns cobres com leccionações. Uma xatice! Sinto-me velho e a porca da vida mói-me o juízo. No fim de contas, há sempre um meio de liquidar o assunto...

Rui tremeu. Porque julgou entender o Rodrigues, aquele Rodrigues que nunca mais acabara o curso e arrastava por Coimbra uma vida estéril de estudante perpétuo. E Rodrigues tinha também um rumo traçado desde que nascera. Mas nunca o encontrou. Ou não quisera encontrar. E agora, o Sol, que nunca descobrira, mordida-lhe apenas a areia do deserto... Tarde! Não; tarde não, porque nunca é tarde. Mas o músculo frouxo abandona-se, inerte, na lassidão do cansaço. Difícil retesá-lo num esforço supremo. «Homem, vê se te formas, canudo! Acaba-me com esse curso, trabalha, arranca-me com gana e vem para a vida!» Impossível! Que os anos acumulados vão formando o novo homem que não pode renegar-se. Rodrigues vivera, e não se vive senão uma vez.

Rui tinha agora, mais que nunca, o pressentimento de que a sua vida duraria bem pouco. Os indícios da doença pressentida não o tinham enganado. Quando se lhe revelaram os primeiros sintomas nítidos da doença, todo o tumulto do seu desânimo antigo lhe domou as horas, os dias, os meses. Para que esperar? Não havia lei alguma que pudesse impedi-lo de acabar com a vida que lhe deram e se ia arrastando.

Quando eu nasci

Ninguém me perguntou se queria nascer.

Só tarde, muito tarde, é que me deram

Essa tal liberdade de escolher...

Ninguém tinha o direito de o impedir. Fugia, sim, fugia à luta que gera os tais heróis desconhecidos. Não ganhava medalhas, mas também não era cobarde. Porque a vida lhe

impunha uma luta desigual. Tinha sofrido muito, desde sempre. E a vida não o compensara nunca. Haveria mal em fugir?

Não valia a pena o Julião sacudi-lo, dar-lhe palmadinhas nas costas: «Homem! Deixe-me essa cara de enterro!» (O enterro seria breve e pobre. Quatro homens. O Julião. O vento silvando nas varetas das árvores.) E uma tarde descobriu-se a pensar no dia que seria diferente e acabaria, de uma vez, com aquela vida estéril. E ouvia os gritos da dona da casa e o murmúrio dos colegas que o guerreavam por dever de ofício: «Uma pena... um rapaz novo, inteligente...»

Julião, consternado, traz no rosto a noite de vigília e o medo das noites que hão-de vir. A sua amizade abre-se em mil, cuidados que chamam a atenção de muitos para aquela festa de luto. Aquela amizade que há-de vir visitar nos primeiros dias o fundo gelado da cova. Tudo voltará à vida esquecida. E virão outros dias de inverno com o sol a rebrilhar e o vento refinado a zunir nos ciprestes...

- Mas o dia fora igual, só porque Rui não teve a coragem de o tornar diferente. Se ele nunca tivera coragem e fora sempre um cobarde... Um cobarde!

Depois habituou-se à condição de enfermo. E nessa quase tranquilidade começou a reparar que tantos outros sofriam. Bem mais do que ele. Lá estavam na gaveta as fichas acumuladas falando de angústias reprimidas...

(- Quero ser um homem!

Sim, menino que vai crescendo, tu serás um homem!)

Na vastidão do mundo, uma dor não era mais que o grão de areia no deserto.

Luta! Olhos rebentando no esforço desesperado! Como tudo agora era diferente! Milhões de bocas vomitavam o seu grito de aflição. Milhões de mãos crispadas dilaceravam o céu, numa angústia sem fim.

Que importava o sofrimento de Rui? Se ele não tinha fome? Se ele podia curar? Coisa tão pouca... Um acidente... Mas havia dores que não eram acidentes.¹⁰⁹³

¹⁰⁹³ [A] - Ó meu malandrão!<-> Senta-te homem; conta lá coisas.

- Só um instante. Tenho a mulher à espera... Sabes que já vim ontem? Mas compreendes... Chegado de fresco... Pois rapaz; <quero que vem †> [† cá estou. Tu agora tens que lá ir a] minha casa, <um> [† *sim? Uma] noite <tomar> [† para] uma chazada... Conversa-se um bocado... E tu? Que tens feito?

- Olha menino, o mesmo de sempre. - E foi um [† arrastar de] olh<ar>/os\ <rastejante> varrendo o quarto.

- Correio!

┐- Só isso?¹⁰⁹⁴

- Só isto ┐(a criada).¹⁰⁹⁵

Só o jornal e umas amostras ┐farmacêuticas.¹⁰⁹⁶ Sentiu vontade de não ler o jornal. ┐Para quê? Guerra, guerra, um montão de vidas queimadas cada dia. Em proveito de quem? Jovens fortes, plenos de sangue virgem, dizimados aos milhares. Quem venceria a guerra? Os mortos e os feridos. Claro, os mortos. Só não gozavam a vitória. Gozar a vitória?... Nicolau Tolentino escrevera uma sátira sobre a guerra. Aí se diziam verdades como punhos. Mas as guerras vinham já dos começos do mundo. Apesar de todas a gente a achar «uma coisa estúpida e cruel». Mas pouca gente alcança as razões ocultas que aguentam essa coisa estúpida. «É a guerra aquele monstro»... Padre António Vieira. Sim, já o Padre António Vieira. «Amigo Rui, não liguês à guerra. Tu estás precisando mas é de um pouco de poesia. Pega aí da Bíblia. Lê umas coisas dos cantares de Salomão».

Estirado na cadeira de lona (também tens uma cadeira de lona) sentiu-se penetrar de um prazer novo, ao adormecer naquele místico embalo do cântico dos cânticos, todo trespassado de uma fragância áspera que ressumava de mirras, incensos e de vinhos. Era

- A mesma <desordem, *sim? És explêndido! Pois bem... Amanhã, pode ser amanhã<?>/\ ou antes depois de amanhã,... assente? <Bom.>

- Fixe!

- Bom. Então eu venho por cá depois do jantar e seguimos.

Apertaram-se as mãos.

Uma hora depois devia chegar o correio. Até lá, Rui leria qualquer coisa. Lançou uma vista de olhos aos volumes acamados. † Tateou, e o pensamento, fugia-lhe. «Ora... queria eu...ah! Bom este». Era a Bíblia. <Era> [↑ <Sentiu>] [↑ <†>] [↑ Sentiu que] <agora> um prazer novo ao adormecer naquele <entormecimento> [↑ místico embalo] duns Cantares de Salomão, todos <com>penetrados duma fragância áspera [↑ que] ressuma<ndo>/va\ de mirras, incensos e [fl.193] vinhos. Era um enlevo um êxtase, que lhe entorpecia os nervos <nas> [↑ em] ondulações orientais. E <de repente> [↑m breve porém] Rui saltava do livro embrulha<nd>/d\o<-se> [↑ na sua] imaginação <e morfina>. Caminhava só, para longe, <para> [↑ muito] longe... Morenas, muitas morenas ondeavam à sua volta <*dor> [↑ em] requebros dormentes. Todo o mundo se balouçava fluido, mole. E era em cada ser, em todo o ser um alheamento derramado amornando a vida. Os pés escorregavam em declive doce e os ventos[,] <espalhavam> [↑ bafejando] em suspiro[,] espalhavam aromas esquisitos. Dobravam-se as pernas vergadas por um cansaço doente. Não havia sol. Nem lua. De tôdas as coisas saía uma claridade macia e doce. E os corpos tinham a consistência da espuma afogada. O mundo sonhava. Imaginava. Tinha o anseio lento <n>/d\o fumo que sobe. E pelo ar pairava uma música vaga e <dolente> [↑ dolente]. Ai a vida seria bela!... Seria[...] <v>/V\iver dormindo! Enfraquecer no torpor do sonho <acre> [↑ áspero] e lânguido. Amoleceu na tortura dos desejos cansados!... Ai a vida, seria tão bela! Torpor! Enlanguescimento! Vaguidão! O aroma que espevitava e cansa! A doença! O esvaír dum fio lento...

¹⁰⁹⁴ [A] Rui <enta> de dedo entalado na Bíblia, abre a porta.

- Só isto?

¹⁰⁹⁵ [A] <,>/- diz a creada.

¹⁰⁹⁶ [A] farmaceuticas.

um enlevo, um êxtase que lhe entorpecia os nervos num amolecimento oriental. Morenas, muitas morenas ondeavam à sua volta em requebros dormentes. Todo o mundo se balouçava fluido, desfeito. E era em cada ser, em todo o ser, um alheamento derramado, amornando a vida. Os pés deslizavam em declive doce, e os ventos, bafejando em suspiro líquido, largavam aromas estranhos que penetravam molemente. Um cansaço brando adormecia os membros que se dobravam devagar. Não havia sol. Nem lua. De todas as coisas fluía uma claridade frouxa e macia. E os corpos quebravam-se em fofa espuma. Sonho. Do mundo inteiro subia um anseio lento como fumo. E pelo ar circulavam breves acordes de música vaga e dolente. Bela a vida, dormindo... Enfraquecendo no torpor de um sonho áspero e lânguido. Amolecendo ma tortura dos desejos cansados. Torpor. Enlanguescimento. O esvair de um fio de mel... «Pronto, dr. Rui. Fez-lhe bem este sonho breve. E você já tinha direito a ele».

Puff! Espreguiçou-se, dedo entalado na Bíblia, boca escancarada longamente, com delícia. Belo domingo! Rica manhã! Sol lavado, num céu nítido, cantava o triunfo de galos de cristal. Claridade franca rasgava jorros de águas límpidas, no brado amplo de sinos dobrando em torres bem erguidas.

Belo domingo!

A criada bateu à porta. E disse:

- Faça favor, um telegrama.

Rui abriu a porta alvoroçado. A criada acrescentou:

- Em o senhor doutor querendo, pode vir almoçar.

O telegrama dizia pouco:

Meu filho matou-se

Manuel Rodrigues¹⁰⁹⁷

¹⁰⁹⁷ [A] Mas a Bíblia fazia-lhe mal. Factos. Notícias. <Guerra de Espanha.> [↑ europeia.] Quem ultimou notícias da guerra europeia. Tropas. Aviões. Mortos. <Guerra da> [↑ A Finlândia] é invadida pelos russos. Cinco aviões abatidos. Um submarino ao fundo. Outro. «Guerra! Guerra! GUERRA! Raios partam tanta guerra!» Procurou notícias menores. Afogado num poço. Os gatunos assaltaram... Diário de Coímbra. «Que há por Coímbra?» Pelos tribunais. Preço da Carne. Hospitais da Universidade: deu entrada no Hospital <†>/Amândio\ Rodrigues que <disparara> [↑ tentou suicidar-se com um tiro de pistola. O seu estado é...» <†>/Anh?>

[Sempre o mesmo: <morto a sacholada> [↑ guerra, aviões, comunicados oficiais.] Quem vencerá a guerra? Os mortos e os feridos. [↑ Pois não era?] Nicolau Tolentino escrevera uma sátira sobre a guerra. Aí se diziam verdades. É curioso que tem havido guerra desde Abel e Caim. E toda a gente acha que a guerra é uma coisa estúpida e cruel. Porque se não acaba então com este flagelo? Talvez haja razões que a gente não alcança... E todavia Rui gostava de ir para a guerra. Uma bala perdida e tudo se acabaria. Tudo.

‘Rui ficou como parvo, de telegrama na mão, olhando em redor, sem compreender. Palpava o papel, lia outra vez, mas as letras lá estavam pregadas, quedas, dizendo com indiferença: «meu filho matou-se». Sentiu então rolar, de encontro a si, massas enormes de montanhas desprendidas. De dentes ferrados, mãos apertando a cabeça que estalava, trambolhou sobre a cama descomposta, afogando-se no travesseiro. E chorou. Ficou assim por momentos até que a mola de aço pulou dentro dele e o pôs de novo em pé, rígido, olhos boiando apavorados, nervos vibrando miudamente. Cravou o chapéu na cabeça esguelhada e, como um furacão, despediu pela porta fora em tumulto alucinado. O telefone... Não: telegrama, mas para quê? Para onde? Não sabia. À porta da pensão, a patroa gordalhufa ria ao solavanco de carnes despegadas. Rui, pálido, transtornado de terror, deu-lhe um encontrão forte. Não pediu desculpa. Levava em si a fúria desabalada que cega e arranca em desespero. Rodrigues! «Não, não! Tu não podes morrer. Nunca... Eu to peço...»

- ... Sim, para a Associação Académica...

Telefonou. Mas tudo se lhe amontoava na cabeça em febre, e ele não entendia, não era capaz de entender aquela voz que falava no outro extremo do fio.

- ... O Rodrigues... Aluno de Matemática...

- Perfeitamente. Matou-se... Fez-se tudo para o salvar mas foi impossível... Foi ontem o enterro.

Faleceu... Rui, de dedos crispados, esmaga o auscultador, olhando, apavorado, as sombras da cabina. Pregado ao chão, olhos espetados no telefone que se calara, que não dizia mais nada, que não falava mais, mais, daquele Rodrigues que morreu.¹⁰⁹⁸

Era tão bom que tudo se lhe acabasse... E ele podia afinal acabar com tudo. Mas não tinha coragem. Se ele fôra sempre um cobarde...

Meia-hora depois a criada bateu de novo:

- Um telegrama dizia pouco: <«Meu filho matou-se.

Meu filho <matou-se> <[↑ à morte hospital]> [↓ matou-se]

José Rodrigues

<Rui ficou apavorado.> Não podia ser! Não! Não podia ser...] *[acrescento no verso da folha com a indicação (Volte)]*

¹⁰⁹⁸ [A] << > Anh? Rodrigues... o Rodrigues...> [↑ Oh! Mas pode lá ser...] Borbulharam-lhe lágrimas nos olhos. [↑ Mesmo verdade? O Rodrigues? Embaraço. Angústia.] <Quem> fazer? O telefone... Não: telefonar, mas... para quê... Para quem? Sáíu num furacão. À porta da pensão a patroa gordalhufa ria aos solavancos. Rui, pálido, trespassado de terror deu-lhe um encontrão. Não pediu desculpa. <Telefone> [↓ <Era estúpida a esperança.> [↑ Era estúpida a esperança.] <Mas telefonou para o Hospital> Mas telefonou. Associação Académica.]

- ... Um rapaz alto...? Amândio Rodrigues...

- Quanto devo?

「- São cinco escudos.¹⁰⁹⁹

Faleceu... 「O Rodrigues. Aquele¹¹⁰⁰ rapaz alto, forte, que ria, ria... um companheiro... 「Oh! Morreu, matou-se para nunca mais voltar, nunca, nunca...¹¹⁰¹ A vida para ele era um fardo. 「Ele dissera: «há sempre um meio de liquidar o assunto».¹¹⁰² 「Ele o liquidara. Ele liquidara tudo, a alegria, o sol, tudo. O mundo continuaria a rolar, o mundo... Oh! Rodrigues... Que pena! Que pena! (Rui sacudia-se aos esticões, num desespero cerrado). Tu falhaste... Que pena! E eu sofro tanto, tanto... Oh! A vida! Esperar, esperar, esperar. E a morte espera-se também. Mas tu não quiseste esperar...¹¹⁰³

「Rui sentia-se triste, de uma tristeza mortal.¹¹⁰⁴ O Julião, o Rodrigues, a 「mãe¹¹⁰⁵... Mas Julião, ali ao pé, vivia ainda. 「Porém, a alegria do amigo adensava agora mais a dor de Rui.¹¹⁰⁶ Julião talvez não 「tivesse falhado na¹¹⁰⁷ vida. 「O caminho!¹¹⁰⁸ O sol! O sol! Descobri-lo! Descobrir o nosso, aquele que 「pode tornar-nos úteis. Descobri-lo antes que a terra seja estéril. E depois não o perder. Rui sente tédio por tudo...¹¹⁰⁹

「No reajustamento que procurara fazer da sua vida com o seu modo de pensar, não conseguira abolir a vibração intensa da sua sensibilidade. Rodrigues morrera. Que dava que tivesse morrido? Falhou... Rui devia lamentá-lo apenas. Mas toda a sua amizade lhe fez romper, em vulcão, a ternura derretida que o amolecia no sofrimento,

<- Ah!> [-] Perfeitamente. Foi hoje enterrado. <Faleceu ontem à noite.> [↑ Foi encontrado morto <†>/com\ um tiro.] Faleceu. Rui de dedos <fincados no> [↑ crispados - espreme o] auscultador <,>/e\ olha <apavorado> [↑ amedrontado] as som[fol. 194]bras da cabine. Um minuto.<>>

¹⁰⁹⁹ [A] - Cinco escudos.

¹¹⁰⁰ [A] O Rodrigues, aquele

¹¹⁰¹ [A] Morreu. Matou-se. (Rui desceu calmo a rua que o levava à pensão.) Matou-se

¹¹⁰² [A] Matou-se. Ele dissera «Há sempre um meio de esquecer...»

¹¹⁰³ [A] As alegrias, o sol, a vida não o reduziaria. Matou-se. Ele sabia que não mais voltaria ao mundo, que dois dias, dois meses, dois anos passariam uma dobra sôbre o seu nome. <A vida!> E suicidou-se. A vida! Para quê...? Ah! este fatal rolar do tempo! O Rodrigues . <O Rodrigues.> /Morreu\... E morreu para sempre...

Bailava-lhe o quarto. (Rui entrara no quarto<,>/) <nesse dia> <não abria ainda o consultório). O Rodrigues falhara. Não atinara com a vida. Ou a vida não atinara com ele. <a>/O\ mundo continuaria. À noite, o prazer, a bacanal continuariam. Rodrigues morreu e nesse dia nada se alterou. Carros, álcool, movimento, *lonarra. E o Rodrigues era um mundo como todos. E morreu. Ah! a vida! Esperar, esperar, esperar. E a morte espera-se também. O Rodrigues não quis esperar...

¹¹⁰⁴ [A] Rui sentia-se mais só.

¹¹⁰⁵ [A] mãe

¹¹⁰⁶ [A] <Mas> [↑ Porém] a sua alegria <†> [↑ ade]sava o nojo e o enfado de Rui.

¹¹⁰⁷ [A] falhasse a

¹¹⁰⁸ [A] [↑ O caminho!]

¹¹⁰⁹ [A] é nosso, de cada um. [↑ Descobri-lo antes que a terra seja estéril] E depois não o perder. Rui sente tédio por tudo. <E quando lança os braços numa esperança, recolhe-os sempre inúteis.>

na brandura incompatível com o seu desejo violento de lutar por um ideal forte e severo. Para ali estava agora, mergulhado nos cobertores enrugados, chorando como menino, enquanto no céu azul o sol límpido rolava numa promessa clara...¹¹¹⁰

「Naquela noite, a senhora Joana voltou, de rosto transparente,¹¹¹¹ entaipada no caixão. Mas logo Rodrigues se levantou 「acima dela, dominando-a, sereno.¹¹¹² Tinha uma pistola na mão 「e, devagar, quase risonho, disparou um tiro sobre si.¹¹¹³ Rui ainda viu o sangue 「esguichar em repuxo.¹¹¹⁴ Mas acordou num estremeção. Abriu a luz e limpou o suor. Depois leu, 「leu, e alta manhã conseguiu adormecer.¹¹¹⁵ E às 「dez¹¹¹⁶ horas a patroa resmungava para a sopeira:

- A estas horas e com a luz acesa... 「Olha que uma destas...¹¹¹⁷

¹¹¹⁸Secara-se o riso nos lábios do Rodrigues, aquele riso com que 「ele tanto gozara¹¹¹⁹ a vida. Seus anos de estudante começaram a alongar-se para além dos seus amigos 「e de si,¹¹²⁰ e foi no meio de reprovações 「que, já tarde,¹¹²¹ o vieram chamar para a quietude de uma casa com flores no jardim... Vieram chamá-lo e ele não pôde desprender-se 「das reprovações.¹¹²² Os amigos tinham partido. E partir 「era¹¹²³ deixar um rasto que se não sabe onde começa nem onde acaba. Um dia 「partiu¹¹²⁴ um... 「E um lugar no café, nas aulas, no cinema ficava vazio,¹¹²⁵ sem que ninguém mais o preenchesse. Outro dia partia outro... O mundo, 「para o Rodrigues,¹¹²⁶ começou então a

¹¹¹⁰ [omisso em A]

¹¹¹¹ [A] Naquela noite a Snr.^a Joana voltou [↑ de rosto] <no a> transparente

¹¹¹² [A] acima dela dominando-a sereno.

¹¹¹³ [A] e devagar quási risonho disparou um tiro <na cabeça> [↑ no peito].

¹¹¹⁴ [A] Esguichar em repuxo.

¹¹¹⁵ [A] leu<...>/\ [↑ <até a>/A\adormecer.]

¹¹¹⁶ [A] 10

¹¹¹⁷ [A] Olha que uma destas...

X

XX

<<- Faça favor de se servir mas> ²O Dr. Rui Antunes... ¹Minha mulher

- Oh! A... Muito prazer, <<m>/Jo\ana Lopes>

- Mas... O Snr. Dr...

... faça favor de dizer. Conhece-me não é? Eu creio que ,e recor>

¹¹¹⁸ [A] [fol. 195]

¹¹¹⁹ [A] [↑ ele tanto goza<v>/r\ a

¹¹²⁰ [A] e de si

¹¹²¹ [A] que os 30 anos

¹¹²² [A] das reprovações <e do violão>.

¹¹²³ [A] <é>/era\

¹¹²⁴ [A] partia

¹¹²⁵ [A] E <o>/um\ <seu> lugar no café, nas aulas, no cinema, ficava <ermo> [↑ vazio]

¹¹²⁶ [A] [↑ para o Rodrigues]

ser feito da distância, do longe infindo onde os olhos 「se perdem. A realidade que o rodeava perdera o encanto que lhe ateara¹¹²⁷ o riso descuidado. O mundo começava a ser o longe... 「E até¹¹²⁸ mesmo a Conceição ia perdendo a força de lhe desviar os olhos da fita 「do horizonte,¹¹²⁹ onde o nevoeiro tenro esbatia o gume 「das montanhas.¹¹³⁰ Quando Rodrigues atentava 「nela,¹¹³¹ sentia bem que seus olhos não paravam ali e a olhavam além da 「carne maçada,¹¹³² que outros tinham repisado. 「Ela¹¹³³ conhecia processos de lhe segurar os olhos para cá 「dos céus distantes.¹¹³⁴ Mas Rodrigues apenas se detinha 「por momentos, porque o riso se lhe fora secando nos lábios...¹¹³⁵ Quando cortou relações com a família («aquele 「malandro, a vida que¹¹³⁶ faz é andar metido com amantes; que se governe») sentiu em si uma força nova que o empurrava para o trabalho. E estudou. 「E ganhou dinheiro com explicações.¹¹³⁷ Fora por isso que a Conceição tinha procurado a sua companhia. Mas o tédio voltou depressa, e as noites começaram a encher-lhe a vida.

Era-lhe doce vaguear 「à beira do rio, a horas mortas, e ver as luzes espelhadas¹¹³⁸ nas águas. 「Nas ruas¹¹³⁹ reinava um sossego de cemitério e ele podia passeá-las à vontade. 「Calara-se a turba que de dia se gastava às cotoveladas, e os eléctricos dormiam, como túmulos,¹¹⁴⁰ espalhados pelas linhas. 「Tristes como espectros, agitavam-se, de longe em longe, vagas sombras de polícias.¹¹⁴¹ Só os candeeiros 「velavam, olhando os canais¹¹⁴² das ruas desertas e banhando-se nas águas serenas do rio... 「Às vezes,¹¹⁴³ Rodrigues entrava numa taberna 「escusa, para¹¹⁴⁴

¹¹²⁷ [A] se perdem[.] <e> <a>/A\ <realidade> [↑ realidade] que o rodeava perdeu o encanto que lhe ateara

¹¹²⁸ [A] [↑ E ↑ Até]

¹¹²⁹ [A] do horizonte

¹¹³⁰ [A] dos montes.

¹¹³¹ [A] nela

¹¹³² [A] carne maçada

¹¹³³ [A] <Mas> <e>>/E\la

¹¹³⁴ [A] dos <longe> céus distantes.

¹¹³⁵ [A] por <instantes> [↑ momentos], porque o riso se lhe [↑ fora] seca<ra>/ndo\ nos lábios...

¹¹³⁶ [A] malandro <o> [↑ a vida] que

¹¹³⁷ [A] E <deu lições> [↑ ganhou dinheiro com] explicações.

¹¹³⁸ [A] à beira do rio a horas mortas e ver <o reflexo das luzes> [↑ as luzes espelhadas]

¹¹³⁹ [A] <Pelas>/Nas\ ruas

¹¹⁴⁰ [A] <*Calaram-se> [↑ Calara-se] a turba que de dia se gastava <aos>/às\ cotoveladas, e os eléctricos dormiam como túmulos

¹¹⁴¹ [A] Triste[s] como <a alma> [↑ <†> espec]tros agita<r>/vam\ -se de longe em longe [↑ vagas] sombras de polícias.

¹¹⁴² [A] vela<m>/vam\ olhando os <†>/c\anais

¹¹⁴³ [A] Às vezes

¹¹⁴⁴ [A] escusa <para> para

entender melhor a noite. E, quando 「saía,¹¹⁴⁵ ele via outros mistérios nas ruas desertas e outros sonhos nos candeeiros do rio.

Só a Conceição continuava a ver 「na noite a vida¹¹⁴⁶ dura e o leito vazio.

Por isso ela se foi...

「... E outro rasto indeciso ficaria a falar de uma vida que não mais voltou.¹¹⁴⁷

Rodrigues podia envolver-se nos laços a que vinham ligadas as vidas dos mais novos. Podia tirar quatro; cinco anos à sua idade e acreditar 「na alegria das auroras estranhas.¹¹⁴⁸ Mas sentia-se sem 「vontade.¹¹⁴⁹ 「Tinha a vaga sensação de que passara e que a sua vida era uma sombra que os outros não conheciam.¹¹⁵⁰ O Rui, o Fernando, o Vaz... Suas vozes 「fugiram das outras vozes que vieram, para se recolherem¹¹⁵¹ aos ares calados dos sítios ermos. 「Era¹¹⁵² fácil ouvir o Vaz falar de 「futebol¹¹⁵³ no Penedo da Saudade ou 「no Choupal,¹¹⁵⁴ às horas mortas da noite. Fernando 「discutiria¹¹⁵⁵ Literatura e Rui 「falaria¹¹⁵⁶ de amores românticos 「em qualquer parte onde a vida se tivesse perdido...¹¹⁵⁷

「Nos Olivais, naquele quarto ermo e barato, Rodrigues sentia-se mais longe do mundo estranho e mais perto do seu. Vinham-lhe, no vento frio da noite, acordes antigos de um violão desferido. Era apenas o silêncio que sabia da sua vida, da vida que

¹¹⁴⁵ [A] saía

¹¹⁴⁶ [A] [n]a noite <como> [↑ a vi]da

¹¹⁴⁷ [A] <x

xx>

... E outro rasto indeciso fic<ou>/aria\ a falar duma vida que não mais vol<aria>/tou\.

x

xx

¹¹⁴⁸ [A] n<o>/a\ <encanto> alegria <douradas> das <†>/auroras\ estranhas.

¹¹⁴⁹ [A] <fôrça> vontade.

¹¹⁵⁰ [A] T/inha\ a vaga sensação <q>/d\ e que pass<†>/ara\ e que a sua vida <é>/era\ uma sombra que os outros não conhec/iam\.

¹¹⁵¹ [A] [↑ tinham] <fugiam>/fugido\ das outras vozes que vieram [↑ para se] <a> recolh<iam>/erem\<se>

¹¹⁵² [A] <É>/Era\

¹¹⁵³ [A] futebois

¹¹⁵⁴ [A] no Choupal

¹¹⁵⁵ [A] discutir[i]a

¹¹⁵⁶ [A] falar[i]a

¹¹⁵⁷ [A] <na>/em\ qualquer parte <qu>/on\ de a vida se <*tenha>/tivesse\ perdido...

fora sua. Por isso a terra o chamava com um aceno magoado e lhe abria o seio onde o silêncio não morria. Por isso ele se matou...¹¹⁵⁸

‘Foi ao escurecer. A tarde estava cheia de uma cor baça que sufocava. Frio. O quarto nu e sujo, a cama achocalhada com a roupa num rodilho. Pontas amarelentas de cigarro pelo chão. Lá fora, o vento uivando. Rodrigues não saía agora do quarto, e mal se alimentava, rosto envelhecido, forrado de uma barba rala e nojenta. Lá fora, o vento uivando. De olhos vagos, poisou a mão na mesinha de cabeceira, tacteando. Depois a mão ficou parada, e os olhos saíram pela janela estreita, lá para baixo, para o longe. Escurecia. Luzes medrosas começavam a pintalgar a mole cinzenta que ia enegrecendo. Só. Rodrigues enfiou as mãos nas calças folgadas e despegou-se da janela. De um lado para o outro, olhos pregados no chão imundo, ele batia largas passadas de enjaulado. Tudo fora morrendo. Coimbra do sonho e das guitarradas... Lá estava em baixo, embrulhada em nevoeiro, longe, longe, perdida para sempre, perdida! Dos olhos apagados de Rodrigues subia um grito rouco e cansado. Para quê? Tudo se fora. Vida insuportável. Sem dinheiro, fome, e uma vontade mole que o não arrancava do quarto imundo, cheio de pontas amarelentas de cigarro.

Deitou-se sobre a cama, olhando a noite que se coava pela janela estreita. Seu peito arfava. Cansado! oh! cansado e uma loucura brutal, um desejo desesperado de acabar com tudo aquilo de uma vez, arrancar num último esforço... Sua mão tremente sondou a gaveta da mesinha, remexeu papéis e estacou ao contacto de uma coisa fria... Tinha-a comprado há tempos; tantas vezes precisou de dinheiro, mas não a vendeu, porque ela era a libertação. Sua mão estacou. Olhos grandes, apavorados, alargaram-se

¹¹⁵⁸ [A] [x

xx

Nos Olivais naquele quarto ermo e barato, Rodrigues sentia-se mais longe do mundo <o alheio> [↑ estranho] e mais perto do seu. Vinham-lhe no vento frio da noite acordes antigos dum violão desferido. Era [↑ apenas] o silêncio que sabia da sua vida, da vida que fôra sua. Por isso a terra o chamava com um aceno magoado e lhe abria o seio onde o silêncio não morria. <Do seu corpo desfeito nasceriam talvez flores que os outros colheriam.> Por isso ele se matou...

x

xx] [*Acréscimo no verso da folha com a indicação (Volte)]*

da sombra que atulhava o quarto. Suor frio. De terror. Então Rodrigues levantou-se e acendeu o candeeiro. Mas agora as sombras eram mais terríveis porque dançavam na parede branca... Como fantasmas. Um terror novo inundou de água o corpo de Rodrigues. Tinha de ser. Farto, cansado! Levantou-se como um doido, correu à janela para respirar vida e fugir daquele terror que lhe eriçava os cabelos ensopados. Mas a janela punha mais longe a vida que ia findando. Rodrigues veio, furioso, tresloucado, agarrou no candeeiro e estilhaçou-o no chão. Mas a torcida não se apagava e punha ainda, na parede, a dança das sombras. Cego, alucinado, calcou a luz, os vidros, rasgou os pés. Depois deitou-se de novo na cama, esbaforido, ouvindo o vento, aquele vento que se não calava mais, que o enchia de medo. Falhara, sim, mas agora era tarde para emendar o que fizera. Tarde! Caminho perdido nos tropeções de cada dia, naquele desejo sem fim de viver o sonho fácil e ligeiro das horas corridas. Caminho perdido...

Rodrigues revolvía-se na cama, afrontado com as imagens de outra eras que agora o vinham atormentar. Não, não! Ele passara, e estava agora ali, derrotado, sozinho, cheio de fome, com a barba rala forrando-lhe a cara envelhecida. Seu quarto tresandava da urina vertida, dos lençóis sujos, daquele esterco acumulado, porque Rodrigues não tem dinheiro para pagar a ninguém que lho limpe, nem vontade de sair daquele torpor. O vento uivava na solidão medonha. Rodrigues não podia mais. Seu braço emagrecido trouxe da mesinha de cabeceira a coisa fria que a mão palpara. E um tiro soou na solidão medonha. Tiro que alguém ouviu.

Rodrigues não morrera logo. Levado à pressa para o hospital, contorcia-se nas dores da agonia, boca arreganhada numa aflição horrenda, baba e sangue escorrendo, afogando a boca, as narinas, os olhos que estoiravam na angústia do fim.

Tudo se tentou para o salvar. Mas a terra chamava-o com um aceno magoado e o vento falava de uma vida perdida. Por isso o Rodrigues partiu.

Para não mais voltar.

「- Minha mulher... O doutor Rui Antunes...

- Oh!... muito prazer.

- Mas... o senhor doutor...

- ... faça favor de dizer... Conhece-me, não é verdade? Eu creio que me recordo também...¹¹⁵⁹

¹¹⁵⁹ [A] [fol. 196] <do também...> [x]

Rui não se admirava já de nada. Tudo era lógico e natural neste mundo.
「Sobretudo, este caso não lhe limpava do crânio¹¹⁶⁰ a imagem do Rodrigues morto.

「Joana deu um franzido investigador à testa:¹¹⁶¹

「- O senhor doutor não era aquele rapaz que costumava falar com...

-... com a Amélia; exactamente.¹¹⁶²

- Não... quer dizer, sim, mas... não costumava 「andar também¹¹⁶³ com a Luísa?

Luísa! 「Luísa morta, pálida, seca, com algodão em rama na boca. Luísa. A senhora Joana. Rodrigues. Rui empalideceu mais. E murmura:¹¹⁶⁴

- Sim, de facto... 「com a Luísa.¹¹⁶⁵

Mas Julião surpreendera o amigo naquele embaraço:

「- Afinal vocês já se conheciam. É curioso. Mas você, Rui, você hoje tem coisa. Acho-o diferente.¹¹⁶⁶ Doença?

「Rui irritou-se intimamente. Queria sorrir. Queria dizer que «não, nada disso, está tolinho, homem de Deus; doente, eu? Sempre rijo e fero». Sempre rijo... Mas não achou uma resposta adequada. E arrastou um:¹¹⁶⁷

- Não...

Houve um momento de silêncio. Joana solucionou:

- Bem; agora, se me dão licença...

- Ora essa, minha senhora...

「Momentos depois,¹¹⁶⁸ Joana reentrava na sala.

「- Em querendo...¹¹⁶⁹

xx

- Minha mulher... o doutor Rui Antunes

- Oh! A.. muito prazer

- Mas... o senhor doutor...

- ... faça favor de dizer... Conhece-me, não é verdade? Eu creio que me recordo também...]

[*Acrecento no verso da folha com a indicação (Volte)*]

¹¹⁶⁰ [A] De resto êste caso não lhe riscava

¹¹⁶¹ [A] [↑ Joana deu um franzido investigador à testa:]

¹¹⁶² [A] - O Snr. Dr. não era aquele rapaz que costumava falar com

- ... com a <Luíza>/Amélia; exactamente.

¹¹⁶³ [A] também andar

¹¹⁶⁴ [A] Luíza morta. Pálida, sêca, com um <pacho> [↑ parche <(?)>] de algodão na bôca. Luíza<!/>.\ A

Snr.^a Joana<!/>.\ Rodrigues<!/>.\ Rui empalidecera mais. E murmurou:

¹¹⁶⁵ [A] [↑ com] a Luíza

¹¹⁶⁶ [A] <- Homem tu estás> [↑ - Afinal vocês já se conheciam. <Sim. Mas tu> É curioso. Mas tu, homem, tu...] hoje tens coisa. Acho-te diferente.

¹¹⁶⁷ [A] Rui <sorriu:> [irritou]-se intimamente. Queria sorrir. Queria dizer que «não, nada disso estás tolinho homem; doente eu? Sempre rijo e fero» Sempre rijo... Mas não achou uma resposta adequada. E <mur> [↑ arras]tou-se[:] <*um>

¹¹⁶⁸ [A] Momentos depois

Julião ajudou:

- Vamos já.

Era pequena a sala de jantar. A mesinha quadrada coberta de doces. Louças novas. Um ar de intimidade e de 「aconchego」.¹¹⁷⁰ 「Julião, Joana e Rui」.¹¹⁷¹ Uma criada discreta e previdente rondando.

- Pois veja a Sra. D. Joana o que é o mundo (Julião pensa: aí temos nós filosofias). 「Separaram-se duas pessoas e encontram-se」¹¹⁷² de novo quando mal se descuidam. (A frase não saiu bem, pensa Rui). Afinal isto é bem pequenino.

「- Sim, de facto...」¹¹⁷³

「- A Sra. D. Joana dava-se, claro está, dava-se muito com a Luísa?」¹¹⁷⁴

- Bastante. Éramos colegas. 「Coitadita」.¹¹⁷⁵

E uma tristeza vaga toldou o ar. Julião sacudiu:

- Mas a que propósito falam tanto vocês nessa tal Luísa?

Rui tomou um gole de chá. Joana mediu-o. Ambos pensavam na resposta. 「Rui conformado (onde ia essa história...)」¹¹⁷⁶ desatou:

- Umas das minhas coisas de... rapaz 「(ia a dizer «de maluco», mas Julião não podia ser maluco. Ele estava ali casado e satisfeito).」¹¹⁷⁷

Joana, expedita, continuava:

- E afinal... 「desculpe se o aborreço, mas há já tanto tempo que...」¹¹⁷⁸

「- Ora! Mas não aborrece nada.」¹¹⁷⁹

- 「Era」¹¹⁸⁰ só uma coisa...

「- Ó menina, que mistérios... Ó Rui tome mais uma chavenazita, hem? Tome, que história!」¹¹⁸¹

- Por favor.... por favor... pronto, 「chega, obrigado.」¹¹⁸²

¹¹⁶⁹ [omisso A]

¹¹⁷⁰ [A] conchego.

¹¹⁷¹ [A] Julião Joana e Rui.

¹¹⁷² [A] Separam-se duas pessoas encontram-se

¹¹⁷³ [A] - [↑ Sim,] <D>/d\e facto...

¹¹⁷⁴ [A] - A Snr.^a D. Joana dava-se [, ↑ claro está, dava-se] muito com a Luíza?

¹¹⁷⁵ [A] - Coitadita

¹¹⁷⁶ [A] Rui tomou um gole de chá. Joana mediu-o. Ambos pensavam na resposta. Rui, <desatou> [↑ confor]mado (onde ia essa história...) desatou:

¹¹⁷⁷ [A] (ia a dizer de «maluco». Mas Julião <↑ maluco> [↑ não podia] ser maluco. <E> <e>/E\le <ali> estava [↑ ali] casado e satisfeito)

¹¹⁷⁸ [A] desculpe se o incomodo, mas já <vai tudo> [↑ há tanto] tempo que...

¹¹⁷⁹ [A] [fol. 197] Ora! Mas não incomoda nada

¹¹⁸⁰ [A] <↑>/Era\

¹¹⁸¹ [A] - Ó menina, que mistérios...

<->Ó Rui toma mais uma chavenazita, einh? Toma, que história!

「- Era isto, pronto afinal quanto tempo se namoraram ainda?¹¹⁸³

Rui estudou Joana. Mas via-a calma e inocente. Ela não fazia a pergunta 「para troçar.¹¹⁸⁴

「- A senhora D. Joana fala a sério?

- Ora.... Porque pergunta isso?

- Mas... nós não nos namorámos.¹¹⁸⁵

E foi um espanto em Joana.

「(- Coma destes doces, Rui. Prove.¹¹⁸⁶

- Obrigadinho).

Rui mal ouvia.

- É curioso... Eu estava convencida. Ela falava tanto em si. Gostava... não sei se 「ela¹¹⁸⁷ me chegou a dizer... aquilo era um cofre, 「mas creio que gostava e muito... Tem graça. Convenci-me.¹¹⁸⁸

Rui bebe chá. Bebe, bebe. 「Enxuga o fundo da chávena. Se lhe oferecessem mais,¹¹⁸⁹ talvez aceitasse. Mas ninguém oferece 「(se ele¹¹⁹⁰ nem queria tomar aquele). Joana esperava uma resposta. Mas Rui murmurou apenas: «sim... é possível».

A morte de Luísa foi ontem, 「precisamente,¹¹⁹¹ ontem. Hoje vai a enterrar. E Rui sente um desespero que 「o embebe¹¹⁹² em ódio. Ódio! Luísa morrera. E ela 「amava-o talvez.¹¹⁹³ Ele amava-a. O destino estupidamente separara-os. Luísa morta. O cadáver repugnante. 「Mas¹¹⁹⁴ ela era bela. Loura. E dizia coisas curiosíssimas... A Luísa... E o mundo não reparava nisto. Ninguém reparava. Ninguém o lamentava. E ele tinha o direito de viver. VIVER! Ser como os outros, ter razões fortes para andar satisfeito. 「Beber sol, ar, luz!¹¹⁹⁵ O mundo não via 「(Um salto).¹¹⁹⁶ Rui toma chá. Onde isso já vai... 「Felizmente.¹¹⁹⁷

¹¹⁸² [A] Chega <muito> obrigado<)>

¹¹⁸³ [A] Era isto pronto[...] [↑ afinal] quanto tempo se namoraram<?>/a\inda?

¹¹⁸⁴ [A] para troçar. <Mas...>

¹¹⁸⁵ [A] - A Snr^a D. Joana fala a sério?

[↑ - Ora.... Porque pergunta isso?] - Mas... nós não nos namorámos

¹¹⁸⁶ [A] (- Come destes doces rapaz. Prova.

¹¹⁸⁷ [A] [↑ ela]

¹¹⁸⁸ [A] mas [↑ creio que] gostava <m>/e\ muito... Tem graça [.] <↑>/Convenci-me\

¹¹⁸⁹ [A] <Sorve o fundo> [↑ Enxuga o fundo] da chávena<, >. <s>/S\ e lhe oferecessem mais

¹¹⁹⁰ [A] [* (Se)] <E>/e\le

¹¹⁹¹ [A] precisamente

¹¹⁹² [A] <lhe>/o\ embebem

¹¹⁹³ [A] amava-o [↑ talvez].

¹¹⁹⁴ [A] <E>/M\as

¹¹⁹⁵ [A] Beber sol, ar, luz.

「- Pois dou-lhe os parabéns, Julião. Um lar, sim, senhor.¹¹⁹⁸ (Joana já estava com medo daquela cara escavada e pálida, daquele sobrolho fero. Agora animou. 「O Rui¹¹⁹⁹ gabava a felicidade de Julião).

-... um lar? Porque não arranja você o seu? Já não vai de muito novo...¹²⁰⁰

Joana sorria. Julião confiou-lhe:

- Sabes que 「o Doutor Rui tem uma fobia pelo casamento, que alto lá com ele?

1201

- Então mudou muito.

「- Sem dúvida,¹²⁰² minha senhora (sentiu-se vaidoso).

Mas Joana 「continuou:¹²⁰³

- Em Coimbra...

E num terror:

「- E a Amélia? coitada... enfim, coisas da vida.¹²⁰⁴

- Mas... a Amélia... Ela não casou?

- Pois casou. 「Isso é que foi o mal... Depois o resto... Mas não sabe?¹²⁰⁵

「- Nada. Não sei nada.¹²⁰⁶

「- Pois morreu.¹²⁰⁷

- Morreu?

「- Eu, pelo que me contaram, creio bem que... coitadita, desgostosa, o marido era assim... rude...¹²⁰⁸

「- Suicidou-se?¹²⁰⁹ (Porquê esta pergunta estúpida? O Rodrigues!)

「Joana esboçou uma dúvida que pareceu, a Rui, uma confirmação.¹²¹⁰

- Quem me contou foi uma pessoa minha amiga que os conhecia...

¹¹⁹⁶ [A] [(Um salto.)] <Dez anos.>

¹¹⁹⁷ [A] Felizmente. <(Outro salto)>

¹¹⁹⁸ [A] Pois <digo-lhes> [↑ dou-<lhes>/te\ os parabens, <(outro salto)> rapazinho. Um lar, sim senhor.

¹¹⁹⁹ [A] [↑ O Rui]

¹²⁰⁰ [A] -... um lar<,>/? Porque não arranhas tu o teu? <não>/Já\ não vais de muito novo

¹²⁰¹ [A] o Dr. Rui <é um celibatário †*inco> [↑ tem uma fobia pelo cas]amento, que alto lá com ele?

¹²⁰² [A] - Sem dúvida

¹²⁰³ [A] continuou: <(E num terror: E a Amélia)>

¹²⁰⁴ [A] - E a Amélia? ... <Veja...> [↑ coitada] ... enfim, [↑ coisas da] <a> vida

¹²⁰⁵ [A] < Foi uma asneira.> [↑ Isso é que foi mal...] <Mas<... Não sabe?> [↑ o pior<...> /foi\ aquele desastre>> Depois o resto... Mas não sabe?

¹²⁰⁶ [A] <Nada.>/Nada\; não sei nada.

¹²⁰⁷ [A] <Morreu> Pois morreu.

¹²⁰⁸ [A] - Eu, <não acredito. Sabe que ela é duma terreola> [↑ pelo que me contaram, creio bem que... coitadita, desgostosa, o marido era <rude>/assim\... rude...

¹²⁰⁹ [A] <-*Mato>/Süici\dou-se?

¹²¹⁰ [A] <E>/Joana <exibiu> [↑ esboçou] uma dúvida, que era uma afirmação.

¹²¹¹ Rui não pensa. Não sabe pensar em nada, nada. 「Sente frio ou o que quer que seja parecido. Julião sacode-o:」¹²¹²

「- Ora veja você como hoje recebeu」¹²¹³ tantas novidades. Afinal vocês eram conhecidos e reconhecidos, 「sem eu saber.」¹²¹⁴

Mudou de tom:

「- Pois, meu caro, a vida」¹²¹⁵ começa agora...

Começa agora? Para Rui era como se acabasse. Tudo se 「diluía」¹²¹⁶ numa saudade do que não 「volta mais, nunca mais.」¹²¹⁷ A vida começa agora... Não; ele tinha vivido. E agora vivia apenas do gosto de se imaginar nos outros tempos (e ele nesses tempos sofria). Vivera. Mas não: a vida, para ele, fora afinal aquela contínua projecção no futuro: amanhã! A felicidade tinha sempre 「amanhã.」¹²¹⁸ Agora sentia-a no passado: ontem. A vida fora 「ontem.」¹²¹⁹

Passaram a outra sala. Palavras vagas, erradias. Rui pensa: «Já estou a massacrar estes indivíduos; e devem querer ir cedo para a cama».

- Bom... (preparava-se para se erguer).

「- Homem, deixe-se estar,」¹²²⁰ ainda é cedo.

Joana pensa: 「«deixá-lo ir embora. Assusta uma pessoa. Parece meio maluco».」¹²²¹

- Não; são horas (decidiu-se). MUITÍSSIMO obrigado. E... felicidades (sorriu frouxo).

Um arrastar lento de cadeiras.

「- Qual obrigado? De nada... E apareça, hem?」¹²²² Afinal somos todos conhecidos... 「Você não é um estranho, ouviu? E case-se, meu caro, case-se.」¹²²³

Joana sorriu delicadamente.

¹²¹¹ [A] [fol.198]

¹²¹² [A] <Julião acorda-o:

- Ora vê tu> [↑ Sente frio ou o] <que> quer que seja parecido. Julião acorda-o> [↑ sacode-o:]

¹²¹³ [A] - Ora vê tu como hoje <soubeste coisas> [↑ recebeste]

¹²¹⁴ [A] sem <↑>/eu saber\.

¹²¹⁵ [A] - Pois rapaz. A vida

¹²¹⁶ [A] dilue

¹²¹⁷ [A] não volta nunca [↑ mais,] nunca [↑ mais.]

¹²¹⁸ [A] amanhã.

¹²¹⁹ [A] ontem.

¹²²⁰ [A] - Homem, deixa-te estar;

¹²²¹ [A] <*oxalá é simpático o rapaz, mas <parece> [↑ mete]> [↓ deixá-lo ir embora. Assusta uma pessoa. Parece meio maluco.]

¹²²² [A] Qual obrigado, homem? És tolo. Aparece, ein?

¹²²³ [A] não és um estranho, ein? E casa-te, rapaz, casa-te

Cá fora o frio. Lâmpadas tristes 「meditando¹²²⁴ às esquinas.

A Amélia! Mas porque custa tanto a encontrar o 「caminho¹²²⁵? Tantos se perdem. O marido era rude... Afinal Amélia era bem outra. Se o Rui a tivesse compreendido! Caminhos ásperos, 「difíceis, os deste mundo.¹²²⁶ E a gente pisa-os tanta vez e não os reconhece nossos. 「Quem sabe se não perdera aqueles dois: Luísa, Amélia?¹²²⁷ Mas Luísa 「perdera-a¹²²⁸ o destino. Amélia! 「Ela apressara a chegada,¹²²⁹ porque errara. 「E sentiu, decerto, em si,¹²³⁰ o ardor infrene de quem quer achar, achar. 「Negra sorte¹²³¹ a de andar à procura, eternamente à procura. 「E a vida afinal reduzia-se a isso apenas: procurar.¹²³² Mas... Rodrigues: 「«há sempre um meio de liquidar o assunto...»¹²³³ 「Era a fuga.¹²³⁴ E Rui a princípio não o 「queria entender¹²³⁵. 「Era a fuga! Oh! braços mortos!¹²³⁶ Braços estendidos em ar de quem pede sempre e não recebe esmola! Braços cansados! O mundo era feito de braços estendidos! 「E vivia! Era a viagem!¹²³⁷ 「Esperar, esperar, esperar! E a morte espera-se também.¹²³⁸ O Rodrigues não quisera esperar. Nem a Amélia. 「A mãe, a Luísa, Rodrigues e Amélia!¹²³⁹ Companheiros do deserto... Para quê continuar a escorregar na areia movediça? 「A chegada tarda!¹²⁴⁰ Tarda! 「A inutilidade. Marcando todos os actos,¹²⁴¹ mesmo os generosos. Virtude, vício: 「aspectos da mesma viagem inútil.¹²⁴² E a viagem tinha uma chegada, uma terrível 「e forçosa chegada. Para quê esperar?¹²⁴³

¹²²⁴ [A] a sonharem

¹²²⁵ [A] <↑>/caminho\

¹²²⁶ [A] difíceis os dêste mundo.

¹²²⁷ [A] <Dois perdidos:> [↑ Quem sabe se não perdera aqueles dois:] Luíza, Amélia?

¹²²⁸ [A] perdera-a <o>

¹²²⁹ [A] Ela <fugira> [↑ apressava a chegada]

¹²³⁰ [A] E sentiu decerto em si

¹²³¹ [A] Triste luta

¹²³² [A] E a vida afinal era isso: procurar.

¹²³³ [A] «Há sempre um meio de [↑ fazer] esquecer»...

¹²³⁴ [A] Era a fuga<.>[.] <a partida.>

¹²³⁵ [A] entendera

¹²³⁶ [A] Era a fuga. Ah! braços mortos.

¹²³⁷ [A] E vivia! <Depois> <e>/E\ra a viagem! Esperar, esperar, esperar! E a morte espera-se também.

¹²³⁸ [omisso em A]

¹²³⁹ [A] A mãe, <Rodr>/Luíza\, Rodrigues e Amélia!

¹²⁴⁰ [A] A <viagem> [↑ chega]da tarda!

¹²⁴¹ [A] Uma inutilidade chap<ava>/a\se em todos os actos

¹²⁴² [A] <etapas> [↑ aspectos] da [↑ mesma] viagem [↑ inútil].

¹²⁴³ [A] [↑ e forçosa] chegada <que ía> [↑ Para quê esperar?]

「Rui entrou no quarto e esteirou-se na cama, pensando:

- Afinal estás na mesma, meu caro Rui, precisamente na mesma... Morreu o Rodrigues e lacrimaste, disseram-te que a Luísa te gramava e insultaste o destino que ta roubou, contaram-te que Amélia morreu e estava a ver que resolvias enforcar-te.

- Um canudo! Não sei que isto seja. A gente muda, acabou-se.

- Mas você não tinha um ideal de vida conquistado?

- Tinha, e daí?

- E daí? Daí não se compreende que perdesse o equilíbrio com o que soube ultimamente. Que lhe importava que a Luísa gostasse ou não gostasse de si? Pois você casava com ela?

- Não sei! Mas cala-te que me ralas o bicho do ouvido.

- Mas não se lembra do que disse ao Julião?

- Era despeito, talvez! Mas tu não acabarás?

- Não era nada! Era um ideal mais alto. Viver para os outros. Então, amigo Rui, essa coisa das misérias dos outros? Já te não comove?

Rui não respondeu a si mesmo. Sentia que dentro de si continuava a negar-se com uma facilidade pasmosa. Negra sorte. Ele nunca poderia dizer a ninguém: «sou isto». E continuaria, agora e sempre, a rolar aos pés do mundo como bola se trapos.

Todo o reajustamento de sua vida estava falhando. Sempre que tinha de pôr à prova as resoluções tomadas, o mundo revirava-se e Rui sentia então que se tinha mentido. Ele não via razão para ser crente e era-o; ele quisera sentir as dores do mundo e não tirava os olhos de si; ele desejava viver para um ideal e gastava-se errando ao sabor dos ventos.

Para ali estava agora, rendido, sentindo, com amargura, que nunca se poderia entusiasmar por nada, que a vida perdia toda a significação quando ele a olhasse para lá dos seus próprios olhos. Bem sabia que era um mal. Mas ele não nasceu talhado como convém. Por isso lhe apetece descarregar murros na sua cabeça abalada, e esmagar aquele cérebro sempre incendiado por tanto sonho vazio.

Sonho vazio... Então dentro dele pulou de novo a mola raivosa que o fez sentar bruscamente. Tinha de acabar, de uma vez para sempre, com aquele comédia. Nunca! Rui não ia ceder! Não! Dedos crispados, olhos estoirando e uma vontade rija, arrancando com a potência bruta que arrasa, rompe furiosamente... Não! Com a força plena de um desespero sem fim. Não! Ele não pode ficar eternamente à mercê de qualquer vento que sopra. Ele lutou com a ferro por seguir o rumo que reputou melhor. E não ia agora fracassar. Nunca! Tinham-no posto no mundo e havia de cumprir a sua missão. Luísa, que importa? Soldado caído... Amélia, Rodrigues e todos, todos os que lhe tinham passado pela vida, seriam soldados mortos na luta que não morria. Não, Rui não fracassou. Porque ele não quer. Com toda a potência da sua vontade forte. Vieram-lhe, num repente, os estremecimentos antigos, porque a lembrança da vida, que fora sua, o fez recuar e perder a experiência acumulada. Mas Rui não é mais criança. Não! Ele sabe que a luta é de todos, que a vida se não parte pelos homens mas os absorve a todos por igual, num interesse único, numa força indivisível. Nunca mais os seus olhos chorarão a própria desventura, fechados na tristeza de um viver isolado.

Sim, tudo passou. Porque o peito da pobre tísica continua estalando com a tosse, pelo tempo fora, porque o cavador se desmembra removendo o pedregulho, e o portão da fábrica engole, cada manhã, centenas de operários. Rui não pode ficar-se mais a chorar as suas próprias dores que se afundam no sofrimento da humanidade. Sim, tudo passou. Tudo tinha de passar. Não seria aquela quebra que iria destruir a luta de tantos anos que Rui viera lutando. Tinham-no posto no mundo. E quando se descobriu, reconheceu que só a própria razão lhe podia iluminar os caminhos apontados. Por isso ele escolheu por si. Seu rumo já foi traçado. E agora, nem que os ventos soprem rijo, e os raios se cruzem e os homens o desfibre, nem que o céu se rasgue e a terra vomite castigos desconhecidos, Rui não se desviará daquele caminho recto que a sua razão traçou. Nem que estoire!

Ele o espera. Sim, ele o espera...

Levantou-se reconfortado e abriu a janela. Ao fundo da vila, a silhueta da Fábrica Grande recortava o céu escuro.

Coimbra, Janeiro 1939

Melo, Dezembro¹²⁴⁴

1244

[fol. 199] x

xx

Não valia a pena o Julião sacudi-lo, dar-lhe palmadinhas nas costas: «homem. Deixa-me esse caso de entêrro!» [(] O entêrro seria breve e pobre. Quatro homens. O Julião. O vento sinistro silvando nas varetas das árvores.[)]

x

xx

Fechava o consultório cedo. Os colegas também o guerreavam: era o dever de ofício. Parecia não querer importar-se. Rareava o dinheiro. <Para> >Não tinha> [↑ Estava bem: não] valia a pena incomodar-se. Para quê pois aquela ida por uma noite sombria e gelada a um casebre distante? Era um enfermo escaveirado. Casa térrea atulhada de crianças. A mulher rezava. E rezava também ao «Snr. Doutor». Uma miudinha e olhos tristes, dobrada a um canto, de mãos dadas, a tiritar.

- Vá amanhã ao meu consultório para lhe dar o remédio

- Ai Nosso Senhor... E quanto é senhor doutor?

<-> Vida! Esta gente viajava desconfortavelmente. Ah! Mas a chegada!

- <Não é>/Não\ é nada. Tome. Compre de comer. Coma, comam! Tome mais, mais.

A mulher olhava aterrorizada. O Snr. Dr. <estava doido com certeza.> [↑ não estava em seu juízo]

<A criada bate à porta do quarto de Rui

- Senhor doutor, são horas do almoço

Em baixo gargalhavam os comensais

- Senhor doutor, são horas (talvez não esteja[...] mas a janela está fechada. Melhor será não o acordar)

Duas horas depois, a patroa:

- Senhor doutor.

Silêncio.

A patroa <abriu> [↑ sacudiu] a porta[.] <de vaga> Outra vez com fôrça. A porta cedeu. Entrou (era a confiança de <meses> [↑ anos] de convívio) Abriu as janelas. Um grito agudo varou a casa. Houve um borborinho. Gente acorreu. E todos viram trespassados de terror um rapaz magro, inteiriçado, de olhos abertos e rosto contorcido numa dôr. O Rui <tinha> [↑ antecipara a] chegada da sua viagem. Na rua um cauteleiro apregoava a sorte grande.

x

xx

O entêrro <foi pobre.> Te<ve>/ria\ grande acompanhamento. Os <colegas> médicos da vila i<am>/riam\ graves e contristados: [↑ «uma pena, um rapaz novo, inteligente»] Julião levou a chave da urna. O sol de inverso <rebl> rebrilhava e o vento <açodado> refinado zunia nos ciprestes.

Fim 29-XII-939>

[X

XX

Viera o tal dia que devia ser diferente. Rui começa a ouvir os gritos de espanto da dona da casa e o mesmo doa colegas:

- Uma pena... um rapaz novo, inteligente.

Julião, consternado, traz no rosto a noite de vigília e o mêdo da morte que hão-de vir. <O>/A\ sua amizade abre-se em mil cuidados que <tornarão o entêrro> [↓ chamarão a atenção de todos para aquela festa de luto. Aquela amizade que há-de ir visitar nos primeiros dias o fundo gelado da cova. Tudo voltará depois à vida esquecida. E [↑ virão] outros dias de inverno com o sol frio a rebrilhar o vento refinado a zunir nos ciprestes...

X

XX

Mas o dia fôra igual porque Rui não te<râ>/ve\ [↑a] coragem de o tornar diferente. Se ele nunca tivera coragem e fôra sempre um cobarde... Um cobarde!

Por isso a chegada

Por isso o deserto ficou.

Por isso os seus passos continuaram a perder<-se no deserto imenso> -se na areia inútil do deserto imenso...

X

XX

Foi justamente daí a dias que o Luiz concluía as provas de doutoramento na Faculdade de Direito.

Coimbra 11-I 1939

Melo 29-XII] [*Acrescento no verso da página com a indicação (Volte)*]

Parte II

Tessitura da escrita no manuscrito *O caminho fica longe*

Toute expérience de la génétique prouve que (...) l'écriture interagit fortement avec son support.

Daniel Ferrer

O manuscrito de *O caminho fica longe* é muito complexo. A diversidade de utensílios de escrita usados na redacção de uma primeira versão e nos vários momentos de reescrita, a inclusão de fólios dactiloscritos, fólios ou partes de fólios a tinta preta, azul (três tonalidades), verde e a grafite, e ainda recorte de imprensa em colagem, tornam a sua análise um desafio pois vão ser elementos fundamentais para a compreensão e estudo da *tessitura* do romance.

Daniel Ferrer, no texto “le matériel et le virtuel”, reforça o objecto dos estudos genéticos:

(...) la génétique ne peut se détourner de la matérialité du manuscrit, ni épurer le foisonnement du brouillon dans l'espoir de se constituer un objet idéal débarrassé de sa «gangu» - mais son objet n'est pas lui-même un objet tangible, puisqu'il s'agit d'un processus dont les différentes étapes sont incomplètement incarnées par des vestiges textuels. Inséparable à la fois des documents matériels à travers lesquels il se laisse appréhender, sur le mode de la présence-absence, et des univers virtuels successifs qu'il projette au fur et à mesure de son déroulement, cet objet a un mode d'existence très singulier.¹

No desenvolvimento desta parte, organizámos a nossa reflexão em torno da materialidade do manuscrito, dando conta das idiossincrasias da escrita vergiliana, da quarta dimensão – a inscrição temporal, segundo Pierre-Marc de Biasi – nos fólios, tentando interpretar as emendas quanto à natureza e razão subjacentes.

¹ “Le matériel et le virtuel: du paradigme indiciaire à la logique des mondes possibles” in *Pourquoi la critique génétique? méthodes, théories*, Paris, CNRS, 1998, p. 29.

1. Materialidade do manuscrito

Escrever é não saber para saber.

Vergílio Ferreira

Apresentamos, em seguida, dois quadros iniciais que tentam dar conta da materialidade, a que chamámos **Cores da escrita** e **Diversidade de registos da numeração dos fólhos**. O primeiro permitirá, num espaço considerado reduzido, ter uma visão geral das intervenções ao nível dos instrumentos de escrita e reescrita utilizados, da numeração e renumeração dos fólhos, estabelecendo ainda a relação entre as cores, a paginação e os capítulos. O segundo, com a imagem da numeração dos fólhos acantonada à direita, mostra como esse registo retrata as costuras de vários momentos de escrita do manuscrito do romance.

Os fólhos estão numerados de 1 a 199 no canto superior direito, no rosto. Porém, pelo quadro apresentado, podemos verificar que há fólhos cuja paginação foi corrigida (cerca de dois terços), outros fólhos com dois números (fol. 14 e 15, por ex.), outros cuja numeração compreende vários números (fol. 72-75), outros com desdobramentos (fol. 67A) e outros ainda sem paginação.

Geralmente a tinta usada na primeira numeração é a mesma da redacção do texto. Pela verificação do instrumento de escrita usado na redacção e na numeração dos fólhos, concluímos que o autor numera ou no início da redacção do fólho ou quando passa para o seguinte, isto é, no fim da escrita do fólho. Podemos recorrer à numeração inicial do fol. 125/171\, para exemplificar este procedimento. A redacção do fim do capítulo 7 foi feita a tinta azul, a mesma com que vinha escrevendo desde o fol. <99>/145\, após uma pausa, a redacção é retomada com tinta preta, e iniciado o oitavo capítulo. Este fólho encontra-se numerado a tinta preta.

Quanto aos fólhos não numerados, encontramos-los nas seguintes situações:

Cores da escrita

Foll.	preto	verde	azul	lápiz	
1		AE			Primeira parte
2	A E	E			
3	AE	E		E	
4	DE		E		
5	D	E	E	E	
6	DE	E			
[6V]	AE	E			
7	DE	E	E	E	
[7V]	AE	E			
8	DE	E	E	E	
9	DE	E		E	
10	DE	E	E	E	
11	DE	E			
[11V]	AE	E			
12	DE	E	E	E	
12V	AE	E			
13	DE		E		
14-15	DE		E		
[15V]	AE	E			
16	AE	E		E	2
17	AE	E			
18-21	AE	E			
21	AE	E			
22	AE	E			
23	AE	E			
24	AE				
<26>/25\	AE				
27					4
28	AE	E			
29	AE				
30	AE	E			
[30V]	AE				
31	AE				5
32	AE	E			
33	AE	E			
34	AE	E			
38	AE	AE		E	6
39		AE			
40		AE			
43	D	E			7/8
[43V]		AE			
44	DE	E	E		
[44V]		AE			
45	DE	E	E		
46	D	E			
47		AE			9
48	D	E			
49	D	E			
50	D	E			
51	DE	E	E	E	10
52	D	E		E	
53	D	E	E		
54	D	E			
[54V]		AE			
55	D	E	E		
56	D	E	E		
[56V]		AE			
57	D	E	E		
58	D	E+			
59	D	E	E		11
60	D		E		
61	D	E	E		
62	AD	E	E		

Foll.	preto	verde	azul	lápiz	
[62V]		AE			
63	D	E	E		12
64	D	E+			
65	D	E+			
66		AE			
[66V]	DE	E	E		
67		AE			13
67V		ADE			
67ª		AE			
[67AV]		AE			
68		AE			
69		AE			
70		AE			
71		AE			
S.P.		AE			
72-75		AE			
76	D	E			14
77	DE	E		E	
78	DE	E	E		
79	DE	E		E	
S.P.	D				Segunda parte
80	DE	E	E	E	I
81	DE	E		E	
881V]		AE			
82	DE	E			
[82V]		AE			
83	DE	E			
84	DE	E			
[84V]	D	E			
85	DE	E			2
86	D	E			
87	D	E			
88	DE	E			
[88V]		AE			
89	D	E			
90		AE			
91		AE			
<54>/92\	AE	E			
[92V]	AE	E			
<55>/93\	AE	E			
<56>/94\	AE	E	E		
[94V]		AE			
95		AE			3
[95V]		AE			
S/P.		AE			
<58>/96\	AE	E			
<59>/97\	AE	E			
<60>/98\	AE				
<61>/99\	AE	E			
[99V]	AE				
100	E	AE			
101	E	AE			4
102	E	AE			
103	E	AE			
103V	E	AE			
104	E	AE			5
105	E	AE			
106	AE				
107	AE				
<66>/108\	AE	E			<5>/6\
<67>/109\	XE	E			
[109V]		AE			
<68>/110\	AE	E			
[110V]		AE			

Foll.	preto	verde	azul	lápiz	
<69>/111\	AE	E			<6>/7\
<70>/112\	AE				
[112V]		AE			
<71>/113\	AE	E			
<72>/114\	AE	E			
<73>/115\	AE	E			<7>/8\
[115V]		AE			
<74>/116\	AE	E	E		
[116V]		AE			
<75>/117\	AE	E	E		
[117V]	AE	E			
118		AE			9
119		AE			
120	E	AE			
[120V]		AE			
	AE	E			<9>/10\
1	DE	E			<10>/11\
2	DE	E			
2V		AE			
3	DE	E			
4	DE	E			
5		AE			
<81>/124\	AE	E			<11>/12\
<82>/125\	AE	E			
<83>/126\	AE	E			
<84>/127\	AE	E		E	
<85>/128\	AE	E			
129		AE			
		INTER VALO			
130		AE			
[130V]		AE			
131		AE			
132		AE			13
133		AE			
134		AE			
135		AE			
136		AE			14
137	E	AE			
[137V]		AE			
138		AE			
139		AE			
[139V]		AE			
140		AE			
[140V]		AE			
141		AE			15
142		AE			
		A			terceira parte
verso		A			
143	D	E			I
[143V]		AE			
144	D	E/AE			2
<99>/145\		E	AE		
[145V]		AE			
<100>/146\		E	AE		
<101>/147\		E	AE		
<102>/148\		E	AE		
<103>/149\	E	E	AE		
<105>/150\		E	AE		
[150V]		AE	E		
<106>/151\		E	AE		3
151V		AE			
<106>/152\	AE	E	AE		
[152V]	E	AE			

Foll.	preto	verde	azul	lápiz	
153		AE			
<108>/154\	AE	E	AE		
155		AE			
<110>/156\	AE	E			
1	D	E			4
2	DE	E			
3	DE	E			
4	DE	E			
5	DE	E			
6	DE	E			
6V		AE			
160		AE			5
<115>/161\	A	E	AE		
<116>/162\	AE	E	AE		
163	AE	E	AE		6
<118>/164\	AE	E	AE		
<119>/165\	AE	E	AE		
<120>/166\	AE	E	AE		
<121>/167\	AE	E	AE		
<122>/168\	AE	E	AE		7
<123>/169\	AE	E	AE		
[169v]		AE			
<124>/170\	AE	E	AE		
[170V]	AE	E	AE		
<125>/171\	AE	E	AE		8
<126>/172\	AE	E			
<127>/173\	AE	E			
<128>/174\	AE	E			
<129>/175\	AE	E			
<130>/176\	AE	E			
<131>/177\	AE	E			9
<132>/178\	AE	E			
<133>/179\	AE	E			
<134>/180\	AE	E			10
180V	AE	E			
<135>/181\	AE	E			
<136>/182\	AE	E			
<137>/183\	AE	E			
183V	AE				
<138>/184\	AE	E			11
<139>/185\	AE	E			
<140>/186\	AE	E			12
<141>/187\	AE	E			
<142>/188\	AE	E			
[188V]	AE	E			
					Acabar
<143>/189\	AE	E	E		
[189V]		AE			
<144>/190\	AE	E	E		
<145>/191\	AE	E	E		
[191v]					
<146>/192\	AE	E	AE		
[192V]	AE	E	AE		
<147>/193\		E	AE		
[193v]		AE			
<148>/194\		E	AE		
195		AE			
[195V]		AE			
<149>/196\		E	AE		
[196V]		AE			
<150>/197\		E	AE		
<151>/198\		E	AE		
<152>/199\		E	AE		
[199V]		AE			

Legenda: A- aut.; D- dact.; E- emenda

Diversidade de registos da numeração dos fólí

fól.	Fac-símile	capítulo
p.4-15 a tinta azul (dact.)		
c/ subl. Ondulado 17-24		
21		
27-30 canto sup. Dto		
31-34 canto sup. Dto sub.		
p. 38 39-40 acresc. Verde		
Dact. p. 43-67		
acresc. Verde		

fól.	Fac-símile	capítulo
p.66-75 acresc. verde		
Dact. 76-80		
Dact. p.81-89		

fól.	Fac-símile	capítulo
p. 1-5 margem lateral esqda [entre p. 120-124]		
Canto superior dto "pag." p. 143-144 verde dact		
p. 145-156		

fól.	Fac-símile	capítulo
P. 1-4 a preto e 5-6 a verde [entre p.156-160]		

a) Os três primeiros fólhos que são, respectivamente, folha de rosto, folha intitulada “Notas” e folha com cortina da 1ª parte do romance.

b) Entre os fols. 71 e 72, apesar de a folha sem numeração estar topograficamente entre os fols. 71 e 72, pensamos que originariamente ela estaria entre 72 e 73, pois há entre aqueles um seguimento textual, continuação de frase: “Mas junto” [fol. 71] e “de Amélia era um penedo” [fol. 72-74]. Também no impresso, o texto do fólho não numerado aparece segundo esta ordem, isto é, a finalizar o capítulo.

c) Entre os fols. 79 e 80, a “segunda parte” do romance abre com cortina de página identificada. Aqui se encontram registos muito importantes sobre a actividade de dactilografia do romance. A estes dados voltaremos mais adiante do nosso estudo.

d) Entre os fólhos 95 e 96 folha com notas redigidas a tinta verde,

e) Entre os fols. 129 e 130 folha com a palavra “Intervalo” a tinta verde centrada na página,

f) Entre os fols. 142 e 143, a “terceira parte” do romance abre com cortina de página com a indicação a tinta verde e centrada. Contém ainda notas a preto quanto à actividade de dactilografar o manuscrito. No verso desta folha, inclui, a tinta verde, duas indicações de trabalho que se prendem com a caracterização das personagens Luiza e Luís, intituladas “Notas”. Estão riscadas.

g) Entre os fols. 188 e 189, a última parte do romance abre com cortina de página com o título riscado <A acabar...> substituído por [↓conclusão] na linha de baixo, a tinta verde e centrada.

h) Ausência de folhas com a numeração 35, 36, 37, 41 e 42 sem compromisso semântico.

Apesar da ausência dos fólhos acima referidos, a continuação textual é efectiva. A ausência dos referidos fólhos deve-se apenas à reescrita do texto. Os fólhos em causa situam-se no fim de capítulos: o capítulo 5 da primeira parte termina no fol. 34 e o fol. 38 inicia com o capítulo 6; o capítulo 6 acaba no fol. 40 e o fol. 43 inicia com o capítulo 7. Neste caso, os fols. 39 e 40 estão redigidos a tinta verde seguindo-se vários fólhos dactiloscritos.

i) Fólios com numeração compreendendo dois números ou mais: fls. 14 15, 18-21, 25 <e 26>, 72-75

À semelhança da situação descrita no ponto anterior, também estes fólios se situam em fim de capítulo, respectivamente: 1, 2, 3 e 13, em fólios escritos a tinta preta, à excepção do último caso, a verde.

Se os fólios dactiloscritos incluem correcções a tinta azul, menos o verso que está escrito a tinta preta e verde, e os fls. <99>/145\ - <105>/151\, com paginação corrigida, têm também correcções a tinta azul, isso poderá significar que pertenceram a um mesmo conjunto, ou pelo menos à mesma campanha de correcção a azul e que esta antecede a correcção a verde.

A análise da numeração e renumeração dos fólios e dos materiais utilizados na redacção suscita as seguintes afirmações:

a) Se reunirmos as folhas com paginação corrigida segundo a primeira numeração, reconstituiremos 66 fólios de uma versão anterior, com a seguinte distribuição: 54-56, 58-61, 66-75, 81-85, 99-106, 168, 115-116, 119-152. Estes fólios estão escritos a preto, sendo a azul os fols. 146-152, com emendas na mesma tinta e a verde; e também a azul os fólios 56, 74-75, 99-106. Assim, o autor reutiliza, *grosso modo*, os fols. 54-152 de uma versão anterior completa, corrigindo a numeração para fols. 92-199, compreendendo o texto a partir do segundo capítulo da segunda parte até ao fim do romance, isto é, cerca de dois terços do total.

b) Uma versão anterior tinha a última página numerada com 152.

c) Muitos dos acrescentos e substituições no verso são a tinta verde: verso dos fols. 43, 44, 54, 56, 62, 67, 81, 82, 88, 94, 95, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 120, 130, 137, 140, 143, 145, 150, 151, 152, 169, 189, 195, 196, 199.

d) Os fólios dactiloscritos que possuem uma numeração própria, 1-5 (entre os fols. 121 e 124), correspondendo ao 11º capítulo da 2ª parte, incluem no fim do texto dactiloscrito, a preto, a nota autógrafa de VF riscada (*Do romance em preparação Sol do Deserto*)/ (*Vergílio Ferreira*)/ *V. Ferreira*). Este conjunto de

folhas apresenta vestígio de dobra a meio e, no verso do fol. 5, na parte superior, com a mesma tinta, a indicação Romance em preparação De V. Ferreira publicamos um cap. do seu romance “Sol no Deserto” a sair brevemente.

Pensamos que os fols. 1-[6v] (entre os fls. 156-160), equivalendo ao 4º capítulo da 3ª parte, seguido de recorte de imprensa em colagem (5º capítulo), são texto para publicação, à semelhança do anterior.

e) Podemos observar grandes manchas textuais redigidas a tinta verde, em fólhos sem alteração do número: da primeira parte fols. 39-40 (fim do capítulo 6), fol. 66-75 (capítulos 12-13); da segunda parte fols. 100-107 (fim do capítulo 3-5), fols. 118-120 (capítulo 9), fols. 129-144 (meio do capítulo 12-15); da terceira parte fols. 153, 155 e 195 (capítulo 12).

f) A numeração dos fólhos 101 a 107, que pertencem ao conjunto de fólhos 101-117, contém vestígios de ter sido corrigida porque o capítulo 4 foi introduzido depois de terem sido escritos os capítulos 4 a 8, levando à alteração do número de páginas e dos capítulos. Igualmente, os fólhos com numeração de 104-117 apresentam a tinta verde duas numerações diferentes: a primeira de 101-115, corrigida aquando da inserção do capítulo 4 (fols. 101-103) e respectiva alteração do número dos capítulos e páginas seguintes <101>/104\-<115>/117\, capítulo 4 passou a 5 e assim sucessivamente até ao oitavo. A inclusão do novo capítulo 4 efectuou-se entre o fim da redacção do oitavo e o início do nono. Além disso, os fols. 108-117 incluem paginação anterior, a tinta preta, riscada posteriormente a verde.

2. Articulação entre fólhos de versão mais antiga e fólhos posteriores

Somente um romance não é um instante mas uma paciência de longos meses ou anos em que dificilmente se recupera o estado de graça e o transe místico.

Vergílio Ferreira

Os vários momentos de escrita e reescrita do manuscrito, inerentes ao processo de redacção mas também motivados pela socialização da escrita (leitura e comentários dos colegas Mariberta Carvalhal e Francisco Costa Marques e pelo editor), deixaram registos dessa dinâmica visíveis nos fólhos. A reutilização de parte de versões anteriores e o facto do escritor intercalar novos fólhos e acrescentos impõe, por repetição ou adequação textuais, riscados ora no fim dos fólhos, ora no início dos fólhos já existentes. Examinaremos a articulação entre fólhos de versão primitiva e posterior.

O confronto entre o texto riscado, as novas intervenções e o texto impresso, aquando da justaposição de fólhos com numeração corrigida e novos fólhos, fornece elementos importantes para o estudo da génese da obra. Como iremos ver, perante o acesso a fragmentos de versões anteriores, podemos recolher informação quanto às personagens, à sua caracterização e à sua importância na narrativa, entre outras. Os casos que em seguida se descrevem retratam o mesmo processo, isto é, o fólho que topograficamente antecede corresponde à última versão e o que o segue inclui, geralmente, o elemento riscado e substituído. Por conseguinte, para melhor explicitação, colocamos os excertos por ordem de génese textual. Vejamos as seguintes situações:

Situação 1. Os três primeiros fólhos do romance escritos a tinta (fol. 1 a verde e fols. 2 e 3 a preto) integram o primeiro capítulo maioritariamente dactiloscrito. Passamos a demonstrar os ajustes textuais resultantes dos momentos de escrita e reescrita nestes fólhos.

- a) texto do fim do fol. 1 reescreve (substitui) texto riscado do início do fol. 2

versão primitiva

<_ Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não <estou para> tenho dinheiro para te sustentar...

<->/Ro\drigues acendia pachorrentamente <o> <o> *Paris*.

- ... dinheiro... <Dinheiro> An?... Dinheiro?... Disseste [↑ tu?] <dinheiro?> [↑ (Bocejo)] É boa... (pausa) Com que então não tens dinheiro?... Tem uma certa laracha... Ninguém ... havia... de... dizer...: smoking, cigarros feitos, bailes...

- <Ó pá> [↑ Ó pá] Mas [↑ para] <que prazer tens tu em estares> [↑ que é que [↑ tu] há-de estar <[↑ tu]> sempre] <sempre> a xatear-me?... ¹<tu> <n>/N\ão sabes que eu vou ao baile por causa da rapariga? ¹Que raio!> [início do fol.2]

versão posterior

- Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não <estou> [↑ tenho dinheiro] para te sustentar...

Rodrigues ergueu-se de um repelão:

- Dinheiro?! Tu falas em dinheiro? Tu[,] <?> o *chic*, o homem que compra cigarros feitos, que veste *smoking*, camisa pau?...

Mas Rui não ach<ando>/ou\ graça ne<m>/nh\uma àquêle esforço humorístico do Rodrigues. E bramiu:

- Quilha-te! Que diabo! Tu não sabes que é por causa da rapariga que eu vou ao baile? [fim do fol. 1]

versão impressa

- Compra tabaco, menino, compra tabaco, que eu não tenho dinheiro para te sustentar...

Rodrigues ergueu-se de um repelão:

- Dinheiro?! Tu falas em dinheiro? Tu? o *chique*, o homem que compra cigarros feitos, que veste *smoking*, camisa pau?...

Mas o Rui não achou graça nenhuma àquele esforço humorístico do Rodrigues. E
bramiu:

- Ora vai-te quilhar! Que diabo! Tu não sabes que é por causa da rapariga que vou
ao baile? Ah! (p. 13).

O fol.1, redigido a verde, inclui, nas últimas 9 linhas, reescrita do fragmento cancelado, as 9 linhas iniciais do fol.2, cuja redacção é a preto, com emendas a verde e traço do riscado na mesma tinta das emendas. Trata-se da reescrita do primeiro fólio do romance. O fol. 2, redigido a tinta preta, apresenta maior intervenção do autor: riscados, adições na entrelinha superior a tinta preta e algumas emendas posteriores a verde. O fragmento de texto substituído inclui, ainda a verde, emenda de retorno, isto é, a recuperação de lições anteriormente riscadas <Ó pá> [↑ Ó pá], e a reordenação do pronome pessoal na frase [↑ *que é que* [↑ *tu*] *hás-de estar* [↑ <tu>] *sempre*]. Julgamos que estas alterações terão sido anteriores à substituição do primeiro fólio e que quando efectuou esta, quer pela dimensão da letra quer, provavelmente, por ter menos intervenções, ou por ter decidido manter a continuação do texto do fol. 2, cancelou apenas o correspondente, mantendo o restante texto, embora com algumas alterações. Por fim, a proximidade textual do fol. 1 com o impresso reforça a análise feita.

b) texto do fim do fol. 3, a tinta, substitui texto do início do fol. 4
dactiloscrito.

versão primitiva

<baile? Porquê? Sim porquê? Envergonhas-te? É boa! Não sabes dansar? E fui eu pôr o relógio no prego? einh? E foste tu pedir 40\$00 emprestados ao Faustino... Para quê? Dize lá para quê?

Rodrigues engelhava a testa. Rui amornava, < e > enrodilhando as pernas para se sentar na cama torta.

- Bem. Põe lá a couraça [↑ ...<ou> [↑ quer] dizer <†> o laço...] ou o que é que te falta, rematou Rodrigues.

A "couraça" era a camisa de pau, a camisa engomada.

Rui começou a tarefa do embelezamento.

- Mas tu...

"Que foi?" perguntaram os olhos fundos de Rui.

- Vestiste o [↑ meu] smoking <antes da camisa> [↑ em vez do teu].

- Ando bêbedo.>

<Truz! Truz! Batem à porta do quarto.> [fol. 4]

versão posterior

- Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? ² Envergonhas-te? <É boa!> ¹ Não sabes dansar? [↓ (Rui dansava mal)] <É boa!> [↑ esta é de primeira ordem!] E fui eu pôr o relógio no prego? einh? Porque diabo não dizias <log> então que não querias ir? <Ora a história!> Sim, porque não dizias?

Rodrigues engelhava a testa <,>/. Rui amornava, enrodilhando as pernas para se sentar na cama torta. Era o açordo. Rodrigues rematou:

- Bem. Põe lá a couraça, ou... o que é que te falta<.>/. [e deixa-te de maluqueiras.]

A "couraça" era a camisa de pau, a camisa engomada.

Rui começou a adornar-se.

- Mas tu...

"Que foi" perguntaram os olhos fundos de Rui.

- ... vestiste o meu smoking em vez do teu. É que vestiste, mesmo!

- Ando bêbedo.

Truz! Truz! Batem à porta do quarto. [fol. 3]

versão impressa

- Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? Não sabes dançar? (Rui dançava mal). Envergonhas-te Esta é de primeira ordem! E fui eu pôr o relógio no prego? Hem? Porque diabo não disseste então que não querias ir? Sim, porque não dizias?

Rodrigues já não ria. De testa engelhada, caía sobre o amigo com fragor e com domínio. Rui temia-o, porque Rodrigues, naquele aparente não-te-roles que o punha por cima de tudo, tinha o sentido justo de equilíbrio na vida. Ele perguntara: «porque não disseste então que não querias ir?» Para Rodrigues, o *smoking* emprestado os ditos acerca de Amélia, não tinham nada que ver com o baile. E, achatado sob o peso das palavras do

Rodrigues grande, de pernas entroncadas e opiniões sólidas, Rui gemeu e recomeçou, em silêncio, os trabalhos da ornamentação.

Justamente nessa altura alguém bateu à porta. (p. 15)

Confrontando o fol. 3, redigido a preto com emendas na mesma tinta e cinco intervenções a verde, com o que se lhe segue, dactiloscrito com emendas a tinta preta (fol. 4), observamos que o texto do fim do fol.3 reescreve o riscado inicial do fol.4. Este fólio começa com uma frase incompleta, faltando o seu início *baile?*. O riscado foi feito com tinta preta, talvez a mesma da redacção do fol.3.

Algumas intervenções do autor no fol.4 são contempladas no fol.3, como no exemplo que se segue:

- Vestiste o [↑ meu] smoking <antes da camisa> [↑ em vez do teu]. [fol.4]

... Vestiste o meu smoking em vez do teu. [fol.3].

Para estabelecer a hierarquia entre as várias campanhas de correcção, podemos ainda verificar que as alterações do fol.3 foram também tidas em conta no impresso, como nos excertos:

<baile? Porquê? Sim porquê? Envergonhas-te? É boa! Não sabes dansar? E fui eu pôr o relógio no prego? einh? E foste tu pedir 40\$00 emprestados ao Faustino... Para quê? Dize lá para quê? [fol.4]

- Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? ² Envergonhas-te? <É boa!> ¹ Não sabes dansar? [↓ (Rui dansava mal)] <É boa!> [↑ esta é de primeira ordem!] E fui eu pôr o relógio no prego? einh? Porque diabo não dizias <log> então que não querias ir? <Ora a história!> Sim, porque não dizias? [fol.3]

- Mas... de facto estás disposto a não ir ao baile? Porquê? Sim, porquê? Não sabes dançar? (Rui dançava mal). Envergonhas-te Esta é de primeira ordem! E fui eu pôr o relógio no prego? Hem? Porque diabo não disseste então que não querias ir? Sim, porque não dizias? [imp.]

O fol. 4 dactiloscrito contém na margem esquerda, acompanhando as seis linhas iniciais, a nota, a grafite, na diagonal: (*Ele diz atrás que se não fosse o Rui não ia ao baile*). A presença desta anotação de trabalho remete para a existência de

um universo textual anterior, em que Rodrigues fizesse essa afirmação. Mas não a encontramos. No manuscrito, apenas há a passagem em que a personagem demonstra essa atitude: *E fui eu pôr o relógio no prego? einh? E foste tu pedir 40\$00 emprestados ao Faustino... Para quê? Dize lá para quê?* [fol.4], talvez possamos depreender que essa indicação sobre coerência poderá ter pertencido a outra versão, provavelmente dactiloscrita. Na passagem a limpo do fólho, foi suprimida a referência ao empréstimo de 40\$00 do Faustino ao Rui, mas, no fol. 6, Ferraz, outra personagem, vem reaver 100\$00 que Rui lhe pedira emprestados, facto reafirmado no capítulo XII da segunda parte *Segui[u]-a mais o <Vaz>/Ferraz\ (Rui pensa de relance: e os 100\$00 desse diabo?)* [fol. 125], dívida que atravessa o romance desde o primeiro capítulo ao último em que será liquidada:

- D<á>/ás\ licença?

- Entra.

E o Ferraz mais redondo, mais afofado, entrou.

- Ó Ferraz! Caramba! Já sei ao que v/ens\... desculpa o atraso, mas tu bem sabes... Depois meteram-se as férias... [fol. 187]

- Não faz mal, pá <Que diabo>! Também [↑olha que] se não precisasse... mas foi uma espiga. <†>/Gastei\ a massa das matrículas... <estou> e agora, olha: têsó que nem um carapau.

Rui que conseguira arranjar os 100\$00 bateu 4 notas de vinte e tilintou <<2 moedas a> [[↑ a garantia de] 2 moedas de] <boa> [↑ <garantida>] liga.> [↓ a garantia de duas moedas.]

Ferraz saíu. Rui <despachou-o> [↑acompanhou-o] <ao cimo das> [↑às] escadas.

O argumento de que poderia corresponder a engano do autor escrever o nome da personagem, dificilmente o aceitaríamos. Realmente há casos em que troca o nome das personagens, como na novela *A curva duma vida* e, mesmo neste manuscrito em que trabalhamos, os nomes Rui/Rodrigues foram trocados, mas nessas situações estão próximos topograficamente.

Situação 2. reescrita do início do capítulo

Passemos a outra situação. O fol. 47, redigido a tinta verde, integra um conjunto de fólios dactiloscritos com emendas a verde fols. 43-67, sendo o fol. 47 o início do capítulo. Trata-se do confronto entre o texto riscado no início do fol. 48 e o fim do fol. 47.

versão primitiva

<mal á vista. Se a tia viesse...

Já que a acompanhara no Liceu, também... Mas não. Era o que faltava passar pela vergonha de acompanhar a múmia da tia pelas ruas da cidade. Logo os rapazes diriam: "aquilo é mãe dela."

Aí vinham os rapazes. Depois vinha o rapaz... E ela admirava-se...> [fol.48]

versão posterior

<Às vezes> [↑ Quási chegou a] acreditar que junto da tia (uma tia seca, enfibrada) a vida seria mais tranquila. O lado negro não deixaria ver o lado branco[.] <e>/E\ o lado branco às vezes fere...

Mas <seria> a tia era seca e enfibrada. E Catarina rir-se-ia talvez. Catarina, o mundo, os rapazes... E o *rapaz*...

Amélia admirava-se de si mesma. («Eu?! Tu és tola!»).

("Quem é que traçava os caminhos da vida?") [fol. 47]

versão impressa

Quase chegou a acreditar que junto da tia (uma tia seca, enfibrada) a vida seria mais tranquila. O lado negro não deixaria ver o lado branco. E o lado branco às vezes fere.

Mas a tia era seca e enfibrada. E Catarina rir-se-ia dela talvez. Catarina, o mundo, os rapazes... E o *rapaz*...

Amélia admirava-se de si mesma. («Eu?! Tu és tola!»).

(Quem lhe andava traçando tantos caminhos na vida?) (p. 65).

O fol. 47 está escrito e numerado a tinta verde, a mesma das emendas e riscados dos fólhos seguintes. O fol. 48, dactiloscrito, inicia com a frase truncada *mal á vista* pertencente às sete linhas anuladas a tinta verde cujo texto é substituído pelas últimas sete linhas do fol. 47. Trata-se, pois, da substituição do fol. 47, que contém o começo do nono capítulo.

No fol. 48, a caracterização da tia é concentrada no nome “múmia” com toda a carga semântica que a palavra acarreta. Além disso, em relação à expressão *a múmia da tia*, a caracterização pejorativa no uso do complemento determinante *da tia*, particularizando a ideia de qualidade/matéria do nome *múmia*, intensifica-se no uso do pronome neutro *aquilo*¹ que, segundo Amélia, seria a forma como os rapazes a nomeariam. No novo fólho, a tia é caracterizada por dois adjetivos a seguir ao nome *uma tia seca, enfibrada*, repetidos com ligeira diferença sintáctica no nome predicativo do sujeito *a tia era seca e enfibrada*. Já no capítulo III, fol. 23, a tia tinha-nos sido apresentada recorrendo a palavras que transmitem a ideia de ausência *espurgada de carnes*², de desvio à norma *espinha em arco*, ou ainda pelo uso do grau aumentativo do nome *solteirona*, em que o sufixo –ona incute uma ideia depreciativa, sobrepondo-se à sua ideia inicial:

Viera logo nessa noite uma tia de Viseu. E a tia <era> espurgada de carnes e tinha a espinha em arco. Amélia iria para Viseu viver com a tia solteirona[,] [↑ que recebia hóspedes.] <e>/E\studaria no Liceu (ainda ía a tempo apesar dos 1<5>/3\ anos). Demais a tia tinha algum dinheiro e poderia preencher uma parte do vazio que inutilizava a vida de Amélia. [fol. 23]

Podemos ainda reforçar a caracterização de Amélia tendo em conta as alterações efectuadas na passagem do fol. 48 para o fol. 47. Assim, à expressão *passar pela vergonha* utilizada no primeiro, Vergílio Ferreira utiliza na reescrita o verbo *rir-se*, ora parece-nos que, naquele, Amélia é o sujeito da acção e, no segundo, é vítima da acção dos outros.

¹ No fol. 23, Catarina caracteriza Coimbra e a vida académica com o pronome “desdenhoso”: “isto”.

² A personagem Rui, quando vê a sua imagem reflectida no vidro de uma montra, vê-se também expurgado, em dactiloscrito com emendas e riscados a verde, “<Lançou um olhar aos vidros duma montra. Lá estava ele o Rui. Viu-se espurgado. Tanta certeza <rija> [↑ dura!] Ele morreria cedo... Aquela cor era indício.>” [fol. 54]

O juízo que Amélia faz da tia, que nos é dado quer através dos nomes, dos adjectivos e até dos verbos, será alterado ao longo do romance. No segundo capítulo da segunda parte, podemos observar essa transformação no manuscrito e constatar o resultado final já no impresso:

Ah! O fim! Congestionavam-na receios e vergonhas. Como se sentia mudada! Na terra a tia... (pobre tia!) Se ela soubesse do que diziam da sua Amélia... Se ela soubesse.[...] [fol. 87];

O fim! Sentia agora um pavor estranho. E uma vergonha imensa. Como se sentia mudada! Na terra a tia... (pobre tia!) Se ela soubesse o que diziam da sua Amélia... Se ela soubesse... (p.112).

O adjectivo *pobre* anteposto ao nome *tia*, relacionado com o facto de não ser Amélia a sentir vergonha da tia mas antes Amélia sentir vergonha pela tia se envergonhar dela, isto é, passa a ser elemento gerador desse sentimento, mostrando assim essa alteração. Além disso, no percurso que vai do texto primitivo ao impresso, podemos ver que os sentimentos de Amélia são intensificados: *receios e vergonhas* passam a *pavor e vergonha* expandidos com os adjectivos *estranho* e *imensa*, respectivamente.

O texto que se apresenta riscado no fol. 48 é muito importante para o estudo das personagens Catarina e Amélia e para a definição da relação existente entre elas. Catarina não está presente no texto cancelado. A sua ausência coloca-nos a seguinte questão: será que, na primeira versão do romance, Catarina tinha a mesma influência no comportamento e pensamento de Amélia? Como não está presente no espólio qualquer versão anterior à do fólio dactiloscrito, a dúvida permanece. Todavia, o texto do fol. 47 mostra-nos essa influência, esta personagem é nomeada em primeiro lugar e isolada do conjunto. Apesar do uso do advérbio dubitativo *talvez*, a personagem encabeça uma sequência *Catarina, o mundo, os rapazes... E o rapaz...*, cuja acção é rir-se de Amélia. A amplificação, que verificamos no fol. 47, põe em destaque o olhar dos outros, apresentando primeiro, o todo, o geral, Catarina (na economia do romance, Catarina encarna o olhar e a narrativa construída em volta de Amélia), e em seguida o particular, ao ir enumerando de forma mais específica até chegar ao artigo definido, primeiro plural *os rapazes* e

depois singular *o rapaz*, particularizando-o. Este elemento será devidamente analisado mais à frente.

Situação 3. Substituição dos fols. 59 e 60 ainda aquando de uma versão anterior à renumeração sequencial dos fólios a tinta verde (capítulo III da segunda parte)

versão primitiva

<estivera sequer em <†> [↑ casa].

Amélia afundava-se. <Em casa> Catarina não podia ver lágrimas. E [↑ um dia] chama<->/r\ a a [↑ <um dia>] "parva". O mundo inteiro de Amélia [↑ vinha à superfície], <a palavra>; <a>/o\ <an>/ex\terior sumia-se-lhe. Catarina tinha <o>/g\ [↑ randes] do<m>/ns\.

Bastara uma palavra para transformar a amiga. "Parva"; era o suficiente. Amélia começava nesta censura o seu raciocínio: "parva... e com razão. Aquele' Domingos pode vir a amar-me a casar comigo. Há tanto tempo que ele me persegue... Mas... (era Verdade) <do>/entre\ o bando de rapazes que a procuravam, não andava o Domingos. Nem admirava afinal. Primeiro não saberia que <a>/ela\ acabara namoro<.>/;\ <S>/s\egundo <o>/a\ <<emprêgo <do Banco> na Livraria> Livraria (Domingos era o proprietário d<a>/u\ma Livraria) não lhe dava tempo a procurá-la. Mas iria ela. É certo que nunca lá fôra sózinha desde aquela cena. (Amélia lembrou-se de quando Domingos lhe tocou no ombro...) Era preciso mostrar-se digna. Pois? Que julgava ele? Heim? Pensava talvez que ela era uma... como tantas? Lá por ser bonita e ter um físico voluptuoso... Não. E não ia [↑ nunca] sózinha. Mas agora iria. "Há mil pretextos". "Olhe, procurei em tôdas as livraria a Sintasse do Rieman">

- E porque não veio logo cá? [início fol. 60/98]

versão posterior

Amélia deita-se sobre a cama. <toma> [↑ Aperta] a <mão> ↓ cabeça na mão Sôbre a travesseira espalha-se a sua cabeleira solta. A noite tornava-se cada vez mais espessa. Pela janela entreaberta entravam palavras <†>/erradias\ <e <gritos> [↑ brados] de pregão>.

O Domingos não voltara mais. Afinal todos os homens são iguais. Ela já devia ter concluído isso.

Bastava pensar naquela vez em que ele tentara abraçá-la. Felizmente ela sacudira-o. sacudira-o. [↑ E] <E>/e\le ficou aturdido. Coitado! Talvez [↑ ele] tivesse feito aquilo sem

pensar... Ele ficara embaraçado. Os cínicos, os experientes não se <pe>/te\riam perturbado. Talvez ele não tivesse pensado. Mas por que não voltou? A não ser que... Achara! Achara!

Mas logo <uma> [↑ a] tristeza a envolveu de novo. "Era tarde!"

O Domingos amava-a. E não voltou porque a vira com os outros. E os outros não a amavam; desejavam-na. Domingos era puro. Por isso não voltou. Agora era tarde. Não viria mais! E ele era, fôra o único que a amara. Triste sorte! Negros caminhos os da vida! E se ela...? (Amélia soergueu-se na cama) Não se tornaria notada. Naturalmente, como qualquer outra pessoa, entraria na livraria. Pediria um livro. Era tudo tão natural... Não havia de sorrir. Grave. Séria. Um <fato> [↑ vestido] <leve> [↑ simples,] ligeiro.[...] Pouco *bâton*. Uma expressão de amargura mal disfarçada. Gestos comedidos e até talvez cansados. Pouco brilho nos olhos. (Tudo isto era tão hipócrita, tão covarde! Mas ela <†>/queria\ rehabilitar-se. E tinha <o> direito de o fazer.) Porque não forçar agora, só um pouquinho, a sua sorte? depois... tudo iria bem. Era só torcer um pouco o destino. Para além dessa pequena curva estava[m] de certo [↑ as alegrias] <a>/d\[a] vida. Porque não buscá-la? Transpor este pequeno muro? Seria tudo tão natural... De resto <Amélia> [↑ ela] mudara intimamente. Onde <haveria> [↑estava] a mentira do seu porte<, > [↑ externo,] se ela o mudasse? Iria à livraria. Era fácil. E não havia nisso nada de extraordinário.

- Queria um livro.

- ?!

- A sinta<sse>/xe\ do <Riemann> Riemann, tem? Procurei em todas as livrarias... Não havia.

- E porque não veio logo cá? [fol. <59>/97\]

versão impressa

Amélia deita-se sobre a cama. Aperta a cabeça entre as mãos. Sobre a travesseira, espalha-se a sua cabeleira solta. A noite torna-se cada vez mais densa e pela janela entreaberta passam palavras erradas, vindas lá de fora.

O Domingos não voltara mais, nunca mais. E Amélia não sabe, afinal, ao certo, se ele não voltou por a ter amado, se por tê-la esquecido. Naquela tarde em que ele tentara abraçá-la... Felizmente Amélia sacudira-o. Ele ficara aturdido. Coitado! Talvez tivesse feito aquilo sem pensar... Ele ficara embaraçado. Os cínicos, os experientes, não se teriam perturbado. Talvez ele não tivesse pensado. Talvez. Mas por que não voltou? A não ser que... Achara! Oh! achara! Mas logo uma tristeza espessa a envolveu de novo. Era tarde! O Domingos amava-a. E não voltou, porque a vira com os outros. E os outros não a amavam; desejavam-na. Domingos era puro. Por isso não voltou. Agora era tarde. Não viria mais! E ele era, (quem sabe?) fora o seu verdadeiro e único amigo. Triste sorte! Negros caminhos os da vida! E se ela...? (Amélia soergueu-se na cama) Não se tornaria notada. Naturalmente,

como qualquer outra pessoa, entraria na livraria. Pediria um livro. Era tudo tão natural... Não havia de sorrir. Séria. Um vestido simples, ligeiro... Pouco *bâton*. Uma expressão de amargura mal disfarçada. Gestos comedidos e até talvez cansados. Pouco brilho nos olhos. Tudo isto era tão hipócrita, tão covarde! Mas ela queria reabilitar-se. E tinha direito de fazê-lo. (Porque não forçar agora, só um pouquinho, a sua sorte? depois... tudo iria bem. Era só torcer um pouco o destino. Para além dessa pequena curva, estavam decerto as alegrias da vida. Porque não buscá-las? Transpor este pequeno muro? Seria tudo tão natural... De resto ela mudara intimamente. Onde estava a mentira do seu porte externo, se ela o mudasse também?

Iria à livraria. Era fácil. Não havia nisso nada de extraordinário.

- Queria um livro.

- ?!

- A Sintaxe de Riemann, tem? Procurei em todas as livrarias... Não havia.

- E porque não veio logo cá?

À semelhança de situações anteriormente referidas, trata-se da substituição do fólio, mas ainda em versão anterior à nova numeração sequencial das páginas. Os fólios em causa estão escritos a tinta preta com numeração de fólio corrigida a tinta verde: fols. <59>/97\ e <60>/98\. O texto cancelado do fol. <60>/98\ (21 linhas iniciais) apresenta-se reescrito no fol. 59, na mesma tinta preta. Pela análise do tamanho da letra, a caligrafia dos fols. <58>/96\ e <59>/97\, mais certa, mais serena e com espaço intralinear mais apertado, enquanto que nos fols. 60 e 61 a caligrafia é mais corrida, parece-nos tratar-se de uma passagem a limpo, numa fase anterior à integração do conjunto com nova paginação. Além disso, a indicação de trabalho no fim do fol. 59 (*segue.*) redigida, ao correr da pena, na mesma linha, inclui dentro dos parênteses o ponto final pertencente à frase do texto e não à indicação de trabalho. As marcas da passagem a limpo do fólio são elementos que reforçam a afirmação acima feita.

A corroborar a classificação genética, podemos mencionar, entre outros, o facto de, no fol. <60>/98\, assistirmos à definição do emprego da personagem Domingos, primeiro como empregado no Banco, depois na livraria até chegar à afirmação de que ele é dono da livraria:

(<60>/98)\ <S>/s\egundo <o>/a\ <<emprêgo <do Banco> [↑ na Livrari]>
[↑ Livraria] (Domingos era o proprietário d<a>/u\ma Livraria).

Esta informação será muito útil para o estudo da caracterização desta personagem, a desenvolver posteriormente.

Vejamos outros momentos do manuscrito referentes explícita ou implicitamente à profissão desta personagem. No fol. <59>/97\, é referido *entraria na Livraria. Pediria um livro e Iria à livraria*. Sem referir qual a posição laboral de Domingos (empregado, proprietário?). Em acréscimo no verso do fol. <61>/99\, a tinta preta, o narrador, dando o pensamento de Domingos, aponta (...) *mas também a Livraria não lho tinha permitido ultimamente*.

Na procura de ajustes desencadeados pela decisão quanto à profissão de Domingos, podemos mencionar, além das ocorrências apontadas, as seguintes situações:

Nos fólios anteriores há, todavia, no primeiro capítulo, referência à profissão de Domingos, mas corresponde a um acréscimo a tinta azul em texto dactiloscrito:

(12) lá a <empernar> [↑ divertir-se] grandemente com um tipo<.>/\ [tu
conheces... aquele <<gajo> /tipo\> [<↑sujeito>] [↑ gajo] [↓ gajo]
(reescreve para maior legibilidade) da Livraria...] <[<Tu *não
viste?!>] /Tu\ > [Tu ↓ afinal viste...].

No fol. <61>/99\, diz-se, em acréscimo a verde, que Domingos era rico:

(<61>/99\ [↑ (Domingos era rico e sobretudo fôra rico)]

No capítulo VIII, em acréscimo a tinta verde, na entrelinha superior, a personagem Catarina refere-se assim a Domingos:

(43) Este rapaz vale-te muito mais... [↑ Está colocado; é uma bela figura,
simpático, forte.]

Também no capítulo XII da segunda parte, em fólio redigido a preto, o narrador aponta:

(<82>/125\). Foi para a estrada de Lisboa com o da Livraria

Ainda confrontando o texto cancelado no fol. <60>/98\ com o do fol. <59>/97\, as atitudes de Domingos para com Amélia e a reacção desta vão evoluindo ao longo da redacção do manuscrito:

(<60>/98\)

É certo que nunca lá fôra sózinha desde aquela cena. (Amélia lembrou-se de quando Domingos lhe tocou no ombro...) Era preciso mostrar-se digna.

O Domingos não voltara mais. Afinal todos os homens são iguais. Ela já devia ter concluído isso.

(<59>/97\)

Bastava pensar naquela vez em que ele tentara abraçá-la. Felizmente ela sacudira-o. sacudira-o. [↑ E] <E>/e\le ficou aturdido. Coitado! Talvez [↑ ele] tivesse feito aquilo sem pensar... Ele ficara embaraçado. Os cínicos, os experientes não se <pe>/te\riam perturbado. Talvez ele não tivesse pensado. Mas por que não voltou? A não ser que... Achara! Achara!

As duas versões visam o episódio em que Domingos visita Amélia, presente no capítulo IX, em fólio dactiloscrito:

(50)

Falava sorrindo, trejeitando gaiatamente.

Ela achou graça. E tornou a sorrir.

- Você é teimoso. Não lhe dei eu já a certeza? Veja lá há quanto tempo andamos nisto... Desde o baile. A sério: não tente mais que é escusado.

- Sério, sério?

Ele amornava os olhos. Suas mãos tocaram nas mãos dela. (Devia ter sido por <descuido...> [↑ acaso...]) (Decerto por acaso).

Correu um silêncio. Amélia cortou com enfado:

- A sério.

Mas Domingos teve um estremeção. Ainda arcou os braços e tocou o ombro de Amélia.

- Não... não... Saia [↑ já] faça favor...

Domingos embatucou. Cá fora reapossou-se da sua tranquilidade murmurando para consigo:

- Livra!

A partir da informação presente no fol. 50 *Ainda arcou os braços e tocou o ombro de Amélia*, no excerto do fol. <60>/98\, dá-se ênfase ao toque no ombro de Amélia *Domingos lhe tocou no ombro*, no outro, fol. <59>/97, à tentativa de abraço *tentara abraçá-la*.

Situação 4. Ausência dos fólhos com paginação antiga 62-65, substituídos pelos fols. 100-107 escritos a tinta verde, com ajustes nos fólhos imediatamente anterior e posterior, fols. <61>/99\ e <66>/108\.

a) Vejamos os ajustes nos fols. <61>/99\ e fol. 100 : no fim do fol. 99 há supressão de texto

<Por outro lado Amélia <pensava o mesmo> [↑ <conven> ↑ começou a convencer-se d<e>/a\ sua <↑> ↑ superioridade]. <Além disso> <e>/e\la (uma universitária!) valia muito. Qual não era o *futrica* (não! o Domingos era no fim de contas um *futrica*) que a não queria para mulher? Só esta coisa de se ser educada! Só isto de se lerem alfarrábios! Só isto Por conseguinte Domingos havia que querer desposá-la. Que felicidade! [↑ Amélia quasi acredita já na sua felicidade] <N>/n\ão fala<v>/r\ia[m]> [↑ <De resto nunca falariam> mas não fala<v>/r\iam nunca] Não falariam de ciências nem dessas maçadoras literaturas! [fol. <61>/99\]

O texto do fol. <61>/99\, redigido a tinta preta, encontra-se riscado a tinta verde. Esta intervenção é contemporânea do acrescento, na mesma tinta, poucas linhas acima, no mesmo fólio, a respeito de Domingos (*Domingos era rico e sobretudo fôra rico*). O fólio que se segue, fol. 100, redigido a verde, mostra-nos uma Amélia sonhadora, que transfere para a paisagem o seu sonho, em oposição à atitude de Amélia descrita no texto suprimido. Esta atitude vem no mesmo sentido dos juízos de Domingos acerca de Amélia nas linhas anteriores:

Apertaram as mãos nervosas. <O>/de\ Domingos não tanto. Para ele uma mulher já <não> [↑ pouco] contava. Passavam-lhe na vida como [↑ os] cigarros [↑ que] fuma<dos>/va\ [↑ (Domingos era rico e sobretudo fôra rico) <Amélia *fosse> [↑ Amélia seria] mais uma, se fôsse De resto <o>/era\ interessante namorar uma estudante. Que ele não era o primeiro... Sim, porque as havia (e muitas) que preferiam um homem colocado. Que interessava o curso? Isso era para as outras<;>/.\ <i>/T\isso era para as que nunca tinham saído da aldeia. Agora as que estudavam? Ou, ou! Sobretudo as broncas<> [↑ (esta parecia-o. - Além disso Amélia tinha pinta... E aqueles passeios com êste e com aquele, <†>/e\ram bem significativos. Ele não a procurara. (chamara-se burro por isso) mas também a Livraria não <tem>/lho\ tinha permitido ultimamente. Afinal o que tem de ser nosso... Ela voltou. Em tempos ele convenceu-se de que raparigas estudantes não ligavam importância a rapazes sem curso. Depois corrijiu[↑-se] <essa>dessa asneira. Raparigas estudantes? Pbb! E então quando elas perceb/iam\ tanto d<e>/os\ livros como ele de lagares de azeite. <Para> <e>/E\ssas <um rapaz culto nada valia.> [↑ não que<rem>/riam\ rapazes cultos.] O que lhes interessava era o físico. E havia-os que não estudavam e que <eram de corpo potente.> [↑ tinham belo corpo.] Por isso, Domingos não era o primeiro. Já muitos tinham arranjado desses namoros. Dizia-se até que uma aluna de medecina namorava um caixeiro.[..] [fol. 100]

b) Vejamos o ajuste nos fols. 106, 107 e <<66>/105>/108\ : supressão de texto do fol. 108 e expansão

<Rui falava. Luiza falava. Comunicavam-se. Ele admirava uma rapariga estranha porque ria e pensava. Até então Rui meditara sozinho. Ninguém o entendia. Por isso tinha uns longes de maluco. Luiza até então meditara sozinha. Ninguém a entendia. Mas <†> solucionara o caso doutra forma. P'ra que andar macambúzia? E[ra] <*mel>/pré>ferível rir. E ria. <Não era um> <[↑ nem sempre o]>/Não †] riso <[↑ era]> doido, estouvado. [↑ Nem sempre] <E>/e\ra <macio> [↑ um] riso nervoso: era <branco> [↑ macio] e <al>/sa\udavel. Como ela conseguia fingir. Rui não. Rui fervia. Umas vezes emborrachava-se (era o título <ap>/co\tizava>/ava\ entre a malta: borracho). Outras vezes remoía a sós mil teorias confusas. Assim Luiza e Rui eram semelhantes. <[↑ Mas] <E>/e\ssa semelhança não os

juntava num destino só. Não se amavam.> Por isso foram amigos. Havia porém uma <gr>/va\ga preocupação para Rui: depois de se esgotarem o manancial de novidades íntimas, que diriam? Rui ainda pensou: falar-se-á de banalidades. Mas isso é que não. Luiza não fora banal para ele. Não rira. E aquelas conversas <novas e interessantes> [↑ sérias e novas tinham]-se tornado uma necessidade. Mas tudo acaba. Assim haviam <[↑↑]> de tornar-se aborrecidos um ao outro... Haviam de dizer chochices. <Rui>/Por <p>/i\ssso Rui tinha medo. Medo? De quê? De não terem que dizer? Essa agora! Se nada tinham a dizer, nada diziam. De resto a ami<g>/z\ade <assim de nada lhes *servia> [↑ sã <não *pensa nessas.> não tem essas preocupações]. <E> <n>/N\ão conversariam. [↑ Só] quando houvesse <necessi> [↑ novidades] <†> [↑ se aproximariam] para contar. Pronto: era isto. Afinal é o que se dá com quaisquer dois amigos. <Não é pré> falam quando calha e quando há que dizer. <<Rui>/Luiza\> Luiza e Rui eram amigos. “Amigos...?” – Rui sorria dorido. Ele quizera já ser amigo de Amélia... Amigo... <††>/ele amigo\ de Luiza...? Talvez...

E uma nuvem assombrou-o> [fol. 108]

O fol. 108, redigido a preto, com numeração inicial 66 corrigida a verde para 105 e posteriormente 108, apresenta cerca de dois terços da mancha textual, correspondente ao fim do capítulo, riscados a verde. A numeração do capítulo seguinte está também ela corrigida a tinta verde, reescrevendo, a lápis vermelho, o nº 5 e o 6, a tinta verde, na emenda do número do capítulo: <5>)/6\.

O texto suprimido, pertencente à versão mais antiga, inclui elementos para a caracterização da personagem Rui que, apesar dos episódios do baile da Queima das Fitas, não vemos recuperados nas versões posteriores: *Umas vezes emborrachava-se (era o título que o <ap>/co\t<izava>/ava\ entre a malta: borracho).*

Vejamos os principais momentos em que este elemento aparece no romance.

- No primeiro capítulo da primeira parte, encontramos cinco referências a esta situação:

1. vinho latejava-lhe no cérebro fervente. [fol. 10],
2. Era o Rodrigues que lhe vinha no encalço medindo a rua a passos de metro.

- Estou doente]

<- Dos cascos?> [↑ - <Estás> <d>/D\oente? Só se fôr dos cascos. Ou já vais bêbado?][fol. 11].

Neste último exemplo, a utilização do advérbio *já* inculca na acção a ideia de continuidade, de repetição da acção.

3. Também no fol. 5, dactiloscrito, durante a visita que Ferraz realiza ao quarto de Rui, com vista a reaver o dinheiro emprestado a Rui, aquele refere:

E o Ferraz <informou-se> [↑ delicado] informou-se logo da doença do Rui.

- Estás de facto pálido... Come-lhe, bebe-lhe bem<.>/;\ <Q>/q\ue tu afinal bebes-lhe que nem um alarve. Olha: não bebas; o vinho talvez te faça mal. Mas...

4. No capítulo VIII, conta-se o episódio da bebedeira de Rui e como Amélia preenche o mundo transfigurado pelo vinho branco. A visão que Rui tem de Amélia surge aí construída pelas narrativas ouvidas e imaginadas (fol. 43-46).

5. Também no quinto capítulo da terceira parte, Rui embebede-se no dia da Queima das Fitas (fol. 161-162).

O excerto retirado do manuscrito (fol. 108) revela-nos elementos não só para a caracterização das personagens Rui e Luísa mas também para a relação existente entre eles e respectivas expectativas. O autor expande, nos fols. 106 e 107, alguns aspectos presentes nos riscados, utilizando uma dualidade nas semelhanças e nas diferenças.

Situação 5. Ausência dos fols. <111>/157\ a <114>/160\ substituídos pelo dactiloscrito fols. 1-6 e ajuste no fol. <115>/161\

Os fols. 1-6 correspondem ao quarto capítulo da terceira parte, sendo o fol. 160 constituído por texto a tinta verde e recorte de imprensa colado com emendas também na mesma tinta. Trata-se do início do quinto capítulo.

O fol. <115>/161\ apresenta-se redigido a tinta preta. A mancha textual preta inicia com uma frase cujo princípio está truncado, mas que é recuperado em acrescento, a tinta verde, na margem superior. Procedimento ocorrido aquando da reescrita do capítulo cinco com colagem de recorte de jornal e paginação sequencial a tinta verde:

[<†>/Outros\ deitavam-se de braços sôbre os bancos do jardim da Universidade e ficavam-se inânimes, de braços bamboleantes como ramos de árvore] partidos e suspensos apenas pela casca. [fol. <115>/161\].

Situação 6. O fim do capítulo 11 da segunda parte fol. <81>/124\, redigido a tinta preta e riscado, e o texto dactiloscrito correspondente fols. 3-5, ambos apresentam a tinta verde as mesmas emendas (supressões e acrescentos).

Pensamos que a sequência genética dos textos é a seguinte: primeiro o texto a tinta preta do fol. <81>/124\ seguindo-se o dactiloscrito (fol. 3-5). O primeiro apresenta emendas a tinta verde e traçado em cruz também a verde. Quanto ao texto dactiloscrito, este insere-se num capítulo para publicação em periódico, como as indicações do autor apontam, no fim do dactiloscrito, a tinta preta, (*Do romance em preparação Sol do Deserto*), seguidas da assinatura, riscada e substituída, em baixo, a preto, por V. Ferreira e, no verso, *Romance em preparação De V. Ferreira publicamos um cap. do seu romance “Sol no Deserto” a sair brevemente*, com o título riscado a verde. Estas indicações mostram-nos que os fols. 1-5 destinavam-se à tipografia. No entanto, foram integrados no manuscrito do romance, segundo orientação do próprio autor na margem esquerda do fol. 1:

“Estas pág. dactiloscritas ficam entre as pág. 121 e 124 manuscritas”.

Podemos constatar que as emendas a tinta verde presentes no dactiloscrito, encontramos-las no fol. 124, também a verde. Vejamos o seguinte quadro com as respectivas transcrições:

Fol. 3-5, dactiloscrito com emendas a tinta verde

[← Mas] <O>/o\ Luiz cortou-lhe a sugestão<:;>/\ [com duas palavras lentas]

<-És parvo! Deixa lá a rapariga...>

[↓ - É uma desgraçada]

Fol. <81>/124\, redigido a tinta preta com emendas a tinta verde

[com duas palavras lentas]

<-Imbecil! Deixa lá a rapariga...>

[↑ - É uma desgraçada...]

<: podia ele envergonhar-se.> [. ↑ o bem vale por si e a si mesmo se completa.]

Luiz <sorriu sem saber porquê. E perdeu o olhar para além das paredes do quarto.> [↑ olhou com uns olhos parados e frios que nada diziam do que pensava. Lúcio embirrava com o mutismo de Luiz. Às vezes passavam-se tardes inteiras sem que ele desse uma palavra. Parecia que não entendia o mundo. Ou o não queria entender...]

<Se ele tivesse os sapatos compostos teria ido ao entêrro de Felícia. O Lúcio é que não foi.> <E>/e\ e podia ter> [↑ ¿ Porque não teria ele pois acompanhado Felícia ao cemitério? Luiz é bom. Se não foi é porque não pôde. Sim porque não pôde...]

<E Luiza quási teve pena de ter [↑ já visto] <ouvido> alguém de ter ouvido alguém que lhe alegrava os sonhos...> [(Donde tôdo êste romance criado à volta dos dois estudantes?)]

<- Então?!...> [↑ - Mas...]

era o Lúcio admirado <a>/ e\ <preguntar> indeciso.

A Conceição <foi minha criada em tempos...> [↑ é da minha terra. Quere dizer, a mãe é que era. De forma

<podia ele envergonhar-se.> [↑ quem sabe se não se envergonharia]

<Luiz sorriu <†> incompreensivelmente. Nem eçle soube porque sorriu. <Talvez> Por achar desconchavado o esmero de Conceição?> <Porém> Talvez[...]<*mesmo>> [↑ Luiz olhou com uns olhos parados e frios que nada diziam do que pensava. Lúcio embirrava com o mutismo de Luiz. Às vezes passavam-se tardes inteiras sem que ele desse uma palavra. Parecia que não entendia o mundo. Ou o não queria entender]

<Se ele tivesse os sapatos compostos teria ido ao entêrro de Felícia... O Lúcio é que não foi. E podia ter ido.> [↑ Porque não teria ele [↑ pois] acompanhado Felícia ao cemitério? Luiz é bom. Se não foi é porque não pôde. Sim, porque não pôde.]

<E Luiza quási teve pena de ter [↑ já visto] <ouvido> alguém de ter ouvido alguém que lhe alegrava os sonhos...> [(Donde tôdo êste romance criado à volta dos dois estudantes?)]

<- Então?!...> [↑ - Mas...]

era o Lúcio admirado <a>/ e\ <preguntar> indeciso

A Conceição <foi minha criada em tempos...> [↑ é da minha terra, Quere dizer a mãe é que era... De forma

que...]

Lúcio e Luiz, <<as> a sós, pensam.>
[↑ sòzinhos]

<Luíz não respondeu. E prendeu-se,
triste, às cortinas lavadas do
janelito...> [↓ Luiz pensa. Pensa
eternamente. E a sua bôca é muda
como um sepulcro

- Mas esta pequena não é aluna de
Letras?... E não foi ela que passou há
bocado no jardim?

Luiz não responde. [(Não responde
nunca.[])] E prende os olhos frios nas
cortinas lavadas do janelito]

que...]

Lúcio e Luiz <, a sós pensam> [↑
sòzinhos].

<Luiz já sabia. Já tinha concluído isso
mesmo.> [→ Luiz pensa. Pensa
eternamente, eternamente mudo
como um penedo.]

[...]

Luiz não respon<deu>/de\, [↑ Não
responde nunca.] E prend<e-se>/eu\
[↑↑ tristes] [↓ os olhos frios] nas
cortinas lavadas do janelito.

Pensamos que as emendas foram inicialmente realizadas no dactiloscrito e, numa primeira fase, copiadas para o manuscrito visto que aquele seria para enviar ao tipógrafo. Mas por qualquer motivo que de momento não conhecemos, talvez pela necessidade de tornar o texto legível em passagem a limpo, ou porque desistiu da publicação, estes fólios foram inseridos no manuscrito, substituindo a versão a tinta preta dos mesmos, mantendo, no entanto, o fol. <81>/194\ porque o capítulo seguinte (capítulo 12) inicia nas últimas linhas da mancha textual desse fólio.

2. Emenda

Escrever é desdobrarmo-nos no que escreve e no que está a ver essa escrita.

Vergílio Ferreira

O modus scribendi de Vergílio Ferreira, que se há-de apurar durante seis décadas, encontramos-lo já no manuscrito do romance *O caminho fica longe*. Iniciamos este

subcapítulo apresentando as principais características no que diz respeito às emendas efectuadas no manuscrito.

Uma vez que o *dossier* genético do romance em estudo não inclui material preparatório, isto é, um conjunto de apontamentos e notas em suporte variado, onde são utilizados diversos instrumentos de escrita, com redacção pouco cuidada e sem sequência cronológica visível, incluindo fotografias, imagens, cartas, etc, não nos é possível exemplificar a partir dele a diferenciação que o autor irá progressivamente efectuar entre eles³. Todavia, recuperando a análise realizada em outros estudos, como, por exemplo, “O traçado da escrita em *Cântico final*, de Vergílio Ferreira”⁴ ou em comunicações sobre os papéis do espólio⁵, podemos reforçar a nossa afirmação, mencionando a distinção de duas categorias: por um lado, os materiais preparatórios em suporte de tamanhos, qualidade e origem variados e os instrumentos de escrita diversificados, por outro, o texto em folhas iguais ou de dimensão próxima e escrito principalmente a tinta preta ou azul.

Em relação à apropriação da folha, podemos verificar que ocupa o rosto da mesma com a redacção, sem margens, não deixando espaço para novas intervenções. Estas terão que se aventurar, saltitando, no exíguo espaço interlinear, raras vezes nas margens, achando quase sempre sítio para se materializarem no verso.

O manuscrito é depositário não só da actividade escritural como também da dinâmica inerente: escrita – leitura – reescrita. São as ramificações espacio-temporais que nos confiam a chave para penetrarmos nesta aventura: a recuperação da história, possível neste momento, das intervenções autorais, (não sendo, contudo, de menosprezar as dos dactilógrafos, tipógrafos, editores, amigos, que reflectem também a história do manuscrito⁶), deixadas visíveis nos registos de **emendas imediatas e mediatas**. Quanto às primeiras, encontramos nas páginas vergilianas muitos exemplos de emendas imediatas, mas que se distribuem no espaço de forma diferente, umas ajustam-se à definição dada por Almuth Grésillon “réécriture qui intervient au fil de la plume,

³ Como iremos ver mais adiante, tratando-se de um romance com características autobiográficas, à semelhança de *Manhã submersa*, e sendo o primeiro romance, os registos preparatórios são escassos.

⁴ *O traçado da escrita em Cântico final, de Vergílio Ferreira* [Texto policopiado], Lisboa, [s. n.], 2004.

⁵ Helder Godinho e Ana Turíbio, “O espólio de Vergílio Ferreira”, *Veredas*, vol. 8, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas (número dedicado à Crítica Textual, coordenado por Luiz Fagundes Duarte), Porto Alegre, 2007; Rosa Maria Goulart, “A escrita imperfecta de Vergílio Ferreira”, *Vária escrita*, nº9, Sintra 2002, entre outros.

⁶ V., por exemplo, “A história do manuscrito” em estudo.

immédiatemente; elle est identifiable grâce à un critère de position: sa place est directement à droite de l'unité bifée, sur la même ligne.»⁷, e outras à definição de Alfredo Stussi: “ci sono scrittori che introducono modifiche immediate utilizzando non lo spazio ancora liberto a destra, ma quello soprastante il segmento cancellato, cioè la posizione che dovrebbe essere caratteristica delle varianti tardive.”⁸ Ivo Castro explana esta questão na edição crítico-genética de *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco, demonstrando a profusão de emendas imediatas que fazem jus à definição dada por A. Stussi.

Em relação às emendas mediatas, estas surgem ora após leitura parcial e breve ora passados vários anos até e inscrevem-se no papel de revisor, como define Ivo Castro “As emendas mediatas situam-se no domínio da revisão e configuram-se como actos de reescrita”⁹.

Aparente emenda mediata

No seguimento do exposto, a análise da topografia da emenda não é suficiente para proceder à distinção acima mencionada. Podemos apresentar alguns exemplos da escrita vergiliana que se enquadram nas palavras de Almuth Grésillon, e outros cuja realidade poderia induzir, *erroneamente*, à classificação de emendas mediatas ao ter em conta apenas o facto de não se situarem no espaço imediatamente após o elemento cancelado.

Elemento(s) sob a última palavra junto à margem direita

Por exemplo, ao observarmos no manuscrito palavra(s) redigida(s) imediatamente debaixo do final da linha, junto à margem direita, tal prática poder-nos-ia levar a classificá-la(s) sempre como a continuação de uma adição que não teria tido espaço para se completar. Trata-se antes, na nossa opinião, de situações em que o(s) último(s) vocábulo(s) da frase em vez de ser(em) escrito(s) no início da linha junto à margem

⁷ Almuth Grésillon, *Eléments de Critique Génétique*, Paris, PUF, 1994, p. 246.

⁸ *Apud Amor de perdição* / Camilo Castelo Branco; (ed. genética e crítica Ivo Castro). p. 79.

⁹ *Op. cit.*, pp. 73-74.

esquerda é(são) colocado(s) sob o penúltimo, quer seja em acto de escrita quer seja uma emenda mediata. São em menor número os casos em que o escritor termina um parágrafo com a última palavra da frase na linha à esquerda. Vejamos as seguintes ocorrências.

- a) Há casos em que a palavra a terminar tem a sua continuação imediatamente debaixo, como nos exemplos que se seguem¹⁰:

(<71>/113\)

- Você vai[↑-me] aí embaraçado deixe ver que eu levo isso! (**Parecia zanga↓da**)

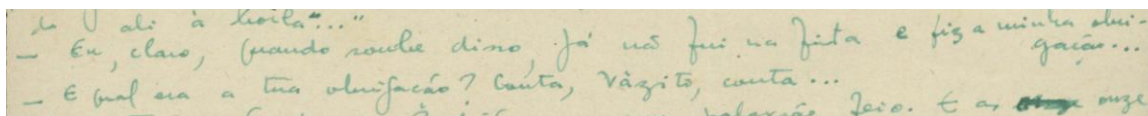
(139)

É uma coisa aflitiva... Imprimem-se 500 **exem↓plares...**

(103)

- Eu, claro, quando soube disso, já não fui na fita<.> /e\ **fiz a minha obri↓gação...**

- E qual era a tua obrigação? Conta, Vázito, conta...



BNP Esp. E31/9249

Pela análise efectuada, os três exemplos correspondem a texto em curso de escrita. O primeiro pertence à redacção duma versão primitiva a tinta preta e exhibe o número de fólio 71 dessa primeira numeração, posteriormente corrigida a verde, de forma a integrar a paginação sequencial, enquanto os outros dois exemplos encontram-se em fólios redigidos a verde. O pormenor do fol. 103 mostra a ligeira subida da linha de redacção seguida da palavra translineada, tendo a segunda metade sob a primeira. A pergunta que se lhe segue, *E qual era a tua obrigação?*, reforça a classificação de texto em curso de escrita.

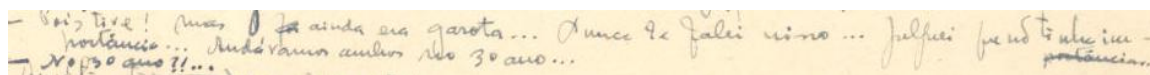
No próximo excerto, podemos verificar as duas situações diferentes

(30)

- Pois tive! Mas <foi> ainda era garota... Nunca te falei nisso... Julguei que não

¹⁰ Utilizamos o símbolo ↓ para melhor visualização, no entanto, na edição não o considerámos visto não se tratar de uma adição.

tinha im<↓portância...> portância... [Andávamos ambos no 3º ano...]



BNP Esp. E31/9249

No correr da pena, em fólio redigido a tinta preta, o autor, ao terminar o parágrafo com a palavra *importância*, faz a translineação, remetendo para a linha abaixo, junto à margem direita, a continuação da palavra. Quanto à segunda situação, pensamos tratar-se de uma pausa de escrita, após a qual, o autor riscou o fim da frase (conclusão da palavra e pontuação), deslocando-o então para o início da linha, junto à margem esquerda, de forma a ter espaço para continuar o texto.

- b) Há outros casos em que o **último vocábulo** da frase ocupa o espaço na linha inferior, encostado à margem direita, como nos exemplos que se apresentam, sendo todos em fólios cuja redacção é a verde e o último a preto:

- (81v) - <Você sabe> [↑ Por isso é] que o Camões foi pré-gongórico. Se ele realizou o tipo de homem ↓ **renascente...**
- Mas onde leu você isso?
- (129) - Curiosa sem dúvida. Veja lá que perdi uma tarde de estudo por causa de você. Agora volte a dizer-me que <não>/nunca\ quero conversar <com ↓ **você.**>[↑...]
- (130) No geral os diálogos dos filmes portugueses são teatrais, são falsos, não têm <a> naturalidade... Mas bem vê, isso só não chega. Olhe, estou a lembrar-me dum<a> outro ↓ **defeito**
- (139) - lembra-te do Eça: Vidas de Santos e acabou. Coisas novas! **Gente** ↓ **nova!**
- (<134>/180\)) Joana, pegou-se-lhe à ilharga numa mudez de cálculo. Depois despertou a ↓ **mêdo:**

As quatro ocorrências que se seguem situam-se no fim do fólio, não havendo mais texto entre elas e a margem inferior. Os exemplos apresentados mostram casos desde a palavra que termina no espaço inferior até ao último em que a mancha textual recua da margem direita até meio da entrelinha.

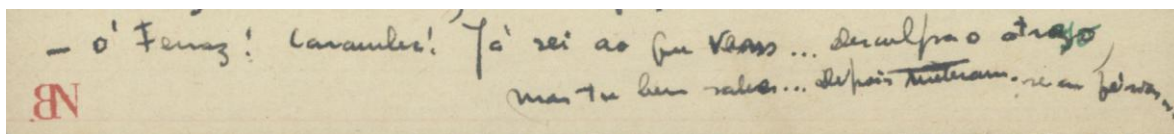
- (11) - Dize.> [↑ <- Homem, podes falar! Desembucha:>] [↓ Homem! Fala à vontade que a mim [↑ já me não] <não me> interessa<... >/na\↓da...]

(Trata-se de uma intervenção a tinta preta, em fólio dactiloscrito, situada na margem inferior: substituição por adição, onde é visível a reordenação do advérbio de negação e do pronome pessoal complemento, aquando do inciso *já*)

- (133) E ao fundo o rio, sempre o rio plácido e <↑>/moroso\ que apontava ao longe numa curva lenta<.>/\ [a «curva sumptuo↓sa»]

- (139) O Faria afirmava que a «melhor coisinha [↑ do jornal] ainda assim, era o papel e os seus versos.<.>» Isto ↓sem favor...)

- (<140>/186\)
- Já sei ao que v/ens\... Desculpa o atraso, ↓mas tu bem sabes... Depois meteram-se as férias...



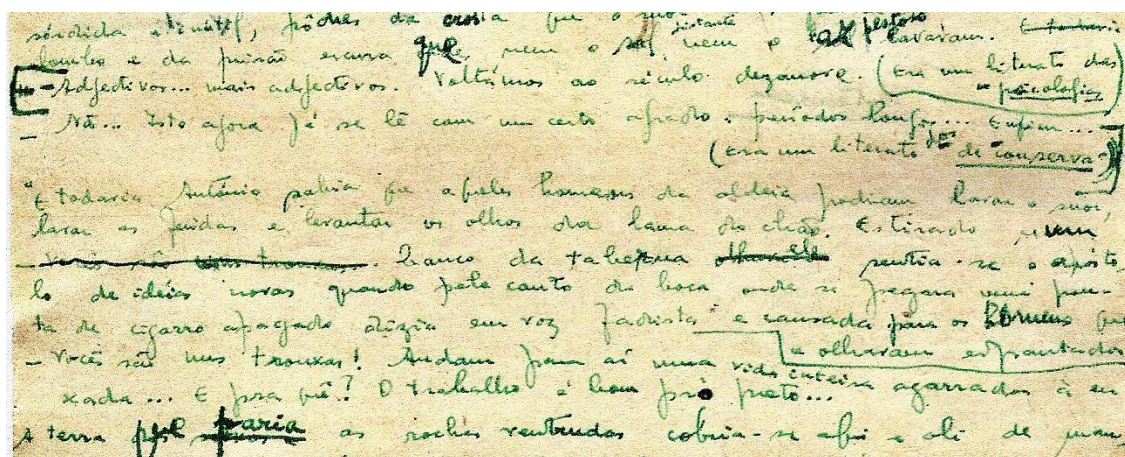
BNP Esp. E31/9249

Todavia, se dúvidas persistissem quanto a este procedimento, bastaria analisar as situações dos fols. 137 e 140 abaixo transcritas. Na primeira, o escritor tinha muito espaço aquando da redacção da frase e, no segundo caso, trata-se de um fólio exemplar de texto em que se vê a linha de escrita alterar devido à continuação da frase em baixo (cf. imagem).

- (137) - É brutal... Mas só às 11 <horas> é que vou para baixo. Vim para <*fa> aqui fazer
↓horas...

(Esta frase pertence a fólio redigido a verde e situa-se perto da margem inferior.
Entre ela e as duas frases seguintes existe um espaço interlinear maior que o habitual.)

O excerto do fólio que agora mostramos é um retrato fiel do que temos vindo a demonstrar neste momento do nosso estudo. Retiraremos apenas algumas passagens, no entanto, optámos por dá-las no seu contexto.



BNP Esp. E31/9249

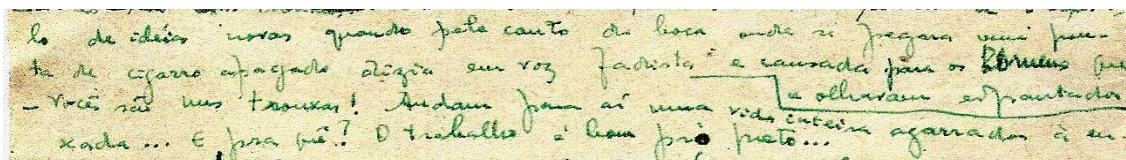
Deste destacamos algumas situações:

- (140) [(<Todavia> (Era um literato das ↓ <<>psicologias)]
- (140) [Enfim... ↓ (Era um literato [↑ dos] <<>de “conserva”)]
- (140) <- Vocês são uns trouxas...> Estirado num banco da taberna <olhav-o> [↑ ele]
sentia-se o apóstolo de ideias novas quando pelo canto da boca onde se pegava uma
ponta de cigarro apagado dizia em voz fadista [e cansada para os <†>/hom\ens que
↓ o olhavam espantados]

«- Vocês são uns trouxas! Andam para aí uma vida inteira agarrados à enxada... E para quê? O trabalho é bom prò preto...

(A supressão da primeira ocorrência da frase exclamativa e posterior recuperação leva-nos a pensar que se trata do fenómeno de projecção ou de erro de copista. Na primeira leitura, o autor escreve a frase, risca-a e deixa-a suspensa, introduz novos elementos na frase e recupera-a. Na segunda leitura, visto que este fólio é redigido numa fase de reescrita do romance, poder-se-ia dar o caso de, ao copiar de outra folha/versão algum segmento textual, o autor saltar no texto uma vez que o segmento riscado encontra-se na mesma posição, isto é, no início do parágrafo.)

Chamamos a atenção para a topografia do texto. A linha de redacção, ao colidir com o já escrito, flecte e acompanha-o até retomar a linearidade habitual.

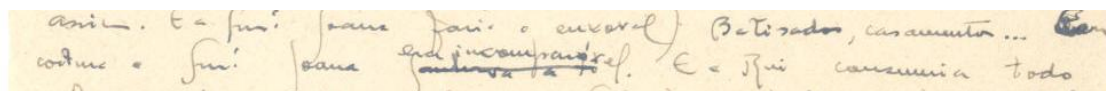


BNP Esp. E31/9249

1. Emenda imediata na entrelinha superior

Vergílio Ferreira, quando risca um segmento textual, em curso de escrita, escreve no espaço imediato ou, por vezes, emenda na entrelinha superior, sobre o elemento abandonado, retomando a linha de redacção inicial, ou, então, segue na linha da emenda. Neste processo, muitas vezes não termina a palavra que está a escrever, ficando esta incompleta, e procede imediatamente a novo segmento textual. Situação exemplificada com a imagem do fol. 16 e que mais se repete como se pode verificar na lista de cerca de 116 ocorrências que posteriormente divulgamos.

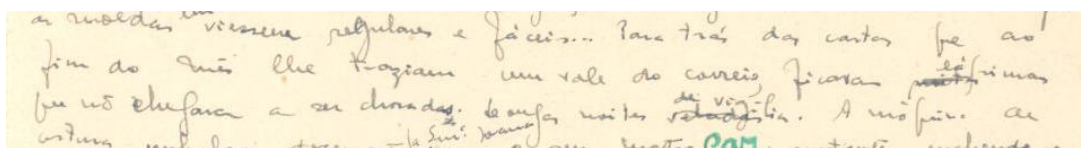
- (16) Batisados, casamentos... <*De>/Em\ costura a Snr^a Joana <ganhava a to> era incomparável.



BNP Esp. E31/9249

Quando o elemento cancelado é de pequena dimensão e o que o substitui maior, este novo fica parcialmente na entrelinha superior, flectindo em direcção à linha normal de escrita e terminando-o já aí, como acontece com as palavras *lágrimas* e *vigília* do exemplo exposto, que têm a última sílaba já na linha:

- (17) vale do correio, ficavam <noites> **lágrimas** que não chegaram a ser choradas.
Longas noites <veladas> **de vigília**



BNP Esp. E31/9249

Esta prática tanto surge em fólios escritos a preto, a azul ou a verde ou ainda em acrescento a verde, como nos exemplos que se seguem, respectivamente:

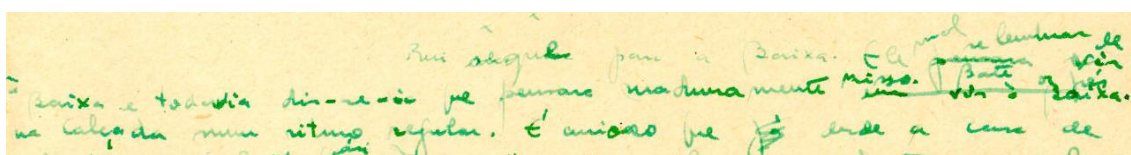
- (126) Assim, <o>/a\ <espírit> **inteligência e a imaginação calar-se-iam.**
- (132) <*Os seus>/Seus\ pés <nus>/nus\ [↑ **tinham**] pisa<ram>/do\ <as> **flores e**
<perfumaram-se nelas.> nelas se tinham **perfumado.**
- (55) [E **amava** <amava duma forma estu> estupidamente como **um inofensivo**
trovador...]

No segundo caso, contribui para a classificação de emenda imediata o facto de assistirmos à alteração do tempo das duas formas verbais de pretérito mais que perfeito simples *pisaram* e *perfumaram* para mais-que-perfeito composto, *tinham pisado* e *tinham perfumado*. Na primeira, o autor acrescenta na entrelinha o auxiliar *tinham*, na emenda da segunda, à reordenação do complemento, junta a redacção da forma verbal, descendo à linha, onde termina o particípio, e continua a materialização do texto. No

exemplo do fol. 55, o autor transforma o adjetivo, cuja redacção tinha iniciado, em advérbio e continua a redacção da frase.

Atentemos agora em passagens cuja leitura é mais complexa.

- (40) Rui <m>/se\gu<iu>/e\para a Baixa. Ele [↑ mal] <pensara na> [↑ se lembrara de vir à]
Baixa e todavia dir-se-ia que pensara maduramente <em vir à Baixa.> **nisso. Bate os**
pés na calçada num ritmo regular.

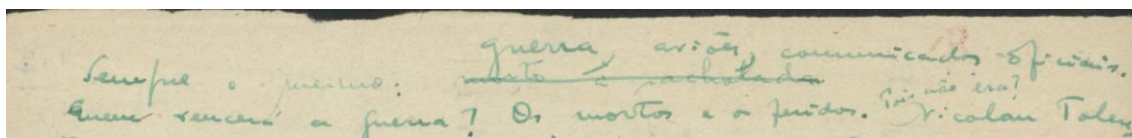


BNP Esp. E31/9249

Neste excerto do fol. 40, face à repetição textual *em vir à Baixa*, o escritor cancela a segunda ocorrência, substituindo-a por um pronome na entrelinha superior *nisso*, continua a escrever sobre o segmento riscado *Bate os pés* e segue depois o curso normal da frase na *calçada num ritmo regular*.

O passo que de seguida se apresenta, pela sua análise meramente espacial, poder-nos-ia levar a pensar que se trataria de um acrescento na margem superior, mas tendo em conta o contexto, isto é, a frase que se lhe segue, podemos afirmar com segurança que o autor utilizou o espaço em que fez a emenda para dar continuidade ao texto.

- (193v) Sempre o mesmo: <morto a sacholada> guerra, aviões, comunicados oficiais.



BNP Esp. E31/9249

Esta ocorrência insere-se numa adição feita, no verso do fol. 193, com tinta verde. O autor risca o segmento *morto à sacholada* e escreve sobre ele *guerra, aviões* e continua a

desenvolver as ideias no contexto da guerra. Só assim faz sentido a frase *Quem vencerá a guerra?* no início da outra linha.

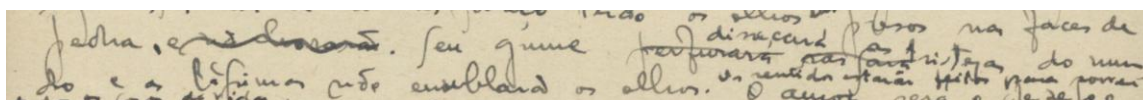
Também no fol. 197, o autor continua a redacção na linha onde fez a emenda.

- (197) - Eu, <não acredito. Sabe que ela é duma terreola> pelo que me contaram, creio bem que... coitadita, desgostosa, o marido era <rude>/assim\... rude...

Uma vez que o elemento cancelado é extenso, e o autor não risca o sujeito, primeira palavra da frase, o pronome *Eu*, para aproximar a nova frase do sujeito, escreve sobre o segmento cancelado mas depois flecte no sentido da linha de escrita.

O próximo exemplo mostra três lições em curso de escrita, sendo redigidas em espaço físico diferente. A primeira emenda situa-se imediatamente após o cancelamento e a última ocupa o espaço interlinear, como podemos ver na imagem.

- (31) Seu gume <perfurará> <rasgará> dissecará as tristezas do mundo e as lágrimas não enublarão os olhos.



BNP Esp. E31/2949

Como temos vindo a demonstrar, Vergílio Ferreira privilegia o espaço interlinear superior, mas o próximo caso, embora houvesse espaço em cima, mostra excepcionalmente a emenda sob o elemento anulado, continuando nessa linha, mas, flectindo no final, harmoniza-a com a de cima.

(199v) <O>/A\ sua amizade abre-se em mil cuidados que <tornarão o entêrro> **chamarão a atenção de todos para aquela festa de luto**

Emenda imediata ou mediata?

O uso do entrelinhamento em curso de escrita dificulta a classificação do tipo de emenda. Há sítios no manuscrito que, por serem parágrafos, requerem mais elementos de análise na sua classificação, para então decidir se estamos em presença de uma emenda imediata ou mediata. Seguem-se alguns casos.

(1) Na flacidez morna da noite, <ador>/Coi\mbra <começava a dormir.> **adormecia.**

O exemplo destacado situa-se na primeira linha de texto do romance. Entre ele e a margem superior apenas existe a indicação de *Primeira Parte* e a numeração do fólio, e, à direita do elemento cancelado, no fim da frase, ainda existe espaço livre. Consideramos as duas emendas aí presentes imediatas. Podemos classificar a primeira emenda de projecção, visto o início da palavra riscada *ador* ser substituído por *Coimbra*, sujeito da forma verbal que é riscada *começava a dormir*, e, à semelhança do que atrás mencionámos, ser retomada a palavra começada anteriormente *adormecia* que é então redigida sobre o elemento excluído.

Situação diferente é a do próximo exemplo:

(<140>/186\)

- Sabes que a Amélia <casou?> [↑ **vai casar?**]

- **Cas<ou>/ar\?** Com quem?

- Não sei. [↑ Com] <U>/u\m tipo lá da terra. Parece-me que <era>/é\ africano. Quem m<e>/o\ disse foi a Catarina. Mas [↑ela] soube-o cá também! <Ela> [↑ A Amélia] <não <mais>> [↑ não] lhe tornou a escrever.

Amélia, casar<?>/!\ <Melhor fôra assim.> A ideia de que as carnes rijas da antiga namorada iam ser conhecidas, tocadas por outro, trouxe-lhe em <visão> [↑passagem] <†>/r\ápida <a visão> estremecimentos antigos. Demais o noivo - um africano, rico decerto - era <possivelmente> [↑ talvez] um esboicelado, negro e estúpido. Amélia viveria sempre descontente. <e os>/Os\ beijos as carícias do

[↑futuro] marido <seriam> <eram> haviam de enjoá-la pela babosice pegajosa. Além disso Amélia, rija, áspera, de vibrações duras, requeria no trato conjugal um homem, <sadio e domina> um verdadeiro homem. (Rui pentea-se ao espe<†>/lho\ e <<†>/mira\> [↑ mira] com terror as suas faces lascadas. Se ele tivesse casado... <E> <e>/E\le não devia pensar em casamento. Só, egoistamente só mordendo calmamente <o o> os dias, ir-se-ia gastando à sombra dos versos e das medicina).

A alteração do tempo verbal de pretérito perfeito *casou* para futuro próximo *vai casar* foi efectuada antes da redacção do parágrafo, cinco linha abaixo, em que Rui antevê, enciumado, a posse do corpo de Amélia pelo futuro marido, pois, o tempo verbal aí utilizado *iam ser conhecidas, tocadas* está em consonância com os outros das emendas. Além disso, a correcção é tida em conta aquando do início desse parágrafo *Amélia, casar*.

Lista de emendas imediatas na entrelinha no manuscrito (testemunho A)

Perante a dificuldade em saber onde termina a emenda e consequentemente a sua representação, e visto serem emendas imediatas, procedemos à transcrição habitual, i.é, sem ter em conta a topografia do novo elemento no corpo da edição. Aqui, optámos por listar as ocorrências em todo o manuscrito, destacando a negrito o segmento textual cancelado e a emenda. O levantamento apresenta-as por ordem de fólio, no entanto, umas são redigidas a tinta preta (fols. 3, 7v, 16-18, 27, 110,126, 145, 173, 176, 178, 179, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 188v, 189, 190, 191, 192v), outras a tinta azul (fols. 151, 196, 197, 198, 199), outras ainda a tinta verde (fols. 91, 101, 103, 105, 106, 132, 199v) e outras dactilografadas (fol. 5).

- (3) <Mas Rodrigues> **Negra vida!**
- (5) E o Ferraz <informou-se> **delicado** informou-se logo da doença do Rui.
- (7v) Os vestidos <em tufe> **caíam** em tu<fos>/fos\ [↑<no chão>] e mal deixavam assomar as pont<inhas>/as\ dos sapatos.
- (16) (O seu Rui <havia de> **um dia havia** de ter uma assim. E a Snr^a Joana faria o enxoval)
- (17) sós <†>/(\ o marido <fora amanhar> **saíra para a** courela<.>/)\
vale do correio, ficavam <noites> **lágrimas** que não chegaram a ser choradas. Longas noites <veladas> **de vigília**.
A vida para ele [↑ não] devia [con]ter <outora...> **o passado**. Só à frente a perspectiva bela do sonho. <Ah! e a Snr^a. Joana também de vez em quando fugia da [↑ branca] **roupa <branca que> que a máquina** cosia e
- (18) <E>/E\le Rui, indivíduo <sem <colocação,> **emprêgo, estava↑ainda não tinha emprêgo.]
Se ele quis<er>/es\se podia <naquela mesma noite> **emborrachar-se naquela** mesma noite.
<->Foi <um> **o estoiro dum soco<.>/,\ <****Tremendo que est> na mesa**.
<... † <silen<cio>/ciava> <...> **Mas Rui, em silêncio, ferrava** os dentes uns nos outros**
- (21) Assim Coimbra <tinha> [↑ <era>/tinha\] para Amélia <um repouso> <tinha> **o encanto** d<o>/e\ [↑ tudo o] que é misterioso e tranquilo.
Aquilo era só para passar[↓em] tardes nos jardins ou ver[↓em] fitas de cinema <encostados> **chegados à** menina.
<Quem a namorasse seria um felizardo[...]> **Havia quem contasse o caso com boa soma de pormenores. Feliz** o que a namorasse...
- (27) Quando o vento sopra forte, receia que o cabelo acamado sob as abas do chapéu, se <levante e se descom> **erice, desgraciosamente**. É por isso que ele
<A vida para ele> **Queria uma vida li**geira e fácil feita de coisas irreais e vaporosas.

- (29) Horrível que esta história **d<as>/o\ <meza> dinheiro** lhe <tire> [↑ roube] a inspiração <<desses>/dos> [↑ dos seus] poemas.
- (31) Duros músculos de pedra regados **p<elo>/or\ <coração> sangue** fresco <agarrará> [↑ hão de agarrar] na vida e hão-de dar-lhe socos valentes.
- Seu gume <perfurará> <rasgará> **dissecará as** tristezas do mundo e as lágrimas não enublarão os olhos.
- Que ma joie demeure... <demeure> **o campo** dos junquinhos...)
- (32) A mulher não movia os olhos <pregados> **inexpressivos** <que> prega<m>/dos\ [n]<a>/o\ <fundo> <dobra> **cotovelo** do caminho que o marido dobrara.
- <Z>/E\ Zeferino que sentia a força do dia que começava, percebia <dentro de si uma luta brutal> em si um<a> **instrumento** <de> **que a energia** do sol movimentasse também
- (33) não [.] <porque> **De resto** os seus pensamentos não podiam fixar-se em nada e ele sentia-se apenas um ser em movimento <com>/dota\do <olhos e ouvidos> [↑ de sentidos].
- (34) Quando Rodrigues raciocinava, pensava isto <just> **mesmo.**
- (38) <Para Rodrigues> **ele fundira** tôdas as complicadas questões de amor numa costureirinha simples e higiênica.
- Rui <continua> **ainda acredita** que a sua atitude
- (39) Na janela em frente um rapaz moreno <não acabou de sorrir> não acabou ainda de sorrir.
- (39) Amélia <morre> **deixara-o** decerto.
- (40) Ele [↑ mal] <pensara na> [↑ se lembrara de vir à] Baixa e todavia dir-se-ia que pensara maduramente <em vir à Baixa.> **nisso. Bate os** pés na calçada num ritmo regular.
- (43v) - ... <e decerto mais> **tem com certeza** mais juízo do que esse magri<c>/z\ela

- (43v) Devia sentir que a luta é o <músculo m> **que de mais** humano existe.
- (54v) <Ele impor-se-ia> Mas Rui não tivera coragem.
- (55) [E amava <amava duma forma estu> **estupidamente como** um inofensivo trovador...]
- (56v) Rui <†> **julga** até que ela se embaraçou.
- (66) Por isso Rui vê-se embaraçado para lhe perguntar <o que tem feito> **esta coisa simples**: que tens feito?
- (91) O <muro> **mundo** abria-se! E foi a medo que ela repreendeu:
- (95) Em Coimbra para se <falar...> **murmurar...**
- (101) A sueca também começava a aborrecer. Mas <sair como?> **quem podia** sair com um tempo daqueles?
- (103)] E as <*douze>/onze\ horas <chega> **vieram**
- (105) <[† Junto]> No cais, homens anegrados <†> **descarregam** pilhas de lenha
- (106) É sempre assim: quando se <quere> **quere** ter piada...
- (110) <<Ia a casa de Conceição> Dentro <*de si>/dele\ **borbulhavam** ansias carnaís. A história de Amélia espicaçara-lhe frenesis.>
- (110) Rodrigues <formou> **formou**<-lhe> o laço dos braços que lhe iria[†m] prender o pescoço débil.
- (126) Assim, <o>/a\ <espírit> **inteligência** e a imaginação calar-se-iam.
- (132) <*Os seus>/Seus\ pés <nus>/nus\ [† tinham] pisa<ram>/do\ <as> flores e <perfumaram-se nelas.> **nelas se tinham** perfumado.
- (145) <<Não nasci para> Eu sei lá nada! Nem sei p'ra que nasci!
- Mas um dia, <parou>ao levantar-se, sentiu um[a] <peso> [† dor] no peito. Arfou a custo.

- (151) Ela partiria. <Para onde?> **E que diriam dela?** Como seria o enterro?
Ainda <se se condeou> se lhe dessem razão e a lamentassem...)
Luiza não mais <lhe perguntou nada s> **lhe tocou** na sua vida particular.
- (173) Melhor fora ter ficado em casa[.] <ou...> **Seria preferível** ir embora.
- (176) Mas você <††> **prejudica-se por** uma questão sem importância.
Amélia <não se salvara> está perdida. (pela análise do tom da tinta e caligrafia)
- Infelizmente, <pensei de> **os outros já** pensaram demais por mim...
É o drama que vai explodir rebentando os travões [.]<do auto-domínio> **Rui perturba-se** e toca ainda o braço de Amélia e toca ainda no braço de Amélia:
- (178) <†> <De resto> <a>/A\ realidade, a dura realidade de agora, impunha-lhe apenas um dever brutal e <*se>/ce\rrado: estudar, <[†, para a]> <**formar-se.> trabalhar** para a formatura.
<deixa> **poderia** deixá-los expandir
<*Mas ve> **Mas sempre** que a vaidade
quando <pensasse> **se deitasse,**
- (179) Então se <um>/o\ indivíduo **A <mata> <reclamasse> exigisse** do indivíduo **B.** a parte da propriedade, que **B <diz> [† B. diz]** pertencer-lhe [† pelas razões que já sabemos,] como é que tu querias...
- (181) Tu <és maluca,> **não estás no** teu juízo.
era um proprietário pobre, <depo> **além** disso a filha do Snr. Cosme
- (183) Era um estímulo. E Rui pela <<8>/9\ª ou 10ª vez> [† nona ou décima vez] começava todos os trâmites [† do namôro com] <dos>/os\ anseios, nervosismos<,>/e\ <**sonhos do namoro> noites mal dormidas.** Mas Joana cedeu.
«o badameco! o badameco!» <a vizinhan> **as lágrimas** de Joana, e uma criada batendo à porta de Rui:
das criadas, <do>/da\ <povo> **aldeia,** Rui pedira.
os livros que <ele abandonara.> **esperavam sempre** pacientes e amplos atestando a mesa.

[fol. 184] O pai bojudo e labregório expulsou-me e mandou pedir-me os documentos da filha.
<Agora por cá ando> Mande-lh'os **altivo**, digno, sem uma letra e, garanto-te, se fôsse ele que se dirigisse a mim vomitava-lhe nas ventas com ar albinico-forjaico-sampaio: toma...

<*meu imbecil!> Tu subintendentes o resto.

(186) A ideia de que as carnes rijas da antiga namorada iam ser conhecidas, tocadas por outro, trouxe-lhe em <visão> [↑passagem] <†>/r\ápida <a visão> **estremecimentos** antigos.

<e os>/Os\ beijos as carícias do [↑futuro] marido <seriam> <eram> **havam de** enjoá-la pela babosice pegajosa.

Além disso Amélia, rija, áspera, de vibrações duras, requeria no trato conjugal um homem, <sadio e domina> **um verdadeiro** homem.

mordendo calmamente <o o> **os dias**,

[fol. 187] Rui que conseguira angariar os 100\$00, bateu 4 notas de vinte e tilintou <<2 moedas a> [↑ a garantia de] ↑**2 moedas de** <boa> [↑<garantida>] liga.> [↓ a garantia de duas moedas.]

onde é que iria ele arrebanhar a suficiente <bene> **condescendência** para <†>/não\ reagir perante a <humanidade> [↑realidade]

<Carpe diem> **Decididamente:** estudar, ganhar a vida e depois seguir o velho <dito> *carpe diem* <†>/-\ [↑ de Horácio] goza o dia de hoje.

Ser calmo e fruir <a bele> [o] prazer de cada facto, de cada <aven> **emoção**, que boa ou má, sempre <contem> [↑contém] qualquer parcela de curiosidade e de <entusiasmo.> [↑ gôzo.]

- Àmanhã? <Esta>/Isto\ <organização> **é que é uma** <história> [↑ gaita]<?>!

<†>/Marcavam-se\ assim os actos «do pé para a mão».

(188) [Das experiências amorosas <ficara-lhe> **tinham-lhe** ficado os braços estendidos...

Para quê <andar a> **embaraçar-se** em empecilhos?

Faltava-lhe apenas <ac> **levar** a sensibilidade a achar

Por uma estranh<a>/o\ <metamorfose,> [↑capricho,] do <<>carpe diem<>>, <exqui>
esgueirava-se subtilmente o <<diem<>> enovelando-se em gaze que <*esbatia> [↑
esmoía] a rijeza da lógica.

<Um dia> [↑ <Reduzi-lo>] <se>/Se\ o <reduzi> **sugeitasse** às condições da vida
actual, as<i>iriam logo os livros, a falta de dinheiro, a[s] incerteza[s], como bichos
[↑que se tinham] acoitad<os>/o\ ao rumor de passos.

Cert<o>[↑amente] <que> o <gôzo> gôzo do dia a dia, não podia excluir uma dose
<sã> **sadia de** intelectualidade.

sentimento exaltado <e **rematado**> **para que o prazer** f<o>ô\sse máximo
e<*remata> [↑ <cortado>]

Cá em baixo, casebres arrepiados de frio enrolam-se ao lume e o fumo em <rolos> [↑
novelos] espreguiça-se <↑>/l\ento <em **nuvens**> **esbatendo as** coisas.

- (189) Rui <estirado> <enterrado> [↑ entornado] <num> **num sofá** sorve com lentidão um cigarro feito.
- Ramos secos malfeitos, <aconhec> <estendem-se> [↑adiantam-se <no>/ao\ tronco] medrosos, com ar pedinte
- <A rap> **Um dia**]o escândalo ia rebentando.
- (A Rosinha - era <a filha do Admi> o nome dela e tinha ares de boa rapariga[,] [↑ e vinha] <)>/de\ boas famílias)
- (190) Aí Julião<, **que> costumava de** quando em vez perguntar uma distração: <és feliz?>
- Afinal o Rodrigues também tinha [↑ um caminho e] um Sol., que <o **havia de queimar> <dentro dele rebrilhava.>** [↑ o iluminava.] [<144>/190\]
- Trágica e <†> **persistente** martelava-se-lhe no cérebro a ideia de que afinal era um inútil.
- (191) <**Romances eram> Até mesmo os livros sólidos** e profundos eram teoria e estupidez.>
- <†>/E\le julgava-os todos <<**uns chatarrões> em calão académico** «uns chatarrões».
- <**Por isso Rui comia> Sem essa companhia**, Rui debruçado sobre a mesa comia a um canto silencioso e apressado<.,>/\ <**Lá para longe mal> mal se dando conta da** piada *charra <dos funcionários> [↑ dos outros.]
- (192v) <**A Snr^a Joana> O cadáver, as velas**, o cheiro morno a defunto.
- Às vezes batia a meia-noite e Rui, acordado, via, via realmente erguer-se o caixão com o peso do cadáver e empinar-se-lhe ali de frente, como uma <esta> **sentinela**.
- (193v) [Sempre o mesmo: <**morto a sachola> guerra, aviões, comunicados oficiais**.
- (196) Rui <**sorriu:> irritou-se** intimamente. Queria sorrir. Queria dizer que «não, nada disso estás tolinho homem; doente eu? Sempre rijo e fero» Sempre rijo... Mas não achou uma resposta adequada. **E <mur> arrastou-se[:]** <*um>

Rui, <desatou> **conformado (onde ia essa história...) desatou:**

(ia a dizer de «maluco». Mas Julião <† **maluco**> **não podia** ser maluco. <E> <e>/E\le
<ali> estava [↑ ali] casado e satisfeito)

desculpe se o incomodo, mas já <vai tudo> **há tanto** tempo que...

(197) Pois < digo-lhes> **dou-<lhes>/te** os parabens,

o Dr. Rui <é um celibatário † *inco> **tem uma fobia pelo casamento**, que alto lá
com ele?

- E a Amélia? ... <Veja...> **coitada** ... enfim, [↑ coisas da] <a> vida

(198) - Ora vê tu como hoje <soubeste coisas> **recebeste** tantas novidades.

Joana pensa: <*oxalá é simpático o rapaz, mas <parece> <mete> **deixá-lo ir
embora. Assusta uma pessoa. Parece meio maluco.**

A <viagem> **chegada** tarda! Tarda!

E a viagem tinha uma chegada, uma terrível [↑ e forçosa] chegada <que ía> **Para quê
esperar?**

(199) <Para> <Não tinha> **Estava bem: não** valia a pena incomodar-se. Para quê pois
aquela ida por uma noite sombria e gelada a um casebre distante?

O sol de inverso <rebl> rebrilhava e o vento <açodado> **refinado zunir** nos
ciprestes.

(199v) <O>/A\ sua amizade abre-se em mil cuidados que <tornarão o entêrro> **chamarão
a atenção de todos para aquela festa de luto.**

Tipos de emenda imediata

Apresentamos aqui alguns exemplos das diferentes manifestações da emenda imediata, além do que atrás já ficou explicado.

(<140>/186\)

trouxe-lhe em <visão> [↑passagem] <†>/r\ápida <a visão> **estremecimentos** antigos.

(Em fólio redigido a tinta preta, o autor emenda a primeira ocorrência de *visão* para *passagem* provavelmente depois de tê-la escrito segunda vez. Pensamos que, ao voltar atrás para fazer a emenda, quando vai retomar a frase, risca *a visão* e, sobre o elemento cancelado, inicia a palavra *estremecimentos* que termina já na linha de redacção do texto.)

Forma riscada retomada imediatamente sem variante intermediária

(<115>/177\)

Para o Rodrigues <reservava> [↑ reservava] <a manifestação de> a confissão de tôdas as **manifestações** [↑ da] sens<íveis.>/ibilidade\.

(Neste excerto redigido a preto, podemos referir três situações diferentes: retorno da forma verbal *reservava* sem que tenha registado alternativa; projecção de *manifestação* e transformação do adjectivo *sensíveis* no nome *sensibilidade* inserido em sintagma preposicional

Retorno

Encontramos no manuscrito casos de retorno, uns em curso de escrita e outros após leitura.

(11)

<Sinto-me mal> [↑ <Não estou bem da> **Sinto-me mal**, não sei que fôsse isto...].

Projeção /Deslocamento

Como podemos observar nos exemplos expostos, a frase não estava ainda terminada no espírito do escritor, este procede frequentemente a amplificação da frase:

(95) Sôbre a cidade morta caía a desolação e a tristeza com a noite <espessa> duma negrura **espessa**.

(<147>/193\)) Os pés escorregavam em declive doce e os ventos[,] <espalhavam> bafejando em suspiro[,] **espalhavam** aromas esquisitos.

(O autor suspende a continuação da frase ao riscar *espalhavam*, intercala uma oração gerundiva, e retoma a frase inicial com a mesma forma verbal anteriormente rasurada.)

(1) Na flacidez morna da noite, <ador>/Coi\mbra <começava a dormir.> **adormecia**.

(2) <a>/A\mélia tinha um tic de mulher <f>/d\e **ão flexível**. Áspera. Soberba. E bela.

(2) <Aquilo> [↑ Não vês [↑ que **aquilo**]] não é <tipa de> [↑ para] falinhas doces, que <o>/é\ [↑ só] o que tu sabes dizer?

(2) **Quere**> [↑ Não vês que o que ela **quere** é] um homem?

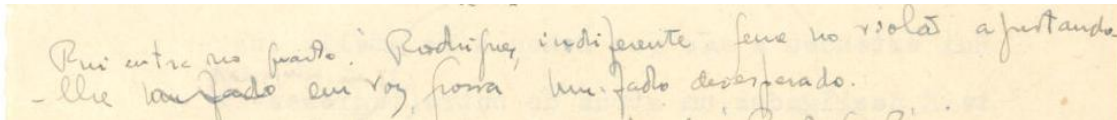
(5) E o Ferraz <informou-se> delicado **informou-se** logo da doença do Rui.

(7v) <O Rui <repensava> [↑ falava pou]> <Já dera umas voltas...> Rui falava pouco[.]
<e **aconchegava-se etc**> [↑ Ao Fernando quási só o conhecia de vista. E os outros eram "parvos". Por isso **aconchegava-se etc...**

(173) Mas a <tran-> aparente **tranquilidade** de Rui segurou-a.

(14-15v) Rui entra no quarto. Rodrigues, indiferente geme no violão ajustando-lhe <um fado>
em voz grossa **um fado** desesperado.

De que côr seria a vida de Rodrigues?



BNP Esp. E31/9249

(191) <†>/E\le julgava-os todos <<uns **chatarrões**> em calão académico <uns **chatarrões**>.

(196) Rui <sorriu:> [irritou]-se intimamente. Queria **sorrir**.

(32) <E a mulher pensava que a <<língua era>/linguagem\> **fala era um dom inútil**>

Pegava na enxada pesada [↑ ou no mangua] e de casaco ao ombro saía membrudo e vagaroso. Às vezes avisava:

«- Jantar a horas

«<Ela>/Marta\ não respondia. Não por medo<, por>[.] Mas porque entendia que não valia a pena falar. (**O dom da fala era** [↑ **um dom**] quási <[↑ **um do**]> **inútil**).

(32) Se o Parvalheira agora lhe aparecesse ele rasgar-lhe-ia as carnes fibra a fibra
<**sorvendo com lentidão**> com a navalha de ponta, **sorvendo com lentidão** o prazer
de <ver morrer> [↑esfacelar] o malandro que lhe abandalhara a filha mais velha».

Outros casos:

Deixámos para este momento um episódio interessante:

- (2) um minuto de [↑ **silencio**] religioso[.] <de> Rui continua em monólogo:



BNP Esp. E31/9249

Não estamos perante uma adição mas antes a colocação no papel de uma palavra que, estando mentalmente na frase, não se materializara na redacção: a espacialização/topografia da palavra *silencio* revela-nos que estava no espírito do escritor quando escreveu a frase uma vez que escreveu a preposição *de*, omitiu o nome, seguida do adjectivo que qualifica esse nome, daí o seu aparecimento na entrelinha superior. A corroborar a nossa interpretação, basta atentarmos no cancelamento da preposição *de* que inicia o genitivo *Rui*, no seu posterior cancelamento e na adição do ponto final após o adjectivo *religioso* que anulam a hipótese de inicialmente o autor ir colocar o adjectivo após o nome.

Emenda mediata

No *dossier* genético que estudamos, podemos organizar temporalmente as emendas mediatas, *grosso modo*, em dois grandes grupos: emendas realizadas no manuscrito (testemunho A) e na fotocópia de exemplar da edição (testemunho D).

Quanto ao manuscrito do romance, este inclui, como já mencionámos em vários momentos deste estudo, a data de escrita *11-I/29-XII 1939*, no entanto, pela análise dos materiais e socialização do manuscrito e posteriormente da obra, podemos afirmar que as intervenções de Vergílio Ferreira ultrapassam essa data. Por outro lado, só foi publicado em 1943.

Uma vez que Vergílio Ferreira oferecera o manuscrito do romance em Abril de 1944 a Francisco Costa Marques, segundo nota autógrafa deste na última folha da peça

documental, as emendas aí presentes só poderão ter sido realizadas até à data da publicação ou até à data da oferta. Por conseguinte, as balizas situam-se entre Janeiro de 1939 e 1943 eventualmente até Abril de 1944, depois do qual o autor não pôde visitar o manuscrito.

Como já mencionámos aquando da descrição do testemunho D, este inclui intervenções para uma reedição do livro, situadas em finais da década de 80 início de 90. Aquelas foram executadas sequencialmente com instrumentos diferentes: tinta preta, grafite e tinta azul¹¹.

O tempo que medeia a escrita-leitura-reescrita é variável. Nos exemplos que se seguem, podemos constatar que esse tempo foi provavelmente de segundos ou poucos minutos, ou então anos.

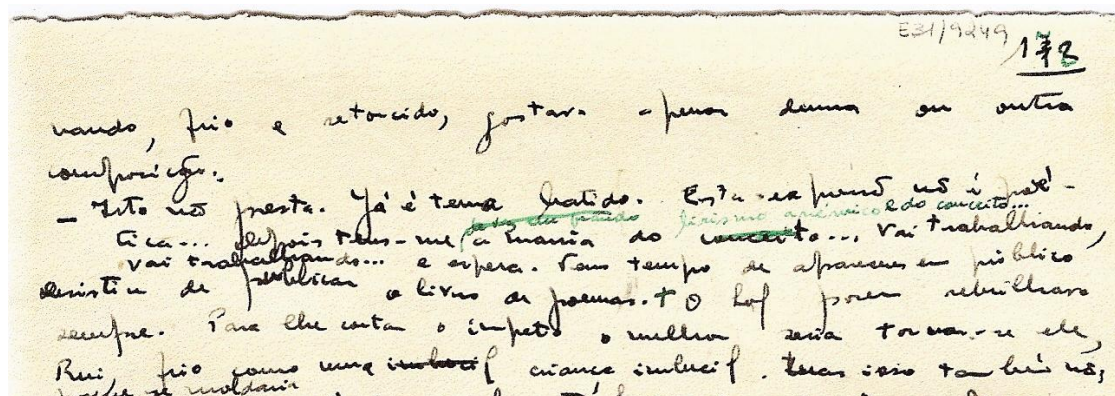
1. Intervalo de tempo mínimo

1.1 durante a redacção da versão primitiva do romance

Mas Fer[fol. 178]nando, frio e retorcido, gostava apenas duma ou outra composição:

- Isto não presta. Já é tema batido. Esta expressão não é poética... Depois tens-me <[↑ de vez em quando]> a mania do <conceito...> [↑ lirismo anémico<...>/e do\ conceito....] [**Vai trabalhando, vai trabalhando... e espera. Tens tempo de aparecer em público.**] Desistiu de publicar o livro de poemas. [fol. <132>/178\]

¹¹ Cf. descrição do testemunho.



BNP Esp. E31/9249

Ainda aquando da redacção inicial do romance, a tinta preta e com numeração de fólio 132, posterior 178 a verde, podemos assistir a uma brevíssima pausa para proceder a uma emenda mediata. Afirmamo-lo com base na análise da distribuição do texto no espaço, da interrupção da frase em processo de escrita e do retomar da ideia da frase acabada de escrever com vista à sua ampliação. Assim, depois de escrito o início do parágrafo *Desistiu de publicar*, o escritor faz uma paragem e volta atrás e acrescenta *Vai trabalhando, vai trabalhando... e espera. Tens tempo de aparecer em público*. As palavras flectem e descem à linha do parágrafo iniciado, ocupando esse espaço. Quando prossegue a redacção do texto, dando continuação à frase *Desistiu de publicar*, o complemento *o livro de poemas*, ao ter a sua linha preenchida, adere ao mesmo movimento descendente [fol. <132>/178\].

1.2 durante a reescrita do romance

O excerto que exibimos, em seguida, mostra a relação entre duas intervenções concretizadas no verso do fólio 54, a tinta verde, durante a releitura do manuscrito: uma primeira adição no verso com a indicação “(Volte)”, entrelinhado décimo nono do fol. 54, e outro acrescento dentro desse primeiro com traço direcciona, segundo a respectiva imagem.

[Amélia tinha outro. Namorava outro. Ele estava posto de lado. <Rodri> E todavia senti<u>/ra\ que tudo isto se <*iria>/ia\ dar. Rodrigues avisara-o. O mundo avisara-o e

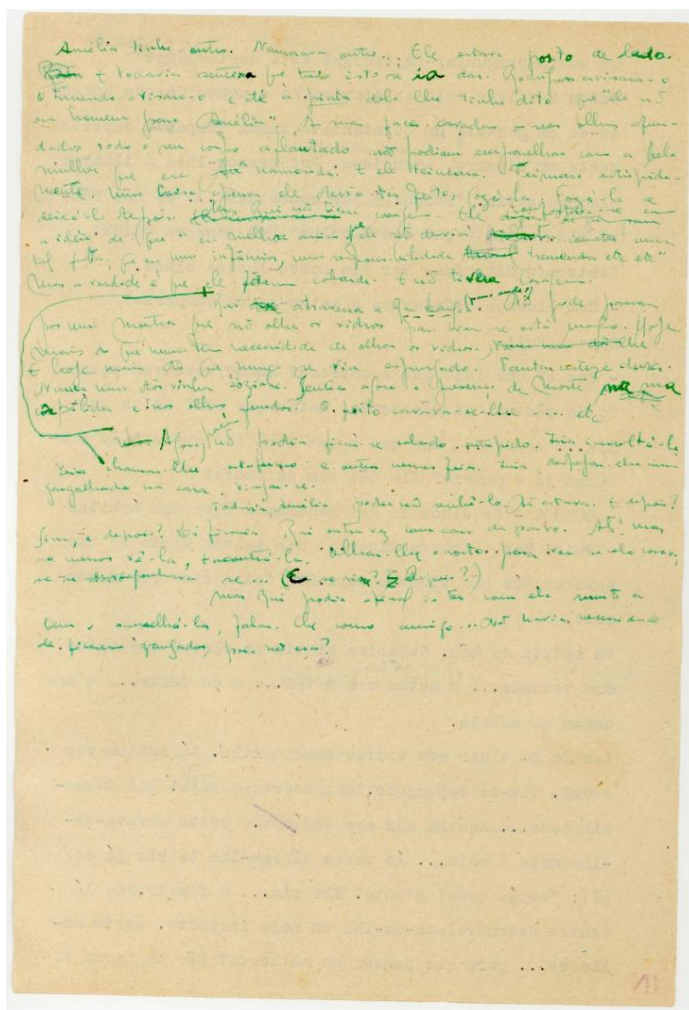
até a pinta dela lhe tinha dito que «ele não era homem para Amélia». As suas faces escavadas os seus olhos afundados, todo o seu corpo aflautado não podiam emparelhar com a bela mulher que era <Am> a namorada. E ele teimara. Teimara estupidamente. Uma coisa apenas ele devia ter feito: gozá-la. Gozá-la e deixá-la depois. <Ela curvar-se-ia> Mas Rui não tivera coragem. Ele <dizia de si para> confortava-se com a ideia de que “era melhor assim [↑ que] ele não devia <desfrutar> cometer uma tal falta; que era uma infâmia, uma responsabilidade <moral> tremenda etc etc” Mas a verdade é que ele <era>/fora\ cobarde. E não <tinha>/tivera\ coragem.

[<Mas> Agora, [↑ porém] não podia ficar-se calado entupido. Iria insultá-la. Iria chamar-lhe estafermo e outros nomes feios. Iria despejar-lhe uma gargalhada na cara. Vingá-lo.

Todavia Amélia podia não recebê-lo. Aí estava. E depois? Sim, e depois? Lá ficaria Rui outra vez com cara de parvo. Ah! Mas ao menos vê-la, Encontrá-la. Olhar-lhe o rosto para ver se ela corava, se se <cor>/env\ergonhava se... (<†>/E\ se ri<r>/ss\e? <E> <D>/d\epois?)

Mas Rui podia afinal ir ter com ela muito a bem, aconselhá-la, falar-lhe como amigo... Não havia necessidade de ficarem zangados, pois não era?]

Rui <desce> atravessa a Rua Larga. Não pode passar por uma montra que não olhe os vidros para ver se está magro. Hoje mais do que nunca tem necessidade de olhar os vidros. <Nunca *um dá-lhe> E hoje mais do que nunca se viu espurgado. Tanta certeza dura. Nunca uma dôr vinha sòzinha. Sentia agora a presença da Morte <††> /na sua\ côr pálida e nos olhos fundos.] [*acrescento no verso do fólio com a indicação “(Volte)”*] [fol. 54v]

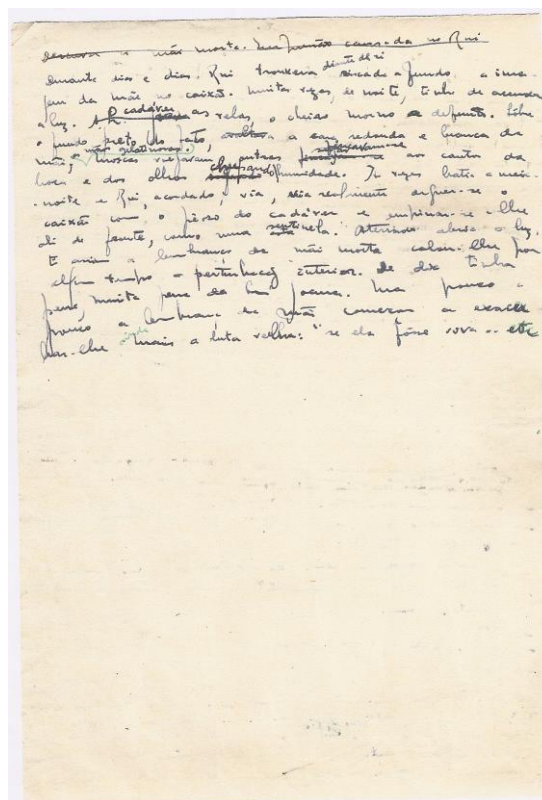
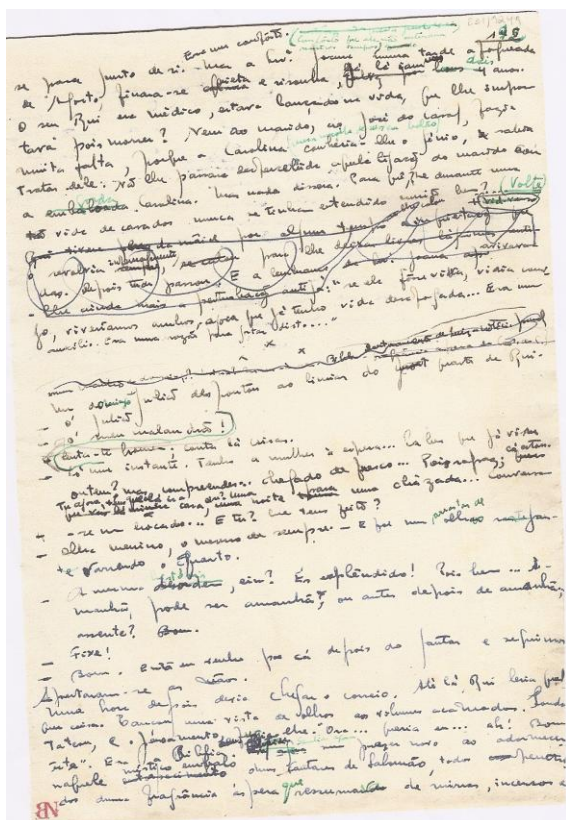


BNP Esp. E31/9249

Trata-se de um acrescento e não de deslocamento textual, uma vez que o autor inclui a indicação de retoma do texto antes da redacção do inciso: *O peito cavava-se-lhe...etc.* A reacção da personagem Rui à notícia/ insinuação de Catarina acerca de Amélia e Domingos e a sua cobardia, de acordo com a sua própria caracterização, é expandida no segundo acrescento, onde vemos Rui passar do insulto, à gargalhada irónica até ao conselho amigo.

1.3 Intervalo de tempo maior

O exemplo que passamos a descrever encontra-se num fólio pertencente a uma versão primitiva, cuja paginação a preto 145 foi posteriormente corrigida para 192, a verde. A intervenção para a qual chamamos a atenção ocorreu durante esse primeiro tempo de escrita.

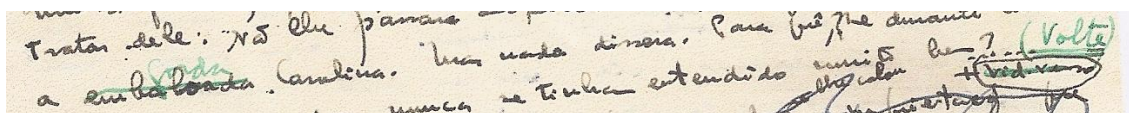


BNP Esp. E31/2949

Tentemos reconstruir o percurso da escrita do texto:

1º Vergílio Ferreira continuou, a tinta preta, a redacção do texto que vinha do fólho antecedente, [fol. 145], mais tarde [fol. 191], até cerca de dois terços da página no [fol. 146] (mais tarde 192).

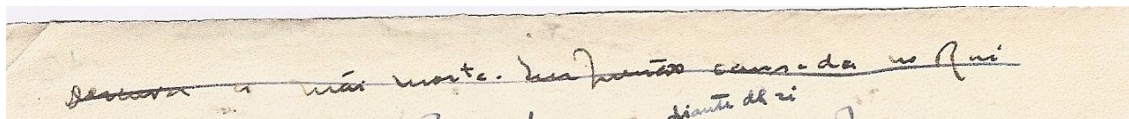
2º Acrescentou a indicação *Vid. Verso*¹², envolta numa elipse, entre as linhas 8 e 9, junto à margem direita,



¹² V. capítulo “Indicações de trabalho” .

e, no início do verso do fólio, com a mesma tinta preta, a indicação de trabalho:

Descrever a mãe morta. Impressão causada no Rui



O uso da expressão latina *Vid. Verso*, alterada posteriormente para (*Volte*) a tinta verde, e da forma linguística mais arcaica *mãi* corroboram a afirmação de que esta intervenção é realizada ainda durante a redacção inicial do romance. Houve uma pausa.

3º Após algum tempo, Vergílio Ferreira volta atrás a ler desde o subtítulo *Acabar* que encima o fol. 143, corrigido depois para 189 a tinta verde, até ao momento de retomar a redacção, agora equipado com tinta azul. Sustentamos esta afirmação pelas emendas mediatas introduzidas nos fols. 143-148 a tinta azul: dois acrescentos, o primeiro corresponde à terceira intervenção a nível lexical, substituição em adição na entrelinha superior, e o segundo à adição de uma frase enigmática, indício do suicídio da personagem Rodrigues que será narrado mais à frente, no fol. <147>/193\:

(<143>/189\)

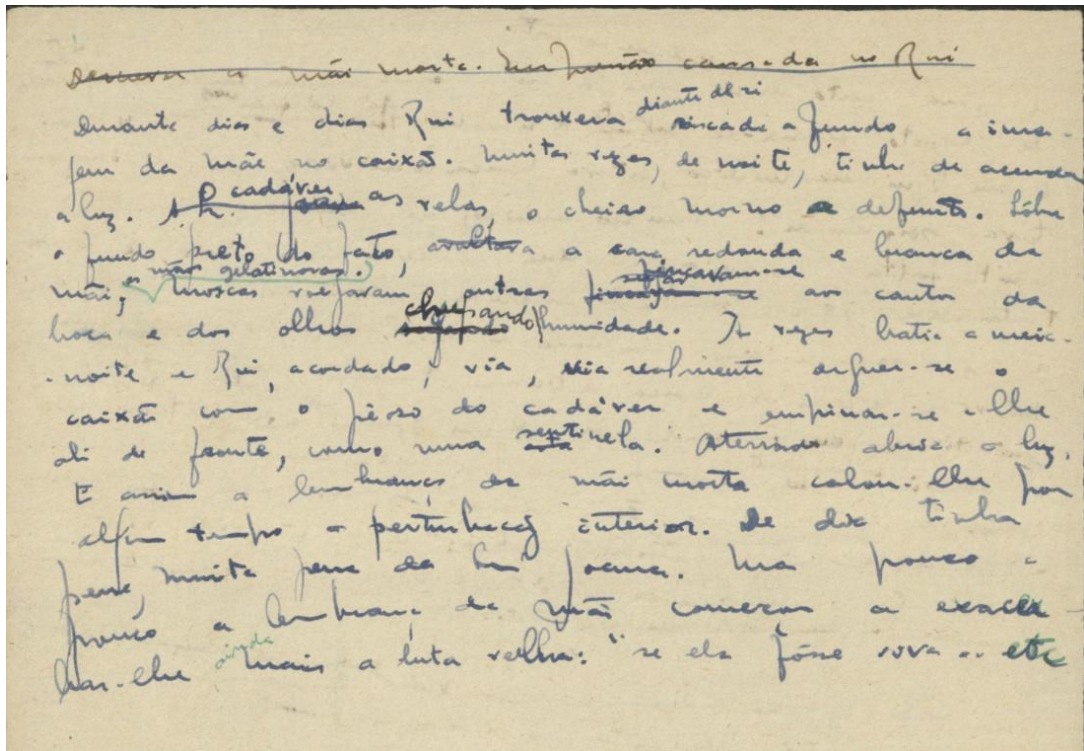
Rui <estirado> [↑<enterrado>] [↑ **entornado**] <num> [↑ num] sofã sorve
com lentidão um cigarro feito.

(<144>/190\)

E cá estamos os dois... Mas há sempre um meio de esquecer... [**Diabo,**
quando se cansa...!]

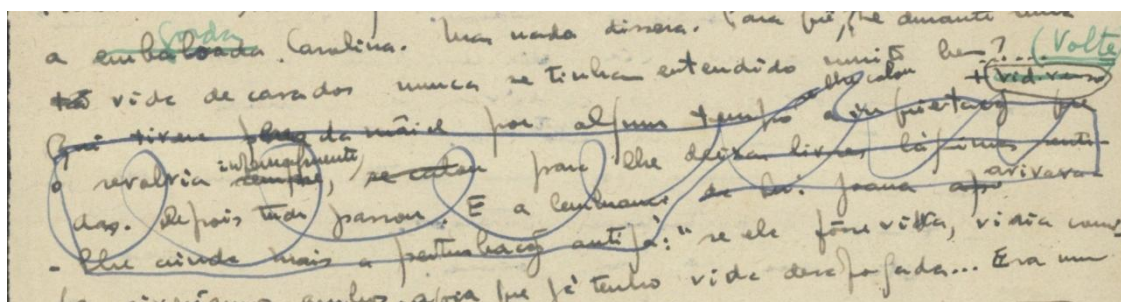
4º Pensamos que, na sequência da leitura, o escritor, ao chegar à nota *Vid. Verso*, desenvolve primeiro a indicação de trabalho que deixara no verso do fólio acerca da descrição da mãe de Rui morta, antes de prosseguir a redacção propriamente dita.

- (192v) [Durante dias e dias Rui trouxera [↑ diante de si] riscada a fundo a imagem da mãe no caixão. Muitas vezes, de noite, tinha de acender a luz. <A Snr^a Joana> [↑ O cadáver, as] velas, o cheiro morno <de>/a\ defunto. Sobre o fundo preto do fato, <avultava> a cara redonda e branca da mãe<.>/,\ [↑ as mãos gelatinosas.] Moscas voejavam e outras <fincavam-se> <[↑sugav]> [↑ fincavam-se] aos cantos da boca e dos olhos <sugando> [↑ chupando] humidade. Às vezes batia a meia-noite e Rui, acordado, via, via realmente erguer-se o caixão com o peso do cadáver e empinar-se-lhe ali de frente, como uma <esta> [↑ senti]nela. Aterrado abria a luz. E assim a lembrança da mãe morta calou-lhe por algum tempo a perturbação interior. De dia tinha pena, muita pena da Snr^a Joana. Mas pouco a pouco a lembrança da mãe começou a exacerbar-lhe [↑ ainda] mais a luta velha:]



Em seguida, oblitera com a mesma tinta azul o texto inicial no rosto do fólio que corresponde à versão mais antiga da lembrança da mãe.

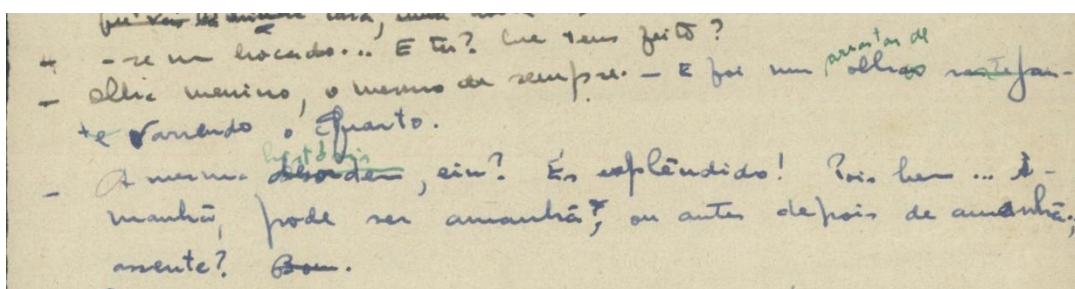
- (192) <Rui tivera pena da mãe e por algum tempo [↑ se lhe calou] a inquietação que o revolvía <sempre,> [↑ infernalmente,] <se calou> para lhe deixar livres lágrimas sentidas. Depois tudo passou. E a lembrança da Snr^a Joana <ap> avivavam-lhe ainda mais a perturbação antiga:> [fol. 192]



Continua a ler o texto e retoma a narrativa no ponto em que a deixara. Continuará a escrever a tinta azul os fólhos seguintes.

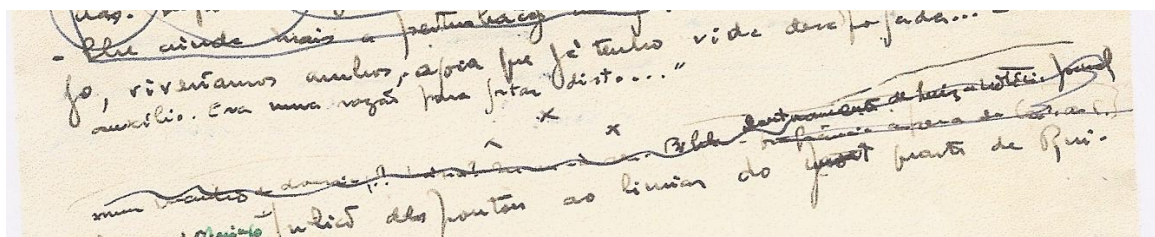
O tempo que medeia os dois momentos de escrita, digamos assim por uma questão pragmática, não deverá ter sido muito longo, no entanto, não foi imediato. Como atrás mencionámos, Vergílio Ferreira, antes de continuar a redacção do capítulo, volta a ler o texto escrito a partir do fol. 143 (pausa de sub-capítulo) desta vez munido de tinta azul. Se, pelo exposto, percebemos que se trata de um tempo reduzido, a dúvida permanece: como calculá-lo?

Analisemos o fólio e retiremos informação manuscriptológica que apoie a nossa interpretação. Em relação à tinta preta, sobretudo nas últimas linhas, o seu traçado corresponde a tomada de tinta, a caligrafia é normal e a frase está concluída.



Além disso, esta mancha textual é antecedida do sinal de espaçamento na folha e de tópicos a desenvolver aí¹³. O acrescento da indicação de trabalho relativa ao doutoramento da personagem Luís é realizado depois da tomada de tinta e antes da pausa.

¹³ V. o capítulo Indicações de trabalho.



Logo, parece-nos não se tratar de mudança momentânea de caneta (por aquela não escrever, por exemplo) mas antes de uma pausa maior.

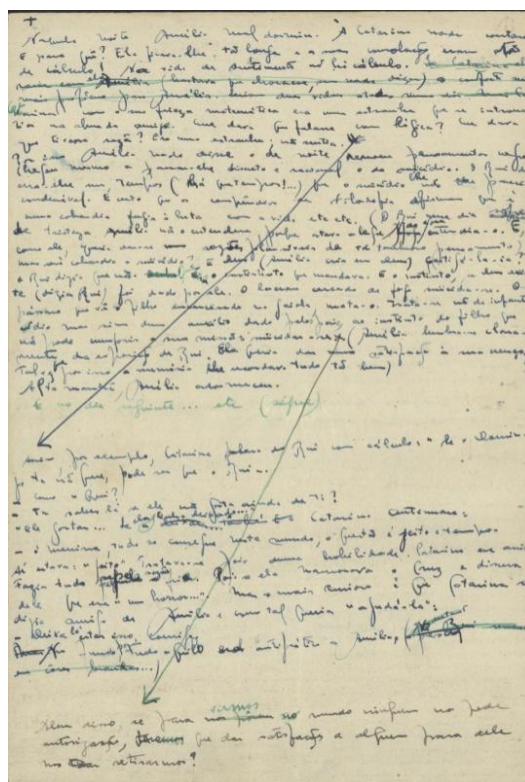
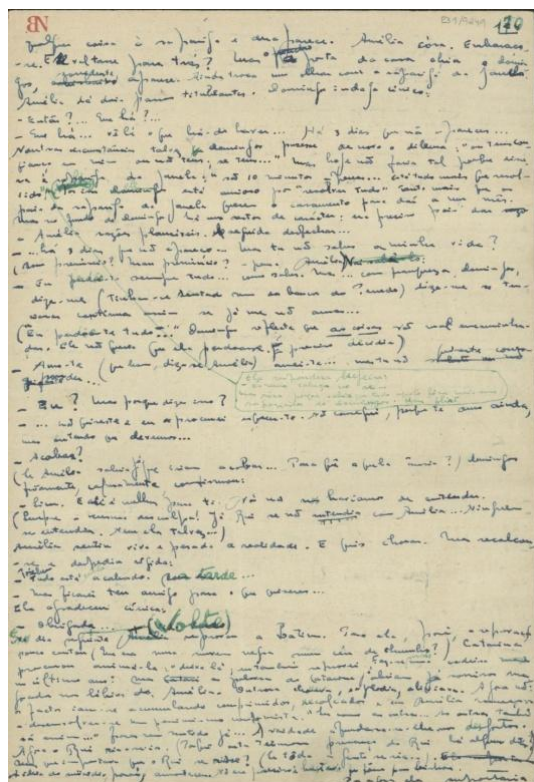
2. Comparação de intervalo de tempo (versão primitiva e mais recente)

Atentemos num exemplo de emendas mediatas durante a redacção da primeira versão do romance e outro durante a sua reescrita.

O fol. <124>/170\ contém várias emendas mediatas correspondendo a momentos diferentes de leitura: uma aquando da redacção da versão inicial (a tinta preta e com numeração de fólho 124, em que utiliza a indicação mais antiga *Vid. Verso*) e outra já durante as novas intervenções a tinta verde e numeração sequencial na mesma tinta, provavelmente distando entre si no mínimo um ano¹⁴.

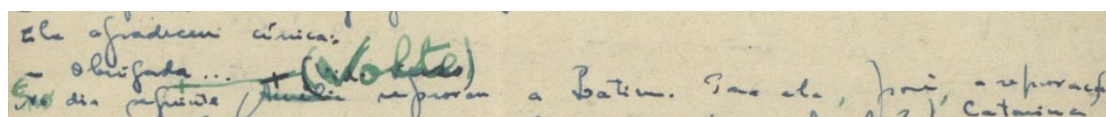
Vejamos os fols. <124>/170\ e verso.

¹⁴ Cf. pp. 516-517 deste estudo onde se clarifica este assunto.



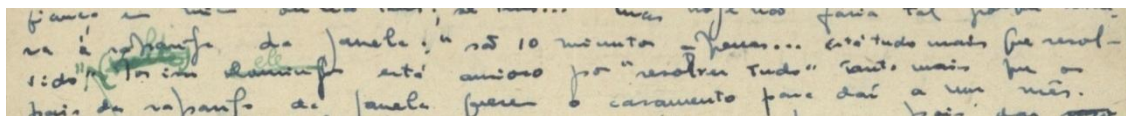
BNP Esp. E31/2949

O início do último parágrafo do fol. 170, inicialmente 124, inclui a indicação a preto (*Vid. Verso*) que remete para a adição no início do verso do fôlio:



Este inciso apresenta ainda duas adições, uma a tinta azul e outra a tinta preta, cujas inserções se identificam através de setas, como podemos ver na imagem. A primeira adição especifica o carácter frio e calculista da personagem Catarina e a segunda coloca a questão da legitimidade do suicídio.

Todavia, no momento de reestruturação do romance, com repaginação sequencial, encontramos, entre a nona e a décima linha do rosto do fôlio 170, vestígios da tentativa de inserção de um acrescento textual no verso do fôlio, a tinta verde.



O escritor coloca no espaço interlinear superior a indicação (*Volte*), mas, dando-se conta que o verso do fôlio já estava completamente tomado pelas intervenções precedentes e sem espaço marginal, risca-a e vê-se obrigado a transferir essa emenda para um espaço livre, à direita de um diálogo, destacando-a através de um rectângulo com uma seta a apontar o local de inserção. Durante esta releitura-reescrita, o autor efectua outras emendas mediatas quer no rosto do fôlio quer nos acrescentos, no verso.

O excerto que agora se transcreve pertence à adição de texto, escrito a tinta preta, que ocupa o verso do fol. 7. dactiloscrito. Trata-se desta operação isolada, isto é, sem estar associada ao cancelamento e substituição. No texto adicionado, o autor mostra o carácter “cínico” da personagem Fernando e especifica o verbo “estudar” como estranho ao ambiente do baile.

(7v) Mas no fim de contas o Cruz estava convencido de que era bonito. Já o Fernando era outro <rapaz...> <E por isso <o>/lhe\ não aborrecia <que> aquela mania do Cruz> [↑ ... <Ele> Viera ao baile (dizia ele), só para estudar. [↓ <N<um>/o\ fim de contas> [↑ Ele] era [,↑ afinal,] um cínico. Namorara uma rapariga [↑ apenas] para lhe estudar a alma, para colher dados de que havia de servir-se numa novela, que não chegara a publicar.

Aquela mania do Cruz aborrecia-o:]

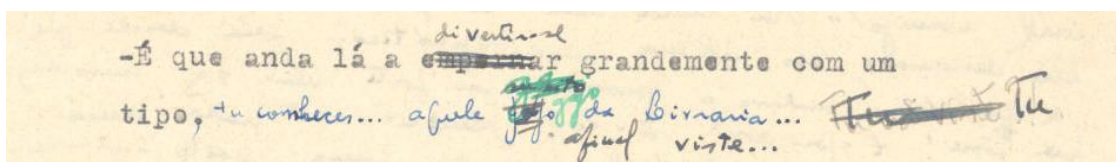
- ... <mas é o maior defeito,> [↑ também é das poucas coisas que lhe não <†>/tolero\], garantia depois<,>. <d>/D\o resto é um tipo esplêndido. Tu conheces bem...

<O Rui <repensava> [↑ falava pou]> <Já dera umas voltas...> Rui falava pouco[.] <e aconchegava-se etc> [↑ Ao Fernando quâsi só o conhecia de vista. E os outros eram "parvos". Por isso aconchegava-se etc]

3. Tempos diferentes e instrumentos de escrita diferentes

No excerto que agora indicamos, são visíveis várias campanhas de correcção identificadas pela topografia das emendas e pelos instrumentos de escrita utilizados: dactiloscrito, tinta preta, azul, grafite, tinta preta e verde.

- (12) - É que anda lá a <empernar> [↑ divertir-se] grandemente com um tipo<.>/\ [tu conheces... aquele <<gajo> / *tipo> [<↑sujeito>] [↑ gajo] [↓ gajo] (reescreve para maior legibilidade) da Livraria...] <[<Tu *não viste?!>] /Tu\ > [Tu ↓ afinal viste...].[



Este fólio dactilografado pertence ao primeiro capítulo. Inclui, num primeiro momento, a tinta azul, correcção da pontuação, alterando o ponto final para vírgula, e adiciona a identificação da personagem, especificando a profissão (na livraria) e passando o uso do artigo indefinido em *um tipo* para *aquele gajo* e *sujeito*. Como iremos desenvolver em capítulo mais adiante do nosso estudo, esta intervenção foi realizada aquando da campanha a tinta azul e que ocorreu seguramente depois da redacção do fólio 60 (98, na numeração definitiva).

É no fol. <60>/98\, que assistimos, em emenda imediata, isto é, contemporânea da redacção do fólio, à definição da profissão da personagem Domingos (primeiro referente ao emprego no Banco, depois na Livraria, com a particularidade de ser dono da livraria).

4. Alteração do texto na retoma da emenda mediata no verso do fólio

Temos vindo a mencionar a profusão de emendas no verso dos fólhos, vamos agora ver a maneira como o escritor efectua a retoma do texto anteriormente escrito, sobretudo no rosto do fólio. Atentemos em alguns exemplos claros quanto ao texto da retoma.

No caso que se apresenta, o autor procedeu a vários passos até chegar à lição final:

(6) (Lixem-se aquele pai, aquela mãe!

Reconstituamos a redacção do texto:

[(Lixem-se! Aquele pai, [?] aquela mãe!

1º O fol. 6 pertence ao primeiro capítulo do romance dactiloscrito. O autor começa por acrescentar o parêntese curvo inicial e assinalar no rosto do fôlio, com tracejado a tinta preta, a expressão *Aquele pai* para posterior intervenção. Pensamos que o ponto de interrogação, feito no momento com a mesma tinta, não faz parte do texto mas é antes uma ênfase para a indicação de trabalho.

(Lixem-se aquele pai... etc

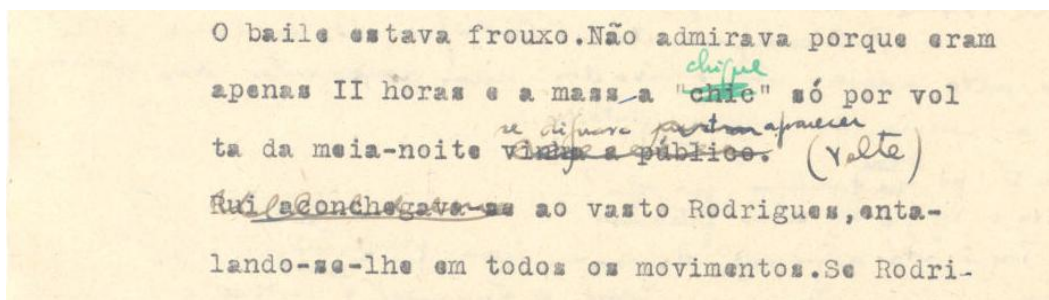
2º Posteriormente, com a mesma tinta preta, realiza o acrescento no verso do fôlio e escreve o texto de retoma emendado.

(Lixem-se<[> <Aquele pai, [?]> [↑ aquele pai] aquela mãe!

3º Aquando da leitura integral posterior do manuscrito, e no seguimento do texto no verso do fôlio, agora com tinta verde, o autor anula a sinalação do rosto do fôlio e corrige.

Notificamos outro exemplo:

(7) O baile estava frouxo. Não admirava porque eram apenas II horas e a massa <"chic"> [↑ chique] só por volta da meia-noite <vinha a público.> [↑ se dignava <mostrar> aparecer.]

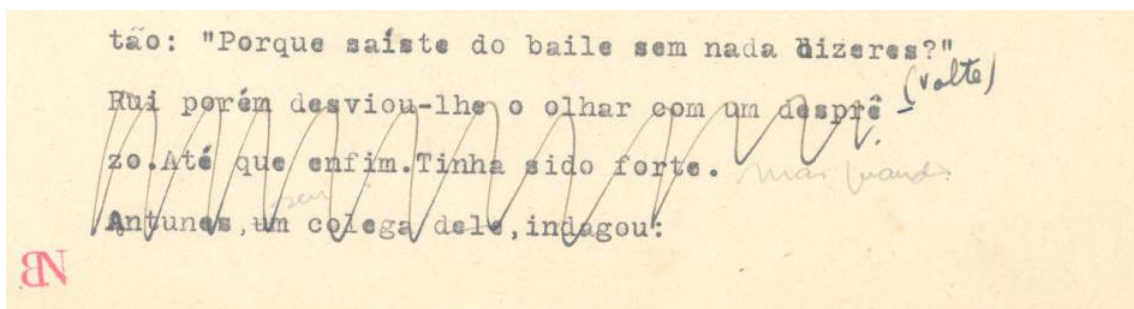


No verso do fólho, a tinta preta, o autor fez um acrescento com a indicação de retoma com alteração textual, como podemos comprovar. Neste caso, o autor acrescentou uma conjunção causal no início da frase de retoma: *Por isso*.

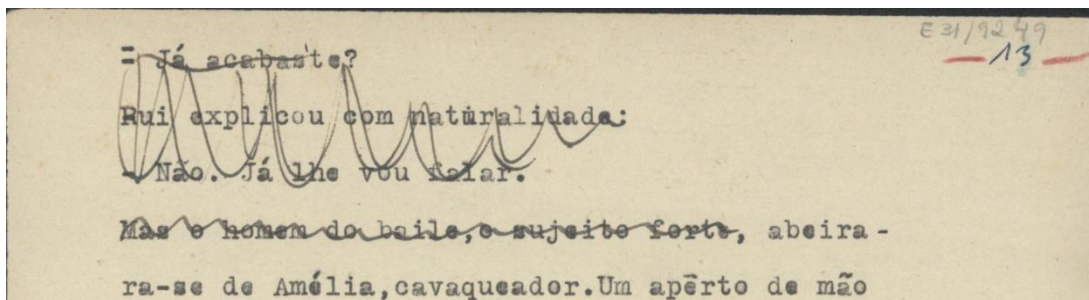
- (7v) <O Rui <repensava> [↑ falava pou]> <Já dera umas voltas...> Rui falava pouco[.] <e aconchegava-se etc> [↑ Ao Fernando quási só o conhecia de vista. E os outros eram "parvos". **Por isso** aconchegava-se etc...

Há que chamar a atenção para o facto de que, a seguir ao texto riscado para ser suprimido ou substituído no verso, o autor separa, no rosto do fólho, o cancelamento da frase ou das palavras do texto que no final do acrescento repete com a indicação de retoma, isto é, o lugar da inserção. Pensamos que risca separadamente da intervenção de cancelamento, como no exemplo que apresentamos, porque escreve primeiro o texto de retoma no verso do fólho e depois, aquando da retoma no rosto, cancela aí o correspondente:

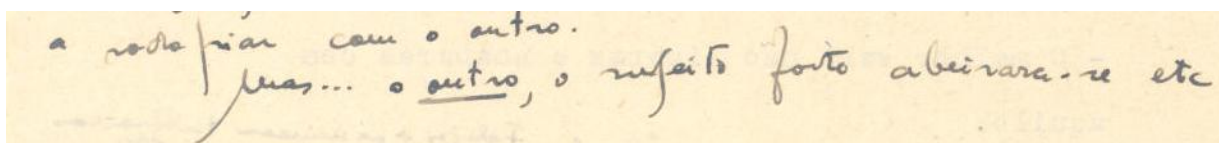
- (12-13) <Rui porém desviou-lhe o olhar com um desprêzo. Até que enfim. Tinha sido forte.
[→ Mas quando] Antunes, <um> [↑ seu] colega <dele>, indagou:
- Já acabaste?
Rui explicou com naturalidade:
- Não. Já lhe vou falar. >
<Mas o homem do baile, o sujeito forte,>
[El<e>/a\ tinha o olhar <murcho> [↑ triste] de animal abandonado... E [→ para]
<estava> ali [↑ estava,] humilde[,] a perguntar-lhe em silêncio: "<estás> [↑ ficaste] a mal comigo?" Rui sentia uma compaixão doente <na>/que\ se lhe derramava na alma como hipnótico. Mas desde que se <p>/c\onhecia andava a procurar ser forte uma vez, uma vez que fôsse! E agora devia sê-lo. Amélia não podia amá-lo. Não, nunca. Ela tinha ficado uma noite inteira a rodopiar com o outro.
Mas... o outro, o sujeito forte abeirara-se etc]]



BNP Esp. E31/2949, fol. 12



BNP Esp. E31/2949, fol. 13



BNP Esp. E31/2949, fol. 12v

Neste caso, a alteração introduzida no texto de retoma é significativa porque Domingos deixou de ser identificado como *o homem do baile*, ou como outros exemplos anteriormente apresentados *tipo* e *gajo*, para assumir o estatuto de *o outro*, indício da sua caracterização.

Indicamos de seguida exemplos em que o autor desenvolve o texto na retoma final e outro em que cancela texto:

(63) <- A Amélia?>

(63v) - É verdade, a Amélia? (segue na pag 63).

(109) - Ai sim? Quem disse? Como foi isso?

(109v) - Ah, sim? Quem disse

A próxima situação é exemplo de correcção ao nível da pontuação:

(81) - Sim, senhor, toda a razão.

(81v) - Sim senhor toda a razão etc

As duas próximas ocorrências mostram-nos a correcção quanto aos tempos verbais, no primeiro, na alteração do presente do modo indicativo para o gerúndio e, no segundo, do pretérito perfeito do modo indicativo para o presente:

(91) Briga até muitas vezes

(91v) Brig<ando>/a\ até etc

(94) Amélia chor<ava>/a\ em silêncio.

(94v) Amélia chora em silêncio ... etc

5. Tipo de emendas

Apresentamos aqui alguns exemplos de emendas de pequenos segmentos textuais: palavras ou frases. Remetemos para mais adiante a intervenção em grandes manchas textuais.

Adição

A adição corresponde à inserção de elementos novos. Em Vergílio Ferreira, geralmente, esta efectua-se na entrelinha superior, como já vimos nos exemplos acima expostos.

(11) As pernas eram uns espetos peludos com saliências [↑ de músculo] raquític<as>/o\.

(Acrescento na entrelinha superior com emenda de concordância na mesma tinta verde da redacção)

Supressão

- (9) <Entretanto as ancas esculturais e nítidas de Amélia tinham chamado outro comparsa.>

Retorno

O retorno tanto pode ser imediato como mediato. Os excertos que se seguem correspondem aos dois modos.

²A namorada[,] ¹porém, a> Amélia, enrugava <o>/o\ <rosto> [↑ rosto], descontente
(Apresenta várias intervenções realizadas com instrumentos diferentes em momentos diferentes. Em fólio dactiloscrito, o autor procedeu a uma emenda de reordenação a tinta preta entre a conjunção e o sujeito da frase e outra de retorno, a tinta azul. O autor, com tinta azul, procedeu ao cancelamento de *o rosto* mas pensamos que de seguida o deve ter recuperado visto ser a única emenda feita com esta tinta no fol. 8. Além desta emenda, utilizou a mesma tinta para o número de folha e o traço a separar duas palavras dactilografadas unidas. Pensamos que o retorno foi imediato ao cancelamento, uma vez que não há outra alternativa entre o riscado e reescrita de *rosto*, e sendo este o complemento directo da forma verbal *enrugava*, era sempre necessário preencher esse espaço. Numa leitura posterior, a tinta verde, retira da frase os elementos reordenados.

- (2) E, que diabo, tu ... ²sabes ¹bem o que para aí <se diz> [↑ <corre> [↓ se diz]] da rapariga...

(Em fólio redigido a tinta preta, o autor com tinta verde risca *se diz*, adiciona na entrelinha superior *corre*, posteriormente risca e corrige na entrelinha inferior, recuperando a versão anterior *se diz*)

- (29) Amélia não se envergonha de passear com o Rui. Porque se <envergonhar> [<embaraçará> [↓ envergonhará]] ele?

(O autor em curso de escrita, a tinta preta, não termina a palavra *envergonhar*, risca e sobre o elemento cancelado escreve *embaraçará* inclinando a última sílaba na direcção da linha, mas também essa foi eliminada e recuperada a outra lição *envergonhará*. Trata-se de um caso de retorno.)

(23) <Por isso Amélia adquirira uma flexibilidade>

Por isso Amélia mudara por fora. E tinha agora a flexibilidade de vêrga.

(Em fólio redigido a tinta preta, o autor risca o início da frase e começa novo parágrafo com uma afirmação que a outra frase explicita.)

(24) E o <lenço>/pai\ <taba>usara um lenço tabaqueiro assim.).

Substituição

A substituição conjuga, geralmente, as operações de cancelamento e adição. A situação mais frequente no manuscrito é a de substituição na entrelinha superior. Podemos verificar cerca de 2300 ocorrências.

(8) De vez em quando <desenovelava> [↑ desdobrava] o franzido da testa

(1) Parece que me <estão> [↓ ficam] largas...

(Em fólio redigido a tinta verde, o autor procede a supressão e adição na entrelinha inferior devido ao riscado do *t*.)

(2) (<Larachas!> [↑ <Parvoices!> [Estupidez!]] Que importavam os olhos?...

Reordenação

(14-15) [↑ E] Amélia ²a custo<:> ¹[→ atou:]

(33) ²o manguai ¹bailava

(52) Quis<-te> contar[↑-te] isto ainda ontem, mas tu dormias que nem um porco...

(153) <†>/Porem\ a conversa que ²com ela ¹tivera ced<e>/ia\ <bem> <[↑ porems,]> [↑ bem] depressa à [↑ sua] tétrica imagem <de Luiza afundada> no leito.

Variantes em alternativa

- (7) <À>/N\essa noite <com> <uma>/de\ [↑ <com uma>/com uma\] chuva miudinha, os dois saíram.
- (64-65) <C>/c\igarros chupados às esquinas, [↑ as] ancas papejando [↑ latejando?], [↑ <devoradas> [↑ gozadas] pelos] olhos [↑ gulosos dos] que as vêem.

Macro-variantes

No ponto anterior, reflectimos sobre o tipo de emendas presentes no testemunho A, apresentámos exemplos de adição, supressão, substituição, reordenação, retorno, projecção e redireccionamento. No primeiro instante, examinaremos dois exemplos de deslocamento textual, seguidos de cancelamento e recuperação textual e, finalmente, as duas grandes macro-variantes do manuscrito.

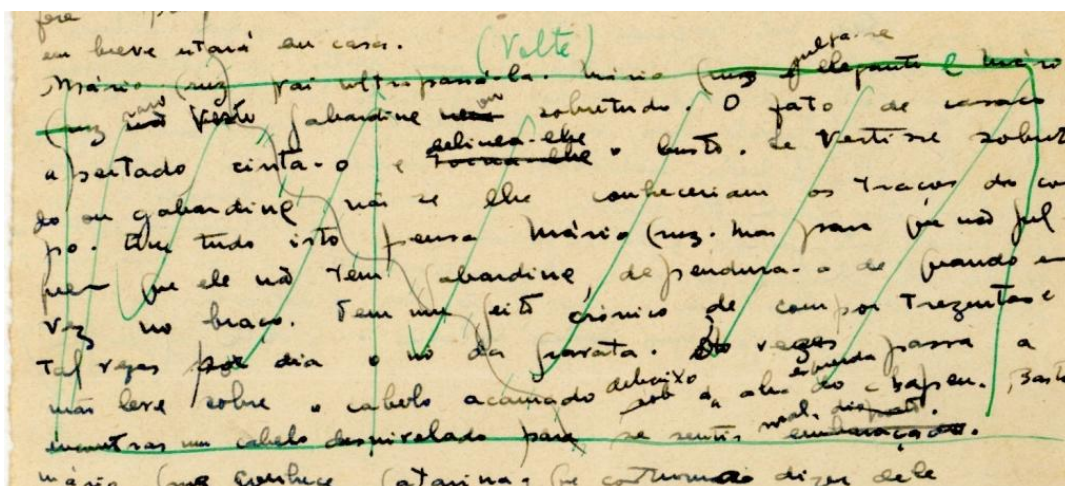
Deslocamento textual

Para que seja mais visível o percurso das intervenções do autor no deslocamento textual, colocámos os textos e respectivas imagens, não por ordem topográfica dos textos no manuscrito, mas antes por ordem genética. Marcámos a negrito na transcrição diplomática as intervenções principais na passagem de um momento ao seguinte.

Situação 1

versão primitiva

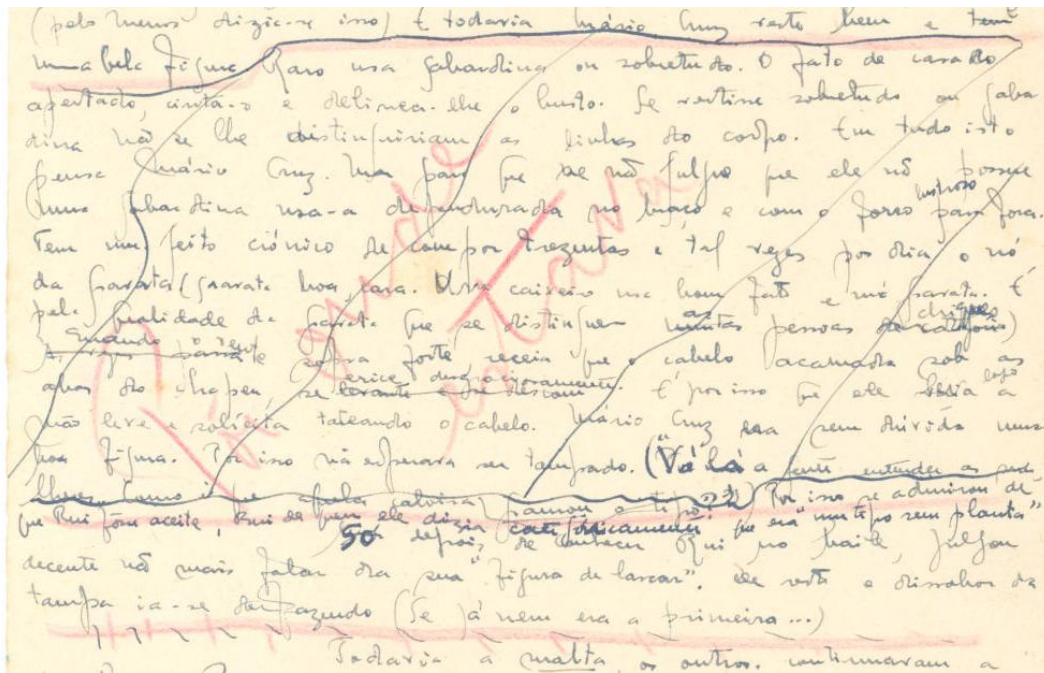
<Mário Cruz vai ultrapassá-la. Mário Cruz <é>/j\ [↑ulga-se] elegante<.>/e\ Mário Cruz <não> [↑ raro] <usa>/veste\ gabardine <nem> [↑ ou] sobretudo. O fato de casaco apertado cinta-o e <torna-lhe> [↑ delinea-lhe] o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardine não se lhe conheceriam os traços do corpo. Em tudo isto pensa Mário Cruz. Mas para que não julguem que ele não tem gabardine, dependura-o de quando em vez no braço. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia. o nó da gravata. <De>/Às\ <vez>/vezes\ passa a mão leve sobre o cabelo acamado <sob> [↑debaixo] [d]a aba [↑ esquerda] do chapéu. Basta encontrar um cabelo desnivelado para se não sentir <embaraçado.> [↑ mal[.] <disposto.>] [fol. <70>/112\]



BNP Esp. E31/2949, fol. 112

Segunda versão

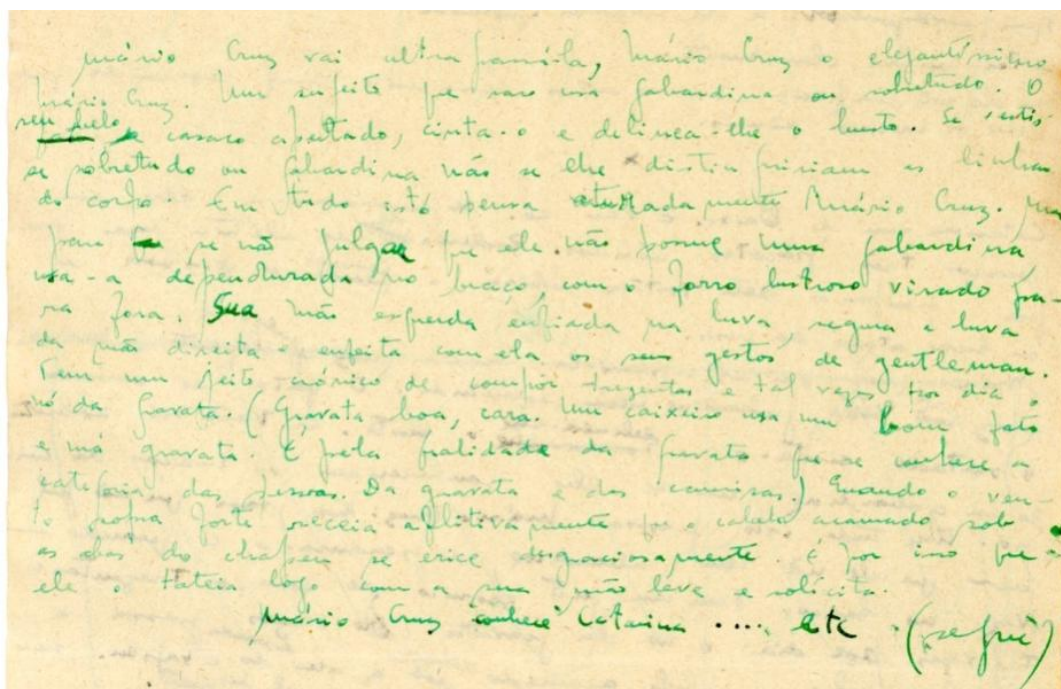
<Raro usa gabardina **ou** sobretudo. O fato de casaco apertado, cinta-o e **delinea-lhe** o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina não se lhe <co>/di\stinguiriam as linhas do corpo. Em tudo isto pensa Mário Cruz. Mas para que <n>/se\ **não** julgue que ele não possui uma gabardina usa-a dependurada no *braço e com o forro* [↑ lustroso] *para fora*. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata<.>/(\ gravata boa , cara. <f>/U\m caixeiro usa bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se distinguem < muitas> [↑ as] pessoas <de categoria> [↑ chiques]) <Às vezes passa> Quando o vento sopra forte, receia que o cabelo acamado sob as abas do chapéu, se <levante e se descom> erice, desgraciosamente. É por isso que ele <vai>/lev\ a [↑ logo] a mão leve e solícita tateando o cabelo. Mário Cruz <s/e\ra sem dúvida uma boa figura. Por isso não esperava ser tampado. (<Por isso> “/Vá lá\ a gente entender as mulheres. Como é que aquela caloiira *pamou o tipo?”> [Por isso se admirou de que Rui fôsse aceite, Rui de quem ele dizia categoricamente que era “um tipo sem planta”] [fol. 27]



BNP Esp. E31/2949, fol. 27

terceira versão

[Mário Cruz vai ultrapassá-la<.>/\ Mário Cruz o elegantíssimo Mário Cruz. Um sujeito que raro usa gabardina ou sobretudo. O <fato de> [↑ seu belo] casaco apertado, cinta-o e **delinea-lhe** o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina, não se lhe **distinguiriam** as linhas do corpo. Em tudo isto pensa <Már>/atur\adamente Mário Cruz. Mas para <que>se não julg<eu>/ar\ que ele não possui uma gabardina, usa-a dependurada no braço, com o forro lustroso virado para fora. Sua mão esquerda enfiada na luva, segura a luva da mão direita e enfeita com ela seus gestos de gentleman. Tem um jeito crónico de compôr trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata. (Gravata boa, cara. Um caixeiro usa um bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se conhece a categoria das pessoas. Da gravata e das camisas.) Quando o vento sopra forte receia **aflitivamente** que o cabelo acamado sob as abas do chapéu se erice desgraciosamente. É por isso que ele o tateia logo com a sua mão leve e solícita.] [acrescento no verso com a indicação (Volte)] [fol. 112v]



BNP Esp. E31/2949, fol. 112 v

versão impressa

António Cruz vai ultrapassá-la, António Cruz, o elegantíssimo Cruz. Um sujeito que raro usa gabardina ou sobretudo. O seu belo casaco de fazenda inglesa cinta-o e delinea-lhe o busto. Se vestisse sobretudo ou gabardina, não se lhe distinguiriam as linhas do corpo. Em tudo isto pensa, aturadamente, António Cruz. Mas, para se não julgar que ele não possui gabardina, usa uma dependurada do braço, com o forro lustroso virado para fora. Sua mão esquerda, enfiada na luva, segura a luva da mão direita e enfeita com ela os seus gestos de *gentleman*. Tem um jeito crónico de compor trezentas e tal vezes por dia o nó da gravata. (Gravata boa, cara. Um caixeiro usa um bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se conhece a categoria das pessoas. Da gravata e das camisas.) Quando o vento sopra forte, receia aflitivamente que o cabelo, acamado sob as abas do chapéu, se erice desgraciosamente. É por isso que ele o tateia com a sua mão leve e solícita.

O fol. 112 com paginação inicial 70, escrito a preto, com emendas na mesma tinta e a verde, apresenta o texto em causa cancelado a preto com um leve e inseguro ondulado diagonal da esquerda para a direita no sentido descendente. Este riscado foi anulado com tracejado, a verde, sobre a linha ondulada. O fol. 27, (2ª versão), redigido a preto com

emendas na mesma tinta, apresenta, a lápis vermelho, a indicação de trabalho redigida na diagonal sobre a mancha textual destacada com duas linhas horizontais *Pôr onde estava*. Posteriormente, o texto foi substituído no verso do fólio com a indicação junto ao riscado (*Volte*). Assim, no primeiro momento, o texto do fol. 112 foi redigido quando este tinha a primeira numeração de fol.70, que foi posteriormente corrigida sequencialmente a verde. Em outro momento, posterior à redacção completa da versão primitiva, o autor integra-o na redacção da caracterização de Mário Cruz no início do romance (cap. 4) fol. 27. Se, no fol. 27, para a indicação *Pôr onde estava* e para a caixa delimitadora do texto em causa, o escritor utiliza o lápis vermelho, além da mesma demarcação, assim como as linhas onduladas sobre o texto são a preto, como explicar que no fol. 70/112 a anulação da linha ondulada do texto do riscado seja a verde? Que tempo decorreu entre as duas acções? Em que momento o fez?

Nestas operações de deslocamento, na passagem do fol. 70 para o fol. 27, o texto sofreu algumas alterações. Vejamos as que foram marcadas no fol. 70, actualmente fol. 112:

- Substituição com riscados e acrescentos na entrelinha superior de *raro, ou, delinea-lhe, esquerda, mal disposto*.
- O texto do l. 27 mostra a tomada de algumas decisões no acto da passagem/cópia do texto, como, por exemplo, *para que <n>/se\ não julgue* , *<co>/di\stinguiriam*, *<Às vezes passa> Quando o vento*
- Desenvolvimento expansão de frases/ideias:
 - *gabardina usa-a dependurada no braço com o forro para fora,*
 - *Risca o ponto final e continua as considerações acerca do uso da gravata (gravata boa, cara. Um caixeiro usa bom fato e má gravata. É pela qualidade da gravata que se distinguem muitas pessoas de categoria).*
 - *As frases sobre a atitude de compostura do cabelo são também desenvolvidas.*

Quando Vergílio Ferreira desloca o fragmento textual do fol. 27 para o sítio que ocupara anteriormente (fol. 70), agora fol. 112, na primeira fase, anula o riscado ondulado, legitimando o fragmento de texto suprimido, mas posteriormente, de forma idêntica, a verde, desenha uma caixa rectangular delimitando a mancha textual e traça no

seu interior várias linhas diagonais. O espaço está encimado pelo indicador (*Volte*) que aponta para o texto redigido no verso do fôlio. Este novo texto é uma reescrita do texto do fol. 27, contemplando as alterações do anterior, donde destacamos :

- Algumas decisões tomadas em acto de escrita: pensa <Má>/atur\adamente Mário Cruz, <que> se não julg<ue>/ar\.
- Acrescentos no fol. 27 contemplados no [fol. 112v]: *gabardina, usa-a dependurada no braço e com o forro [↑ lustroso] para fora.*”
- Desenvolvimento da ideia: *Da gravata e das camisas.*).

Situação 2. Apresentamos um exemplo de **deslocamento textual**, do fim do fol. 194 para o início do fol. 196, devido à inserção de novo episódio

No último capítulo do romance, entre o fol. <148>/194\ e <149>/196\, redigidos a azul, foi inserido o fol. 195, redigido a tinta verde, e que contém episódio sobre a personagem Rodrigues, segundo indicação autoral a tinta verde, no lado direito da indicação de pausa *X (Aqui o cap. sobre o Rodrig.)* e posteriormente riscada na mesma tinta¹⁵. O texto riscado do fim do fol. <148>/194\, últimas cinco linhas da mancha textual, e a conclusão da frase no início do fol. <149>/196\ é deslocado, a verde, para o verso deste último com a indicação *Volte*.

O autor também registou no fol. <143>/189\, na margem superior do lado direito da menção *A acabar*, a nota *Um capítulo dedicado à vida de Rodrigues a sua morte (encontrado morto? Süicida-se?)*, a verde, na diagonal. Enquanto a indicação de trabalho redigida a preto e à esquerda do título *A acabar* foi desenvolvida no texto a tinta azul, a outra indicação a respeito do capítulo sobre a vida do Rodrigues foi a verde e posteriormente. E, finalmente, como o fol. 195 está escrito a verde e a numeração das páginas a verde é sequencial, logo o capítulo foi inserido durante a nova paginação.

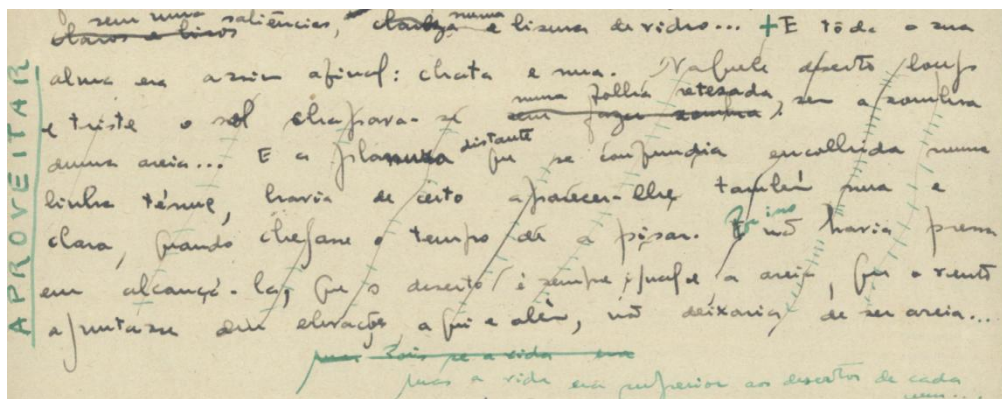
¹⁵ Remetemos para o ponto “indicações de trabalho”.

Cancelamento de texto e sua anulação (riscado com a nota *aproveitar*)

As várias situações em que o autor, depois de cancelar o texto, o reabilita com novas intervenções ocorrem nos capítulos IX-XII da terceira parte, durante a campanha de correção a tinta verde. Em seguida, apresentamos algumas, dando conta da especificidade de cada uma delas e remetemos para a edição¹⁶ e para as outras.

- a) O fol. 134, redigido a tinta preta, com numeração sequencial a verde 180, apresenta supressão de texto (7 linhas) a tinta preta anulada pela indicação lateral esquerda “APROVEITAR”, a tinta verde.

< Naquele deserto longo e triste o sol chapava-se <sem fazer sombra> [↑ numa folha retesada,]sem a sombra de uma areia... E a plan<*icie>/ura\ [↑ distante] que se confundia encolhida numa linha ténue, havia de certo de aparecer-lhe também nua e clara, quando chegasse o tempo de a pisar. <E> [↑ Por isso] não havia pressa em alcançá-la<.>/\ que o deserto é sempre igual <.>/e\ a areia, que o vento ajuntasse, em elevações, aqui e além, não deixaria de ser areia...>



BNP Esp. E31/2949, fol. 180

No verso, inclui uma adição cancelada a tinta verde, pensamos que teria sido para substituir o texto anterior, no entanto, o autor não chegou a indicar a ordem de inserção do mesmo. Supomos que foi retirado aquando da decisão de retomar a versão primitiva.

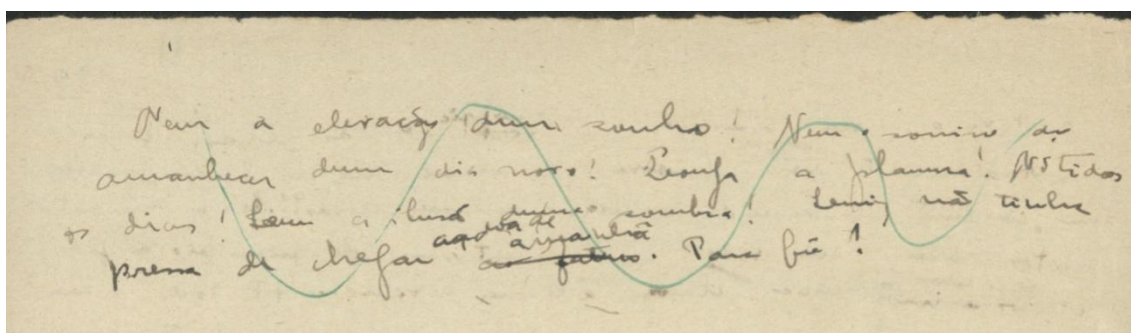
¹⁶ V. levantamento das indicações de trabalho p. 551-560.

Julgamos, assim, que estas duas operações são contemporâneas. Trata-se do fim do capítulo IX da terceira parte.

(<134>/180\)) [<<Mas> Pois se a vida era>

Mas a vida era superior aos desertos de cada um...]

(<134>/180v) <[Nem a elevação dum sonho! Nem o sorriso do amanhecer dum dia novo! Longa a planura! Nítidos os dias! Sem a ilusão duma sombra! Luiz não tinha pressa de chegar <ao futuro.> [↑ ao dia de amanhã]. Para quê?]>



BNP Esp. E31/2949, fol. 180

- b) No fol. <137>/183\, o autor suprime texto, sobrepondo traços ondulados verticais na mesma tinta preta da redacção do texto. A tinta verde, a supressão foi posteriormente anulada pela indicação *Aproveitar*, na margem lateral esquerda e, no fim, recuperado o texto do segmento cancelado com pequenas alterações. Trata-se do capítulo X da terceira parte.

(<137>/183\)) De resto Joana pouco devia à beleza: estofada, baixa, enrolada... Rui porém viu nisso um indício certo de que «gostava a valer». <†>/Ama\va-a (ele dizia <[↑ que]> <se> «gost<o>ava») independentemente do físico. Um dia o Cosme percebeu o que se passava. Raios, coriscos, sôcos na mesa «o badameco! o badameco!» <a vizinhan> [↑ as lágrimas] de Joana, e uma criada batendo à porta de Rui:

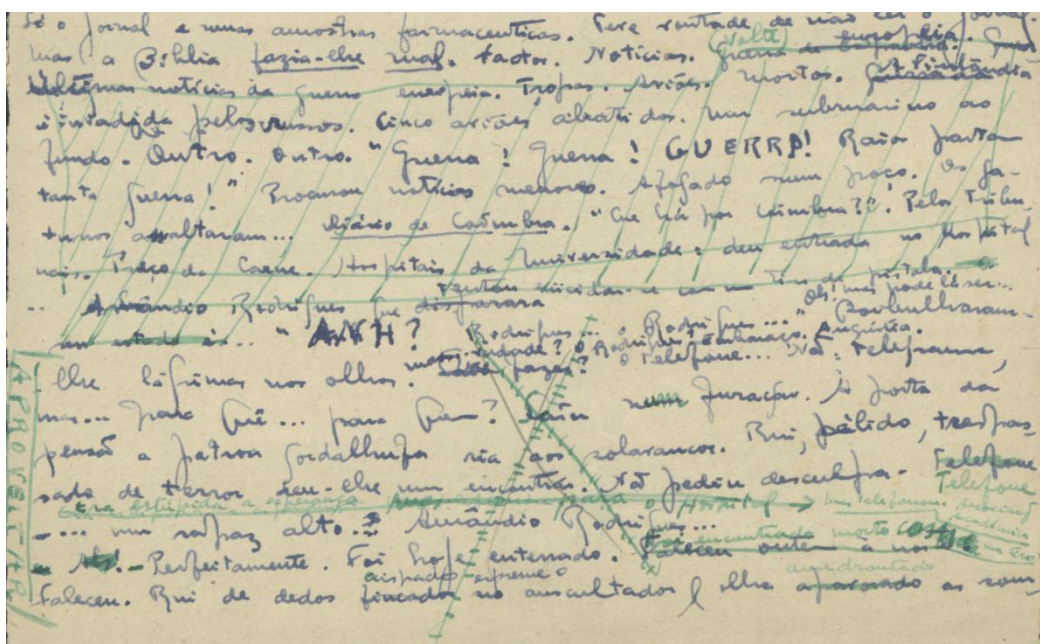
- A menina manda dizer que fizesse o favor de lhe <*dar>/mandar\ tudo...

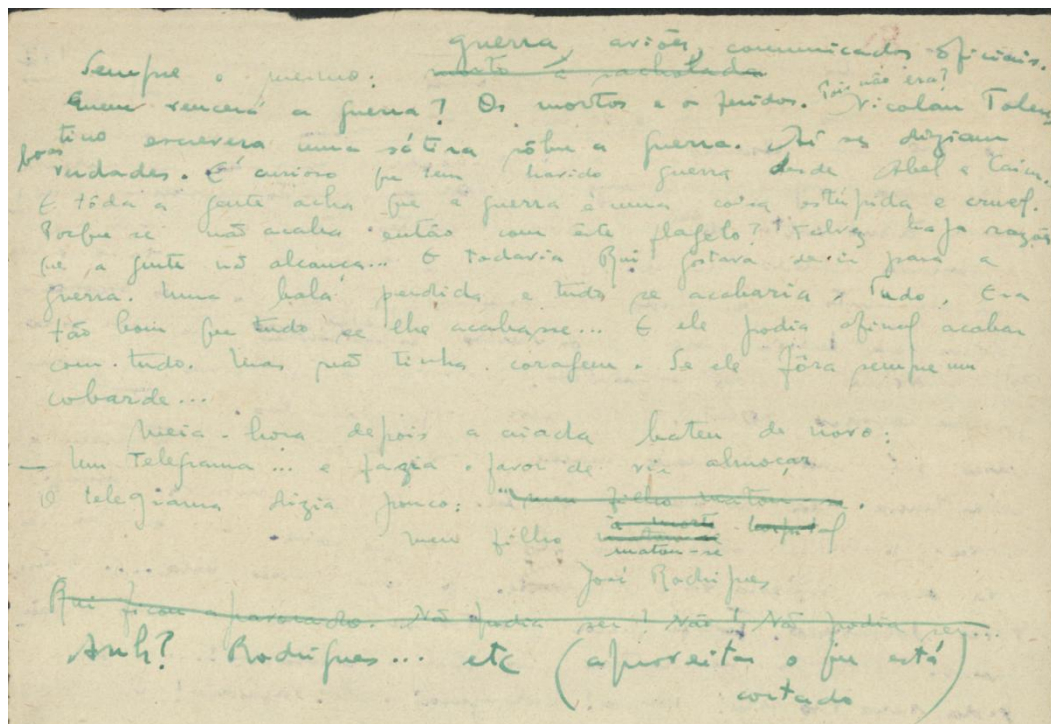
- c) Riscado posteriormente anulado pela indicação *APROVEITAR* na margem lateral direita, a tinta verde, sem qualquer alteração textual.

(<138>/184\)

O pai bojudo e labregório expulsou-me e mandou pedir-me os documentos da filha.
<Agora por cá ando> [↑ Mandeí-lh'os al]tivo, digno, sem uma letra e, garanto-te, se fôsse ele que se dirigisse a mim vomitava-lhe nas ventas com ar albinico-forjaico-sampaio: toma...

- d) No excerto que se segue, em fólho redigido a tinta azul, são visíveis dois procedimentos na campanha de correcção a verde. Por um lado, Vergílio Ferreira procedeu ao cancelamento de 9 linhas de texto, substituindo-o pelo texto, a verde, no verso do fólho. Parece-nos que o autor, com a frase riscada *Rui ficou apavorado. Não podia ser! Não! podia ser...*, iniciara já o conteúdo do texto do rosto do fólho, que fora riscado com uma cruz a tinta azul/preta e também a verde, e indicara (*Aproveitar o que está cortado*). Pensamos que, nesse momento, decide então aproveitar o texto anteriormente cancelado, anulando os traços feitos em cruz quer a preto quer a verde, escreve a indicação *Aproveitar* e procede a novos acrescentos e adaptações textuais.





Guerra <de Espanha.> [↑ europeia.] Quem ultimou notícias da guerra europeia. Tropas. Aviões. Mortos. <Guerra da> [↑ A Finlândia] é invadida pelos russos. Cinco aviões abatidos. Um submarino ao fundo. Outro. «Guerra! Guerra! GUERRA! Raios partam tanta guerra!» Procurou notícias menores. Afogado num poço. Os gatunos assaltaram... Diário de Coimbra. «Que há por Coimbra?» Pelos tribunais. Preço da Carne. Hospitais da Universidade: deu entrada no Hospital <†>/Amândio\ Rodrigues que <disparara> [↑ tentou suicidar-se com um tiro de pistola. O seu estado é...] <†>/Anh?>

[Sempre o mesmo: <morto a sachola> [↑ guerra, aviões, comunicados oficiais.] Quem vencerá a guerra? Os mortos e os feridos. [↑ Pois não era?] Nicolau Tolentino escrevera uma sátira sobre a guerra. Aí se diziam verdades. É curioso que tem havido guerra desde Abel e Caim. E toda a gente acha que a guerra é uma coisa estúpida e cruel. Porque se não acaba então com este flagelo? Talvez haja razões que a gente não alcança... E todavia Rui gostava de ir para a guerra. Uma bala perdida e tudo se acabaria. Tudo. Era tão bom que tudo se lhe acabasse... E ele podia afinal acabar com tudo. Mas não tinha coragem. Se ele fôra sempre um cobarde...

Meia-hora depois a criada bateu de novo:

- Um telegrama dizia pouco: <«Meu filho matou-se.

Meu filho <matou-se> <[↑ à morte hospital]> [↓
matou-se] José Rodrigues

<Rui ficou apavorado.> Não podia ser! Não! Não podia ser...]

Macro-variante

Existem no manuscrito alguns casos de macro-variantes localizados sobretudo no último capítulo do romance que se destacam pela extensão e constituem a concretização de uma mesma intenção de mudança, segundo definição de Ivo Castro¹⁷. Apresentamos alguns exemplos que interferem com o final do romance e a socialização do mesmo, como iremos reflectir mais adiante do nosso estudo.

macro-variante I

O fol. <152>/199\, redigido a azul, a mesma tinta da primeira numeração do fólio, contém o final do romance traçado com tinta verde (17 linhas), com a indicação (*Volte*) e indicação de trabalho na mesma tinta *Rui pensa em abreviar a «viagem». Mas não o faz apenas por falta de coragem. Só por isso*). A menção de data apresenta um traço na mesma tinta azul da escrita. No verso, o autor reescreve o fim do romance. Inclui, junto à margem direita, as menções de local e data *Coimbra 11-I/ Melo 29-XII 1939*, isto é, o tempo de redacção de “O caminho fica longe”, seguidas da indicação *Fim*. No entanto, o autor

¹⁷ *Op. cit.*, p. 63.

procedeu a duas emendas, ao nível dos tempos verbais, com a tinta verde, no último parágrafo antes de o suprimir. Pensamos que talvez tenha considerado o seu aproveitamento visto que no verso continua com o mesmo conteúdo.

versão primitiva

x

xx

Não valia a pena o Julião sacudi-lo, dar-lhe palmadinhas nas costas: «homem. Deixa-me esse caso de entêrro!» [(] O entêrro seria breve e pobre. Quatro homens. O Julião. O vento sinistro silvando nas varetas das árvores.[)]

x

xx

Fechava o consultório cedo. Os colegas também o guerreavam: era o dever de ofício. Parecia não querer importar-se. Rareava o dinheiro. <Para> >Não tinha> [↑ Estava bem: não] valia a pena incomodar-se. Para quê pois aquela ida por uma noite sombria e gelada a um casebre distante? Era um enfermo escaveirado. Casa térrea atulhada de crianças. A mulher rezava. E rezava também ao «Snr. Doutor». Uma miudinha e olhos tristes, dobrada a um canto, de mãos dadas, a tiritar.

- Vá amanhã ao meu consultório para lhe dar o remédio

- Ai Nosso Senhor... E quanto é senhor doutor?

<-> Vida! Esta gente viajava desconfortavelmente. Ah! Mas a chegada!

- <Não é>/Não\ é nada. Tome. Compre de comer. Coma, comam! Tome mais, mais.

A mulher olhava aterrorizada. O Snr. Dr. <estava doido com certeza.> [↑ não estava em seu juízo]

X

XX

<A criada bate à porta do quarto de Rui

- Senhor doutor, são horas do almoço.

Em baixo gargalhavam os comensais.

- Senhor doutor, são horas (talvez não esteja [...]) mas a janela está fechada. Melhor será não o acordar)

Duas horas depois, a patroa:

- Senhor doutor.

Silêncio.

A patroa <abriu> [↑ sacudiu] a porta[.] <de vaga> Outra vez com fôrça. A porta cedeu. Entrou (era a confiança de <meses> [↑ anos] de convívio) Abriu as janelas. Um grito agudo varou a casa. Houve um borborinho. Gente correu. E todos viram trespassados de terror um rapaz magro, inteiriçado, de olhos abertos e rosto contorcido numa dôr. O Rui <tinha> [↑ antecipara a] chegada da sua viagem. Na rua um cauteleiro apregoava a sorte grande.

x

xx

O entêrro <foi pobre.> Te<ve>/ria\ grande acompanhamento. Os <colegas> médicos da vila i<am>/riam\ graves e contristados: [↑ «uma pena, um rapaz novo, inteligente»] Julião levou a chave da urna. O sol de inverso <rebl> rebrilhava e o vento <açodado> refinado zu]nir nos ciprestes.

Fim 29-XII-939> [fol. 199]

versão posterior

[X

XX

Viera o tal dia que devia ser diferente. Rui começa a ouvir os gritos de espanto da dona da casa e o mesmo dos colegas:

- Uma pena... um rapaz novo, inteligente.

Julião, consternado, traz no rosto a noite de vigília e o mêdo da morte que hão-de vir. <O>/A\ sua amizade abre-se em mil cuidados que <tornarão o entêrro> [↓ chamarão a atenção de todos para aquela festa de luto.

Aquela amizade que há-de ir visitar nos primeiros dias o fundo gelado da cova. Tudo voltará depois à vida esquecida. E [↑ virão] outros dias de inverno com o sol frio a rebrilhar o vento refinado a zunir nos ciprestes...

X

XX

Mas o dia fôra igual porque Rui não te<rá>/ve\ [↑a] coragem de o tornar diferente. Se ele nunca tivera coragem e fôra sempre um covarde... Um covarde!

<Por isso a chegada>

<Por isso o deserto ficou.>

Por isso os seus passos continuaram a perder<-se no deserto imenso> -se na areia inútil do deserto imenso...

X

XX

Foi justamente daí a dias que o Luiz concluía as provas de doutoramento na Faculdade de Direito.

Coimbra 11-I 1939

Melo 29-XII] [fol. 199V]

versão impressa

Rui entrou no quarto e esteirou-se na cama, pensando:

- Afinal estás na mesma, meu caro Rui, precisamente na mesma... Morreu o Rodrigues e lacrimaste, disseram-te que a Luísa te gramava e insultaste o destino que ta roubou, contaram-te que Amélia morreu e estava a ver que resolvias enforcar-te.

- Um canudo! Não sei que isto seja. A gente muda, acabou-se.

- Mas você não tinha um ideal de vida conquistado?

- Tinha, e daí?

- E daí? Daí não se compreende que perdesse o equilíbrio com o que soube ultimamente. Que lhe importava que a Luísa gostasse ou não gostasse de si? Pois você casava com ela?

- Não sei! Mas cala-te que me ralas o bicho do ouvido.

- Mas não se lembra do que disse ao Julião?

- Era despeito, talvez! Mas tu não acabarás?

- Não era nada! Era um ideal mais alto. Viver para os outros. Então, amigo Rui, essa coisa das misérias dos outros? Já te não comove?

Rui não respondeu a si mesmo. Sentia que dentro de si continuava a negar-se com uma facilidade pasmosa. Negra sorte. Ele nunca poderia dizer a ninguém: «sou isto». E continuaria, agora e sempre, a rolar aos pés do mundo como bola se trapos.

Todo o reajustamento de sua vida estava falhando. Sempre que tinha de pôr à prova as resoluções tomadas, o mundo revirava-se e Rui sentia então que se tinha mentido. Ele não via razão para ser crente e era-o; ele quisera sentir as dores do mundo e não tirava os olhos de si; ele desejava viver para um ideal e gastava-se errando ao sabor dos ventos.

Para ali estava agora, rendido, sentindo, com amargura, que nunca se poderia entusiasmar por nada, que a vida perdia toda a significação quando ele a olhasse para lá dos seus próprios olhos. Bem sabia que era um mal. Mas ele não nasceu talhado como convém. Por isso lhe apetece descarregar murros na sua cabeça abalada, e esmagar aquele cérebro sempre incendiado por tanto sonho vazio.

Sonho vazio... Então dentro dele pulou de novo a mola raivosa que o fez sentar bruscamente. Tinha de acabar, de uma vez para sempre, com aquele comédia. Nunca! Rui não ia ceder! Não! Dedos crispados, olhos estoirando e uma vontade rija, arrancando com a potência bruta que arrasa, rompe furiosamente... Não! Com a força plena de um desespero sem fim. Não! Ele não pode ficar eternamente à mercê de qualquer vento que sopra. Ele lutou com a ferro por seguir o rumo que reputou melhor. E não ia agora fracassar. Nunca! Tinham-no posto no mundo e havia de cumprir a sua missão. Luísa, que importa? Soldado caído... Amélia, Rodrigues e todos, todos os que lhe tinham passado pela vida, seriam soldados mortos na luta que não morria. Não, Rui não fracassou. Porque ele não quer. Com toda a potência da sua vontade forte. Vieram-lhe, num repente, os estremecimentos antigos, porque a lembrança da vida, que fora sua, o fez recuar e perder a experiência acumulada. Mas Rui não é mais criança. Não! Ele sabe que a luta é de todos, que a vida se não parte pelos homens mas os absorve a todos por igual, num interesse único, numa força indivisível. Nunca mais os seus olhos chorarão a própria desventura, fechados na tristeza de um viver isolado.

Sim, tudo passou. Porque o peito da pobre tísica continua estalando com a tosse, pelo tempo fora, porque o cavador se desmembra removendo o pedregulho, e o portão da fábrica engole, cada manhã, centenas de operários. Rui não pode ficar-se mais a chorar as suas próprias dores que se afundam no sofrimento da humanidade. Sim, tudo passou. Tudo tinha de passar. Não seria aquela quebra que iria destruir a luta de tantos anos que Rui viera lutando. Tinham-no posto no mundo. E quando se descobriu, reconheceu que só a própria razão lhe podia iluminar os caminhos apontados. Por isso ele escolheu por si. Seu rumo já foi traçado. E agora, nem que os ventos soprem rijo, e os raios se cruzem e os homens o desfibre, nem que o céu se rasgue

e a terra vomite castigos desconhecidos, Rui não se desviará daquele caminho recto que a sua razão traçou. Nem que estoire!

Ele o espera. Sim, ele o espera...

Levantou-se reconfortado e abriu a janela. Ao fundo da vila, a silhueta da Fábrica Grande recortava o céu escuro.

Coimbra, Janeiro 1939

Melo, Dezembro

(pp. 314-316)

Na versão a azul, com numeração do fólio na mesma tinta, o autor, depois do episódio que mostra a luta de Rui entre o fechar-se em si próprio, na sua dor, na busca de um rumo *Porque custa tanto encontrar o caminho? Todos se perdem.*, termina o romance com o suicídio da personagem.

Na versão posterior, a tinta verde, julgamos que redigida cerca de 1942, a personagem não se suicida por ter encontrado um caminho definido mas por falta de coragem, como a indicação de trabalho denuncia (*Rui pensa em abreviar a “viagem”. Mas não o faz apenas por falta de coragem. Só por isso*).

O texto impresso é diferente, parece que Rui sempre encontrou um caminho: exercer a profissão de médico ao serviço dos outros. A análise desta macro-variante será retomada ao longo deste estudo, porque só no epílogo poderemos (re)unir os elementos que a nossa reflexão vai tratando de forma fragmentada.

3- Caracterização (tipificação) das indicações de trabalho presentes no manuscrito

Encontramos, no manuscrito de *O caminho fica longe*, indicações de trabalho semelhantes a lembretes. Situam-se estas em espaço que corresponde a pausa de escrita e/ou de leitura, isto é, a ladear a menção de capítulo, durante a redacção do romance, (como nos fols. 31, <69>/111\, <143>/189\,) ou em fase posterior (101, 104, 136, 151, <122>/168\); ou no corpo do texto, principalmente durante a redacção do romance (<82>/125\, <137>/183\, 191v, 192v). Há a salientar a introdução, durante a última campanha a tinta verde, de novos capítulos e a alteração do nome das personagens. Nas indicações, predominam frases nominais, imperativas e infinitivas associadas a este tipo de actividade.

Quanto às palavras assinaladas para novas intervenções, podemos mencionar que, à excepção de dois casos em que houve substituição em momento posterior ao trabalho no manuscrito, e de um caso de alternativa, todas elas foram resolvidas. No entanto, cotejando o manuscrito com o impresso, constatamos que, no capítulo III, *aflando* passou a *drapejando*, e que, no capítulo IV da segunda parte, *barafustar*, tendo sido substituído por *remoer* entrelinhado ainda no manuscrito, passou a *remonear* no impresso.

1. notas das primeiras campanhas de escrita a tinta preta, azul e grafite

- (4) (Ele diz atrás que se não fosse o Rui não ia ao baile)
(Em fólio dactiloscrito, a grafite, na margem esquerda)
- (22) (mãe, pai, tia)
(no início do parágrafo)
- (31) (Aço; *Joana; razões da modificação)
(à direita da menção de título)

(<59>/97\)

(segue.)

(redigido a preto no correr da pena)

<60>/98\

(Amélia precisava da Sintaxe de Rieman)

(<69>/111\)

<Rodrigues cá fora percebeu-se a ranger os dentes. Ódio? Aborrecimento? Só desesperado? Uma bola negra interrompeu-o. O Ferrás! - É pá! (era ele, era o Rodrigues) Então esses cem paus? Rodrigues afastou-o com o braço férreo e não lhe respondeu.>

(intercalar este capít. na pag)

(à direita do número do capítulo <6>/7\, riscada a verde com traço sobreposto.)

(5)

(Do romance em preparação Sol do Deserto)

<Vergílio Ferreira>

V. Ferreira>”

(A tinta preta no fim do texto dactiloscrito, notas contemporâneas da preparação para publicação.)

(5v)

“Romance em preparação

De Vergílio Ferreira publicamos um cap. do seu romance “Sol no Deserto” a sair brevemente”

(Notas contemporâneas da preparação para publicação, indicação a tinta preta com caligrafia maior.)

(<82>/125\)

A mãe de Rui sabe que ele acabou o namoro. *Nem *teme isto.

(No texto, a tinta preta, letra miúda inserida num rectângulo. A linha seguinte inicia com a mãe de Rui e as suas expectativas sobre o Rui e a nora. Pensamos que se trata de uma pausa na redacção seguida da sua retoma.)

(<84>/127\)

(Falar de religião?)

(indicação a grafite, marca uma pausa pela diferença do tom da tinta preta com que os fólios estão redigidos.)

(<137>/183\)

(Não esquecer o efeito [↑ do desfecho] produzido nos pais de Rui)

(No texto a tinta preta, na margem inferior com a nota (*Volte*) à esquerda e sublinhado a lápis vermelho e acrescento no verso onde é desenvolvida a indicação.)

(189)

Joana diz-lhe que Amélia morreu de parto. Morreu? ou matou-se? Joana também se enganara. Julgava a uma estouvada; e era uma infeliz.

(no canto superior esquerdo, a tinta preta e riscado a azul, o texto é desenvolvido a azul.)

(191v)

(Acrescentar: teria ele direito de pôr no mundo novo ser, que havia de sentir lutas etc etc)

(indicação a preto, a seguir a acrescento, no verso de fólio redigido também a preto.)

(192v)

Descrever a mãe morta. Impressão causada no Rui



(no texto, a preto)

(192)

“numa manhã de domingo? Mário? † † Bíblia [↑ Doutoramento de Luiz notícia jornal]
- *ganância áspera de coração

(no texto, a preto)

2. Notas da última campanha de escrita (a tinta verde)

- (a seguir à
folha de rosto)
- Notas
- 1) Substituir Ramiro por Vladimiro nos capítulos 5 e 14 da 2ª parte
 - 2) Reparar no aviso “volte” que manda ver o verso da página. <3> [Por vezes tal aviso envolve <†> um, dois, ou mais acrescentamentos e <††>/dêste modo\ será expresso por volte 1, volte 2 etc]
 - 3) Reparar no aviso APROVEITAR lançado à margem da página, <que manda> [† para que se] conserv<ar>/e\ o texto cortado.
 - 4) A transposição duma palavra ou frase é marcada pelo sinal + , designando a ± o lugar devido e o  palavra ou frase a transpor.
 - 5) O sinal + <ant> isolado, anteposto <†>/a\ um período, indica mudança de parágrafo.”

(cortinas da
primeira
parte)

Mais cultura sólida em Fernando, que para estadeá-la se torna incompreendido e aborrecido

(27)

Pôr onde estava

(54v)

Rua Larga (para onde?)

(Expressão dubitada, com a nota na entrelinha superior)

(95A)

“Notas

- 1- Substituir Mário Cruz por António Cruz. [Referir o seu dandismo (chá das 5; menino bem
- 2- Dar mais cultura a Fernando
- 3- Pôr Rui doente (tubercul?), para melhor se justificar o [† seu] propósito suicida.

- (101) (A vida apert. Da S. Joana
Rui quer fazer a †† a mãe lá†
Pede ao Rodrigo o dinheiro atraz.” [fól.]

(À direita da menção de capítulo 4)
- (103) “(Rui e Rodrigues sós – dinheiro)”

(a verde à direita de indicação de pausa, com (*Volte*) no lado direito, com o texto em acréscimo no verso do fôlio.)
- (104) “Nota: <Todas> Substituir sempre Ramiro por Vladimiro”
(a verde à direita da menção de capítulo <4>/5\ 2ª parte)
- (115v) (segue na pág. 116)
- (116v) (segue no verso da pág. seguinte)
- (136) “Nota: Substituir sempre Ramiro por Vladimiro”
(a verde, na margem superior do lado dtº da menção de capítulo 14.)
- (Entre 144 e 145) “Notas
1) Luiza panteísta dum panteísmo lírico. Ela faz *dessa *comparação com Chateaubriand e repara que fala em coisas que o Rui não conhece. Se fosse o Fernando... Ele sabia de literatura porque lia muito e frequentava *bons *cursos de Liter. na Faculdade de Letras.
2) Luiz – alto, forte, parco em palavras. Sem *sonhos. Desconfiado do mundo, isolado.”

(Texto redigido a verde no verso e em sentido contrário ao da cortina de *Terceira parte*, a verde. Estas indicações apresentam-se riscadas também a verde.)

- (151) Neste capítulo Luiza <e>[↑ aconselha] Amélia, que se lhe abre. Luiza vê antes que se enganara e que Amélia era bem diferente. É tarde, porém! Afinal na vida perdemos uns dos outros

(À esquerda da menção de capítulo)

- (<122>/168\)) (Esclarecer que Amélia nunca mais quis dar longos passeios nem sentar-se noutros jardins)

(A verde, entre parênteses, na diagonal, à direita da indicação de capítulo 7)

- (1) Estas pág. dactilografadas ficam entre as pág. 121 e 124 manuscritas

(Indicação a verde, na margem lateral esquerda)

- (1) Incluir este capítulo entre as páginas 156 e 160

(A verde margem superior, no canto esquerdo)

- (<143>/189\)) Um capítulo dedicado à vida de Rodrigues a sua morte (encontrado morto? Suicidase?)”

(A verde, na diagonal na margem superior do lado direito da menção *A acabar*)

- (<148>/194\)) (Aqui o cap. sobre o Rodrig.)

(Nota no início do texto.)

(180,183, Aproveitar

184, 193)

(193v) (aproveitar o que está cortado)

(<152>/199\)) (Rui pensa em abreviar a “viagem”. Mas não o faz apenas por falta de coragem. Só por isso)

(A verde à direita da marca de pausa, e da indicação (*Volte*) e riscado do fim.)

3. Palavras assinaladas para novas intervenções

Capítulo

I <como a> [como] vara de Moisés) [fol.2]

I Era o acordo.

I Os vestidos <em tufe> [↑ caíam] em tu<fos>/fos\ [↑<no chão>] e mal deixavam assomar as pont<inhas>/as\ dos sapatos. [fol. 7v]

III Amélia andava encolhida <com> [n]um casaco <a>/v\elho aflando à tona do corpo.

III as coxas [,↑ delineadas pela saia] tinham vibrações <novas> [↑ estranhas]

III (Seria que ele a chorava ainda nos «litros»?)

V Ela há-de vir <deitar-lhe aos pés> [↑ pôr-lhes à frente dos olhos] a tristeza do mundo para lhes pedir lágrimas<.> [, ↑ ou sonhos brandos a pedir sorrisos.] [fol. 31]

- V Pegava na enxada pesada [↑ ou no mangual] e de casaco ao ombro
- V <enxadas num ritmo seguro> [↑pesados manguais em ritmo seguro] que ...>/mono\ssílabos surdos
- V O sol batia agora de chapa na eira e os <reverboros>/revérberos\ incendiavam o rosto dos malhadores
- V ²o mangual ¹bailava
- V - Thanks
- V boca <fechada> <repregando> [↑ refegando] a vista <com>/num\ jeito <fadista.> [↑ vadio.]”
- VI “Mas não sucedia<! [↑ No fundo> isso a <†>[↑ qualquer] mulher boa?” (Aquele “boa” ficou <-lhe> <azedar-lhe> [↑ magoar-lhe] <a ressumando> [↑ a saber-lhe] a carne e [↑a] magoa<ndo>/r\ -lhe a sensibilidade.)
- VI nevoeiro ,esparso)
- VIII quarto baiuqueiro.
- X Rua Larga [fol. 54v]
- XII o <ofício> [↑ emprêgo] <de cabeleireira> [↑ no cabeleireiro]

XII [↑ os] Olhos vítreos em faces lascadas<./,\ [↑ os] <C>/c\igarros
chupados ás esquinas, [↑ as] ancas papejando, [↑ latejando] [↑
<devoradas> [↑ gozadas] pelos] olhos [↑ gulosos dos] que as vêem.

XII Ela porém respondeu embargada por soluços

XII Rodrigues <<†>/andava\>...[↑ sacudia] a poeira soprando uma
espirar de fumo.

2IV Não sem <barafustar> [remoer:]

2VI o[s] queixo[s] <matraqueava[m]> [↑ batiam]

2VII Eu cá com raparigas de pr<ôa>/ao...

2VIII Conceição não era uma devassa. Muitas raparigas da Alta não
eram devassas. Luiza tinha pena de Conceição.>

2VIII -... 163 do Código Penal

117

2XIII não alteravam <em par> [↑ em nada] o caminho

3VIII <tran-> aparente tranquilidade de Rui segurou-a. <(Catarina
animara-a.>

(sublinhado vermelho)

3XII A mulher ficará para ele distante e confusa sem aquele contacto
permanente que trai a idealização. [fol. 187]

3XII Agora era tarde e o ardor [↑do <†> Sol] apenas lhe mordia,

<tambem> [↑**como** ao Rui,] as areias do deserto.

3XII Luiza morta. Pálida, sêca, com um <**pachô**> [↑ **parche** <(?)>] de algodão na bôca.

Como podemos observar nos exemplos exposto, ao longo deste capítulo, a actividade metalinguística e metadiscursiva é reveladora do movimento entre escrita-leitura-reescrita, inscrevendo-o diacronicamente nos fólhos do manuscrito.

4 - Grandes transformações linguísticas em A

Cada palavra que se avança sobre outra palavra implica uma escolha infinita uma rede de caminhos.¹

Vergílio Ferreira

A presente edição dos materiais do dossier genético do romance *O caminho fica longe*, principalmente a edição do manuscrito, permite-nos conhecer os incidentes redaccionais presentes neste testemunho, como o próprio escritor refere em relação à actividade de emendar. Encontramos, por um lado, aqueles que são inerentes à escrita e reescrita e outros devidos a preocupações estilísticas. Tentamos dar conta das grandes transformações linguísticas aí operadas (adição, cancelamento, substituição, reordenação, redireccionamento), organizámo-las em categorias gramaticais (nome, adjectivo, verbo, advérbio, conjunções) e apresentamos ainda as que se prendem com a substituição de palavras dentro de cada uma delas, mostrando o trabalho a nível lexical. O próprio escritor refere-se a essa actividade contínua:

Ninguém imagina que numa frase de romance se substituem às vezes palavras só por terem uma sílaba a mais ou a menos. Mas substituem. (CC2, p. 26);

E têm sido dias assim. retomo a cópia do romance e tento pô-lo transaccionável. É um trabalho incerto, na dúvida sobre o seu resultado. Porque nunca se sabe. Adianta-se uma emenda que nos põe cheios de convicção envaidecida. e no dia seguinte relê-se e verifica-se que está um desastre, e que o emendado estava melhor. A coisa depende do tom da escrita com que avançamos para. E isso depende dos dias ou mesmo das horas. Há ocasiões em que se vai cheio de inclinações melancólicas. Outras, estamos cheios de boa disposição festiva. Umas, calham-nos um ritmo de dança. Outras, é um ritmo macabúzio de enterro. Mas o grave é que a

¹ V. (CC2, 320).

variação dá como resultado tons e ritmos sortidos. Ora há que manter a uniformidade, a coerência. E desde que a coisa seja coerente, impõe o seu estilo. (CC4, 188).

1. nome

A categoria do nome não é a que regista maior intervenção no manuscrito. Trata-se sobretudo de substituições, projecções e deslocamentos de forma a expandir a ideia com adjectivos, aparecendo na mesma linha ou linhas mais à frente. Apresentamos alguns casos mais significativos.

- (2) ... tem <fatos caros...> [↑ um vestido de soirée...] quere exhibi<r-se...>/i-lo,\ <Vaidades!> <E eu> <[↑ <O pior>] é [↑ <ter eu>] <<que tenho> de pagar as favas...> [↑ se <se>não rebenta! E eu que pague as favas.]

(Intervenções a tinta verde em fólio redigido a tinta preta. Na substituição de “fatos caros” por “um vestido de soirée...”, o autor particulariza, contrapondo ao plural generalizado, uma peça específica um vestido” que, por sua vez, ainda é mais singular, não é um vestido qualquer, é um vestido de soirée destinado a uma função social.)

- (8) perdeu <por algum tempo> [→ o Rodrigues] e durante algum tempo rebuscou-o <por entre <os manequins altos.> [↑ as sedas e penas.]> [↑ sem resultado.]

(O autor substitui os *manequins altos* por *as sedas e penas*, particularizando a ideia de que Rodrigues se encontraria entre as meninas.)

- (40) E <os>/o\ <pobres> graxa que ali perto <dele> se verga quasi beijando <o sapato> o pé do freguê<z>/s\ não lhe inspira hoje <o> dó.

(Também neste excerto, em fólio redigido a tinta verde, o autor destaca *o graxa* do conjunto dos *pobres*, assim como na substituição do *sapato*, que é objecto e por isso impessoal, pelo

pé do freguês.)

- (7v) Rodrigues lá <de> longe e lá do alto adeja sobre o luxo das sedas roçagantes <das bonecas> e a frescura das meninas pintadas...

(Exemplo de cancelamento, talvez porque redundante, visto que as *meninas pintadas* já transmitem essa ideia.)

- (8) Depois <enterrou-se no> [↑ fechou-se em] silêncio, pisando <[↑ -lhe]> os pés <<a>/de\ Amélia> [↑ à namorada.]

(Em fólio dactiloscrito, o autor, primeiro, a tinta preta, emenda a preposição *a* para *de*, em outro momento, a verde, rasura *de Amélia* e substitui pelo pronome pessoal *lhe* e, mais tarde, substitui a grafite o pronome por *à namorada*, assim como os restantes entrelinhados.)

- (12) lá a <empernar> [↑ divertir-se] grandemente com um tipo<.>/\ [tu conheces... aquele <gajo> [↑ <tipo*>] [<↑sujeito>] [↑ gajo] da Livraria...] <<[Tu *não viste?!]>/Tu\ > [Tu afinal viste...]

(Em fólio dactiloscrito, em adição a azul, o autor escreve *gajo*, que substitui a preto por *tipo* e que corrige para *sujeito* ainda com a mesma tinta e, posteriormente, em campanha a tinta verde, retoma a primeira lição *gajo*)

Há situações em que o autor procede a **escolha lexical**, como nos exemplos que se seguem:

- (6v) [Mas Rui sentia-se triste, triste. Vinha-lhe de longe uma quási saüdade branda que o cercava de <vazio> [↑ **solidão**]...

(Trata-se de substituição a nível lexical.)

(31) <Puras máquinas.> [↑ Ou antes: carne, sentidos, músculos.]

(Substitui a expressão pelos constituintes das máquinas)

(117v) Ao lado ia a mulher e <a filha - uma filha rascunho de mulher.> [↑ uma rapariga com o rosto num borrão.].

2. adjectivo

Em relação às intervenções realizadas no que diz respeito ao adjectivo, podemos verificar uma tendência para a dupla adjectivação, quer em curso de escrita quer ainda *a posterior* com a adição do segundo. De seguida, apresentamos alguns casos que tentam cobrir os vários aspectos a considerar: substituição, adição e supressão e ainda a alteração de categoria do elemento intervencionado.

a) substituição e adição

(1) <**Bons** músculos.> [↑ Músculos **razoáveis**.]

(Neste exemplo de substituição, o autor alterou o adjectivo de *bons* para *razoáveis*, inculcando uma descida valorativa na avaliação que a personagem faz de si própria. Essa atitude é reforçada pela alteração do lugar do adjectivo que deixou de estar anteposto, posição que lhe conferia uma certa expressividade, como se se tratasse de uma frase exclamativa, embora o sinal de pontuação estivesse ausente. Esta modificação contribui para a imagem negativa que Rui tem de si próprio.)

(1) Rui senti<u>/a\>-se <**mole**,> [↑ <***vexado**>/**vencido**,\] **achatado**, quando lhe diziam que estava magro.

(A substituição do primeiro adjectivo caracterizador da maneira como a personagem se sentia decorreu em várias fases. Primeiro, *mole* transmite a ideia de falta de reacção, pessoa indolente, mas ao ser riscado e substituído por *vexado* (leitura conjecturada) a personagem reage, mas com sentimento de humilhação, vergonha e termina com o

adjectivo *vencido*, representando não apenas atitude de indiferença, mas antes de subjugação e resignação. Este percurso é intensificado pela imagem do segundo adjectivo *achataado*, pois, Rui sucumbia ao peso da opinião alheia.)

- (9) <Entretanto as ancas **esculturais e nítidas** de Amélia tinham chamado outro comparsa.> [↑ Era ridículo tudo aquilo... Ele devia ter pensado <bem>/mel\hor... Para que viera ao baile? Ele não sabia dansar e a mãe tinha poucos 30\$00 para lhe mandar...]

(A caracterização de Amélia dando relevo à sua sensualidade é particularizada no pormenor físico das ancas que recebem dupla adjectivação *esculturais e nítidas*. Assim, o uso da sinédoque, que apela ao sentido da visão, faz realçar a parte *as ancas* pelo todo, o corpo de Amélia. Embora este segmento textual tenha sido cancelado, a sensualidade de Amélia será ampliada até à exaustão na economia da narrativa.)

- (21) Agora as coxas [,↑ delineadas pela saia] tinham vibrações <novas> [↑ estranhas] que os sapatos empinados lhes davam.

(A visibilidade das ancas de Amélia, cujo segmento descritivo do fol. 9 fora anulado no passo acima analisado, é recuperada neste excerto. As ancas deram aqui lugar às coxas e a carga visual que os adjectivos “esculturais e nítidas” acarretavam está concentrada no facto de serem demarcadas, desenhadas pela saia justa, e de terem vibrações descomunais, esquisitas misteriosas, impróprias. A substituição do adjectivo “novas” por “estranhas” implica um juízo de fora da “normalidade”. Apesar da palavra se encontrar assinalada pelo autor para futura intervenção, manteve-se inalterada no impresso.)

- (9) Agora era ele que a desenterrava daquele silêncio <maldito.> [↑ **enervante**.]

(Fólio dactiloscrito com emendas a tinta preta, verde e lápis. O exemplo apresentado corresponde a substituição a tinta verde.)

- (12v) El<e>/a\ tinha o olhar <murcha> [↑ **triste**] de animal abandonado...

(Texto redigido a tinta preta e emendado na mesma tinta.)

- (16) Horas <amargas> [↑ **prolongadas**] passava a Snr^a Joana presa à máquina de costura <.>/\ por causa do seu Rui...

(Substituição efectuada a grafite em fólio redigido a tinta preta. A substituição confere às horas que a Sr^a Joana passava a costurar dilatação temporal (muitas horas e cada hora parece longa) e retira o sentimento negativo em relação à tarefa efectuada, pois podia ser pouco tempo e ser muito difícil.)

- (29) Mas a vida abria-se-lhe, a vida ria-lhe duma maneira <estranha:>/desconhecida:\

- (94) Pelo <sêco> [↑ **ressequido**] do Rui.

- (94) <E <despediram-se.> [↑ foram-se:] <E>/e\le ia aturdido<.>/\ <E>/e\la <ia>
<rancorosa.> [↑ **triste**]

- (44v) Rui não <†>/ia\ talvez adivinhar que mundo andaria na sua bebedeira. Não ia com certeza. Suporia talvez que os copos de vinho lhe iriam mostrar o tal caminho... Isto se ele tentasse adivinhar.

<Mas> afinal Amélia erguia-se lenta. E ele não estranhou. Dir-se-ia que ela lhe povoava tôdas as idéias e lhe provocara até a filosofia das "peças do relógio caro". E que ele filosofava cõnsoci<ente>/o\ disto mesmo.

X

XX

Amélia [↑ no fundo do copo] está bela. Tem o corpo [↑ todo] feito de curvas suaves. Move-se com lentidão num abandono <preguiçoso> [↑ **franco**] e [↑ cerra] os olhos <com>/em\ preguiça morna. Rui sente que a ama. Que a ama duma forma <diferente> [↑ **estranha**], duma forma que o mundo não tolera. O mundo e ela mesma. Tinha vontade de criar <†>/um\ mundo <diferente>[↑ **novo**] ou de fugir... fugir...

Mas Amélia não quererá acompanhá-lo. E preferirá continuar a entregar-se em

movimentos <†>/**lentos**\. Não <*é> [↑ será] caso para chorar?

Um vulto pergunta mais ou menos:

- Que tem... (etc)]

(Em acréscimo a verde, no verso de fólio dactiloscrito, as intervenções aqui registadas foram feitas com a mesma tinta. Salientam-se as substituições ao nível do adjectivo.)

- (192) Nem ao marido, ao José do Casal, fazia muita falta, porque a Carolina [↑ (uma moçoila **de seios em balão**)] conhecia-lhe o génio, <e> sabia tratar dele. Não lhe passara despercebida aquela ligação do marido com a <**embaloada**> [↑ **gorda**] Carolina.

(As duas intervenções entrelinhadas foram feitas, posteriormente, a tinta verde e em simultâneo. A primeira adição (*uma moçoila de seios em balão*) especifica o adjectivo cancelado *embaloada* que é substituído por *gorda*. O autor desfez assim a sinédoque pela qual caracterizava Carolina, isto é parte do particular *os seios em balão* para o geral Carolina embaloada, em forma de balão, recuperado por um adjectivo também ele referente ao seu aspecto físico – a gordura.)

- (194) E <o>/um\ <seu> lugar no café, nas aulas, no cinema, ficava <**ermo**> [↑ **vazio**]

- (195v) Nos Olivais naquele quarto ermo e barato, Rodrigues sentia-se mais longe do mundo <**o alheio**> [↑ **estranho**] e mais perto do seu.

Pensamos que a intervenção nos dois excertos que se seguem tem que ser analisada em conjunto. Por um lado, as substituições foram efectuadas com o mesmo instrumento de escrita, a grafite, e devem ter sido realizadas durante a mesma leitura. O traço semântico presente no nome *lascívias*, substituído por *notas*, vai ser recuperado como adjectivo a caracterizar a dança. Logo, o tango passa de *mole* (indolente, preguiçoso) a *langoroso* (voluptuoso) e na segunda frase a dança passa de

langorosa a *lasciva*, dilatando a sensualidade daquele tipo de dança e os ciúmes sentidos por Rui. Os *ciúmes da dansa* <*langorosa*> *lasciva* sintetizam os elementos anteriormente cancelados.

(9) Mais um cigarro que lhes secou <as goelas> [↑ a goela] e o acordeão lançou as primeiras <**lascívias**> [↑ **notas**] dum tango <**mole.**> [**langoroso**].

(10) O olhar miúdo fugiu-lhe a <dissecar> [↑ extrair] <pormenores, cravando-se na cruz que as pernas de ambos formavam.> [↑ <nos passos e> ciúmes da dansa <**langorosa**>] [→ **lasciva.**]

(38) Rodrigues pensava que o amor <devia ser> [↑ é] uma coisa muito <**forte**> [↑ **estúpida**], caramba! Como é que um indivíduo são de juízo se prendia numa forma <**estúpida**> ao ponto de se tornar ridículo? Ele não entendia.

(Deslocamento do adjectivo para substituir *forte*. O cancelamento da posição inicial do adjectivo *estúpida* e sua escrita na entrelinha sobre *forte*, palavra substituída, são efectuados a grafite. A nova posição do adjectivo está de acordo com o contexto, o tipo de linguagem aí utilizado *coisa*, e a interjeição *caramba*.)

Os dois excertos que se seguem devem ser vistos juntos, visto que apresentam emendas que, de certa forma, se determinam mutuamente. A alteração do adjectivo conjecturado *puro* para *áspero* para definir o cheiro da terra, tornou-o mais expressivo pela sinestesia criada. Por outro lado, ao utilizar o verbo fecundar na substituição entrelinhada, o autor vai substituir *dia fecundo* por *dia fértil*, ampliando o seu sentido com dupla adjectivação a partir da adição do adjectivo *forte*.

- (32) Vinha-lhe na brisa o cheiro <***puro**>/**áspero**\ da terra <molhada pela chuva da noite> [↑ que fecundara em frutos saborosos]. E ele aspirava sôfregamente <o> [↑êsse] cheiro activo da terra.

- (32) Pelos olhos entrava-lhe o gozo do triunfo da manhã e todos os sentidos se refastelavam no vigor daquele dia **f<ecundo>/étil**\ que se erguia [↑ **forte e**] **vibrante**.

- (62v) Catarina explodiu <numa> [↑ **em franca**] <**gargalhada franca**> [↑ **gargalhada**] que lhe pôs nas faces rechonchudas uma vermelhidão de vinho.

(Na reordenação do nome/adjectivo para adjectivo/nome, a anteposição do adjectivo confere-lhe maior expressividade.)

- (34) Zeferino <olhou> [↑ examinou] com mais atenção a máscara do filho. Ele tinha uma gorra tombada sobre o olho direito e falava pelo canto esquerdo da boca <**fechada**> <**repregando**> [↑ **refegando**] a vista <com>/num\ jeito <**fadista**> [↑ **vadio**.]

(Neste excerto, estamos em presença de atitudes diferentes em relação ao uso do adjectivo. O adjectivo *fechada* foi suprimido, não contribuindo para a imagem já sugerida *falava pelo canto esquerdo da boca*; segue-se-lhe a substituição por *repregando*, forma assinalada pela insatisfação do autor com o sublinhado dubitativo, depois por *refegando*, e, por último, o adjectivo *vadio* é mais intenso do que *fadista*.)

- (177) Havia muitas razões para o fazer e entre elas duas eram <**fortíssimas**> [↑ **potentes**]:> [↑ **fortes**:] porque seria mais homem e seria mais admirado.

(Em fôlio redigido a preto, o autor rasurou o adjectivo no grau superlativo absoluto sintético *fortíssimas*, substituindo-o pelo adjectivo *potentes* ainda com a mesma tinta. Posteriormente, a verde, retoma o adjectivo inicial, mas no grau normal *fortes*.)

- (189) Pela janela aberta entra o ar <fresco> [↑ **afiado**] daquela tarde de <Outono> [↑**Inverno**] mansa e luminosa.

(Excerto de fólio redigido a preto apresenta substituições entrelinhadas feitas, em simultâneo, com a mesma tinta.)

- (189) No seu quarto, <sêco, esterelizado> [↑ **nu**], apenas avultavam os livros, que se ajeitavam às cotoveladas numa estante alta e se equilibravam <numa> [↑em] resmas sobre [↑ a secretária e sôbre] a mesa de cabeceira.

(Destacamos a operação de síntese efectuada na substituição dos dois adjectivos *sêco, esterelizado* por *nu*, durante a campanha a tinta verde)

- (152) <E já beijava menos mal. Catarina sabia beijar. De olhos baixos sorvia gozos surdos como a Greta Garbo do> E dava beijos **ardentes**.

(Gradação na avaliação dos beijos, o autor não termina a comparação com Greta Garbo, cancela-a e esta é sintetizada no adjectivo *ardentes*.)

São vários os casos em que Vergílio Ferreira adiciona o segundo adjectivo, criando uma dupla adjectivação. Vejamos uma pequena amostra da dupla adjectivação, quer em curso de escrita quer complementada em adição:

- (21) Se Amélia dissesse que um homem não precisa de ser **alto e forte** para ser belo, <Cat> incorreria no grave risco de ser julgada uma <***atrasada**>/tôla\.

- (89) E <inesperadamente> [↑ mágicamente], sonhos <novos> [↑ **estranhos e**] **inesperados** [↑ a] entusiasmar<-na>. Os seios [so]ergueram-se-lhe.

(93) <Agora>/Amélia\ renascia **carnal e lasciva**.

Virtude, vício: <etapas> [↑ aspectos] da [↑ mesma] viagem [↑ inútil]. E a viagem tinha uma chegada, uma **terrível** [↑ **e forçosa**] chegada <que ía> [↑ Para quê esperar?]

(112) E era ridículo o Cruz têso no fato castanho suspendendo dum braço a gabardine e <doutro> [↑ do outro] o <malfadado> [↑ negredado] pacote num dlam-dlam **irregular e nervoso**

(119) Às vezes o som parecia vir-lhe de longe, **confuso e débil**, porque a lembrança do mundo <velho> [↓ antigo] a assaltava em turbilhão.

(125) Passava-lhe <em todos> [↑ a cada hora,] **teimosa e quieta** uma visão de sossego.

(137v) <[*E viram para alem dele uma mulher fresca e fl<†>/exível\, [↑de carne **aveludada e morna**] suspirando sobre os lençóis perfumados]> [E viram [↑ (ouviram)] para além dele uma rapariga <fresca> [↑ **áspera**] **e sadia**, de carne **aveludada e morna**, gemendo baixinho entre <<os>/as> <lençóis perfumados...> [↑ sedas e rendinhas...]

(145v) De resto, ela não podia esquecer-se nunca <daque> do rosto confrangido de Amélia quando lhe <†>/deu\ tristemente <os parabéns...> [↑ uns parabens **fingidos e** [↓ **inúteis...**]] <(Parabéns que>/Já sei\ que tem namoro...»)

(161) numa baiuca celebrando a festa com uma <tremenda> [↑ **forte**] **e inofensiva** bebedeira.

(172) Os olhos <direitos> [↑ **frios**] **e duros** não <de>/se\ desviavam para <estudar> [↑ olhar] a assembleia.

- (189) Há uma sonolência **vaga** [↑**e fria**] entorpecendo tudo.
- (192) Mas a Snr^a Joana numa tarde afogueada de Agosto, finara-se <†> [↑ **quieta**] e **risonha**,
- (195v) Nos Olivais naquele quarto **ermo e barato**, Rodrigues sentia-se mais longe do mundo <o alheio> [↑ estranho] e mais perto do seu.

Virtude, vício: <etapas> [↑ aspectos] da [↑ mesma] viagem [↑ inútil]. E a viagem tinha uma chegada, uma **terrível** [↑ **e forçosa**] chegada <que ía> [↑ Para quê esperar?]

b) alteração da categoria gramatical

A passagem do adjectivo a outras categorias gramaticais ou vice-versa ocorre várias vezes ao longo do manuscrito. As novas palavras são geralmente construídas a partir de palavras da mesma família: claras e lisas/ clareza, lisura; pregados/ pregam; lânguidas/ languidez/ languidamente; veladas/ vigília; estranhável/ estranhar-se; inteligivelmente/ inteligíveis; futebolísticas/ futebol.

- (2) Mas ela voltou t<am>/ão\ depressa à serenidade macia dos sonhos <**de algodão!...**> [**brandos...**]

(Neste excerto, o autor substitui, a tinta verde, o sintagma preposicional complemento determinativo de matéria *de algodão* por um adjectivo *brandos*. Pensamos que esta emenda quebrou a contiguidade no uso de um sintagma preposicional seguido de um outro que o especificava e criou equilíbrio entre os nomes e os respectivos adjectivos *serenidade/ macia* e *sonhos / brandos* mas também entre a equivalência dos nomes entre si e dos adjectivos entre si.)

à beira do rio a horas mortas e ver <o reflexo das luzes> [↑ as luzes espelhadas]

(Também neste excerto podemos observar fenómeno semelhante ao do anterior, mas em vez de transformar o nome *reflexo* em adjectivo da mesma família, o autor enriqueceu com uma metáfora *como a imagem do espelho*.)

- (81) ficavam amigos. Por fim convenceram-se. Alguns ainda a cognominaram [↑ <dübiamente>] de “Sempre-<v>/V\irgem”. <Era um cognome <atrevido> [↑ **dúbio**].> [↑ (A boa graça do estandarte...)]. Mas isso passou. Muitos rapazes conheciam-na de perto e achavam-na franca e lhana.

(Aqui podemos verificar que o autor riscou primeiro, a grafite, o adjectivo *atrevido*, substituindo-o na entrelinha por *dúbio*. Num segundo momento, a tinta verde, decalca-o. Segue-se-lhe o cancelamento da frase que o inclui, sendo esta substituída por um segmento entre parênteses, ao mesmo tempo que acrescentou um advérbio de modo *dübiamente* da mesma família do adjectivo já cancelado e que terá o mesmo destino. Neste excerto, podemos ver ainda o uso da dupla adjectivação na caracterização de Luiza, *franca e lhana*.)

- (103) <... que se diluem > [²↑ na música] <no som> [¹↑ **plangente**] da chuva [...] <**que chora...**> ... que se diluem na música plangente da chuva...

(A frase *que chora* é transformada em adjectivo sem alterar o valor semântico)

- (<134>/180\)) Se os raciocínios feitos sobre a sua vida se [↑ lhe] achatavam, de princípio ao fim, <**claros e lisos**> sem uma saliências, [↑ <numa>] <**clareza e**> [↑ numa] **lisura** de vidro...

(Em fólio redigido a preto, os adjectivos *claros* e *lisos* deram origem aos nomes respectivos: *clareza* e *lisura*, na mesma tinta.)

- (<132>/178\)
- Para lhe cortar o ímpeto o melhor seria tornar-se ele, Rui, frio como um[a]
<imbecil> **criança imbecil.**

(Neste exemplo, podemos ver, em curso de escrita e em fôlio redigido a tinta preta, a alteração do uso do nome *imbecil* para o adjectivo a caracterizar criança, isto é *criança imbecil.*)

- (32)
- A mulher não movia os olhos <pregados> **inexpressivos** <que> **prega**<m>/dos\
[n]<a>/o\ <fundo> <dobra> cotovelo do caminho que o marido dobrara.

(Substituição do adjectivo e passagem deste a outra categoria gramatical, a verbo, no modo indicativo *pregam*, posteriormente recuperado em participio).

- (45)
- d<e>/a\ <Amélia> [↑ namorada. <Via-lhe as pernas requebrarem-se **lânguidas.**> [↑
As pernas requebravam-se ainda <com> **Lânguid**<ez>/a\mente.] Os braços em
movimentos de voluptuosidade lenta <chupavam-no.> [↑ sorviam-no.]

(O adjectivo *lânguidas* surge na frase substituta como complemento circunstancial de modo, primeiro proposicional *com languidez*, posteriormente alterado para o advérbio *languidamente.*)

- (17)
- Para trás das cartas que ao fim do mês lhe traziam um vale do correio, ficavam
<noites> lágrimas que não chegaram a ser choradas. Longas noites <veladas> **de vigília.**

(Substituições em curso, quer pela tinta mas sobretudo por se tratarem de emendas imediatas realizadas na entrelinha, sobre o elemento cancelado e flectindo no final para a linha normal de escrita.)

- (31)
- Mas os homens d'aço tendo os olhos [↑ **enxutos**], presos nas faces de pedra <e não
chorarão.>[.] Seu gume <perfurará rasgará> [↑ dissecará as] tristezas do mundo e
as lágrimas não enublarão os olhos.

(A frase *e não chorarão* é substituída pelo adjectivo *enxutos* entrelinhado.)

- (49) Por isso não julgou <estranhável> [↑ **que pudesse estranhar-se**] a visita que [↑ lhe] fazia.

(Neste exemplo, o autor substitui o adjectivo *estranhável* por uma frase *que pudesse estranhar-se*.)

- (181) Tu <és maluca,> [↑ não estás no] teu juízo.

(Neste caso, o autor altera a frase recorrendo a uma perífrase.)

- (55) E amava <amava duma **forma** **estu**> **estupidamente** como um inofensivo trovador...

(Este exemplo insere-se numa adição realizada a tinta verde, em fólio dactiloscrito. O adjectivo iniciado a escrever *estu* que caracterizaria a forma como a personagem amava é alterado, em curso de escrita, para o advérbio de modo *estupidamente*.)

- (<115>/161\)/D\epois rosnou [↑ algumas palavras] <**ininteligivelmente**<.> [↑ qualquer coisa.]> [↑ **ininteligíveis**.]

(Em fólio redigido a preto, o autor efectuou as intervenções a tinta verde, transformando o advérbio *ininteligivelmente* em adjectivo *ininteligíveis* mais os elementos que caracteriza.)

- (<115>/177\)) Para o Rodrigues <reservava> [↑ reservava] <a manifestação de> a confissão de todas as manifestações [↑ **da** **sensíveis**.> **ibilidade**].

(Neste excerto redigido a preto, podemos referir três situações diferentes: retorno da forma verbal *reservava* sem que tenha registado alternativa; projecção de *manifestação* e transformação do adjectivo *sensíveis* no nome *sensibilidade* inserido em sintagma preposicional.)

- (177) e até o Vaz recebia, para seu gôzo, [↑ uma que outra vez] opiniões
<futebolísticas.> [↑ sobre futebol.] [fol.]

(Transformação de um adjetivo em sintagma preposicional).

Há ainda a mencionar que algumas das intervenções realizadas ao nível do adjetivo transformam-no, passando a transmitir uma ideia contrária, como nos exemplos que se seguem:

- (10) As luzes brilhavam-lhe truanescas, canalhas. Amélia parecia-lhe sorver
<delambida,> [↑ com frenesi] gozos crus.

- (89) Os olhos esbarraram-se-lhe em pessoas <conhecidas> [↑ desconhecidas.]

- (170) Mas <[↑ o fecho]> <<a>/da>/a\ porta da casa abria e Domingos, <cabisbaixo> [↑
sorridente,] aparece. Ainda troca um olhar com a rapariga da janela. Amélia dá
dois passos titubeantes.

Como temos vindo a verificar, em Vergílio Ferreira a dupla adjectivação ou surge em curso de escrita ou resulta da adição do segundo elemento. Mas a procura da palavra certa, neste caso do adjetivo, leva o escritor ao registo de três tentativas:

- (189) Rui <estirado> <enterrado> [↑ entornado] <num> <num sofá> sorve com lentidão
um cigarro feito.

(Em fólio redigido a preto, em curso de escrita, o autor regista a emenda imediata na entrelinha, como já vimos anteriormente, *enterrado*, e posteriormente, a tinta azul, procedeu à sua substituição por *entornado*.)²

A indagação da palavra está também presente nas alterações lexicais implicadas nos exemplos acima expostos, na categoria de adjectivo.

3. Verbo

Em relação ao verbo, há a registar a alteração a nível lexical, por um lado, e a alteração da flexão verbal do modo e tempo, por outro.

3.1 A maioria das intervenções a nível lexical na classe do verbo resume-se a duas lições, no entanto, também encontramos casos de três tentativas. Dos exemplos que em seguida apresentamos, o primeiro pertence ao quinto capítulo da primeira parte, o segundo ao sexto capítulo da segunda parte e os restantes ao capítulo XII da terceira parte.

- (31) Seu gume <perfurará> <rasgará> **dissecará** as tristezas do mundo e as lágrimas não enublarão os olhos.

(O autor risca *perfurará* e escreve imediatamente à frente a segunda lição *rasgará*, cancela também esta, e, ao substitui-la, escreve sobre os dois segmentos cancelados o substituto *dissecará*, continuando aí a redacção até retomar a linha vazia).

² Situação semelhante é relatada por Luiz Fagundes Duarte, a propósito do texto de Eça de Queirós, em que o autor em *mas vio enterrado n'uma poltrona* riscou *enterrado*, eliminando assim a redundância. Vergílio Ferreira suprimiu num *sofá*, e substituiu a forma verbal *entornado*. Pensamos que, embora com intenção semelhante, trabalharam elementos diferentes da frase. Cf. *A Fábrica dos Textos: Ensaio de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz*, Lisboa: Cosmos, 1993, pp. 20-21.

(<69>/111\> <*A>/E\mbora [↑ de] Catarina <não fosse <encontrada> [↑< apanhada>] [↑ nunca surpreendida em flagrante,> [↑ nada se pudesse dizer de seguro]

(188) frio <e> que <ao mesmo tempo ia <bulir> [<↓ revolver>]> [↑lhe revolvía o mundo] <nas>[d]/as\ emoções

(<143>/189\> Ramos sêcos malfeitos, <aconhec> <[↑estendem-se> [↑adiantam-se <no>/ao\ tronco] medrosos, com ar pedinte e por tôd<o>/a\ <a>/o\ <planície> [↑ vale] que escorre da montanha paira um[a] <†>/d\oença indefinida de frio e fome.

(<144>/190\> Afinal o Rodrigues também tinha [↑um caminho e] um Sol, que <o havia de queimar> dentro dele rebrilhava.> [↑o iluminava.]

(Fólio redigido a tinta preta, com primeira emenda realizada ainda em curso de escrita, na mesma tinta preta. As últimas intervenções nesta frase foram feitas a tinta verde, riscando a segunda lição *dentro dele rebrilhava*, substituindo-a por *iluminava* entrelinhado, a tinta verde. A primeira é uma emenda imediata e a última mediata.)

(192v) Moscas voejavam e outras <fincavam-se> [↑<sugav>] [↑ fincavam-se] aos cantos da boca e dos olhos <sugando> [↑ chupando] humidade.

(Texto que se insere em adição realizada no verso do fólio, redigida a tinta azul com emendas na mesma tinta, a substituição de *sugando* para *chupando* foi efectuada a tinta preta.)

Podemos ainda contemplar outros exemplos:

(40) “Mas não sucede[rá] [↑ <No fundo>] isso a <tôda a>[↑ qualquer] mulher boa?” (Aquele “boa” ficou <<-lhe> <a> <azedar-lhe> [↑ magoar-lhe] <a> <††>/num som\ [↑ a saber-lhe] a carne e [(a) magoa<ndo>/r\lhe a sensibilidade.)

(A substituição do verbo *azedar-lhe* por *magoar-lhe*, entrelinhado, além de

intensificar o efeito que o uso do adjectivo *boa* causa na personagem Rui cria, pela repetição do verbo, um ritmo binário: magoar a carne e magoar a sensibilidade.

- (40) Rui sente mais que nunca as dôres antigas que <nunca o> [↑ o não] abandona<m>/rão\ [↑ jamais] e <voltam> [↑ virão] sempre <nas> <a acompanhar> [↑ engrossar] <outras> as dôres novas.<.>/:\ <Às vezes, no meio da alegria>

(De igual modo, ao substituir o verbo *acompanhar* por *engrossar*, as dores antigas são sempre integradas nas dores novas, intensificando-as, isto é, o sofrimento estará sempre presente na vida da personagem.)

- (39) A casa de Amélia está na frente de Rui. Ele olha instintivamente para a janela do último andar. Parece-lhe que uma cabeleira solta <voou> flutuou indecisa <†> e foi absorvida pela janela que se fechou com estrépido. Ele quer reconhecer aquela cabeleira mas a <sua> atenção <está inerte e> escapa-se-lhe para a voz metálica que ficou [(parada] no ar martelando as sílabas:

- Hoje não, já lhe disse!

- (76) Domingo preguiçoso. [(] A cidade acorda tarde.[)] <A luz >/O Sol\ <charlava> [↑ pardalejava] esfusian<do>/te\ pelas frinchas do quarto. Rui abriu os olhos, mas aquela espada de luz a espetar-lhe a parede irritou-o.

(Fólio dactiloscrito, com as emendas deste excerto efectuadas a tinta verde. No impresso, o autor recupera a forma verbal *chalrava*.)

- (<66><105>/108\ [↑ De mãos dadas nas costas, bufava, magoando o soalho com passadas valentes] <<Rodrigues> [↑ Rui] bufava.> Rodrigues sorvia fumaças.

(Em fólio redigido a preto, o autor executa a substituição entrelinhada a verde)

Os verbos ser, estar, ficar e sentir são substituídos entre si, como nos exemplos que se seguem:

- (1) Parece que me <estão> [↓ ficam] largas...

(68) <está atrapalhado> [↑ **se sente** embaraçado] para [↑ lhe]

Os verbos falar, conversar, murmurar concorrem entre si, como nos excertos que se apresentam:

(2I) A princípio sentira-se estranha, nada compreendendo. Depois encolheu os ombros<:/(\ <s>/S)e não havia afinal razões para <falarem...> [↑ **murmuraram...**)

(2I) Tinha um grande poder comunicativo e o á-vontade claro, limpido, <abafava <os> desejos> [↑ só falava ao espírito] <a>/d\os que <falavam> [↑ **conversavam**] com ela.

3.2 Em relação às intervenções que Vergílio Ferreira efectua nos modos e tempos verbais, apresentamos alguns casos.

(1) Rui **senti<u>/a\se** <mole,> [↑ <vexado>/vencido,\] achatado, quando lhe diziam que estava magro.

(Trata-se de fólho redigido a tinta verde, reescrito durante a última campanha de correcção)

A substituição do tempo pretérito perfeito pelo imperfeito do modo indicativo do verbo *sentir* foi realizada em curso de escrita, pois quer o verbo da oração subordinada *diziam* quer os seguintes encontram-se neste último tempo. Esta substituição contribui para o alargamento da situação narrada: a reacção de Rui.

Quanto às operações de substituição realizadas no domínio do verbo, predominam a permuta dos tempos pretérito perfeito e pretérito imperfeito pelo presente do modo indicativo. A esta mudança parece-nos estar associada a presentificação da narrativa ao leitor. Citamos dois exemplos, um situa-se no primeiro capítulo e contempla as imagens fundidas na mente da personagem Rui, à saída do baile (o movimento alegre das raparigas em contraste com a disforia da noite) e o outro excerto pertence ao final do segundo capítulo da segunda parte.

- (11v) (<Há tanto tempo já que ele a esperava...> [↑ Ele **sonha**<r>/v\<a-a há tanto tempo. E <>>/e\la [↑ não] viera. <Ou não;> <n>/N\ão viera ainda<, e> Amélia tinha revestido a princípio a forma daquela que Rui espera)

[Aos cantos escuros [↑ das ruas] rodopi<o>/a\ [↑m alegres] <dan>/ra\parigas [...]
<dansavam...> N/en\huma música... [↑ Só/Só\ a noite.] Ligeiras e airosas, as
meninas **verg**<avam>/am\ como juncos <.>/e\ os candieiros públicos **d**<avam>/ão\lhes [↑ de longe] claridades breves e tristes... Lampadários fúnebres... Só a chuva
chor<ava>/a\ nos cantos escuros enquanto as meninas **morr**<iam>/em\ devagar e a
rir... Rui não quer olhar para os cantos escuros. Olhará em frente, só em frente aquela
fita cinzenta do passeio. Mas as meninas v<eem>/êm\ bailar-lhe na frente <nos>/em\
sonhos ásperos que Rui não entende... <Se ele não receasse que se> [↑<Lon>] <Que>
Longa a noite, longa, longa... Sumir-se-ão as meninas naquela noite [↑ longa] e a noite
continuará. E a chuva continuará. Valerá a pena que as meninas dansem na noite
longa?

- É pá! Então tu vens-te embora, não dizes nada...

Era o Rodrigues que lhe vinha no encalço medindo a rua a passos de metro.

- Estou doente]

(Este texto é uma adição a tinta preta feita no verso do fólio 11, dactiloscrito, as emendas dos tempos verbais estão feitas a tinta preta, a mesma da redacção, e situa-se no primeiro capítulo.)

- (<56>/94) Amélia **chor**<ava>/a\ em silêncio. Rui não a **perturb**<ou>/a\. Por fim <atou:> [↑ decide:]

- Bem adeus. Se quiseres trocar as coisas...

Ela não **respon**<deu>/de\, Rui **embaraç**<ou>/a\<se [([**H**<avia>/á\ [-] **de** deixá-la ali[?)] <- São horas> <Ainda> <t>/T\ent<ou>/a\ <de novo:> [↑ uma vez mais:]

- Então?... Que <Ela>/Amélia\ no borbulhar das lágrimas <assoava-se.> [↑ **assoa-se** profundamente.] Depois <decidiu:> [↑ **resolv**<eu>/e\:]

- Nada; não tenho nada a dizer. Faça favor de mandar tudo o que é meu e eu depois mandarei o que é seu. <E <despediram-se.> [↑ foram-se:] <E>/e\le ia aturdido<.>/;\ <E>/e\la <ia> <rancorosa.> [↑ triste]

(Trata-se de fôlio redigido a tinta preta, com emendas na mesma tinta, a azul e verde, com paginação corrigida, a verde. As emendas foram também elas feitas a verde.)

Como já foi referido, os tempos mais intervencionados são: presente, pretérito perfeito, imperfeito, mais que perfeito, futuro do modo indicativo e o condicional.

4. O Advérbio

As intervenções realizadas na classe do advérbio situam-se de igual modo a nível lexical e prendem-se também com mudança de classe, como já vimos aquando da apresentação de casos de Adjectivo/Advérbio e de Advérbio/Adjectivo. Vejamos apenas três exemplos de forma a não sermos redundantes.

(144) Ele tirará moedas do bolso do colete e seguirá mudo olhando <**tristemente**> [↑ **friamente**] a paisagem [obscurecida].

(53) A Faculdade de Letras. Rui entra. E entra] <**estupidamente**> [↑ **furiosamente**], impelido por qualquer coisa que o repuxa aos esticões. Amélia. <Nada> [↑ Ele não pode ficar-se assim estupidamente, sem nada dizer, sem nada perguntar.]

(3) [↑ Se ele tivesse outro feitio] <S>/s\eriam <tam>/mais\ amigos <,>/!\ [contariam] [↑ Haviam de comunicar um com o outro, haviam de contar[-se], **mutuamente**]] os desgostos <**dum ao outro**>!... Que pena!

5 Interjeições

Nesta classe, as intervenções do autor são a nível lexical e situam-se sobretudo nos diálogos das personagens ou ainda no texto parentético.

<Larachas!> [↑ <Parvoices!>] [Estupidez!]

<história> gaita

gaita espiga

diabo diacho!

Daniel Ferrer, no seu texto “Le matériel et le virtuel”, chama a atenção para a existência dos mundos possíveis que deixam rasto nos fólhos dos manuscritos³: as alternativas linguísticas resolvidas ou deixadas em aberto, como as que apresentámos páginas atrás, ou ainda as alternativas narrativas elaboradas sobretudo nos “lembretes” como, por exemplo, o destino de Amélia *Joana diz-lhe que Amélia morreu de parto. Morreu? ou matou-se?* ou de Rodrigues *Um capítulo dedicado à vida de Rodrigues a sua morte (encontrado morto? Suicida-se?)*.

Demonstrámos, nesta parte II do presente estudo, a tensão entre o escrito e o que se vai escrever, o espaço ocupado e o espaço livre da página. Esta dinâmica é visível a partir dos traços deixados no manuscrito ora a preto, azul, verde e grafite. Retomamos aqui um dos muitos testemunhos de Vergílio Ferreira:

O sítio das palavras. O seu desenho rigoroso em função do seu lugar. O espírito que salta logo com a sua estratégia, se lhes alteramos o seu posto. Dizer «querida amiga» é ter a frieza de uma fórmula. Dizer «amiga querida» é ter o calor da sua intimidade. (CC4, 414).

³ Daniel Ferrer apresenta um exemplo de Dostoievski “Empruntons un exemple assez simple aux carnets de Crime et Châtiment. Pendant toute une phase, Dostoievski hésite entre deux partis pris narratifs. Il pose donc une alternative: «Si c’est une confession...» / «Si c’est un journal» chaque cas de figure étant suivi d’un certain nombre de recommandations.” *Pourquoi la critique génétique?*, p. 26.

Parte III

Do texto privado ao texto publicado

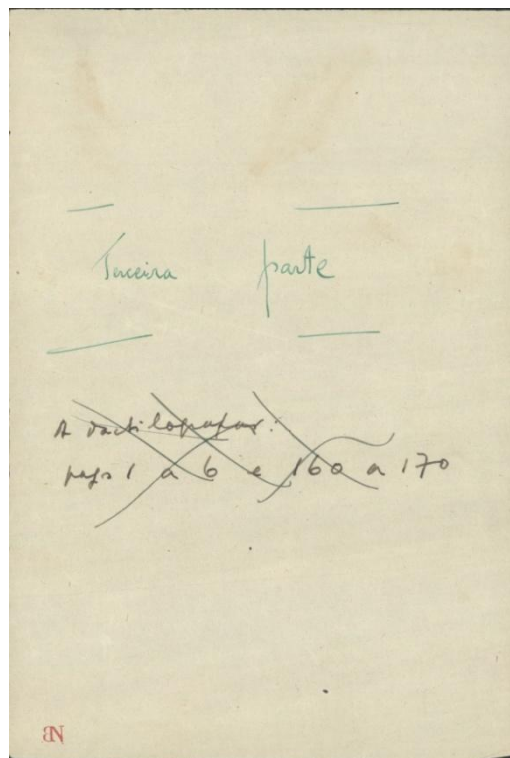
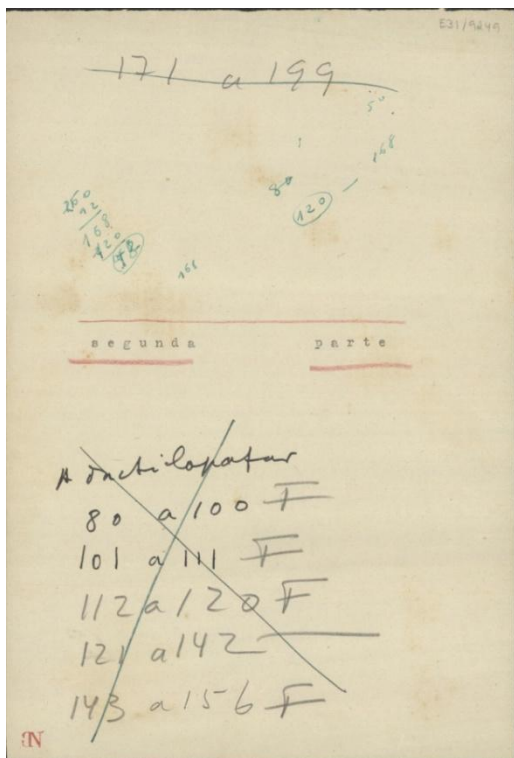
Do manuscrito ao texto publicado

Imagem do meu desassossego, porque voltas e te não vais? E todavia é tão doce a tua aparição. Quem és? Imagem incerta de uma ternura perdida, no espaço difuso de uma juventude eterna, fica ainda, demora-te ainda um pouco.

Vergílio Ferreira

1. Da prancheta de VF para a tipografia: que percurso?

O manuscrito não apresenta nenhuma marca ou orifício de gancho do tipógrafo, consideramos esta constatação para firmar a ideia de que teve de existir outro testemunho autoral entre A e o impresso. Além das indicações de trabalho registadas nos fólios e desenvolvidas e algumas resolvidas no impresso, há que ter em conta as indicações inscritas nas cortinas de abertura da 2ª e 3ª partes, para assegurar a sua existência.



Os números aqui apresentados correspondem aos fólhos que balizam capítulos do manuscrito, indicados a dactilografar. Como podemos ver no quadro, não há qualquer referência a capítulos da primeira parte.

Fólio	capítulo
80 a 100	1 a 3 da 2ª parte
101 a 111	4 a 6
112 a 120	7 a 10
121 a 142	11 a 15
143 a 156	1 a 3 da 3ª parte
1 a 6	4
160 a 170	5 a 7
171 a 199	8 a 12

Como já referimos anteriormente, os colegas de Coimbra, Mariberta Carvalhal e Francisco Costa Marques, acompanharam a realização deste romance. Aquando da homenagem a Vergílio Ferreira pelos 50 anos de Vida Literária, Mariberta enviou ao escritor rascunho do texto da sua comunicação. Recordou, em “Vergílio Ferreira – o real e o mito”, texto publicado nas actas desse colóquio, ambiente, acontecimentos e pessoas que serviram de apoio à redacção do romance, a sua leitura do manuscrito e o incentivo ao jovem escritor.

(...) conheci em Coimbra, pelos anos 39-40, o Vergílio ¹;

E foi então que o Vergílio me colocou em mãos a primeira parte do manuscrito que iria ser o seu primeiro romance – *O caminho fica longe* – para que eu lhe desse a minha opinião.²

¹ *Vergílio Ferreira: cinquenta anos de vida literária. Actas do colóquio interdisciplinar*, (org. Fernanda Irene Fonseca), Porto, Fundação Engº António de Almeida, 1995, p. 257.

² *Idem, ibidem*, p. 258.

Interessa salientar, por um lado, a socialização do manuscrito, por outro, o testemunho de alguém que fundamenta a credibilidade pela proximidade de ambos. Pensamos que Vergílio Ferreira terá então dactilografado a primeira parte do romance, versão lida por Mariberta, talvez por isso não apareça inscrita no registo dessa actividade nas cortinas de página.

A informação extraída das cartas de Mariberta Carvalhal e de Francisco Costa Marques aponta para a existência de um dactilografado do romance, versão que o colega lera. Em carta escrita em Coimbra, a 13 de Março de 1943, refere:

Quando há dois anos me passaste o original do teu romance, pediste-me apenas que... anotasse os erros de ortografia do dactilógrafo. Foi o que fiz – talvez com não muita consciência. Não atentei demoradamente no romance nem tomei nota das minhas reacções e reflexões, porque tu o não desejaste. **A dois anos de distância** é, pois, impossível fazer uma apreciação segura. Mas lá vão, a título de quem não está certo do que diz (e aqui é que está a minha sinceridade elevada ao máximo...), as recordações que conservo da sua leitura – **leitura que fiz há dois anos** e que deve estar agora desactualizada, em razão dos acrescentamentos e substituições que fizeste no original. Mas eu falo de um romance que **li há dois anos...** (BNP Esp. E31/5586)

Mas os dados recolhidos no quadro acima não esclarece quanto a quem dactilografou o manuscrito. Poderemos questionar: terá sido o próprio escritor a dactilografar o romance ou terá dado a dactilógrafo em Coimbra?

Apoiamos a nossa reflexão na análise dos fólios dactiloscritos que integram o manuscrito e nos documentos do acervo, principalmente nas cartas de Francisco Costa Marques ao escritor. Os fólios dactiloscritos, pertencentes ao testemunho A, foram realizados pelo próprio autor. Há aspectos que lhe são peculiares na realização de tal tarefa:

- a) a maneira como faz os cancelamentos de segmentos textuais, com a folha na máquina, suprimindo-os com xxx, podemos observar em outros dactiloscritos de outras obras;
- b) na junção de palavras;
- c) há palavras cuja grafia aparece neste romance, na novela anterior e em outros escritos (preguntar, dansar, etc.).

d) Reiteramos a nossa afirmação visto que há intervenções, sobretudo de substituição, que só poderiam ter sido feitas pelo autor, umas são na entrelinha superior outras à frente do elemento cancelado. Vejamos alguns exemplos mais significativos e que se situam em fólios ao longo do romance:

(8) perdeu <por algum tempo> [→ Rodrigues] e durante algum tempo

(45) <forte> [↑ lento]

(49) <sujeito> [↑ senhor]

(50) por <descuido...> [↑ acaso...]

(51) <mascando> [↑ digerindo]

(53) <quatro a quatro> [↑ três a três]

(54) <fuman> chupando

(56) - Ora deixa <isso> [↑ tudo]

(57) que <fizera> [↑ ia] fazer-lhe

(65) entrelinhado apertado

(78) tinha <razão> muita razão.

(83) qual <carapuça!> [↑ história!]

(84) a <história> crónica

(86) mordentes <†> redemoinhava

(87) Catarina ressonava Amélia <estremece> em estremeções

(88) Rui <havia de vir> há-de vir hoje

(89) E <inesperadamente> [↑ mágicamente]

(89) pessoas <conhecidas> [↑ desconhecidas]

(89) <friamente> Mas que frieza!

(143) <Luiz não tem que se despedir de ninguém>

Luiz não tem que se despedir de ninguém

(144) <não> basta

(2 -158)<pensar> ter pensamentos

(2- 158)<A casa era de fa>.

(3 - 159) <O caso> Outro que não fôsse o caso

(3 - 159) <Luiz lá fôra também> Luiz seguiu a urna de perto

(5 - 160) Vaporosidade <de puro> dum ser ideal.

Em relação ao primeiro romance do escritor, objecto da presente edição e seu estudo, não conhecemos nem dactiloscrito nem provas tipográficas. Além das questões acima afloradas, há que ter em conta que se tratava do primeiro romance de um jovem estudante coimbrão. Porém, pensamos que a inexistência dos materiais, ou melhor, o desconhecimento desses documentos que vão do testemunho A até à edição devem ter como causa principal o facto de o editor tê-los destruído, ao ter sido apreendido pela Censura. O testemunho do autor é convincente a esse propósito:

O primeiro livro foi apreendido pela censura e em circunstâncias desagradáveis: tenho um exemplar dos cortes feitos, com o cuidado que se teve em inutilizar todos os cadernos do livro. Se tivesse sido num ou dois, havia a hipótese de os substituir. Mas todos os cadernos foram tocados. E o livro ficou inutilizado. O resultado foi que o editor, para não reeditar o livro, com toda a despesa inerente, para além de ser uma obra problemática por se tratar da estreia de um escritor, portanto sem se saber como seria aceite, **o editor optou por destruir a edição**. Existem apenas uns escassos exemplares do livro, que inclusivamente não é encontrado nas bibliotecas públicas. (UEA, 27)³.

Podemos aduzir que tenha destruído os materiais do livro: dactiloscrito, provas tipográficas e livros.

2. Via latina

Aquando da descrição dos documentos constituintes do dossier genético, referimos a publicação do capítulo XIV de *O caminho fica longe* no periódico coimbrão *Via latina*, de 15 de Abril de 1941 nº 2 Ano I, p. 8, com a indicação “um capítulo dum romance inédito” e com a autoria de RAÚL MÁRIO.

Ao cotejar os textos do manuscrito, do periódico e do impresso, concluímos que estamos perante uma versão intermédia. Apresentamos as diferenças entre as três versões.

Há aspectos que são resolvidos no manuscrito, através das operações de adição e substituição e cujo resultado se mantém no texto do periódico, como nos seguintes casos:

³ Cf. a argumentação do censor no processo de censura reproduzido no livro de Cândido Azevedo *Mutiladas e proibidas : para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*, [Lisboa], Caminho, 1997, p. 80.

Manuscrito: cap. XIV [A]

mas as coisas navegavam-
lhe [↑ inconsistentemente]
no cérebro: havia baloiços,
subidas e descidas
<inconsistentes>.

esticou-se <: estava livre.>
[↑ e enquanto enfiava as
meias entre bocejos <Um
bocejo__e__buscou__as
meias.> Amélia, <porém
surgia:> [↑ surgiu-lhe de
novo tal qual a vira na
véspera:] perfumes, nojo,
[↑ a] realidade<s>.

perfumes<,>[↑...]
<rendas> [↑
<perfumes>/sedas\]... se
ele tivesse querido...
(Para Rui porém tudo se
passava como se tivesse
querido de facto). Às
vezes associavam-se o
desejo e a repulsa.

Olha, arranja-me mas é
uma costureirinha <e
verás que não enjoas... >
[↑ É o melhor, ainda
assim...] <Ah! Ah! Ah!>
[↑ Eu cá nestas coisas já
assentei de vez...

[<Cruel.> <Empedrenido
o Rodrigues. E cru.>/
Empedrenido o

Via Latina [B]

mas as coisas navegavam-
lhe inconscientemente no
cérebro: havia baloiços,
subidas e descidas.

esticou-se, e enquanto
enfiava as meias entre
bocejos Amélia surgiu-lhe
de novo tal qual a vira na
véspera: perfumes, nojo, e
realidade...

perfumes... sedas... se ele
tivesse querido... (Para
Rui porém tudo se
passava como se tivesse
querido de facto). Às
vezes associavam-se o
desejo e a repulsa.

Olha, arranja-me mas é
uma costureirinha. É o
melhor ainda assim. Eu
cá nestas coisas já
assentei de vez...

Empedernido, o
Rodrigues. E cru.

Impresso [C]

mas as coisas navegavam-
lhe inconscientemente no
cérebro: havia baloiços,
subidas e descidas.

esticou-se, e enquanto
enfiava as meias entre
bocejos, Amélia surgiu-
lhe, de novo, tal qual a
vira na véspera: perfumes,
nojo, a realidade...

perfume... seda lisa... se
ele tivesse querido).

Olha, arranja-me mas é
uma costureirinha ou
coisa que o valha. É o
melhor, ainda assim. Eu
cá nestas coisas já
assentei de vez...

Empedernido, o
Rodrigues. E cru.

Rodrigues. E cru.\\]

É ainda visível a actividade de expansão textual no corpo do livro, em relação aos outros dois suportes:

Manuscrito: cap. XIV [A]	Via Latina [B]	Impresso [C]
O relógio da torre despedia as 10 horas	O relógio da torre despedia as 10 horas	Do relógio da torre, sonoras e amplas, tombavam as 10 horas.
era velho.	velho.	velho e cansado, dava às cordas apenas um vago som de chocalho.
Aquele conselho do fumo tornava-o imbecil.	Aquele conselho do fumo tornava-o imbecil.	Aquela advertência sobre o fumo dava- lhe, uma vez mais, um tom chocho de mulherica.
era delicado por natureza.	era delicado por natureza.	Era assim mesmo, franzino, delicado por natureza.

Ou ainda a presença de segmentos textuais no livro, que são omissos nos testemunhos [A] e [B], como, por exemplo, nas falas da personagem Rodrigues que acentuam a fragilidade de Rui, frisada na versão situada entre o manuscrito e o impresso, cujo trabalho só podemos inferir pelas diferenças existentes entre esses dois momentos de escrita e reescrita:

Olha para esse cadáver! Parece que te desenterraram.

Era a velha graça já azeda.

Está-se mesmo a ver que não casar nada. Andas a gozar... E de saúde estás bom, estás gordo...

Conta, conta...

De igual modo, quanto à pontuação, podemos mencionar que o texto da *Via latina* está mais próximo do manuscrito, como nos exemplos imediatos:

Manuscrito: cap. XIV [A]	<i>Via Latina</i> [B]	Impresso [C]
ao fim...	ao fim...	fim.
Rui espetara-se a meditar.	Rui espetara-se a meditar.	Rui, pregado ao chão, começou a meditar.
No telhado em frente	No telhado em frente	No telhado, em frente,
orgulha-se entumecido	orgulha-se entumecido	orgulha-se, entumecido

3. Na tentativa de reunir o maior número de elementos, partimos do nosso *corpus* de trabalho, no primeiro ponto, apresentando algumas reflexões baseadas no levantamento de texto presente no impresso mas ausente em A e, no segundo, mostrando as grandes diferenças entre o manuscrito e o livro. Se não podemos reconstituir o percurso da construção do texto, podemos, no entanto, comparar o manuscrito e o impresso e ver as grandes diferenças que foram registadas em algum momento entre 1939 e 1943 (em dactiloscrito ou provas tipográficas)⁴.

3 Texto presente no impresso e omissos no manuscrito

Os textos presentes no impresso mas que não se encontram no manuscrito variam em extensão, no assunto tratado ou nas personagens envolvidas. Organizámos e seleccionámos aqueles que consideramos mais pertinentes.

O episódio de Rodrigues com Ferraz, à porta do baile, que ocorre logo no primeiro capítulo é disso exemplo, em consequência da promessa que Rodrigues lhe fizera aquando da cobrança da dívida de 100\$00 de Rui, também omissa:

⁴ Pensamos que as intervenções nas provas tipográficas não poderiam ter sido muito profundas como, por exemplo, no caso de Eça de Queirós.

Era, era o Ferraz, colega de Rui. O Ferraz que emprestara ao Rui 100\$00 e que vinha reaver o dinheiro para ir também ao baile. Rodrigues parou o golpe:

- Ouve!

- Ó menino, não tenho nada que ouvir; eu preciso da massa: já ta emprestei há...

- Mau! Ouve lá primeiro, e deixa-te de armar em pravo! Tu precisas de ir ao baile, não é?

- Pois claro.

- E não tens bago?

Claro que não tinha. Ele era rico (o pai tinha «muito caroço»), mas derretera a mesada ao *king* e ao *burro*.

- Pois eu arranjo-te entrada à borla. Tu esperas à porta, aí pela meia-noite, e não se fala mais nisso.

Ferraz era redondo e fofo. Duvidou ainda das palavras do Rodrigues, mas acabou por se mostrar convencido. E saiu. Para escanhoar a barba e enfardelar-se como cumpria. Rui...

- Vamos a isto. Deixa-te de mirar o astro.

Quando Rodrigues regressava à folia, um vulto redondo estacou-lhe os passos.

- Então essa borla? Tenho-me farto de esperar por ti...

- E eu farto de te procurar, olha a espiga! Esta é já a terceira vez que saio por tua causa.

Ferraz duvidou do zelo de Rodrigues. Mas não quis discussões. A verdade é que Ferraz só naquele momento largara a porta para ir beber um cálice.

- E então? Arranja-se?

- Não se arranja nada, menino. Julguei que o Vladimiro viesse ao baile, mas não veio. Ele é que arranja tudo, é conhecido do organizador da festa. Um canudo! Tu nem imaginas como fiquei aborrecido! Vim à rua umas poucas de vezes para te avisar e não estares à espera. Mas não te encontrei. Menino, a vida é assim... Não pude, que é que queres? E pensou: «vai para o raio que te parta!»

Ferraz embatucou encolarinhado, de caracóis lambidos, e Rodrigues voltou ao baile. (p. 24)

Em relação a Fernando⁵ e ao romance que esta personagem escreveu intitulado “Máquinas”, o manuscrito é omissivo em várias passagens.

- **episódio de Fernando e a cultura**

Há no manuscrito o registo de várias indicações de trabalho reveladoras da dinâmica escrita, leitura e reescrita do romance, como já referimos anteriormente. Existe, entre os fols. 95 e 96, no terceiro capítulo da segunda parte, uma folha intitulada “Notas”, sem numeração, escrita a tinta verde, a tinta corresponde à última campanha de correcção realizada no manuscrito. Retomamos neste momento do nosso estudo as duas últimas notas aí patentes: “Dar mais cultura a Fernando” e “Pôr Rui doente (tubercul?), para melhor se justificar o seu propósito suicida”. O fólio que segue a folha de rosto, indicando a dactilografado “Primeira parte”, inclui a nota, a tinta verde, “mais cultura sólida em Fernando, que para estadeá-la se torna incompreendido e aborrecido”.

Pensamos que a primeira indicação teve eco ainda durante a reescrita do romance, a tinta verde. A nota na cortina poderá estar relacionada com o capítulo V que corresponde ao episódio em que Fernando lê o seu romance intitulado “Máquinas”. Aí, encontramos a mesma expressão no corpo do texto impresso “E era um gosto para Fernando estadear a sua cultura”. O capítulo XIII e o capítulo XIV da segunda parte mostram o tédio que a sua leitura exaltada provocava nas outras personagens. Realçamos também a reacção das outras personagens, principalmente de Rui e Rodrigues face à exibição de Fernando. Apresentamos os excertos pela ordem em que foram nomeados:

- O Fernando anda a escrever um romance novo com o sangue em fogo que lhe queima as veias. Pelo menos ele pensa que o seu romance é novo. E parece que só ele o entende. Todas as escolas literárias se tinham esquecido da nobre missão da Arte, descurando a realidade viva dos interesses colectivos e a sua interpretação rigorosa. Como se a Arte se bastasse a si mesma.

- Vê tu - dizia ele a um literato de forma antiquada - a Antiguidade, salvo um caso ou outro, raro pensou nisso. O que eles queriam era gozo para si mesmos, um

⁵ Cf. ainda outras passagens do romance relacionadas com esta personagem.

gozo de poleiro. Os medievos eram chochos e falsos; os renascentes, coitados, alambazaram-se de espanto e não tiveram tempo para mais; os seiscentistas...

- Caramba, menino, sabes disso a potes!

E era um gosto para Fernando estadear a sua cultura. Por isso continuou, com convicção:

- ... os seiscentistas comeram os restos dos de dezasseis; os de dezoito requeentaram-lhes o classicismo. E eis-nos, meu caro, no século das luzes! Mas quê? Os senhores românticos, que repararam no povo e na sua miséria, fugiram estupidamente, aterrados, para a torre de marfim. Não compreenderam o povo. Os realistas viram; mas não viram tudo e não lhes interessava senão ver bem, por fora. Ficaram na rua, sem interpretarem, sentirem, e, é claro, voltou-se à contradança do interior, agora com análises microscópicas e refinadas. Hoje, vamos nós outra vez à rua, mas com a alma aberta para entendermos os que sofrem e lutam. E só isto vale, meu caro, só isto: o sentido heróico da vida. Falta, entre nós, quem se abalance à empresa, mas eu vou tentar. Creio mesmo que vou ser original, isto parece-me, não sei... Não quero interpretar, choramingando como tantos, mas sentindo os músculos endurecidos, os... como hei-de dizer? Os calos que a vida fez.

Fernando não poupava ninguém às suas exhibições, desdobrando, diante de qualquer, teorias, sínteses, produções literárias. Por isso Rui e Rodrigues tiveram de gemer sob o peso da ideia nova de Fernando.

- Rodrigues estava farto da prelecção. Sobretudo estava a ver que o Fernando nunca mais acabaria com aquela música. Palrador que nem um algarvio. Parecia que «engulira uma dúzia de grafonolas».

Tarde cinzenta. Vento de outono. Casas pálidas de frio., amodorrando sob o céu opaco. Rodrigues não sabia que fazer. Por isso aturava Fernando. Mas estava a ver que ele não mais acabaria e por isso pediu:

Ou não teria isto nada que ver com o romance de Fernando?

Rui compõe:

- E depois, meu caro, essa coisa desse ódio todo cheira valentemente a esturro... Talvez te quilhes...

O rosto de Fernando incendiou-se num instante. Todos os nervos se lhe puseram ao rubro, vibrando miudamente. Depois sossegou. E riu, cínico:

- Sim, talvez... olha: eu, se fosse arranjista, podia dizer-te simplesmente como os romanos: os escritos nada têm que ver com a vida do escritor. São coisas diferentes. Ora eu não estou disposto a vestir, em Arte, pelo figurino académico e bolorento. Logo, escrevo como julgo que se deve escrever *hoje*. Mas não: assumo a responsabilidade moral do que escrevo. Tenho a certeza absoluta de que *vivo* o meu momento. Compreendes?

Rui não entendeu. Mas viu bem no rosto esbraseado de Fernando um fogo estranho, o fogo de um entusiasmo e de uma intolerância que o fazia pular, ricochetear como pela de borracha. Vivo. Olhos injectados de sangue. Lábios trementes.

- Homem, eu não supunha que te ofendia. Desculpa...

- Não ofendeste nada. Nem eu falei para ti. Falei para aquilo que fala em ti, para esse ramerrão estúpido, para essa teimosia aferrada ao classicismo, ao academicismo, à lamachice...

Rui teve medo de continuar. Falava muitas vezes com Fernando, mas nunca o vira assim, esbracejando, de novo furioso, como se alguém lhe apertasse a garganta. Pálido, enfiado, Rui calou-se e esperou que a loquacidade tempestuosa de Fernando se extinguísse como trovoadas de chuva. Ele compreendeu que se excedera. Sobretudo quando Rodrigues advertiu:

- Ó menino, mas por favor tem dó da gente... Não nos escangalhes os ossos.

Uma estética nova, quer dizer, diferente, não se impõe assim do pé para a mão. Ora as minhas personagens quero-as duras, brutais. O sentimentalismo é para os felizes. Quem róia a côdea rija, não vive do coração. Isto é o que me parece... E se vocês lerem estes modernos, hão-de ver que eles andam equivocados. Com lágrima no olho estamos na mesma, é um romantismo transplantado às personagens da classe baixa. E isso é falso. Eu, pelo menos, penso assim...

No cap. XIII, destacam-se os seguintes exemplos:

- Olha, eu estive para ser convidado a doutorar-me. Pois sabes porque desistiram? Porque eu era dado a literatices modernas e esgalhava o meu romance... Grande cambada! Para ser lente é preciso usar sebo arqueológico nas abas do chapéu e do casaco, andar sempre derreado com livros e ser bronco. Podeis ter a certeza. E é que são uns parvalhões! Um dia o Soeiro, que

é assistente, quando falou de eu escrever romance, sabeis o que me disse?:

«Não se banalize...» Grande besta! Claro que eles não são banais, são aves raras.

Calou-se um instante para logo recomeçar:

- Que a mim não me interessa. Mas vê tu a estupidez destes tipos: amesquinham a arte literária e afinal os artistas... Enfim, a posteridade encarrega-se de fazer justiça.

Rodrigues sacudiu:

- Descansa, Fernando. Terás o teu monumento, a tua coroa zinha de louros.

- Mas é que as coisas são assim, mesmo. Não falo por mim, mas as coisas são assim.

- Pois são... E se não tiveres louros, não te aflijas. Como é que se diz no Leão?

Mais vale merecê-los sem os ter

Que possuí-los sem os merecer.

Os louros, claro.

- «Também querias ser lente! Por isso grunhes» - pensou o Rui. Ou o Rodrigues.

E ainda do capítulo XIV da segunda parte:

- E, se queres que te diga, cada vez embirro mais com os filósofos. Palavreado, habilidades e a vida continua na mesma...
- - Razoável. No género, claro.

Fernando, porém, era intolerante. Não admitia que aquele chalado do Rui se pusesse a lacrimejar sobre a sua sorte. Caramba! Todos os abraços, todos os músculos eram necessários na luta, na grande luta. Esperança inútil? Não, não, mil vezes não!

- Canudo! Saí de ti! Vem para a rua estudar a vida e verás que tu és um ponto, uma molécula... Uma molécula que não vale tanta lágrima. Não gemas, menino! Sê teso! Deixa-te de lamúrias!

Rodrigues começava a perceber que o Fernando ia embalado na pregação. Por isso advertiu:

- Põe lá a rolha.

Ninguém achou graça e Fernando não precisou de se irritar. Vladimiro abriu:

- Lê lá agora tu umas páginas do romance.

- Rui reparou que Vladimiro vibrava com a mesma fúria de Fernando. Os olhos reluziam-lhe com um ódio delicado e, através da leitura, quase se adivinhava um ranger de dentes e um fogo devorador. Sim, Vladimiro sentia, Vladimiro tinha posto na sua composição a voz tempestuosa do seu sangue e dos seus nervos em brasa.
- Todos compreenderam que Faria brincava. Porque Faria também trouxera, na sua mensagem, um grito forte e sadio.
- (era um favor extraordinário que Rui não sabia como agradecer)

Estes excertos do impresso harmonizam-se, por um lado, com as indicações de trabalho relacionadas com a personagem Fernando, e, por outro, contribuem para a reflexão sobre a arte social - o neo-realismo - e o posicionamento de Rui face a ela.

• **Rui e a doença**

Quanto ao 3º ponto da folha de notas acima transcrito, há vários momentos em que, implícita ou explicitamente, se expõe um Rui doente ou que brevemente ficará doente, como o acrescento, a tinta verde, no verso do fol. 54:

<o outro era o tal... o do baile... o das ondas no cabelo.

Lançou um olhar aos vidros duma montra. Lá estava ele o Rui. Viu-se espurgado. Tanta certeza <rija!> [↑ dura! N] Ele morreria cedo... Aquela côr era indício.>

[Amélia tinha outro. Namorava outro. Ele estava posto de lado. <Rodri> E todavia senti<u>/ra\ que tudo isto se <*iria>/ia\ dar. Rodrigues avisara-o. O mundo avisara-o e até a pinta dela lhe tinha dito que «ele não era homem para Amélia». As suas faces escavadas os seus olhos afundados, todo o seu corpo aflautado não podiam emparelhar com a bela mulher que era <Am> a namorada. E ele teimara. Teimara estúpida. Uma coisa apenas ele devia ter feito: gozá-la. Gozá-la e deixá-la depois. <Ela curvar-se-ia> Mas Rui não tivera coragem. Ele <dizia

de si para> confortava-se com a ideia de que “era melhor assim [↑ que] ele não devia <desfrutar> cometer uma tal falta; que era uma infâmia, uma responsabilidade <moral> tremenda etc etc” Mas a verdade é que ele <era>/fora\ cobarde. E não <tinha>/tivera\ coragem.

[<Mas> Agora, [↑ porém] não podia ficar-se calado entupido. Iria insultá-la. Iria chamar-lhe estafermo e outros nomes feios. Iria despejar-lhe uma gargalhada na cara. Vingá-lo.

Todavia Amélia podia não recebê-lo. Aí estava. E depois? Sim, e depois? Lá ficaria Rui outra vez com cara de parvo. Ah! Mas ao menos vê-la, Encontrá-la. Olhar-lhe o rosto para ver se ela corava, se se <cor>/env\ergonhava se... (<↑>/E\ se ri<r>/ss\e? <E> <D>/d\epois?)

Mas Rui podia afinal ir ter com ela muito a bem, aconselhá-la, falar-lhe como amigo... Não havia necessidade de ficarem zangados, pois não era?]

Rui <desce> atravessa a Rua Larga. Não pode passar por uma montra que não olhe os vidros para ver se está magro. Hoje mais do que nunca tem necessidade de olhar os vidros. <Nunca *um dá-lhe> E hoje mais do que nunca se viu espurgado. Tanta certeza dura. Nunca uma dôr vinha sôzinha. Sentia agora a presença da Morte <↑↑> /na sua\ côr pálida e nos olhos fundos.] [fol. 54v]

Em relação a Rui, podemos indicar os segmentos textuais presentes no impresso e omissos no manuscrito acerca dos juízos de Rodrigues, Catarina e Luísa quanto ao seu aspecto. Estes intensificam as intervenções já aí realizadas em consequência da nota anteriormente referida. Vejamos alguns deles:

(Cap. XIV)

Rui era sensitivo... Aquele conselho do fumo tornava-o imbecil. Mas não tinha culpa: era **assim mesmo, franzino**, delicado por natureza. Porém, Rodrigues arrasou-o:

- Ora faz-me mal o diabo - E num refrão: - Muito gozas; isso faz-te mal. **Olha para esse cadáver! Parece que te desenterraram.**”⁶

(Cap. II 2ª
parte)

Catarina entalou-o em sanduíche:

- Você está doente? **Que magro que anda...**

De um lado Amélia, do outro Catarina. Porém, a repreensão da namorada não o abalou. «Estás doente?» Era fatal a pergunta. Rui sentiu arrepios de

⁶ V. também o capítulo IV da segunda parte em que RUI teme a corrente de ar provocada pela abertura da janela em consequência do fumo dos cigarros.

frio por todo o corpo. E explodiu:

- Doente? Mas você acha-me com cara disso? Que diacho! É sempre a mesma história...

- Homem, não se zangue... Isto é por amizade.”

(Cap. V 2ª parte) (O Rodrigues garante que o Rui não ficara a gostar de Luíza sobretudo por ela lhe perguntar se estava doente.

- Quando te dizem que estás magro, vais-te abaixo das tíbias que é uma lindeza.

- Eu?!!! Pbb!] [↑ Ó menino] Estou <cagando> [↑-me marimbando] par a **magreza**...) A pesar de tudo...

(Cap. II 3ª parte) [Mas Rui ia **adoecer**, e ela seria a causa da **doença**...]

Que importava a Luísa a língua de Coimbra? Nada... Mas Rui ia adoecer. Era preciso enxotá-lo com as únicas razões que ele podia compreender e aceitar.

(Cap. IV 3ª parte) - ... é assim a vida. (Eu também **não devo durar muito**, pensou). E se a gente fosse por <já>/lá?

(Cap. XII 3ª parte) Rui tinha agora, mais que nunca, o pressentimento de que a sua vida duraria bem pouco. **Os indícios da doença pressentida** não o tinham enganado. Quando se lhe revelaram os primeiros **sintomas nítidos da doença**, todo o tumulto do seu desânimo antigo lhe domou as horas, os dias, os meses. Para que esperar? Não havia lei alguma que pudesse impedi-lo de acabar com a vida que lhe deram e se ia arrastando.

A relação entre Rui e Luísa também foi desenvolvida para lá do manuscrito. No impresso, os diálogos entre eles são reforçados na segunda parte, no capítulo V e na longa introspecção no capítulo XII, eco das palavras de Luísa a respeito da religiosidade, no capítulo precedente. Apresentamos passagem deste último:

Pois onde encontra você... É verdade, não sei se o ofendo: você é religioso?

Rui corou. Era religioso e não era. Habitua-se a cumprir... Mas não teve a coragem de o confessar. Porque Rui era um covarde, incapaz de se aguentar numa posição definida.

- Religioso eu? Não...

Rui, a sós, no quarto. Pensando. Sente-se envergonhado de si mesmo ao lembrar-se que os outros, todos os outros têm certezas na vida. Ele não. Empurrado pelas palavras de uns e de outros, vagueia aos tropeções, sem que ninguém o aceite, porque ninguém lhe sabe a cor. Ali estavam agora as palavras de Luísa sobre um problema que Rui se habituara a não discutir, rolando na onda. Nunca lera livro algum sobre as questões com que tantos outros vibravam. Pensava apenas. Às vezes. Raciocínios que ele se esforçava por julgar concludentes. Tinha de definir-se, achar um rumo, para marcar uma posição na vida.

«Sim, ele não tinha obrigação alguma de seguir *uma* religião. Se tivesse nascido no tempo dos romanos, por exemplo, teria um Baco, teria uma Vénus, encheria o papo de gozo e morreria sem conhecer outra lei que o vergasse a obrigações incómodas. Não haveria injustiça em o terem posto no mundo sujeito a tal lei? Tanto mais que essa lei surgira há tão pouco tempo em relação à idade do Homem? Mas havia mais. Suponhamos que alguém se lembrava de exigir a toda a gente mil escudos para que toda a gente jogasse na lotaria. Era uma violência: a taluda podia sair ou não sair. Não saindo, perdiam-se 1.000\$00. Ora aí está, foi o que lhe fizeram a ele, Rui, obrigando-o a existir; ou cumpria a lei e tinha o prémio, ou não cumpria e tinha o castigo. Mas que satisfação tinha ele a dar a ninguém de viver, fosse como fosse, uma vez que o tinham posto no mundo à força?»

Eis aí argumentos que não colhera em livros e que deviam ajudá-lo a seguir um rumo seguro. Argumentos curiosos. Iria apresentá-los a Luísa. Luísa... Mas que importavam argumentos, que interessavam os problemas da vida, se Luísa era linda e dizia coisas tão interessantes e tinha uns olhos tão engraçados?

Naquele domingo, foi à missa das nove.

Assim, ao longo do romance, a imagem que Rui tem de si é construída pelas outras personagens, como acima mencionámos, e por aquilo que o próprio Rui pensa acerca de si e aquilo que julga que os outros pensam. Além das referências ao aspecto físico, à sua maneira desajeitada na presença da namorada, o olhar dos outros e do mundo, ao não devolver elementos que identifiquem Rui como “tarzan”, dispersa a personagem por duplos. Maria da Glória Padrão, na sua comunicação “A legitimidade de uma comemoração imprópria”⁷, destaca o papel do parentético no texto onde,

⁷ “A legitimidade de uma comemoração imprópria” in *Estudos Sobre Vergílio Ferreira*, (prefácio e organização de Helder Godinho), Lisboa: IN- CM, 1982, 15-24.

marginalmente, Rui se vai posicionando em relação ao exterior de si, ao mundo. Salientamos alguns exemplos de textos omissos.

Apresentamos, do primeiro capítulo do romance, os exemplos:

Por instinto, receava os outros, os desconhecidos que podiam troçar dele impunemente, não coravam tinham à-vontade. (Porque havia Rui de corar? Era uma coisa estúpida).

«Não vês que o que ela quer é um homem?» Porque nasceria Rui tão débil, tão enfezado?).

Destacamos ainda as seguintes passagens:

Vergava, como junco, ao sopro dos ventos. E para ali estava passado, murcho, à espera que dos nervos lhe rebentasse o berro decisivo. O berro veio e sacudiu-o como chicote:

(Diabo de chatice! Tanta gente a vê-los...)

Rui precisava de uma vitória sobre si, sobre o mundo que lhe chamava *trouxa*.

Rosto de ferro. (Vitória! Ele era um forte).

A perspectiva do namoro de Rui e Joana vem momentaneamente atribuir um sentido à vida porque, no texto do capítulo X da terceira parte, o autor salienta a necessidade de fixar o olhar do *outro* e de definir a sua *presença*. Repare-se no léxico utilizado: *triste, estéril, vago, impreciso, esbatia-se, anónimos*.

Ele era pobre, doente e, por mais que fizesse, não conseguia desprender-se de si. Ele o sabia. Corria-lhe assim a vida triste e estéril, porque ninguém o olhava de modo a fazer-lhe sentir que ele era uma realidade. Vago, impreciso, esbatia-se na confusão dos que passavam anónimos. Era uma vida inútil sem significação. Daí que lutasse desesperadamente por alguma coisa, uma coisa definida, concreta... Mas nada na vida lhe dissera ainda que ele era alguma coisa. Por isso tinha inveja ao Fernando, ao Cruz, a todos os que se sentiam interessados por um ideal. Sim, ele bem sabia que o Fernando, com todo o seu ímpeto fumegante, se ajustara a uma vida útil e sentida. Mas sabia também que o Cruz, apesar da sua futilidade, tinha igualmente definido o seu querer. Nunca Rui o conseguira.

Vinha-lhe agora a sugestão do pai:

-... E o caso é que se casasses cá na terra...

Pouco adiantava. Mas se Joana o aceitasse, Rui sentiria o sabor gostoso de uma conquista. Ele valia alguma coisa. Porque ali estava a filha do ricoço abrindo-lhe os braços, dizendo-lhe que ele se não perdia na confusão dos sem nome. Joana lhe daria a certeza de que era apetecido. Sua vida tinha agora alguma significação. Não nascera para rolar ao acaso por caminhos pedregosos. Sua vida tinha agora alguma significação.

Por isso receava que tudo morresse em breve. Porque a sorte lhe arranjava uma fachada que em muito desdizia do que ele era bem por dentro.

4. Transformações linguísticas em D

O Testemunho D, como descrito primeiramente, trata-se de fotocópia de exemplar da primeira edição encadernada que inclui emendas de Vergílio Ferreira, visto este romance ter sido apreendido pela Censura. Relembremos que o autor oferecera, em Abril de 1944, o manuscrito ao seu amigo de Coimbra, Francisco Costa Marques e que, desde então, não tivera contacto com aquele testemunho.

Apresentamos, à semelhança da análise elaborada aquando do testemunho [A], as intervenções autorais organizadas segundo as categorias gramaticais. Como anteriormente mencionado, as intervenções neste testemunho foram realizadas sequencialmente com diversos instrumentos: tinta preta (11- 14), grafite (15-20, 24- 25, 28, 31- 32, 47, 60, 70, 72-74, 79 e 267) e tinta azul (81, 88-91, 97 e 99).

- nome

(12-13) <cachopa> [→ rapariga]

(12-13) <rapariga> [→ sujeita]

(12-13) <dama sonhada> [← amada]

(12-13) <filhinho> [→ menino]

(19) <conchêgo>

(70) <Cachos> [← Grupos]

- adjetivo

(12) Na quietude <morna> da noite,

- (12) <vazio,>
- (13) [...] <à>/ao\ <serenidade> maci<a>/o\ dos sonhos[!] <repousados!>
- (15) <uma> [← um negrume de] tristeza[.] <nevoenta.>
- (15) E, <achatado> [← esmagado]
- (16) <áspero> do vale <tenro>
- (16) <secando> o riso <claro>
- (16) <túmidas>
- (16) <e olhou> <afiladas de unhas compridas.>
- (24) <aborrecido> [→ chateado]
- (32) <frouxas> do rio...
- (32) do rio <fluente>.
- (72) sò<zinha>
- (88) <Era> <u>/U\ma <valente> estopada.
- (99) motivo<zito>

- advérbio

- (12) resistindo[.] <heròicamente,>

- verbo

- (12) <remocou> [↓ refileu]
- (16) <e enfardelar-se> [→ alindar-se]
- (16) [<mirrando> [← secando]
- (16) <e olhou> [→ por sobre]
- (16) <berrando> [← clamando]
- (20) Mas <apear-se-lhe> [← aliviara]
- () <débeis> [...] quer<e>

- (60) ma<lh>/go\ando
(70) <enxugam> [↑ bebem]
(70) <Catou> [← Procurou]
(97) Abriu as janelas <e>/a\ um vento fresco[.] <se vazou.>

- pontuação

- (12) andava<,> em Coimbra<,>
(13) saboreava<,> com outro <,>
(13) E<,> com
(13) imaginação<,>
(14) olhos? <...>
(14) assim <...>/.\
(14) outros <...>/.\
(14) satisfeito <...>/.\br/>(14) [...] desgostos!<...> Assim...
(47) boémio era<,> de certo modo<,>
(70) se liquefaz<,> em sorrisos<,>
(88) Acreditava<,> agora de novo<,>
(88) sentia-a<,>uma vez mais<,> junto de si<,> com
(90) Êle<,> intimamente<,>
(90) Foi<,> decerto<,> por isso<,>
(91) - Mas é que as coisas são assim<,> mesmo.
(91) enfardelados<,> à pressa<,>

(11) <- Mas que história!>
(13) - Ora[.] <v>/V\<ai-te quilhar> [→ badamerda]!

(24) <espiga> [↑ gaita]

(88) <carapuça> [← raio]?

Neste testemunho, as intervenções de substituição, passando pela supressão e adição, são predominantemente a nível de pontuação e léxico e ocorrem no espaço marginal da mancha impressa.

(11) Lâmpadas tristes <expeliam o bafo de clarões moles que magoavam a espessura> [↑ abriam o seu halo] <d>/n\o nevoeiro parado.

(11) <Enfim,> [↓ Mas]

(11) Eléctricos gemiam na arrancada da subida, <fendendo o torpor que enlanguescia o ar.> [← e uma] <M>/m\úsica recolhida ondeava pelo céu.

(13) Amélia tinha <qualquer coisa de mulher de aço flexível.> [→ no curvado do corpo uma sinalização para a cama.] Áspera. Soberba. E bela. [← naturalmente].

Encontramos momentos de supressão textual:

(12) As pernas eram [↑ apenas] uns espetos[.] <com saliências de músculos medrosos.>

(12) <Onde havia pedras e tojos...>

(12) <naquela> [↑ na]

E encontramos também exemplos de reordenação:

(13) esbatia sempre os contornos <duros> do amor [↓ duro]

(16) <Foi> <e>/E\ntão <que> o grito <se> levantou [↑ -se], vincando o ar e ²as mãos ¹crisparam <afiladas de unhas compridas.>.

Partindo do aparato da edição do romance, podemos verificar que, nesta fase, o escritor procede sobretudo a cancelamentos e a substituições de forma a actualizar o código de escrita, esbatendo as marcas temporais da linguagem, como, por exemplo, a nível lexical. O autor depura o texto, tornando a linguagem mais simples e expressiva. Rosa Goulart, que realiza a edição do romance *Onde tudo foi morrendo*, afirma: “É, aliás, sabido que a sua estética de maturidade se orientou no sentido da depuração do verbal, da contenção e da fragmentaridade”⁸.

⁸ V. “A escrita imperfecta de Vergílio Ferreira”, *Vária Escrita*, Sintra, n° 9, pp. 29-40.

Parte IV

Contributo do estudo da génese de *O caminho fica longe* para a elaboração da matriz genética romanesca vergiliana

Contributo do estudo da génese de *O caminho fica longe* para a definição da matriz genética romanesca vergiliana

[E]sse meu primeiro livro, como agora posso verificar, tem já a semente de muita coisa do meu programa de quase tudo

Vergílio Ferreira

[La génétique] permet de penser à nouveau le rapport du sujet à l'oeuvre qui était devenu comme une aporie de la réflexion critique. Elle permet aussi d'entrevoir les principes de la production qui déterminent chez chaque écrivain les conditions de l'émergence du texte et de sa constitution en un tout.

Louis Hay

Segundo Luís Mourão, *uma epígrafe é um mapa para a viagem textual*¹, é nesse contexto que o traçado das epígrafes orienta a presente reflexão: contribuir com a edição crítico-genética de *O caminho fica longe* e o seu estudo para a elaboração da matriz genética romanesca, isto é, para melhor conhecimento do pensar/escrever *de e em* Vergílio Ferreira em “tempo de fragmentação, do provisório, do acidental” (CC3, 298).

Esta parte do nosso trabalho organizar-se-á em três aspectos fundamentais porque permitem expandir as ideias ressaltadas anteriormente: em primeiro lugar, a relação do escritor com a sua escrita; em segundo, partindo da análise do *dossier* genético de *O caminho fica longe*, explanar para a génese de outros textos ficcionais, e, por último, darmos conta da socialização da escrita de Vergílio Ferreira.

Trata-se de um artista que desde cedo revela uma profunda consciência criativa, crítica, e vigilante face à realização artística em geral, mas sobretudo, e de forma quase

¹ Luís Mourão *Conta-corrente 6: ensaio sobre o diário de Vergílio Ferreira*, Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1990, p. 41.

obsessiva, em relação a si próprio: “Escrever é desdobrarmo-nos no que escreve e no que *está a ver* essa escrita” (CC2, 300)² e “Escrever é ter a companhia do outro de nós que escreve.” (E, fragm. 2). O conhecimento dos *papéis* do espólio, adquirido inicialmente pelo seu manuseamento e inventariação e posterior análise, permite-nos assegurar que o autor se realizou para si, para os leitores da obra impressa, mas também para os leitores da dimensão mais íntima e humana desnudada pelos materiais e processos criativos que a oficina do artista implica. Se o estudo do *dossier* genético de *Cântico final* e a edição dos materiais preparatórios e primeiras contextualizações, alargando-o a outros documentos do espólio, auxiliaram na divulgação do *modus scribendi* do escritor, são, no entanto, as edições de inéditos em géneros diferentes como *Escrever*, redigido em 1994, o *Diário Inédito (1944-1949)*, *Promessa de 1947 A curva duma vida*, escrita em 1938, e a presente tese que corroboram que a escrita é o espaço de jurisdição do olhar vergiliano sobre o mundo, a arte, o Homem.

1. A relação de Vergílio Ferreira com a sua escrita

Vergílio Ferreira sabia qual o futuro que os “papéis” do seu espólio iriam ter. Quanto à sua biblioteca, teve o privilégio de poder inaugurá-la em 1986³ e iniciar o envio parcial do seu recheio. Relativamente ao acervo literário, foi a viúva do escritor, apoiada no conselho sábio e amigo de Helder Godinho e Eduardo Lourenço, entre outros, que determinou, de forma consciente e generosa, a BNP como lugar definitivo, como anteriormente mencionado. Um espólio é, nas palavras de António Braz de Oliveira, “um retrato do seu autor e simultaneamente um documento sociológico⁴. A sua organização e preservação pelo próprio artista são disso testemunho. Como refere Ivo Castro a propósito da arca de Caeiro, “Deve ser atribuído a essa preservação um estatuto de deliberado acto autoral, que não fica abaixo dos gestos da escrita”⁵. A conservação cuidadosa dos manuscritos das obras publicadas mas também das que permaneceram inéditas, inacabadas, momentaneamente rejeitadas ou cujo momento de

² V tb. (CC2, 264) e (CC2, 290).

³ Texto lido aquando da inauguração da biblioteca Vergílio Ferreira em Gouveia. O manuscrito inclui, à direita do título, “Biblioteca”, a menção “Beleza da escrita” com variante “Prazer da escrita” (BNP Esp. E31/11). Incluído em *Espaço do Invisível V*, Lisboa, Bertrand, 1998, p. 291.

⁴ “Arquivística literária: haec subtilis ars inveniendi”, *Cadernos BAD*, 2, Lisboa, 1992, pp. 107-121.

⁵ Ivo Castro, “A arca de Caeiro”, Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/1000/1/apresentacao.html>. Também Fernanda Irene Fonseca reforça, com esta citação, as suas palavras na introdução ao *Diário inédito, 1944-1949* (ed. Fernanda Irene Fonseca). - Lisboa : Bertrand, 2008, p. 14.

publicação fora ultrapassado⁶, e principalmente dos materiais implicados no processo de escrita, em pastas de cartão identificadas corresponde a uma consciência de posteridade. Vergílio Ferreira intentou prepará-la, deixando deliberadamente vestígios da sua vontade, ou expressando-a, mesmo que com palavras em que lhe são reconhecidos laivos de ironia, como nos excertos de *Conta-corrente* de 25 de Janeiro de 1981 e de 22 de Dezembro de 1980:

E no entanto - como o esquecer? – toda esta alegria feita de amargura, todo este esforço que te preencheu a vida será em breve um amontoado de papéis apodrecidos, lixeira para venda ao quilo ou para criação de um «posto de trabalho» municipal. Mas não sofras. Foste um momento a reinvenção do Deus que inventaste. (CC3, p. 226-7)

O Charrua fez o painel em cavan no topo da piscina (e dele falei em *Aparição*, atribuindo-o, salvo erro, a um tal Cardoso lisboeta. (...) Mas a primeira versão (a gravada na cerâmica) era diferente. Devia dá-la com vistas aos pesquisadores do «estilo» em desemprego. Mas sou modesto. (CC3, p. 195).

No espólio, encontram-se várias versões desse poema, intitulado “Raiado ao Sol”, com emendas, uma delas com a nota “P^a a piscina de Alberto Silva (Soeira-Évora)” (BNP Esp. E31/168), outra em carta daquele amigo eborense ao escritor e ainda outra em recorte de *Diálogo*, de 12 de Novembro de 1957 (BNP Esp. E31/9224). O autor tinha a noção do tipo de tratamento e de estudo que os seus papéis iriam ter: na área da crítica-genética.

Nos manuscritos, foi deixando pistas para os investigadores: nos diários⁷, nas cartas recebidas, na ficção e no ensaio desenvolveu as abreviaturas, foi registando e datando algumas das visitas que fez aos *papéis*, algumas delas com o juízo que o distanciamento dita, ou ainda, explicitando no paratexto de romances não publicados, como o caso de *Promessa*, como mostráramos na tese de mestrado, agora editado e estudado por Fernanda Irene Fonseca e Helder Godinho⁸, as várias versões de título que os textos foram ganhando até ao definitivo. Explicitaremos alguns destes indícios ao longo desta reflexão.

⁶ Ultrapassado o momento em que fora pensada e escrita, como refere Fernanda Irene Fonseca na Introdução de *Promessa*, (edição de Fernanda Irene Fonseca e Helder Godinho). Lisboa: Quetzal, 2010, 9-34.

⁷ Cf. *Op. cit.* p. 30.

⁸ *Op. cit.*, p. 28.

Vergílio Ferreira reflectiu sobre a legitimidade da publicação de textos que não viram a estampa em vida dos seus autores e que permaneceram uns inacabados, outros sem a última demão autoral, gravando a dinâmica, quase de Sísifo, de escrita-leitura-reescrita, nos fólios dos manuscritos. Salientam-se as considerações efectuadas, aquando da publicação das edições de *A Tragédia da Rua das Flores*, quanto a trazerem a público escrita inédita e particularmente *imperfecta*⁹. A celeuma desencadeada¹⁰ pela publicação daquele texto queirosiano ficou exarada em registo diarístico (CC3, 21-22) e ensaístico. Recordem-se as palavras publicadas em *Espaço do Invisível*:

Há, todavia, que proclamar desde já como um grande acontecimento no domínio das personagens o aparecimento pela primeira vez de uma figura estranha no mundo queirosiano e que é a figura do pintor. [...] E isto é importantíssimo para uma determinação do gosto ou orientação plástica do escritor.” (EI, 241);

“[...] *A Tragédia da Rua das Flores* é um esboço que, além do mais, nos permite assistir a uma criação literária. Não será isso bastante para lhe aplaudirmos a publicação? (EI, 245)¹¹.

O célebre alvoroço despertou um olhar mais atento na opinião pública para a legitimidade da sua publicação, reforçando a necessidade de edição integrada nos estudos filológicos, genéticos, logo fez repensar a história da edição em Portugal. Já enumerámos em diversos momentos, quer na tese de mestrado quer ainda na edição da novela *A curva duma vida*, diversos testemunhos de Vergílio Ferreira que mostram a posição do criador/crítico em relação ao acesso do outro à espessura do texto para além da superfície plana que a letra impressa aprisiona e fixa.

Se compararmos o número de páginas e de dias referentes à génese da obra nos vários volumes do diário, é visível o seu aumento progressivo e obsessivo. Já em 1989, Luís Mourão dava conta deste fenómeno¹². Vergílio Ferreira começou gradualmente a

⁹ Ver Rosa Maria Goulart, “A escrita imperfecta de Vergílio Ferreira, *Op. cit.*

¹⁰ CF. Ivo Castro “«A Tragédia da Rua das Flores» ou a arte de editar manuscritos autógrafos”, *Boletim de Filologia*, XXVI, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1980/81, 309-359 e Ivo Castro e Luiz Fagundes Duarte “Duas notas sobre «A Tragédia da Rua das Flores»”, *Boletim de Filologia*, XXVII, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1980/81, 427-438.

¹¹ “A Tragédia da Rua das Flores”, *Espaço do Invisível* 4. Lisboa: Bertrand Editora, 1995, 239-245, p. 245. Estas afirmações fazem eco das que confiou a *Conta-corrente* e que servem de epígrafe à publicação da edição crítico-genética da obra vergiliana. Cf. também a “Introdução” à edição da novela *A curva de uma vida*, *Op. cit.*

¹² Luís Mourão em *Conta-corrente* 6 refere isso. Para além de ser “uma certa forma de medir o tempo” e “um meio de comunicar mais directamente com o leitor”, “o 1º volume, que abrange oito anos, tem 394 páginas; o 2º volume, que se refere apenas a três anos, tem quase o mesmo número de páginas: 342; o 3º volume, que dá conta só de dois anos, tem já 542 páginas; o 4º e 5º volumes, cobrindo também dois anos

copiar para o diários versos ou fragmentos textuais escritos na juventude ou inéditos, a utilizar esse espaço como “ritual invocatório da escrita”, a relatar os passos na recolha de material preparatório para a escrita, a publicar nesse espaço apontamentos que integram projectos de trabalho, como o projecto intitulado “Originário” na entrada de 14 de Julho de 1991:

[...] Tenho, aliás, aqui um dos papelinhos com apontamentos que vou pondo na pasta e me parece um sumário de um ensaio em perspectiva. O melhor é copiá-lo. (CC-Ns III, 150)¹³.

Quando, ainda em Agosto de 1948, Vergílio Ferreira tentou publicar páginas de um diário n’ *O Primeiro de Janeiro*, o autor já tinha ultrapassado a timidez da exposição visto tratar-se de registo mais íntimo, e não apenas ficcional. Há no seu epistolário um cartão de Jaime Brasil, de 3 de Agosto, enviado enquanto representante do periódico, que diz:

Se V. Ex^a me quiser enviar algumas das páginas do seu «Diário» e autorizar-me a dizer-lhe o que me parecer sobre a viabilidade da sua publicação aqui, fá-lo-ei com muito gosto. Assegurar-lhe que se publicam sem as ver, não o posso fazer. (BNP Esp. E31/2477)¹⁴.

Fernanda Irene Fonseca, na descrição física dos manuscritos que constituem as três tentativas de realização de um diário (1944-1949), menciona, em relação ao primeiro diário, que *As três primeiras folhas conservam vincos coincidentes significando que foram dobradas formando um pequeno maço rectangular eventualmente para guardar num envelope*¹⁵. Será lícito pensarmos que se trata dos fólhos enviados ou preparados para o envio, com vista ao parecer para publicação.

Na entrada do diário de 20 de Agosto de 1948, o autor declara:

cada um, elevam esse número para 483 e 577 páginas respectivamente.” p. 60. E, se completarmos com os que entretanto saíram, temos, na nova série, volume I (1989): 292 páginas; volume II (1990): 400 páginas; volume III (1991) 263 páginas, volume IV (1992): 269 páginas. Remetemos para *Vergílio Ferreira: a celebração da palavra* de Fernanda Irene Fonseca, *O romance lírico* de Rosa Goulart e *A poética do romance em Vergílio Ferreira* de Isabel Cristina Rodrigues.

¹³ Confrontando o dito “papelinho”, que integra o conjunto “[Apontamentos e projectos]” (E31/641), com o manuscrito de *Conta-corrente* (E31/488, fol. 52), constatamos que aquele contém algumas variantes.

¹⁴ Existem no espólio 16 documentos de Jaime Brasil, como representante de *O Primeiro de Janeiro*, para Vergílio Ferreira, compreendendo 1948-1956 (BN Esp. E31/2474-2489).

¹⁵ *Op. cit.*, p. 18.

Sempre me chocou o orgulho dos artistas. Castilho repugna-me, não tanto pelos versos esterilizados, pela prosa empalhada, como por aquele vício senil de nos obrigar a sentar ali ao pé dele para lhe ouvirmos como fez aquilo. Garret, mais discreto, escrevia os prefácios dos seus livros mas punha nos ombros dos editores o carregamento da responsabilidade. Os realistas, escribas do exterior, fiéis ao impersonalismo, dependuravam as muletas na própria obra. Eça ainda se arriscou a sugerir a publicação das suas cartas. Mas deixou o caso para ser resolvido depois de morto. Agora tudo mudou. **Cada autor fala de si, das suas tragédias, dos seus calos. Não é abuso. Tornou-se necessidade.** (...)

A coisa chegou a este remate. Ou o artista é o primeiro a falar de si e da sua obra, para que toda a gente se convença de que ele está convencido, ou desiste. Deve ser em parte por isso que eu escrevo um diário. (*DI*, 95-96).

Vergílio Ferreira, algumas décadas mais tarde, facultou a Helder Godinho os manuscritos “Viagem” e “Promessa”, para a realização da tese de doutoramento. Em relação ao primeiro, o investigador apresentou no Colóquio no Porto, em 1977, “Uma leitura dos poemas inéditos de Vergílio Ferreira”¹⁶, recordemos que se desconhecia a existência dessa compilação de poemas de juventude pois, alguns deles tinham aparecido em periódico com pseudónimo e o diário ainda não tinha vindo a público, apesar de já ter iniciado a redacção, o primeiro volume só sairá em 1980. Quanto a *Promessa*, agora editado por Helder Godinho e Fernanda Irene Fonseca, a estudiosa vergiliana refere na introdução à edição:

No caso específico de *Promessa*, essa vontade foi tornada explícita quando, há cerca de trinta anos, falou da existência deste romance inédito a Helder Godinho (que estava na altura a preparar uma tese de doutoramento sobre a sua obra), tendo-lhe mesmo emprestado o original dactiloscrito. Isso prova que, apesar de não ter querido publicar este romance, achava desejável que ele fosse conhecido e tomado em consideração num estudo sobre a sua obra, certamente por estar convicto de que

«Saber como se errou, progrediu, hesitou — tudo são modos de ampliar o conhecimento de um autor.» (*Conta-Corrente III*, p. 21)¹⁷

¹⁶ *Estudos sobre Vergílio Ferreira, Op. cit.*, 389-398.

¹⁷ *Op. cit.* p. 10.

Antes do investigador, foi o próprio artista que abriu as portas do seu *atelier*, pondo a nu o processo criativo, mostrando e valorizando a matéria-prima e as transformações a que foi sujeita.

Nos últimos séculos, o artista desenvolveu uma consciência crítica face à génese da sua obra: surgem testemunhos, metadiscursos. Edgar Allan Pöe aparece referenciado como o criador que tornou notória essa consciencialização do processo criativo, com a “The philosophy of composition”¹⁸ (1846) a propósito do seu poema *O Corvo*, traduzido, prefaciado e publicado por Baudelaire com o título “La genèse d’un poème” (1859) e, entre nós, por Fernando Pessoa “A filosofia da Composição”. Pöe verbalizou o que provavelmente outros pensaram, ao dizer: “Muitas vezes pensei o quanto seria interessante um artigo escrito por um autor que quisesse, isto é, que pudesse contar, passo a passo, a marcha progressiva que uma qualquer das suas composições seguiu para chegar ao termo definitivo da sua execução”. Gaëtan Picon, com o projecto “Les sentiers de la creation” (1969-1976), expandiu essa visão. E em 1970, Ponge trouxe ao domínio do público, leia-se publicável, rascunhos que, até à data, se destinavam apenas ao autor como elemento do processo e não a leituras alheias, assim sucedeu no caso de *Le Pré*, contendo texto e rascunhos em *fac-simile*, com o título consentâneo *La fabrique du pré*¹⁹. Já não basta dizer como se faz, mostra-se também o processo de feitura que assim ascende ao nível do publicável.

Contudo, é o reconhecimento do valor do manuscrito que move a preservação ou até mesmo a destruição dos materiais da oficina do artista, pois, como diz Vergílio Ferreira, “Saber como se errou, progrediu, hesitou – tudo são modos de ampliar o conhecimento de um autor.” (CCIII, 21) e há quem não queira deixar a nu os vestígios inerentes à construção da obra, por considerá-los mazelas. Hoje, a crítica genética, no trilho dos estudos filológicos, encontra na descoberta da oficina da escrita elementos fundamentais para, acedendo a algumas materializações da criação, conjecturar sobre o próprio processo criativo que é simultaneamente universal e próprio de cada escritor.

Em Portugal, há a salientar, por um lado, a consciencialização do valor do manuscrito contemporâneo e por outro, a posição do estado face a essa consciência. Daí vem, em 1982, da “Área dos espólios” na BN para tratamento e inventariação dos acervos com vista à disponibilização dos documentos aos investigadores integrados em

¹⁸ Edgar Allan Pöe, “The philosophy of composition”, *Graham’s Magazine*, April 1846, 163-167.

¹⁹ Francis Ponge, *La fabrique du pré*, Albert Skira, Genève, 1971.

Equipas, como foi o caso inaugural de Fernando Pessoa²⁰. Ivo Castro, no projecto de uma edição crítica da obra completa de Fernando Pessoa, faz o balanço da edição crítica em Portugal, em 1988, ou seja, 22 anos atrás: “(...) Não está generalizado entre nós o conhecimento do que seja uma edição crítica, de qual seja a sua utilidade e do que é necessário para a empreender”²¹. Destacam-se as edições das Equipas que estudam os espólios de Eça de Queirós (desde 1986), de Pessoa (desde 1988), de José Régio (desde 1993), Raul Brandão, José Marinho, David Mourão-Ferreira, entre outros. Este despertar e ainda o crescente número de aquisições, onde as doações têm peso, colocaram o manuscrito, principalmente o manuscrito moderno, no campo e no papel merecidos.

As mãos da escrita condensaram no espaço da exposição, realizada em 2007 pela BNP, e no catálogo impresso e *on-line* o historial do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea e a intensificação do interesse filológico entre nós, mostrando a interdisciplinaridade entre as várias áreas da BN (música, impressos, iconografia, etc.), a formação constante dos técnicos quanto ao tratamento dos espólios e o contributo dos investigadores para esclarecimento e valorização dos mesmos. Foram tempos de partilha e de aprendizagem permanentes, segundo os testemunhos das pessoas envolvidas.

Esta exposição teve como comissários científicos Luiz Fagundes Duarte e António Braz de Oliveira. Do filólogo transcrevemos os objectivos:

Acontecimento e objecto comemorativo do 25º aniversário do ACPC, a exposição AS MÃOS DA ESCRITA tem por finalidade honrar o manuscrito autógrafo nas suas múltiplas facetas – de *testemunho* do processo de criação textual, de *monumento* integrante do património cultural, e de *documento* das marcas físicas do autor nos seus materiais de trabalho.²²

Também Braz de Oliveira, em “A «escrita» do ACPC recortes de memória recente” dá conta dos vários nomes, legislação e sobretudo as fontes onde a BN se inspirou para a criação do Arquivo e para os procedimentos de tratamento dos espólios²³.

²⁰ Cf. o conhecimento do espólio de Pessoa depois de inventariado e catalogado e a experiência contada por Aliete Galhoz em “O equívoco de Coelho Pacheco”, *As mãos da escrita*, *Op. cit.*, 175-177.

²¹ Editar Pessoa, *Op. cit.*, p. 17.

²² *Op. cit.* p. 25.

²³ “A «escrita» do ACPC recortes de memória recente”, *Op. cit.*, 29-49.

Em relação ao espólio que estudamos, remetemos para os instrumentos de pesquisa feitos no ACPC e para trabalhos realizados pelos membros da Equipa Vergílio Ferreira, inicialmente sitiada no espaço da BN e actualmente integrada no CEIL na UNL, em que descrevemos com carácter geral alguns documentos ou a tese de mestrado em que apresentámos uma panorâmica dos materiais do espólio, a partir do estudo do *dossier* genético do romance *Cântico final*, conhecimento agora acrescido pelas edições de materiais do espólio, como já atrás aludimos.

Menção de autoridade

O epistolário que faz parte do acervo E31 contém informação muito importante, umas vezes prontamente esclarecedora, outras levantando questões e pistas para posterior apuramento, complementando-se em outros espólios em arquivos do país e do estrangeiro, ou ainda em particulares. A análise das cartas de Francisco Costa Marques ao escritor esclarece alguns aspectos sobre a obra mas, particularmente, sobre a relação de Vergílio Ferreira com a sua escrita e com a socialização da mesma. Como temos vindo a mencionar ao longo deste estudo, na descrição da folha de rosto do manuscrito *O caminho fica longe*, e tendo em conta a génese que é hoje possível reconstituir, transcrevemos as duas menções de autoria aí existentes: Raul Mário²⁴ e Vergílio Ferreira. E ao cotejar o capítulo XIV do romance com o texto publicado na *Via Latina*, em 15 de Abril de 1941²⁵, verificámos que este fora publicado com o pseudónimo Raul Mário. Nesse periódico coimbrão, já em 30 de Março publicara o poema “O sonho” com o mesmo pseudónimo. Todavia durante o mês de Maio publica vários textos²⁶: alguns poemas e a recensão “Do romance contemporâneo *Elói ou romance numa cabeça* de Gaspar Simões” com a autoria de Raul Mário, e, com Vergílio A. Ferreira, “humorismo de Eça nos temas dos seus romance”. É de sublinhar que no mesmo número de *Via Latina*, nº 4 de 15 de Maio de 1941, divulga na p. 7 o “poema da esperança-posse” assumido por RAÚL MÁRIO, e, na p. 9, “O humorismo de Eça nos

²⁴ No espólio, existe ainda o manuscrito “A outra voz não morreu” (BNP Esp. E31/496-497) cuja folha de rosto inclui o pseudónimo Raúl Mário substituído pela assinatura. Foi escrito em 1942, apresentando a nota “Começado a reescrever em 13-III-942”, e guardado na pasta “TT” com projectos, textos mais antigos e vários contos.

²⁵ RAÚL MÁRIO, “um capítulo dum romance inédito” in *Via latina*, Coimbra, 15 de Abril de 1941, nº 2 Ano I, p. 8.

²⁶ “O sonho” *Via latina*, 30-3-941, folha 7, nº1; “poema da esperança-posse”, *Via latina* nº4 15 de Maio 1941, p.7; “Do romance contemporâneo *Elói ou romance numa cabeça*”, *Via latina*, nº 5, 27 Maio de 1941, p.4; “Solidão”, *Via latina*, nº 5, 27 Maio de 1941, p. 7 e p. 9 “O humorismo de Eça nos temas dos seus romance” com assinatura de Vergílio A. Ferreira.

temas dos seus romances” assinado por Vergílio A. Ferreira. Outro pseudónimo usado pelo escritor foi Rui Antunes. Já em Évora, segundo Manuel Madeira Piçarra, o escritor publicou no nº2 da revista *Horizonte*, em 1952, um poema intitulado “A minha vida não morre” com o pseudónimo Rui Antunes e um capítulo do romance “Crise” com o nome²⁷.

A investigação e o estudo do *dossier* genético do romance *O caminho fica longe* permitiu conhecer as circunstâncias em que Vergílio Ferreira tomou a decisão de publicar ou não publicar o romance e de inaugurar a sua vida literária de forma mais sólida com o próprio nome ou com um pseudónimo. Além das reflexões que posteriormente o autor fez sobre o uso do pseudónimo, é importante a revelação desse momento decisivo. Embora não tenha sido possível, até ao momento, localizar as cartas de Vergílio Ferreira endereçadas a Francisco Costa Marques, dêmos atenção às enviadas pelo amigo, desde o tempo de Coimbra, que nos mostram essa resolução.

Em carta de 25 de Janeiro de 1943, no verso do fol. 1, podemos ler “Que me dizes tu desse Raul Mário? Tens visto o homem? Que faz êle e, sobretudo, que pensa êle fazer? Quando vem a terreiro?” (BNP Esp. E31/5584). No texto, *Raul Mário* está circundado por um traço a lápis que aponta para a nota na margem esquerda, redigida no sentido vertical, “Pseudónimo que usei em Coimbra”, tipo de explicitação a que anteriormente aludimos.

De igual modo, na epístola seguinte (9 de Fevereiro), Costa Marques comenta a resposta do amigo. Percebemos então que Vergílio Ferreira se encontra a escrever prosa: “Ao menos êsse Raúl Mário tem tempo para se desfazer em prosa. Estará ele pior do que eu, no que se refere a ambiente cultural?” (BNP Esp. E31/5585). Na carta de 13 de Março do mesmo ano, Costa Marques responde à solicitação para opinar sobre a publicação do romance que lera dois anos antes. E não apenas no campo literário como também no campo da autoridade. Sem que na carta o romance seja intitulado, só poderia tratar-se de *O caminho fica longe*. Costa Marques efectua uma breve análise, reforçando sempre o desfasamento temporal entre a leitura do romance e as reflexões apresentadas (dois anos), além de revelar ter conhecimento que o escritor efectuara entretanto emendas.

²⁷ V. “Depoimento de Manuel Madeira Piçarra, *Évora Comemorou o 40 Aniversário da 1ª Edição do Romance «Aparição» e Homenageou o Vergílio Ferreira*, (Org. Câmara Municipal de Évora). Évora, [s.n.], 1999, p. 309.

Eis aqui o que se chama cumprir a ingrata e inglória missão de “retardador”. Desta vez foi-me mais fácil porque, como confessas, nenhuma influência terão as minhas palavras em qualquer decisão tua. Na consideração da obrigação moral que te cabe de seres ou não seres um homem socialmente benéfico, também não quero intervir. **Mas o que posso é confirmar, com as minhas suspeitas, as tuas suspeitas de que será mais conveniente publicares a obra com um pseudónimo diferente do que tens usado, um pseudónimo que cheire a nome de pessoa.** Mas, quanto a publicares ou não publicares o romance, isso depende de outras considerações, que não as da reacção dos Snrs. Eruditos. Esses não merecem sequer entrar na resolução do problema. Deves realizar-te como és e como te sentes e julgas dever ser, e não como eles desejariam que fôsses.” (BNP Esp. E31/5586).

O autor, já com títulos nos escaparates e críticas feitas, explica, em várias entrevistas compiladas em *Um escritor apresenta-se*, a razão por que assina Vergílio Ferreira e não o nome completo, Vergílio António Ferreira, ou mesmo por que não usa pseudónimo:

(...) não gosto de pseudónimos por desejar assumir a responsabilidade do que sou no mundo civil e no mundo das letras (...) (UEA, 22)

(...) O pseudónimo, como nós o conhecemos, é fundamentalmente uma criação do séc. XVII com Molière. Coincide com uma consciencialização dos processos estéticos e paralelamente com a desunião do artista consigo. Daí a separação do artista no artista que é e no homem que *deve ser*. Como no artista de cinema... Com longa difusão no séc. XIX, o pseudónimo está hoje em desuso. Não porque o *artista* se reconheça no *homem*, mas porque o assumiu adentro da negatividade. **O artista hoje diz-se sem receio, com coragem, investe-se da sua qualidade de artista e assim afronta o mundo. Eis porque não uso pseudónimo. Mas não utilizo todo o meu nome (ao contrário de alguns escritores), porque tal utilização implica, consciente ou inconscientemente, uma ostensiva afirmação de unicidade. Sendo “único” como todo o eu que é, é como genérica individualização que me digo homem e escritor.** Vantagens? Desvantagens? Nunca pensei nisso. Aliás, todo o pseudónimo acaba por ser... o conhecido nome de quem o usa. (UEA, 22)²⁸.

²⁸ Quando, na BNP, se realizou a exposição “António é o meu nome”, em 2006, a separação entre o cientista e o artista foi visível na assinatura Rómulo de Carvalho e António Gedeão, nos materiais de escrita (tipo de suporte e apropriação do mesmo). V. também o uso do pseudónimo em José Régio, e na correspondência, temas tratados por Isabel Cadete Novais em vários números de *Boletim. Centro de estudos regianos*.

O interesse do autor pelo estudo do pseudónimo levou-o a pedir indicações bibliográficas a Costa Marques que respondeu em epístola de 26 de Fevereiro de 1956 (BNP Esp. E31/558?). Foram encontradas notas sobre o tema do pseudónimo dispersas por entre os papéis do espólio, integradas em conjuntos organizados na BNP com apontamentos e/ou planos de conferências (BN Esp. E31/640; BN Esp. E31/8676), ou ainda em fragmentos de folhas que serviram de suporte à redacção de notas para o romance *Cântico final*²⁹. Estas notas destinavam-se à preparação do texto publicado no *Primeiro de Janeiro*, de 28 de Maio de 1956, e do texto inserido em *Do mundo original*³⁰.

Ser-se em literatura

Após um estudo minucioso dos materiais, tipo de papel e instrumentos de escrita, e por comparação com procedimentos do autor na elaboração de outros romances, isto é, o *modus scribendi*, há determinadas afirmações de Vergílio Ferreira que mostram o seu modo de ser em arte, constante ao longo de cerca de 60 anos:

Escrever é orar sem um deus para a oração. (*P*, fragm. 79)

[...] o romance tem muitos recursos, ele é uma espécie de soma de todas as formas literárias (*EI IV*, 36);

²⁹ V. “Inventário rico dos documentos genéticos” em *O traçado da escrita em Cântico final de Vergílio Ferreira*, p.41 e 43.

³⁰ A personagem Rui Antunes do primeiro romance, *O caminho fica longe* (1939) reaparece em *Mudança* (1948), ou António Borralho de *Vagão J* (1944) em *Manhã Submersa* (1952). Dos elementos identificadores da personagem do primeiro romance de Vergílio Ferreira e que reconhecemos em *Mudança*, destacamos os seguintes: o nome Rui Antunes (*M*, 87-88), a profissão de médico (*M*, 87-88), a descrição física da personagem que, por não ser um “tarzan”, impressiona Berta (*M*, 90) assim como os ideais de vida que aquele confessa nas últimas páginas do primeiro romance e que se repercutem no outro (*M*, 91). Além disso, em *Apelo da Noite*, a personagem cujo nome se fixou em Décio Ramos tivera como versão anterior o nome de Rui Antunes. Ainda em relação ao nome Rui Antunes, recordamos que se trata também de um pseudónimo que Vergílio Ferreira usou no tempo de Coimbra e também em Évora, nos anos 50. Segundo o depoimento de Manuel Madeira Piçarra, o escritor publicara na revista *Horizonte*, de que era editor, poemas sob o pseudónimo de Rui Antunes. Também Rui, protagonista de *O caminho fica longe*, escreve poemas “O sarro”.

Toda a estética de um género deduz-se da realização desse género. (CC5, 28)

[...] Porque um romance só existe pelo que lhe é específico e lhe confere eficácia. Assim o que o determina como obra de arte se há-de esclarecer desde o tema, personagens, montagem da narrativa, o tempo e o espaço dela – até ao chamado «estilo» e neste às estruturas sintáticas, à articulação do diálogo e narração, à própria qualidade do nome das personagens, ao incipit do livro e ao seu remate ou explicit, ao próprio título do romance. Porque tudo tem um modo de ser e significar, tudo interfere na significação geral de uma obra. (EI 2, 18).

Segundo o seu testemunho de 27 de Maio de 1972:

[...] um romance faz-se com o que a toda a hora nos preenche. Trabalho latente que prossegue o seu rumo sem darmos conta. Escrever um romance não é *saber* o que se vai dizer – é estar possuído do impulso, o *élan* que nos arremessa. A única realidade é o estar-se lançado. O resto que se escreve é a revelação disso, quase o que sobeja disso, a cinza do que nos arde por dentro. (CC I, 116)³¹.

Em 19 de Fevereiro de 1969 e 15 de Abril de 1989:

[...] Apanhar a vida em filigrana, a fugidia *finesse* nos interstícios da realidade. [...] Mas tudo são possibilidades do que só no fim saberei o que é definitivo. (CC I, 21);

[...] Isto e o mais que não sei i-lo-ei descobrindo com a realização do romance. Porque é numa situação concreta que nós sabemos quem somos. Uma grande quantidade das características potenciais irá morrer connosco porque nunca houve oportunidade de se revelarem o que são. E um romance é a construção concreta dessas oportunidades. (CC-ns I, 61)³².

O tempo de gestação dos textos é variado, por exemplo, aquando da redacção de *Signo sinal* afirma “«A história» (que já anda comigo há anos)” (CCI, 223); ou o episódio do Pedro e o espelho, em *Rápida, a sombra*, “trouxe-o comigo longos meses” (CCI, 172); são poucos os exemplos no espólio que mostram a escrita de jacto. Nas páginas do diário, o autor vai registando o tempo de gestação e de materialização na escrita.

³¹ V. também (CC2, 336).

³² V. também (CCns II, 377-378), (CC ns III, 78).

O ambiente em que Vergílio Ferreira escreve, recolhido, sentado num sofá com uma prancheta nos joelhos permaneceu durante 60 anos de vida literária é hoje conhecido quer contado em primeira pessoa em entrevistas quer nas páginas do diário quer ainda pelas personagens artistas ou como processo especular em *Estrela polar*, *Aparição*, *Rápida a sombra*, *Até ao fim*³³. António Silva Gordo no seu estudo *A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira*, mostra, a partir de um quadro sinóptico “Os lugares da escrita”, como o espaço é delimitado, interior e isolado³⁴.

Como mostrámos aquando da descrição do manuscrito de *O caminho fica longe*, o manuscrito apresenta evidência de cinza de cigarro no orifício do fol. <71>/113\, e com resquícios nos dois fólhos seguintes; também no fol. 71, redigido a tinta verde, o papel inclui mancha com ameaça de orifício. No manuscrito do romance imediato, *Onde tudo foi morrendo*, os fols. 43, 44 e 45 apresentam mancha amarelada em zona inferior devido ao cigarro. Pensamos que estas marcas foram efectuadas em momentos de leitura, visto que, no primeiro caso, a deterioração do suporte abarca o travessão já feito e também pelos vestígios nos fólhos próximos. O cigarro assim como a música de Coimbra são também processos que o escritor utiliza para desencadear a escrita “Há um circuito – papel cigarro ideias – e suprimindo o cigarro quebra-se o circuito, ou seja a actividade mental” (*CC- ns IV*, 30)³⁵; “Trabalhei umas três horas estimulado a cigarros” (*CC2*, 110).

2. Do dossier genético de *O caminho fica longe* ao de outros romances

2.1 Preparação da escrita: da incubação à realização do romance

³³ “Para se estar vivo se é artista. Para se estar vivo se ama a arte.” (*EI I*, 97)”, “Mas eu pinto para estar vivo” (*CF*, 133); “Escrevo para ser, escrevo para segurar nas minhas mãos inábeis o que fulgurou e morreu.” (*A*, 193); “um livro ainda, reinventar a necessidade de estar vivo.” (*RS*, 270); “Iniciar o romance. A única solidez na vida: escrever. Tudo o mais falhado.” (*CC I*, 91); “Sento-me aqui diante da folha de papel, e não sei que escrever. Sei só que preciso de escrever como quem precisa de andar, de se espreguiçar, de fumar um cigarro.” (*CC3*, 62), (*CC-ns I*, 178-179); (*CC-ns I*, 181-182).

³⁴ V. também *A arte do texto romanescos em Vergílio Ferreira* do mesmo estudioso da obra vergiliana.

³⁵ “Acendo ainda um cigarro, é necessário que tudo em mim vibre na intensa e submersa e dominada emoção.” (*RS*, 219).

O escritor, ao longo de entrevistas e dos nove volumes de *Conta-corrente*, que a edição do *Diário inédito* alarga temporalmente, vai desvelando, progressivamente, algumas características do seu *scriptorium*. Por outro lado, há uma analogia entre os vários registos em que a(s) problemática(s) vergiliana(s) se desenrola(m) e propaga(m) da ficção ao ensaio e ao diário, sem que à ordem de enunciação corresponda inevitavelmente a sequência, mas antes um diálogo permanente. *Alegria Breve* e *Invocação ao Meu Corpo* completam-se, porque, pensados e escritos nessa cumplicidade³⁶, ampliam as leituras isoladas.

Vergílio Ferreira foi um homem/escritor coerente na arte em que se realizou³⁷, nos temas desenvolvidos, na informação manuscriptológica que os *dossiers* genéticos contêm denunciadora do próprio processo de escrita. Partindo do estudo do *dossier* genético de *O caminho fica longe* apresentado na primeira parte do trabalho, alargamo-lo aos restantes materiais do espólio.

Quanto à caligrafia de Vergílio Ferreira, já tivemos oportunidade de apresentar alguns epítetos presentes nas cartas do acervo reveladores das características da caligrafia do escritor. O próprio caracteriza-a como “somítica”, “raqútica” e “[I]etra muito miúda e mal feita”³⁸. Corroboramos essa sua classificação com palavras de personalidades e épocas diversas: Mário Dionísio (17 de Setembro de 1953), João Palma-Ferreira (8 de Fevereiro de 1973), João Falcato (21 de Maio de 1989), Mário de Carvalho (16 de Março de 1996) e Jorge de Sena, todas em epístolas enviadas ao escritor, à excepção das duas últimas:

[...] As suas cartas felizmente são sempre assim (à parte o esforço que tenho de realizar para compreender a sua caligrafia, cada vez mais minúscula e arisca...). (E31/3465)³⁹;

³⁶ Cf. o nosso estudo “A *Confissão de Lúcio*, *Cântico Final* e *Estrela Polar*: um diálogo possível”, *Vária Escrita*, 9, p.72 onde se reproduzem as anotações autógrafas de Vergílio Ferreira nos manuscritos de *Alegria Breve* e *Invocação ao Meu Corpo*.

³⁷ “Toda a minha vida disponível a dediquei à literatura. Fui em literatura como outros são em religião, em política ou até em crime. Muita coisa sacrifiquei a isso. Mas não me queixo. Mesmo que eu seja realmente um escritor menor, como muitos me têm repetido, para a hipótese de eu me esquecer. Não é o ser maior ou menor que está em causa: é só o ser eu. E em literatura é que sou.” (CC2, 99).

³⁸ Nas epístolas recebidas, há por vezes fotocópia da carta do escritor com os vocábulos assinalados para a sua decifração, é o caso de João Falcato, seu amigo do tempo de Coimbra (E31/3591) e Orlando Neves (E31/6488).

³⁹ Podemos ainda relacionar com a nota à carta de Mário Dionísio “P.S. Por favor mande-me os seus originais e, se possível, as suas cartas dactilografadas. Calculo que isto é para si uma exigência terrível. Mas você não faz ideia do tempo que levei a ler *A Queda de Kach* e como a compreensão engasga duas e três vezes por linha. Desculpe.” (E31/3465).

Já andava com saudades de uma carta sua, desta chuvinha de palavras microscópicas, sempre com uma boa palavra e muita amizade. (E31/3855);

Mas agora o que quero, Vergílio é a carta com letra sem ser de espião, letra barroca, redonda e farta como as penas dos anjos que não comiam mas estavam sempre gordos. (E31/3590);

Letra infixa, irrequieta, difícil... O meu espanto e a minha gratidão⁴⁰;

Tem uma letra tão miudinha, tão miudinha,/ tão miudinha,/ que as suas cartas ao futuro cabem numa estampilha do correio.” (E31/200).

Pelo manuseamento e sobretudo pela análise dos *dossiers* genéticos das obras vergilianas, verificámos a relação que se estabelece entre o tipo de suporte e de instrumento utilizados e a fase de elaboração do texto. À fase pré-redaccional, correspondem suportes muito diversificados, alguns que importam apenas como receptáculo à escrita (postais, folhetos publicitários, fragmentos de folha de papel com vestígios de dobras) e outros da mesma natureza mas que correspondem a pesquisas efectuadas para a realização do romance em causa. Nestes últimos, enquadram-se como material preparatório *per se*. Na fase de (con)textualização, as folhas apresentam as mesmas dimensões e são redigidas a tinta⁴¹.

Em suma, comparando os *dossiers* genéticos da obra vergiliana, principalmente romanesca, com os muitos manuscritos envolvidos na preparação de “As Mãos da escrita”, podemos asseverar que esta discrepância nos suportes e instrumentos de escrita é inerente à fase do processo de escrita em que o criador se encontra.

O suporte utilizado na redacção das notas, por si só, pode transmitir-nos informações muito importantes para a datação da escrita. Por exemplo, o *dossier* genético da peça incompleta (16, 2 fols.) “A cidade livre : peça em 5 quadros” redigida em Évora, com a data de “29-9-949”, inclui duas folhas com notas, sendo uma delas factura de “Tipografia Ideal” datada de “9/9/49” (BNP Esp. E31/178). O uso da factura como suporte para registo de anotações permite ao investigador conhecer hábitos de escrita, datar as anotações e a sua contextualização.

⁴⁰ Mário de Carvalho, “Desencontros”, *In memoriam de Vergílio Ferreira*, (org. Maria Joaquina Nobre Júlio), Lisboa, Bertrand, 2003, p. 52.

⁴¹ Esta diferença de estatuto não é exclusiva da oficina de Vergílio Ferreira, pudemos ver e descrever materiais semelhantes noutros espólios para a exposição *As mãos da escrita*.

Por vezes a informação que recolhemos do suporte possibilita a datação não só da elaboração das notas aí presentes mas também de outras peças, pela análise dos utensílios de escrita, do seu conteúdo, e da sua inclusão no romance. Por conseguinte, possibilitar-nos-á situar aquele testemunho na génese do romance. Podemos exemplificar com a factura da “Editorial Inova” (E31/295) de “8 de Janeiro de 1969”, no material preparatório de *Nítido Nulo*, que foi utilizada para a redacção de apontamentos para o romance. Sendo, até ao momento, a única data que possuímos quanto ao material preliminar, e tendo a primeira versão do romance, incompleta, folha de rosto com as datas abarcando os anos de 1966 e 1967 e com a indicação “Recomeçado totalmente a 4 –Outubro-1967” e sendo a versão integral datada de “13-1967-Agosto”, na folha de rosto, e, no último fôlio, de “27-Novembro-1969”, ela será elemento fundamental para a hierarquização dos documentos do *dossier* genético de *Nítido nulo*⁴².

O mesmo suporte serve ocasionalmente, ou ao mesmo tempo, para o registo de anotações para vários romances, por exemplo, quando o autor trabalha em vários projectos em simultâneo: dois ou três romances (por exemplo, *Nítido nulo*, *Signo sinal* e *Para sempre*), ensaio e diário, ou apenas como suporte reutilizado para outros fins, como, por exemplo, os testemunhos 3 e 4 do *dossier* genético de *O caminho fica longe*.

Encontramos presente nos *dossiers* dos romances notas para outros textos, algumas dessas situações têm a ver com o cruzamento de actividades em vários romances, como, por exemplo, a correcção de provas tipográficas de um durante a redacção de outro. É o caso de, no material genético do romance *Cântico Final*, haver anotações referentes a *Apelo da Noite*. O autor registou, na folha de rosto do manuscrito

⁴² V. tb. factura de “cobrança de vendas a crédito” com data de “31/10/63” no *dossier* genético de *Alegria breve* (BNP Esp. E31/290). Em relação a *Cântico final*, “O suporte de escrita do testemunho [19] é o verso de fragmento de uma folha que inclui parte de rascunho de carta do autor a “Domingos Monteiro”. Encontrámos, entre papéis dispersos, o fragmento de carta que completa este. Assim, juntado os dois, podemos ler “Meu caro Domingos Monteiro: Aqui lhe devolvo as provas. Convém que me enviem sempre o original, pois pode acon”, e o texto encontra-se voluntariamente interrompido. Há no espólio E31, até ao momento, cartas daquele compreendendo os anos de 1954-1959 (E31/6227-6235). Pelo assunto apercibido do fragmento de rascunho e conhecendo as cartas acima referidas, pensamos tratar-se de resposta à carta de 14 de Outubro de 1954, em que Domingos Monteiro diz “Já foi para a tipografia e ainda este mez terá provas.” (E31/6230), provas que anunciara já em 6 de Julho “Logo que tenha provas mando-lhas.” (E31/6229), visto que Vergílio Ferreira refere a devolução de provas. Trata-se da primeira edição de *Manhã Submersa* publicada pela “Sociedade de Expansão Cultural”, editora de que é fundador. Tendo em conta a primeira menção de data da folha de rosto e que corresponde geralmente ao início da redacção do romance “Évora, 6 de Julho – 954” e a data do suporte, posterior a Outubro de 1954, pudemos datar as notas referentes às personagens Cipriano e Pina aquando do estudo daquele *dossier* genético. *Op. cit.*, p. 55-57.

Cântico Final nas menções de data, o seguinte apontamento: “(...) 1955 (Interrompido p^a a revisão de Apelo)” (E31/312)⁴³. De igual modo, no *dossier* de *Alegria breve* (E31/290), encontra-se fragmento de folha com notas pertencentes à elaboração daquele romance antecederas de quatro alíneas intituladas “Cântico Final” e que se apresentam riscadas e traçadas em cruz, assinalando desse modo a sua contemplação e também a reutilização do suporte. Estas anotações só foram integradas no terceiro capítulo da segunda edição de *Cântico final*, publicada em 1966. Pensamos que a sua presença no *dossier* de *Alegria breve* deve-se ao facto de o autor estar naquele momento a redigir este romance⁴⁴.

Por outro lado, existem, no conjunto do material preparatório de *Estrela Polar*, algumas notas que apontam para a recuperação de texto que terá pertencido à elaboração de *Cântico Final*, é o caso da seguinte indicação de trabalho: “- Aproveitar do pintor Mário (Cântico) frases que desaproveitei. P. ex.º pintar é uma luta em que se pode vencer mas que sabe a derrota no fim. E recomeça-se. Como no amor.” (BNP Esp. E31/285).

Verificamos que dos primeiros romances não são conhecidos materiais preparatórios, ou se o são, esse conhecimento revela que são escassos. Assim, também os *dossiers* genéticos foram engrossando progressivamente, tal como o registo da génese da obra romanesca e ensaística nas páginas do diário. A novela *A curva duma vida* e os romances *O caminho fica longe* e *Onde tudo foi morrendo* não apresentam registo de material preparatório. Recorremos a *dossiers* genéticos de outros romances, com vista à demonstração da diversidade e riqueza dos materiais implicados no processo, incluídos no espólio da BNP:

- Os *dossiers* de “Promessa”⁴⁵ e “Mudança”, dos anos 40, incluem **5** fols., alguns com o título “Personagens” e “Quadro grego (BN Esp. E31/202);
- “Manhã submersa” **10** fols., com tábua de personagens e três versões do texto de abertura do romance (BN Esp. E31/332);

⁴³ Também o *dossier* de *Alegria Breve* compreende, em fragmento de folha com o título “Alegria breve”, anotações para este romance e, no seu verso, sob o título “Apelo”, anotações pertencentes ao *dossier* genético do romance *Apelo da Noite*: “1- o sangue não lava? (Apêndice)/ 2- Reflectir: no Apêndice falo de Gabriel pressupondo, parece, o julgamento que eliminei.” (E31/290).

⁴⁴ V. *Op. cit.* p. 49-50.

⁴⁵ V. *Op. cit.*, 10-34.

- “O vale silencioso” 1949 contém **24 f.** incluindo os títulos: "Crise", "Círculo de Fogo", "A Potência do Intelectual", entre outros (BN Esp. E31/185);
- “Cântico final” com **57, 1 fols.** alguns com o título "Corpo da Alegria," outros com o título "Arte e Significação" Inclui um recorte de imprensa "O estranho destino de Marguerite Zelle, Mata-Hari", de Robert Landry e um impresso "O Tivoli apresenta Yvette Chauviré: [programa]". (BN Esp. E31/305-309);
- “Estrela polar” com **34, 2 f.**; inclui provável fragmento do texto (2 f.). Inclui ainda dois recortes de imprensa, um anotado pelo autor, e um prospecto turístico da cidade da Guarda com nota autógrafa: "Casa de Aida? [sic]". (BN Esp. E31/285-286);
- “Alegria breve” (1963-1964), **56, 1 f.**; algumas folhas com esquemas espaciais e de personagens. Incluem outros títulos, nomeadamente: "O Existencialismo", "Arte e Progresso", "Questões II", "Apelo", "Cântico Final", "Deucalião e Pirra" e "As 4 Estações". Inclui um panfleto impresso da freguesia de Melo. Tem junto *Sunday Times Magazine*, de 5 Jan. 1964. (BN Esp. E31/290-291);
- “Nítido nulo” [196?]; **34, 1 f.**; algumas com o título "O Iconoclasta", "A Casa", "Sol da Tarde", "A Noite Suspensa", "Um Raio de Luz", "Um Raio da Manhã" e ainda "Frases [de] Fernão Lopes". Inclui um "Esquema posterior ao romance", segundo nota autógrafa e 5 fotografias do Magoito. (BN Esp. E31/295-300);
- “Rápida, a sombra” [196?-1974]; **30, 2 f.**; com notas intituladas "Anoitecer", "Graal", "Desgaste", "Pintura", "Entrevista" e "Adeus". Inclui duas fotografias que serviram de inspiração ao romance (BN Esp. E31/338-341);
- “Signo sinal” (1969-1979); **47, 1 f.**; incluindo esquemas espaciais e de personagens. Alguns títulos: "O Sismo/Labirinto[Arquitecto][sic]", "Aldeia Destruída", "O Intelectual Hoje", "Escola", "Adeus", "A Casa?" e notas de leitura. Inclui uma folha dactiloscrita com o título "Escorbuto" e fotocópia de texto impresso "Scurvy" de Charles S. Davidson. Tem junto fotocópia de uma fotografia identificada no verso como "A Muda (Melo)" e reprodução de uma gravura de Bartolomeu Cid dos Santos representando um labirinto. (BN Esp. E31/325-327);
- “Para sempre” [1970-1983]; **23, 1 f.**; algumas com o título "Adeus", "Plácida, a Noite", "Plácida, a Hora" e "Para Sempre". Tem junto sobrescrito com duas

fotografias de Maria Madalena Ramalho da Silva Santos, com anotações do autor (BN Esp. E31/432-438);

- “Até ao fim” (1981-1987); **22, 1 f.** algumas notas com o título "Plácida a Sombra", esquemas e cópia de um poema de Ramos Rosa. Inclui apontamentos manuscritos sobre droga e três fotografias. (BN Esp. E31/314-319);
- “Em nome da terra” (198?); **20, 1 f.**; algumas com o título "Plácida, a Noite", esquemas e três fotografias da Avenida Almirante Reis e da Cervejaria Portugália. Tem junto impresso com exercícios de fisioterapia e (BN Esp. E31/392-405)
- “Na tua face” (1991-1993); **20, 1 f.**; Inclui também fotografias de Lisboa e Fontanelas. Tem junto um bilhete-postal colorido, representando o Edifício do Colégio de S. Paulo Eremita, na Rua Larga, Coimbra e ainda fotocópia de um mapa da mesma cidade. Tem também junto cartas de Miguel O. Silva, com apontamentos sobre "Síncopes", (BN Esp. E31/348-377)
- “Cartas a Sandra” (1992-1995); **18 f.**; uma folha com nota e outra com o poema "Pour Sandra", datado de "Noël, '90", assinado "Paulo/Vergílio" e encimado com a indicação "Para apêndice do romance". Inclui também "Introdução de Rodrigo Xavier", com a anotação à direita do título "Refundir e ampliar em introdução das Cartas" e dois exemplares em fotocópia da primeira carta, uma das quais anotada no final "De um projecto de romance abandonado 'Cartas a Sandra'". (BN Esp. E31/174).

Algumas destas pastas de cartão incluem impressos, folhetos, desenhos, fotografias, muitas delas realizadas pelo próprio escritor, como material de apoio à génese do espaço, das personagens, com vista à verosimilhança do romance⁴⁶.

Pela análise dos materiais genéticos, há a salientar a interferência de outras pessoas, na feitura da obra, cujos rastros estão presentes nos *dossiers*, porque todas elas tiveram uma função: fornecer informação especializada (médica, religiosa, jornalística, etc) sobretudo para a construção de personagens e ambientes na ficção, necessária à verosimilhança. Podemos referir, entre outros, os apontamentos sobre síncope em papel timbrado do “Hospital de Santa Maria”, facultados por um médico amigo, Miguel

⁴⁶ V. por exemplo (CC4, 465), *Espaço do invisível 3*, Lisboa, Bertrand, 1993, p. 29.

Oliveira Silva (E31/374), para a preparação da personagem Ângela do romance *Na Tua Face*, ou a elucidação da amiga e colega do Liceu Camões Margarida por causa da epígrafe de *Em Nome da Terra* narrar, episódio narrado no diário (*CC-ns I*, 284) e a folha com essa indicação em autógrafo daquela presente no *dossier* genético do romance (E31/392), ou as informações de Brígida Faria para a construção de Mónica (*CCns II*, 155). Há ainda a reprodução da fotografia de calendário que está na base duma descrição da personagem feminina de *Rápida, a Sombra*, emprestada pelo Zé do Café, em Fontanelas (E31/340), como já expusemos em outros momentos⁴⁷. Na dissertação apresentada a esta faculdade, mostrámos que Tomás Ribas, em carta datada de 14 de Novembro de 1956 (E31/7227), refere dois assuntos que para o nosso estudo do *dossier* de *Cântico Final* foram fundamentais. Por um lado, anuncia que lhe vai enviar o livro sobre danças índias solicitado por Vergílio Ferreira e, por outro, fala das notícias referente ao espectáculo no Tivoli. Quanto ao livro, pensamos ter encontrado entre os papéis sem qualquer arrumação um fragmento de folha de papel amarelo com notas de leitura. Recordemos que, nessa época, o escritor vivia no Alentejo, em Évora. O programa desse espectáculo integra a pasta do material preparatório do romance. Outro amigo de Évora, Manuel Piçarra recomenda-lhe um livro sobre fotografia, para construção da personagem Luzia de *Na tua face* (*CCns III*, 69, 95-96).

Helder Godinho considera que Amélia, Luísa, Elsa, Sofia, Aida-Alda, Sandra, entre outros nomes, constituem diferentes realizações, faces provisórias da presença ausente. Com o cuidado para não resvalar no biografismo, e não esquecendo as palavras de Valéry “*Erreur des critiques de remonter à l’auteur au lieu de remonter à la machine qui a fait la chose même*”⁴⁸, ou mesmo de Vergílio Ferreira, devemos relatar a transfiguração mítica do namoro frustrado e enlutado, vivido pelo autor no tempo de Coimbra, para a obra literária. O próprio escritor conta essa história ao nível da legenda. Referimos a existência de duas fotografias dessa jovem, nos materiais genéticos de *Para Sempre*, com notas autógrafas, no verso, de que transcrevemos um exemplo:

⁴⁷ Nos estudos que temos realizado a partir dos materiais do espólio, tem sido nossa preocupação mostrar como esses materiais são transfigurados durante a fase de contextualização das notas.

⁴⁸ Valéry, *Ergo Scriptor et Petits Poèmes Abstracts*, p. 172.

Maria Madalena Ramalho da Silva Santos aluna de Germânicas. Sandra (no tempo de Coimbra) (“Para Sempre” - 1935/6 [há 50 anos] no mais do livro, não é ela, pois que morreu pouco depois. É a Regina e na morte é a Alice⁴⁹. (E31/433).

Também o *Livro da Queima das Fitas dos Quartenistas de Letras da Universidade de Coimbra* de 1938 contém, na página da caricatura de Madalena, a seguinte nota em autógrafo de Vergílio:

É a Sandra de Para Sempre até ao casamento. Nasceu em Abril de 1915 e morreu em Julho de 1938 – dois meses depois de assinar esta página. (E31/1435).

Em vários registos, o escritor explica a transfiguração do real em literatura, como a passagem do último dia do ano de 1983 comprova:

Sandra da minha invenção, do meu apelo absoluto no absoluto da minha juventude, flor aérea do meu deslumbramento. Nela condensei decerto tudo o que de encanto e milagre e inverosímil e pueril me nasceu no que sou. Saudade de nunca. Sandra morta antes de nascer, Sandra ríspida, linda e infantil. [...] Sandra que nunca foste, do que nunca fui. Até sempre. (CC 4, 483).

Pensamos, como Helder Godinho, que este evento biográfico desencadeou, no processo criativo do escritor, a busca da Verdade que preencha essa ausência, sobrepondo amor, arte e conhecimento⁵⁰, por um lado, porque o amor é distante “amar é pôr ao alto e ao longe” (PS, 138), e, por outro, porque essa ausência amplificou uma outra, a da mãe⁵¹ “A falta de uma presença acentua a sensação de «abandono».” (CC 5, 508). Essa busca constante explica-se “Porque todo o amor é uma irrealização. Se se realiza, já não serve.” (E, fragm 19).

O próprio autor reconhece essa importância, ao afirmar: “Aliás, repensando a figura de Luísa (em *O caminho fica longe*), suponho que a sua morte se identifica com a de Sandra.” (CC-ns I, 87). Em 1990, no texto “Um timbre de guitarra”, ou ainda em diversos momentos no diário, o autor assinala a dispersão de Sandra. Apresentamos apenas um excerto de cada:

⁴⁹ Alice é a mãe de Dorinha Infante, afilhada do casal, que é a menina que serviu de inspiração à criação da personagem Cristina de *Aparição*.

⁵⁰ Cf. Mariberta Carvalhal Garcia, *Op. cit.*, 257-268.

⁵¹ Pudemos constatar que já na novela *A curva de uma vida* a ausência dos pais determina uma perda irreparável, tema recorrente em toda a obra vergiliana, segundo Helder Godinho e Eduardo Lourenço.

[...] Morrem jovens os que os deuses amam e Sandra foi assim muito amada dos deuses. Mas a sombra do seu manto estende-se pela Luísa do meu primeiro romance e que morava em Montarreio, pela Oriana do *Até ao Fim*, que morava na Rua do Norte, talvez mesmo ainda pela Mónica de *Em Nome da Terra* e que não me lembra onde morava. (EI 5, 114)⁵²;

Dispersei Sandra por outras figuras femininas (CC-ns II, 377).

A presença de fotografias nos *dossiers* vem justificar a teoria de Helder Godinho sobre a importância desta jovem e do seu fim trágico na construção da arquipersonagem vergiliana, criando, então, uma imagem difusa da mulher a quem as várias hipóstases dão temporariamente um rosto. Podemos considerar estes elementos como “*témoins matériels d’une dynamique créatrice*”⁵³, segundo Almuth Grésillon. Assim, estas informações confirmam o relevo dessa figura no imaginário do escritor desde o seu primeiro romance, como o estudioso vergiliano demonstrara na sua comunicação intitulada “O que é a morte para Vergílio Ferreira?” aquando do colóquio de homenagem ao escritor, em 1993:

[...] Mas o universo imaginário que a ficção de Vergílio Ferreira constrói nega-a [a morte] enquanto aniquiladora da vida, tornando-a, juntamente com a vida e pela oposição a ela, geradora da Ordem, em que todos os opostos significam e existem, Ordem que é imortal e atemporal. Ela é a atemporalidade, concebida deste modo em riqueza e complexidade, que, juntamente com a temporalidade em que a vida humana se desenrola, constituem os dois modos do tempo. Equilibrá-los, introduzir a atemporalidade no quotidiano, é uma das funções da morte enquanto geradora da Ordem, de modo a criar uma Forma do Tempo completa, onde a atemporalidade possa encontrar na temporalidade um corpo para ser amada e conhecida pelos homens.⁵⁴

A personagem é referida como fazendo parte da legenda, porque mesmo o passado, e sobretudo em arte, “[...] dificilmente se recupera, quando se recorda: o passado é legendário.” (DMO, 17). Nas páginas do diário, Vergílio Ferreira conta diversos episódios em que estudiosos da sua obra, jornalistas, leitores ou simplesmente

⁵² Cf. entrevista *Olá! Semanário*, p. 52: “Nesse meu primeiro livro lá se encontra a personagem, que é a Luísa. Depois vem sobretudo uma que recordo mais, que é a Sandra. Do “Para Sempre”. Depois a Mónica do “Em Nome da Terra”. Depois a Bárbara deste último, “Na tua face”. Eu penso que sei onde é que isto tudo se enraiza mas...”.

⁵³ Almuth Grésillon, *Eléments de Critique Génétique*, p. 15.

⁵⁴ “O que é a morte para Vergílio Ferreira?”, *Op. cit.*, 277- 283, p. 283.

peessoas, parecem fascinados pela permanência dos referentes espácio-temporais e de pessoas na obra. E uma vez mais, perante a curiosidade dos leitores, neste caso de Magda Laires, o autor refere:

Oriana existiu? Ela é, aliás, de algum modo um desdobramento de Sandra. E Sandra existiu? Sandra *existe*. [...] Sandra não existiu do que foi para o que a fiz ser, mas ao invés. Ela não moldou a minha personagem, mas foi esta que a moldou a ela. E agora ela existe – para sempre. [...] Por isso eu nunca digo o nome «real», porque o seu nome real é o que eu lhe dei. A do nome real, aliás, morreu jovem, antes de acabar o curso que iniciou, quando eu, em '35. E esse é um pormenor do seu desdobramento em Oriana. Toda a sedução que uma e outra podem despertar(-me), vem da (minha) imaginação, ou seja do absoluto, do limite impossível, do irreal fixo no eterno em que a concebi. Sandra é-me de algum modo uma obsessão. Mas sei que o é pela ficção-limite em que a imaginei e que a morte do seu «real» em plena juventude para sempre fixou. (*CC-ns I*, 98-90).

Geralmente, o escritor estabelece uma tábua de personagens, que vai completando, onde é possível encontrar nome de pessoas identificadas, no entanto, apenas como suporte à criação das personagens já que são matéria-prima transfigurada⁵⁵. Podemos ainda referir a tábua das personagens publicada no Catálogo da exposição aquando da doação do espólio e ainda as indicações presentes em fragmento de folha colado no exemplar de *Manhã submersa* que confirmam estes dados⁵⁶. Mas este romance em particular presta-se, com maior facilidade, a este equívoco por, de certa forma, conter um carácter autobiográfico. Não esqueçamos a integração do escritor Vergílio Ferreira no romance, como, por exemplo, em *Até ao fim*.

Assim, pensamos que os esclarecimentos que Vergílio Ferreira, ao longo da sua vida, vai dando a este respeito se relacionam com o problema que Henri Mitterand levanta, a propósito do *dossier* genético de *L'Assommoir* de Zola: “La vraie question à poser alors n’est pas: «Quels sont les ouvriers réels qui ont servi de modèle à Coupeau

⁵⁵ Há no espólio uma carta anónima de um seminarista, que ao identificar as pessoas reais que serviram de base à construção das personagens de *Manhã Submersa* e não distinguindo o que é do domínio do real e o que é do domínio artístico, se mostra ofendido pela ousadia e pela “difamação” realizada pelo escritor. Raymond Debray-Genette denuncia a propósito de Flaubert “En tout cas l’étude minutieuse des brouillons démontrerait l’emploi abusif des «sources» biographiques, qui sont tout au plus des catalyses dans tel ou tel épisode. L’étude des manuscrits est donc bien ce à partir de quoi il faut relire une oeuvre. C’est à leur lumière que s’éclaire le rôle de l’environnement psycho-socio-culturel, et non l’inverse.” “Génétique et poétique: le cas Flaubert”, *Essais de Critique Génétique*, Paris: Flammarion, 1979, p. 31.

⁵⁶ Cf. *Op. Cit.*, imagem [7].

et à Goujet?», mais: «Quel est le système d'idées reçues sur l'ouvrier et sur l'ouvrière qui a engendré l'ensemble des énoncés relatifs, directement ou indirectement, à Coupeau, Goujet ou Gervaise?»⁵⁷. Concordamos que não se trata de querer saber quem são as pessoas que servem de modelo às personagens, mas, em vez disso, as características que o autor encontra aí. O escritor afirma-o em vários registos. A propósito da visita de Leonilda Tonin durante a preparação de uma tese sobre a obra vergiliana, relata as preocupações da investigadora ao relacionar a ficção e a “realidade”. O escritor menciona esse encontro, no diário, a 16 de Julho de 1970:

[...] Expliquei que a «realidade» me dá pontos de apoio, pilares para a construção. Assim me não «perco» tão facilmente. As personagens têm, quando é possível, um ponto de partida nas figuras reais, são um arranjo das mesmas. Sendo «intelectuais», procuro sobretudo um apoio para o «físico», o seu «invólucro»; depois de esvaziados do que são elas, «preencho-as» com as minhas ideias e obsessões, quero dizer, construo-as por mim. (CC I, 68)⁵⁸.

Do diário, passamos a incluir alguns excertos para que possamos reter a forma como o autor se lhes refere: “modelo de personagem” (CC3, 76)⁵⁹:

[...] este Armando Rodrigues é o meu Rodrigues de *O caminho fica longe*, sem a morte que aí tem, e é um pouco o Holofernes do meu recente romance *Em Nome da Terra*, com a morte que aí tem. E aproveito já agora para saudar a memória deste amigo da juventude, que era um bom, na sua ténue loucura... (CC II, 167);

[...] Armando Rodrigues, parceiro dos bródios e de aventuras na Tuna, personagem com o seu nome no meu primeiro romance *O caminho fica longe*. (CC ns I, 9).

E em síntese, o próprio autor explica-se, dizendo:

[...] No fundo cada modelo de personagem é a ficção-síntese que deles vou dando. Toda a ficção é a impossível imaginação de que existe não existindo (CC-ns IV, 174).

⁵⁷ Cf. *Essais de Critique Génétique, Op. Cit.*, p. 213.

⁵⁸ O próprio escritor, ao visitar o Diário de Notícias para a construção da personagem do romance que está a realizar, menciona o motivo dessa visita: “E para não cometer muita *gaffe*, fui visitar as oficinas do jornal.” (CC5, 329).

⁵⁹ “Era um dos modelos das personagens de *Aparição*, o Alfredo Cerqueira. Mas a morte é a vida da memória, quase nem me surpreendendo.” (CC 3, 76); “Agora está morto. Uma ou outra personagem minha andava perto dele. Por exemplo, o Félix de *Cântico Final*. A Regina e eu fomos padrinhos da filha, a Dora – a Cristina da *Aparição*.” (CC 3, 115).

Este assunto reaparece nas páginas do diário. É na escrita de “comportas abertas” que o escritor vai pensando e simultaneamente esclarecendo a relação entre o real e a sua transfiguração na arte, como no seguinte excerto de 25 de Setembro de 1990:

Porque existir em escrita não é ter existido assim em realidade real, que é coisa em bruto como todo o real. Assim as personagens de um romance são só o que aí são e não o que foram em quem lhes serviu de pretexto. Mais do que o Pigmaleão, o ficcionista não recompõe as figuras em que se apoiou, mas reinventa-as no que lhe foi possível reinventar, segundo o talento que lhe calhou. [...] (*CC-ns II*, 299).

Quanto aos ambientes e lugares, apercebemo-nos que a planície, a montanha e a aldeia são os privilegiados.⁶⁰ São diversos os estudiosos que têm vindo a desenvolver trabalhos, sobretudo no domínio do simbólico, sobre a obra vergiliana, entre eles destacam-se Helder Godinho, Luís Gavilanes Laso e António Gordo. Este último relaciona o espaço físico com o espaço de escrita, como já referimos anteriormente. E, retomando ainda a reflexão efectuada aquando da visita de Leonilda Tonin, em Julho de 1970, o escritor menciona os ambientes que lhe ficaram marcados:

[...] Os ambientes até hoje *fixados* para a emoção foram a aldeia, o Alentejo, o Seminário, um pouco de Coimbra, um pouco da beira-mar. Quase nada de Lisboa e radicalmente nada do estrangeiro. Para aprender o «espírito do lugar é necessário tempo, a lentidão da osmose. Para aprender o «espírito do lugar» (disse-o onde?) é necessário que ele seja o lugar do meu espírito. (*CC I*, 69)⁶¹.

Como não temos conhecimento da existência de qualquer diário, ou registo semelhante, compreendendo o período de génese do romance em estudo e como a epistolografia pertencente ao acervo do escritor é quase omissa em relação a esta obra,

⁶⁰ Também a propósito da curiosidade de um aluno de liceu que pretendia saber se as personagens de *Aparição* tinham “realmente” existido, e que já tinha contactado o pintor Charrua e Madeira Piçarra, Vergílio Ferreira menciona: “Porque é que seduz conhecer uma realidade que a ficção utilizou? [...] O que se procura nesta curiosidade é ver na realidade ao que é do domínio da sedução do imaginário. O que se pretende é integrar um no outro. O que se pretende é meter o imaginário no real e ver neste a transposição daquele. O que se pretende é o impossível” (*CC-ns II*, 136).

⁶¹ Situação caracterizada pelo autor na seguinte frase: “Não gosto de viajar. Gostava era de ter nascido em vários sítios.” em *Um escritor apresenta-se* (apresentação, pref. e notas de Maria da Glória Padrão) - Lisboa : IN-CM, imp. 1981, p.41.

se exceptuarmos as cartas de Francisco Costa Marques e de Mariberta Carvalhal, faremos uso das reflexões que o autor tece aquando da realização de outros projectos. Em 15 de Outubro de 1979, regista, em *Conta-corrente*, a seguinte reflexão:

Perguntam-me com frequência quantas horas trabalho por dia. As pessoas entendem assim que se escreve à hora, como se trabalha numa repartição. Eu respondo que, enquanto escrevo um romance, trabalho vinte e quatro horas por dia. Nem o trabalho fundamental é o realizado à mesa (ou no cartão sobre o joelho). O trabalho mais importante é o realizado fora disso, na procura ininterrupta de soluções para o livro, enquanto se divaga com um cigarro, enquanto se não adormece, logo de manhã quando se acorda, mesmo às vezes durante o sono, durante as andanças pelas ruas. É esse, aliás, o trabalho mais agradável, porque a imaginação livre não é chamada a prestar contas pelo que decisivamente se realiza. É esse o momento de maior fascinação, de enlevo, de plenitude. De encantamento. O mesmo de quando se está a escrever, mas não se sabe o que de facto se escreveu. (CC 2, 321)⁶²

Nas páginas do diário, Vergílio Ferreira narra alguns episódios em que estudiosos da sua obra, amigos, leitores ou simples curiosos, questionam o autor sobre a sua oficina de escrita. A propósito da solicitação de Manuel Mendes, Vergílio reflecte sobre esse aspecto, a 14 de Dezembro de 1979, nos seguintes termos:

[...] Posso explicar toda a estratégia para realizar um romance. Mas não sei como é que o realizo. Há a introjecção intensa de mim no motivo que me ocupa – descrição, reflexão, diálogo, etc. E há a visão obscura, a sensação emocionada do que quero dizer. Depois há o tactear incerto de quem procura por entre as palavras o que está para lá delas e me leva a estar de caras com o que pretendo. As palavras são assim procuradas instintivamente e elas dão-me o sabor, o som, as linhas rectas e curvas, a luz, o choque emotivo daquilo que há-de restar delas. E não me lembro de mais nada do que desse tactear que o instinto me procura ou o saber feito instinto. [...] Inspiração? Se se quiser. Apesar de o termo estar já despromovido”. (CC 2, 336),

Mas o mais grave é que para mim escrever só tem um sentido plausível no *escrever romance*. [...] Por isso eu começo sempre, com uma obstinação surda, raivosa, angustiada, de tocar o intocável, alcançar enfim o que está para além de mim. Um romance mobiliza-me tudo o que em mim nasceu para escrever, põe em movimento todas as minhas articulações do dizer e pensar e sentir, é uma arte total, subterrânea, sugadora dos mais finos filamentos vitais, sorvedora de todas as disponibilidades, sugadora de toda a água do meu poço. (CC 4, 172)⁶³.

⁶² Cf. também “Revolve-me por dentro o projecto do novo romance. Horas e horas à espera que o poço encha.” (CC 4, 78).

⁶³ V. CC4, 71.

Nos *dossiers* dos romances, principalmente a partir de *Vagão J*, o autor vai elaborando apontamentos e notas, tendo em conta as categorias narrativas⁶⁴: espaço, tempo, acção, personagens. Aquando da comunicação intitulada “Um escritor apresenta-se”, no que diz respeito à construção do romance, ele desvenda os seus mecanismos.

Mas depois de firmado o tema para um romance, há que construir uma história em que ele se manifeste [...] A construção da história, porém, envolve a distribuição dos papéis pelas personagens, determinadas por uma ideia ou sentimento dominantes e colaborando naturalmente na economia do todo. (*EI 4*, 30)⁶⁵

Existem, quer na pasta relativa a determinada ficção quer ainda em papéis dispersos no espólio, temas para contos, romances, peças de teatro, onde é visível o registo de temas a aproveitar em novos textos. Por vezes, o autor encima estes fragmentos de folha com a identificação “Tema”⁶⁶. Por exemplo, a propósito de *Até ao fim*, diz: “De imaginar a cena sei-a quase de cor” (*CC5*, 302)⁶⁷.

Quando Vergílio Ferreira se encontra a redigir o romance *Signo Sinal*, a 22 de Julho de 1977, reflecte em relação à passagem da ideia/do problema ao texto, isto é, como será “encarnado” pelos restantes elementos da narrativa:

A dificuldade está em integrá-la [a ideia] num conjunto – personagens, ambiente, acção romanesca de base (episódios, pormenores descritivos, etc.). [...] A minha grande arma foi sempre a imaginação. Há livros que *imaginei* da primeira à última linha. (*CC 2*, 79)⁶⁸

⁶⁴ Situação semelhante à descrita por Carlos Reis e Rosário Milheiro a propósito de Eça de Queirós em *A Construção da Narrativa Queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, IN-CM, 1989. V. também as imagens de fólios do *dossier* genético publicados na nossa dissertação de mestrado. pp. 12, 121-122.

⁶⁵ “Cada palavra que se avança sobre outra palavra implica uma escolha infinita numa rede de caminhos. E é quase um milagre que se chegue ao fim, como quem faz uma travessia. Mas esta escolha alarga-se também ao tipo de situações, às evocações das personagens, ao ritmo do que vai sucedendo, à transposição dos ambientes, ao tipo de emotividade que fica bem *ali*, ao tom, ao delineamento e percurso do «espírito» que trespassa toda a obra. É um jogo infinito em que mil coisas estão envolvidas e que têm de se harmonizar umas com as outras. Ora não basta que um jogador saiba jogar. No fim de tudo, é a sorte que decide. E eu sinto que, já farta de me aturar, ela se está um pouco marimbando para mim...” (*CC2*, 320), (*CC2*, 247).

⁶⁶ V. tb. (*CCnsIII*, 78-79).

⁶⁷ V. tb. sobre a redacção do episódio do Lucinho de *Nítido nulo* (*CC1*, 35) e (*CC5*, 504).

⁶⁸ “Não consigo arrumar, disciplinar a matéria” (*CC1*, 314).

[...] se é certo que aos meus problemas os tentei dar no próprio núcleo dos romances, eles vivem largamente do confronto dialogal ou de meditação das personagens, vindo a alargá-los posteriormente ao próprio processo romanesco. (*EI 4*, 28)⁶⁹.

O escritor não revela apenas as categorias da narrativa, ironiza também acerca do seu trabalho “parcelar”. Vejamos alguns exemplos dessa interpelação ao leitor, os dois primeiros apontam a busca do título e do nome, respectivamente, e, por fim, a caracterização de uma personagem:

Que os deuses todos se compadeçam de mim, que isto é mesmo um inferno. A merdilhice de um título. E quanto sofrimento com essa ninharia. Para depois funcionar apenas como um rótulo da farmácia”. (*CC-ns I*, 100-101)

Críticos de lábia fácil, sabei que um simples nome tem já quase o peso e a tortura de um livro. Todo. Acaso o tereis já pensado? Pensai-o agora, que é verdade, e ainda ides a tempo”. (*CC-ns III*, 63-64)

Ia começar hoje o capítulo II do romance. Mas há que ir firmando os elementos estruturais e enquanto isso não se estabelece, o resto não anda. São muitas vezes coisas minúsculas de que o leitor e mesmo o sabichão do crítico não faz a mínima ideia. Por exemplo eu hoje emperrei, porque não sei se o director do jornal em que o narrador irá trabalhar, há-de ser gordo ou magro. Dir-se-á: que minhoquice. Não é”. (*CC 4*, 362).

Examinemos os papéis e os instrumentos de escrita utilizados durante cerca de 60 anos de produção artística. Quanto ao suporte de escrita, o autor utilizou, para a redacção propriamente dita, inicialmente folhas mais pequenas, de dimensão aproximada de 240x160mm, margens irregulares: “Viagem”, “A curva duma vida”, *O caminho fica longe, Onde tudo foi morrendo*⁷⁰. Em folhas com cerca de 270x210mm, onde é visível a marca de água “Grahams Bond Registered”, aparecem redigidos *Mudança*, *Manhã submersa* e *Cântico final*. *Para sempre* é redigido em folhas de máquina,⁷¹ medindo 297x210mm. É de referir que as folhas variam de dimensão, gramagem e textura, contudo é sempre papel sem pauta.

⁶⁹ V. tb. (*CC2*, 261).

⁷⁰ A edição deste romance está a cargo de Rosa Goulart e Isabel Cristina Rodrigues.

⁷¹ “Tirei uma folha de papel da pasta, uma destas folhas de máquina em que costumo escrever.” (*CC 4*, 335).

Os utensílios de escrita mais usados são a caneta de tinta permanente sobretudo de cor preta, mas também azul, verde, esferográfica vermelha, grafite. O lápis azul, lápis vermelho, este último de várias tonalidades, vermelho-alaranjado, vermelho-rosado e um outro cor-de-rosa aparecem nos momentos de revisitas aos manuscritos, a par dos instrumentos utilizados na redacção.

Na redacção da novela *A curva duma vida*, o autor utilizou tinta preta (duas tonalidades), azul (duas tonalidades), e além delas, tinta verde e grafite para emendas.

O romance que lhe segue, *Onde tudo foi morrendo*, apresenta o manuscrito (BNP Esp. E31/170) redigido, a verde, durante as férias grandes de Verão de 1942. No espólio, encontrámos redigidos com esta tinta, textos de género e dimensão diferentes, como uma versão do conto “O pai” de 1943 (BNP Esp. E31/556) e um rascunho de “A outra voz não morreu”, de cerca de 1942, cuja leitura é dificultada pela deterioração da tinta (BN Esp. E31/496). De igual modo, o escritor utiliza a tinta verde principalmente na capa de textos dactiloscritos, como, por exemplo, nos trabalhos de Faculdade, “Fases mais características da organização do ensino liceal português” (BNP Esp. E31/593), realizado no ano de estágio, em 1941, ou já em 1944, na capa do texto para a conferência “Arte literária moderna” (E31/589), realizada no Círculo Cultural do Algarve, em Faro.

Como pudemos verificar a partir do quadro “Cores da escrita”, apresentado no início deste trabalho, o manuscrito de *O caminho fica longe* é terreno onde confluem várias versões e diversos instrumentos de escrita. Além dos aspectos acima mencionados, o historial dos materiais de escrita e dos seus suportes é muito importante para conhecer a cronologia do romance em estudo. Concluimos que o autor usou como instrumento de redacção nos seus textos tinta preta e azul, destacando-se *Onde tudo foi morrendo*, que foi escrito a verde. Esta tinta aparece em campanhas de correcção e realização da folha de rosto de manuscritos e capas de trabalhos académicos. Pensamos que, em *O caminho fica longe*, a tinta verde pertence à última campanha de correcção, efectuada em 1942, durante a feitura do segundo romance.

Os manuscritos apresentam uma dinâmica também no que se refere à disposição da letra no espaço e no tempo, por exemplo, o manuscrito de *Para sempre* (BNP Esp. E31/440) apresenta-se escrito a tinta preta com entrelinhado muito apertado e caligrafia pequeníssima e serena.

Aquando do estudo do *dossier* genético de *Cântico final*, no capítulo “Cântico final entre os papéis de Vergílio Ferreira”, expusemos algumas passagens de *Contacorrente* em que o escritor interpela os materiais de escrita com a ironia que as suas páginas mostraram. Confrontámos o impresso e os respectivos fólhos dos manuscritos à procura de traços que comprovassem as afirmações proferidas, isto é, a tinta e o papel em que se disse. Em relação à escassez do papel utilizado para a redacção, referida em 24 de Março de 1980, “Acaba-se-me o papel (e o resto da capacidade de escrita, que se me esvai), conto um episódio.” (CC 3, 24), pudemos verificar que esta frase se encontra a seis linhas do fim do fol.6 do manuscrito (E31/468). De igual modo, Vergílio Ferreira tece comentários não só quanto à inviabilidade da tinta mas também ao próprio instrumento de escrita. A 25 de Janeiro de 1992, reclama “(O estupor da caneta está impraticável. E eu tenho de guardar o resto da farófia para outra altura.)” (CC ns IV, 21), sendo visível, no fl. 92 do manuscrito, a deficiência da tinta preta (E31/488). Conferimos a afirmação do dia 18 de Novembro de 1991, “(E esta merda de tinta azul que me deram - com que escrevo, quando eu pedi – comprei – tinta preta?)” (CC ns III, 241), com o manuscrito do diário e constatámos que usa azul nos (fols. 79-84), aparecendo a frase citada no fl. 80, e que, posteriormente, retoma a tinta preta (E31/488).

O instrumento interfere no traçado que desenha as letras. Indicamos um exemplo em que podemos observar, no manuscrito (E31/488), a alteração de caligrafia devida ao utensílio usado: pena de pato. Episódio narrado a 6 de Março de 1980 (CC 3, 18). Confrontando o manuscrito, comprovámos que, no fol. 5 e início do seguinte, a letra se ostenta gorda e a tinta mais carregada (E31/468).

Para Daniel Ferrer, “Toute l’expérience de la génétique prouve [...] que l’écriture interagit fortement avec son support”⁷². A regiana Isabel Cadete mostrou-nos a diferença entre o uso habitual de caneta de aparo e o uso de esferográfica em manuscritos autógrafos de José Régio, e a importância desta informação para a determinação do local, e até da data, de redacção dos documentos. Quando Régio escreve a esferográfica, torna-se a sua “caligrafia mais irregular, pequena e corrida”⁷³,

⁷² “Le matériel et le virtuel”, *Op. cit.*, p.17.

⁷³ “Breve incursão pelos Escritos de José Régio”, *boletim centro de estudos regianos*, 1997, nº1, pp. 21-24, p. 23.

sendo o traçado diferente do habitual. O uso da esferográfica é considerado pelo artista de forma depreciativa, apenas necessário por questões pragmáticas⁷⁴.

De modo semelhante, Ivo Castro, no livro *Editar Pessoa*, ao apresentar o manuscrito do “Guardador de Rebanhos” de Alberto Caeiro, arrola “5 canetas e 2 lápis” na execução de emendas, referindo que a cada utensílio corresponde uma variação de letra. Estes dados foram essenciais na classificação das diversas campanhas de correcção presentes no “Guardador de Rebanhos”⁷⁵.

Na primeira parte deste estudo, reflectimos sobre o tipo de emendas imediatas e meditas presentes no manuscrito de *O caminho fica longe*. Para a sua classificação, baseámo-nos em duas definições complementares: uma de Almuth Grésillon, para quem a espacialização da emenda é dado inequívoco, e outra de Alfredo Stussi que chama a atenção para a prática de escritores que utilizam o espaço interlinear (característico da emenda mediata) para efectuarem emendas em curso de escrita. O levantamento destas variantes no manuscrito não permitiu, até ao momento, inferir o que leva o escritor a usar os dois espaços. A justificação de que assim a distância entre os elementos da frase é anulada não é suficiente. Mas talvez a gestão do espaço da folha seja um factor a considerar. Esta característica é recorrente não apenas em fólhos a tinta como em fólhos dactiloscritos. Em fólho dactiloscrito, sempre com a folha na máquina, o autor cancela, com xxxx e na sobrelinha, sobre o elemento riscado, escreve o substituto. Vejamos alguns exemplos:

E o Ferraz <informou-se> [↑ **delicado**] informou-se logo da doença do Rui. [E31/9249, fol. 5]

Mas o que sobretudo <acontecia> [↑ **angustiava**] era aquela dor obscura [E31/172, fol. 7]

(Em versão dactiloscrita incompleta de *Onde tudo foi morrendo*, com data de 1962, para segunda edição).

O registo aparentemente indiferente de ambas as formas, encontramos-lo em muitos dos manuscritos de ficção do autor. Pudemos comprová-lo na primeira

⁷⁴ V. carta do poeta a Álvaro Salema, em 20 de Janeiro de 1969: “Meu caro Amigo, Desculpe-me a esferográfica: Escrevo-lhe estas linhas de um bar da Póvoa, onde a esferográfica tem de ser o instrumento de trabalho...”, *Ibidem*, p. 23.

⁷⁵ Veja-se “Para uma edição de O Guardador de Rebanhos (1981)”, *Editar Pessoa*, 63-70, pp. 66-67.

experiência ficcional *A curva duma vida*, novela redigida em 1938, no manuscrito *O caminho fica longe* e em outros textos mais tardios.

Também constatámos que, progressivamente, nos textos ficcionais, o autor utiliza cada vez menos o espaço junto à margem direita para terminar a frase debaixo da linha de escrita. Verificámos que esta situação ocorre geralmente no fim dos parágrafos. Podemos remeter para, além da apresentação de casos diversificados no nosso estudo, por exemplo, *Onde tudo foi morrendo*, fols. 92, 95, 103-105. Esta característica dos primeiros textos deixou de aparecer com tanta frequência nos últimos.

Em relação a indicações de trabalho registadas no manuscrito, em fase redaccional propriamente dita, também verificámos que há constância nos procedimentos efectuados. O uso do sublinhado como indicação de trabalho manifesta a procura da palavra certa por parte do artista, logo visa novas intervenções autorais, algumas são resolvidas posteriormente (cancelamento, substituição), outras permanecem assinaladas.

O caminho fica longe, por exemplo, quanto a assinalação de palavras para posterior escolha, destacamos alguns exemplos:

a) Cap. 2VI o[s] queixo[s] <matraqueava[m]> [↑ **batiam**] [fol. 110]

os queixos lhe **batiam** [p.147]

b) III Amélia andava encolhida <com> [n]um casaco <a>/v\elho aflando à tona do corpo.
[fol.21]

Amélia andava encolhida num casaco velho, **drapejando**. [p.32]

Aparecem também, ao longo da novela *A curva duma vida* (BNP Esp. E31/495), de 1938, várias palavras sublinhadas, algumas a tracejado, umas com o mesmo instrumento da redacção do texto, outras com materiais diferentes, umas continuam sem alteração, outras são emendadas.

c) <ir ver uma pessoa de família que adoeceu gravemente.> [↑ sair. Um caso de urgência...]
[fol. 11]

(sublinhado a tracejado feito a tinta preta e substituição a tinta verde)

d) Enlouqueceu > [↑ **Era doido**] [fol. 14]

(sublinhado a tracejado e substituição feitos a tinta verde)

Em *Onde tudo foi morrendo*, remetemos para palavras assinaladas nos fols. 20, 91, 99, 111, 115, 167.

Outro exemplo, desta vez do manuscrito *Mudança* (BNP Esp. E31/203):

e) “Pois Castro pensa pôr tudo em **pratos**.” [fol. 18]

(o autor acrescenta a nota circundada e com uma seta para a palavra destacada *linguagem de juíz?*)

Ou ainda de *Manhã submersa* (BNP Esp. E31/333), no capítulo VIII:

f) as mãos grossas no cabo do ~~guarda-sol~~ (?) ~~os dois chapéus~~ na cabeça [fol. 14]

(O autor sublinha a tracejado e acrescenta a interrogação, na mesma tinta preta da redacção, reforçando o carácter dúbio da expressão)

g) E por instantes um aroma de harmonia familiar penetrou-me o corpo todo, perfurou-me a alma de <riso> [↑ ternural].

(Sublinhado a preto, na mesma tinta da redacção, e cancelamento e substituição, a grafite, na entrelinha superior por *ternura*).

De igual modo, encontramos situações em que o autor escreve na entrelinha outra alternativa sem, contudo, anular a primeira lição. Quando se trata de inéditos cabe ao editor a responsabilidade de fixar o texto. Coube-nos, a mim e a Cátia Barroso, a decisão de fixar no corpo da novela a última lição, tendo em conta a cronologia relativa e a topografia das revisões, tomámos como base estes dois princípios apresentados por Ivo Castro em *Editar Pessoa* ⁷⁶. No entanto, a probabilidade de o autor ter escolhido esta não chega para fundamentar a nossa posição, pois, há casos em que o autor prefere a primeira versão às posteriores, como nos casos de retorno imediato. Arriscámos optando pela palavra que ocupa o espaço interlinear ou marginal e, para minorar o risco inerente a esta decisão, registámos todas em aparato. Nos casos que apresentamos de A

⁷⁶ Tomamos como base estes dois princípios apresentados por Ivo Castro em *Editar Pessoa*, p. 67.

curva duma vida (BNP Esp. E31/495), no primeiro, o autor decide-se pela alternativa, nos outros dois, deixou em aberto essa decisão⁷⁷:

a) <E> <e>/E\ u reparei na boca [↑ enorme] d<e>/o\ João cortada como a duma rã <e>/,\ onde <3>/t\ rês ou quatro dentes negros e desalinhados <punham> arranjavam uma expressão <chocha> [↑ (enxabida)]. [fol. 25]

(A palavra alternativa está escrita na mesma tinta azul do texto, posteriormente, a tinta preta, o autor cancela *chocha* e risca os parêntesis, substituindo-a por *enxabida*.)

b) <Nesse dia> <à>/À\ noite, <quando> a sós <m>/no\ meu quarto, enfiei-me tristonho nos frescos lençóis <de linho> [↑ e] quando, depois de soprar a vela, a <noite> [↑ treva] entrou, [↑ mais] <†>/negra\ do que na rua, <uma>/duas\ lágrima[s] borbulh<ou>/aram\ inquietas nos meus olhos (**negros**). [fol. 22]

(Fólio redigido a tinta azul. O autor acrescentou posteriormente, a tinta preta, os parêntesis a envolver o adjectivo *negros*, passando assim a uma lição alternativa.)

c) A criada acorreu azafamada [↑ pressurosa] e deitou-me água na cara. [fol. 6]

(Palavra sublinhada a tracejado com a mesma tinta verde da adição, Vergílio Ferreira mantém as duas.)

Do manuscrito de *O caminho fica longe* (BNP Esp. E31/9249), apresentamos duas situações:

a) <À>/N\ essa noite <com> <uma>/de\ [↑ <com uma>/com uma\] chuva miudinha, os dois saíram. [fol. 7]

(Em fólio dactiloscrito, o autor corrige a primeira palavra a tinta azul, em seguida, a verde, risca a preposição e sobrepõe a preposição *de* ao artigo indefinido, na entrelinha superior reescreve a lápis *com uma*, decalcada a tinta verde, mantendo assim as duas)

b) <C>/c\ igarros chupados às esquinas, [↑ as] ancas [fol. 65] papejando [↑ latejando?], [↑ <devoradas> [↑ gozadas] pelos] olhos [↑ gulosos dos] que as vêem. [fol. 64-65].

No testemunho D, fotocópia de exemplar da edição de *O caminho fica longe* (BNP Esp. E31/554), com emendas, o autor registou alternativas que também não resolveu, como, podemos ver:

⁷⁷ “Ao editar não resta senão escolher – porque tem de escolher *uma* lição para o seu texto – aquela alternativa que tenha sido escrita em último lugar, apesar de para o poeta todas as alternativas se apresentarem sincrónicas.” *Editar Pessoa*, p. 52

a) Que, se pensasse, não teria decerto rebentado em soluços, entalando a cabeça nas mãos pálidas e **expurgadas**. [↓ **esmagadas**] [fol. 31] .

Há marcas de supressão de texto isoladas ou aliadas à adição que foram posteriormente anuladas e reintegradas, como as que aparecem nos capítulos IX a XII da terceira parte de *O caminho fica longe*. Também constatamos que, por exemplo, no exemplar da 1ª edição de *Onde tudo foi morrendo* (Coimbra Ed.) com muitas emendas, o autor risca os dois primeiros parágrafos da páginas 1, e acrescenta posteriormente a indicação lateral esquerda *aproveitar* e, na p. 5, em situação semelhante, acrescenta do lado direito *Aproveitar alguma coisa* (BNP Esp. E31/171). De igual modo, no manuscrito de *Cântico final*, por exemplo, o autor utiliza a mesma técnica.

Ainda quanto às indicações de trabalho, todos os manuscrito revelam o registo de tópicos a desenvolver posteriormente, à semelhança de lembretes, umas vezes redigidos com o mesmo instrumento de escrita do texto, outras a grafite. São predominantemente frases nominais ou frases cujos verbos se encontram no modo imperativo ou infinitivo.

Na novela *A curva duma vida*, o jovem escritor anotou, a grafite, as seguintes orientações de trabalho: no fol. 32, entre a nona e a décima linhas, (*Abstracções +*) e no fol. 37, entre a sétima e a oitava linhas, (*Recordar a cena da Beira em imaginação*).

Em *O caminho fica longe*, verificámos várias indicações com estas características. Situam-se a ladear o número do capítulo, mas também aparecem no corpo do texto, por vezes, separadas por uma linha sinuosa.

Em *Onde tudo foi morrendo*, podemos exemplificar o seu uso como no cap. 12, fol. 28 (*As tentativas de cobranças de dívidas*); cap. 41 fol. 145 (*A Casa de Tomé arranjada por Mariana*).

Também em *Mudança* (BNP Esp. E31/203), podemos mencionar a indicação com os tópicos do cap. VII [*Berta pegajosa, ciumenta. Respeita a intel. do marido...*] [fol. 6] ou, ao lado de indicação de pausa de texto, [*Berta, no namoro, mal falava. Carlos gostava – dominava. depois mostrou-se não submissa. Fiscaliza...*], ou o fol. 7 que inclui várias indicações no texto.

E, no romance *Para sempre* (BNP Esp. E31/440), muitos capítulos possuem tópicos a desenvolver, por exemplo, a grafite: fol. 3, margem inferior, no fim do

capítulo III; 5 V, 6 VI, 7 VII, 11 XI, 15 XV, 19 XIX, 20 XX, 22 XXII, 23 XXIII, 24 XXIV, 25 XXV *Faro morte tia Joana*, 27 XXVII, 31 XXX (?), 32 XXXI (?), 33 XXII, 35 XXXIII, 36 XXXIV.

Mas esta característica não é exclusiva da ficção, pois os fólhos de *Escrever* e do *Diário* exibem-na. Os seus editores, respectivamente Helder Godinho e Fernanda Irene Fonseca, revelam-na, na descrição dos manuscritos:

O manuscrito apresenta uma característica curiosa. Várias folhas contém anotações, habitualmente oblíquas, a lápis, muitas vezes apagado mas de que se notam vestígios, frequentemente ilegíveis, que se destinavam a lembrar o autor do tema ou temas que deveria tratar a seguir. Em dois casos, essas anotações são a marcador azul (pág 2 – televisão) ou a esferográfica vermelha (p. 48 – [ou melhor dizendo...]), não sendo então oblíquos e aparecendo no canto inferior direito. Num terceiro caso, com a tinta preta do corpo do texto, escreveu feio (que depois riscou) no canto superior direito da pág. 55, antes do número de página. Isto mostra que estes pensamentos, embora soltos, tinham algum plano e que não foram sendo escritos ao acaso do seu surgimento.⁷⁸

Helder Godinho revela-nos que mesmo na escrita fragmentária deste livro de pensamentos há uma certa programação da escrita. Atitude semelhante encontramos nas palavras de Fernanda Irene Fonseca, a propósito da edição do *Diário inédito*.

Verifica-se, no diário de 1948-49, que são por vezes entrelinhadas, acima ou ao lado da data, indicações sobre tópicos a desenvolver. Alguns desses tópicos estão riscados, podendo presumir-se que o cancelamento foi feito depois de terem sido tratados (na mesma entrada ou em entradas seguintes). Estes registos, feitos sempre com letra muito pequena e quase sempre com a mesma tinta usada no corpo do texto, constituem uma espécie de «lembretes» e indiciam que havia algum planeamento na escrita do diário.⁷⁹

Mas a par destas indicações, existem anotações de outras naturezas. Em *Mudança* (BNP Esp. E31/203), o fol. 13 inclui a nota “Não esquecer a reflexão humana de Carlos sobre a sua atitude”, no canto superior direito.

A procura do nome para as personagens e o trajecto dessa escolha são elementos muito importantes para a classificação das emendas e dos testemunhos. Em relação a *O*

⁷⁸ “Nota editorial”, *Escrever*, (edição de Helder Godinho), Lisboa: Bertrand Editora 2001, 16-17.

⁷⁹ “Introdução”, *Op. cit.* p. 20.

caminho fica longe, verificamos que o nome de duas personagens foi alterado – de Ramiro Valadares para Vladimiro Calado e de Mário Cruz para António Cruz.

Quanto ao primeiro, pensamos que a mudança do nome da personagem terá sido efectuada aquando da reescrita do testemunho A, visto que a personagem apenas aparece em fólios sem alteração na sua numeração e redigidos a verde, tinta da última campanha de correcção. Existem no manuscrito três indicações de trabalho relevantes quanto ao nome da personagem, todas elas a tinta verde, já anteriormente transcritas em capítulos da segunda parte e que recuperamos no contexto actual: no capítulo V a indicação *Nota: <Todas> Substituir sempre Ramiro por Vladimiro* (fl. 104); no capítulo XIV a indicação *Nota: Substituir sempre Ramiro por Vladimiro* (fl. 136) e ainda a folha com anotações a tinta verde, a seguir à folha de rosto, sendo a primeira nota: *Substituir Ramiro por Vladimiro nos capítulos V e XIV*.

Também em relação à personagem António Cruz, existe, entre os fols. 95 e 96, no capítulo III da segunda parte, uma folha sem numeração, escrita a tinta verde, intitulada *Notas*, sendo a primeira *Substituir Mário Cruz por António Cruz. Referir o seu dandismo (chá das 5; menino bem, tendo sido a última frase acrescentada posteriormente; a 2ª *Dar mais cultura a Fernando* e a 3ª *Pôr Rui doente (tubercul?), para melhor se justificar o seu propósito suicida*.*

No manuscrito de *Manhã submersa*, a meio do fol. 31, em espaço deixado pelo diálogo, com lápis vermelho-laranja, o autor registou: *N.B. Substituir sempre Dr. Quim por Dr. Eduardo* e alguns fólios depois, fol. 37, capítulo XVI esta nota está reiterada, *Substituir Dr. Quim por Dr. Eduardo*, com seta para o nome já corrigido por sobreposição, a tinta. Em fragmento de folha com os *vexames*, inclui a indicação em letras maiores *Não é Dr. Quim é Dr. Eduardo* (BNP Esp. E31/333).

Por vezes é a procura do tom que leva o autor a anotar as indicações de trabalho, como em *Mudança* (BNP Esp. E31/203), no fol. 4, uma tentativa *Secar* e noutra tentativa, à direita do capítulo I, a lápis vermelho, *Mudar tudo para a 1ª pessoa até ao cap. X*⁸⁰.

Quanto ao tipo de emenda, predomina o cancelamento aliado à adição sobretudo na substituição de vocábulos, de frases ou de segmentos textuais mais extensos.

⁸⁰ V. por exemplo, durante a redacção de *Signo sinal*, o autor regista no diário a procura do tom certo (CCI, 268).

Pudemos verificar as seguintes campanhas de correcção com instrumentos diferentes: tinta preta, tinta azul (três tonalidades: escuro, claro e luminoso), lápis e tinta verde.

Constatámos que o percurso da criação, segundo o autor, fundamenta-se em: “Fabricar as ideias nas próprias palavras que se escrevem.” (CC 5, 385) e “Escrever é, pois, fundamentalmente, tentar esclarecer e fixar uma inquietação” (UEA, 187). Estes procedimentos parecem revelar, segundo um discurso argumentativo, o processo de tese, antítese e síntese, entre as várias afirmações, atitude que o próprio reconhece “Que vício o meu de reflectir e argumentar” (CC 5, 397)⁸¹.

Nos *dossiers* genéticos dos romances vergilianos encontramos material iconográfico de origem diversa, folhetos, mapas, fotografias, desenhos feitos por mãos alheias ou realizados pelo próprio Vergílio Ferreira como uma forma de registo rápida e sintética, como já mencionámos. Aquando do Colóquio em Gouveia, apresentámos uma comunicação intitulada “A génese do espaço na ficção de Vergílio Ferreira”⁸², onde tentámos reconstituir alguns segmentos descritivos, fazendo o percurso dos apontamentos recolhidos na observação directa, a sua contextualização até ao termo do texto impresso.

Um dos exemplos foi retirado do *dossier* genético de *Alegria breve*⁸³: fragmento de folha com 135x142mm e o fol. 21, com 217x210mm, ambos redigidos a tinta preta.

16- Fontanelas – Novº:	Sáimos de manhã, está um dia	Sáimos de manhã, está um
cogumelos, sombras húmidas,	bonito, plácido e doce. <No	dia bonito, plácido e doce.
caruma empapada, manhãs	chão da> [↑Vanda cerra] a	Vanda cerra a porta da casa
cheias de orvalho, teias de	porta da casa sobre si, cerra os	sobre si, cerra os olhos de
aranha no chão, rastilando,	olhos de prazer, aspira	prazer, aspira profundamente
um gato [↑ deslizando] colado	profundamente o aroma da	o aroma da terra. Aroma a
ao muro à caça de pássaros	terra. Aroma <de>/a\ pinheiros	pinheiros húmidos, a musgo,
(Outº?)	húmidos, <de>/a\ cogumelos.	a cogumelos. No chão da

⁸¹ Remetemos para a distinção entre pergunta e interrogação que Vergílio Ferreira assume em vários textos, principalmente nos ensaios publicados nos vários volumes de *Espaço do Invisível*.

⁸² A nossa reflexão está organizada a partir da 1- observação directa – anotação- contextualização – texto impresso, 2 – observação de imagens fixadas pelo olhar de terceiros, dando exemplos dos *dossiers* genéticos de *Alegria breve*, *Cântico final*, *Para sempre* e *Signo sinal*.

⁸³ O *dossier* genético de *Alegria breve* é composto por material preparatório: um conjunto de notas em suportes diversificados e de dimensões variadas, algumas com esquemas espaciais e de personagens (57 f.) (E31/ 290); um “comecilho” (8 f.); uma versão incompleta (32 f.) e o manuscrito completo (60 f.) (E31/294).

Musgo. magusto	No chão da mata o sol brilha.	mata o sol brilha. Escorre das
(BNP Esp. E31/290)	<p><Para> [↑ Escorre <líquido>] <n>/d\as ramadas, coalha [↑ aqui e além] em pequenos lagos. [↓ Líquida luz.] <À luz <nítida> [↑ <filtrada,>] <[↑ Suspensas,] as teias de aranha cintilam, [↑ <suspensas,>] [↓< à luz,>] nas pérolas de orvalho.> [fl. 22] Armadas pelo chão, teias de aranha cintilam nas gotas de orvalho. Ao alto dos pinheiros, na ponta das agulhas, outras gotas brilham na manhã. Festa de luzes<,>/.\ <radiação da alegria.> <No chão fofo> Caminhamos devagar pelo chão macio. Húmida, a caruma aviva-se num tom <róseo> avermelhado.</p>	<p>ramadas, coalha aqui e além em pequenos lagos, líquida luz. Armadas pelo chão, teias de aranha cintilam nas gotas de orvalho. Ao alto dos pinheiros, na ponta das agulhas, outras gotas brilham na manhã. Festa de luzes. Caminhamos devagar pelo chão macio. Húmida, a caruma aviva-se num tom avermelhado.⁸⁴ (SS, 122-123)</p>
	(BNP Esp. E31/294, fl. 21)	

Quanto ao primeiro, trata-se de uma anotação registada a partir de observação directa. Inclui a menção de local *Fontanelas* e de mês *Novº* e *Outº*. O autor vai registando notas respeitantes à flora e à fauna que observa. Neste documento, predominam grupos nominais, ausência de determinantes, sintaxe rudimentar e telegráfica e léxico do campo visual.

A contextualização da nota nº 16 implica certos procedimentos: reformulação de grupos nominais, inserção de preposições, verbos e indicadores espaciais (como advérbios). Mas é a colocação do olhar do narrador que estabelece as relações espaciais nos dois planos horizontal e vertical. O espaço aqui presente é um espaço construído a partir da anotação de aspectos observados e das emoções recriadas pelo autor e pelo

⁸⁴ *Signo sinal*. Lisboa: Bertrand, 1990, p. 122-123.

narrador na 1ª pessoa, é a sua cosmovisão. Os verbos que caracterizam a acção dos sujeitos são verbos de movimento: cerrar, sair e caminhar. Eles serão o motor para o leitor seguir esse olhar na deambulação pela paisagem exterior/interior. Nesta fase de contextualização das notas, podemos dizer que presenciamos o processo da descrição através do traçado da escrita: hesitações, riscados, emendas e acrescentos, i. é, o movimento contínuo da palavra à frase, e desta à palavra, como o próprio deixou expresso: “Cada palavra que se avança sobre outra palavra implica uma escolha infinita numa rede de caminhos” (CC2. p. 320).⁸⁵

2.2 As folhas de rosto dos romances

Tendo em conta a génese de *O caminho fica longe*, vários elementos demonstram a existência de outra folha de rosto que acompanharia a primeira versão do romance, apontamos as menções de data e de título, e a ilustração da folha de rosto.

- menção de data

Se não existe no texto a menção do início da sua redacção, apenas do fim 29-XII-1939 (fl. 199), como explicar a precisão dessa data *Coimbra 11-I /Melo 29-XII 1939* que integra a reescrita do fim do romance fixada no verso do último fólio (fl. 199v)? Por outro lado, é característico do escritor registar na folha de rosto o tempo da escrita do romance: o início e o fim, e, por vezes, mesmo as interrupções e retomas da escrita⁸⁶.

Podemos ainda questionar a exactidão da data final do romance corresponder ao termo da redacção do mesmo. Há alguns aspectos a considerar nesta reflexão. Observando o manuscrito, verificamos que o autor, ao substituir o final do romance redigido a tinta azul pelo texto a tinta verde, repete a data. Com base nos dados que temos vindo a referir, tal intervenção não foi efectuada no mesmo dia, provavelmente

⁸⁵ V. “Introdução” de *Diário inédito* em que Fernanda Irene Fonseca estabelece relação entre o texto diarístico e *Para sempre*, p. 33-36.

⁸⁶ Por exemplo, na folha de rosto do manuscrito *A curva duma vida*, o autor regista o tempo de redacção da novela. Trata-se da primeira incursão pelo mundo literário, é aí visível a fidelidade à primeira manifestação: na parte de cima e ao centro, o nome do autor, mais abaixo, as várias versões de título, e na margem inferior as menções de local e data de redacção. O registo do tempo da escrita é também fixado no interior do romance. Por exemplo, o manuscrito de *Manhã submersa* inclui no fol. 12, a ladear a indicação de capítulo, *Recomecei a escrever em Agosto de 1952* (BNP Esp. E31/333). De igual modo a folha de rosto de *Cântico final* exhibe as datas de escrita, interrupção e retoma da redacção do romance. Este tema exige por si só um estudo profundo, a partir das datas registadas nos fólhos dos manuscritos.

nem no mesmo mês, ou no mesmo ano. Pelo conhecimento que temos dos *dossiers* genéticos das outras obras vergilianas, aquela data corresponderá ao momento em que o escritor considerou como finda a redacção do romance, mesmo que tenha sofrido grandes alterações aquando da segunda edição, por exemplo. Remetemos para as profundas diferenças entre a primeira e a segunda edição do romance *Estrela Polar*, cuja data final permanece inalterada “7 de Junho de 1961”⁸⁷. Situação semelhante ocorre na relação temporal que se estabelece entre o manuscrito e o dactiloscrito. Poder-se-ia utilizar o argumento de serem outros a dactilografar os seus textos, logo o seu termo seria marcado pela redacção e não por emendas resultantes da distância que medeia a redacção e a leitura em letra de forma⁸⁸. Mas o mesmo se passa com aqueles que ele dactilografa, como *Em nome da terra* e *Na tua face*. Pensamos que o autor considera o fim da redacção do texto quando o enforma em letra miúda a tinta nas folhas lisas, todas das mesmas dimensões.

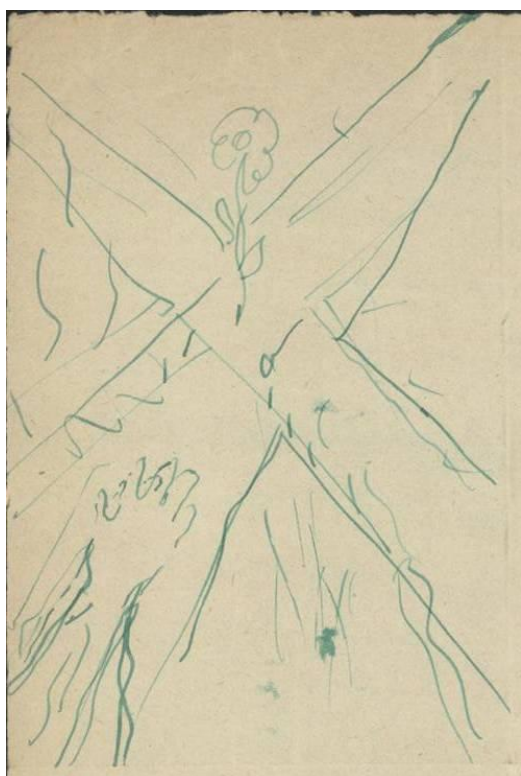
- menção de título e ilustração

A indicação anteriormente citada aquando da publicação do capítulo do romance, variando na preposição utilizada, *Sol do Deserto* e *Sol no Deserto*⁸⁹ (no primeiro, trata-se de um genitivo e, no outro, de um lugar onde) vem reforçar a nossa ideia da existência de outra folha de rosto. Ao reescrever o fim do romance talvez tenha alterado o título e a folha de rosto. O capítulo XIV do romance foi publicado, no nº 2 da *Via latina* de 15 de Abril de 1941, sem título, apenas com a indicação “um capítulo dum romance inédito” e com a autoria de Raul Mário, como já anteriormente mencionámos. Também os fólios dactiloscritos, que incluem indicações que se destinaram a publicação em periódico, no verso do último fólio, incluem o título riscado a tinta verde. Talvez possamos relacionar com a frase que posteriormente dirá em seu nome ou na fala das personagens que também escrevem ficção: “um título é a primeira coisa que se escreve e a última que se adopta.” Observemos as duas ilustrações que propomos:

⁸⁷ O *dossier* genético de *Estrela polar* inclui, além de folha de rosto de fragmento de versão datada de 10-Out.-959 e 15-Março-960, uma versão completa datada de 15-Março-1960, na folha de rosto, e 7 de Junho de 1961 (quarta-feira) às 17 horas, na última página, e fragmento de exemplar da 1ª edição (p. 65-144), com emendas e acrescentos em colagens para edição posterior.

⁸⁸ O estudo e edição dos *dossiers* genéticos contribuirão no futuro para o esclarecimento deste ponto.

⁸⁹ Remetemos para a descrição dos materiais realizada no início do presente estudo.



pormenor de folha dispersa E31/8702



folha de rosto do manuscrito E31/9249

Quanto à folha de rosto de *O caminho fica longe*, o centro do fólio tem desenhado, a tinta verde, um cruzamento de dois caminhos/ duas estradas com árvores desenhadas nas margens, sobreposto ao desenho de um sol, donde sai, do lado esquerdo, em direcção à margem superior, uma flor, e do centro superior direito um braço com uma mão aberta na diagonal apontando para a flor. No quarto esquerdo inferior, junto às margens, um esboço de auto-retrato cabeça flectida parecendo em acto de escrita. No quarto direito, inclui o título *O caminho/ fica longe.../ romance*. E, ao centro, junto da margem inferior, a menção *Coimbra*.

Como já mencionámos no capítulo da descrição dos testemunhos, existe no espólio uma folha que serviu de suporte a momentos de escrita diferentes e de natureza diversa⁹⁰, integrada no conjunto de apontamentos acondicionados em folha de papel pardo em forma de capa com os títulos: *Realismo e Naturalismo/Júlio Dinis/ Eça de*

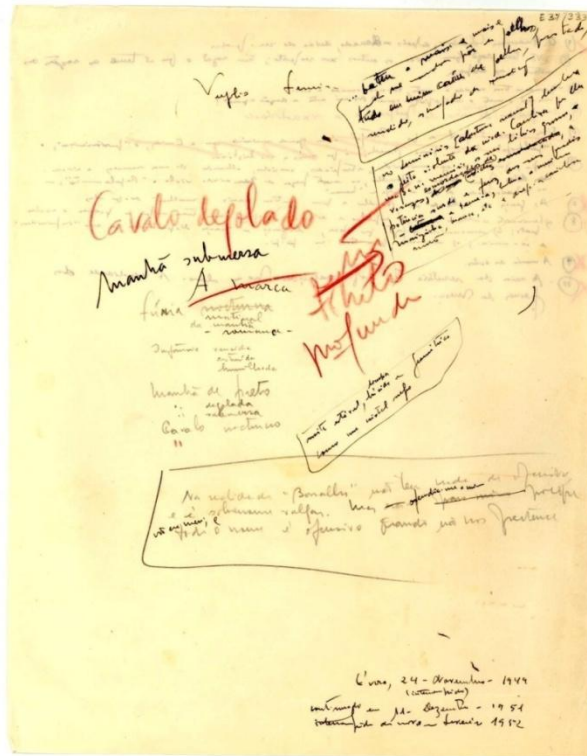
⁹⁰ Cf. descrição e transcrição deste testemunho p. 35 e p. 85 da edição.

Queirós/ Antero/ João Penha/ <Antº Nobre>/Ramalho\ outros (<Cesário>/ <Parnasianismo>, com a cota BNP Esp. E31/8702. Podemos ler na parte superior do fólio, a tinta verde, apontamentos intitulados *Hist. Das Conferências do Casino*. No verso, e com a folha disposta na horizontal, na metade direita, inclui frases em latim com várias hipóteses para o nome do autor interrogado, várias operações aritméticas e números. Apresenta ainda a indicação em baixo: *Biblos*. Além destes elementos descritos, o mais interessante para o presente trabalho, é que aquela inclui, no rectângulo esquerdo, em baixo, um desenho que foi feito com o fólio dobrado em quatro e que ousamos considerar como um estudo para a folha de rosto do manuscrito do romance *O caminho fica longe*. Como podemos observar na imagem da esquerda, está representado um cruzamento de caminhos ou estradas em X, em que, no sentido ascendente da esquerda para a direita, um braço com uma mão ocupa a estrada em direcção a uma flor desenhada mesmo no centro do cruzamento. Estes elementos são recuperados na ilustração da folha de rosto do romance: cruzamento de caminhos/estradas, o braço em direcção à flor situa-se no sentido oposto da outra imagem, isto é da margem superior direita para o centro.

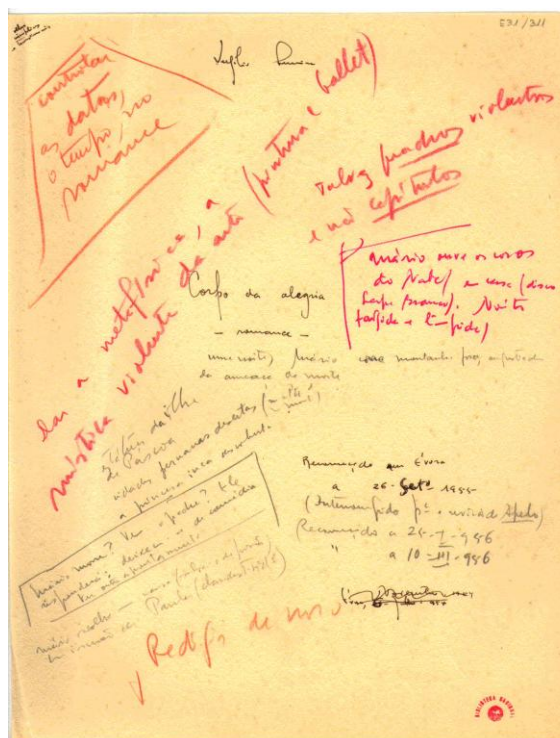
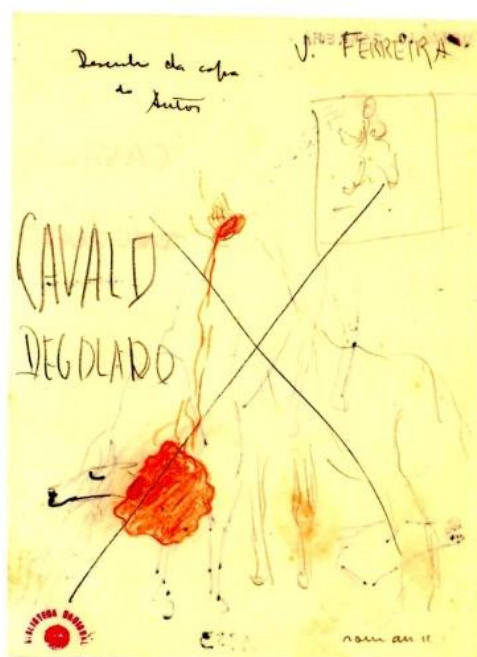
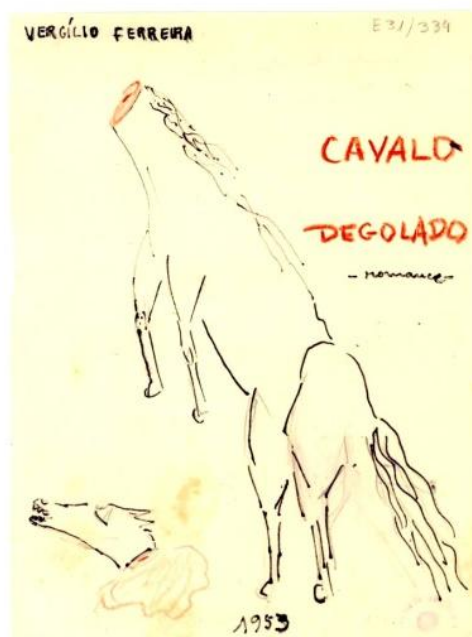
Além disso, ainda entre os apontamentos, encontrámos um fólio do manuscrito do romance com o início do <6>/5\ capítulo redigido a tinta verde e riscado com traço ondulado sobre o texto com lápis vermelho, aproveitando o seu verso para apontamentos intitulados *Garrett/ Herculano (e continuadores do romance histórico) / Castilho ____ João de Lemos/ João dos Passos/ Camilo/João de Deus*, em folha de papel pardo acastanhada, tendo os nomes Garrett, Herculano, Castilho, Camilo, a tinta azul, e acrescento a preto⁹¹ (BNP Esp.E31/8702). Entre estes papéis, há um fólio com sumários e apontamentos sobre Gil Vicente de Janeiro de 1942, a verde e com vestígios de dobra em quatro. Também o conjunto sobre Sá de Miranda tem fólio com verde, azul e preto, datado de 22 Janeiro de 42. O fólio sobre Renascimento, de 13 de Janeiro de 1942, contém registo com vários instrumentos de escrita (BNP Esp. E31/8702). Contamos com a existência do fólio, incluído outrora no manuscrito do romance, para reforçar a relação estabelecida entre as duas ilustrações. A reutilização do suporte está patente nos *dossiers* genéticos de outras obras. Na constituição dos respectivos *dossiers* genéticos encontramos material disseminado por entre os papéis.

⁹¹ Cf. descrição e transcrição deste testemunho.

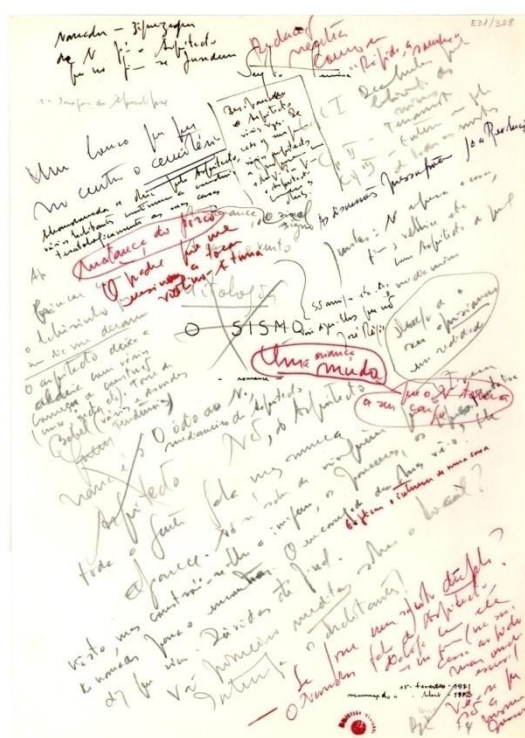
No espólio, existe um outro *dossier* genético em que o manuscrito tem folha de rosto ilustrada pelo autor. Trata-se de *Manhã submersa*, cujo projecto de edição foi impedido pela censura. As folhas de rosto que apresentamos de *Manhã submersa*, *Cântico final* e *Signo, sinal* contêm as características constantes da folha de rosto dos manuscritos de Vergílio Ferreira.



BNP Esp. E31/333



BNP Esp. E31/311



BNP Esp. E31/328

3. Socialização da escrita de *O caminho fica longe*

O estudo dos materiais do acervo, principalmente dos manuscritos do autor e da correspondência⁹², permite, além do contacto com os materiais da oficina do escritor, com a “fábrica dos textos”⁹³, onde podemos visualizar e estudar momentos do processo laborioso da escrita, reconhecer também a intervenção de outros na feitura dos textos vergilianos. Entre aqueles, salientam-se os amigos, principalmente, os dactilógrafos, os revisores, os editores e, sobretudo, o lápis da censura. Sendo *O caminho fica longe* o primeiro livro do autor publicado, a intervenção destes elementos adquire um acréscimo de importância em relação à produção posterior.

Podemos confirmar como a opinião dos outros, dos amigos, dos leitores, em geral, mas, sobretudo dos confrades, é importante para o escritor, pelos episódios que relata no diário:

E eu fico desesperado, porque só pela opinião dos outros vou valorizando uma opinião. [...] Mas só depois de alguns anos, quando lido a frio, eu sei realmente o que ele é para mim. Até lá, vou-me guiando pelas reacções dos leitores.” (CC 4, 471)⁹⁴;

Aguardo intensamente que os amigos me falem do *Para Sempre*. Nada. (CC 4, 467);

Telefona-me um leitor desconhecido a agradecer-me o *Para Sempre*. [...] Porque é este o mais alto destino de uma obra de arte: abrir caminho por uma multidão desconhecida e ir atingir alguém que não sabemos e falar-lhe ao mais íntimo de si com o máximo de nós. (CC 4, 465);

O Lúcio está a ler em dactilografado o meu *Em Nome da Terra*. Diz que está gostar muito. Mas o que mais me agradou foi dizer-me que durante a leitura vai ficando com mais amor à vida. (CCns II, 106).

Na entrada de 18 de Março de 1949, Vergílio Ferreira conta as críticas que Fernando Namora, à data viviam ambos no Alentejo, lhe faz e a sua reacção:

⁹² O epistolário é constituído basicamente por cartas recebidas.

⁹³ Título de livro de Luís Fagundes Duarte e expressão também usada por Pierre-Marc de Biasi: “[...] ces documents existent et constituent bel et bien la fabrique du texte” em “Qu’est-ce qu’un brouillon?”, *Pourquoi la critique génétique? méthodes, théories*, Paris, CNRS, 1998, p. 57.

⁹⁴ V. tb. (CC4, 257).

O meu amigo Namora, que também tem o vício da pena, quando entrego ao seu juízo a minha prosa, escacha-me. Sem dó, sem timidez, sem pudor. (...)

Ora bem. Hoje o N. leu «O encontro», dos *Contos e Novelas* e gostou. Gostou, de dentro. Que era do melhor que me tinha lido.

Pois, senhores, valeu a pena ter-lhe ouvido duras. Soube-me a canja esta migalha de apreço. Depois de uns milhares de páginas escritas, o elogio de duas dúzias, assim aberto, declarado, anima. Reli o conto três vezes.” (*Diário*, p. 144).

Há um vasto manancial de informação no epistolário existente no acervo do escritor que deixa antever os cruzamentos de conhecimentos que as investigações dos papéis vão desvendando. A correspondência contém elementos importantíssimos para a datação e interpretação dos materiais pertencentes aos *dossiers* genéticos das obras, como podemos comprovar pelo exemplo que se segue. Nas cartas recebidas, encontra-se também a voz de Vergílio Ferreira em eco, em críticas, análises e estudos das obras do escritor. Nesta área, pensamos que são privilegiados Mariberta Carvalhal (30, 1957-1995), Francisco Costa Marques (167, 1943-1991), Mário de Sacramento (47 documentos, 1952-1968), Lima de Freitas (54, 1947-1980), Resende (80, 1954-1996), Eduíno de Jesus (14, 1958-1984), Cochofel (18, 1951-1970), Serafim Ferreira (81, 1960-1995), Eduardo Lourenço (256, 1955-1995), entre outros. Vejamos apenas alguns breves exemplos.

Mariberta Garcia, colega dos tempos de Coimbra, leu o manuscrito do romance *O caminho fica longe* em primeiro lugar e dá conta da intervenção do editor naquela obra, aquando da sua comunicação emocionada “Vergílio Ferreira – o real e o mito”, na homenagem dos cinquenta anos de vida literária do escritor. Vejamos o seguinte excerto:

E foi então que o Vergílio me colocou em mãos a primeira parte do manuscrito que iria ser o seu primeiro romance – *O caminho fica longe* – para que eu lhe desse a minha opinião. Pena que esse manuscrito que, quando completo o livro, ele ofereceu a um colega e velho amigo, infelizmente já falecido, não tenha sido, até ao momento, obtido, apesar dos nossos esforços,

pois poderia dar margem a estudo o confronto entre ele e o romance publicado que, segundo informação do Autor, sofreu qualquer alteração na parte final em relação a esse manuscrito.⁹⁵

Felizmente, e como já narrámos no início deste capítulo do nosso estudo, o manuscrito integra o espólio de Vergílio Ferreira na Biblioteca Nacional, graças à doação dos herdeiros desse amigo desde os tempos de Coimbra.

Francisco Costa Marques vai tecendo, ao longo do epistolário, compreendendo o período de 1943 a 1991, algumas considerações acerca da produção artística de Vergílio Ferreira, incentivando-o, aconselhando-o. A propósito do romance *Onde Tudo Foi Morrendo*, o amigo coimbrão, em carta de 3 de Abril de 1944, diz:

Sabes tocar a realidade crua com a asa do sonho, que faz a sublimação da arte e cria uma atmosfera de compreensão íntima e profunda. (E31/5592).

Em carta de 13 de Março de 1943, dera-lhe alguns conselhos, quanto à publicação de *O caminho fica longe*, face aos problemas editoriais que o escritor enfrentava, de que apresentámos um excerto, algumas páginas atrás.

E destacamos ainda a carta de 20 de Dezembro de 1949 (E31/5642), em que fala de *Mudança*, livro que lhe é dedicado. As cartas de Costa Marques ao escritor são de uma riqueza documental única, pelos assuntos tratados, pelos elementos fornecidos quanto à génese de diversas obras vergilianas, pelos livros recomendados e encomendados em Coimbra, pelas informações bibliográficas e fichas de leitura enviadas, donde destacamos a informação sobre o pseudónimo, tema que interessava Vergílio Ferreira, como vimos anteriormente. Por exemplo, em carta de 1/XI/47, faz referência a obras para Francisco Costa Marques comprar e para requisitar na biblioteca. Destacam-se os autores: Sartre, Espinosa, Hegel, Lucrecio.

Mas Vergílio Ferreira também analisa os textos críticos do amigo:

Sobre os teus reparos: (...)

Enfim, de qualquer modo, muito útil me é o que dizes, porque de futuro pensarei mais no caso. É possível que se não fosse a obrigação da concisão da nota, tivesse sido mais claro e eu me aproximasse mais do teu pensamento. (BNP Esp. E31/5584).

⁹⁵ Mariberta Carvalhal Garcia, *Op. Cit.*, p.258. Existe no espólio uma versão do texto da comunicação enviada ao escritor a que nos referimos anteriormente.

Transcrevemos em seguida a carta de Francisco Costa Marques a Vergílio Ferreira de 13 de Março de 1943 porque é revelador da crítica do amigo em relação à produção artística de Vergílio Ferreira, mas o maior contributo para este trabalho prende-se com o facto de, até ao momento, ser o único eco da leitura de documento do processo genético de *O caminho fica longe*.

(...) Originalíssima é essa vontade de ouvires a minha opinião sobre a futura edição do teu romance, quando afirmas que ela nada irá decidir em ti. Valha-me, ao menos isso, porque assim poderei dizer o que me aprouver. Mas a verdade é que muito pouco te posso dizer.

Quando há dois anos me passaste o original do teu romance, pediste-me apenas que... anotasse os erros de ortografia do dactilógrafo. Foi o que fiz – talvez com não muita consciência. Não atentei demoradamente no romance nem tomei nota das minhas reacções e reflexões, porque tu o não desejava. A dois anos de distância é, pois, impossível fazer uma apreciação segura. Mas lá vão, a título de quem não está certo do que diz (e aqui é que está a minha sinceridade elevada ao máximo...), as recordações que conservo da sua leitura – leitura que fiz há dois anos e que deve estar agora desactualizada, em razão dos acrescentamentos e substituições que fizeste no original. Mas eu falo de um romance que li há dois anos...

Ora êsse romance, visto no campo puramente literário (que me parece ser o único que te interessa) era verdadeiramente publicável. Tinha, é certo, aquilo a que tu agora chamas ingenuidades e puerilidades. Tinha nítidas desigualdades de plano. Tinha inverosimilhança humana num ou noutro passo (sem lhe faltar, no entanto, unidade lógica), que resultava de falta de experiência sentimental do romancista ou de visão unilateral. Havia nêle certa incompreensão de episódios sentimentais ou, pelo menos, uma observação do sentimento que, dadas as circunstâncias da acção, se me afigurava pouco compreensiva da parte do romancista. A mãe de Rui era uma figura muito mal tratada...

Mas em muitos outros passos tinha inteira verdade psicológica. As figuras principais estavam bem desenhadas. A acção, às vezes frouxa, por diluída em saboroso lirismo (daquele lirismo que deve fazer parte dos romances porque é também uma parte da realidade) era bem conduzida, com certa rapidez cinematográfica. O diálogo quasi sempre bem travado, com um vago timbre queiroziano, que agradava. O estilo era sobretudo vivo e pinturesco, com imagens por vezes inteiramente novas e, muitas outras, sugestivas e absolutamente expressivas. Era talvez o que de mais inédito havia no romance. O tema não era novo, mas estava enquadrado num ambiente diferente do que é corrente entre nós. Êsse ambiente talvez precisasse de mais algumas pinceladas.

O principal defeito da obra estaria na desigualdade do tratamento das figuras: as principais tinham verdadeira vida humana; as secundárias, embora ninguém esperasse delas uma actuação tão complexa e extensa, não tinham, porém, o mesmo carácter de realidade. Eram apenas reais pela caricatura, aliás bem feita. Num romance satírico estavam a matar; mas naquele constituíam certa desigualdade estética. Em resumo, as figuras do romance não tinham o mesmo tratamento, não eram vistas através do mesmo prisma. Para umas havia uma pronunciada simpatia do autor; para outras havia uma incompreensão afectiva. A umas, via-as por fora e por dentro; a outras, só as notava nos seus aspectos mecânicos, exteriores.

O que eu não posso é citar de memória os passos que provocaram estas reflexões. Mas o autor, êsse definia-se perfeitamente. Qualidades e defeitos faziam do romance alguma coisa de diferente do que estou habituado a ler. Com reminiscências do lado A ou B, o certo é que o autor era êle próprio – o que para um romancista é muitíssimo. A obra não seria já uma ótima

realização; mas era, evidentemente, uma nítida afirmação. Logo, a obra, vista apenas no campo literário, merecia, devia, ganharia em ser publicada.

Se pensarmos, porém, nos efeitos prováveis dessa obra, se quisermos entender por arte educativa, não a arte dirigida, mas a arte que resulta de uma compreensão espiritualista e otimista da vida, de uma filosofia que tem uma certeza (seja elas qual fôr), essa obra não seria educativa, neste sentido de que não vinha trazer uma qualquer inspiração, um qualquer acréscimo de vontade de viver. Era derrotista, nela, por ela, e para os outros. Sem que se possa atribuir ao seu autor qualquer segunda e encoberta intenção, a obra talvez fôsse tida por alguns como vinda do lado do que não é aconselhável e talvez, por isso mesmo, atemorizasse os tímidos... como eu, e os timoratas... como há muitos.

Eis aqui o que se chama cumprir a ingrata e inglória missão de “retardador”. Desta vez foi-me mais fácil porque, como confessas, nenhuma influência terão as minhas palavras em qualquer decisão tua. Na consideração da obrigação moral que te cabe de seres ou não seres um homem socialmente benéfico, também não quero intervir. Mas o que posso é confirmar, com as minhas suspeitas, as tuas suspeitas de que será mais conveniente publicares a obra com um pseudónimo diferente do que tens usado, um pseudónimo que cheire a nome de pessoa. Mas, quanto a publicares ou não publicares o romance, isso depende de outras considerações, que não as da reacção dos Snrs. Eruditos. Esses não merecem sequer entrar na resolução do problema. Deves realizar-te como és e como te sentes e julgas dever ser, e não como eles desejariam que fôsses.

Com isto dou por finda as considerações dêste penoso e grato ofício de amigo que nem sequer aspira a ser ouvido. Basta-me que nisto vejas apenas mais um sinal do que é o amigo de sempre.” (BNP Esp. E31/5586).

Apesar de não termos acesso às cartas enviadas por Vergílio Ferreira, inferimos a sua voz que conduziu à missiva de 16 Agosto:

Outra coisa: estou com interêsse em reler (vamos lá) o teu primeiro romance, não para estabelecer confrontos de técnicas ou de temas, claro está. Mas para ver se no teu campo realizaste mais ou menos do que estes de quem a pausa ao longe soa. Renovaste-te na produção ulterior? Pois muito bem! Depois veremos isso. Agora quero ver apenas se êsses tais retoques de pormenor desfizeram as sombras do quadro que li há dois anos. E se essas figuras secundárias (Rui é figura principal) perderam o seu ar de caricaturas psicológicas. (BNP Esp. E31/5587).

Pelo estudo dos materiais do acervo, verificámos a interferência de outro amigo na realização da obra vergiliana. Em carta de 17 de Novembro de 1952, Mário Sacramento dirige-se a Vergílio Ferreira, agradecendo o envio de romance: “lembrança de me enviar o seu original que aguardo com o maior interesse.” (E31/7439). E, na epístola seguinte, de 24 de Novembro/Dezembro, critica o romance aguardado, “Vale Silencioso”, donde destacamos o fragmento:

Nada afasta mais o homem dos valores espirituais do que a preocupação obsessiva do espiritual... Nesta redacção (que eu quero considerar «primeira») do seu romance V. denota-se; eu desejaria que agora, em «segunda», o construisse. Mas quero crer que só possa fazê-lo depois de definir claramente a sua própria posição em face dos problemas... que a circunstância de ter escrito o romance já confirma não ser (não poderá ser) a do ... Vale-do-silêncio... (E31/7440).

Após as sugestões, o autor refaz o romance. Existe no espólio de Vergílio Ferreira o manuscrito com várias versões de título: "Crise", "Círculo de Fogo", "A Potência do Intelectual", "Crise: romance", "A Estrada do Silêncio", "Vale do Silêncio", "Vencidos da Hora" e, riscados, "Filtro (?) [sic]", "Círculo de Fogo" e "Anel de Fogo, datado de 1949-1951 (BN Esp. E31/185) conjunto de apontamentos e notas (BN Esp. E31/186-187), e um outro, cuja folha de rosto contém a data de "1954" e a nota autógrafa "Original do que modifiquei na última versão de «Apelo da noite» (BNP Esp. E31/282). Há ainda que contemplar na organização do *dossier* genético, entre outras peças, a versão dactiloscrita que se encontra no espólio de Luís Amaro.⁹⁶

Mas a influência de Vergílio no pensamento e na escrita de Mário Sacramento também está documentada, como, por exemplo, no seguinte excerto de carta deste, aquando da publicação do livro:

[...] dediquei-lhe o livro, dado que ele em grande parte resultou da nossa correspondência em volta do assunto. (E31/7448).

Um outro interveniente na feitura do texto é o **dactilógrafo**, além dos erros inerentes à acção, acresce que a letra de Vergílio Ferreira é difícil de decifrar. Vergílio Ferreira teve um dactilógrafo, João Ferreira, desde os tempos de Évora, e, mais recentemente, Serafim Ferreira dactilografou a nova série do diário, o romance *Até ao Fim* e o livro póstumo *Escrever*. Vergílio dactilografou *Em nome da terra*, *Na tua face* e *Pensar*.

Pensamos que a reflexão que fizemos na dissertação de mestrado é clara quanto às implicações na fixação do texto quando uma obra é dactilografada pelo próprio ou por terceiros. Em 19 de Agosto de 1981, o autor dá-nos conta dessas situações:

⁹⁶ Mário de Sacramento em carta de 16/XI/56 critica Mudança (E31/7745) e em 7/VI/59 dá conselhos para a realização do romance e não de conto (E31/7459).

O Sr. António João Ferreira, de Évora, meu dactilógrafo há mais de trinta anos, continua a pregar-me partidas. Lê mal uma palavra, mas a que escreve faz sentido – e aí fica ele a colaborar comigo na escrita dos livros. Houve uma em *Cântico Final* que colaborou várias edições. desta vez foi a Regina que me chamou a atenção. No segundo volume desta *Conta-Corrente*, p. 59, diz-se que o helicóptero em que fomos à guarda se abasteceu de gasolina em Tomar. Foi em Tancos. É favor emendarem. Não quero falsificar a História. Já bastam as falsificações dos outros. (CC 3, 386-387)⁹⁷.

A intervenção consciente ou inconsciente do dactilógrafo prende-se muitas vezes com a dificuldade da decifração da caligrafia do autor ou ainda com a contingência da actividade de “copista”, como atrás referimos⁹⁸. Visto que o autor confessa em vários sítios o facto de só ler o texto depois de dactilografado, e de não o cotejar com o manuscrito, muitas vezes, será difícil dar-se conta da introdução de palavras pelo dactilógrafo. Podemos, no entanto, apontar que a edição crítico-genética deverá, ou melhor, poderá dar conta deste fenómeno se conseguirmos recuperar o dactiloscrito de forma a termos presente o maior número possível de documentos do *dossier* genético do romance.

Aquando do estudo de *Cântico final*⁹⁹, detivemo-nos na experiência de ser o próprio autor, Vergílio Ferreira, a dactilografar os seus textos: *Em nome da terra* e *Na tua face* (e ainda *Pensar*). E assistimos à árdua tarefa, caracterizada como condenação, que demorou cerca de um mês a realizar (CCns II, 16-17). Caracteriza esse momento: “copiar, todavia que revelação” (CCns III, 157)¹⁰⁰. Perante o surgimento dessa nova etapa na construção do texto, Vergílio Ferreira redige o *Na tua face* contemplando-a, sendo o momento de dactilografar o romance mais uma fase de maturação do processo de escrita.

Além dos intervenientes que temos vindo a apontar, há que ter em conta a Censura, em Portugal. A sua existência, até ao 25 de Abril de 1974, interfere na literatura e demais artes, a vários níveis; não só no que diz respeito à criação artística,

⁹⁷ V. tb. (CC 3, 343). Entre os fols. 40 e 41 do manuscrito de *Estrela polar*, existe um fragmento de folha em autógrafo do dactilógrafo: “Na página e – 19ª linha vai um espaço em branco porque não consegui compreender a palavra.” (BNP Esp. E31/288).

⁹⁸ Em Janeiro de 1984, quando se encontra sem dactilógrafo, o escritor desabafa: “[...] Nunca tinha pensado que a minha letra era um muro. Mas é. Atiro contra ele o que tenho a dizer, mas depois ninguém me entende. Até aqui, havia, como disse, o senhor Ferreira de Évora para ir abrindo brechas no muro.” (CC 5, 16).

⁹⁹ *Op. cit.*, pp. 37-47.

¹⁰⁰ V. tb. (CCns II, 387-388).

reprimindo a liberdade do autor e do editor, mas também na recepção da obra. Cândido de Azevedo, nos seus livros, resultantes de longas pesquisas documentais e estudos, *O Lápis Azul, Mutiladas e Proibidas*, revela-nos testemunhos dos censores assim como passos de obras censuradas.

Vergílio Ferreira, em *Um Escritor Apresenta-se*, aponta, todavia, um contributo positivo da Censura ao afirmar que a falta de liberdade levou os escritores a aprofundarem a linguagem de forma a transmitirem a mensagem desejada. Daí a seguinte aceção do escritor “ganhou-se subtileza de escrita” (UEA, 27)¹⁰¹.

Um outro interveniente na vida do texto, e de não menos importância, porque também ele pressionado pela Censura, é o **editor**. Vergílio Ferreira relata, no seu diário, alguns episódios referentes a este assunto, outras vezes deixa anotações nos textos de forma a transmitir o testemunho para os tempos futuros. Porém, no espólio, sobretudo nas cartas recebidas, é visível esse compromisso entre todos os elementos presentes na realização e publicação de uma obra. Passamos a mencionar alguns exemplos da sua relação com os editores.

Quanto a Luís Amaro, Vergílio Ferreira tece, no diário, vários elogios à sua intervenção, quanto à preservação de manuscritos e de provas tipográficas. E como já mencionámos, graças à atitude deste revisor e também amigo, é possível recuperar parte de peças documentais para a reconstrução dos *dossiers* dos romances de Vergílio Ferreira. Luís Amaro tem vindo a doar materiais à Biblioteca Nacional. Não será talvez exagero se alargarmos a importância dessa generosidade ao contributo para melhor conhecimento e enriquecimento do património literário e cultural¹⁰². Apresentamos excerto de carta de Luís Amaro ao escritor:

[...] Perdoe-me, que a intenção foi dupla: «colaborar» com o escritor amigo e admirável (os revisores não servem só para caçar gralhas, embora seja essa a sua função essencial e tantas vezes não cumprida cabalmente...) e ganhar tempo na composição do número (atrasado, como desde há um ano!) (BNP Esp. E31/2097).

¹⁰¹ Testemunho semelhante encontramos no diário (CC2, 139) e também nas cartas de Francisco Costa Marques.

¹⁰² Cf. (CC-ns II, pp. 31-32, 66-67 e 96).

No que diz respeito à reacção do editor ao título, apresentamos alguns exemplos dessa autoridade, nos casos apresentados, o primeiro à revelia do autor e no segundo como sugestão.

O exemplar da primeira edição de *Interrogação ao destino*, Malraux com o título *André Malraux: interrogação ao destino* com intervenções apresenta a seguinte nota autógrafa “emendado pela editora sem minha autorização” (BNP Esp. E31/197)¹⁰³.

Aquando do estudo do *dossier* genético de *Cântico Final*¹⁰⁴, pudemos perceber as circunstâncias da alteração do título “Corpo de alegria” e a ausência dessa lição na folha de rosto da versão completa e no conjunto de anotações preparatórias. Este romance é sempre identificado com o título “Corpo da alegria”. Vergílio Ferreira publicou um excerto do romance no *Comércio do Porto*, em 13 Março de 1956, com a indicação do título “Corpo da alegria (De um romance em preparação)”. O romance fora já anunciado, em 1957, na contra-capa da 1ª edição do livro de ensaios *Do Mundo Original* como “Corpo da alegria – romance (no prelo)” (*DMO*, 4) e referido no texto (*DMO*, 12,13). Além disso, a folha de rosto da versão completa do romance contém o título “Corpo da alegria, o novo título encontra-se em cartão dactiloscrito “Original do romance “Cântico Final” (E31/312). No entanto, não foi publicado com este título, porque, segundo carta de Tomás Ribas ao escritor, de 30 de Outubro de 1957, o editor sugeriu que fosse alterado:

[...] Embora eu oriente a colecção a verdade é que o editor, pessoa aliás culta, de bom gosto e inteligente é que se pronuncia em última análise. Tomei a liberdade de dar a ler ao Dr. Figueiredo de Magalhães, o proprietário da «Ulisseia», os seus dois romances; aliás, teve na mão dele. Ele seleccionou o «Corpo da Alegria» e gostaria de o publicar em Janeiro de 1958, caso V. estivesse de acordo nisso e em alterar o título. (Pessoalmente, devo dizer-lhe que gosto do título, isso o disse ao editor). (E31/7229).

¹⁰³ Cf. Reprodução da folha de rosto no *Catálogo do Inventário*. Por exemplo, no diário, o autor refere uma situação semelhante em relação ao título de Conta-corrente: “Uma outra coisa que vim encontrar foi que não era fácil substituir em Conta-corrente a numeração árabe da capa para cada volume. Mas já com os romances. Eu pus para os capítulos numeração romana. O Luís Durand, o capista, aplica-lhe sempre anumeração árabe. Não gosto destes números. Não têm elegância. São todos aleijados ou gordos. O 2, o 3, o 5, o 6, o 9, o 0 têm todos barriga. E os outros são quebrados da espinha. Os romanos, não. São direitos, elegantes, ginasticados, prontos a entrarem em combate militar.” (*CC3*, 262).

¹⁰⁴ *Op. cit.*, p101.

Figueiredo de Magalhães, em carta de 5 de Novembro de 1957, como representante da “Editora Ulisseia”, reporta-se ao romance, com o título *Cântico Final*:

[...] Cumpre-nos comunicar que a entrega do original “Cântico Final” poderá ser feita em meados do próximo mês de Janeiro, dando assim mais tempo para a revisão que V. Ex.a se propõe fazer. (BNP Esp. E31/5547).

Podemos ainda mencionar duas epístolas de Taborda de Vasconcelos que fazem referência à alteração do título (E31/8412 e (E31/8413), quando prepara o estudo dedicado à obra de Vergílio Ferreira e que viu a luz com o título “Da interrogação e do alarme”¹⁰⁵. Parece-nos que terá lido os romances inéditos *Apelo da Noite* e *Cântico Final*, Nesse estudo, refere “Apelo da Noite”¹⁰⁶, (ainda inédito)” e “«Cântico Final»”¹⁰⁷, no primeiro caso, lera a última versão, cuja menção de título já está fixada, no segundo, lera o romance antes da alteração sugerida pelo editor. A alteração do título do romance deve ter sucedido no mês de Outubro, tempo que medeia as duas epístolas da editora atrás citadas, 30 de Outubro e 5 de Novembro de 1957. Vergílio Ferreira alterou o título, a nosso ver, com substancial enriquecimento musical e imagético. Em 1954, o autor escrevera um ensaio intitulado “Cântico Final” (E31/491) e que publicou no nº139 de Abril da revista *Vértice* cuja temática se aproxima do romance. Aí encontramos explicação para este título¹⁰⁸:

Grande dificuldade em encontrar editor para a obra, principalmente quando se é jovem.

De todos os livros, estamos em crer que o primeiro romance deverá ser aquele em que a interferência do editor e do censor é maior. Atentemos também na indignação presente nas palavras do autor, ao referir-se a *O caminho fica longe*, em 1970, na seguinte passagem diarística:

Passada uma vista de olhos accidental pelo meu primeiro livro, *O caminho fica longe*. [...] Eliminadas as bossas líricas (péssimas) do romance, **recompostos certos desarranjos de**

¹⁰⁵ *Tempo Dividido: temas literários*, Porto, Porto Ed., [1958], pp. 46-62.

¹⁰⁶ Idem, p. 56.

¹⁰⁷ Idem, p. 59.

¹⁰⁸ Cf. o ensaio foi inserido na segunda edição de *Do Mundo Original*, pp.55-63, p. 62.

expressão (alguns da responsabilidade do revisor que me alterou o texto!), o livro é capaz de ser funcionável como primeiro livro. (*CC I*, 78).

Uma vez que não foi possível recuperar a versão enviada à tipografia nem qualquer prova tipográfica do romance, o nosso estudo apenas se baseia na colação documentos, será de momento impossível perceber essa interferência do editor: situá-la e identificá-la.

O primeiro livro foi apreendido pela censura e em circunstâncias desagradáveis: tenho um exemplar dos cortes feitos, com o cuidado que se teve em inutilizar todos os cadernos do livro. Se tivesse sido num ou dois, havia a hipótese de os substituir. Mas todos os cadernos foram tocados. E o livro ficou inutilizado¹⁰⁹. O resultado foi que o editor, para não reeditar o livro, com toda a despesa inerente, para além de ser uma obra problemática por se tratar da estreia de um escritor, portanto sem se saber como seria aceite, o editor optou por destruir a edição. Existem apenas uns escassos exemplares do livro, que inclusivamente não é encontrado nas bibliotecas públicas. (*UEA*, 27).

Portanto, para além da fatal intervenção da Censura, o romance já sofrera outro revés na mão do editor, pressionado pelo “fantasma” da censura e pelo facto de ser a estreia do autor.

A sua publicação foi autorizada com cortes em 18 Outubro de 1943 e proibida por despacho de 30 Out. 1943, pelo censor José Chaves:

Este romance estuda a vida íntima dos estudantes, em Coimbra, e a figura central é um aluno de medicina, caracterizado por uma viva inteligência, mas sem vontade própria. Apaixona-se por uma aluna da Universidade que a sua índole doentia faz depois abandonar.

É um romance de puro realismo, literariamente bem escrito, com certas manifestações de política comunistas que estão eliminadas, com muitas de carácter obsceno, igualmente cortadas (p. 261, 299 e 307) sobre o suicídio, admitindo a sua prática.

Na p. 264 há uma passagem onde se afirma que alunos e alunas da Universidade têm o hábito de irem namorar para a Biblioteca, passagem que julgo pouco conveniente para o prestígio da Universidade.

Com os cortes indicados, entendo não haver inconveniente na autorização deste livro¹¹⁰.

¹⁰⁹ Cf. a argumentação do censor no processo de censura reproduzido no livro de Cândido de Azevedo, *Mutiladas e Proibidas: para a história* p.80.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 80. V. também os depoimentos dos censores de outras obras de Vergílio Ferreira. Malraux foi proibido em 1-2-1966 por Jorge Moreira; Vagão J em 7-3-47 por Borges Ferreira; Cavalo

degolado : Manhã submersa foi proibido em 27-5-53 e autorizado com cortes em 28-9-53 por Afonso Raposo. V. ainda do mesmo autor *A censura de Salazar e Marcelo Caetano*, p. 607.

EPÍLOGO

Epílogo (em jeito de conclusão)

Escrevo sempre, obstinado e recolhido,
remetido à febre da interrogação-limite.

Vergílio Ferreira

Chegou o momento de olharmos para o trabalho desenvolvido durante cinco anos e, em jeito de balanço, salientar as conclusões que tiramos deste convívio com os “papéis” do espólio do escritor, em especial com o *dossier* genético de *O caminho fica longe*.

A edição crítico-genética do romance que agora apresentamos é, antes de mais, um instrumento de trabalho para quem queira aceder à obra completa de Vergílio Ferreira nas duas vertentes: o texto publicado pelo autor¹ em 1943 e, a génese do texto, em particular, relacionando-o com a construção da obra. Este romance é considerado primordial, não apenas porque é a primeira redacção de grande fôlego (entre a novela juvenil *A curva de uma vida* e o romance há uma distância substancial) mas também por conter em gérmen a dialéctica pensamento/escrita que o percurso de Vergílio Ferreira consolidará e esclarecerá.

A transcrição integral do manuscrito, onde confluem várias versões, uma versão primitiva redigida a preto e a azul, com numeração dos fólios nas mesmas tintas (cerca de dois terços do total do manuscrito), fólios dactiloscritos, e outros a verde, tinta da última campanha de correcção, permite o acesso ao labor meticuloso da escrita e reescrita do romance. A topografia relativa das cores (preto, três tonalidades de azul, verde e grafite) utilizadas na redacção do romance inscreve a dimensão temporal na superfície da folha. Hoje, podemos afirmar que a concretização do projecto do romance

¹ Aniceta de Mendonça no seu estudo sobre *O caminho fica longe* exprimiu, por um lado, a inacessibilidade ao romance e, por outro, o desejo de recuperar o texto publicado: “Gostaríamos de vê-lo reeditado sem quaisquer alterações, para que pudesse ser analisado na sua redacção original.” p. 38.

durou cerca de quatro a cinco anos, no entanto, acedemos apenas a parte do que se materializou e que resistiu às circunstâncias do percurso dos papéis.

A história que o manuscrito narra e que se vai tecendo em mundos paralelos, pelas opções que o escritor toma (os avanços e recuos na profissão de Domingos, a colaboração de outras personagens na disjunção da personagem principal, a génese do título), mostra a organização e a construção contínuas da malha textual onde é visível a tensão entre o dito e o não dito, entre o que permanece e aquilo que é ocultado.

A obra de Vergílio Ferreira é de uma grande coerência. A análise do processo de escrita de *O caminho fica longe*, expandida a outros *dossiers genéticos*, corrobora essa coerência temática e formal. Ao longo de 60 anos de vida literária, o escritor deixa registada a preparação da sua escrita nos diversos materiais que constituem a especificidade de cada *dossier* genético, desde a incubação até às emendas posteriores ao texto publicado, obsessivamente exposta nas páginas de *Conta-corrente*.

A nossa investigação permitiu considerar o projecto do romance em verso intitulado “O sol do deserto”, inserido no conjunto de poemas “Viagem”, como o primeiro antecedente de *O caminho fica longe*. Além da admiração do escritor por José Régio² ser confirmada pelas epígrafes regianas, também presentes na novela *A curva duma vida*, são sobretudo os títulos dos poemas e a temática que os aproxima de *As encruzilhadas de Deus*. O projecto do romance compreende três momentos: “A partida”, “O Caminho” e “A Chegada”, sendo o último composto por dois poemas: “Balada” e “O fim”, este com duas versões de título, anteriormente riscadas “A chegada” e “Fim de viagem”. Concomitantemente, será possível aproximar a estrutura do primeiro romance publicado com a deste projecto. O caminho percorrido por cada personagem encontra um fim diferente (suicídio para uns, amor para outros, ou ainda a consciência social)³.

A partir do estudo do *dossier* genético, foi possível recuperar várias versões do título do romance editado: *Sol do deserto*, *Sol no deserto*, *O caminho fica longe...*, *O*

² V. Ana Isabel Turíbio e Isabel Cadete Novais, *Espelhamentos : herança literária de José Régio*. - Vila do Conde : Centro de Estudos Regianos, 2005.

³ Este novo elemento poderá abrir novas interpretações da obra. Remetemos para o capítulo “A metafísica da esperança” da dissertação de Sónia Maria da Cruz Pina Afonso, em que a autora reflecte sobre o suicídio das personagens “enquanto resolução de um «destino»”, *Música do fim : percursos possíveis de uma redenção na obra de Vergílio Ferreira*, Lisboa, [s.n.], 2006, pp. 68-72.

caminho fica longe. As palavras *deserto* e *caminho* são recorrentes no romance, principalmente nos últimos capítulos. Parecem-nos equivalentes uma vez que à positividade de Sol (estrelas, céu) o segundo elemento *deserto* (tendo como perífrase a areia movediça) traz negatividade, a outra versão é equivalente porque o outro elemento do binómio - o *caminho* - é difícil de encontrar, acentuando essa procura através do uso de reticências. Vários autores, de que salientamos Helder Godinho e Gavilanes Laso, fazendo a análise simbólica da obra de Vergílio Ferreira, interpretam o caminho como imagem-símbolo da condição humana, mas integrando-o no contexto da época.

Podemos examinar grandes manchas textuais a tinta verde (última campanha de correcção) que situámos por volta de 1942-1943, em fólios sem alteração de numeração. Recuperamos agora os temas tratados nesta fase de reescrita do romance: da primeira parte, fols. 39-40 (fim do capítulo 6), que tratam do episódio da visita de Rui a casa da namorada e ao ver Domingos escreve, no rescaldo, um poema; fols. 66-75 (capítulos 12-13) que incluem a vinda da Sr.^a Joana para Coimbra e a constatação por parte de Rui que não consegue amá-la, Rui inveja Rodrigues, e ainda a visita de Rui a casa da namorada; da segunda parte, fols. 100-107 (fim do capítulo 3-5), Catarina aponta o caminho a Amélia; nos fols. 118-120 (capítulo 9), narra-se o episódio do passeio de Amélia e Domingos na estrada de Coimbra; fols. 129-144 (meio do capítulo 12-15), é acentuado o isolamento de Rui, relatados os diálogos de Rui e Luísa, o intervalo do cinema e o funeral de Luísa; da terceira parte, nos fols. 153, 155 e 195 (capítulo 12) conta a tristeza de Amélia, o suicídio de Rodrigues e a alteração do fim do romance, em que Rui não concretiza o suicídio e resolve-se pela causa social, todavia, fá-lo não por convicção mas por falta de coragem de pôr fim à vida (segundo indicação de trabalho, a tinta verde, presente no fol. 199).

O estudo e edição do romance permitiram datar as emendas da última campanha de correcção, a tinta verde, situando a reescrita de *O caminho fica longe* em 1942-1943, mostrando deste modo a evolução do escritor. Por conseguinte, a decisão final de cariz

neo-realista é agora denunciada pelo conhecimento que a oficina de escrita possibilitou⁴.

Também a colação do manuscrito com o impresso permitiu conhecer as alterações efectuadas em momentos posteriores (dactiloscrito, provas tipográficas, documentos ausentes no dossier genético). Há indicações de trabalho presentes no manuscrito que serão contempladas nos testemunhos seguintes. As sequências textuais omissas no manuscrito e presentes no impresso relevam sobretudo no propósito de mostrar Rui como personagem fracturada, consequência da narrativa que os outros constroem (Rodrigues, Catarina e até mesmo Amélia), vivendo repartido, difuso entre duplos cujas imagens correspondem ao seu ideal masculino. Há ainda a salientar as alterações realizadas no manuscrito (cancelamentos, acrescentos e substituições com diversos materiais de escrita) em relação à maneira como a personagem Domingos é nomeada e caracterizada e a crescente ocupação do lugar que Rui deixa livre junto de Amélia: *o comparsa, um tipo, sujeito, gajo, o tipo da Livraria, o homem do baile* todas elas concentradas na expressão *o outro*. De igual modo, o dilema entre o ideal artístico de Rui, dado sobretudo no parentético, e o de Fernando é também desenvolvido no texto impresso.

Maria da Glória Padrão refere a “ambiguidade classificatória” do romance, mostrando uma certa estranheza pelo desenrolar da acção nas últimas páginas: “Solução de apelo, heróica. Neo-realista. Mas falsa dentro da economia do romance. Porque, ao integrar-se no sistema da comunidade como totalidade concreta e orgânica, e apesar do percurso que aí o levou, o herói deixa por resolver um dos lados da oposição que o romance se fizera – a de si a si, e há um eu que se fecha a ele na oposição à sua própria individualidade tentando superá-la mas anulando-a”⁵. Helder Godinho partilha dessa diferença dizendo:

⁴ José Carlos Seabra chama a atenção para a pertinência da análise de Aniceta de Mendonça ao considerar que “o neo-realismo heterodoxo dos inícios de Vergílio Ferreira denuncia a persistência de elementos presencistas e que a viragem em sentido existencialista corresponde, em parte, a uma redimensionação cósmica e ontológica do homem psicológico-moral legado por Régio e o Segundo Modernismo” *Para conhecer... Vergílio Ferreira* - [S.l.] : Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, 2005, p. 46.

⁵ “A legitimidade de uma comemoração imprópria”, *Estudos sobre Vergílio Ferreira*, p. 16.

Com efeito, no primeiro romance, *O caminho fica longe*, há uma hesitação na questionação e no tom que se resolve, na parte final, pela adesão à problemática neo-realista”⁶ explanando a sua ideia do seguinte modo: “Mas não esqueçamos que já em *O caminho fica longe*, no início da carreira literária de Vergílio Ferreira, começara a esboçar essa temática antes de, na parte final, se decidir pelo neo-realismo. A dificuldade que Rui, a personagem masculina que conduz a acção, tem em se fixar numa mulher, mostra já a personagem feminina disjunctada, o que, juntamente com a disjunção da Verdade em verdades que mudam com o tempo, que *Mudança* inicia, será a espinha dorsal da interrogação e da ficção vergilianas⁷.

Aniceta de Mendonça, no seu estudo intitulado “*O caminho fica longe* de Vergílio Ferreira e o romance dos anos 40”, insere o romance na análise do contexto literário e cultural da época de redacção, como documento importante para o estudo do romance contemporâneo. O artigo organiza-se em três postulados: marcas presencistas, neo-realistas e também alguma tendência para a reflexão metafísica por onde, mais tarde, Vergílio Ferreira enveredará. Justifica a sua afirmação de que o romance é um romance presencista, por um lado, pelo ambiente juvenil e estudantil de Coimbra no qual “o protagonista vai fazendo a sua educação da personalidade”, “Rui tipifica claramente o herói presencista: a luta interior permanente consigo e com os outros, as suas ambiguidades, indecisões, fracassos e fraquezas, misturadas com acções intempestivas”⁸.

Se, por um lado, as preocupações culturais que Vergílio Ferreira desenvolve (na campanha de correcção a verde) em relação à personagem Fernando e, deste modo, ao grupo literário possam corresponder a padrões presencistas, por outro, estas tipificam o artista neo-realista. Mas a dialéctica vivida por Rui face à postura de Fernando aponta já, mesmo que embrionariamente, para uma outra direcção.

Aniceta de Mendonça realça a inovação presente neste primeiro livro de Vergílio Ferreira: “trata-se do mecanismo da transcodificação externa: um discurso passa a substituir outro discurso”. No capítulo intitulado *Intervalo*, há o aparecimento de um metanarrador, o narrador passa para 1ª pessoa que conversa com um crítico de cinema sobre o filme – o romance passa a filme, cujo argumento e personagens pertencem a *O caminho fica longe* – no cinema. Indício da importância que a

⁶ “A arquipersonagem vergiliana, o Conhecimento e o Amor”, *Évora Comemorou o 40 Aniversário da 1ª Edição do Romance «Aparição» e Homenageou o Vergílio Ferreira*, (Org. Câmara Municipal de Évora). Évora, [s.n.], 1999, 251-156, p. 253-254.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 254.

⁸ Aniceta de Mendonça, p. 38.

metalinguagem (como a *mise en abîme*) terá nos romances do escritor. Isabel Cristina Rodrigues no seu estudo *A poética do romance em Vergílio Ferreira* refere “[...] são os textos literários ou as obras de arte que, pela própria configuração que adoptam, pelos temas que versam e pelas personagens que constroem, parecem dar corpo ao verdadeiro acto crítico – aquele que é simultaneamente crítica e criação e que, criticando, recria o objecto criticado”⁹.

Na realidade, a leitura que Maria da Glória Padrão faz em relação ao modo parentético no romance corrobora a construção de uma personagem que se situa à margem dos outros e sobretudo de si próprio:

A projecção parentética de *O caminho fica longe*, tome que aspecto tomar – ou continuidade ilustrativa e convencional, ou explanação da descontinuidade em que se gera a diferença, ou contestação da linguagem pela linguagem – começa a escrever espaços e figuras que o itinerário de Vergílio Ferreira irá continuar circuladamente¹⁰.

O manuscrito *Viagem* contém, como Helder Godinho concluiu na análise efectuada nos anos setenta e recentemente recuperada, a temática que Vergílio Ferreira explanará ao longo da sua vida, além dessa influência presencista, através do halo metafísico da obra regional¹¹. Ao considerarmos o projecto de romance *Sol do deserto*, incluído em *Viagem*, como antecedente de *O caminho fica longe* transferimos para o nosso estudo a análise então realizada. No entanto, este novo (con)texto dilata-a. Mostrámos que “Viagem” é um repositório textual a que o escritor recorre. Como vimos, além do projecto do romance, alguns poemas são utilizados como autoria das personagens de *O caminho fica longe*. De igual modo, na novela que antecede a redacção do romance em estudo, o autor incluiu poemas e deixou o registo da fonte¹². O livro de poemas que Rui escreve intitula-se *O Sarro*. Já no fim do trabalho, foi possível a leitura, até então difícil, da primeira versão do título do manuscrito *Viagem* como tendo sido *O Sarro*. Recordemos que o projecto de romance *Sol do deserto* tinha como segunda versão da epígrafe o verso de José Régio: “É depois do vinho, o sarro”. Na versão mais antiga de *O caminho fica longe*, a personagem principal, o Rui, é apelidada de bêbada,

⁹ Isabel Cristina Rodrigues, *A poética do romance em Vergílio Ferreira*, p. 43

¹⁰ *Op. cit.*, p. 21.

¹¹ Cf. “Os poemas do *Diário Inédito* de Vergílio Ferreira”, in *O fascínio da linguagem . Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Porto, FLUP, 2008, 156-170.

¹² Cf. *Op. cit.*, p. 18.

característica que desaparece em intervenção posterior. Esta afinidade reforça a constituição do *dossier* genético assim como a análise que fizemos dos documentos.

Tentámos recuperar o diálogo entre Vergílio Ferreira escritor e Vergílio Ferreira (re)leitor registado nos materiais genéticos do acervo do escritor. A realização desta tese com a edição crítico-genética de *O caminho fica longe*, primeira ficção vergiliana¹³, ao permitir a realização do “filme da escrita do texto”, é um contributo para o conhecimento da génese da obra do escritor, em geral, fazendo jus à definição de Ivo Castro:

O que uma edição genética pretende alcançar, perante um ou mais autógrafos, é a reconstituição dos processos de escrita e de reescrita desses autógrafos, nomeadamente através da identificação dos passos que variaram, da classificação e da sequência cronológica das emendas que foram escritas em cada passo e da respectiva localização na página. Uma génese assim reconstituída e documentada deve proporcionar ao leitor o filme da escrita do texto, entre o momento em que o autor pela primeira vez o lança ao papel e o momento em que pela última vez o modifica¹⁴.

¹³ Embora seja reconhecível o *modus scribendi* de Vergílio Ferreira assim como alguns *topoi* da sua obra futura na novela *A curva de uma vida*, continuamos a considerar *O caminho fica longe* a primeira ficção de grande fôlego.

¹⁴ “Introdução”, in I. Castro, ed., Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, *Op. cit.*, p. 116.

Bibliografia

Bibliografia

1. Activa

- O caminho fica longe*, Lisboa, Inquérito, 1943.
- Onde tudo foi morrendo*, Coimbra, Coimbra Editora, 1944.
- Vagão «J»*, Coimbra, Coimbra Editora, 1946.
- Vagão «J»*, 2ª ed., Lisboa, Bertrand, 1974.
- Mudança*, Lisboa, Portugalíia, [1949].
- Manhã Submersa*, Lisboa, SEC, 1954.
- Aparição*, Lisboa, Portugalíia, s.d. [1959].
- Cântico Final*, Lisboa, Ulisseia, 1959.
- Estrela Polar*, Lisboa, Portugalíia, 1962.
- Estrela Polar*, 2ª ed., Lisboa, Portugalíia, 1967.
- Apelo da Noite*, Lisboa, Portugalíia, 1963.
- Alegria Breve*, Lisboa, Portugalíia, 1965.
- Nítido Nulo*, Lisboa, Portugalíia, 1971.
- Rápida, a Sombra*, Lisboa, Arcádia, 1975.
- Contos*, Lisboa, Arcádia, [1976]
- Signo Sinal*, Lisboa, Bertrand, 1979.
- Para Sempre*. Lisboa, Bertrand, 1983.
- Até ao Fim*, Lisboa, Bertrand, 1987.
- Em Nome da Terra*, Lisboa, Bertrand, 1990.
- Na Tua Face*, Lisboa, Bertrand, 1993.
- Cartas a Sandra*, Lisboa, Bertrand, 1996.
- A curva de uma vida : novela* (edição de Ana Isabel Turíbio e Cátia Barroso), Lisboa, Quetzal, 2010.

Promessa, (edição de Fernanda Irene Fonseca e Helder Godinho). Lisboa, Quetzal, 2010.

1.2 Ensaio

Do Mundo Original, Coimbra, Textos Vértices, 1957.

Do Mundo Original, 2ª ed. aumentada, Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.

Carta ao Futuro, Lisboa, Portugália, 1966.

André Malraux (Interrogação ao Destino), Lisboa, Editorial Presença, 1963.

“*Da Fenomenologia a Sartre*”, introdução à tradução portuguesa de *O Existencialismo é um Humanismo* de Jean-Paul Sartre, 4ª ed., Lisboa, Presença, 1978.

Arte Tempo, Lisboa, Rolim, 1987.

Espaço do Invisível 1, Lisboa, Bertrand Editora, 1990.

Espaço do Invisível 2, Lisboa, Bertrand Editora, 1991.

Espaço do Invisível 3, Lisboa, Bertrand Editora, 1993.

Espaço do Invisível 4, Lisboa, Bertrand Editora, 1995.

Espaço do Invisível 5, Lisboa, Bertrand Editora, 1998.

Invocação ao Meu Corpo: ensaio com um post scriptum sobre a revolução estudantil, Lisboa, Arcádia, 1969.

Ferreira, Vergílio, *Um escritor apresenta-se* (apresentação, pref. e notas de Maria da Glória Padrão) - Lisboa, IN-CM, imp. 1981.

Correspondência (Jorge de Sena - Vergílio Ferreira), org. e notas de Mécia de Sena, Introdução de Vergílio Ferreira, Lisboa, IN-CM, 1987.

Diário inédito, 1944-1949 (ed. Fernanda Irene Fonseca), Lisboa, Bertrand, 2008.

1.3 Diário

Conta-corrente 1, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

Conta-corrente 2, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

Conta-corrente 3, Lisboa, Livraria Bertrand, 1983.

Conta-corrente 4, Lisboa, Bertrand Editora, 1986.

Conta-corrente 5, Lisboa, Bertrand Editora, 1987.

Pensar, Lisboa, Bertrand Editora, 1992.

Conta-corrente: nova série I, Lisboa, Bertrand Editora, 1993.

Conta-corrente: nova série II, Lisboa, Bertrand Editora, 1993.

Conta-corrente: nova série III, Lisboa, Bertrand Editora, 1994.

Conta-corrente: nova série IV, Lisboa, Bertrand Editora, 1994.

Escrever, (edição de Helder Godinho), Lisboa, Bertrand Editora 2001.

Passiva

25 Anos de Vida Literária de Vergílio Ferreira: 1943-1968, Lisboa/Porto, Portugália/Editorial Inova, 1968.

À Beira, revista do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, nº 1 (Actas do I Seminário de Estudos Vergilianos), 2002.

Anthropos. Revista de documentación científica de la cultura, nº 101, («Vergílio Ferreira – una narrativa y un pensamiento comprometidos com la historia y la libertad de la creación»), Barcelona, Outubro de 1989

Aquisições da Biblioteca Nacional: espólio de Vergílio Ferreira, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998.

Ave azul, nº 2-3, Viseu, 2000.

ABELAIRA, Augusto, “Impressões de um leitor de romances.”, *Vida Literária e Artística*, 26 de Março de 1964.

ABREU, Maria Fernanda de, “Narración, ensayo y poesia en la novela de Vergílio Ferreira.”, *Informaciones*, 8 de Dezembro de 1977.

AFONSO, Sónia Maria da Cruz Pina, *Música do fim [Texto policopiado] : percursos possíveis de uma redenção na obra de Vergílio Ferreira.* - Lisboa, [s.n.], 2006.

ANTUNES, Liliana Cristina Fortuna, *O espelho do Eu nas obras Para Sempre e Até ao Fim de Vergílio Ferreira*, Covilhã, [s.n.], 2008.

ARAÚJO, Maria Aurora Cunha Antunes de, *A condição humana na Aparição de Vergílio Ferreira [Texto policopiado]*, [Braga : s.n.], 2007.

AZEVEDO (Filho), Leodegário A. de, “Apresentação de Vergílio Ferreira: Só o simples facto de ter vivido valeu a pena” *Minas Gerais Suplemento Literário*, 4 (163), 11 Out. 1969, 10-11.

“Existencialismo e ficção no romance de Vergílio Ferreira” in *Uma Visão Brasileira da Literatura Portuguesa*, Coimbra: Almedina, 1973, 193-202.

“A ficção em Vergílio Ferreira.”, *Ocidente*, 80 (393), 13-15 de Jan. 1971.

“Vergílio Ferreira e o romance da verticalidade humana.” 2.º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, Rio de Janeiro: Gernasa, 1971, 209-236.

CAETANO, Rui, *O lugar da memória: uma leitura de Em nome da terra de Vergílio Ferreira*, [Texto policopiado], Funchal, [s.n.], 2004.

CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros, *Literatura e cinema: o olhar de Jano Vergílio Ferreira e o espaço do indizível* [Documento electrónico], Coimbra, [s.n.], 2006.

CARMO, Sandra Máisa Vidinha, *Sintaxe e semântica do verbo ser no romance Em Nome da Terra de Vergílio Ferreira* [Texto policopiado], Funchal, [s.n.], 2004.

CARVALHO, Maria do Carmo Fonseca Oliveira Gamelas de, *Para sempre: biografia e ficção na obra de Vergílio Ferreira* [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2001.

COELHO, Jacinto do Prado, “Vergílio Ferreira: um estilo de narrativa à beira do intemporal” in *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa, Bertrand, 1976, 283-288.

COSTA, Nuno Rafael Silva Oliveira, *V. Ferreira e a noção de "Carpe Diem" : a possibilidade de reinvenção temporal*. - Lisboa, [s.n.], 2008

CRISTÓVÃO, Maria do Rosário Nunes Ribeiro, *Que possível ensaio sobre a verdade em Vergílio Ferreira?* [Texto policopiado], Lisboa, [s.n.], 2000

CUNHA, Carlos M. F. da, *Os Mundos (Im)possíveis de Vergílio Ferreira*, Algés, Difel, 2000.

CUNHA, Maria do Céu de Jesus e, *Existência e sentido em Vergílio Ferreira* [Texto policopiado] : a mediação do literário, Coimbra, [s.n.], 2003

CUNHA, Manuel Abelho, *Manhã submersa e a educação em instituições totais* [Texto policopiado] : da existência individual como um absoluto ao conceito de educação na obra de Vergílio Ferreira , Covilhã, 2002.

DAL FARRA, Maria Lúcia, *O Narrador Ensimesmado (o foco narrativo em Vergílio Ferreira)*, São Paulo: Ática, 1978.

DIAS, Ana Raquel Costa Mendes, *Os verbos psicológicos na obra Manhã Submersa de Vergílio Ferreira*. - Covilhã, [s.n.], 2008.

- DOMINGOS, Manuel Abrantes, *Conta-corrente [Texto policopiado] : 1974-1980 : um diário : (a perspectiva vergiliana do 25 de Abril e da Pós-revolução - Covilhã, [s.n.], 2005.*
- Um eterno olhar : Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda (coord. Alexandra Isidro... [et al.]), Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, D.L. 2008.
- Évora Comemorou o 40 Aniversário da 1ª Edição do Romance «Aparição» e Homenageou o Vergílio Ferreira, (Org. Câmara Municipal de Évora), Évora: [s.n.], 1999.
- FERREIRA, João Palma, *Breve Perspectiva de la Obra Literária de Vergílio Ferreira*, Salamanca: Universidade de Salamanca, 1972.
- Análise Crítica e Selecção de Textos*, Lisboa, Arcádia, 1972.
- FONSECA, Fernanda Irene, *Deixis, tempo e narração*, Porto, Fundação Engº António de Almeida, 1992.
- FONSECA, Fernanda Irene, *Vergílio Ferreira: a celebração da palavra*, Coimbra: Almedina, 1992.
- FONSECA, Fernanda Irene, «Vergílio Ferreira, Escrever: o título inevitável», Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Línguas e Literaturas, II Série, vol. XX, tomo II, Porto, 2003, 479-494.
- GAVILANES LASO, José Luís, *Espaço Simbólico e Metafísico*, (António José Messano, trad.), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.
- GODINHO, Helder. *Estudos Sobre Vergílio Ferreira*, (prefácio e organização de Helder Godinho), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- O Mito e o Estilo*, Lisboa, Ed. Presença, 1982.
- “Os parentescos simbólicos em Vergílio Ferreira”, in *Afecto às Letras* (Homenagem da literatura portuguesa contemporânea a Jacinto do Prado Coelho), Lisboa, IN-CM, 1984.
- “Os poemas do Diário Inédito de Vergílio Ferreira”, in *O fascínio da linguagem . Homenagem a Fernanda Irene*,. Porto, 2008, 156-170.
- O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica, 1985.
- GODINHO, Helder e TURÍBIO, Ana Isabel, “O espólio de Vergílio Ferreira”, *Veredas*, vol. 8, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas (número dedicado à Crítica Textual, coordenado por Luiz Fagundes Duarte), Porto Alegre, 2007.

- GODINHO, Helder e TURÍBIO, Ana Isabel, “O espólio de Vergílio Ferreira: edição”
Crítica textual & crítica genética em diálogo : Colóquio internacional, Porto, FLUP, 2007.
- GODINHO, Helder e FERREIRA, Serafim, *Vergílio Ferreira: Fotobiografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 1993.
- GORDO, António da Silva, *A arte do texto romanesco em Vergílio Ferreira*, Coimbra, Luz de Vida, D.L. 2005.
- GORDO, António da Silva, *A Escrita e o Espaço no romance de Vergílio Ferreira*, Porto: Porto Editora, 1995.
- GORDO, António da Silva, O dito e o feito [doc. electrónico] : a arte do texto romanesco em Vergílio Ferreira / António da Silva Gordo. - Coimbra : [s.n.], 2003
- GOULART, Rosa Maria, *Romance Lírico: o Percurso de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Bertrand Editora, 1990.
- GOULART, Rosa Maria, *O trabalho da prosa. Narrativa, Ensaio, Epistolografia*, Coimbra- Braga, Angelus Novus, 1997.
- GOULART, Rosa Maria, *Romance Lírico: o Percurso de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Bertrand Editora, 1990.
- Homenagem a Vergílio Ferreira*, (Org. Universidade de Évora), Évora: Universidade, 1996.
- In memoriam de Vergílio Ferreira* , org. Maria Joaquina Nobre Júlio - Lisboa, Bertrand, 2003.
- JÚLIO, Maria Joaquina Nobre, *O Discurso de Vergílio Ferreira como a Questionação de Deus: ensaio interdisciplinar*, Lisboa, Colibri, 1996.
- Letras e Letras, nº 33 (“Dossier” dedicado a Vergílio Ferreira) Setembro de 1990.
- LOUREIRO, Patrícia Sofia Almeida Ferreira, *O professor [Texto policopiado] : vivências (des)encantadas em conta-corrente de Vergílio Ferreira*, Vila Real, [s.n.] 2005
- LOURENÇO, Eduardo, “Vergílio Ferreira e a geração da utopia”, “O itinerário de Vergílio Ferreira”, “mito e obsessão na obra de Vergílio Ferreira”, “Sobre Mudança”, “Vergílio Ferreira – do alarme ao júbilo” “Desesperadamente, alegria”, “Pensar Vergílio Ferreira” in *O Canto do Signo: existência e literatura*, Lisboa, Presença, 1994, pp. 83-135.

- MARQUES, Cristina Maria de Sousa Ferreira, *O grotesco em Na tua face de Vergílio Ferreira* [*Texto policopiado*] : *um texto em abismo temporal* - Porto : [s.n.], 2003 [D.L. 2006].
- MARTINS, Carla, *Diálogo(s) na Aprendizagem da Escrita de Vergílio Ferreira com Fernando Pessoa* , (texto policopiado), Madeira, Julho de 2008.
- MARTINS, Noémia Lopes Mendes, *Uma Estética do Silêncio: leitura de Invocação ao Meu Corpo de Vergílio Ferreira* (texto policopiado), Lisboa, 1999.
- MELO, Alípio de, *Vergílio Ferreira : de Melo a cidadão do mundo*, Gouveia, Câmara Municipal, (Rota dos escritores do séc. XX), 2003.
- MENDONÇA, Aniceta de, «O caminho fica longe», *Revista Colóquio /Letras*, 1980, 36-44.
- MENDONÇA, Aniceta de , *O romance de Vergílio Ferreira. Existencialismo e ficção*, Assis, S. Paulo, 1978.
- MENDONÇA, Fernando, *O Romance Português Contemporâneo (1930-1964)*, Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Artes, 1966.
- MORAIS, Ana Bela dos Ramos da Conceição, *Vergílio Ferreira : amor e violência* - Lisboa, Livros Horizonte, cop. 2008.
- MORAIS, Sandra Cristina Fernandes Diniz, "*A Estrela*", *de Vergílio Ferreira - 1962, 1965 e 1972* [*Texto policopiado*] : *intenções comunicativas, no decurso de uma década : proposta para os programas de língua portuguesa do terceiro ciclo do ensino básico* - Covilhã, [s.n.], 2004. -
- MOURÃO, Luís, *Conta-corrente 6: ensaio sobre o diário de Vergílio Ferreira*, Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1990.
- MOURÃO, Luís, *Vergílio Ferreira: excesso, escassez, resto*, Braga, Angelus Novus, 2001.
- PADRÃO, Maria da Glória, *Um Escritor Apresenta-se* (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.
- PAIVA, José Rodrigues de, *O Espaço-limite no Romance de Vergílio Ferreira*, Recife: Edições Encontro, Gabinete Português de Leitura. 1984.
- PAIVA, José Rodrigues de, *O lugar de Vergílio Ferreira na literatura portuguesa do século XX* - Recife : Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2006
- PAIVA, José Rodrigues de, *Vergílio Ferreira, Para sempre : romance-síntese e última fronteira de um território ficcional* Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2007.

- PAIVA, José Rodrigues de, *As palavras e os dias, Vergílio Ferreira : diário de uma experiência académica (2001-2006)*, Recife, Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2006.
- PAVÃO Júnior, José de Almeida, *Entre o neo-realismo e a problemática metafísica em Vergílio Ferreira*. - Ponta Delgada : Univ. dos Açores, 1987. - p. 79-93 , Sep. de : Arquipélago. Série Línguas e Literatura, 9.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, *Para conhecer... Vergílio Ferreira*, [S.l.] : Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, 2005.
- PIMENTEL, F. J. Vieira, *Para um saldo da "Conta-corrente" de Vergílio*, Ponta Delgada : Univ. dos Açores, 1982. - p. 49-63 ; Sep. Arquipélago. Série ciências humanas, 4
- RAMOS, Elisa da Conceição, *Vergílio Ferreira e André Malraux: o humanismo na criação literária* (texto policopiado- Tese de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, sécs. XIX e XX), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1994.
- RODRIGUES, Isabel Cristina, *A palavra submersa. Silêncio e produção de sentido em Vergílio Ferreira*, Universidade de Aveiro, 2006.
- RODRIGUES, Isabel Cristina, *A Poética do Romance em Vergílio Ferreira*, Lisboa, Colibri, 1999.
- RODRIGUES, Isabel Cristina, *A vocação do lume*, Coimbra, Angelus- Novus, 2009.
- SEIXO, Maria Alzira, "Vergílio Ferreira um tempo de pesquisa" in *Para um Estudo da Expressão do Tempo no Romance*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1968, 114-167.
- SERPA, Ana Isabel, *Vergílio Ferreira: a arte de comunicar*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1997.
- SILVESTRE, Anabela Alexandra Gaspar, *A estrutura frásica no conto A Fonte de Vergílio Ferreira*, Covilhã, [s.n.], 2007.
- SIMÕES, João Paulo Godinho, *A liberdade como conquista de uma espiritualidade existencial nos protagonistas dos romances Manhã submersa e Aparição de Vergílio Ferreira* [Texto policopiado], Covilhã, [s.n.], 2004
- SOUSA, Ana de, *A estrela de Vergílio Ferreira : o texto em análise*, Cacém, Texto, 2000.
- SOUSA, José Alves Antunes de, *Vergílio Ferreira e a Filosofia da Sua Obra Literária*, Lisboa, Aríon, 2003.

- SOUSA, José António Correia de, *Na tua face de Vergílio Ferreira [Texto policopiado] : do intertexto ao grotesco*; orient. José Cândido de Oliveira Martins, Braga, [s.n.], 2005
- TRINDADE, Graça Maria da Costa Matias, *Para uma avaliação da leitura escolar do conto "havia sol na praça" de Vergílio Ferreira [Documento electrónico].* - Braga : [s.n.], 2003.
- TURÍBIO, Ana Isabel Arvelos, “A Confissão de Lúcio, Cântico Final e Estrela Polar: um diálogo possível”, *Vária Escrita*, 9, Sintra: CMS, 2002, pp.63-90.
- “A personagem pintor na ficção de Vergílio Ferreira”, ...`a Beira, 1, Gouveia: UBI, 2002, pp.7-32.
- “Na morte de Régio de Vergílio Ferreira – estudo genético”, *Boletim Centro de Estudos Regianos*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, n.º 8-9, Jun-Dez 2001, 57-70.
- “A preparação do texto em Vergílio Ferreira”, *As mãos da escrita :25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea*. (org. Luiz Fagundes Duarte, António Braz de Oliveira), Lisboa, BNP, 2007.
- O traçado da escrita em Cântico final, de Vergílio Ferreira* (Tese de Mestrado em Literaturas Românicas), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2004.
- “*Hora de Verão* de Vergílio Ferreira – estudo genético” (no prelo).
- Vergílio Ferreira: cinquenta anos de vida literária: actas do Colóquio Interdisciplinar*, (org. e coord. Fernanda Irene Fonseca), Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1995.
- Vergílio Ferreira, uma Semana de Colóquios e de Cinema*. Porto: Ed. Inova, 1977.
- Vergílio Ferreira no cinquentenário de Manhã submersa (1954-2004) : filosofia e literatura, (org. Manuel Cândido Pimentel, José Antunes de Sousa), Lisboa, UCE, 2008.

Estudos de Crítica Genética

- AA.VV., *Litterature Latino-Americaine et des Caraibes du XX siècle*, (theorie et pratique de l'édition critique), Collection Archives, Roma: Bulzoni Editore (a cura di Amos Segala), 1988.
- Álbum de Autógrafos de Escritores Portugueses*, (org. Luís Fagundes Duarte), Lisboa, APE, 1994.

Leituras. Revista da Biblioteca Nacional (Arquivística Literária e Crítica Textual, n.º especial), 5, Outono 1999

BERARDINELLI, Cleonice e CASTRO, Ivo, *Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa*, Lisboa, s.n., 1993.

BERRINI, Beatriz, *O Mandarim*, Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, Lisboa, INCM, 1992.

BLECUA, Alberto, *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Editorial Castalia, 1980.

Boletim Centro de Estudos Regionais, (Eugénio Lisboa, dir.), Vila do Conde, CER, 1997-

Brouillon d'Écrivains, (Marie Odile Germain e Danièle Thibault), Paris, Bibliothèque Nationale de France, 2001.

BUTOR, Michel, *Essais sur le roman*, Paris, Éd. de Minuit, 1964.

Cahiers de Textologie: 2 – problèmes de l'édition critique, (textes présentés par Michel Contat), Paris, Minard, 1988.

Castelo Branco, Camilo, *Amor de perdição* (ed. genética e crítica Ivo Castro). - Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

CASTRO, Ivo e RAMOS, Maria Ana, «Estratégia e tática da transcrição», *Critique Textuelle Portugaise*, Paris, Fond. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.

CASTRO, Ivo, *Editar Pessoa*, (Vol. I), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

“Para o texto de O guardador de rebanhos” Sep. de *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque*, Paris, Fond. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.

Sumário da Lição Metodologia do Aparato Genético (texto policopiado), Lisboa, I.J. Castro, 1992.

CASTRO, Ivo e DUARTE, Luís Fagundes, *Duas Notas Sobre «A Tragédia da Rua das Flores»*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade, 1982.

CERQUIGLINI, Bernard, *Éloge de la variante: histoire critique de la philologie*, Paris, Ed. du Seuil, 1989.

CONTAT, Michel, *l'Auteur et le Manuscrit*, Paris, PUF, 1991.

- Crítica textual & crítica genética em diálogo : Colóquio internacional*, (org. Maria João Reynaud e Francisco Topa), Porto, FLUP, 2007.
- Critique Génétique et Didactique de la Réécriture: travailler avec les brouillons d'écrivains*, (dir. Claudette Oriol-Boyer), Toulouse: Bertrand-Lacoste, 2003.
- Critique Textuelle Portugaise: Actes du Colloque*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.
- DUARTE, Luís Fagundes, *A Capital!: (começos duma carreira)*, [Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.
- A Fábrica dos Textos: Ensaio de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz*, Lisboa, Cosmos, 1993.
- A Génese de um Romance: Incursão na Escrita Queiroziana*. (texto policopiado), Lisboa, s.n., 1989.
- L'Écriture et ses Doubles: Genèse et Variation Textuelle*, (dir. Daniel Ferrer et Jean-Louis Lebrave), Paris, CNRS, 1991.
- Essais de Critique Génétique*, Paris, Flammarion, 1979.
- ESPAGNE, Michel, *De l'Archive au Texte: Recherches d'Histoire Génétique*. Paris, PUF, 1998.
- Essais de Critique Génétique*, Paris, Flammarion (Textes et Manuscrits), 1979.
- FOCILLON, Henri, *Vie des Formes*, 4^a ed., Paris, PUF: Quadrige, 1990.
- Genesis. Manuscrits-recherches-invention*, Paris, Jean-Michel Place-Archivos, 1992-.
- GRÉSILLON, Almuth, *Éléments de Critique Génétique: Lire les Manuscrits Modernes*, Paris, PUF. (1994).
- HAY, Louis, *De la Lettre au Livre: Sémiotique des Manuscrits Littéraires*, Paris, CNRS, 1989.
- La Littérature des Écrivains: Questions de Critique Génétique*, Paris, Corti, 2002.
- Le Manuscrit Inachevé: Écriture, Création, Communication*, Paris, CNRS, 1986.
- La Naissance du Texte*, Paris, Corti, 1989.
- Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, 5, Lisboa, BN, 1999.

As mãos da escrita : 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea Biblioteca Nacional de Portugal; (org. Luiz Fagundes Duarte, António Braz de Oliveira), Lisboa, BNP, 2007.

NOVAIS, Maria Isabel Cadete, *Jacob e o Anjo [Documento electrónico] : a construção do texto dramático em José Régio*, Lisboa, [s.n.], 2004.

NOVAIS, Maria Isabel Cadete, *Novos Poemas de Deus e do Diabo, de José Régio: Génese e Memória*, (Texto policopiado) - Tese Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas), Lisboa, s.n., 1995.

OLIVEIRA, António Braz de. “Arquivística Literária: haec subtilis ars inveniendi”, *Cadernos BAD*, 2, Lisboa, 1992, pp. 107-121.

Paul Valéry se Faire ou se Refaire: lecture génétique d'un cahier (1943), (dir. Robert Pickering), s.l.: CRLMC, 1996.

PIZARRO Jaramillo, Jerónimo, *Fernando Pessoa [Texto policopiado] : sobre génio e loucura*, Lisboa, [s.n.], 2006.

Pourquoi la Critique Génétique?: Méthodes, Théories, (dir. Michel Contat et Daniel Ferrer), Paris, CNRS (Textes et Manuscrits), 1998.

Queirós, Eça de, *A ilustre casa de Ramires : conforme o texto da edição crítica* (ed. Elena Losada Soler ; nota prefacial, introdução e notas ao texto por Carlos Reis), Barcarena : Presença, 2004.

REIS, Carlos, MILHEIRO, M. Rosário, *A Construção da Narrativa Queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, IN-CM, 1989.

REYNAUD, Maria João, *Metamorfoses da Escrita: Húmus, de Raul Brandão*, Porto: Campo das Letras, 2000.

SALLES, Cecília Meireles, *Gesto Inacabado: processo de criação artística*, São Paulo, s.n., 1998.

STUSSI, Alfredo, *Introduzione agli studi di filologia italiana*, Bologna, Mulino, 2001.

TURÍBIO, Ana Isabel e NOVAIS, Isabel Cadete, *Espelhamentos : herança literária de José Régio*. - Vila do Conde : Centro de Estudos Regionais, 2005.

WILLEMART, Philippe, *Bastidores da Criação Literária*, São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.

Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise. São Paulo : Perspectiva, "Colecção Estudos, 264", 2009.

De l'inconscient en littérature. Montréal : Liber, "Voix psychanalytiques", 2008.

« "A unidade que se ignorava a si mesma" nos manuscritos da abertura de A prisioneira de Marcel Proust », *Manuscritica. Revista de Critica Genetica*, nº15, 2007, 32-61.

Bibliografia Geral

- ATTALI, Jacques, *Chemins de Sagesse: traité du labyrinthe*, Paris, Fayard, 1996.
- AZEVEDO, Cândido de, *A censura de Salazar e Marcelo Caetano : imprensa, teatro, televisão, radiodifusão, livro*. - Lisboa, Caminho, D.L. 1999.
Mutiladas e proibidas : para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo. - [Lisboa] : Caminho, 1997.. - (Nosso mundo
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dictionnaire des Symboles.*, Paris, Robert Laffont/Jupiter, 1982.
- DURAND, Gilbert, *A Imaginação Simbólica*, (Carlos Aboim de Brito, trad. da 6ª ed. franc.), Lisboa, Edições 70, 1995.
- LINO, Raúl, *Casa Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectura das casa simples*, 10ª ed, Lisboa, Cotovia, 2001.
- MIRCEA, Eliade, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, 1983.
- FRANÇA, José Augusto, *O Retrato Na Arte Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- RÉGIO, José, *As encruzilhadas de Deus*, Coimbra, Tip. Atlântida, 1936.
- RÉGIO, José, *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.
- RIBAS, Tomás, *A Dança e o Ballet no Passado e no Presente*, Lisboa, Arcádia, 1959.
- SALAZAR, Abel, *História da Dança e do Ballet*, [Lisboa]: Artis Realizações, 1962.
- TRESIDDER, Jack, *Os Símbolos e o Seu Significado*, Singapura: Círculo de Leitores, 2000.
- WUNEMBURGER, Jean-Jacques, *Philosophie des Images*, Paris, PUF, 197

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE REMISSIVO

- Amaro, Luís 671, 673
- Azevedo, Cândido de 601,677
- Afonso, Sónia Maria da Cruz Pina 686
- Barroso**, Cátia 21, 28, 653
- Baudelaire 629
- Biasi, Pierre-Marc de 467
- Brandão, Raul 630
- Caeiro, Alberto 624, 654
- Carvalho, Mariberta 472,598, 599,645,649
- Castro, Ivo 20, 21,28, 494, 624, 626, 657, 691
- Cochofel, João José 657
- Duarte**, Luiz Fagundes 19, 21, 577, 626, 630, 670
- Dionísio, João 21
- Dionísio, Mário 638
- Falcato**, João 638
- Ferreira, António João 676
- Ferreira, Serafim 671, 675
- Ferrer, Daniel 467, 583
- Fonseca, Fernanda Irene 21, 28, 36, 624-628, 659, 664, 690
- Galhoz, Aliete 630
- Gavilanes Laso, J. L. 649, 687
- Godinho**, Helder 20, 31, 33, 36, 620, 622, 624, 640, 641, 645, 655, 683, 685, 686
- Gordo, António da Silva 636, 649
- Grésillon, Almuth 20, 21, 493, 645
- Goulart, Rosa 619, 626, 627, 652
- Hay**, Louis 623
- Kasprzykowski, Regina 19, 29, 34
- Magalhães**, Figueiredo de 679
- Marinho, José 630
- Marques, Francisco Costa 22, 27, 36, 39, 472, 516, 598, 631-634, 649, 671-673, 677
- Mendonça, Aniceta de, 685, 688, 689
- Mitterand, Henri 632
- Montaigne, 36
- Mourão, Luís 623, 627
- Namora**, Fernando 671
- Novais, Isabel Cadete, 21, 634
- Padrão**, Maria da Glória 614, 649, 688, 690
- Palma-Ferreira, João 638
- Pöe, Edgar A. 629
- Ponge 629
- Reis**, Carlos, 21, 650
- Régio, José 31, 32, 630, 654, 658
- Reynaud, Maria João 21
- Ribas, Tomás 643, 678
- Rodrigues, Isabel Cristina 627, 652, 690
- Sacramento, Mário 671, 674
- Salema, Álvaro 654
- Sena, Jorge de 638
- Silva, Alberto 625
- Silva, Miguel Oliveira 643
- Turíbio, Ana Isabel 21, 32, 493, 686
- Valéry 644
- Vasconcelos, Taborda de 679
- Willemart, Philippe 20, 21

APÊNDICE

Segmentos textuais riscados pelo Censor na primeira edição de *O caminho fica longe* [Testemunho C]

- macho (26);
- boa». E uma turba lasciva a abafou com cartas e pedidos de namôro. Quási nenhum rapaz queria namôro a sério. Tão sòmente quereriam gozar as tardes nos jardins ou ver fitas de cinema bem colados (32);
- E o seu garbo sadio e rijo arrancava feras admirações:
- Que boa lasca! (35)
- Coxas vibrantes. (43)
- que berravam o seu desespero de forçados, largando ao trigo a fúria do seu ódio rouco. (49)
- «O capataz era a força que fazia dobrar, vergar. Diante dele, Zeferino tinha a submissão do junco. E, todavia, odiava aquele homem que lhe extraia dos músculos todos os restos de energia e o tornava um cobarde quando lhe berrava uma ordem. Para quê reagir? Ossos na cadeia, fome em casa. Não valia a pena. O ódio ia-se acumulando, recalcado, numa opressão ofegante. Mas Zeferino domava-o a golpes duros de uma força bruta, porque os filhos tinham de se criar. Ficava-lhe assim, no fundo de si mesmo, o cansaço de uma luta estéril. Para quê reagir? Toda a vitória se reduzia agora a aguentar, no seu corpo triturado, o rancor surdo que lhe ferrava os dentes uns nos outros, quando pensava na vida. (49-50)
- Um dia, poderia dizer dela com ar cínico e enfartado: «gozei aquilo». (54)
- quando o corpo de Amélia se colara ao corpo dêle. (56)
- boa?» (Boa... «Boa» sabia-lhe a carne e magoava-lhe a sensibilidade. (57)
- não era «boa». (57)
- Mas que não lembrava a carne). (58)
- «Se eu tivesse gozado aquilo...» Mas não gozara: beijos fundos, abraços longos e nada mais. (60)
- Uma coisa apenas deveria ter feito: gozá-la. (71)
- O outro bem dizia: no fundo só há sexualidade. O pai gosta mais da filha e a mãe do filho. Aí está: só a sexualidade; até no mamar da criança. (72)
- Uma vibração sacudiu-o e, no marulhar dos nervos, reparou que tinham colado os lábios com gula. (73)
- fundamente sorvidos (81)
- que ainda tinha o viço de um desejo intenso. (81)
- Como se todos os homens andassem a ganir com falta de mulheres... (92)

O caminho fica longe : cortes da Censura

- mulher que espera o abraço fecundo do homem, com a mesma necessidade consciente e justificada com que se espera a luz ou o pão. (94)
- O sofá... (95)
- Amélia tombada, rendida. (112)
- cobra ondeada em desejo agudo. (119)
- que sentia bestializada, que revia continuamente na posição de rendida. (A cabeça tombada. O cabelo descomposto. O *bâton* alastrando...) (119)
- - ... e *ourina* é mijo. (129)
- Chiça. (130)
- gaita (130)
- gaita... (132)
- Rodrigues desenvolvera a piada, mas Vaz chamou-lhe logo:
- Não te queres ir...

Disse qualquer coisa em segredo ao Rodrigues, que só ele ouviu e todos entenderam. (132)

- Por isso a sua febre lhe moldava para si as coxas duras e os seios ovantes de Amélia... Mas ela... (136)
- Não aproveitaste tu, aproveitam os outros. (146)
- Mas não... não aconteceu nada. (146)
- Não aconteceu nada, porque és burro. (146)
- lubrificados. (146)
- uns beijos chupados com ânsia. (147)
- Necessitava de Conceição, as vibrações cansavam-no e galgou as escadas com ímpeto. (148)
- Como sanguessuga. (150)
- As ancas não se abriam tanto como à primeira vista parecia. De resto, eram francas e apetitosas. Cruz lembrou-se de que uma mulher deve ter as ancas largas para que o parto seja fácil. (153)
- E Cruz atrasou-se. Catarina ia subindo. Quando Cruz levantou os olhos do chão, cravou-os nas ancas de Catarina. O jeito de subir retesava-lhe a saia que se ajustava às coxas, vincando o rêgo das nádegas. Cruz ia devagar... «Que boa mulher; não é nada feia, nada mesmo...» Catarina surpreendeu-o.

- Então? Vamos...

Juntaram-se. (153)

- Não recebia vários homens por prazer. Ninguém poderia chamar-lhe devassa. Ninguém. (157)
- A carne nasceu com um destino estranho. (162)
- E os seios vibrassem sob o casaco cintado. (162)
- e Amélia compreende num instante que tudo em breve estará consumado.

Por isso, na sua alma, na sua carne, no seu sangue em fogo, nasce um grito agudo e desesperado:
(164)

- Perdia o...

Rodrigues disse um palavrão grosso. Era brusco nas afirmações. (172)

- O corpo pede. Pois bem, dê-se-lhe uma mulher. (173)
- e logo todos os olhos (menos os do patrão Vladimiro) lhe contornaram as nádegas e os seios, que afirmavam exageradamente a sua presença. (202)

- Mas o seu desespero não foi inútil. (204)
- Quando a encontro olho-lhe logo as pernas e os seios. (218)
- Bem entendido que se a visse nua... sim, é claro, se a visse nua... talvez lhe não olhasse primeiro para o rosto. (218)

- (com que dificuldade... mas a carne nascera com um fim estranho), (234)

- O que êle quer é... (238)

- Para o ano, naturalmente, passo a viver com ela. (240)

- O Rui dissera-lhe em tempos (há que tempos!...) que o suicídio lhe não parecia condenável. É certo que os compêndios de filosofia, a moral apregoada afirmavam que era uma cobardia fugir à luta com a vida, etc., etc. (O Rui nesse dia sofrera de tristeza. Amélia não o entendera porque estava alegre. Mas agora entendia-o. E, como ele, queria dar-se razões plausíveis de tão tenebroso pensamento). Mas será cobardia o suicídio? E Deus (Amélia cria em Deus) castigá-la-ia? O Rui dizia que não. Que era o instinto que mandava. E o instinto, se Deus existe (dizia Rui. Ele não podia deixar de acreditar em Deus), foi dado por ele. O lacrau cercado de fogo suicidasse. O pássaro que vê o filho encarcerado na gaiola, mata-o. Trata-se, não do infanticídio, mas de um auxílio dado pelos pais, ao instinto do filho que não pode cumprir a sua missão: suicidar-se. Além disso, se para virmos ao mundo ninguém nos pede autorização, teremos nós de dar satisfações a alguém para dele nos retirarmos? (Amélia lembra-se claramente da exposição de Rui. Ela queria dar uma satisfação à sua crença. Talvez por isso a memória lhe recordava tudo tão bem). (261-262)

- Domingos era a carne, sem dúvida. Não que Amélia não sentisse também a carne fremir-lhe. (263)

- <Só quando> Rodrigues <o> vergastava[-o]¹ (267)

- só então é que se mostrava forte:

- Eu... enfim, vou gozando o que posso. Depois devo deixá-la. (267)

- de que as carnes rijas (283)
- iam ser conhecidas, tocadas por outro, (283)

¹ <Só quando> Rodrigues <o> vergastava[-o] *correção do censor*

- Não havia lei alguma que pudesse impedi-lo de acabar com a vida que lhe deram e se ia arrastando.

Quando eu nasci

Ninguém me perguntou se queria nascer.

Só tarde, muito tarde, é que me deram

Essa tal liberdade de escolher...

Ninguém tinha o direito de o impedir. Fugia, sim, fugia à luta que gera os tais heróis desconhecidos. Não ganhava medalhas, mas também não era cobarde. Porque a vida lhe impunha uma luta desigual. Tinha sofrido muito, desde sempre. E a vida não o compensara nunca. Haveria mal em fugir? (299)

- Por isso ele se matou... (307)
- Foi ao escurecer. A tarde estava cheia de uma cor baça que sufocava. Frio. O quarto nu e sujo, a cama achocalhada com a roupa num rodilho. Pontas amarelentas de cigarro pelo chão. Lá fora, o vento uivando. Rodrigues não saía agora do quarto, e mal se alimentava, rosto envelhecido, forrado de uma barba rala e nojenta. Lá fora, o vento uivando. De olhos vagos, poisou a mão na mesinha de cabeceira, tateando. Depois a mão ficou parada, e os olhos saíram pela janela estreita, lá para baixo, para o longe. Escurecia. Luzes medrosas começavam a pintalgar a mole cinzenta que ia enegrecendo. Só. Rodrigues enfiou as mãos nas calças folgadas e despegou-se da janela. De um lado para o outro, olhos pregados no chão imundo, ele batia largas passadas de enjaulado. Tudo fora morrendo. Coimbra do sonho e das guitarradas... Lá estava em baixo, embrulhada em nevoeiro, longe, longe, perdida para sempre, perdida! Dos olhos apagados de Rodrigues subia um grito rouco e cansado. Para quê? Tudo se fora. Vida insuportável. Sem dinheiro, fome, e uma vontade mole que o não arrancava do quarto imundo, cheio de pontas amarelentas de cigarro.

Deitou-se sobre a cama, olhando a noite que se coava pela janela estreita. Seu peito arfava. Cansado! oh! cansado e uma loucura brutal, um desejo desesperado de acabar com tudo aquilo de uma vez, arrancar num último esforço... Sua mão trêmula sondou a gaveta da mesinha, remexeu papéis e estacou ao contacto de uma coisa fria... Tinha-a comprado há tempos; tantas vezes precisou de dinheiro, mas não a vendeu, porque ela era a libertação. Sua mão estacou. Olhos grandes, apavorados, alargaram-se da sombra que atulhava o quarto. Suor frio. De terror. Então Rodrigues levantou-se e acendeu o candeeiro. Mas agora as sombras eram mais terríveis porque dançavam na parede branca... Como fantasmas. Um terror novo inundou de água o corpo de Rodrigues. Tinha de ser. Farto, cansado! Levantou-se como um doido, ocorreu à janela para respirar vida e fugir daquele terror que lhe eriçava os cabelos ensopados. Mas a janela punha mais longe a vida que ia findando. Rodrigues veio, furioso, tresloucado, agarrou no candeeiro e estilhaçou-o no chão. Mas a torcida não se apagava e punha ainda,

na parede, a dança das sombras. Cego, alucinado, calcou a luz, os vidros, rasgou os pés. Depois deitou-se de novo na cama, esbaforido, ouvindo o vento, aquele vento que se não calava mais, que o enchia de medo. Falhara, sim, mas agora era tarde para emendar o que fizera. Tarde! Caminho perdido nos tropeções de cada dia, naquele desejo sem fim de viver o sonho fácil e ligeiro das horas corridas. Caminho perdido...

Rodrigues revolvava-se na cama, afrontado com as imagens de outra eras que agora o vinham atormentar. Não, não! Ele passara, e estava agora ali, derrotado, sozinho, cheio de fome, com a barba rala forrando-lhe a cara envelhecida. Seu quarto tresandava da urina vertida, dos lençóis sujos, daquele esterco acumulado, porque Rodrigues não tem dinheiro para pagar a ninguém que lho limpe, nem vontade de sair daquele torpor. O vento uivava na solidão medonha. Rodrigues não podia mais. Seu braço emagrecido trouxe da mesinha de cabeceira a coisa fria que a mão palpara. E um tiro soou na solidão medonha. Tiro que alguém ouviu.

Rodrigues não morreria logo. Levado à pressa para o hospital, contorcia-se nas dores da agonia, boca arreganhada numa aflição horrenda, baba e sangue escorrendo, afogando a boca, as narinas, os olhos que estoiravam na angústia do fim. (307-308)

- Sim, tudo passou. Porque o peito da pobre tísica continua estalando com a tosse, pelo tempo fora, porque o cavador se desmembra removendo o pedregulho, e o portão da fábrica engole, cada manhã, centenas de operários. Rui não pode ficar-se mais a chorar as suas próprias dores que se afundam no sofrimento da humanidade. (316)